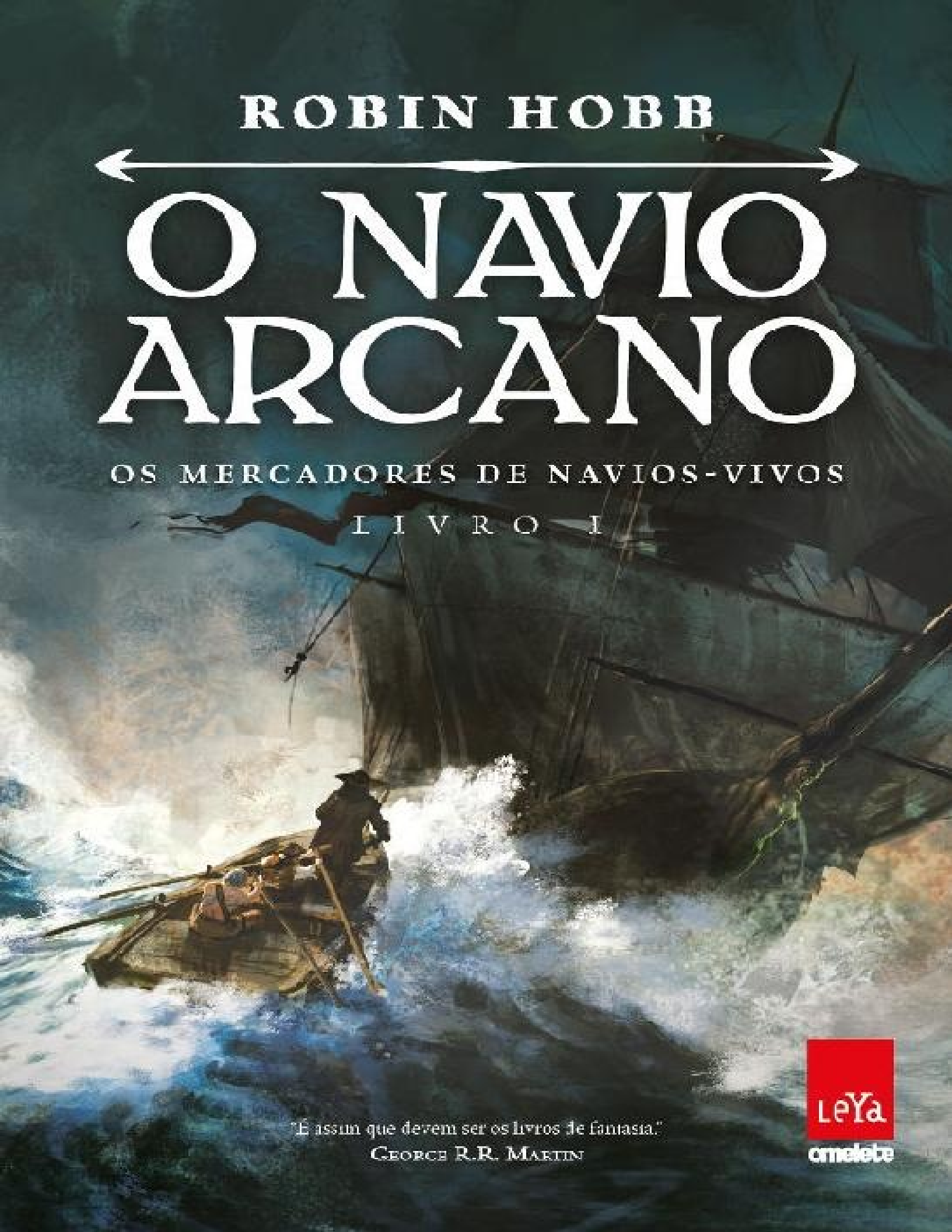
ROBIN HOBB

O NAVIO ARCANO

OS MERCADORES DE NAVIOS-VIVOS

LIVRO I



"É assim que devem ser os livros de fantasia."
GEORGE R.R. MARTIN

LeYa

Com referências ao clássico *Moby Dick* e ao *Mestre dos mares*, de Patrick O'Brian, a série "Os Mercadores de Navios-Vivos" inicia sua saga com *O navio arcano* e conduz o leitor por uma aventura marítima repleta de magia.

Madeira-arcana: um tipo de madeira dotada de consciência. É a mercadoria mais valiosa do mundo, encontrada apenas nos Ermos Chuvosos — e é dela que os navios-vivos são feitos.

Arriscar-se nas perigosas águas do Rio da Chuva para chegar aos Ermos Chuvosos é uma audácia praticada por poucos e incautos navegadores na ânsia de possuir um navio-vivo. Mas essas embarcações são difíceis de encontrar, e mais difícil ainda é navegá-las. Raros e valiosos, os chamados navios-vivos têm uma ligação íntima com a família que os comprou originalmente, e sua vida só é despertada depois que três membros de gerações seguidas morrem em seu convés.

Ao longo dos anos, os Velhos Mercadores de Vilamonte tiveram sua riqueza dilapidada pelas guerras ao norte e pelas pilhagens dos piratas ao sul, e agora ainda precisam lidar com o aparecimento de Novos Mercadores, que pretendem abalar o tênue equilíbrio existente entre Vilamonte e os Ermos Chuvosos. A única esperança de renovar a prosperidade da família Vestrit, uma das mais antigas de Mercadores da região, é *Vivácia*, uma embarcação que está com eles há gerações e prestes a se tornar um navio-vivo. A bordo dela navega a filha do capitão, Althea Vestrit, abelada com o estado de saúde do pai, mas ansiosa pelo despertar do navio que tanto ama.

Enquanto isso, o ardiloso pirata Kennit anseia por obter seu próprio navio-vivo. Já bem familiarizado com o poder da madeira-

O NAVIO ARCANO



O Reino dos Antigos

por Robin Hobb

Saga do Assassino

O aprendiz de assassino

O assassino do rei

A fúria do assassino

OS Mercadores de Navios-Vivos

O navio arcano

ROBIN HOBB

O NAVIO ARCANO

OS MERCADORES DE NAVIOS-VIVOS

LIVRO I

Tradução
Gabriel Oliva Brum



Título original: *Ship of Magic*

Copyright © Robin Hobb, 1998
Tradução para a língua portuguesa © 2017, Casa da Palavra/LeYa, Gabriel Oliva Brum

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e da autora.

Curadoria: Affonso Solano
Preparação: Rayssa Galvão
Revisão: Ana Grillo, Eduardo Carneiro
Diagramação: Futura
Capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti

CIP-Brasil. Catalogação na publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H598n

Hobb, Robin, 1952-
O navio arcano / Robin Hobb ; tradução Gabriel Oliva Brum. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.
il. (Os mercadores de navios-vivos ; 1)

Tradução de: Ship of magic
ISBN 978-85-441-0547-4

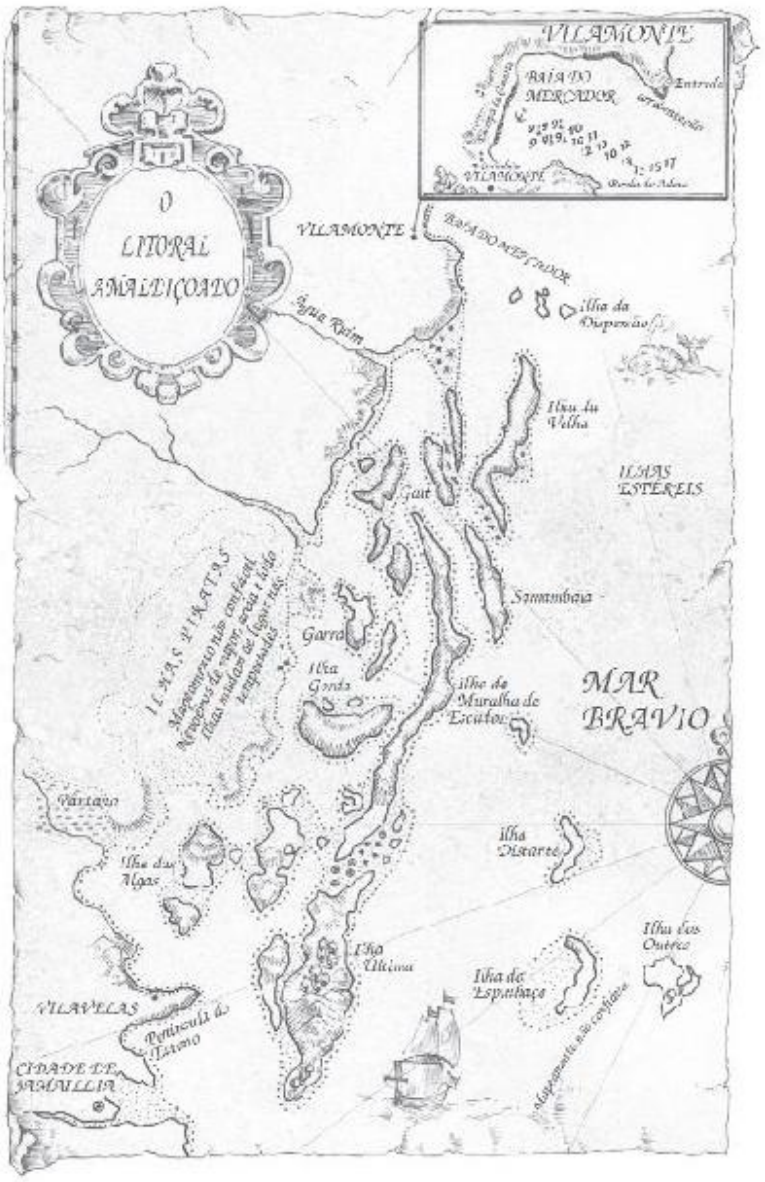
1. Literatura americana 2. Ficção fantástica americana. I. Brum, Gabriel Oliva. II. Título. III. Série.

17-43447

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 — Rio de Janeiro — RJ
www.leya.com.br

Este livro vai para
A *Pata do Diabo*
O *Totem*
O *E.J. Bruce*
O *Almoço Grátis*
O *Labrador* (Escamas! Escamas!)
A (adequadamente nomeada) *Baía do Massacre*
A *Fiel* (Ursinhos Gummi à vista!)
O *Ponto de Entrada*
O *Cabo St. John*
O *Patriota Americano* (e o *Capitão Wookie*)
A *Lésbica Belicosa*
A *Anita J.* e a *Marcy J.*
O *Tarpão*
O *Capelim*
O *Golfinho*
A *Baía das* (não muito) *Boas Notícias*
E até mesmo o *Galinho*
Mas, sobretudo, para a *Senhora da Chuva*,
onde quer que esteja.


O
LITORAL
AMALDIÇOADO
VILAMONTE
BAÍA DO MERCADOR
Entrada
Agua Rim
ilha da Dispensão
Ilheu da Velha
ILHAS ESTÉREIS
Sammbaia
Garra
Ilha Gorda
Ilhe de Muralha de Escafos
MAR BRAVIO
Tartaro
Ilha das Algas
Ilha Disarte
Ilha Ultima
Ilha da Espalhaça
Ilha dos Outéos
VILAVELAS
Peninsula de Tatuno
CIDADE DE MAMULLIM

SUMÁRIO

PRÓLOGO

PLENO VERÃO
- 1. DE SACERDOTES E PIRATAS
- 2. NAVIOS-VIVOS
- 3. EPHRON VESTRIT
- 4. PARTILHA
- 5. VILAMONTE
- 6. O DESPERTAR DA VIVÁCIA
- 7. LEALDADES
- 8. CONVERSAS NOTURNAS
- 9. MUDANÇA DE SORTE
- 10. CONFRONTOS
- 11. CONSEQUÊNCIAS E REFLEXÕES
- 12. DE ABANDONO E NAVIOS DE ESCRAVOS
- 13. TRANSIÇÕES
- 14. QUESTÕES FAMILIARES
- 15. NEGOCIAÇÕES

OUTONO
- 16. NOVOS PAPÉIS
- 17. A PUTA DE KENNIT
- 18. MALTA
- 19. TESTEMUNHO

INVERNO
- 20. ALISTADORES
- 21. VISITANTES

22. TRAMAS E PERIGOS
23. OS TRAFICANTES DE ESCRAVOS DE JAMAILLIA
24. OS MERCADORES DOS ERMOS CHUVOSOS
25. VILAVELAS
26. PRESENTES
27. PRISIONEIROS
28. VICISSITUDES
29. SONHOS E REALIDADE
30. DESAFIO E ALIANÇA
31. NAVIOS E SERPENTES
32. TEMPESTADE
33. O DIA DO JUÍZO
34. RESTITUIÇÕES
35. PIRATAS E PRISIONEIROS
36. AQUELA QUE SE LEMBRA

AGRADECIMENTOS



PRÓLOGO

Maulkin se ergueu de repente e sacudiu-se vigorosamente, lançando uma nuvem de partículas que encobriu seu corpo de serpente. Lascas de pele desprendida pairavam ao seu redor, misturadas com a areia e a lama do fundo, como resquícios de sonho no mundo desperto. Ele moveu o corpo longo e sinuoso num nó preguiçoso, esfregando-se em si mesmo para soltar os últimos restos de pele velha. A lama no chão já estava se assentando, e a serpente olhou em volta, para as dezenas de outros indivíduos da sua espécie que repousavam satisfeitas no sedimento confortável e áspero. Maulkin sacudiu a enorme cabeça, balançando a juba farta, e alongou o corpo largo e musculoso.

— Chegou — anunciou, com sua voz grave e gutural. — Chegou a hora.

Do fundo do mar, as demais serpentes o encararam sem sequer piscar os grandes olhos, alguns verdes, alguns dourados e alguns cor de cobre. Foi Shreever quem se pronunciou em nome de todas, perguntando:

— Por quê? A água daqui é quente, a comida é farta. Há cem anos não sofremos com o inverno. Por que é hora de partir?

Maulkin retorceu o corpo outra vez, preguiçosamente. As escamas recém-expostas pela troca de pele reluziam com um brilho intenso à luz azulada do sol filtrado pela água. Tirar a camada de pele morta, mais cedo, havia lustrado os desenhos de olhos falsos que cobriam seu corpo, imagens que o declaravam como um dos possuidores de visão ancestral. Maulkin conseguia se lembrar de coisas, tinha memórias de um tempo anterior a tudo o que estavam vivendo. Sua percepção não era nítida, muito menos consistente. Como muitos dos que viviam entre as eras, sendo um dos portadores da vida passada e da vida presente de seu povo, era comum a grande serpente soar desconcentrada e incoerente. Maulkin sacudiu a juba até seu veneno paralisante formar uma nuvem pálida em torno da face. Engoliu a própria toxina e a expirou pelas guelras, numa demonstração de seu juramento da verdade.

— Porque a hora é agora! — exclamou, com urgência.

De repente, Maulkin disparou para longe, em direção à superfície, subindo a toda, mais rápido do que as bolhas de ar. Rompeu o teto da Abundância marítima, bem acima, e saltou, adentrando brevemente a grande Carência antes de mergulhar de volta. Nadou ao redor das demais serpentes numa ansiedade

muda e frenética.

— Outras maranhas já partiram — comentou Shreever, pensativa. — Não todas, nem mesmo a maioria. Mas o suficiente para, sempre que saímos para cantar na Carência, notarmos que não estão aqui. Talvez seja mesmo a hora.

Sessurea aninhou-se ainda mais na lama e retrucou, com preguiça:

— Ou talvez não seja. Acho que o melhor é esperar até a maranha de Aubren partir. Aubren é... mais estável que Maulkin.

A seu lado, Shreever ergueu-se da lama num ímpeto. O brilho escarlate da nova pele era espantoso. Lascas de sua pele castanha ainda pendiam do corpo. Ela arrancou um pedaço grande com a boca e o engoliu antes de falar.

— Talvez devesse se juntar à maranha de Aubren, já que não confia nas palavras de Maulkin. Já eu seguirei nosso líder para o norte. Antes cedo do que tarde. Melhor partir logo do que ir junto com dezenas de outras maranhas e ter de disputar alimento. — Shreever moveu-se com destreza, desfazendo um nó que dera com o próprio corpo, arrancando os últimos fragmentos de pele velha. Sacudiu a juba e jogou a cabeça para trás. Soltou um guincho agudo que agitou a água. — Eu vou, Maulkin! Eu o sigo! — E subiu para se juntar à dança sinuosa do líder, que ainda nadava em círculos acima de todos.

As outras grandes serpentes ergueram os longos corpos, uma de cada vez, e começaram a se retorcer para soltar a lama pegajosa e a pele velha. Todas, inclusive Sessurea, subiram das profundezas e nadaram em círculos logo abaixo do teto da Abundância, juntando-se à dança da maranha. Iriam para o norte, de volta às águas de sua origem, uma origem perdida num tempo tão longínquo que pouquíssimos se lembravam.



PLENO VERÃO



1

DE SACERDOTES E PIRATAS

Kennit caminhava ao longo da costa sem dar muita atenção às ondas salgadas que molhavam suas botas e apagavam o rastro de suas pegadas na praia. Ele mantinha o olhar na faixa de algas marinhas, conchas e pedaços de madeira espalhados no ponto onde as ondas chegavam mais longe na areia. A maré estava começando a virar, e as ondas quebravam com cada vez mais antecedência, fazendo carícias sôfregas na terra. Logo a água salgada recuaria o suficiente pela areia negra para deixar à mostra os grandes blocos de pedra que lembravam dentes desgastados e os emaranhados de algas depositados no fundo da maré.

Marietta, seu navio de dois mastros, estava ancorado na Angra do Engodo, do outro lado da Ilha dos Outros. Kennit conduzira o navio até lá depois que os ventos matutinos dispersaram o que restou da tempestade e limparam o céu. A maré ainda estava subindo quando ele chegou, e as rochas pontiagudas daquele lugar lendário tinham sido cobertas — muito a contragosto — pela espuma esverdeada. O escaler, pequeno barco a remo que servia de comunicação com a terra firme, tinha passado raspando por entre as rochas cobertas de cracas, deixando Kennit e Gankis numa minúscula praia de areia negra. E mesmo aquela estreita faixa de terra tinha desaparecido quando os ventos da tempestade empurraram ainda mais as ondas, fazendo-as cobrir uma área maior do que a típica maré cheia do local. Desfiladeiros de ardósia assomavam acima da praia, ostentando pinheiros quase negros de tão escuros, todos inclinados precariamente em desafio aos ventos constantes. Mesmo para os nervos de aço de Kennit, a sensação de estar ali era como adentrar a boca entreaberta de uma criatura gigante.

Tinham deixado Opala, o grumete, junto ao escaler. O jovem recebera a missão de proteger o pequeno barco dos infortúnios bizarros que com frequência acometiam embarcações desprotegidas na Angra do Engodo. Para a preocupação do garoto, Kennit ordenara que Gankis o acompanhasse na caminhada, deixando sozinhos o grumete e o escaler. Da última vez que Kennit o avistou, o garoto estava empoleirado no barco ancorado, alternando entre olhar assustado por cima do ombro na direção dos penhascos arborizados e olhar de esguelha,

ansioso, para o *Marietta*, que puxava as âncoras a fim de seguir a correnteza veloz que passava pela entrada da angra.

Era lendário o perigo de visitar aquela ilha. Não bastava o desafio de levar o barco até mesmo ao “melhor” ancoradouro local, nem os estranhos acidentes que todos sabiam que acometiam a tripulação e os navios visitantes. Além de tudo de perigoso que a natureza tinha a oferecer, a ilha inteira estava envolta pela magia peculiar dos Outros. Kennit sentira aquela influência pesando sobre si conforme ele e Gankis avançavam pelo trajeto de onde o escaler os deixara até a Praia do Tesouro. Para uma trilha tão raramente usada, era um milagre que não houvesse folhas caídas sobre o cascalho escuro ou alguma vegetação crescendo, intrusa, no meio do caminho. As árvores ao redor pingavam os restos da tempestade da noite anterior, gotejando sobre as frondosas samambaias já encharcadas e carregadas de gotas cristalinas. O ar era fresco e fragrante. Flores de tons intensos, sempre a uma altura de pelo menos um homem da trilha principal, desafiavam a escuridão do terreno sombrio da floresta. Seus perfumes pairavam tentadores no ar matutino, como se pedissem aos transeuntes que abandonassem a busca e explorassem aquele mundo vegetal. Os fungos laranja que subiam pelos troncos de muitas das árvores tinham uma aparência menos convidativa, e o brilho alarmante de suas cores era um indicativo de sua condição parasitária. Entre as samambaias repousava a teia de uma aranha, toda pontilhada de inúmeras gotículas de água, e seus finos fios atravessavam a trilha de um lado a outro, forçando os que desejassem prosseguir a se agacharem para passar por baixo. A aranha na borda da teia era tão alaranjada quanto os fungos das árvores, e quase tão grande quanto a mão de um bebê. Uma perereca verde jazia embolada entre os fios, debatendo-se contra aquela matéria grudenta que a prendia, mas a aranha parecia desinteressada. Gankis suspirou com desalento ao se agachar para evitar os fios daquela seda pegajosa.

A trilha cruzava bem pelo meio do reino dos Outros. Era por ali que se poderia transpor as fronteiras indistintas para o território não humano — isso se a pessoa tivesse coragem de abandonar a trilha bem demarcada destinada aos homens e se embrenhar na floresta à procura daquele povo. As histórias contavam que, nos tempos antigos, os heróis não iam até ali para seguir o caminho já estabelecido: seu objetivo era deixar a trilha, sair em busca dos covis dos Outros e desafiá-los. Ou então ansiavam pela sabedoria da deusa daquele povo estranho, aprisionada numa caverna. Ou ainda exigiam presentes, como mantos de invisibilidade e espadas flamejantes capazes de atravessar qualquer escudo. Bardos que ousaram seguir por aquele caminho retornaram à terra natal com vozes tão poderosas que poderiam perfurar os ouvidos de qualquer homem, tão arrebatadores e

habilidosos que poderiam derreter o coração de qualquer ouvinte. E todos conheciam a antiquíssima história de Kaven Cachopreto, que vivera entre os Outros durante cinquenta anos e retornara achando que apenas um dia havia se passado — ressurgindo com o cabelo (que já fora negro) dourado como ouro e os olhos parecendo brasas vermelhas. Kaven voltara trazendo canções que falavam do futuro em versos obscuros.

Kennit bufou baixinho. Todos conheciam as histórias antigas, mas nenhum outro homem tinha se arriscado a deixar aquele caminho desde que ele se entendia por gente — ou, se tivesse corrido o risco, não revelara a ninguém. Talvez quem quer que tenha tentado não conseguiu voltar para contar história. O pirata tratou de afastar aqueles pensamentos. Não viera à ilha para deixar a trilha: sua intenção era segui-la até o fim. E todos sabiam o que havia no fim.

Kennit seguiu o caminho de cascalho que serpenteava por entre as colinas cobertas de árvores até que o declive sinuoso deu num planalto verdejante, margeando uma praia larga e encurvada. Era a costa oposta daquela ilha diminuta. Rezava a lenda que os navios que ali ancorassem teriam apenas o além como porto seguinte. Kennit não encontrara registros de qualquer navio que tivesse ousado desafiar esse rumor. Se algum demonstrou tamanha audácia, a ousadia foi para o inferno junto com a embarcação.

O céu límpido era de um azul intenso; as nuvens foram varridas pela tempestade da noite anterior. A longa curva da praia rochosa era interrompida apenas por um córrego de água doce que cortava a ribanceira alta e relvada ao fundo. O córrego avançava pela areia até ser engolido pelo mar. Ao longe, penhascos de ardósia ainda mais altos que os do outro lado da ilha assomavam perante a paisagem, cercando a extremidade oposta da praia em arco. Uma coluna pontiaguda de ardósia se elevava para além da ilha, brotando tortuosa da massa principal de rochas, com uma pequena extensão de areia entre ela e o penhasco de onde se originara. A fenda no penhasco emoldurava um pedaço azul do céu e do mar agitado.

— Noite passada deu muito vento e ressaca, senhor. Dizem que o melhor para explorar a Praia do Tesouro é andar pelas dunas lá de cima... Dizem que, quando tem tempestade, as ondas jogam coisas lá no alto. Coisas frágeis, que quebrariam ao bater nas rochas, mas acabam pousando bem de leve no mato. — Gankis ofegava, seguindo no encalço de Kennit. Tinha de aumentar o passo para acompanhar seu capitão, um homem tão alto. — Um tio meu... quer dizer, ele na verdade era casado com a minha tia... Mas então: ele me disse que ouviu falar de um cara que encontrou uma caixinha de madeira lá em cima. Era preta e brilhante e toda cheia de flores pintadas. E dentro tinha uma estatuazinha de

vidro bem pequena, era uma mulher com asas de borboleta. Mas o vidro não era transparente, senhor. Ah, não. As cores das asas rodopiavam... É, isso mesmo: rodopiavam. — Gankis interrompeu o relato e inclinou um pouco a cabeça, examinando o capitão. — Quer saber o que o Outro disse que significava?

Kennit parou e cutucou uma ondulação na areia com a ponta da bota. O gesto foi recompensado com um brilho dourado. Ele se abaixou despreocupadamente e fisgou uma bela corrente de ouro. Quando a puxou, um medalhão foi desenterrado do túmulo de areia. Kennit limpou o objeto na calça de linho fino e mexeu na lingueta com os dedos ágeis. As metades douradas se abriram. Água salgada penetrara pelos cantos, mas o retrato de uma jovem ainda sorria para ele, os olhos ao mesmo tempo repletos de alegria e de uma censura tímida. O capitão se limitou a grunhir e enfiou o achado no bolso do colete brocado.

— Capitão, o senhor sabe que não vão deixar que fique com isso, não é? Ninguém leva nada da Praia do Tesouro — observou Gankis, receoso.

— Não vão? — retorquiu Kennit. Imprimiu um ar de divertimento na voz, para Gankis se perguntar se tinha sido um tom de zombaria ou de ameaça.

O subordinado se remexeu discretamente, deixando o rosto fora do alcance do punho do capitão.

— É o que dizem, senhor — respondeu o marujo, hesitante. — Que ninguém leva embora o que encontra aqui na Praia do Tesouro. Com certeza o amigo do meu tio não levou. Depois que o Outro viu o que era que ele tinha encontrado e previu o destino dele, guiou o sujeito pela praia até um penhasco rochoso. Deve ter sido aquele ali. — O marinheiro ergueu o braço e apontou para os penhascos de ardósia ao longe. — E nesse penhasco tinha um monte de buraquinhos... aquelas coisas que chamam de...

— Alcovas — informou Kennit, num tom quase sonhador. — Chamam de alcovas, Gankis. E você também chamaria, se soubesse falar sua própria língua.

— Sim, senhor. Alcovas. E tinha umas ocupadas, cada uma com um tesouro, mas também tinha umas vazias. E o Outro deixou o homem andar pelo penhasco e olhar todos os tesouros, e lá tinha coisas que ele nunca nem imaginou que pudessem existir de verdade. Xícaras de porcelana muito chiques, parecendo botões de rosa; taças de vinho de ouro com joias nas bordas; brinquedinhos de madeira pintados com umas cores fortes e... ah, capitão, centenas de coisas que nem dá para imaginar, cada uma numa dessas... alcovas. E então ele encontrou uma alcova com a forma e o tamanho certos e colocou a mulher-borboleta lá dentro. E o sujeito contou para o meu tio que nunca sentiu nada tão certo quanto a necessidade de colocar o tesourinho naquele buraco. E deixou a coisa lá, foi

embora da ilha e voltou para casa.

Kennit pigarreou. Só com aquele som transmitia mais desprezo e desdém do que a maioria dos homens conseguia verbalizar numa torrente de impropérios. Gankis baixou os olhos.

— Olha, senhor, foi ele quem disse, não fui eu, não. — O marinheiro mexeu no cós da calça gasta. Então acrescentou, quase relutante: — O sujeito vive um pouco no mundo dos sonhos. Dá um sétimo de tudo o que ganha para o templo de Sá, e os dois filhos mais velhos fazem igualzinho. Esses caras não pensam como a gente, senhor.

— Isso quando você consegue pensar, Gankis — concluiu o capitão. Ergueu os olhos claros para a distante linha da maré, estreitando-os quando o sol da manhã reluziu nas ondas. — Vá até esse seu penhasco cheio de mato, Gankis. Ande um pouco por lá. E me traga o que encontrar.

— Sim, senhor.

O pirata mais velho se arrastou para longe, lançando olhares ressentidos por cima do ombro ao jovem capitão. Subiu com agilidade a pequena ribanceira até o planalto tomado de mato que dava para a praia. Tomou uma rota paralela, esquadrinhando o barranco à frente. Avistou algo quase que de imediato. Correu até lá e ergueu um objeto, que cintilou à luz do sol matutino. Segurava-o contra a luz, examinando-o, o rosto marcado tomado de assombro.

— Senhor, senhor, precisa ver o que eu achei!

— Posso até ver, se você trouxer aqui como ordenei — retrucou Kennit, irritado.

Como um cão repreendido, Gankis voltou para onde estava o capitão. Havia um brilho jovial em seus olhos castanhos, e ele segurou o tesouro com ambas as mãos quando saltou com destreza do topo daquela ribanceira tão alta quanto um homem. Seus sapatos levantaram areia ao avançarem até o capitão. Kennit franziu a testa por um breve momento, vendo Gankis se aproximar. Embora fosse normal receber a bajulação daquele velho marinheiro, o sujeito tinha tão pouca inclinação a dividir saques quanto qualquer outro pirata. Kennit não esperara que Gankis trouxesse de bom grado qualquer coisa que encontrasse na ribanceira. Na verdade, aguardara com certa expectativa o momento de despojar o homem de seu achado, ao fim da caminhada. Era um tanto desconcertante ver Gankis correndo em sua direção, o rosto radiante como o de um caipira levando flores para a amada ordenhadora.

Ainda assim, Kennit manteve o costumeiro sorriso sardônico, sem permitir que o semblante revelasse seus pensamentos. Era uma postura ensaiada

meticulosamente, para insinuar a graciosidade lânguida de um gato em plena caçada. Não bastava que sua altura elevada o possibilitasse olhar os marinheiros de cima. Com a expressão de divertimento no rosto, sugeria a seus subordinados que eles não eram capazes de surpreendê-lo. Queria que a tripulação acreditasse que seu capitão era capaz de lhes antecipar cada movimento, e também os pensamentos. Uma tripulação que acreditava que o capitão era capaz de uma tal façanha tinha menos chances de se amotinar. E, caso isso acontecesse, ninguém ia querer ser o primeiro a agir.

Então Kennit manteve a pose enquanto Gankis veio correndo. Tampouco arrancou o tesouro das mãos do marujo assim que ele chegou; primeiro permitiu que o homem estendesse o objeto em sua direção enquanto observava com um sorriso no rosto.

Kennit precisou de todo o seu autocontrole para não agarrar o tesouro no instante em que lhe pôs os olhos. Nunca vira uma bugiganga tão ricamente trabalhada. Era uma bolha de vidro, uma esfera absolutamente perfeita. Na superfície, não havia um risco sequer. O vidro em si era de um azul muito claro, mas o tom não obscurecia a maravilha em seu interior. Três estatuetas diminutas, vestidas de bobos da corte e com os rostos pintados, estavam afixadas a um palco minúsculo e — não entendia bem como — eram conectadas umas às outras. Quando Gankis moveu a bola entre as mãos, as estatuetas executaram uma série de movimentos. Uma deu uma pirueta na ponta dos pés, enquanto a outra rodopiou por cima de uma barra. A terceira balançou a cabeça no ritmo dos movimentos das outras, como se as três estivessem ouvindo uma alegre melodia ressoando dentro da bola.

Kennit permitiu que Gankis fizesse a demonstração duas vezes. Então, com muita graça, mas sem dizer uma palavra, estendeu os dedos longos na direção do marinheiro, que colocou o tesouro na palma de sua mão. O capitão sustentou o sorriso gaiato ao erguer a bola contra a luz do sol e fazer os acrobatas no interior dançarem para ele. A bola não era grande o suficiente para lhe encher a mão.

— Um brinquedo de criança — deduziu, altivo.

— Isso se a criança for o príncipe mais rico do mundo — ousou comentar Gankis. — É frágil demais para dar a uma criança, senhor. Bastaria deixar cair uma vez...

— Ainda assim, parece que isto aqui resistiu ao ser atirado de uma onda para a outra e depois jogado numa praia coberta de mato e pedras — observou Kennit, com afabilidade calculada.

— É verdade, senhor, mas esta é a Praia do Tesouro. Pelo que ouvi, quase

tudo que vem para cá chega inteiro. Faz parte da magia do lugar.

— Magia. — Kennit se permitiu alargar um pouco o sorriso ao enfiar o orbe no bolso enorme de seu casaco índigo. — Então acredita que é a magia que traz bugigangas como esta até a praia?

— Que mais seria, capitão? Se a gente parar para pensar, essa bola devia estar em pedaços, ou no mínimo arranhada. Mas está como se tivesse acabado de sair de uma joalheria.

Kennit balançou a cabeça, triste.

— Magia? Não, Gankis, isto é tão mágico quanto as vazantes dos Baixios Orte ou a Correnteza das Especiarias, que empurra os veleiros em suas viagens para as ilhas e os provoca no caminho de volta. É só um truque do vento, das correntezas e das marés. Nada mais. O mesmo truque que dizem fazer com que qualquer navio que tente ancorar neste lado da ilha acabe encalhado e quebrado antes da próxima maré.

— Sim, senhor — concordou Gankis, obediente, mas sem convicção.

Seus olhos traiçoeiros se desviaram para o bolso onde o capitão guardara a bola de vidro. O sorriso de Kennit aumentou de forma quase imperceptível.

— Muito bem, não perca tempo. Volte lá para cima, ande pela ribanceira e veja o que mais consegue encontrar.

— Sim, senhor — cedeu Gankis, e, com um último olhar arrependido para o bolso do capitão, deu meia-volta e se dirigiu para a ribanceira.

Kennit enfiou a mão no bolso e acariciou o vidro liso e frio. Retomou a caminhada pela praia. No alto, as gaivotas seguiram seu exemplo, planando lentamente ao vento enquanto vasculhavam as ondas da maré vazante em busca de petiscos. Ele não se apressou, mas não esqueceu que, do outro lado da ilha, seu navio o aguardava em águas traiçoeiras. Caminharia por toda a extensão da praia, como ditava a tradição, mas não pretendia se demorar após ouvir a predição de um dos Outros. Tampouco tinha a intenção de deixar para trás qualquer tesouro que encontrasse. Um sorriso genuíno surgiu no canto de sua boca.

Enquanto andava, tirou a mão do bolso e tocou o outro punho, distraído. Uma fina tira dupla de couro preto lhe fazia a volta, oculta pelo punho rendado da manga da camisa de seda branca. A tira prendia firmemente um pequeno objeto de madeira. O ornamento era um rosto entalhado, perfurado na fronte e no maxilar inferior para deixar passar a tira de couro, de modo que ficava acomodado contra o punho, exatamente sobre o ponto onde alguém encostaria

para sentir sua pulsação. O rosto já fora pintado de preto, mas boa parte da tinta descascara. As feições ainda se destacavam: um minúsculo rosto zombeteiro, entalhado com primor. O semblante era idêntico ao do capitão. A encomenda custara uma fortuna fabulosa. Nem todos que sabiam entalhar madeira-arcana o faziam, mesmo que tivessem coragem para roubar um pouco do material.

Kennit lembrava-se bem do artesão que fizera o rosto minúsculo. Ficara sentado durante longas horas na oficina do homem, banhado pela suave luz matutina enquanto o artista trabalhava com afinco na madeira dura como ferro para que refletisse suas feições. Não conversaram muito. O artista não podia falar, e tampouco o capitão pirata desejava fazê-lo. O entalhador precisava de silêncio absoluto para se concentrar, pois não trabalhava só na madeira, também se ocupava de um feitiço que selaria o amuleto para proteger quem o usasse de encantamentos. E, de todo o modo, Kennit não tinha nada a dizer. Pagara um adiantamento exorbitante meses antes e aguardara até o artista enviar um mensageiro anunciando que tinha conseguido um pouco da madeira preciosa, protegida com tanto zelo. Kennit ficara ultrajado quando o artista exigira ainda mais dinheiro antes de começar a entalhar e aplicar o feitiço, mas se limitara a abrir um sorrisinho sardônico e colocara moedas, joias e argolas de ouro e prata na balança do artesão, até o homem indicar com a cabeça que chegara ao preço exigido. Tal como tantos procediam nos negócios ilícitos de Vilamonte, o artesão sacrificara a própria língua havia muito, garantindo assim a privacidade da clientela. Embora não estivesse convencido da eficácia da mutilação, Kennit apreciava a intenção do gesto. Tinha sido por isso que, quando terminou o trabalho e amarrou pessoalmente o ornamento no punho de Kennit, o artesão só conseguira balançar a cabeça com vigor, muito satisfeito com a própria habilidade, tocando a madeira com a ponta dos dedos ávidos.

Kennit o matou logo em seguida. Era a única coisa sensata a fazer, e ele era famoso por sua sensatez. Pegara de volta o pagamento extra exigido. Não tolerava homens que não honravam o acordo original. Mas nem fora por isso que o matara, e sim para manter a peça em segredo. Se soubessem que o capitão Kennit usava um amuleto para afastar encantamentos... ora, então acreditariam que ele os temia. Não podia deixar que a tripulação acreditasse que ele temia o que quer que fosse. Sua sorte era lendária. Todos os homens que o seguiam acreditavam nela, a maioria mais piamente do que o próprio Kennit. Era por isso que o seguiam. Não podiam sequer suspeitar que ele temesse que algo pudesse ameaçar essa sorte.

Durante o ano que se passou após ter matado o artesão, Kennit se perguntara se o assassinato não afetara o amuleto de alguma forma, já que o feitiço não

havia despertado. Quando perguntado sobre o tempo que levaria para o pequeno rosto ganhar vida, o artesão dera de ombros com eloquência, indicando, com muitos floreios de mão, que nem ele, nem ninguém era capaz de prever tal coisa. Kennit aguardara o despertar do amuleto por um ano, buscando a certeza de que o feitiço tinha sido ativado. Contudo, chegara um momento em que cansou de esperar. Soubera instintivamente que era hora de visitar a Praia do Tesouro e ver o que o oceano lhe traria. Não ia mais esperar pelo despertar do amuleto; decidiu correr o risco. Mais uma vez teria de confiar na sorte para protegê-lo, como sempre fizera. Afinal de contas, a sorte o protegera no dia mesmo em que matara o artista. O homem se virara inesperadamente, a tempo de vê-lo desembainhar a lâmina. Kennit se convencera de que, se o sujeito tivesse língua, o grito teria sido muito mais alto.

Tirou o artista da cabeça. Não era hora de ficar pensando nele. Não tinha ido até a Praia do Tesouro para recordar o passado, e sim para encontrar tesouros que garantissem o futuro. Fixou o olhar na linha da maré, seguindo-a ao longo da praia. Ignorou as conchas cintilantes, as garras de caranguejos, os emaranhados de algas marinhas e os pedaços de madeira de todos os tamanhos que o mar trazia. Os olhos azul-claros procuravam apenas escombros e destroços. Não precisou ir longe para ser recompensado. Encontrou um conjunto de xícaras num pequeno baú danificado. Não achou que fossem obra dos homens, e muito menos algo usado por eles. Eram doze xícaras, todas feitas das extremidades ocas de ossos de aves. Minúsculas imagens azuis haviam sido pintadas nas laterais, com linhas tão finas que pareciam ter sido traçadas por um único fio de cabelo. As xícaras estavam bastante gastas. As imagens azuis tinham desbotado a ponto de suas formas originais ficarem irreconhecíveis, e as alças entalhadas de ossos tinham se afinado com o uso. Enfiou o pequeno estojo debaixo do braço e seguiu adiante.

Caminhou sob o sol e contra o vento, as belas botas deixando rastros regulares na areia molhada. De vez em quando erguia casualmente o olhar para esquadrinhar a praia. Não deixou as expectativas transparecerem no rosto. Quando baixou os olhos para a areia, descobriu uma diminuta caixa de cedro. A água salgada tinha empenado a madeira, então teve de batê-la com força contra uma rocha próxima para abri-la. Dentro, havia unhas. Eram feitas de madrepérola preciosa. Grampos miúdos serviam para prendê-las em unhas normais, e, na ponta de cada uma, havia uma cavidade minúscula, talvez para armazenar veneno. Eram doze. Kennit as guardou no outro bolso, onde ficaram chacoalhando durante a caminhada.

Não o preocupava o óbvio fato de que o que encontrou não tinha sido feito por

(ou para) humanos. Apesar de, mais cedo, ter zombado da crença de Gankis na magia daquela praia, todos sabiam que o litoral rochoso era açoitado por ondas de mais de um oceano. Navios insensatos o suficiente para ancorar ao largo daquela ilha durante uma tempestade tinham grande probabilidade de desaparecer sem deixar uma lasca sequer de destroços. Velhos marinheiros diziam ter sido arrancados daquele mundo e lançados nos mares de outro. Kennit não duvidava. Olhou para o céu, que permanecia límpido e azul. O vento estava forte, mas ele acreditava que o tempo não mudaria, de modo que poderia caminhar pela Praia do Tesouro e atravessar a ilha de volta até onde seu navio o aguardava, ancorado na Angra do Engodo. Confiava na própria sorte.

A descoberta seguinte foi a mais perturbadora. Era um saco de couro vermelho e azul, meio enterrado na areia molhada. O couro era resistente, pois o saco fora feito para durar. Estava encharcado e manchado pela água salgada, e as cores se misturavam um pouco. Entrara sal nas fivelas de latão que o fechavam, endurecendo as tiras de couro que as atravessavam. Kennit usou a faca para rasgar o saco bem na costura. Dentro havia uma ninhada de gatinhos, todos perfeitamente formados, com garras longas e pelos iridescentes atrás das orelhas. Estavam mortos, todos os seis. Kennit reprimiu o asco e apanhou o menor deles. Revirou o corpo inerte entre as mãos. Tinha pelo azulado, daquele tom azul meio escuro das pervincas, com olhos de pálpebras rosadas. Pequeno. Devia ser o último, a raspa do tacho. Estava frio e ensopado, uma visão de dar nojo. Um brinco de rubi que mais parecia um carrapato gordo adornava uma das orelhinhas molhadas. Kennit queria largá-lo ali mesmo. Ridículo. Tirou o brinco do filhote e o guardou no bolso. Então, movido por um impulso que não compreendia, devolveu os corpinhos azuis para o saco e os deixou junto à costa. Então seguiu em frente.

O assombro fluía por seu corpo junto com o próprio sangue. Árvore. Casca e seiva, o cheiro da mata e as folhas farfalhando no alto. Árvore. Mas também solo e água, ar e luz, tudo indo e vindo através daquele ser que era conhecido como árvore. O assombro fluía junto, mergulhando e emergindo de uma existência de casca, folha, raiz, ar e água.

— Wintrow.

Hesitante, o garoto ergueu os olhos da árvore à sua frente. Usou toda a sua força de vontade para encarar o rosto sorridente do jovem sacerdote. Berandol assentiu para encorajá-lo. Wintrow fechou os olhos por um instante, prendeu a respiração e pôs fim à tarefa. Ao reabri-los, inspirou o ar num impulso, como se

submergisse de águas profundas. Feixes de luz, água doce, vento suave... tudo desapareceu de repente. Estava na sala de trabalho do monastério, uma sala fria com paredes e chão de pedra. Sentia os pés descalços gelados contra o chão. Uma dúzia de outras mesas longas espalhava-se pela grande sala. Em três outras, garotos como ele trabalhavam sem pressa, o transe aparente nos movimentos inconscientes. Um trançava uma cesta, enquanto os outros dois modelavam argila com as mãos cinzentas e úmidas.

Olhou para os pedaços reluzentes de vidro e chumbo na mesa à sua frente. A beleza da imagem do vitral que montara deixou até mesmo ele espantado, mas ainda assim não se comparava à maravilha de ter sido a árvore. Wintrow tocou o desenho, deslizando os dedos pelo tronco e pelos galhos graciosos. Acariciar a imagem era como tocar no próprio tronco, de tão bem que a conhecia. Ouviu Berandol inspirar, surpreso, baixinho às suas costas. Em seu estado de consciência ainda amplificada, sentia o assombro do sacerdote fluindo com o seu, e, por um momento, ambos ficaram em silêncio, exultantes com a maravilha de Sá.

— Wintrow — repetiu o sacerdote, em voz baixa. Estendeu uma das mãos e passou o dedo pelo dragão diminuto nos galhos superiores da árvore, então tocou a curva reluzente do corpo da serpente, praticamente escondido nas raízes retorcidas. O sacerdote colocou a mão no ombro do garoto e, com gentileza, o fez dar as costas à mesa de trabalho. Ao guiá-lo para fora da sala, repreendeu-o com brandura: — Você é jovem demais para permanecer nesse estado a manhã inteira. Precisa aprender seus limites.

Wintrow ergueu as mãos e esfregou com os nós dos dedos os olhos subitamente cansados.

— Passei a manhã inteira lá? — perguntou, atordoado. — Não me pareceu tanto tempo, Berandol.

— Tenho certeza de que não pareceu. Mas também tenho certeza de que o cansaço que está sentindo servirá como prova. É preciso ter cuidado, Wintrow. Amanhã, peça a um vigia que o desperte no meio da manhã. Um talento como o que você possui é precioso demais para ser exaurido.

— Estou mesmo dolorido — admitiu Wintrow. Passou a mão pelo rosto, afastando os finos cabelos negros dos olhos, e sorriu. — Mas a árvore valeu a pena, Berandol.

O sacerdote assentiu, hesitante.

— Em mais de uma maneira. Vender um vitral como aquele renderá dinheiro suficiente para colocar um telhado novo no salão dos noviços. Isto caso madre

Dellity permita que o monastério se desfaça de algo tão espetacular. — Ele hesitou por um momento, para então acrescentar: — Vejo que reapareceram. O dragão e a serpente. Você ainda não faz ideia...? — Calou-se, deixando a pergunta no ar.

— Eu nem me lembro de ter colocado os dois ali — disse Wintrow.

— Muito bem. — Não havia qualquer juízo de valor na voz de Berandol. Apenas paciência.

Caminharam por um tempo, imersos num silêncio amigável, atravessando os corredores de pedra fria do monastério. Aos poucos, os sentidos de Wintrow foram ficando menos aguçados, voltando a um nível normal. Não podia mais sentir os odores dos sais presos às paredes, nem ouvir os antigos blocos de pedra que as formam se assentando de forma quase imperceptível. O roçar da lã marrom grossa e áspera do manto de noviço contra a pele tornou-se suportável. Quando chegaram à grande porta de madeira e saíram para os jardins do monastério, Wintrow já havia retornado em segurança ao próprio corpo. Sentia-se grogue, como se recém-desperto de um longo sono, mas ainda assim tão esgotado como se tivesse capinado o dia inteiro. Caminhou em silêncio ao lado de Berandol, conforme ditava o costume do monastério. Passaram por alguns homens e mulheres usando o verde dos sacerdotes plenos, outros trajando o branco dos acólitos, e a todos cumprimentaram com acenos de cabeça.

Ao se aproximarem do barracão, Wintrow sentiu a súbita e inquietante certeza de que se dirigiam para lá e de que ele passaria o resto da tarde trabalhando no jardim ensolarado. Em qualquer outro momento, talvez considerasse aquela uma tarefa agradável, mas os esforços recentes na sala de trabalho mal iluminada deixaram seus olhos demasiado sensíveis à luz. Berandol olhou para trás, notando seu passo hesitante.

— Wintrow — repreendeu, muito calmo. — Afaste a ansiedade. Quando se preocupa com o que poderia ser, você deixa de desfrutar o agora. O homem que se preocupa com o que acontecerá em seguida perde o momento atual com medo do próximo e envenena o momento seguinte com prejulgamento. — Havia um tom severo na voz de Berandol. — Você prejulga com muita frequência. Se lhe for negado o sacerdócio, provavelmente será por isso.

Wintrow olhou horrorizado para Berandol. Por um instante, deixou transparecer a desolação em seu rosto. Então reparou na armadilha. Abriu um sorriso, que Berandol retribuiu quando o garoto falou:

— Mas se eu me afligir com isso estarei prejulgando meu próprio fracasso.

O sacerdote deu uma cotovelada amigável no menino esguio.

— Exato. Ah, você está crescendo e aprendendo tão depressa. Eu era muito mais velho que você quando aprendi a aplicar essa Contradição à vida cotidiana, pelo menos uns vinte anos.

Wintrow deu de ombros, encabulado.

— Meditei sobre isso na noite passada, antes de dormir. “É preciso planejar o futuro e antecipar o futuro, sem temer o futuro.” A Vigésima Sétima Contradição de Sá.

— Treze anos é uma idade bem tenra para se chegar à Vigésima Sétima Contradição — observou Berandol.

— Em qual você está? — quis saber Wintrow, sem malícia.

— Na Trigésima Terceira. A mesma em que estive nos últimos dois anos.

Wintrow deu de ombros.

— Ainda não cheguei tão longe nos meus estudos. — Caminhavam à sombra de macieiras, sob folhas que pendiam inertes no calor do dia. Frutos maduros pesavam dos galhos. Na outra extremidade do pomar, acólitos moviam-se em padrões predefinidos por entre as árvores, carregando baldes com água do córrego.

— “Um sacerdote não deve se atrever a julgar, a menos que possa julgar tal como Sá, com justiça e misericórdia absolutas.” — Berandol balançou a cabeça. — Confesso que não sei como isso é possível.

Os olhos do garoto já estavam voltados para o próprio interior, apenas uma leve ruga visível na testa.

— Enquanto acreditar que é impossível, sua mente estará fechada para a compreensão. — Sua voz parecia distante. — A não ser, é claro, que seja justamente isso que se deva descobrir. Que, como sacerdotes, não podemos julgar, pois não possuímos a misericórdia e a justiça absolutas para tal. Talvez nosso dever seja apenas perdoar e consolar.

Berandol balançou a cabeça.

— Em poucos instantes, você desatou tanto do nó quanto eu em seis meses. Porém, olho em volta e vejo muitos sacerdotes julgando. Os Errantes de nossa ordem resolvem as desavenças populares. Para tanto, devem ter dominado a Trigésima Terceira Contradição.

O garoto lançou um olhar curioso para o sacerdote. Abriu a boca para falar, mas corou e a fechou de novo.

Berandol olhou para seu protegido.

— Vá em frente e diga o que lhe passou pela cabeça, seja lá o que for. Não vou repreendê-lo.

— O problema é que *eu* estava prestes a repreender *você* — confessou Wintrow. O rosto do garoto enrubesceu ao acrescentar: — Mas me contive.

— E o que você pretendia dizer? — insistiu Berandol. O tutor gargalhou quando o garoto balançou a cabeça. — Vamos, Wintrow. Acha que eu seria injusto a ponto de me ofender com suas palavras depois de pedir que você falasse o que pensa? O que tinha em mente?

— Eu pretendia dizer que você deve controlar seu comportamento de acordo com os preceitos de Sá, não com o que vê os outros fazerem — declarou o garoto, sem rodeios, mas então abaixou a vista. — Sei que não cabe a mim lembrá-lo disso.

Berandol parecia absorto demais nos próprios pensamentos para ter se ofendido.

— Ainda assim, se eu seguir apenas o preceito e meu coração me disser que é impossível para um homem julgar tal como Sá, com justiça e misericórdia absolutas, então tenho de concluir que... — Ia falando mais devagar, como se o pensamento relutasse em lhe vir à mente. — Tenho de concluir que ou os Errantes possuem uma profundidade espiritual muito maior do que a minha, ou eles não têm mais direito de julgar do que eu. — Seu olhar vagou por entre as macieiras. — Seria possível que um ramo inteiro da nossa ordem exista sem retidão? Não seria deslealdade sequer pensar uma coisa dessas? — Seu olhar perturbado tornou a recair sobre o garoto ao lado.

Wintrow exibia um sorriso sereno.

— Se os pensamentos de um homem seguem os preceitos de Sá, não podem ser desvirtuados.

— Preciso refletir mais sobre isso — concluiu Berandol, dando um suspiro. Olhou para Wintrow com afeição genuína. — Agradeço o dia em que você me foi entregue como aluno, ainda que seja frequente eu me perguntar quem é o aluno e quem é o professor. Vou sentir sua falta.

Um súbito brilho de alarme reluziu nos olhos de Wintrow.

— Falta? Você vai partir? Foi chamado ao serviço assim tão cedo?

— Eu, não. Devia ter lhe dado essa notícia de um jeito melhor, mas, como sempre, suas palavras fizeram meus pensamentos seguirem por outro caminho. Não vou partir; você vai. Foi por isso que vim encontrá-lo hoje, para lhe dizer que faça as malas, pois está sendo chamado de volta para casa. Sua avó e sua

mãe enviaram uma mensagem, elas temem que seu avô esteja morrendo. Gostariam que você estivesse por perto neste momento. — Ao ver o olhar de desolação no rosto do garoto, Berandol acrescentou: — Sinto muito ter lhe contado isso de forma tão brusca. É raro ouvi-lo falar da sua família. Não pensei que fosse próximo de seu avô.

— Não sou — admitiu Wintrow, simplesmente. — Na verdade, mal o conheço. Quando eu era pequeno, ele sempre estava no mar. Quando estava em casa, sempre me deixava apavorado. Não por alguma crueldade, mas por seu... poder. Tudo nele parecia grande demais para o aposento onde estava, da voz à barba. Mesmo quando eu era pequeno e ouvia as pessoas falando dele, era como se falassem de uma lenda ou de um herói. Não me lembro de chamá-lo de vovô, nem mesmo de avô. Quando ele voltava, andava pela casa como se fosse o vento norte, e eu quase sempre me escondia, em vez de aproveitar sua companhia. Só o que consigo me lembrar dos momentos em que era levado até ele era que meu avô sempre criticava meu crescimento. “Por que o garoto é tão franzino?”, perguntava. “Parece um dos meus, mas com metade do tamanho! Vocês não dão carne para ele comer? Ele não se alimenta bem?” Então me puxava para perto e apalpava meu braço, como se eu estivesse sendo engordado para acabar servido à mesa. Eu vivia com vergonha do meu tamanho, como se fosse culpa minha. Vi meu avô cada vez menos depois que fui enviado para me tornar sacerdote, porém minha opinião sobre ele não mudou. Mas não é o meu avô que temo, muito menos ficar de vigília em seu leito de morte. É ir para casa, Berandol. Lá é tão... barulhento.

Berandol fez uma careta em solidariedade.

— Acho que eu nem tinha aprendido a pensar até vir para cá — continuou Wintrow. — Lá, tudo era barulhento e tumultuado. Eu nunca tinha tempo para pensar. Era movimentação da hora em que Nana, nossa babá, nos tirava da cama pela manhã até termos tomado banho, posto o pijama e sermos enfiados de volta nas camas, à noite. Me vestiam e levavam para passear, eu ia às aulas, fazia refeições, visitava amigos, me vestiam com roupas diferentes, e eu fazia mais refeições... era interminável. Sabe, quando cheguei aqui, não saí da cela nos dois primeiros dias. Sem Nana, minha avó ou minha mãe atrás de mim, eu não tinha ideia do que fazer com o meu tempo. E minha irmã e eu tínhamos sido um só por tanto tempo... “As crianças” precisavam tirar uma soneca, “as crianças” precisavam almoçar. Quando nos separaram, foi como se eu tivesse perdido parte do corpo.

Berandol sorria com apreço.

— Então isso é ser um Vestrit. Sempre quis saber como viviam as crianças dos Velhos Mercadores de Vilamonte. Minha infância foi muito diferente, e, ainda assim, muito parecida. Minha família criava porcos. Eu não tinha uma babá nem saía para passear, mas sempre havia tarefas de sobra para me manter ocupado. Pensando bem, passávamos a maior parte do tempo simplesmente tentando sobreviver. Fazendo a comida durar; consertando coisas que, pelos padrões de qualquer outra pessoa, já não tinham uso; cuidando dos porcos... Acho que os porcos eram mais bem tratados que qualquer membro da família. Ninguém sequer contemplava a ideia de mandar um filho para o sacerdócio. Até que minha mãe adoeceu, e meu pai fez uma promessa: caso ela sobrevivesse, dedicaria um de seus filhos a Sá. E, quando ela se curou, fui mandado embora. Eu era o último da ninhada, por assim dizer. O mais novo dos filhos sobreviventes, e ainda por cima com um braço atrofiado. Tenho certeza de que foi um sacrifício para eles, mas não tão grande quanto seria abrir mão de um de meus irmãos mais velhos e robustos.

— Um braço atrofiado? — indagou Wintrow, surpreso.

— Era, mas não é mais. Caí em cima do braço quando era pequeno. Levou muito tempo para sarar e, quando sarou, nunca foi tão forte quanto devia. Mas os sacerdotes me curaram. Fui colocado para trabalhar com o grupo de irrigação no pomar, e o sacerdote encarregado me dava baldes de tamanhos diferentes. E sempre me fazia carregar o mais pesado com o braço fraco. No início, achei que o homem fosse louco, já que meus pais tinham me ensinado a usar o braço forte para tudo. Foi a primeira vez que fui introduzido nos preceitos de Sá.

Wintrow franziu o cenho, perdido em pensamentos, então sorriu e recitou:

— “Pois basta ao mais fraco que ponha à prova a sua força para encontrá-la, e então ele será forte.”

— Exato. — O sacerdote gesticulou para a construção longa e baixa diante deles. Rumavam para as celas dos acólitos. — O mensageiro demorou a chegar. Você precisa fazer as malas depressa e partir imediatamente para conseguir chegar ao porto antes de o navio zarpar. É uma longa caminhada.

— Um navio! — A desolação, que sumira momentaneamente do rosto de Wintrow, voltou com toda a intensidade. — Eu não tinha pensado nisso. Odeio viajar por mar. Mas não há opção para ir de Jamaillia a Vilamonte. — Ele franziu ainda mais a testa. — Caminhar até o porto? Não providenciaram um homem e um cavalo para me levar?

— Você recorre tão prontamente aos confortos da riqueza, Wintrow? — repreendeu Berandol. Quando o garoto baixou a cabeça, envergonhado, ele

prosseguiu: — Não, a mensagem dizia que um amigo se oferecera para transportá-lo e que a família aceitara de bom grado. — Então acrescentou, com mais gentileza: — Desconfio que a situação de sua família não seja mais tão favorável como outrora. A Guerra do Norte prejudicou muitas famílias de mercadores, tanto pelos bens que não conseguem mais descer o rio Cervo quanto pelos que não foram vendidos ao chegar aos portos.

O sacerdote prosseguiu, mais pensativo:

— E Vilamonte não caiu nas graças do nosso jovem sátrapa, como era com o pai e os avôs dele. Os antigos sátrapas pareciam considerar que aqueles com coragem suficiente para colonizar o Litoral Amaldiçoado deviam receber um generoso quinhão dos tesouros que por lá encontrassem. Mas o jovem Cosgo não pensa assim. Dizem que ele acha que já se fartaram dos frutos dos riscos corridos, que o Litoral está bem povoado e que, a esta altura, qualquer maldição já teria desaparecido. Ele não só passou a cobrar novos impostos como também dividiu novas concessões de terra próximas a Vilamonte entre alguns de seus favoritos. — Berandol balançou a cabeça. — Cosgo está faltando com a palavra do próprio ancestral e causando dificuldades para pessoas que sempre mantiveram a palavra para com ele. Nada de bom pode vir disso.

— Eu sei. Preciso agradecer por não ter de fazer todo o caminho a pé. Mas é difícil, Berandol, como é difícil aceitar viajar para um lugar que temo, ainda mais de navio. Vou passar o caminho todo infeliz.

— Sente enjoo? — indagou Berandol, com certa surpresa na voz. — Eu achava que homens de estirpe navegante não ficassem mareados.

— O tempo certo pode revirar o estômago de qualquer homem, mas não, não é isso. É o barulho, a correria e a falta de espaço. O cheiro. E os marinheiros. Homens decentes à sua própria maneira, mas... — O garoto deu de ombros. — Não são como nós. Não têm tempo para falar das coisas que falamos aqui, Berandol. E, se tivessem, seus pensamentos provavelmente seriam tão básicos quanto os do acólito mais jovem. Vivem como animais e pensam a lógica dos animais. Vou me sentir como se estivesse vivendo entre feras. Embora não seja culpa deles — acrescentou, vendo o jovem sacerdote de cenho franzido.

Berandol respirou fundo, como se fosse começar um sermão, mas reconsiderou.

— Faz dois anos desde sua última visita à casa de seus pais, Wintrow — comentou após um momento, pensativo. — Dois anos que você não coloca o pé para fora do monastério e passa tempo perto de trabalhadores. Olhe e escute bem e, quando voltar para nós, diga-me se ainda concorda com o que acabou de dizer.

Estou lhe encarregando dessa tarefa, e vou cobrar resposta.

— Vou me lembrar, Berandol — prometeu o jovem, com sinceridade. — E vou sentir sua falta.

— É provável, mas deve demorar alguns dias. Serei sua escolta na viagem até o porto. Venha. Vamos fazer as malas.

Muito antes de chegar ao fim da praia, Kennit reparou no Outro que o observava. Já esperava por isso, mas não pôde deixar de se sentir intrigado. Sempre ouvira dizer que os Outros eram criaturas da alvorada e do crepúsculo, que era raro andarem por aí enquanto o sol ainda estava no céu. Um homem inferior talvez tivesse sentido medo, mas um homem inferior não teria a sorte que ele tinha. Nem sua habilidade no manejo da espada. O capitão continuou a caminhada pela praia despreocupado, recolhendo objetos pelo caminho. Fingiu não estar ciente da atenção da criatura, mas ainda assim tinha a certeza sinistra de que o Outro sabia da encenação. Um jogo dentro de um jogo, disse a si mesmo, sorrindo secretamente.

Ficou muito irritado quando, alguns momentos depois, Gankis veio correndo, ofegante, trazendo a notícia de que um Outro os observava lá de cima.

— Eu sei — respondeu, com aspereza. No instante seguinte, recuperara o controle da voz e do semblante. Então explicou, num tom gentil: — E o Outro sabe que sabemos que ele está nos observando. Então sugiro que você o ignore e termine de vasculhar a ribanceira. Encontrou mais alguma coisa interessante?

— Algumas — admitiu Gankis, infeliz. Kennit se empertigou e aguardou. O marinheiro revirou os bolsos volumosos do casaco puído. — Tem isto — anunciou, relutante, retirando do bolso um objeto de madeira pintado em cores vivas. Era um mecanismo de discos e varetas, com buracos circulares em alguns dos discos.

Kennit achou aquilo incompreensível.

— Algum brinquedo de criança — deduziu.

Então ergueu a sobrancelha para Gankis e esperou.

— E isto — admitiu o marujo, tirando um botão de rosa do bolso.

Kennit o pegou com cuidado, para não se espetar nos espinhos do caule. Tinha acreditado que era real até o momento em que o segurou e reparou em como era rígido e inflexível. Avaliou o peso do botão de rosa na mão: era tão leve quanto uma flor de verdade. Girou o botão nos dedos, tentando determinar do que era feito, e chegou à conclusão de que não era nada que já tivesse visto. E a

fragrância era ainda mais misteriosa do que a estrutura, tão rica e forte quanto a de uma rosa desabrochada de um jardim de verão. Kennit ergueu uma sobrancelha para Gankis, prendendo a rosa à lapela do casaco. Os espinhos serrilhados a seguraram bem. Reparou que os lábios de Gankis se comprimiram, mas o marinheiro não ousou se pronunciar.

O capitão olhou para o sol e para as ondas cada vez mais baixas. Levariam mais de uma hora para caminhar de volta até o outro lado da ilha. Não podia ficar ali por muito mais tempo sem arriscar a segurança do navio com as rochas expostas pela maré vazante. Um raro momento de indecisão anuviou seus pensamentos. Não tinha ido até aquela praia apenas em busca de tesouros: fora em busca do oráculo, confiante de que algum Outro se prestaria a falar com ele. Precisava da confirmação do oráculo — não fora por isso que trouxera Gankis como testemunha? O marinheiro era um dos poucos homens a bordo do navio que não tinham o costume de enfeitar as próprias aventuras, e o capitão sabia que qualquer pirata de Partilha acreditaria no relato de Gankis, não só sua tripulação. Além do mais, se o oráculo que o marujo testemunhasse não servisse aos seus propósitos, seria uma pessoa fácil de matar.

Mais uma vez, pensou no tempo que lhe restava. Um homem prudente interromperia a busca na praia, confrontaria o Outro e voltaria depressa ao navio. Homens prudentes nunca confiavam na própria sorte. Só que, muito tempo antes, Kennit chegara à conclusão de que tinha de confiar na própria sorte para que ela aumentasse. Era uma crença pessoal, descobrira-a sozinho e não via razão para dividi-la com mais ninguém. Nunca obtivera grandes triunfos sem se arriscar e confiar na própria sorte. Talvez no dia em que se tornasse prudente e cauteloso a sorte se ofenderia e o abandonaria. Sorriu para si mesmo, decidindo que esse seria o único risco que não correria. Jamais deixaria à mercê da sorte garantir que ela não o abandonasse.

Essas voltas do pensamento e da lógica o agradavam. Continuou vasculhando a costa, despreocupado. Ao se aproximar das rochas pontiagudas que marcavam o fim da praia em forma de arco, todos os sentidos se avivaram em alerta à presença do Outro. O cheiro adocicado da criatura até então parecera atraente, mas assumiu um aspecto de podridão quando o vento mudou de sentido e o carregou até a praia com mais intensidade. O odor era tão forte que deixou um gosto no fundo da garganta, um ranço que quase o sufocou. A questão, no entanto, não era apenas o cheiro da criatura: Kennit podia sentir a presença dela em sua pele. Os ouvidos se fecharam, e ele sentiu a respiração do Outro como uma pressão nos olhos e na garganta. Não achou que estivesse transpirando, mas ainda assim sentiu o rosto oleoso de suor, como se o vento tivesse trazido

alguma substância da pele do Outro que grudara em sua pele exposta. O capitão lutou contra uma sensação de repugnância que beirava a náusea. Recusava-se a demonstrar aquela fraqueza.

Em vez disso, empertigou-se e ajeitou o colete discretamente. O vento agitou as plumas do chapéu e as madeixas negras de seu cabelo. Kennit era bem-apessoado e tirava muito proveito da ciência de que tanto homens quanto mulheres ficavam impressionados em vê-lo. Era alto, mas com músculos bem-proporcionados. O corte do casaco revelava a largura dos ombros e do peitoral e a lisura da barriga. O rosto também era agradável. Achava-se belo. Tinha fronte elevada, maxilar firme e nariz reto acima de lábios bem delineados. A barba estava aparada num ângulo elegante, as pontas do bigode meticulosamente enceradas. O único traço que lhe desagradava eram os olhos, que herdara da mãe: claros, úmidos e azuis. Quando se olhava no espelho, era ela quem retribuía o olhar, angustiada e chorosa com a libertinagem do filho. Achava que pareciam os olhos vazios de um idiota, deslocados naquele rosto bronzeado. Em outro homem, seria de pensar que eram olhos compassivos, indagadores. Kennit se esforçava para cultivar um olhar azul rígido e gélido, mas sabia que tinha íris claras demais para isso. Esforçou-se ainda mais para atingir a expressão fria, dando uma leve crispada nos lábios ao voltar o olhar para o Outro que o aguardava.

A criatura, retribuindo o olhar quase na mesma altura, não parecia muito impressionada. Era estranhamente tranquilizador descobrir como as lendas eram precisas. Tudo era como ele esperava: os dedos membranosos das mãos e dos pés, a flexibilidade óbvia dos membros, os olhos de peixe achatados nas órbitas cartilaginosas, até mesmo a pele escamosa e elástica que cobria a criatura. A cabeça calva e disforme, diferente tanto da de um humano quanto da de um peixe. A junta do maxilar ficava debaixo dos buracos dos ouvidos, dando forma a uma boca grande o suficiente para engolir a cabeça de um homem. Os lábios finos eram incapazes de ocultar as fileiras de minúsculos dentes afiados. Os ombros pareciam curvados para a frente, mas a postura sugeria força bruta, em vez de desleixo. A criatura vestia algo semelhante a um manto de um tom azul-celeste, e o tecido era tão fino que não possuía mais textura do que a pétala de uma flor, envolvendo o Outro de uma maneira que lembrava a fluidez da água. Sim, era tudo como suas leituras indicavam que seria. O que ele não esperara era a atração que sentia. Algum truque pregado pelo vento mentira ao seu nariz. O aroma da criatura era como o de um jardim no verão, o ar de seu hálito lembrava a fragrância sutil de um vinho raro. Aqueles olhos inescrutáveis continham sabedoria infinita. Kennit sentiu o anseio repentino de se distinguir diante da

criatura, de se mostrar digno de sua atenção. Queria impressioná-la com sua excelência e inteligência. Desejava que a criatura o tivesse em boa conta.

Ouviu às costas o som dos passos de Gankis na areia. A atenção do Outro vacilou por um instante, e os olhos achatados deixaram de contemplar Kennit. Naquele momento, o encanto se desfez. O capitão quase teve um sobressalto, então cruzou os braços sobre o peito, para que o rosto de madeira-arcana ficasse pressionado em segurança contra a carne. Despertado ou não, o feitiço parecia ter funcionado, repelindo o encantamento da criatura. E, agora que estava ciente da intenção do Outro, podia manter a própria vontade firme contra a manipulação. Mesmo quando os olhos achatados voltaram a se fixar nos dele, Kennit continuou a ver o Outro como realmente era: uma criatura fria e escamosa das profundezas.

A criatura pareceu perceber que perdera o domínio sobre ele: quando a coisa encheu as bolsas de ar atrás da mandíbula e arrotou as palavras, Kennit sentiu indícios de sarcasmo.

— Bem-vindo, peregrino. Vejo que o mar recompensou bem sua busca. Fará uma oferenda de boa vontade para ouvir o que o oráculo tem a dizer sobre o significado de seus achados?

A voz do Outro rangia como dobradiças antigas e secas, enunciando as palavras por meio de sussurros e arfadas. Uma parte de Kennit admirava o esforço que a criatura devia ter feito para aprender a formar palavras humanas, mas seu lado mais severo deixou o pensamento de lado como um ato servil. Ali estava aquela criatura, estranha à sua humanidade de todas as formas possíveis. Estava diante do Outro, no território dele, mas aquela criatura estava à sua disposição, falando a língua de Kennit, implorando esmolas em troca de suas profecias. Contudo, se o Outro o reconhecia como superior, por que havia sarcasmo em sua voz?

Kennit afastou a pergunta da cabeça. Enfiou a mão na bolsa e tirou as duas moedas de ouro que eram a oferenda de costume. Apesar da dissimulação com Gankis mais cedo, pesquisara exatamente o que esperar daquele encontro. A sorte funciona melhor quando não é surpreendida. Assim, manteve a serenidade quando o Outro estendeu uma língua rígida e cinzenta para receber as moedas, e não hesitou em depositá-las ali. A criatura recolheu a língua para dentro da boca. Kennit não sabia se o ouro seria ou não engolido. Depois daquilo, o Outro encenou uma espécie de mesura rígida e alisou um trecho da areia formando um leque, para receber os objetos que Kennit havia recolhido.

O capitão não teve pressa em colocá-los diante da criatura. Largou primeiro a

bola de vidro com os acrobatas. Ao lado, colocou a rosa, então arrumou as doze unhas com esmero ao redor da flor. Na ponta do leque de areia, depositou o pequeno baú com as xícaras minúsculas. Numa concavidade, ajeitou um punhado de pequenas esferas de cristal que recolhera no fim da praia. Depositou ao lado delas o último achado: uma pena de cobre que parecia pesar pouco mais que uma pena de verdade. Com um meneio de cabeça, indicou que terminara e recuou um pouco. Com um olhar de desculpas ao capitão, Gankis depositou timidamente o brinquedo de madeira pintada ao lado do arco. Então também se afastou. O Outro examinou o leque de tesouros à sua frente, então ergueu os olhos estranhamente achatados e os fixou no olhar azul de Kennit. Por fim perguntou:

— Isso é *tudo* o que encontraram? — A ênfase era inconfundível.

Kennit fez um movimento mínimo com os ombros e a cabeça, um movimento que podia significar sim ou não ou absolutamente nada. Não falou. Gankis remexeu os pés, pouco à vontade. O Outro tornou a encher as bolsas de ar, ruidosamente.

— Os homens não podem ficar com o que o oceano joga aqui. A água traz para cá porque é aqui que deseja que fiquem. Não contrariem a vontade da água, nenhuma criatura sensata age assim. Nenhum humano tem permissão de ficar com o que encontra na Praia do Tesouro.

— Então o que é encontrado pertence aos Outros? — perguntou Kennit, com a voz calma.

Apesar da diferença de espécies, Kennit não teve problemas em perceber que deixara a criatura desconcertada. O Outro levou um momento para se refazer, então respondeu, muito sério:

— O que o oceano traz para a Praia do Tesouro pertence ao oceano. Somos apenas os zeladores.

Kennit deu um sorriso de lábios comprimidos.

— Pois bem, não precisa se preocupar. Sou o capitão Kennit, e não sou o único que lhe dirá que o oceano inteiro é meu para navegar como quiser. Assim, tudo o que pertence ao oceano também é meu. Você recebeu seu ouro, agora me fale sobre a profecia e não se preocupe mais com o que não lhe pertence.

A seu lado, Gankis sufocou um sobressalto, mas o Outro não demonstrou qualquer sinal de reação às suas palavras. A criatura apenas baixou a cabeça, muito séria, e inclinou o corpo sem pescoço em sua direção, quase como se estivesse compelida a reconhecer Kennit como seu senhor. Então ergueu a cabeça, e os olhos de peixe encontraram a alma do capitão, certeiros como um

dedo sobre um mapa. Havia uma nota mais profunda na voz do Outro quando ele falou, como se as palavras viessem sopradas de seu âmago:

— Os fatos são tão claros que até mesmo alguém de sua raça poderia compreendê-los. Você toma aquilo que não lhe pertence, capitão Kennit, e o reivindica como seu. Não importa quanto tenha em mãos, nunca estará satisfeito. Aqueles que o seguem devem se contentar com o que você descarta como quinquilharias e brinquedos, enquanto toma o que vê como mais valioso e guarda para si. — Os olhos da criatura se fixaram de repente no olhar esbugalhado de Gankis. — Para ele, vocês dois estão ludibriados e terminarão mais pobres.

Kennit não estava gostando nem um pouco do rumo daquela predição.

— O meu ouro comprou o direito de fazer uma pergunta, não comprou? — exigiu, com ousadia.

O queixo do Outro caiu — não de espanto, mas talvez como uma espécie de ameaça. As fileiras de dentes eram mesmo impressionantes. Então a criatura fechou a boca com força. Os lábios finos mal se moveram ao arrotar a resposta.

— Sssim.

— Terei sucesso ao que aspiro?

As bolsas de ar do Outro pulsaram em especulação.

— Não deseja fazer uma pergunta mais específica?

— Os augúrios precisam que eu seja mais específico? — retrucou Kennit, condescendente.

O Outro abaixou o olhar mais uma vez para os objetos: a rosa, as xícaras, as unhas, os acrobatas na bola de vidro, a pena, as esferas de cristal.

— Você terá sucesso com o desejo de seu coração — anunciou a criatura, sucinta. Um sorriso começou a brotar no rosto de Kennit, mas desapareceu quando o Outro continuou, num tom cada vez mais agourento: — Você realizará aquilo a que mais é impelido. Aquela tarefa, aquela proeza, aquele feito que assombra seus sonhos desabrochará em suas mãos.

— Basta — rosnou Kennit, de repente com pressa.

Deixou de lado qualquer ideia de pedir uma audiência com a deusa das criaturas. Não queria ir longe demais com as previsões.

Abaixou para recolher os objetos na areia, mas a criatura estendeu as mãos de longos dedos membranosos, posicionando-as de forma protetora acima dos tesouros. Uma gota de veneno pendia da ponta de cada dedo.

— Os tesouros, é claro, permanecerão na Praia do Tesouro. Cuidarei para que sejam guardados em seus devidos lugares.

— Ora, obrigado — respondeu Kennit, a voz melodiosa ressoando sinceridade.

Empertigou-se, hesitante, mas, quando a criatura abaixou a guarda, deu um súbito passo à frente e pisou com força na bola de vidro com acrobatas. O material cedeu com um tinido que lembrava sinos de vento. Gankis gritou como se Kennit tivesse acabado de matar seu primogênito, e até o Outro recuou diante daquela destruição injustificada.

— Uma pena — observou o capitão, virando-se para ir embora. — Mas, se eu não posso ter isso, por que alguém mais poderia?

Teve a sensatez de não fazer o mesmo com o botão de rosa. Suspeitava de que sua beleza delicada fora criada com algum material que não cederia à pressão da bota. Não queria perder a dignidade fracassando ao tentar destruí-la. Em sua opinião, os outros objetos eram de pouco valor, e o Outro podia fazer o que quisesse com aquele refugo. Deu meia-volta e se afastou.

Ouviu o Outro sibilar às suas costas, enraivecido. A criatura respirou fundo e entoou:

— O calcanhar que destrói o que pertence ao mar acabará sendo levado pelo mar.

A mandíbula cheia de dentes se fechou com um estalo, dando um fim cortante àquela última profecia. Gankis foi correndo para o lado de Kennit — era um homem que sempre preferiria o perigo conhecido ao desconhecido. Depois de meia dúzia de passos largos, o capitão parou e se virou. Gritou para onde o Outro ainda estava, agachado sobre os tesouros.

— Ah, sim, acabei de lembrar que encontrei outro presságio que você talvez queira considerar. Mas acredito que o oceano o tenha trazido para você, e não para mim, então o deixei onde o encontrei. Pelo que sei, é fato conhecido que os Outros não morrem de amores por gatos, não é mesmo?

Na verdade, o medo e o assombro daquelas criaturas por qualquer coisa vagamente felina era quase tão lendário quanto suas habilidades proféticas. O Outro não se dignou a responder, mas Kennit teve a satisfação de vê-lo encher as bolsas de ar, alarmado.

— Para encontrá-los, basta subir a praia. Uma ninhada inteira, gatinhos de uma pelagem azul muito bonita. Estavam num saco de couro. Sete ou oito daquelas belas criaturinhas. A maioria não estava em bom estado depois do

mergulho no oceano, mas os que eu libertei com certeza ficarão bem. Lembre-se de que eles pertencem ao oceano, não a você. Tenho certeza de que serão bem tratados.

O Outro emitiu um som peculiar, quase um assobio.

— Leve-os! — implorou a criatura. — Leve-os embora, todos eles. Por favor!

— E tirar da Praia do Tesouro algo que o oceano achou apropriado trazer até aqui? Eu nem sonharia com tamanha intervenção — assegurou-lhe Kennit, cheio de sinceridade.

O capitão não riu — nem mesmo sorriu — ao dar as costas para a criatura evidentemente aflita. Flagrou-se cantarolando a melodia de uma canção um tanto indecente muito popular em Partilha. Suas passadas cobriam uma distância tão grande que Gankis logo ficou ofegante de novo, andando depressa a seu lado.

— Senhor? — chamou o marujo, ofegante. — Posso fazer uma pergunta, capitão?

— Pode perguntar — concedeu Kennit, benevolente.

Estava mais ou menos esperando que o homem lhe pedisse que fosse mais devagar. O que recusaria, claro. Precisavam voltar depressa ao navio, se quisessem levá-lo para alto-mar antes que as rochas despontassem com o recuo da maré.

— No que é que o senhor vai ter sucesso?

Kennit abriu a boca, quase tentado a contar. Mas não. Planejara tudo com muito cuidado, encenara tantas vezes em sua mente. Esperaria até que tivessem zarpado e que Gankis tivesse tido tempo de sobra para contar sua versão dos eventos na ilha a toda a tripulação. Duvidava que levaria muito tempo: o velho marinheiro era tagarela e, após a ausência dos dois, os homens estariam morrendo de curiosidade sobre a visita à ilha. Quando o vento já estivesse soprando nas velas, com o navio encaminhado para Partilha, aí, sim, chamaria todos ao convés. Kennit começou a se deixar ser levado pela imaginação, visualizando o reluzir do luar sobre si enquanto discursava aos homens reunidos abaixo, no convés. Seus olhos azul-claros cintilaram com o brilho das divagações.

Atravessaram a praia muito mais rápido do que quando estavam procurando tesouros. Em pouco tempo subiam a trilha íngreme saindo do litoral, avançando pelo interior arborizado da ilha. Kennit escondia a ansiedade que sentia quanto ao estado do *Marietta*. A cheia e a vazante daquela angra eram extremas, alheias às fases da lua. Uma tripulação, acreditando ter deixado seu navio ancorado em

segurança, poderia ser surpreendida com o casco raspando contra rochas que com certeza não estavam lá durante a última maré baixa. Kennit não se arriscaria com o *Marietta*: estariam bem longe daquele lugar enfeitiçado antes que a maré tivesse a chance de encalhar a embarcação.

Longe do vento da praia, sob o abrigo das árvores, o dia estava dourado e silencioso. O calor dos raios de sol que passavam enviesados por entre as árvores de galhos mais afastados, combinado com os odores da floresta, deixava o dia carregado de uma sonolência sedutora. Kennit sentiu seus passos ficarem mais lentos à medida que era tomado pela paz daquele cenário dourado. Mais cedo, quando os galhos pingavam as gotas que a chuva da tempestade deixara para trás, a floresta parecera pouco convidativa, um lugar úmido e abafado repleto de arbustos espinhosos e galhos que açoitavam seus rostos. Agora, Kennit sentia uma certeza inabalável de que a floresta era um lugar de maravilhas. Possuía tesouros e segredos tão irresistíveis quanto os oferecidos pela Praia do Tesouro.

A urgência que sentia para chegar ao *Marietta* o abandonou, depois foi descartada. Kennit se viu parado no meio da trilha de cascalho. Ia explorar aquela ilha. Os lugares misteriosos e assombrosos dos Outros se abririam para ele, revelando paisagens onde um homem poderia passar cem anos numa única noite sublime. Logo, tudo aquilo seria de seu conhecimento, estaria sob seu controle. Por ora, bastava ficar parado e respirar o ar dourado daquele lugar. Nada se intrometia em seu prazer, exceto Gankis, que insistia em avisar sobre a maré e o *Marietta*. Quanto mais Kennit o ignorava, mais o marujo o bombardeava com perguntas.

— Por que paramos aqui, capitão Kennit? Capitão? Está se sentindo bem, senhor?

Kennit acenou para que o homem parasse de incomodá-lo, mas o marinheiro não lhe deu ouvidos. O capitão olhou em volta, em busca de uma tarefa para dar ao sujeito barulhento e fedorento, algo que o mandasse para bem longe. Revirou os bolsos, e a mão encontrou o medalhão e a corrente. Deu um sorriso malicioso ao tirá-lo do bolso.

Interrompeu o que quer que fosse que Gankis estivesse tagarelando sem parar.

— Ah, não é possível! Veja o que eu trouxe da praia sem querer. Ora, Gankis, me faça um favor: leve isto de volta à praia. Entregue ao Outro e cuide para que ele guarde o objeto em segurança.

Gankis o encarou, boquiaberto.

— Não temos tempo. Deixe isso aqui, senhor! Precisamos voltar para o navio antes que ele acabe entre as rochas ou que os marujos tenham que partir sem a

gente. Vai levar um mês até a próxima cheia que baste para o *Marietta* entrar na Angra do Engodo. E homem nenhum sobrevive a uma noite nesta ilha.

Aquele marinheiro estava começando a lhe dar nos nervos. Sua voz estridente afugentara um passarinho verde que estivera prestes a pousar ali perto.

— Eu já mandei você ir. Vá logo! — Deixou um tom de ameaça transparecer na voz e ficou aliviado quando o velho lobo do mar pegou o medalhão e correu de volta por onde tinham vindo.

Assim que o homem sumiu de vista, Kennit abriu um grande sorriso. Apressou-se pelo caminho, seguindo para o interior montanhoso da ilha. Colocaria uma distância considerável entre si e o ponto onde deixara Gankis, então sairia da trilha. O marujo jamais o encontraria, e seria forçado a partir sem ele. Então todas as maravilhas da Ilha dos Outros seriam suas.

— Não exatamente. Você seria delas.

Era a sua própria voz falando, um sussurro ínfimo, tão baixo, que até mesmo ele, com seus ouvidos aguçados, mal conseguiu escutar. Umedeceu os lábios e olhou em volta. As palavras tinham percorrido seu corpo com um estremecimento, como o de um despertar repentino. Estivera prestes a fazer algo. O quê?

— Você estava prestes a se jogar nas mãos deles. O poder flui para os dois lados nesta trilha da floresta. A magia o encoraja a permanecer na trilha, mas não pode ser manipulada para atrair um humano sem também repelir os Outros. A magia que mantém o mundo deles a salvo também protege você, enquanto se mantiver nesta trilha. Se os Outros conseguirem persuadi-lo a deixar o caminho, você ficará à mercê deles. Não é uma atitude sensata.

Kennit ergueu o punho na altura dos olhos. A miniatura de seu próprio rosto lhe dirigia um sorriso zombeteiro. Com o despertar do amuleto, cores haviam tingido a madeira. As madeixas entalhadas eram tão negras quanto as suas; o rosto era igualmente marcado; os olhos tinham o mesmo azul de uma fraqueza enganosa.

— E eu já começava a pensar que você tinha sido um mau negócio — comentou Kennit.

O rosto no amuleto bufou com desdém.

— Se sou um mau negócio, posso dizer o mesmo de você. Já começava a pensar que estava preso ao punho de um tolo, um ingênuo fadado à destruição. Mas parece que você afastou o efeito do feitiço. Ou, melhor dizendo, que eu arranquei o feitiço do seu corpo.

— Que feitiço? — inquiriu Kennit.

O lábio do amuleto se crispou num sorriso desdenhoso.

— O oposto do que você sentiu a caminho daqui. Todos os que seguem este caminho sucumbem a essa força. A magia dos Outros é tão forte que não há como passar por estas terras sem senti-la e ser atraído. Por isso colocaram um feitiço de procrastinação nesta trilha. Quem pisa aqui sente o chamado desta terra, mas posterga a visita até o dia seguinte. Sempre o dia seguinte. E, portanto, nunca. Só que sua pequena ameaça com os gatinhos deixou os Outros um pouco abalados. Eles querem atraí-lo para fora do caminho e usá-lo como instrumento para eliminar os gatos.

Kennit se permitiu um leve sorriso de satisfação.

— E não pensaram que eu poderia ter um amuleto contra encantamentos.

O amuleto apertou os lábios.

— Só chamei sua atenção para o feitiço. Ter consciência de um feitiço é a proteção mais forte contra ele, qualquer que seja. Pessoalmente, não possuo o poder para fazer com que o feitiço se volte contra eles, nem mesmo para enfraquecer o chamado. — Os olhos azuis do rosto se moveram de um lado a outro. — E nós dois ainda podemos ser destruídos, se você continuar aqui parado, falando comigo. A maré está baixando. Daqui a pouco seu imediato terá de decidir entre abandoná-lo aqui ou deixar que o *Marietta* seja devorado pelas rochas. É melhor voltar logo para a Angra do Engodo.

— Gankis! — exclamou Kennit, consternado.

Praguejou, mas começou a correr. Era inútil voltar pelo marinheiro. Seria obrigado a abandoná-lo. E ainda lhe entregara o medalhão de ouro! Como fora tolo, completamente enganado pela magia dos Outros. Bem, perdera a testemunha e a lembrança que pretendia levar consigo. Não se permitiria perder a própria vida ou o navio. Disparou a passos largos pelo caminho sinuoso. A luz dourada do sol, que mais cedo parecera tão atraente, de repente era só parte de uma tarde tão quente que quase impedia o ar de entrar em seus pulmões, que trabalhavam duro.

Os espaços mais abertos entre as árvores eram um indício de que estava quase na angra. Pouco depois, ouviu os passos de Gankis às suas costas e ficou chocado quando o marinheiro passou por ele sem hesitar. Kennit teve um breve vislumbre de uma expressão de horror no rosto enrugado do homem, antes de reparar que suas botas gastas levantavam cascalho do caminho enquanto corria na frente. Achou que o homem não seria capaz de correr ainda mais rápido, mas, num ímpeto de velocidade, o marujo irrompeu do abrigo das árvores, disparando

para a praia.

Ouviu Gankis gritar ao grumete que esperasse, esperasse. Era evidente que o rapaz perdera as esperanças de retorno do capitão: já tinha empurrado e arrastado o escaler por sobre as algas marinhas e rochas cobertas de cracas até a beira da água, recuando cada vez mais. Um grito irrompeu do navio ancorado, quando Kennit e Gankis foram avistados chegando à praia. No convés de ré, um marinheiro acenava freneticamente para que se apressassem. O *Marietta* estava em maus lençóis. O recuo da maré quase fizera a embarcação encalhar. Os marinheiros já faziam força para manusear o cabrestante. Kennit viu o navio se inclinar um pouco para o lado e deslizar do alto de uma rocha descoberta, quando uma onda o ergueu por um breve momento. Seu coração parou. O *Marietta* era a coisa que mais estimava — depois de si mesmo.

As botas escorregaram nas algas pastosas e esmigalharam cracas conforme ele abria caminho aos trancos pela costa rochosa, seguindo o grumete e o escaler. Gankis ia na dianteira. Nenhuma ordem foi necessária: os três agarraram as amuradas da pequena embarcação e a lançaram sobre as ondas da maré vazante. Estavam encharcados antes de o último subir a bordo. Gankis e o grumete pegaram os remos e os colocaram nos encaixes, enquanto Kennit assumia seu lugar na popa. A âncora do *Marietta* subia, adornada por algas marinhas. Remos competiam com velas, e a distância entre as duas embarcações foi diminuindo. Então o escaler emparelhou com o navio, os moitões foram baixados e presos, e, pouco depois, Kennit já estava de pé no próprio convés. Sorcor, o imediato, estava no comando e, no instante em que viu o capitão a bordo, girou o leme e berrou as ordens para pôr o navio em movimento. O vento inflou as velas do *Marietta* e o lançou de encontro à maré, para a correnteza que o açoitaria, mas que também o livraria das presas expostas da Angra do Engodo.

Kennit passou os olhos pelo convés, conferindo se tudo estava em ordem. O grumete se encolheu quando o olhar do capitão o encontrou. Kennit apenas o fitou, e o garoto entendeu que sua desobediência não seria esquecida nem relevada. Uma pena. O jovem tinha belas costas lisas, que já não estariam assim ao término da punição. Mas isso poderia ficar para o dia seguinte. Que o garoto esperasse por um tempo, sofrendo por antecipação os ferimentos que a covardia lhe custaria. Kennit apenas assentiu para o imediato e se dirigiu a seus aposentos. Apesar de quase ter sido vítima de um infortúnio, seu coração palpitava de triunfo. Derrotara os Outros, e ainda por cima no jogo deles. Como de costume, a sorte não o abandonara. O amuleto caro em seu pulso despertara e provara seu valor. E o melhor de tudo era que recebera a predição dos Outros para envolver suas ambições com o manto da profecia. Seria o primeiro rei das

Ilhas Piratas.



2

NAVIOS-VIVOS

A grande serpente deslizava pela água, seguindo o rastro do navio com facilidade. O corpo escamoso era reluzente como o de um golfinho, mas de um tom azul ainda mais intenso. A cabeça de quimera, despontando para fora da água, estava coberta de barbilhos, pequenos tentáculos que pendiam do rosto. Os olhos azul-escuros e arregalados de expectativa se fixaram nos de Brashen — parecia uma mulher em meio a um flerte. A criatura escancarou a bocarra escarlate e reluzente, repleta de fileiras e mais fileiras de dentes curvados para dentro. Aberta, a boca era grande o bastante para engolir um homem de pé. Os barbilhos ao redor da cabeça se eriçaram, formando uma juba de leão toda feita de pequenos tentáculos venenosos. A boca escarlate disparou na direção dele para engoli-lo.

Brashen foi envolvido pela escuridão e pelo fedor de carniça fria daquela boca. Jogou-se para longe com um grito incoerente. Sentiu as mãos encostarem em madeira e foi inundado por uma sensação de alívio. Era só um pesadelo. Respirou fundo, estremecendo. Reparou nos sons familiares: o rangido da madeira do convés da *Vivácia*, a respiração de outros homens adormecidos, a água batendo contra o casco. Ouvia os passos descalços de alguém correndo pelo convés acima para atender a alguma ordem. Tudo era familiar, tudo era seguro. Inspirou fundo o ar carregado de cheiro de madeira coberta de piche e do fedor de homens vivendo muito juntos por muito tempo — e, sob todos aqueles cheiros, o aroma picante da carga, suave como perfume de mulher. Espreguiçou-se, apertando os ombros e os pés contra as tábuas do pequeno catre, e se acomodou de volta sob o cobertor. Ainda faltavam algumas horas para seu turno. Se não dormisse, ia se arrepender mais tarde.

Fechou os olhos, mergulhando na escuridão do interior do castelo de proa, mas os reabriu alguns momentos depois. Sentia o sonho à espreita logo abaixo da superfície do sono, esperando para arrastá-lo. Murmurou um palavrão. Precisava dormir um pouco, mas não ia conseguir descansar se caísse de novo nas profundezas do pesadelo com a serpente.

O sonho, que era muito recorrente, já quase parecia mais real do que suas

lembranças. Volta e meia o pesadelo vinha importuná-lo, quase sempre quando estava prestes a tomar uma decisão importante — era aí que a serpente surgia das profundezas do sono para abocanhar sua alma com dentes longos e arrancá-la. Pouco importava que já fosse homem-feito. Não fazia diferença que fosse um marinheiro tão bom quanto qualquer outro homem com que já tivesse navegado, até melhor do que nove a cada dez que encontrava no mar. Quando recebia a visita do sonho, Brashen era arrastado de volta à infância, de volta a uma época em que era desprezado por todos, inclusive por si mesmo.

Tentou entender o que mais lhe incomodava em sua situação atual. O capitão do navio o desprezava. Sim, era verdade, mas isso não fazia dele menos marujo. Tinha sido imediato daquele mesmo navio sob o comando do capitão Vestrit e provara seu valor sem deixar qualquer sombra de dúvida. Quando Vestrit adoeceu, Brashen ousara pensar que talvez a *Vivácia* fosse ser colocada em suas mãos. Em vez disso, o velho Mercador entregara o comando da embarcação a seu genro, Kyle Porto. Bem, família era família, e Brashen aceitava a decisão. Só que o capitão Porto exerceu seu direito de escolher o próprio imediato, e sua escolha não foi Brashen Trell. Bem, mesmo assim o rebaixamento não tinha sido culpa sua, e todos os marinheiros do navio — não, todos os marinheiros da própria Vilamonte — sabiam disso. Não havia vergonha naquilo, Kyle simplesmente quisera escolher um de seus homens. Brashen dera o assunto por encerrado, decidira que preferia servir como segundo imediato na *Vivácia* do que como primeiro em qualquer outro navio. Fora uma decisão só sua, e não podia culpar a mais ninguém por isso. Quando, bem depois de deixarem as docas, o capitão Porto decidiu que queria alguém mais próximo como segundo imediato e que Brashen podia descer mais um degrau na hierarquia, ele simplesmente cerrou os dentes e acatou. Mas, apesar dos anos passados com a *Vivácia* e da gratidão que sentia para com Ephron Vestrit, suspeitava que aquela seria sua última viagem naquele navio.

O capitão Porto tinha deixado bem claro que Brashen não era bem-vindo nem respeitado como membro da tripulação. Nada que o marujo fizera durante o último trecho da viagem agradara ao capitão. Se o antigo imediato notava uma tarefa que precisava ser feita e mandava alguns homens darem conta do serviço, o capitão vinha reclamar que ele estava passando dos limites. Se fazia apenas os serviços que lhe designavam, era considerado preguiçoso.

Vilamonte estava cada vez mais próxima, mas Porto estava cada dia mais ríspido. Brashen tinha começado a considerar que, se Vestrit não estivesse pronto para reassumir o posto de capitão quando atracassem no porto de origem, aquela seria sua última vez no convés da *Vivácia*. O pensamento o deixava angustiado,

mas Brashen lembrava a si mesmo que havia outros navios, alguns não tão piores, e que tinha a reputação de ser um bom auxiliar. Não era como no começo de sua vida marítima, quando tinha de aceitar qualquer função que conseguisse, em qualquer navio que o recebesse. Naquela época, sua prioridade era sobreviver a uma viagem. O primeiro navio em que zarpara, sua primeira viagem e seu pesadelo estavam todos relacionados em sua mente.

Tinha catorze anos quando viu uma serpente-marinha pela primeira vez. Já fazia dez longos anos, e na época ele era muito inexperiente. Fazia menos de três semanas que estava a bordo do primeiro navio em que trabalhou, uma monstruosidade calcediana lerda que levava o nome de *Borrifada*. Mesmo nas águas mais tranquilas, a embarcação se movia como uma grávida empurrando um carrinho de mão, e, quando ia a favor da correnteza, ninguém tinha como prever para que lado o convés ia se virar. Aquilo tudo lhe causara muitos enjoos, um incômodo que se somava ao corpo dolorido — tanto por não estar acostumado com o trabalho quanto por uma merecida sova que recebera do imediato, na noite anterior. E também sofria do espírito, já que, no escuro, o repugnante Farsey se agachara ao seu lado enquanto ele dormia no pique de vante, oferecendo-lhe palavras de conforto. Até que Brashen sentiu uma mão lhe apalpando por baixo do cobertor. Conseguiu fazer o sujeito recuar, mas não sem se humilhar. O marinheiro gordo tinha muitos músculos por baixo da banha, e fartara as mãos no garoto que o socava e golpeava, tentando se afastar. Nenhum dos outros marinheiros dormindo ali perto, no pique de vante, sequer se mexeu nos cobertores para ajudá-lo. Como não tinha muitas cicatrizes pelo corpo e seu linguajar era sofisticado demais para o gosto da tripulação, Brashen não era popular com os outros marinheiros. Era chamado de “aluninho”, e só ele sabia quanto o apelido machucava — era um indicativo de que não podiam confiar que ele soubesse realizar as tarefas na teoria, muito menos na prática, e um homem desses a bordo sempre acaba provocando baixas.

Quando conseguiu fugir do pique de vante e afastar-se de Farsey, foi para o convés de ré, onde se encolheu no cobertor e ficou fungando e chorando sozinho. A escola, os professores e as lições intermináveis que antes pareciam tão intoleráveis agora o atraíam como uma sereia, trazendo lembranças de camas macias, refeições quentes e horas que podia dedicar apenas a seus caprichos. Se passasse a impressão de preguiçoso ali no *Borrifada*, acabaria com uma corda no pescoço. E se o imediato o flagrasse ali, mesmo depois daquele ataque, seria mandado de volta para baixo ou colocado para trabalhar. Brashen sabia que devia tentar dormir. Em vez disso, ficou olhando a água oleosa se agitando com a passagem do navio, e em resposta sentiu um mal-estar na barriga. Teria

vomitado de novo, se ainda tivesse o que colocar para fora. Apoiou a testa na amurada e tentou absorver algum ar sem o cheiro daquele navio coberto de piche ou da água salgada ao redor.

Foi enquanto olhava para a água negra e brilhante, ondulando tão delicadamente para longe do navio, que lhe ocorreu que tinha outra opção. Uma que nunca havia considerado, mas que agora lhe atraía, uma ideia simples e lógica. Cair na água. Alguns minutos de desconforto, e então tudo estaria acabado. Nunca mais precisaria prestar contas a quem quer que fosse ou sentir o estalo de uma corda contra as costelas. Nunca mais sentiria vergonha, frustração ou raiva de si mesmo. E o melhor de tudo é que bastaria um instante depois da decisão, aí estaria tudo terminado. Não ficaria sofrendo, agonizando, pensando na atitude que tomara. Tampouco precisaria de orações para esquecer o ato. Bastaria um momento de determinação.

Brashen se levantou. Debruçou-se na amurada, buscando dentro de si aquela fagulha de coragem para assumir o controle do próprio destino. Quando respirou fundo, reunindo forças para se jogar, ele a avistou. A serpente deslizava, silenciosa como o tempo, o grande corpo sinuoso oculto nas curvas suaves da água, no rastro do navio. O corpo imenso imitava à perfeição o movimento ondulante da água. Se o luar revelador não tivesse refletido brevemente no flanco de escamas reluzentes, Brashen não teria percebido sua presença.

A respiração ficou presa no peito. Queria gritar, anunciar o que tinha visto, fazer os marinheiros do segundo turno de vigia virem correndo para confirmar. Na época, avistar serpentes era raro, e muitos homens da terra ainda afirmavam que as criaturas não passavam de histórias de marinheiros. Mas Brashen sabia o que diziam sobre as grandes serpentes: a visão de uma delas traz a visão da própria morte. E ele soube, com uma certeza súbita, que se mais alguém soubesse que tinha visto uma serpente, seria considerado mau agouro para todo o navio — e só havia uma maneira de se livrar de tamanho azar. Brashen acabaria despencando de alguma verga quando alguém sem querer não segurasse alguma lona esvoaçante com muita firmeza, ou cairia de uma escotilha aberta e quebraria o pescoço, ou talvez simplesmente desapareceria sem alarde certa noite, durante um turno de vigia longo e tedioso.

Apesar de ter pensado em acabar com a própria vida poucos momentos antes, Brashen teve a súbita certeza de que não queria morrer — fosse pelas próprias mãos ou pelas de qualquer outro. Queria sobreviver àquela viagem triplamente amaldiçoada, voltar para terra firme e dar um jeito de retomar a própria vida. Iria até o pai, rastejaria e imploraria como nunca rastejara e implorara. Seria aceito de volta. Talvez não como herdeiro da fortuna da família Trell, mas isso não

importava. Que Cerwin ficasse com tudo; Brashen ficaria mais do que satisfeito com o quinhão de um filho mais novo. Pararia de jogar, pararia de beber, largaria a cindina. Faria tudo que o pai e o avô exigissem. Naquele momento, agarrava-se à vida com tanta força quanto as mãos castigadas de bolhas agarravam a amurada, observando o cilindro de carne escamosa deslizar no rastro do navio.

Foi quando veio a pior parte. E que ainda era a pior parte, mesmo nos sonhos. A serpente percebeu que tinha fracassado. A criatura, Brashen não sabia como, reparou que ele não estava mais hipnotizado. Sentindo um calafrio tão violento quanto a sensação da mão de Farsey em sua virilha, o jovem marinheiro soube que o impulso suicida não fora seu, e sim uma sugestão da serpente. Dando um giro casual, a criatura saiu do abrigo da popa do navio e expôs o corpo sinuoso. Cobria metade da extensão do *Borrifada* e reluzia em cores cintilantes. Movia-se sem esforço, quase como se o navio a arrastasse pela água. A cabeça não tinha o mesmo formato de cunha achatada de uma serpente terrestre, era uma massa enorme e arqueada, com a parte da frente alongada como a de um cavalo e olhos imensos. Barbilhos tóxicos pendiam da mandíbula.

Então a criatura nadou para o lado, expondo as escamas mais claras da barriga, e encarou Brashen com olhos arregalados. Foi aquele olhar que o deixou abalado, que o fez correr para longe da amurada, de volta ao pique de vante. E era o mesmo olhar que ainda o despertava dos pesadelos, com o corpo trêmulo. Apesar de serem imensos, de não terem sobrancelhas nem cílios, havia algo de horrivelmente humano nos olhos redondos e azuis que o encaravam com tanto escárnio.

Althea estava doida para tomar um banho de água doce. Sentia cada músculo do corpo doer com o esforço de subir a escada até o convés, e a cabeça latejava depois de tanto tempo no ar carregado do porão de popa. Pelo menos terminara a tarefa. Iria até a cabine lavar-se com uma toalha molhada, trocar de roupa e talvez cochilar um pouco. Daí confrontaria Kyle. Já tinha adiado aquilo por tempo demais e, quanto mais esperava, menos à vontade se sentia para falar. Precisava dar um fim àquilo, de um jeito ou de outro, então viveria com qualquer que fosse a consequência de sua decisão.

— Srta. Althea. — Ela mal chegara ao convés quando se deparou com Brando. — O capitão está chamando. — O grumete sorriu, em parte como um pedido de desculpas, em parte pelo prazer de ser o portador de tal mensagem.

— Está bem, Brando — respondeu, calma.

Está bem, ecoaram seus pensamentos. Nada de banho, nada de roupas limpas

e nada de cochilar antes de confrontá-lo. Muito bem. Althea levou um momento para afastar o cabelo do rosto e enfiar a blusa de novo para dentro da calça. Antes da tarefa, aquelas eram suas roupas mais limpas. Agora, o algodão grosso da blusa grudava nas costas e no pescoço, empapado de suor, e a calça estava manchada de estopa e piche. Sabia que também estava com o rosto sujo. Não ligava, já tinha imaginado que seria convocada num momento inoportuno como esse: Kyle sempre buscava qualquer vantagem. Agachou-se, como que para reafivelar o sapato, mas, em vez disso, encostou a palma da mão na madeira do convés. Fechou os olhos por um instante e deixou que a força da *Vivácia* fluísse por sua palma.

— Ah, navio — sussurrou, baixinho, como numa prece. — Me ajude nesse combate. — Então se levantou, com a determinação renovada.

Ninguém ousou encará-la quando atravessou o convés escuro rumo ao alojamento do capitão. Cada marinheiro de repente parecia ocupado demais, ou simplesmente olhava em outra direção. Althea se recusou a olhar para trás para conferir se era observada depois de passar. Manteve os ombros retos e a cabeça erguida enquanto marchava para o seu destino.

Bateu na porta do alojamento do capitão com o punho firme e aguardou a resposta brusca. Entrou assim que ouviu o chamado, então parou, deixando os olhos se ajustarem à luz amarela do lampião. Naquele instante, foi tomada por uma súbita saudade de casa — uma sensação intensa que não tinha relação com qualquer casa que tivesse deixado em terra firme: casa, para ela, era como aquele cômodo costumava ser. As lembranças a deixaram tonta. Lembrou dos quadros oleados do pai pendurados naquele gancho ali, do cheiro do rum favorito dele perfumando o ar. O pai tinha prendido a rede dela bem naquele canto, quando permitiu que Althea começasse a viver a bordo da *Vivácia* — só para ficar de olho na filha mais nova.

A jovem sentiu uma pontinha de raiva ao notar a bagunça de Kyle, que encobria a familiaridade acolhedora daquele aposento. Um prego meio solto na bota do novo capitão deixara arranhões nas tábuas polidas do assoalho. Ephron Vestrit nunca deixava os mapas espalhados, e não teria tolerado a camisa manchada pendurada no encosto da cadeira. O pai não aceitava desordem no convés de seu navio, e isso incluía o próprio alojamento. Ao que parecia, seu genro, Kyle, o novo capitão, não partilhava os mesmos princípios.

Althea pulou uma calça largada no chão, exagerando o movimento de propósito, e parou junto à mesa, diante do capitão. Kyle a deixou ficar ali, parada, por alguns momentos enquanto examinava alguma anotação no mapa.

Althea reparou que a anotação era na letra precisa do pai, e tirou forças daquilo, mesmo ardendo de raiva em pensar que Kyle tinha acesso aos mapas da família. Os mapas das famílias Mercadoras estavam entre as posses mais bem protegidas dos navegantes de navios-vivos. Era a única maneira de protegerem as rotas mais rápidas pela Passagem Interior e as localizações dos portos comerciais em aldeias menos conhecidas. Ainda assim, o pai confiara aqueles mapas a Kyle, e não cabia a ela questionar essa decisão.

O capitão continuou a ignorá-la, mas Althea se recusou a morder a isca. Permaneceu quieta, paciente, sem se deixar constranger por aquele desinteresse fingido. Depois de algum tempo, Kyle ergueu os olhos para encará-la. Eram de um azul muito diferente dos olhos negros e firmes do pai dela, e o cabelo louro desgrenhado não lembrava nem um pouco a trança lisa e negra do antigo capitão. Althea se perguntou outra vez, enojada, o que passara pela cabeça da irmã para desejar aquele homem. O sangue calcediano de Kyle era tão evidente em seus modos quanto em seu corpo. Tentou manter o desdém longe do rosto, mas seu autocontrole estava se esgotando. Já passara tempo demais no mar com aquele sujeito.

Essa última viagem parecia interminável. Kyle tinha transformado o que deveria ser uma simples ida e volta de dois meses ao longo da costa de Calcede numa jornada mercantil de cinco meses, com paradas desnecessárias e empreitadas comerciais pouco lucrativas. Althea estava convencida de que aquilo era uma tentativa de Kyle mostrar ao pai dela como podia ser um mercador astuto — não que *ela* estivesse impressionada. Kyle fizera uma parada em Presa e comprara ovos de pato-do-mar em conserva, uma carga sempre duvidosa. Depois disso, quase não conseguira chegar a Brigue a tempo de vendê-los — e por pouco não apodreceram. Em Brigue, o capitão comprara fardos de algodão numa quantidade muito maior do que o espaço disponível nos porões, e parte da carga acabou no convés. Althea se mantivera calada, só observando enquanto a tripulação se arriscava, passando por cima e desviando dos pesados fardos, até que foram atingidos por uma tempestade tardia, o que deixou a carga no convés encharcada e muito provavelmente arruinada. Ela nem tinha perguntado a Kyle sobre o lucro da venda, se é que houvera lucro, quando ele parou em Dursay para leiloar a mercadoria. Tinha sido o último porto em que pararam. Os barris de vinho foram deslocados uma vez mais para dar lugar a uma carga extravagante. Agora, além dos vinhos e conhaques de antes, o porão estava abarrotado de caixotes de noz-de-comfer. Kyle insistia em dizer que conseguiriam um bom preço por elas, já que eram usadas para tantos fins — o óleo perfumado extraído dos caroços era empregado na fabricação de sabão, e

com as cascas se fazia uma linda tintura amarela. Althea achava que ia acabar estrangulando Kyle se ouvisse mais uma vez sobre o lucro extra que as nozes trariam à viagem.

Mas, naquele momento, o olhar do capitão não transmitia qualquer orgulho por suas decisões. Era um olhar gélido como a água do mar, iluminado por pequenos pontinhos brilhantes de raiva. Kyle não sorriu nem a convidou para se sentar. Em vez disso, simplesmente perguntou:

— O que estava fazendo no porão de popa?

Alguém a tinha dedurado. Althea respondeu com voz firme:

— Eu reorganizei a carga.

— Reorganizou.

Era uma afirmação, quase uma acusação. Não era uma pergunta, então ela não precisava dar nenhuma resposta. Em vez disso, Althea manteve a postura empertigada diante daquele olhar penetrante. Sabia que Kyle estava esperando que ela começasse a se explicar e a se desculpar, tal como sua irmã Keffria teria feito. Mas ela não era a irmã, não era a esposa daquele homem. Kyle bateu a palma da mão na mesa de repente e, embora tenha se retraído com o movimento súbito, Althea permaneceu calada. Reparou que Kyle estava esperando ela dizer alguma coisa, e sentiu uma estranha sensação de vitória quando ele perdeu a paciência.

— Como ousa mandar meus homens mudarem a organização da carga?

Althea respondeu com muita calma, sem levantar a voz:

— Eu não mandei ninguém fazer nada. Cuidei de tudo sozinha. Meu pai me ensinou que, a bordo de um navio, temos que ver o que precisa ser feito e agir de imediato. Foi isso o que fiz. Organizei os barris do jeito que meu pai teria mandado organizar se estivesse aqui. A carga agora está arrumada como todos os outros carregamentos de vinho que já passaram por este navio desde que eu tinha dez anos: arrolhados e erguidos acima da água acumulada nos porões de proa e de popa, empilhados nas laterais. E estão bem presos. Assim, se já não tiverem estragado com toda a agitação, poderemos vendê-los quando chegarmos a Vilamonte.

Kyle ficou vermelho de raiva. Althea ficou se perguntando como a irmã suportava viver com um homem que ficava com as bochechas rosadas sempre que se irritava. Então se preparou para a bronca. Kyle não elevou a voz ao responder, mas a vontade de gritar ficou evidente no tom seco:

— Seu pai não está aqui, Althea. E é justamente isso que eu quero que você

entenda. Eu sou o senhor desta embarcação, e dei ordens de como queria aquela carga armazenada. Mas mesmo assim você agiu pelas minhas costas e foi contra essas ordens. Não posso deixar ninguém se meter desse jeito entre mim e a minha tripulação. Você está semeando a discórdia.

Althea respondeu com toda a calma que conseguiu reunir:

— Eu agi por conta própria, sozinha. Não dei ordem nenhuma para a tripulação nem comentei com ninguém o que pretendia fazer. Não fiz nada para me meter entre você e eles.

Ela cerrou o maxilar antes que falasse demais. Não ia dizer a Kyle que o que ficava entre ele e a tripulação era sua própria falta de experiência como capitão.

Os marinheiros, que teriam dado suas vidas de bom grado pelo pai dela, agora falavam abertamente sobre encontrar outro navio assim que possível. Aquele homem estava quase destruindo a tripulação que o pai dela passara a última década escolhendo a dedo.

Kyle parecia furioso com a resposta.

— Não importa, você desobedeceu as minhas ordens. Isso é o suficiente para desafiar minha autoridade. O mau exemplo que você dá neste navio está deixando a tripulação inquieta. Então estou sendo obrigado a dar punições mais severas. Você devia se envergonhar dessa atitude, mas não dá a mínima. Acha que está acima do capitão. Deve achar que está acima até do todo-poderoso Sá! Você não tem a menor consideração pelas minhas ordens para a tripulação. Se fosse uma marinheira, eu ia fazer você de exemplo. Um exemplo para provar que as minhas ordens são a lei deste navio. Mas você é só uma filha mimada de mercador. E vou tratá-la desse jeito, poupando a carne de suas costas. Mas não tente me contrariar de novo. Lembre-se bem deste aviso, garota: *eu* sou o capitão desta embarcação, e, neste navio, a minha palavra é lei.

Althea não respondeu nem desviou o olhar. Ficou encarando Kyle, forçando o rosto a permanecer impassível. O tom rosado se espalhou para a testa do capitão, que respirou fundo e tentou se controlar enquanto a fulminava com os olhos.

— Sabe o que você é, Althea?

Ela não estava esperando a pergunta. O silêncio servia bem contra acusações e repreensões. Mas, com a pergunta, aquele homem exigia uma resposta. E ela sabia que o que tinha a dizer seria interpretado como um desafio. Que fosse.

— Sou a dona deste navio — respondeu, com toda a dignidade que conseguiu reunir.

— Errado! — Desta vez, ele gritou. Mas levou apenas um instante para

retomar o controle. Kyle se inclinou para a frente, por cima da mesa, e quase cuspiu as palavras: — Você é *a filha* do dono. E mesmo que fosse a dona, não faria a menor diferença. Não é o dono quem comanda o navio, é o capitão. E você não é a capitã, e também não é o imediato. Não chega nem a ser marinheira. Só fica ocupando a cabine que deveria ser do segundo imediato e faz as tarefas que lhe agradam. O dono desta embarcação é Ephron Vestrit, seu pai. Foi ele quem deixou a *Vivácia* sob o meu comando. Se você não consegue me respeitar por quem eu sou, então respeite a escolha de seu pai para capitão deste navio.

— Se eu fosse mais velha, ele teria me escolhido como capitã. Eu conheço a *Vivácia*. Eu devia ser a capitã.

Althea se arrependeu assim que as palavras saíram de sua boca. Era o pretexto de que Kyle precisava, a afirmação do que os dois sabiam ser verdade.

— Errado de novo. Você devia é estar em casa, casada com algum riquinho mimado. Você não tem a menor ideia de como comandar um navio. Acha que sabe comandar uma embarcação só porque seu pai permitiu que você brincasse de marinheiro esses anos todos? Está começando a acreditar que seu destino é ser a capitã? Pois está muito enganada. Seu pai só trouxe você a bordo porque não tinha filhos homens. Ele mesmo me disse isso, quando Wintrow nasceu. Se a *Vivácia* não fosse um navio-vivo, que precisa de um membro da família a bordo, eu não teria tolerado essa sua pretensão nem por um segundo. Mas não se esqueça de que basta um membro da família Vestrit a bordo, e não precisa ser você. Se tem que haver alguém, pode muito bem ser um Vestrit com Porto no sobrenome. Meus filhos também têm o sangue da sua irmã, assim como o meu, e são tão Vestrit quanto você. Na próxima vez que este navio partir de Vilamonte, um de meus filhos vai tomar o seu lugar. E você vai ficar em terra firme.

Althea ficou pálida. Aquele sujeito não fazia ideia do que estava dizendo, não compreendia as dimensões daquela ameaça. O que só comprovava que ele não tinha noção do que era um navio-vivo. Nunca devia ter recebido autoridade sobre a *Vivácia*. Se o pai estivesse saudável, teria percebido o erro.

Viu Kyle Porto apertar os lábios e achou que talvez tivesse deixado transparecer um pouco de seu desespero e descrença. Ficou imaginando se ele estaria resistindo ao impulso de sorrir quando acrescentou:

— Você vai ficar confinada à sua cabine pelo resto desta viagem. Está dispensada.

Althea não se abalou. Era melhor esclarecer tudo de uma vez, agora que o problema fora exposto.

— Bem, você declarou que não sou nem mesmo uma marinheira a bordo desta embarcação. Sendo assim, não pode me dar ordens. E não consigo nem imaginar por que você acredita que vai estar no comando na próxima viagem. Tenho certeza de que, quando voltarmos a Vilamonte, meu pai vai estar recuperado e vai poder reassumir o navio. E ele será o capitão até a hora de o navio e o comando serem meus.

Kyle a encarou com um olhar impassível.

— Você acredita mesmo nisso, Althea?

Achando que o homem estava escarnecendo de sua fé na recuperação do pai, Althea sentiu uma onda de ódio invadir seu corpo. Mas então Kyle continuou:

— Seu pai é um bom capitão. Quando ele ouvir sobre o que você tem feito, revogando minhas ordens, semeando a discórdia entre os homens, zombando de mim pelas costas...

— Zombando de você? — inquiriu Althea.

Kyle bufou com desdém.

— Acha que pode ficar bêbada e reclamar aos quatro ventos por toda Dursay sem eu ficar sabendo? Isso só mostra quanto você é tola.

Althea vasculhou a memória, buscando as lembranças confusas de Dursay. Era verdade, tinha ficado bêbada, mas só uma vez. E tinha a vaga lembrança de ter reclamado da situação com alguns colegas de bordo. Quem? Os rostos eram borrões, mas sabia que Brashen a repreendera, ousando mandar que ela calasse a boca e mantivesse os problemas de família dentro da família. Althea não se lembrava de sua resposta, mas já tinha uma boa ideia de quem fizera a fofoca.

— Entendi. E que histórias Brashen inventou? — perguntou, com o máximo de calma que conseguiu imprimir à voz. Ah, deus dos peixes, o que tinha dito? Se tivesse falado dos negócios da família e Kyle tivesse levado a história para casa...

— Não foi Brashen. Mas só de o garoto sentar e dar ouvidos aos absurdos que você diz já confirma minha opinião a respeito dele. É mais um como você, um garoto Mercador tentando brincar de marinheiro. Não tenho ideia de por que seu pai permitiu que ele ficasse no navio, só se tivesse esperanças de juntar vocês dois. Bem, no que depender de mim, o garoto também vai ficar em terra quando chegarmos a Vilamonte. Aí vocês dois podem continuar desfrutando a companhia um do outro. Ele deve ser a coisa mais próxima de um homem que você vai arranjar. É melhor agarrar a oportunidade.

Kyle se recostou na cadeira. Parecia estar se divertindo com o silêncio

chocado de Althea diante daquelas insinuações. Quando ele falou de novo, foi numa voz baixa e satisfeita.

— Ah, irmãzinha, parece que você não gosta quando eu falo essas coisas. Então talvez consiga entender como me senti quando o carpinteiro do navio voltou para cá meio bêbado, falando aos berros sobre como você contou que só me casei com a sua irmã porque queria botar as mãos no navio da família, já que gente da minha laia nunca teria a oportunidade de comandar um navio-vivo sem ser pelo casamento. — A fúria transparecia na voz calma.

Althea reconheceu as próprias palavras. Ah, tinha ficado mais bêbada do que pensava, para dizer essas coisas em público. *E então, agiria de forma covarde ou mentirosa?*, intimou a si mesma. Tinha que assumir aquelas palavras ou fingir que eram falsas, ou até mentir e dizer que nunca tinha dito aquilo. Bem, não importava o que Kyle pudesse dizer dela: ainda era filha de Ephron Vestrit. Encontrou a coragem.

— É verdade. Eu disse isso, e é verdade. Quer dizer que agora dizer a verdade é falar mal de você?

Kyle se levantou de repente e deu a volta na mesa. Era um homem grande. A força do tapa fez Althea cambalear para trás. Ela se chocou contra um anteparo, então recuperou o equilíbrio. Kyle estava muito pálido quando voltou para a cadeira e se sentou. Tinha ido longe demais. Os dois tinham ido longe demais, como Althea sempre temera. Será que aquele homem estava pensando o mesmo? Parecia tão abalado quanto ela.

— O tapa não foi por mim — anunciou Kyle, numa voz rouca. — Foi pela sua irmã. Você fica bêbada feito um soldado numa taverna pública e praticamente chama sua irmã de vadia. Tem noção do que fez? Acha mesmo que ela precisaria comprar um homem com o suborno de um navio-vivo? Qualquer homem teria orgulho de chamar Keffria de esposa, mesmo que ela não tivesse um tostão. Ao contrário de você. A família vai ter que comprar um marido para você, e é melhor pedir aos deuses que os negócios melhorem, porque vamos ter que dar metade da cidade como dote para qualquer homem decente se dignar a considerar a ideia. Ora, vá logo para a sua cabine, antes que minha paciência acabe de vez. Agora!

Althea tentou dar meia-volta e ir embora com dignidade, mas Kyle se levantou, contornou a mesa, colocou a mão larga em suas costas e a empurrou até a porta. Quando a porta bateu atrás dela, Althea avistou Brando lixando diligentemente algumas lascas de uma amurada próxima. O garoto tinha ouvidos de raposa, e devia ter escutado tudo. Bem, ela não tinha feito ou dito qualquer

coisa de que se envergonhasse. Duvidava que Kyle pudesse dizer o mesmo. Manteve a cabeça erguida no caminho até a pequena cabine, que era sua desde os doze anos. Ao entrar e fechar a porta, compreendeu as dimensões da ameaça de Kyle de tirá-la do navio.

Aquele era seu lar. Ele não podia forçá-la a abandonar seu lar. Podia?

Althea amava aquela cabine desde criança, nunca se esqueceria da sensação de posse ao entrar ali pela primeira vez e jogar seu saco de marinheiro no catre. Fazia quase sete anos, e desde então o lugar fora seu lar, lhe trouxera segurança. Agora, ela subia naquele mesmo catre para ficar deitada encolhida, o rosto voltado para o anteparo. A bochecha ardia, mas não colocaria a mão no rosto. Kyle lhe dera um tapa. Torcia para que ficasse um hematoma escuro. Talvez, quando chegasse em casa, a irmã e os pais vissem aquilo e percebessem o tipo de escória que tinham recebido na família ao casarem Keffria com Kyle Porto. O sujeito nem sequer era de uma estirpe de Mercadores. Era um mestiço, parte calcediano, parte rato de cais. Se não tivesse se casado com sua irmã, não teria nada em seu nome. Nada. Ele era um pedaço de bosta, e Althea não ia chorar. Kyle não era digno de suas lágrimas, só de sua raiva. *Só de sua raiva.*

Depois de um tempo, seu coração se acalmou um pouco e passou a bater mais devagar. Althea passou a mão pela colcha de retalhos que Nana fizera para ela. Então se virou e olhou pela portinhola do outro lado da cabine. Um mar cinza e sem fim embaixo, um céu vasto no terço superior. Era sua vista favorita do mundo, sempre constante, mas em eterna mudança. Seus olhos deixaram a portinhola e percorreram a cabine, parando por um momento na pequena escrivaninha presa ao anteparo, com os minúsculos balaústres para segurar documentos, quando o mar ficava agitado. A prateleira de livros e a de pergaminhos ficavam ao lado, com os livros presos em segurança, mesmo durante o clima mais turbulento. Althea tinha até uma pequena mesa de mapas dobrável, com algumas cartas que o pai insistira para que ela estudasse, para aprender a navegar e se localizar no mar. Os instrumentos de navegação estavam dentro de um pequeno estojo acolchoado preso à parede. Suas roupas marítimas pendiam dos ganchos. A única decoração na cabine era um pequeno quadro da *Vivácia*, que ela mesma encomendara. Tinha sido pintado por Jared Pappas, o que por si só tornaria a pintura valiosa, mas ela considerava que o valor estava no que o quadro retratava. No quadro, as velas da *Vivácia* estavam infladas a todo pano, e a proa cortava as águas.

Althea estendeu as mãos para o alto, tocando a madeira exposta da estrutura da embarcação. Sentia a pulsação da quase vida do navio. Aquilo não vinha da vibração da madeira conforme o navio cruzava as águas, nem das batidas dos pés

dos marinheiros nos conveses ou seus gritos de gaivota em resposta às ordens do imediato. Era a vida da própria *Vivácia*, tão perto de despertar.

A *Vivácia* era um navio-vivo. A quilha tinha sido entalhada 63 anos antes, uma longa viga de madeira-arcana. A madeira da figura de proa também era do mesmo material, tirada da mesma grande árvore, assim como as tábuas do casco. A bisavó Vestrit a encomendara e assinara a hipoteca dos bens e das propriedades da família — coisa que o pai de Althea, Ephron, ainda estava pagando. Era numa época em que as mulheres ainda podiam fazer coisas do tipo sem gerar escândalos, antes de Vilamonte assumir aquele costume calcediano estúpido de ostentar riqueza mantendo as mulheres ociosas. O pai gostava de contar que a bisavó nunca tinha deixado as opiniões das outras pessoas ficarem entre ela e seu navio. A bisavó navegara com *Vivácia* por 35 anos, sobrevivendo ao próprio aniversário de setenta anos. Então, num dia quente de verão, ela simplesmente se sentou na coberta de proa e disse “Já chega, rapazes”. E morreu.

Depois disso, o controle do navio foi passado para o avô de Althea, de quem a menina tinha vagas lembranças. Era um homem grande feito um touro, a voz sempre cheia do estrondo do mar, mesmo quando estava em casa. Havia catorze anos, o homem, já com 62 anos de vida, morrera no convés da *Vivácia*. Althea tinha quatro aninhos. Mas ficara ao lado da família no leito de morte do avô, testemunhando o fim daquela vida, e sentira o leve tremor que percorrera a *Vivácia*. Aquele estremecimento era tanto de pesar quanto de boas-vindas: a embarcação sentiria saudades do capitão tão ousado, mas recebia o anma dele em suas madeiras de bom grado. O falecimento do avô deixara a embarcação a apenas uma morte do despertar.

Restava apenas o pai para completar o processo. Como sempre, Althea sentiu uma onda de emoções conflitantes ao pensar naquilo. A ideia de o pai morrer a enchia de medo e horror. Ficaria arrasada. E, se o pai morresse antes de ela alcançar a maioridade e sua mãe e Kyle passassem a ter autoridade sobre sua vida... Afastou o pensamento e bateu com os nós dos dedos na madeira da *Vivácia*, querendo afastar o azar atraído pelos pensamentos muito ruins.

Mas não podia negar quanto ansiava pelo despertar da embarcação. Tinha passado tantas horas estendida no gurupés, o mais próximo que podia chegar da figura de proa enquanto a embarcação singrava os mares. Ficava lá, encarando as pálpebras de madeira entalhada que cobriam os olhos da *Vivácia*... a figura não era de madeira e tinta, como em qualquer outro navio. Era de madeira-arcana. Sim, estava pintada, mas assim que Ephron Vestrit morresse num de seus conveses, as madeixas do cabelo não seriam mais de tinta dourada: virariam

cachos de puro ouro. E as maçãs do rosto proeminentes perderiam o tom de tinta e passariam a reluzir com um brilho rosado, com vida própria. A *Vivácia* teria olhos verdes. Althea tinha certeza. Claro que diziam que ninguém podia saber de que cor seriam os olhos de um navio-vivo até que eles se abrissem com as mortes de três gerações, mas Althea sabia. A *Vivácia* teria olhos tão verdes quanto uma alface-do-mar. Mesmo com tudo o que acontecera, Althea não conseguiu conter o sorriso ao pensar em como seria olhar aqueles grandes olhos esmeralda se abrindo.

A feição alegre desapareceu com a lembrança das palavras de Kyle, que deixara muito claro o que pretendia fazer. Ele queria tirá-la do navio e trazer um de seus filhos a bordo. E, quando o pai dela morresse, tentaria manter o comando da *Vivácia*, deixando o filho a bordo como Vestrit simbólico, para manter o navio feliz.

Só podia ser uma ameaça vazia. Nenhum dos dois garotos servia para a função: um era jovem demais, o outro tinha sido entregue aos sacerdotes. Althea não tinha nada contra os sobrinhos, mas... mesmo que não fosse jovem demais para viver a bordo, Selden tinha alma de fazendeiro. E Wintrow fora entregue aos sacerdotes havia alguns anos — o menino não se importava com a *Vivácia*, não sabia nada sobre navios. Keffria se esforçara para que fosse desse jeito. E o garoto estava destinado ao sacerdócio. Kyle nunca ficara muito animado com a ideia, mas Althea achou que Wintrow daria um ótimo clérigo, na última vez em que o viu. Era pequeno e esbelto, os olhos sempre perdidos no horizonte, um sorriso vago no rosto, os pensamentos voltados para Sá.

Não que Kyle fosse se importar com os desejos do coração do menino, nem que tivesse problemas em abandonar a promessa de dedicar o filho mais velho a Sá. Para ele, os filhos que tivera com Keffria eram meros instrumentos, eram apenas o sangue que reivindicaria para obter o controle do navio-vivo. Bem, ele deixara as cartas bem à mostra. Quando voltassem ao porto, Althea ia contar ao pai exatamente o que Kyle planejara e como fora maltratada. Talvez o pai reconsiderasse a decisão de que a filha era jovem demais para capitanear o navio. Mandaria Kyle embora para encontrar algum pedaço morto de madeira que pudesse arrastar pelos mares, e a *Vivácia* seria entregue de volta aos cuidados de Althea, sob os quais estaria segura e seria respeitada. Ela sentiu uma resposta do navio através das palmas das mãos. A *Vivácia* era dela, não importavam os planos que Kyle pudesse tramar. Ele jamais teria a embarcação.

Ela se remexeu no catre outra vez. Seu corpo estava grande demais para o leito. Teria que chamar o carpinteiro do navio para reformar a cabine. Se colocasse o catre no anteparo, abaixo da portinhola, teria como aumentar um

palmo de comprimento. Não era muito, mas mesmo aquele pouco já ajudaria. A escrivaninha poderia ficar encostada na outra parede... Ela então franziu a testa, lembrando-se de como o carpinteiro a traíra. Bem, nunca tinha gostado muito do sujeito, que também nunca se importara com ela. Devia ter imaginado que ele era o culpado pelas desavenças entre ela e Kyle, com suas fofocas.

E também devia ter imaginado que não tinha sido culpa de Brashen, que não era homem de agir pelas costas, não importava o que Kyle pudesse pensar dele. Não, Brashen tinha dito na cara dela, e com bastante grosseria, que Althea era uma criança encrenqueira e que a queria longe de suas vistas. Quanto mais ela pensava naquilo, mais a memória daquela noite na taverna ficava nítida. Brashen brigara com ela como se Althea fosse uma novata, dizendo que ela não devia criticar as decisões do capitão com a tripulação nem falar de seus assuntos familiares em público. E a resposta tinha vindo muito fácil: “Nem todo mundo tem vergonha de falar da própria família, Brashen Trell.”

Depois daquela resposta, ela se levantara e dera o fora.

Na hora tinha pensado em deixá-lo ali, sentado, remoendo aquela verdade. Conhecia a história de Brashen, podia apostar que metade da tripulação também, mesmo que não ousassem falar a respeito na frente dele. Ele tinha sido resgatado pelo pai de Althea quando estava prestes a ir preso pelo tanto de dívidas contraídas. A única saída teria sido a servidão, já que a família dele estava farta de toda aquela vagabundagem. E todos sabiam o destino de quem era forçado à servidão. Brashen teria acabado em Calcede, com o rosto cheio de tatuagens de escravo, não fosse por Ephron Vestrit. E, ainda assim, ousara falar com ela com aquela grosseria. Brashen Trell se achava grande coisa.

Para falar a verdade, os Trell eram quase todos assim. No Baile da Colheita dos Mercadores do ano anterior, o irmão mais novo de Brashen tinha tido a audácia de ir duas vezes pedir uma dança a Althea. Cerwin podia até ser o herdeiro Trell, mas não devia ser tão atrevido. Ela abriu um sorriso enviesado com a lembrança da expressão de Cerwin quando ela o recusou com certa frieza. Ele tinha aceitado a recusa com a educação que lhe fora ensinada, mas nem todo o treinamento do mundo tinha sido capaz de impedir seu rosto de ruborizar. O herdeiro Trell era mais educado do que Brashen, mas com um corpo esguio de menino, sem os músculos do irmão — por outro lado, tinha sido esperto o bastante para não desperdiçar o nome e a fortuna da família.

Althea decidiu parar de pensar em Brashen. Suspeitava que Kyle fosse dispensá-lo no fim da viagem, mas não ficaria particularmente triste em vê-lo partir. Mas seu pai ficaria. O pai sempre tratara Brashen com um pouco de

favoritismo, pelo menos em terra firme. A maioria das outras famílias Mercadoras não recebia mais Brashen em suas casas, depois que ele foi deserdado. Ephron Vestrit, no entanto, simplesmente dera de ombros, dizendo: “Herdeiro ou não, ele é um bom marujo. Se um marinheiro não é digno de entrar em minha casa, então não é digno dos meus conveses.”

Não que Brashen os visitasse com frequência ou que alguma vez tenha se sentado à mesa com eles. E, no navio, seu pai e Brashen se comportavam estritamente como comandante e comandado. O pai só devia ter falado para ela sobre sua admiração pela presença de espírito do jovem Trell, que tinha se reerguido e se tornado digno de respeito. Althea não mencionara nada disso a Kyle. Ele que cometesse mais um erro aos olhos do pai. Deixaria que Ephron visse o tipo de mudanças que aquele sujeito traria à *Vivácia*, se não fosse impedido.

Estava muito tentada a sair para o convés só para desafiar a ordem de Kyle. O que ele poderia fazer? Mandar algum taifeiro enfiá-la de volta na cabine? Nenhum tripulante naquele navio ousaria tocar um dedo que fosse nela, e não só porque ela era Althea Vestrit. A maioria dos marujos gostava dela e a respeitava — coisa que conquistara sozinha, que não comprara com seu nome. Apesar do que Kyle tinha dito, ela conhecia aquele navio melhor do que qualquer marinheiro a bordo. Conhecia a embarcação como apenas uma criança que crescera a bordo de um navio podia conhecê-lo. Sabia de recantos nos porões onde nenhum adulto conseguiria se enfiar, escalara mastros e balançara em cordames como as crianças normais subiam em árvores. Mesmo que não fizesse os turnos regulares, conhecia o trabalho de cada tripulante e podia fazê-lo. Talvez não trançasse tão rápido quanto o melhor aparelhador que tinham, mas sabia trançar uma corda bela e resistente, e cortava e costurava lona tão bem quanto qualquer taifeiro. Achava que tinha sido a intenção do pai ao trazê-la a bordo: que ela aprendesse sobre o navio e as tarefas de cada marinheiro para manter a embarcação funcionando. Kyle podia desprezá-la como mera filha mais nova da família, mas Althea nem sequer cogitava a possibilidade de o pai pensar que ela não estava à altura dos três filhos homens que a família perdera para a Praga de Sangue. Ela não era uma mera substituta para um homem. Ela era a herdeira de Ephron Vestrit.

Sabia que podia desafiar a ordem de Kyle sem qualquer consequência. Mas o mais provável era que ele descontasse na tripulação, punindo a todos por não obedecerem prontamente sua ordem de confiná-la à cabine. Não permitiria que isso acontecesse. Aquela briga era entre ela e Kyle, e Althea resolveria o assunto sozinha. Porque, apesar do que o cunhado dissera, ela não se importava só

consigo mesma. *Vivácia* merecia uma boa tripulação, e, com exceção de Kyle, o pai escolhera bem cada tripulante. O salário era bom, maior do que em outros lugares, justamente para manter os marujos capazes e dispostos a bordo. Althea não daria nenhuma desculpa para Kyle demitir qualquer um deles. Sentiu outra pontada de culpa por ter tido parte no destino que se abateria sobre Brashen.

Tentou parar de pensar no jovem Trell outra vez, mas as ideias se recusavam a deixá-la em paz. Lembrava de vê-lo parado a sua frente, os braços cruzados sobre o peito, encarando-a de cima, como costumava fazer, já que era tão alto. Os lábios apertados em desaprovação, estreitando os olhos castanhos, até a barba parecendo arrepiada de irritação. Brashen podia ser um bom tripulante e um imediato promissor, mas tinha um ar muito desafiador. Abandonara o sobrenome Trell, mas não os modos aristocráticos da família. Althea respeitava o fato de ele ter subido por conta própria até a posição de imediato, mas ficava irritada ao vê-lo andar e falar como se o comando fosse seu por direito de nascença. Talvez tivesse sido, um dia, mas, quando abandonara a aristocracia da própria família, devia ter descartado a atitude orgulhosa junto com o sobrenome.

Althea rolou e saltou para fora do catre, aterrissando delicadamente no convés. Foi até o baú de bordo e o abriu. Era ali que guardava as coisas que poderiam distraí-la de todos aqueles pensamentos desagradáveis. Tinha começado a achar meio irritante olhar para as bugigangas que comprara para Selden e Malta. Gastara um bom dinheiro naqueles presentes para a sobrinha e o sobrinho. Por mais que gostasse dos dois, as crianças naquele momento pareciam ser apenas filhos de Kyle, pretensos substitutos para sua presença na embarcação. Afastou a boneca com roupas elaboradas que escolhera para Malta e a colocou junto do pião de cores vivas de Selden. Debaixo dos brinquedos estavam os rolos de seda comprados em Presa. O cinza-prateado era para a mãe, e o malva, para Keffria. Embaixo dos dois estava o rolo verde que escolhera para si mesma.

Alisou a seda com o dorso da mão. Um tecido macio adorável. Althea pegou a renda cor de creme que escolhera para combinar com o verde. Planejava levar os rolos à Rua dos Alfaiates assim que chegasse a Vilamonte. Pediria à sra. Violeta que costurasse um vestido para o Baile de Verão. A mulher cobrava caro, mas seda daquela qualidade merecia uma costureira habilidosa. Althea queria um vestido que destacasse a cintura longa e os quadris arredondados e que talvez atraísse um parceiro de dança mais másculo do que o irmão mais novo de Brashen. Mas não podia ser muito apertado na cintura, decidiu: as danças no Baile de Verão eram animadas, e queria respirar sem dificuldade. Decidiu que pediria umas saias volumosas que se mexessem com os passos complexos das

danças, mas não tanto que chegassem a atrapalhar. A renda creme ficaria em volta do decote modesto, talvez fazendo-o parecer mais amplo. Usaria o cabelo escuro preso com grampos de prata. Seu cabelo era grosso como o do pai, mas a cor viva e o volume mais que compensavam. Talvez a mãe finalmente permitisse que ela usasse as contas de prata que a avó deixara como herança. Claro que no papel as contas eram de Althea, mas a mãe parecia aflita em abrir mão da guarda das joias, quase sempre citando a raridade e o valor do adorno como razões para não serem usadas sem o devido cuidado. Combinariam bem com os brincos de prata que comprara em Brigue.

Althea se levantou, sacudiu o rolo de seda para ele se abrir e ergueu o tecido contra o corpo. O espelho da cabine era pequeno, então só dava para ver como o rosto bronzeado ficava acima da seda verde enrolada por sobre o ombro. Althea alisou o tecido, mas as mãos ásperas se prenderam entre as tramas. Balançou a cabeça. Teria que passar pedra-pomes nelas todos os dias, quando voltasse para casa, a fim de se livrar dos calos. Adorava trabalhar na *Vivácia* e sentir o navio responder às tarefas dos marinheiros, mas as mãos e a pele pagavam caro por isso, sem falar nos machucados que apareciam nas pernas. Era a segunda maior objeção da mãe sobre ela navegar com o pai: a atividade arruinava sua aparência para qualquer evento social. A primeira e principal objeção era de que a filha devia ajudar nas tarefas de administração da casa e das terras. Althea ficou deprimida, se perguntando se a mãe enfim conseguiria o que queria. Deixou a seda escorregar das mãos e estendeu os braços para o alto, tocando a madeira pesada que sustentava os conveses da embarcação.

— Ah, *Vivácia*, eles não podem nos separar agora. Não depois de todos esses anos, não com você tão perto de despertar. Ninguém tem o direito de tirar isso da gente — sussurrava as palavras, ciente de que não precisava dizê-las em voz alta, tão forte era sua ligação com o navio. Poderia jurar que sentiu um tremor de resposta. — E meu pai também quis cultivar esse elo entre nós. Foi por isso que ele me trouxe a bordo quando eu era tão pequena, para que quando chegássemos à maioridade, a gente já fosse amigas.

Houve um segundo tremor minúsculo nas madeiras do navio, tão tênue que qualquer outra pessoa poderia não ter notado. Mas Althea conhecia a *Vivácia* bem demais para se enganar. Fechou os olhos e se abriu para o navio, expondo todos os medos, a raiva, as esperanças. Sentiu a agitação suave do espírito ainda adormecido da *Vivácia*, numa resposta tranquilizadora.

No futuro, depois que a embarcação tivesse despertado, seria com ela que o navio preferiria falar. Seria à sua mão no leme que a *Vivácia* responderia mais prontamente. Althea sabia que, por ela, o navio enfrentaria os ventos de bom

grado, se empenharia em cruzar os mares adversos. Juntas, as duas iriam em busca de portos comerciais e produtos com os quais nem mesmo os mercadores de Vilamonte poderiam competir, maravilhas que superariam até as do povo dos Ermos Chuvosos. E, quando ela morresse, seria seu próprio filho ou filha quem assumiria o leme, não uma das crias de Kyle. Prometeu isso a si mesma e ao navio. Secou as lágrimas com o dorso da mão e se abaixou para juntar e pegar a seda no chão.

Estava cochilando na areia. Cochilando. Era a palavra que os humanos usavam, mas Estalão não achava que o que fazia era similar ao sono que levava os homens. Achava que um navio-vivo não podia dormir. Não... não tinha nem mesmo essa possibilidade de fuga. O que ele fazia era ir a outro lugar em sua própria mente, mergulhar tão fundo naquele momento passado que até podia afastar o tédio mortal do presente. Quase sempre escolhia um ponto específico no passado. Não tinha muita certeza do que era aquela lembrança. A memória tinha começado a se perder e rarear desde que tinham sumido com seus diários de bordo. Havia grandes lacunas em sua mente, o que lhe impedia de conectar os eventos a um tempo específico. Às vezes, achava que deveria se sentir grato por isso.

Enquanto cochilava ao sol, tinha decidido mergulhar numa memória de calor e saciedade. O raspar suave da areia sob o casco ia aos poucos virando uma outra sensação, mas ele não conseguia definir qual era — e nem tentou muito. Bastava se agarrar a uma lembrança antiga de quando se sentia pleno, satisfeito e aquecido.

Vozes humanas o tiraram do devaneio.

— É isso? Você tinha dito que o navio está aqui há quanto tempo mesmo? Trinta anos? — As palavras saíam com sotaque. Estalão achou que fosse jamailliano. E da capital, da própria Jamaillia. Sabia que os humanos das províncias do sul sempre comiam as consoantes finais, só não sabia por que sabia daquilo.

— É — respondeu outra voz. Era mais velha.

— Mas não tem a menor chance de isso estar aqui há trinta anos — afirmou a voz com sotaque. — Um navio largado por trinta anos numa praia, fora da água, devia estar cheio de buracos de carunchos, todo coberto de cracas.

— Mas esse é de madeira-arcana — retrucou a voz mais velha. — Navios-vivos não apodrecem, Mingsley. Nem servem de comida para vermes e cracas. E não é só por isso que são tão caros e tão procurados. Essas belezas duram

gerações, e com bem menos da manutenção de casco de um navio comum. Quando estão no mar, cuidam de si mesmos. Gritam para o timoneiro se avistarem algum perigo. Tem uns que quase navegam sozinhos. Já ouviu falar de algum outro navio que avisa quando a carga se soltou ou quando está ficando sobrecarregado? Um navio de madeira-arcana em pleno mar é uma visão maravilhosa! Que outr...

— Tá bom. Mas por que foi que tiraram este aqui da água e o largaram na praia? — A voz mais nova soava extremamente cética. Era evidente que Mingsley não confiava no mais velho.

Estalão quase ouviu o dar de ombros junto com a resposta.

— Você sabe como os marinheiros são supersticiosos. Este navio tem uma reputação de azar. Muito azar. Eu até poderia contar a história toda, se você quisesse. Sei que mais ninguém vai querer falar no assunto. O *Estalão* matou muitos homens. Incluindo o dono e seu filho.

— Hum. Bem, se eu comprasse isso aqui, não seria como navio. E também não ia querer pagar o preço de um navio. Para falar a verdade, eu só quero a madeira. Ouvi várias histórias estranhas sobre essa madeira, ela faz muito mais do que navios-vivos que despertam e se movem e falam. Inclusive, já vi essas embarcações no porto, não é novidade. Não que um recém-chegado como eu seja bem recebido lá na muralha norte, onde atracam esses navios-vivos. Mas já os vi se mexendo e falando. Acho que, se dá para fazer uma figura de proa viva, também daria para fazer o mesmo com uma escultura menor da mesma madeira. Sabe quanto pagariam por uma coisa dessas lá em Jamaillia? Uma escultura que fala e se mexe?

— Não faço ideia — respondeu o mais velho, hesitante.

O jovem soltou uma gargalhada sarcástica.

— É claro que não! Nunca nem tinha pensado nisso, não é? Vamos lá, homem, seja honesto. Por que nunca fizeram uma estátua dessas?

— Não sei. — A resposta veio rápida demais para ser verdade.

— Certo — retrucou Mingsley, cético. — Vilamonte já existe há tanto tempo aqui no Litoral Amaldiçoado, e ninguém pensou em vender madeira-arcana para qualquer outra terra. Querem que fique só com os locais. E só para fazer navios. Tem alguma informação importante faltando aqui, não tem? Será que a peça de madeira precisa ser desse tamanho para poder despertar? Será que precisa ser mergulhada em água salgada durante um tempo? O que é?

— É só que... nunca tentaram fazer isso. Vilamonte é um lugar estranho,

Mingsley. Temos nossas tradições, nosso folclore, nossas superstições. Quando nossos ancestrais saíram de Jamaillia, tantos anos atrás, e vieram tentar colonizar o Litoral Amaldiçoado... Olha, a maioria veio porque não tinha outra opção. Alguns eram criminosos, outros tinham envergonhado ou arruinado os nomes da família, outros eram malvistos até pelo sátrapa. Foi quase um exílio. Eles vieram com a promessa de que, caso sobrevivessem, cada família poderia reivindicar duzentos acres de terra e receber anistia pelo passado. E o sátrapa também prometeu que deixaria as famílias em paz, com o monopólio sobre o que achassem que valia a pena comercializar. E era por causa dessa concessão que essas pessoas pagavam ao sátrapa um imposto de cinquenta por cento sobre os lucros. O acordo funcionou por anos.

— E agora não funciona mais. — Mingsley gargalhou com escárnio. — Como é que alguém conseguiu acreditar que um acordo desses duraria para sempre? Sátrapas são humanos. E o sátrapa Cosgo acha que tem um tesouro pequeno demais para os hábitos que adquiriu enquanto esperava o pai morrer. Ervas do prazer calcedianas não são baratas, e depois que a pessoa começa... Ah, ervas inferiores não chegam à altura. Foi por isso que ele vendeu novas concessões comerciais e de terra para Vilamonte e o Litoral Amaldiçoado. E, quando a gente chegou aqui, fomos muito mal recebidos. Vocês agem como se a gente fosse arrancar o pão de suas bocas, mas todo mundo sabe que negócios só geram mais negócios. Ora, olhe só para nós. Este navio está apodrecendo nesta praia há trinta anos, ou pelo menos é o que você diz, sem servir de nada para ninguém, nem para os donos. Mas, se eu o comprar, o dono vai receber um bom dinheiro. E aposto que você também vai ganhar uma boa comissão. E eu vou ter uma boa quantia dessa madeira-arcana misteriosa.

Mingsley ficou quieto. Estalão reparou no silêncio que o interlocutor mais velho permitiu que se estendesse. Depois de um tempo, o jamailliano prosseguiu, a insatisfação perceptível na voz:

— Mas tenho que admitir que fiquei desapontado. Achei que o navio estava acordado. Achei que ele fosse falar com a gente. Você não me avisou que a figura de proa tinha sido vandalizada. Ele morreu?

— O *Estalão* só fala quando lhe dá na telha. Aposto que ele ouviu cada palavra do que dissemos.

— Ah, é isso mesmo, navio? Você ouviu cada palavra do que dissemos?

Estalão não viu razão alguma para responder. Depois de algum tempo, ouviu o humano novo soltando um muxoxo. O sujeito foi dando a volta no navio, devagar, seguido pelo companheiro mais velho, com passos mais pesados e

lentos.

Depois de um tempo, Mingsley prosseguiu:

— Bem, meu amigo, acho que isso vai diminuir consideravelmente o preço que posso oferecer pelo navio. Dei minha primeira estimativa acreditando que daria para arrancar a figura de proa e levá-la para Jamaillia, para vender essa madeira desperta. Ou que eu acabaria dando esse negócio de presente para o sátrapa em troca de concessões de terra, o que é mais provável. Mas isso aqui... madeira-arcana ou não, é um entalhe bem feio. No que o escultor estava pensando quando entalhou um rosto desses? Será que algum artesão conseguiria remodelar esse negócio?

— Talvez — retrucou o mais velho, desconfortável. — Não sei se isso seria muito sensato. Achei que você estivesse interessado no *Estalão* como ele é e como está agora, não como fonte de madeira-arcana. Mas lembre-se de que ainda não falei com os Ludventura sobre vender o navio. Eu não queria sugerir isso a eles sem ter certeza do seu interesse.

— Ah, Davad, não acredito que você me acha tão ingênuo assim. O *Estalão* é só um casco encalhado. Os donos provavelmente vão ficar felizes em se livrar desse negócio. Se esse navio tivesse condições de navegar, duvido que estaria preso à praia.

— Bem... — O velho fez uma longa pausa. — Acho que nem mesmo os Ludventura aceitariam vender o navio, se soubessem que ele seria feito em pedaços. — Ele suspirou. — Mingsley, eu lhe aconselho a não fazer isso. Comprar o navio para consertar é uma coisa, mas você quer fazer algo completamente diferente. Nenhum dos Velhos Mercadores vai negociar com alguém querendo botar uma ideia dessas em prática. E eu, se intermediasse, acabaria arruinado.

— Então é melhor você tratar minhas intenções com muita discrição, quando transmitir a oferta. Assim como tenho sido discreto ao tratar da compra desse casco. — Mingsley soava condescendente. — Sei que os Mercadores de Vilamonte têm muitas superstições estranhas, e não quero insultar ninguém. Se aceitarem minha oferta, vou botar esse navio na água e levar tudo para bem longe daqui antes de desmantelar o casco. Já diz o ditado: o que os olhos não veem, o coração não sente. Satisfeito?

— Acho que sim — murmurou o outro, infeliz. — Talvez.

— Ah, não precisa ficar triste. Venha. Vamos voltar para a cidade, eu pago o jantar. No Souska. Você tem que admitir que a oferta é boa, eu conheço os preços de lá e sei que você gosta da mesa farta. — O mais novo riu da própria

piada. O mais velho não reagiu. — Depois, ainda hoje, você vai visitar a família Ludventura para apresentar “discretamente” a minha oferta. É para o bem de todos. A família ganha dinheiro, você ganha uma comissão, e meus financiadores ganham um monte de madeira rara. Você consegue pensar em algum infortúnio que sairia disso, Davad?

— Não — murmurou o mais velho. — Mas acho que você vai descobrir por conta própria. Falando ou não, o navio está vivo e tem suas próprias opiniões. Se você tentar despedaçar o casco todo, ele com certeza não vai ficar quieto.

O mais novo gargalhou, animado.

— Sei que você só está dizendo isso para me deixar mais interessado, Davad. Venha. Vamos voltar para a cidade. Vamos ao Souska. Alguns dos meus financiadores gostariam muito de conhecê-lo.

— Você me prometeu discrição — protestou o mais velho.

— Ah, eu lhe garanto que fui discreto. Mas você não pode esperar que alguém vá investir dinheiro nas minhas causas só por confiar em mim. Eles querem saber o que estão comprando e de quem. Mas fique tranquilo, são homens discretos. Todos eles.

Estalão ficou escutando durante um longo tempo, ouvindo os passos cada vez mais distantes dos dois, até que os sons baixos foram abafados pelos ruídos mais penetrantes das ondas e dos gritos das gaivotas.

— Despedaçar o casco — repetiu, experimentando a sensação das palavras na boca. — Bem, não soa muito agradável. Mas pelo menos seria mais interessante do que ficar largado aqui. E pode ser que eu morra com isso. Pode ser.

Era uma perspectiva agradável. Estalão deixou os pensamentos vagarem, considerando a nova ideia. Não tinha mais nada com que ocupar a mente.



3

EPHRON VESTRIT

Ephron estava morrendo. Ronica encarou o rosto cada vez mais magro do marido, gravando aquele pensamento na mente. Ephron Vestrit estava morrendo. Sentiu uma onda de raiva, ficou irritada com ele. Como é que Ephron fazia isso com ela? Como podia morrer agora, deixando-a para cuidar de tudo sozinha?

Sabia que, em algum lugar sob as marés de emoções superficiais, a correnteza fria e profunda da tristeza tentava puxá-la para baixo, afogá-la. Lutou para se livrar daquele puxão, para continuar sentindo apenas raiva. *Mais tarde,* disse a si mesma. *Mais tarde, quando isso estiver acabado e eu tiver feito tudo o que preciso fazer, aí, sim, vou me permitir parar e sentir*. Mais tarde.

Apertou os lábios com força, exasperada. Molhou um pano na água morna que cheirava a bálsamo e limpou gentilmente a pele exposta do marido. Primeiro o rosto, depois as mãos flácidas. Ele se remexeu sob seu toque, mas não despertou. Ronica não achava que ele fosse despertar. Já tinha tomado o xarope de papoula duas vezes naquele dia, uma tentativa de manter a dor afastada. Ela esperava que, pelo menos naquele momento, Ephron não estivesse dominado pela dor.

Passou mais uma vez o pano delicadamente pela barba do marido. Aquela desajeitada da Rache tinha deixado ele se babar de novo com o caldo. Era como se a mulher não se importasse em fazer as coisas direito. Ronica achava que devia mandá-la de volta para Davad Recomeço. Odiaria ter que fazer isso, já que Rache era jovem e inteligente. Não merecia acabar como escrava.

Davad simplesmente levara a mulher até lá, um dia. Ronica tinha achado que Rache era parente ou convidada do amigo, já que falava e se comportava de uma forma que sugeria que era bem-nascida — isso quando não estava encarando o nada, tristonha. Ronica tinha ficado chocada quando Davad lhe oferecera a mulher como criada, dizendo que não ousaria mantê-la em sua própria casa. Ele nunca explicara aquilo, e Rache se recusava a sequer tocar no assunto. Ronica achava que, se mandasse a mulher de volta, Davad simplesmente daria de ombros e a enviaria para Calcede para ser vendida como escrava. Enquanto permanecesse em Vilamonte, Rache era oficialmente uma trabalhadora servil. Ainda tinha a chance de construir uma vida para si mesma, se pelo menos

tentasse. Mas ela se recusava a se adaptar à nova posição. Obedecia às ordens que lhe eram dadas, mas sem nenhuma delicadeza ou boa vontade.

Na verdade, à medida que as semanas passavam, Ronica tinha a impressão de que Rache ficava cada vez mais ressentida de suas tarefas. No dia anterior, tinha pedido à mulher que cuidasse de Selden, mas Rache parecera chocada. O garoto tinha apenas sete anos, mas parecia causar uma estranha aversão na criada. Rache balançara a cabeça com força, sem falar, mantendo os olhos baixos, até Ronica mandá-la para a cozinha. Talvez aquele comportamento fosse só para descobrir até onde podia provocar a nova senhora antes de ser castigada. Bem, ela logo descobriria que Ronica Vestrit não era mulher de mandar espancar os criados ou reduzir a porção de comida. Se Rache não conseguisse aceitar viver com conforto numa casa de qualidade, executando tarefas relativamente leves para uma senhora bondosa... bem, então teria que voltar para Davad, assumir as consequências de sua atitude e descobrir o que o destino lhe reservava. Não havia mais o que fazer. Uma pena, Rache tinha potencial.

Também era uma pena que, apesar da gentileza em lhe oferecer a criada, Davad estivesse perigosamente perto de se tornar um traficante de escravos. Ronica nunca pensou que veria uma das famílias antigas atraída para um comércio tão vil. Balançou a cabeça, afastando aquele assunto da mente. Tinha coisas mais importantes em que pensar, coisas mais relevantes do que o temperamento amargurado da criada e do envolvimento de um amigo Mercador com atividades nos limites da lei.

Ephron estava morrendo, afinal.

Tomar consciência daquilo fazia a dor voltar. Era como uma farpa no pé que ninguém conseguia arrancar, uma agulhada de consciência se cravando em sua pele a cada passo.

Ephron estava morrendo. Seu marido maravilhoso e ousado, seu jovem capitão, tão belo e atraente, o pai de seus filhos, tão forte, o companheiro de seu corpo... Ele de repente tinha se tornado um amontoado frágil de carne, suando e gemendo e choramingando como uma criança. Quando se casaram, Ronica não conseguia envolver o braço musculoso do noivo nem com as duas mãos. Agora, aquele braço era apenas osso enrolado em carne flácida. Ela fitou o rosto do marido. A pele perdera as marcas do mar e do vento, parecia quase da cor do linho dos lençóis. O cabelo continuava preto como sempre, mas perdera o brilho, parecia opaco quando não estava coberto de suor. Não. Era difícil encontrar qualquer traço do Ephron que ela conhecera e amara durante 36 anos.

Ronica pôs de lado a bacia e o pano. Sabia que devia deixá-lo dormir. Era

tudo o que podia fazer pelo marido: mantê-lo limpo, medicá-lo contra a dor e deixá-lo dormir. Teve a lembrança amarga de todos os planos que tinham, conspirando até o amanhecer deitados na cama grande, os lençóis sufocantes jogados de lado, as janelas escancaradas para deixar entrar a suave brisa noturna.

“Quando as garotas estiverem crescidas”, prometia Ephron, “depois que casarem e tiverem as próprias vidas, vamos retomar de onde paramos. Quero levar você comigo para as Ilhas Perfumadas, minha querida. Que tal? Um ano de pura maresia e nada para fazer além de ser a esposa do capitão. E, quando chegarmos lá... Ah, não vamos nos apressar para conseguir um carregamento. Vamos juntos para as Montanhas Verdes. Conheço um chefe lá que sempre me convida para visitar a aldeia. Podemos montar aqueles burrinhos engraçados até a beira do céu e...”

“Prefiro ficar em casa com você”, respondia ela, sempre que faziam planos. “Quero que você fique aqui em casa comigo durante um ano inteiro, quero você ao meu lado para ver a passagem das estações. Podemos ir até nossas propriedades nas colinas, na primavera. Você nunca viu o lugar quando as árvores estão tão cobertas de flores vermelhas e laranja que não dá para ver nenhuma folha. E queria que você sofresse com a colheita do mafe ao meu lado pelo menos uma vez. Vamos levantar todas as manhãs antes de o sol nascer para acordar os trabalhadores e levar todos eles para colher as favas maduras antes que o sol chegue para secá-las. Estamos casados há 36 anos e você nunca me ajudou com isso. Aliás, em todos esses anos de casamento, você nunca esteve em casa para ver nossa árvore matrimonial florescer. Você nunca viu os botões de rosas crescendo e desabrochando, tão perfumados.”

“Ah, vamos ter muito tempo para isso. Vamos ter tempo para fazer buquês e trabalhar a terra, quando as garotas estiverem crescidas e as dívidas, pagas.”

“E, quando isso acontecer, você vai passar um ano inteiro só comigo”, lembrava ela.

Ephron sempre prometia, em resposta: “Um ano inteiro de mim. Acho que você vai enjoar antes de acabar o tempo. Vai me implorar para voltar para o mar e deixar você dormir em paz.”

Ronica enfiou o rosto nas mãos. É, Ephron tinha passado um ano em casa. Malditos deuses, que bela maneira de ter o desejo realizado. O marido passara o outono tossindo sem parar, febril, os olhos vermelhos, deitado o dia inteiro na cama de casal, olhando pela janela para o mar sempre que estava bem o bastante para se sentar. “É bom que ele esteja cuidando das duas”, resmungava, sempre que surgia uma nuvem carregada no céu, e Ronica sabia que o marido estava

pensando em Althea e na *Vivácia*.

Ephron tinha relutado muito em entregar o navio a Kyle. Queria que ficasse com Brashen, um garoto despreparado. Passaram semanas discutindo até ele compreender como aquilo seria visto na cidade. Kyle era seu genro, já trabalhara como capitão de três outros navios. Se ele colocasse Brashen no comando da *Vivácia*, seria um tapa na cara do marido de sua filha mais velha, isso sem falar da família Porto. Embora não fossem Mercadores de Vilamonte, eram uma família antiga da região. E, a julgar pelo andamento dos negócios da família Vestrit nos últimos tempos, eles não podiam se dar ao luxo de ofender ninguém. Então, no último outono, Ronica convencera o marido a confiar sua preciosa *Vivácia* a Kyle e tirar férias para fortalecer os pulmões.

Ephron tinha parado de tossir quando o inverno escureceu o céu e embranqueceu as ruas. Ronica chegara a pensar que ele estava melhorando, só que o marido não parecia capaz de *fazer* nada. No começo, perdia o fôlego só de andar pela casa. Depois, o ar acabava no caminho entre o quarto do casal e a sala de estar. Quando a primavera chegou, ele só conseguia percorrer aquela distância com algum apoio.

Ephron finalmente esteve em casa para ver o florescer da árvore matrimonial, que foi se desenrolando conforme o ano ficava mais quente. Havia esperança em algumas semanas, pois, apesar de não mostrar sinais de melhora, Ephron pelo menos não tinha piorado. Ronica ficava sentada ao seu lado no sofá, costurando, ou cuidava da contabilidade enquanto ele entalhava alguma coisa ou fazia capachos de corda para as soleiras das portas. Tinham conversado sobre o futuro, e ele demonstrara alguma preocupação com o navio e a filha mais nova. Sempre que não concordavam, o assunto era Althea. Mas isso não era nenhuma novidade. Discordavam sobre o futuro da menina desde o seu nascimento.

Ephron nunca conseguia admitir que mimava a filha mais nova. A Praga de Sangue levara seus meninos, um a um, naquele maldito ano da doença. E, quase vinte anos depois, Ronica ainda sentia um aperto no peito ao pensar nos três filhos. Três menininhos brilhantes levados em menos de uma semana. Keffria quase não sobrevivera. Ronica achou que acabariam loucos vendo todas as flores masculinas serem arrancadas da árvore da família. Mas Ephron voltara a atenção e as esperanças para o bebê que ela abrigava no ventre. Por mais que o marido tivesse sido atencioso durante as outras vezes em que ela esteve grávida, daquela vez chegara a deixar o navio atracado por duas semanas a mais que o normal só para ter certeza de que estaria em casa durante o nascimento.

Quando o bebê se revelou uma menina, Ronica achou que Ephron ficaria

amargurado. Mas ele dera toda a atenção à jovem filha, como se, só por sua vontade, pudesse transformá-la em homem. Encorajara a impetuosidade e a teimosia da garota até Althea começar a deixar a mãe louca. Ephron sempre negava que o comportamento da filha fosse mais que pura animação. Não recusava nada à menina e, quando Althea quis ir com ele no navio, Ephron consentiu. Tinha sido uma viagem curta, e Ronica recebera o navio nas docas convencida de que encontraria uma garota sofrida, traumatizada por uma boa dose da vida difícil a bordo. Mas o que viu, pendurada no cordame, foi uma macaca selvagem com o cabelo negro cortado bem curto, descalça e de braços de fora. Desde então, a garota sempre navegara com o pai. E agora estava navegando sem ele.

Também tinham discutido aquilo. Ronica precisara de toda sua eloquência e do argumento da dor do marido para convencê-lo de que deveria ficar em casa por algum tempo. Tinha achado que Althea também ficaria em casa. O que ela faria a bordo de um navio sem o pai? Só que Ephron tinha ficado horrorizado com a sugestão.

— E deixar o navio-vivo da família zarpar sem alguém do nosso sangue a bordo? Sabe o azar que isso atrairia, mulher?

— A *Vivácia* ainda não despertou. Kyle, que tem laços conosco por casamento, com certeza é o bastante. Faz quase quinze anos que ele é marido de Keffria! Althea precisa ficar em casa por um tempo. Será ótimo para o cabelo e a pele, e ela teria a chance de ser vista na cidade. Althea está em idade de casar, Ephron, ou pelo menos de ser cortejada. Mas, para isso, precisa ser vista. Ela só aparece uma ou duas vezes por ano, num Baile de Primavera aqui, numa Reunião da Colheita ali. As pessoas quase não sabem quem é, quando ela sai à rua. E os jovens das famílias de Mercadores só a encontram de calça e casaco, com o cabelo trançado nas costas e a pele dura como couro curtido. Não é nem de longe uma maneira apropriada de apresentá-la à sociedade, se quisermos um bom casamento.

— Um bom casamento? É melhor que ela seja feliz, como a gente. Olhe só para Keffria e Kyle. Você ainda se lembra das fofocas, quando deixei que um capitão de sangue calcediano começasse a cortejar minha filha mais velha? Mas eu sabia que ele era um homem, e ela sabia o que sentia no próprio coração, e os dois são bem felizes. Olhe só para os filhos deles, saudáveis feito gaivotas. Não, Ronica, se tivermos que manter Althea na rédea curta, toda embonecada, só para atrair o olhar de algum homem, não é o tipo de pessoa que quero com ela. Prefiro que ela seja vista por um homem que admire sua força e personalidade. Daqui a pouco ela vai sossegar, virar uma dama, uma esposa, uma mãe. E duvido

que vá gostar dessa monotonia. Então vamos deixar a garota viver enquanto pode — concluiu Ephron, e se recostou nas almofadas, ofegante.

Como o marido estava muito doente, Ronica engolira a raiva de ouvi-lo fazer pouco da vida que ela levava e escondeu a inveja da liberdade e do jeito despreocupado da própria filha. E também não comentou que, pelo modo como iam os negócios da família, talvez Althea precisasse de um bom casamento. Ficou pensando, amargurada, que, caso conseguissem domar a garota, talvez pudessem casá-la com um de seus credores. De preferência algum com generosidade o bastante para perdoar a dívida da família como presente de casamento.

Ronica balançou a cabeça. Não. A seu próprio modo, com toda a sutileza do mundo, Ephron levara a discussão direto para seu ponto fraco: os dois tinham se casado porque estavam apaixonados. Assim como Keffria sucumbira aos encantos louros de Kyle. E, apesar das dificuldades por que a família vinha passando, Ronica torcia para que Althea se casasse com um homem que amava. Olhou para o marido, que ainda amava, sentindo-se cheia de uma afeição melancólica.

A luz do sol da tarde entrando pela janela perturbava o rosto de Ephron durante o sono. Ronica se levantou sem fazer barulho para fechar a cortina. Não gostava mais daquela vista. Em outros tempos, sentira um prazer intenso em olhar por aquela janela e ver o tronco e os galhos robustos da árvore matrimonial. Mas a planta agora estava seca e desfolhada no meio do jardim de verão, exposta como um esqueleto. Ronica sentiu um arrepio na espinha ao fechar a cortina.

Tinha desejado tanto ver as flores... Mas, naquela primavera, os pulgões que sempre pouparam a árvore a atingiram com toda a força. As flores ficaram escuras e caíram. Nenhuma se abriu para eles, e o odor das pétalas podres lembrava o de ervas funerárias. Em suas conversas, eles nunca sugeriram que aquilo pudesse ser um presságio. Nenhum dos dois era muito religioso. Só que a tosse de Ephron voltou pouco tempo depois — uma tosse curta e fraca que não fazia os pulmões expelirem nada, até o dia em que ele limpou a boca e o nariz e franziu a testa ao ver as manchas escarlates no lenço.

Tinha sido o verão mais longo da vida de Ronica. Os dias quentes eram um tormento para o marido, que achava que respirar o ar úmido e pesado não era nem um pouco melhor do que respirar o próprio sangue, tossindo coágulos pegajosos como que para provar o que dizia. Tinha emagrecido demais por causa da falta de apetite. Mas os dois não falavam de morte. O pensamento pairava por

toda a casa, mais opressor do que o ar úmido do verão. Ronica achava que falar naquilo deixaria a morte iminente ainda mais real.

Ela se moveu em silêncio, ergueu uma mesinha com todo o cuidado e a colocou diante da poltrona ao lado da cama. Botou os livros de registro, a tinta e a pena no tampo da mesa, junto com um punhado de recibos que precisavam ser registrados. Curvou-se sobre o trabalho, franzindo o cenho. As anotações, em sua letra pequena e precisa, não a deixavam nem um pouco animada. Parecia mais deprimente agora, que sabia que Ephron insistiria em examinar o livro da próxima vez que acordasse. Ele passara anos sem quase nenhum interesse pela administração das fazendas, dos pomares e das outras propriedades. “Eu vou deixar isso tudo nas suas mãos competentes, minha querida”, dizia, sempre que Ronica tentava falar de suas preocupações. “Eu cuido do navio e me certifico de que ele se pague enquanto estou vivo. Qualquer outra coisa, confio a você.”

Era ao mesmo tempo emocionante e assustador receber tamanha confiança do marido. Não era tão incomum que esposas administrassem a riqueza que traziam para o casamento como dote, e, com o tempo, muitas mulheres passavam a cuidar de muito mais do que isso. Mas, quando Ephron Vestrit entregou a administração de quase todas as propriedades à jovem esposa, Vilamonte ficara escandalizada. Já não era mais comum que as mulheres se metessem na parte financeira do casamento, e a retomada do costume lembrava demais a antiga vida pioneira deles. Os antigos Mercadores de Vilamonte eram conhecidos pelos modos inovadores, mas, com o aumento de suas posses, manter as mulheres afastadas das tarefas comerciais virou símbolo de riqueza. Confiar a fortuna de um Mercador a uma mulher era visto como vulgar e insensato.

Ronica sabia que Ephron não colocara em suas mãos apenas a própria fortuna, mas também sua reputação. Ela jurara que seria digna dessa confiança, e as propriedades prosperaram por mais de trinta anos. Tiveram safras ruins, pragas, geadas antecipadas e tardias com que lidar, mas uma boa safra de frutas sempre equilibrara a de algum grão que não estivesse indo bem, ou as ovelhas prosperavam quando os pomares sofriam. Se não tivessem a dívida pesada da construção da *Vivácia* para quitar, teriam sido ricos. Mesmo tendo que se preocupar com aquele pagamento, viveram com conforto. E, durante um bom tempo, tinham tido até um pouco mais que conforto.

Mas tudo tinha mudado nos últimos cinco anos. A família tinha deixado a vida de razoável fortuna para uma vida apenas confortável, e então para o que Ronica passara a chamar de “tempos de preocupação”. O dinheiro saía quase tão rápido quanto entrava, e sempre parecia que estava pedindo a um credor que esperasse mais um dia ou uma semana até que pudesse pagá-lo. Procurara Ephron várias

vezes para implorar por conselhos. Ele sempre hesitava, dizendo a ela que vendesse o que não estava dando lucro e reforçasse o que estava. Mas era esse o problema. A maioria das fazendas e dos pomares estava indo tão bem, como sempre, no que dizia respeito à produção. Só que tinham começado a competir com os grãos e frutas de Calcede, que eram mais baratos porque eram cultivados por escravos. Isso sem falar nas malditas guerras dos Navios Vermelhos no norte, que destruíram o comércio da região, e dos malditos piratas ao sul. Carregamentos despachados nunca chegavam aos destinos, e não havia o retorno do lucro esperado.

Ronica sempre temia pela segurança do marido e da filha, que viviam no mar, mas Ephron colocava os piratas na mesma categoria que as tempestades: eram os perigos que um bom capitão tinha de enfrentar. Ele voltava para casa com histórias assustadoras sobre como fugira de navios sinistros, mas todas tinham finais felizes. Nenhum navio pirata teria chances de se aproximar de um navio-vivo. Quando tentava dizer a Ephron que a guerra e os piratas estavam afetando o que restava dos bens da família, ele soltava uma risada alegre e dizia que ele e a *Vivácia* trabalhariam com mais afinco até as coisas melhorarem. Naquela época, ele não demonstrava interesse em ver os livros contábeis nem de ouvir as notícias sombrias dos outros mercadores e comerciantes. Ronica ainda se lembrava, muito frustrada, de como ele só parecia capaz de ver que as próprias viagens eram bem-sucedidas, que as árvores davam frutos e os grãos amadureciam nos campos, como sempre. Fazia uma viagem rápida a uma das propriedades, dava uma olhada superficial nos registros e voltava com Althea para o mar, deixando-a para trás, para lidar com os problemas.

Uma única vez, reuniu coragem suficiente para sugerir ao marido que talvez tivessem que voltar a fazer comércio pelo Rio da Chuva. Tinham direito sobre as rotas, os contatos e o navio-vivo. Na época da avó e do pai de Ephron, essa era a principal fonte de mercadorias da família. Mas o marido se recusava a subir o Rio da Chuva desde os tempos da Praga de Sangue. Só que não havia evidências concretas de que a doença viera dos Ermos Chuvosos — quem poderia dizer de onde vinha uma doença? Não tinha por que se culparem e se isolarem da parte mais lucrativa dos negócios. Ainda assim, Ephron apenas balançou a cabeça e a fez prometer nunca mais sugerir aquilo. Não tinha nada contra os Mercadores dos Ermos Chuvosos, e não negava que os produtos eram exóticos e belos. Mas enfiara na cabeça que não havia como comercializar magia, ainda que indiretamente, sem pagar um preço. E Ephron preferia a pobreza a correr tal risco.

Primeiro, foi preciso se desfazer dos pomares de macieiras, e com eles da

minúscula vinícola que fora seu maior orgulho. As parreiras também tiveram que ser vendidas, o que foi muito difícil. Ronica começara a cultivar as uvas no começo do casamento, seu primeiro empreendimento, e era uma alegria vê-las prosperar. Mas teria sido uma tolice ficar com elas, com o preço que fora oferecido pela venda. Era o suficiente para manter as outras propriedades nos eixos durante um ano. E assim foi.

A guerra e os piratas apertavam o nó financeiro sobre Vilamonte, e Ronica teve de entregar um empreendimento após o outro para manter funcionando o que restava. Tinha vergonha disso. Nascera na família Carrock, e, assim como os Vestrit, os Carrock eram uma das famílias Mercadoras originais de Vilamonte. E seus medos só eram confirmados, vendo as outras famílias antigas da região afundando enquanto mercadores novos e sedentos se mudavam para Vilamonte, comprando as propriedades e mudando a maneira como as coisas sempre tinham sido feitas.

Tinham trazido o tráfico de escravos para a região. No começo era só um ponto onde parar com a mercadoria no caminho para os Estados de Calcede, mas nos últimos tempos parecia que o fluxo de escravos que passava por Vilamonte era maior do que o de qualquer outro negócio. Só que não estavam mais de passagem. Cada vez mais campos e pomares eram cultivados por escravos. Ah, os proprietários afirmavam que eram trabalhadores servis, mas todos sabiam que os “trabalhadores” eram enviados para Calcede e vendidos como escravos caso não demonstrassem competência e disposição. Uma quantidade nada desprezível exibia tatuagens de escravidão nos rostos. Era mais um costume calcediano que parecia ter se tornado popular em Jamaillia e que agora também começava a ser aceito em Vilamonte. Eram os “Novos Mercadores”, pensou Ronica, com amargura. Podiam ter vindo de Jamaillia, mas traziam uma bagagem importada de Calcede.

Em teoria, a posse de escravos, exceto como mercadorias para venda, ainda era contra a lei de Vilamonte, mas isso parecia não incomodar os Novos Mercadores. Bastavam alguns subornos nas Docas Fiscais para os agentes do Tesouro do sátrapa de repente parecerem muito ingênuos, mais do que dispostos a acreditar que aquelas pessoas de rosto tatuado acorrentadas umas às outras eram trabalhadores servis, não escravos. As vítimas infelizes não resolveriam nada contando a verdade sobre sua situação. O Conselho dos Velhos Mercadores reclamara em vão. E até algumas das antigas famílias tinham começado a fazer pouco da lei. Mercadores como Davad Recomeço, lembrou Ronica, com amargura. Talvez o homem precisasse fazer aquilo para ficar livre das dívidas, afinal, eram tempos difíceis. Ele não tinha lhe contado justamente isso, no mês

anterior, quando Ronica comentou sobre suas preocupações com os trigais? Davad sugerira, mesmo sem usar as palavras exatas, que ela cortasse custos usando escravos para trabalhar nos campos. Até deu a entender que poderia providenciar o arranjo em troca de uma pequena fatia dos lucros. Ronica não queria nem pensar no quanto ficara tentada a aceitar o conselho.

Estava anotando o último registro deprimente nos livros quando o farfalhar das saias de Rache chamou sua atenção. Ergueu os olhos para a criada, já cansada da mistura de raiva e tristeza que sempre via no rosto da mulher. Era como se ela esperasse que Ronica é que tomasse alguma atitude para consertar sua vida, em vez de ela se mexer e tentar resolver alguma coisa. Será que a mulher não via que Ronica já tinha mais problemas do que conseguia lidar, com o marido morrendo e as finanças instáveis? Sabia que Davad tinha insistido em mandar Rache para ajudá-la com boas intenções, mas às vezes só queria que a mulher desaparecesse. Só que não havia uma boa maneira de se livrar daquela criada, e não importava quanto Ronica se irritasse: não conseguiria mandá-la de volta para Davad. Ephron nunca gostara da ideia de escravidão. Ronica achava que numa situação que a maioria dos escravos causava a si mesma, mas parecia um desrespeito ao marido condenar aquela mulher, ainda mais depois de Rache ajudar a cuidar dele em seu leito de morte. Mesmo que não tivesse feito um serviço exemplar.

— Pois não? — perguntou Ronica, irritada, vendo Rache parada no lugar sem dizer nada.

— Davad está aqui para ver a senhora — murmurou a criada.

— O Mercador Recomeço, você quer dizer? — corrigiu Ronica.

Rache assentiu, em silêncio. Ronica cerrou os dentes e desistiu.

— Vou recebê-lo na sala de estar — informou à criada, então acompanhou o olhar taciturno da garota até a porta, onde Davad já estava parado.

Como sempre, ele estava perfeitamente asseado. E, como sempre, tudo em suas roupas parecia um pouquinho errado. A calça justa era levemente mais larga nos joelhos, o gibão bordado estava amarrado com firmeza suficiente para estragar os vincos, o que fazia a barriga modesta parecer uma panela bojuda. Ele cacheara o cabelo oleando as mechas, que já não estavam tão cacheadas, então elas apenas pendiam em tufos oleosos. Mesmo que tivessem continuado cacheadas, o estilo só seria condizente com um homem mais jovem.

Ronica teve a presença de espírito de retribuir o sorriso, largando a pena e fechando o livro de registros. Torcia para que a tinta estivesse seca. Fez menção de se levantar, mas Davad gesticulou para que ela permanecesse onde estava.

Com outro pequeno gesto, Rache saiu correndo do quarto enquanto o homem ia até o lado da cama de Ephron.

— Como ele está? — perguntou, a voz grossa baixa.

— Como você pode ver — respondeu Ronica, calma.

Não se preocupou em ficar irritada com o fato de o sujeito presumir que seria bem-vindo no quarto de recuperação de seu marido. E também deixou de lado o constrangimento de ter sido flagrada fazendo as contas, com o lado da mão sujo de tinta e as rugas mais marcadas de tanto franzir a testa ao examinar os números que ela mesma escrevera com esmero. Sabia que Davad tinha boas intenções. Mas não fazia ideia de como ele conseguira crescer numa das antigas famílias de Mercadores de Vilamonte com tão pouco senso de etiqueta. O homem puxou uma cadeira e se sentou do outro lado da cama, ainda sem ser convidado. Ronica se contraiu quando ele arrastou a cadeira pelo chão, mas o marido não se mexeu. O Mercador corpulento se sentou e gesticulou para os livros de registro.

— E como vão? — perguntou, sem cerimônia.

—Tão bem ou mal quanto o de qualquer outro Mercador, tenho certeza — respondeu ela, esquivando-se da curiosidade alheia. — A guerra, as pragas e os piratas afetam todos nós. Só nos resta perseverar e esperar os dias melhores. E como você está, Davad? — acrescentou, tentando fazê-lo se lembrar dos modos.

O Mercador apoiou a mão espalmada na barriga.

— Já estive melhor. Venho da mesa de Fullerjon. O cozinheiro dele tem uma mão abominável com temperos, mas o homem não tem coragem de reclamar. — Ele se recostou na cadeira e soltou um suspiro profundo e martirizado. — Mas a boa educação manda comer o que lhe é oferecido.

Ronica reprimiu a irritação e apontou para a porta.

— Vamos levar esta conversa para o terraço. Um copo de leitelho também pode ajudar com a indigestão. — Ela fez menção de se levantar, mas Davad não se mexeu.

— Não, não, obrigado. Só vim cuidar de um assunto rápido. Mas aceito uma taça de vinho. Você e Ephron sempre tiveram as melhores adegas da cidade.

— Não quero incomodar Ephron — explicou Ronica, sem rodeios.

— Ah, vou tomar cuidado para não falar alto. Se bem que, para ser franco, eu preferiria que a oferta fosse para ele. Acha que Ephron vai acordar logo?

— Não. — Ronica ouviu a aspereza na voz e deu uma tossida leve, tentando disfarçar o tom como resultado de uma garganta seca. — Mas se quiser me dizer os termos de qualquer que seja a oferta, posso apresentá-los a Ephron assim que

ele acordar.

Fingiu ter esquecido o pedido de vinho. Era mesquinho, mas aprendera a tirar pequenas satisfações de onde podia.

— Claro, claro. Toda Vilamonte sabe que você mantém a guarda da bolsa dele. E, devo acrescentar, da confiança. — Ele balançou a cabeça, jovial, como se aquilo fosse um grande elogio.

— A oferta? — insistiu Ronica.

— De Fullerjon, é claro. Acho que ele só me convidou para sua mesa por causa disso, se é que dá para acreditar. Aquele novo-rico acha que não tenho nada melhor para fazer do que agir como intermediário dele para as melhores famílias da cidade. Eu teria dito umas boas para ele, se não achasse que você e Ephron podem se beneficiar com a oferta. Mas, do jeito que as coisas andam... não quero perder o contato, sabe como é. Não passa de um mercadorzinho ganancioso, mas... — Davad deu de ombros, com eloquência. — Hoje em dia, é quase impossível fazer negócios em Vilamonte sem eles.

— E qual foi a oferta? — perguntou Ronica.

— Ah, sim. Suas terras alagadiças perto do rio. Ele quer comprar o terreno todo. — Davad avistou o prato de frutas secas e biscoitinhos na cabeceira de Ephron e se serviu de um biscoito.

Ronica ficou chocada.

— Aquelas terras são parte das concessões originais da família Vestrit. O próprio sátrapa Esclepius as concedeu.

— Ah, bem, nós dois sabemos a importância simbólica dessas coisas, mas recém-chegados como Fullerjon... — começou Davad, num tom conciliador.

— A concessão daquelas terras foi o que fez da família Vestrit uma família Mercadora. Elas foram parte do acordo do sátrapa com os Mercadores. Duzentos acres de terra boa para qualquer família disposta a ir para o norte e colonizar o Litoral Amaldiçoado, a enfrentar os perigos da vida tão perto do Rio da Chuva. Naquela época havia poucos dispostos a isso. Todos sabem que coisas estranhas descem o Rio da Chuva, com suas águas ligeiras. Aquelas terras e uma parte do monopólio de mercadorias do Rio da Chuva são o que fazem dos Vestrit uma família Mercadora. Acha mesmo que qualquer Mercador de Vilamonte venderia as terras das concessões?

Ela estava irada.

— Não precisa me dar uma aula de história, Ronica Vestrit — repreendeu Davad, calmo. Ele se serviu de outro biscoito. — Não preciso lembrar a você

que minha família chegou aqui na mesma expedição. Os Recomeço são tão Mercadores quanto os Vestrit. Eu sei o que aquelas terras significam.

— Então como é que você tem coragem de nos trazer uma oferta dessas? — perguntou Ronica, furiosa.

— Porque metade de Vilamonte sabe que a situação de vocês está desesperadora. Preste atenção, mulher. Vocês não têm capital para contratar trabalhadores para cultivar aquelas terras. Fullerjon tem. E elas aumentariam a posse dele a ponto de estar qualificado para solicitar um lugar no Conselho de Vilamonte. Cá entre nós, acho que é só isso que ele quer. Não precisam ser as suas terras aluviais, mas acho que ele gostaria daquele terreno. Ofereça outra coisa, aposto que ele compra. — Davad se recostou, um olhar insatisfeito no rosto. — Venda os trigais. Vocês não têm como aproveitar o lugar direito, de qualquer forma.

— E aí ele vai conseguir um lugar no Conselho de Vilamonte. Para votar e trazer escravos para cá. E botar esses escravos para trabalhar nas terras que vendi, e vender os grãos cultivados por um preço menor e com o qual eu não posso competir. E nem você, nem qualquer outro Mercador honesto. Use a cabeça, Davad Recomeço. É uma oferta que não me pede para trair apenas a família Vestrit, mas todos nós. Já temos mercadorezinhos gananciosos suficientes no Conselho. O Conselho dos Velhos Mercadores mal consegue mantê-los na linha. Eu é que não vou vender terras e um lugar no Conselho a outro desses novos-ricos que acabaram de chegar.

Davad pareceu prestes a retrucar, mas fez um esforço visível para se conter. Ele entrelaçou as mãos pequenas sobre o colo.

— Vai acontecer, Ronica. — Havia pesar sincero em sua voz. — Os dias dos Velhos Mercadores estão contados. As guerras e os piratas abriram uma ferida funda demais. E, agora que as guerras praticamente acabaram, esses mercadores vieram nos rodear como moscas num coelho moribundo. E vão sugar tudo o que temos. Como precisamos do dinheiro deles para nos recuperar, somos forçados a vender barato o que nos custou tão caro em sangue e filhos. — Sua voz vacilou por um momento. Ronica de repente lembrou que o ano da Praga de Sangue levara todos os filhos de Davad e também o deixara viúvo. Ele não se casara outra vez. — Vai acontecer, Ronica. E só as famílias que aprenderem a se adaptar é que vão conseguir sobreviver. Quando nossos antepassados se assentaram em Vilamonte, eram pobres e muito adaptáveis. Perdemos isso. Nós nos tornamos aquilo do que fugimos. Gordos, tradicionalistas e desesperados para nos agarrar aos monopólios. Só desprezamos os novos mercadores porque

eles lembram muito a nós mesmos. Ou, melhor dizendo, lembram nossos trisavós e as histórias que ouvimos deles.

Por um momento, Ronica quase se sentiu inclinada a concordar. Então foi tomada por uma onda de fúria.

— Eles não se parecem em nada com os Mercadores originais! Os originais eram lobos, esses sujeitos são abutres! Quando o primeiro Carrock pisou nesta praia, arriscou tudo. Vendeu tudo o que tinha para conseguir sua parte de um navio e hipotecou metade dos possíveis ganhos dos vinte anos seguintes ao sátrapa. E pelo quê? Por uma concessão de terra e a garantia de parte do monopólio. E que terra? Ora, quantos acres conseguisse reivindicar. Que monopólio? Sobre quaisquer mercadorias que descobrisse e achasse que valia a pena comercializar. E para onde teriam que ir, nesse acordo maravilhoso? Para uma costa que passou centenas de anos sendo chamada de Litoral Amaldiçoado, um lugar sobre o qual nem mesmo os próprios deuses têm algum domínio. E o que encontraram aqui? Doenças desconhecidas, fenômenos estranhos que deixavam homens loucos da noite para o dia e a sina de que metade dos filhos nascesse bem longe de ser exatamente humano.

Davad empalideceu de repente e fez gestos com as mãos para que ela se calasse. Mas Ronica continuou, implacável.

— Davad, você sabe como é para uma mulher carregar uma coisa dentro de si durante nove meses sem saber se é o filho e herdeiro pelo qual vinha rezando ou se é um monstro deformado que o marido precisa estrangular com as próprias mãos? Ou um meio-termo? Você deve saber o que isso faz com um homem. Pelo que me lembro, Dorill engravidou três vezes, mas vocês só tiveram dois filhos.

— E a Praga de Sangue levou todos — admitiu o Mercador, com a voz embargada.

Ele enfiou o rosto nas mãos, e Ronica se sentiu mal pelo que tinha dito e por aquela carcaça patética de homem que não tinha sequer uma esposa para mandar que ajustasse a túnica e brigasse com o alfaiate pelas calças de caimento ruim. Sentia-se mal por todos os que tinham nascido em Vilamonte para morrer em Vilamonte e, nesse meio-tempo, levar adiante o acordo amaldiçoado feito por seus antepassados. Talvez a pior parte do acordo fosse o fato de que todos tinham passado a amar aquele lugar, com suas colinas e vales verdejantes. Uma paisagem era verde como uma selva, com terra preta e fértil, água cristalina nos riachos e animais em abundância nas florestas, oferecendo riquezas além dos sonhos daqueles imigrantes esgotados e esfarrapados, os primeiros com coragem suficiente para ancorar na baía de Vilamonte. No fim, o verdadeiro contrato não

tinha sido com o sátrapa, que reivindicava a autoridade sobre aquelas praias, mas com a própria terra. Beleza e fertilidade vinham em contraponto com a doença e a morte.

Mas tem algo mais, admitiu Ronica para si mesma. Havia algo mais no título de Mercador de Vilamonte, era maior que enfrentar toda a estranheza que descia o Rio da Chuva — era reivindicá-la como sua. Os primeiros Mercadores tentaram estabelecer o assentamento na foz do próprio rio, construindo casas nas margens, usando as raízes das árvores mirradas como fundações para as cabanas e ligando pontes de corda de uma casa a outra. Durante a noite, o rio, com suas cheias inconstantes, subia pelos assoalhos, os ventos violentos das tempestades sacudiam as árvores ligadas às casas. A própria terra muitas vezes se agitava e tremia, tornando as águas do rio branco-leitosas e mortais, o que durava um dia ou um mês.

Os colonizadores passaram dois anos ali, apesar dos insetos, das febres e do rio veloz que devorava tudo que caía em suas águas. Mas foi a estranheza, e não as privações, que conseguiu expulsá-los. A pequena companhia de Mercadores foi levada mais para o sul pela morte e pelas doenças, mas também pelas estranhas ondas de pânico que às vezes acometiam as mulheres enquanto sovavam pão e pelos frenesis autodestrutivos que tomavam os homens enquanto recolhiam lenha, fazendo todos pularem no rio. Das 307 famílias que compunham os Mercadores originais, 62 sobreviveram àqueles três primeiros anos. Ainda hoje, havia uma trilha de povoamentos abandonados de Vilamonte até a foz do Rio da Chuva, marcando o caminho das tentativas de assentamento. Por fim, encontraram nas praias da Baía do Mercador uma distância tolerável do Rio da Chuva e de tudo que descia por ele. Quanto menos se falasse a respeito das famílias que tinham decidido permanecer como colonizadoras no Rio da Chuva, melhor. Os Mercadores dos Ermos Chuvosos eram seus parentes, e representavam uma parte necessária de tudo o que Vilamonte era. Ronica reconhecia isso. Mas...

— Davad? — Ela estendeu a mão por cima de Ephron e tocou o braço do velho amigo delicadamente. — Me desculpe. Falei de forma muito brusca sobre coisas que é melhor não mencionar.

— Está tudo bem — mentiu o Mercador, por trás das mãos espalmadas. Ergueu o rosto pálido e a encarou. — Apesar de nós, Mercadores, não mencionarmos essas coisas, os recém-chegados já sabem de tudo. Não reparou que trazem as esposas e filhas? Eles não estão vindo aqui para se estabelecer. Vão comprar terras, fazer parte do Conselho e arrancar riquezas de Vilamonte, é verdade, mas vão navegar de volta a Jamaillia. É lá que pretendem casar e

manter as esposas, é lá que seus filhos vão se casar, é lá que passarão a velhice, mandando apenas um ou dois filhos para cá para administrar as coisas. — Ele bufou com desdém. — Respeito os Imigrantes dos Três Navios. Eles chegaram aqui e, quando avisamos o preço que este santuário lhes custaria, permaneceram. Mas essa onda de recém-chegados está vindo na esperança de colher o que regamos com nosso sangue.

— O sátrapa é tão culpado quanto eles — concordou Ronica. — Ele quebrou a palavra de Esclepius, seu antepassado, que tinha jurado a nós que não haveria mais concessões de terra a recém-chegados, a não ser que fossem aprovadas pelo nosso Conselho. Os Imigrantes dos Três Navios vieram de mãos vazias, mas dispostos a trabalhar, e se tornaram parte do que somos. Mas essa última onda chegou agarrando as concessões de terra e reclamando seus acres sem qualquer consideração por quem ou o que estão prejudicando. Felco Treeves reivindicou a terra nas encostas acima do vale da cerveja do Mercador Drur e botou o gado para pastar lá. Agora, as fontes de Drur, que eram tão límpidas, estão amarelas feito mijo de vaca, e a cerveja está quase intragável. E Trudo Outeiro reivindicou a posse da floresta onde todos sempre tiveram a liberdade de cortar lenha e carvalho para móveis, e...

— Eu sei, sei de tudo isso — interrompeu Davad, cansado. — Ronica, remoer esses pensamentos só causa mais amargura. E não adianta fingir que as coisas vão voltar a ser como eram. Não vão. Essa é só a primeira onda de mudanças. Podemos navegar ou podemos nos deixar afundar. Acha que o sátrapa não vai mais vender concessões de terra quando virem que os recém-chegados estão prosperando? Virão mais comerciantes. Só o que resta é nos adaptarmos. Aprender com eles, se for preciso. E incorporar os costumes deles quando necessário.

— Sim. — A voz de Ephron soou como uma dobradiça enferrujada se soltando. — Podemos aprender a gostar da escravidão a ponto de não ligar mais quando nossos netos correrem o risco de se tornarem escravos por causa de dívidas acumuladas durante o ano. E até dá para aceitar as serpentes-marinhas que os navios de escravos atraem para nossas águas, alimentando-as com os corpos que jogam no mar... pelo menos nunca mais precisaríamos de um cemitério.

Era um discurso longo para um homem doente. Ele parou para respirar. Ronica tinha se levantado para pegar o extrato de papoula ao primeiro sinal de que o marido estava despertando. Ela desarrolhou a pesada garrafa marrom, mas Ephron balançou a cabeça lentamente.

— Ainda não — disse à esposa. Respirou um momento antes de repetir: — Ainda não.

Ele voltou o olhar cansado para Davad, cujo espanto diante da debilidade de Ephron estava estampado no rosto. O velho capitão soltou uma tosse fraca.

Davad contorceu o rosto numa tentativa de sorrir.

— É bom ver você acordado, Ephron. Espero que nossa conversa não tenha lhe perturbado.

Por um momento, o moribundo apenas encarou o sujeito. Então, com a grosseria casual dos verdadeiramente doentes, simplesmente o ignorou. Focou os olhos baços na esposa.

— Alguma notícia da *Vivácia*? — perguntou. A pergunta soava com a ânsia de um homem faminto pedindo comida.

Ronica balançou a cabeça, relutante, guardando o extrato de papoula.

— Mas não deve demorar. O monastério informou que Wintrow está voltando para casa. — Ela disse as últimas palavras com animação, mas Ephron apenas virou a cabeça no travesseiro.

— E o que ele vai fazer? Ficar todo sério e pedir para doarmos alguma coisa ao monastério, antes de ir embora? Desisti daquele garoto quando a mãe o sacrificou a Sá. — Ephron fechou os olhos e passou um tempo tentando recuperar o fôlego. Só olhou de volta para eles quando voltou a falar. — Maldito Kyle. Ele devia ter voltado há semanas... a não ser que tenha afundado minha garota e levado Althea junto. Eu sabia que devia ter colocado o navio nas mãos de Brashen. Kyle é um bom capitão, mas a pessoa tem que ter sangue de Mercador para entender como o navio-vivo se comporta.

Ronica sentiu que corava. Estava envergonhada de ver o marido falar daquele jeito do genro na presença de Davad.

— Está com fome, Ephron? Ou com sede? — perguntou, mudando de assunto.

— Nenhum dos dois. — Ele tossiu. — Estou morrendo. E queria que a droga do meu navio estivesse aqui para eu morrer no convés e despertar a embarcação, para minha vida inteira não ter sido em vão. Não é pedir muito, é? Que o sonho que nasci para realizar aconteça como sempre planejei? — Ele respirou fundo, com dificuldade. — A papoula, Ronica. Agora.

Ela encheu uma colher com o xarope e a levou à boca de Ephron, que engoliu sem reclamar. Em seguida, ele respirou fundo e indicou o jarro de água. Tomou goles pequenos de um copo e se deitou nos travesseiros, com um suspiro ofegante. As rugas na testa já estavam desaparecendo, a boca ficando mais

relaxada. Seus olhos encontraram Davad, mas não foi a ele que se dirigiu, ao falar:

— Não venda nada, meu amor. Faço o que puder para ganhar tempo. Só me deixe morrer no convés do navio, a *Vivácia* vai lhe servir bem. Eu e ela cortaremos as ondas como nenhum outro navio, com velocidade e precisão. Nada lhe faltará, Ronica. Eu prometo. Basta manter o curso das coisas, que tudo vai ficar bem.

A voz de Ephron ficou cada vez mais fraca, mais grossa e lenta. Ronica prendeu a própria respiração quando ele respirou fundo de novo.

— Basta manter o curso — repetiu, mas Ronica achou que o marido não estava mais falando com ela. Talvez a papoula já tivesse levado sua mente sonhadora de volta para o convés do amado navio.

Sentiu aquelas lágrimas horríveis se formando e as segurou. Os olhos lutavam contra sua determinação, o choro a sufocando até a dor na garganta quase a obrigar a parar de respirar. Olhou de soslaio para Davad. O homem não fizera a cortesia de desviar o olhar, mas pelo menos tivera a dignidade de se sentir pouco à vontade.

— Ah, esse navio! — Ronica se pegou dizendo, mordaz. — Sempre essa droga de navio. É só com o que ele se importa.

Perguntou-se por que preferia que Davad acreditasse que ela estava chorando por aquilo do que pela morte de Ephron. Fungou bem alto, então se rendeu, pegando o lenço e secando as lágrimas.

— É melhor eu ir — percebeu Davad, tardiamente.

— Precisa mesmo? — Ronica se ouviu respondendo por reflexo. Então assumiu o tom sério apropriado para a situação. — Muito obrigada pela visita. Deixe-me pelo menos levá-lo até a porta — acrescentou, antes que o Mercador pudesse mudar de ideia sobre ir embora.

Ela se levantou e cobriu Ephron com um lençol leve. O homem murmurou alguma coisa sobre a vela de mezena. Davad tomou o braço dela quando saíram do quarto, e Ronica se forçou a tolerar a cortesia. Piscou ao deixar a penumbra do cômodo. Sempre tivera orgulho da casa iluminada e arejada, mas agora a luz do sol que entrava pelas janelas generosas lhe parecia desagradável e ofuscante. Desviou os olhos do pátio, quando passaram. Já tinha sido seu orgulho e alegria, mas a negligência o transformara num terreno baldio de vinhas marrons, tomado por uma vegetação implacável. Ronica tentou prometer a si mesma que, quando Ephron terminasse de morrer, tiraria um tempo para se dedicar ao lugar. Mas o pensamento lhe pareceu hediondo e traidor, como se estivesse esperando que o

marido morresse logo para cuidar do jardim.

— Você está quieta — comentou Davad, de repente.

Na verdade, Ronica tinha se esquecido do Mercador, apesar de estarem de braços dados.

Antes que pudesse formular uma desculpa educada, ele acrescentou, áspero:

— Se bem que, pelo que me lembro, eu não tinha muito o que conversar com quem quer que fosse, depois que Dorill morreu. — Ele se virou para Ronica quando chegaram à grande porta branca e a surpreendeu ao segurar suas mãos. — Se eu puder fazer qualquer coisa... qualquer coisa mesmo... você me avisa?

As mãos dele estavam úmidas e suadas, e o hálito cheirava ao almoço temperado demais, mas a pior parte era a absoluta sinceridade em seus olhos. Ronica sabia que Davad era seu amigo, mas no momento só via a pessoa em quem ela poderia se tornar. Antes da morte de Dorill, Davad era um homem poderoso, um Mercador astuto, bem-vestido e próspero, que organizava bailes em seu casarão, um sucesso não só nos negócios, mas também na sociedade. Agora, o casarão era só um amontoado de cômodos empoeirados largados sob os cuidados de criados desonestos, todos sem supervisão. Ronica sabia que ela e Ephron eram um dos poucos casais que ainda incluíam Davad quando enviavam convites para bailes ou jantares. Será que ela ficaria daquele jeito depois da morte do marido? Um resquício social, uma viúva velha demais para ser cortejada e jovem demais para se sentar num canto, em silêncio? O medo veio à tona na forma de amargura.

— Qualquer coisa, Davad? Bem, você poderia pagar minhas dívidas, fazer a colheita dos campos e encontrar um marido adequado para Althea. — Ronica ouviu as próprias palavras com uma espécie de horror e viu os olhos de Davad se arregalarem tanto que quase saltaram das órbitas. Ela soltou as mãos do aperto úmido. — Me desculpe, Davad — pediu, com sinceridade. — Não sei o que me deu...

— Deixe para lá — interrompeu o Mercador. — Você está falando com o homem que queimou o retrato da esposa simplesmente para não ter mais que olhar para o que não pode ter. Em momentos como esse, dizemos e fazemos coisas que... deixe para lá, Ronica. E eu estava sendo sincero. Sou seu amigo, vou tentar ajudar.

Ele se virou e se afastou depressa, seguindo pelo caminho de pedras brancas até o cavalo selado que o aguardava. Ronica ficou olhando enquanto Davad montava, todo desajeitado, e erguia a mão em despedida, que ela respondeu com um aceno. Depois que o viu cavalgar para longe, ergueu os olhos para

Vilamonte. Era a primeira vez que olhava para a cidade desde que Ephron adoecera. O lugar estava mudado. Sua própria casa, como muitas das moradias dos Velhos Mercadores, ficava numa pequena colina acima da bacia da baía. Por entre as árvores abaixo, Ronica tinha vislumbres das ruas de paralelepípedos e das construções de pedra branca de Vilamonte. Bem ao fundo, via a Baía do Mercador. Dali não dava para ver o Grande Mercado, mas sabia que devia estar bem movimentado com a mesma certeza de que o sol voltaria a nascer. As largas ruas pavimentadas seguiam a curva suave da baía em forma de ferradura, e o mercado era aberto e arejado, planejado com tanto cuidado quanto a propriedade de qualquer nobre. Arvoredos faziam sombras em pequenos jardins, onde mesas e cadeiras convidavam o comprador cansado a relaxar durante algum tempo antes de se levantar e continuar comprando. Cento e vinte lojas de janelas altas e portas largas abrigavam mercadorias do comércio regional e do estrangeiro. Num dia ensolarado como aquele, os toldos coloridos estariam estendidos sobre as vias para a sombra atrair transeuntes às portas dos comerciantes.

Ronica sorriu para si mesma. A mãe e a avó sempre lhe disseram, com orgulho, que Vilamonte não parecia apenas uma cidade esculpida a partir de uma região selvagem, naquele litoral frio e remoto — o lugar tinha o mesmo viço de civilização que qualquer outra cidade nos domínios do sátrapa. As ruas eram retas e limpas, os restos e a água suja eram relegados aos becos e escoadouros atrás das lojas, e mesmo essas áreas eram limpas com frequência. Saindo do Grande Mercado e longe dos Mercados Menores, a cidade ainda exibia uma fachada refinada e civilizada. As casas de pedra branca reluziam à luz do sol. Laranjeiras e limoeiros perfumavam o ar com suas fragrâncias, mesmo crescendo em tinas e tendo que ser recolhidos a cada inverno. Vilamonte era a joia do Litoral Amaldiçoado, a mais afastada das preciosidades do sátrapa, mas uma das mais brilhantes. Ou pelo menos era o que Ronica sempre tinha ouvido dizer.

Com uma onda de amargura, pensou que nunca saberia se a mãe e a avó falavam a verdade. Ephron tinha lhe prometido que fariam uma peregrinação até a cidade sagrada de Jamaillia, visitariam os bosques de Sá e veriam o palácio cintilante do próprio sátrapa. Outro sonho que virara pó. Ronica afastou os pensamentos e olhou de volta para Vilamonte. Tudo lá parecia igual. Havia alguns navios a mais ancorados no porto, mais gente andando apressada pelas ruas, mas tudo como era de se esperar. Vilamonte estava crescendo, como estivera desde que Ronica nascera.

Só quando ergueu os olhos e percorreu as colinas ao redor da cidade é que percebeu quanto as coisas tinham mudado. A Colina do Ferreiro, onde sempre

houvera carvalhos altos e verdes, exibia sinais de desmatamento. Ronica examinou o lugar com assombro. Tinha ouvido dizer que um dos recém-chegados reclamara terras por lá e usara escravos para derrubar árvores, mas nunca tinha visto uma colina tão desflorestada. O calor impiedoso do dia atingia a terra desprotegida, e o que restava de vegetação parecia ressecada e curvada.

A Colina do Ferreiro era a mudança mais chocante, mas nem de longe a única. A leste, alguém limpara a encosta de uma colina e estava construindo uma casa. *Uma casa, não*, corrigiu-se Ronica, *uma mansão*. Não ficou chocada só com o tamanho da estrutura, mas com a quantidade de gente trabalhando na construção. As pessoas apinhavam o canteiro de obras como formigas de branco no calor do sol do meio-dia. Enquanto ela olhava, os trabalhadores ergueram e firmaram a estrutura de madeira para uma parede. A oeste, uma nova estrada abria um caminho reto pelas colinas. Ronica só tinha vislumbres dela por entre as árvores, mas era larga e bem movimentada. Começou a sentir-se inquieta. Talvez Davad estivesse mais certo do que tinha imaginado. Talvez as mudanças em Vilamonte fossem mais significativas do que um mero aumento populacional. E, se ele estava certo sobre isso, também podia estar certo em dizer que o único modo de sobreviver àquela onda de Novos Mercadores era imitá-los.

Ronica deu as costas a Vilamonte e aos pensamentos incômodos. Não tinha tempo para pensar nessas coisas. Já era o bastante ter que viver com o próprio desastre e os próprios medos. Vilamonte teria que se cuidar sozinha.



4

PARTILHA

Kennit jogou óleo de limão num lenço, que usou para lustrar a barba e o bigode. Ele encarou o reflexo no espelho de moldura dourada acima da pia. O óleo dava um brilho a mais aos pelos do rosto, mas não era esse o efeito que buscava. O importante para ele era o perfume, que infelizmente não era suficiente para manter o fedor de Partilha longe de suas narinas. Entrar naquela cidade era como adentrar a axila de um escravo, com aquele cheiro forte, ruim e almiscarado.

Saiu da cabine e foi para o convés. O ar lá fora era tão abafado e úmido quanto dentro do quarto, e o fedor parecia ainda mais intenso. Kennit olhou enojado para a costa cada vez mais próxima, o santuário pirata que chamavam de Partilha. O lugar não poderia ter sido mais bem escolhido: para chegar lá, não bastava saber o caminho, também era preciso ser um mestre experiente em conduzir o navio por um rio que avançava bastante terra adentro. Era um rio de águas límpidas que levava até a lagoa onde ficava a ilha, mas não parecia muito diferente de todos os outros rios sinuosos da região, ligando as inúmeras ilhas da Costa Inconstante até o verdadeiro mar. Mas aquele em especial era bem mais fundo, ainda que fosse meio estreito, o que tornava suas águas navegáveis pelos navios piratas. As águas desembocavam numa lagoa de águas tranquilas, um porto protegido até mesmo das tempestades mais violentas.

O lugar com certeza já tinha sido muito bonito, mas cada pedaço de terra firme estava agora repleto de docas e molhes de madeira, tudo coberto de musgo. A vegetação luxuriante que um dia cobriu as margens do rio tinha sido cortada até restar só o solo lamacento. Não havia correnteza nem brisa suficiente para dispersar os dejetos e a fumaça do amontoado de cabanas, casebres e lojas da cidade pirata. Com o tempo, chegariam as chuvas de inverno para limpar a cidade e a lagoa, e a cidade ficaria mais suportável por um tempo, mas, nos dias quentes e sem vento de verão, o porto de Partilha tinha todo o charme de um penico cheio.

Ancorar ali por mais de alguns dias era um convite ao limo e à podridão nos cascos do navio, e beber da água de qualquer outro poço que não o principal dava diarreia — e febre, caso a pessoa fosse muito azarada. Mas, olhando para o

convés do navio, Kennit notou como a tripulação trabalhava bem e com vontade. Mesmo os que estavam nos pequenos barcos de comunicação, rebocando o *Marietta* para atracar, puxavam os remos com bastante disposição. É que, para seus narizes, aquele fedor era o cheiro doce do lar e do tão esperado pagamento. Seguindo a tradição que dava nome à cidade, o butim seria partilhado no convés assim que o *Marietta* fosse amarrado ao cais. Dentro de algumas horas, os homens estariam com cerveja e prostitutas até o umbigo.

E, antes do nascer do sol, quase toda a pilhagem conseguida a duras penas teria passado para as mãos dos gordos estalajadeiros, cafetões e comerciantes de Partilha. Kennit balançou a cabeça com pesar e passou o lenço com perfume de limão outra vez no bigode. Permitiu-se um leve sorriso. Pelo menos daquela vez a tripulação espalharia mais que o butim pela cidade: plantariam as sementes de sua ambição. Podia apostar que, antes do raiar de um novo dia, metade de Partilha teria ouvido a história da previsão do futuro do capitão Kennit na Ilha dos Outros. Seria excepcionalmente generoso com seus homens naquela partilha. Não faria alarde, mas pegaria o dobro de um tripulante normal. Queria os bolsos da tripulação pesados com o pagamento, queria que toda Partilha comentasse e se lembrasse de que os homens de seu navio sempre desembarcavam com as bolsas cheias. Então atribuiriam a bonança à sorte e à generosidade do capitão. E se perguntariam se um pouco daquela sorte e generosidade não poderia beneficiar Partilha.

O imediato parou ao seu lado, com uma postura respeitosa.

— Sorcor, está vendo aquela falésia? — perguntou o capitão, apoiado na amurada do navio. — Uma torre lá teria uma boa vista do rio, e com uma ou duas balistas daria para nos defender de qualquer navio que descobrisse o canal. Partilha saberia do ataque com antecedência e poderia se defender. O que acha?

O imediato mordeu o lábio inferior, mas se conteve. Kennit fazia a mesma proposta sempre que atracavam ali. O imediato, experiente, sempre respondia a mesma coisa.

— Se tivesse pedras o suficiente neste pântano, daria para construir uma torre e usar os pedregulhos como projéteis. Acho que até poderia ser, senhor. Mas quem pagaria para construir? E quem ia ficar de vigia? As pessoas de Partilha nunca parariam de brigar por tempo suficiente para construir e guarnecer uma fortificação.

— Se Partilha tivesse um governante forte o bastante, com certeza daria. Seria só uma das muitas coisas que poderiam ser feitas.

Sorcor lançou um olhar cauteloso ao capitão. Aquele era um tópico novo.

— Partilha é uma cidade de homens livres. Não temos governantes.

— É verdade — concordou Kennit. — E é por isso que somos governados pela ganância de mercadores e cafetões — acrescentou, em tom casual. — Olhe em volta, Sorcor. Cada um desses marinheiros arrisca as vidas pelos ganhos, mas, assim que içamos âncora, onde vai parar o ouro? Não fica nos bolsos. E o que os homens ganham com isso? Só dor de cabeça, a não ser que tenha o azar de também pegar chato num bordel. Quanto mais o sujeito gasta, maior o custo da cerveja, do pão ou da mulher. Mas você tem razão. Partilha não precisa de um governante, precisa de um líder. Um homem que possa instigar os outros a governar a si próprios, que possa despertá-los, para que abram os olhos e vejam o que poderiam ter.

Kennit voltou a olhar para os homens curvados sobre os remos dos escaleres do navio, puxando o *Marietta* para a doca. Nada em sua postura relaxada poderia indicar a Sorcor que aquele era um discurso muito bem ensaiado. Kennit tinha o imediato em alta conta. Não era só um bom marujo, também era um homem inteligente, apesar da educação limitada. Se pudesse influenciá-lo com suas palavras, talvez outros também começassem a lhe dar ouvidos.

Arriscou-se a voltar os olhos para o rosto do imediato. O homem franzia a testa bronzeada, comprimindo a cicatriz lustrosa, um resquício da tatuagem de escravo. Depois de muito pensar, respondeu:

— A gente aqui é livre. Isso nem sempre foi assim. Mais da metade dos que chegaram eram escravos, ou estavam prestes a virar. Muitos ainda têm a tatuagem ou a cicatriz onde ela ficava. E o resto... bem, o resto teria que enfrentar a forca ou o chicote, talvez os dois, se voltasse para o lugar de onde veio. Algumas noites atrás, o senhor falou de um rei para os piratas. E não é o primeiro a falar disso. Mas parece que, quanto mais mercadores vêm para essas bandas, mais ideias como essa começam a aparecer. Prefeitos e conselheiros, reis e guardas. Mas a gente já tinha isso antes, nos lugares de onde viemos, e é por isso que estamos aqui, e não lá. Ninguém aqui quer um sujeito nos dizendo o que podemos ou não fazer. Já ouvimos isso várias vezes a bordo do navio. Sem querer ofender, senhor.

— Não ofendeu, Sorcor. Mas temos que considerar que a anarquia é só uma opressão desorganizada. — Kennit examinou com atenção o rosto do imediato, e a confusão que viu ali foi um indicativo de que escolhera mal as palavras. Precisava praticar mais sua persuasão. Abriu um sorriso jovial. — Ou é o que alguns diriam. Mas tenho mais fé nos meus iguais, e prefiro as palavras simples. O que temos em Partilha? Uma sucessão de brutos. Você se lembra de quando

Pohdee e sua gangue andavam por aí arrebentando cabeças e roubando bolsas? Era quase certo que, se um marinheiro não desembarcasse com seus companheiros de navio, acabaria espancado e roubado antes da meia-noite. E, se todos desembarcassem juntos, o melhor que se podia esperar era uma briga com a gangue. Se três companhias de navios não tivessem se voltado contra Pohdee e seus homens, isso ainda estaria acontecendo. Hoje em dia, Partilha tem pelo menos três tavernas onde é mais provável que um homem leve uma porretada atrás das orelhas ao entrar num quarto escuro do que desfrutar a puta pela qual pagou. Mas ninguém faz nada. O problema é só do homem espancado e roubado.

Kennit olhou de relance para Sorcor. O imediato estava de testa franzida, mas assentia. Com uma leve surpresa, Kennit percebeu que o timoneiro estava ao mesmo tempo prestando atenção à conversa e mantendo o navio em curso. Em qualquer outra ocasião, teria repreendido o sujeito. Naquele momento, sentia como se aquilo fosse um pequeno triunfo. Sorcor também notou o homem no timão.

— Ei, você, cuidado aí! Tem que manter o navio no curso, e não ficar ouvindo a conversa dos superiores!

Sorcor correu até o homem com um olhar ameaçador. O marinheiro se preparou para receber um golpe, mas não recuou nem abandonou o posto. Kennit deixou Sorcor repreendendo o homem por ser um idiota preguiçoso e seguiu em frente. Os conveses sob suas botas estavam tão brancos quanto a areia e as pedras permitiam. Onde quer que olhasse, via precisão e empenho. Todos estavam ocupados, e qualquer ferramenta não usada estava guardada no devido lugar. Kennit assentiu para si mesmo. Não era assim quando subiu a bordo do *Marietta* pela primeira vez, cinco anos antes. Naquela época, o navio era uma banheira tão malcuidada quanto qualquer outra da frota pirata. E o capitão que o recebera a bordo com um xingamento e um soco mal direcionado era tão indistinguível da tripulação sebosa e miserável quanto qualquer vira-lata de rua.

Mas tinha sido justamente por isso que Kennit escolhera servir a bordo do *Marietta*. A embarcação era bem resistente, por baixo do entulho de anos de negligência e das velas porcamente remendadas estiradas nas vergas, e o capitão estava pronto para ser derrubado. Um mestre de navio que nem ao menos tinha autoridade o bastante para permitir que seu imediato xingasse e batesse em seu lugar era um homem cujo reinado estava chegando ao fim. Kennit levou dezessete meses para derrubar o capitão, e mais quatro para mandar o antigo imediato para a prancha. Quando assumiu o comando do *Marietta*, seus companheiros já estavam ansiosos para segui-lo. A escolha de Sorcor como imediato foi bastante calculada, e ele praticamente cortejou o homem para que se

tornasse seu leal subordinado. Uma vez no comando, ele e Sorcor levaram o navio para alto-mar, longe da vista do litoral, e eliminaram os maus elementos da tripulação como um jogador descarta cartas inúteis sobre a mesa. Por serem os únicos a bordo capazes de ler um mapa ou traçar um curso, eram quase imunes a motins, mas Kennit nunca deixou a rigidez de Sorcor se transformar em abuso. Acreditava que os homens se sentiam mais felizes sob o comando de uma mão firme, e se essa mão também fornecesse asseio e a segurança de cada um saber o próprio lugar, os homens só ficariam mais satisfeitos. Os que podiam ser transformados em marinheiros decentes, ficavam. Navegavam até os biscoitos do navio minguarem, guiados pelas estrelas que ele e Sorcor conheciam.

Quando enfim levaram o *Marietta* a um porto tão distante que nem mesmo Sorcor sabia a língua local, a embarcação já tinha o aspecto impecável de um pequeno navio mercantil, com uma tripulação que obedecia prontamente a um mero olhar do capitão ou do imediato. Ali, Kennit gastou suas partes de pilhagem acumuladas por tanto tempo para dar o melhor reparo possível ao navio. Quando o *Marietta* deixou a praia, entrou num mês inteiro da pirataria mais intensa que os pequenos portos daquela já tinham enfrentado, voltando para Partilha carregado de objetos exóticos e moedas de cunhagem estranha. Os marinheiros que retornaram junto estavam mais ricos do que nunca e leais feito cães. Numa única viagem, Kennit ganhara um navio, uma reputação e sua fortuna.

Contudo, quando pisou nas docas de Partilha pensando já ter realizado a ambição de sua vida, toda a alegria foi arrancada dele como a pele morta de uma queimadura. Viu seus homens se pavoneando nas docas, vestindo seda como se fossem lordes, os sacos cheios de moedas, marfim e joias exóticas. Foi então que entendeu que eles eram apenas marinheiros, e que seu butim seria engolido pela goela de Partilha em questão de horas. E, de repente, os conveses imaculados, as velas bem costuradas e a tinta fresca do navio pareciam um triunfo tão breve e superficial quanto a riqueza da tripulação. Kennit recusou a companhia de Sorcor e, em vez disso, passou a semana no porto bebendo na penumbra de sua cabine. Nunca tinha imaginado que se sentiria tão desalentado pelo sucesso. Sentia-se traído.

Levou meses para se recuperar. Passou esse tempo num torpor sombrio, desnorteado pela desesperança. Alguma parte distante de si mesmo reconhecia que escolhera bem seu imediato. Sorcor se comportava como se não houvesse nada errado, sem indagar sobre o estado de espírito do capitão uma vez sequer. Se a tripulação sentia que havia algo de estranho no ar, não demonstrava. Segundo a filosofia de Kennit, num navio bem governado o capitão nunca

precisava falar diretamente com a tripulação, só comunicava seus desejos ao imediato e confiava que ele se certificaria de que fossem realizados. Esse hábito lhe serviu bem naqueles dias desesperadores. Kennit só voltou a se sentir bem na manhã em que Sorcor bateu em sua porta para anunciar o avistamento de um belo navio mercante carregado. O capitão gostaria de persegui-lo?

Ah, e como o perseguiram, lançando os arpéus e abordando a tripulação inimiga, apropriando-se de um belo carregamento de vinho e perfumes. Kennit deixou Sorcor encarregado do convés do *Marietta* enquanto conduzia a tripulação ao navio mercante. Até então, considerara as batalhas e matanças um dos aspectos de maior desordem da carreira que escolhera, mas naquele dia sentiu o coração se avivar pela primeira vez em muito tempo, se incendiando com a fúria da batalha. Matou a raiva e o desapontamento tantas vezes que, para seu espanto, de repente não restava mais ninguém para lhe desafiar. Deu as costas ao último corpo caído aos seus pés e reuniu seus homens num pequeno grupo no convés, todos o encarando com uma espécie de fascínio. Não ouviu um murmúrio sequer, mas a combinação de horror e admiração nos olhos daqueles marinheiros dizia muito. Kennit achava que tinha conquistado a tripulação por meio da disciplina, mas foi naquele dia em que de fato ganhara seus corações. Aqueles homens nunca conversariam com ele como amigos nem o considerariam com afeição, mas, quando saíssem para beber e farrear por Partilha, iam se gabar da disciplina severa a bordo, que os distinguia como homens de resistência, e da selvageria de seu capitão com a espada, fazendo deles uma tripulação a ser temida.

Daquele momento em diante, todos esperavam que o capitão liderasse os ataques. A tripulação tinha ficado um pouco descontente na primeira vez em que ele contivera a matança e aceitara a rendição do capitão e do navio inimigo, mas isso só durou até a partilha do enorme resgate cobrado pelo navio e pela carga. Tudo tinha acabado bem: a satisfação da cobiça resolve a maioria dos problemas de uma tripulação pirata.

Ao longo dos anos seguintes, Kennit estabeleceu seu pequeno império. Em Calcede, cultivou relacionamentos de todos os tipos: com comerciantes nos portos mais decadentes, para vender cargas incomuns sem muitas perguntas; com lordes menores e sem escrúpulos, que agiam como intermediários no resgate de navios, cargas e tripulações. O lucro era muito maior levando mercadorias roubadas até eles do que para Partilha ou Porto dos Crânios. Nos últimos meses, Kennit tinha começado a fantasiar que aqueles lordes menores calcedianos poderiam ajudá-lo a fazer com que as Ilhas Piratas fossem reconhecidas como domínio legítimo, depois de convencer os habitantes a

aceitá-lo como governante. Mais uma vez, contabilizou o que tinha a oferecer a ambos os lados. Aos piratas, a legitimidade e o fim da ameaça da forca. Comércio livre com outros portos. Assim que tivesse unificado as ilhas e cidades piratas, poderiam agir juntos para pôr um fim aos ataques dos traficantes de escravos na região. Por algum tempo, Kennit temeu que aquilo não fosse suficiente, mas deixou o pensamento de lado. Para os comerciantes de Calcede e os mercadores de Vilamonte, os benefícios eram mais evidentes: uso seguro da passagem interior ao longo da costa até Vilamonte, Calcede e as terras mais além. Não seria de graça, é claro. Nada podia ser de graça. Mas seria seguro. A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios. Eles gostariam dessa mudança.

Foi despertado de seus devaneios por uma atividade súbita, quando a tripulação do convés lançou cabos ao porto e os amarrou. Foram virando o navio, posicionando os pesados flutuadores de cânhamo para evitar que o *Marietta* raspasse o cais. Kennit permaneceu afastado e em silêncio, ouvindo Sorcor gritar as ordens. Ao seu redor, tudo foi limpo e organizado. Ele não se moveu nem falou até que todos os marinheiros estivessem reunidos no poço aos seus pés, aguardando ansiosos pela divisão do butim. Quando Sorcor se juntou a ele lá no alto, Kennit assentiu de leve e se virou para os homens.

— Faço a vocês a mesma oferta das últimas três vezes que atracamos. Quem quiser pode pegar sua parte e ir negociar e vender como preferir. Quem tiver mais paciência e bom senso pode entregar uma parcela da carga para ser vendida junto com o que cabe ao navio, o que vai gerar mais lucros. Quem preferir a segunda opção pode voltar ao navio depois de amanhã para receber o restante dos lucros. — Kennit encarou os rostos de seus homens. Alguns devolveram o olhar, outros desviaram os olhos para os companheiros. Todos arrastavam os pés como crianças inquietas. A cidade, o rum e as mulheres os aguardavam. Kennit pigarreou. — Quem já teve paciência para me permitir vender a mercadoria vai poder dizer a vocês que o dinheiro recebido foi maior do que o que conseguiriam negociando por conta própria. Um comerciante de vinhos paga mais por um carregamento inteiro de conhaque do que vocês vão conseguir com um único barril vendido a um estalajadeiro. Os fardos de seda, vendidos em lote para um mercador, rendem muito mais do que o serviço de uma puta em troca de um rolo de tecido.

Ele fez uma pausa. A seus pés, os homens pareciam agitados e impacientes. Kennit cerrou o maxilar. Já tinha provado tantas vezes a todos que seu jeito era mais lucrativo... Os marinheiros sabiam que era verdade, qualquer um deles admitiria isso, mas perdiam todo o bom senso no momento em que atracavam. Ele se permitiu um suspiro exasperado, então se virou para Sorcor.

— Diga o total dos nossos ganhos, imediato.

Sorcor estava preparado. Ele sempre estava preparado. O homem ergueu o pergaminho e o desenrolou como se fosse lê-lo, mas Kennit sabia que ele tinha memorizado toda a pilhagem. Sorcor não conseguia ler nem o próprio nome, mas, se lhe perguntassem a parte de cada tripulante numa carga de quarenta fardos de seda, a resposta estava na ponta da língua. Dava para ouvir um murmúrio de apreciação entre os homens enquanto os ganhos eram lidos em voz alta. Os cafetões e as mulheres da vida que tinham se reunido nas docas para aguardar os marinheiros chamavam e assobiavam, e algumas das prostitutas já ofereciam seus serviços aos gritos. Os homens se remexiam como animais enjaulados, os olhos indo sem parar de Sorcor e o pergaminho para todos os prazeres que os aguardavam em terra firme, ao longo das ruas lamacentas. Quando o imediato terminou, teve de berrar duas vezes por silêncio antes que Kennit pudesse retomar a palavra. Quando o capitão falou, foi numa voz deliberadamente baixa.

— Os que quiserem entregar uma parcela de sua parte podem fazer uma fila do lado de fora da minha cabine para falar comigo, um de cada vez. Os outros podem tratar com Sorcor.

Kennit se virou e desceu a escada até a cabine. Achava melhor deixar o imediato lidar com os outros. Os piratas teriam de aceitar a estimativa dele sobre quanto valia um terço de um fardo de seda com relação a dois quintos de um barril de conhaque, ou meia medida de cindina. Se não tivessem paciência para esperar até receberem suas partes em dinheiro, teriam de aceitar qualquer equivalente que Sorcor julgasse justo. Até o momento, não ouvira reclamações sobre a divisão do butim. Ou os tripulantes também não questionavam a honestidade do imediato entre os companheiros de bordo, ou simplesmente não ousavam levar suas queixas até a porta do capitão. Ambos os casos eram bons o bastante para Kennit.

A fila de homens para receber um adiamento em dinheiro e deixar sua parcela com o navio foi decepcionantemente pequena. Kennit deu cinco selderes a cada um, o suficiente para passarem uma noite com mulheres, bebida e comida, terminando numa boa cama de uma estalagem, caso não resolvessem voltar para dormir no navio. Assim que receberam o dinheiro, os marinheiros desembarcaram. Kennit subiu para o convés a tempo de ver o último homem saltar para a doca cheia de gente. Era como um pedaço sangrento de carne sendo jogado em águas infestadas por tubarões. As pessoas da doca cercaram o último marinheiro, as prostitutas oferecendo seus serviços enquanto os cafetões gritavam que um marujo rico como ele podia conseguir coisa melhor, pagar para

ter uma mulher na cama a noite toda e uma garrafa de rum na mesa de cabeceira. Com menos animação, aprendizes anunciavam pães frescos, doces e frutas maduras. O jovem pirata sorriu, desfrutando a avidez dos vendedores. Parecia ter se esquecido de que, assim que eles tivessem tirado a última moeda de seu bolso, não teriam vergonha de simplesmente abandoná-lo numa sarjeta ou num beco qualquer.

Kennit se afastou da agitação e do barulho. Sorcor tinha terminado de fazer a partilha e estava parado junto ao leme no convés alto, olhando para a cidade. O capitão franziu a testa de leve. O imediato devia saber de antemão quais homens iriam querer suas partes em mercadorias, de forma que já teria calculado o que caberia a cada um. Pensando nisso, a expressão do capitão se suavizou. Era mais eficiente assim, e aquele sempre fora o jeito de Sorcor. Kennit lhe ofereceu uma bolsa cheia de moedas, e o imediato a aceitou sem uma palavra. Depois de um tempo, o homem deu meia-volta e ficou de frente para o capitão.

— E então, Sorcor, vai comigo trocar a carga por ouro?

Sorcor deu um passo para o lado, constrangido.

— Se o capitão não se importar, eu preferia primeiro ter um tempo para mim.

Kennit ocultou o desapontamento.

— Não me importo — mentiu. Então acrescentou, a voz calma: — Estou pensando em mandar embora esses homens que insistem em receber as partes em mercadoria. Quanto mais eu tiver para vender por atacado, melhor o preço que posso conseguir. O que acha?

Sorcor engoliu em seco. Então pigarreou.

— É direito deles receber suas partes como mercadorias se quiserem, senhor. Sempre foi assim em Partilha. — Ele fez uma pausa para coçar a bochecha coberta de cicatrizes. Kennit sabia que ele estava medindo as palavras. — São bons homens, senhor. Bons marinheiros, bons companheiros de bordo, e nenhum se recusa a trabalhar, seja com uma agulha ou uma espada. Mas não se tornaram piratas para viver de acordo com as leis de outro homem, não importa quão boas possam ser.

Meio receoso, o imediato encontrou o olhar de Kennit e acrescentou:

— Nenhum homem se torna pirata porque quer ser governado. — A hesitação diminuía conforme ele ia falando: — E ia ser um inferno tentar substituir esses aí. São marinheiros experientes, não são essa escória raspada do chão de um bordel. O tipo de homem que o senhor conseguiria se buscasse os que deixariam o senhor vender os butins por eles não teria coragem de agir por conta própria.

Seria do tipo que ficaria olhando de longe enquanto o senhor estivesse atacando outro navio e só tomaria parte quando a vitória fosse certa. — Sorcor balançou a cabeça, mais para si do que para o capitão. — O senhor conquistou esses homens. Eles são leais. Mas não seria sensato tentar forçar nenhum deles a abrir mão de suas vontades. Toda essa conversa de reis e líderes deixa a tripulação inquieta. Não dá para forçar um homem a lutar bem pelo senhor... — Sorcor se calou e ergueu os olhos para Kennit, como se só então estivesse se lembrando de com quem estava falando.

O capitão foi tomado por uma fúria gélida.

— É claro, Sorcor. Cuide para que mantenham uma boa vigília a bordo, porque não vou voltar esta noite. Deixo o navio sob seu comando.

Sem dizer mais uma palavra, Kennit deu as costas ao homem e partiu. Não olhou para trás para decifrar a expressão do imediato. Tinha acabado de confinar o sujeito ao navio, já que tinham o acordo de que um deles sempre dormiria a bordo quando o navio estivesse atracado. Bem, ele que resmungasse. Sorcor tinha acabado de dar um golpe certeiro em todos os sonhos que Kennit cultivara nos últimos meses. Enquanto atravessava o convés, o capitão se perguntou como podia ter sido tolo a ponto de sonhar com aquilo. Ele era tudo o que sempre seria: o capitão de um navio cheio de imprestáveis, todos incapazes de ver além da ponta do próprio pau.

Saltou sem dificuldade do convés para as docas. A multidão de vendedores correu em sua direção, mas um olhar carrancudo fez com que recuassem. Pelo menos ainda tinha uma reputação considerável em Partilha. O pensamento o deixou ainda mais amargurado. As pessoas abriram caminho para que ele passasse. Ter uma reputação em Partilha era tão bom quanto admirar o reflexo numa poça de mijo. Era capitão de um navio, mas por quanto tempo? Enquanto os cães sob seu comando acreditassem no seu punho e na sua espada. Dali a dez anos haveria um homem maior, mais rápido ou mais sorrateiro, e Kennit poderia acabar como um dos mendigos de rosto cinzento que se esgueiravam pelos becos, roubando bêbados e implorando por restos de comida do lado de fora de tavernas.

A fúria cresceu dentro dele como veneno em seu sangue. Sabia que seria mais sensato encontrar um lugar para ficar sozinho até aquele humor sombrio passar, mas o súbito ódio de si mesmo e de seu mundo era tamanho que não dava a mínima para a sensatez. Detestava a lama negra e pegajosa das ruas e vielas, desprezava os dejetos dos quais tinha que desviar, abominava o fedor e o barulho daquela cidade. Queria poder se vingar do mundo e da própria estupidez

destruindo aquilo tudo.

Kennit sabia que não era hora de fazer negócios. Não se importava. Os intermediários em Partilha cobravam uma fatia tão grande dos lucros que praticamente não valia a pena negociar com eles. Kennit e sua tripulação se sairiam muito melhor se desfazendo das mercadorias em Calcede. Teria de dar toda a pilhagem que tinham juntado desde que saíram do porto calcediano quase de graça para aqueles abutres. Com aquele humor sombrio, ele se desfez da seda pela metade do que o tecido valia, mas, quando o comerciante tentou conseguir uma barganha semelhante com o conhaque e a cindina, desencadeou a fúria gélida do capitão. O sujeito acabou pagando mais do que o normal só para evitar que Kennit levasse a carga inteira para outro lugar. O negócio foi selado com um aceno de cabeça, já que o capitão nem se dignou a apertar a mão do sujeito. O ouro seria pago no dia seguinte, quando o homem enviasse os estivadores para descarregar as mercadorias. Kennit saiu do salão do comerciante sem mais nenhuma palavra.

Do lado de fora, um crepúsculo típico do verão cobria o céu. A algazarra vinda das tavernas tinha aumentado, e os ruídos dos insetos e das rãs dos pântanos e fossas ao redor eram como música de fundo. O ar fresco parecia liberar um novo regimento de odores para atacar suas narinas. A cada passo, suas botas faziam um barulho de sucção ao se desprenderem da lama gordurosa das ruas. Ele se manteve bem no meio da rua, longe dos becos mais escuros e dos predadores que espreitavam por ali. A maioria estava desesperada o suficiente para atacar qualquer um que se aproximasse. Como que se lembrando de um compromisso esquecido, Kennit percebeu que estava com fome e sede. E cansado. E triste.

A maré de sua fúria tinha recuado, deixando-o encalhado no cansaço e na angústia. Tentou em vão descobrir de quem era a culpa pela situação. Ficou muito infeliz em perceber que a culpa, como sempre, era apenas sua. Não havia mais ninguém a quem culpar, ninguém a quem punir. Não importava quanto tentasse erradicar as próprias falhas, outras sempre apareciam no lugar.

Seus pés o levaram até o bordel de Bettel. Luz escapava pelas persianas das janelas baixas, e uma música suave vinha lá de dentro, junto com o soprano um pouco rouco da cantoria de uma mulher. Devia ter no máximo dez casas em Partilha com mais de um andar, e o bordel de Bettel era uma delas, com sacadas minúsculas pintadas de branco e um telhado vermelho — era como se tivessem arrancado um bordel de Calcede e largado na lama de Partilha. Vasos de flores nos degraus faziam um esforço para perfumar o ar, enquanto dois lampiões de cobre e latão brilhavam, convidativos, de ambos os lados de uma porta verde e

dourada. Os dois espadachins de guarda sorriram para ele. Kennit sentiu um ódio repentino por aqueles homens, tão grandes e estúpidos, ganhando a vida apenas com os músculos. Os dois achavam que isso sempre seria o suficiente, mas ele sabia da verdade. Quis agarrar os sujeitos pelas gargantas e bater um rosto sorridente no outro, sentir os crânios se chocarem e quebrarem, osso com osso. Quis sentir as traqueias sendo esmagadas por seus dedos, ouvir os últimos suspiros saindo das gargantas destroçadas.

Kennit retribuiu os sorrisos. Os espadachins o encararam, e os sorrisos se transformaram de maliciosos em demonstrações de um escárnio pouco à vontade. Enfim o deixaram entrar, quase se encolhendo ao se afastarem da porta para que ele pudesse passar.

As portas do bordel se fecharam atrás dele, deixando-o bem longe da lama e do fedor de Partilha. Kennit estava parado num vestíbulo acarpetado sob a luz amarela e suave de uma lamparina. O perfume familiar de Bettel impregnava o ar, assim como o cheiro esfumaçado de cindina queimada. O canto e as batidas suaves que vinham do salão estavam mais altos ali. Um jovem criado parou diante de Kennit e, em silêncio, indicou as botas enlameadas. A um ligeiro aceno de cabeça do capitão, o criado saltou para a frente com uma escova, tirando o grosso da lama das solas e depois usando um pano para limpá-las com cuidado. Feito isso, encheu uma bacia de água fria e a ofereceu a Kennit, que pegou o pano pendurado no braço do garoto e limpou o suor e a poeira do dia do rosto e das mãos. O garoto ergueu os olhos em silêncio para Kennit, quando ele terminou, e o pirata se viu dando um tapinha apreciativo na cabeça raspada do rapaz. O servo sorriu e atravessou a sala para abrir uma segunda porta.

Quando a porta branca se abriu lentamente, a cantoria ficou mais alta. Uma mulher loura estava sentada de pernas cruzadas no chão, tocando três pequenos tambores enquanto cantava alguma cantiga sobre seu corajoso amado que partira para o mar. Kennit mal se dignou a olhá-la. Não era aquela mulher que viera procurar, com suas canções sentimentais. Antes que sequer pudesse pensar em ficar impaciente, Bettel se levantou do trono almofadado e tomou seu braço, com muita doçura.

— Kennit! — exclamou ela, num tom de reprimenda amigável. — Finalmente você chegou, seu danadinho! O *Marietta* atracou há horas! Por que demorou tanto para vir?

Naquele mês, Bettel tinha tingido o cabelo escuro com hena, e seu perfume pesava ao redor do corpo tanto quanto as joias que ostentava. Os seios quase saltavam para fora do vestido, como ondas ameaçando engolir as amuradas de

um navio.

Kennit ignorou a bronca. Sabia que a intenção era de que se sentisse lisonjeado com a atenção, e saber disso tornava a encenação meio irritante. Claro que a mulher se lembrava dele: Kennit pagava para isso. Olhou por cima da cabeça dela, passando os olhos pelo salão decorado com elegância, e por mulheres e homens atraentes recostados em cadeiras almofadadas e divãs. Duas das mulheres sorriram para ele. Eram novas. Nenhuma das outras o olhou nos olhos. Kennit voltou a atenção para Bettel e interrompeu a ladainha lisonjeira.

— Não estou vendo Etta.

Bettel fez um beicinho de desaprovação.

— Bem, você acha que é o único que a deseja? Ela não podia esperar para sempre. Se você escolhe chegar tarde, mestre Kennit, então tem que...

— Vá buscar Etta, mande-a para o quarto do último andar. Não, melhor. Mande ela tomar banho primeiro, enquanto eu como. Quero uma boa refeição para o quarto, com pão fresco. Sem peixe nem carne de porco, mas o resto fica a seu encargo. E o vinho, Bettel. Eu tenho paladar. Não mande aquela uva podre que você me serviu da última vez, ou esta casa vai deixar de usufruir a minha presença.

— Mestre Kennit, acha que vou simplesmente bater na porta de um quarto e dizer a um de meus outros clientes que Etta está sendo requisitada em outro lugar? Acha que seu dinheiro vale mais do que o de qualquer outra pessoa? Se chegar tarde, vai ter que escolher entre...

Ele não deu atenção à mulher, apenas foi subindo a escadaria sinuosa no canto do salão. Parou por um momento no segundo andar. Os sons lembravam os de uma parede cheia de ratos. Kyle bufou, enojado. Abriu uma porta que dava para uma escadaria escura e subiu outro lance. Ali, debaixo das águas do telhado, havia um quarto afastado de todos os outros. No seu interior, uma janela dava vista para a lagoa. A força do hábito o fez atravessar o quarto e olhar pela janela antes de fazer qualquer outra coisa. O *Marietta* balançava de leve junto à doca, uma única lamparina iluminando o convés. Tudo estava bem por lá.

Kennit estava voltando a olhar para o quarto quando um criado bateu na porta.

— Entre — mandou, aos resmungos.

O homem que entrou parecia já ter passado por poucas e boas. O rosto largo exibia as cicatrizes de muitas brigas, mas ele se movia com uma elegância silenciosa conforme acendia o fogo na pequena lareira do outro lado do quarto. Acendeu também duas velas para o hóspede. A luz quente o fez notar que a noite

de verão já estava bem escura lá fora. Kennit se afastou da janela e se sentou numa cadeira almofadada junto à lareira. A noite não precisava ficar mais quente, mas algo nele desejava o doce aroma da madeira resinosa e a luz bruxuleante das chamas.

Uma segunda batida na porta anunciou mais dois criados. Um colocou uma bandeja de comida sobre uma mesinha com uma toalha branca enquanto o outro lhe oferecia uma tigela e um jarro de água fumegante, perfumada com lavanda. *Disso pelo menos Bettel se lembra*, pensou, sem conseguir deixar de se sentir lisonjeado. Lavou o rosto e as mãos mais uma vez e mandou os criados embora antes de se sentar para comer.

A comida não precisava ser muito boa para superar a que tinham a bordo, mas aquela refeição estava excelente. A carne estava tenra, banhada num molho escuro, o pão, fresco, a compota de frutas temperadas que acompanhava a refeição fazia um contraponto agradável à carne. O vinho não era excepcional, mas era mais do que adequado. Kennit não se apressou com a comida, aproveitou bem. Era raro se entregar a prazeres físicos, exceto quando estava amargurado. Nesses momentos, desfrutava os pequenos esforços que fazia para se consolar. As distrações a que se entregava agora lembravam um pouco os mimos da mãe quando ele ficava doente. Kennit bufou de desdém com o pensamento e o afastou junto com o prato. Serviu-se de uma segunda taça de vinho, chutou as botas na direção do fogo e se recostou na cadeira. Olhou para as chamas, tomando o cuidado de não pensar em nada.

A sobremesa foi anunciada com uma batida na porta.

— Entre — disse Kennit, apático.

A breve distração da refeição tinha desaparecido, e o abismo da depressão que agora se abria diante dele não tinha fundo. Tudo era vão, tudo. Ganhos vãos e temporários.

— Trouxe torta de maçã quente e creme doce fresco — anunciou Etta, baixinho.

Ele apenas virou a cabeça para encará-la.

— Bom — respondeu, em seu tom monótono.

Ficou olhando a mulher vir em sua direção. Empertigada e delicada, pensou. Usava só um vestido branco. Era quase tão alta quanto ele, com membros longos e flexíveis como varas de salgueiro. Kennit se recostou e cruzou os braços sobre o peito enquanto ela colocava o prato de porcelana branca com a sobremesa diante dele. O aroma de canela e maçã se mesclava com o perfume de madressilva da pele dela. A garota se endireitou, e Kennit a examinou por um

momento. Os olhos impassíveis encontraram os dele. A boca nada revelava.

De repente, ele a queria.

— Tire a roupa e deite-se na cama. Mas, antes, puxe as cobertas e deixe só os lençóis.

Ela o obedeceu sem hesitar. Era um prazer vê-la se mover a seu comando, puxar as cobertas de cima dos lençóis brancos e depois parar, abaixar e puxar a barra do vestido para cima e tirá-lo pela cabeça. Etta colocou o vestido com cuidado sobre uma cômoda baixa aos pés da cama. Kennit a observou se mover, a cintura longa e reta, a barriga levemente arredondada, a modesta saliência dos seios. O cabelo era curto e liso, cortado como o de um garoto. Até mesmo o rosto era longo e fino. Etta não olhou para ele ao se deitar sobre os lençóis numa posição meticulosa, nem disse uma palavra enquanto o aguardava.

Kennit se levantou e começou a desabotoar a camisa.

— Você está limpa? — perguntou, num tom insensível.

— Tão limpa quanto consigo ficar com sabão e água quente — respondeu Etta.

Ela estava deitada numa imobilidade perfeita. Kennit se perguntou se a mulher o temia.

— Você tem medo de mim? — perguntou, e então percebeu que era uma pergunta diferente.

— Às vezes. — A voz dela estava controlada. Ou talvez indiferente.

Kennit pendurou o casaco no pé da cama. A camisa e a calça dobrada se juntaram ao vestido na cômoda. Sentia prazer em fazê-la esperar enquanto se despia meticulosamente e colocava a roupa de lado. O prazer adiado, pensou consigo mesmo, como a torta quente e o creme na bandeja perto do fogo. Aquilo também o aguardava.

Kennit se sentou ao lado de Etta e passou as mãos pela pele macia e levemente fria da mulher. Ela não falou nem se moveu. Ao longo dos anos, Etta aprendera o que ele exigia. O capitão pirata pagava pela própria satisfação, sem desejar encorajamento ou entusiasmo, sem precisar de aprovação. Aquilo era para o prazer dele, não dela. Kennit observou o rosto de Etta enquanto passava uma das mãos pelo corpo da garota. Ela não o olhou nos olhos. Examinava o teto enquanto ele explorava as formas de sua carne.

Apenas uma falha rompia a suavidade da pele de Etta: em seu umbigo, pequena como uma semente de maçã, havia uma minúscula caveira branca. O pequeno amuleto de madeira-arcana estava preso a um fino fio de prata que

perfurava o umbigo. Metade do que ela ganhava ia para Bettel como pagamento pelo aluguel do amuleto. Pouco depois de conhecê-lo, Etta explicou que aquilo afastava doenças e gravidez. Tinha sido a primeira vez que Kennit ouvira falar da madeira-arcana sendo usada para a fabricação de amuletos. Aquilo levara ao rosto que carregava em seu punho. E pensar naquilo o fez lembrar que o rosto não tinha se mexido nem falado desde que deixara as águas da Ilha dos Outros. Outro desperdício de tempo e de dinheiro, outro sinal de tolice. Cerrou os dentes. Etta se contraiu um pouco. Kennit notou que tinha agarrado o quadril dela e apertado quase a ponto de machucar. Soltou-a e deslizou a mão por sua coxa. Esqueça. Pense apenas no que está fazendo.

Quando ficou pronto, abriu as pernas dela e montou. Doze estocadas depois, já se esvaziara dentro da mulher. Toda a tensão, toda a raiva, toda a frustração tinham desaparecido. Ficou deitado por algum tempo em cima dela e então a possuiu de novo, sem pressa. Dessa vez, os braços de Etta o envolveram e o seguraram, dessa vez, o quadril dela se ergueu para encontrar o dele, e Kennit soube que ela encontrara o próprio relaxamento. Não se importava em dar prazer à mulher, desde que aquilo não interferisse com o seu próprio. Ficou surpreso consigo mesmo quando a beijou, depois. A mulher teve o cuidado de permanecer imóvel. Kennit ficou pensando naquilo enquanto saía de cima dela. Beijar a puta. Bem, podia fazer isso, se quisesse. Pagava para fazer o que bem entendesse com ela. Ainda assim, achava melhor não imaginar por onde a boca da mulher tinha passado aquela noite.

Havia um roupão de seda na gaveta da cômoda. Ele o pegou, vestiu e atravessou o quarto em direção à sobremesa. Etta permaneceu na cama, onde era seu lugar. Ele já dera duas mordidas na torta de maçã quando ela falou:

— Quando vi que você estava atrasado, fiquei achando que não vinha mais.

Kennit cortou outro pedaço da torta com o garfo. A massa era folheada e crocante, com recheio de frutas temperadas. Serviu-se de um pouco de creme e mastigou lentamente. Depois de engolir, perguntou:

— Acha que me importo com o que você pensa?

Ela quase o olhou nos olhos.

— Acho que você se importaria se eu não estivesse aqui agora. Do mesmo jeito que me importei da última vez que você não veio.

Kennit terminou de comer outro pedaço.

— Essa conversa é estúpida. Não quero mais falar nisso.

— É mesmo — disse Etta, e Kennit não sabia se ela estava aceitando a ordem

ou concordando com ele. Não importava.

A mulher manteve o silêncio enquanto ele terminava de comer. Kennit se serviu de outra taça de vinho e se recostou na cadeira, rememorando as últimas semanas, ponderando sobre tudo o que fizera. Tinha sido tolo, concluiu. Devia ter adiado a ida à Ilha dos Outros. E também tinha sido tolice contar suas ambições à tripulação depois de receber o oráculo. Idiota. Estúpido. A essa altura, devia ser motivo de piada em Partilha. Podia imaginar as zombarias nas tavernas e estalagens. “Rei dos Piratas”, estariam dizendo. “Como se a gente quisesse ou precisasse de um rei. Como se a gente fosse aceitar ele como rei, se quisesse ou precisasse de um.” E ririam.

A vergonha o invadiu. Tinha se humilhado mais uma vez, e, como sempre, fora apenas culpa sua. Era estúpido, estúpido demais, e sua única esperança de sobreviver era não deixar que ninguém mais soubesse quanto. Permaneceu sentado diante do fogo, girando o anel que tinha no dedo e olhando para as chamas. Lançou um olhar ao amuleto de madeira-arcana amarrado no pulso. Seu próprio sorriso sardônico zombava dele. Será que aquela boca tinha mesmo se mexido, ou era apenas outro truque da magia dos Outros? Tinha sido um erro ir àquela ilha. A tripulação com certeza também estava falando disso, de como o capitão tinha ido atrás de um oráculo como uma mulher estéril ou um fanático religioso. Por que suas maiores esperanças tinham sempre de se transformar em suas piores humilhações?

— Quer que eu massageie seus ombros, Kennit?

Ele se virou para Etta com um olhar furioso. Quem a mulher pensava que era para interromper suas reflexões?

— O que a faz pensar que eu gostaria disso? — perguntou com frieza.

Etta respondeu, num tom monótono:

— Você parecia preocupado. Cansado e tenso.

— Acha que pode saber essas coisas só de olhar para mim, puta?

Os olhos escuros da mulher ousaram se fixar nos dele.

— Uma mulher sabe dessas coisas só de olhar para um homem, depois de passar mais de três anos olhando para ele.

Etta se levantou e parou atrás dele, ainda nua. Colocou as mãos longas e finas em seus ombros, massageando os músculos através da seda fina do roupão. A sensação era boa demais. Kennit permaneceu imóvel durante algum tempo, permitindo que ela lhe tocasse. Mas então a mulher começou a falar enquanto massageava os músculos nodosos:

— Sinto sua falta quando você sai nessas viagens mais longas. Fico me perguntando se você está bem. Às vezes me pergunto se vai voltar. Afinal, o que o prende a Partilha? Sei que não se importa comigo. Para você, só importa que eu esteja aqui e faça o que você mandar. Acho que Bettel só me mantém aqui por causa da sua preferência. Eu não sou... o que a maioria dos homens deseja. Tem ideia de como isso o torna importante na minha vida? Sem você, Bettel me mandaria embora, e eu teria que trabalhar nas esquinas. Mas você vem aqui, pede por mim pelo nome e fica com o melhor quarto da casa para usarmos, sempre pagando em bom ouro. Sabe do que as outras me chamam? Puta de Kennit. — Ela soltou uma risada curta e amargurada. — Antes eu teria me sentido humilhada. Hoje, gosto do apelido.

— Por que você está falando? — A voz de Kennit cortou as divagações, brusco como uma faca cega. — Acha que pago para lhe ouvir falar?

Era uma pergunta. Ela sabia que tinha permissão para responder.

— Não — respondeu, baixinho. — Mas acho que, com o ouro que você paga a Bettel, poderia alugar uma casinha para nós. Eu a manteria limpa e arrumada. Estaria sempre lá esperando seu retorno, e estaria sempre pronta para arrumá-la e limpá-la para você. Juro que nunca haveria cheiro de nenhum outro homem em mim.

— E acha que eu gostaria disso? — zombou Kennit.

— Não sei — respondeu Etta, em voz baixa. — Mas sei que eu gostaria. Só isso.

— Não dou a mínima para o que você gostaria ou não.

Afastou as mãos dela de seus ombros. O fogo tinha esquentado a pele de Etta. Kennit se levantou da cadeira e se virou para encará-la. Passou uma das mãos pela pele nua da mulher, fascinado pela sensação da carne aquecida pelo fogo. Aquilo o deixou excitado de novo. Mas, quando ergueu os olhos para o rosto dela, ficou chocado ao encontrar lágrimas em suas bochechas. Aquilo era intolerável.

— Volte para a cama — ordenou, enojado. E ela voltou, obediente como sempre.

Kennit ficou de pé, virado para o fogo, lembrando-se da pele macia sob os dedos e querendo usá-la mais uma vez, mas consternado com a ideia do rosto úmido e dos olhos lacrimosos. Não era para isso que contratava uma puta. Contratava uma puta para evitar aquilo. Mas que droga, estava pagando. Não olhava para a cama enquanto cuspia as ordens:

— Deite-se de bruços. Com o rosto para baixo.

Ouviu-a se mexer nos lençóis. Atravessou depressa o quarto escuro até ela. Montou-a daquele jeito mesmo, com o rosto para baixo feito um garoto — mas a possuiu como mulher. Que ninguém, nem mesmo uma prostituta, dissesse que Kennit não sabia a diferença entre os dois.

Sabia que não estava sendo bruto. Etta continuou chorando mesmo depois de ele ter saído de cima. De algum modo, o choro quase silencioso da mulher ao seu lado o incomodou. A perturbação se misturou à vergonha e ao desgosto que sentira mais cedo. Qual era o problema dela? Ele estava pagando, não estava? Que direito a mulher tinha de esperar mais do que isso? Afinal de contas, era só uma prostituta. Era o acordo que tinham.

Kennit se levantou de repente e começou a se vestir. Depois de algum tempo, o choro cessou. Etta se virou nos lençóis.

— Por favor — sussurrou, rouca. — Por favor, não vá embora. Peço desculpas se lhe desagradei. Vou ficar quieta. Prometo.

O desespero na voz dela ecoou contra o desespero que Kennit sentia em seu próprio coração, aço contra aço. Tinha que matá-la. Devia simplesmente matá-la, em vez de deixar que ela lhe dissesse coisas como aquela. Em vez disso, enfiou a mão no bolso do casaco.

— Aqui, é para você — disse, procurando algumas moedas para dar a Etta.

O dinheiro lembraria a ambos por que estavam naquele quarto. Porém, o destino o traiu: não havia nada em seu bolso. Tinha deixado o navio às pressas. Teria que voltar ao *Marietta* para buscar dinheiro para pagar a Bettel. Aquilo era extremamente vergonhoso. Kennit sabia que a prostituta o encarava, à espera. O que podia ser mais humilhante do que estar sem um tostão diante da puta que acabara de usar?

Mas então sentiu uma coisa minúscula no menor canto do bolso, algo que o espetou debaixo da unha. Kennit pegou a coisa, irritado, achando que fosse um espinho ou um seixo largado, mas o que acabou tirando do bolso foi o minúsculo brinco da orelha do gatinho azulado. O rubi cintilou para ele. Nunca gostara de rubis. Serviria para Etta.

— Tome — disse, colocando a joia na mão da mulher. — Não saia do quarto — acrescentou. — Mantenha tudo aqui até a noite de amanhã. Eu vou voltar.

Saiu do quarto antes que Etta pudesse falar. Estava irritado, suspeitava que Bettel exigiria um pequeno resgate de rei para manter tanto o quarto quanto a garota ocupados por toda uma noite e um dia. Bem, que exigisse, ele sabia o que

pagaria. E não teria que admitir para Bettel que não tinha dinheiro para pagá-la aquela noite. Pelo menos podia evitar a vergonha.

Kennit desceu a escada com estrépito e atravessou a porta.

— Quero que mantenha o quarto e a garota como estão — informou a Bettel, ao passar.

Em outra ocasião, quase teria desfrutado o olhar consternado da cafetina. Já estava a meio caminho da rua quando sentiu a bolsa de moedas batendo contra o quadril. O dinheiro estava em seu bolso esquerdo o tempo todo. Ridículo. Nunca deixava nada ali. Pensou em voltar e pagar a Bettel, mas achou melhor não. Ficaria parecendo um tolo se voltasse e dissesse que tinha mudado de ideia. Um tolo. A palavra ardia em sua mente.

Kennit apertou o passo para tentar escapar dos próprios pensamentos. Precisava se manter em movimento. Enquanto seguia pela rua de lama pegajosa, uma vozinha falou de seu pulso.

— Aquele devia ser o único tesouro já tirado da Ilha dos Outros, e você o deu a uma puta.

— E daí? — perguntou Kennit, erguendo o pequeno rosto até deixá-lo diante do seu.

— E daí que você talvez tenha tanta sorte quanto sabedoria. — O rosto minúsculo sorriu com malícia. — Talvez.

— O que quer dizer?

Mas o amuleto de madeira-arcana não tornou a falar naquela noite, nem mesmo quando Kennit lhe deu um peteleco. As feições entalhadas permaneceram imóveis e duras como pedra.

Foi até o salão de Ivro. Kennit não tinha percebido que estava indo para lá até se ver diante da porta. Estava escuro lá dentro. Era bem mais tarde do que pensava. Chutou a porta até que o primogênito de Ivro e o próprio Ivro começaram a gritar para que parasse.

— Sou eu, Kennit — disse para a escuridão. — Quero outra tatuagem.

Uma luz fraca se acendeu dentro da casa. Depois de um momento, Ivro abriu a porta.

— Por que eu deveria perder o meu tempo? — perguntou o artista baixinho, furioso. — Vá gastar seu dinheiro em outro lugar, com um tolo com algumas agulhas e cinzas que não dá a mínima para o próprio trabalho. Então, quando mandar queimar a tatuagem no dia seguinte, você não terá destruído nada de valor. — Ele cuspiu, errando por pouco as botas de Kennit. — Sou um artista,

não uma puta.

Kennit agarrou o homem pela garganta, erguendo-o até deixá-lo na ponta dos pés, e o sacudiu com violência.

— Eu paguei, seu maldito! — ouviu-se berrando. — Eu paguei pela tatuagem e fiz o que quis com ela. Entendeu? — Kennit recuperou o controle tão abruptamente quanto o perdera. Ofegante, largou o artista. — Entendeu? — rosnou, mais baixo.

Viu ódio nos olhos do homem, mas também medo. Ele faria a tatuagem. Faria pelo ouro pesado que tilintava na bolsa que Kennit lhe mostrou. O ouro sempre comprava artistas e prostitutas. Um artista não era mais do que uma puta que ganhava bem.

— Entre, então — convidou Ivro, num tom baixo e mortal.

Kennit soube, com um frio na espinha, que o homenzinho lhe forneceria a mesma medida de dor e arte. Mas o sujeito era talentoso o bastante para Kennit ter certeza de que a tatuagem seria tão perfeita quanto possível. Dor e perfeição. Era o único caminho que ele conhecia para a redenção. E, se havia um momento em que precisava restaurar sua sorte, era aquele. Kennit seguiu o homem para dentro do salão e desabotoou a camisa enquanto Ivro acendia um castiçal após o outro. Dobrou a roupa com cuidado e se sentou no banquinho com a camisa e o casaco no colo. Dor e perfeição. Sentiu uma terrível expectativa de libertação enquanto Ivro andava pela sala, colocando velas nas mesas e puxando os materiais para perto.

— Onde e o quê? — perguntou o tatuador. A voz estava tão fria quanto a de Kennit quando falava com uma prostituta.

— Na nuca — respondeu Kennit, calmo. — Um Outro.

— Um outro o quê? — perguntou Ivro, irritado. Já estava puxando uma mesa para o lado deles. Potinhos de tintas brilhantes estavam alinhados com precisão. O tatuador colocou um banco mais alto atrás de Kennit e se sentou nele.

— Um Outro — repetiu Kennit. — Como aqueles da Ilha dos Outros. Você sabe o que quero dizer.

— Sei — retrucou Ivro, seco. — É uma tatuagem azarada, e vou ter o maior prazer de gravá-la em você, seu filho da puta.

O homem começou a passar as pontas dos dedos sobre a pele de Kennit, medindo. Em Jamaillia, um proprietário podia imprimir sua marca no rosto de um homem. Mesmo que um escravo ganhasse a liberdade, continuava sendo ilegal remover as marcas de sua servidão. Contudo, nas Ilhas Piratas, o mesmo

homem podia decorar qualquer parte do corpo como bem entendesse. Alguns ex-escravos, como Sorcor, preferiam uma cicatriz de queimadura. Outros pediam que artistas como Ivro transformassem as antigas tatuagens de escravo em novos símbolos de liberdade. Os dedos de Ivro tocaram as duas cicatrizes que já tinham adornado as costas de Kennit.

— Por que as queimou? Trabalhei por horas nessas tatuagens, e você pagou bem. Não gostou? — E depois: — Baixe a cabeça. Sua sombra está na frente.

— Eu gostava delas — murmurou Kennit. Sentiu a primeira pontada de uma agulha na carne retesada. Sentiu um arrepio subir pelos braços e o couro cabeludo se contrair com a dor. Acrescentou para si mesmo, mais baixo: — Gostei ainda mais das queimaduras.

— Você é louco — observou Ivro, mas soava distraído.

Kennit já não era mais nada para ele: não era homem nem inimigo. Era apenas uma tela para o trabalho apaixonado. A agulha minúscula furava sem cessar. A pele do pirata se contraía de dor, e ele ouviu Ivro soltar um leve suspiro de satisfação.

Era a única maneira, pensou consigo mesmo. A única maneira de anular o azar. Ir até a Ilha dos Outros tinha sido uma decisão ruim, e agora precisava pagar por ela. Mil picadas da agulha e a ardência da tatuagem nova no dia seguinte. Depois, a agonia purificadora do ferro quente para queimar o erro e deixá-lo como se nunca tivesse ocorrido. Para manter a sorte, disse a si mesmo, cerrando os punhos. Atrás dele, Ivro cantarolava, apreciando tanto o trabalho quanto a vingança.



5

VILAMONTE

Dezessete dias. Pela minúscula portinhola da cabine, Althea viu Vilamonte se aproximar. As muitas docas nas águas plácidas da baía estavam cheias de galeões e caravelas com mastros nus. Embarcações menores percorriam o espaço entre os navios ancorados e a costa. Aquele era seu lar.

Tinha passado dezessete dias dentro daquele quarto, saindo só quando precisava, e sempre nos turnos em que Kyle estava dormindo. Tinha passado os primeiros dias imersa numa fúria fervente, com lágrimas ocasionais, esbravejando contra aquela injustiça. Prometera a si mesma que suportaria as restrições de Kyle simplesmente para poder reclamar delas com o pai, quando a viagem acabasse.

— Olha só o que você me fez fazer! — disse Althea a si mesma, com um leve sorriso.

Era o mesmo grito de quando, ainda criança, brigava com Keffria. Um prato ou um vaso quebrados, um balde virado, um vestido rasgado quase de propósito, e então: “Olha só o que você me fez fazer!” Keffria sempre gritava aquilo para a irritante irmã mais nova, e, com a mesma frequência, Althea gritara aquelas palavras para a mais velha opressora.

Seu retiro tinha começado assim, seu humor se alternando entre momentos amuados e furiosos, pensando em tudo o que diria se Kyle ousasse aparecer a sua porta, para ter certeza de que ela estava obedecendo ou para se desculpar. Enquanto esperava a visita do cunhado, Althea releu todos os livros e pergaminhos e chegou até a desenrolar a seda, considerando começar a fazer o vestido. Mas sua habilidade com a agulha era mais adequada à lona, e o tecido era caro demais para arriscar um serviço malfeito, então ela acabou apenas remendando suas roupas de bordo. Só que até essa tarefa chegou ao fim, e Althea percebeu que odiava aquele ócio que teria de enfrentar. Certa noite, irritada com o catre pequeno demais, jogou os lençóis no chão e se deitou ali mesmo. Começou a ler mais uma vez o *Diário de um Mercador*, de Deldom. Acabou dormindo no chão. E sonhou.

Quando era criança, sempre cochilava nos conveses da *Vivácia* ou passava a

noite estirada no chão da cabine do pai, lendo os livros dele. Os cochilos traziam sonhos vívidos, e ela sempre imaginava coisas fantásticas naquele estado de quase sonolência. Depois que cresceu, o pai passou a repreendê-la pelos cochilos, sempre cuidando para que Althea tivesse o que fazer e ficasse sem tempo de cochilar no convés. Althea achava que aqueles sonhos eram produto da imaginação fértil das crianças, mas naquela noite, no chão da própria cabine, foi visitada pelas mesmas cores e pelos mesmos detalhes dos sonhos de infância. Eram imagens vívidas demais para serem consideradas mero produto da mente.

Althea sonhou com a bisavó, uma mulher que nunca chegou a conhecer, mas que no sonho conhecia tão bem quanto a si mesma. Talley Vestrit andava pelos conveses, gritando ordens aos marinheiros que tropeçavam por entre um emaranhado de lonas, cabos e madeiras quebradas, em meio a uma grande tempestade. Althea sabia o que tinha acontecido, e o conhecimento viera tão certeiro como uma lembrança. O grande mar tinha levado o mastro e o imediato, e a própria capitã se juntara à tripulação para restaurar a ordem e a sanidade com seus berros confiantes.

Talley não era nada parecida com a pintura que tinham em casa, retratando uma mulher sentada docilmente numa poltrona, vestindo lã negra e rendas brancas, com um marido de rosto severo de pé junto a seu ombro. Althea sabia que a bisavó é que encomendara a construção da *Vivácia*, mas naquele sonho Talley não era só a mulher que tinha ido tratar com os agiotas e os construtores — também era uma mulher que amava o mar, amava navegar, uma mulher que corajosamente determinara o curso dos descendentes de sua família com a decisão de ter um navio-vivo. Ah, quem dera ter vivido naquela época, quando as mulheres podiam ter tanta autoridade!

O sonho foi breve e muito nítido, como uma cena iluminada apenas pelo clarão de um relâmpago. Mesmo assim, quando Althea acordou com a bochecha e as palmas pressionadas contra o chão de madeira, não teve dúvidas do que tinha visto. Ficaram muitos detalhes ainda gravados na memória, apesar do momento ter sido curto demais. No sonho, vira a *Vivácia* com velas da proa à popa — ou pelo menos o que restava das velas depois de enfrentar a fúria da tempestade. Nunca tinha visto o navio com toda aquela aparelhagem, e ficou pensando nas vantagens da armação. Durante toda a visão, compartilhava os pensamentos e emoções da bisavó.

Depois de um tempo tão profundamente imersa em Talley, foi um pouco desnorteante despertar e se ver como Althea. Horas mais tarde, ainda conseguia se lembrar da noite de tempestade quando fechava os olhos. As lembranças reais da bisavó se mesclavam com as suas, misturadas como uma nova carta num

baralho. O sonho tinha vindo da própria *Vivácia,* não havia outra explicação.

Naquela noite, Althea decidiu dormir no chão da cabine. As tábuas oleadas e polidas não eram muito confortáveis, mas ela não quis usar a cobertura de nenhum lençol ou almofada. *Vivácia* recompensou sua confiança permitindo que Althea passasse uma tarde com o avô, que navegava com cautela por um dos canais mais estreitos das Ilhas Perfumadas. Ficou olhando por cima do ombro dele, assistindo enquanto o avô notava as rochas salientes do leito e colocava um barco na água para puxá-los mais depressa por um lugar por onde só dava para passar com determinada maré. Era o segredo dele, o que acabara gerando o monopólio Vestrit sobre uma seiva que, quando seca, formava gotículas de uma fragrância muito luxuosa. Ninguém nunca tinha subido aquele canal para negociar com as aldeias de lá desde a morte do avô. Como qualquer capitão, ele tinha levado para o túmulo mais do que poderia transmitir a seus descendentes, e não tinha deixado nenhum mapa. Mas o conhecimento não se perdera: estava armazenado na *Vivácia* e ressurgiria quando o navio-vivo despertasse. Althea tinha certeza de que poderia subir o canal com o navio mesmo antes de isso acontecer, já que a embarcação confiara seus segredos a ela.

Noite após noite, Althea se deitava no chão de madeira e sonhava com seu navio. Mesmo de dia, pressionava com firmeza o rosto contra as tábuas e ficava lá, pensando no futuro. Sintonizou-se com a *Vivácia*, passando a perceber os tremores do casco quando a embarcação se retesava com uma mudança súbita de direção e os sons serenos que a madeira fazia quando o vento a impelia num curso firme e constante. Os gritos dos marinheiros e o leve ribombar de seus pés nos conveses eram pouco mais que os gritos das gaivotas que às vezes pousavam nela. Em momentos como esses, Althea tinha a impressão de que era o navio, completamente consciente dos homenzinhos que escalavam seus mastros — a mesma consciência que uma grande baleia teria das cracas que se agarravam à sua pele.

A história de um navio era muito maior que as das pessoas que trabalhavam nele. Althea não conhecia palavras humanas que expressassem as diferenças tão minúsculas que sentia no vento e na correnteza. Era um prazer poder trabalhar com um bom timoneiro, mas era irritante ter que lidar com alguém que sempre fazia ajustes minúsculos e desnecessários. Mas mesmo isso era superficial se comparado ao que ocorria entre o navio e a água. Althea ficou muito surpresa ao notar que a vida de um navio poderia ser maior do que o que se passava entre ele e seu capitão. Em poucas noites, sua concepção do que era um navio-vivo mudou completamente.

Em vez de um confinamento forçado em seu alojamento, os dias que passava

fechada na cabine acabaram se revelando uma experiência extremamente abrangente. Althea ainda se lembrava bem do dia em que abrira a porta e se deparara com uma manhã brilhante no lugar da noite amena que esperava. O cozinheiro tivera que sacudi-la pelos ombros quando Althea começara a sonhar acordada na cozinha, numa de suas visitas em busca de comida. Mais tarde, batidas incessantes na sua porta vieram atrapalhar sua exploração. Quando a abriu, ficou surpresa ao ver que era Brashen, e não Kyle, parado do lado de fora. Ele parecia pouco à vontade com a ideia de um interrogatório, mas insistiu em saber se estava tudo bem.

— Claro que sim. Estou ótima — respondeu Althea, tentando fechar a porta de volta, mas Brashen a manteve aberta, segurando-a com o braço.

— Duvido. O cozinheiro me disse que você parecia que tinha perdido uns quatro ou cinco quilos, e acho que perdeu mesmo. Althea, não sei o que aconteceu entre você e o capitão Kyle, mas cuidar da saúde da tripulação ainda é parte das minhas obrigações.

A menina notou a testa franzida e os olhos escuros cheios de preocupação, mas aquilo lhe parecia apenas um estorvo.

— Não faço parte da tripulação — ouviu-se dizendo. — Foi isso o que aconteceu entre mim e o capitão Kyle. E a saúde de uma simples passageira não é da sua conta. Me deixe em paz.

Ela tentou fechar a porta.

— Mas a saúde da filha de Ephron Vestrit é da minha conta, sim. Eu tenho a ousadia considerar Ephron um amigo, além de capitão. Althea. Olhe só para você. Acho que não escova esse cabelo há dias. E vários homens disseram que, quando você saiu para o convés, estava andando que nem um fantasma, com olhos tão vazios quanto o espaço entre as estrelas.

O rapaz parecia mesmo preocupado. Não era de admirar. Qualquer mudança, por menor que fosse, podia afetar uma tripulação que passasse muito tempo sob o comando de um capitão rigoroso demais. Uma mulher enfeitiçada vagando pelos conveses poderia instigá-los. Só que ela nada podia fazer a respeito.

— Ah, os marinheiros e suas superstições — escarneceu Althea, mas não conseguiu encontrar muita energia para o sarcasmo. — Esqueça, Brashen. Eu estou bem.

Ela empurrou a porta, e dessa vez o antigo imediato permitiu que a fechasse na sua cara. Althea podia apostar que Kyle não sabia daquela visita. Deitou-se de novo no chão e entrou em comunhão com o navio, fechando os olhos. Sentiu Brashen parado do lado de fora da cabine por mais alguns momentos, para então

se afastar e retornar às suas tarefas. A essa altura, Althea já deixara o rapaz de lado para examinar a água deslizando ao longo do casco da *Vivácia* enquanto o vento puro a empurrava adiante, cortando as ondas.

Dias mais tarde, a *Vivácia* sentiu as águas do lar, reconheceu a correnteza que a levava gentilmente na direção da Baía do Mercador e recebeu de bom grado o abrigo das águas tranquilas. Quando Kyle ordenou que dois barcos puxassem o navio para atracá-lo nas docas, Althea começou a despertar. Levantou-se e olhou pelo vidro.

— Lar — disse a si mesma, em seguida acrescentou: — Pai.

Sentiu em resposta uma vibração de expectativa da própria *Vivácia*.

Deu as costas à portinhola e abriu o baú de bordo. As roupas de porto estavam no fundo, trajes "adequados" para usar nas docas de seu lar. Era uma concessão que ela e o pai tinham feito à mãe, anos antes. Quando o capitão Vestrit andava pela cidade, estava sempre resplandecente, de calça e casaco azuis sobre a camisa branca repleta de rendas. Era apropriado. Ele era um Velho Mercador, além de um capitão conhecido. Althea não se importaria de usar uma roupa como aquela, mas a mãe sempre insistia para que ela usasse saias no porto e na cidade, não importava como se vestisse a bordo do navio. Servia ao menos para diferenciá-la dos criados. A mãe sempre acrescentava que, de olhar para o cabelo e a pele de Althea, ninguém pensaria que ela era uma dama, quanto mais a filha de uma família de Velhos Mercadores. Ainda assim, ela não tinha sido convencida pela insistência da mãe, mas sim por um curto e calmo recado do pai. "Não envergonhe seu navio", dissera ele, em voz baixa. Aquilo bastara.

Assim, em meio à agitação da tripulação lançando a âncora e preparando a *Vivácia* para sua estadia no porto, Althea pegou água quente na cozinha e se banhou em sua cabine. Vestiu os trajes de porto: anágua, saia, blusa e colete, além de um xale de crochê e uma fita rendada ridícula para prender o cabelo. Coroando tudo aquilo, um chapéu de palha com adornos absurdos de penas. Estava ajustando a cintura da saia e amarrando o colete quando percebeu que Brashen tinha razão: as roupas pendiam como os trapos de um espantalho. O espelho mostrava círculos escuros sob seus olhos e bochechas quase encovadas. O cinza-claro das vestes e o azul pálido das barras lhe conferiam uma aparência ainda mais doentia. Até as mãos pareciam esquálidas, salientando os ossos dos pulsos e dos dedos. Por mais estranho que parecesse, aquilo não a incomodava. Não tinha passado por uma experiência muito diferente do jejum e do isolamento às vezes praticados em busca da orientação de Sá. A diferença era que, em vez de Sá, fora o próprio espírito do navio-vivo que a possuíra. E como aquilo valera

a pena. Estava quase grata a Kyle. Quase.

Althea saiu para o convés, piscando com a luz do sol vespertino refletida nas águas plácidas do porto. Ergueu os olhos e viu as muralhas da bacia da baía. Vilamonte estendia-se ao longo da costa, magnífica como os produtos de cores vivas vendidos no Grande Mercado. O cheiro de terra estava impregnado em tudo. As Docas Fiscais estavam movimentadas como sempre. Os navios que chegavam a Vilamonte precisavam se apresentar lá primeiro, para que os fiscais do sátrapa pudessem inspecionar e taxar as cargas. A *Vivácia* teria de aguardar sua vez, pois parecia que o *Dourado* estava prestes a zarpar. Aproveitariam a brecha assim que o caminho estivesse livre.

Por instinto, seus olhos buscaram sua casa: dava para ver um canto das paredes brancas, mas o restante era ocultado pelas árvores. Franziu a testa por um momento ao ver as mudanças nas colinas ao redor, mas afastou o pensamento. A terra e a cidade tinham pouco a ver com ela. A impaciência e a preocupação que sentia pela saúde do pai se mesclavam a uma estranha relutância em deixar a *Vivácia*. O escaler do capitão ainda não tinha sido abaixado até o mar — por tradição, ela seguiria para a terra naquele barco. Não gostava da ideia de ver Kyle outra vez, muito menos de fazer a travessia com ele, mas aquilo não lhe parecia um aborrecimento tão intenso quanto teria sido uma ou duas semanas antes. Althea sabia que Kyle jamais poderia separá-la da *Vivácia*. Estava ligada à embarcação, e o próprio navio-vivo não toleraria ser navegado sem ela. Kyle era um estorvo em sua vida, mas suas ameaças já não tinham peso. Althea faria o pai entender o que tinha acontecido. Claro que ele ficaria bravo pelo que ela tinha dito sobre o casamento de Kyle e Keffria. Althea estremeceu ao lembrar as próprias palavras. O pai ficaria bravo com ela, e seria merecido. Mas conhecia o velho Ephron bem demais para temer que ele a separasse do navio.

Estava na coberta de proa, inclinando-se sobre o gurupés, olhando para a figura de proa. Os olhos entalhados continuavam fechados, mas aquilo não importava. Althea compartilhara os sonhos do navio-vivo.

— Cuidado para não escorregar.

— Não precisa se preocupar — retrucou para Brashen, sem sequer se virar.

— E normalmente eu não me preocuparia. Mas, pálida desse jeito, dá até medo de você ficar tonta e cair da amurada.

— Não.

Althea nem se virou para olhá-lo. Queria que ele fosse embora. Quando Brashen voltou a falar, a voz estava mais formal.

— Srta. Althea, tem alguma bagagem que deseja que seja desembarcada?

— Só o baú pequeno perto da porta da cabine. — Nele estavam a seda e as lembrancinhas para a família. Ela o deixara pronto dias antes.

Brashen pigarreou, um pouco sem jeito. Ainda não tinha ido embora. Althea se virou para ele, meio irritada.

— O que foi?

— O capitão ordenou que eu a ajudasse com tudo o que fosse necessário para remover seus pertences da... hã, cabine do oficial.

Brashen estava bastante empertigado, olhando em algum ponto atrás dela. Pela primeira vez em meses, Althea realmente olhou para ele. O que teria custado ao homem abandonar o posto de imediato e tornar-se marinheiro simplesmente para permanecer a bordo daquele navio? Ela só tinha sido alvo da língua de Kyle uma vez, mas perdera a conta de quanto ele ou o imediato repreenderam Brashen, que ainda assim permanecia lá, mesmo depois de receber uma ordem de cuja sensatez duvidava, fazendo o melhor possível para obedecê-la como um oficial de bordo respeitável.

Althea respondeu, mais para si mesma do que para Brashen:

— Ele com certeza deve estar muito feliz em designar você para essa tarefa.

O marinheiro não respondeu. Os músculos de seu maxilar ficaram levemente mais retesados, mas ele segurou a língua. Recusava-se a criticar as ordens de seu capitão, mesmo naquele momento. Ele era mesmo incorrigível.

— Só o baú pequeno, Brashen.

O rapaz soltou um longo suspiro, que pareceu pesar feito uma âncora.

— Srta. Althea. Tenho ordens de remover todos os seus pertences daquela cabine.

Althea desviou o olhar. A atitude de Kyle a deixava terrivelmente cansada. Que ele achasse que conseguiu o que queria, o pai logo resolveria tudo.

— Então obedeça às ordens, Brashen. Sei que não é culpa sua.

Ele pareceu aturdido.

— Não quer fazer as malas você mesma? — Estava chocado demais até para acrescentar “srta. Althea”.

Ela deu um leve sorriso.

— Eu vi como você armazena as cargas. Tenho certeza de que fará um bom serviço.

Brashen permaneceu ao seu lado por mais um momento, como se esperasse que ela reconsiderasse a decisão. Althea o ignorou. Depois de algum tempo, ouviu ele dar meia-volta e se afastar discretamente pelo convés. Então voltou a admirar o semblante da *Vivácia*. Agarrou a amurada com força e, com fervor, jurou à embarcação que jamais a abandonaria.

— O escaler está esperando, srta. Althea.

O tom na voz do marinheiro que a chamava sugeria que ele já tinha dito aquilo antes, e possivelmente mais de uma vez. Ela se endireitou e, relutante, afastou os sonhos da mente.

— Estou indo — respondeu, desanimada, e o seguiu.

Althea passou o trajeto inteiro até a cidade virada de frente para Kyle no escaler, tentando se manter o mais afastada possível dele. Ninguém lhe dirigiu a palavra. Na verdade, ninguém falou mais que o estritamente necessário. Notou vários olhares apreensivos dos marinheiros nos remos. Grilo, mais ousado, arriscou um sorriso e uma piscadela. Ela tentou retribuir, mas parecia incapaz de se lembrar de como sorrir. Tinha sido invadida por uma grande calma desde que deixara o navio, como se sua alma estivesse simplesmente esperando para ver o que aconteceria.

Nas poucas vezes em que seus olhos encontraram os de Kyle, a expressão no rosto do cunhado a deixou intrigada. Na primeira vez, ele parecia quase horrorizado, e uma segunda olhada revelou um rosto absorto em pensamentos. Mas a última olhada foi a mais arrepiante: Kyle assentiu para ela e abriu um sorriso afetuoso e encorajador. Era a mesma expressão com a qual teria olhado para a filha, Malta, se ela tivesse demonstrado sucesso nos estudos. Inexpressiva, Althea desviou o olhar, voltando-se para as águas plácidas da Baía do Mercador.

O pequeno barco a remo embicou para uma doca. Althea aceitou a ajuda para subir ao cais, como uma inválida, tamanho era o estorvo das saias, do xale e do chapéu, que bloqueava a visão. Quando pisou em terra firme, ficou um pouco irritada com Grilo, que a segurou por mais tempo do que o estritamente necessário. Althea se voltou para o homem esperando ver malícia em seus olhos, mas só encontrou preocupação — o que aumentou no momento seguinte, quando uma onda de tontura a fez agarrar o braço do marinheiro.

— Só preciso me acostumar a pisar em terra de novo — desculpou-se, indo para longe.

Kyle já tinha deixado instruções antes de desembarcar, e um cabriolé aberto os aguardava. O condutor jovem e magricela cedeu o assento protegido do sol.

— Nenhuma bagagem? — perguntou, num grasnido.

Althea apenas balançou a cabeça.

— Nenhuma bagagem, cocheiro. Leve-nos para a Casa Vestrit. Fica no Círculo dos Mercadores.

O garoto seminu assentiu e ofereceu a mão para ajudá-la a subir no assento. Quando Kyle se juntou a ela, o garoto saltou com destreza para o dorso do pangaré e estalou a língua. As ferraduras ressoaram pelas tábuas da doca.

Althea continuou olhando para a frente, sem dizer uma só palavra, quando o cabriolé deixou as docas e entrou nas ruas calçadas de Vilamonte. Já era ruim o bastante ter que se sentar ao lado de Kyle, não ia piorar a situação iniciando uma conversa. A agitação de pessoas e carroças indo e vindo, os gritos de pechinchas e os odores dos restaurantes e das casas de chá pareciam estranhamente distantes. Quando ela e o pai atracavam, a mãe sempre estava esperando para recebê-los. Saíam das docas a pé, e Ronica contava tudo o que tinha acontecido na cidade desde que tinham zarpado. O mais provável era que parassem numa das casas de chá para comerem pães doces e quentes e beber chá gelado, antes de andar o restante do caminho para casa. Ela soltou um suspiro.

— Althea, você está bem? — intrometeu-se Kyle.

— Tão bem quanto seria de se esperar, obrigada — respondeu, seca.

Ele se remexeu no assento, então pigarreou como se estivesse se preparando para dizer mais alguma coisa, mas Althea foi poupada do falatório quando o cabriolé parou na frente da Casa Vestrit. Antes que Kyle pudesse se mover, o garoto saltou depressa para oferecer a mão para ajudar Althea a descer. Ela sorriu para o garoto, que retribuiu o gesto. No momento seguinte, a porta da casa se abriu, e Keffria saiu correndo, gritando:

— Ah, Kyle, Kyle, estou tão feliz por você ter voltado! Está tudo péssimo!

Selden e Malta vieram correndo logo atrás da mãe, que se atirou para a frente e abraçou o marido. Outro garoto os seguia, pouco à vontade. Parecia estranhamente familiar: talvez fosse um primo de visita, ou coisa do tipo.

— É bom ver você também, Keffria — murmurou Althea, com sarcasmo, dirigindo-se para a porta.

Lá dentro estava mais fresco e sombreado. A jovem ficou parada um instante, feliz por deixar os olhos se acostumando à penumbra. Uma mulher que ela não reconheceu apareceu com uma bacia de água perfumada e uma toalha e começou a lhe dar as boas-vindas à casa. Althea a dispensou com um aceno de mão.

— Não, obrigada. Meu nome é Althea, e eu moro aqui. Cadê o meu pai? Na sala de estar?

Pensou ter visto um breve lampejo de compaixão nos olhos da mulher.

— Faz muitos dias que ele não está bem o bastante para desfrutar aquela sala, senhorita. Ele está no quarto, junto com sua mãe.

Os sapatos de Althea ressoaram no piso ladrilhado enquanto ela disparava pelo corredor. Antes de chegar à porta, a mãe surgiu na entrada, a testa franzida de preocupação.

— O que está acontecendo? — perguntou. Então, reconhecendo a filha, deu um grito de alívio. — Ah, você voltou! E Kyle?

— Está lá fora. Meu pai ainda está doente? Depois de tantos meses, eu tinha certeza de que ele...

— Seu pai está morrendo, Althea — anunciou a mãe.

Encolhendo-se diante daquela franqueza brutal, a menina notou os olhos fundos e as novas rugas no rosto da mãe, assim como a rigidez na boca e os ombros curvados de um jeito que ela não se lembrava. Mesmo com o coração quase parando diante do choque, reconheceu que as palavras não tinham sido cruéis, mas desesperadas. A mãe lhe dera as notícias depressa, como se isso pudesse poupar a filha da lenta dor da compreensão.

— Ah, mãe...

Tentou se aproximar, mas ela recuou, sacudindo as mãos. Althea parou no mesmo instante. Ronica Vestrit nunca fora mulher de dar abraços lacrimosos e chorar no ombro alheio. A tristeza até podia ter curvado seus ombros, mas ela ainda não se entregara.

— Vá ver seu pai — mandou. — Ele pergunta por você quase que de hora em hora. Preciso falar com Kyle. Temos que cuidar de alguns preparativos, e acho que não nos resta muito tempo. Entre e vá falar com ele de uma vez. Corra. — Ela deu dois tapinhas no braço de Althea e se afastou depressa.

A jovem ouviu as batidas dos sapatos e o ruído das saias da mãe, saindo pelo corredor. Olhou mais uma vez para a figura distante e abriu a porta do quarto do pai.

Não era um aposento com o qual estava familiarizada. Quando era criança, sua entrada ali era proibida. Quando o pai voltava das viagens, ele e a mãe passavam muito tempo naquele quarto, e Althea se ressentira das manhãs em que era proibida de perturbar o descanso dos dois. Quando cresceu o suficiente para compreender por que os pais gostavam de passar tanto tempo juntos nas breves visitas, passou a evitar o quarto de bom grado. No entanto, ainda se lembrava do cômodo como um aposento grande e claro, com janelas altas e decoração

suntuosa, cheio de móveis e tecidos exóticos trazidos das muitas viagens. As paredes brancas exibiam leques de pena e máscaras de concha, tapeçarias de contas e paisagens de cobre batido. A cama tinha uma cabeceira de teca entalhada, e, no inverno, os colchões grossos eram sempre cobertos com acolchoados de penas e colchas de pele. Durante os verões, havia vasos de flores ao lado da cama e lençóis frescos de algodão com perfume de rosas.

A porta se abriu para a penumbra. A essência de rosas não escondia o odor acre de doença e o cheiro pungente de remédio. As janelas e as cortinas estavam fechadas para bloquear a claridade. Althea deu alguns passos incertos para dentro do quarto, enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão.

— Papai — chamou, hesitante, dirigindo-se ao leito imóvel.

Não houve resposta.

Foi até uma janela e abriu as pesadas cortinas brocadas para deixar entrar a luz oblíqua da tarde. Um feixe de luz caiu sobre a cama, iluminando uma das mãos descarnadas e amareladas do pai que repousavam entre as cobertas. Para Althea, mais pareciam as garras retorcidas e magras de uma ave morta. Atravessou o quarto e se sentou na cadeira ao lado da cama, sabendo que aquele era o posto costumeiro da mãe. Apesar do amor que tinha pelo pai, sentiu uma repulsa momentânea ao segurar a mão inerte. Os músculos e calos tinham desaparecido. Althea se inclinou para a frente e examinou o rosto tão conhecido.

— Papai — chamou de novo.

Seu pai já estava morto. Pelo menos foi a primeira impressão que teve ao examinar aquele semblante. Então ouviu a respiração ruidosa.

— Althea — sussurrou Ephron, a voz carregada de muco.

As pálpebras se abriram, cobertas de remela. Todos os traços do olhar negro e aguçado tinham desaparecido. Aqueles olhos estavam encovados e injetados, e o branco ficara amarelado. Ele levou um momento para encontrar seus olhos. Quando o pai a encarou, Althea tentou desesperadamente disfarçar o horror estampado em seu rosto.

— Papai, eu voltei — comentou, com falsa animação, como se aquilo pudesse fazer alguma diferença.

A mão do pai estremeceu um pouco, e ele fechou os olhos outra vez.

— Estou morrendo — comentou, com desespero e raiva na voz.

— Ah, papai, não diga... Você vai melhorar, vai...

— Quieta. — Foi apenas um sussurro, mas era uma ordem de seu pai e capitão. — Só uma coisa importa. Preciso ir para a *Vivácia*. Preciso morrer no

convés dela. Preciso.

— Eu sei — respondeu Althea. A dor que começara a brotar em seu peito foi subitamente abafada. Não havia tempo para senti-la. — Vou preparar tudo.

— Agora mesmo — advertiu o pai. O sussurro soou gorgolejante, sufocante.

Althea foi inundada por uma onda de desespero, mas se empertigou.

— Não vou desapontar o senhor — prometeu. A mão de seu pai estremeceu de novo e se soltou da sua. — Vou agora mesmo.

Quando ela se levantou, o pai engasgou e exclamou, numa voz embargada:

— Althea!

Ela não saiu do lugar. O pai se engasgou um pouco e falou, ofegante.

— Keffria e os filhos. Eles não são como você. — Ele inspirou fundo outra vez, desesperado. — Eu tive que cuidar das necessidades deles. Tive... — Tentou encontrar mais fôlego para falar, mas não conseguiu.

— É claro que teve. Você cuidou das necessidades de todos nós. Não se preocupe com isso. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Althea saíra do quarto e já estava no meio do corredor quando reparou no que tinha dito. O que aquela promessa significava? Que cuidaria para que ele morresse no navio-vivo que comandara durante tanto tempo! Era uma definição estranha de “bem”. E então, com uma certeza inabalável, Althea soube que, quando chegasse sua hora, tudo também estaria bem para ela, se pudesse morrer no convés da *Vivácia*. Althea esfregou o rosto, sentindo como se tivesse acabado de acordar. Sentiu as bochechas molhadas. Estava chorando. Não havia tempo para isso. Não havia tempo para sentir, não havia tempo para chorar.

Ao passar depressa pela porta aberta da casa, adentrando a luz ofuscante do sol, quase se chocou com um grupo de pessoas reunidas do lado de fora, na entrada. Piscou, então avistou sua mãe, Kyle, Keffria e as crianças. Todos a olharam em silêncio. Por um momento, ela retribuiu aquele olhar espantado.

— Estou indo preparar o navio — anunciou, por fim. — Preciso de uma hora. Tragam papai depois.

Kyle fechou a cara, como se fosse protestar, mas, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, a mãe assentiu e respondeu, numa voz fraca:

— Faça isso. — Ela se engasgou com as palavras, e Althea notou que a mãe estava tentando dizer mais alguma coisa, mesmo com a garganta travada de tristeza. — Depressa — concluiu, por fim.

Althea assentiu e foi descendo o caminho a pé. No tempo que levaria para

mandar um mensageiro até a cidade para buscar um cabriolé, já estaria quase no navio.

— Mande pelo menos um criado com ela! — Althea ouviu Kyle exclamar, irritado, às suas costas, mas a mãe respondeu, mais calma.

— Não. Deixe ela ir. Não temos tempo para nos preocuparmos com as aparências. Eu sei. Venha me ajudar a preparar uma liteira.

Quando Althea chegou às docas, seu vestido estava encharcado de suor. Amaldiçoou o destino que fizera dela mulher, condenada a usar esses trajes. No instante seguinte, estava agradecendo ao mesmo Sá que acabara de amaldiçoar, pois surgira um espaço nas docas fiscais, e a *Vivácia* estava sendo conduzida lentamente para lá. Althea aguardou com impaciência, então ergueu a saia e saltou da doca para o convés enquanto o navio ainda estava sendo atracado.

Esteio, o imediato de Kyle, estava parado na coberta de proa com as mãos na cintura. O sujeito levou um susto quando a viu. Parecia que tinha se metido em alguma briga havia pouco tempo, pois estava com a lateral do rosto inchada, começando a ficar roxa. Althea não deu muita atenção: era trabalho do imediato manter a tripulação na linha, e o primeiro dia no porto podia ser tumultuado. A liberdade estava logo ali, ao alcance, e as tripulações de navios e das docas nem sempre se davam bem. Mas o mau humor do sujeito parecia dirigido a ela.

— Srta. Althea, o que veio fazer aqui? — Ele parecia quase indignado.

Em qualquer outra ocasião, Althea teria tido tempo para se ofender com o tom do imediato, mas dessa vez se contentou em responder:

— Meu pai está morrendo. Vim preparar o navio para ele.

Esteio não pareceu menos hostil, mas havia consideração em sua voz ao perguntar:

— O que a senhorita quer que seja feito?

Althea levou as mãos às têmporas. O que tinham feito quando o seu avô morreu? Fazia tanto tempo, mas era esperado que ela soubesse como agir diante desse tipo de coisa. Respirou fundo para se acalmar, então se abaixou de repente para colocar a mão no convés. *Vivácia.* Prestes a despertar.

— Precisamos erguer um pavilhão no convés. Ali. Pode ser de lona. E cuide para que o tecido seja instalado de um jeito que a brisa possa refrescar meu pai.

— Qual o problema de colocar ele na cabine? — perguntou Esteio.

— Não é assim que se faz — retrucou Althea, irritada. — Ele precisa estar aqui fora, no convés, sem nada entre ele e o navio-vivo. Precisa ter espaço para que a família toda testemunhe. Prepare alguns bancos de tábuas para a vigília

fúnebre.

— Eu tenho um navio para descarregar — protestou Esteio, irritado. — Parte da carga é perecível. Precisa ser tirada daqui. Como a minha tripulação vai conseguir fazer isso, montar um pavilhão e trabalhar num convés cheio de gente? — A pergunta foi feita bem perto dos olhos e ouvidos de toda a tripulação. O tom transmitia um quê meio desafiador.

Althea encarou o sujeito, tentando entender o que levara o homem a discutir com ela. Será que ele não entendia como aquilo era importante? Não, provavelmente não. Era um dos escolhidos de Kyle, um sujeito que não sabia nada sobre o despertar de um navio-vivo. Quase sentindo o pai a seu lado, Althea ouviu a própria voz dar a ordem familiar que ele sempre dera a Brashen, em momentos de dificuldade. Ela se empertigou e ordenou, sem delongas:

— Dê um jeito. — Althea olhou em volta. Os marinheiros tinham parado de fazer suas tarefas para assistir à cena. Viu solidariedade e compreensão em alguns rostos, mas em outros viu apenas a avidez com que homens assistem a uma batalha de vontades. Tentou deixar a voz mais ameaçadora quando acrescentou: — Se não conseguir, coloque Brashen no comando. Ele não achará difícil cumprir essa ordem. — Começou a dar as costas ao homem, mas então se virou de novo para o imediato. — Na verdade, essa é a melhor solução. Deixe Brashen responsável pelos preparativos para o capitão Vestrit. É bem apropriado, já que ele foi o imediato do meu pai. Cuide do descarregamento da carga do seu capitão.

— Só pode haver um capitão a bordo — observou Esteio, olhando para o lado, como se não estivesse falando com ela.

Althea resolveu responder mesmo assim:

— Tem razão, marujo. E, quando o capitão Vestrit estiver a bordo, só haverá um. Duvido que você encontre muitos homens aqui que vão questionar isso. — Ela olhou para o carpinteiro do navio. Por mais que o detestasse, o homem sempre fora completamente leal a seu pai. Chamou a atenção do sujeito e falou: — Ajude Brashen com tudo o que ele precisar. Seja rápido. Meu pai não demora. Se esta vai ser a última vez que ele vai pisar neste navio, quero que ele encontre a *Vivácia* preparada e a tripulação ocupada.

O apelo simples foi o suficiente. O rosto do carpinteiro foi tomado por uma expressão de súbita compreensão, que logo se espalhou pela tripulação. Aquilo era real, era urgente. O homem a quem tinham servido, alguns por mais de duas décadas, estava chegando para morrer a bordo. O capitão Vestrit se gabara tantas vezes de como a tripulação escolhida a dedo era a melhor que já tinha zarpado

de Vilamonte, e só Sá sabia como ele pagava seus homens melhor do que teriam sido pagos em qualquer outro navio.

— Vou atrás de Brashen — assegurou o carpinteiro, partindo num passo determinado.

Esteio respirou fundo, como se estivesse prestes a mandá-lo voltar, mas o desafio durou só um instante. Ele logo começou a berrar ordens para que os homens continuassem a descarregar o navio. Virou-se apenas o suficiente para que Althea não estivesse em sua linha de visão: já a dispensara. Por reflexo, a menina sentiu uma pontada de raiva antes de lembrar que não havia tempo a perder com aquela insolência. Seu pai estava morrendo.

Althea foi até o veleiro pedir um pedaço de lona limpa. Quando voltou ao convés, Brashen já estava lá, falando com o carpinteiro. Gesticulava para o cordame como se estivessem discutindo como pendurariam a lona. Quando ele se virou em sua direção, Althea reparou no inchaço acima do olho esquerdo. Então a briga tinha sido entre ele e o imediato. Bem, não importava o motivo, tudo tinha sido resolvido como sempre.

Não havia muito mais a fazer além de ficar por perto e observar. Tinha deixado Brashen a cargo da situação, e ele aceitara a incumbência. Uma coisa que aprendera com o pai era que, depois de colocar um homem no comando de uma tarefa, o melhor era não incomodá-lo mais até tudo acabar. E não queria Esteio resmungando por ela estar à toa e no caminho. Sem ter mais para onde ir e ainda tentando manter a dignidade, Althea foi para a cabine.

Não restava mais nada lá, a não ser o quadro da *Vivácia*. Ver as prateleiras vazias quase partiu seu coração. Todos os seus pertences estavam guardados em vários caixotes, ainda abertos. Havia tábuas, pregos e um martelo no chão, para lacrá-los. Então aquela era a tarefa para a qual Brashen tinha sido destacado. Althea se sentou no colchão no catre e olhou para os caixotes. Alguma parte diligente dentro dela queria se agachar e martelar as tábuas. Outra, desafiadora, dizia para desempacotar as coisas e devolvê-las a seus lugares de direito. Dividida entre dois impulsos, Althea decidiu não fazer nada.

Então, repentina e surpreendentemente, a tristeza a invadiu. Os soluços não saíam, não dava nem para respirar fundo, tamanho o aperto na garganta. A necessidade de chorar era uma dor terrível e sufocante. Sentou-se no catre, de boca aberta, e tentou recuperar o fôlego. Quando enfim conseguiu encher os pulmões de ar, só o que conseguiu fazer foi soluçar. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Não tinha um lenço, nem nada além das mangas ou da saia — e que pessoa terrível e insensível sequer pensaria em lenços, numa hora daquelas?

Althea escondeu o rosto entre as mãos e simplesmente se entregou ao choro.

Wintrow viu seus familiares se afastando, cacarejando sem parar, e não teve outra opção a não ser ir atrás. Não sabia o que mais poderia fazer. Estava em Vilamonte havia cinco dias, e ainda não tinha ideia de por que fora convocado. Claro que sabia que o avô estava morrendo, mas não entendia o que esperavam que ele fizesse a respeito, como esperavam que reagisse.

O velho era ainda mais intimidador naquele estado, à beira da morte, do que tinha sido em vida. Quando Wintrow era criança, o que o assustava era a vitalidade bruta daquele marinheiro, mas agora o apavorante era o negrume da morte iminente que emanava dele e se espalhava pelo quarto. No navio a caminho de casa, Wintrow tinha decidido aprender alguma coisa sobre o avô antes que o velho morresse, mas ao chegar vira que era tarde demais. Nas últimas semanas, Ephron Vestrit concentrara tudo o que restava de si em manter-se vivo. O homem se agarrara a cada fôlego, e não era por causa da presença do neto. Não: estava apenas esperando o retorno do navio.

Não que Wintrow tivesse passado muito tempo com o avô. Quando chegou, mal teve tempo de limpar a poeira da viagem do rosto e das mãos antes de a mãe ir atrás dele, para que fossem até o enfermo. Ele mal conseguiu reconhecer a mãe, desorientado como estava com a viagem pelo mar e o trajeto ensurdecedor pelas ruas tórridas e apinhadas da cidade — não conseguia absorver o fato de que aquela mulher baixinha de cabelos escuros era sua mãe, que já fora tão alta que ele precisava erguer os olhos para ver seu rosto. O quarto para onde ela o levou estava com as cortinas fechadas para impedir a entrada do calor e da luz do dia. Havia uma mulher sentada numa poltrona ao lado da cama. O cômodo tinha cheiro azedo de lugar fechado, e Wintrow fez o possível para permanecer imóvel enquanto a mulher se levantava e o abraçava, agarrando seus braços assim que sua mãe o soltou, puxando-o na direção da cama.

— Ephron — sussurrou a mulher. — Ephron, Wintrow está aqui.

Então a figura na cama se mexeu, tossiu e resmungou o que poderia ter sido uma palavra de reconhecimento. Wintrow permaneceu ali, a mão da avó segurando seu pulso com firmeza, e demorou a cumprimentar o homem na cama.

— Olá, avô. Vim lhe fazer uma visita.

Caso tivesse ouvido, o velho não tinha se dado ao trabalho de responder. Depois de um tempo, o avô tossiu de novo e perguntou, rouco:

— O navio?

— Não. Ainda não — respondeu a avó, com gentileza.

Ficaram mais algum tempo ali, ele, a mãe e a avó. Então, quando o avô não tornou a se mexer nem a demonstrar que reconhecia a presença dos três, a avó disse:

— Acho que ele quer descansar, Wintrow. Vou mandar chamar você quando ele estiver se sentindo melhor.

Mas o momento não veio. E agora seu pai estava ali, e sua chegada somada à notícia da morte iminente de Ephron Vestrit parecia ser tudo o que a mente de Wintrow conseguia compreender. O pai o examinara por cima do ombro da mãe, enquanto a abraçava. Ele arregalou os olhos por um breve momento e indicou o filho mais velho com a cabeça, como se fosse perguntar sobre ele à esposa, mas Keffria começou a despejar uma torrente de más notícias e complicações. Wintrow se manteve afastado, como um estranho, quando a irmã, Malta, e o irmão mais novo, Selden, receberam o pai com um abraço. Por fim, encontrou uma brecha no lamento da mãe e se adiantou, fazendo uma mesura e apertando a mão do pai.

— Ora, se não é meu filho, o sacerdote — cumprimentou o pai, e Wintrow ainda não sabia dizer se era desprezo o que ouvia naquelas palavras. Mas as que vieram em seguida resolveram a questão: — Sua irmã mais nova está mais alta que você. E por que você está usando essas roupas de mulher?

— Kyle! — exclamou a mãe, repreendendo o marido, mas ele deu as costas a Wintrow sem esperar resposta.

Após a partida da tia, Wintrow entrou na casa atrás dos pais. Os adultos já estavam discutindo a melhor maneira de levar Ephron até o navio, vendo o que precisaria ser levado ou enviado mais tarde. As crianças, Malta e Selden, seguiam no encalço deles, tentando fazer perguntas à mãe e sendo constantemente silenciadas pela avó. E Wintrow ia atrás de todos, sem se sentir adulto ou criança, sem se sentir parte daquele carnaval de emoções.

Na viagem até ali, descobriu que não sabia o que esperar da ida até sua antiga casa. E, desde que chegara, a sensação ficara cada vez mais intensa. No primeiro dia, praticamente só falara com a mãe — ou melhor, ela falara: apenas comentários assombrados sobre como ele estava magro ou narrativas de memórias agradáveis que inevitavelmente começavam com “Acho que você não se lembra, mas...”.

Malta, que antes era tão próxima dele que quase parecia sua sombra, se ressentira com sua chegada, já que Wintrow estava recebendo tanta atenção da mãe. A menina não falava com ele, só fazia comentários sobre ele —

observações mordazes quando a mãe não podia ouvir, em teoria para os criados ou para Selden. E não ajudava o fato de que, com doze anos, Malta já era mais alta do que ele; e muito menos o fato de que a irmã já parecia mais mulher do que ele parecia homem. Ninguém teria sequer suspeitado de que Wintrow era o mais velho. Selden, que era pouco mais do que um bebê quando ele partira, agora o via como um parente distante de visita, alguém que nem sequer valia a pena conhecer, já que logo iria embora. Wintrow torcia para que Selden estivesse certo. Sabia que era desrespeitoso ansiar pela morte do avô para acabar logo com aquilo e poder voltar para o monastério e retomar sua vida, mas também sabia que negar esse anseio seria apenas uma mentira diferente.

Todos ficaram parados ao lado da porta do quarto do moribundo, onde abaixaram a voz como se estivessem discutindo segredos, como se aquela morte iminente não devesse ser mencionada em voz alta. Não fazia sentido para Wintrow. Era o que o velho estava esperando, não? Obrigou-se a prestar atenção no que estava sendo discutido.

— Acho que o melhor é não dizer nada a respeito — ia dizendo a avó, para o pai de Wintrow.

A avó segurava a maçaneta, mas não tentou abrir a porta. Parecia estar impedindo o genro de entrar no quarto. Pela testa franzida, era evidente que Kyle Porto não concordava com a sogra, mas a esposa o segurava pelo braço, com um olhar de súplica, balançando a cabeça como um brinquedo na ponta de uma mola.

— Isso só iria perturbá-lo — interveio a mãe.

— E seria desnecessário — prosseguiu a avó, como se as duas concordassem em alguma coisa. — Levei semanas para fazer Ephron aceitar nosso modo de ver as coisas. Ele concordou, mas muito a contragosto. Qualquer reclamação só iria retomar a discussão. E, quando ele está cansado e com dor, pode se mostrar surpreendentemente teimoso.

A avó parou de falar, e as duas mulheres olharam para o pai, como se exigissem que ele concordasse. O homem nem se deu ao trabalho de assentir.

— Não vou tocar no assunto — disse, por fim, ressentido. — Primeiro temos que levar Ephron até o navio. Isso é o mais importante.

— Exatamente — concordou a avó, por fim abrindo a porta. Os adultos entraram, mas, quando Malta e Selden tentaram segui-los, a avó impediu. — Crianças, vão correndo dizer a Nana para arrumar uma muda de roupa para cada um. Malta, vá até a cozinheira e mande ela preparar uma cesta de comida para agora e providenciar para que as refeições sejam enviadas ao navio. — A mulher

se calou ao olhar para Wintrow, como se por um momento não soubesse o que fazer com ele. Então fez um sinal brusco com a cabeça na sua direção. — Wintrow, você também vai precisar de uma muda de roupa. Vamos viver a bordo do navio até... Ah, céus.

Ela ficou lívida, uma súbita compreensão desoladora estampada no rosto. Wintrow já tinha visto aquela expressão. Muitas vezes, acompanhara os curandeiros quando eram chamados, e muitas vezes havia pouco ou nada que suas ervas, seus tônicos e toques podiam fazer pelos moribundos. Nessas ocasiões, o mais importante era o que se podia fazer pelos vivos que ficavam para trás, sofrendo. A avó agarrou a gola do vestido, as mãos parecendo garras, e a boca se contorceu como se ela estivesse com dor. Wintrow sentiu um arroubo de compaixão pela mulher.

— Ah, avó — falou, com um suspiro, estendendo a mão na direção dela.

Mas, quando se adiantou para abraçá-la e afastar um pouco de seu pesar com um toque, a mulher recuou. Agitou as mãos para o neto, como se quisesse empurrá-lo para longe.

— Não, não, estou bem, querido. Não fique chateado por causa da vovó. Vá buscar suas coisas, e fique pronto para sair.

E fechou a porta na cara dele, que ficou um tempo encarando a madeira, incrédulo. Quando se afastou, notou que Malta e Selden o observavam.

— Muito bem — murmurou. E, com um desespero que ele mesmo não compreendia, buscou algum sentimento de afinidade com os irmãos. Olhou-os bem nos olhos. — Nosso avô está morrendo — declarou, sério.

— Ele está morrendo desde que começou o verão — retorquiu Malta, com desdém, balançando a cabeça diante da ignorância de Wintrow. Então lhe deu as costas. — Venha, Selden. Vou pedir para Nana arrumar suas coisas.

Malta levou o menino sem nem olhar para trás, deixando Wintrow ali, parado.

Por um breve momento, ele tentou dizer a si mesmo que não devia se sentir magoado. Seus pais não tiveram a intenção de diminuí-lo com aquela exclusão, e a irmã estava sob a pressão do pesar. Mas reconheceu a mentira. Resolveu aceitar o que sentia, para que pudesse compreender suas emoções. A mãe e a avó estavam preocupadas. O pai e a irmã tinham tentado magoá-lo de propósito, e ele tinha permitido que conseguissem. Mas essas coisas que tinham acontecido e esses sentimentos que experimentava não eram defeitos a serem superados. Não podia negar os sentimentos, nem devia tentar mudá-los.

— Aceitar e crescer — lembrou a si mesmo, sentindo a dor diminuir.

Foi, então, separar uma muda de roupa.

Brashen encarava Althea, incrédulo. *Só me faltava essa*, pensou, sem forças, então se agarrou à raiva daquele pensamento para manter o pânico afastado. Fechou a porta e se ajoelhou no chão ao lado dela. Tinha entrado na cabine quando não ouviu resposta para as batidas, que começaram bem leves, mas aos poucos ganharam força. Quando, irado, abriu a porta destrancada e entrou, esperava que a garota fosse sibilar e cuspir nele. Em vez disso, encontrou-a esparramada no chão da cabine, parecendo uma das heroínas que sempre desmaiavam nas peças de teatro baratas. Mas, em vez de cair graciosamente, com as mãos protegendo o rosto, Althea estava deitada com as mãos quase agarrando a madeira, como se lutasse para cravar os dedos nela.

E estava respirando. Brashen hesitou antes de sacudi-la de leve.

— Senhorita — começou, em voz baixa, mas logo se irritou. — Althea. Acorde!

Ela gemeu um pouco, mas não se mexeu. Brashen lançou um olhar irado para a garota. Devia chamar o médico do navio, mas, assim como ela, não gostava de estardalhaço. Sabia que a jovem Vestrit preferiria não ser vista naquele estado. Ou, pelo menos, era o que a antiga Althea preferiria. Desmaiar e ficar estirada no chão não era do feitio dela, e muito menos ficar enfiada na cabine, abatida, durante a longa viagem de volta. Tampouco lhe agradava a palidez e aparência esquelética que o rosto dela adquirira. Brashen passou os olhos pela cabine vazia, e então ergueu a jovem e a colocou no colchão sem lençóis sobre o catre.

— Althea — chamou de novo, e dessa vez as pálpebras dela estremeceram e se abriram.

— Quando o vento enche as velas, o navio corta as águas como uma faca quente corta manteiga — comentou a jovem, com um sorriso gentil.

Quando ela o encarou, Brashen notou que seus olhos estavam distantes, transfigurados. Quase retribuiu o sorriso, atraído pela súbita intimidade das palavras suaves. Então se recompôs.

— Você desmaiou? — perguntou, sem rodeios.

Os olhos dela entraram em foco de repente.

— Eu... não, não exatamente. Eu só não consegui mais ficar de pé... — Ela deixou as palavras morrerem ao se levantar. Cambaleou um passo, mas, quando Brashen tentou ampará-la segurando seu braço, apoiou-se no anteparo. Althea olhou para a parede como se estivesse diante de uma vista perfeita. Então

perguntou, rouca: — Preparou um lugar para ele?

Brashen assentiu. Quando a jovem imitou seu gesto, ele tomou coragem para se pronunciar:

— Althea. Também estou triste. Ele era muito importante para mim.

— Ele ainda não morreu — retorquiu a jovem, com secura.

Esfregou o rosto com as mãos e jogou o cabelo para trás. Em seguida, como se achasse que aquilo já fosse o bastante para se recompor, saiu pela porta da cabine. Depois de um momento, Brashen a seguiu. Era típico de Althea: não fazia ideia de que existiam mais pessoas além dela. Ignorara a dor de Brashen com o que estava acontecendo como se ele tivesse dito aquilo por pura cortesia. O antigo imediato se perguntou se a jovem já tinha parado para pensar no que a morte do antigo capitão significava para ele ou para qualquer membro da tripulação. O capitão Vestrit era um dos homens mais generosos e justos que já comandara um navio de Vilamonte. Brashen se perguntava se Althea fazia ideia de como era raro um capitão realmente se importar com o bem-estar da tripulação. Não. Claro que ela não tinha como saber, nunca estivera a bordo de qualquer navio, comendo rações de pão bichado e carne de porco pegajosa já quase contagiosa. Nunca tinha visto um homem ser espancado até quase a morte pelos punhos do imediato simplesmente porque não tinha se mexido rápido o bastante para obedecer a alguma ordem. Era verdade que o capitão Vestrit não tolerava desleixos, mas ele simplesmente se livrava do homem no porto seguinte, nunca recorria à brutalidade. E ele conhecia os próprios homens. Não eram sujeitos que estavam simplesmente perambulando pelas docas quando ele estava atrás de gente para compor a tripulação: eram homens que ele mesmo treinara, colocara à prova e conhecia a fundo.

Esses homens também tinham conhecido bem seu capitão e confiado nele. Brashen sabia de alguns que tinham rejeitado posições mais elevadas em outras embarcações simplesmente para permanecerem ao lado de Vestrit. Alguns dos marinheiros, pelos padrões de Vilamonte, eram velhos demais para trabalhar num convés, mas Ephron os mantivera na tripulação pela experiência de seus anos e escolhera com cuidado os marinheiros jovens e fortes que ficariam ao lado deles, para que aprendessem. O capitão confiara seu navio à tripulação, que por sua vez confiara seu futuro a ele. Agora que a *Vivácia* estava prestes a se tornar daquela jovem, Brashen pedia a Sá que Althea tivesse a moral e o bom senso de mantê-los e de ser justa com eles. A maioria dos membros mais velhos da tripulação não tinha outro lar além da *Vivácia*.

E Brashen também não.



6

O DESPERTAR DA *VIVÁCIA*

O capitão subiu a bordo numa liteira. Isso fez Brashen sentir um aperto no coração, seguido de uma ardência de lágrimas nos olhos. No momento em que viu a forma inerte sob o lençol de linho, compreendeu a situação. O capitão estava subindo a bordo para morrer. Sua esperança secreta de que Ephron Vestrit não estivesse tão mal assim, de que o ar do mar e o convés de seu próprio navio por algum milagre o reviveriam, não passava de um sonho infantil e tolo.

Manteve uma distância respeitosa enquanto Kyle supervisionava os homens que subiam a rampa carregando o sogro. Colocaram a liteira debaixo do toldo que Brashen improvisara com uma lona. Althea, pálida como se tivesse sido esculpida em marfim, estava lá para recebê-lo. A família seguia atrás do moribundo como ovelhas desgarradas, assumindo lugares em volta da liteira de Ephron Vestrit como se fossem comensais e ele uma mesa farta. A esposa e a filha mais velha estavam aflitas e arrasadas. As crianças, inclusive um garoto mais velho, pareciam confusas. Kyle se mantinha afastado, ostentando um olhar de desaprovação, como se examinasse uma vela consertada sem esmero ou uma carga mal armazenada. Depois de um tempo, Althea pareceu sair de seu estupor. Ela saiu em silêncio e voltou com um jarro d'água e um copo. Ajoelhou-se no convés ao lado do pai e lhe ofereceu um gole.

Era a primeira indicação de movimento que Brashen via do capitão, que virou a cabeça e conseguiu bebericar um pouco de água. Em seguida, com um gesto vago da mão esquelética, lembrou a todos que deveria ser retirado da liteira e colocado no convés de seu navio. Àquele gesto, Brashen avançou mesmo sem plena consciência do que fazia, como tantas vezes se apressara em obedecer a seu capitão. Estava consciente da carranca de Kyle antes de se agachar ao lado da liteira.

— Com sua licença, senhor — disse, em voz baixa, aguardando o discreto menear de cabeça que indicava que fora ouvido e recebera permissão de agir.

Althea surgiu ao seu lado de repente, passando os braços por baixo das pernas ossudas do pai, enquanto Brashen sustentava a maior parte do peso do velho. Não que ele fosse muito pesado — ou muito velho —, pensou, abaixando o

corpo atrofiado para as tábuas expostas do convés. Em vez de parecer incomodado com a dureza da madeira, o capitão suspirou como se uma dor intensa tivesse passado de repente. Abriu os olhos e encarou a filha. Dava para discernir um vestígio de sua antiga fagulha quando ele se dirigiu à jovem.

— Althea. O pino da figura de proa.

Ela arregalou os olhos por um instante, parecendo talvez um pouco horrorizada. Em seguida, endireitou os ombros e se levantou para obedecer. Rugas brancas se formaram ao redor de sua boca quando ela saiu do lado do pai. Brashen começou a se afastar instintivamente. O capitão Vestrit não teria pedido o pino da figura de proa se não sentisse que a morte estava muito próxima. Era um momento que ele deveria passar sozinho com a família. Porém, ao recuar, Brashen sentiu um aperto surpreendentemente forte no pulso. Os dedos longos do capitão estavam cravados na carne do seu braço, puxando-o para mais perto. O cheiro da morte era forte, mas Brashen não se retraiu ao baixar a cabeça para ouvir o que o capitão tinha a dizer.

— Vá com ela, filho. Ela vai precisar da sua ajuda. Fique ao lado dela até isso acabar. — A voz dele não passava de um sussurro rouco.

Brashen assentiu, e o capitão Vestrit o soltou. Contudo, quando o jovem se apoiou nos calcanhares para se levantar, o moribundo continuou:

— Você foi um bom marinheiro, Brashen. — Ephron estava falando com clareza e num tom surpreendentemente alto, como se desejasse que todos os presentes ouvissem aquelas palavras, e não apenas os familiares. Ele respirou fundo. — Não tenho nenhuma reclamação sobre você ou seu trabalho. — Outra tomada de fôlego. — Se eu pudesse viver para navegar de novo, você seria minha escolha para imediato. — A voz lhe faltou nas últimas palavras, que saíram num chiado. Os olhos deixaram o rosto de Brashen de repente, voltando-se com determinação para onde Kyle assistia a tudo com um olhar furioso. Ephron fez um esforço e respirou com dificuldade. — Mas não voltarei a navegar. A *Vivácia* nunca mais será minha.

Os lábios dele estavam ficando azuis. Não conseguiu tomar mais fôlego, por mais que tentasse. Cerrou os punhos e fez um gesto violento e súbito que não teria feito sentido algum para qualquer outra pessoa. Brashen, porém, levantou-se de um pulo e correu para encontrar Althea e levá-la depressa de volta ao pai.

O segredo do pino da figura de proa não era de conhecimento geral. Ephron o confiara a Brashen logo após nomeá-lo imediato. Nos cachos fartos do cabelo da figura havia uma lingueta escondida que soltava um longo pino liso, feito da mesma madeira acinzentada. Não era uma necessidade, mas, segundo a crença,

uma quantidade maior da sabedoria e da essência do moribundo seria transmitida ao navio se ele estivesse segurando o pino no momento da morte. Ephron tinha mostrado a lingueta a Brashen e explicado como funcionava, de modo que, caso fosse vítima de algum desastre, o imediato pudesse lhe trazer o pino em seus últimos momentos. Era um dever que ele esperara jamais ter que cumprir.

Encontrou Althea pendurada quase de cabeça para baixo no gurupés enquanto tentava soltar o pino. Sem dizer uma palavra, Brashen também se pendurou, agarrou-a em volta da cintura e a abaixou até onde pudesse alcançar o pino com mais facilidade.

— Obrigada — gemeu a jovem, soltando o pino.

Brashen a ergueu sem dificuldade e a colocou de pé de volta no convés. Althea correu até o pai, o pino precioso agarrado com força na mão. Brashen seguia logo atrás.

Chegaram bem a tempo. A morte de Ephron Vestrit não seria agradável. Em vez de fechar os olhos e partir em paz, ele lutava contra o desfecho como sempre lutara contra tudo que se opusera a ele. Althea lhe ofereceu o pino, e o capitão agarrou a peça como se aquilo fosse salvá-lo.

— Afogado — disse, com dificuldade. — Afogado num convés seco.

O estranho impasse continuou por um tempo. Althea e o pai seguravam cada uma das pontas do pino. Lágrimas escorriam livremente pelo rosto desolado da jovem. O cabelo desgrenhado grudava nas bochechas úmidas. Tinha os olhos arregalados e preocupados fixos nos olhos negros do pai. Sabia que não havia nada que pudesse fazer por ele, mas não recuou.

A mão livre de Ephron raspava o convés como se estivesse tentando encontrar um lugar para se segurar nas tábuas lisas e lixadas. Ele conseguiu respirar fundo de novo, num gorgolejo sufocante. Uma espuma ensanguentada começava a se formar nos cantos de sua boca. Outros membros da família se aglomeraram à volta. A irmã mais velha agarrava a mãe, calada em seu pesar, mas Ronica murmurava contra os cabelos da filha enquanto a abraçava. A menina chorava, tomada por alguma espécie de horror, e se agarrava ao irmão mais novo, confuso. O neto mais velho se mantinha atrás do grupo, afastado da família, o rosto pálido e tenso como o de uma pessoa reprimindo a dor. Kyle estava de braços cruzados sobre o peito aos pés do moribundo. Brashen não fazia ideia dos pensamentos que passavam por trás daquele semblante impassível. Um segundo círculo também havia se formado, a uma distância respeitosa do toldo. A tripulação se reunira, rostos sérios e chapéus nas mãos, para testemunhar a morte do capitão.

— Althea! — gritou a esposa do capitão, de repente, empurrando a filha mais velha para a frente, na direção do pai. — Você precisa soltar — começou, numa voz baixa e estranha. — Sabe que precisa. — Havia uma estranha determinação na voz dela, como se estivesse sendo forçada a cumprir um dever muito desagradável.

O olhar no rosto da filha mais velha — Keffria — parecia uma combinação de vergonha e desafio. A jovem caiu de joelhos ao lado da irmã mais nova e estendeu uma mão pálida e trêmula. Brashen pensou que ela iria tocar o pai. Em vez disso, a mulher agarrou o pino entre a mão de Althea e a do capitão, resoluta. Ao mesmo tempo em que Keffria reivindicava seu direito sobre o navio, agarrando o pino acima da mão da irmã mais nova, a mãe comandava a outra filha:

— Althea. Solte o pino. O navio é de sua irmã por direito de nascimento. E pela vontade de seu pai. — A voz da mãe estava trêmula ao dizer aquelas palavras, mas as pronunciou com clareza.

Althea ergueu a cabeça, incrédula, subindo os olhos pelo braço cuja mão segurava o pino até o rosto da irmã.

— Keffria? — perguntou, confusa. — Não pode ser verdade!

A incerteza transpareceu no rosto da mulher mais velha, que ergueu os olhos para a mãe.

— Mas é! — declarou Ronica Vestrit, quase com selvageria. — É como tem que ser, Althea. É como precisa ser, pelo bem de todos nós.

— Papai? — perguntou Althea, numa voz vacilante.

O pai não tirara os olhos do rosto dela. O homem abriu a boca e disse uma última frase:

— ... solte o pino...

Brashen trabalhara num navio em que o imediato tomava liberdades demais com a espicha. Quase sempre a usava para golpear a tripulação por trás, atingindo marinheiros que julgava não estarem prestando atenção suficiente às tarefas. Por mais de uma vez, Brashen foi testemunha relutante do olhar no rosto de um de seus companheiros quando a ferramenta o atingia na cabeça. Conhecia o olhar que acometia um homem no momento em que a dor se transformava em inconsciência. Althea ficou com aquela expressão depois de ouvir as palavras do pai. Seus dedos se abriram, e a mão se afastou do pino, mas agarrou o braço magro do capitão, segurando-o como um marinheiro se agarra aos destroços de um navio num mar tempestuoso. Ela não voltou a olhar para a mãe ou a irmã.

Apenas segurou o braço do pai, que estava boquiaberto, sufocando como um peixe fora d’água.

— Papai — sussurrou a jovem mais uma vez.

Ephron arqueou as costas e estufou o peito, numa tentativa de respirar. Virou a cabeça, voltando o rosto na direção da filha, e desabou no convés. A longa luta chegara ao fim. A luz da vida e do esforço desapareceu de seus olhos. Seu corpo ficou flácido no convés, como se estivesse se derretendo e se fundindo com a madeira. A mão se soltou do pino. Quando Keffria se levantou, Althea tombou para a frente. Ela apoiou a cabeça no peito do pai e chorou, inconsolável, sem o menor pudor.

Ela não viu o que Brashen viu. Keffria ficou de pé e entregou o pino ao marido, que estava à espera. Incrédulo, Brashen assistiu enquanto Kyle aceitava a oferta da esposa. Ele se afastou de todos, carregando o pino precioso como se de fato tivesse direito àquilo. Por um momento, Brashen quase o seguiu, mas então concluiu que era uma cena que preferia não testemunhar. Com ou sem o pino, o navio-vivo despertaria. Teve a impressão de que já sentia uma diferença no barco, e completar o ritual apenas aceleraria o processo. Mas a promessa que fizera ao capitão passou a ter um significado diferente.

Vá com ela, filho. Ela vai precisar da sua ajuda. Fique ao lado dela até isso acabar. O capitão Vestrit não estava falando do pino ou da própria morte. Brashen sentiu um aperto no coração ao tentar descobrir o que exatamente prometera fazer.

Quando Althea sentiu mãos agarrando seus ombros, ela se desvencilhou. Não importava quem fosse. Tinha perdido o pai e a *Vivácia* em questão de segundos. Teria sido mais fácil perder a própria vida. Ainda não conseguia compreender aquilo. *Não é justo*, pensou, sem muita reação. O certo seria acontecer apenas uma coisa impensável por vez. Se os eventos tivessem ocorrido um de cada vez, poderia ter pensado num modo de lidar com aquilo tudo. Mas, quando tentava pensar na morte do pai, no momento em que estava prestes a compreendê-la, a perda do navio vinha à mente. E, no entanto, não podia pensar nisso: não ali, ao lado do cadáver do pai. Porque pensar naquilo a faria se perguntar como aquele pai que tanto venerara podia tê-la traído tão completamente. Por mais devastadora que fosse a dor, Althea tinha medo até de pensar na raiva que sentia. Se se deixasse dominar pelo sentimento, seria consumida até restarem apenas cinzas sopradas pelo vento.

As mãos retornaram, tomando seus ombros curvados e os agarrando com

firmeza.

— Vá embora, Brashen — mandou, sem forças.

Mas já não tinha determinação o bastante para se soltar. O calor e a firmeza das mãos daquele rapaz em seus ombros eram parecidos demais com o aperto firme do pai. De vez em quando, o pai subia para o convés quando ela estava ao leme — quando queria, o capitão Vestrit se movia tão silenciosamente quanto um fantasma, e toda a tripulação sabia disso, todos cientes de que nunca poderiam prever quando o capitão surgiria sem o menor ruído, sem jamais interferir com o trabalho de alguém, mas supervisionando a tarefa com um olhar crítico. Althea mantinha as duas mãos no leme, num curso constante, e nem ao menos percebia a presença dele até sentir o aperto firme de aprovação das mãos do pai em seus ombros. Daí ele se afastava — isso quando não permanecia ao seu lado, fumando o cachimbo enquanto observava a noite, a água e a filha, que conduzia o navio através daquilo tudo.

De alguma forma, a lembrança lhe deu forças. O pesar agudo se transformou numa dor latejante. Althea se empertigou e endireitou os ombros. Não entendia nada do que estava acontecendo, não entendia como o pai podia ter morrido e a deixado, e certamente não entendia como ele podia ter tirado o navio dela e dado à irmã.

— Olha, Althea, já recebi várias ordens que achei que não faziam sentido. Mas bastava eu me levantar e obedecer que, no fim das contas, dava tudo certo. Tudo sempre dava certo.

Ela se virou, esperando ver Brashen, mas era Wintrow quem estava de pé às suas costas. Althea ficou surpresa, o que a deixou quase zangada. Quem aquele menininho pensava que era para lhe tocar com tanta familiaridade, ainda por cima exibindo um sorriso parecido com o do pai dela e dizer:

— Tenho certeza de que é a mesma situação, tia Althea. Não é só seu pai que deseja que a gente aprenda a aceitar a tragédia e o desapontamento em nossas vidas, essa também é a vontade de Sá. Se suportarmos o que nos é enviado com alegria no coração, Ele nunca deixará de nos recompensar.

— Cale a boca — rosnou Althea, num tom baixo e selvagem.

Como o rapazote ousava vomitar clichês naquele momento, aquele filho de Kyle, que só tinha a ganhar com tudo o que ela perdera? O moleque sem dúvida não teria dificuldades em suportar aquele destino. A expressão de espanto no rosto do garoto quase a fez rir. Wintrow afastou as mãos e deu um passo para trás.

— Althea! — exclamou a mãe, chocada, repreendendo-a.

Ela esfregou o rosto molhado com a manga e retribuiu o olhar intenso da mãe.

— Não vá pensando que não sei de quem foi a ideia de Keffria herdar o navio — advertiu, exaltada.

— Ora, Althea! — gritou Keffria, e a dor em sua voz soava quase verdadeira. A tristeza e o desalento no rosto da irmã quase a comoveram. As duas já tinham sido tão próximas...

Mas então Kyle surgiu entre eles e anunciou, irritado:

— Tem alguma coisa errada. O pino não quer entrar na figura de proa.

Todos se viraram e olharam para ele. A irritação impaciente em sua voz destoava demais do corpo patético estendido no convés. O silêncio persistiu por um momento, e até mesmo Kyle teve a dignidade de parecer envergonhado. O sujeito ficou ali, parado, segurando o pino cinzento, olhando em volta como se seus olhos não conseguissem encontrar um lugar onde se deter. Althea inspirou profundamente, trêmula, mas, antes que pudesse falar, ouviu a voz de Brashen, repleta de sarcasmo.

— Talvez você não saiba, mas só um membro de sangue da família pode despertar um navio-vivo.

Foi como se o sujeito estivesse parado no meio de um descampado, em plena tempestade, e pedisse que o raio lhe atingisse. O rosto de Kyle se contorceu de raiva, ficando o mais vermelho que Althea já vira.

— E quem permitiu que você falasse, seu cachorro? Quero você fora deste navio!

— Pode deixar — retrucou Brashen, muito calmo. — Mas não antes de eu cumprir meu último dever para com meu capitão. E a voz dele soou bem clara, para um moribundo. “Fique ao lado dela até isso acabar”, foi a ordem dele. Tenho certeza de que você ouviu. E é isso que vou fazer. Dê o pino a Althea. Ela tem o direito de, pelo menos, despertar o navio.

Ele nunca sabe quando calar a boca. Essa sempre tinha sido a maior crítica do pai a respeito do jovem imediato, mas, quando o velho capitão falava isso, sempre havia um tom de admiração em sua voz. Algo que Althea nunca compreendera até aquele momento. Brashen se manteve ali, parado, usando os andrajos de um taifeiro qualquer ao fim de uma longa viagem, respondendo à altura ao homem que comandara o navio e que provavelmente voltaria a comandá-lo. Tinha sido demitido em público e nem ao menos parecera chocado. Althea sabia que Kyle jamais atenderia àquele pedido, e sequer permitiu que o coração criasse anseios. Porém, por pedir aquilo, Brashen lhe proporcionou um

vislumbre do que o pai tinha visto nele.

Kyle fitava o sujeito, furioso. Analisou o círculo de familiares enlutados, mas Althea sabia que ele também estava ciente do círculo externo de tripulantes e das pessoas que tinham ido às docas para assistir ao despertar de um navio-vivo. No fim, decidiu ignorar as palavras de Brashen.

— Wintrow! — gritou, numa voz que parecia uma chicotada. — Pegue o pino e desperte o navio.

Todos os olhares se voltaram para o garoto, que empalideceu e arregalou os olhos. Seus lábios estremeceram, mas ele se recompôs e respirou fundo.

— Não tenho o direito. — Ele não falou alto, mas sua jovem voz pôde ser ouvida com clareza.

— Maldição, você é Vestrit tanto quanto Porto, não é? Tem direito, sim, e o navio será seu um dia. Pegue o pino e desperte a embarcação.

O garoto olhou para o pai, sem compreender. Quando falou, a voz veio vacilante, as palavras, estridentes:

— Fui enviado para ser um sacerdote de Sá. Um sacerdote não pode ter posses.

Uma veia latejava na têmpora de Kyle.

— Que se dane Sá. Foi sua mãe quem o enviou, não eu. E agora estou tomando você de volta. Pegue este pino e desperte a droga do navio!

Kyle avançava enquanto falava, agarrando o primogênito pelo ombro. O garoto tentou não se encolher diante do pai, mas sua aflição era óbvia. Até Keffria e Ronica pareciam estarrecidas pela blasfêmia de Kyle, o que não era de surpreender.

O pesar de Althea parecia estar retrocedendo, deixando-a entorpecida, porém estranhamente sensibilizada. Observava aqueles estranhos que gritavam e brigavam uns com os outros enquanto um homem ainda não enterrado enrijecia lentamente aos pés deles. Sua mente foi invadida por uma grande clareza. Soube, com uma certeza abrupta, que Keffria não estava ciente das intenções de Kyle a respeito de Wintrow. E o garoto obviamente não sabia de nada — o choque estampado em seu rosto era grande demais enquanto ele olhava, aturdido, para o pino acinzentado que o pai empurrava para suas mãos.

— Agora! — ordenou Kyle.

Então, como se o garoto tivesse cinco anos, em vez de estar à beira da emancipação, virou o filho e o empurrou pelo convés. Os outros o seguiram, como destroços flutuando no encalço de um navio. Althea observou o grupo se

afastar, então se agachou e agarrou a mão cada vez mais fria do pai.

— Fico feliz que você não esteja aqui para ver isso — disse, numa voz suave.

Tentou em vão fechar as pálpebras dos olhos vidrados do morto. Depois de várias tentativas, desistiu — deixou-o lá, encarando o toldo de lona.

— Althea. Levante-se.

— Por quê? — Ela nem ao menos se virou ao ouvir a ordem de Brashen.

— Porque... — Ele fez uma pausa, procurando as palavras certas, então prosseguiu: — Porque eles podem tirar de você o domínio do navio, mas isso não a isenta de seus deveres com a *Vivácia*. Seu pai me pediu que a ajudasse com isso. Ele não iria querer que a *Vivácia* despertasse e visse apenas rostos estranhos.

— Kyle vai estar lá — retorquiu a jovem, num tom monótono. A dor estava voltando, reavivada pelas palavras de Brashen.

— Ela não vai reconhecer aquele homem. Ele não tem o sangue da família. Venha.

Althea baixou os olhos para o cadáver. A morte trabalhava depressa, encovando as feições do pai, criando rugas e marcas que em vida nunca passaram por seu corpo.

— Não quero deixar ele aqui sozinho.

— Althea. Esse não é o capitão, é só o corpo dele. O capitão morreu. Mas a *Vivácia* ainda está aqui. Venha. Você sabe que precisa fazer isso. Faça direito. — Brashen se abaixou, aproximando o rosto do ouvido da jovem. — Levante essa cabeça, garota. A tripulação está olhando.

Ao ouvir essas últimas palavras, Althea se ergueu, relutante. Observou o rosto flácido do pai e tentou encarar seus olhos uma última vez, mas os olhos do capitão já não a viam: contemplavam o infinito. Ela endireitou os ombros e ergueu a cabeça. *Muito bem, então*.

Brashen ofereceu um braço, como se fosse acompanhá-la no Baile de Apresentação de Vilamonte. Sem pensar, Althea colocou a mão no antebraço dele, de leve, como fora ensinada, e permitiu que o antigo imediato a conduzisse até a proa. Algo na formalidade com que Brashen a conduzia fez Althea recuperar as forças. Quando chegou mais perto e ouviu a voz baixa e enraivecida de Kyle, uma faísca se formou dentro dela, como se tivesse sido criada pelo choque de uma pedra contra aço. O homem repreendia Wintrow.

— É simples, garoto. Ali está o buraco, aqui está o pino, e ali está a lingueta. Puxe a lingueta para o lado, enfie o pino no buraco e solte a maldita lingueta. Só

isso. Eu vou segurar você. Não precisa ter medo de cair na baía, se é por isso que está incomodado.

A voz do garoto se elevou em resposta, ainda estridente demais, mas gentil, não fraca.

— Pai. Eu não disse que não podia fazer. Disse que não faria. Não acredito que seja direito meu fazer isso, muito menos que reivindicar o navio seja apropriado para um servo de Sá. — Havia apenas um leve tremor em sua voz, logo no fim da fala, que relevava a dificuldade do garoto em manter a calma.

— Mas que peste, você vai fazer o que eu mandar! — rosnou Kyle.

Althea viu o cunhado erguer a mão na familiar ameaça de um golpe, e ouviu Keffria exclamar, com uma voz estrangulada:

— Ah, Kyle, não!

Em dois passos, Althea se colocou entre Kyle e o garoto.

— Não é assim que temos que nos comportar no dia da morte do meu pai. E nem é uma maneira adequada de tratar a *Vivácia*. Ela está despertando, com ou sem o pino. Você quer que ela desperte em meio a brigas e disputas?

A resposta de Kyle revelava sua completa ignorância a respeito de um navio-vivo.

— Eu vou fazê-la despertar, não importa como.

Althea respirou fundo, preparando outra resposta irritada, mas então ouviu o sussurro assombrado de Brashen.

— Ah, olhem só para ela!

Todos os olhares se voltaram para a figura de proa. De onde estava, Althea não conseguia discernir muito do rosto da figura, mas via a tinta descascando no entalhe de madeira-arcana. As madeixas negras reluziram sob a tinta dourada que se desprendia, e a pele lixada tinha começado a ficar rosa. Ainda tinha a textura fina e sedosa da madeira-arcana, e continuaria assim, já que madeira nunca seria tão macia e maleável quanto carne humana. Mas era inegável que a vida agora pulsava através da figura de proa, e, para a percepção aumentada de Althea, o navio inteiro balançava de um jeito diferente sobre as pequenas ondas do porto. Ela se sentiu como imaginou que uma mãe deve se sentir ao vislumbrar pela primeira vez a vida que cresceu dentro de seu corpo.

— Me dê o pino — ouviu-se dizendo, em voz baixa. — Eu vou despertar o navio.

— Por quê? — perguntou Kyle, desconfiado, mas Ronica interveio.

— Dê o pino para ela, Kyle — ordenou, sem aumentar o tom. — Ela vai fazer isso porque ama a *Vivácia*.

Mais tarde, Althea se lembraria das palavras da mãe e sentiria um ódio incandescente brotar dentro de si. Ronica sempre soubera o que ela sentia, mas isso não a impedira de tirar o navio da filha. Porém, naquele momento, Althea só sabia que doía ver a *Vivácia* presa desconfortavelmente entre a madeira e a vida. Viu a desconfiança no rosto de Kyle, que lhe entregou o pino a contragosto. O que ele achava que ela ia fazer? Jogar o pino no mar? Althea pegou o pedaço de madeira das mãos dele e se arrastou de bruços pelo gurupés, até a figura de proa. Faltavam alguns centímetros para alcançá-la com segurança — avançou mais, balançando perigosamente por causa da saia volumosa, mas a figura de proa ainda estava fora de seu alcance.

— Brashen — chamou, sem pedir ou ordenar.

Sem nem olhar para trás, a jovem permaneceu onde estava até sentir as mãos do antigo imediato agarrá-la pela cintura, logo acima do quadril. Brashen a abaixou até ela poder apoiar uma das mãos nos cabelos de Vivácia. A tinta se desprendeu do cacho, ao seu toque. A sensação do cabelo em sua mão foi estranha: afundava com o toque, mas as madeixas entalhadas eram uma peça só, não fios individuais. Sentiu um momento de inquietação. Em seguida, foi invadida pela consciência da presença de Vivácia, mais forte do que nunca. Era como um calor, mas ao mesmo tempo não era algo que sentia na pele, nem tampouco parecia a queimação do álcool no estômago. Aquele calor fluía em seu sangue, na sua respiração, em todo o seu corpo.

— Althea? — A voz de Brashen soou tensa.

A jovem voltou a si e se perguntou quanto tempo passara pendurada, quase que de cabeça para baixo. Com a mente ainda anuviada, percebeu que confiara todo o seu peso a Brashen. Ainda segurava o pino. Suspirou e sentiu o sangue latejando no rosto. Empurrou a lingueta para o lado com uma das mãos e, com a outra, enfiou o pino sem dificuldade. Quando soltou a lingueta, a peça de madeira pareceu desaparecer como se nunca tivesse existido. O pino agora era parte permanente da figura de proa.

— Por que está demorando tanto? — perguntou Kyle.

— Está feito — respondeu Althea, ofegante.

Duvidou que mais alguém a tivesse ouvido além de Brashen. Porém, quando o rapaz a apertou com mais força e começou a puxá-la para cima, Vivácia se virou de repente para ela. A figura ergueu os braços, e mãos poderosas seguraram as de Althea. Os olhos verdes encontraram os dela.

— Eu tive um sonho muito estranho — disse a figura, com uma voz cativante. Então sorriu para Althea, um sorriso que era ao mesmo tempo travesso e alegre. — Muito obrigada por me acordar.

— De nada — sussurrou a jovem. — Ah, você é ainda mais bonita do que eu imaginei.

— Obrigada — retorquiu o navio-vivo, com a naturalidade e a seriedade de uma criança. Ela soltou as mãos de Althea e espanou os flocos de tinta do cabelo e da pele, como folhas caídas.

Brashen puxou Althea para cima de repente e a colocou de pé no convés sem muita delicadeza. O jovem estava muito corado, e Althea notou que Kyle estava falando, numa voz baixa e ácida:

— ... e você nunca mais vai pisar neste convés, Trell. A partir de agora.

— Você tem razão. Não vou mesmo. — De alguma forma, o tom da voz de Brashen fez a dispensa de Kyle se transformar em sua própria despedida desdenhosa. Sua voz recuperou a cortesia quando se dirigiu à Vestrit mais jovem: — Cuide-se, Althea.

Em seguida, como se estivesse saindo de uma ocasião social, Brashen se virou e se despediu de Ronica. Sua tranquilidade pareceu abalar a mulher, e, embora os lábios dela tenham se mexido, não deixaram sair nenhuma palavra de despedida. Contudo, Brashen se virou e atravessou o convés depressa, como se nada tivesse acontecido. Antes que Althea tivesse tempo de se recuperar, Kyle se virou para ela.

— Você perdeu o juízo? O que estava pensando, deixando aquele sujeito tocar seu corpo daquele jeito?

Althea fechou os olhos com força, então os abriu de novo.

— De que jeito? — perguntou, num tom vago.

Ela se inclinou sobre a amurada a fim de olhar para Vivácia. A figura de proa se virou para ela e sorriu. Era um sorriso indeciso, o sorriso de uma pessoa ainda sonolenta numa agradável manhã de verão. Althea respondeu com um sorriso triste.

— Você sabe muito bem do que estou falando! Ele passou a mão por você toda! Já é bem ruim você parecer uma criada imunda, mas deixar que um marinheiro a toque desse jeito enquanto fica pendurada praticamente de cabeça para baixo...

— Eu precisava colocar o pino no lugar, e era o único jeito. — Ela desviou o olhar do rosto vermelho de raiva de Kyle e se voltou para a mãe e a irmã. — O

navio despertou — anunciou, num tom baixo, mas formal. — O navio-vivo Vivácia agora está consciente.

E meu pai está morto. Não disse as palavras em voz alta, mas a realidade daquilo a feriu de novo, mais fundo e mais intensamente. Tinha a impressão de que, cada vez que pensava ter aceitado a morte do pai, o pensamento voltava para assombrá-la ainda mais.

— O que as pessoas vão pensar? — inquiriu Kyle a Keffria, aos sussurros.

As duas crianças mais novas a encaravam abertamente, enquanto o garoto mais velho, Wintrow, desviava o olhar de todos ao redor, como se estar perto daquela família o deixasse pouco à vontade. Althea teve a sensação de que não podia compreender tudo o que estava ocorrendo à sua volta: muita coisa acontecera em muito pouco tempo. A tentativa de Kyle de tirá-la do navio, a morte do pai, o despertar do navio-vivo, a demissão de Brashen e agora o fato de Kyle estar irritado com ela simplesmente por fazer uma coisa que precisava ser feita. Parecia ser coisa demais, mas, ao mesmo tempo, Althea sentia um vazio terrível. Sondou o próprio interior, tentando descobrir o que esquecera ou negligenciara.

— Althea?

Era Vivácia, chamando-a com certa ansiedade. Quase suspirando, ela se inclinou sobre a amurada a fim de olhar para a figura.

— Oi?

— Eu sei o seu nome. Althea.

— Sim. Obrigada, Vivácia.

E naquele momento compreendeu o que era o vazio: era tudo o que tinha imaginado que sentiria, toda a alegria e o deslumbramento que viriam com o despertar do navio. O momento, aguardado por tanto tempo, tinha chegado e passado. Vivácia tinha despertado. E, exceto pelo primeiro arroubo de triunfo, não sentia nada do que esperava sentir. O preço cobrado fora alto demais.

No instante em que reparou naquilo, Althea desejou poder apagar o pensamento. Era uma verdadeira traição estar naquele convés, não muito longe do corpo do pai, e pensar que o preço tinha sido alto demais, que o navio-vivo não havia valido a morte do pai, sem falar nas mortes do avô e da bisavó. E Althea sabia que não era justo pensar aquilo. Com ou sem navio, todos teriam morrido. Vivácia não era a causa de suas mortes, e sim a soma de seus legados. Com ela, todos os três continuavam a viver. Althea se sentiu um pouco mais calma. Inclinou-se para fora do navio, tentando pensar em algo coerente para

dizer, dando as boas-vindas àquele novo ser.

— Meu pai teria ficado orgulhoso de você — falou, por fim.

Essas palavras simples despertaram o pesar mais uma vez. Althea queria enfiar a cabeça nos braços e chorar, mas resistiu ao impulso para não assustar o navio.

— Ele também teria se orgulhado de você. Ele sabia que seria difícil.

A voz do navio tinha mudado. Em questão de instantes, passara de um timbre agudo e infantil para a voz harmoniosa e rouca de uma mulher adulta. Quando Althea olhou para aquele rosto, viu mais compreensão do que podia suportar. Dessa vez, não tentou conter as lágrimas, que lhe escorreram livremente pelo rosto.

— Eu só não entendo... — começou, com a voz embargada. No começo, estava falando com o navio-vivo, mas então virou-se para a família, que, como ela, se inclinara na amurada e olhava para o rosto de Vivácia. — Eu não entendo — disse, mais alto, apesar de o nó na garganta lhe impedir de pronunciar as palavras com muita clareza. — Por que ele fez isso? Por que, depois de tantos anos, deu Vivácia a Keffria e me deixou sem nada?

O rosto aflito e severo da mãe foi o principal alvo de suas palavras, mas foi Kyle quem se atreveu a responder:

— Talvez ele quisesse que o navio-vivo ficasse em mãos responsáveis. Talvez quisesse confiá-la a alguém que já tinha demonstrado ser confiável e resoluto e que se importa com outras pessoas além de si mesmo.

— Não estou falando com você! — gritou Althea, esganiçada. — Não consegue calar essa boca?

Sabia que estava parecendo uma criança histérica e se odiou por isso, mas havia coisas demais com as quais lidar naquele dia. Não conseguia mais se controlar. Se Kyle lhe dirigisse a palavra outra vez, pularia para cima dele e o faria em pedacinhos.

— Fique quieto, Kyle — ordenou Ronica, com firmeza. — Althea. Recomponha-se. Não é hora nem lugar para agir assim. Vamos discutir isso mais tarde, em casa, em particular. Na verdade, preciso falar com você. Quero que entenda as intenções de seu pai. Mas, por enquanto, temos que cuidar do corpo dele e da apresentação formal do navio. Os Mercadores e os outros navios-vivos precisam ser informados da morte de Ephron, e temos que alugar barcos para trazê-los para testemunhar o enterro dele no mar. E... Althea? Althea, volte aqui, agora!

A garota não tinha percebido que estava se afastando a passos largos até chegar à rampa e descer. De alguma forma, passara pelo corpo do pai sem sequer vê-lo. Então fez aquilo de que se arrependeria pelo resto da vida: foi para longe de Vivácia. Não a acompanharia em sua viagem inaugural, para testemunhar o enterro do corpo do pai nas águas para além da baía. Althea achava que não aguentaria assistir aos pés dele serem amarrados à âncora sobressalente, ver o corpo ser enrolado numa lona antes de ser atirado ao mar por sobre a amurada. Pelo resto da vida, desejaria ter estado lá para se despedir dele uma última vez.

Porém, naquele momento, só sabia que não suportava mais olhar para Kyle por um instante sequer, sem falar no tom sensato que sua mãe empregava ao enunciar aquelas palavras horríveis. Althea não se virou para ver os olhares incrédulos nos rostos dos tripulantes, nem Keffria agarrando-se ao braço de Kyle para impedi-lo de ir atrás da irmã e arrastá-la de volta. Naquele momento, sabia que não suportaria ver Vivácia ser desamarrada da doca com Kyle no comando. Esperava que o navio-vivo compreendesse. Não. Sabia que a embarcação compreenderia.

Althea sempre odiara a ideia de Kyle no comando do navio da família. Agora que Vivácia havia despertado e estava consciente, odiava ainda mais. Era pior do que deixar uma criança aos cuidados de uma pessoa desprezível. Mas também sabia que não havia absolutamente nada que pudesse fazer a respeito. Pelo menos não naquele momento.

O agente marítimo ficava num escritório minúsculo nas docas. O homem ficara um tanto surpreso ao ver Brashen encostado em seu balcão, o saco de marinheiro no ombro.

— Pois não? — perguntou, daquele jeito polido e profissional.

Brashen achou que o homem lembrava um esquilo bem-educado. Era o modo como a barba cobria as bochechas e como ele se aprumava de repente antes de falar.

— Vim receber meu pagamento — respondeu, em voz baixa.

O homem se virou para uma prateleira e examinou vários livros antes de pegar um dos mais grossos.

— Ouvi dizer que o capitão Vestrit foi levado até o navio — observou o agente, num tom circunspecto, enquanto abria o livro e percorria com o dedo uma lista de nomes. Ergueu os olhos para Brashen. — Você esteve com ele por muito tempo. Seria de imaginar que gostaria de ficar com ele até o fim.

— Eu fiquei — respondeu Brashen. — Meu capitão está morto. A *Vivácia* agora pertence ao capitão Porto, e não nos damos muito bem. Fui demitido. — Brashen percebeu que conseguia manter a voz tão baixa e agradável quanto a do esquilo.

O agente franziu o cenho.

— Mas é claro que é a filha do antigo capitão que vai assumir o comando, não? Ele a preparou para isso durante anos. A mais nova, Althea Vestrit?

Brashen bufou de leve.

— Você não é o único surpreso com as novidades. A própria srta. Vestrit foi pega desprevenida. Ela ficou chocada e muito triste. — Então, sentindo que falara demais sobre a dor de outrem, acrescentou: — Só vim receber meu pagamento, senhor, não quero fofocar sobre meus superiores. Peço que, por favor, não dê atenção às palavras de um homem irritado.

— Muito bem, não darei — assegurou-lhe o agente.

O sujeito se endireitou após mexer num pequeno cofre e colocou três pequenas pilhas de moedas no balcão diante de Brashen, que olhou para o dinheiro: era consideravelmente menos do que recebera como imediato do capitão Vestrit. Bem, o que fazer?

De repente lembrou-se de que havia mais uma coisa que deveria pedir.

— Também preciso de uma confirmação de serviço — acrescentou, hesitante. Brashen nunca pensou que teria de pedir uma confirmação de serviço pelo seu tempo na *Vivácia*. Na verdade, jogara fora todas as cartas antigas, convencido de que nunca mais precisaria mostrar qualquer prova de suas capacidades. Agora, desejava ter ficado com elas. Eram objetos simples, etiquetas de couro gravadas com o selo do navio e marcadas com o nome do marinheiro e, às vezes, com o cargo, para mostrar que desempenhara seus deveres de forma satisfatória. Algumas confirmações de serviço teriam tornado muito mais fácil a tarefa de conseguir outro cargo. Porém, uma confirmação de serviço num navio-vivo teria bastante peso em Vilamonte.

— Você precisa pedir ao capitão ou ao imediato — explicou o agente.

— Droga. Até parece que eu conseguiria isso.

Brashen de repente se sentiu roubado. Todos os anos de bom trabalho no navio, e aquelas pilhas de moedas eram tudo o que tinha para prová-los.

O agente pigarreou.

— De minha parte, sei que o capitão Vestrit tinha você em alta conta, assim como o seu trabalho. Se precisar de uma recomendação, fique à vontade para

mencionar meu escritório. Sou Nyle Hashett. Vou me certificar de que receberão uma indicação honesta.

— Obrigado, senhor — respondeu Brashen, humildemente.

Não era uma confirmação de serviço, mas já valia de alguma coisa. Levou um momento para guardar as moedas: algumas na bolsa, outras na bota e o restante no lenço amarrado em volta do pescoço. Não havia motivo para deixar que um batedor de carteira ficasse com todas. Com um grunhido, pendurou o saco de marinheiro no ombro e saiu do escritório. Tinha uma lista mental do que precisava fazer. Primeiro, encontrar um quarto numa pensão barata. Até aquele dia, morara a bordo da *Vivácia* mesmo enquanto o navio estava atracado. Agora, tudo o que tinha estava no saco que levava nas costas. Depois, iria até um banqueiro. O capitão Vestrit sempre insistira para que ele separasse algumas moedas de cada viagem. Brashen sempre acabava protelando. Quando viajara com Vestrit, o futuro parecera assegurado. Agora, desejava ter aceitado aquele conselho muito mais cedo. Bem, começaria naquele mesmo instante, já que não podia voltar no tempo e começar mais cedo, e se lembraria bem da dura lição.

E depois? Bem, depois se permitiria uma boa noite em terra firme antes de sair em busca de um novo emprego. Um pouco de carne fresca e um pão recém-saído do forno, uma noite de cerveja e boa companhia nas tavernas do porto. Apenas Sá sabia que ele merecia um pouco de prazer, depois daquela viagem. Brashen pretendia aproveitar aquela noite. O dia seguinte não demoraria a chegar, trazendo as preocupações com o restante da vida. Sentiu uma leve vergonha por antecipar o prazer enquanto seu capitão jazia morto. No entanto, Kyle jamais permitiria que ele subisse a bordo para prestar suas últimas homenagens. O melhor que podia fazer pela memória do capitão Vestrit era não ser mais um elemento discordante em seu funeral. Seria melhor que o convés estivesse pacífico quando ele fosse lançado ao fundo do mar. Aquela noite, Brashen beberia à sua memória a cada caneca que erguesse. Aquele seria seu tributo pessoal. Assim, virou-se, resoluto, na direção da cidade.

Porém, ao sair do escritório escuro do agente marítimo, avistou Althea, intempestiva, descendo a rampa do navio. Viu a moça chegar à doca e sair a passos duros, fazendo a saia esvoaçar atrás de si como velas rasgadas num vendaval. A garota tinha o rosto marcado pelas lágrimas, o cabelo desgrenhado e os olhos ardendo com uma fúria quase assustadora. Cabeças se viravam para observá-la passar. Brashen gemeu baixinho e ajeitou o saco no ombro. Tinha prometido que cuidaria dela. Com um suspiro tristonho, ele a seguiu.



7

LEALDADES

Demorou o restante do dia para que o avô fosse sepultado. Mensageiros foram enviados à cidade para avisar amigos e vizinhos, e o serviço fúnebre foi anunciado aos gritos nos mercados e nas docas. Wintrow ficou surpreso com o número de pessoas que compareceram e a rapidez com que se reuniram — mercadores, capitães, Velhos Mercadores e comerciantes deixaram de lado os negócios do dia e rumaram para as docas e o navio. Os mais próximos da família foram recebidos a bordo, enquanto outros acompanhavam nas embarcações de amigos. Cada navio-vivo ancorado no porto seguiu Vivácia no transporte de seu antigo mestre até onde ele seria entregue ao mar.

Wintrow passou a cerimônia toda pouco à vontade. Não conseguia determinar seus sentimentos em relação a tudo aquilo, e ver tantas pessoas indo homenagear o avô atiçava seu orgulho, mas achou um pouco grosseiro receber tantas condolências acompanhadas de parabenizações pelo despertar do navio. O mesmo número de pessoas que se aproximou do corpo para se despedir também se dirigiu à proa do navio para cumprimentar Vivácia e lhe desejar felicidades. Foi lá que a avó ficou, e não junto ao corpo do marido. E só ela pareceu notar o desconforto de Wintrow. Chegou a comentar com o neto, baixinho, que o jovem tinha passado tempo demais longe de Vilamonte e de seus costumes, e que as felicitações pelo despertar do navio não diminuíam a tristeza das despedidas para Ephron. É que não era do feitio do povo de Vilamonte remoer as tragédias. Ora, se os fundadores tivessem feito isso, teriam se afogado nas próprias lágrimas. Wintrow assentiu ao ouvir as explicações da avó, mas guardou os pensamentos para si.

Odiou ficar no convés ao lado do corpo do avô, odiou a proximidade dos outros grandes veleiros, que partiam do porto junto com os navios, querendo prestar homenagem ao sepultamento no mar. Tudo aquilo parecia complicado demais, para não dizer perigoso: todos os navios zarpando juntos e ancorando num grande círculo, para que as pessoas pudessem se aglomerar nas amuradas e assistir ao cadáver de Ephron Vestrit, enrolado numa lona, deslizar por uma rampa e mergulhar nas ondas.

Mais tarde, assistiu à cerimônia totalmente incompreensível em que Vivácia foi apresentada formalmente aos outros navios-vivos. A avó, muito solene, presidiu a cerimônia: de pé na coberta de proa, a mulher apresentou Vivácia em voz alta para cada navio que passava à frente. Wintrow se manteve ao lado do pai, cuja testa parecia permanentemente franzida. Estava intrigado com a expressão da avó: o sorriso no rosto misturado às lágrimas que desciam pelas bochechas. Parecia óbvio que alguma característica Vestrit importante se perdera nele ao nascer um Porto. Até a mãe assistia, animada, ao lado dos filhos mais novos, acenando para cada navio.

A cerimônia pública se resumiu a isso. A bordo de Vivácia, houve uma espécie de ritual completamente diferente. Kyle tomou posse do navio, o que era evidente mesmo para o olhar leigo de Wintrow: o pai berrava ordens para homens décadas mais velhos que ele e os xingava com selvageria, caso achasse que não estavam se mexendo rápido o bastante. Mais de uma vez Kyle comentou em voz alta com o imediato sobre as mudanças que tinha em mente para o modo como aquele navio era comandado. Quando disse essas palavras pela primeira vez, uma careta de dor perpassou o semblante de Ronica Vestrit. Wintrow ficou observando a avó pelo restante da tarde, e lhe pareceu que ela ia ficando cada vez mais séria e soturna conforme o dia passava, como se o pesar pela morte do marido estivesse se enraizando nela, crescendo a cada hora.

Wintrow tinha pouco a dizer a qualquer dos presentes, e a recíproca era verdadeira. A mãe estava ocupada em não perder o pequeno Selden de vista e em evitar que Malta trocasse olhares com qualquer marinheiro mais novo. A avó passou boa parte do tempo na coberta de proa, olhando o mar. Só falava com a figura de proa, e sempre em voz baixa. Wintrow sentiu um arrepio na espinha só de pensar naquilo: não havia nada de natural na vida que animava aquele artefato entalhado, nada do verdadeiro espírito de Sá. Embora não sentisse nenhum mal naquela entidade, tampouco sentia qualquer coisa boa. Simplesmente evitou a coberta de proa, feliz por não ter enfiado o pino na figura de madeira.

O pai só pareceu se lembrar do filho mais velho durante a viagem de volta. E, de certa forma, a culpa foi do próprio Wintrow, que ouviu o imediato berrar uma ordem incompreensível a dois marujos e, quando tentou sair do caminho, tropeçou para trás e deu um encontrão num terceiro homem, que não tinha visto. Os dois caíram, Wintrow com força suficiente para perder o ar. O homem se levantou de um pulo e voltou ao trabalho. Wintrow levantou-se mais devagar, esfregando o cotovelo e lembrando-se aos poucos de como respirar. Quando enfim conseguiu se endireitar, estava cara a cara com o pai.

— Olhe só para você — rosnou Kyle, e Wintrow olhou para baixo, um pouco

confuso, com medo de ter sujado a roupa. O pai empurrou seu ombro. — Não estou falando do seu manto de sacerdote, estou falando de *você*. Olhe só para você! Tem idade de homem, mas corpo de um garoto e inteligência de marinheiro de água doce. Não consegue nem sair do próprio caminho, então não tem como sair do caminho de outro homem. Aqui. Torg. Aqui! Leve esse menino e o coloque para fazer alguma coisa. Assim pelo menos ele não atrapalha.

Torg era o segundo imediato: um homem musculoso e baixo, de cabelo loiro curto e olhos cinza-claro. Tinha sobrancelhas brancas, e barba tão clara que Wintrow achou que seu rosto não tinha pelos. Para mantê-lo fora do caminho, Torg decidiu mandá-lo ao paiol de amarras para enrolar cabos e pendurar correntes. Os rolos de cabos já estavam lá e pareciam em ordem, mas Torg mandou que ele os arrumasse sem demora, sem fazer corpo mole. Era mais fácil dizer do que fazer: assim que mexia nos cabos, tudo se embolava de um jeito incompreensível, e as cordas pareciam não ter a menor vontade de se assentar de novo. As cordas grossas e ásperas deixaram suas mãos vermelhas, e os rolos eram muito mais pesados do que ele esperava. O ar viciado do paiol de amarras e a pouca iluminação, amenizada apenas por um lampião, só aumentaram seu enjoo. Ainda assim, Wintrow se manteve entretido no serviço durante o que lhe pareceram horas. Por fim, Malta foi enviada para buscá-lo. A menina o informou, meio seca, que já tinham atracado, caso ele quisesse desembarcar. Wintrow precisou de todo o seu autocontrole para lembrar que devia se comportar como um futuro sacerdote de Sá, não como um irmão mais velho irritado.

Sem alarde, colocou no chão o rolo em que estava trabalhando. Cada pedaço de corda em que tocara parecia menos arrumado do que quando começara. Bem, Torg podia enrolá-los de novo como quisesse, ou empurrar a tarefa para outro pobre marinheiro. Wintrow já tinha encarado a tarefa sabendo que seria difícil, mas não imaginava por que o pai tinha sentido o desejo de fazê-lo passar por toda aquela humilhação e irritação. Talvez fosse porque tinha se recusado a colocar o pino que despertou o navio — que gerou algumas palavras desagradáveis do pai. Bem, tudo estava acabado: o avô estava morto e entregue ao mar, a família deixara bem claro que não queria nenhum consolo vindo dele, e Wintrow voltaria para casa assim que possível. Achava que já seria adequado começar a viagem de volta na manhã seguinte.

Subiu para o convés e se juntou à família, que estava se despedindo e agradecendo a presença dos Velhos Mercadores que tinham acompanhado a cerimônia a bordo do navio. Vários dos visitantes também se despediram da

figura de proa. O crepúsculo de verão dava lugar à noite quando a última pessoa partiu, mas a família permaneceu mais um tempo ali, em silêncio e exausta, enquanto Kyle ordenava ao imediato que retomasse o descarregamento ao raiar do dia. Logo depois, Kyle foi dizer à família que era hora de ir para casa e tomou o braço da esposa. Wintrow acompanhou a avó, aliviado em ver que um cocheiro os esperava. Não sabia se a velha conseguiria subir a colina a pé, no escuro, pelas ruas de paralelepípedos.

Mas, quando se viraram para deixar a coberta de proa, Vivácia chamou, preocupada:

— Vocês estão indo embora? Agora?

— Eu volto ao raiar do dia — respondeu Kyle. Falava como se um marinheiro tivesse questionado sua decisão.

— Vocês todos vão? — insistiu o navio-vivo.

Wintrow não soube dizer por que respondeu. Talvez tenha sido o tom de pânico na pergunta.

— Você vai ficar bem — disse, com gentileza. — Está segura amarrada às docas. Não há o que temer.

— Não quero ficar sozinha. — Era a reclamação de uma criança, mas na voz de uma jovem indecisa. — Onde está Althea? Por que não está aqui? Ela não me deixaria sozinha.

— O imediato vai dormir a bordo, junto com metade da tripulação. Você não vai ficar sozinha — retorquiu Kyle, impaciente.

Wintrow se lembrava daquele tom de quando era pequeno. Sentiu solidariedade pelo navio-vivo, contrariando o próprio bom senso.

— Não é a mesma coisa! — gritou Vivácia.

— Eu posso ficar a bordo, se ela quiser — propôs Wintrow. — Pelo menos esta noite.

Kyle franziu o cenho, como se o filho tivesse desrespeitado suas ordens, mas a avó deu um leve aperto em seu braço e sorriu, murmurando:

— É o sangue falando.

— O garoto não pode ficar — anunciou Kyle. — Precisamos conversar.

— Ainda hoje? — perguntou Keffria, incrédula. — Ah, Kyle, hoje, não. Não quero mais nada esta noite. Estamos cansados e tristes demais.

— Achei que seria bom sentarmos para discutir o futuro — observou o pai, num tom sério. — Podemos estar cansados e tristes, mas o amanhã não espera.

— Não me importa se o amanhã espera ou não, eu vou esperar — interrompeu a avó. Sua voz soava um tanto imperiosa, o que lembrava Wintrow da mulher que conhecera quando criança. Quando Kyle tomou fôlego para retrucar, Ronica continuou: — E Wintrow estaria me fazendo um grande favor dormindo a bordo, para reconfortar Vivácia da melhor forma possível. — Ronica se virou para a figura de proa e acrescentou: — Mas primeiro preciso que ele me ajude a ir até o coche. Vivácia, você se importa de ficar sozinha por apenas alguns instantes?

Wintrow sentira um pouco a ansiedade do navio-vivo, que acompanhara a conversa atentamente, com uma vaga conexão. Com a conclusão da avó, notou o sorriso radiante nas feições entalhadas.

— Tenho certeza de que ficarei muito bem, Ronica. Muito bem. — A figura de proa encarou Wintrow com um olhar tão penetrante que foi quase assustador. — Quando você voltar a bordo, pode dormir aqui em cima, na coberta de proa? É que daqui eu posso ver você.

Wintrow olhou para o pai, indeciso. Só eles dois pareciam cientes de que Wintrow não tinha recebido sua permissão. Decidiu ser diplomático.

— Se meu pai permitir — respondeu, hesitante.

Ainda não tinha encarado o pai nos olhos, então se forçou a olhar para Kyle e não desviou o olhar.

O pai continuou de cara feia, mas Wintrow pensou ter visto também uma pontada de respeito relutante em seus olhos.

— Eu permito — disse, por fim, deixando claro a todos que considerava que aquilo de fato tinha sido decidido por ele. Olhou para o filho de cima a baixo. — Vá falar com Torg quando subir a bordo. Ele vai lhe arranjar um cobertor. — Olhou do garoto para o imediato à espera, que assentiu ao ouvir a ordem.

Wintrow notou que a mãe soltou um suspiro audível, como se tivesse passado esse tempo todo segurando a respiração.

— Bem, agora que acertamos isso, vamos para casa. — A voz vacilou de leve na última palavra, e seus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez. — Ah, meu pai... — murmurou, como que repreendendo o morto.

Kyle deu tapinhas na mão que a esposa apoiava em seu braço e a conduziu para fora do navio. Wintrow foi atrás, com a avó, mais devagar. Os irmãos mais novos, impacientes, passaram por eles e correram até a carruagem.

A avó parecia exausta, de tão devagar que se movia. Quando ela começou a falar, Wintrow percebeu que a velha tinha se demorado de propósito, para terem um momento a sós. Ela falou em voz baixa, para que só ele ouvisse:

— Hoje você deve ter achado tudo muito estranho e desconhecido, Wintrow. Mas, agora há pouco, você falou como um Vestrit. Acho até que vi seu avô em seu rosto. O navio atrai você.

— Avó, sinto dizer que não tenho a menor ideia sobre o que a senhora está falando — confessou, em voz baixa.

— Não tem ideia, é? — Ela parou, e Wintrow se virou para a avó. Ronica era bem baixa, mas se empertigou e o encarou. — Você diz que não entende, mas não é o que vejo — retrucou, após um momento. — Você não teria conseguido falar com o navio daquele jeito se já não soubesse, em seu coração. Você vai aceitar seu destino, Wintrow. Com o tempo, vai acabar aceitando. Não se preocupe.

Wintrow teve um mau pressentimento. Queria ir com eles para casa, onde poderia se sentar com o pai e a mãe e ter uma conversa franca. Os dois obviamente tinham decidido alguma coisa sobre sua vida. Ele não sabia o quê, mas se sentia ameaçado. Então lembrou que devia evitar os prejulgamentos. A avó não disse mais nada, e ele a ajudou a descer a rampa e subir na carruagem. Todos os outros já estavam lá dentro.

— Obrigada, Wintrow — disse a avó, muito séria.

— De nada — respondeu ele, pouco à vontade. Suspeitava que a avó estava agradecendo por mais do que a companhia até a carruagem. Ficou imaginando se não haveria nenhuma consequência por ajudar a avó com o que quer que ela tivesse em mente. O cocheiro estalou a língua para os cavalos, e a família partiu, os cascos ressoando nas tábuas das docas. Depois da carruagem sumir de vista, Wintrow ainda permaneceu um tempo ali, contemplando o silêncio da noite.

Na verdade, a noite não era nem um pouco silenciosa. Nem as docas, nem a cidade de Vilamonte em si dormiam. Ao longo da curva da baía, havia as luzes e os sons distantes do mercado noturno. Uma mudança no vento trouxe uma breve lufada de música, flautas e sininhos: um casamento, talvez. Com dança. Mais ali perto, tochas de piche presas às pilastras da doca criavam círculos espaçados de uma luz instável. Ondas batiam ritmadas contra as estacas de madeira que sustentavam as docas, e os barcos atracados raspavam e rangiam contra a madeira. Wintrow achou que pareciam grandes animais entalhados e sentiu um arrepio na espinha ao se lembrar da consciência do navio-vivo. Não era um animal nem era um simples navio de madeira: era uma mistura profana dos dois. Não acreditava que tinha se oferecido para passar a noite a bordo daquilo.

Ao atravessar as docas até onde Vivácia estava atracada, a luz bruxuleante das tochas e o movimento da água se combinaram para embaralhar sua visão,

tornando cada passo incerto. Quando chegou ao navio, já sentia a fadiga acumulada do dia.

— Ah, aí está você!

Ele levou um susto ao ouvir o cumprimento do navio, mas logo se recompôs.

— Eu disse que ia voltar — retrucou.

Era estranho estar na doca e erguer a cabeça para a figura de proa. A luz das tochas iluminava o rosto do navio de um jeito estranho: embora as feições fossem humanas, a luz refletia nelas como refletia em madeira. De onde ele estava, as proporções pouco naturais da figura de proa ficavam ainda mais nítidas, e os seios fartos e nus também ficavam mais evidentes. Wintrow desviou o olhar, sem se sentir muito confortável em encarar a figura de proa. *É só um navio de madeira*, lembrou. *Ela é um navio de madeira.* Mas, sorrindo para ele na penumbra, parecia mais uma jovem se debruçando sedutoramente numa janela. Era ridículo.

— Você não vai subir a bordo? — perguntou Vivácia, sorrindo.

— É claro. Daqui a pouco estarei a seu lado.

Tateando pelo convés escuro, depois de subir a rampa, Wintrow continuou pensando sozinho. Até onde sabia, só havia navios-vivos em Vilamonte. Nunca tinha encontrado qualquer menção a eles em seus estudos como sacerdote de Sá, mas tinha sido alertado sobre magias contrárias à santidade da vida. Wintrow repassou os ensinamentos: havia magias que tiravam uma vida para animar outra coisa, magias que tiravam uma vida para aumentar o poder de quem as lançava, magias que causavam infelicidade para melhorar a vida do próprio mago ou a de outra pessoa... Nada daquilo parecia descrever a força que despertava um navio-vivo, fosse qual fosse. O avô teria morrido com ou sem o navio. Concluiu que não podia afirmar que o avô tinha sido privado da própria vida para despertar a embarcação. Tropeçou num rolo de corda assim que chegou a essa conclusão. Quando tentou se equilibrar, enroscou os pés na barra do manto marrom de noviço e caiu no convés.

Ouviu uma risada vindo de algum lugar na noite. Talvez a pessoa não estivesse rindo dele — talvez houvesse um grupo de marinheiros de vigia em algum canto do convés escuro, contando histórias engraçadas para passar o tempo. Talvez. Ainda vermelho de vergonha, Wintrow conteve a raiva pela possível zombaria. *É tolice,* disse a si mesmo. Era tolice se irritar com um homem ignorante o suficiente para achar seu tropeço engraçado, e tolice ainda maior ficar irritado sem sequer ter certeza de que aquilo tinha acontecido. O dia tinha sido longo demais, era isso. Wintrow se levantou com cuidado e foi

tateando até a coberta de proa.

Tinham largado um cobertor áspero ali. Além de ainda ter o cheiro da última pessoa que o usara, o pano era malfeito — ou isso, ou alguns pontos estavam duros por causa da sujeira. Wintrow largou o pano no convés. Considerou abrir mão daquilo: a noite de verão não estava tão fria, e talvez acabasse nem precisando usar um cobertor. Deixaria o insulto de lado, já que a verdade era que não teria de lidar com nenhum daqueles sujeitos depois do dia seguinte. Mesmo pensando aquilo, ele se abaixou e recolheu o cobertor. Não precisava suportar aquilo sem se exaltar, como uma casualidade da natureza — uma chuva de granizo repentina ou a cheia de um rio. Receber aquele cobertor era resultado da crueldade humana, e um sacerdote de Sá não podia aceitar aquilo em silêncio, não importava se fosse dirigida a ele ou a outros.

Wintrow endireitou os ombros. Sabia como o viam: o filho do capitão, um fedelho que tinha sido mandado para viver num monastério, para ser criado acreditando em bondade e gentileza. Sabia que havia muitos que viam isso como uma fraqueza, que achavam que os sacerdotes e as sacerdotisas de Sá eram tolos puritanos que passavam a vida perambulando por aí, tagarelando sobre como o mundo podia ser um lugar belo e pacífico. Wintrow tinha visto o outro lado da vida de um sacerdote, cuidara dos ferimentos de sacerdotes levados de volta ao monastério, mutilados pela crueldade humana, morrendo de pragas contraídas ao cuidar de outras vítimas. *Mantenha a voz clara e o olhar firme*, pensou. Enrolou o cobertor ofensivo num braço e rumou com cuidado em direção à coberta de proa, onde ardia um lampião.

Havia três homens sentados no círculo daquela luz fraca, com um jogo de pinos espalhados entre eles no convés. Wintrow sentiu cheiro de bebida barata e franziu a testa: a minúscula chama de indignação dentro dele ardeu com mais intensidade. Entrou corajosamente no círculo de luz, como se estivesse possuído pelo anma do avô. Jogou o cobertor no convés e perguntou, sem rodeios:

— Desde quando o turno da noite deste navio bebe em serviço?

Os três marinheiros se retraíram, até que viram quem estava falando.

— Ah, é só o sacerdote — zombou um, voltando a se estirar no chão.

Wintrow sentiu outro lampejo de raiva.

— E também sou Wintrow Porto, um Vestrit. E, a bordo deste navio, os marinheiros de vigia não bebem nem jogam. Eles vigiam!

Os três se levantaram, hesitantes. Eram mais altos e mais fortes do que ele, com os músculos rígidos de homens adultos. Um teve a dignidade de parecer envergonhado, mas os outros dois, bêbados, não pareciam arrependidos.

— Vigiar o quê? — perguntou um sujeito de barba negra, insolente. — Quer que a gente fique olhando enquanto Kyle toma o navio do velho e substitui a tripulação toda pelos comparsas dele? Que a gente fique olhando enquanto o capitão joga pela amurada todos os anos que trabalhamos, que nos dedicamos a este navio, que fomos fiéis ao capitão Vestrit?

O outro marinheiro bêbado continuou a ladainha:

— Quer que a gente fique olhando um Porto roubar o navio que deveria ser comandado por um Vestrit? Althea pode ser uma pirralha metida, mas é Vestrit até os ossos. É ela quem devia ficar com o navio, mulher ou não.

Mil respostas possíveis passaram pela cabeça de Wintrow, e ele teve que escolher a que achava melhor.

— Nada disso tem a ver com beber em serviço. É uma péssima maneira de honrar a memória de Ephron Vestrit.

A última declaração pareceu surtir mais efeito do que qualquer outra coisa que tinha dito até o momento. O homem que parecia envergonhado deu um passo adiante.

— É o meu turno de vigia, e eu não estava bebendo. Esses dois estavam me fazendo companhia, jogando conversa fora.

Wintrow não conseguiu pensar em nenhuma resposta, então apenas assentiu, muito sério. Voltou os olhos para o cobertor largado e se lembrou de por que tinha ido até ali.

— Onde está o segundo imediato? Torg?

O homem de barba negra bufou de desdém.

— Ocupado demais levando as coisas dele para a cabine de Althea para prestar atenção em qualquer outra coisa.

Wintrow assentiu, hesitante, preferindo não comentar. Não se dirigia a nenhum homem em particular quando acrescentou:

— Acho que não é certo eu ter conseguido embarcar na Vivácia sem ser interpelado, mesmo no porto natal.

O vigia o encarou de um jeito estranho.

— O navio-vivo despertou. Ele nos avisaria se algum desconhecido tentasse embarcar.

— Tem certeza de que ele sabe o que fazer se um desconhecido embarcar?

O olhar de incredulidade no rosto do vigia ficou ainda mais intenso.

— Claro que sabe. Ele sabe tudo o que o capitão Vestrit, o pai dele e a avó

dele sabiam da vida a bordo de um navio. — O homem olhou para o lado e inclinou a cabeça, acrescentando: — Achei que todos os Vestrit soubessem como funciona um navio-vivo.

— Obrigado — respondeu Wintrow, ignorando o último comentário. — Vou procurar Torg. Continuem com o que estavam fazendo.

Ele se abaixou e recolheu o cobertor. Andou com cuidado para fora do círculo de luz, deixando os olhos se acostumarem à escuridão crescente. A porta da cabine de Althea estava entreaberta, jogando uma faixa de luz no convés. As caixas com os pertences da tia que ainda não tinham sido descarregadas estavam empilhadas de qualquer jeito num canto. O segundo imediato estava ocupado arrumando os próprios pertences.

Wintrow bateu com força na porta aberta e tentou ignorar a pontada de satisfação em ver que Torg se assustou, como se o homem se sentisse meio culpado.

— O que é? — perguntou o segundo imediato, virando-se para ele.

— Meu pai me mandou vir falar com você para conseguir um cobertor — respondeu Wintrow, muito calmo.

— Mas estou vendo que você já tem um cobertor — observou Torg. Não conseguiu esconder o brilho de divertimento no olhar. — Ou o senhor sacerdote não gostou do que recebeu? Não é bom o suficiente?

Wintrow jogou o cobertor ofensivo no convés.

— Este não serve — retrucou, sem se alterar. — Está imundo. Não tenho nada contra usar um cobertor gasto ou remendado, mas ninguém tem obrigação de suportar imundície sem reclamar.

Torg nem sequer olhou para o cobertor.

— Se acha que está sujo, vá lavar.

Ele fez menção de voltar a arrumar a cabine, mas Wintrow se recusou a ser intimidado.

— Acho que não preciso dizer que não tem tempo suficiente para o cobertor secar — retrucou, imperturbável. — Só estou pedindo para você cumprir as ordens do meu pai. Embarquei para passar a noite, preciso de um cobertor.

— Eu cumpri a ordem do seu pai, e você tem um cobertor. — Torg parecia cada vez menos capaz de esconder o divertimento na voz. Wintrow acabou respondendo à atitude, em vez de às palavras do homem.

— Por que você se diverte sendo mal-educado? — perguntou, com

curiosidade genuína. — Como é que me fornecer um cobertor limpo pode ser um transtorno maior do que me dar um trapo imundo e me forçar a implorar?

A honestidade da pergunta pegou o sujeito desprevenido. Ele olhou para Wintrow, atônito. Como todos os homens capazes de ser cruéis sem o menor esforço, Torg nunca tinha parado para pensar em por que se comportava daquela forma. Para ele, bastava poder agir com crueldade. Muito provavelmente tinha sido valentão desde pequeno, e seria assim até que o mundo se livrasse dele numa mortalha de lona. Pela primeira vez, Wintrow parou para reparar no segundo imediato: o destino estava estampado em seu corpo, nos pequenos olhos redondos, azuis como os de um porco branco; na pele flácida sob o queixo redondo, que já começava a se transformar em papada; no lenço amarrado em volta do pescoço, sujo havia muito tempo, e na gola da camisa azul e branca, com uma faixa marrom na parte interna — aquilo não era resultado da sujeira e do suor do trabalho honesto, era uma mancha encardida da indolência. Torg parecia não se importar com higiene e limpeza, o que ficava evidente pelo modo como seus pertences estavam espalhados pela cabine: dali a duas semanas, o lugar estaria parecendo um chiqueiro fedorento, cheio de roupas sujas e restos de comida.

Foi naquele instante que Wintrow decidiu desistir da discussão. Dormiria no convés só com suas roupas. Seria desconfortável, mas ele ia sobreviver. Concluiu que não via nenhum motivo para continuar batendo boca com aquele sujeito, já que Torg nunca conseguiria compreender como aquele cobertor era repugnante e insultante para Wintrow. Ele se repreendeu por não ter examinado o sujeito mais cedo, o que poderia ter poupado os dois daquele atrito inútil.

— Deixe para lá — declarou, de repente, num tom casual, dando meia-volta.

Piscou algumas vezes para acostumar os olhos à escuridão e saiu pelo convés. Ouviu o segundo imediato ir até a porta da cabine, atrás dele.

— Ah, aposto que vai reclamar com o papai! — gritou Torg, num tom zombeteiro. — Mas vai descobrir que seu pai concorda que os homens precisam ser durões, nada de ficar choramingando por causa das manchas de um cobertor.

E Wintrow teve de admitir que aquilo devia ser verdade. Não se daria ao trabalho de reclamar com o pai para descobrir. Não havia sentido em reclamar sobre o desconforto de uma noite. Seu silêncio pareceu incomodar Torg.

— E você acha que vai me causar problemas reclamando por aí? Pois não vai! Conheço seu pai muito bem.

Wintrow não se dignou a responder. Todo o seu envolvimento emocional com a situação tinha acabado no instante em que ele decidiu que não ia mais discutir.

Recolhera seu anma para dentro de si, como tinha aprendido, ignorando a raiva e a ofensa. Não que essas emoções fossem vergonhosas ou inapropriadas, mas seriam um desperdício se empregadas contra um homem como Torg. Wintrow eliminou todas as reações de sua mente ao cobertor imundo. Quando chegou à coberta de proa, tinha recuperado a calma e a completude.

Wintrow se debruçou sobre a amurada e olhou para o porto. Via outros navios ancorados nas docas, as luzes amareladas brilhando no convés. Vendo aquilo, ficou surpreso com a própria ignorância. Não conhecia navios, ele que era fruto de muitas gerações de mercadores e marinheiros. Quase todas as embarcações ancoradas ali eram mercantes, com alguns navios pesqueiros e de caça. Quase todos os navios mercantes tinham os cascos estreitados conhecidos como cadastes, alguns com tombadilhos tão altos que quase chegavam aos mastros principais, e cada embarcação tinha dois ou três mastros.

Os sons e as luzes que vinham da costa indicavam que o mercado noturno estava em pleno funcionamento. Já sem a influência do calor do dia, fogueiras ardiam, derretendo a gordura das carnes em espetos, que pingava nas brasas fumegantes. Uma brisa passageira trouxe o cheiro das carnes temperadas e dos pães que assavam nos fornos ao ar livre. Alguns sons também se aventuravam sobre a água, chegando ao navio entrecortados: uma risada estridente, um trecho de alguma canção, um grito. As águas refletiam as luzes do mercado e dos navios como flâmulas ondulantes.

— E, ainda assim, há paz em tudo isso — comentou, em voz alta.

— Porque tudo está em seu devido lugar — complementou Vivácia.

A voz da figura de proa tinha um timbre feminino, com a mesma escuridão aveludada da noite e o mesmo toque esfumaçado. Ao ouvi-la, Wintrow foi invadido por uma sensação de prazer, enchendo-se de calor e felicidade. Demorou um tempo para se espantar com aquela sensação.

— O que é você? — perguntou, num tom assombrado. — Quando estou longe, fico achando que devia temer sua existência, ou que, no mínimo, não posso confiar em você. Mas, agora que estou a bordo, quando escuto a sua voz, é como... como eu imagino que seja estar apaixonado.

— É mesmo? — perguntou Vivácia, sem esconder um leve toque de prazer na própria voz. — Então você sente o mesmo que eu. Passei tanto tempo despertando... tantos anos, durante toda a vida do seu avô e do pai dele, desde que sua trisavó se entregou à minha custódia. E hoje, quando finalmente pude me mover, abrir os olhos outra vez para o mundo, sentir os gostos, os cheiros e ouvir todos os sons, absorver o mundo com todos os meus sentidos... foi uma

emoção muito forte. Eu me pergunto quem são vocês, criaturas de carne, sangue e osso, que nascem nos próprios corpos e estão condenadas a perecer quando a carne sucumbe. E sinto medo quando penso nessas coisas. Porque acho vocês tão estranhos, não sei o que vão querer fazer comigo. Mas quando sinto um de vocês perto, parece que somos feitos da mesma matéria, que somos apenas uma mesma vida dividida em muitas partes e que, juntos, nós nos completamos. Fico feliz com a sua presença, porque sinto que minha própria vida se desdobra quando estamos perto um do outro.

Wintrow se recostou na amurada, imóvel, calado, como se estivesse ouvindo um poeta abençoado por Sá. Vivácia não estava olhando para ele — ela não precisava olhar para vê-lo. Assim como Wintrow, a figura de proa admirava as luzes festivas do mercado noturno além das águas. *Até nossos olhos contemplam a mesma vista*, pensou ele, e seu sorriso se alargou. Já tinha vivido momentos em que as palavras o tocavam de um jeito parecido, plantando verdades dentro dele como raízes num solo fértil. Alguns dos melhores professores do monastério conseguiam despertar essa mesma reverência usando palavras simples para dar voz a uma verdade que sempre tinha estado dentro dele, flutuando sem ser notada. Quando as palavras de Vivácia se dissiparam no calor da noite de verão, Wintrow respondeu:

— Assim como a corda de uma harpa dedilhada com força pode despertar uma pessoa, como a nota alta e pura de uma voz vibra nos cristais, você despertou a verdade em mim. — Ele gargalhou, para surpresa própria. Sentia como se um pássaro engaiolado havia tanto tempo em seu peito tivesse levantado voo de repente. — O que você está dizendo é bem simples: nós completamos um ao outro. Não consigo pensar em nenhuma razão para as suas palavras me comoverem tanto, mas comovem. Elas me comovem.

— Tem alguma coisa acontecendo aqui esta noite. Sinto isso.

— E eu também sinto. Mas não sei o que é.

— Na verdade, você apenas não tem um nome para definir essa coisa — corrigiu Vivácia. — Claro que sabemos o que é. Nós crescemos. Nós nos tornamos.

Wintrow percebeu que sorria para o céu noturno.

— Nós nos tornamos o quê?

Vivácia se virou para encará-lo, os traços de seu rosto de madeira refletindo o brilho das luzes distantes. Ela sorriu para Wintrow, os lábios se abrindo para revelar dentes perfeitos.

— Nós nos tornamos nós — disse, simplesmente. — Como estávamos

destinados a ser.

Nunca tinha passado pela cabeça de Althea como a angústia podia atingir um estado tão intenso e imensurável. Só naquele momento, sentada encarando o fundo do copo, é que compreendeu como seu mundo estava corrompido. Já passara por maus bocados, sofrera um pouco, mas nunca daquele jeito. Nunca tinha acabado com tudo tão definitivamente quanto naquele dia, depois de tomar uma decisão estúpida após a outra. Balançou a cabeça diante da própria idiotice. Enquanto tirava as últimas moedas da algibeira vazia e erguia o copo para que fosse enchido de novo, repassou as decisões que tinha tomado. Cedera quando devia ter lutado, lutara quando devia ter cedido. E o pior — o pior de tudo — era ter deixado o navio. Desembarcar antes que o corpo do pai sequer tivesse sido entregue às ondas fora o pior tipo de erro estúpido. Era uma traidora. Tinha traído tudo que já considerara importante.

Althea balançou a cabeça outra vez. Como tivera coragem de fazer aquilo? Além de partir, ignorando o sepultamento do pai, ainda tinha abandonado o navio à mercê de Kyle. O cunhado não sabia absolutamente nada sobre Vivácia, não tinha a menor noção de o que era um navio-vivo, ou mesmo do que precisava fazer por um. O desespero agarrou seu coração e o apertou forte. Depois de anos de espera, tinha abandonado Vivácia num dia tão crucial. Qual era o seu problema? Onde estava com a cabeça ao fazer aquilo? Será que ela não tinha coração, colocando os próprios sentimentos antes dos do navio-vivo? O que o pai teria dito? Ele, que sempre dizia “Cuide do navio, que tudo o mais se resolve”?

O taverneiro se aproximou e pegou a moeda, que examinou com muita atenção, então encheu seu copo outra vez. Ele comentou alguma coisa com Althea, numa voz banhada de falsa solicitude. Ela o dispensou agitando o copo cheio, quase derramando a cerveja. Bebeu depressa, antes que derramasse sem querer.

Althea arregalou os olhos e examinou a taverna, como se aquilo fosse desanuviar sua mente. Parecia tão errado ver que as pessoas ali não partilhavam da sua angústia. Era como se aquele pedaço de Vilamonte não tivesse notado a morte de Ephron Vestrit. Ainda tinham as mesmas conversas que vinham tendo nos últimos dois anos: os recém-chegados estavam arruinando Vilamonte; o representante do sátrapa estava abusando da própria autoridade inventando novos impostos e também tinha começado a aceitar subornos para ignorar os navios de escravos que ancoravam bem ali, naquele porto; os calcedianos tinham

ido exigir que Vilamonte não cobrasse mais impostos de ancoragem, e o sátrapa provavelmente concordaria, graças às ervas de prazer que Calcede lhe enviava. *As mesmas lamúrias de sempre*, pensou Althea. Mas pouquíssimos se mexiam para fazer algo a respeito.

Na última vez em que comparecera ao Conselho dos Velhos Mercadores com o pai, Ephron se levantara e sugerira simplesmente tornar tudo aquilo ilegal. "Vilamonte é nossa cidade, e não do sátrapa", dissera, determinado. "Nós devíamos contribuir para formar uma patrulha naval e simplesmente negar acesso aos navios de escravos. E mandar de volta os graneleiros calcedianos, caso não queiram pagar o imposto para atracar e abastecer aqui. Eles que reabasteçam em outro lugar, talvez numa das cidades piratas, e vejam se serão mais bem tratados por lá."

As palavras foram recebidas por um brado consternado, composto tanto de choque quanto de aprovação, mas, quando chegou a hora de votar, o Conselho tinha acabado sem tomar uma atitude. "Eles precisam de mais um ou dois anos", dissera Ephron, quando partiram. "É o tempo que leva para uma ideia se enraizar. A maioria já sabe que estou certo. Só não querem o trabalho de fazer o que precisa ser feito. Não querem admitir que precisaremos de confrontos diretos para que Vilamonte permaneça Vilamonte, e não acabe virando Calcede do Sul. Pelo suor de Sá, os malditos calcedianos já estão contestando nossa fronteira norte. Se ignorarmos isso, eles vão se infiltrar aqui com esses escravos de rostos tatuados trabalhando nos campos, as mulheres casadas aos doze anos e toda essa corrupção deles. Se deixarmos isso acontecer, Vilamonte vai ser destruída. E, no fundo, os Velhos Mercadores sabem disso. Vou mencionar o assunto de novo em um ou dois anos, e eles vão concordar. Você vai ver."

Mas Ephron não faria isso. Seu pai estava morto. Vilamonte era uma cidade mais pobre e mais fraca, e nem ao menos tinha consciência disso.

Os olhos de Althea se encheram de lágrimas mais uma vez, e ela as enxugou com o punho da manga. Os dois punhos já estavam encharcados, e sabia que o rosto e o cabelo estavam em petição de miséria. Keffria e a mãe ficariam escandalizadas. Bem, que ficassem: se Althea era uma desgraça, elas eram ainda piores. Tinha agido por impulso e depois decidira se embebedar, mas as duas tinham planejado e tramado. E não só contra ela, mas também contra o navio da família. Elas com certeza sabiam o que significava entregar Vivácia a Kyle, um homem que nem sequer tinha laços de sangue com o navio. Uma onda gélida de dúvida a inundou: a mãe não tinha nascido Vestrit. Entrara para a família por meio do casamento, assim como Kyle. Talvez, como ele, a mãe não sentisse nada pelo navio. Não. Não, não era possível, não depois de tantos anos ao lado do pai.

Althea proibiu a ideia de conter qualquer traço de verdade. As duas com certeza sabiam o que Vivácia significava para a família. E aquilo tudo era só uma vingança estranha e terrível contra ela, mas era algo temporário. Só não sabia por que merecia a vingança. Talvez por amar o pai mais do que amara qualquer outro membro da família.

Seus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez. Não importava, nada daquilo importava. As duas teriam que mudar de ideia, teriam que devolver seu navio. *Mesmo*, disse a si mesma, irritada, *mesmo que isso signifique ter que servir sob o comando de Kyle*. Por mais que odiasse a ideia, Althea de repente a aceitou. Sim. Era tudo o que eles queriam: alguma garantia de que os negócios com o navio seriam conduzidos como ele e as duas achavam melhor. Bem, àquela altura, Althea não dava a mínima. Kyle podia negociar ovos em conserva e nozes de tintura quanto quisesse, desde que ela pudesse ficar a bordo e ser parte do navio.

Althea se endireitou na cadeira e soltou um imenso suspiro de alívio, como se tivesse resolvido um problema enorme. *Mas nada mudou*, disse a si mesma. No instante seguinte, também negou o pensamento. Alguma coisa tinha mudado, sim, e drasticamente. Althea tinha percebido que estava muito mais disposta a se humilhar do que imaginava, que faria praticamente qualquer coisa para permanecer a bordo de Vivácia. Qualquer coisa.

Lançou um olhar ao redor e soltou um gemido baixo e angustiado. Tinha exagerado na bebida e chorado demais. A cabeça estava latejando, e ela nem sabia ao certo em que espelunca estava. Com certeza numa das mais sórdidas. Um homem tinha desmaiado e escorregara da cadeira para o chão. Não era incomum, mas em geral alguém tirava os inconscientes do caminho. Estalajadeiros mais bondosos deixavam esses homens roncando junto à porta, enquanto os mais insensíveis simplesmente os jogavam nos becos ou nas ruas, para serem encontrados por ladrões. Havia rumores de que alguns taverneiros chegavam a fazer negócios com esses ladrões, mas Althea sempre duvidara disso. Não em Vilamonte. Em outros portos, sim, com certeza acontecia, mas não ali.

Ela se levantou, trôpega. A renda da saia prendeu na madeira áspera da perna da mesa. Althea a soltou com um puxão, sem se preocupar com o rasgo no tecido, que ficou pendurado. Nunca mais usaria aquele vestido, ele que ficasse esfarrapado. Ela não se importava. Fungou uma última vez e esfregou os olhos cansados com as palmas das mãos. Para casa e para a cama. No dia seguinte, teria que dar um jeito de lidar com aquilo tudo. Mas naquela noite, não. Santo Sá, naquela noite não. Rezou para que todos estivessem dormindo quando

chegasse.

Althea rumou para a porta. Teria que passar por cima do marinheiro bêbado no chão. O assoalho de madeira pareceu balançar sob seus pés, ou talvez ela ainda não tivesse se reacostumado a andar em terra firme. Alargou as passadas para compensar, mas quase caiu — teve que se segurar no batente da porta. Ouviu alguém rir, mas não se dignaria a virar para ver quem era o engraçadinho. Em vez disso, abriu a porta com dificuldade e saiu para a noite. A escuridão e o frio eram ao mesmo tempo desnorteantes e agradáveis.

Althea parou num passadiço de madeira fora da taverna e respirou fundo várias vezes. Na terceira, achou que fosse vomitar. Agarrou o corrimão e ficou imóvel, respirando mais devagar e arregalando os olhos até a rua parar de girar. A porta às suas costas se abriu mais uma vez e cuspiu outro cliente. Bem devagar, ela se virou para ver quem era. Levou um momento para reconhecer o rosto na penumbra.

— Brashen.

— Althea — respondeu ele, num tom cansado. Então perguntou, relutante: — Tudo bem?

Por um momento, ela ficou ali parada, encarando o sujeito.

— Quero voltar para Vivácia — disse, por fim. No instante em que deu voz ao pensamento, soube que precisava fazer aquilo. — Preciso ver o navio ainda hoje à noite. Preciso falar com ela, explicar por que fugi.

— Amanhã — sugeriu Brashen. — Depois de dormir e ficar sóbria. Não quer que Vivácia veja você nesse estado, quer? — Ouviu o tom astuto na voz dele, ao acrescentar: — Ela com certeza não ficaria feliz com isso, assim como seu pai.

— Não. Ela entenderia. Nós nos conhecemos muito bem. Ela entenderia qualquer coisa que eu fizesse.

— Então ela também entenderia se você fosse lá de manhã, limpa e sóbria — observou Brashen, razoável. Ele parecia muito cansado. Depois de um instante de silêncio, ele lhe ofereceu o braço. — Venha. Vou levar você para casa.



8

CONVERSAS NOTURNAS

Ronica desmoronou assim que entraram em casa, os joelhos simplesmente cederam. Kyle ficou ali, parado, balançando a cabeça, e Keffria levou a mãe para a cama. O quarto que ela dividira por tanto tempo com o marido tinha se tornado uma câmara de enfermidade e morte. Em vez de colocar a mãe sentada na cama diante da qual as duas passaram tanto tempo em vigília, Keffria mandou Rache preparar um quarto de hóspedes e ficou sentada ao lado da mãe até estar tudo pronto. Rache a ajudou a acomodar Ronica, imóvel como uma pedra, e foi ver como estava Selden. O menino chorava querendo ficar com ela, mas Malta tinha dito que Keffria estava ocupada demais para um bebê chorão e deixado o irmão sentado na beira da cama, sem sequer chamar um criado para cuidar dele. Keffria ficou irritada com a filha, então lembrou que Malta era pouco mais que uma criança — não dava para esperar que uma garota de doze anos cuidasse do irmão de sete depois de um dia como aquele.

Acalmou o menino e o ajudou a vestir o pijama, então ficou ao seu lado até os pequenos olhos se fecharem devagar. Quando finalmente foi para a própria cama, tinha certeza de que todos na casa já estavam dormindo. A luz bruxuleante da vela que iluminava os corredores tão familiares trazia pensamentos de assombrações e espíritos. Pensou que o anma do pai poderia ainda estar vagando pelo quarto onde ele sofrera por tanto tempo. Sentiu um calafrio que lhe arrepiou os pelos da nuca, mas logo em seguida se repreendeu: o anma do pai tinha se unido ao do navio. E mesmo que ele ainda estivesse vagando pela casa, o pai não lhe desejava mal. Ainda assim, sentiu-se grata ao entrar sem fazer barulho no quarto e encontrar Kyle já dormindo. Apagou a vela para não incomodar o marido e se despiu no escuro, largando as roupas numa pilha no chão. Encontrou a camisola que Nana tinha deixado ali e a vestiu, mergulhando no frescor do tecido. E enfim chegou à própria cama. Puxou o cobertor e o lençol e se deitou ao lado do marido adormecido.

Kyle abriu os braços para recebê-la: tinha esperado acordado, e, apesar de o dia ter sido longo, apesar de estar tão cansada e triste, o gesto a alegrou. Sentiu como se o toque de Kyle cortasse os nós de dor que a estrangulavam havia dias.

Ele a abraçou durante algum tempo, acariciando seu cabelo e o pescoço até ela relaxar em seus braços. Então fez amor delicadamente com ela, sem nada dizer, enquanto o luar se infiltrava no quarto pelas janelas altas. A lua daquela noite de verão brilhava o suficiente para colorir quase tudo o que tocava: os tons de creme dos lençóis da cama, o tom de marfim do cabelo de Kyle e a pele de dois tons dourados: onde o sol tocava e onde o tecido cobria. Mais tarde, quando curvou o corpo contra o do marido, apoiando a cabeça em seu ombro, o silêncio reinou por algum tempo. Keffria escutou as batidas do coração dele e sentiu o ar passando por seus pulmões, e isso a alegrou tanto quanto o calor que ele emanava.

E de repente sentiu-se egoísta e insensível por possuir e desfrutar tudo aquilo na mesma noite do dia em que a mãe perdera o pai, que levara consigo toda a possibilidade de intimidade física e daquele tipo de partilha. Relaxada e aquecida depois de ter feito amor, sentiu que aquela era uma perda terrível demais para existir em qualquer mundo. Não se afastou de Kyle, apenas se aconchegou ainda mais quando a garganta se fechou dolorosamente e uma única lágrima quente escorreu pelo rosto, indo pingar no ombro nu do marido. Ele ergueu a mão e tocou o ombro, depois levou os dedos ao rosto da esposa.

— Não — pediu, com gentileza. — Não. Já tivemos lágrimas e tristeza demais por hoje. Esqueça tudo por enquanto. Não traga mais nada para esta cama além de nós dois.

Keffria prendeu a respiração.

— Vou tentar. Mas só agora realmente compreendi o que minha mãe perdeu. Tudo isso. — Ela passou a mão livre pelo corpo do marido, do ombro à coxa, até Kyle pegá-la e levá-la aos lábios.

— Eu sei. Também pensei nisso quando toquei seu corpo. Pensei no que você faria se algum dia eu não voltasse...

— Nem pense nisso! — suplicou Keffria. Ela levou a palma da mão ao maxilar do marido e virou o rosto dele para encará-la sob o luar. — Eu ainda não sei se o que fizemos foi certo — comentou, de repente, num tom alterado. — Sei que conversamos sobre isso, que todos concordamos que seria melhor, que isso nos protegeria. Mas o olhar dela quando coloquei a mão no pino... e o jeito como ela foi embora... Eu nunca teria imaginado que Althea poderia fazer uma coisa daquelas, simplesmente abandonar o funeral daquele jeito. Pensei que ela amasse nosso pai mais do que isso...

— Hum — murmurou Kyle, pensativo. — Eu também não estava esperando aquilo. Achei que ela amasse o navio, ou pelo menos o pai, mais do que isso.

Imaginei que teria de travar uma verdadeira luta com a sua irmã, mas fiquei feliz por ela ter desistido fácil. Eu tinha certeza de que ela causaria cenas lamentáveis durante todo o funeral. Pelo menos fomos poupados disso. Mas confesso que estou preocupado com ela, onde será que está agora? Uma garota deveria estar em casa na noite da morte do pai, não perambulando pelas ruas de um porto como Vilamonte. — Ele fez uma pausa e acrescentou, meio hesitante: — Você sabe que não posso deixar isso passar em branco. Ela precisa ser repreendida. Alguém tem que ser firme com a sua irmã, antes que ela se desgrace de vez.

— Papai sempre disse que Althea se comportava melhor quando era deixada com a rédea solta — retorquiu Keffria. — Que ela precisava de espaço para cometer os próprios erros, já que só aprendia com eles.

Kyle bufou, desdenhoso.

— Olha, meu amor, vai ter que me desculpar, mas acho que ele disse isso para se livrar da responsabilidade de agir como pai. Althea é mimada. Sempre pensei nisso, desde que a conheci, e essa teimosia fica cada vez mais evidente. Althea sempre acha que vai conseguir o que quer, e acabou se tornando uma pessoa egoísta, que não pensa nos outros. Mas não é tarde demais. Quando descobri que ela tem jeito, fiquei muito impressionado. Na viagem de volta, perdi a paciência e mandei ela ficar o resto do trajeto na cabine. Eu nem sonhava que ela fosse obedecer. Estava muito irritado, berrei uma ordem qualquer para ela sair da minha frente antes que eu perdesse a paciência de verdade. Mas ela obedeceu. E, enquanto ficou sozinha, acho que finalmente teve tempo para pensar no próprio comportamento. Você viu como ela estava quando chegamos: quieta e arrependida. E desembarcou vestida como uma dama. Ou pelo menos o máximo que ela consegue parecer uma dama.

Kyle fez uma pausa e balançou a cabeça, bagunçando ainda mais o cabelo loiro sobre o travesseiro.

— Fiquei espantado. Achei que ela fosse retomar a discussão. Foi quando finalmente entendi que era isso que ela precisava: alguém para impor limites, para assumir o controle e ensiná-la como se comportar. Acho que, nesse tempo todo, ela estava só querendo ver até onde podia ir antes que alguém recolhesse as velas e lançasse âncora. — Ele pigarreou. — Eu respeitava seu pai, você sabe disso. Mas, quando o assunto era Althea, ele era... cego. Nunca proibiu a menina de nada, nunca disse um “não”. Quando bati de frente com ela... bem, a diferença foi enorme. Claro que minha autoridade sumiu quando desembarcamos, e ela voltou a agir daquele jeito inconsequente. — Ele deu de ombros. O silêncio reinou por um tempo enquanto o casal pensava em Althea e

em seu comportamento.

Kyle respirou fundo e soltou um longo suspiro.

— Eu sempre achei que não havia esperanças. Que ela só nos traria tristezas e que, cedo ou tarde, acabaria arruinada. Mas hoje, quando finalmente nos viu unidos em prol do melhor para a família, ela não conseguiu nos vencer. No fundo, ela sabe o que é certo. O navio precisa ser usado para o bem da família. Você é a mais velha: é certo e justo que herde a verdadeira riqueza. Além disso, você tem filhos para alimentar, e o navio vai nos permitir fazer isso. Althea não tem ninguém para cuidar. Só ela mesma, e acho que podemos garantir que ela sempre tenha comida, roupa e abrigo. Mas se a situação fosse inversa e o navio tivesse sido entregue à sua irmã, ela teria zarpado sem nem olhar para trás. E com certeza colocaria aquele imprestável do Brashen como capitão.

Kyle se espreguiçou de leve, mas não o bastante para afastar a esposa. Passou o braço em volta dela e a abraçou.

— Não, Keffria, acho que você não precisa questionar se fizemos o certo. Sabemos que vamos cuidar de Althea e resolver os problemas financeiros de sua mãe. Você pode dizer com certeza que Althea cuidaria de Ronica, isso sem falar de nós e dos nossos filhos? Acredito que, no fim das contas, até mesmo seu pai percebeu a sensatez de entregar o navio a você, por mais que achasse difícil ferir os sentimentos da filha favorita.

Keffria suspirou e se aninhou mais junto ao marido. O que Kyle dizia fazia sentido, uma das razões de ter se casado com ele: ele sempre pensava nas coisas com cuidado e lógica, de um jeito que a fazia se sentir muito segura. Quando se casou, Keffria só tinha certeza de que não queria passar a vida presa a um homem impulsivo e caprichoso como o pai. Tinha visto o sofrimento da mãe, que envelhecera prematuramente. As outras matronas Mercadoras tinham vidas tranquilas, cuidando de roseirais e netos, enquanto a mãe levantava todos os dias para cuidar das decisões e do trabalho de um homem. Se não bastassem as contas e as negociações difíceis com outros Mercadores, a mãe muitas vezes tinha que ir aos campos a cavalo para conferir o que os capatazes relatavam.

Desde a infância, Keffria odiava a época da colheita de mafe. Quando era pequena, só sabia que era uma época em que a mãe estaria ausente quando ela acordasse e que a veria por no máximo uma hora antes de ir para a cama — o que poderia nem acontecer. Em alguns anos a mãe insistira em arrastá-la para os campos quentes e as longas fileiras de arbustos espinhosos verde-escuros carregados de favas maduras. Keffria foi forçada a aprender como as favas eram colhidas, que pragas as atacavam, que arbustos doentes precisavam ser

arrancados e queimados e quais precisavam ser encharcados com um chá forte de folhas mofadas e esterco de cavalo. Keffria odiava tudo aquilo. Assim que teve idade suficiente para se preocupar com o cabelo e a pele, se rebelou e se recusou a continuar com aquele tormento. Tinha sido no mesmo ano em que decidiu que jamais se casaria com um homem que partisse para o mar e a deixasse com um fardo daqueles. Encontraria um homem disposto a cumprir o papel de homem, a cuidar dela, mantê-la segura e defender a casa de todos os problemas e preocupações.

— Então eu me casei com um marinheiro — comentou, em voz alta. A afeição na voz fez com que soasse como um elogio.

— Hum? — A pergunta sonolenta veio do fundo do peito de Kyle.

Keffria colocou a mão sobre a pele clara do marido, iluminada pelo luar, desfrutando o contraste de sua pele morena com a brancura dele.

— Eu só queria que você não ficasse tanto tempo fora — murmurou. — Agora que papai morreu, você é o homem da família. Se não estiver por aqui...

— Eu sei — respondeu Kyle, também baixinho. — Sempre penso nisso. Por que acha que quero insistir em levar Wintrow no navio? Está na hora de ele se comportar como um homem desta família e assumir seu quinhão das responsabilidades.

— Mas... o sacerdócio — protestou Keffria, numa voz quase baixa demais para ser ouvida.

Sempre achava muito difícil discordar do marido, mas Kyle sempre a deixara cuidar dos filhos como preferisse. Keffria mal podia acreditar que ele tivesse mudado de ideia.

— Você sabe que nunca aprovei esse absurdo — respondeu ele, muito calmo, como que em resposta ao pensamento da esposa. — Oferecer nosso primogênito para servir a Sá... Isso é fácil de fazer para a gente rica de Jamaillia. Mostra como são ricos, como podem oferecer o serviço de um filho e sem nenhum problema. Não é o nosso caso, querida. Mas eu sabia que era o que você queria e tentei tornar isso realidade. Enviamos o garoto para o monastério. E, se o seu pai tivesse vivido mais alguns anos, os sacerdotes poderiam ficar com Wintrow. Mas ele não viveu. Selden é jovem demais para navegar. A verdade pura e simples é que esta família precisa de Wintrow muito mais do que um monastério qualquer em Jamaillia. Sá provê, não é o que você sempre diz? Bem, veja desta forma: ele nos proveu de um filho, treze anos atrás. E agora precisamos dele.

— Mas nós o prometemos — retrucou ela, numa vozinha miúda.

Lá no fundo sentia uma espécie de agonia: tinha significado tanto para ela Wintrow ser um sacerdote de Sá... Nem todos os garotos oferecidos eram aceitos, alguns eram devolvidos com os agradecimentos do monastério, mas com uma carta educada explicando que não eram adequados para o sacerdócio. Wintrow não tinha sido devolvido. Não, fora levado em alta conta desde o início, e não demorara para conquistar o manto pardo de noviço e ser transferido do monastério nos arredores de Kall para o de Kelpiton, na Península do Tutano. Os sacerdotes nem sempre enviavam relatórios, mas os que ela recebia pareciam cheios de aprovação. Keffria guardava todos no canto do baú de roupas, amarrados com as fitas douradas originais com que eram atados.

— Você o prometeu — observou Kyle. — Não eu. Vamos. Preciso levantar.

Ele se desvencilhou dos braços da esposa e de debaixo dos lençóis. Seu corpo era como marfim entalhado ao luar. Kyle tateou à procura da roupa de dormir, ao pé da cama, e a enfiou pela cabeça.

— Aonde você vai? — perguntou Keffria, baixinho. Sabia que o comentário desagradara Kyle, mas ele nunca saíra da cama para ir dormir em outro lugar.

O marido a conhecia tão bem. Como se sentisse sua preocupação, Kyle estendeu a mão e afastou o cabelo do rosto dela.

— Eu já volto. Vou só até o quarto de Althea ver se ela já voltou. — Ele meneou a cabeça. — Não consigo acreditar nesse comportamento. Espero que ela não tenha chamado atenção. Althea é capaz de dizer qualquer coisa depois de alguns copos, e realmente não precisamos de um escândalo. A família precisa parecer estável e unida até controlarmos esses problemas financeiros. Qualquer fala inconsequente dela pode fazer nossos credores entrarem em pânico e pensarem que devem arrancar o que puderem enquanto ainda temos alguma coisa. Bem, já tivemos preocupações e tristezas o suficiente por hoje. Tente dormir. Daqui a pouco eu volto.

Brashen achou que Althea fosse recusar a oferta de companhia. Ela se balançava de leve, examinando-o de cima a baixo com olhos turvos. Ele retribuiu o olhar. Por Sá, o estado dela! O cabelo tinha se soltado e estava espalhado diante do rosto e nos ombros, estava toda suja de poeira e lágrimas. Só o vestido a distinguia como bem-nascida, mas a roupa estava tão desalinhada que parecia que tinha sido encontrado no lixo. Ele pensou, irritado, que Althea parecia mais uma meretriz atrás de um cliente do que a filha de uma família de Mercadores de Vilamonte. Qualquer coisa poderia acontecer com ela, se tentasse voltar para casa sozinha, no frenesi do mercado noturno.

Mas, depois de um longo tempo, Althea soltou um suspiro.

— Sim — respondeu.

Com outro suspiro, ela tomou o braço que Brashen oferecera e apoiou seu peso nele, e Brashen ficou feliz por ter se livrado do saco de marinheiro mais cedo. Conhecia bem o taverneiro com quem deixara o saco, e se desfizera de várias moedas menores para garantir a segurança de seus pertences. Não queria nem imaginar no quanto mais tinha gastado seguindo Althea de taverna em taverna: mais do que pretendia, sem dúvida, mas não tanto quanto teria gastado em uma noite na cidade. Ainda estava quase sóbrio. E aquela tinha sido a noite mais deprimente que já passara em seu porto natal. Pelo menos estava quase acabando: só precisava levar a garota em segurança para casa, então as poucas horas entre as estrelas e o amanhecer seriam suas para passar como bem entendesse.

Brashen olhou para os dois lados da rua. Era mal-iluminada por tochas espaçadas e estava quase deserta. Os que ainda conseguiam beber estavam dentro das tavernas, enquanto os outros deviam estar desmaiados em algum lugar. Ainda assim, com certeza havia ladrões à espreita, na esperança de tirar as últimas moedas de algum marinheiro. Era melhor seguir com cuidado, ainda mais com Althea.

— Por aqui — instruiu, tentando conduzir a jovem num passo ligeiro, mas ela tropeçou. — Você está tão bêbada assim? — perguntou, irritado, sem conseguir segurar a língua.

— Sim — admitiu ela, soltando um pequeno arroto. Althea se abaixou tão de repente que Brashen achou que ela estava prestes a desabar nas tábuas da calçada. Estava enganado: a garota arrancou um sapato de fita e salto alto, depois o outro. — E essas coisas malditas não ajudam em nada. — Ela se levantou e os jogou na rua escura, então se endireitou, se virou de volta para Brashen e agarrou seu braço com firmeza. — Agora podemos ir.

Brashen teve que admitir que ela estava andando muito melhor descalça. Sorriu para o escuro. Mesmo depois de todos aqueles anos à própria sorte, ainda restava um pouco do Trell pudico dentro dele: tinha estremecido de horror só de pensar na indecência de ver a filha de um Mercador andando descalça pela cidade. Bem, levando em conta o estado de Althea, duvidava que aquela seria a primeira coisa que alguém notaria. Não que fosse arrastá-la pelo mercado naquelas condições: seguiria pelas ruas menos movimentadas e torceria para não encontrar ninguém que pudesse reconhecê-los naquela escuridão. Devia ao menos aquilo à memória de Ephron Vestrit.

Mas, quando chegaram a um cruzamento, Althea puxou seu braço e tentou virá-los na direção das ruas iluminadas do mercado noturno.

— Estou com fome — disse, soando ao mesmo tempo surpresa e aborrecida, como se fosse culpa dele.

— Que pena. Não tenho um tostão — mentiu Brashen, sem delongas, tentando afastá-la dali.

Althea o olhou desconfiada.

— Você bebeu todo o seu pagamento tão depressa assim? Pela bunda de Sá, homem. Eu sabia que você era um beberrão em terra firme, mas não achava que conseguia torrar dinheiro tão rápido.

— Gastei com putas — inventou Brashen, irritado.

Ela o encarou à luz bruxuleante das tochas.

— Sim, isso parece mais do seu feitio — disse, mais para si mesma, então balançou a cabeça. — Você é capaz de tudo, não é, Brashen Trell?

— Praticamente — concordou ele, num tom gélido, determinado a encerrar o assunto.

Puxou mais uma vez o braço dela, mas a garota continuou resistindo.

— Tem vários lugares que colocariam na conta para mim. Venha, eu pago para você também. — Seu tom tinha passado de crítico a animado num piscar de olhos.

Brashen resolveu ir direto ao ponto.

— Althea, você está bêbada e num estado lastimável. Não tem condições de ser vista em qualquer lugar público. Venha, vou levar você para casa.

Ela parou de resistir, e Brashen a conduziu pela rua sombria. Estavam numa área de lojas menores, algumas muito repulsivas, outras incapazes de pagar o aluguel de um local no mercado noturno. Lampiões difusos brilhavam do lado de fora das lojas ainda abertas: salões de tatuagem, drogarias, lojas de incensos e estabelecimentos que saciavam os apetites carnais mais incomuns. Brashen ficou feliz por não haver muito movimento. Quando pensou que as provações da noite tinham terminado, Althea respirou fundo e estremeceu. Ele percebeu que a garota estava chorando, quase sem fazer barulho.

— O que aconteceu? — perguntou, cansado.

— Agora que meu pai morreu, ninguém mais vai se orgulhar de mim. — Ela balançou a cabeça e secou os olhos com a manga. Quando falou, a voz saiu embargada. — Para ele, o que importava era o que eu podia fazer. Para todos os

outros, só o que importa é a minha aparência ou o que pensam de mim.

— Você bebeu demais — murmurou Brashen.

Sua intenção era soar consolador, querendo dizer que aquilo só a incomodava quando ela estava bêbada e com a guarda baixa. Só que acabou soando como mais uma reprovação. Althea simplesmente balançou a cabeça e o seguiu, sem resistir, então ele preferiu não insistir. Não estava conseguindo fazer ela se sentir melhor e, francamente, não tinha certeza de que queria ajudar com aquilo — ou se sequer tinha responsabilidade de tentar ajudar. Althea tinha sido condenada pela família, era verdade, mas como ela poderia reclamar justo com ele, que tinha sido tão completamente rejeitado pela própria família? Não fazia muitas semanas que Althea tinha jogado isso na cara dele. A garota não tinha o direito de esperar compaixão, agora que a situação se invertera.

Andaram em silêncio por um tempo, até Althea falar de novo.

— Brashen — começou, numa voz baixa e séria. — Eu vou recuperar meu navio.

Ele fez um ruído com a garganta, sem expressar qualquer opinião específica: não havia necessidade de dizer que não achava que havia a menor chance de isso acontecer.

— Ouviu o que eu disse? — perguntou Althea.

— Sim, ouvi.

— E não vai responder?

Brashen deu uma risada curta e amarga.

— Quando você recuperar o navio, quero voltar a ser o imediato.

— Feito — retorquiu ela, num tom pomposo.

Ele bufou.

— Se eu soubesse que seria assim tão fácil, teria exigido ser capitão.

— Não. Não, eu vou ser a capitã. Mas você pode ser o imediato. Vivácia gosta de você. Quando eu for capitã, só vou ter a bordo gente de quem gostamos.

— Obrigado — respondeu, constrangido.

Nunca tinha imaginado que Althea gostava dele. Aquilo o comoveu um pouco: a filha do capitão gostava dele, afinal.

— O que foi? — perguntou ela, com a voz pastosa.

— Nada — respondeu Brashen. — Nada, mesmo.

Viraram uma esquina e entraram na Rua dos Mercadores do Rio da Chuva. As

lojas ali eram mais ornamentadas, mas poucas estavam abertas àquela hora. As mercadorias exóticas e caras daquelas lojas eram só para os mais ricos, e não para a clientela do mercado noturno, composta sobretudo de jovens temerários. As vitrines altas estavam cobertas por cortinas e persianas, e guardas muito bem armados andavam ali por perto, vigiando atentamente — mais de um olhou para os dois, que seguiam pelas calçadas de tábuas. Os artigos escondidos pelas cortinas e persianas tinham a magia dos Ermos Chuvosos. Brashen sempre achava que aquela rua tinha uma atmosfera ao mesmo tempo inquietante e fascinante, uma sensação que arrepiava os pelos da nuca ao mesmo tempo que deixava um nó na garganta. Mesmo à noite, com os misteriosos artigos que vinham do rio sinistro fora de vista, a aura gélida de magia pairava feito prata no ar noturno. Brashen se perguntou se Althea também sentia aquilo. Quase perguntou, mas parecia um assunto sério e trivial demais para ser conversado em voz alta.

O silêncio entre os dois foi crescendo, até que a mão de Althea em seu braço parecia desconfortavelmente próxima. Brashen falou mais para se livrar daquela sensação do que por necessidade.

— Nossa, ela subiu depressa na vida — comentou, quando passaram pela loja de Âmbar.

Indicou com a cabeça a fachada de uma loja na esquina da Rua dos Ermos Chuvosos, onde a própria Âmbar estava sentada atrás da vitrine, feita de vidraças caras de yicca. O vidro embutido nas molduras douradas com entalhes elaborados era transparente como água, e a mulher ficava parecendo uma obra de arte emoldurada. A cadeira em que estava sentada era de vime branco, e ela usava um longo vestido marrom simples, pendendo dos ombros, escondendo o corpo delgado por baixo. A vitrine não tinha grades nem cortinas, e também não havia guardas à espreita do lado de fora. Talvez Âmbar confiasse que sua própria presença fosse o bastante para dissuadir qualquer ladrão. Uma única lamparina ardia no chão a seu lado, emitindo uma luz suave e amarelada. O marrom intenso do vestido destacava o dourado da pele, dos cabelos e dos olhos, e os pés descalços despontavam abaixo da barra. Âmbar encarava a rua sem piscar, os olhos arregalados como os de um gato.

Althea parou e retribuiu o olhar, se balançando um pouco. Por instinto, Brashen passou um braço pelos ombros dela e a segurou.

— O que ela está vendendo? — indagou Althea, em voz alta. Brashen estremeceu, certo de que a mulher na vitrine tinha ouvido, mas a expressão de Âmbar não se alterou nem mesmo quando ela encarou a garota toda desarrumada

na rua. Althea estreitou bem os olhos, depois os arregalou, como se aquilo fosse ajudá-la a ver melhor. — Ela parece esculpida em madeira. Em bordo dourado.

Brashen sabia que a mulher da vitrine tinha ouvido, pois viu um leve sorriso começar a se formar naqueles lábios esculpidos. Mas o belo rosto assumiu uma expressão de extrema aversão quando Althea acrescentou:

— Ela me lembra o meu navio. Minha adorável Vivácia, com todas as cores da vida na textura sedosa da madeira-arcana.

Mesmo sem saber dizer por que o tom de desdém aristocrático de Althea o deixou tão alarmado, Brashen agarrou a garota pelo cotovelo e a puxou depressa, saindo da frente da vitrine e descendo a rua escura.

No cruzamento seguinte, permitiu que Althea voltasse a andar devagar. Ao ver que ela estava mancando, Brashen se lembrou dos pés descalços e de como a madeira da calçada era áspera. Althea não reclamou, só repetiu a pergunta:

— O que ela vende lá? Ela não é de nenhuma das famílias de Mercadores que têm negócios no Rio da Chuva. Só as famílias com navios-vivos podem comercializar por aquelas águas. Então quem ela é e por que tem uma loja na Rua dos Ermos Chuvosos?

Brashen deu de ombros.

— Ela é nova aqui, chegou faz uns dois anos. Tinha uma lojinha minúscula perto da Praça dos Passadores. Vendia contas de madeira, que ela mesma faz. Contas de madeira muito bonitas, só isso. Muita gente comprava para os filhos, para fazerem colares. Então, no ano passado, ela se mudou para um local melhor e começou a vender... bem, joias. Só que são todas de madeira.

— Joias de madeira? — zombou Althea. Já soava mais como ela mesma.

Brashen desconfiou de que a caminhada estava ajudando a deixá-la sóbria. Ótimo. Talvez antes de chegarem a garota recobrasse o bom senso e se arrumasse um pouco antes de entrar descalça na casa do pai.

— Era o que eu pensava, até que vi as tais joias. Nunca tinha imaginado que dava para fazer uma coisa tão linda a partir de um simples pedaço de madeira. Ela trabalha os nódulos da madeira, esculpindo rostos, animais e flores exóticas. Às vezes acrescenta algum detalhe incrustado. Mas o sucesso não é só pela habilidade, mas também pela madeira que ela escolhe. A mulher tem um olho extraordinário para encontrar o potencial de um pedaço de madeira.

— E ela trabalha com madeira-arcana? — perguntou Althea, sem rodeios.

— Bah! — exclamou Brashen com desprezo. — Ela pode ser nova, mas conhece nossas tradições o bastante para saber que isso não seria tolerado! Não,

ela usa madeira comum. Cerejeira, carvalho e não sei mais o quê, todas de cores e texturas diferentes...

— Tem muita gente trabalhando com madeira-arcana em Vilamonte que não admite — observou Althea, num tom sombrio. Ela coçou a barriga. — É um trabalho sujo, mas basta ter dinheiro para conseguir um entalhe.

Brashen, desconfortável com o tom subitamente agourento da conversa, tentou descontrair um pouco.

— E não é o que todo mundo diz de Vilamonte? Que qualquer coisa que se possa imaginar pode ser encontrada à venda aqui?

Althea respondeu com um sorriso enviesado.

— E você já ouviu a resposta para isso, não? Que nenhum homem pode se imaginar verdadeiramente feliz, e é por isso que não se vende felicidade por aqui.

Brashen não soube o que dizer, ouvindo a tristeza súbita na voz de Althea. Entraram num silêncio que parecia em sintonia com o frescor da noite de verão, cada vez mais escura. Deixaram as ruas de mercadores e comerciantes para trás e foram seguindo por ruas sinuosas até a área residencial de Vilamonte. Ali, os lampiões ficavam mais espaçados e afastados. Cães latiam ameaçadoramente por trás de cercas ou sebes. As ruas eram irregulares, com calçadas de cascalho — Brashen fez uma careta de solidariedade ao pensar nos pés descalços de Althea, mas a jovem não se queixou.

No escuro e no silêncio, a tristeza pela morte do capitão encontrou espaço para crescer. Mais de uma vez, teve que piscar para afastar as lágrimas. Morto... o capitão Vestrit estava morto, e com ele a chance de Brashen refazer a própria vida. Devia ter aproveitado melhor o que o Velho Mercador lhe oferecera em vida, não devia ter dado como certo que a mão que o homem lhe estendera estaria sempre disponível. Bem, agora precisaria refazer a vida por conta própria. Olhou para a garota que ainda segurava seu braço: ela também precisaria se virar sozinha, se não aceitasse o destino que a família definira. Brashen desconfiava que estavam em busca do filho mais novo de alguma família Mercadora disposto a se casar com Althea, apesar da reputação da jovem. Talvez até o Trell mais novo. Brashen achava que Cerwin não saberia lidar com a teimosia de Althea, mas a fortuna dos Trell se misturaria bem com a dos Vestrit. Ficava imaginando como o espírito aventureiro de Althea se adequaria ao tradicionalismo rígido de Cerwin. Brashen deu um sorriso sinistro e se perguntou de quem sentiria mais pena.

Já tinha ido à casa dos Vestrit, mas sempre durante o dia, para tratar com o

capitão sobre algum assunto referente ao navio. O caminho até a casa parecia muito mais longo à noite. Deixaram para trás os sons distantes do mercado noturno, passando por cercas vivas carregadas de flores que desabrochavam à noite, perfumando o ar. Brashen foi tomado por uma serenidade quase sobrenatural. Aquele dia trouxera o fim de muitas coisas. Estava mais uma vez à deriva, só podendo contar consigo mesmo. Não tinha nenhuma obrigação no dia seguinte, nenhum horário a cumprir. Nenhuma tripulação para supervisionar, nenhuma carga para desembarcar. Só teria que alimentar a si mesmo. Será que era tão ruim assim?

A residência dos Vestrit ficava bem afastada da via pública. Os jardins e o terreno abrigavam insetos e rãs, que enchiam a noite de verão de chiados — o único som além das botas de Brashen batendo no caminho de cascalho. Só sentiu a tristeza apertar a garganta de novo quando reparou na pedra branca da entrada, na porta familiar diante da qual já aguardara para ser recebido e tratar de negócios do navio. *Nunca mais*, pensou. Aquela era a última vez em que pararia diante daquela porta. Depois de um tempo, ele notou que Althea não soltara seu braço. Ali, longe das ruas estreitas e das lojas, o luar encontrou a garota: estava com os pés sujos, o vestido amarrotado, o cabelo solto — ou pelo menos metade do cabelo. Ela largou seu braço de repente, se endireitou e soltou um longo suspiro.

— Obrigada por me trazer em casa — disse Althea, numa voz firme e formal, como se Brashen a tivesse levado até ali de carruagem, depois de um festival dos Mercadores.

— Não há de quê — respondeu ele, baixinho. Como se aquelas palavras tivessem despertado o garoto aristocrata que a mãe um dia educara, Brashen fez uma longa mesura. Quase levou a mão de Althea aos lábios, mas se recompôs, lembrando-se de quem era ao notar os sapatos gastos e a barra esfarrapada da calça de algodão grosso que usava. — Você vai ficar bem? — acrescentou, de um jeito que soava ao mesmo tempo como pergunta e afirmação.

— Acho que sim — respondeu a jovem, num tom vago.

Dando as costas para ele, Althea colocou a mão no trinco, mas a porta se abriu com violência antes que ela pudesse fazer qualquer outro movimento.

Kyle surgiu ali, sob o umbral da porta. Usava um roupão noturno, estava descalço e com o cabelo arrepiado em tufos desgrenhados, mas parecia tão furioso que não havia como apontar nada ridículo em sua aparência.

— O que está acontecendo? — inquiriu. Tinha abaixado a voz, como que para manter a discrição, mas a força da raiva fazia as palavras saírem com a

intensidade de um grito.

Por instinto, Brashen se empertigou diante do homem que fora seu capitão. Althea recuou com o choque, mas logo se recompôs.

— Não é da sua conta — respondeu a garota, tentando passar pelo cunhado para entrar na casa. Kyle a agarrou pelo braço e a virou para encará-lo. — Desgraçado! — gritou Althea, sem tentar manter a voz baixa. — Tire as mãos de mim!

Kyle a ignorou, sacudindo Althea com tanta força que o corpo da garota, muito menor, estalou como um chicote.

— O que acontece nesta família é da minha conta! — rosnou ele. — A reputação e o nome desta família são da minha conta, assim como deviam ser da sua. Olhe só para você. Descalça, parecendo uma vadia, cheirando a bebida... e com um vagabundo no seu encalço, como se estivesse atrás de uma puta barata... Foi para isso que você trouxe esse desgraçado aqui, para a casa da sua própria família? Como pôde? Como pôde nos envergonhar desse jeito, e ainda por cima na noite da morte de seu pai?

Ouvindo aquelas acusações descabidas, Althea arreganhou os dentes como uma raposa e enfiou as unhas na mão que a segurava com tanta firmeza.

— Eu não fiz nada! — gritou, enfurecida, o álcool evidente na voz. — Não tenho do que me envergonhar! É você quem devia morrer de vergonha. Seu ladrão! Você roubou o meu navio! Você roubou o meu navio!

Brashen ficou ali, parado, horrorizado. Era a última coisa em que queria se envolver. Não importava o que fizesse, estaria errado aos olhos de alguém. Mas era ainda pior ficar parado sem fazer nada. Bem, melhor pecar por muito do que por pouco.

— Capitão. Kyle. Solte a garota, ela só ficou um pouco bêbada. Considerando pelo que passou hoje, acho que era de se esperar. Solte a garota, homem, você a está machucando!

Brashen não ergueu a mão, não deu qualquer sinal de que pretendia atacar, mas Kyle jogou Althea de lado e avançou para cima dele.

— Isso até poderia ser esperado de alguém da sua laia, mas não da nossa família.

Brashen reparou numa luz sendo acesa atrás de Kyle, no fundo do corredor escuro, e ouviu uma mulher perguntando alguma coisa. Kyle fez menção de agarrar sua camisa, mas ele recuou um passo. Althea se levantou, cambaleante, atrás de Kyle. Estava chorando feito uma criança, desconsolada. Ela se agarrou

ao batente da porta, o rosto escondido pelo cabelo, e chorou. Kyle continuou com a ladainha:

— E você estava esperando que ela ficasse bêbada, não é, seu miserável? Foi atrás dela querendo algo mais. Eu vi você olhando para ela no navio, sei muito bem o que você estava pensando. Não conseguiu nem esperar o corpo do pai dela esfriar para vir farejando os restos, não é?

Kyle avançava lentamente em sua direção, e Brashen recuou. Fisicamente, não temia aquele sujeito mais do que teria medo de qualquer outro homem um pouco maior do que ele mesmo, mas o capitão carregava mais do que o peso dos punhos: tinha toda a vantagem de poder recorrer à linhagem da família de Velhos Mercadores. Se Kyle o matasse, poucos questionariam seu relato sobre o evento, então Brashen disse a si mesmo que não recusava por covardia, e sim por astúcia. Ergueu as mãos de forma conciliatória e disse:

— Não é nada disso. Eu só trouxe Althea em segurança até em casa. Só isso.

Kyle tentou acertá-lo com um soco, mas Brashen se esquivou. Só precisou daquele golpe para avaliar o adversário: o capitão Porto era lento e perdia o equilíbrio quando golpeava. Embora ele fosse maior, tivesse mais alcance e talvez até fosse mais forte, Brashen sabia que poderia vencê-lo numa luta — e sem muita dificuldade.

Mas não teve que passar muito tempo considerando se precisaria entrar na briga. Ouviu uma mulher, parada à porta.

— Kyle! Brashen! — A voz era idosa e muito triste, mas talvez justamente por causa disso soou como uma mãe repreendendo os filhos indisciplinados. — Parem com isso! Parem agora mesmo! — A velha, com o cabelo trançado às costas e roupas de dormir, estava agarrada ao batente da porta. — O que está acontecendo? Quero saber o que está acontecendo aqui.

— Esse filho de uma porca... — começou Kyle, mas a voz baixa e firme de Althea o interrompeu.

Ela estava rouca pelo choro, mas soou calma e controlada.

— Eu estava muito chateada e bebi demais. Encontrei Brashen Trell numa taverna, e ele insistiu em me trazer de volta para casa. E isso foi tudo o que aconteceu. Ou que teria acontecido, até Kyle aparecer e começar a xingar todo mundo. — Althea ergueu a cabeça e lançou um olhar furioso para o cunhado, como se o desafiasse a negar.

— É verdade — acrescentou Brashen, ao mesmo tempo em que Kyle reclamava:

— Mas olhe para ela, olhe só para ela!

Brashen não chegou a saber em quem Ronica acreditou. A dureza pela qual aquela mulher era conhecida transpareceu em sua voz, na resposta simples e direta:

— Kyle e Althea, vão dormir. Brashen, vá para casa. Estou cansada e deprimida demais para lidar com isso agora. — Quando o genro abriu a boca para protestar, ela acrescentou, tentando apaziguá-lo: — Deixe para amanhã, Kyle. Se os criados acordarem, vão sair espalhando esse escândalo pelo mercado. Aposto que alguns já estão ouvindo por trás de alguma porta. Então vamos acabar logo com isso. Os assuntos da família têm que ficar dentro de casa, como Ephron sempre dizia. — Ela se virou para Brashen e o dispensou: — Boa noite, meu jovem.

Brashen partiu de bom grado. Nem sequer disse adeus ou boa-noite, simplesmente saiu pisando firme. Quando ouviu a porta pesada se fechando, sentiu como se um capítulo de sua vida tivesse terminado.

Seguiu para a bacia da baía, de volta a Vilamonte. No caminho, ouviu os primeiros pios cautelosos das aves matutinas. Ergueu os olhos para o leste, encarando o horizonte que começava a se tingir de luz, e de repente se sentiu muito cansado. Pensou no catre apertado que o esperava em Vivácia — então lembrou a verdade que vinha com a chegada do dia: não havia catre nenhum à sua espera, em lugar nenhum. Considerou pagar por um quarto em alguma estalagem com camas macias, colchas limpas e água quente para se lavar de manhã. Deu um sorriso enviesado: aquilo acabaria com seu dinheiro num instante. Quem sabe no dia seguinte, quando pudesse passar a noite inteira desfrutando a cama. O máximo que conseguiria naquela manhã seriam algumas horas de sono antes que a luz, o barulho e o calor do dia o acordassem. Não gastaria dinheiro numa cama que mal usaria.

Foi por hábito que começou a ir na direção do porto. Quando percebeu para onde ia, balançou a cabeça e mudou o curso para a Rua do Manuseio, de onde foi para fora da cidade. Desceu até as praias rochosas, onde os pescadores mais pobres atracavam os pequenos barcos. Estalão o acolheria durante o dia, provavelmente ficaria feliz com a companhia. À tarde, Brashen buscaria o saco de marinheiro e começaria a procurar emprego e acomodações. Mas primeiro descansaria algumas horas, bem longe dos Vestrit e dos Porto.

Maulkin parou de repente. Abria e fechava a boca, tentando sentir o gosto daquele novo ambiente. As serpentes da maranha, cansadas, foram se acomodar

na lama macia do fundo, gratas pela breve pausa no ritmo inclemente com que vinham avançando. Shreever ficou olhando afetuosamente enquanto o líder apreciava o sabor salino daquela Abundância. O rufo em volta do pescoço de Maulkin se eriçou, um movimento ao mesmo tempo de desafio e dúvida. Algumas das outras serpentes resmungaram ao notar a atitude, remexendo-se pouco à vontade.

— Não tem nenhum desafiante aqui — observou Sessurea. — Ele está fingindo lutar com as bolhas.

— Não — retrucou Shreever, em voz baixa. — Está lutando com as memórias. Está tentando capturá-las. Maulkin me explicou isso. Elas reluzem diante de sua mente como um cardume de capelins: são tantas e tão ligeiras que a visão se confunde. Ele, como um pescador sábio, precisa escancarar a boca e mergulhar bem no meio delas, na esperança de que, quando a mandíbula se fechar, alguma coisa fique presa lá dentro.

— Só o que deve ficar preso é lodo — retrucou Sessurea, baixinho.

Shreever eriçou o rufo para Sessurea, que lhe deu as costas e começou a cutucar a própria cauda com o focinho, como se quisesse limpá-la. Shreever estendeu o corpo e imitou o outro, fingindo também limpar o corpo para demonstrar que não estava com medo dele.

— Os vermes sempre se contentam com uma visão de mundo imutável — comentou baixinho, para si mesma.

Sabia que os outros estavam começando a questionar a liderança de Maulkin, mas ela se manteria fiel. Era verdade que os pensamentos do líder pareciam mais obscuros do que de costume, e também era verdade que ele soltava barridos estranhos enquanto sonhava, durante os breves descansos que concedia ao grupo. E também que ele falava mais consigo mesmo do que com seus seguidores.

Contudo, o que realmente inquietava o restante da maranha eram justamente os sinais que faziam Shreever ter certeza de que Maulkin os guiava pelo caminho certo. Quanto mais para o norte avançavam, mais ela sentia a certeza de que ele de fato possuía as memórias dos tempos antigos. Shreever observou o líder: os grandes olhos cor de cobre protegidos pelas pálpebras leitosas, o corpo inteiro embolado num laço, esfregando-se até os falsos olhos dourados começarem a reluzir de tão polidos. Algumas das outras serpentes assistiam à cena com desdém, como se acreditassem que Maulkin estimulava os próprios sentidos por simples prazer. Shreever observava seu líder com avidez. Se o restante da maranha não estivesse prestando tanta atenção em Maulkin, talvez até tivesse a ousadia de se juntar na estranha dança, de entrelaçar o corpo no dele

e tentar compartilhar as memórias que o outro buscava.

Em vez disso, sorveu discretamente um pouco mais de água salgada pela boca entreaberta e a expeliu bem devagar pelas guelras, sentindo o sabor estranho daquela água nova, com alguns sais desconhecidos que quase faziam a garganta arder. Shreever também sentiu na água os sais do corpo de Maulkin, que se contorcia vigorosamente. Ela sentiu as pálpebras se fecharem de baixo para cima, obscurecendo a visão. Sonhou por um instante. No sonho, a Carência era a Abundância, e ela voava.

Antes que pudesse se controlar, jogou a cabeça para trás e soltou um barrido triunfante.

— O caminho está limpo! — gritou, então reparou no que acabara de fazer.

Os outros a olharam com a mesma hesitação com que olhavam para Maulkin. Shreever abaixou o rufo do pescoço, confusa. O líder mergulhou em sua direção de repente e enrolou o corpo no dela com firmeza. Maulkin eriçou o rufo com agressividade, exalando toxinas que a aturdiram e inebriaram, e a manteve presa com uma força imensa, cobrindo as escamas dela com seu almíscar. Shreever foi inundada de fragmentos das lembranças que Maulkin tinha capturado. Foi quando o líder a soltou e se afastou com um movimento brusco. Aos poucos, sem forças, Shreever foi se acomodar na lama do fundo, tentando recuperar o fôlego.

— Ela partilha — anunciou Maulkin a seus seguidores. — Ela vê. Ela está ungida com as minhas lembranças. Com as nossas lembranças. Venha, Shreever. Levante-se e me siga. A hora da reunião se aproxima. Siga-me para o renascimento.



9

MUDANÇA DE SORTE

Ficou alarmado ao ouvir passos de pés calçados avançando pelo terreno de areia dura e rocha. Apesar dos anos de cegueira, ergueu a cabeça e voltou os olhos na direção do som: a pessoa se aproximando não emitia ruídos, exceto pelos passos. Não se tratava de uma criança — os humanos menores em geral tinham passos leves e quase sempre vinham em grupos e passavam correndo, gritando insultos e desafiando uns aos outros. Antigamente jogavam pedras nele, até que Estalão aprendeu a não se desviar. Quando não reagia, as crianças logo se cansavam e partiam em busca de pequenos caranguejos ou estrelas-do-mar para torturar. E as pedras nem machucavam tanto assim — a maioria nem acertava. A maioria.

Manteve os braços cruzados diante do peito coberto de cicatrizes, o que exigiu toda a sua força de vontade. É difícil não tentar proteger o rosto de um golpe invisível, mesmo que só lhe restasse a boca, o nariz e os resquícios dos olhos destroçados por uma machadinha.

A última maré alta quase alcançara seu casco. Às vezes, Estalão sonhava com uma tempestade enorme, que o erguia das rochas e da areia e o carregava de volta para o mar. Mas seria ainda melhor uma tempestade que quase conseguisse levá-lo de volta, que apenas o jogasse contra as rochas e partisse seu casco em tábuas, vigas e estopa, para então deixá-lo à deriva, ao sabor das ondas e dos ventos. Ficava imaginando se isso acabaria com sua consciência ou se continuaria a viver como um pedaço do entalhe de madeira-arcana, balançando eternamente ao sabor da maré. Pensar nisso só aumentava a loucura. Às vezes, deitado na praia, inclinado para estibordo, sentia os carunchos e cracas entrando na madeira, perfurando e mastigando tudo — menos a quilha ou qualquer uma das tábuas de madeira-arcana. Não... A vantagem da madeira-arcana é que era imune ao ataque do mar. Uma bela vantagem: a condenação eterna.

Pelo que sabia, só um navio-vivo tinha conseguido morrer: Tinistro perecera num incêndio que se espalhara pelos porões repletos de barris de óleo e peles secas, consumido em questão de horas — horas que a figura de proa passara gritando e implorando por ajuda. Como a maré estava baixa, ele não conseguiu afundar o suficiente para apagar o fogo no convés, nem mesmo quando as

labaredas abriram buracos no casco e o navio começou a se encher de água salgada, que foi se infiltrando e cobrindo as chamas internas. A entidade de madeira-arcana queimou bem devagar, soltando uma fumaça negra e gordurosa no céu azul do porto — mas queimou. Talvez aquela fosse a única paz possível para um navio-vivo. As chamas de um incêndio lento e horrível. Ficava surpreso que as crianças nunca tivessem pensado nisso: por que jogavam pedras, se podiam ter ateado fogo em seu casco podre? Será que devia sugerir isso?

Os passos estavam mais próximos. Pararam. Pés esmagando a areia e as pedras.

— Ei, Estalão. — Uma voz masculina, amigável e tranquilizadora.

O navio demorou um pouco para reconhecê-la.

— Brashen. Já faz um tempo.

— Mais de um ano — admitiu o homem, sem hesitar. — Talvez dois.

Ele se aproximou, e Estalão sentiu a mão humana e quente esfregar a ponta de seu cotovelo. Descruzou os braços, estendeu a mão direita para baixo e sentiu a mão minúscula de Brashen tentando apertar a sua.

— Um ano. Uma rotação completa das estações. Isso é bastante tempo para vocês, pessoas, não é?

— Ah, não sei. — O homem suspirou. — Parecia bem mais tempo quando eu era criança. Agora, os anos parecem cada vez mais curtos. — Ele hesitou. — Então, como tem passado?

Estalão sorriu por trás da barba.

— Boa pergunta. E você mesmo pode responder. Sou o mesmo dos últimos... o quê? Trinta anos humanos? No mínimo. A passagem do tempo significa pouco para mim. — Foi sua vez de hesitar, então perguntou: — E o que o traz aqui, para visitar este velho destroço?

O homem teve a dignidade de parecer constrangido.

— O de sempre. Preciso de um lugar para dormir. Um lugar seguro.

— E nunca lhe disseram que subir a bordo de um navio como eu traz o pior tipo de azar? — Era uma velha conversa dos dois, mas fazia tempo desde a última vez, então Estalão achou reconfortante encená-la novamente com Brashen.

O homem deu uma gargalhada, apertou mais uma vez a mão da figura de proa e a soltou.

— Você me conhece, navio. Já tenho a pior sorte que poderia ter. Duvido que

as coisas fiquem piores se eu subir a bordo. E assim pelo menos posso dormir tranquilo, sabendo que tenho um amigo de guarda. Permissão para embarcar?

— Embarque e seja bem-vindo. Mas tome cuidado onde pisa. Eu devo estar um pouco mais podre do que da última vez que você se abrigou aqui.

Ouviu Brashen dar a volta no casco e saltar para dentro, então o sentiu subindo pela velha amurada. Era tão estranho sentir um humano andando pelos seus conveses depois de tanto tempo. Não que o percurso fosse fácil: como estava encalhado, os conveses ficavam muito inclinados, e Brashen mais escalou do que caminhou para atravessá-los em direção à porta do castelo de proa.

— Não está muito mais podre do que da última vez — observou o humano, em voz alta, soando quase animado. — E olha que não é muita madeira podre. É quase assustador ver como você se mantém em boas condições, mesmo exposto ao tempo.

— É mesmo assustador — concordou Estalão, tentando não soar lúgubre. — Mais ninguém veio a bordo desde a sua última visita, então imagino que tudo deve continuar como você deixou, talvez só um pouco mais úmido.

Ouviu e sentiu o homem se movendo pelo castelo de proa, entrando na cabine do capitão.

— Ei! — gritou Brashen. — Minha rede ainda está aqui, e parece ótima. Tinha me esquecido dela. Lembra? Teci esse negócio na minha última visita!

— Sim, eu me lembro — respondeu Estalão.

A lembrança agradável fez um raro sorriso brotar em seu rosto. Brashen tinha acendido uma pequena fogueira na areia e, embriagado, instruíra Estalão na arte da tecelagem. Como suas mãos eram muito maiores do que as dos homens, foi um pouco desafiador aprender os nós necessários só pelo tato — já que ele era cego. “Ninguém nunca lhe ensinou nada?”, perguntara Brashen, numa indignação bêbada, enquanto Estalão tentava executar os movimentos necessários.

“Não, ninguém. Pelo menos nada desse tipo. Quando eu era jovem, vi redes sendo feitas, mas nunca me deram a chance de tentar aprender”, respondera o navio. Já tinha perdido a conta de quantas vezes usara aquela lembrança para se distrair durante as longas noites, quantas vezes erguera as mãos vazias diante do corpo e tecera cordas imaginárias, formando a trama simples de uma rede. Era uma maneira de manter a loucura sob controle.

Sabia que Brashen, lá na cabine do capitão, tinha tirado os sapatos. Os calçados deslizaram para um canto — o mesmo canto para onde tudo deslizava.

A rede estava presa com ganchos que o próprio jovem instalara, então permaneceu na horizontal quando o homem subiu, gemendo. Estalão sentiu a rede ceder um pouco sob o peso do corpo humano, mas os ganchos a seguraram. Era como Brashen dissera: pouco mudara em seu estado, desde a última visita. Como se pudesse sentir quanto o navio-vivo ansiava por companhia, Brashen despertou o suficiente para gritar:

— Estou muito cansado, Estalão, vou dormir um pouco. Aí eu conto todas as minhas aventuras desde a última visita. E as desventuras também!

— Eu posso esperar. Descanse — respondeu o navio, num tom afável.

Não deu para ter certeza se Brashen tinha ou não ouvido. Mas não importava.

Sentiu o homem se remexer na rede, acomodando-se numa posição mais confortável. Depois disso, o silêncio foi quase total. Ainda sentia a respiração do humano. Não era bem uma companhia, mas era mais do que tivera em meses. Um pouco mais relaxado, cruzou os braços sobre o peito nu e se concentrou naquela respiração.

* * *

Na cabine do capitão, Kennit encarava Sorcor, do outro lado da mesa coberta pela toalha de linho branco. O imediato tinha botado uma camisa de seda nova, com listras vermelhas e brancas, e nas orelhas usava brincos extravagantes — sereias com pérolas minúsculas nos umbigos e olhos de vidro verde. Parecia ter limpado a pele exposta do rosto coberto de cicatrizes com esfregões bem vigorosos, e o cabelo estava alisado para trás com um óleo que deveria ser aromático — Kennit achava que cheirava a uma mistura de peixe e almíscar, mas não deixou a opinião transparecer: Sorcor já estava bem pouco à vontade. O imediato sempre ficava desconfortável com aquelas formalidades, seria ainda pior se acrescentasse sua desaprovação.

O *Marietta* rangia de leve na doca. Kennit tinha fechado a pequena janela da cabine para manter longe o fedor de Partilha, mas ainda dava para ouvir os barulhos distantes da libertinagem noturna. Não havia mais ninguém a bordo além deles dois, do grumete que os servira e do vigia no convés.

— Já chega — mandou Kennit, irritado com o grumete. — Tome cuidado quando for lavar essa louça. É de estanho, não de latão.

O garoto saiu da cabine carregando a louça suja numa bandeja e fechou a porta com firmeza, mas sem faltar ao respeito. Ficaram alguns momentos num silêncio confortável enquanto Kennit encarava o imediato — Sorcor era mais

que seu braço direito no convés: era pelo comportamento dele que descobria como andava o temperamento da tripulação.

Kennit se reclinou um pouco para longe da mesa. Quase um terço das velas brancas de cera de abelha já tinha sido consumido. Ele e Sorcor tinham devorado um pernil de cordeiro. Na verdade, o imediato tinha comido a maior parte — se a refeição fosse qualquer coisa melhor que lavagem, nem mesmo as formalidades como aquelas tiravam o apetite de Sorcor. Ainda calado, Kennit se inclinou para a frente, pegou uma garrafa de vinho e encheu as taças altas de cristal. A bebida era de uma safra que Sorcor dificilmente teria capacidade de apreciar, mas Kennit não queria chamar atenção para a qualidade do vinho, e sim para a opulência do gesto. Quando as duas taças estavam cheias quase até a borda, pegou uma e a ergueu, então esperou o imediato imitar o gesto e se inclinou um pouco mais para a frente, tocando uma taça na outra.

— A coisas melhores — brindou. Com a mão livre, indicou as mudanças mais recentes na cabine.

Sorcor tinha ficado espantado ao entrar ali. Kennit apreciava as boas coisas da vida, mas sempre se contivera, optando pela qualidade em vez do brilho e da quantidade. Preferia usar brincos pequenos, mas de ouro e com joias impecáveis, a peças de latão incrustadas com vidro colorido. O corte e o tecido das roupas eram de extrema qualidade, mas não tinha muitas nem eram muito ostentosas. Mas isso tinha mudado. Gastara até a última moeda do que ganhara na última viagem com os comerciantes dali de Partilha, transformando a cabine simples num recanto de brilho e esplendor. Algumas coisas não eram o que havia de mais requintado no mundo, mas eram o melhor que conseguiria naquela ilha pirata. E toda aquela mudança surtiu o efeito desejado: o brilho da cobiça começava a despontar por trás do assombro nos olhos do imediato. Bastava exibir riquezas para instigar os desejos de Sorcor.

— A coisas melhores — repetiu o imediato, com sua voz grave, e beberam juntos.

— Que virão em breve. Muito em breve — acrescentou Kennit, recostando-se nas almofadas da cadeira de carvalho com entalhes austeros.

Sorcor recolocou a taça na mesa e encarou o capitão.

— O senhor está bolando alguma coisa.

— Só sei o que quero fazer. Ainda preciso pensar em como. Por isso convidei você para jantar, para pensarmos na próxima viagem e no que desejamos como resultado.

Sorcor apertou os lábios e chupou os dentes, pensativo.

— Desejo os resultados de sempre: muito butim, e dos bem valiosos. O que mais um homem pode querer?

— Muitas coisas, meu caro. Muitíssimas. Poder, fama. Manter suas riquezas em segurança. Conforto. Deixar seu lar e sua família a salvo do chicote dos traficantes de escravos.

Aquele último item não fazia parte de sua lista de desejos pessoais, mas sabia que era a fantasia de muitos marinheiros — uma fantasia que ele achava que qualquer marinheiro acabaria achando um estorvo, caso um dia fosse realizada. Não importava: estava oferecendo o que o homem achava que queria. Teria oferecido piolhos açucarados, se acreditasse que seriam uma isca melhor.

Sorcor fingiu indiferença, meio sem jeito.

— Claro que um homem pode desejar essas coisas, mas só quem já nasceu para isso é que consegue viver assim. Os nobres. Eu nunca vou ter isso. E, desculpe dizer, mas nem o senhor.

— Ah, Sorcor, claro que vamos ter essas coisas. Podemos realizar esses desejos, só precisamos ter a coragem de agarrar nosso direito de viver como bem entendermos. Você só fala em lordes e nobres, diz que um homem precisa ter nascido para isso... Mas o primeiro lorde deve ter saído de algum lugar, não acha? Em algum lugar do passado muito distante algum plebeu teve a iniciativa de tomar o que queria e fazer o possível para se manter no topo.

Sorcor tomou outro gole de vinho, botando a bebida para dentro como se fosse cerveja.

— Pode ser — admitiu. — Acho que essas coisas tiveram que começar de algum jeito. — Ele recolocou a taça na mesa e olhou para o capitão. — Mas como? — perguntou, por fim, como se estivesse com medo de não gostar da resposta.

Kennit respondeu com um movimento mais delicado e sutil que um dar de ombros.

— Eu já disse como: a gente vai tomar o que quiser ter.

— Mas como? — repetiu Sorcor, com teimosia.

— Como conseguimos este navio e a tripulação? Como consegui este anel no meu dedo? Como você conseguiu esses brincos? Não vamos fazer nada diferente do que já fizemos até agora, só que em maior escala. Nossos objetivos vão ser só um pouco maiores.

Sorcor se remexeu, meio nervoso. Quando falou, a voz grossa saiu num tom baixo e quase perigoso.

— E em que objetivo o senhor está pensando?

Kennit sorriu para o imediato.

— É muito simples. Quero ousar fazer algo que ninguém nunca ousou.

Sorcor franziu o cenho. Kennit achou que o vinho estava começando a afetar o raciocínio do homem.

— É aquela história de “rei” outra vez, não é? — Antes que Kennit pudesse responder, o imediato balançou a cabeça. — Não vai dar certo, capitão. Piratas não querem rei nenhum.

Kennit forçou o sorriso a permanecer no rosto e balançou a cabeça em resposta. O movimento fez reabrir a ferida na carne coberta de bolhas sob a bandagem de linho, deixando a nuca úmida. Apropriado, muito apropriado.

— Não. Meu caro Sorcor, você levou aquilo ao pé da letra. Acha que eu quero ficar sentado num trono, com uma coroa de ouro coberta de joias, enquanto os piratas de Partilha se curvam diante de mim? Que absurdo! Ninguém pode olhar para Partilha e querer uma coisa dessas. Não. Quero exatamente o que eu falei: ser um homem vivendo como um lorde, com uma casa bonita cheia de coisas bonitas, um homem com a certeza de que não vai perder a casa e as coisas e certo de que a esposa pode dormir segura a seu lado e os filhos nas camas. — Num movimento calculado, tomou um gole de vinho e pôs a taça na mesa. — Eu e você não precisamos de mais do que isso da vida de um rei, não é, Sorcor?

— Eu e você? Eu também?

O imediato finalmente começava a compreender. Kennit estava sugerindo que o próprio Sorcor poderia ter essas coisas, não apenas ele. Seu sorriso aumentou.

— Mas é claro. Você também. Por que não? — Deixou sair uma risadinha de repreensão. — Sorcor, acha que eu pediria que você se juntasse a mim, que arriscasse tudo ao meu lado, como já fez tantas vezes, só para melhorar minha própria situação? Claro que não! Você não é burro para se arriscar assim. Não... Eu quero melhorar a situação para nós dois, juntos. E não só a nossa, não. Quando tudo estiver acabado, toda a tripulação estará melhor. E, caso Partilha e as outras Ilhas Piratas decidam nos seguir, a situação delas também vai melhorar. Mas não vou forçar nenhum homem a arriscar a própria sorte. Não, quero fazer uma aliança livre, entre homens livres. — Ele se inclinou sobre a mesa, na direção do imediato. — E então, o que me diz?

Sorcor piscou e desviou os olhos — o que fez seu olhar cair sobre a cabine tão bem mobiliada, sobre as riquezas arrumadas com todo o cuidado, sobre o cenário que Kennit tinha preparado justamente para aquele momento. Não havia um só

canto incapaz de despertar a cobiça no coração daquele homem.

Mas, lá no fundo, Sorcor era mais cauteloso do que Kennit tinha imaginado. Ele voltou a fixar os olhos escuros nos olhos claros de Kennit.

— O senhor fala bonito, capitão. E não consigo pensar num só motivo para negar. Mas isso não quer dizer que não existe nenhum motivo para ir contra. — Ele colocou os cotovelos na mesa e apoiou o peso nos braços. — Seja direto, capitão: o que precisamos fazer para essas coisas acontecerem?

— Precisamos ousar — respondeu Kennit, lacônico. O fogo do triunfo dentro dele não o deixava ficar sentado. Tinha convencido o imediato, mesmo que o próprio Sorcor ainda não tivesse percebido. Ele se levantou e começou a andar pela pequena cabine, a taça de vinho na mão. — Vamos fazer uma coisa tão espetacular que vai despertar a imaginação e a admiração de todos. Vamos acumular riquezas, mas num nível que ninguém nunca conseguiu. Vou explicar. Não preciso nem mostrar uma carta náutica para provar que todo o comércio que vem de Jamaillia e das terras do sul precisa passar por aqui para chegar em Vilamonte, em Calcede ou nas terras mais além. Não é verdade?

— É claro. — O imediato franziu o cenho, tentando entender aonde o capitão queria chegar com aquelas obviedades. — Não tem como ir de Jamaillia até Vilamonte sem passar pelas Ilhas Piratas. A não ser que a tripulação seja idiota o suficiente para navegar pelo Exterior e enfrentar o Mar Bravio.

Kennit assentiu.

— Então os navios e os capitães têm duas escolhas: podem ir pela Passagem Exterior, onde as tempestades do Mar Bravio são mais violentas, há mais serpentes e o caminho é mais longo; ou podem se arriscar na Passagem Interior, com os canais e correntezas traiçoeiros. E sem falar de nós, piratas. Correto?

— E as serpentes também — ressaltou Sorcor. — Hoje em dia tem tantas delas infestando a Passagem Interior quanto a Exterior.

— Verdade. É verdade. Também tem as serpentes — reconheceu Kennit, sem hesitar. — Agora, imagine que você é um capitão mercante e tem que fazer essa escolha, mas um homem vem até você e diz: “Olha, senhor, posso garantir uma travessia segura pela Passagem Interior, cobrando um preço módico. Tenho um navegador que conhece os canais e as correntezas como a palma da mão, e pirata nenhum vai incomodar o seu navio.” O que você diria?

— E as serpentes? — inquiriu Sorcor.

— “E as serpentes não são piores na Passagem Interior do que na Exterior. O navio até tem mais chance contra elas pelo caminho interior, que tem águas mais

tranquilas e nenhuma tempestade. E talvez até dê para arranjar um navio de escolta, cheio de arqueiros habilidosos e carregado de bolas de feno incendiárias. Se as serpentes atacarem, a escolta cuida delas enquanto o senhor escapa.” O que você diria, capitão mercante?

Sorcor estreitou os olhos, desconfiado.

— Eu perguntaria quanto isso ia custar.

— Exatamente. E eu daria um preço alto, mas você estaria disposto a pagar. Porque simplesmente acrescentaria esse preço ao valor das mercadorias, no fim da viagem. E porque com certeza conseguiria fazer a passagem em segurança para vendar o que estiver levando. É muito melhor pagar um preço alto por essa garantia do que navegar livremente e correr o risco de perder tudo.

— Não daria certo — disse Sorcor.

— Por que não?

— Porque os outros piratas iam acabar matando o senhor por revelar os caminhos secretos pelos canais. Ou iam deixar o senhor conduzir o navio carregado como um cordeiro avançando para o matadouro, daí atacariam os dois. Por que eles ficariam parados assistindo enquanto o senhor enriquece?

— Porque todos receberiam uma parte. Cada navio que passasse teria que fazer o depósito num tesouro comum, e todos receberiam uma parte. E os comerciantes de escravos teriam que prometer não nos atacar mais e nem as nossas cidades. Assim o povo de terra firme poderia dormir em paz à noite, sabendo que os pais e irmãos voltariam sãos e salvos para casa, sabendo que nenhum navio do sátrapa apareceria para incendiar suas casas e escravizar seus filhos e esposas.

Ele fez uma pausa, então continuou:

— Pense só em como vivemos agora: desperdiçamos a vida indo atrás dos navios deles. Quando capturamos um, é um verdadeiro massacre. E às vezes acaba não valendo de nada. Às vezes o navio afunda com carga e tudo, ou às vezes lutamos durante horas e encontramos só um porão cheio de algodão barato ou alguma outra porcaria. E enquanto isso os navios e os soldados do sátrapa invadem nossas aldeias e cidades, capturando todos os que não fugirem como escravos, só de vingança pelos nossos atos de pirataria. Tente ver as coisas do meu jeito: estou propondo que, em vez de arriscarmos nossas vidas atacando um em cada dez navios que avistamos, o que às vezes não dá em nada, receberíamos uma parte da carga de cada navio que passasse pelas nossas águas. Controlaríamos tudo, e o único risco para nossas vidas seria o que qualquer marinheiro já precisa enfrentar. E nossas casas e famílias estariam seguras.

Íamos conseguir desfrutar toda a fortuna que conseguíssemos.

O brilho de uma ideia aos poucos foi iluminando os olhos de Sorcor.

— E negaríamos passagem aos navios de escravos. Íamos cortar a garganta do tráfico. Nada de navios de escravos. Nenhum traficante poderia usar a Passagem Interior.

Kennit ficou consternado.

— Mas a rota comercial mais lucrativa para atacar é a dos navios de escravos. Eles pagariam para fazer a passagem depressa e sem complicações, com a carga ainda viva e saudável. Não sei que porcentagem das mercadorias chega viva na travessia pelo...

— São homens — interrompeu Sorcor, irritado. — E mulheres e crianças. Não são mercadorias. Se o senhor já tivesse viajado a bordo de um desses navios... e não estou falando do convés, não. Lá dentro, acorrentado num porão... Ah, aí o senhor não ia ficar dizendo “mercadorias”. Não. Nada de traficantes de escravos, Kennit. Foram os traficantes de escravos que nos transformaram no que somos hoje. Se vamos mudar isso, então vamos começar retribuindo o que fizeram com a gente. Vamos acabar com as vidas deles. E não quero isso só porque eles são cruéis. Eles é que trazem as serpentes para a Passagem, para começo de conversa. O fedor dos navios de escravos atrai as serpentes. Se a gente acabar com os navios de escravos, talvez as serpentes também acabem sumindo. Capitão, eles jogam os escravos mortos na água, e isso atrai as serpentes direto para nossas ilhas e rotas. E esses navios também trazem doenças, porque os pobres coitados ficam em porões infestados de pragas, muitas de que nunca nem ouvimos falar. Toda vez que um navio de escravos atraca para reabastecer, deixa um rastro de doenças. Não. Nada de traficantes de escravos.

— Está bem — concordou Kennit, muito calmo. — Nada de traficantes de escravos.

Nunca tinha imaginado que Sorcor alimentava algumas ideias próprias, muito menos que tivesse opiniões tão veementes a respeito de alguma coisa. Um erro de cálculo. Encarou o marujo com novos olhos: ele talvez tivesse que ser descartado. Não imediatamente, e talvez não por um bom tempo, mas poderia acabar perdendo a serventia. Kennit concluiu que devia manter isso em mente e evitar fazer planos de longo prazo que considerassem as habilidades de Sorcor. Então sorriu para o imediato.

— Você tem razão, é claro. Tenho certeza de que muitos piratas concordam com isso e podem ser convencidos por essa ideia. — Assentiu mais uma vez, como se estivesse considerando a questão. — Sim, nada de traficantes de

escravos. Mas ainda estamos longe desse ponto, temos muito trabalho pela frente. Se sairmos por aí contando essas ideias, ninguém vai nos dar ouvidos. Vão só dizer que é impossível. Ou então cada homem vai querer tentar por si mesmo, competindo com os outros. Seria navio contra navio. Não queremos isso. Precisamos manter essa ideia em segredo até conquistarmos respeito suficiente dos piratas aqui das ilhas, até todos estarem prontos para acreditar no que dissermos.

— O senhor tem razão — concordou Sorcor, depois de pensar um pouco. — E como vamos convencer os outros?

Finalmente: toda aquela empreitada tinha sido para chegar justamente naquela pergunta. Kennit voltou para a mesa e se forçou a fazer uma pausa dramática. Largou a taça de vinho e tirou a rolha da garrafa, então serviu mais bebida a Sorcor e acrescentou um pouco à sua própria taça, ainda meio cheia.

— Temos que fazer os outros acreditarem que podemos fazer qualquer coisa. Para isso, precisamos fazer o que todos consideram impossível. Como por exemplo capturar um navio-vivo e usá-lo como navio principal.

Sorcor franziu o cenho.

— Kennit, meu camarada, isso é loucura. Nenhum navio de madeira conseguiria chegar nem perto de um navio-vivo. São rápidos demais. Ouvi dizer que a própria embarcação sente um navio se aproximando e avisa o timoneiro. Essas embarcações sentem a direção em que o vento sopra e conseguem usar o apoio de rajadas de vento que não inflariam nem as velas de um navio normal. E mesmo que a gente ataque uma dessas e consiga matar a tripulação, não adiantaria de nada: os navios-vivos só navegam para os membros de suas famílias, sempre se voltam contra qualquer outra pessoa. O navio ia encalhar ou se jogar para cima das rochas, ou talvez simplesmente emborcasse com a gente em cima. Já ouviu falar naquele navio da morte... Qual era mesmo o nome? Aquele que ficou doido e atacou a própria família e a tripulação? Saiu rolando pelo mar, dando voltas e cambalhotas, e levou os marinheiros junto. E ouvi dizer que não foi só uma vez, não, foram três. Da última, encontraram o navio flutuando de cabeça para baixo na entrada do porto de Vilamonte. Dizem que a tripulação fantasma levou o navio de volta para casa, mas tem que diga quem ele voltou sozinho, querendo mostrar aos Mercadores o que tinha feito. Foi arrastado para a areia e deixado encalhado na praia, onde está até hoje. *Execrado*. Era o nome dele. O *Execrado*.

— O *Estalão* — corrigiu Kennit, com um sorriso enviesado. — O nome dele era *Estalão*, mas até a própria família agora o chama de *Execrado*. Sim, já ouvi

todos os mitos e lendas sobre navios-vivos, Sorcor. Mas são só isso: mitos e lendas. Acho que é possível capturar e navegar um navio-vivo. E, se conseguirmos conquistar seu coração, teremos uma embarcação pirata sem comparação nem rival. O que você disse sobre correntezas e ventos é verdade, mas também é verdade que os navios-vivos sentem as serpentes muito antes de serem vistas e de soarem o alerta para os arqueiros. Um navio-vivo seria perfeito para a pirataria, para mapear novas passagens pelas Ilhas Piratas ou enfrentar as serpentes. Não estou dizendo que temos que abandonar tudo e ir atrás de uma delas. Só que, se por acaso uma aparecer no nosso caminho, vamos partir para cima dela com tudo, em vez de simplesmente desistir dizendo que é inútil tentar. Se vencermos, vencemos. Se não... bem, muitos navios escapam. Não vamos perder mais do que já perdemos normalmente.

— Mas por que um navio-vivo? — perguntou Sorcor, confuso. — Não entendo.

— Eu... Eu quero um. Por isso.

— Pois bem, então vou dizer o que eu quero. — Sabe-se lá por quê, Sorcor achava que estavam fazendo um acordo. — Vou concordar com o seu plano — admitiu, ainda relutante —, e vamos perseguir navios-vivos que forem avistados, mesmo eu achando isso inútil. Não que eu vá dizer o que penso para os homens: na frente deles, vou parecer tão ansioso quanto um cão de caça farejando a presa. Mas, em troca, cada vez que a gente perseguir um navio-vivo, vamos atrás do próximo navio de escravos que encontrarmos. E vamos abordar o navio, jogar a tripulação para as serpentes e levar os escravos em segurança até a cidade mais próxima. Sem querer ofender, capitão, mas acho que se a gente impedir uma boa quantidade de traficantes e nos livrarmos das tripulações, vamos conquistar o respeito dos outros piratas muito mais depressa do que só capturando um navio-vivo.

Kennit não escondeu a careta de insatisfação.

— Acho que você tem fé demais na retidão e na moralidade dos nossos companheiros daqui de Partilha. É mais provável pensarem que somos idiotas por perdermos tempo perseguindo traficantes de escravos só para libertar a carga.

Talvez o vinho de qualidade tivesse subido à cabeça de Sorcor mais rápido do que teria acontecido com uma safra inferior. Ou talvez Kennit sem querer tivesse tocado no único ponto sensível do imediato, que respondeu com uma voz mortalmente baixa:

— O senhor só diz isso porque não ficou com as mãos e os pés acorrentados

num porão fedorento quando era pouco mais que uma criança. Nunca teve a cabeça presa num torno, para não se mexer, enquanto um tatuador espeta a marca do novo senhor no seu rosto.

Os olhos de Sorcor brilhavam, pareciam voltados para dentro, encarando uma escuridão que só ele podia contemplar. O imediato inspirou fundo.

— E me colocaram para trabalhar num tanque de curtume, curtindo couro. Não davam a mínima para o meu próprio couro, se desgastando lá dentro. Vi homens mais velhos tossirem sangue dos pulmões. Ninguém se importava, e eu sabia que era só questão de tempo até ficar doente. Até que, numa noite, matei dois homens e fugi. Mas para onde eu poderia ir? Para o norte, onde só tem gelo, neve e bárbaros? De volta para o sul, onde minha tatuagem ia me identificar como escravo fugido, dinheiro fácil para qualquer um que quisesse me espancar e me levar de volta para o dono? Ou talvez para o Litoral Amaldiçoado, para viver como um animal até algum demônio sugar meu sangue? Não... Para um homem como eu, só resta a vida de pirata. Mas não é a vida que eu teria levado, Kennit, se tivesse escolha. São poucos os que escolhem essa vida.

A voz foi fraquejando, o brilho nos olhos foi sumindo, e ele fitou um ponto além de Kennit, um canto escuro da cabine. Ficou um tempo assim, olhando para o nada. De repente, seus olhos se voltaram para o capitão.

— Vamos atacar um navio de escravos para cada navio-vivo que perseguirmos. É tudo o que eu peço. Dou uma chance ao seu sonho, e o senhor dá uma chance ao meu.

— É justo — declarou Kennit, com rudeza. Sabia identificar uma proposta final. — Sim, é justo. Um navio de escravos para cada navio-vivo.

Wintrow foi invadido por uma sensação de frio intenso, que inundou o estômago e começou a se espalhar pelo corpo, fazendo-o tremer de verdade. O tremor fez sua voz vacilar, soando como uma criança prestes a chorar, mas só estava tentando apresentar seus argumentos de forma racional e calma, como fora treinado para fazer. Como aprendera no amado monastério. Mentalizou os salões de pedra fria, onde a paz fluía com o vento, e tentou tirar forças daquela visão, mas só ficou mais abatido: não estava lá, estava na sala de jantar da sua família. A mesa baixa de carvalho dourado que tinha sido polida até brilhar, os bancos e sofás almofadados em volta, as paredes revestidas e os quadros de navios e ancestrais: cada detalhe era um indicativo de que estava em Vilamonte. Pigarreou e tentou controlar a voz, encarando a mãe, o pai e a avó. Estavam sentados à mesma mesa, mas os mais velhos estavam todos do outro lado, como

um júri prestes a julgá-lo. E talvez fossem, mesmo. Wintrow respirou fundo.

— Quando vocês me enviaram para ser sacerdote, não fui por vontade própria. — Ele olhou de novo para cada rosto, tentando encontrar alguma lembrança daquele dia devastador. — E nós estávamos nesta sala. Eu me agarrei a você, mãe, jurando que passaria a me comportar se me deixassem ficar. Mas você disse que eu tinha de ir. Disse que eu era o primogênito, e que tinha sido dedicado a Sá no momento em que vim ao mundo. Disse que não podia quebrar sua promessa, e me entregou ao sacerdote para ser levado ao monastério em Kall. Não se lembram disso? Você estava lá, pai, perto daquela janela. O dia estava tão claro que, quando olhei para você, só vi uma silhueta escura contra o sol. E você não disse uma só palavra. Avó, você me disse para ser corajoso e me deu um pequeno embrulho com bolos para comer no caminho.

Examinou outra vez os rostos, um de cada vez, buscando algum sinal de desconforto pelo que estavam fazendo, algum traço de culpa que poderia indicar que sabiam estar sendo injustos. A mãe era a única que demonstrava alguma inquietação. Wintrow continuou tentando atrair o olhar dela, querendo insistir, mas Keffria desviou os olhos na direção do pai dele. O rosto de Kyle parecia esculpido em pedra.

— Eu fiz o que me mandaram fazer — insistiu, simplesmente. A voz saiu fraca, chorosa. — Fui embora com um desconhecido. O caminho foi difícil, e tudo era estranho quando cheguei. Mas fiquei lá. Tentei. E, depois de algum tempo, aquele passou a ser o meu lar, e percebi que tinha sido uma boa decisão. — As memórias das primeiras experiências da vida sacerdotal eram agridoces, e Wintrow sentiu outra vez a estranheza e o pertencimento que viveu na época. Quando continuou, estava com os olhos marejados. — Eu amo servir a Sá. Aprendi e cresci de tantos modos que nem consigo expressar. E sei que estou só no início da jornada, que tudo ainda está começando a se desdobrar diante de mim. É como... — Tentou encontrar uma metáfora. — Quando eu era mais novo, era como se a vida fosse um lindo presente, embrulhado num papel delicado e decorado com fitas, e amei receber, mesmo só conhecendo o pacote por fora. Mas, no último ano, finalmente comecei a perceber que o que tem dentro do embrulho é ainda melhor. Estou aprendendo a olhar além das embalagens extravagantes, a encarar o âmago das coisas. Estou bem no limiar. Não posso parar agora.

— Foi um erro — declarou o pai, de repente. Quando Wintrow começou a sentir um certo alívio no aperto em seu coração, Kyle continuou: — Mesmo naquela época, eu sabia que era um erro mandar você embora. Eu estava aqui e não disse nada, deixei sua mãe fazer o que achasse melhor, já que parecia muito

importante para ela. E Selden era um menininho corajoso, por menor que fosse, então eu sabia que teria um filho para seguir meus passos. — Ele se levantou e atravessou a sala para olhar pela janela, assim como naquela outra manhã, tantos anos antes. E meneou a cabeça. — Mas eu devia ter seguido meus instintos. Sabia que era um erro, e acabou que eu estava certo. Agora, eu... Esta família precisa de um filho jovem para assumir o lugar no navio, e não estamos preparados. Selden ainda é muito novo. Daqui a dois anos, talvez até um, eu poderei transformá-lo em grumete. — Kyle se virou para a mesa. — Todos nós somos culpados por essa situação. E todos nós teremos de suportar a dor da correção desse erro, e sem reclamar. Isso significa que vocês, mulheres, vão ter de se virar sozinhas por mais um ano. Precisamos dar um jeito de convencer os credores a terem mais um pouco de paciência, e vocês vão ter de fazer o que for preciso para que as propriedades deem algum lucro, quem sabe até vendendo as que não forem rentáveis. E isso significa outro ano no mar para mim. E um ano difícil, já que teremos de navegar e negociar pensando nas mercadorias mais lucrativas. E quanto a você, Wintrow... tenho um ano para lhe ensinar tudo o que você devia ter aprendido nos últimos três, um único ano para aprender a ser homem e marinheiro.

Kyle andava de um lado para o outro enquanto falava, contando as ordens e os objetivos nos dedos. Wintrow reparou que era assim que o pai falava com o imediato do navio, perfilando as tarefas a serem realizadas: aquele era o capitão Porto, acostumado a ter as ordens obedecidas sem ser questionado. Tinha certeza de que o pai ficaria espantado com o que estava prestes a acontecer.

Wintrow se levantou, empurrando a cadeira para trás com toda a delicadeza.

— Vou voltar para o monastério. Tenho pouca coisa para guardar e já fiz tudo o que podia por aqui. Partirei hoje mesmo. — Ele olhou ao redor da mesa. — Quando desembarquei, hoje de manhã, prometi à Vivácia que alguém passaria o restante do dia com ela. Acho uma boa ideia acordarem Althea e pedirem-na para ir.

Viu o rosto do pai ficar instantaneamente vermelho de raiva.

— Sente-se e pare de bobagens — rosnou Kyle. — Você vai fazer o que eu mandar. Essa é a sua primeira lição.

Wintrow sentiu o coração bater tão forte que achou que o corpo inteiro tremia com as batidas. Tinha medo do próprio pai? Sim. Precisou de toda a rebeldia que conseguiu reunir para continuar de pé, e não lhe restou mais nada para ousar falar. Ainda assim, encarou o olhar intenso do pai sem desviar os olhos, parado e calado. Enquanto o via avançar em sua direção, furioso, uma parte muito

tranquila e específica da mente observou: “Sim, tenho medo, mas é apenas um medo físico de coisas físicas.” O conceito envolveu toda a sua mente, de modo que Wintrow não reparou quando a mãe soltou um berro esganiçado:

— Ah, Kyle, não! Por favor, por favor, não! É só falar com ele, convencer na conversa... Não! Ah, por favor, não!

E a avó ergueu a voz imperiosa, num grito feroz:

— Esta é a minha casa, você não vai...

Então o punho atingiu Wintrow na lateral do rosto, com um estrondo que reverberou por todo o interior de seu corpo. Ele caiu, uma queda ao mesmo tempo rápida e lenta. Estava atônito — ou talvez envergonhado. Devia ter erguido a mão para se defender, ou pelo menos fugido. O sacerdote filosófico dentro dele continuava dizendo: “Ah, sim, o medo físico... mas também existe outro tipo. E pelo que eu teria que passar para experimentar esse outro medo?”

Então seu corpo bateu na laje dura e fria, apesar do calor crescente. Perder a consciência foi como afundar no chão, tornando-se um com o piso como se tornara um com o navio — exceto pelo fato de que a consciência do chão era só uma escuridão profunda. Assim como a de Wintrow.



10

CONFRONTOS

— Kyle, eu não vou admitir uma coisa dessas!

Althea ouviu a voz da mãe ecoando pelo corredor de pedra. A intensidade do grito dava vontade de pegar a dor de cabeça e correr para longe, ao mesmo tempo em que a menção do nome de Kyle dava vontade de mergulhar de cabeça na batalha. *Vá com calma*, aconselhou a si mesma. Precisava descobrir em que tipo de clima estaria navegando, então diminuiu o passo ao atravessar o corredor em direção à sala de jantar.

— Ele é meu filho, e vou aplicar a disciplina que achar melhor. Pode parecer severo, mas, quanto mais rápido ele aprender a obedecer, mais fácil será a vida no navio. Wintrow vai se recuperar, você vai ver que nem machucou muito. O choque deve ter sido maior que a dor.

Até Althea notou a leve ansiedade na voz do cunhado. Concluiu que o outro som, mais abafado, devia ser a irmã chorando. O que Kyle tinha feito com o pequeno Selden? Sentiu um medo terrível invadi-la, um desejo de fugir daquela vida doméstica conturbada e voltar para... Onde? Para o navio? Já não era um refúgio. Ficou parada, esperando aquela angústia estonteante passar.

— Isso não foi disciplina, foi violência. E não aceito esse tipo de comportamento na minha casa. Fiz uma concessão na noite passada, já que o dia tinha sido horrível e Althea estava mesmo com uma aparência... chocante. Mas não vou tolerar essas coisas debaixo do meu teto, e ainda mais entre pessoas do mesmo sangue. Wintrow não é mais criança, Kyle. E, mesmo que fosse, uma surra não teria sido a solução. Ele não estava fazendo birra, só estava tentando se fazer entender. Não se pode bater num filho só por ele expressar uma opinião de maneira educada; não se pode fazer isso com homem nenhum.

— Você não entende — retrucou Kyle, seco. — Daqui a alguns dias, ele passará a viver a bordo de um navio onde só a minha opinião importa. E não vai ter tempo de discordar. Não vai ter tempo nem de pensar. Num navio, os marinheiros precisam obedecer à ordem assim que a escutam. Essa foi só uma lição sobre o que acontece se ele não obedecer. — Então, num tom mais calmo, acrescentou: — Isso um dia vai salvar a vida do meu filho.

Althea ouviu o arrastar de botas quando Kyle atravessou a sala.

— Vamos, Keffria, levante-se. Wintrow vai acordar em alguns minutos, e não quero você toda alvoroçada, tentando ajudar. Não encoraje o menino a se rebelar, não vou tolerar esse comportamento. Se ele achar que estamos divididos, vai lutar ainda mais. E, quanto mais ele lutar, mais vai cair estatelado no chão.

— Odeio isso — reclamou Keffria, numa voz baixa e inexpressiva. — Por que tem que ser assim? Por quê?

— Não tem — retrucou Ronica, seca. — E não vai. Vou falar com franqueza, Kyle Porto: não vou tolerar esse comportamento. Esta família nunca agiu assim, e não vai começar no dia seguinte à morte de Ephron. Não na minha casa.

Ronica Vestrit não deixava margem para discussão, mas aquele era o tom errado para usar com Kyle — até Althea sabia disso. Bater de frente com aquele homem só trazia à tona o que havia de pior nele. E trouxe.

— Muito bem. Então vou levar meu filho para o navio assim que ele acordar. Wintrow pode aprender a se comportar lá mesmo. Aliás, é até melhor assim: se ele aprender um pouco sobre o navio ainda no porto, não vai sofrer tanto quando levantarmos âncora. E não vou precisar ficar ouvindo mulheres questionando cada ordem que dou.

— A bordo do meu navio ou dentro da minha casa... — começou Ronica, mas Kyle a interrompeu com palavras que fizeram Althea gelar e arder de raiva ao mesmo tempo:

— Do navio de Keffria. E meu, já que sou o marido dela. O que acontece a bordo de Vivácia não é mais da sua conta, Ronica. Aliás, acredito que, de acordo com as leis de herança de Vilamonte, esta casa agora também é dela, para administrar como acharmos melhor.

Fez-se um silêncio terrível. Quando Kyle voltou a falar, foi com um leve tom conciliatório:

— Sabemos que a situação poderia chegar a isso, e todos sairíamos perdendo. Não estou sugerindo uma cisão de nossos caminhos, Ronica. A família vai prosperar mais se trabalharmos juntos, num lar unido, com um único objetivo. Mas não tenho como resolver as coisas de mãos atadas, e você sabe disso. Você até que tem se virado bem durante todos esses anos, para uma mulher, mas os tempos estão mudando, e Ephron não devia tê-la deixado lidar com tudo sozinha. Por mais que eu o respeitasse... talvez justamente porque respeitava, preciso aprender com os erros dele. Não vou simplesmente zarpar rumo ao pôr do sol e mandar Keffria cuidar das coisas e se virar até eu voltar. Preciso fazer alguns preparativos para ano que vem poder ficar em casa cuidando dos negócios. E

também não vou deixar Wintrow subir a bordo da Vivácia para se comportar como um príncipe mimado. Você viu o que isso fez com Althea: ela virou uma menina teimosa, egoísta e que não serve para nada. Não, pior: serve para manchar o nome e a reputação da família. Para ser sincero, não sei se vocês duas vão conseguir dar um jeito nela, impor limites. Talvez seja mais fácil casar a garota de uma vez, de preferência com um homem que não more em Vilamonte...

Althea entrou na sala parecendo um navio a todo pano.

— Não tem coragem de me insultar na minha cara, Kyle?

Ele não ficou nem um pouco surpreso.

— Achei que tinha visto sua sombra no corredor. Há quanto tempo está bisbilhotando, irmãzinha?

— Tempo suficiente para saber que você não está planejando nada de bom para a minha família ou para o nosso navio. — Althea tentou não se abalar com a calma do cunhado. — Quem você acha que é para falar assim com a minha mãe e a minha irmã, ir dizendo o que pretende fazer com toda essa calma, de como pretende voltar e "cuidar" dos negócios?

— Acho que sou o homem da família — retrucou Kyle, sem rodeios.

Althea exibiu um sorriso glacial.

— Você pode até se dizer o homem da família, se quiser, mas, se acha que vai ficar com o meu navio, está muito enganado.

Kyle soltou um suspiro dramático.

— E eu que pensava que só seus supostos parentes dos Ermos Chuvosos acreditavam que repetir uma coisa vezes o bastante é o suficiente para ela virar verdade — comentou, sarcástico. — Irmãzinha, você é bem idiota. Além de a lei comum de Vilamonte reconhecer sua irmã como única herdeira, isso também foi colocado por escrito e assinado pelo seu próprio pai. Vai se opor à vontade dele até nisso?

As palavras de Kyle a destroçaram. Althea sentiu como se tudo que um dia já lhe dera forças tivesse sido arrancado. Tinha quase conseguido se convencer de que o dia anterior fora só um acidente, que o pai nunca tiraria o navio dela, pelo menos não conscientemente, que só tinha feito aquilo porque estava sentindo dores terríveis e à beira da morte. Mas saber que a ordem fora redigida e selada por ele... NÃO! Olhou para a mãe, então de volta para Kyle.

— Não me importo com o que induziram meu pai a assinar no leito de morte — retrucou, numa voz baixa e furiosa. — Sei que Vivácia é minha, ela é minha

de um jeito que você nunca vai poder ter, Kyle. E estou dizendo que ninguém vai me impedir de ter o navio de volta sob o meu comando...

— Seu comando! — Kyle deu uma gargalhada. — Você, comandando um navio? Você não presta nem para servir a bordo. Você é muito iludida, acha que tem grandes habilidades, acha que é boa marinheira... mas não é! Até onde sei, seu pai só aceitava ter você no navio porque era a única forma de evitar os problemas em terra firme. Você não passa nem perto de ser boa marinheira.

Althea abriu a boca para responder, mas um gemido de Wintrow, estirado no chão, atraiu todos os olhares na sala. Keffria fez menção de correr até o filho, mas Kyle a deteve com um gesto. Ronica ignorou tanto o olhar quanto a mão do genro e foi até o garoto. Wintrow se sentou, obviamente atordoado, e levou as mãos à cabeça. Com dificuldade, encarou a avó.

— Eu estou bem? — perguntou, confuso.

— Espero que sim — respondeu Ronica, muito séria, soltando um leve suspiro. — Althea, pode buscar um pano úmido?

— O garoto está bem — resmungou Kyle, mas Althea o ignorou e saiu pisando duro em busca de um pano para a mãe.

Não parava de se perguntar por que estava ajudando. Desconfiava que a mãe tinha ludibriado o pai, que o levara a assinar aquela decisão absurda... Então por que a obedecia sem nem hesitar? Não sabia dizer. Talvez quisesse um momento longe de Kyle, antes que acabasse matando o homem.

Seguiu pelo corredor até a sala da cisterna, tentando entender o que tinha acontecido com o mundo. Nada daquilo nunca acontecia em sua casa. Já era bem estranho ver as pessoas gritando umas com as outras em seu lar, mas Kyle tinha nocauteado o filho com um soco. Ainda não conseguia acreditar. Era uma atitude estranha demais, tão chocante que ela não fazia ideia de o que fazer ou o que sentir a respeito. Encharcou uma toalha na água fria que bombeou e a torceu bem. Havia uma criada muito nervosa à espera.

— A senhora precisa de ajuda? — perguntou a mulher, quase num sussurro.

— Não. Não, está tudo sob controle. O capitão Porto só teve um pequeno surto — mentiu Althea, com toda a calma.

Está tudo sob controle, pensou. Na verdade, estava tudo bem longe disso. Sentia-se como o bastão de um malabarista, voando pelo ar, sem saber que mão a apanharia e a colocaria de volta no ritmo. Talvez nenhuma; talvez simplesmente saísse voando para longe, fora de controle, para nunca mais fazer parte do padrão daquela família. Abriu um sorriso amargo com aquela imagem mental

ridícula e colocou o pano úmido numa tigela de barro, antes de voltar para a sala de jantar. Quando chegou, Wintrow e a mãe estavam sentados num dos sofás diante da mesa baixa. O rapaz parecia pálido e abalado, com Ronica muito determinada a seu lado, segurando suas mãos e falando num tom muito sério.

Kyle estava junto à janela, os braços cruzados. Mantinha-se de costas para a sala, mas dava para sentir a indignação emanando dele. Keffria estava ao lado do marido, olhando suplicante para ele, que parecia nem notar sua existência.

— ... tudo nas mãos de Sá — falava Ronica, num tom solene, conversando com o rapaz. — Acredito que Ele o enviou de volta para nós e criou esse elo entre você e o navio por um motivo. Estava destinado a ser assim, Wintrow. Você pode aceitar isso, assim como aceitou ser enviado com o sacerdote?

Um elo entre Wintrow e o navio *dela*. Não era possível. Althea sentiu o coração gelar no peito, mas, estranhamente, o corpo continuou se movendo, os olhos ainda viam. Wintrow estava completamente concentrado no rosto da avó, encarando-a, o sangue Porto evidente no queixo erguido e na raiva em seu olhos. Quando Althea colocou a tigela e o pano ao lado dele, o garoto retomou o autocontrole: inspirou e expirou algumas vezes, deixando o rosto relaxar, e, por um breve momento, Althea notou uma grande semelhança com seu pai — e também com o que ela mesma via refletido num espelho. Ficou sem palavras.

Quando o garoto falou, a voz saiu branda e razoável:

— “A vontade de Sá.” Já ouvi isso milhares de vezes. Tempo ruim, tempestades tardias, natimortos. Tudo é a vontade de Sá.

O garoto pegou o pano úmido na tigela, dobrou-o com cuidado e o pressionou contra o maxilar. A lateral do rosto já começava a ficar roxa, e ele ainda parecia abalado e confuso. Suas palavras não soavam mordazes, devia estar doendo para falar. Mas Wintrow não parecia bravo, intimidado ou assustado — estava apenas determinado a influenciar a avó com suas palavras, como se, com o apoio dela, pudesse salvar a própria vida. E talvez pudesse.

— Estou disposto a concordar que o tempo e as tempestades são da vontade de Sá, talvez também os natimortos... mas não se o marido tiver espancado a mulher no dia anterior... — Sua voz vacilou, como se estivesse pensando em alguma memória desagradável, mas então voltou os olhos para o rosto da avó. — Creio que Sá nos deu a vida, e a vontade Dele é que vivamos bem. Ele coloca obstáculos em nosso caminho, é verdade... Já ouvi pessoas reclamarem de Sua crueldade, questionando o motivo de seus sofrimentos. Mas, no dia seguinte, essas mesmas pessoas pegam serrotes e cortam galhos das árvores frutíferas, desenterram as árvores novas e as mudam para um lugar longe de onde

brotaram. Elas sempre dizem que com isso as árvores vão crescer mais e dar mais frutos, mas não ficam ao lado delas para explicar que aquilo é para o seu próprio bem.

Wintrow tirou o pano do rosto e o dobrou de novo, buscando uma parte mais fresca.

— Estou divagando — prosseguiu, infeliz. — E justamente quando o que mais desejo é falar com clareza, avó. Não acredito que seja vontade de Sá eu abandonar o sacerdócio e viver a bordo de um navio para que a família possa prosperar financeiramente. Não sei nem dizer se essa é a vontade da senhora, acho que seja só uma ideia do meu pai. Para conseguir o que quer, ele decidiu quebrar uma promessa e partir meu coração. Também estou ciente de que, ontem mesmo, esse presente indesejado que ele está empurrando para mim foi arrancado das mãos da minha tia.

Pela primeira vez, Wintrow voltou o olhar para Althea. Apesar da dor e da pele machucada, por um momento ela achou ter visto o próprio pai a encarando por trás daqueles olhos, com a mesma paciência infinita acolchoando uma vontade de ferro. Percebeu, espantada, que o sobrinho não era um noviço frágil e intimidado: Wintrow tinha a mente de um homem no corpo em transformação de um garoto.

— Até seu filho reconhece a injustiça do que você está fazendo — disse a Kyle, num tom acusador. — Tirar Vivácia de mim não tem nada a ver com você acreditar ou não na minha capacidade de comandá-la. É um capricho da sua própria ganância.

— Ganância?! — gritou Kyle, com desprezo. — Ganância?! Ah, essa é ótima! É por ganância que quero assumir um navio tão ridiculamente endividado que vou ter sorte se conseguir pagar tudo antes de morrer?! É por ganância que quero assumir a responsabilidade por uma família sem a menor noção de como administrar o dinheiro?! Althea, se eu achasse que você tem a menor capacidade de ser útil a bordo, aproveitava a oportunidade e a colocava para trabalhar, para variar. Não, nem isso: se você me mostrasse um único sinal de competência como marinheira, se tivesse uma única confirmação de serviço, eu lhe dava a droga do navio de presente, junto com todas as dívidas. Mas você não passa de uma menininha mimada.

— Mentiroso! — gritou Althea, completamente enojada.

— Por Sá, juro que é verdade! — rosnou Kyle, irritado. — Se um único capitão respeitável atestasse sua habilidade como marinheira, você teria o navio amanhã mesmo! Mas Vilamonte inteira sabe o que você é: uma amadora

dissimulada.

— O navio testemunharia a favor dela — observou Wintrow, numa voz trêmula, e levou a mão à testa, como que para manter a cabeça no lugar. — Se o navio testemunhasse em favor dela, você faria o que jurou? Pois, por Sá, você jurou, e todos nós ouvimos. Você seria obrigado a cumprir o juramento. Não acredito que meu avô tenha desejado todas essas disputas e violência, e é tão simples restaurar o equilíbrio. Se Althea ficar a bordo, eu posso voltar para o monastério. E todos podemos voltar aos nossos devidos lugares, onde somos felizes...

Wintrow se calou ao notar que todos o encaravam. Os olhos do pai estavam negros de fúria, mas Ronica Vestrit levou a mão à boca, como se as palavras do neto a tivessem atingido em cheio.

— Já estou cansado de todas essas lamúrias! — explodiu Kyle, de repente. Atravessou a sala em poucos passos, debruçou-se sobre a mesa e fulminou o filho com o olhar. — Foi isso que você aprendeu com os sacerdotes? A distorcer a verdade para conseguir o que quer? Sinto vergonha de ver um garoto do meu próprio sangue aplicando essas artimanhas na própria avó. Levante-se! — gritou e, quando Wintrow simplesmente o encarou, sem responder, urrou: — De pé!

O jovem sacerdote hesitou por um momento, então se levantou. Abriu a boca para falar, mas o pai foi mais rápido:

— Você tem treze anos, apesar de parecer ter dez e se comportar como se tivesse três. *Treze*. Em Vilamonte, por lei, o trabalho de um filho pertence ao pai até ele fazer quinze anos. Se você me desafiar, vou invocar essa lei. Pouco me importa se você usa esse vestido marrom ou se galhadas sagradas brotarem da sua testa. Até fazer quinze anos, vai trabalhar naquele navio. Está me entendendo?

Até Althea ficou chocada com a blasfêmia de Kyle. Wintrow permaneceu empertigado ao responder, mesmo com a voz trêmula.

— Como sacerdote de Sá, só sou obrigado a respeitar as leis civis que são justas e respeitam a virtude. Você está invocando uma lei civil para quebrar a própria promessa. Quando me entregou a Sá, também entregou meu trabalho a Ele. Eu não lhe pertenço mais. — Ele lançou um olhar à mãe e à avó, então acrescentou, num tom quase conciliatório: — Eu nem sou parte desta família de verdade. Fui entregue a Sá.

Ronica se levantou para bloquear o caminho do genro, mas Kyle a afastou com tanta força que ela cambaleou para o lado. Com um grito, Keffria correu para a mãe. Kyle agarrou Wintrow pela frente do manto e o sacudiu. A cabeça do

garoto balançava para a frente e para trás com a força, e as palavras de Kyle saíram distorcidas pela fúria:

— Meu — rosnou para o garoto. — Você é meu. E vai calar essa boca e fazer o que eu mandar. Agora! — Parou de sacudir o filho e o ergueu até deixá-lo na ponta dos pés. — Vá para aquele navio. Apresente-se ao imediato. Diga a ele que você é o novo grumete. E isso é tudo o que você é: o grumete. Entendeu?

Althea assistia àquilo tudo com horror e fascínio. Tinha a vaga consciência de que a mãe estava segurando uma Keffria soluçante nos braços, tentando consolar a filha à beira da histeria. Sem conseguir conter a curiosidade, dois criados espiavam pelo canto da porta. Althea sabia que devia intervir, mas aquilo tudo era tão novo que ela só conseguiu ficar parada, boquiaberta. Já tinha ouvido os criados de cozinha falando de brigas similares em suas casas, e já soubera de comerciantes que colocavam os filhos para serem aprendizes contra a vontade. E sabia que era comum empregarem uma disciplina similar em outras embarcações. Mas essas coisas simplesmente não aconteciam nos lares de famílias de Velhos Mercadores. Ou, se aconteciam, ninguém nunca falava a respeito.

— Está me entendendo? — inquiriu Kyle, como se gritar mais alto fosse tornar suas palavras mais compreensíveis.

Mesmo atordoado, Wintrow conseguiu assentir. Kyle soltou o manto, e o garoto cambaleou e bateu na beira da mesa. Ficou ali, parado, cabisbaixo.

— E quando eu digo agora, é agora! — berrou Kyle, numa mistura de raiva e triunfo. Ele virou a cabeça para a porta, na direção de um criado boquiaberto. — Você! Welf! Pare de bisbilhotar e escolte meu filho até a Vivácia. Ajude o menino a fazer as malas com tudo o que trouxe, porque daqui para a frente ele vai viver no navio.

Enquanto Welf entrava às pressas para pegar Wintrow pelo braço e levá-lo para fora da sala, Kyle se virou para Althea. O sucesso em intimidar o filho parecia ter aumentado sua coragem, e ele perguntou, num tom de desafio:

— Você é sensata o suficiente para aprender uma lição com isso, irmãzinha?

Althea manteve a voz firme e baixa.

— Eu ficaria muito surpresa se todos nós não tivéssemos aprendido algo sobre você hoje, Kyle. E a maior lição do dia foi que você é capaz de qualquer coisa para controlar a família Vestrit.

— Controlar? — Kyle a encarou, incrédulo, e se virou para as outras duas mulheres, para ver se estavam tão espantadas quanto ele. Ronica lhe lançou um

olhar sombrio, enquanto Keffria simplesmente soluçava no ombro da mãe. — Vocês acham que é disso que se trata? De controle? — Ele balançou a cabeça e deu uma risada forçada. — Estou fazendo isso para salvar o que ainda pode ser salvo. Mas que droga, não sei por que ainda tento. Vocês me olham como se eu fosse um criminoso, mas só estou tentando manter esta família de pé. Keffria! Você sabe! Conversamos sobre isso.

Kyle se virou para a esposa, que enfim ergueu o rosto manchado de lágrimas para encará-lo, mas não havia compreensão em seus olhos. Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— E o que queriam que eu fizesse? — perguntou. — As propriedades perdem dinheiro a cada dia, ainda estamos pagando o navio-vivo aos agiotas, e os credores já ameaçam confiscar o que temos. E vocês parecem pensar que podemos ignorar tudo isso e ir tomar chá. Não, retiro o que disse: Althea acha que o melhor é apressar a ruína da família mantendo o navio-vivo como seu brinquedo particular enquanto passa as noites se embebedando com os fanfarrões locais e fazendo farra.

— Pare com isso, Kyle — advertiu Ronica em voz baixa.

— Parar com o quê? De dizer o que vocês já sabem, mas se recusam a admitir? Vocês precisam me ouvir, pelo menos dessa vez. — Ele fez uma pausa e respirou fundo, como se estivesse tentando abrandar a raiva e a frustração. — Tenho que pensar nos meus filhos, Selden e Malta. Assim como Ephron, eu também vou morrer um dia. E não quero que eles herdem uma montanha de dívidas e um nome na lama. Ephron não deixou filhos homens para proteger você, Ronica, para assumir a administração das propriedades. Assim, como um bom genro, eu me prontifico a fazer o que precisa ser feito, por mais doloroso que seja. Pensei muito sobre isso nos últimos meses, e acredito que consigo recuperar as finanças da família. Estabeleci alguns contatos em Calcede que estão dispostos a negociar. Não é um plano muito incomum: vamos precisar do navio, e muito, para transportar as cargas mais lucrativas o mais rápido possível. Enquanto isso, teremos que avaliar as propriedades de forma puramente lógica e manter só as que possam dar algum lucro. Mas o mais importante é não deixar os credores entrarem em pânico: se começarmos a vender terras a torto e a direito, vão achar que estamos falindo e cair em cima, abocanhando um pedaço antes que seja tarde demais. E, francamente, Althea ser vista bebendo e farreando com a escória como se não restasse esperança nem orgulho na família também afeta a situação. Se você manchar seu nome, Althea, também vai acabar manchando o da minha filha. Quero ver Malta bem-casada, mas ela nunca vai chamar atenção de homens decentes se você tiver reputação de bêbada e vagabunda.

— Como você ousa... — rosnou Althea.

— Eu ouso, sim. Pelos meus filhos. Vou transformar Wintrow em homem nem que seja na marra, mesmo que ele cresça me odiando. Vou restabelecer uma base financeira sólida para esta família, mesmo que tenha de usar aquele navio-vivo de formas que você jamais conseguiria. Se você se importasse metade do que eu me importo com esta família, estaria tentando endireitar a vida e se apresentar como dama à sociedade, para tentar arranjar um casamento aceitável e assegurar nossa fortuna.

Althea foi tomada por uma fúria gélida.

— Então você quer que eu me prostitua para quem pagar mais, desde que o sujeito me chame de esposa e ofereça um bom dote?

— Melhor do que para quem oferecer menos, como você parecia tão disposta a fazer na noite passada — retorquiu Kyle, com a mesma frieza.

Althea respirou fundo, inchando como uma gata brava, mas Ronica interrompeu a discussão com uma voz petrificante:

— Basta.

Foi uma única palavra, dita sem alarde. Ela levou Keffria até uma cadeira e ajudou a filha a se sentar como se colocasse uma pilha de roupas de cama. Algo em seu tom determinado calou a todos, e até os soluços da filha mais velha cessaram. Ronica, pequena e de pele escura, parecia ainda menor nas roupas negras de luto, mas tanto Althea quanto Kyle recuaram quando ela se enfiou entre os dois.

— Eu não vou gritar nem me repetir, então sugiro que vocês dois prestem bastante atenção e gravem o que vou dizer na memória. Althea, vou falar primeiro com você, porque não tivemos oportunidade de conversar direito desde que a Vivácia aportou. Kyle, nem pense em interromper, nem mesmo para concordar. Pois bem.

Ela respirou fundo e pareceu incerta por um instante, mas chegou mais perto da filha e segurou suas mãos.

— Minha filha, eu sei que você se sente injustiçada. Achava que ia herdar o navio. Era o que seu pai queria. Mas seu pai se foi, e, mesmo sendo doloroso para mim, vou falar sem rodeios. Seu pai sempre lhe tratou como se você fosse um dos filhos que perdemos. Se seus irmãos tivessem sobrevivido à praga... mas não sobreviveram. Quando os meninos ainda estavam vivos, ele sempre dizia que a terra iria para as filhas, e o navio, para os filhos. E, embora ele nunca tenha dito abertamente... depois que os meninos morreram, acho que o que ele queria

era que Keffria herdasse as propriedades, e você, o navio. Mas seu pai pretendia viver até a velhice, queria quitar a dívida do navio e as notas promissórias das propriedades, ver você casada com um homem que comandaria a Vivácia. Não. Fique quieta! — exclamou, ríspida, quando Althea abriu a boca para protestar.

Ela respirou fundo e prosseguiu, numa voz mais branda:

— Já é duro o bastante dizer essas coisas. Se eu for interrompida, nunca vamos acabar com isso. — Ela ergueu a cabeça e olhou a filha nos olhos. — Se quiser culpar alguém pela decepção, então a culpa é minha. Quando não dava mais para negar que seu pai estava morrendo, mandei chamar Curtil, nosso velho consultor, e, juntos, colocamos no papel o que eu acreditava ser a melhor solução. Convenci seu pai a assinar o documento. Eu o *convenci*, Althea, não induzi nem ludibriei. Até ele compreendeu o que tínhamos que fazer. Se os bens da família fossem divididos, ninguém sobreviveria. Como Keffria é mais velha e tem filhos para cuidar, segui a tradição e fiz dela a única herdeira.

Ronica Vestrit desviou os olhos do rosto chocado de Althea para a outra filha: Keffria ainda estava sentada na cadeira, a cabeça apoiada na mesa, mas tinha parado de chorar. Kyle colocou a mão no ombro da esposa, e Althea não sabia dizer se era um gesto de consolo ou de posse.

— Keffria sabia da herança — continuou Ronica. — Ela também sabe que o documento deixa claro que você precisa continuar cuidando das suas necessidades até o casamento e por isso receberá um dote considerável. Então não é só pelo sangue que Keffria está obrigada a lhe tratar bem, mas por escrito também.

O olhar desolado de Althea não aparentava qualquer alteração.

— Althea — implorou a mãe. — Tente ver as coisas de forma imparcial, por favor. Fui o mais justa que pude. Se você tivesse ficado com o navio, mal teria o suficiente para administrá-lo. É preciso dinheiro para abastecer um navio, para contratar uma tripulação, para pagar os consertos e a manutenção. E mesmo com viagens lucrativas dá para ter dificuldades para pagar as dívidas e ainda sobrar dinheiro suficiente para navegar outra vez. E se você não lucrasse, o que aconteceria? A nota promissória do navio está vinculada às propriedades, então não havia como dividir a herança direito. As duas coisas precisam ser usadas em conjunto para sanar as dívidas.

— Então eu fico sem nada — murmurou Althea.

— Althea, sua irmã jamais deixaria que você ficasse... — começou Ronica, mas Althea a interrompeu, num rompante:

— Não me importo. Não ligo de ser pobre ou rica. Sim, eu sonhava que a

Vivácia seria minha, porque ela é minha, mãe, ela é minha de um jeito que você não tem como entender. É como os cavalos de Seddon Dib: os bichos puxam a carruagem dele, mas todos sabem que seus corações pertencem ao cavalariço. O coração da Vivácia é meu, e o meu é dela. Não tenho como conseguir casamento melhor que esse. Vocês podem ficar com todo o dinheiro que ela trouxer, deixem todos dizerem que o navio pertence à minha irmã, só me deixem navegar. É tudo o que peço, mãe, Keffria. Só me deixem navegar na Vivácia, e não serei um incômodo, não irei contra sua vontade em qualquer outra questão. — Seus olhos desesperados buscaram primeiro o rosto da mãe, indo em seguida para a face manchada de lágrimas de Keffria. — Por favor — sussurrou —, por favor.

— Não. — Foi Kyle quem falou. — Não. Eu já mandei que não deixassem mais você embarcar, e não vou voltar atrás. Vocês estão vendo como ela é — disse, virando-se para Ronica e Keffria. — Não tem uma única ideia prática na cabeça. Só quer fazer o que lhe der vontade, continuar como sempre foi. Althea continuaria sendo uma filha teimosa, vivendo a bordo do navio sem nenhuma responsabilidade além de brincar de marinheiro, e voltaria para casa e passearia pelas lojas, escolhendo o que lhe agradasse e colocando na conta do pai. Só que agora a conta seria da irmã e, portanto, minha. Não, Althea. Sua infância acabou quando seu pai morreu. Está na hora de você começar a se comportar como convém a uma filha desta família.

— Não estou falando com você! — gritou Althea. — Você não faz ideia do que estou falando. Para você, a Vivácia é só um navio falante. Para mim, ela é um membro da família, é mais íntima do que uma irmã. Ela precisa que eu esteja a bordo, e eu preciso navegá-la. Ela navegaria para mim como jamais faria para você: com o coração impulsionando o vento.

— Fantasias de menina — escarneceu Kyle. — Bobagens. Você foi embora cheia de raiva no dia em que ela despertou, deixou Wintrow passar a primeira noite. Se tivesse esse amor todo pelo navio, não teria feito isso. A Vivácia parece gostar de Wintrow, e ele estará a bordo para fazer companhia à figura de proa ou o que quer que seja, além de aprender o verdadeiro ofício de marinheiro, em vez de ficar delirando sobre a vida do navio ou se embebedando em portos estrangeiros. Não, Althea: não tem lugar para você a bordo da Vivácia, e não vou admitir que você fique semeando a discórdia ou disputando a atenção do navio com meu filho.

— Mãe? — implorou Althea, desesperada.

Ronica parecia angustiada.

— Se eu não tivesse visto você na noite passada, bêbada e desmazelada, eu

ficaria do seu lado. Acharia que Kyle está sendo duro demais. — Ela deu um longo suspiro. — Mas não posso negar o que vi com os próprios olhos. Althea, eu sei que você ama a Vivácia. Se seu pai não tivesse morrido... mas é inútil pensar nisso agora. Talvez seja hora de se afastar do navio. Vi que Wintrow tem o necessário para se tornar um bom homem. Ele vai cuidar bem do navio. Deixe essa tarefa com ele. Está mais do que na hora de você assumir o lugar que lhe convém em Vilamonte.

— O meu lugar é a bordo da Vivácia — retrucou Althea, numa voz fraca.

— Não — interveio Kyle, e Ronica concordou, balançando a cabeça.

— Então não tem nenhum lugar para mim nesta família ou em Vilamonte.

Althea se ouviu dizendo aquelas palavras numa espécie de assombro. Ouviu o tom definitivo nelas e ficou chocada. Como uma pedra jogada na água parada, pensou, sentindo como se as palavras fossem se espalhando em ondas cada vez maiores, mudando cada um dos relacionamentos com as pessoas naquela sala, alterando para sempre os dias que estavam por vir. Por um momento, ficou sem fôlego.

— Althea? Althea!

A voz da mãe ressoou, alta, atrás dela. Estava no corredor, e a casa de repente lhe pareceu um lugar desconhecido. Percebeu que fazia anos que não passava mais de um mês naquela casa. Desde quando aquela tapeçaria estava pendurada ali? Quando aqueles ladrilhos tinham rachado? Não sabia, não estivera ali para ver. Não é que as coisas estivessem mudando de repente, é que ela realmente não morava mais ali havia anos. Aquele não era mais seu lar havia muito tempo. Ela estava apenas assimilando a realidade, e não criando uma vida nova. Saiu pela porta da frente daquele jeito mesmo, levando só as roupas do corpo, rumo ao vasto mundo lá fora.

— Se essa garota voltar bêbada outra vez, vou deixá-la trancada no quarto por uma semana. Temos de deixar bem claro que não vamos tolerar essas atitudes, que ela não pode sair por aí manchando o nome da família e a própria reputação. — Kyle estava sentado ao lado de Keffria no banco, envolvendo a esposa com um braço protetor.

— Kyle. Fique quieto — mandou Ronica.

Ouviu as palavras saindo de sua boca numa voz incisiva, mas calma. Estava tudo ruindo: sua família, seu lar, seus sonhos para o futuro. Althea estava falando sério, dava para ouvir a voz de Ephron por trás daquelas palavras. Não veria a

filha, bêbada ou não, na soleira da porta. A menina tinha ido embora. E o idiota com quem Keffria decidira se casar só estava preocupado em bancar o dono da verdade e arranjar novas maneiras de testar a autoridade recém-adquirida. Soltou um longo suspiro. Talvez, no momento, aquele fosse o único problema que ela pudesse resolver. E, talvez, resolver aquilo abrisse o caminho para resolver o resto.

— Kyle, eu não quis dizer isso na frente de Althea, já que ela não precisa de mais motivos para se rebelar, mas você passou a manhã agindo feito um asno. Como você mesmo disse, com tanta delicadeza, não tenho muito o que fazer em relação a como você educa seu filho. Mas Althea é minha filha, e com ela a história é outra. Você não tem autoridade nenhuma no assunto, e acho suas tentativas de interferir muito ofensivas.

Ronica estava esperando que o genro ao menos parecesse arrependido, mas o rosto de Kyle simplesmente se endureceu com a afronta. Ela se perguntou, e não pela primeira vez, se tinha errado completamente ao julgar o bom senso daquele homem, colocando os bens da família nas mãos da filha mais velha. E a resposta que ouviu só serviu para confirmar seus piores medos:

— Eu agora sou o homem desta família. Você não pode dizer que não tenho autoridade sobre ela.

— Ela é minha filha, não sua. E é irmã da sua esposa, não sua.

— Mas tem o mesmo nome que vocês, e as ações dela afetam esse nome. Se você e Keffria não conseguirem fazer essa menina ouvir a voz da razão, vou ter que cuidar disso de um jeito mais... rigoroso. Não temos tempo para conduzir Althea pela mão, com toda a delicadeza. Meu filho e sua filha precisam aceitar seus deveres, precisam acatar as ordens sem reclamar.

— Não é você quem decide os deveres de Althea, sou eu.

A determinação de ferro de Ronica, que Kyle achara tão útil durante as negociações, agora estava contra ele.

— Você pode até ver as coisas dessa forma, mas eu penso diferente. Ronica, você deixou os cuidados dela ao meu encargo. Posso convencer a garota a mudar de conduta de acordo com os meus padrões de decência, já que sou eu quem determina o tanto de dinheiro que ela realmente precisa para viver.

A voz de Kyle saía calma e racional, mas Ronica se sentiu alfinetada pelo significado daquelas palavras.

— Quando critica o comportamento da minha filha, você está criticando a educação que ela recebeu dos pais. Você pode até não concordar com o modo

como Ephron e eu criamos Althea, mas não tem o direito de dizer isso na minha cara. E não entreguei a administração das finanças para Keffria controlar a irmã, e sim para ela poder determinar que parte do orçamento da família pode ser repassado a ela. Não é certo uma irmã controlando a outra, e menos ainda que o marido da irmã se meta nisso. E eu não tinha intenção de forçar Althea a abandonar a Vivácia, só queria encorajar minha filha a explorar outras possibilidades e encontrar outra vida, deixando o navio em boas mãos.

Ronica se sentou num banco ao lado da mesa, balançando a cabeça, pensando em como seus planos tinham sido distorcidos.

— Ephron tinha razão: ela precisa de rédeas soltas. Não dá para obrigar Althea a fazer o que é melhor para ela. Quanto à noite passada... bem, ela estava sofrendo. E não importa o que você pense de Brashen, eu sei que Ephron tinha o rapaz em alta conta. Ele provavelmente só trouxe Althea em segurança para casa, o que é muito apropriado para um cavalheiro que se depara com uma dama em apuros.

— E talvez eles tenham passado o dia bebendo chá — observou Kyle, com a voz carregada de sarcasmo.

Um erro. Um erro grave. Ronica desviou o olhar de Kyle para Keffria, até a filha perceber que estava sendo encarada e erguer os olhos para a mãe.

— Keffria — disse a mulher, em voz baixa —, você sabia quais eram minhas intenções, quando redigi os documentos. Seria muita desonestidade sua se aproveitar da sua irmã, usar a herança para forçar Althea a agir de acordo com a sua vontade. Quero que você me diga que não permitirá isso.

— Ela tem que pensar nos filhos — interveio Kyle.

— Keffria — repetiu Ronica, sem conseguir esconder o tom de súplica na voz.

— Eu... — Keffria desviou os olhos da mãe e se voltou para o olhar de granito do marido. Sua respiração ficou acelerada e ofegante, como um animal encurralado. — Não posso tomar partido nisso, não posso! — gritou, consternada, apertando as mãos contra o peito.

— E não precisa — assegurou-lhe Kyle. — Os documentos foram assinados diante de testemunhas. Você sabe que só quero o melhor para Althea. Sabe que só queremos o bem dela. Acredite em si mesma, Keffria. Acredite em mim, seu marido.

Keffria encarou uma última vez a mãe, incrédula, antes de baixar os olhos para a superfície polida da mesa. Passou as mãos pela madeira, ansiosa.

— Eu acredito em você, Kyle — sussurrou. — Claro que acredito. Mas não

quero magoar Althea. Nem quero ser cruel com ela.

— E não seremos — respondeu ele, mais que depressa. — Desde que ela não seja cruel com a gente. É justo.

— Isso... parece justo — concordou Keffria, hesitante.

Olhou de relance para a mãe, em busca da aprovação, mas Ronica estava de cara fechada. Sempre pensara que a filha mais velha era a mais forte: Keffria escolhera viver uma vida dura e difícil, enquanto Althea ficava pendurada no pai, se divertindo. Keffria encontrara um marido, tivera filhos, cuidava da própria casa e auxiliava na administração das propriedades maiores — ou era isso que Ronica tinha em mente, enquanto preparava os documentos da herança. Cada vez mais, tinha a impressão de que Keffria só se dedicava aos assuntos internos da casa, escolhendo cardápios, fazendo listas de compras e lidando com ocasiões sociais, deixando a mãe livre para realizar as tarefas relacionadas com a administração das propriedades. Por que não tinha notado como Keffria tinha se tornado pouco mais do que uma figura decorativa, seguindo as orientações da mãe e obedecendo ao marido, mas raramente tomando qualquer decisão por conta própria? Tentou se lembrar da última vez em que a filha tinha sugerido uma mudança ou tomado iniciativa, mas não conseguiu.

Não acreditava que só tinha reparado nisso naquele momento. Por Sá, tinha colocado as rédeas da vida de todos nas mãos de Keffria. De acordo com os costumes e as tradições de Vilamonte, quando um homem morria, os bens passavam para os filhos. Não para a esposa, mas para os filhos. Ronica tinha o direito de manter o controle das propriedades que recebera da própria família quando se casou com Ephron, mas restava pouco delas. Com um aperto no coração, compreendeu que não era só a filha mais nova que estava à mercê do que Kyle considerava apropriado para uma mulher: ela também ia sofrer.

Ronica olhou de relance para o genro, esforçando-se para manter o rosto impassível. Só podia pedir a Sá que Kyle ainda não tivesse compreendido a situação. Ela poderia perder tudo. E poderia ser obrigada a se comportar de acordo com os preceitos de Kyle, bastava que também pusessem uma corda financeira em seu pescoço.

Respirou fundo e conseguiu controlar a voz.

— Realmente, parece justo — reconheceu. Não podia parecer dócil demais de repente. — Mas vamos ver se isso realmente vai funcionar.

Soltou um suspiro dramático e esfregou os olhos, como se estivesse cansada.

— Tenho coisa demais em que pensar, demais. Vou deixar vocês lidarem com Althea. E, como Kyle disse, a Vivácia precisa navegar o quanto antes. Acho que

o mais importante é nos concentrarmos nisso primeiro. Posso saber que portos e cargas você escolheu, e quando pretende partir?

Ronica torcia para não ter soado ansiosa demais pela partida do genro. Já estava cogitando a melhor maneira de agir na ausência dele. Poderia pelo menos cuidar para que suas propriedades — ou o que restasse delas — ficassem com Althea, quando morresse. Não que fosse comentar aquilo com o casal. Tinha chegado à conclusão de que seria muito mais sensato não demonstrar que se opunha a Kyle. E poderia tentar influenciar a filha mais velha, durante o tempo que passassem sozinhas.

Kyle pareceu feliz com a mudança de assunto.

— Como você disse, precisamos navegar logo, e não é só pelas finanças: quanto antes Wintrow ficar longe das distrações da vida em terra firme, mais depressa ele vai aceitar seu destino. Meu filho tem muito a aprender e, apesar de não ser culpa dele, só vai começar agora, quando já é mais homem que garoto. Quanto antes esse aprendizado acabar, melhor.

Kyle fez uma pausa longa o bastante, esperando que as duas assentissem. Ronica ficou irritada, parecia que ele estava insinuando que elas eram culpadas pela educação de Wintrow. Quando ficou satisfeito em ver que concordavam, Kyle continuou:

— E quanto aos portos e cargas... bem, nós concordamos que precisamos comercializar as mercadorias mais lucrativas o mais rápido possível.

Ele fez outra pausa, esperando elas assentirem.

— Então só temos uma solução óbvia — decidiu, por todos. — Vou levar Vivácia para o sul, até Jamaillia, onde comprarei as melhores mercadorias que podemos pagar, depois vou para o norte, até Calcede, o mais rápido possível.

— E qual é a carga? — perguntou Ronica, com a voz fraca. A resposta já pesava em seu coração.

— Escravos, é claro. Mas os instruídos, nada de batedores de carteiras e assassinos. Só os que vão ser bem recebidos em Calcede, empregados como tutores, capatazes e amas. Artistas e artesãos. Precisamos comprar os escravos que foram vendidos por causa de dívidas, e não os condenados por crimes. — Ele fez uma pausa, ponderando, e balançou a cabeça. — E nenhum muito robusto, é claro... E talvez eu precise equilibrar o carregamento com um porão cheio de... do que der para bancar. Prisioneiros de guerra, os já nascidos escravos, esse tipo de coisa. Torg, meu segundo imediato, já trabalhou em navios de escravos e conhece muitos leiloeiros. Ele vai conseguir bons negócios.

— A escravidão é ilegal em Vilamonte — observou Keffria, incerta.

Kyle deu uma gargalhada curta e ríspida.

— Por enquanto. Mas acho que não vai ser assim por muito tempo. E você não precisa ter medo, minha querida: não tenho a menor intenção de parar aqui em Vilamonte com eles. Vai ser uma viagem rápida, direto pela Passagem Interior até Jamaillia, depois para o norte de novo, passando por Vilamonte até Calcede. Não seremos incomodados.

— E os piratas? — indagou Keffria, hesitante.

— Os piratas nunca incomodaram a Vivácia. Quantas vezes você não ouviu seu pai se gabando de como ela era veloz, de como atravessava o canal com agilidade? Agora que o navio despertou, vai ser ainda mais fácil. Os piratas sabem que é perda de tempo ir atrás dos navios-vivos, então vão nos deixar em paz. Não precisa se preocupar, já pensei nessas coisas. Eu não faria isso se achasse que é arriscado demais.

— Mas a própria carga pode ser arriscada demais para um navio-vivo — observou Ronica, em voz baixa.

— E qual é o seu medo? Alguma revolta? Não, os escravos vão ficar a viagem toda no porão, muito bem presos. — Kyle estava começando a soar irritado com todas aquelas ressalvas.

— O que poderia ser ainda pior. — Ronica tentou fazer a voz sair delicada, como se só estivesse dando uma opinião, não apontando um perigo óbvio que ele falhou em notar. — Navios-vivos são sensíveis, Kyle, e Vivácia acabou de despertar. Você não exporia Malta ao tipo de... desconforto que os escravos precisam suportar durante o transporte, Vivácia também precisa ser protegida.

Kyle pareceu irritado, mas sua expressão logo se suavizou.

— Ronica, eu conheço as tradições que cercam os navios-vivos, e vou respeitá-las até onde nossas finanças permitirem. Wintrow vai estar a bordo, com permissão de conversar com o navio pelo menos algumas horas por dia. Ele vai tranquilizar Vivácia, dizendo que nada do que estiver acontecendo tem relação com o bem-estar dela. E não estou planejando cometer crueldades desnecessárias. Os escravos precisam ser mantidos confinados e sob controle, mas, fora isso, serão bem tratados. Acho que você está se preocupando à toa. E sei que não é o ideal, mas é temporário. Não vejo nenhum problema nisso.

— É, parece que você já pensou em tudo — comentou Ronica, tentando soar razoável, trocando a raiva que sentia por um tom preocupado. — Mas existem muitas histórias sobre o que um navio-vivo atormentado pode fazer. Dizem que

alguns navegam a contragosto, deixando o vento escapar, encalhando em lugares onde normalmente flutuariam sem empecilhos, arrastando as âncoras... Mas aposto que isso não é nada com que uma tripulação vigorosa e bem treinada não possa lidar. Tem os casos mais graves, claro. Dizem que navios usados para o mal podem enlouquecer. O *Execrado* é só o mais famoso. Já ouvi rumores de outros, de navios-vivos que zarparam e nunca mais são vistos porque se voltaram contra o dono e a tripulação...

— E, a cada estação, navios comuns zarpam para nunca mais voltar. Tempestades e piratas são causas tão prováveis quanto a loucura de um navio — interrompeu Kyle, impaciente.

— Mas com você e Wintrow a bordo, eu poderia perder metade da família de uma vez só — interveio Keffria, chorosa. — Ah, Kyle, acha mesmo sensato fazer isso? Papai lucrava com a Vivácia e nunca transportou cargas ilegais ou perigosas.

Kyle pareceu ainda mais irritado.

— Keffria, querida, seu pai não lucrava o suficiente. E é exatamente essa a questão: como evitar os erros dele e recuperar o respeito e a estabilidade financeira desta família. Aliás, isso me lembra outra das decisões peculiares dele... — Kyle encarou Ronica, analisando o rosto da sogra enquanto continuava: — Se vocês não se sentem confortáveis com o comércio de escravos, podemos fazer negócios no Rio da Chuva. As mercadorias mais desejadas do mundo vêm de lá. Todos os outros navios-vivos fazem negócios no Rio da Chuva. Por que não fazemos também?

Ronica retribuiu o olhar, muito calma.

— Porque, alguns anos atrás, Ephron decidiu que a família Vestrit não faria mais negócios no Rio, e não fizemos desde então. Não temos mais contatos comerciais com o povo dos Ermos.

— E Ephron está morto. Posso enfrentar o que ele temia. Se você me entregar os mapas do Rio da Chuva, posso fazer meus próprios contatos — sugeriu Kyle.

— Você morreria — retrucou Ronica, cheia de certeza.

Ele bufou.

— Duvido muito. O Rio da Chuva pode ser difícil de navegar, mas já levei navios por outros rios de águas selvagens. Pois bem. — Ele fez uma pausa antes de completar: — Quero os mapas. Eles pertencem a Keffria por direito, e você não pode se recusar a me entregar o que é dela. E assim todos ficamos satisfeitos: não teremos escravos a bordo da Vivácia e poderemos lucrar com o

comércio no Rio da Chuva.

Ronica mentiu sem hesitar:

— Eu até entregaria, se os tivesse. Mas eles não existem mais, Kyle. Ephron destruiu todos os mapas do Rio da Chuva quando decidiu romper as relações comerciais. Queria dar um fim aos negócios da família Vestrit naquela região, e foi o que fez.

Kyle se levantou de um pulo.

— Não acredito! — rosnou. — Ephron não era idiota, e só um idiota destruiria mapas tão valiosos. Você não quer me entregar? Está guardando para sua preciosa Althea e para seja lá quem aceite se casar com ela?

— Não gosto de ser chamada de mentirosa — sibilou Ronica. O que era verdade.

— E eu não gosto de ser tratado como um idiota! — retorquiu Kyle, furioso. — Ninguém nesta família me trata com o respeito que mereço. Eu aceitava isso do velho Ephron, já que ele era homem e bem mais velho do que eu, mas não vou tolerar esse comportamento de mais ninguém. Quero a verdade, e de uma vez por todas. Por que Ephron rompeu os contatos comerciais no Rio da Chuva? E o que precisamos fazer para retomá-los?

Ronica simplesmente o encarou.

— Mas que droga, mulher, será que você não entende? — insistiu Kyle. — De que adianta ter um navio-vivo se não vamos explorar o comércio do Rio? Todo mundo sabe que só os navios-vivos podem comerciar no Rio da Chuva. Somos uma família de Velhos Mercadores com um navio-vivo, e o que seu marido fez com esse privilégio e essa dívida? Negociava seda e bebidas, coisa que qualquer jangada de velas pode fazer, deixando a dívida aumentar a cada ano. O dinheiro desce o Rio da Chuva mais rápido do que as águas, e você mesmo assim prefere nos deixar nas margens, passando fome.

Ronica nem reparou que respondia até ouvir a própria voz:

— Há coisas piores do que passar fome, Kyle Porto.

— Como o quê?

Ela não conseguiu se conter.

— Como ter um tolo ganancioso como genro. Você não faz ideia do que está dizendo, não conhece a história do Rio da Chuva.

Kyle abriu um sorriso gélido.

— Então por que você não me entrega os mapas e deixa eu descobrir sozinho?

Se estiver certa, vai ficar livre de mim. Livre para afundar as filhas e os netos em dívidas.

— Não! — gritou Keffria, levantando-se de um pulo. — Não aguento mais! Não falem assim. Kyle, você não precisa subir o Rio da Chuva. Escravos são muito melhores. Faça negócios com escravos e leve Wintrow junto, se precisar, mas não suba o Rio da Chuva! — Ela olhou suplicante para os dois. — Kyle não voltaria, mãe, nós duas sabemos disso. Papai acabou de morrer, e você quer deixar Kyle se matar.

— Keffria, você está exausta, com as emoções à flor da pele — declarou Kyle, olhando para a sogra como se fosse culpa dela, por brincar com a imaginação da filha.

Uma minúscula centelha de raiva se acendeu no coração da senhora Vestrit, mas ela a apagou com firmeza. A filha encarava o marido com olhos cheios de dor. É a minha chance, disse a si mesma. *Minha chance*.

— Vou cuidar dela — sugeriu Ronica, delicadamente. — Você com certeza tem muito o que fazer para aprontar o navio. Venha, Keffria, vamos para a sala de estar. Vou pedir para Rache trazer chá. Para falar a verdade, eu também estou um pouco exausta. Venha. Vamos deixar Kyle cuidar das coisas.

Ela se levantou, passou um braço em volta da filha e a levou para fora da sala. *Vou salvar o que resta da família*, pensou, numa conversa mental com Ephron. *Vou salvar o que puder do que você deixou, meu querido. Terei pelo menos uma filha a salvo comigo.*



11

CONSEQUÊNCIAS E REFLEXÕES

— E se eu quisesse contestar esses documentos? — perguntou Althea, hesitante. Tentava manter um tom de calma e imparcialidade na voz, mas por dentro estava tremendo de raiva e mágoa.

Relutante, Curtil coçou o que restava do cabelo grisalho.

— Isso já foi previsto: qualquer um que contestar o testamento estará automaticamente excluído. — Ele balançou a cabeça, quase como se pedisse desculpas. — É um procedimento-padrão — explicou, com toda a delicadeza. — Não é como se o seu pai estivesse pensando especificamente em você quando acrescentou essa cláusula.

Ela afastou os olhos das mãos entrelaçadas e fitou o homem com firmeza.

— E você realmente acredita que era isso que ele queria? Que Kyle se apossasse de Vivácia e eu ficasse dependendo da caridade da minha irmã?

— Bem, duvido que ele tenha visto as coisas dessa forma — respondeu Curtil, diplomático, e tomou um gole de chá. Althea se perguntou se aquilo era uma tática para ganhar tempo. O velho se endireitou na cadeira, como se tivesse tomado uma decisão. — Mas acredito que ele sabia bem o que queria. Ninguém o enganou ou o forçou a nada: eu jamais concordaria com uma coisa dessas. Era o desejo do seu pai que sua irmã fosse a única herdeira. A intenção dele não era punir você, e sim proteger a família.

— Bem, então ele fracassou — retrucou Althea, irritada, e escondeu o rosto entre as mãos, envergonhada por ter falado sobre o pai daquele jeito. Curtil permaneceu em silêncio. Quando ela ergueu o rosto, momentos depois, foi para dizer: — Você deve achar que sou uma carniceira. Meu pai acabou de morrer, e venho no dia seguinte disputar uma parte do que ele possuía.

Curtil ofereceu o lenço, que ela aceitou, agradecida.

— Não acho. Não mesmo. Quando nosso mastro principal fica sem suporte, é natural se agarrar ao que resta, tentar desesperadamente manter as coisas o máximo possível como eram. — Ele balançou a cabeça, infeliz. — Mas não dá para voltar no tempo.

— É, não dá. — Althea deu um longo suspiro e considerou o último e patético raio de esperança que lhe restava. — Mercador Curtil. Pelas leis de Vilamonte, se um homem fizer um juramento a Sá, ele pode ser obrigado a manter a palavra como se fosse um contrato legal?

Curtil franziu as sobrancelhas grossas.

— Bem, depende. Se, num acesso de raiva, numa taverna, eu digo que, por Sá, vou matar fulano de tal, não seria nem uma ação legal, para começo de conversa, então...

Althea parou de medir as palavras.

— Se Kyle Porto jurasse, diante de testemunhas, que, se eu pudesse apresentar provas de que sou uma marinheira respeitável, ele me devolveria a Vivácia... se ele jurasse em nome de Sá, poderia ser obrigado a manter a palavra?

— Bem, tecnicamente, o navio é propriedade de sua irmã, e não dele...

— Ela entregou o controle do navio a ele — retrucou Althea, impaciente. — Um juramento desse tipo tem valor legal?

Curtil deu de ombros.

— Você acabaria diante do Conselho dos Mercadores, mas, sim, acho que ganharia a causa. Eles são bem conservadores, e os velhos costumes têm muito peso. Um juramento diante de Sá teria de ser honrado legalmente. Você tem testemunhas? Pelo menos duas?

Althea se recostou na cadeira, com um suspiro.

— Uma, talvez, que confirmaria a veracidade do que estou dizendo. As outras duas... Não sei mais o que esperar de minha mãe e minha irmã.

Curtil balançou a cabeça.

— Disputas familiares são complicadas. Meu conselho é não levar isso adiante, Althea. Só vai piorar a situação.

— Acho que não tem como piorar — retrucou ela, num tom lúgubre, antes de se despedir.

A menina era mesmo filha de Ephron. Tinha ido imediatamente ao escritório de Curtil, que não parecera nem um pouco surpreso em vê-la. Assim que Althea entrou na sala, Curtil se levantou e pegou os vários documentos enrolados, colocou-os diante dela um por um e deixou bem claro como não havia o que fazer. A jovem precisava admitir que a mãe não tinha deixado nenhuma ponta solta: os documentos a deixavam com as mãos tão atadas quanto a armação de

proteção de uma carga contra tempestades. Legalmente, Althea não tinha nada. Legalmente, dependia da total boa vontade da irmã.

Legalmente. Mas ela não permitiria que a realidade tivesse qualquer coisa a ver com aquele tipo de legalidade, não viveria da caridade de Keffria — ainda mais se isso significasse fazer o que Kyle mandasse. Não. Eles que pensassem que o pai tinha morrido sem lhe deixar nada. Estavam enganados. Althea ainda tinha tudo o que Ephron lhe ensinara, todo o conhecimento sobre comércio marítimo e o que aprendera observando as negociações do pai. Se isso não fosse o bastante para ela seguir o próprio caminho, então merecia morrer de fome. Com convicção, disse a si mesma que o primeiro Vestrit que chegou a Vilamonte devia ter pouco mais que isso, mas conseguiu trilhar o próprio caminho. Ela conseguiria fazer o mesmo.

Não, mais do que isso: conseguiria uma droga de uma prova de que era tudo o que dizia ser e obrigaria Kyle a cumprir o juramento. Althea tinha certeza de que Wintrow a apoiaria, já que era a única forma de escapar da autoridade do pai. Mas será que a mãe ou Keffria ajudariam? Althea pensou um pouco. Elas provavelmente não fariam aquilo de boa vontade, mas não mentiriam diante do Conselho dos Mercadores. Sentia-se ainda mais determinada: de um jeito ou de outro, enfrentaria Kyle e reivindicaria o que era seu por direito.

As docas estavam bem movimentadas. Althea rumou até onde Vivácia estava atracada, desviando de homens com carrinhos de mão, carroças puxadas por cavalos suados, comerciantes que iam entregar suprimentos nos navios prestes a zarpar e negociantes correndo para inspecionar os carregamentos que chegavam antes de aceitar a entrega. Em qualquer outra época, ficaria animada com toda aquela movimentação das docas, mas ficou chateada. Sentiu-se excluída daquelas vidas, separada e invisível. Quando andava por ali vestida como convinha à filha de um Mercador de Vilamonte, nenhum marinheiro ousava olhar para ela, quanto mais cumprimentá-la. Era irônico. Naquela manhã, colocara o vestido preto liso e as sandálias trançadas como um pedido de desculpas à mãe pelo mau comportamento da noite anterior, sem imaginar que a roupa acabaria se tornando sua única posse ao partir para o mundo por conta própria.

A confiança foi minguando conforme atravessava as docas. Como usaria o conhecimento que possuía para se alimentar? Como abordar o capitão ou o imediato de qualquer navio vestida daquele jeito e convencê-lo de que era uma marinheira capaz? Não era raro ver marinheiras em Vilamonte, mas também não era comum — sempre havia mulheres trabalhando nos conveses dos poucos navios dos Seis Ducados que aportavam ali em Vilamonte, e muitos dos

Imigrantes dos Três Navios tinham virado pescadores, com as famílias inteiras trabalhando nos navios. Mas, ainda que não fosse novidade ver mulheres a bordo, Althea teria de provar ser igualmente ou ainda mais vigorosa do que os homens com quem iria trabalhar. Só que, vestida daquele jeito, não teria nem a chance de tentar. O calor crescente do dia aumentava o peso e o incômodo das saias pretas e do casaco modesto, e Althea só conseguia pensar em como gostaria de estar usando uma simples calça de linho, uma camisa e um colete de algodão.

Finalmente chegou perto de Vivácia. Ergueu os olhos para a figura de proa. Qualquer outra pessoa pensaria que o navio estava cochilando ao sol, mas Althea não precisava nem tocar a figura para saber que, na verdade, os sentidos e os pensamentos de Vivácia estavam voltados para dentro, acompanhando o descarregamento. O trabalho prosseguia a passo acelerado, os estivadores descendo as rampas com a carga variada, parecendo formigas fugindo de um formigueiro em pleno desmoronamento. Não prestaram muita atenção nela. Para eles, Althea era só mais uma espectadora nas docas. Aproximou-se de Vivácia e colocou a mão na madeira aquecida pelo sol.

— Olá — disse em voz baixa.

— Althea.

A voz do navio-vivo era um contralto caloroso. Vivácia abriu os olhos e sorriu, então estendeu uma das mãos para ela, mas, com o navio leve daquele jeito, a figura de proa flutuava alto demais para que suas mãos se tocassem. Althea teve que se contentar com as sensações que recebia através da madeira áspera onde a palma de sua mão repousava. Seu navio-vivo já tinha uma consciência muito maior de si mesma: conseguia conversar e continuar ciente da carga sendo manuseada em seus porões. E Althea também percebeu, com um aperto no coração, que Vivácia estava concentrando boa parte de sua consciência em Wintrow. O garoto estava no paiol de amarras, enrolando e guardando cabos. O calor do pequeno compartimento era sufocante, e o cheiro pungente do navio o deixava nauseado. A angústia que ele sentia se espalhava pelo navio como uma tensão nas tábuas e rigidez nas vergas. Ali, atracado à doca, não era tão ruim, mas em mar aberto o navio precisaria ceder às pressões da água e do vento.

— Ele vai ficar bem — disse Althea, num tom consolador, apesar do ciúme pela preocupação do navio-vivo. — É uma tarefa difícil e entediante para alguém inexperiente, mas Wintrow vai sobreviver. Tente não pensar no desconforto dele.

— É pior do que isso — confidenciou o navio-vivo, em voz baixa. — Ele é

praticamente um prisioneiro aqui. Wintrow não quer ficar a bordo, quer ser sacerdote. Começamos como amigos, mas acho que estão fazendo com que ele me odeie.

— Ninguém seria capaz de odiar você — respondeu Althea, tentando dar um tom confiante às palavras. — Ele realmente quer estar em outro lugar, não adianta mentir sobre isso, mas o que ele odeia é não estar onde quer. Ele não conseguiria odiar você. — Tomando coragem, como se enfiasse a mão no fogo, Althea acrescentou: — Você pode ser a força dele, sabia? Mostre para Wintrow o quanto você gosta dele e como fica feliz com sua presença a bordo, como já fez por mim.

Por mais que tentasse, não conseguiu evitar que a voz ficasse embargada nas últimas palavras.

— Mas eu sou um navio, não sua filha — respondeu Vivácia ao pensamento de Althea, e não às palavras. — Você não está abrindo mão de uma criança pequena sem conhecimento do mundo. Sei que, em muitos aspectos, ainda sou ingênua, mas tenho muitas lembranças e informações. Só preciso organizar esse conhecimento e entender como ele se relaciona com quem sou agora. Eu conheço você, Althea. Sei que não me abandonou por vontade própria. Mas você também me conhece, e precisa compreender como dói ver Wintrow obrigado a ficar a bordo, forçado a ser meu companheiro e amigo do peito, mesmo querendo estar em outro lugar. Nós dois somos atraídos um pelo outro, mas a raiva que ele sente da situação o faz resistir à conexão. E tenho vergonha de buscá-lo tantas vezes com os pensamentos.

O navio-vivo estava sofrendo, lutando contra a necessidade de estar na companhia de Wintrow, forçando-se a permanecer num isolamento gélido e cinzento como neblina. Althea quase imaginava aquela tristeza como um lugar assustador, varrido pela chuva, frio e de um cinza interminável. Ficou apavorada. Enquanto procurava por palavras de conforto, ouviu uma voz de homem bem alta, um tom de comando acima dos gritos e sons habituais das docas.

— Você, você aí! Fique longe do navio! São ordens do capitão: você não pode subir a bordo.

Althea ergueu a cabeça e protegeu os olhos do sol. Fitou Torg como se não o tivesse reconhecido.

— Esta é uma doca pública, senhor — observou, muito calma.

— Mas o navio não é, então pode ir saindo!

Menos de dois meses antes, Althea teria explodido, mas o tempo que passara isolada com Vivácia e os acontecimentos dos últimos três dias tinham deixado

sua marca. Não que tivesse ficado menos temperamental, observou, como se visse a situação de fora. O caso era que sua raiva tinha se tornado imensamente paciente. De que adiantava perder tempo discutindo com um segundo imediato mesquinho? Torg era pouco mais que um cachorrinho ladrando, enquanto ela era uma tigresa. Não havia por que desperdiçar farpas com uma criatura daquelas: esperaria o momento certo para quebrar sua espinha de um golpe só. Aquele homem tinha selado o próprio destino ao maltratar Wintrow, e a grosseria daquele momento também não seria esquecida.

Com uma onda de tontura, Althea percebeu que, com a mão encostada na madeira, pensava em comunhão com Vivácia — que também pensava com ela. Afastou-se do navio-vivo tarde demais, sentindo como se tirasse a mão de uma poça funda de melaço gelado.

— Não, Vivácia — murmurou. — Não deixe minha raiva se tornar sua. Eu cuido da vingança, não se suje com isso. Você é grande demais, bela demais, isso não é digno de você.

— Então ele não é digno do meu convés — retorquiu Vivácia, numa voz baixa e amargurada. — Por que tenho que tolerar essas pragas enquanto você fica aqui em terra firme? Não venha me dizer que os Vestrit tratam a família desse jeito.

— Não, não tratam — respondeu Althea, mais do que depressa.

— Eu mandei você ir embora! — gritou Torg, outra vez, do convés acima. Ela ergueu a cabeça e o viu debruçado sobre a amurada, brandindo o punho. — Vá logo embora, ou vou descer e tirar você daqui na marra!

— Na verdade, não há nada que ele possa fazer — comentou Althea, tranquilizando o navio-vivo.

Naquele instante, ouviu um grito abafado, seguido de um baque surdo de dentro do porão de Vivácia. Alguém praguejou no convés, e Torg começou a gritar. Então um jovem marinheiro gritou:

— O moitão soltou da viga, senhor! Eu tinha certeza que estava bem preso quando começamos.

A cabeça de Torg desapareceu atrás da amurada, e Althea o ouviu atravessar o convés correndo. O descarregamento da carga de Vivácia foi interrompido enquanto metade da tripulação encarava, abismada, o palete e as caixas destroçados e as nozes-de-comfer espalhadas.

— Isso deve mantê-lo ocupado por um tempo — comentou Vivácia, baixinho.

— Preciso mesmo ir — decidiu Althea. Se ficasse, teria de perguntar se a queda do moitão fora obra do navio-vivo. Não queria saber a resposta. — Cuide-

se. E cuide de Wintrow.

— Althea! Você vai voltar?

— Claro que vou. Só preciso cuidar de algumas coisas. Mas vou voltar antes de você zarpar.

— Não consigo me imaginar navegando sem você — comentou Vivácia, desolada.

A figura de proa ergueu os olhos para o horizonte distante, como se já estivesse muito longe de Vilamonte. Uma brisa agitou suas pesadas madeixas.

— Vai ser difícil ficar aqui nas docas vendo você desaparecer no horizonte. Pelo menos você vai ter Wintrow a bordo.

— E ele odeia estar aqui. — A embarcação de repente voltou a soar muito jovem. E muito angustiada.

— Vivácia, você sabe que não posso ficar. Mas vou voltar. Estou trabalhando para poder ficar com você. Vai levar um tempo, mas vou conseguir. Até lá, você precisa se comportar.

— Se tem que ser assim... — respondeu Vivácia, com um suspiro.

— Ótimo. Vou voltar para ver você em pouco tempo.

Althea se virou e foi embora depressa. Quase sufocara com a mentira, e não tinha certeza se o navio-vivo tinha acreditado. Torcia para que tivesse, mas pelo que conhecia de Vivácia sabia que ela não era fácil de enganar. O navio-vivo devia saber quanto Althea invejava o lugar de Wintrow a bordo, devia sentir sua raiva com aquela situação. Mas, mesmo com tudo o que sabia, torcia para estar errada, para que Vivácia não tivesse influenciado na queda do moitão. E pediu fervorosamente a Sá que o navio-vivo não tentasse consertar as coisas por conta própria.

Quando se virou para ir embora, pensou em como Vivácia era ao mesmo tempo igual e diferente do que ela esperava. Sempre sonhara com um navio com todas as boas qualidades de uma mulher orgulhosa e bela, mas nunca tinha considerado que Vivácia também herdara a experiência de seu pai, de seu avô e de sua bisavó, isso sem falar no que ela própria tinha acrescentado. Talvez a embarcação fosse tão cabeça-dura como qualquer Vestrit, além de inclemente e determinada a resolver as coisas do próprio jeito. *Eu poderia dar alguma orientação se estivesse a bordo, assim como meu pai me ajudou em meus momentos mais obstinados... Wintrow não deve fazer a menor ideia de como lidar com Vivácia.* Um pensamento sombrio se infiltrou em sua mente. *Se ela acabar matando Kyle, a culpa vai ser toda dele mesmo.*

Ficou arrepiada só de pensar na possibilidade. Abaixou-se depressa e bateu com os nós dos dedos na madeira do cais, evitando influenciar o destino para que Vivácia cometesse um ato tão horrível. Quando se levantou, sentiu que era observada. Ergueu os olhos e deu de cara com Âmbar. A mulher dourada usava um manto longo e simples cor de bolota de carvalho madura e tinha o cabelo preso às costas, numa trança reluzente. O tecido do manto formava em dobras e pregas dos ombros até a barra, ocultando cada traço de seu corpo. As mãos estavam cobertas por luvas, escondendo as cicatrizes e os calos comuns aos artesãos sob o disfarce de mãos de dama. A mulher estava imóvel em meio à agitação da doca, tão alheia a tudo que era como se estivesse separada dos arredores, dentro de uma bolha de vidro. Seus olhos encontraram os de Althea, que sentiu a boca seca. Aquela mulher era meio sobrenatural. As pessoas passavam em volta dela, sempre ocupadas, mas o lugar que ela ocupava era pura imobilidade e concentração. Usava um colar simples de contas de madeira que reluziam em todos os tons possíveis de marrom. Dava para ver as contas mesmo de longe, elas atraíam o olhar. Duvidava que qualquer pessoa pudesse olhar aquelas contas e não desejá-las.

Althea ergueu os olhos para o rosto de Âmbar, e seus olhares se cruzaram outra vez. A mulher não sorriu, apenas virou a cabeça de leve, primeiro para um lado, depois para o outro, como se a convidasse a admirar seu perfil. Foi quando Althea notou os brincos: havia vários brincos de madeira, mas sua atenção foi capturada pela serpente retorcida brilhante na orelha esquerda e pelo dragão cintilante na orelha direita — eram do tamanho de um polegar, esculpidos com tamanha habilidade que quase parecia que iam começar a se mexer, como se estivessem vivos. Althea se deu conta de que estava encarando os brincos já fazia algum tempo, e, relutante, voltou o olhar para a mulher. Âmbar abriu um sorriso indagador. Como Althea não se alterou, o sorriso se transformou numa expressão de desdém, que não mudou quando Âmbar encostou os dedos finos na barriga lisa. Althea sentiu um medo glacial invadir seu corpo, como se aqueles dedos enluvados tivessem tocado a sua própria barriga. Olhou outra vez para o rosto de Âmbar e encontrou uma expressão firme e resoluta. A mulher a encarava como um arqueiro mirando um alvo. Em meio à agitação geral, as duas se encaravam fixamente, alheias à multidão. Com um esforço físico, como o de se soltar de uma mão que a agarrava, Althea se virou e saiu correndo pelas docas na direção de Vilamonte.

Correu aos trancos pelo mercado de verão cheio de gente, esbarrando nas pessoas. Bateu numa mesa cheia de lenços quando se virou para olhar por cima do ombro — não viu sinal de que Âmbar estivesse vindo atrás. Continuou

avançando num passo determinado, e, quando o coração se acalmou, notou como estava suada sob o sol da tarde. Encontrar o navio-vivo e Âmbar a tinham deixado de boca seca e quase trêmula. Que idiotice. Ridículo. A mulher tinha só olhado para ela: como isso poderia ser ameaçador? Althea não tinha propensão a se perder nesses delírios, devia ser culpa do estresse dos últimos dias. E não conseguia se lembrar da última vez que fizera uma refeição decente. Pensando bem, tirando a cerveja, praticamente não se alimentava havia dois dias. Esse devia ser o problema.

Althea encontrou uma mesa nos fundos de uma pequena casa de chás e se sentou. Foi ótimo sair do sol da tarde, já estava começando a sentir o corpo mole. Quando o garçom se aproximou, pediu vinho, peixe defumado e melão. Só depois que o garoto se curvou e foi providenciar os pedidos é que Althea se perguntou se tinha dinheiro suficiente para pagar — não tinha imaginado que passaria por isso quando escolheu as roupas com tanto cuidado naquela manhã. Tinha encontrado o quarto tão imaculadamente limpo como sempre que voltava depois de uma viagem no mar. Encontrara algumas moedas e notas no canto de uma gaveta e guardara o dinheiro mais por força do hábito do que por qualquer outro motivo. Mesmo que houvesse o suficiente para pagar por aquela refeição simples, decerto não bastaria para pagar por um quarto de estalagem. A menos que quisesse rastejar para casa com o rabo entre as pernas, era melhor pensar no que planejava fazer para garantir o próprio futuro.

A comida chegou enquanto ainda ponderava essas questões. Decidiu se arriscar e pediu um pouco de cera, então pressionou o anel de sinete num bastão de contas — devia ser a última vez que poderia enviar a conta para a casa do pai sem repercussões. Se tivesse pensado nisso, teria deixado Keffria pagar por uma refeição mais refinada, mas o melão estava crocante e doce, e o peixe parecia bem defumado. Além disso, o vinho era... bem, bebível. Já experimentara coisa pior, e com certeza experimentaria outras. Só precisava perseverar, a situação ia melhorar com o tempo. Tinha que melhorar.

Quando estava terminando o vinho, lembrou que o pai continuava morto — e que assim ficaria pelo restante da vida dela. Aquela parte não ia melhorar nunca. Quase tinha se acostumado com o luto, mas aquela nova sensação de perda profunda deixou suas pernas moles. Era um modo novo e doloroso de pensar no que tinha acontecido. Não importava por quanto tempo suportasse aquela situação, Ephron Vestrit não voltaria para casa e resolveria tudo. Ninguém tentaria consertar as coisas, e ela só podia contar consigo mesma. Duvidava que Keffria fosse capaz de administrar os bens da família — a irmã e a mãe até podiam ter cuidado bem de tudo, mas agora também haveria a mão de Kyle nas

questões financeiras. Já se excluindo da família, Althea se perguntou quão sérias as coisas poderiam ficar para os Vestrit.

Eles podiam perder tudo.

Até Vivácia.

Isso nunca tinha acontecido em Vilamonte. A família Devouchet chegara bem perto — tinham se afundado tanto em dívidas que o Conselho dos Mercadores concordou que seus principais credores, os Mercadores Conry e Risch, poderiam tomar posse do navio-vivo dos Devouchet, e o filho mais velho ficaria a bordo do navio como trabalhador servil até as dívidas serem pagas. Mas, antes que o acordo pudesse ser finalizado, esse mesmo filho atracara o navio em Vilamonte com uma carga rica o bastante para satisfazer os credores. A cidade inteira comemorara, e, por algum tempo, o rapaz era visto como uma espécie de herói local. Althea não via Kyle fazendo o mesmo. Não, era mais provável que ele entregasse o navio e o filho aos credores e ainda dissesse que era culpa de Wintrow.

Com um suspiro, ela se obrigou a repensar o que mais temia: o que estaria acontecendo com Vivácia? A embarcação tinha acabado de despertar, e, de acordo com os conhecimentos sobre navios-vivos, sua personalidade se desenvolveria no decorrer das próximas semanas. Era consenso ser impossível prever o temperamento de um navio-vivo: a embarcação tinha a mesma probabilidade de acabar como os proprietários ou de ser extremamente diferente. Althea tinha notado uma certa impetuosidade em Vivácia. Ela se perguntava se isso ficaria mais evidente nas semanas seguintes ou se o navio-vivo manifestaria o senso de justiça e retidão de Ephron Vestrit.

Pensou em Kendry, um navio notoriamente teimoso. Não tolerava cargas vivas no porão e odiava gelo — navegava para o sul até Jamaillia de boa vontade, mas muitos marinheiros já tinham declarado que trabalhar nos conveses dele durante uma viagem ao norte dos Seis Ducados ou além era como navegar num navio de chumbo. Só que bastava uma carga perfumada e uma rota para o sul, que Kendry singrava os mares por conta própria, veloz como o vento. Um navio de vontade forte não parecia tão terrível assim.

A não ser que enlouquecesse.

Althea espetou o último pedaço de peixe no prato. Apesar do calor do verão, sentia-se gelada por dentro. Não, Vivácia não acabaria como Estalão. Não podia: fora despertada da forma apropriada, com cerimônia e aceitação, depois de receber as existências de três navegadores. Todos sabiam que a ruína de Estalão tinha sido causada pela ganância dos proprietários — ao provocarem mortes,

criaram um navio-vivo insano que destruiu a linhagem.

O *Estalão* só tivera uma existência anterior quando Uto Ludventura assumiu o comando. Dizia-se que o pai de Uto, Palwick, era ótimo Mercador e grande capitão. Sobre Uto, o melhor que se podia dizer era que ele era astuto e ardiloso, além de disposto a se arriscar. Ansioso para pagar o custo do navio-vivo ainda enquanto capitão, ele navegava com os porões sempre sobrecarregados. Poucos marinheiros tinham vontade de trabalhar com ele mais de uma vez, já que Uto se comportava como um verdadeiro tirano — e isso não era opinião só dos subordinados: seu próprio filho, o grumete Kerr, pensava assim. Diziam que mesmo antes de despertar o navio era difícil de controlar, embora a maioria culpasse o excesso de lona e a escassez de bordo livre, culpa da avareza do capitão.

Aconteceu o inevitável. Num dia de inverno durante a estação de tempestades, foi declarado que a chegada de *Estalão* ao porto estava atrasada. Setre Ludventura não saía das docas, pedindo notícias de cada navio que chegava, mas ninguém tinha visto o navio-vivo ou ouvido notícias do marido e do filho de Setre.

O *Estalão* voltou seis meses mais tarde. Foi encontrado flutuando na entrada do porto, com a quilha virada para cima. A princípio, ninguém conseguiu identificar o navio naufragado, só sabiam que era um navio-vivo graças à madeira prateada. Voluntários em pequenos barcos rebocaram o navio até a praia e o ancoraram lá até a maré baixar e revelar o desastre. Quando as águas recuaram, lá estava o *Estalão*, com os mastros arrancados por alguma tempestade violenta. Mas o detalhe mais cruel estava exposto no convés: os resquícios do último carregamento do navio, presos de forma que nenhuma onda ou tempestade poderia soltá-los. E, emaranhados na mesma rede, jaziam os restos mortais comidos por peixes de Uto Ludventura e seu filho, Kerr. O *Estalão* os trouxera para casa.

O mais horrível, talvez, era o fato de que o navio tinha despertado: as mortes de Uto e Kerr tinham completado a contagem de três vidas que haviam chegado ao fim sobre seu convés. Quando a água recuou e descobriu a figura de proa, o semblante barbado do guerreiro feroz entalhado gritou, com voz de menino:

— Mãe! Mãe, eu voltei!

Setre Ludventura tinha desmaiado com um grito. Foi carregada para casa e passou o resto da vida sem ir até o molhe no porto onde Estalão foi atracado, depois que o endireitaram. O navio-vivo, desolado e assustado, ficou inconsolável, chorando e chamando por dias. No início, as pessoas se

solidarizaram e tentaram consolá-lo. Atracaram Kendry ali perto por quase uma semana, para ver se o navio mais velho conseguia tranquilizá-lo, mas Kendry ficou agitado e difícil e, por fim, teve que ser deslocado. E Estalão continuou chorando. Havia algo de infinitamente terrível naquele guerreiro barbado e intimidador, de braços musculosos e peito cabeludo, soluçando feito uma criança amedrontada e chamando pela mãe. A solidariedade do povo se transformou em medo, até que passou a ser uma espécie de raiva. Foi então que Estalão ganhou um novo nome: Execrado, o proscrito. Nenhuma tripulação queria amarrar o navio ao lado dele — dava azar, diziam os marinheiros, assentindo e deixando-o sozinho. As cordas que o prendiam às docas começaram a apodrecer e amolecer, repletas de cracas. E Estalão acabou se calando, exceto por acessos imprevisíveis de xingamentos e lágrimas.

Quando Setre Ludventura morreu, ainda jovem, a posse de Estalão passou para os credores da família, que o consideravam uma pedra no sapato: um navio que não podia ser navegado e ocupava um lugar caro no porto. Com o tempo, parte da posse da embarcação foi oferecida a contragosto a vários primos, caso conseguissem persuadir o navio a navegar. Dois irmãos, Cabo e Carriço, se dispuseram a reivindicar o navio. A competição foi acirrada, mas Cabo, que era o mais velho por questão de minutos, ganhou o caso e prometeu recuperar o navio-vivo da família.

Cabo passou meses conversando com Estalão, até enfim parecer formar algum tipo de elo com o navio-vivo. Para os outros, ele dizia que o navio era como uma criança assustada que reagia melhor a adulações. Os credores que controlavam o navio-vivo estenderam crédito a Cabo, resmungando algo sobre estarem jogando dinheiro fora, mas sem conseguir resistir à esperança de recuperar as perdas. Cabo contratou uma tripulação e trabalhadores — teve que pagar salários exorbitantes só para convencer os marinheiros a se aproximarem do navio nefasto. Levou quase um ano para consertar Estalão e contratar uma tripulação inteira.

A empreitada foi bastante elogiada quando viram que o navio estava consertado. Nos dias anteriores à partida, Estalão ficara conhecido como um navio tímido, porém cortês, dado a falar pouco, mas disposto a dar alguns sorrisos de derreter o coração. Partiram de Vilamonte num dia claro de primavera. Nunca mais se teve notícias de Cabo e da tripulação.

Quando Estalão foi avistado outra vez, não passava de um monte de cordames destruídos e pendurados e lonas esfarrapadas. Os relatos sobre seu estado chegaram a Vilamonte meses antes do próprio navio-vivo. Estalão flutuava num nível baixo, com os conveses quase inundados, e não se via nenhum humano a

bordo para responder às saudações de outros navios. Só a figura de proa, de olhos negros e semblante rígido, retribuía o olhar de quem se arriscava a chegar perto o bastante para conferir — e realmente ninguém estava trabalhando naqueles conveses. Estalão retornou a Vilamonte, encostando-se no mesmo molhe onde ficara atracado por tantos anos. Segundo relatos, as primeiras e únicas palavras que disse foram: “Digam à minha mãe que voltei para casa.” Se era verdade ou lenda, Althea nunca saberia.

Quando Carriço teve coragem suficiente para atracar o navio e subir a bordo, não encontrou sinal do irmão ou de qualquer marinheiro, vivo ou morto. O último registro no diário de bordo falava de tempo bom e das perspectivas de lucro considerável com a carga. Nada indicava uma razão para a tripulação ter abandonado o navio. No porão havia uma carga encharcada de sedas e conhaque. Os credores reivindicaram o que podia ser salvo e deixaram o navio agourento para Carriço. A cidade inteira achou que o homem estava louco quando ele teve a ousadia de tomar posse do navio-vivo e hipotecar a casa e as terras para consertá-lo.

Carriço fez dezessete viagens bem-sucedidas com Estalão. Quando perguntavam como ele conseguia, respondia que simplesmente ignorava a figura de proa e navegava como se o navio fosse de madeira comum. Durante aqueles anos, a figura de proa do Estalão permaneceu em silêncio, lançando olhares sinistros a qualquer um que se voltasse em sua direção. Os braços musculosos ficavam cruzados sobre o peito musculoso, e ele mantinha o maxilar tão cerrado quanto na época em que era apenas de madeira inerte. O navio nunca revelou a ninguém que fim levara Cabo e sua tripulação. O pai de Althea contava que Estalão quase foi aceito de volta no porto, alguns diziam que Carriço revertera o azar do navio. O próprio Carriço se gabava do domínio que tinha sobre o navio-vivo e, sem medo, levou o filho mais velho para o mar. Tinha quitado a hipoteca da casa e das terras e a esposa e os filhos levavam uma vida confortável. Alguns dos antigos credores do navio começavam a resmungar que tinham sido precipitados em devolver a escritura do navio agourento.

Mas Carriço nunca voltou daquela décima oitava viagem. Tinha sido um ano de tempestades intensas, e alguns diziam que o destino do capitão não tinha sido muito diferente do de muitos marinheiros da época, que cordames cobertos de gelo podiam naufragar qualquer navio, vivo ou não. A viúva de Carriço passou a caminhar pelas docas, encarando o horizonte com olhos vazios. Mais vinte anos se passaram, e ela se casou outra vez e teve mais filhos.

Até que Estalão voltou.

Mais uma vez, o navio-vivo apareceu com o casco virado para cima, desafiando vento, maré e correnteza, rumando à deriva para casa. Dessa vez, quando avistaram a madeira prateada da quilha, souberam na hora de quem se tratava. Ninguém se voluntariou para o reboque, ninguém estava interessado em endireitar o navio e descobrir o que tinha acontecido com a tripulação. Achavam que até mencionar o nome do navio atraía o azar.

Quando o mastro encalhou no lodo oleoso do porto e o casco se tornou uma possível ameaça a cada navio que chegava e partia, o capitão do porto ordenou que tomassem uma providência. Com pragas e suor, os homens soltaram Estalão e, na maré mais alta que tiveram, arrastaram o casco o máximo que conseguiram até a areia. Quando a maré recuou, o navio-vivo encalhou de vez — e todos puderam ver que não tinha sido apenas a tripulação que sofrera um destino cruel: a própria figura de proa estava mutilada por golpes de machadinha entre a testa e o nariz. Do olhar sombrio e taciturno do navio-vivo restava apenas madeira partida. Tinha uma estrela de sete pontas gravada no peito, evidente como uma cicatriz de queimadura. E o mais terrível era como ele praguejava mais intensamente, as mãos estendidas ameaçando fazer em pedaços qualquer um que estivesse ao alcance.

Os poucos corajosos o bastante para subir a bordo contaram que não restava quase nada do navio. Nenhum sinal da tripulação — nenhum sapato, nenhuma faca, nada. Até os diários de bordo tinham desaparecido, e, privado de todas as memórias, o navio-vivo murmurava, ria e praguejava sozinho. Não restava nenhum resquício de sanidade em suas palavras, e qualquer vestígio de sensatez escapava como areia de uma ampulheta quebrada.

Estalão era assim desde que Althea se entendia por gente. O Execrado — ou o Caso Perdido, como às vezes era chamado — até chegava a boiar, nas marés excepcionalmente altas, mas o capitão do porto tinha ordenado que o navio-vivo fosse bem ancorado nas falésias da praia. Não queria que o casco se soltasse e fosse levado para o mar, onde poderia se tornar um perigo para outros navios. Oficialmente, o Execrado era propriedade de Amis Ludventura, mas Althea duvidava que a mulher alguma vez tivesse visitado o navio-vivo encalhado. Assim como qualquer outro parente louco, Estalão era mantido na obscuridade e só se falava nele aos sussurros — isso quando falavam nele. Pensou em Vivácia sofrendo o mesmo destino e estremeceu.

— Mais vinho? — perguntou o garçom, enfático.

Althea balançou a cabeça e reparou que já se demorara demais ali. Remoer as tragédias dos outros não ia melhorar sua vida: precisava agir. O primeiro a fazer

era contar à mãe como a embarcação parecia preocupada e dar um jeito de convencê-la de que precisava voltar a bordo e navegar com Vivácia. Então reconsiderou: cortaria a própria garganta antes de fazer qualquer coisa que pudesse sequer parecer com o ato de uma criança chorona.

Saiu da casa de chá e vagou sem rumo pelas ruas do mercado movimentado. Quanto mais tentava se concentrar nos problemas, mais parecia incapaz de decidir que ponto abordar primeiro. Precisava de um lugar para dormir, de comida, de uma perspectiva de emprego... Seu amado navio-vivo estava em mãos insensíveis, e não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Tentou pensar nos aliados com quem poderia contar, mas não se lembrou de nenhum. Fora erro seu não cultivar a amizade dos filhos e filhas de outros Mercadores. Não tinha nenhum admirador a quem recorrer, nenhuma melhor amiga para abrigá-la por uns dias. A bordo de Vivácia, tivera a companhia do pai para conversas sérias e dos marinheiros para brincadeiras. Em Vilamonte, sempre passava o tempo em casa, deleitando-se com o luxo de uma cama de verdade e comida quente e fresca ou acompanhando o pai em visitas de negócios. Conhecia Curtil, o conselheiro jurídico de Ephron, vários cambistas e alguns comerciantes para quem tinham vendido ao longo dos anos. Ninguém a quem pudesse recorrer.

Tampouco podia voltar para casa sem parecer estar rastejando, e não havia como prever o que Kyle tentaria fazer se ela aparecesse à porta, mesmo que para buscar suas coisas. Era bem possível que tentasse trancá-la no quarto como uma criança malcriada. Só que Althea era responsável por Vivácia, mesmo que tivessem declarado que o navio-vivo não lhe pertencia mais.

Só se tranquilizou quando chamou uma mensageira. Por um centavo, conseguiu uma folha de papel grosso, um lápis de carvão e a promessa de que o bilhete seria entregue antes do pôr do sol. Escreveu uma mensagem apressada para a mãe, mas não encontrou muito o que dizer além de que estava preocupada com o navio-vivo, que Vivácia parecia infeliz e agitada. Não pediu nada, só queria que a mãe visitasse o navio pessoalmente e encorajasse Vivácia a ser franca e revelar o motivo daquela infelicidade. Ciente de que pareceria dramática demais, fez questão de mencionar o triste destino de Estalão, dizendo que torcia para que não acontecesse o mesmo com o navio-vivo da família. Releu a mensagem e franziu a testa, achando que estava melodramática demais. Dizendo a si mesma que aquilo era o melhor que podia fazer e que a mãe era o tipo de pessoa que iria pelo menos conferir o navio por conta própria, selou a carta com um pedaço de cera, pressionando o anel de sinete sem muita precisão, e despachou a mensageira.

Feito isso, ergueu a cabeça e olhou ao redor. Tinha ido parar na Rua dos Ermos Chuvosos. Ela e o pai sempre consideraram aquela uma de suas partes favoritas da cidade. Depois que acabavam de negociar a carga, quase sempre encontravam uma desculpa para passear pela rua de braços dados, se divertindo em conversar sobre as mercadorias exóticas. Na última vez que caminharam juntos por ali, passaram quase a tarde inteira numa loja de cristais. O comerciante tinha um novo tipo de sinos de vento: a mais leve agitação no ar os fazia tocar. Mas não era um som qualquer: os sinos soltavam uma melodia indefinível e interminável, delicada demais para ser cantarolada por uma língua mortal e estranhamente incapaz de sair da cabeça. O pai tinha comprado um saquinho de pano cheio de violetas e pétalas de rosa doces para ela, além de um par de brincos em formato de espadins-azuis. Althea o ajudara a escolher algumas joias perfumadas para o aniversário da mãe e fora com ele até o prateiro, para que o homem as engastasse em anéis. Tinha sido um dia de extravagâncias, entrando e saindo das estranhas lojinhas que vendiam as mercadorias dos habitantes do Rio da Chuva.

Diziam que magia fluía pelo rio, e as mercadorias que vinham de lá tinham mesmo uma aura maravilhosamente mágica. Não importava os rumores sinistros a respeito dos colonizadores que tinham decidido permanecer no primeiro assentamento, no Rio da Chuva, os produtos eram sempre deslumbrantes. As mercadorias da família Verga tinham cheiro de antiguidade: tapeçarias ricamente tecidas que retratavam pessoas não totalmente humanas com olhos cor de lavanda ou topázio; joias de um metal desconhecido forjado nos mais assombrosos formatos; adoráveis vasos de cerâmica aromática. Os Soffron vendiam pérolas de tons escuros de laranja, ametista e azul, além de vasilhas de vidro que nunca esquentava e que podiam ser usadas para resfriar vinho, frutas ou creme doce. De outras famílias vinha o kwazi, uma fruta cuja casca produzia um óleo capaz de anestesiar até um ferimento grave e cuja polpa causava um efeito inebriante que durava dias. O que mais atraía Althea eram as lojas de brinquedos, onde encontrava bonecas cujos olhos aquosos e peles macias e quentes imitavam um bebê real; brinquedos mecânicos montados de maneira a funcionar por horas depois de dar corda; travesseiros forrados com ervas que garantiam sonhos maravilhosos; e pedras lindamente esculpidas que brilhavam com uma luz fria e mantinham os pesadelos afastados. Os preços eram altos até mesmo para Vilamonte, e ficavam ainda mais elevados quando enviados para outros portos. Mas não era pelo preço que Ephron Vestrit se recusava a comprar aqueles brinquedos, mesmo para a mimada Malta. Quando Althea insistira em saber o motivo, o pai simplesmente balançara a cabeça.

“Não se pode tocar em magia sem que ela deixe uma mancha em você”, explicara o pai, num tom sombrio. “Nossos antepassados acharam o preço alto demais e partiram dos Ermos Chuvosos para se estabelecer em Vilamonte. E nós não negociamos produtos de lá.” Quando Althea o pressionara para saber o que ele queria dizer com aquilo, o pai balançara a cabeça e dissera que discutiriam o assunto quando ela fosse mais velha. Mas ele mesmo assim comprara as joias perfumadas que a mãe tanto queria.

Quando ela fosse mais velha...

Bem, não importava quanto Althea envelhecesse: jamais discutiriam aquilo. A amargura do pensamento a tirou das lembranças agradáveis e a trouxe de volta para aquele fim de tarde. Saiu da Rua dos Ermos Chuvosos — não sem antes lançar um olhar apreensivo para a loja de Âmbar, na esquina. Quase esperava avistar a mulher na vitrine, olhando para ela. Mas viu apenas as mercadorias dispostas com esmero sobre um tecido de fios de ouro. A porta da loja estava aberta de maneira convidativa, e pessoas entravam e saíam. Então os negócios iam bem. Althea se perguntou a que família do Rio da Chuva a mulher estava associada e como conseguira isso. Ao contrário da maioria das outras lojas, a placa daquela não tinha a insígnia de uma família Mercadora.

Num beco silencioso, Althea desamarrou os bolsos e contou o dinheiro. Era o esperado: conseguiria pagar por um quarto e uma refeição aquela noite, ou poderia comer gastando pouco por vários dias. Mais uma vez, cogitou voltar para casa, mas ainda não se sentia capaz dessa humilhação — pelo menos não enquanto Kyle pudesse estar lá. Dali a algum tempo, quando ele tivesse zarpado, caso Althea ainda não tivesse encontrado trabalho e um lugar para ficar, talvez se sentisse compelida a ir para casa e, no mínimo, buscar as roupas e joias que tinha deixado para trás. Pelo menos podia reivindicar essas coisas sem perder o orgulho. Mas não enquanto Kyle estivesse lá, não mesmo. Enfiou as moedas e as notas na bolsa e a amarrou bem, desejando poder recuperar o dinheiro que gastara em bebida na noite anterior. Como não podia, era melhor ter cuidado com o que restava. Enfiou os bolsos para dentro da saia.

Saiu do beco e atravessou a rua, determinada. Precisava de um lugar para passar a noite, e só conseguia pensar em um. Tentou não pensar nas muitas vezes em que o pai reclamara de ela passar tempo com ele, até proibir as visitas de vez. Fazia meses desde a última vez que tinham conversado, mas, quando era criança, antes de navegar com o pai, ela passava muitas tardes de verão na companhia dele. As outras crianças da cidade o achavam assustador e repulsivo, mas Althea perdera o medo em pouco tempo. A verdade é que sentia muita pena do amigo. Sim, ele dava medo — mas o que dava mais medo era o que outras pessoas

tinham feito ao pobre coitado. Depois que Althea compreendeu isso, os dois começaram a ficar amigos.

O sol da tarde ia dando lugar a um longo entardecer de verão. Althea deixou Vilamonte para trás e começou a descer o caminho até a praia repleta de rochas, onde Estalão repousava na areia.



12

DE ABANDONO E NAVIOS DE ESCRAVOS

Estava debaixo d’água. Não que tivesse mergulhado, também não fora engolido por uma onda: estava de cabeça para baixo na água, o cabelo ondulando ao sabor da maré, os pulmões puxando apenas água salgada. *Estou morto e afogado*, pensou. *Morto e afogado, como da outra vez.* Só via diante de si aquele mundo de peixes, a água iluminada por uma luz esverdeada. Abriu os braços, envolvendo aquele mundo, e os deixou soltos, balançando ao sabor das ondas. Esperando a morte chegar.

Mas, como sempre, era só enganação. Queria parar, deixar de existir, mas o desejo nunca era concedido. Não havia paz nem ali, debaixo d’água, sem os pés batendo e as ordens sendo gritadas nos conveses, com os porões cheios de água do mar e silêncio. Havia tédio, ah, sim, mas nada de paz. Os cardumes de peixes prateados o evitavam — vinham nadando em sua direção como falanges de aves marinhas só para se desviar no último momento, mantendo a formação, como se sentissem a madeira-arcana profana de seus ossos. O navio se movia sozinho por um mundo de sons abafados e cores obscurecidas.

Então vieram as serpentes.

Tudo indicava que eram atraídas por ele, com um misto de repulsa e fascinação. Elas o provocavam, abrindo e fechando as mandíbulas cheias de dentes, chegando perto demais de seu rosto e seus braços. Tentou afastá-las, sacudindo os braços com toda a força, mas as serpentes se aglomeraram ao redor, levando os golpes obstinados como se fossem as batidas da cauda de um peixe indefeso. Falavam sobre ele umas com as outras, em barridos submersos quase compreensíveis — aquilo era o mais assustador: quase poder compreendê-las. Olhavam no fundo de seus olhos, enrolavam seu casco em abraços sinuosos, prendendo-o de um jeito apavorante e, ao mesmo tempo, que lembrava... lembrava alguma coisa que espreitava nos cantos mais distantes de sua memória, algum vestígio de familiaridade que parecia aterrador demais para trazer à tona. As serpentes o seguraram e o arrastaram cada vez mais para o fundo. A carga, mais leve que a água e ainda presa nos porões, tentava se soltar das amarras. E as criaturas não paravam de acusá-lo e de exigir alguma coisa, furiosas — como se,

com a raiva, pudessem forçá-lo a compreender o que queriam.

— Estalão?

Despertou de repente, arrancado do sonho, daquela ameaça do inferno eterno da escuridão. Tentou abrir os olhos — mesmo depois de todos aqueles anos, ainda tentava abrir os olhos e ver quem estava falando com ele. Constrangido, baixou os braços e os cruzou protetoramente sobre o peito coberto de cicatrizes, escondendo a vergonha que morava ali. Quase reconheceu a voz.

— Pois não? — perguntou, cauteloso.

— Sou eu. Althea.

— Seu pai vai ficar muito bravo se souber que você veio. Vai gritar com você.

— Isso foi há muito tempo, Estalão. Eu era só uma menina. Já vim visitá-lo algumas vezes depois disso, não se lembra?

— Acho que sim. Você não aparece muito. E seu pai gritando quando encontrou você aqui comigo é minha lembrança mais vívida. Ele me chamou de "destroço de navio amaldiçoado" e disse que eu trazia "o pior tipo de azar que alguém poderia ter".

Althea soou quase envergonhada ao falar:

— Sim, também me lembro disso.

— Mas acho que não tão bem quanto eu. Se bem que você deve ter uma variedade maior de lembranças à disposição. — Então acrescentou, petulante: — Não tem como acumular muitas lembranças estando encalhado numa praia.

— Tenho certeza de que você teve muitas aventuras, nos bons tempos.

— Pode ser. Seria bom poder me lembrar de alguma.

Ouviu a menina se aproximar. Pelo ângulo de onde vinha a voz, deduziu que Althea tinha se sentado numa pedra na praia.

— Você conversava comigo sobre coisas de que se lembrava. Me contava muitas histórias quando eu era pequena.

— A maioria devia ser mentira. Eu não lembro. Ou talvez lembrasse, naquela época, mas não lembro mais. Acho que estou cada vez mais distraído. Brashen acha que pode ser por causa do diário de bordo que desapareceu. Ele disse que parece que não lembro tanto do passado quanto antes.

— Brashen? — Havia uma nota de surpresa em sua voz.

— Outro amigo — respondeu Estalão, despreocupado.

Sentia certo prazer em chocá-la com a notícia de que tinha outro amigo. Às

vezes ficava irritado por aqueles dois esperarem que ele fosse ficar feliz com a visita, como se fossem as únicas pessoas que conhecesse. A verdade é que eles eram as únicas pessoas que conhecia, mas podiam ser menos presunçosos. Pareciam achar impossível que um navio-vivo destroçado como ele pudesse ter outros amigos.

— Ah. — Depois de um tempo, Althea acrescentou: — Eu também o conheço. Brashen serviu no navio do meu pai.

— Ah, sim. A... Vivácia. Como ela está? Já despertou?

— Sim, despertou. Faz só dois dias.

— É mesmo? Então estou surpreso por você estar aqui. Pensei que fosse preferir ficar com seu próprio navio-vivo. — Brashen já tinha contado as notícias, mas Estalão sentia um estranho prazer em forçar Althea a falar.

— E acho que eu ficaria, se pudesse — admitiu a garota, a contragosto. — Sinto tanto a falta dela. Preciso muito dela ao meu lado.

A honestidade o pegou desprevenido. Tinha se acostumado a pensar nos humanos como causadores de dores, como entes com liberdade de movimento capazes de dar fim à própria vida a qualquer momento. Era difícil compreender que Althea pudesse sentir uma dor tão intensa quanto a que sua voz sugeria. Em algum lugar nos labirintos de sua memória, um garoto com saudades de casa chorou em seu catre. Estalão deixou o devaneio de lado e se concentrou no presente.

— Me conte mais — pediu. Não que quisesse ouvir as agruras da menina, mas pelo menos era um modo de abafar as próprias tristezas.

Ficou surpreso por ela concordar. Althea falou por muito tempo, e falou de tudo: de como Kyle Porto tinha traído a confiança da família, do próprio luto incompleto pelo pai. Enquanto ela falava, Estalão sentiu o último resquício do calor da tarde desaparecer e dar lugar ao frescor da noite. Em algum momento, Althea se levantou da pedra e se recostou no casco de madeira prateada. Estalão desconfiou que a jovem tinha feito aquilo para absorver o calor do dia que ainda permanecia em seus ossos, mas a proximidade do corpo humano fez as palavras e os sentimentos dela serem compartilhados mais intensamente. Era quase como se fossem da mesma família. Será que ela sabia que o tocava em busca de compreensão, como se Estalão fosse o navio-vivo da família dela? Provavelmente não, concluiu, irritado. Era provável que ele simplesmente lembrasse Vivácia, então a menina estendera os sentimentos involuntariamente, nada mais. Não era destinado especialmente a ele.

Nada era.

Forçando-se a manter isso em mente, Estalão conseguiu se acalmar. Depois de um momento de silêncio, Althea perguntou:

— Não tenho onde passar a noite. Posso dormir a bordo?

— Deve estar uma bagunça fedorenta lá dentro — advertiu o navio. — Ah, meu casco ainda está bastante inteiro, mas não tem muito o que eu possa fazer contra as águas das tempestades, e a areia soprada pelo vento e as pulgas-do-mar entram em tudo o que é buraco.

— Por favor, Estalão. Eu não me importo. Tenho certeza que consigo encontrar algum canto seco.

— Está bem, então — concordou o navio. Escondeu o sorriso atrás da barba, ao acrescentar: — Isso se você não se importar de dividir o espaço com Brashen. Ele volta aqui todas as noites, sabia?

— Volta? — Havia uma leve preocupação na voz dela.

— Ele sempre aparece quando está em Vilamonte, parece que mora aqui. É sempre a mesma coisa: a primeira noite é porque está muito tarde e ele está bêbado e não quer pagar o preço de um quarto por poucas horas de sono, além de se sentir seguro aqui. E sempre fala sobre como vai poupar o salário e gastar só um pouco, para que um dia tenha o suficiente para se tornar alguém... — Estalão fez uma pausa, saboreando o silêncio chocado de Althea. — Ele nunca faz nada disso, é claro. Volta cambaleando todas as noites com os bolsos um pouco mais leves, até que o dinheiro acaba. E, quando não tem mais o que gastar em bebida, volta pras docas e arranja trabalho em qualquer navio que o aceite.

— Estalão, faz anos que Brashen trabalha na Vivácia — corrigiu Althea, delicadamente. — Acho que ele dormia a bordo dela, quando estava aqui.

— Bem, é verdade, imagino que sim, mas eu estava falando de antes disso. Antes disso e agora. — Sem querer, continuou expondo seus pensamentos em voz alta: — O tempo flui numa mesma correnteza e se emaranha todo, quando se é cego e sozinho.

— Imagino que sim. — Ela encostou a cabeça no casco e deu um longo suspiro. — Bem, acho que vou entrar e encontrar um lugar para me recolher, antes que a luz acabe de vez.

— Antes que a luz acabe de vez — repetiu Estalão, lentamente. — Então ainda não está totalmente escuro.

— Não. Você sabe como os crepúsculos são longos no verão. Mas aí dentro deve estar escuro como breu, então não se assuste se eu tropeçar em tudo. — Ela fez uma pausa constrangida e foi para a frente dele. Como Estalão estava

inclinado na areia, Althea conseguia alcançar sua mão. Deu tapinhas nela e a apertou. — Boa noite, Estalão. E obrigada.

— Boa noite — repetiu ele. — Ah, Brashen tem dormido na cabine do capitão.

— Certo. Obrigada.

Althea subiu meio sem jeito pelo costado do navio. Ele a ouviu sussurrar alguma coisa sobre o monte de tecidos que dificultavam a travessia do convés inclinado, até enfim conseguir descer para o porão de carga. A menina era mais ágil quando era pequena. Lembrava de um verão em que ela aparecia quase todos os dias. A casa da família ficava em algum lugar na encosta acima, e Althea tinha contado que atravessava a mata atrás da residência e descia o penhasco até a praia. Naquele verão, a garota se familiarizou muito com ele, brincava de todas as maneiras possíveis dentro e ao redor do navio, fingindo que Estalão era seu navio-vivo, e ela, a capitã. Isso até o pai ficar sabendo das atividades da filha. Ephron Vestrit a seguiu um dia e, quando a encontrou conversando com o navio amaldiçoado, repreendeu os dois e levou Althea para casa sob golpes de vara. Depois disso, a menina ficou um bom tempo sem visitá-lo. Quando aparecia, era para ficar pouco tempo, sempre ao amanhecer ou ao entardecer. Mas, naquele primeiro verão, ela o conhecera bem.

Althea ainda parecia lembrar um pouco de como era, pois seguiu pelo navio até chegar ao espaço na popa onde a tripulação pendurava as redes. Estranho como a sensação de Althea dentro dele podia despertar aquelas lembranças. Crenshaw era ruivo e estava sempre reclamando da comida. E tinha morrido bem ali: a machadinha que acabara com sua vida também deixara um talho fundo nas tábuas, o sangue manchando a madeira...

Althea se aninhou junto a um anteparo. Passaria frio aquela noite: o casco podia estar intacto, mas não mantinha a umidade longe. Estalão sentia a menina acordada, imóvel e diminuta, apertada contra suas tábuas. Devia estar de olhos abertos, encarando a escuridão.

O tempo passou. Podia ser um minuto ou a maior parte da noite, era difícil dizer. Brashen desceu até a praia. Estalão conhecia seu jeito de andar falando sozinho depois de uma noite de bebedeira. Naquela noite, a preocupação era evidente em sua voz, e Estalão imaginou que ele devia estar quase sem dinheiro. No dia seguinte, Brashen iria se recriminar pela própria estupidez e sairia para gastar as últimas moedas. Então teria que partir outra vez para o mar.

Estalão quase sentiria falta dele. Ter companhia era interessante e empolgante, mas também podia ser irritante e perturbador. Brashen e Althea o faziam lembrar

de coisas que preferia manter esquecidas.

— Estalão — cumprimentou o jovem, aproximando-se. — Permissão para embarcar.

— Concedida. Althea Vestrit está aqui.

Silêncio. Estalão quase podia sentir Brashen o encarando com olhos arregalados.

— Ela veio atrás de mim? — perguntou o homem, numa voz pastosa.

— Não. De mim. — Estalão sentiu um prazer singular em dar aquela resposta. — Foi expulsa pela família e não tinha para onde ir, então veio para cá.

— Ah. — Outra pausa. — Não me surpreende. Bem, quanto antes ela desistir e voltar para casa, melhor. Se bem que acho que ela vai levar um tempo para perceber. — Brashen deu um longo bocejo. — Ela sabe que estou vivendo a bordo?

Uma pergunta cautelosa, implorando por uma resposta negativa.

— É claro — respondeu Estalão, muito calmo. — Eu disse que você estava instalado na cabine do capitão e que ela teria de se acomodar em outro lugar.

— Ah, muito bem. Muito bem. Então, boa noite. Já estou dormindo de pé.

— Boa noite, Brashen. Durma bem.

Poucos momentos depois, Brashen estava na cabine do capitão. Depois de mais alguns minutos, Estalão sentiu Althea se esticar. A jovem tentava andar sem fazer barulho, mas não podia se esconder do navio. Quando por fim chegou à porta do tombadilho, onde Brashen tinha pendurado a rede, ela parou. E bateu bem de leve na porta revestida.

— Brash? — perguntou, cautelosa.

— O que é? — respondeu ele, sem demora.

Brashen não estava dormindo, não estava nem perto de cair no sono. Será que tinha ficado esperando? Como poderia saber que a garota iria atrás dele?

Althea respirou fundo.

— Posso falar com você?

— Tenho como impedir? — perguntou ele, mal-humorado.

Era uma resposta familiar, e Althea nem se abalou. A jovem colocou a mão na maçaneta, então tirou, sem abrir. Recostou-se na porta e falou, perto da madeira:

— Você tem um lampião ou uma vela?

— Não. Era isso o que você queria? — O tom parecia cada vez mais brusco.

— Não. Só prefiro ver a pessoa com quem estou falando.

— Por quê? Você já sabe como eu sou.

— Você é impossível quando está bêbado.

— Pelo menos comigo é só quando estou bêbado. Você é impossível o tempo todo.

— Não sei nem por que estou tentando falar com você. — Althea soava claramente irritada.

— Então somos dois — acrescentou Brashen, como que para si mesmo.

Estalão se perguntou se os dois sabiam que ele podia ouvir cada palavra e sentir cada movimento deles. Será que sabiam que tinham uma plateia invisível, ou acreditavam que estavam sozinhos? Suspeitou que pelo menos Brashen considerasse sua presença.

Althea deu um longo suspiro e apoiou a cabeça na porta, entre eles.

— Não tenho mais ninguém com quem falar. E realmente preciso... Olha, posso entrar? Odeio falar através da porta.

— Não está trancada — respondeu ele a contragosto, sem sair da rede.

Em meio à escuridão, Althea abriu a porta. Ficou um instante parada na soleira, até entrar tateando pela cabine. Caminhou ao longo da parede, tomando cuidado para não cair do convés inclinado.

— Onde você está?

— Aqui. Numa rede. É melhor se sentar, antes que caia.

Foi toda a cortesia que ele ofereceu. Althea se sentou, firmando os pés no chão inclinado e se recostando num anteparo. Então respirou fundo.

— Brashen, minha vida inteira desmoronou. Eu não sei o que fazer.

— Vá para casa — sugeriu ele, sem solidariedade. — Você sabe que é o que vai ter que fazer, no fim das contas. Quanto mais adiar, mais difícil. Então vá logo.

— É fácil dizer, mas difícil fazer. Você devia saber, já que nunca voltou.

Brashen deu uma risada curta e amarga.

— Não? Eu tentei. Mas simplesmente me expulsaram de novo. Porque eu tinha esperado demais. Bem, agora você sabe que está recebendo um conselho de quem sabe do que está falando: volte para casa enquanto ainda pode, enquanto rastejar um pouco e obedecer vai trazer um lugar para dormir e um prato de comida. Se esperar demais e deixar a vergonha criar raízes, deixar que

se acostumem a viver sem a encrenqueira da família, não vão querer você de volta, não importa quanto implore e rasteje.

Althea permaneceu em silêncio por um longo tempo.

— Isso aconteceu mesmo? — perguntou, por fim.

— Não. Estou inventando tudo — respondeu Brashen, mordaz.

— Sinto muito — disse Althea, depois de algum tempo. E prosseguiu, num tom mais resoluto: — Mas não posso voltar. Pelo menos não enquanto Kyle estiver em terra firme. E, depois que ele partir, se eu voltar, vai ser só para buscar minhas coisas.

Brashen se remexeu na rede.

— Está falando dos vestidos e bugigangas? Relíquias preciosas da infância? O seu travesseiro favorito?

— E as minhas joias. Devem valer algum dinheiro.

Brashen afundou de novo na rede.

— Por que se dar ao trabalho? Você logo vai perceber que não pode ficar arrastando aquelas coisas por aí. E por que não fingir que já foi lá e pegou as joias, vendeu todas, por mais doloroso que fosse, e o dinheiro acabou, e agora você precisa descobrir como viver a própria vida? Isso vai lhe poupar tempo, e as relíquias vão continuar com a família, se Kyle já não tiver trancado tudo em algum lugar.

O silêncio que se seguiu àquela sugestão mordaz foi mais sombrio do que a escuridão sem estrelas que Estalão encarava. Quando Althea tornou a falar, sua voz soava determinada.

— Sei que você tem razão. Eu preciso agir, não ficar esperando que alguma coisa aconteça. Preciso encontrar trabalho, e o único trabalho que conheço um pouco é o de marinheiro. E esse é o meu único caminho para subir de novo a bordo da Vivácia. Mas não vou ser contratada se aparecer nessas roupas...

Brashen bufou, desdenhoso.

— Encare os fatos, Althea: não importa a roupa, ninguém vai contratar você. Todos vão ter muito a perder. Você é mulher, é filha de Ephron Vestrit, e Kyle Porto não vai ficar nada feliz com quem decidir ter você a bordo.

— Por que ser filha de Ephron Vestrit pesaria contra mim? — A voz de Althea soava muito baixa. — Meu pai era um bom homem.

— É verdade, era mesmo. Um homem muito bom. — O tom de Brashen ficou mais suave por um momento. — Mas você precisa entender que não é fácil

deixar de ser filha de um Mercador. Ou filho. Vendo de fora, os Mercadores de Vilamonte parecem ter a aliança mais sólida do mundo. Mas eu e você viemos de dentro, e o lado de dentro age contra nós. Você é uma Vestrit. Muito bem. Algumas famílias fazem negócios com vocês e lucram, algumas famílias competem com vocês, e outras são aliadas das suas concorrentes... ninguém é exatamente inimigo. Mas, quando você for atrás de trabalho, vai ser... bem, como foi comigo. “Brashen Trell, é? Filho de Kelf Trell? Ora, garoto, por que você não trabalha para a sua família? Ah, brigaram, é? Bem, não quero a inimizade do seu pai por ter contratado você.” Não vão dizer isso na sua cara, é claro. Só vão olhar bem para você e responder com um: “Volte daqui a quatro dias.” Só que não vão estar mais lá quando você voltar. E os que não se dão bem com a sua família... Bem, eles também não vão querer seu trabalho, vão gostar de ver você na sarjeta.

A voz de Brashen foi ficando mais grave, mais baixa e lenta. Estalão reparou que ele estava falando para pegar no sono, como costumava fazer. Já devia até ter esquecido que Althea estava ali. O navio estava mais do que familiarizado com a longa ladainha de ofensas e injustiças sofridas por Brashen, e ainda mais com o modo como o homem se acusava de ser inútil e idiota.

— Então como você sobreviveu? — perguntou Althea, ressentida.

— Fui para onde meu nome não importava. O primeiro navio em que servi era calcediano. Eles não ligavam para quem eu era, desde que trabalhasse duro e recebesse pouco. O bando mais cruel e miserável com quem já naveguei. Não tinham misericórdia com um garoto. Desertei no primeiro porto em que atracamos. Parti no mesmo dia, num navio diferente e só um pouco melhor. Então a gente... — A voz de Brashen vacilou. Por um momento, Estalão achou que ele tivesse adormecido. Ouviu Althea se remexer, tentando encontrar uma posição confortável para se sentar no convés inclinado. — ... quando voltei para Vilamonte, já era um marinheiro experiente. Ah, sim. Era experiente, mas a situação na cidade era a mesma. Filho de Trell isso, filho de Trell aquilo... Eu achava que tinha me tornado alguém. Até cheguei a tentar ver meu pai e fazer as pazes, mas ele não ficou muito impressionado. Não, não ficou. Grandes bostas... então fui até cada um dos navios no porto. Cada um deles. Ninguém queria contratar o filho de Kelf Trell. Quando cheguei no convés da *Vivácia*, escondi a testa e os olhos com um lenço. Pedi um trabalho honesto para um marinheiro honesto. E seu pai disse que me daria uma chance. Disse que podia encontrar serventia para um homem honesto. Tinha alguma coisa no jeito como ele disse isso... Eu tinha certeza de que não tinha sido reconhecido e de que ele me mandaria embora se eu dissesse meu nome. Mas eu falei mesmo assim. Olhei

para ele e disse: “Eu sou Brashen Trell. Costumava ser o filho de Kelf Trell.” E ele respondeu: “Isso não vai deixar seu turno um minuto mais curto ou mais longo, marinheiro.” E sabe de uma coisa? Nunca deixou.

— Calcedianos não contratam mulheres — comentou Althea, num tom monótono.

Estalão se perguntou quanto ela tinha ouvido da história de Brashen.

— Não como marinheiras — concordou Brashen. — Eles acreditam que ter mulheres a bordo atrai serpentes. Porque as mulheres sangram, sabe. Muitos marinheiros dizem isso.

— Que idiotice! — exclamou a jovem, irritada.

— Sim, muitos marinheiros são idiotas. Olhe só para nós.

Ele riu com a própria piada, mas Althea não o acompanhou.

— Existem marinheiras em Vilamonte. Alguém vai me contratar.

— Talvez, mas não para fazer o que você quer — retrucou Brashen, seco. — Sim, existem algumas marinheiras, mas a maioria que você vê nas docas trabalha nos navios das próprias famílias, com pais e irmãos para protegê-las. Se você navegar sozinha em qualquer outro navio, é melhor escolher os companheiros de bordo. Se tiver sorte, eles vão ser possessivos o suficiente para manter os outros afastados. Se não tiver, eles vão lucrar bastante com os seus serviços antes mesmo de você chegar ao porto mais próximo. E a maioria dos imediatos e capitães vai fazer vista grossa para o que estiver acontecendo, querendo manter a ordem no navio. Isso se eles próprios não solicitarem seus serviços. — Ele fez uma pausa, então acrescentou, de mau humor: — E você já sabia de tudo isso. Não tem como ter crescido com marinheiros e não saber. Então por que está considerando essa opção?

Althea se encheu de raiva. Queria gritar que não acreditava naquilo, ou perguntar por que os homens eram tão desprezíveis. Mas acreditava, e sabia que Brashen, assim como ela, não tinha resposta. O silêncio se estendeu pela escuridão entre eles, e a raiva diminuiu.

— Então o que eu faço? — perguntou, num tom digno de pena.

Estalão não achou que ela tivesse falado com Brashen, mas ele respondeu mesmo assim:

— Dê um jeito de nascer garoto. E de preferência um que não se chame Vestrit. — Brashen se aconchegou na rede e respirou fundo. Quando soltou o ar, já estava roncando.

Em seu cantinho, Althea suspirou. Encostou a cabeça na madeira dura do

anteparo e ficou imóvel e em silêncio.

O navio de escravos era uma silhueta escura contra o céu noturno. Se a tripulação achava que corria o risco de ser perseguida, não demonstrava. A embarcação estava com muitas velas infladas, mas o olhar aguçado de Kennit não notou qualquer agitação no convés que indicasse que a tripulação estivesse tentando aumentar muito a velocidade. A noite estava perfeita: um vento doce e constante soprava sobre o mar, as ondas agindo como animais de carga.

— Vamos alcançá-lo antes do amanhecer — comentou com Sorcor, em voz baixa.

— Sim — sussurrou o imediato. Pela voz, ele estava mais empolgado com aquilo do que o capitão. Sorcor sussurrou para o timoneiro, por cima do ombro: — Mantenha o navio bem perto da costa, coladinho como se fosse a sua avó. Se o vigia deles olhar para cá, não quero que nos vejam. — Então se voltou para o grumete: — Desça. Passe as ordens de novo. Todo mundo parado e quieto. Ninguém se mexe, a não ser para obedecer a uma ordem. Nada de luz, nem mesmo uma fagulha. Vá agora, e sem fazer barulho.

— Tem duas serpentes perto da popa do navio deles — observou Kennit.

— Estão seguindo a embarcação por causa dos escravos mortos jogados no mar — explicou Sorcor, com certa raiva na voz. — E também jogam os muito doentes, que não compensa alimentar.

— E se as serpentes decidirem dar meia-volta e nos atacar durante a batalha? — perguntou Kennit.

— Não tem perigo. As serpentes aprendem depressa. Vão deixar a gente se matar, sabem que não vão precisar perder nenhuma escama para comer, depois que tudo acabar.

— E depois?

Sorcor abriu um sorriso selvagem.

— Se vencermos, elas vão ficar tão empanturradas com a tripulação inimiga que não vão conseguir nos seguir. Se perdermos... — Ele deu de ombros. — Não vai fazer diferença.

Kennit se debruçou sobre a amurada, carrancudo. Tinham avistado Aliança-Dourada, um navio-vivo muito belo e antigo e bastante carregado, quase tão comprido quanto alto. Tinham a vantagem do elemento surpresa, e Kennit mandara a tripulação desfraldar toda a lona que o cordame pudesse aguentar, mas o navio-vivo conseguira fugir, disparando como se impelida por um vento

próprio. Sorcor tinha ficado parado a seu lado, vendo Kennit primeiro incrédulo, depois furioso com o rumo dos acontecimentos. Quando Aliança-Dourada deu a volta na Ilha Redonda para pegar a correnteza favorável dos arredores e sumir de vista, Sorcor tivera a ousadia de comentar:

— Madeira morta não tem chance contra madeira-arcana. As próprias ondas abrem caminho para ela.

— Navio maldito! — retrucara Kennit, furioso.

— Deve ser mesmo, senhor — concordara Sorcor, sem se perturbar. Já devia estar farejando o ar em busca do rastro de um navio de escravos.

Ou talvez tenha sido só por sua sorte infernal que encontraram aquele navio tão depressa. Era um típico navio de escravos calcediano, com casco fundo e de grande porte, para permitir uma carga viva maior. Kennit nunca tinha visto Sorcor tão sedento numa perseguição, tão dedicado em permanecer no encalço. Até o vento parecia aprovar a empreitada, e bem antes do amanhecer chegaram perto o bastante para Sorcor mandar que baixassem os remos na água. A balista já estava posicionada, carregada de balas e correntes para destruir os cordames inimigos, os arpéus prontos para capturar a vítima incapacitada. Esses arpéus eram uma ideia de Sorcor, uma novidade que Kennit achava pouco funcional.

— O senhor vai liderar os homens? — perguntou Sorcor, quando os vigias do navio de escravos deram os primeiros alarmes.

— Ah, acho que vou deixar a honra para você — respondeu Kennit, seco. Apoiou-se preguiçosamente na amurada, deixando a perseguição e a batalha nas mãos de Sorcor.

Se o imediato ficou espantado com sua falta de entusiasmo, disfarçou bem. Sorcor saltou para um dos mastros para gritar ordens aos homens no convés. Os marujos fizeram coro ao grito de batalha e obedeceram com vontade. As velas extras pareceram correr sobre o mastro e desabrochar com o vento noturno. Tomado por uma onda de egoísmo, Kennit ficou feliz em notar que o vento favorável também afastava boa parte do fedor do navio de escravos.

Quase parecia que não era parte da tripulação, já que não compartilhava da animação dos outros enquanto o *Marietta* se aproximava do navio inimigo. Numa tentativa desesperada de deixá-los para trás, os calcedianos içavam velas, o cordame fervilhando de homens correndo como formigas desorientadas. Sorcor soltou um palavrão animado e ordenou que disparassem a balista. Kennit achou que o imediato talvez tivesse agido cedo demais, mas as duas pesadas balas ligadas por uma corrente farpada voaram bem alto, atingindo a vela e os cabos do outro navio, rasgando e puxando tudo para baixo enquanto caíam no

convés. Homens tombaram junto com as balas, gritando até baterem no convés ou desaparecerem sob as ondas. O som de seus gritos mal tinha cessado quando Sorcor disparou um segundo tiro, que não causou tanto estrago, mas deixou a tripulação inimiga ocupada demais vigiando para ver se viriam mais projéteis, tentando ajustar as velas de acordo com o ataque. A lona e os cabos caídos cobriam o convés, atrapalhando o acesso às outras velas. Uma desordem generalizada reinava nos conveses do navio calcediano quando Sorcor deu a ordem para que os arpéus fossem lançados.

Kennit ficou só assistindo à vítima indefesa ser bem amarrada. Enquanto a aurora despontava sobre as águas, Sorcor e seus piratas saltaram e se balançaram nas cordas para atravessar a pequena distância entre as duas embarcações, gritando com sede de sangue. Kennit levou o punho da manga ao nariz, abafando o fedor do navio de escravos. Permaneceu a bordo do *Marietta* com alguns membros da tripulação. Os que ficaram estavam visivelmente frustrados por terem sido privados da matança, mas alguém precisava navegar o *Marietta* e ficar a postos para repelir qualquer ataque ou cortar os arpéus, caso a situação virasse.

Kennit ficou assistindo ao massacre da tripulação calcediana — aqueles homens não esperavam um ataque de piratas, a carga que levavam não era de muito interesse. A maioria dos piratas, assim como Kennit, preferia roubar bens valiosos e não perecíveis, de preferência fáceis de transportar. Aquele navio levava apenas escravos acorrentados sob o convés, e, mesmo que os piratas estivessem dispostos a fazer a longa viagem até Calcede para vendê-los, era um transporte que exigia vigilância constante e estômago forte. Aquele tipo de gado precisava ser vigiado e alimentado, receber água potável e um mínimo de saneamento. Kennit supunha que o navio devia valer alguma coisa, mesmo com aquele fedor de revirar o estômago.

A tripulação do navio de escravos levava pouco mais que as armas usadas para manter a carga sob controle. Não parecia saber como enfrentar homens armados e saudáveis. Kennit imaginou que devia ser fácil se acostumar a espancar homens acorrentados, e eles viviam naquilo até eventualmente esquecer como lidar com qualquer outro tipo de oponente.

Mais cedo, tentara convencer Sorcor de que a tripulação e a embarcação poderiam valer algum resgate, mesmo que sem a carga. O imediato não aceitara.

— Vamos matar a tripulação e libertar a carga. Aí vendemos o navio, mas não para outros traficantes — decretara, resoluto.

Estava começando a se arrepender de ter deixado o sujeito pensar que o

considerava um igual. O imediato estava ficando exigente demais — e parecia não fazer ideia de quanto Kennit detestava esse comportamento. Estreitou os olhos, pensando em como a tripulação tinha ficado feliz demais com aquele discurso idealista de Sorcor. Duvidava que compartilhassem do objetivo nobre de combater a escravidão: era mais provável que apreciassem a ideia de matança desenfreada. Kennit balançou a cabeça em desaprovação ao ver dois de seus valorosos marinheiros erguerem um homem ainda vivo por cima da amurada e o jogarem para a boca escancarada de uma serpente à espera. O que eles queriam era aquele banho de sangue. Talvez tivesse mantido seus homens numa rédea curta demais, visando aos resgates dos prisioneiros vivos. Guardou o pensamento para examiná-lo mais tarde. Podia aprender com qualquer um, até mesmo Sorcor. Sabia que qualquer cão precisava de um pouco de liberdade para correr, não podia deixar a tripulação achar que aquele tipo de entretenimento vinha só do imediato.

Kennit logo se cansou de assistir à carnificina. A tripulação do navio de escravos não era páreo para a sua. Não tinha uma defesa organizada, era só um bando de homens tentando não morrer. E fracassaram. A massa de homens tentando se defender dos piratas tinha diminuído bem depressa, restavam apenas alguns grupos cercados pelo inimigo implacável. O fim foi previsível. Kennit deu as costas ao espetáculo. Achava um tanto monótono assistir a homens morrendo — ficava mais entediado do que enojado. Os gritos, o sangue jorrando ou escorrendo, os últimos movimentos frenéticos, as súplicas inúteis... já tinha visto tudo aquilo. Aprendia muito mais observando as serpentes.

Kennit se perguntou há quanto tempo as criaturas estavam seguindo o navio. Talvez até o considerassem um aliado, um provedor de alimentos. As duas bestas tinham recuado durante o ataque inicial do *Marietta*, aparentemente assustadas com a comoção, mas retornaram depressa quando os sons da batalha e os gritos diminuíram. Circundaram os navios atracados como cães em volta da mesa pedindo comida, competindo uma com a outra pelo melhor lugar. Kennit nunca tivera a oportunidade de observar uma serpente durante tanto tempo e tão de perto. Aquelas duas pareciam bem destemidas. A maior tinha o corpo escarlate cintilante salpicado de laranja, e, quando erguia a cabeça e o pescoço para fora da água e abria a bocarra, o rufo de barbilhos se eriçava ao redor da garganta e da cabeça como a juba de um leão. Os barbilhos carnudos e balançantes lembravam os tentáculos perigosos de uma anêmona ou de uma água-viva. Kennit não ficaria surpreso se tivessem algum veneno paralisante na ponta. Quando a serpente menor, de corpo azul-esverdeado, disputava espaço com a maior, evitava tocar no rufo da outra.

Mas a serpente menor compensava a falta de tamanho com agressividade. Ousava chegar muito mais perto do costado e, quando ergueu a cabeça na altura da amurada do navio de escravos, escancarou a bocarra, exibindo fileiras e mais fileiras de dentes pontiagudos. A criatura sibilou, expelindo uma nuvem de saliva venenosa que envolveu dois homens em plena luta. Os dois abandonaram o combate e caíram no convés, ofegantes, se sacudindo, tentando inutilmente encher os pulmões de ar. Não demorou para ficarem imóveis. A serpente, frustrada, levantava espuma na água ao lado do navio, furiosa por ver que a presa permanecera segura a bordo. Kennit supôs que fosse um animal jovem e inexperiente.

A serpente maior parecia mais sensata, contentando-se em flutuar ao lado da embarcação calcediana, esperando os homens se aproximarem da amurada com corpos nos ombros. Então abria a boca para apanhar o que jogavam, morto ou ainda se debatendo. Prendia o corpo do marinheiro na mandíbula, mas não tentava mastigar — seus dentes pareciam feitos para rasgar, e aqueles pedaços pequenos não precisavam ser desmembrados. Em vez disso, jogava a cabeça para trás e escancarava a mandíbula mais do que Kennit acreditaria ser possível. O corpo desaparecia, com botas e tudo. Dava para acompanhar seu trajeto goela abaixo da criatura conforme a garganta sinuosa se dilatava. Era um espetáculo ao mesmo tempo fascinante e pavoroso.

Sua tripulação parecia compartilhar do mesmo assombro. Quando a batalha cessou e restaram apenas corpos e prisioneiros dominados de que se livrar, os homens reuniram os petiscos das serpentes no convés de ré do navio de escravos e se revezaram na alimentação das criaturas, jogando as vítimas lá do alto. Alguns dos cativos amarrados choraram e gritaram, mas seus gritos eram abafados pelos urros de aprovação da tripulação pirata quando cada humano era arremessado no mar. Aquilo logo se tornou um jogo de lançar a vítima ou cadáver entre as duas serpentes, para assistir às grandes bestas disputarem a carne. Os homens ainda a bordo do *Marietta* pareciam infelizes por terem sido excluídos da diversão — embora continuassem a desempenhar suas tarefas, não paravam de olhar na direção dos companheiros. As serpentes foram ficando saciadas, e a agressividade entre elas foi diminuindo. Não demorou para as criaturas começarem a se revezar na alimentação.

Os primeiros escravos começaram a subir para o convés enquanto os últimos prisioneiros eram jogados no mar. Saíam pelas escotilhas, tossindo e piscando para acostumar os olhos à luz da manhã, agarrando os trapos esfarrapados sobre os corpos esqueléticos para se protegerem do vento marinho. O fedor nauseabundo foi aumentando à medida que as coberturas de escotilha eram

removidas, como se fosse algum gênio maligno confinado nos porões havia muito. A visão obscena daqueles homens deixou Kennit com ânsias de vômito — doenças sempre o deixavam horrorizado. Mandou um tripulante dizer a Sorcor que estava na hora de separar as embarcações. Queria uma boa extensão de água límpida entre ele e aquela banheira pestilenta. Viu o mensageiro correr para cumprir a ordem, mais do que feliz em ver aquilo de perto. Kennit deixou o convés de ré e desceu para a cabine do capitão, onde acendeu velas perfumadas para afastar o cheiro que vinha de fora.

Pouco depois, Sorcor bateu na sua porta.

— Entre — disse Kennit, meio irritado.

O homem corpulento entrou, de mãos vermelhas e olhos brilhando.

— Uma vitória e tanto — contou, sem fôlego. — Vencemos. O navio é nosso, senhor. E libertamos mais de trezentos e cinquenta homens, mulheres e crianças daqueles porões malditos.

— Alguma outra carga que valha a pena? — perguntou Kennit, seco, quando Sorcor parou para tomar fôlego.

O imediato abriu um sorriso enviesado.

— Parece que o capitão usava roupas de luxo, senhor. Mas era meio grandão e só gostava de cores estranhas.

— Então talvez as roupas sejam do seu agrado. — O tom gélido de Kennit fez Sorcor se empertigar. — Se sua aventura acabou, sugiro deixar uma pequena tripulação a bordo e conduzir nosso "butim" para algum porto, já que toda a nossa recompensa pela noite de trabalho é aquela banheira de madeira. Quantos homens mortos ou feridos?

— Dois mortos, senhor, e três meio machucados. — Sorcor parecia ressentido com a pergunta. Obviamente era tolo o bastante para achar que Kennit também ficaria feliz.

— Isso sem contar os que ainda vamos perder com as doenças. Só o fedor já poderia causar disenteria, sem falar no que os homens devem ter pegado apenas entrando naquela banheira.

— Mas se os homens ficarem doentes não vai ser culpa das pessoas resgatadas, senhor — observou Sorcor.

— Eu não disse que seria. Acho que a culpa é da nossa própria tolice. Pois bem, temos o navio como recompensa pelos incômodos, e talvez ele valha um bom preço. Mas só vamos saber depois de nos livrarmos da carga e de uma boa limpeza. — Ele olhou para Sorcor e abriu um sorriso cauteloso, formulando a

pergunta com cuidado: — O que você sugere fazer com os miseráveis que foram resgatados? Onde podemos deixá-los?

— Não podemos simplesmente largar essas pessoas na terra mais próxima, senhor. Isso seria assassinato. Metade está doente, os demais estão fracos, e não temos ferramentas nem provisões para deixar com eles, só uns biscoitos.

— Assassinato — repetiu Kennit, num tom afável. — Ah, o tipo de coisa que a gente não faz... Se bem que acho que vi você jogando pessoas para as serpentes, não faz muito tempo.

— Eles tiveram o que mereciam! — Sorcor estava começando a parecer irritado. — Aliás, foi melhor do que o que mereciam, porque foi uma morte rápida!

Ele bateu com o punho na palma da outra mão e lançou um olhar quase furioso ao capitão. Kennit soltou um pequeno suspiro.

— Ah, Sorcor, não duvido disso. Só não se esqueça que somos piratas, eu e você. Somos patifes assassinos que aterrorizam a Passagem Interior em busca de navios para capturar, saquear e sequestrar. Fazemos isso por dinheiro, não somos babás de escravos doentes. Metade deles provavelmente merece esse destino tanto quanto a tripulação merecia ser jogada às serpentes. E também não somos heróis salvadores dos oprimidos. Piratas, Sorcor. Somos piratas.

— Foi o nosso acordo — retorquiu Sorcor, irritado. — Para cada navio-vivo perseguido, vamos atrás de um navio de escravos. O senhor concordou.

— Concordei. Estava esperando que, depois que você lidasse com a realidade de um “triunfo” desses, acabasse vendo como é inútil. Sorcor, digamos que a gente use nossa tripulação e nossos recursos para levar aquela embarcação até Partilha. Acha que os habitantes vão nos receber com vivas porque desembarcamos trezentos e cinquenta miseráveis esfarrapados e doentes que vão infestar a cidade como mendigos, putas e ladrões? Acha que esses escravos que “resgatamos” vão agradecer quando você os abandonar à própria sorte como indigentes?

— Eles estão gratos agora, todos eles — declarou Sorcor, com teimosia. — E, senhor, na minha época, eu teria ficado muito grato se tivesse me deixado desembarcar em qualquer lugar, com ou sem um pedaço de pão, com ou sem roupa, desde que fosse um homem livre e pudesse respirar ar puro.

— Está bem, está bem. — Kennit fingiu que se resignava, soltando um suspiro exagerado. — Vamos continuar montados nessa mula até o fim, se for preciso. Escolha um porto, Sorcor, e levaremos os homens para lá. Só peço uma coisa: no caminho, quero que os que tiverem condições comecem a limpar o navio. E

quero partir o mais cedo possível, enquanto as serpentes estão saciadas. — Kennit desviou os olhos do imediato com um movimento casual. Pensou que não seria bom deixar o sujeito se deleitar com a gratidão dos prisioneiros libertados. — Preciso de você a bordo do *Marietta*, Sorcor. Coloque Rafo no comando do outro navio e escolha alguns homens para ajudá-lo.

Sorcor se empertigou.

— Sim, senhor — respondeu, hesitante.

O imediato saiu da cabine num passo arrastado. Saía um homem bem diferente do que entrara, quando estava exultante com a vitória, e fechou a porta sem alarde. Kennit ficou fitando a madeira por um tempo. Estava forçando a lealdade do imediato. O elo que os unia era feito principalmente da fidelidade de Sorcor.

Balançou a cabeça. Talvez fosse culpa sua. Tinha pegado um marinheiro simples e sem instrução com jeito para navegação e números e o promovido a imediato, mostrando como era a sensação de controlar outros homens. Para comandar era preciso pensar, mas Sorcor estava começando a pensar demais. Em breve Kennit teria de decidir o que valia mais: ter o imediato como segundo no comando ou deter o controle total do navio e dos homens. Soltou um longo suspiro. Naquela profissão, as ferramentas perdiam o fio rápido demais.



13

TRANSIÇÕES

Brashen acordou com torcicolo e os olhos sujos de remela. O sol da manhã entrava pelo vidro grosso das janelas num dos cantos da cabine, iluminando tudo com uma luz embaçada e esverdeada pelas camadas de algas secas na parte externa do vidro. Ainda assim, era luz suficiente para saber que já era dia — hora de se levantar.

Ele se balançou para fora da rede. Sentia-se culpado. Tinha feito alguma coisa. Ah, sim, tinha gastado todo o dinheiro depois de jurar que daquela vez seria diferente. Mas já estava acostumado com aquela culpa, o que sentia era outra coisa... mordia com dentes mais afiados. Ah. Althea. A garota tinha ido ali na noite passada, implorando por conselhos. Ou tinha sido só um sonho? Brashen dera conselhos amargurados, não tinha oferecido uma só palavra de esperança ou sequer uma oferta de ajuda.

Tentou afastar a preocupação. Não devia nada àquela garota. Absolutamente nada. Nem ao menos eram amigos. Estavam distantes demais, aos olhos da sociedade: Brashen não era nada mais que o antigo imediato no navio do pai dela, a filha do capitão. Não havia espaço para crescer uma amizade ali. E quanto ao velho... bem, era verdade que Ephron Vestrit tinha lhe oferecido uma oportunidade que ninguém mais estava disposto a oferecer, tinha permitido que ele provasse seu valor enquanto ninguém mais acreditava nele... Mas Ephron estava morto, e ponto final.

E, por mais amargurado que tivesse sido, o conselho ainda era um bom alerta. Se Brashen pudesse voltar no tempo, não teria brigado com o pai. Teria comparecido às aulas intermináveis, se comportado direito nos eventos sociais, evitado a bebida e a cindina, se casado com qualquer mulher que escolhessem. E, em vez de dormir naquele navio encalhado, seria o herdeiro da fortuna dos Trell, que não estaria nas mãos de seu irmão mais novo.

Pensando em como não era o herdeiro da fortuna dos Trell, lembrou que tinha gastado o restinho de dinheiro na noite anterior. Sobravam apenas umas poucas moedas, então era melhor se preocupar mais consigo mesmo e menos com Althea. A garota teria que se virar sozinha. Provavelmente voltaria para casa, já

que não havia mais o que fazer. E não tinha como ser tão horrível assim, se voltasse. Iam casá-la com um homem adequado, e ela viveria numa casa confortável, com criados e comida boa, usaria roupas feitas sob medida e compareceria aos bailes, chás e eventos sociais intermináveis — que, ao que pareciam, eram parte essencial da vida de Vilamonte, principalmente dos Velhos Mercadores. Brashen bufou baixinho. O mais sensato seria desejar um destino cruel desses. Coçou o peito e a barba e passou as mãos pelo cabelo, tirando-o do rosto. Hora de arranjar trabalho. Era melhor se limpar e ir para as docas.

— Bom dia — cumprimentou, dando a volta na proa de Estalão.

A figura de proa parecia permanentemente desconfortável, presa à frente daquele navio inclinado. Brashen ficou imaginando se a inclinação do casco dava dor nas costas da figura de proa, mas não teve coragem de perguntar. Estalão estava com os braços musculosos cruzados sobre o peito nu e virado para a água cintilante, onde outros navios iam e vinham do porto. Nem mesmo se virou para encarar Brashen.

— Boa tarde — corrigiu.

— É mesmo. Já passou da hora de eu ir para as docas. Preciso arranjar um novo emprego, sabe como é.

— Acho que ela não foi para casa — comentou Estalão. — Se tivesse ido para casa, presumo que teria usado o caminho antigo, subindo o penhasco e atravessando a mata. Mas eu a ouvi se despedindo e indo pela praia na direção da cidade.

— Está falando de Althea? — perguntou Brashen. Tentou não soar preocupado.

A figura cega assentiu.

— Ela acordou logo que amanheceu. — As palavras soavam quase como uma repreensão. — Eu tinha acabado de ouvir os pássaros matinais começarem a cantar, quando ela se levantou e saiu. Não que tenha dormido muito.

— Bem, Althea tinha muito no que pensar. Pode até ter ido para a cidade hoje de manhã, mas aposto que vai para casa ainda esta semana. Ela não tem mais para onde ir.

— No máximo viria para cá — respondeu o navio-vivo. — Então, você vai atrás de trabalho?

— Se eu quiser comer, vou ter que trabalhar — concordou Brashen. — Então vou para as docas. Estou pensando em tentar arranjar alguma coisa com os navios pesqueiros ou os barcos de abate, em vez dos mercantes. Ouvi dizer que

dá para subir de vida rápido a bordo de um baleeiro ou de um golfinheiro. E que não é difícil ser contratado.

— Principalmente porque a maioria dos marinheiros morre — observou Estalão, implacável. — Foi o que ouvi dizer. Quando tinha condições de ouvir essas fofocas, claro. Eles passam muito tempo no mar e enchem demais os navios. Contratam mais gente do que precisam porque sabem que nem todos vão sobreviver à viagem.

— Também ouvi isso — admitiu Brashen, relutante. Agachou-se e se sentou na areia, ao lado do navio encalhado. — Mas não tenho escolha, não é? Devia ter ouvido o capitão Vestrit esses anos todos. Se tivesse seguido os conselhos do velho, teria algum dinheiro guardado. — Soltou um som que não era bem uma risada. — Queria que alguém tivesse me dito que eu devia simplesmente engolir o orgulho e voltar para casa.

Estalão buscou algo no fundo da memória.

— Se desejos fossem cavalos, mendigos cavalgariam — disse, então sorriu, quase satisfeito consigo mesmo. — Eis aí um ditado que fazia tempo que eu não lembrava.

— E verdadeiro como sempre — concordou Brashen, infeliz. — Então é melhor eu ir para o porto e conseguir um emprego num daqueles barcos de abate fedorentos. Também ouvi dizer que o trabalho por lá é mais de açougueiro do que de marinheiro.

— E também é um trabalho sujo — concordou Estalão. — É verdade que, num navio mercante honesto, os homens podem acabar na água, e até podem sujar as mãos, mas vai ser de piche. Mas nos navios de abate o trabalho é com sangue, tripas e óleo. Se você cortar o dedo, vai perder a mão com alguma infecção. Isso se não morrer. E se for um daqueles barcos que também transportam carne, você vai passar metade do tempo que teria para dormir botando a carne em tonéis de sal. E se pegar um daqueles capitães mais avarentos, vai acabar vendo a tripulação dormindo junto com a carga fedorenta.

— Você é tão encorajador — comentou Brashen, desanimado. — Mas que escolha eu tenho? Nenhuma.

Estalão deu uma risada estranha.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Você tem uma escolha que eu nunca tive, a escolha que todos os homens já têm como pressuposto e não valorizam, tanto que não conseguem sequer perceber que têm.

— E qual é? — perguntou Brashen, receoso.

Tinha notado uma leve animação na voz do navio-vivo, como um menino que deixa a imaginação correr solta.

— Acabar. — Estalão pronunciou a palavra com muito desejo. — Simplesmente acabar.

— Acabar com o quê?

— Acabar com a própria existência. Você é uma criatura tão frágil, com a pele mais fina do que lona, ossos menos resistentes do que qualquer verga. Por dentro, é tão molhado quanto o mar, com seu sal. E toda essa água vermelha começa a escorrer para fora assim que a sua pele se rompe. É tão fácil para você acabar com a própria vida. Basta abrir a pele e deixar o sangue de sal escorrer, deixar as criaturas do mar levarem sua carne pedaço por pedaço, até se tornar um punhado de ossos esverdeados pelo limo, presos por fios de tendões mastigados. E não vai lhe restar nenhuma consciência, você não vai sentir nem pensará em mais nada. Estará acabado. Terá deixado de existir.

— Eu não quero acabar com a minha vida — retrucou Brashen, baixinho. — Não assim. Nenhum homem quer deixar de existir desse jeito.

— Nenhum homem? — Estalão riu de novo, um som entrecortado cada vez mais agudo. — Ah, eu conheci alguns que queriam. E conheci alguns que acabaram. E no fim era tudo igual, quisessem eles ou não.

* * *

— Parece que um deles tem uma pequena imperfeição.

— Tenho certeza de que você está enganado — retrucou Althea, com frieza. — São idênticos, de um tom bem escuro e da melhor qualidade. O engaste é de ouro. — Ela encarou o joalheiro nos olhos. — Meu pai jamais me daria um presente de baixa qualidade.

O joalheiro moveu a palma, e os dois pequenos brincos rolaram pela mão. Nas orelhas dela, pareciam sutis e sofisticados, mas na palma daquele homem eram apenas pequenos e simples.

— Dezessete — ofereceu.

— Preciso de vinte e três.

Althea tentou esconder o alívio que sentia. Antes de entrar na loja, tinha decidido que não aceitaria menos de quinze. Ainda assim, arrancaria cada moeda que pudesse daquele sujeito. Não era fácil se desfazer dos brincos, e tinha poucos outros recursos.

Ele balançou a cabeça.

— Dezenove. Aceito pagar dezenove, mas não mais do que isso.

— Eu até aceitaria dezenove — começou Althea, analisando bem o rosto do joalheiro. Quando viu que os olhos dele brilharam, acrescentou: — Se você incluísse duas argolas simples de ouro para substituí-los.

Saiu da loja depois de meia hora de negociação. Duas argolas simples de prata substituíam os brincos que o pai lhe dera no aniversário de treze anos. Tentou pensar que eram só objetos, ainda tinha a lembrança do pai dando o presente. Não precisava das joias, teriam sido só mais alguma coisa com o que se preocupar.

Era estranho pensar no tipo de coisa que em geral era dado como certo. Era fácil comprar um bom tecido de algodão, mas também precisava de agulha, linha e couro para proteger a palma da mão. E de uma tesoura para cortar o tecido. Althea também tinha decidido fazer uma pequena sacola de lona para guardar as ferramentas. Se seguisse o plano até o fim, seriam sua primeira compra para a nova vida que levaria.

Andando pelo mercado movimentado, começou a ver o lugar com outros olhos. Não era mais simplesmente uma questão do que poderia pagar e do que teria colocado na conta da família: de repente, algumas mercadorias estavam além de suas possibilidades. Não apenas os tecidos luxuosos e joias finas, mas também coisas mais simples, como um belo conjunto de pentes. Permitiu-se admirar os pentes por alguns momentos, segurando-os junto ao cabelo enquanto se olhava no espelho barato da barraca de rua e imaginava como poderia ter usado os adornos no Baile de Verão, combinando com o vestido de seda verde esvoaçante, com rendas cor de creme... por um momento, quase via o vestido, quase estava de volta àquela vida.

Então o momento passou. Althea Vestrit e o Baile de Verão pareciam uma história inventada. Ficou imaginando quanto tempo levaria para a família abrir seu baú de bordo e se por acaso adivinhariam quais presentes eram para quem. Até se perguntou se a irmã e a mãe derramariam uma ou duas lágrimas pelos presentes. Deu um sorriso enviesado e devolveu os pentes à bandeja do vendedor. Não tinha tempo para devaneios melosos. Concluiu, determinada, que não importava se jamais abrissem aquele baú. O que importava era encontrar um modo de sobreviver. Não seguiria o conselho idiota de Brashen Trell, não voltaria rastejando para casa, como uma garota mimada e indefesa. Não, isso só provaria tudo o que Kyle tinha dito a seu respeito.

Althea se empertigou e atravessou o mercado com determinação renovada.

Comprou alguns alimentos simples: ameixas, um pedaço de queijo e alguns pãezinhos, não mais do que precisaria pelo resto do dia. Duas velas baratas e um isqueiro com pederneira e aço completaram as compras.

Não havia muito mais que pudesse fazer na cidade, pelo menos por enquanto, mas relutava em partir. Andou algum tempo pelo mercado, cumprimentando quem a reconhecia e aceitando as condolências pela morte do pai. Não doía mais quando alguém mencionava o ocorrido: aquilo agora era uma parte da conversa a ser deixada de lado, um assunto constrangedor. Não queria pensar nele nem conversar com aqueles quase estranhos sobre a tristeza da perda. E queria menos ainda ser arrastada para uma conversa que pudesse mencionar seu desentendimento com a família. Ela se perguntou quantas pessoas estariam sabendo. Kyle não ia querer alardear o caso, mas os criados sempre fofocavam, e a notícia se espalharia. Queria estar longe dali antes que isso acontecesse.

De todo modo, poucas pessoas em Vilamonte a reconheciam. Aliás, tirando os agentes marítimos e os mercadores com quem seu pai fizera negócios, ela mesma não reconhecia muita gente. Sem nem perceber, tinha se afastado da sociedade de Vilamonte. Qualquer mulher de sua idade teria comparecido a pelo menos seis eventos nos últimos seis meses: bailes, festas de gala e outras festividades. Ela não ia a evento nenhum desde... ah, o Baile da Colheita. O cronograma do navio não tinha permitido. E, na época, bailes e jantares pareciam pouco importantes, o tipo de coisa que podia retomar quando quisesse. Mas não mais. Nunca mais teria vestidos feitos sob medida com sapatos combinando, nunca mais pintaria os lábios e perfumaria o pescoço. Tudo aqui tinha sido engolido pelo mar junto com o corpo do pai.

A tristeza dormente de repente acordou e deixou um nó na garganta. Althea se virou e saiu a passos largos, subindo uma rua, descendo outra. Piscava sem parar, recusando-se a deixar as lágrimas escorrerem. Quando conseguiu se controlar, diminuiu o passo e vislumbrou os arredores.

Seu olhar caiu sobre a vitrine da loja de Âmbar.

Como antes, sentiu um estranho arrepio de pressentimento. Não sabia dizer por que se sentia apreensiva com a joalheira, mas sentia mesmo assim. A mulher sequer era Mercadora, e nem ao menos era realmente joalheira. Ela entalhava madeira, pelo amor de Sá. Madeira vendida como joia. Decidiu que queria olhar as mercadorias com os próprios olhos. Com a mesma determinação com que agarraria uma urtiga, abriu a porta da loja e entrou.

Lá dentro estava mais fresco e quase escuro, depois da claridade da rua no verão. Quando os olhos se acostumaram, Althea notou a simplicidade refinada

do lugar. O assoalho era de tábuas lisas de pinho, e as prateleiras também eram de madeira simples. As mercadorias de Âmbar estavam dispostas nas prateleiras sobre pedaços quadrados de tecido escuro, e alguns dos colares mais elaborados ficavam à mostra nas paredes atrás do balcão. Também havia tigelas de cerâmica cheias de contas, de todos os tons e entretons que a madeira poderia ter.

As mercadorias não se limitavam a joias: havia tigelas e travessas simples, entalhadas com extrema delicadeza e atenção à textura; taças que podiam ter adornado a mesa de um rei; pentes de madeira perfumada. Nada era feito de pedaços presos ou colados uns nos outros: em cada objeto a madeira tinha sido esculpida por inteiro, a forma natural glorificada com o entalhamento e o polimento. Havia uma cadeira feita a partir de um imenso tronco de árvore que não se parecia com nenhum assento que Althea já tinha visto na vida — não tinha pernas, era apenas uma concavidade aberta na madeira e polida, onde uma pessoa esbelta poderia se aconchegar. Sentada no móvel, com os joelhos dobrados ao lado do corpo e os pés com sandálias aparecendo por baixo da barra do manto, estava Âmbar.

Althea ficou chocada por ter olhado diretamente para a mulher sem nem notar sua presença. Era por causa da pele, do cabelo e dos olhos, concluiu: a mulher era toda da mesma cor, até as roupas, e aquela cor era idêntica à madeira cor de mel da cadeira. Âmbar ergueu uma sobrancelha intrigada.

— Você queria me ver? — perguntou, muito calma.

— Não — respondeu Althea, com sinceridade, por reflexo. Então fez um esforço para se recompor e disse, altiva: — Só estava curiosa sobre essas joias de madeira de que tanto ouvi falar.

Âmbar assentiu.

— Já que você sabe bem o que é uma boa madeira...

Quase não havia entonação nas palavras da mulher. Uma ameaça? Sarcasmo? Uma simples observação? Althea não sabia dizer. E, de repente, era demais que aquela artesã — aquela carpinteira — ousasse falar com ela daquele jeito. Por Sá, ela era filha de um Mercador de Vilamonte, *ela* era uma Mercadora de Vilamonte por direito, e aquela mulher, aquela arrivista, não passava de uma recém-chegada que ousara reivindicar um lugar na Rua dos Ermos Chuvosos. Toda a frustração e a raiva que sentira na última semana de repente encontraram um alvo.

— Você está falando do meu navio-vivo — retorquiu. Jogara toda a raiva no tom, que questionava o direito que aquela mulher tinha de falar de seu navio.

— Já legalizaram a escravidão aqui em Vilamonte? — Mais uma vez, não

havia qualquer expressão naquele rosto tão belo. A pergunta saía como se tivesse brotado naturalmente das últimas palavras de Althea.

— É claro que não! Os calcedianos que fiquem com seus costumes desprezíveis. Vilamonte jamais os reconhecerá.

— Ah. Mas... — uma pausa muito breve — ... você não se referiu ao navio-vivo como seu? Você pode ser dona de outra criatura viva e inteligente?

— Vivácia é minha, assim como chamo minha irmã de minha. É minha família. — Althea praticamente cuspiu as palavras. Não saberia dizer por que se sentia tão brava.

— Família. Entendo.

Âmbar se levantou. Era mais alta do que Althea supunha. Não era bonita, não chegava nem a ser graciosa, mas tinha uma aparência cativante. Usava uma roupa modesta e tinha um porte altivo. O tecido do manto, com vincos delicados, imitava as belas tranças nos cabelos. Sua aparência tinha a mesma simplicidade e elegância de suas esculturas. Ela olhou fixamente nos olhos de Althea.

— Você está dizendo que possui uma irmandade com a madeira. — Um sorriso surgiu nos cantos de seus lábios, dando ao rosto uma expressão generosa. — Talvez a gente tenha mais em comum do que eu imaginava.

Até aquela ínfima demonstração de cordialidade só deixou Althea mais apreensiva.

— Você imaginava? — perguntou, com frieza. — Por que imaginaria ter qualquer coisa em comum comigo?

O sorriso no rosto da mulher aumentou um pouquinho.

— Porque tornaria as coisas muito mais fáceis para nós duas.

Althea se recusou a morder a isca e fazer outra pergunta. Depois de um tempo, Âmbar soltou um pequeno suspiro.

— Uma garota tão teimosa. Mas admiro até isso em você.

— Você estava me seguindo, ontem... quando nos vimos nas docas, perto de Vivácia? — As palavras saíram quase como uma acusação, mas Âmbar não pareceu se ofender.

— Seria muito difícil, já que eu estava lá primeiro. Confesso que, quando vi você, achei que eu é que estivesse sendo seguida...

— Mas o jeito como você estava olhando para mim — protestou Althea, relutante. — Não estou dizendo que é mentira, mas parecia que você estava me procurando. Me analisando.

Âmbar assentiu lentamente, mais para si mesma do que para a garota.

— É, pensei o mesmo. Mas mesmo assim não tinha ido até lá atrás de você. — Ela mexeu nos brincos, fazendo o dragão e a serpente balançarem. — Fui até as docas à procura de um garoto escravo de nove dedos, se quiser acreditar. — Âmbar deu um sorriso estranho. — Mas acabei encontrando você. Existe coincidência, e existe o destino. Eu estou mais do que disposta a discutir com coincidências, mas nas poucas vezes em que discuti com o destino, perdi. E foi uma perda trágica. — Ela meneou a cabeça, fazendo os quatro brincos balançarem. Seu olhar pareceu se voltar para dentro, lembrando-se de outras épocas. Então ela ergueu o rosto e encontrou o olhar curioso de Althea, e mais uma vez um sorriso suavizou sua expressão. — Mas isso não se aplica a todo mundo. Algumas pessoas estão fadadas a discutir com o destino. E às vezes vencer.

Althea não soube como responder, então permaneceu calada. Passado um momento, a mulher foi até uma das prateleiras e pegou uma cesta, ou o que à primeira vista parecia uma cesta. Quando ela se aproximou, Althea viu que o objeto tinha sido esculpido a partir de um único pedaço de madeira, de onde todo o excesso havia sido removido, deixando apenas uma treliça de filetes entremeados. Âmbar sacudiu a cesta enquanto se aproximava, e ela ouviu o estalido de pequenos objetos batendo uns contra os outros lá dentro.

— Escolha uma — ofereceu Âmbar, estendendo a cesta para Althea. — É um presente meu.

A cesta estava cheia de contas. Bastou um vislumbre para que o impulso de recusar educadamente a oferta desaparecesse por completo. Algo na variedade de cores e formas prendia a atenção e implorava por um toque — e tocá-las dava uma sensação agradável. Era uma enorme variedade de cores e texturas, e todas as contas eram bem grandes, do tamanho de seu polegar. Cada uma parecia única. Algumas possuíam desenhos abstratos, outras exibiam animais ou flores. Folhas, pássaros, pão, peixes, uma tartaruga... Althea percebeu que tinha aceitado a cesta e que estava examinando o conteúdo enquanto Âmbar a observava com olhos estranhamente ávidos. Uma aranha, uma minhoca contorcida, um navio, um lobo, uma baga, um olho, um bebê rechonchudo... Queria cada uma daquelas contas, e então compreendeu o charme daquela mercadoria: eram joias feitas de madeira e criatividade. Outro artesão sem dúvida poderia esculpir contas belas, e era possível comprar madeira igualmente fina, mas Althea nunca tinha visto uma arte tão maravilhosa aplicada com tamanha precisão. Aquele golfinho saltando numa das contas só poderia ter sido um golfinho: não havia baga, gato ou maçã escondido naquele pedaço de

madeira. Só o golfinho estivera ali, e apenas Âmbar poderia tê-lo encontrado e tirado de seu esconderijo.

Não conseguia escolher, mas continuou procurando em meio às contas. Procurando a mais perfeita.

— Por que está me dando um presente? — perguntou, de repente.

Com um olhar rápido, notou o rosto de Âmbar estampado com o orgulho que sentia de suas criações. A mulher estava exultante em vê-la absorta pelas contas. O rosto amarelado estava quase corado, os olhos dourados brilhando como os de um gato diante de uma lareira. Quando ela respondeu, também havia calor em suas palavras.

— Gostaria que fôssemos amigas.

— Por quê?

— Porque vejo que você vai contra a maré. Vê o fluxo dos eventos, percebe o melhor modo de se encaixar, mas ousa se opor. E por quê? Simplesmente porque olha para a vida e diz: “Não quero esse destino. Não vou permitir que recaia sobre mim.” — Âmbar balançou a cabeça, mas o leve sorriso tornou o gesto uma afirmação. — Sempre admirei pessoas assim. São tão raras. Claro que muitos praguejam contra as roupas que o destino lhes dá para usar, mas as aceitam e as vestem mesmo assim. E a maioria usa essas roupas até o fim de seus dias. Você... Você preferiria enfrentar a tempestade nua. — Mais uma vez o sorriso, que desapareceu tão depressa quanto surgira. — Não consigo suportar a ideia de ver você nesse estado, então estou lhe oferecendo pelo menos uma conta para usar contra a tempestade.

— Você fala como uma cartomante — reclamou Althea, então seu dedo tocou uma conta no fundo da cesta.

Sabia que era a que queria antes mesmo de apanhá-la entre o polegar e o indicador e trazê-la para o topo do tesouro, mas, quando a segurou diante do rosto, não soube dizer por que a escolhera. Um ovo. Um simples ovo de madeira, furado para ser usado preso a um cordão no pulso ou no pescoço. Era de um tom castanho forte, feito de uma madeira que ela não conhecia, cujas fibras davam a volta, em vez de ir de uma ponta à outra. Era simples, se comparada aos outros tesouros da cesta, mas Althea fechou os dedos em torno da conta e notou como ela se encaixava perfeitamente na palma da mão. Era agradável de segurar, no mesmo sentido que é agradável acariciar um gatinho.

— Posso ficar com esta? — perguntou, em voz baixa, e prendeu a respiração.

— O ovo. — O sorriso de Âmbar voltou e permaneceu no rosto. — O ovo da

serpente. Sim, pode ficar. Claro que pode.

— Tem certeza de que não quer nada em troca? — perguntou Althea, sem rodeios. Sabia que era uma pergunta estranha, mas algo em Âmbar lhe fazia pensar que era mais sensato fazer uma pergunta rude do que falar besteira por ter entendido alguma coisa errada.

— Em troca — respondeu a mulher, delicadamente —, peço apenas que aceite minha ajuda.

— Ajuda para quê?

Âmbar sorriu.

— Para contrariar o destino.

Wintrow encheu as mãos com a água morna do balde, jogou-a no rosto e o esfregou. Com um suspiro, baixou de novo as mãos para a água, tentando aliviar a dor. O pai tinha lhe assegurado que bolhas estouradas eram um sinal dos calos que viriam. “Vamos endurecer essas mãos de sacerdote em uma semana, você vai ver”, prometera, animado, na última vez que achara apropriado notar a existência do filho. Wintrow não conseguira nem responder.

Não se lembrava de já ter se sentido tão cansado em toda a vida. Por causa do treinamento no monastério, sabia que os ritmos mais profundos de seu corpo haviam sido desregulados. Não se levantava mais quando amanhecia e ia para a cama quando a escuridão descia sobre o mundo: o pai e os imediatos o estavam submetendo a um novo regime, baseado em turnos e sinos. Não havia necessidade para aquela crueldade, já que o navio ainda estava ancorado no porto, mas eles insistiam. Achava que não seria difícil aprender as tarefas que queriam tanto que ele fizesse, desde que pudesse descansar o corpo e a mente entre as lições. Só que ele era acordado em horas absurdas e o forçavam a subir e descer de mastros, dar nós, costurar lonas, esfregar e lavar. E tudo sempre, *sempre* com um sorriso discreto no canto dos lábios, com uma nota de zombaria em cada ordem. Wintrow estava convencido de que poderia ter lidado bem com qualquer coisa que o obrigassem a fazer se pelo menos não precisasse sofrer aquele desprezo constante. Tirou as mãos doloridas do balde e as enxugou com cuidado num pedaço de pano.

Olhou ao redor do paiol de amarras que havia se tornado seu lar: havia uma rede de fios ásperos esticada num canto, e suas roupas estavam do outro lado, dividindo cabides com rolos de linha. Cada pedaço de corda estava enrolado e guardado com precisão. As bolhas estouradas em suas mãos eram evidência do

tempo que passara aprendendo a manter aquelas cordas em ordem.

Tirou a camisa mais limpa que tinha de um cabide e a vestiu. Pensou em trocar de calça, mas concluiu que não valia o esforço: tinha lavado o outro par na noite anterior, mas, com o espaço apertado do depósito, o tecido ainda estava úmido e começando a adquirir um cheiro de mofo. Wintrow se agachou, já que não havia lugar confortável para se sentar, enfiou a cabeça dolorida entre as mãos e esperou pela batida na porta que o chamaria para a mesa do capitão. Torg tinha passado a trancá-lo naquela cabine durante seu tempo de sono desde quando ele tentara simplesmente desembarcar do navio, no dia anterior.

Acordou com um susto quando a porta foi escancarada — ficou surpreso por ter conseguido cochilar ali, agachado.

— O capitão quer ver você — anunciou Torg. Enquanto saía, o sujeito truculento acrescentou: — Se bem que não imagino por que alguém iria querer uma coisa dessas.

Wintrow ignorou a zombaria e os gemidos de suas articulações e se levantou. Tentou relaxar os ombros enquanto caminhava. Era bom poder ficar de pé outra vez. O segundo imediato se virou para trás e o encarou.

— Depressa! Ninguém tem tempo para ficar aguentando essa sua vadiagem.

O corpo respondeu mais depressa do que a mente, fazendo um esforço para apertar o passo. Torg já tinha ameaçado várias vezes bater nele com uma corda repleta de nós, mas nunca tinha batido. Além disso, essas ameaças só aconteciam quando o pai e o primeiro imediato não estavam a bordo, o que levava Wintrow a suspeitar de que Torg até gostaria de bater nele com uma corda, mas não ousaria. Ainda assim, só de saber que ele era capaz disso já o deixava arrepiado sempre que o segundo imediato estava por perto.

Torg o levou até a porta do capitão, como se não confiasse que Wintrow fosse se apresentar por conta própria — e aquilo podia bem ser verdade. Mesmo com o pai fazendo questão de lembrar o tempo todo que os preceitos de Sá incluíam obediência e respeito aos pais, Wintrow tinha decidido que, caso tivesse a chance, sairia do navio e daria um jeito de voltar para o monastério. Às vezes, sentia que essa decisão era tudo o que lhe restava. Torg ficou olhando enquanto ele batia na porta com firmeza e só tirou os olhos quando ele entrou, ouvindo o pai responder, com secura:

— Entre.

O pai já estava sentado a uma pequena mesa, coberta por uma toalha branca e uma quantidade considerável de travessas. A mesa estava posta para dois, e Wintrow ficou parado à porta por um momento desconfortável, se perguntando

se estava interrompendo alguma reunião.

— Entre — repetiu o pai, com uma leve irritação na voz. — E feche a porta — acrescentou, com mais gentileza.

Wintrow obedeceu, mas permaneceu parado junto à porta, se perguntando o que o pai esperava dele. Tinha sido chamado para servir a mesa para o pai e algum outro convidado? O capitão estava bem-vestido, com roupas quase formais: calça justa azul e colete da mesma cor sobre uma camisa creme clara, o cabelo trançado com óleo, reluzindo como ouro à luz do lampião.

— Wintrow, meu filho, venha se sentar comigo. Vamos esquecer que sou o capitão, por um momento, e ter uma boa refeição acompanhada de uma conversa franca.

O pai gesticulou para o prato e a cadeira à frente e abriu um sorriso caloroso. Isso só fez Wintrow prosseguir com ainda mais cautela, aproximando-se da mesa hesitante e se sentando. Sentiu o cheiro de cordeiro assado, purê de nabos com manteiga, molho de maçã e ervilhas cozidas com menta. Incrível como o olfato podia ficar aguçado depois de alguns dias à base de pão duro e cozidos gordurosos. Ainda assim, manteve a calma, forçando-se a desdobrar o guardanapo em cima do colo e aguardar o sinal do pai para começar a se servir. Disse “por favor” quando o vinho foi oferecido e “obrigado” a cada prato servido. Sentia que o pai o observava, mas não o encarou nos olhos da hora que encheu até a hora que esvaziou o prato.

Se o pai imaginava que aquela refeição civilizada e o momento de tranquilidade fossem servir como um suborno ou oferta de paz, ficaria desapontado. Conforme a comida enchia a barriga e o ambiente lhe devolvia uma sensação de normalidade, Wintrow notou que sentia uma indignação crescente. Como não sabia o que dizer àquele homem que sorria com ternura enquanto o assistia comer feito um cão faminto, teve que segurar a língua na marra. Tentou se lembrar de tudo o que aprendera sobre lidar com situações adversas, que devia deixar para julgar e agir só depois de compreender a motivação do oponente. Então comeu e bebeu em silêncio, observando o pai discretamente, de olhos baixos. Ao fim da refeição, o próprio capitão se levantou e colocou os pratos num aparador, então ofereceu um pouco de pudim com frutas.

— Obrigado — forçou-se a responder Wintrow, em voz baixa, quando a sobremesa foi colocada à sua frente.

Algo no modo como o pai se sentou de volta indicava que o motivo de todo aquele encontro estava prestes a ser anunciado.

— Seu apetite se desenvolveu bastante — observou Kyle, alegremente. — É por causa do trabalho duro e do ar marinho.

— Parece que sim — retorquiu Wintrow.

O pai soltou uma risada brusca.

— Então, ainda está irritado, é? Ah, meu filho, sei que deve estar sendo difícil, e que talvez você ainda esteja bravo comigo, mas não é possível que ainda não tenha começado a entender que esse era mesmo o seu destino. Trabalho duro e honesto, a companhia de homens e a beleza de um navio a todo pano... mas acho que você ainda não viveu isso plenamente. Só quero que saiba que não estou fazendo por maldade, não quero ser duro demais nem cruel. Você um dia vai me agradecer, juro. Quando isso acabar, você vai conhecer este navio como um verdadeiro capitão, porque vai ter trabalhado em cada parte dele, vai saber fazer cada uma das tarefas. — O pai fez uma pausa e deu um sorriso amargurado. — Ao contrário de Althea, que sai por aí dizendo que sabe essas coisas, você vai ter experiência com tudo isso. E a experiência não vai vir só quando lhe der na telha, não: você vai saber trabalhar como um verdadeiro marinheiro, vai se manter ocupado durante cada minuto do turno. Vai fazendo o que tem que ser feito, não vai se mexer só quando receber alguma ordem.

O pai fez outra pausa, obviamente esperando resposta. Wintrow continuou calado. O silêncio se prolongou durante algum tempo, até que Kyle pigarreou.

— Sei que o que estou pedindo é difícil, então vou contar logo o que você vai ganhar no fim dessa jornada. Daqui a dois anos, quero nomear Esteio Amsforja capitão deste navio. E, daqui a dois anos, espero que você esteja pronto para servir como imediato. Você ainda será jovem demais para o cargo, não se iluda, não vai ganhar nada de bandeja. Vai ter de provar para mim e para Amsforja que está pronto para assumir essa responsabilidade. E, se e quando isso acontecer, você ainda terá de provar à tripulação que é capaz, todos os dias e em todos os momentos. Não vai ser nada fácil. Mas é uma oportunidade que pouquíssimos recebem. É isso.

O pai enfiou a mão no casaco, abrindo um sorriso, e tirou uma caixinha de um bolso interno. Abriu a caixa e virou-a para mostrar o conteúdo a Wintrow: era um pequeno brinco de ouro moldado na forma da figura de proa de Vivácia. Wintrow já tinha visto os outros marinheiros usando brincos similares. A maioria da tripulação usava algum adorno que indicasse sua lealdade ao navio em que trabalhavam: um brinco, um lenço, um broche — até mesmo uma tatuagem, quando havia a certeza de que continuaria empregado. Era um jeito de declarar sua lealdade à embarcação. Um ato inapropriado para um sacerdote de Sá. O pai

já devia saber o que ele diria, mas ainda assim abriu um sorriso caloroso enquanto dizia, convidativo:

— Isto é para você, meu filho. Use com orgulho.

Diga a verdade. Responda com a mais pura verdade, aconselhou-se Wintrow, *sem raiva ou amargura. Falar claramente. Com educação e delicadeza*.

— Não quero essa oportunidade. Obrigado. Você deve saber que eu jamais desfiguraria meu corpo furando a orelha para usar uma coisa dessas. Prefiro ser um sacerdote de Sá. Acredito que essa seja a minha verdadeira vocação. Sei que o senhor acha que está me oferecendo uma...

— Cale a boca! — Havia uma mágoa profunda por trás da raiva na voz de Kyle. — Cale essa boca. — O garoto cerrou o maxilar e se forçou a fixar o olhar na mesa, e o capitão continuou: — Preferia ouvir qualquer coisa diferente dessa ladainha sobre ser um sacerdote de Sá. Diga que me odeia, diga que não aguenta o trabalho... Aí vou saber que posso fazer você mudar de ideia. Mas quando você se esconde atrás dessa idiotice de sacerdote... Está com medo de quê? De furar a orelha? De levar uma vida desconhecida? — O pai soava quase desesperado. Tentava encontrar uma maneira de fazer Wintrow aceitar sua proposta.

— Não tenho medo. Simplesmente não quero isso. Por que não oferece essa oportunidade a quem realmente a quer? Por que não faz essa oferta a Althea? — perguntou Wintrow, com toda a calma.

A suavidade de suas palavras atravessaram o desespero do pai, e seus olhos reluziram como rochas azuis. Ele apontou o dedo para Wintrow como se fosse uma arma.

— É simples. Ela é mulher. E você, seu maldito, vai virar homem. Passei anos tendo que engolir enquanto Ephron Vestrit arrastava a filha por aí, tratando a coitada como um menino. Quando você voltou e apareceu na minha frente naquela saia marrom, com a voz toda suave e fazendo corpo mole, todo tímido e educado... fiquei me perguntando se não tinha feito o inverso com você. Vi meu filho homem agindo mais como uma mulher do que Althea já agiu em toda a vida. Foi aí que compreendi que era hora de essa família...

— Você fala como um calcediano — observou Wintrow. — Pelo que ouvi dizer, ser mulher naquelas terras não é muito melhor do que ser escravo. Talvez seja porque lá a escravidão é aceita há tanto tempo. Se a pessoa acredita que outro ser humano pode ser uma propriedade, não está muito longe de declarar que a esposa e a filha também são suas posses e obrigá-las a viver uma vida que acredita ser mais conveniente para seus propósitos. Só que antigamente, em Jamaillia e em Vilamonte, o povo se orgulhava do que as mulheres podiam fazer.

Eu estudei história. Pense na sátrapa Malowda, que reinou sem consorte por muitos anos e foi responsável por estabelecer os Direitos Pessoais e de Propriedade, a base de todas as nossas leis. Aliás, pense só na nossa religião: Sá, que os homens adoram como o pai de todos, ainda é Sá quando as mulheres a chamam de mãe de todos. A continuidade só pode ser encontrada na união. O primeiro preceito de Sá já diz tudo. Foi só nas últimas gerações que começamos a separar as metades do todo e a dividir as...

— Eu não chamei você aqui para ouvir essa conversa fiada — declarou Kyle Porto, irritado. Afastou-se da mesa com um empurrão tão violento que ela teria caído se os pés não estivesse bem presos no chão, então começou a andar de um lado para o outro pela cabine. — Você talvez não se lembre, mas sua avó, minha mãe, era de Calcede. E, sim, minha mãe tinha um comportamento apropriado para uma mulher, e meu pai agia feito homem. Não fui prejudicado por essa criação. Pense na sua avó e na sua mãe! Acha que as duas parecem felizes e satisfeitas? Estão sobrecarregadas por decisões e deveres, são obrigadas a enfrentar a dureza desse mundo, precisam lidar com toda espécie de canalhice, sofrem constantemente preocupadas com contas, créditos e dívidas. Essa não é a vida que jurei dar à sua mãe, Wintrow, nem à sua irmã. Não vou permitir que Keffria envelheça sobrecarregada, como sua avó Vestrit. Não enquanto eu for homem. E não enquanto puder fazer de você um homem, para me seguir e cumprir os deveres de um homem dessa família.

Kyle Porto voltou para a mesa, bateu a mão com força no tampo e assentiu, como se suas palavras tivessem determinado o futuro de todos da família.

Wintrow não soube o que dizer. Olhou para o pai e tropeçou nos próprios pensamentos, tentando encontrar um denominador comum com o qual pudesse começar a argumentar, mas não conseguiu. Apesar do laço de sangue, aquele homem era um estranho. Suas crenças eram tão completamente diferentes de tudo o que Wintrow acreditava que não havia esperança de fazê-lo entender. Por fim, respondeu, baixinho:

— Sá ensina que ninguém pode determinar o rumo de outra vida humana. Mesmo aprisionando a carne e proibindo a pessoa de dizer o que pensa, mesmo cortando a língua, não se pode silenciar a alma.

Por um momento, o pai apenas o encarou. *Ele também vê um estranho*, pensou Wintrow. Quando a resposta veio foi numa voz embargada:

— Você é um covarde. Uma droga de um covarde.

O pai avançou para cima dele a passos firmes. Wintrow precisou de toda a sua coragem para não se encolher quando Kyle passou, mas o capitão simplesmente

abriu a porta da cabine e berrou para Torg. O segundo imediato apareceu tão depressa que Wintrow teve certeza de que ele estava ali perto, talvez até ouvindo a conversa. Kyle Porto não notou ou não se importou.

— Leve o grumete de volta para o alojamento — ordenou, irritado. — Fique de olho, faça com que ele aprenda seus deveres antes de este navio zarpar. E quero ele longe da minha vista. — A última frase foi dita com muita emoção, como se o pai se sentisse injustiçado pelo mundo.

Torg assentiu, então Wintrow se levantou em silêncio e o seguiu. Com um aperto no coração, reconheceu o sorriso afetado no rosto do segundo imediato: o pai o deixara nas mãos daquele patife, e Torg sabia disso.

Naquele momento, o sujeito se contentou em levá-lo até a masmorra miserável. Wintrow mal conseguiu baixar a cabeça antes de ser empurrado porta adentro. Tropeçou, mas conseguiu evitar a queda. Não ouviu nenhum comentário grosseiro quando Torg fechou a porta, mas estava desesperado demais para sequer prestar atenção no que estava acontecendo em volta. Ouviu enquanto ele mexia no ferrolho e soube que ficaria preso pelo menos pelas próximas seis horas.

O segundo imediato não lhe dera nem uma vela para acender. Wintrow tateou no escuro até as mãos encontrarem a rede. Subiu sem jeito e tentou se acomodar, então parou de se mexer. O navio balançava de leve nas águas do porto, e os sons chegavam abafados. Wintrow soltou um bocejo, já sentindo os efeitos da refeição e do longo dia de trabalho superando a raiva e o desespero. Como de costume, se preparou de corpo e mente para descansar e alongou os músculos grandes e pequenos do corpo o máximo que a rede permitia, tentando deixá-los alinhados.

Fazer os exercícios mentais foi mais difícil. Quando chegou ao monastério, aprendeu um ritual muito simples chamado Perdoando o Dia. Até uma criancinha conseguia fazer aquilo, era só recordar o que tinha acontecido e deixar os sofrimentos do dia para trás, como algo acontecido no passado, optando por lembrar-se dos ganhos como lições aprendidas ou momentos de compreensão. Esperava-se que o exercício se tornasse cada vez mais complexo conforme os noviços iam se familiarizando com os ensinamentos de Sá, e eles aprendiam a examinar os acontecimentos do dia assumindo a responsabilidade por suas ações e aprendendo com elas sem se entregar à culpa ou a arrependimentos. Naquele momento, Wintrow achava que não ia conseguir dar conta do exercício.

Estranho. Tinha sido tão fácil amar os ensinamentos de Sá e dominar as

meditações nos dias calmos e estruturados do monastério. De dentro das grandes muralhas de pedra, era fácil discernir a ordem subjacente do mundo, olhar para as vidas dos fazendeiros, pastores e mercadores e ver como boa parte de seu sofrimento era causada por eles mesmos. Agora que estava no meio daquilo, Wintrow via parte do padrão, mas se sentia cansado demais para examinar as coisas mais a fundo e tentar encontrar um jeito de mudá-las. Estava preso entre os fios da própria tapeçaria.

— Não sei como fazer isso parar — murmurou para a escuridão.

Sentindo-se triste como uma criança abandonada, Wintrow se perguntou se algum dos professores sentia sua falta.

Lembrou-se de sua última manhã no monastério e da árvore que fizera com os pedaços de vidro colorido. Sempre sentira um prazer secreto com sua capacidade de trazer a beleza à tona. Mas será que a habilidade era mesmo sua? Ou tinha sido criada e cultivada pelos professores, que o isolaram do mundo e lhe forneceram um lugar e um momento para que pudesse trabalhar? Talvez, com o ambiente certo, qualquer um conseguisse fazer aquilo. Talvez a única coisa de extraordinária nele fosse ter recebido a oportunidade. Por um momento, sentiu-se oprimido pela própria mediocridade. Não tinha nada de extraordinário. Era um grumete qualquer, um marinheiro desajeitado que não merecia nem ser lembrado. Desapareceria nas brumas do tempo como se nunca tivesse nascido. Quase podia sentir enquanto se desfazia na escuridão.

Não. Não! Não ia desistir. Continuaria existindo e lutando, e alguma coisa acabaria acontecendo. Alguma coisa. Será que o monastério enviaria alguém para investigar seu paradeiro, quando ele não retornasse?

— Acho que estou esperando ser resgatado — observou para si mesmo, cansado.

Ali estava sua maior ambição: permanecer vivo e continuar sendo quem era até que alguém viesse salvá-lo. Não tinha certeza se... se... se... Um pensamento tinha começado a brotar, mas a escuridão crescente do sono o engolira.

Vivácia suspirou em meio à escuridão do porto. Cruzou os braços esguios sobre os seios e olhou para as luzes brilhantes do mercado noturno. Estava tão absorta em seus próprios pensamentos que levou um susto quando sentiu o toque suave em sua madeira. Olhou para baixo.

— Ronica! — exclamou, um pouco surpresa.

— Sim. Fale baixo. Quero conversar sem alarde.

— Como quiser — respondeu Vivácia, baixinho, intrigada.

— Preciso saber... Quer dizer, Althea me mandou uma mensagem. Disse que talvez você não esteja muito bem. — A voz vacilou. — Para falar a verdade, a mensagem chegou faz alguns dias. Uma criada achou que não fosse importante e deixou o papel no escritório de Ephron. Só encontrei hoje.

Ronica ainda mantinha a mão encostada no casco. Vivácia compreendia um pouco do que ela sentia, mas não tudo.

— É difícil entrar naquela sala, não é? Tão difícil quanto vir aqui me ver.

— Ephron... — sussurrou Ronica, com a voz embargada. — Ele... Ele está dentro de você? Ele pode falar comigo por você?

Vivácia balançou a cabeça, tristemente. Estava acostumada a ver aquela mulher através dos olhos de Ephron ou de Althea. Eles a achavam determinada e confiante, mas, naquela noite, com o manto escuro e a cabeça baixa, ela parecia tão pequena... Vivácia queria tentar consolá-la, mas não estava disposta a mentir.

— Não. Não funciona assim. Sei o que ele sabia, só que está misturado com muitas outras coisas. Mas, quando olho para você, sinto o amor que ele sentia como se fosse meu. Isso ajuda?

— Não — respondeu Ronica, com sinceridade. — Traz um pouco de consolo, mas nunca seria como os braços fortes de Ephron em volta do meu corpo, ou como os conselhos dele para me guiar. Ah, navio, o que eu faço? O que eu faço?

— Não sei — respondeu Vivácia. A aflição de Ronica a deixava ansiosa, e ela decidiu colocar aquela sensação em palavras: — Fico assustada por você me fazer essa pergunta. Você com certeza sabe o que fazer. Ephron sempre acreditou nisso. — Depois de refletir por um momento, acrescentou: — Sabia que ele via a si mesmo como um simples marinheiro? Um homem com tino para comandar bem um navio. Ele acreditava que você era a sabedoria da família, que tinha visão. E contava com isso.

— Contava?

— Claro que sim. Senão, como poderia partir para o mar deixando você responsável pela administração de tudo o que tinham?

Ronica ficou um tempo quieta, então soltou um longo suspiro.

— Acho que ele diria para você seguir os próprios instintos — acrescentou Vivácia, baixinho.

Ronica balançou a cabeça, cansada.

— Você deve estar certa. Vivácia, sabe onde está Althea?

— Nesse momento? Não. Você não sabe?

Ronica respondeu, relutante.

— Eu não vejo minha filha desde a manhã seguinte à morte de Ephron.

— Na última visita, Torg desceu para as docas e tentou botar as mãos nela. Althea o empurrou para a água e foi embora enquanto todo mundo ria.

— Mas ela estava bem?

Vivácia balançou a cabeça.

— Tão "bem" quanto você ou eu. O que significa que está preocupada, magoada e confusa. Mas me pediu que tivesse paciência, disse que tudo seria resolvido. E me disse para não tentar resolver as coisas por conta própria.

Ronica assentiu, muito séria.

— Foi exatamente isso que vim lhe dizer. Acha que consegue seguir esses conselhos?

— Eu? — O navio-vivo quase riu. — Ronica, sou três vezes Vestrit. Acho que só vou conseguir ter a paciência que meus antepassados teriam.

— Uma resposta franca — admitiu a mulher. — Só vou lhe pedir que tente. Não. Quero pedir mais uma coisa. Se Althea voltar antes de você zarpar, poderia dar um recado a ela? Não tenho outro jeito de entrar em contato.

— Claro. E vou garantir que só ela escute.

— Ótimo, isso é ótimo. Quero que ela venha me visitar. Não discordamos tanto quanto ela acredita. Mas não vou entrar em detalhes. Só peça que ela vá me visitar discretamente.

— Pode deixar. Mas não sei se ela vai.

— Nem eu, Vivácia. Nem eu.



14

QUESTÕES FAMILIARES

Kennit não levou o navio capturado para Partilha. Desconfiava que a banheira gigantesca pudesse encalhar durante a tentativa de navegar pelos canais estreitos, sem conseguir desviar dos muitos bancos de areia. Depois de uma reunião tensa, ele e Sorcor concordaram que Torto seria um porto melhor. Kennit achava apropriado. Afinal, como fizera questão de lembrar o imediato, num tom divertido, a cidade de Torto tinha sido fundada quando um navio de escravos foi atingido por uma tempestade e se abrigou num canal, então a carga conseguiu se rebelar contra a tripulação. Mesmo assim, o imediato era contra: Torto era pouco mais que areia, rochas e mariscos. Que futuro aquelas pessoas teriam por lá? Kennit respondeu que teriam um futuro melhor do que aquele que os traficantes tinham oferecido, o que deixara Sorcor de mau humor, mas ele insistira mesmo assim. A viagem tinha levado seis longos dias, muito menos do que teriam gastado para chegar a Partilha. Do ponto de vista de Kennit, o tempo tinha sido bem gasto.

Alguns dos escravos que Sorcor tinha resgatado morreram. Doenças e fome simplesmente não desapareciam com a liberdade. Em defesa de Rafo, os homens sob seu comando tinham botado mãos à obra e dado uma boa limpada na embarcação, que não exalava mais o fedor intenso de um navio de escravos, mas Kennit insistia que o *Marietta* navegasse contra o vento em relação à embarcação capturada. Não arriscaria que a corrente de vento trouxesse doenças para seu próprio navio. E não dera permissão a nenhum dos escravos libertos para subir a bordo do *Marietta*, dizendo que lotar sua embarcação para aliviar os alojamentos apertados do *Fortuna* não seria bom para ninguém. Em vez disso, os escravos tiveram que se contentar em se espalhar pelos conveses e usar as áreas de descanso da tripulação devorada. Alguns dos mais saudáveis foram colocados para trabalhar como marinheiros, preenchendo as fileiras da tripulação reduzida. Não estavam acostumados àquela vida, e o trabalho foi difícil, ainda mais considerando seu estado debilitado.

Apesar disso e das mortes, a moral no navio capturado parecia alta: os ex-escravos pareciam patéticos, gratos pelo ar fresco, por poder comer a carne de

porco salgada que antes alimentara os traficantes e por qualquer peixe que conseguissem pescar para suplementar suas dietas. Sorcor até conseguira afastar as serpentes com vários disparos da balista do *Marietta*. Os que morriam ainda eram jogados do convés, mas os corpos agora ficavam boiando na água, em vez de serem apanhados por uma serpente ávida. A tripulação pareceu bem satisfeita com aquilo, embora Kennit não conseguisse entender que diferença fazia para os mortos.

Aproveitaram a maré crescente para entrar com os navios em Torto, o movimento das águas ajudando a subir o canal tranquilo que conduzia à baía salobra. Os restos de um navio naufragado erguiam-se como um esqueleto da extremidade rasa do ancoradouro. A aldeia era uma fileira de cabanas e casas ao longo da praia, construídas com vigas de velhos navios, qualquer madeira que fosse trazida pelo mar e pedras. Uma fumaça fina subia de algumas chaminés. Dois barcos de pesca improvisados estavam amarrados a um cais malcuidado, e meia dúzia de barcos a remo e barquinhos de vime tinham sido puxados para a areia. Não era uma cidade próspera.

O *Marietta* ia na frente, e Kennit teve que admitir, orgulhoso e relutante, que os escravos-marinheiros que constituíam a maior parte da tripulação do *Fortuna* não o envergonharam. Trabalharam animadamente, como marujos experientes, conduzindo o navio para dentro da baía e lançando bem as âncoras. O *Fortuna* exibia a bandeira do Corvo, conhecida em todas as Ilhas Piratas como o emblema de Kennit. Quando os navios abaixaram os escaleres, encontraram uma multidão curiosa reunida no cais instável, observando os recém-chegados. A comunidade de ex-escravos e refugiados não possuía nenhuma embarcação maior do que um barco de pesca, e ver dois navios mercantes ancorarem na baía deve ter deixado todos curiosos para saber que notícias ou mercadorias estavam chegando.

Kennit ficou feliz em mandar Sorcor para a praia avisando que receberiam lances pelo *Fortuna*. Duvidava que alguém naquela cidadezinha miserável tivesse dinheiro suficiente para fazer a conquista valer a pena, mas estava determinado a aceitar a melhor oferta e se livrar do navio malcheiroso e dos escravos que lotavam os porões. Não ia ficar pensando em quanto teria ganhado se tivesse conseguido fazer Sorcor ver como era mais sensato navegar até Calcede para vender a carga. Tinha perdido a oportunidade, e não havia por que ficar remoendo aquilo.

Alguns barcos a remo partiram das docas, rumando depressa para o *Fortuna*. Os escravos já estavam amontoados na amurada, aguardando a chance de desembarcar da prisão flutuante. Kennit não esperava ver o povo de Torto tão

animado em receber a gentalha. Bem, melhor assim: quanto mais depressa o *Fortuna* fosse descarregado e vendido, mais depressa ele poderia voltar para empreendimentos lucrativos. Mandou o grumete proibir qualquer um de incomodá-lo e foi para a cabine. Não tinha o menor desejo de visitar Torto. Os escravos e Sorcor poderiam ir primeiro, para ver como seriam recebidos.

Em vez disso, passou várias horas examinando os belos mapas encontrados a bordo do *Fortuna*. Sorcor não tinha reparado no armário secreto na cabine do capitão, e só quando Kennit resolveu saciar a curiosidade e visitar o navio capturado é que aqueles mapas e documentos foram descobertos. Não tinha muito interesse nos documentos, tratavam de coisas pessoais e das propriedades do morto, só reparou em como a esposa e o filho do capitão estavam bem financeiramente. Mas os mapas eram outra história. Ao examiná-los, Kennit não ficou desapontado. Mapas eram riquezas. Em geral, aquele tipo de informação tinha um grande custo, e não era comum compartilhá-la durante conversas entre mercadores ou marinheiros. Os mapas do traficante de escravos só mostravam a passagem óbvia pelas Ilhas Piratas, com algumas notas sobre rumores de outros canais, mas pouquíssimos dos cursos mais afastados da costa. Sete povoamentos piratas estavam marcados no mapa, dois no lugar errado e um terceiro que era um lugar abandonado muito tempo antes, por ser tão exposto aos navios de escravos que passavam. Traficantes como aqueles não tinham problema em saquear os povoamentos piratas em busca de carga extra enquanto passavam pela região — era um dos motivos para Sorcor se ressentir tanto contra eles. Apesar dessas deficiências óbvias, era um mapa detalhado do canal principal.

Kennit se recostou na cadeira durante algum tempo, olhando pela janela para as nuvens que passavam no alto. Concluiu que podia aceitar que aquele mapa representasse o nível atual de conhecimento dos traficantes de escravos a respeito das Ilhas Piratas e suas passagens. Pois bem. O homem que assumisse o controle do canal principal poderia afunilar todo o comércio. Navios de escravos não podiam se dar ao luxo de explorar as águas em busca de rotas alternativas, e talvez ocorresse o mesmo com os navios-vivos. Deixou aquela ideia se desenvolver um pouco, então balançou a cabeça, relutante. Os navios-vivos e suas famílias navegavam por aquelas águas havia muito mais tempo do que os traficantes. O comércio de escravos calcediano era o principal responsável pelos piratas e seus povoamentos, então só podia supor que a maioria das famílias de Mercadores que navegavam por aquelas águas conhecia os canais melhor do que os traficantes. Por que esse conhecimento não era compartilhado? A resposta era óbvia: nenhum Mercador estenderia sua vantagem aos competidores. Kyle se recostou na cadeira. Pois bem. O que tinha aprendido com aquilo? Nada que já

não soubesse. Traficantes de escravos seriam mais fáceis de capturar do que navios-vivos, mas isso não significava que era impossível apanhar uma embarcação dessas — simplesmente teriam de fazer planos melhores.

Pensou no navio de escravos. Quando finalmente foi fazer sua visita, a embarcação já era um navio de homens livres havia três dias, o que diminuíra um pouco a intensidade do fedor — mas não o suficiente para aliviar o sofrimento de seu nariz. Não tinha pensado muito a fundo na questão, quando decidira colocar Rafo no comando, mas o homem estava se portando bem na nova posição. Centenas de baldes de água do mar tinham sido içados a bordo, e pelo menos os conveses superiores tinham melhorado com a lavagem, mas um fedor nauseabundo ainda saía pelas escotilhas abertas. Não tinha jeito, havia gente demais amontoada a bordo. As pessoas ficavam em grupos no convés, os membros ossudos despontando de trapos esfarrapados. Alguns faziam o que podiam para ajudar com o trabalho no navio, outros simplesmente tentavam não sair do caminho. Alguns estavam absortos em morrer, sem demonstrar interesse em mais nada.

Quando Kennit atravessou o navio de uma ponta à outra, cobrindo o nariz e a boca com um lenço, os escravos o acompanharam com os olhos. Todos abaixaram a voz à sua passagem, e seus olhos se enchiam de lágrimas quando ele se aproximava ou baixavam a cabeça diante dele. A princípio, Kennit achou que aquele comportamento era por causa do pavor que sentiam diante de sua presença, mas enfim percebeu que os murmúrios eram de agradecimentos e bênçãos. Não sabia se ficava deleitado ou irritado. Sem ter certeza de como reagir, recorreu ao sorriso habitual e seguiu para o que tinha sido os alojamentos dos oficiais do navio.

Ah, os oficiais tinham vivido bem, em comparação com as condições deploráveis dos pobres coitados nos porões. Acabou concordando com o que Sorcor dissera sobre o gosto do capitão para roupas e, num momento de extravagância, ordenou que as vestimentas fossem distribuídas aos escravos em quem servissem melhor. O sujeito também fumava muito, e Kennit ficou imaginando se não era um artifício para poupar o próprio nariz do fedor da carga. Nunca tinha sucumbido àquele vício, então ordenou que as ervas também fossem distribuídas entre os escravos. Depois descobriu os mapas e documentos e os pegou para si. Não havia mais nada interessante naquela cabine. Achou que Sorcor devia ter ficado surpreso com o fato de as posses daquele capitão inimigo serem normais — o homem não era o monstro que o imediato presumira: era um capitão e mercador como outro qualquer.

A princípio, Kennit também queria fazer uma inspeção dos conveses

inferiores para avaliar o estado do navio e buscar qualquer objeto de valor que pudesse ter passado despercebido por Sorcor. Quando desceu a escada até o porão e olhou em volta, estava lacrimejando. Homens, mulheres e até algumas crianças, todos com olhos enormes e rostos esqueléticos, formavam um amontoado de membros e corpos que se espalhavam para dentro da escuridão. Todos os rostos se viraram em sua direção, e o lampião de Rafo fez todos aqueles olhos cintilarem. Pareciam ratos que se reuniam junto aos montes de esterco, à noite.

— Por que estão tão magros? — perguntara a Rafo. — A viagem de Jamaillia para cá não é tão longa a ponto de deixar pessoas pele e osso, a não ser que não recebam absolutamente nada para comer.

Kennit ficara surpreso em ver os olhos de Rafo se estreitarem em solidariedade.

— A maioria estava numa prisão de devedores. Muitos são da mesma aldeia. Fizeram alguma coisa para desagradar ao sátrapa, que aumentou os impostos. Quando nenhum conseguiu pagar, todos foram presos para serem vendidos como escravos. A aldeia quase inteira, e, pelo que disseram, não foi a primeira vez que isso aconteceu. Todos foram comprados, mantidos em chiqueiros e alimentados com muito pouco até os traficantes juntarem gente suficiente para um carregamento. Dizem que não dá para conseguir um preço alto por gente simples como essa, então tentam levar muitos de uma só vez. O navio precisava ficar lotado para garantir um lucro decente.

O marinheiro ergueu ainda mais o lampião. Grilhões vazios pendiam como estranhas teias de aranha, jaziam no chão como cobras esmagadas. Kennit percebeu que só tinha visto a primeira fileira de pessoas que o encaravam, mas outras se espalhavam mais atrás, agachadas ou sentadas no escuro — uma multidão que se estendia até onde a vista alcançava. Fora os escravos, não havia mais nada no porão. Tábuas nuas. Alguns punhados de palha suja grudados nos cantos, de leitos descartados. O interior do navio também tinha sido esfregado com água salgada, mas a madeira impregnada de urina e a água fétida acumulada na área dos fundos continuavam a empestear o ar. O cheiro forte de amônia fez lágrimas escorrerem livremente por seu rosto, e Kennit as ignorou, torcendo para que não fossem notadas na penumbra. Cerrando os dentes e soltando respirações curtas, conseguiu conter as ânsias de vômito. Só queria sair dali, mas ainda assim se forçou a atravessar o porão de uma ponta à outra.

Os miseráveis se aproximavam enquanto ele passava, murmurando entre si. Aquilo o deixou arrepiado, mas Kennit se recusou a olhar para trás para ver de

quão perto o seguiam. Uma mulher, mais corajosa ou mais estúpida do que os outros, parou diante dele e lhe ofereceu uma trouxa de trapos. Contra a vontade, Kennit se aproximou e viu que era um bebê.

— Nasceu neste navio — explicou ela, com a voz rouca. — Nasceu escravo, mas você o libertou. — Com o dedo, ela tocou o X azulado que algum traficante já marcara ao lado do nariz da criança. A mulher ergueu os olhos de novo para ele, com uma espécie de ferocidade no olhar. — O que eu poderia oferecer em gratidão?

Kennit sentia que estava perdendo o controle contra a ânsia de vômito crescente. Ficou arrepiado só de pensar na única coisa que aquela mulher poderia oferecer. Seu hálito cheirava a dentes podres e soltos nas gengivas. Kennit mostrou os próprios dentes, numa fraca tentativa de sorriso.

— Chame a criança de Sorcor. Por mim — sugeriu, numa voz sufocada.

A mulher não pareceu captar o sarcasmo em sua voz. Simplesmente o abençoou ao recuar, sorrindo, agarrada ao bebê magricela. O resto da multidão se aproximou ainda mais, a um ponto sufocante, e várias vozes se ergueram.

— Capitão Kennit, capitão Kennit!

Ele se forçou a ficar parado e não recuar. Fez sinal para o marinheiro que ia à frente com o lampião e ordenou, respirando com dificuldade:

— Basta. Já vi o suficiente. — Não conseguiu manter a aflição longe da voz. Levou o lenço perfumado ao rosto e subiu depressa a escada mais próxima.

No convés, levou um momento para recuperar o controle do estômago em rebuliço. Fechou a cara e olhou para o horizonte até ter certeza de que não passaria vergonha com qualquer demonstração de fraqueza. Kennit se forçou a considerar aquele butim que Sorcor tinha conquistado: o navio parecia bem intacto, mas não conseguiriam um preço decente por ele, não se o comprador tivesse nariz.

— Um desperdício — rosnou, furioso. — Tamanho desperdício!

Ordenou que o escaler o levasse imediatamente de volta ao *Marietta*. Foi quando decidiu que iria para Torto. Se não poderia conseguir um bom preço pelo navio, então pelo menos se livraria dele logo e daria continuidade a outros empreendimentos.

Era fim de tarde quando decidiu visitar a cidade de Torto. Achou que seria divertido ver como seus escravos libertos estavam reagindo à cidade e como a cidade recebia aquele fluxo repentino de população. Talvez Sorcor já tivesse compreendido a tolice de sua caridade.

Informou ao grumete que pretendia sair, e o homem se apressou em espalhar a informação. Quando alisou o cabelo, colocou o chapéu e saiu da cabine, o escaler estava pronto para ser baixado. Os marinheiros que remariam estavam tão ansiosos quanto cães convidados para um passeio. Qualquer cidade e qualquer ida à costa era uma distração bem-vinda. Apesar do pouco tempo que passara desde avisar que desembarcaria, cada um dos homens encontrara tempo para vestir a camisa mais limpa que tinham. Foram apenas alguns minutos de remadas determinadas do ancoradouro até as docas de Torto. Kennit ignorou os sorrisos que os homens trocavam, mantendo-se em silêncio. O barco foi amarrado na base da doca, e ele subiu a escada bamba até o topo, onde aguardou seus homens enquanto limpava o limo dos dedos com o lenço. Como se estivesse entregando doces a crianças, tirou um punhado de moedas do bolso do casaco: o suficiente para uma rodada de cerveja. Confiou o dinheiro ao homem no comando, com um aviso nebuloso:

— Estejam aqui e prontos quando eu voltar. Não me façam esperar.

Os homens se reuniram em volta dos dois. Gankis falou por todos:

— Capitão, não precisa. Depois do que o senhor fez, esperaríamos aqui mesmo que cada demônio das profundezas estivesse atrás de nós.

Kennit foi pego de surpresa pela súbita demonstração de devoção do velho pirata. Não conseguiu pensar em nada que tivesse feito por eles nos últimos tempos que merecesse aquela afeição. Estranhamente, ficou tão comovido quanto divertido.

— Bem, rapazes, não faz sentido esperar com sede. Mas não se atrasem.

— Não, senhor, capitão, não vamos atrasar. Prometemos que estaremos todos aqui, cada um de nós.

O homem que falou abriu um sorriso tão grande que fez a antiga tatuagem dançar pelo rosto. Kennit deu meia-volta e seguiu pelas docas na direção do centro da cidade. Às suas costas, ouvia os homens discutindo o melhor modo de aproveitar a cerveja e voltar a tempo. Gostava de provocar aqueles dilemas, e talvez aquilo os deixasse mais inteligentes.

Tentou usar a própria inteligência para tentar descobrir o que tinha feito para agradá-los. Será que tinham encontrado algum butim no outro navio sobre o qual Sorcor não lhe informara? Ou teriam sido as promessas de favores feitas pelas mulheres escravas? As suspeitas, nunca muito tempo ausentes de seus pensamentos, de repente vieram à tona. Talvez fosse bastante revelador descobrir onde Sorcor estava e o que estava fazendo. Apesar de ele ter deixado os homens acreditarem que a suposta generosidade viera do capitão, o imediato não poderia

ficar impune por não lhe informar do que tinha acontecido.

Seguiu pela rua principal da pequena cidade. Havia apenas duas tavernas no lugar, e se Sorcor não estivesse numa, só poderia estar na outra. Só que não encontrou o imediato dentro delas. A população inteira parecia estar reunida na rua entre as duas tavernas, no que poderia ser considerado uma celebração triunfante. Mesas e bancos tinham sido arrastados para o ar livre, barris rolados e abertos na rua. As suspeitas de Kennit só aumentaram: aquele tipo de júbilo sempre vinha com uma grande quantidade de moedas. Assumiu uma expressão esperta, acompanhado por um leve sorriso de lábios comprimidos. Se não quisesse fazer papel de tolo, precisava parecer estar a par de fosse lá o que estivesse acontecendo ali.

— Não diga nada. Confie na sorte — ordenou uma voz diminuta. O amuleto em seu pulso soltou uma risadinha melodiosa, inquietante pela doçura. — E, acima de tudo, não demonstre medo. Uma sorte como a sua não tem paciência com o medo.

Mais uma vez a risada. Não ousou erguer o pulso nem olhar para o amuleto. Não faria isso em público, e não havia tempo para procurar um lugar mais sossegado onde conversar, já que a multidão notou sua presença justamente naquele momento.

— Kennit! — gritou uma voz. — Capitão Kennit! Kennit!

Outros começaram a gritar, e seu nome ecoou pelo ar de verão. Com o mesmo espanto de um gato surpreendido tomando banho de língua, a multidão virou os rostos em sua direção e avançou para cima dele como uma onda.

— Coragem. E sorria! — provocou o rosto de madeira-arcana.

Kennit sentiu que o sorriso sardônico estava congelado em seu rosto. O coração palpitava, e o suor começou a escorrer pelas costas enquanto aquela turba vinha em sua direção com punhos e canecos erguidos para o alto. Mas eles não veriam essa parte. Não. Só veriam aquele leve sorriso e quão empertigado e destemido ele permaneceu quando o cercaram. Um blefe, talvez, mas os blefes só funcionavam se acreditasse que funcionariam. Tentou encontrar o rosto de Sorcor em meio àquela onda de seres humanos, mas não teve sucesso. Queria encontrar seu imediato e, se necessário, ter a certeza de que ele no mínimo morreria primeiro.

Mas o povo o cercou, os rostos ruborizados pela bebida e o aparente triunfo. Até o momento, ninguém ousara tocá-lo: permaneciam a uma distância respeitosa, e cada olhar estava voltado para ele. Kennit passou os olhos pela multidão, procurando alguma fraqueza, tentando encontrar o agressor que daria o

primeiro golpe. Até que uma mulher corpulenta abriu caminho pela turba e parou diante dele, as mãos grandes apoiadas na cintura generosa.

— Meu nome é Tayella — anunciou, numa voz nítida e poderosa. — Eu que mando aqui em Torto. — Ela o encarou nos olhos, como se Kennit pudesse tentar contestar aquela declaração. Então, para seu espanto, os olhos da mulher subitamente se encheram de lágrimas, que escorreram livremente pelo rosto enquanto ela acrescentava, numa voz embargada: — E digo que tudo aqui é seu, é só pedir. Qualquer coisa, a qualquer hora. Você trouxe nosso povo de volta, as famílias que a gente achava que nunca mais veria!

Confie na sorte. Ele retribuiu o sorriso e, com sua mesura mais galante e uma tristeza intensa e oculta pelo desperdício de rendas, ofereceu o lenço à mulher. Ela o aceitou como se fosse bordado a ouro.

— Como você sabia? — perguntou, falando com dificuldade. — Como adivinhou? Ninguém aqui consegue acreditar.

— Tenho meus métodos — assegurou-lhe Kennit.

Tentou adivinhar o que supostamente sabia, mas não perguntou nem se retraiu quando a mão da mulher pousou em seu ombro, dando batidinhas que sem dúvida eram amigáveis.

— Preparem mais uma mesa com tudo o que temos de melhor. Abram caminho para o capitão Kennit! Abençoado seja o homem que nos devolveu nossos parentes e nossos vizinhos, resgatados dos traficantes, e os trouxe aqui para se juntarem a nós, na liberdade e numa nova vida. Abençoado seja!

A multidão o conduziu numa onda triunfante e o fez se sentar a uma mesa grudenta, onde empilharam peixes assados e algum tipo de bolo feito de raiz triturada. Um balde de sopa de marisco engrossada com alga completava a refeição festiva. Tayella se juntou a ele, servindo uma tigela de um vinho de fabricação local, feito de alguma fruta amarga. Kennit deduziu que, como era o único vinho da cidade, também deveria ser o melhor. Bebericou e conseguiu não fazer careta. Tayella parecia já ter bebido bastante, e ele achou mais diplomático bebericar enquanto a mulher contava a história da cidade. Mal olhou para Sorcor, quando ele foi se juntar à mesa. O velho lobo do mar moreno parecia um pouco subjugado, atordoado pelo assombro. Para divertimento de Kennit, o homem tinha nos braços o bebê enrolado e marcado com um X.

Tayella se levantou e subiu na mesa para se dirigir a todos os presentes.

— Fomos trazidos para cá há doze longos anos — entoou. — Em grilhões, doentes e à beira da morte. O oceano nos abençoou com uma tempestade que mais parecia um furacão. Empurrou o navio por este canal, onde nenhum

traficante de escravo nunca tinha chegado e até hoje não chegou, então deixou o navio encalhado. A força da tempestade soltou muitas coisas, inclusive o grampo que prendia a corrente dos grilhões. Mesmo com as mãos e os pés presos, matamos aqueles calcedianos desgraçados, libertamos nossos companheiros e tornamos este lugar. Não é uma maravilha, é verdade, mas, depois de passar um tempo no porão de um navio de escravos, qualquer lugar parece o paraíso de Sá. Aprendemos a viver aqui, aprendemos a usar os barcos do navio para pescar e, com o tempo, até nos aventuramos para longe, para informar outros da nossa presença. Mas sempre soubemos que não teríamos como voltar para casa. Tínhamos perdido nossas famílias e nossa aldeia para sempre. — Ela se virou de repente e apontou para Kennit. — Até hoje, até você trazer tudo isso de volta.

Consternado, Kennit esperou enquanto a mulher secava mais lágrimas com seu lenço.

— Doze anos atrás — conseguiu dizer Tayella, depois de um tempo —, quando vieram nos levar porque não podíamos pagar os impostos do sátrapa, eu enfrentei os traficantes de escravos. Mataram meu marido e me capturaram, mas minha filhinha fugiu. E achei que nunca mais veria minha filha, muito menos meu neto... — Ela indicou Sorcor e o pequeno Sorcor. Mais lágrimas encheram seus olhos e embargaram sua voz.

A mulher levou um tempo para se recuperar, e outras pessoas a ajudaram a terminar sua história, aproveitando para contar suas próprias tragédias. Era uma coincidência e tanto, mas a maioria dos escravos a bordo do *Fortuna* vinha da mesma aldeia dos fundadores de Torto. Só que ninguém acreditava que fosse apenas obra do acaso: todos, até Sorcor, achavam que Kennit tinha percebido alguma coisa e decidido que era melhor levar os escravos libertos a Torto, para se reunirem com suas famílias. Kennit não tinha feito nada daquilo, mas sabia que não era mera coincidência — era algo muito mais poderoso: a mais pura sorte.

Sua sorte. A sorte na qual devia confiar, que jamais devia questionar. Despreocupadamente, passou o dedo sobre o amuleto de madeira-arcana em seu pulso. Claro que não desdenharia da sorte, deixando de aproveitar aquela oportunidade. Uma sorte daquelas exigia que ele ousasse ser digno dela, e Kennit decidiu que ousaria. Timidamente, com modos muito humildes, perguntou a Tayella:

— Meus homens contaram sobre a profecia que ouvi dos Outros?

Tayella arregalou os olhos, como se esperasse ouvir algo excepcional. O silêncio dela se espalhou como ondulações cada vez maiores na superfície

tranquila de um lago onde uma pedra fora arremessada. Todos se voltaram para o capitão do *Marietta*.

— Ouvi alguma coisa a respeito — respondeu a mulher, hesitante.

Como que desarmado, Kennit baixou os olhos. Deixando a voz grave, declarou, num tom baixo:

— Tudo começa aqui. — Então respirou mais fundo e puxou as palavras de dentro do seu íntimo, fortalecendo-as com os pulmões. — Tudo começa aqui! — anunciou, conseguindo fazer a frase soar como uma honra que estava concedendo a eles.

Funcionou. Ao seu redor, olhos brilhavam, cheios de lágrimas. Tayella balançou a cabeça, incrédula.

— Mas o que temos para oferecer? — perguntou a mulher, numa voz quase vacilante. — Nossa aldeia não tem quase nada. Não temos campos para arar nem casas grandes. Como um reinado pode começar aqui?

Kennit imprimiu gentileza na voz.

— Meu reinado começa junto com vocês. Com um navio que capturei para vocês. Com uma tripulação que treinei para vocês. Trabalhem no navio. Vou deixar Rafo aqui, para ensinar como se deve agir sob a bandeira do Corvo. Tomem o que quiserem de quem passar, e o que tomarem será de vocês. Lembrem-se de como o sátrapa tirou tudo o que vocês tinham, não sintam vergonha de recuperar sua riqueza com os mercadores de Jamaillia: é com o sangue de vocês que eles enriquecem. — Reparou nos olhos brilhantes do primeiro imediato, e a visão o inspirou. — Mas deixo uma advertência: não permitam que nenhum traficante de escravos passe por aqui ileso. Joguem as tripulações para as serpentes, que vão aceitar a carne de bom grado, e reúnam os navios aqui. Torto terá direito à metade de todas as cargas capturadas. Metade! — repetiu, mais alto, para que todos soubessem de sua generosidade. — Guardem o resto aqui, em segurança. Sorcor e eu vamos voltar antes do fim do ano para fazer uma contagem e ensinar a melhor forma de lucrar com as vendas. — Ergueu a tigela de vinho com um sorriso enviesado e satisfeito. — Eu lhes ofereço um brinde amargo! Às coisas mais doces e melhores que estão por vir!

Todos bradaram em uníssono. Tayella pareceu não notar que Kennit tinha roubado o controle da aldeia: seus olhos brilhavam tanto quanto os dos outros habitantes daquela ilha, e ela também ergueu a tigela bem alto. Até o sorumbático Sorcor tomou parte, quando gritaram seu nome. Kennit sentiu sua alma ser invadida por um triunfo mais intenso do que qualquer coisa que já sentira. Seu olhar encontrou os olhos adoradores do primeiro imediato, e ele

soube que tinha o homem outra vez sob rédea curta. Sorriu para Sorcor e também para o bebê que o homem segurava. Quase deu uma gargalhada quando a última peça do quebra-cabeça se encaixou: Sorcor acreditava que dar o nome dele ao bebê fosse uma homenagem, uma espécie de recompensa. Não tentou suprimir o sorriso cada vez mais largo. Em vez disso, ergueu mais uma vez a tigela. Com o coração palpitante, esperou que o barulho diminuísse à sua volta, então falou, a voz de uma suavidade enganadora:

— Façam como eu ensinar. Sigam meus ensinamentos, e eu os conduzirei à paz e à prosperidade!

O urro em resposta às suas últimas palavras quase o deixou surdo. Kennit baixou os olhos humildemente e compartilhou um sorriso secreto com o pequeno rosto em seu pulso. A comemoração durou muito tempo, se estendendo a noite toda e manhã adentro. Antes de acabar a festança, quase toda Torto estava embriagada com o vinho amargo, e o estômago de Kennit se revirava com as tentativas de beber aquilo. Depois de encontrar um momento de tranquilidade e implorar que Kennit o perdoasse por ter duvidado dele, Sorcor também admitiu que tinha pensado que ele era um homem sem coração, frio como uma serpente. Kennit não precisou perguntar o que tinha feito o imediato mudar de ideia. Já tinha ouvido relatos de diversas fontes sobre como todos ali tinham ficado comovidos quando o próprio Kennit, que todos diziam ser um dos capitães mais duros e calejados das Ilhas Piratas, fora reduzido às lágrimas ao testemunhar a miséria do porão do navio. Kennit os resgatara, chorara por eles e lhes devolvera a liberdade junto com as famílias perdidas. Kennit percebeu, tarde demais, que poderia ter reivindicado o controle sobre aquele povoado sem ter cedido o navio, mas o que estava feito estava feito. E metade de qualquer butim que conseguissem capturar iria para ele, sem o menor esforço. Não era um mau começo. Não mesmo.

— Eu só gostaria de ver meu filho antes de a Vivácia zarpar. Minha mãe também quer — pediu Keffria, pegando a xícara e bebericar o chá. Tentava soar despreocupada, como se estivesse pedindo um favor insignificante ao marido, como se aquilo não fosse extremamente importante para ela.

Kyle Porto limpou a boca no guardanapo e o deixou de lado na mesa do café da manhã.

— Eu sei, minha querida. Sei que deve ser difícil não ver seu filho por tanto tempo e depois ele ter que se afastar de novo. Mas você precisa lembrar que, no fim dessa viagem, vou trazer Wintrow de volta como um jovem vigoroso, um

filho do qual se orgulhar. Nesse momento, ele mal sabe o que pensar sobre qualquer coisa. O trabalho é difícil, e ele está desanimado. Aposto que deve sentir o corpo dolorido todas as noites. — Kyle ergueu a própria xícara, franziu a testa e tornou a baixá-la. — Mais chá. Se eu trouxesse Wintrow de volta para casa para ver a mamãe e a vovó, ele consideraria isso um sinal de que pode choramingar para você. Ia ficar implorando e se lamuriando, e vocês dois acabariam chateados. E ele teria de começar tudo de novo. Não, Keffria. Confie em mim. Não seria bom para ninguém, e muito menos para a sua mãe. Ela acabou de passar por momentos difíceis, com a perda de Ephron. Não vamos tornar as coisas piores para ela.

Keffria se inclinou para a frente e encheu outra vez a xícara do marido. Tinha ficado tão feliz em ver Kyle se juntar a ela no café da manhã, tão certa de que poderia implorar por esse favor. Parecia uma eternidade desde a última vez em que o marido passara tanto tempo com ela. Kyle voltava exausto todas as noites e se levantava sempre antes do amanhecer, para voltar ao navio. Naquela manhã, quando o marido se demorou na cama, Keffria teve a esperança de que o temperamento dele estivesse se suavizando. Quando Kyle disse que tinha tempo para tomarem o desjejum, suas esperanças aumentaram ainda mais. Mas reconheceu o tom na voz do marido quando ele falou sobre Wintrow: seria inútil discutir, era melhor deixar as esperanças de lado, pelo bem da paz.

Já havia passado mais de duas semanas desde que Kyle mandara Wintrow para o navio. Nesse intervalo, o marido nem ao menos mencionara o filho e respondia às perguntas dela com frases sucintas. Lembrava a época quando Wintrow partiu para o monastério: como não sabia o que estava acontecendo na vida do filho, Keffria não conseguia encontrar alguma coisa para basear suas inquietações — o que impedia a nuvem de preocupações que pairava em sua mente, nebulosa e ameaçadora, sempre que não estava ocupada em se preocupar com o silêncio enlutado da mãe ou o desaparecimento da irmã. Pelo menos sabia onde o filho estava. E Kyle era o pai dele: não deixaria que nada de mal acontecesse ao menino e diria se houvesse motivo para preocupação. Claro que Kyle estava certo sobre Wintrow. Talvez aquela firmeza fosse o que faltava. Afinal, o que ela sabia sobre garotos daquela idade? Keffria respirou fundo para se acalmar e passou, resoluta, para o tópico seguinte de suas preocupações.

— Você sabe... — Ela hesitou. — Althea foi até o navio?

Kyle franziu o cenho.

— Não desde o dia em que aquele tonto do Torg a expulsou. Minhas ordens eram de que ela não embarcasse, mas nunca quis que ele a enxotasse. Queria que

ele tivesse tido o bom senso de me chamar. Eu teria arrastado aquela garota de volta para casa, onde é o lugar dela. — O tom não deixava dúvidas de que a opinião de Althea sobre a questão não teria importado.

Não havia ninguém na sala com eles além de uma criada, mas Keffria mesmo assim abaixou a voz.

— Ela não veio ver mamãe. Eu sei porque perguntei. E também não voltou para casa escondida. Kyle, onde ela pode estar? Tive pesadelos. Tenho medo de que ela seja assassinada ou coisa pior. Tive uma ideia outra noite... Será que ela não subiu escondida a bordo da Vivácia? Ela sempre teve uma ligação tão forte com o navio... Talvez Althea seja teimosa o suficiente para se esgueirar a bordo e se esconder antes de vocês estarem em alto-mar e não ter mais como dar meia-volta...

— Ela não está no navio — interrompeu Kyle, seco. Pelo tom, achava que a ideia de Keffria era pura baboseira feminina. — Deve estar em algum lugar na cidade e vai voltar para casa assim que o dinheiro acabar. E, quando isso acontecer, quero que você seja severa com ela. Não fique alvoroçada nem diga quanto ficou preocupada. E não adianta cacarejar como uma galinha irritada, ela vai só ignorar. Você precisa ser dura com ela. Deixe a menina sem um tostão sequer até ela começar a se comportar. E mantenha a rédea curta. — Ele estendeu o braço por cima da mesa e segurou a mão da esposa delicadamente, o toque contrastando com a firmeza de seu tom de voz. — Posso confiar em você? Para fazer o que é melhor e mais sensato?

— Não vai ser fácil... — respondeu Keffria, vacilante. — Althea está acostumada a fazer as coisas a seu próprio modo. E minha mãe...

— Eu sei. Sua mãe está começando a questionar isso tudo. Ela não está vendo as coisas com clareza, porque perdeu o marido e está com medo de também perder a filha. Mas ela só vai perder Althea se ceder e deixar a menina agir desse jeito impulsivo de sempre. Se Ronica quiser a presença de Althea, vai ter que forçar essa menina a voltar para casa e a se comportar direito. Mas eu sei que sua mãe ainda não concorda com isso, Keffria. Dê tempo a ela. Aliás, dê tempo às duas. Elas vão ver que estamos certos e vão nos agradecer. O que foi?

Os dois se viraram ao ouvir uma batida na porta. Malta espiava por uma fresta.

— Posso entrar? — perguntou a menina, timidamente.

— Sua mãe e eu estamos conversando — retrucou Kyle. Considerou aquilo resposta suficiente e, sem outro olhar para a filha, se voltou para a esposa. — Arranjei um tempo e dei uma olhada nas contas das propriedades do norte. Os

arrendatários da fazenda Ingleby não têm pagado o aluguel integral nos últimos três anos. Eles precisam ser despejados. Talvez seja melhor vender a fazenda. Ou um, ou outro.

Keffria segurou firme a xícara. Às vezes, quando tinha que corrigir o marido, ficava tão nervosa que as mãos tremiam. Kyle não gostava daquilo.

— A fazenda Ingleby é da minha mãe, Kyle. Foi parte do dote. E os arrendatários são a antiga babá dela e o marido. São idosos, e minha mãe sempre prometeu a Tetna que não a deixaria desamparada, então...

Kyle botou a xícara de volta na mesa com tanta força que o chá respingou na toalha branca. Ele soltou um suspiro exasperado.

— E é justamente esse tipo de raciocínio que vai acabar com a gente. Não tenho nada contra caridade, Keffria, nem contra lealdade. Mas se sua mãe precisa cuidar de um casal senil, melhor mandar trazer os dois para cá e os deixar na ala dos criados, trabalhando como conseguirem. Aposto que seriam mais úteis aqui, e também ficariam mais confortáveis. Não tem por que desperdiçar uma fazenda inteira com eles.

— Tetna cresceu lá... — começou Keffria, mas levou um susto e teve que sufocar um gritinho quando a palma calejada de Kyle bateu no tampo da mesa.

— E eu cresci em Origines, mas ninguém vai me dar uma casa lá quando estivermos velhos e desamparados porque não administramos as finanças direito. Keffria. Fique quieta e me deixe terminar o que eu estava tentando dizer. Sei que a fazenda é da sua mãe. Sei que você não tem controle direto sobre o lugar. Só quero que você transmita meu conselho e, com ele, o aviso de que não sairá mais dinheiro do espólio de seu pai para a manutenção daquela fazenda. Se Ronica não conseguir forçar aquele lugar a render dinheiro suficiente para dar conta dos próprios gastos, vai ter de deixar o terreno à própria sorte. Chega de gastar com o que não rende. E ponto final. — Ele se virou na cadeira e apontou um dedo acusador para a porta. — Você. Malta. Está bisbilhotando a conversa dos seus pais? Se vai agir como uma criada enxerida, posso lhe passar algumas tarefas.

Malta espiou para dentro da sala. Parecia apropriadamente assustada.

— Perdão, papai. Queria esperar até você e mamãe terminarem a conversa para eu poder falar com o senhor.

Kyle soltou um longo suspiro e revirou os olhos para a esposa.

— As crianças precisam aprender a não interromper, Keffria. Entre, Malta, já que parece que você não consegue esperar direito, não tem paciência. O que você quer?

Malta entrou na sala, hesitante, e, ao ver o pai franzir o cenho, apressou o passo e parou diante dele. Fez uma mesura e evitou os olhos da mãe ao falar:

— O Baile de Verão já passou. Não tivemos como ir, eu entendo. Mas a Oferenda da Colheita é daqui a 72 dias.

— E?

— Eu queria ir.

O pai balançou a cabeça, exasperado.

— E você vai. Você sempre vai a esses festejos, desde os seis anos. Todos os membros de famílias de Mercadores vão. A não ser aqueles que precisam navegar, como eu. Duvido que eu esteja de volta a tempo para comparecer, mas você sabe que vai. Por que está me incomodando com esse assunto?

Malta olhou de relance para o semblante reprovador da mãe e em seguida fitou o pai, muito séria.

— Mamãe disse que talvez a gente não possa ir este ano. Por causa do luto pelo meu avô. — Ela respirou fundo. — E ela disse que, mesmo que a gente fosse, eu ainda não tenho idade para usar um vestido de baile. Ah, papai, eu não quero ir à Oferenda da Colheita num vestido de menininha. Delo Trell, que tem a minha idade, vai usar um vestido de baile.

— Delo Trell é onze meses mais velha que você — interrompeu Keffria. Podia sentir o calor emanando das bochechas em ver a filha ousar levar aquela questão ao pai, como se fosse uma injustiça. — E vou ficar muito surpresa se ela for à Oferenda da Colheita num vestido de baile. Eu mesma não compareci a um festejo como mulher até ter quinze, quase dezesseis anos. E *estamos* de luto. Não esperam nada de nós este ano. Não é apropriado...

— Podia ser um vestido escuro. Carissa Krev foi ao Baile dois meses depois de a própria mãe morrer.

Keffria retrucou com firmeza.

— Só vamos se sua avó achar apropriado, e duvido muito disso. E, se formos, você vai se vestir como convém a uma garota da sua idade.

— Você me veste como uma criança! — gritou Malta. Sua voz soava trágica e cheia de dor. — Não sou mais uma garotinha. Ah, papai, ela me faz usar saias que batem no meio das canelas, todas com babados na barra, como se tivesse medo de que eu fosse correr e brincar em poças de lama. E me faz trançar o cabelo como se eu tivesse sete anos, e coloca laços nas minhas golas, e só me deixa usar flores, nenhuma joia, e...

— Basta — advertiu Keffria, mas, para sua surpresa, o marido gargalhou.

— Venha aqui, Malta. Não, enxugue as lágrimas e venha aqui. — Quando a filha se aproximou o suficiente para ser colocada em seu colo, ele continuou, encarando-a nos olhos: — Quer dizer que você acha que tem idade suficiente para usar um vestido de mulher. Daqui a pouco vai querer que os rapazes venham lhe visitar.

— Papai, eu vou ter treze anos na época da Oferenda — começou Malta, mas o pai a fez se calar.

Ele olhou por cima da cabeça da filha, para a esposa.

— *Se* vocês forem — começou, hesitante —, seria tão ruim assim deixar Malta usar um vestido de baile?

— Ela é só uma criança! — protestou Keffria, consternada.

— É mesmo? — perguntou Kyle, com um tom caloroso de orgulho. — Olhe só para a sua filha, Keffria. Se ela ainda é uma menina, pelo menos já é bem-feita de corpo. Minha mãe sempre dizia: "Um menino só vira homem quando se prova um, mas uma menina vira mulher quando deseja."

Kyle afagou o cabelo trançado de Malta, e a garota lhe deu um sorriso radiante, seguido por um olhar suplicante à mãe. Keffria tentou esconder o choque em ver o marido ficar do lado da filha, contra ela.

— Kyle. Malta. Simplesmente não é adequado.

— O que há de inadequado nisso? Que mal pode causar? Este ano, no ano que vem, que diferença faz quando ela passar para as saias longas, desde que as use bem e que se vista bem?

— Ela só tem doze anos — retrucou Keffria, numa voz fraca.

— Quase treze. — Malta sentiu a vantagem e a aproveitou. — Ah, por favor, mamãe, diga sim! Diga que eu posso ir à Oferenda e usar um vestido de verdade!

— Não. — Keffria estava determinada. — Só vamos se a sua avó for. Senão seria um escândalo. Não vou mudar de ideia.

— Mas se a gente for? — insistiu Malta. Ela se virou de novo para o pai. — Ah, papai, diga que eu posso ter um vestido de verdade se mamãe me deixar ir à Oferenda.

Kyle abraçou a filha.

— Parece um acordo justo — sugeriu ele a Keffria. A Malta, acrescentou: — Você só vai ao baile se sua avó for. E nada de importunar e insistir no assunto. Mas, se Ronica for, você pode ir, e pode usar um vestido de verdade.

— Ah, obrigada, papai — sussurrou Malta, como se um desejo pelo qual

ansiasse a vida inteira tivesse sido concedido.

Algo muito parecido com raiva inundou o sangue de Keffria, deixando-a tonta.

— E agora, Malta, você pode ir. Quero falar com o seu pai. E como você acredita que tem idade suficiente para se vestir como mulher, vai me mostrar que tem as habilidades de uma. Vá terminar o bordado que está no seu tear há três semanas.

— Mas vou levar o dia inteiro! — protestou Malta, angustiada. — Eu queria visitar Carissa e ver se ela podia ir comigo à Rua do Tecelão para olhar os tecidos... — A voz vacilou quando viu o olhar no rosto da mãe. Sem mais uma palavra, a garota se virou e saiu depressa da sala.

Assim que desapareceu de vista, Kyle soltou uma gargalhada. Keffria tinha certeza de que nada que ele pudesse ter feito a ofenderia mais que aquilo. Ainda assim, quando viu a expressão da esposa, ele simplesmente gargalhou mais alto.

— Se você pudesse ver a sua cara — conseguiu dizer Kyle, por fim. — Está tão brava porque sua filha deu um jeito de conseguir o que quer à sua custa! Mas o que eu posso fazer? Você sabe que ela sempre foi minha queridinha. E que mal isso pode causar, de verdade?

— Ela pode atrair uma atenção com a qual ainda não foi ensinada a lidar. Kyle, quando uma mulher vai à Oferenda da Colheita com o primeiro vestido de baile, é mais do que um pouco de tecido a mais na saia. É um anúncio de que ela está sendo apresentada a Vilamonte como uma mulher da família. E isso significa que está com idade de ser cortejada, que a família levará em consideração os pedidos por sua mão.

— E? — perguntou Kyle, pouco à vontade. — Não precisamos dizer sim.

— Ela será convidada para danças — prosseguiu Keffria, sem se abalar. — Não por garotos da idade dela, com quem já dançou antes, já que eles ainda serão vistos como garotos. Ela será vista como uma jovem mulher. E vai dançar com homens, jovens e velhos. E além de ainda não ser boa dançarina, Malta não aprendeu a conversar com homens nem a lidar com atenções... indesejadas. Ela pode atrair investidas inapropriadas e nem perceber o que está permitindo acontecer. Pior ainda: um sorriso nervoso ou uma risadinha podem fazer parecer que ela está encorajando alguma atitude. Queria que você tivesse falado comigo antes de dar essa permissão a ela.

Kyle passou do desconforto à irritação num piscar de olhos. Ele se levantou de repente e jogou o guardanapo na mesa.

— Entendo. Talvez eu devesse simplesmente viver a bordo do navio, para evitar incomodar você, que quer determinar sozinha o destino da família! Parece que você esqueceu que Malta é tão minha filha quanto sua. Se ela tem doze anos e ainda não aprendeu dança e etiqueta, é culpa sua! Primeiro você manda meu filho para ser sacerdote, agora se comporta como se eu não pudesse opinar em como a minha filha é criada.

Keffria já estava de pé, agarrando a manga do marido.

— Kyle! Por favor! Volte, sente-se. Não foi isso o que eu quis dizer. Claro que quero a sua ajuda para criar nossos filhos. É só que precisamos ter cuidado com a reputação de Malta, se quisermos que ela seja vista como uma jovem de boa criação.

Mas Kyle não se deixou abrandar.

— Então sugiro que você cuide das lições de dança e etiqueta, em vez de mandar a menina bordar. Eu tenho um navio para cuidar. Além de um filho para botar nos eixos, por conta de uma decisão em que não pude opinar.

Ele se soltou da esposa como se espantasse uma mosca e saiu da sala pisando duro. Keffria ficou ali, parada, cobrindo a boca com a mão.

Passado algum tempo, ela se sentou devagar, respirou fundo e levou as mãos às têmporas latejantes. Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. Os últimos dias tinham trazido tanta tensão, tantas discussões. Era como se nunca conseguisse um só momento de paz naquela casa. De repente, quis voltar para a época em que o pai era um homem saudável e navegava com Althea enquanto ela e a mãe ficavam para trás e cuidavam da casa e das crianças.

Quando Kyle voltava do mar, sempre parecia que estavam de férias. Kyle era o capitão do *Audácia*, e todos falavam bem dele, de como era bonito, de como parecia elegante. Passavam os dias em Vilamonte, demorando-se no quarto ou passeando de braços dados pela cidade. O baú de bordo sempre transbordava de presentes para ela e os filhos, e ele sempre a fizera se sentir como uma mulher recém-casada. Kyle tinha ficado tão sério desde que assumira o comando da Vivácia... E tinha ficado tão, tão... tentou pensar em como definir aquilo. Pensou em “ávido”, mas rejeitou a palavra. Ele simplesmente era o homem no comando, concluiu. E, com a morte de Ephron, Kyle estendera esse comando a tudo: não só ao navio da família, mas à casa, às propriedades, às crianças e até mesmo, pensou Keffria com aflição, à irmã e à mãe dela.

Os dois sempre ficavam conversando até tarde da noite, em longos debates sobre nada. Kyle gostava de abrir as cortinas e deixar o luar iluminar a cama, e sempre falava da fúria das tempestades que testemunhara e da beleza das velas

infladas quando conseguiam o vento certo, tudo isso enquanto a tocava com mãos e olhos que diziam que a achava tão fascinante quanto o mar. Agora, Kyle falava de pouco mais que as cargas que tinha vendido e as mercadorias que levara a bordo. Não parava de lembrá-la de que a ruína ou a prosperidade das finanças da família Vestrit repousavam sobre seus ombros e jurara repetidas vezes que mostraria uma ou duas coisas aos Mercadores de Vilamonte sobre como administrar finanças e negociar. As noites que passavam juntos não traziam alívio ou descanso, e o marido passava os dias em terra firme no navio. E teve que admitir, amargurada, que não via a hora de Kyle zarpar. Quando ele partisse, Keffria poderia recuperar um pouco da paz dos dias e das rotinas.

Ergueu a cabeça ao ouvir passos, ao mesmo tempo esperando e temendo que anunciassem o retorno do marido. Mas foi a mãe quem entrou na sala. Ela olhou para Keffria e para os restos de comida na mesa do café como se fossem menos do que sombras, então passou os olhos pela sala, como se procurasse outra coisa. Ou alguém.

— Bom dia, mãe — disse Keffria.

— Bom dia — respondeu Ronica, apática. — Ouvi Kyle ir embora.

— E foi por isso que você desceu — retrucou Keffria, mordaz. — Mãe, fico triste de ver você evitando meu marido. Precisamos discutir algumas coisas, tomar algumas decisões...

Sua mãe exibiu um sorriso minúsculo.

— E, enquanto Kyle estiver presente, isso será impossível. Keffria, estou cansada e triste demais para falar com delicadeza. Seu marido não deixa espaço para discussão. É inútil tentar trocar palavras com ele: nós dois não concordamos, e ele só vai admitir as próprias ideias. — Ela balançou a cabeça. — Parece que só penso em duas coisas, nos últimos dias. Posso sofrer pelo seu pai ou me repreender pela confusão que causei a tudo o que ele me confiou.

Apesar da raiva que sentira havia pouco, as palavras contra Kyle a atingiram. Quando Keffria respondeu, foi numa voz baixa carregada de mágoa:

— Ele é um homem bom, mãe. Só está fazendo o que acredita ser o melhor para todos nós.

— Pode ser verdade, mas não serve muito de consolo, Keffria. — Ronica balançou a cabeça. — Seu pai e eu realmente acreditávamos que ele era um homem bom, senão jamais teríamos consentido que você se casasse com ele. Mas, naquela época, não podíamos prever nem metade do que acabou acontecendo. Talvez tivesse sido melhor você ter se casado com um Mercador. Talvez tivesse sido melhor para todos nós se você tivesse se casado com alguém

mais familiarizado com o modo como fazemos as coisas.

A mãe foi se sentar à mesa, movendo-se como uma velha, lenta e rígida. Ronica virou o rosto para evitar a luz da manhã brilhante de verão que inundava a sala, como se a iluminação fizesse doer seus olhos.

— Veja aonde chegamos com Kyle fazendo o que acredita ser o melhor para todos nós. Althea ainda está desaparecida, e o jovem Wintrow foi levado contra a vontade para a Vivácia. Isso não é bom nem para o garoto e nem para o navio. Se Kyle realmente compreendesse como funciona um navio-vivo, não deixaria Wintrow tão agitado e infeliz a bordo de uma embarcação nova. Pelo que sei, os primeiros meses depois do despertar são cruciais. Vivácia precisa de calma e confiança em seu mestre, não de coerção e discussões. E essa ideia de usar o navio para transportar escravos... isso me enoja. Simplesmente me enoja. — Ela ergueu a cabeça, e seu olhar prendeu Keffria no lugar. — Tenho vergonha de ver você permitir que seu filho viaje a bordo de um navio de escravos. Como pode permitir que ele presencie uma coisa dessas, que faça parte dessa barbaridade? No que acha que ele precisa se transformar para sobreviver a uma coisa dessas?

As palavras da mãe despertaram um pavor inominável em Keffria, mas ela cerrou os punhos debaixo da mesa e tentou fazer com que parassem de tremer.

— Kyle disse que não vai ser cruel com Wintrow. Quanto aos escravos, ele me explicou que fazer as pessoas sofrerem sem necessidade só diminui o valor da carga. Eu falei com ele, falei mesmo, sobre tudo o que ouvi a respeito de navios de escravos. E ele me prometeu que Vivácia não se tornaria um matadouro fedorento.

— Mesmo que Kyle trate Wintrow com tanta gentileza quanto trataria uma menina, seu filho vai sofrer com o que testemunhar a bordo de um navio de escravos. O amontoamento, as mortes, a disciplina selvagem para manter uma carga dessas sob controle... é errado. É errado, e nós duas sabemos disso. — A voz da mãe não dava espaço para contestação.

— Mas nós temos uma escrava bem aqui, na casa. Rache, que Davad lhe emprestou durante o pior período da doença do papai.

— É errado — repetiu Ronica Vestrit, em voz baixa. — Eu percebi isso e quis devolver Rache. Mas, quando tentei mandar a coitada de volta para Davad, ela caiu de joelhos e me implorou para não fazer isso. Rache sabe que, pelo pouco de aprendizado que recebeu, deve valer um bom preço em Calcede. O marido dela foi mandado para lá, pelas dívidas da família. Eles vieram de Jamaillia, sabia? E quando se endividaram e não conseguiram encontrar uma saída, ela, o marido e o filho foram mandados para o palanque. O marido era um homem com

bastante instrução, e pagaram um preço considerável por ele. Mas ela e o filho pequeno foram vendidos por bem pouco a um dos agentes de Davad. — A voz de Ronica Vestrit ficou mais carregada. — Rache me contou sobre a viagem para cá. O filhinho não sobreviveu. Mas não acho que Davad Recomeço seja um homem cruel, pelo menos não de propósito. Nem é um comerciante ruim a ponto de danificar propositadamente uma carga valiosa.

A voz da mãe permanecera curiosamente seca enquanto contava essas coisas. Quando ela repetiu as palavras de Kyle, imitando o tom da filha, Keffria ficou arrepiada.

— Acho que me tornei imune à morte. Desde que a praga levou seus irmãos, passei a não dar importância, a ver a morte como algo que precisa ser suportado e superado. Agora que seu pai se foi, acabei me lembrando de como o fim é repentino e permanente. Já é difícil ter que lidar com a morte quando é causada por uma doença, mas o filho de Rache se foi porque a barriguinha não suportava o balanço do porão sufocante e abarrotado. Ele não conseguia segurar o pão duro e a água salobra que recebiam para comer. Rache ficou assistindo ao filhinho morrer.

A mãe ergueu os olhos atormentados e encarou Keffria.

— Perguntei a Rache por que ela não gritou com a tripulação quando apareciam para trazer comida. Eles com certeza poderiam deixar os dois ficarem um pouco no convés para sentir o ar puro, podiam ter dado um pouco de comida que o menino tolerasse, não é? E ela me disse que fez isso, que implorava e suplicava toda vez que desciam para entregar comida ou levar os baldes para cima. Mas os marinheiros fingiam que não ouviam. Ela não era a única a bordo implorando por misericórdia. Homens adultos e mulheres jovens morreram acorrentados a ela, mortes tão desnecessárias quanto a do filho. Quando os marinheiros apareceram e levaram o homem ao lado dela e a criança, botaram os corpos no ombro como sacos de batatas. E Rache soube que jogariam o corpo do filho às serpentes que seguiam o navio, e acabou enlouquecendo.

“Por ironia do destino, foi justamente essa insanidade que a salvou. Quando Rache começou a gritar, implorando às serpentes que arrebentassem o casco do navio e a devorassem, pedindo a Sá que enviasse ventos e marés para despedaçar o navio nas rochas, acabou deixando os marinheiros assustados e comovidos. Os mesmos marinheiros que não tinham se comovido com suas súplicas. Eles não queriam mais levar aquela mulher que se importava tão pouco com a vida a ponto de suplicar para que a morte se abatesse sobre todos. Rache foi espancada, mas se recusou a ficar em silêncio. Então a botaram para fora quando o navio

atracou em Vilamonte. Os marinheiros juravam que a última tempestade tinha sido chamada por ela e não a levariam mais a bordo. Davad teve que ficar com a mulher, já que Rache era parte da carga dele, mas, como não podia chamá-la de escrava em Vilamonte, alegou que fosse trabalhadora servil. E, quando começou a ficar apreensivo com os olhares dela, que o culpa pela morte do filho, mandou Rache para cá para ficar com a gente. Então, como você pode ver, o presente que ele nos deu nessa hora de necessidade tinha mais a ver com medo do que com caridade. E desconfio que tenha sido justamente isso que o próprio Davad se tornou: um homem governado mais por medo do que por caridade."

Ronica fez uma pausa, como se refletisse sobre algo.

— E com uma boa dose de ganância — acrescentou. — Eu não achava que Davad fosse o tipo de homem capaz de ouvir uma história como a de Rache e continuar investindo no negócio, mas continuou. E pressiona os que conhece bem, pedindo que votem em favor da legalização do comércio de escravos em Vilamonte. — Ronica fulminou Keffria com os olhos outra vez. — Agora que você herdou as propriedades de seu pai, herdou também o voto dele no Conselho. Davad com certeza vai começar a lhe cortejar para usar esse voto em favor dele. E se esses interesses forem para liberar o comércio de escravos, minha filha... o que acha que Kyle lhe dirá para fazer?

Keffria se sentiu paralisada. Não ousou responder. Queria dizer que o marido não aprovaria a escravidão em Vilamonte, mas já estava fazendo anotações mentais a contragosto. Se os escravos fossem legalizados, algumas propriedades poderiam voltar a ser lucrativas. Searas. A mina de estanho. Mas, além disso, Kyle não teria que levar a carga até Calcede para lucrar: poderia vender os escravos ali mesmo, em Vilamonte. Um tempo menor de transporte significa que uma quantidade maior de carga chegando viva e em boas condições...

Sentindo um leve tremor, Keffria considerou o que significava aquilo. *Uma quantidade maior de carga chegaria viva.* Desde o princípio, aceitara que era inevitável alguns escravos morrerem no transporte. Mas de quê? De velhice ou saúde frágil? Não. Kyle era prudente demais para comprar escravos à beira da morte. Já esperava que aquelas pessoas morressem em decorrência da viagem, aceitando a possibilidade. Mas por quê? Em suas viagens de navio, jamais temera pela própria vida ou saúde. A única razão para as mortes devia ser o tratamento dado aos escravos — tratamento que poderia muito bem ser parte dos deveres de Wintrow como marinheiro. Será que o filho aprenderia a ignorar os gritos de súplica de uma jovem implorando misericórdia para a criança em seu colo? Será que ajudaria a jogar os cadáveres às serpentes?

A mãe devia ter lido seus pensamentos, pois disse em voz baixa:

— Lembre-se: o voto é seu. Você pode transferir para o seu marido, se quiser. Muitas esposas de Mercadores de Vilamonte em sua posição fariam isso, embora nossa lei não exija uma coisa dessas. Mas lembre-se de que a família Vestrit tem um único voto no Conselho dos Mercadores, só um. E, depois que esse voto estiver transferido para o seu marido, você não pode reivindicá-lo de volta. Kyle pode designar quem quiser para votar em sua ausência.

Keffria de repente se sentiu sozinha e com muito frio. Não importava como decidisse agir: sofreria de qualquer jeito. Não tinha dúvidas de que Kyle seria a favor da escravidão, quase podia ouvir os argumentos lógicos e racionais, inclusive o de que a escravidão em Vilamonte com certeza seria um destino melhor para os escravos do que a escravidão em Calcede. Ele a convenceria. E, quando isso acontecesse, a mãe perderia o que restava do respeito que ainda tinha por ela.

— É só um voto no Conselho dos Mercadores — ouviu-se dizer em voz baixa. — Um voto dos cinquenta e seis.

— Só restam cinquenta e seis famílias Mercadoras — admitiu a mãe, para então continuar: — E você sabe quantos recém-chegados acumularam acres de terra suficientes para exigir um voto no Conselho? Vinte e sete. Você parece chocada. Bem, eu também fiquei. Parece óbvio que algumas pessoas vieram se estabelecer no sul de Vilamonte e requisitar a posse de terras com concessões assinadas pelo novo sátrapa só para entrar em Vilamonte e reivindicar direito a um lugar no Conselho. Aquele segundo Conselho que criamos para que os Imigrantes dos Três Navios pudessem resolver os problemas entre eles e ter alguma voz para especular sobre o futuro de Vilamonte agora está sendo usado contra nós.

“E a pressão não vem só de dentro da cidade, minha filha. A própria Calcede também está de olho nas nossas riquezas. Já desafiaram a fronteira setentrional mais de uma vez, e aquele garoto tonto no papel de sátrapa praticamente cedeu sem sequer dizer uma palavra. Tudo pelo bem dos presentes que os calcedianos mandam: mulheres, joias e ervas de prazer. Ele não vai ficar do lado de Vilamonte nessa guerra. Não vai nem manter as promessas de Esclepius. Segundo os rumores, esse novo sátrapa esvaziou o Tesouro de Jamaillia com seu esbanjamento e agora está tentando arranjar mais dinheiro para se divertir emitindo concessões de terra para qualquer um que o agrade com presentes e promessas. Ele não está distribuindo nossa terra só para os nobres jamaillianos, mas também para os calcedianos. Então pode ser que você esteja certa sobre o

que ia dizer, Keffria. Talvez um voto não adiante de nada para deter as mudanças que estão tomando conta da nossa cidade.”

A mãe se levantou devagar. Não tinha comido nem bebericado o chá. Enquanto seguia até a porta, ela suspirou.

— Daqui a algum tempo, nem todos os cinquenta e seis votos dos Mercadores juntos vão ser suficientes para refrear a vontade dessa onda de recém-chegados. E se esse novo sátrapa, o Cosgo, vai mesmo violar uma promessa de Esclepius, quem garante que manterá as outras? Quanto tempo vai levar até os nossos monopólios de direito também serem vendidos a outros? Não gosto de pensar no que pode acontecer aqui. Isso vai ser muito mais do que o fim do nosso modelo de vida. Não gosto de pensar no que essa gente gananciosa e descuidada pode despertar, caso se aventure a subir o Rio da Chuva.

Por um momento de puro horror, Keffria lembrou do nascimento de seu terceiro filho — ou melhor, da terceira vez em que foi levada para dar à luz. Criança nenhuma nasceu daquela longa gravidez e daquele parto doloroso: o resultado foi uma criatura que sua mãe não lhe permitiu ver ou segurar, um ser que rosnava e se debatia selvagemente enquanto Ronica a levava para fora do quarto. Kyle estava no mar, mas Ephron estava em casa, então coube ao pai fazer o que era o fardo das famílias de Mercadores de Vilamonte. Ninguém tocou no assunto mais tarde. Quando Kyle voltou do mar, não perguntou sobre o berço ainda vazio, simplesmente aceitou aquilo como fato e tratou a esposa com muita ternura. Desde então, Kyle só mencionara o parto do “natimorto” uma vez. Keffria se perguntava se o marido realmente acreditava que o bebê tinha nascido sem vida. Ele não era de família Mercadora, talvez não acreditasse no preço que pagavam.

Talvez Kyle não compreendesse o que significava ter se casado com alguém de uma família Mercadora. Talvez não compreendesse que eles protegiam o Rio da Chuva na mesma medida em que lucravam com tudo o que era trazido por suas águas.

Por um breve momento, Keffria viu o marido como um estranho, como uma possível ameaça. Não uma ameaça maligna, malevolente, e sim parte de uma tempestade ou de uma maré imensa que, mesmo sem alma, esmaga e destrói tudo em seu caminho.

— Kyle é um bom homem — disse à mãe. Mas Ronica já tinha saído da sala sem fazer barulho, e suas palavras morreram no ar indiferente.



15

NEGOCIAÇÕES

— Vamos zarpar amanhã de manhã. — Torg nem tentou disfarçar o prazer em dar a notícia.

Wintrow se recusou a tirar os olhos do trabalho. Aquelas palavras não eram uma pergunta nem uma ordem, e ele não era obrigado a responder.

— Sim, vamos zarpar daqui. É a última vez que você vai ver Vilamonte por um bom tempo. Tem sete portos daqui até Jamaillia, e os três primeiros são em Calcede. Vamos nos livrar daquelas nozes-de-comfer por lá. Eu sabia que não daria para vender essas coisas aqui em Vilamonte, mas ninguém me perguntou.

Torg deu de ombros e abriu um sorriso satisfeito. Parecia achar que a decisão errada de seu capitão provava que ele, o segundo imediato, era um homem sensato. Wintrow não via a relação.

— Pelo que ouvi dizer, o capitão vai juntar um pouco de dinheiro para ter mais para comprar escravos em Jamaillia. Vamos pegar uma boa quantidade, garoto. — Ele lambeu os lábios. — É o que eu espero, ainda mais porque ele vai ouvir meus conselhos, quando chegarmos. Eu conheço aquele mercado. É. Conheço carne de escravo de primeira quando vejo, e vou estar de olho atrás das melhores. Talvez até consiga algumas garotinhas magras para você se divertir. O que acha, rapaz?

Perguntas tinham de ser respondidas, caso não quisesse sentir a bota de Torg nas costas.

— Acho que a escravidão é imoral e ilegal. E que não é apropriado discutir os planos do capitão.

Manteve os olhos no trabalho, uma pilha de cordas velhas. Sua tarefa era desembaraçá-las, recuperar as que ainda estivessem boas e transformar o resto em fibras que pudessem ser trançadas outra vez em cordas ou usadas como vedação. As mãos tinham se tornado ásperas como o cânhamo das cordas que manuseava e, quando olhava para as palmas, era difícil acreditar que já tinham sido mãos de um artista com dom para lidar com vidro. Do outro lado da coberta de proa, Brando trabalhava no seu lado da pilha. Wintrow invejava a agilidade

das mãos calejadas do jovem marinheiro: quando Brando pegava um pedaço de corda e o sacudia, os fios pareciam se desembaraçar sozinhos, como que num passe de mágica. Não importava quanto Wintrow tentasse torcer para um lado a corda, a coisa sempre parecia querer girar na direção oposta.

— Ah, está ficando um pouco metido, é? — A bota pesada de Torg o cutucou dolorosamente. O hematoma de um chute anterior ainda doía.

— Não, senhor — respondeu Wintrow, por reflexo.

Estava ficando cada vez mais fácil às vezes simplesmente ser subserviente. Quando o pai o deixou nas mãos daquele bruto, Wintrow tentou dialogar como se o homem tivesse cérebro, mas logo aprendeu que Torg interpretava as palavras que não compreendia como zombaria, e que explicações eram vistas apenas como desculpas esfarrapadas. Quanto menos falasse, menos acabaria machucado, mesmo que isso significasse concordar com declarações das quais em geral discordaria. Wintrow tentava não ver isso como a erosão de sua dignidade e ética. Dizia a si mesmo que fazia aquilo para sobreviver, era apenas seu instinto de sobrevivência. Precisava ficar vivo até conseguir escapar.

Ousou fazer uma pergunta:

— Em que portos vamos parar?

Se algum deles fosse na península do Tutano, daria um jeito de sair do navio. Não importava quanto tivesse de andar ou se precisaria mendigar enquanto atravessasse a península inteira: daria um jeito de voltar ao monastério. Quando contasse sua história por lá, todos lhe dariam ouvidos. Mudariam seu nome e o colocariam em outro lugar, onde o pai jamais poderia encontrá-lo.

— Em nenhum perto de Tutano — respondeu Torg, com um prazer malicioso. — Se quiser voltar para suas sacerdotices, vai ter de ir nadando.

O segundo imediato gargalhou, e Wintrow percebeu que tinha sido induzido a fazer aquela pergunta. Ficou incomodado com o fato de que até Torg, com sua pouca inteligência, sabia ler tão bem seus pensamentos. Será que sonhava demais com a fuga, deixando o desejo aparente em cada coisa que fazia? Tinha começado a pensar que aquele era o único modo de permanecer são. Planejava maneiras de escapar. Toda vez que o trancavam no paiol de amarras para passar a noite, esperava o som de passos cessar para tentar abrir a porta.

Desejava não ter sido tão impaciente quando chegou arrastado ao navio. Suas tentativas desajeitadas de partir revelaram suas intenções claras para o capitão e a tripulação, e Kyle deixara bem claro a todos que qualquer homem que o deixasse sair do navio pagaria caro. Wintrow nunca era deixado sozinho, e os que trabalhavam a seu lado se ressentiam de não poderem confiar nele e de

terem de vigiá-lo enquanto trabalhavam.

Torg fez questão de alongar os músculos exageradamente, ergueu a bota e cutucou a espinha de Wintrow mais uma vez.

— Preciso ir, garotos. Tenho trabalho para fazer. Brando, você fica de babá. Cuide para que o bonitinho aqui se mantenha ocupado. — Com uma última cutucada dolorosa, Torg se afastou devagar pelo convés. Nenhum dos dois ergueu a cabeça para vê-lo partir.

Quando o imediato já não podia ouvi-lo, Brando comentou, com toda a calma:

— Alguém um dia vai matar esse aí e jogar o corpo pela amurada, e ninguém vai nem ligar. — Suas mãos não pararam um momento sequer enquanto ele fazia o comentário. — Talvez seja eu — acrescentou, com prazer.

A calma sugestão de assassinato deixou Wintrow arrepiado. Por mais que desgostasse de Torg, por mais difícil que fosse não odiar o homem, nunca tinha considerado matá-lo. Era desconcertante ver que Brando pensava assim.

— Não deixe alguém como Torg distorcer sua vida e sua concentração — sugeriu, baixinho. — Até pensar em matar por vingança deturpa o espírito. Não podemos saber por que Sá permite que homens como Torg tenham poder sobre outros, mas podemos negar a ele o poder de distorcer nossos espíritos. Seja obediente no que precisarmos ser, mas não...

— Não pedi um sermão — protestou Brando, irritado. Ele jogou o pedaço de corda em que estava trabalhando no chão, enojado. — Quem você pensa que é? Por que deveria me dizer como pensar ou viver? Você nunca conversa fora dessas aulas? Devia tentar, algum dia. É só dizer: “Ah, eu adoraria matar aquele desgraçado filho da mãe.” Vai ficar surpreso com o alívio. — O marujo virou o rosto para o outro lado e resmungou, aparentemente falando para um mastro. — Bosta. Você tenta falar como se ele fosse gente, e o menino age como se você estivesse de joelhos implorando por um conselho.

Wintrow ficou indignado, depois sentiu uma onda de vergonha.

— Eu não queria que soasse assim... — Começou a dizer que não se julgava melhor do que Brando, mas a mentira morreu em seus lábios. Forçou-se a dizer a verdade. — Não. Eu nunca falo sem pensar. Fui ensinado a evitar palavras descuidadas. E, no monastério, se vemos ou ouvimos alguém seguindo um caminho destrutivo, conversamos com a pessoa. Mas para nos ajudarmos mutuamente, não para...

— Bem, você não está mais no monastério. Está aqui. Quando vai enfiar isso nessa cabeça dura e começar a agir como marinheiro? Sabe, fico com pena só de

ver como você nem resiste à humilhação. Tome uma iniciativa e bata de frente, em vez de pregar a palavra de Sá o tempo todo. Tente meter um soco na cara de Torg. Claro que você vai levar uma surra por isso, mas aquele cara é um covarde. Se ele achar que existe uma chance mínima de você cravar uma espicha nele, vai lhe deixar em paz. Não entende isso?

Wintrow apelou para a dignidade.

— Se Torg fizer com que eu me comporte como ele, vai ter vencido. Não entende isso?

— Não. O que eu entendo é que você tem tanto medo de levar uma surra que não consegue nem admitir. Foi como a sua camisa que Torg pendurou no mastro só para provocar. Você devia saber que teria que buscar o negócio lá em cima, devia ter feito isso e pronto, em vez de esperar até ser forçado. Isso fez você perder duas vezes, não entende?

— Não vejo como eu perdi. Foi uma piada cruel, indigna de homens — retorquiu Wintrow, muito calmo.

Brando perdeu a paciência.

— Olha aí! Odeio isso aí que você faz. Você sabe o que eu quis dizer, mas tenta falar da coisa de um jeito completamente diferente. Não tem a ver com o que é "digno de homens". Aqui e agora, tem a ver com você e Torg. O único jeito de você vencer era fingindo que não dava a mínima, que subir no mastro para pegar a camisa não era nada de mais. Mas, em vez disso, você ficou queimando a pele no sol lá, sentado, agindo como se fosse santo demais para ir pegar sua roupa... — Brando se calou de repente, frustrado pela falta de resposta. Respirou fundo e tentou de novo. — Você realmente não entende? O pior foi ele ter forçado você a subir no mastro. Foi aí que você perdeu. A tripulação inteira acha que você é um frouxo. Um covarde. — Brando balançou a cabeça, enojado. — Já é ruim o bastante você parecer um pirralho. Ainda por cima vai agir como um?

O marinheiro se levantou, indignado, e se afastou. Wintrow continuou sentado, olhando para a pilha de cordas. Aquelas palavras o abalaram mais do que gostaria de admitir. Brando tinha deixado bem claro que Wintrow vivia num mundo diferente. Ele e o marinheiro deviam ter a mesma idade, mas Brando assumira a profissão por vontade própria, três anos antes. Era marinheiro até o último fio de cabelo, ainda mais depois de Wintrow assumir sua antiga posição de grumete. Sua aparência não tinha mais resquícios do tempo de garoto: Brando tinha músculos definidos e era bem ágil. Também era uma cabeça mais alto do que ele, e os pelos do rosto estavam começando a escurecer e virar uma barba.

Wintrow sabia que seu corpo pequeno e sua aparência infantil não eram defeitos, e que, mesmo que os considerasse ruins, não poderia mudar nada daquilo. Mas era mais fácil viver com aquele corpo no monastério, onde todos concordavam que cada um cresceria a seu próprio modo e a seu próprio tempo.

Sá'Greb nunca seria mais alto que um menino, e seus membros atarracados teriam feito dele alvo de piadas, se ainda vivesse em sua aldeia natal. Porém, no monastério, ele era respeitado pelos poemas que compunha. Ninguém o considerava "baixo demais", ele era apenas Sá'Greb. E as piadinhas cruéis e rotineiras naquele navio jamais teriam sido esperadas ou toleradas por lá. Os garotos mais novos sempre se provocavam e se empurravam, mas os que tinham tendência para a intimidação ou a crueldade logo eram devolvidos. Não havia lugar para esses atributos entre os servos de Sá.

Wintrow foi acometido por uma onda dolorosa de saudade do monastério. Afastou a dor à força, antes que ela enchesse seus olhos. Nada de lágrimas a bordo daquele navio, não havia sentido em deixar que vissem o que só poderiam interpretar como fraqueza. A seu próprio modo, Brando tinha razão: Wintrow estava preso a bordo da Vivácia até conseguir escapar ou fazer quinze anos. O que Berandol teria aconselhado que ele fizesse? Ora, deveria tirar o melhor proveito do tempo que passasse ali. Se tinha que ser marinheiro, então era melhor que aprendesse o ofício depressa. E, se fosse forçado a fazer parte daquela tripulação por... pelo tempo que fosse necessário, então precisava pelo menos começar a formar alianças.

Claro que seria de grande ajuda se tivesse a menor noção de como fazer amizade com quem não tinha praticamente nada em comum, ainda que fosse da sua idade. Pegou um pedaço puído de corda e começou a desfazê-lo enquanto ponderava a respeito daquela questão. Às suas costas, Vivácia murmurou.

— Achei muito sensato o que você falou, acho que é algo em que as pessoas deviam pensar.

Maravilhoso. Um navio de madeira sem alma, animado por uma força que podia ou não ser de Sá, achava suas palavras sensatas. Wintrow suprimiu o pensamento assim que ele surgiu, mas sentiu a vibração de dor do navio. Não tinha acabado de decidir que precisava de aliados? E lá estava ele, despejando crueldades contra a única verdadeira aliada que tinha.

— Me desculpe — pediu, quase num sussurro, sabendo que não precisava dizer as palavras em voz alta. — É da natureza humana essa necessidade de passar a dor adiante, como se pudéssemos nos livrar dela causando dor a outros.

— Sei bem disso — concordou Vivácia, apática. — E você não está sozinho

na amargura. A tripulação inteira está perturbada. Quase ninguém a bordo está satisfeito.

Wintrow assentiu ao ouvir a observação do navio-vivo.

— Muitas coisas mudaram rápido demais. Muitos homens foram dispensados, outros passaram a receber salários menores por causa da idade. Tem novatos demais a bordo, todos tentando descobrir onde se encaixam na ordem das coisas. Vai levar um tempo até que se sintam parte da tripulação.

— Se é que isso vai acontecer — comentou Vivácia, sem muita esperança. — O que existe é uma mistura da antiga tripulação de Vestrit, dos homens de Kyle e de novatos. E é assim que eles parecem se dividir, e é assim que se comportam. Eu me sinto... indo contra mim mesma. É difícil confiar, difícil relaxar e entregar o controle ao... capitão. — Ela hesitou em dizer o título, como se ainda não reconhecesse Kyle naquela posição.

Wintrow assentiu de novo, em silêncio. Também tinha sentido a tensão. Alguns dos homens dispensados tinham partido amargurados, e pelo menos dois se demitiram em protesto. O confronto mais recente acontecera porque Kyle exigiu que um homem mais velho que tinha pedido demissão devolvesse o brinco de ouro que o capitão Vestrit lhe dera em agradecimento aos muitos anos de serviço a bordo de Vivácia. O brinco tinha o formato da figura de proa do navio-vivo e identificava o sujeito como membro da tripulação. O velho jogara o brinco por cima da amurada, para não entregá-lo, e descera para a doca com o saco de marinheiro pendurado no ombro ossudo. Wintrow sentira que o sujeito não tinha muito para onde ir, que seria difícil provar seu valor a bordo de outro navio, competindo com marujos mais novos e ágeis.

— Ele não jogou o brinco de verdade. — A voz de Vivácia era pouco mais do que um sussurro.

Wintrow ficou interessado.

— Não? Como é que você sabe?

Ele se levantou e foi até a amurada para encarar a figura de proa. Vivácia sorriu.

— Porque ele voltou mais tarde, naquela mesma noite, e me entregou o brinco. Disse que tínhamos passado tanto tempo juntos que, se não pudesse morrer a bordo dos meus conveses, pelo menos queria que eu ficasse com uma lembrança desses anos.

Wintrow se sentiu profundamente comovido. O velho marinheiro entregara uma joia valiosa — isso só considerando o ouro. E entregara de bom grado.

— O que você fez com o brinco?

Vivácia pareceu pouco à vontade.

— Eu não sabia o que fazer. Mas ele me disse para engolir o brinco. Disse que muitos dos navios-vivos faziam isso. Não é tão frequente, só com objetos muito importantes. Os navios-vivos engolem essas coisas para carregar a memória do homem que a usou por toda a vida. — Ela sorriu diante do olhar espantado de Wintrow. — Então eu engoli. Não foi difícil, apesar de ter sido uma sensação estranha. E eu estou... consciente do brinco, de um jeito esquisito. Mas, sabe, pareceu a coisa certa a se fazer.

— Tenho certeza de que foi — concordou Wintrow. E se perguntou por que estava tão certo disso.

O vento noturno era bem-vindo, depois do calor do dia. Até os navios comuns pareciam sussurrar entre si enquanto rangiam suavemente junto às docas. O céu estava límpido, uma promessa de tempo bom no dia seguinte. Althea estava parada em silêncio à sombra de Vivácia, aguardando. Não parava de se perguntar se tinha perdido a razão, para apostar tudo o que tinha num objetivo impossível — e ainda por cima depender das palavras irritadas de um homem vil para alcançá-lo. Mas o que mais lhe restava? Tudo o que tinha era o juramento impulsivo de Kyle e o senso de justiça de seu sobrinho. Só uma idiota acreditaria que isso bastava. A mãe tinha tentado falar com ela através de Vivácia, o que talvez significasse que ainda tinha uma aliada em casa. Talvez, mas não contaria com isso.

Encostou a mão no casco prateado de Vivácia, em silêncio.

— Por favor, Sá — pediu, mas não sabia o que dizer em seguida.

Era raro rezar, não era de sua natureza depender de mais ninguém para obter o que queria. Althea se perguntou se a Grande Mãe de Tudo sequer ouviria as palavras de alguém que geralmente a ignorava. Então sentiu a resposta calorosa de Vivácia através da palma da mão e não soube dizer se tinha mesmo rogado a Sá — talvez, como a maioria dos marinheiros que conhecia, acreditasse mais no navio do que em qualquer providência divina.

— Ele está vindo — sussurrou Vivácia.

Althea deu mais um passo para a sombra do navio-vivo e esperou.

Odiava se esgueirar daquele jeito, ter encontros breves e clandestinos com seu próprio navio, mas aquela era sua única esperança de sucesso. Althea tinha certeza de que, se Kyle tivesse a menor ideia de quais eram seus planos, faria

tudo o que estivesse ao seu alcance para impedi-la. Mas lá estava ela, prestes a revelar o plano a Wintrow, e tudo com base num único olhar que trocara com o rapaz. Por um breve momento, Althea tinha visto o senso de justiça de seu pai nos olhos daquele menino. Apostaria tudo na crença de que o sobrinho faria o que era justo.

— Lembre-se de que estou de olho em você, garoto — ressoou a voz desagradável de Torg, em meio à quietude. As palavras foram retribuídas com silêncio, então ela ouviu um berro: — Responda, garoto!

— Você não fez nenhuma pergunta — observou Wintrow, muito calmo.

Nas docas abaixo, Althea teve que apreciar a coragem do garoto, apesar da falta de sensatez.

— Se você tentar pular deste navio, vou chutar essa sua bunda até quebrar a espinha — ameaçou Torg. — Entendeu?

— Entendi — respondeu Wintrow, num tom baixo e cansado. Soava muito jovem e muito exausto. Althea ouviu o leve arrastar de pés descalços, seguido do som de alguém se sentando sem forças no convés. — Estou cansado demais para pensar, que dirá falar — comentou o garoto.

— Mas está cansado demais para escutar? — perguntou o navio-vivo, com muita gentileza.

Althea ouviu sons indistintos de um bocejo.

— Só se você não se importar se eu cair no sono no meio do que você estiver dizendo.

— Não sou eu quem quer falar para que você escute — avisou Vivácia, em voz baixa. — Althea Vestrit aguarda nas docas abaixo. É ela quem tem algo a lhe dizer.

— Minha tia? — perguntou o garoto, surpreso.

Althea viu a cabeça de Wintrow aparecer por cima da amurada. Saiu das sombras sem fazer barulho e encarou o rapaz. Não conseguia ver seu rosto, ele era apenas uma silhueta mais escura contra o céu noturno.

— Estão dizendo que você simplesmente desapareceu — comentou o menino, sem erguer a voz.

— Sim, desapareci — admitiu Althea. Respirou fundo e deu o primeiro passo arriscado. — Wintrow. Se eu falar abertamente sobre o que planejo fazer, pode manter meu plano em segredo?

Wintrow respondeu com uma pergunta de sacerdote.

— Você planeja fazer alguma coisa... errada?

Ela quase riu.

— Não. Não vou matar seu pai nem nada tão precipitado assim. — Ela hesitou, tentando avaliar o pouco que sabia sobre o garoto. Vivácia tinha lhe assegurado que Wintrow era de confiança. Só torcia para que o navio-vivo tivesse razão. — Mas vou tentar passar a perna nele. Só que isso não vai dar certo se ele souber dos meus planos. Então quero lhe pedir que guarde meu segredo.

— E por que vai me contar o seu plano? Os melhores segredos ficam guardados com uma só pessoa.

Aquele, claro, era o ponto crucial. Althea respirou fundo.

— Porque você é crucial para os meus planos. Sem sua promessa de ajuda, não faz sentido nem começar.

O garoto permaneceu em silêncio por um tempo.

— O que você viu aquele dia, quando meu pai bateu em mim, pode lhe fazer pensar que eu o odeio ou desejo sua ruína. Não odeio e não desejo.

— Não vou lhe pedir que faça nada de errado, Wintrow — retorquiu Althea, mais do que depressa. — Prometo. Só que, antes que eu possa revelar mais alguma coisa, preciso que você prometa guardar segredo.

Althea achou que o garoto levou tempo demais para pensar na resposta. Será que todos os sacerdotes eram assim tão cautelosos?

— Vou guardar seu segredo — disse Wintrow, por fim.

Althea gostava disso nele: nada de votos ou juramentos, apenas o simples oferecimento de sua palavra. Pela palma da mão, sentiu Vivácia se alegrar com sua aprovação. Estranho que aquilo importasse para o navio-vivo.

— Obrigada — respondeu, baixinho. Althea se agarrou à própria coragem com as duas mãos e torceu para que Wintrow não a achasse tola. — Você se lembra bem daquele dia? O dia em que seu pai o derrubou na sala de jantar?

— Eu me lembro da maior parte — respondeu o garoto. — Pelo menos das partes em que estava consciente.

— Você se lembra do que seu pai disse? Ele jurou por Sá que, se um único capitão respeitável pudesse atestar minha habilidade como marinheira, ele me devolveria o navio. Você se lembra disso?

Althea prendeu a respiração.

— Lembro — respondeu Wintrow, em voz baixa.

Ela encostou ambas as mãos no casco do navio-vivo.

— E você juraria por Sá que o ouviu dizer essas palavras?

— Não.

Os sonhos de Althea, apoiados em fundações de palha, caíram por terra. Ela devia ter imaginado. Como pôde pensar que o garoto enfrentaria o pai numa questão tão importante como aquela? Como pudera ser tão estúpida?

— Eu afirmaria que ouvi ele dizer essas palavras — prosseguiu Wintrow. — Mas não juraria. Um sacerdote de Sá não jura por Sá.

Althea sentiu o coração dar um salto. Aquilo seria suficiente, teria que ser.

— Você daria sua palavra, como homem? — insistiu.

— É claro. É a verdade. — Ele balançou a cabeça para Althea, lá embaixo. — Mas acho que isso não ajudaria em nada. Se meu pai se recusa a manter a palavra de me entregar ao sacerdócio, por que honraria um juramento feito num surto de raiva? Este navio vale muito mais do que eu, para ele. Sinto muito, Althea, mas acho que suas esperanças de recuperar o navio desse jeito não são muito sensatas.

— Pode deixar que eu me preocupo com isso — respondeu ela, com a voz trêmula. O alívio percorria seu corpo. Tinha uma testemunha e sentia que podia confiar nela. Não diria nada ao garoto sobre o Conselho dos Mercadores e o poder que ele detinha, já lhe confiara muito do seu segredo e não o sobrecarregaria com mais. — Desde que você testemunhe com a verdade, afirmando que seu pai disse aquelas palavras, vou manter minhas esperanças.

Wintrow ficou quieto. Althea ficou ali por mais um tempo, as mãos apoiadas no navio-vivo, calada. Quase podia sentir o garoto através do navio, o desconsolo e a solidão que o consumiam.

— Vamos zarpar amanhã — anunciou ele, quebrando o silêncio. Não havia alegria em sua voz.

— Invejo muito você — disse Althea.

— Eu sei. Queria que desse para a gente trocar de lugar.

— Queria que fosse assim tão simples. — Althea tentou deixar a inveja de lado. — Wintrow, confie em Vivácia. A embarcação vai cuidar de você, e você vai cuidar dela. Conto com os dois para se manterem a salvo. — Ouviu na própria voz o tom coruja que sempre odiara ouvir nos adultos, quando era pequena. Deixou-o de lado e falou como se o sobrinho fosse um jovem qualquer partindo na primeira viagem. — Tenho certeza de que você vai passar a amar essa vida e esse navio. Está no seu sangue, sabe? E, se realmente passar a amar

essa vida... — as palavras saíam com mais dificuldade — ... se embarcar nessa viagem e for leal a Vivácia, vou garantir que sempre haja lugar para você a bordo, quando assumir o comando do navio. Essa é a minha promessa.

— Não importa muito. Duvido que algum dia eu peça para que você a cumpra. Não é que eu não goste do navio, é só que não consigo me imaginar...

— Com quem você está falando, garoto? — perguntou Torg.

Os passos pesados do segundo imediato ecoaram pelo convés, enquanto Althea voltava a se esconder à sombra do navio. Ela prendeu a respiração. Wintrow não mentiria para Torg. Já sabia isso sobre o garoto, e não podia ficar parada e deixar que o menino levasse uma surra por ela, mas também não podia arriscar que Torg a segurasse ali até Kyle aparecer.

— Essa é minha hora de ficar a sós com Wintrow — interrompeu Vivácia, seca. — Com quem você pensa que ele estava falando?

— Tem alguém nas docas lá embaixo? — perguntou Torg.

Ele enfiou a cabeça desgrenhada para fora da amurada, mas a curva do casco de Vivácia e a sombra escura da embarcação encobriam Althea, que nem respirava.

— Por que não arrasta essa bunda gorda até lá e vê? — perguntou Vivácia, mordaz.

Althea ouviu Wintrow sufocar um grito de espanto, e fez o possível para não rir. Vivácia soava como aquele grumete convencido, Brando, num de seus momentos mais ousados.

— É? Bem, talvez eu faça isso, mesmo.

— Cuidado para não tropeçar no escuro — advertiu Vivácia, com doçura. — Seria uma pena se você caísse no mar e se afogasse bem aqui, do lado da doca. — O balanço suave do navio-vivo aumentou por uma fração mínima, e, naquele momento, a provocação adolescente assumiu um aspecto mais sombrio, que deixou Althea arrepiada.

— Seu navio infernal! — sibilou Torg, para Vivácia. — Você não me assusta. Vou ver quem está lá embaixo. — Althea ouviu os passos ligeiros dele no convés, mas não soube dizer se Torg estava correndo na direção da rampa ou para longe da figura de proa.

— Vá! — sussurrou Vivácia.

— Estou indo. Boa sorte. Meu coração navegará com você. — Althea sussurrou as palavras, mas sabia que o navio-vivo não precisava ouvir sua voz enquanto estivesse tocando a madeira. Afastou-se de Vivácia, permanecendo nas

sombras enquanto fugia. — Que Sá mantenha esses dois a salvo, principalmente de si mesmos — sussurrou, e dessa vez soube que a prece era verdadeira.

Ronica Vestrit estava na cozinha, completamente só. A noite já ia avançada do lado de fora, os insetos de verão estridulando, as estrelas cintilando por entre as árvores. Em breve soaria o gongo na beira do campo. O pensamento provocou um frio na barriga. Uma sensação mais do que apropriada para a noite e o encontro que estava prestes a acontecer.

Tinha dado a noite de folga aos criados e, por fim, dissera a Rache, sem rodeios, que queria ficar sozinha. A serva vinha se mostrando tão agradecida que era difícil abrir mão de sua companhia de olhar triste. Keffria colocara a jovem para ensinar Malta a dançar, a segurar um leque e a conversar com homens. Ronica achara um pouco chocante ver a filha confiando a instrução de Malta a uma quase estranha, mas sabia que as coisas não andavam muito bem entre mãe e filha. Não sabia exatamente o tamanho da briga, e torcia para que não decidissem lhe contar: já tinha problemas demais, problemas reais e sérios. Não precisava ficar ouvindo aquela ladainha. Pelo menos Malta estava mantendo Rache ocupada e fora do caminho. Na maior parte do tempo.

Davad já tinha insinuado algumas vezes que gostaria que a escrava fosse devolvida. Sempre agradecia profusamente por toda a ajuda de Rache, exclamando que não sabia o que faria sem ela, não deixando espaço para Davad pedir a mulher de volta educadamente. Ronica se perguntava por quanto tempo aquela tática funcionaria, e o que faria quando não funcionasse mais. Compraria a garota e se tornaria uma senhora de escravos? O pensamento lhe deixava enojada. Mas também era exasperante que a pobre mulher tivesse se apegado tanto a ela. Sempre que não estava ocupada com outra coisa, Rache ficava à espreita do lado de fora de qualquer aposento em que Ronica estivesse, em busca de uma oportunidade de se apresentar e ser útil. Desejava que a mulher encontrasse algum objetivo na vida. *Algo para substituir a vida que a escravidão lhe roubara?*, perguntou-se, ironicamente.

O gongo soou ao longe, suave como um sino.

Ronica se levantou, nervosa. Começou a andar de um lado para o outro na cozinha, mas acabou voltando para a mesa. Ela mesma a arrumara, botando duas velas brancas compridas da cera mais fina, em respeito à convidada. A melhor porcelana e a melhor prataria da casa estavam dispostas sobre uma toalha rendada cor de creme. Travessas de tortas saborosas se juntavam a pratos de ostras levemente defumadas e ervas frescas com molho amargo. E também uma

bela e velha garrafa de vinho. A grandiosidade do banquete indicava quanto respeitava a convidada, enquanto a discrição e o fato de usar a cozinha para o encontro era um lembrete dos antigos acordos de proteção e defesa mútua. Nervosa, Ronica ajeitou as colheres de prata. Tolice. Não seria a primeira vez que recebia um representante dos Mercadores dos Ermos Chuvosos. Desde que se casara com Ephron, eles apareciam duas vezes por ano. A diferença é que seria a primeira vez que os recebia desde a morte do marido. E a primeira vez que não conseguira juntar todo o dinheiro para o pagamento da parcela.

O baú de ouro era pequeno e pesado — e estava duas medidas mais leve. Duas medidas. Pretendia abordar o assunto antes que surgissem perguntas constrangedoras. Admitiria a falta e ofereceria um aumento de juros para o próximo pagamento. Afinal, o que mais poderia fazer? Ou o que a representante poderia fazer? Um pagamento parcial era melhor do que nenhum, e o povo dos Ermos Chuvosos precisava mais de ouro do que de qualquer outra coisa que ela pudesse oferecer. Pelo menos era o que Ronica esperava.

Apesar de estar ansiosa para receber a visita, tomou um susto quando ouviu a leve batida na porta.

— Só um instante! — exclamou, sem se mover para abrir a porta.

Apressou-se em apagar as velas do castiçal que iluminava o aposento — todas menos uma, que usou para acender as duas velas compridas, então soprou a chama solitária do castiçal. Cobriu as velas compridas cuidadosamente com as coberturas ornamentais de bronze batido com treliças decorativas, deixando a cozinha iluminada apenas por alguns pontinhos de luz em formato de folhas. Balançou a cabeça em aprovação e foi correndo abrir a porta.

— Dou-lhe as boas-vindas à minha casa. Entre e fique à vontade. — As palavras eram de uma formalidade antiga, mas sua voz era genuinamente calorosa.

— Obrigada.

A mulher dos Ermos Chuvosos entrou, olhou em volta e balançou a cabeça, aprovando a privacidade e as luzes reduzidas. Removeu as luvas de couro macio, entregou-as à dona da casa e jogou para trás o capuz que ocultava o rosto e o cabelo. Ronica se manteve firme e encarou a mulher nos olhos, sem permitir qualquer mudança de expressão.

— Preparei uma refeição leve, depois da longa viagem. Gostaria de se sentar à minha mesa?

— Com o maior prazer — respondeu a mulher.

As duas trocaram mesuras.

— Eu, Ronica Vestrit, da família Vestrit, dos Mercadores de Vilamonte, recebo-a em minha mesa e em minha casa. Evoco nossos juramentos mais antigos, de Vilamonte para os Ermos Chuvosos, e também nosso acordo particular no que concerne ao navio-vivo Vivácia, produto de nossas duas famílias.

— Eu, Caolwn Festrew, da família Festrew, dos Mercadores dos Ermos Chuvosos, aceito a hospitalidade da sua casa e da sua mesa. Evoco nossos juramentos mais antigos, dos Ermos Chuvosos para Vilamonte, e também nosso acordo particular no que concerne o navio-vivo Vivácia, produto de nossas duas famílias.

As duas se empertigaram, e Caolwn soltou um suspiro calculado de alívio com o término das formalidades. Ronica aceitava de bom grado a tradição daquela cerimônia. Sem aquilo, não teria conseguido reconhecer a veracidade da identidade de Caolwn.

— Você preparou uma mesa adorável, Ronica. Se bem que, em todos esses anos em que nos encontramos, nunca foi diferente.

— Obrigada, Caolwn. — Ronica hesitou, mas não perguntar teria sido apenas uma falsa reticência provocada pela pena. — Eu esperava a visita de Nelyn.

— Minha filha já não está entre nós — respondeu Caolwn, baixinho.

— Lamento muito. — As condolências eram genuínas.

— Os Ermos Chuvosos são severos com as mulheres. Não que sejam mais brandos com os homens.

— Sobreviver à própria filha... deve ser bem doloroso.

— Sim, é. Mas Nelyn nos deu três filhos antes de partir. Isso vai garantir que ela seja lembrada e honrada durante muito tempo.

Ronica assentiu, hesitante. Nelyn era filha única. A maioria das mulheres dos Ermos Chuvosos se considerava afortunada se a criança sobrevivesse ao parto. Como tinha gerado três filhos, Nelyn com certeza seria lembrada.

— Trouxe o vinho pensando nela — comentou Ronica. — Você, pelo que me lembro, prefere chá. Deixe-me colocar uma chaleira para ferver e separar o vinho para que você possa levá-lo.

— É muita gentileza sua.

— Não, de modo algum. Quando for bebido, peça para que todos que o dividirem lembrem-se de Nelyn e de como ela apreciava a bebida.

Caolwn baixou a cabeça de repente. Os tumores que pendiam de seu rosto balançaram, mas não esconderam as lágrimas que brilhavam em seus olhos violeta. Caolwn balançou a cabeça e deu longo suspiro.

— Para muitos, Ronica, as formalidades são apenas isso: formalidades. A recepção é forçada, a hospitalidade, desconfortável. Mas, desde que se tornou uma Vestrit e assumiu os deveres da visita, você faz meu povo se sentir realmente bem-vindo. Como posso agradecê-la?

Outra mulher poderia ter se sentido tentada a usar o momento para anunciar que a medida do ouro estava menor. Outra mulher poderia não ter acreditado na sacralidade das promessas e dos pactos antigos. Ronica não pensava assim.

— Não precisa agradecer. Não lhe dou mais do que é justo — respondeu. Então, como as palavras soaram frias, acrescentou: — Mas, com ou sem cerimônia, com ou sem pacto, acredito que nós duas teríamos sido amigas.

— Penso o mesmo.

— Pois bem, então me deixe colocar a chaleira no fogo. — Ronica se levantou, a tarefa doméstica a deixando mais à vontade. Enquanto colocava água na chaleira e soprava as brasas na lareira, acrescentou: — Não espere por mim. O que acha das ostras defumadas? Eu comprei de Slek, como sempre, mas este ano ele passou a defumação para o filho. E criticou bastante o garoto, mas acho que prefiro essas.

Caolwn provou e concordou. Ronica preparou o chá e levou a chaleira para a mesa, servindo as xícaras. As duas comeram, beberam e conversaram sobre tudo: coisas simples como os jardins e o tempo; coisas difíceis e pessoais, como as mortes de Ephron e de Nelyn; e coisas que eram maus presságios para todos, como as extravagâncias do atual sátrapa e o crescente comércio de escravos, que podia ou não estar relacionado ao imposto de capitação exigido na venda de mercadorias humanas. Passaram um tempo longo e agradável relembrando histórias das famílias e tiveram uma discussão profunda sobre Vivácia e seu despertar, como se o navio-vivo fosse neto de ambas. Também discutiram, ainda que com menos entusiasmo, sobre o influxo de gente nova em Vilamonte, as terras que os recém-chegados reivindicavam e os esforços que empreendiam para conseguir lugares no Conselho — esse último ponto não ameaçava apenas os Mercadores de Vilamonte, mas também o antigo pacto entre Vilamonte e os Mercadores dos Ermos Chuvosos, que mantinha todos eles a salvo.

Era raro mencionar o pacto. O assunto nunca era discutido, assim como não se conversa sobre respirar ou morrer — era só mais um aspecto da vida, sempre presente e inevitável. Caolwn não comentava com Ronica como o pesar marcara

seu rosto com rugas e deixara seu cabelo grisalho, nem como os anos tinham puxado para baixo a carne das maçãs do rosto proeminentes e ressecado a pele macia do pescoço. Ronica evitava olhar para os tumores escamosos que ameaçavam a visão de Caolwn e para a carne encaroçada visível mesmo sob o espesso cabelo cor de bronze. A iluminação benevolente até suavizava a visão, mas não obscurecia as cicatrizes. Aquelas feridas visíveis lembravam um pouco o pacto: sofriam aquilo simplesmente por serem quem eram.

Tomaram as xícaras de chá fumegante e comeram a refeição saborosa. Os pesados talheres de prata retiniam contra a porcelana fina enquanto, do lado de fora, a brisa noturna de verão agitava os sinos de vento, criando uma melodia metálica em contraponto à conversa. Durante a refeição, eram como vizinhas desfrutando uma noite de comidas finas e conversa inteligente — e isso também era parte do pacto. Apesar dos quilômetros e das diferenças que separavam os dois grupos de colonizadores, tanto os Mercadores de Vilamonte quanto os Mercadores dos Ermos Chuvosos nunca esqueciam que tinham chegado juntos ao Litoral Amaldiçoado, que eram parceiros, amigos e parentes. E juntos permaneciam.

Foi só quando a comida acabou e estavam aproveitando as últimas xícaras de chá já morno, só quando a conversa social deu lugar a um silêncio natural, é que chegou a hora de discutir o propósito final da visita de Caolwn. A visitante respirou fundo e deu início à formalidade da discussão. Muito tempo antes, os Mercadores de Vilamonte tinham descoberto que aquele era um bom modo de separar negócios e prazer. A mudança na formalidade não anulava a amizade entre as duas, mas servia para reconhecer que havia regras diferentes para os negócios, regras que todos tinham de seguir. Era uma garantia para aquela sociedade pequena, na qual amigos e parentes também eram contatos comerciais.

— O navio-vivo Vivácia despertou. Ele é tudo o que foi prometido?

Apesar da tristeza do luto recente, Ronica sentiu um sorriso genuíno surgir em seus lábios.

— Ela é tudo o que foi prometido, e reconhecemos isso de bom grado.

— Então ficamos felizes em aceitar o que nos foi prometido por ela.

— Assim como ficamos felizes em entregar. — Ronica respirou fundo e desejou ter mencionado antes a questão da medida menor. Mas não teria sido correto nem justo colocar aquela discussão entre os assuntos de amizade. Por mais que fosse um assunto difícil, era a hora certa de falar. Buscou as palavras para aquela situação incomum. — Também reconhecemos que devemos mais desta vez do que fomos capazes de juntar. — Ronica se forçou a se endireitar na

cadeira e encarar a surpresa nos olhos cor de lavanda de Caolwn. — Temos duas medidas a menos. Gostaríamos de pedir que essa quantia seja transferida para nosso próximo encontro, quando posso garantir que pagaremos tudo o que é devido, as duas medidas adicionais e um quarto de medida de juros.

Fez-se um longo silêncio enquanto Caolwn ponderava. Ambas sabiam que o peso da lei de Vilamonte dava muita margem ao que podia ser exigido como juros pela falta de pagamento. Ronica estava pronta para ouvir a mulher exigir duas medidas inteiras adicionais, e esperava que pudessem chegar a um acordo com uma medida e meia — só essa quantia já exigiria o máximo de suas habilidades. Porém, quando Caolwn falou, as palavras suaves gelaram o sangue de Ronica.

— Sangue ou ouro, há uma dívida.

Ronica sentiu o coração dar um pulo. O que a mulher queria dizer com aquilo? Nenhuma das possíveis respostas lhe agradaram. Tentou manter o tremor afastado da voz, lembrando-se de que um acordo era um acordo, mas era sempre possível tentar melhorar os termos. Assumiu a postura menos provável.

— Acabei de enviuvar — observou Ronica. — E, mesmo que eu tivesse tido tempo para completar o luto, não sou adequada para o pacto. Estou velha demais para gerar filhos saudáveis, Caolwn. Faz anos que cogitei a chance de dar outro filho a Ephron.

— Você tem filhas — observou Caolwn, hesitante.

— Uma casada, outra desaparecida — concordou Ronica, mais do que depressa. — Como posso lhe prometer o que não possuo?

— Althea está desaparecida?

Ronica assentiu, sentindo outra vez a pontada de dor familiar. Não saber o que acontecera era o maior medo de qualquer família de navegadores. O temor de que um dia alguém simplesmente desaparecesse e os que ficassem em casa jamais soubessem o que aconteceu...

— Preciso fazer esta pergunta — declarou Caolwn, quase se desculpando. — É exigido de mim, como dever para com a minha família. Althea não se... Ela não se esconderia nem fugiria para evitar os termos do acordo?

— Você precisa perguntar isso, então não me ofendo. — Mesmo assim, Ronica teve dificuldade para manter a frieza longe da voz. — Althea é fiel a Vilamonte até os ossos. Ela morreria antes de trair a palavra de sua família. Onde quer que esteja, caso ainda esteja viva, está comprometida com o pacto e sabe disso. Se você assumir nossa dívida e ela souber, tenho certeza de que virá

atendê-la.

— Foi o que pensei — reconheceu Caolwn, com a voz calorosa. Mas prosseguiu, implacável: — Contudo, você também tem uma neta e netos, todos tão comprometidos quanto ela. Tenho dois netos e uma neta, todos quase em idade de casar.

Ronica balançou a cabeça e conseguiu soltar uma risada forçada.

— Meus netos ainda são crianças, levará anos até que estejam prontos para casar. O único que está perto dessa idade zarpou com o pai. E está comprometido com o sacerdócio de Sá — acrescentou. — É como eu lhe disse: não posso prometer o que não possuo.

— Agora há pouco, você estava disposta a prometer ouro que ainda não possui — retorquiu Caolwn. — Ouro ou sangue, é apenas uma questão de tempo para que a dívida seja paga, Ronica. E se estivermos dispostos a esperar e deixar que você determine o momento para pagá-la, talvez você devesse ficar mais disposta a nos deixar determinar a moeda do pagamento.

Ronica pegou sua xícara, mas reparou que estava vazia. Então se levantou depressa.

— Devo colocar outra chaleira no fogo para mais chá? — perguntou, educadamente.

— Só se ferver depressa — respondeu Caolwn. — Não podemos nos demorar muito em negociações, Ronica. O acordo precisa ser fechado logo. Não gosto da ideia de ser vista caminhando por Vilamonte durante o dia. Há muita gente ignorante que não conhece os antigos acordos que nos unem.

— É claro.

Ronica se sentou depressa. Estava abalada, e de repente desejou que Keffria estivesse ali. Parecia justo que Keffria estivesse ali. O destino da família estava nas mãos dela, não nas de Ronica. Que ela encarasse aquele tipo de problema e visse quão bem poderia resolvê-lo. Mas então sentiu um novo arrepio na espinha: infelizmente sabia como a filha lidaria com a situação: deixaria tudo a cargo de Kyle, que não fazia ideia do que estava em jogo. O homem não tinha noção do que eram os antigos pactos, e duvidava que fosse aderir a eles, mesmo que alguém lhe explicasse as regras do jogo. Não. Kyle encararia a situação como um frio acordo de negócios. Agiria como aqueles que passaram a desprezar a gente dos Ermos Chuvosos, que só lidavam com eles pelo lucro, sem desconfiar de tudo o que Vilamonte lhes devia. Keffria entregaria o destino de toda a família a Kyle, e ele trataria a situação como uma compra de mercadorias.

No momento em que compreendeu aquilo, Ronica tomou uma decisão. Não foi fácil, porque envolvia o sacrifício de sua honra. Mas o que era a honra, se comparada com a proteção da própria família e da própria palavra? Se precisava empregar algum engodo e contar mentiras, que fosse. Não lembrava de já ter decidido friamente fazer o que sempre considerara errado, mas não se lembrava de enfrentar um dilema tão desesperador. Por um momento sombrio, sua alma gritou por Ephron, o homem que sempre estivera a seu lado e a apoiara em suas decisões e que, pela confiança que depositava nela, lhe fizera acreditar mais em si mesma. Sentia a falta daquele apoio.

Ronica ergueu os olhos e encarou Caolwn.

— Você pode me dar algum tempo? — perguntou, simplesmente. Hesitou por um momento, então fez uma sugestão para tentar a outra mulher. — O próximo pagamento está previsto para o meio do inverno, correto?

Caolwn assentiu.

— O pagamento normal seria de doze medidas de ouro.

Mais uma vez, a mulher dos Ermos Chuvosos assentiu. Aquele era um dos truques de Ephron para barganhar: faça com que concordem com você, depois faça com que concordem mais algumas vezes, e pode ser que consiga convencer a pessoa a concordar com alguma coisa sem pensar muito.

— E também terei que pagar as duas medidas de ouro que não possuo no momento, além de duas medidas de ouro adicionais para compensar o atraso. — Ronica tentou manter a voz firme e casual ao determinar aquela quantia exorbitante.

Sorriu para Caolwn, que retribuiu o sorriso e completou:

— E, se não tiver o montante, cumpriremos o pacto original da família. A dívida existe, a ser paga em sangue ou em ouro. Você terá que entregar uma filha ou um neto à minha família.

Não havia como negociar. O juramento tinha sido selado anos atrás, pela avó de Ephron. Nenhuma família de Mercador sonharia em descumprir o juramento de um antepassado. Ronica concordou, assentindo num movimento bem rígido, então respondeu, escolhendo as palavras com cuidado para a mulher:

— Mas, se eu tiver dezesseis medidas de ouro, você as aceitará como pagamento.

Caolwn estendeu a mão para apertarem em concordância. Os caroços e verrugas na pele, pendendo dos dedos e se acumulando nas costas da mão, pareciam borracha ao toque, quando Ronica vinculou as duas àquele novo termo.

Caolwn se levantou.

— Mais uma vez, Ronica, da família de Mercadores Vestrit, agradeço pela transação. E pela hospitalidade.

— E mais uma vez, Caolwn, da família Festrew, dos Ermos Chuvosos, fico feliz em ter lhe recebido e feito negócios com você. Família a família, sangue a sangue. Adeus, pelo menos até nosso próximo encontro.

— Família a família, sangue a sangue. Adeus.

A formalidade encerrou as negociações e a visita. Caolwn vestiu outra vez o manto de verão que tinha deixado de lado, puxou o capuz por cima do rosto até que só desse para ver o leve brilho de lavanda de seus olhos, então puxou um véu de renda para cobri-los. Quando calçou as luvas nas mãos deformadas, a mulher quebrou a tradição. Olhou para baixo, falando:

— Não seria um destino tão ruim quanto pensam, Ronica. Eu estimaria muito qualquer Vestrit que se juntasse à nossa casa, assim como tenho estimado nossa amizade. Nasci em Vilamonte, sabia? E, mesmo não sendo mais uma mulher que um homem de sua gente olharia sem estremecer, não fui infeliz. Tive um marido que me estimava e que me deu uma filha, e ela me deu três netos saudáveis. Esta carne, as deformidades... as mulheres que permanecem em Vilamonte talvez paguem um preço mais alto por uma pele lisa e olhos e cabelos de tons normais. Se as coisas não se saírem como você espera, se no próximo encontro eu levar alguém do seu sangue... saiba que esse Vestrit será estimado e amado. Tanto por vir de uma linhagem respeitável e ser um verdadeiro Vestrit quanto pelo sangue novo que trará à nossa gente.

— Obrigada, Caolwn. — Ronica quase sufocou com as próprias palavras.

Por mais sinceras que a mulher fosse, não fazia ideia de como o que dissera gelava seu estômago. Talvez coubesse muito bem o efeito que causava, pois seu olhar cintilante dentro do capuz piscou duas vezes antes de Caolwn se virar para a porta. A mulher pegou o pesado baú de madeira que a esperava junto à entrada. Ronica destrancou a porta. Sabia que não precisava oferecer um lampião ou uma vela: o povo dos Ermos Chuvosos não precisava de luz nas noites de verão.

Ronica ficou parada diante da porta aberta, observando Caolwn partir escuridão adentro. Um homem dos Ermos Chuvosos saiu das sombras, cambaleante, ergueu o baú com o ouro sem dificuldade e o levou debaixo do braço. Os dois ergueram uma das mãos em despedida. Ronica acenou em resposta. Sabia que na praia havia um pequeno barco à espera dos dois e, mais afastado do porto, um navio com uma única luz acesa. Desejou que ficassem bem e fizessem boa viagem. E rogou fervorosamente a Sá para que nunca tivesse

que ficar ali, vendo alguém de sua família partir para a escuridão junto com os dois.

No escuro, Keffria tentou mais uma vez.

— Kyle?

— Hum? — A voz soava grave e calorosa, doce de saciedade.

Ela aconchegou o corpo mais perto do marido. A carne estava quente, e ela sentiu arrepios frios e deliciosos quando a brisa de verão soprou pela janela aberta sobre seus corpos. Kyle tinha um cheiro bom, de sexo e masculinidade, e a realidade sólida de seus músculos e de sua força era um baluarte contra todos os medos noturnos. *Por que tudo não podia ser sempre simples e bom assim?*, perguntou-se. Kyle voltara para casa naquela noite para se despedir dela. Jantaram bem e desfrutaram o vinho juntos, então se uniram em paixão e amor. No dia seguinte, Kyle zarparia e ficaria ausente pelo tempo que levasse para fazer um circuito completo das rotas comerciais. Por que ela tinha que estragar o momento com outra discussão sobre Malta? *Porque aquilo precisava ser resolvido*, disse a si mesma, com firmeza. Tinha que fazer o marido concordar antes de partir. Não agiria pelas costas dele enquanto Kyle estivesse ausente, isso só abalaria a confiança que sempre os unira.

Então respirou fundo e disse as palavras que ambos estavam cansados de ouvir.

— Quanto a Malta...

Kyle gemeu.

— Não. Por favor, Keffria, não. Preciso me levantar para partir daqui a algumas horas. Vamos aproveitar esses últimos momentos em paz.

— Não podemos nos dar ao luxo. Malta sabe que estamos divididos sobre esse assunto. Ela vai usar isso como vantagem contra mim enquanto você estiver ausente. Qualquer coisa que ela quiser e eu proibir, Malta vai retrucar: “Mas papai disse que sou mulher...” Vai ser uma tortura para mim.

Com um longo suspiro, Kyle rolou para longe da esposa. A cama de súbito se tornou um lugar mais frio, desconfortavelmente frio.

— Então eu deveria voltar atrás na promessa que fiz simplesmente para você não bater boca com ela? Keffria, o que ela vai pensar de mim? É tão difícil assim como você está dizendo? Deixe-a usar um vestido bonito no baile. É só isso.

— Não, não é. — Keffria precisou de toda a coragem para contradizer o

marido. Disse a si mesma que Kyle não sabia do que estava falando, que ele simplesmente não compreendia, e que tinha deixado para explicar tudo na última hora. Precisava fazer o marido ceder, só dessa vez. — É muito mais do que dançar com um homem num vestido bonito. Ela está tendo lições de dança com Rache. Quero dizer a Malta que ela precisa se contentar com isso por enquanto, que precisa de pelo menos um ano se preparando para ser vista como uma mulher na sociedade de Vilamonte, antes de sair pela cidade como uma. E quero dizer a ela que você e eu pensamos da mesma forma a respeito. Que você mudou de ideia sobre deixá-la ir.

— Mas não mudei — observou Kyle, com teimosia. Estava deitado de costas, olhando para o teto. Entrelaçara os dedos atrás da cabeça. Keffria achou que, se estivesse de pé, o marido estaria de braços cruzados. — Acho que você está fazendo tempestade em copo d'água. E não digo isso com intenção de magoar, mas sim porque vejo você agir cada vez mais assim... Acho que você simplesmente não quer ceder qualquer controle a Malta, que quer mantê-la do seu lado como uma menininha. Sinto quase como se você estivesse com ciúmes, minha querida. Por Malta tentar conseguir minha atenção, assim como as atenções de rapazes. Já vi isso antes: nenhuma mãe deseja ser ofuscada pela filha. Uma filha adulta é sempre uma lembrança de que a mãe não é mais jovem. Mas acho que esse tipo de pensamento não é digno de você, Keffria. Deixe sua filha crescer e ser um ornamento e um motivo de orgulho. Você não pode mantê-la de saias curtas e tranças para sempre.

Talvez Kyle tenha entendido o silêncio furioso e ofendido como outra coisa, pois se virou para falar:

— Devíamos estar gratos por ela ser tão diferente de Wintrow. Olhe só para ele. Não basta parecer um menino, ainda deseja continuar sendo um. Outro dia, no navio, eu o encontrei trabalhando ao sol, sem camisa. Estava com as costas vermelhas feito uma lagosta, e tão emburrado quanto um pirralho de cinco anos. Alguns dos homens, como provocação, tinham pegado as camisas dele e pendurado no topo do cordame. E ele estava com medo de subir atrás das roupas. Chamei o garoto na minha cabine e tentei explicar, em particular, que, se ele não as buscasse, toda a tripulação acharia que ele era um covarde. E Wintrow disse que não era medo que o impedia de ir atrás das camisas, mas a dignidade. Ficou de pé lá, como a bosta de um pregadorzinho virtuoso, e tentou dar alguma lição de moral sobre o assunto, falar que não se tratava de coragem ou covardia, mas que ele não iria se arriscar para o divertimento dos outros. Eu disse a ele que o risco seria pequeno se ele atentasse para o que tinha aprendido, e ele retrucou com alguma ladainha sobre como homem nenhum devia colocar outra pessoa em

risco, por menor que fosse, para o próprio divertimento. Acabei perdendo a paciência, chamei Torg e disse para ele mandar o garoto subir no mastro e recuperar as roupas. Acho que ele acabou perdendo o respeito da tripulação por causa disso...

— Por que você permite que a tripulação pregue peças infantis quando deviam estar trabalhando? — perguntou Keffria.

Sentiu um aperto no coração por Wintrow ao mesmo tempo em que desejou com fervor que o filho tivesse simplesmente ido atrás das camisas. Se ele ao menos tivesse aceitado o desafio, passaria a ser visto como igual. Como se recusara, seria visto como um intruso a ser atormentado. Sabia disso instintivamente, e ficou espantada por o filho não ter chegado à mesma conclusão.

— Você arruinou o garoto ao mandá-lo para os sacerdotes. — Kyle soou quase satisfeito, e Keffria de repente percebeu como o marido tinha mudado completamente de assunto.

— Estávamos discutindo Malta, não Wintrow. — Foi então que lhe ocorreu uma nova abordagem. — Assim como você insiste que sabe a melhor forma de criar nosso filho para ser um homem, talvez devesse admitir que só uma mulher pode conhecer o melhor modo de guiar Malta à vida de mulher adulta.

Mesmo no escuro, Keffria viu a surpresa tomar o rosto do marido, ao ouvir seu tom mordaz. Soube que tinha usado a abordagem errada para convencê-lo. Mas as palavras já tinham sido ditas, e ela estava irritada demais para voltar atrás, irritada demais para adular Kyle até ele concordar.

— Se você fosse outro tipo de mulher, eu poderia admitir seu direito a isso — retrucou o marido, com frieza. — Mas eu me lembro de como você era, quando garota. E sua própria mãe a manteve presa às saias, assim como você quer restringir Malta. Lembra de quanto tempo levei para fazer você despertar para seus sentimentos de mulher? Nem todos os homens têm essa paciência. Não quero que Malta cresça tímida e relutante como você.

A crueldade daquelas palavras a deixaram sem fôlego. O lento cortejo, a esperança deliciosamente gradual que nutrira e a certeza do interesse de Kyle eram algumas de suas lembranças mais doces. Ele roubara tudo aquilo num só instante, transformando meses de antecipação tímida em algum tipo de exercício de paciência que tivera que suportar, transformando o despertar dos sentimentos da esposa num serviço educacional que ele prestara.

Keffria virou a cabeça e olhou para aquele repentino estranho em sua cama. Queria negar que ele tivesse dito aquelas palavras, fingir que não era como o

marido se sentia, que ele só tinha dito aquilo porque estava irritado. Sentiu uma frieza inundar o corpo. Não importava se era uma provocação ou a mais pura verdade: no fim a conclusão era a mesma. Kyle não era o homem que acreditava que fosse. Durante todos aqueles anos, estivera casada com uma fantasia, não com uma pessoa real. Tinha imaginado um marido, um homem gentil, amável e risonho que só ficava ausente tantos meses porque precisava, e colocado o rosto de Kyle naquela criação. Era fácil demais ignorar ou desculpar alguns defeitos — ou muitos — quando ele fazia uma de suas breves paradas em casa. Sempre conseguira fingir que o marido estava cansado demais, que a viagem tinha sido longa e árdua, que simplesmente estavam se acostumando de novo um ao outro. Apesar de todas as coisas que Kyle dissera e fizera nas semanas após a morte de Ephron, Keffria continuara a tratá-lo como se ele fosse aquele mesmo produto de sua imaginação. Mas não era. A verdade era que Kyle nunca tinha sido a figura romântica de suas fantasias. Ele era apenas um homem como qualquer outro. Não. Era mais estúpido do que a maioria.

Era estúpido o bastante para achar que ela tinha que obedecer suas ordens, mesmo Keffria sabendo que não era bem o caso, mesmo quando ele não estava por perto para se opor. Compreender isso foi como abrir os olhos para o sol nascente. Como nunca tinha pensado nessa possibilidade?

Talvez Kyle tivesse sentido que fora um pouco longe demais. Ele se virou para Keffria, estendeu a mão pelos lençóis glaciais e a tocou no ombro.

— Vamos — disse, numa voz consoladora. — Não fique emburrada. Não na minha última noite em casa. Confie em mim. Se tudo correr bem nesta viagem, vou poder ficar em casa durante um tempo, quando atracar de volta. Estarei aqui para tirar tudo isso dos seus ombros. Malta, Selden, o navio, as propriedades... Vou deixar as coisas em ordem e administrar tudo como sempre deveriam ter feito. Você sempre foi tão tímida e relutante... Eu não deveria dizer isso como se fosse uma coisa que você pudesse mudar. Só quero que saiba que sei que você tentou lidar com tudo, apesar das dificuldades. Se alguém tem culpa aqui, sou eu, por deixar que essas preocupações fossem tarefas suas durante todos esses anos.

Atônita, Keffria deixou o marido puxá-la mais para perto, deixou que se aninhasse nela para dormir. O que antes parecia o calor de seu corpo tinha virado um peso incômodo. As promessas que ele acabara de fazer para tranquilizá-la ecoaram em sua mente como uma ameaça.

Ronica Vestrit abriu os olhos no quarto escuro. A janela estava aberta, as cortinas

transparentes moviam-se suavemente com o vento noturno. *Eu agora durmo como uma velha*, pensou. *Fico tendo acessos e sobressaltos. Não durmo direito nem acordo de verdade, e acaba que não descanso.* Deixou os olhos se fecharem de novo. Talvez fosse por causa de todos aqueles meses ao lado da cama de Ephron, quando não ousava dormir muito profundamente e ficava alerta num instante, caso ele se mexesse. Talvez, conforme os meses vazios e solitários passassem, conseguisse perder o hábito e voltar a dormir tranquilamente. Não sabia por quê, mas duvidava.

— Mãe.

Fora um sussurro tão suave quanto o suspiro de um espectro.

— Sim, meu querido. Mamãe está aqui — respondeu Ronica, baixinho. Não abriu os olhos. Conhecia aquelas vozes, já as ouvia havia anos. Seus filhinhos às vezes apareciam para chamá-la no escuro. Por mais dolorosas que fossem as fantasias, não abriria os olhos para dissipá-las. Agarrava-se aos confortos que tinha, por mais que doessem.

— Mãe, vim pedir ajuda.

Ronica abriu os olhos de leve.

— Althea? — sussurrou para a escuridão.

Havia uma figura do lado de fora da janela, por trás das cortinas tremulantes. Ou era só mais uma fantasia noturna? Viu uma mão afastar a cortina do caminho. Althea se debruçou no peitoril da janela.

— Ah, graças a Sá, você está bem!

Ronica rolou depressa para fora da cama, mas Althea se afastou da janela ao ver a mãe se levantar.

— Se chamar Kyle, você nunca mais vai me ver — avisou, numa voz baixa e rouca.

Ronica se aproximou da janela.

— Eu não estava nem pensando em chamar Kyle — respondeu, em voz baixa. — Volte. Precisamos conversar. Deu tudo errado. Nada correu como devia.

— Isso não é novidade — murmurou Althea, num tom sombrio. Chegou mais perto da janela. Ronica encontrou o olhar da filha e, por um instante, encarou as profundezas de uma mágoa intensa. Então a jovem desviou os olhos. — Mãe... Talvez eu seja idiota por pedir isso. Mas preciso... preciso saber antes de começar. Você se lembra do que Kyle disse, quando... na última vez em que estávamos todos juntos? — Havia uma estranha urgência em sua voz.

Ronica deu um longo suspiro.

— Kyle disse muitas coisas. E eu gostaria de poder esquecer a maioria, mas elas ficaram gravadas na memória. De qual delas você está falando?

— De ele ter jurado por Sá que, se um único capitão respeitável pudesse atestar minha competência, ele me devolveria o navio. Você se lembra de ele dizer isso?

— Eu me lembro — admitiu Ronica. — Mas duvido que tenha falado sério. É só o jeito dele, sempre diz essas coisas quando está bravo.

— Mas você se lembra de ouvir isso? — insistiu Althea.

— Sim. Sim, eu me lembro. Althea, temos coisas muito mais importantes para discutir. Por favor, entre. Volte para casa, precisamos...

— Não. Nada é mais importante do que isso que acabei de perguntar. Mãe, nunca vi você mentir. Não quando era importante. Ainda vai chegar o momento em que contarei com você para dizer a verdade.

Ficou estupefata em ver que a filha já estava indo embora, falando por cima do ombro enquanto se afastava. Por um instante assustador, Althea lembrou muito o pai, quando era jovem. Usava o mesmo tipo de camisa listrada e calça preta dos marinheiros em terra firme, e até caminhava como Ephron — o passo ritmado, a longa trança escura descendo pelas costas.

— Espere! — chamou Ronica. Sentou-se no peitoril da janela e passou as pernas por cima. — Althea, espere! — gritou, pulando para o jardim.

Aterrissou de mau jeito, os pés descalços sofrendo com o caminho de pedras abaixo da janela. Quase caiu, mas conseguiu se equilibrar. Correu pelo gramado até a sebe de louros que cercava a propriedade, mas, quando chegou, a filha já tinha partido. Enfiou as mãos na densa barreira de folhas e tentou atravessá-la. As plantas cederam, mas só um pouco, e a arranharam. As folhas estavam úmidas de orvalho.

Ronica recuou e examinou o jardim imerso na escuridão da noite. Tudo estava silencioso, nada se movia. A filha tinha partido outra vez. Se é que estivera ali.

Sessurea foi escolhido pela maranha para confrontar o líder. Shreever ficou magoada ao saber da conspiração dos outros. Se tinham alguma dúvida, por que não a levaram direto ao líder, em vez de compartilharem entre si a ideia venenosa? Estavam todos contaminados pelos questionamentos, como se tivessem comido carne estragada. E a tolice de Sessurea era ainda maior, pois, quando a grande serpente macho se posicionou para desafiar Maulkin, foi com o

rufo do pescoço já eriçado e liberando toxinas.

— Você está nos guiando pelo caminho errado! — trovejou Sessurea. — A cada dia a Abundância fica mais rasa e mais quente, e os sais estão cada vez mais estranhos. Você está nos levando para onde a caça é escassa, e nos dá pouco tempo para arranjarmos comida. Não sinto cheiro de nenhuma outra maranha! Mais ninguém veio por aqui. Você não está nos levando para o renascimento, está nos levando para a morte.

Shreever sacudiu o rufo, arqueando o pescoço para soltar mais veneno. Se Maulkin fosse atacado, não lutaria sozinho. Mas o líder nem sequer eriçou o rufo. Movendo-se tão preguiçosamente quanto algas ao sabor da maré, ele avançou pela Abundância em círculos lentos. O movimento o levou para baixo de Sessurea, que contorceu a cabeça, tentando não perder seu oponente de vista. E assim, diante de toda a maranha de serpentes, Maulkin transformou o desafio de Sessurea numa dança graciosa que ele próprio conduzia.

Quando a grande serpente respondeu ao desafio, foi com uma sabedoria tão envolvente quanto seus movimentos.

— Se você não sente ao cheiro de nenhuma outra maranha, Sessurea, é porque estou seguindo o rastro dos que passaram por aqui uma era inteira atrás. Basta você abrir bem as guelras que vai sentir o cheiro de outros, e não muito à frente. Você teme o calor desta Abundância, mas foi um dos primeiros a reclamar quando os conduzi do calor para o frio. Você sente sais estranhos e acha que nos desviamos do caminho. Ah, serpente tola! Se tudo fosse o mesmo, estaríamos nadando de volta para o passado. Chega de dúvidas, continue seguindo. Eu não estou conduzindo vocês para o passado familiar, estou levando todos para o amanhã, para o lugar onde seus ancestrais um dia viveram o próprio passado. Chega de dúvidas! Engula a minha verdade!

Enquanto tecia sua dança e destilava sua sabedoria, Maulkin chegara tão perto de Sessurea que, quando ergueu o rufo e soltou as toxinas, a serpente desafiante não teve o que fazer senão respirá-las. Os grandes olhos verdes de Sessurea giraram, sentindo o eco da morte e a verdade oculta naquelas palavras. A serpente desafiante vacilou, o corpo ficando mole. Teria afundado se Maulkin não tivesse se enrolado no corpo dela. Enquanto o sábio líder carregava aquela criatura que estivera tão pronta para negá-lo, o restante da maranha começou a se agitar. Uma grande massa escura se moveu, ao mesmo tempo acima da Abundância e abaixo da Carência, mas ainda dentro das duas. A massa de sombra passou por cima deles sem fazer barulho, sem qualquer movimento, exceto pelo deslocamento do corpo sem nadadeiras.

O restante da maranha teria fugido de volta para as profundezas, mas Maulkin ergueu Sessurea e começou a seguir a forma escura.

— Venham! — chamou o líder. — Sigam! Sigam sem medo, e lhes prometo comida e renascimento quando chegar a hora da reunião!

Shreever só conseguiu controlar o medo por causa da lealdade que sentia por Maulkin. De todos da maranha, ela foi a primeira a se desenrolar e sair deslizando pela Abundância, no rastro de seu líder. Notou o primeiro estremecimento de consciência percorrer o corpo de Sessurea, reparou em como ele se afastou muito delicadamente de Maulkin.

— Eu vi! — gritou Sessurea para os outros, que ainda estavam para trás, hesitantes. — E ele está certo, Maulkin está certo! Vi os acontecimentos nas lembranças dele, tudo o que estamos vivenciando outra vez. Venham! Venham!

Junto com aquilo veio de cima uma comida amorfa: presas que não se debatiam nem nadavam, afundando para serem apanhadas e consumidas.

— Não passaremos fome — assegurou-lhes Maulkin, muito calmo. — Nem precisaremos atrasar a jornada para pescar. Deixem as dúvidas de lado e busquem no fundo de suas lembranças. Venham.



OUTONO



16

NOVOS PAPÉIS

O navio subiu na crista da onda, e a proa se elevou como se fosse tocar o céu nublado. A chuva estava quase forte o bastante para inundar o navio. Por um longo momento de suspense, Althea via apenas o céu, mas, no instante seguinte, estavam descendo a toda por uma longa ladeira d'água, rumo a uma vala funda — parecia que mergulhariam na muralha de água que se erguia à frente.

Foi o que aconteceu. A água esverdeada cobriu o convés, e o impacto sacudiu o mastro e a verga na qual ela estava agarrada. Sentiu os dedos dormentes escorregarem na lona fria e molhada, então enganchou o pé no estribo que prendera à verga e segurou com mais força. Com um estremecimento do casco, o navio começou a se estabilizar, erguendo-se através da água, rumo à próxima onda do tamanho de uma montanha.

— Athel! Mexa-se! — A voz veio de baixo. Reller a encarava das enxárcias, estreitando os olhos contra o vento e a chuva. — Está com problemas, garoto?

— Não! Estou indo! — gritou Althea, em resposta.

Estava com frio, molhada e incrivelmente cansada. Os outros marinheiros já tinham terminado suas tarefas e descido o cordame, mas Althea tivera que parar para se agarrar e juntar forças suficientes para descer. No começo do turno, quando avistou a tempestade, o capitão mandou arriar e prender as velas. A chuva chegara rápido e com força, junto com um vento que parecia determinado a arrancar todos os que estivessem pendurados no cordame. Mal tinham terminado de abaixar as velas e voltado para o convés quando ouviram o grito para rizar as velas da mezena e recolher tudo. Como se respondesse aos esforços da tripulação, a tempestade ficou mais intensa. Os companheiros de turno avançavam depressa pelo cordame, como formigas abrindo caminho sobre destroços flutuantes, arriando, rizando e recolhendo as velas a cada ordem. Eventualmente, Althea conseguiu parar de pensar e se moveu apenas para obedecer aos comandos berrados. Não tinha esquecido do porquê de estar ali, e as mãos agarraram a lona molhada e a prenderam. Era espantoso o que o corpo podia fazer mesmo quando a mente estava entorpecida pela exaustão e pelo medo. As mãos e os pés eram como animais adestrados que conseguiam mantê-

la viva, mesmo com a mente vacilando.

Althea desceu devagar. Como sempre, era a última a deixar o cordame. Os outros tinham passado por ela na descida e já deviam estar no convés. Só de Reller ter se dado ao trabalho de perguntar se ela estava com problemas indicava que era muito mais atencioso do que os outros. Althea não fazia ideia de por que o homem tinha ficado de olho nela, mas se sentiu igualmente grata e humilhada pela atenção.

Quando se juntou à tripulação, estava ansiosa para se destacar: forçara-se a fazer mais, mais depressa e melhor. Parecia maravilhoso estar de volta a um convés. Comida sempre igual e mal armazenada, cada canto do navio abarrotado e fedido, até o comportamento crasso dos que ela era forçada a chamar de companheiros... Tudo aquilo parecera tolerável nos primeiros dias. Estava de volta ao mar, fazendo alguma coisa, e, no fim da viagem, teria uma confirmação de serviço para esfregar na cara de Kyle. Mostraria a ele. Prometera a si mesma que recuperaria seu navio. Estava determinada a aprender tudo sobre aquele novo serviço o mais rápido possível.

Mas, apesar de todos os esforços, sua inexperiência numa embarcação daquelas só parecia mais evidente, por causa de seu porte físico. Aquele era um navio de abate, não um navio mercante. O objetivo do capitão não era seguir depressa de um lugar a outro para entregar mercadorias: ele queria percorrer uma rota em zigue-zague à procura de caça. O navio transportava uma tripulação muito maior do que um navio mercante do mesmo tamanho — além de gente para pilotar, precisava de marinheiros para caçar, matar, cortar e armazenar a carne e o óleo, o que deixava o navio mais abarrotado e menos limpo. Althea se manteria fiel à resolução de aprender depressa, mas a determinação sozinha não bastava para ela se tornar a melhor marinheira naquele navio carniceiro fedorento. Sabia, em algum canto obscuro da mente, que tinha melhorado muito e ficado mais resistente desde que começara a trabalhar no *Ceifeiro*, mas também sabia que ainda não tinha feito o suficiente para ser qualificada como o que o pai chamava de “rapaz esperto”. Seu senso de propósito se diluíra em desespero, e eventualmente até o desespero a abandonara. Althea sobrevivia dia após dia e não pensava em muito mais.

Era um dos “garotos” a bordo do navio de abate. Os outros dois, parentes jovens do capitão, cuidavam das tarefas mais brandas. Serviam à mesa do capitão e do imediato, o que lhes dava uma bela chance de comer os restos de refeições decentes, e ajudavam o cozinheiro com as tarefas mais simples de preparar a comida para a tripulação principal. Althea os invejava um pouco, já que suas tarefas quase sempre os faziam ficar no interior do navio, fora do

alcance de tempestades e perto do calor do fogão. Para ela, o garoto estranho, sobravam as tarefas mais brutas de um grumete: limpar as imundícies, carregar baldes de lodo e piche, cuidar de qualquer tarefa que precisasse de mais um homem. Nunca trabalhara tanto na vida.

Ficou agarrada no mastro por mais um momento, escapando por pouco de uma outra onda que alagou o convés. Foi de lá para o abrigo do pique de vante numa corrida apressada e ofegante, agarrando-se com força às cordas e madeiras para não ser jogada para fora do navio, à medida que a embarcação atravessava as ondas. O tempo ruim já durava três dias. Antes daquele turno, Althea tinha pensado, ingenuamente, que não poderia ficar muito pior. Os marinheiros experientes pareciam aceitar o clima como parte de uma temporada normal no Exterior, amaldiçoando as tempestades e pedindo a Sá que acabasse logo com aquilo, mas sempre contavam histórias de tempestades piores que tinham suportado em embarcações piores.

— Athel! Garoto! É melhor se mexer, se quiser sua parte da comida de hoje. Ainda mais se ainda quiser comer alguma coisa meio quente!

Havia mais do que uma nota de ameaça nas palavras de Reller, mas, apesar do tom, o velho marujo permaneceu no convés, vigiando até ela chegar. Desceram juntos, fechando bem a escotilha ao passar. Althea parou no degrau atrás de Reller para tirar a água do rosto e dos braços e torcer a grossa trança. Feito isso, seguiu o marinheiro para o interior do navio.

Alguns meses antes, teria dito que aquele era um lugar frio, úmido e fedido. Depois da tempestade, o interior do navio podia não ser um lar, mas era um santuário, um lugar onde o vento não conseguia jogar a chuva com tanta força para cima dela. A luz amarela do lampião era quase convidativa. Ouviu a comida sendo servida, notou o barulho da concha de madeira batendo no fundo da panela e correu para garantir que receberia sua porção.

Não havia alojamentos para a tripulação a bordo do *Ceifeiro*: cada homem encontrava um canto para dormir e o reivindicava para si. Os lugares mais desejáveis tinham que ser defendidos com punhos e xingamentos. Havia uma pequena área no meio do porão que os homens adotaram como uma espécie de toca. A panela era levada para lá por um dos grumetes, e a comida era distribuída em porções assim que terminavam os turnos. Não havia mesa ou banco onde se sentar, a não ser o baú de bordo, caso a pessoa tivesse um. Os outros tinham que se virar com o convés e algum velho barril de óleo onde se encostar. Os pratos eram trinchos de madeira, que limpavam passando os dedos ou um pedaço de pão — isso quando tinha pão. Em geral comiam biscoitos, e, numa tempestade

como aquela, a chance de o cozinheiro tentar assar alguma coisa era extremamente baixa. Althea atravessou uma selva de roupas molhadas penduradas, pendendo de cabides e ganchos na esperança de secarem. Tirou a capa oleada que ganhara na semana anterior, numa aposta com Oyo, e a pendurou no cabide que reivindicara como seu.

A ameaça de Reller não tinha sido à toa: o homem estava se servindo quando Althea se aproximou e, como qualquer outro marinheiro, pegava o que queria, sem se preocupar com quem viesse depois. Althea pegou um trincho vazio e ficou esperando ele sair do caminho. Teve a impressão de que Reller estava demorando de propósito, tentando provocar uma reclamação dela, mas já tinha aprendido — do jeito mais difícil — que não devia protestar. Qualquer um podia esbofetear um grumete, e sem precisar da desculpa de ele estar choramingando. Era melhor ficar quieta e comer meia concha de sopa do que reclamar e receber apenas uma bofetada como janta. Reller se agachou sobre a panela e tirou, concha após concha, o que restava da poça rasa. Althea engoliu em seco e esperou sua vez.

Quando Reller percebeu que ela não morderia a isca, quase sorriu antes de dizer:

— Pronto, rapaz. Deixei alguns pedaços para você, lá no fundo. Limpe a panela e leve de volta para o cozinheiro.

Althea sabia que aquilo era bondade dele. Reller podia ter pegado tudo e deixado só a panela para raspar, e ninguém nem sequer pensaria em reclamar. Ficou feliz em levar os restos a um canto para devorar.

Até que tinha conseguido um bom lugar para dormir. Enfiara o pouco que tinha num canto onde a curva do casco encontrava o convés acima, o que tornava quase impossível ficar de pé, e pendurara sua rede ali. Ninguém mais teria conseguido se encolher o suficiente para dormir confortavelmente naquele canto. Althea descobriu que podia ir para aquele lugar e quase não ser incomodada enquanto dormia, que ali ninguém esbarrava nela com roupas encharcadas de chuva.

Levou a panela para seu canto e se sentou, recolheu o que restava do caldo com a caneca e bebeu tudo. Não estava quente — na verdade, a gordura já tinha até endurecido, formando pequenos pedaços flutuantes —, mas aquecia mais do que a chuva lá fora, e a gordura tinha um gosto bom. Reller tinha deixado alguns pedaços, como dissera. Batata, nabo ou uma massa que devia ser pãozinho, mas que não tinha sido cozida o suficiente. Althea não se importava. Recolheu os pedaços com os dedos e comeu. Raspou a panela com um biscoito redondo e

duro, até não restar nem sinal de comida.

Assim que engoliu o último pedaço, foi tomada por uma grande exaustão. Estava molhada e com frio, e cada um de seus ossos doía. Queria, mais do que qualquer coisa, simplesmente se arrastar para baixo do cobertor, se enrolar e fechar os olhos. Mas Reller tinha mandado ela levar a panela de volta para o cozinheiro. Sabia que não podia esperar para fazer isso depois de dormir, isso seria visto como vagabundagem. Althea achou que Reller talvez fizesse vista grossa, mas, se ele reclamasse — ou se o cozinheiro arranjasse problema — acabaria se dando muito mal. Não podia se dar a esse luxo. Com um gemido que poderia ter sido de puro sofrimento, se esgueirou para fora do canto onde dormia, levando a panela nos braços.

Para chegar à cozinha, teria que enfrentar outra vez o convés e a tempestade. Conseguiu atravessá-lo em duas corridas curtas, segurando a panela com tanta firmeza quanto se agarrava ao navio — se deixasse uma coisa daquelas cair no mar, sabia que acabaria desejando ter ido junto. Quando chegou à cozinha, teve que chutar e bater na porta, que o idiota do cozinheiro tinha trancado por dentro. O homem a recebeu com uma carranca. Althea ofereceu a panela sem dizer uma palavra e tentou não olhar com desejo para o fogo no fogão, atrás do cozinheiro. Quem caía nas graças dele podia ficar por ali por um tempo e se secar. E um marinheiro realmente privilegiado podia pendurar uma camisa ou uma calça na cozinha, onde a roupa secava direito. Althea não chegava nem perto de estar nas graças do homem, que gesticulou para mandá-la embora assim que a panela tocou o chão.

No caminho de volta, Althea calculou mal o percurso. Mais tarde, diria que ficou confusa porque o cozinheiro a expulsou depressa demais da cozinha. Achou que poderia atravessar o convés numa única corrida, mas o navio mergulhou de proa numa montanha de água. Sentiu os dedos desesperados roçarem a corda que a manteria em segurança, mas não conseguiu se segurar. A água a derrubou e a arrastou de barriga pelo convés. Ela se debateu, desesperada, tentando fincar os dedos das mãos e dos pés em qualquer ponto de apoio. A água inundava-lhe os olhos e entrava no nariz, e ela não conseguia ver nem tomar fôlego para gritar por ajuda. Depois de um instante eterno, ela se chocou contra a amurada do navio. Bateu a cabeça com tanta força que os olhos ficaram fora de foco e a orelha quase foi arrancada. Por um breve momento, só sabia que precisava continuar se segurando na amurada com as duas mãos, deitada de bruços no convés alagado. A água passava depressa por ela, querendo voltar para o mar. Althea se agarrou ao navio, sentindo a água salgada cair em cascatas à volta, incapaz de erguer a cabeça alto o suficiente para tomar fôlego, para abrir a

boca sem se afogar. Também sabia que, se esperasse a água terminar de escoar antes de se levantar, a próxima onda também a atingiria em cheio. Se não conseguisse se endireitar naquele instante, nunca mais se levantaria. Tentou se mover, mas as pernas não responderam.

Sentiu a mão de alguém agarrar sua camisa por trás e a colocar de joelhos. Engasgou.

— Você está bloqueando os embornais! — gritou uma voz irritada.

Alguém a segurava pelo cangote, como uma gatinha afogada. Sentiu o ar no rosto, junto com a chuva mordaz, mas, antes que pudesse encher os pulmões, teve que botar para fora a água na boca e no nariz.

— Segure firme! — gritou o homem que a segurava, e Althea enlaçou as pernas e os braços em volta das pernas dele. Conseguiu inspirar um pouco de ar gorgolejante antes que a água os atingisse.

Sentiu o corpo daquele homem balançar com o impacto da água e teve certeza de que seriam jogados para fora do navio, mas, no instante seguinte, enquanto a água recuava, levou uma bofetada na lateral da cabeça que a fez soltar a perna de quem quer que fosse. Ele de repente saiu andando pelo convés, arrastando Althea atrás si, segurando-a pela trança e pela camisa. O homem a ergueu contra um mastro, e Althea se agarrou assim que suas mãos e seus pés sentiram a corda familiar e tomou impulso para cima. A onda seguinte a acertou em cheio. Althea engasgou e cuspiu uma boa quantidade de água salgada, então assoou o nariz na mão e a sacudiu para limpar.

— Obrigado — disse, assim que encheu os pulmões de ar.

— Seu rato de convés estúpido! Você quase matou nós dois. — A raiva e o medo disputavam espaço na voz do homem.

— Eu sei. Sinto muito — falava alto o bastante para ser ouvida em meio à tempestade.

— Sente muito? Eu vou fazer você sentir muito. Vou chutar essa sua bunda até seu nariz sangrar.

O homem ergueu o punho, e Althea se preparou para o golpe. Sabia que viria, eram os costumes do navio. Quando o golpe não veio, abriu os olhos, na dúvida.

Brashen a encarava da escuridão. Parecia mais abalado do que quando a arrastara para fora da água.

— Maldita. Eu nem reconheci seu rosto.

Althea fez um gesto mínimo que poderia ter sido um dar de ombros e se recusou a encará-lo nos olhos.

Outra onda atravessou o navio, que começou a subir de novo.

— Então, como tem passado? — Brashen abaixou a voz, como se tivesse medo de ser ouvido falando com ela. Não era comum um imediato ficar de conversinha com o grumete. Desde que a descobrira, ele evitava qualquer contato.

— Como você pode ver — respondeu Althea, sem levantar a voz. Odiava aquilo. Sentiu um ódio repentino de Brashen, e não era nada que ele tivesse feito. Era porque ele a encontrou naquele estado, reduzida a alguém menos importante do que a sujeira debaixo de seus pés. — Vou me virando. Estou sobrevivendo.

— Eu ajudaria, se pudesse. — Brashen parecia irritado. — Mas você sabe que não posso. Se eu demonstrar qualquer interesse em você, alguém vai desconfiar. E já deixei claro para vários membros da tripulação que não tenho interesse em... outros homens. — Ele soou constrangido. Uma parte de Althea achava aquilo irônico. Nem naquela situação, agarrados ao cordame daquele navio imundo, no meio de uma tempestade, depois de ele falar que ia chutar sua bunda, Brashen conseguia falar de sexo na frente dela. Tinha medo de ofender sua dignidade. — Num navio como este, qualquer bondade que eu demonstrar com você vai ser interpretada de um jeito diferente. Aí mais alguém ia se mostrar interessado. E, quando descobrirem que você é mulher...

— Você não precisa explicar, não sou idiota — interrompeu Althea, acabando com aquela ladainha.

Será que Brashen tinha esquecido que ela também vivia a bordo daquela banheira infestada de escória?

— Não é? E o que está fazendo a bordo? — A última pergunta soou amarga, por cima do ombro, antes de ele saltar do cordame para o convés.

Ágil feito um gato, rápido como um macaco, Brashen seguiu depressa para a proa, deixando-a ali, pendurada no cordame, observando-o se afastar.

— A mesma coisa que você — respondeu Althea, em tom de escárnio.

Não importava que ele não pudesse ouvir.

Seguiu o exemplo de Brashen assim que a água escoou para fora do convés, ainda que com bem menos graça e destreza. Momentos depois, tinha chegado à segurança e escutava o estrondo da água ao redor. O *Ceifeiro* avançava pelo mar como um barril. Deu um longo suspiro e, mais uma vez, tirou a água do rosto e dos braços descobertos, torceu a trança e sacudiu os pés molhados como uma gata, antes de voltar para seu canto. A roupa estava encharcada e grudada na

pele, o que a deixava com frio. Trocou-se depressa, vestindo uma muda de roupa apenas úmida, então torceu a que vinha usando, sacudiu-a e pendurou a camisa e a calça num cabide, para que escorressem. Tirou o cobertor do esconderijo. Estava úmido e cheirava a mofo, mas era de lã. Úmido ou não, manteria o calor de seu corpo, o único que tinha. Althea se enrolou no cobertor e se encolheu no escuro. Ali estava o resultado da bondade de Reller: quase morrera afogada e perdera meia hora de sono. Fechou os olhos e deixou que a consciência a abandonasse.

Mas o sono não vinha. Por mais cansada que estivesse, não conseguia se desligar das memórias. Tentou relaxar, mas não conseguia se lembrar de como desfranzir a preocupação do cenho. Concluiu que devia ser por causa do que Brashen dissera, que a fizera se lembrar da coisa toda. Althea às vezes passava dias sem um só vislumbre do imediato. Não estava no turno dele, e suas vidas e seus deveres raramente se cruzavam. Quando não tinha lembretes de sua antiga vida, conseguia simplesmente seguir em frente, vivendo uma hora de cada vez, fazendo o que fosse preciso para sobreviver. Podia concentrar toda a atenção em ser o grumete e não pensar além do próximo turno.

O rosto de Brashen, os olhos dele, eram mais cruéis do que qualquer espelho. Brashen sentia pena dela. Não conseguia olhar para Althea sem pensar no que ela se tornara — e, o que era pior, no que ela nunca se tornara. Mas talvez o pior fosse ver Brashen reconhecer, assim como ela mesma reconhecera, que Kyle tinha razão. Ela *realmente* era a queridinha mimada do papai, alguém que só brincava de ser marinheira. Lembrava-se com vergonha do orgulho que sentira de quão rápido podia correr pelo cordame de Vivácia, mas só ficara pendurada em dias ensolarados, e, sempre que se cansava ou se entediava com as tarefas, podia simplesmente descer e encontrar outra coisa com a qual se entreter. Passar uma ou duas horas trançando e costurando não era o mesmo que seis horas de trabalho frenético nas velas depois de um pedaço de lona se rasgar e precisar ser substituído na hora. A mãe odiava ver seus calos e suas mãos ásperas, mas as palmas de Althea tinham ficado tão duras e grossas quanto as solas dos pés de outrora. E as solas estavam rachadas e pretas.

Achava que aquela fora a pior parte de sua nova vida: descobrir que não era mais do que apenas adequada à vida de marinheira. Não importava quão resistente se tornasse, simplesmente não era tão forte quanto os homens maiores que trabalhavam no navio. Estava se passando por um garoto de catorze anos para conseguir aquela posição a bordo do *Ceifeiro*. Mesmo que quisesse permanecer naquela banheira de abate, dali a um ano acabariam notando que ela não tinha crescido nem ficado mais forte. Não a manteriam a bordo. Acabaria

em algum porto estrangeiro, sem qualquer perspectiva.

Althea encarou a escuridão. Tinha planejado pedir uma confirmação de serviço ao fim daquela viagem, e era o que faria. E provavelmente conseguiria. Mas agora se perguntava se seria o suficiente. Ah, teria a palavra de um capitão sobre a qualidade de seu trabalho, o que talvez pudesse usar para fazer Kyle cumprir seu juramento imprudente, mas achava que seria um triunfo vazio. Não queria apenas um pedaço de couro carimbado para mostrar que sobrevivera àquela viagem, quando partiu. Seu plano era provar a todos, não só a Kyle, que era boa na vida que escolhera, que era uma capitã digna, uma marinheira competente. Só que, no pouco tempo que tinha para pensar sobre seus planos, achava que só tinha conseguido provar a si mesma que estava errada. Seus planos, que pareciam arriscados e ousados quando saíra de Vilamonte, começavam a parecer infantis e tolos. Tinha fugido para o mar vestida de garoto e assumido a primeira posição que lhe fora oferecida.

E começara a se perguntar por quê. Por que não tinha ido até um dos navios-vivos e pedido para ser contratada como marinheira? Teriam recusado seus serviços, como Brashen dissera que fariam? Ou ela poderia estar dormindo a bordo de um navio mercante que descia a Passagem Interior, certa de que receberia o salário e a recomendação ao fim da viagem? Por que lhe parecera tão importante ser contratada no anonimato, se provar digna sem recorrer ao nome ou à reputação do pai? Parecera um plano tão corajoso, durante aquelas noites de verão em Vilamonte, que passara sentada de pernas cruzadas na sala dos fundos da loja de Âmbar, costurando a calça de marinheiro. Mas agora só parecia infantil.

Âmbar a ajudara. Sem a ajuda, tanto com a costura quanto com as refeições partilhadas de bom grado, Althea jamais teria conseguido embarcar. A amizade repentina sempre a intrigara, e estava começando a pensar que Âmbar talvez tivesse planejado colocá-la em perigo. Seus dedos tocaram a conta do ovo da serpente, que usava numa tira de couro em volta do pescoço. O toque quase aqueceu seus dedos, e ela balançou a cabeça em meio à escuridão. Não. Âmbar era sua amiga, uma de suas raras amigas mulheres. Ela a acolhera nos dias mais quentes do verão e a ajudara a cortar e costurar a roupa de grumete. Até vestira roupas masculinas, para ensinar a Althea como se mover, andar e sentar como homem. Pelo que dissera, tinha sido atriz numa pequena companhia de teatro, e representara papéis de ambos os sexos.

“Faça a voz sair daqui”, ensinara a estranha mulher, cutucando um ponto logo abaixo das costelas de Althea. “Isso se precisar falar. Mas é melhor falar o mínimo possível. Assim, você tem menos chance de se entregar, e vai ser aceita

bem mais depressa. É difícil encontrar um bom ouvinte, não importa o sexo. Se você for uma boa ouvinte, isso vai compensar qualquer outra característica que possa ser vista como defeito."

Âmbar também lhe mostrara como achatar os seios, fazendo com que o volume coberto pela faixa de tecido parecesse apenas uma camisa usada por baixo de outra. E lhe ensinara a dobrar meias escuras para usar como trapos de sangue.

"É fácil explicar as meias sujas", ensinara Âmbar. "E seja bem meticulosa. Lave a roupa duas vezes mais que os outros, que depois de um tempo ninguém vai achar estranho. E trate de se acostumar a dormir menos, porque você vai precisar acordar antes de todos os outros tripulantes ou ficar de pé até mais tarde para manter a privacidade do corpo. E o conselho mais importante: não confie seu segredo a ninguém. Homem nenhum é capaz de guardar um segredo desses. Se alguém a bordo souber que você é mulher, todo mundo vai saber."

Era o único ponto em que Âmbar talvez estivesse errada. Brashen sabia que ela era mulher e não traíra seu segredo. Pelo menos até aquele momento. Althea de repente percebeu a ironia da situação e abriu um sorriso amargo. *Aceitei seu conselho como deu, Brashen. Dei um jeito de nascer de novo como homem — e um homem que não carrega o peso do sobrenome Vestrit.*

Brashen estava deitado em seu catre, encarando a parede nem um pouco distante do rosto. Pensou, tristonho, na época em que teria olhado com desprezo para aquela cabine, que parecia um armário de roupas. Mas agora sabia como era um luxo ter até mesmo um lugar minúsculo como aquele. Sim, mal havia espaço para se mexer lá dentro, mas tinha o próprio leito, onde ninguém mais dormia, além de cabides para a roupa e um canto grande o bastante para deixar o baú de bordo. No catre, podia se encolher e quase dormir protegido, quando não estava em seu turno. As cabines do capitão e do imediato eram consideravelmente maiores e mais bem mobiliadas, mesmo numa banheira como aquela, mas em muitos navios o segundo imediato não possuía acomodações melhores do que as da tripulação. Estava grato por aquele minúsculo canto de sossego, mesmo que só o tivesse conseguido depois da morte de três homens.

Brashen tinha zarpado como marujo e passara a primeira parte da viagem resmungando e se acotovelando no castelo de proa, com o restante dos marinheiros do turno. Desde o início, tinha percebido que, além de mais experiente que seus companheiros, também tinha mais vontade de fazer bem seu trabalho. O *Ceifeiro* era um navio de abate de Vilavelas, e navegava até o sul

distante, na fronteira setentrional de Jamaillia. Quando saiu do porto de origem, muitos meses antes, na primavera, o navio partiu com quase toda a tripulação recrutada de maneira compulsória. Alguns marinheiros profissionais sustentavam a tripulação, encarregados de transformar os recém-chegados em marinheiros na marra. Alguns eram devedores, cujo trabalho fora vendido pelos credores para saldar o que deviam, enquanto outros eram reles criminosos comprados das cadeias do sátrapa. Os que tinham sido batedores de carteira e ladrões aprenderam rápido a mudar de atitude — ou pereceram, já que o espaço confinado de um navio de abate não deixava os homens muito tolerantes a esse tipo de problema. Não era uma tripulação determinada, e muitos dos marinheiros ali provavelmente não sobreviveriam aos rigores da viagem.

Quando o *Ceifeiro* chegou a Vilamonte, tinha perdido um terço da tripulação para doenças, acidentes e violência a bordo. Os dois terços restantes eram sobreviventes, e tinham aprendido a navegar, a perseguir as tartarugas lentas e as chamadas baleias-salgadas das enseadas e lagunas do litoral sul. Seus serviços obviamente deixavam muito a desejar em relação às habilidades dos caçadores e peleiros profissionais, que tinham o relativo conforto de um quarto seco e não trabalhavam a bordo. Eram quase dez homens no *Ceifeiro*, e não colocavam a mão num cabo nem mantinham vigília. Ficavam à toa até a hora de matar e sangrar as presas, quando trabalhavam com vontade, várias vezes deixando de dormir durante dias, se a caça fosse boa. Não eram marinheiros, não eram parte da tripulação. Só perderiam a vida se o navio inteiro afundasse ou uma das presas conseguisse se voltar contra eles.

O navio tinha ido para o norte pelo lado externo das Ilhas Piratas, caçando, matando e cortando durante todo o caminho. Então atracara em Vilamonte para se reabastecer de água limpa e suprimentos e fazer os reparos por que podia pagar. O imediato também não perdera tempo em recrutar mais tripulantes para a viagem até as Ilhas Estéreis. Aquele fora praticamente o único navio contratando no porto.

A fama das tempestades entre Vilamonte e as Ilhas Estéreis era de conhecimento geral — assim como o fato de que os mamíferos marinhos apinhavam as ilhas, em sua pausa durante a migração de inverno. Os animais estariam gordos depois de passarem o verão com comida farta, e eram grandes o bastante para as peles lustrosas valerem o duro trabalho de esfolá-los, e, como eram jovens, não tinham cicatrizes de batalhas por acasalamento ou comida. Valia a pena enfrentar as tempestades de outono por um butim daqueles: peles macias, uma camada grossa de gordura e, por baixo de tudo, a carne magra vermelho-escura com gosto de mar e de terra. Os tonéis de sal que enchiam o

porão desde Vilavelas logo estariam cheios de pedaços salgados daquela carne, junto a barricas de óleo fino e de pilhas de peles limpas armazenadas com sal e enroladas para aguardar o curtimento.

Seria uma carga valiosa o bastante para fazer os proprietários do *Ceifeiro* dançarem de alegria, e os devedores que sobrevivessem até Vilavelas sairiam daquela provação como homens livres. Os caçadores e peleiros reivindicariam uma porcentagem do lucro total e começariam a aceitar lances por seus serviços para a próxima estação, e ganhariam mais se tivessem se saído bem naquela temporada. Os marinheiros de verdade, que teriam conduzido o navio durante todo o caminho e o trazido de volta em segurança, teriam o bolso cheio de moedas, o suficiente para mantê-los abastecidos de bebidas e mulheres até a hora de navegar mais uma vez para as Ilhas Estéreis.

Uma vida boa, pensou Brashen, sarcástico. E conseguira uma bela cama. Não tinha sido muito difícil: só precisara se mexer rápido o bastante para atrair a atenção do imediato e do capitão. Isso e a tempestade violenta que levara dois homens e aleijara o terceiro dos prováveis candidatos.

Mas o que o incomodava naquela noite não era a culpa por ter passado por cima de mortos para conseguir aquele cargo e as responsabilidades que vinham com ele. Não. Era a ideia de Althea Vestrit, filha de seu benfeitor, estar encolhida e ensopada no porão, tão perto daquela escória que infestava o navio.

— Não há nada que eu possa fazer a respeito — disse em voz alta.

Como se colocar aquelas palavras para fora pudesse tranquilizar sua consciência. Brashen não tinha visto a menina subir a bordo, em Vilamonte — e mesmo que tivesse não a teria reconhecido. Precisava admitir: Althea era convincente como jovem marinheiro.

O primeiro indício de que a garota estava a bordo não fora a aparência. Brashen tinha visto o grumete diversas vezes e não pensara duas vezes. O gorro puxado por cima da testa e as roupas de garoto tinham sido um disfarce mais do que suficiente. Só que, na primeira vez em que viu uma corda amarrada no gancho de um moitão com um nó duplo, em vez de um lais de guia, Brashen ergueu a sobrancelha. Não era um nó raro, mas o mais comum era o lais de guia. O capitão Vestrit é que preferira o nó duplo de gancho. Na ocasião, Brashen não dera muita atenção ao nó. Mais ou menos um dia depois, quando saiu para o convés um pouco antes do turno, ouviu um assobio familiar do alto do cordame. Ergueu a cabeça na direção do grumete, que acenava para o vigia, tentando chamar sua atenção para transmitir alguma mensagem, e reconheceu a garota no mesmo instante. *Ah, é só Althea*, pensara, tranquilo. Então a mente processou a

informação com um susto. Ficou encarando a jovem, incrédulo. Era ela: aquela corrida ao longo dos estribos era inconfundível. Althea olhou para baixo e, quando o viu, virou o rosto tão depressa que Brashen soube que ela estava só esperando e temendo aquele momento.

Tinha encontrado uma desculpa para se demorar na base do mastro até a garota descer. Althea passara por ele a um braço de distância, com um olhar suplicante, e Brashen cerrara os dentes e não dissera uma só palavra. Inclusive, não se dirigira ao "grumete" até aquela noite. Assim que a reconheceu, foi dominado pelo horror da certeza de que Althea não sobreviveria à viagem. Aguardava, todos os dias, a notícia de que tinham descoberto a mulher a bordo, ou que o grumete cometera um pequeno erro e o mar tivesse levado sua vida. Parecia questão de tempo. O melhor que podia esperar era que a morte fosse rápida.

Mas parecia que não seria o caso. Permitiu-se um sorrisinho triste. A garota sabia se mexer. Ah, não tinha os músculos para o trabalho que recebera — bem, pelo menos não para fazer as tarefas tão depressa quanto o primeiro imediato gostaria. Não era tanto uma questão de falta de músculo e peso. Na verdade, Althea podia fazer o trabalho bem o bastante. O problema era que ela era superada pelos homens com quem trabalhava. Alguns centímetros a mais de braço e três quilos de peso extra para aplicar no manuseio do moitão faziam toda a diferença. Althea era como um cavalo atrelado junto com bois: não era incapaz de realizar o trabalho, mas não se equiparava aos companheiros.

Além do mais, a moça tinha saído de um navio-vivo — e ainda por cima da sua família — para um navio de madeira comum. Será que ela tinha imaginado que a briga contra madeira morta era muito mais difícil do que trabalhar com um navio disposto a ajudar? Mesmo que Vivácia não estivesse desperta durante os anos que passara a bordo, Brashen sabia, desde a primeira vez que tocara numa de suas cordas, que havia alguma consciência subjacente naquele navio. Vivácia estava longe de navegar por conta própria, mas ele sempre tivera a sensação de que os incidentes mais estúpidos que sempre ocorriam a bordo de outros navios não tinham lugar naquele convés. Numa banheira como o *Ceifeiro*, havia muito mais trabalho a ser feito. O que parecia um serviço simples — substituir uma dobradiça, por exemplo — se revelava uma enorme empreitada quando acabavam descobrindo que a dobradiça defeituosa tinha sido presa a uma madeira parcialmente podre, e ainda por cima desalinhada. Nada era simples a bordo do *Ceifeiro*.

Como que em resposta àquele pensamento, ouviu a batida seca de nós de dedos em sua porta. Não era seu turno, então só poderia significar problemas.

— Estou acordado — avisou ao visitante.

No instante seguinte, estava de pé abrindo a porta. Mas não era o imediato vindo passar afazeres extras naquela noite tempestuosa. Foi Reller quem entrou, hesitante. A água ainda escorria de seu rosto e pingava de seu cabelo.

— O que foi?

O sujeito franziu a testa larga.

— Meu ombro tem doído um bocado — explicou.

Os deveres de Brashen incluíam cuidar dos suprimentos medicinais do navio. Ao que parecia, tinham começado a viagem com um médico de bordo, mas acabaram sem a regalia quando o sujeito caiu pela amurada, numa noite de mar violento. Quando descobriram que Brashen sabia ler as letrinhas nos rótulos das várias garrafas e caixas de remédios, colocaram-no a cargo do que restava do estoque medicinal. Brashen duvidava da eficácia de muitos daqueles remédios, mas os administrava de acordo com as instruções nos rótulos.

Então se voltou para o baú trancado que ocupava quase tanto espaço quanto seu baú de bordo e enfiou a mão dentro da camisa, pegando a chave pendurada no pescoço. Abriu o baú e franziu o cenho por um momento, passando os olhos pelo conteúdo, até que pegou uma garrafa marrom com um rótulo verde extravagante. Estreitou os olhos para ler as instruções à luz bruxuleante do lampião.

— Acho que foi isto que lhe dei da última vez — comentou, em voz alta, erguendo a garrafa para Reller inspecionar.

O marinheiro encarou o recipiente como se, só de olhar com atenção, as letras fossem se tornar compreensíveis, mas acabou dando de ombros.

— O rótulo era desse mesmo verde — respondeu. — Deve ser essa.

Brashen tirou a rolha grossa da boca larga e despejou meia dúzia de pílulas esverdeadas na palma da mão. *Parecem bosta de veado*, pensou. Teria ficado apenas um pouco surpreso se descobrisse que era exatamente aquilo. Devolveu três pílulas à garrafa e entregou as outras três a Reller.

— Tome todas. Diga ao cozinheiro que mandei ele lhe dar meia medida de rum para tomar as pílulas e deixar você ficar sentado na cozinha se aquecendo até o remédio começar a fazer efeito.

O rosto do homem logo se animou. O capitão Sichel não era generoso com o álcool a bordo do navio. Devia ser o primeiro gole de Reller desde que tinham partido de Vilamonte. A perspectiva de uma bebida e de um lugar quente onde se sentar por um tempo fizeram seus olhos brilharem de gratidão. Brashen hesitou,

sem saber se seria boa ideia misturar álcool com remédios, mas então refletiu que não tinha certeza se as pílulas funcionariam. Pelo menos sabia que o rum barato da tripulação ajudaria o sujeito a dormir sem se incomodar com a dor.

Quando Reller estava se virando para sair, Brashen se forçou a perguntar.

— O filho do meu primo... aquele que pedi para você ficar de olho. Como ele está se saindo?

Reller deu de ombros e sacudiu as três pílulas na mão esquerda.

— Ah, ele está indo bem, senhor, muito bem. É um rapaz disposto.

O homem colocou a mão na maçaneta, ansioso para ir embora. O rum prometido o aguardava.

— Ah, entendo — continuou Brashen, sem se conter. — Ele sabe fazer o serviço e faz direito?

— Ah, isso ele faz, sim, senhor. Um bom rapaz, como eu disse. Vou ficar de olho no Athel, nada de ruim vai acontecer com ele.

— Ótimo. Muito bom. Meu primo ficará orgulhoso. — Ele hesitou. — E não esqueça que o garoto não pode saber disso. Não quero que ele pense que vai ter algum tratamento especial.

— Sim, senhor. Não, senhor. Boa noite, senhor.

Reller saiu, fechando a porta com firmeza.

Brashen fechou os olhos e inspirou fundo. Era o máximo que podia fazer por Althea: pedir a um homem confiável que ficasse de olho nela. Certificou-se de fechar a porta com o ferrolho e trancou outra vez o baú onde ficavam os suprimentos médicos. Por fim, se arrastou de volta para o catre estreito e soltou um longo suspiro. Era o máximo que podia fazer por Althea. Era, sim, sem dúvida. Era mesmo.

Acabou conseguindo cair no sono.

Wintrow não gostava de trabalhar no aparelho. Fizera o possível para esconder isso de Torg, mas o homem tinha o instinto infalível dos valentões, então inventava algum motivo para Wintrow subir no mastro pelo menos dez vezes por dia. Quando o segundo imediato achou que Wintrow já tinha perdido um pouco o medo, complicou as tarefas. Mandava que ele carregasse coisas para colocar no cesto da gávea, só para ir pegar essas coisas de volta assim que pisava outra vez no convés. E as últimas ordens de Torg não o obrigaram apenas a subir no aparelho: teria que ir até a ponta da retranca e ficar pendurado lá, com o coração

na boca, esperando o grito para que voltasse. Era um trote simples, do tipo mais estúpido e previsível. Wintrow esperava esse tipo de comportamento do segundo imediato. Tinha sido mais difícil compreender que o restante da tripulação aceitava aquele tormento como normal — quando resolviam prestar atenção às tarefas a que Torg lhe sujeitava, em geral era para rir. Ninguém intervinha.

Mas mesmo assim, refletiu Wintrow, agarrado à retranca, olhando para o convés abaixo, tão longe, *Torg na verdade lhe fizera um favor*. O vento soprava por seu corpo, inflando as velas a todo pano, e a corda em que estava empoleirado gemia com a tensão. A altura do mastro exagerava o movimento do navio na água, amplificando cada encrespamento das ondas. Continuava não gostando de estar ali no alto, mas não podia negar que sentia uma certa satisfação por estar naquele lugar — uma sensação que nada tinha a ver com divertimento. Wintrow tinha encontrado um desafio e o superado. Nunca teria pensado em desafiar seus limites daquele modo, não por conta própria. Estreitou os olhos contra o vento que passava ensurdecedor por seus ouvidos. Por um momento, brincou com a ideia de que talvez pertencesse àquele lugar — de que talvez, no fundo do sacerdote, houvesse o coração de um marinheiro.

Um som baixo e estranho chegou a seus ouvidos: uma vibração metálica. Wintrow se perguntou se alguma peça estaria prestes a se soltar e sentiu o coração bater um pouco mais depressa. Bem devagar, foi avançando pela enxárcia em busca da fonte do barulho. O vento zombava dele, trazendo o som para perto, depois soprando-o para longe. Ouviu o barulho algumas vezes antes de reconhecer que havia variações em tom e ritmo no som, variações que desafiavam o fluxo constante do vento. Chegou ao cesto da gávea e se agarrou à beira.

Brando estava de vigia ali dentro. O marinheiro estava agachado, os olhos pareciam fendas de tão apertados, e segurava um pequeno berimbau de boca contra o rosto. Tocava o instrumento com apenas uma das mãos, à moda dos marinheiros, usando a própria boca como caixa acústica enquanto os dedos percorriam os dentes de metal que funcionavam como teclas. Os ouvidos estavam concentrados na música enquanto os olhos percorriam o horizonte.

Wintrow achou que Brando não tinha percebido sua presença, até que os olhos do marinheiro se voltaram em sua direção. Os dedos pararam de repente.

— O que foi? — perguntou, sem afastar o instrumento do rosto.

— Nada. Está de vigia?

— É, dá para dizer que sim. Não tem muito o que vigiar.

— Piratas? — sugeriu Wintrow.

Brando bufou.

— Piratas não incomodam navios-vivos. Ah, ouvi boatos de um ou dois que foram perseguidos, quando a gente estava em Calcede, mas em geral eles nos deixam em paz. A maioria dos navios-vivos sabe navegar mais rápido do que qualquer navio de madeira sob as mesmas condições, a não ser que a tripulação seja realmente incompetente. E os piratas sabem que, mesmo se alcançarem um navio-vivo, vão ter que lutar pela própria vida. E, mesmo que vençam... o que vão conseguir? Uma embarcação que não vai navegar para eles. Você acha que a Vivácia receberia estranhos a bordo e aceitaria que a manejassem? De jeito nenhum!

— De jeito nenhum — concordou Wintrow, surpreso pelo afeto e orgulho óbvios que Brando sentia pelo navio-vivo e por o marinheiro se dar ao trabalho de conversar com ele.

Brando pareceu lisonjeado pela atenção, pois estreitou os olhos como se fosse compartilhar um segredo.

— Na minha opinião, os piratas estão nos fazendo um favor.

Wintrow mordeu a isca.

— Como assim?

— Bem, como posso explicar... você não desembarcou em Calcede, não foi? Bem, o que ouvimos por lá foi que os piratas de repente começaram a atacar alguns navios de escravos. Pelo menos um foi capturado, e havia rumores de outros sendo ameaçados. Bem. Estamos no fim do outono, mas, na primavera, Calcede vai precisar de um monte de escravos fortes para arar e semear os campos. Se os piratas estão acabando com os traficantes regulares... bem, quando chegarmos lá com uma carga de primeira, estaremos em vantagem. Vamos conseguir tanto dinheiro pela mercadoria que talvez voltemos direto para Vilamonte.

Brando sorriu e balançou a cabeça, satisfeito, como se Kyle conseguir um bom preço por escravos fosse refletir bem na reputação dos tripulantes. Devia estar só repetindo o que ouvira dos marinheiros mais velhos. Wintrow não respondeu, simplesmente olhou para longe, para a água ondulante. Sentia uma espécie de enjoo que nada tinha a ver com o balanço do mar. Sempre que pensava em Jamaillia, em ver o pai comprando escravos para revender, era invadido por uma tristeza terrível. Era como ter a culpa e a dor de uma lembrança vergonhosa antes mesmo de a coisa acontecer. Passado um momento, Brando retomou a conversa.

— Então, Torg mandou você aqui para cima de novo?

— Sim. — Wintrow alongou os ombros e se recostou casualmente no cesto da gávea, surpreso com a própria tranquilidade. — Já não me incomoda tanto.

— Dá para ver. É por isso que fizeram você subir. — Wintrow ergueu as sobrancelhas, e Brando sorriu. — Ah, você achava que era uma tortura especial, feita só para você? Não. Torg gosta de atormentar os outros... Ah, pelas bolas de Sá, ele tem o maior prazer em atazanar qualquer um que veja pela frente. Bem, desde que isso não cause problemas para ele. Mas fazer o grumete subir e descer o mastro sem parar é uma tradição. Eu também odiava isso, na minha primeira viagem. Brashen era o imediato, e eu achava que era um filho de uma porca. Assim que ele percebeu que eu ficava nervoso, deu um jeito para que cada uma das minhas refeições viesse parar aqui em cima. “Se quiser comer, vai ter que pegar”, dizia ele. E eu tinha que subir o mastro e me arrastar até aqui para pegar um balde com a minha comida dentro. Ah, como eu odiava aquele babaca. Tinha tanto medo e era tão lento que quase sempre encontrava a comida fria, e quase sempre tinha que comer debaixo de chuva. Mas, assim como você, aprendi a não me importar depois de um tempo.

Wintrow ficou quieto, pensativo. Os dedos de Brando voltaram a dançar sobre as teclas, numa adorável melodia.

— Então Torg não me odeia? Isso é algum tipo de treinamento?

Brando parou de tocar e bufou, divertido.

— Ah, não. Torg odeia você, pode apostar. Torg odeia qualquer um que se ache mais esperto que ele. Ou seja, a maioria da tripulação. Mas ele também sabe o que tem que fazer como imediato. E sabe que, se quiser manter o emprego, vai ter que fazer de você um marinheiro. Então vai ensinar direito. Claro que ele vai fazer do jeito mais doloroso e desagradável possível, mas vai ensinar.

— Se Torg é uma pessoa tão horrível, por que o meu... o capitão o aceita como segundo imediato?

Brando deu de ombros.

— Vá e pergunte para o papai — respondeu com crueldade, mas então deu um sorriso, como se tivesse sido uma piada. — Ouvi dizer que Torg está com ele faz tempo, que ficou do lado dele numa viagem muito ruim no antigo navio que navegaram. Então o capitão trouxe Torg junto quando veio para a Vivácia. Talvez ninguém mais quisesse Torg como imediato e o capitão ficou com pena. Ou talvez Torg tenha uma bundinha bem firme.

Wintrow ficou boquiaberto com a insinuação, mas Brando estava sorrindo outra vez.

— Ei, não leve tão a sério. Dá para ver por que todo mundo gosta de implicar, você cai muito fácil.

— Mas ele é meu pai — protestou Wintrow.

— Não. Não quando está servindo a bordo do navio dele. Agora ele é só o seu capitão. E é um capitão razoável, mesmo não sendo tão bom quanto Ephron. Tem gente da tripulação que ainda acha que Brashen devia ter assumido o posto. Mas é um capitão razoável.

— Então por que você disse... aquilo? — Wintrow estava genuinamente perplexo.

— Porque ele é o capitão — explicou Brando, cansado. — Os marinheiros sempre falam e agem assim, mesmo quando gostam da pessoa. É que sabem que o capitão pode dificultar as coisas para o lado deles. Ei, quer ouvir um exemplo? Sabe o que Confrei fez, quando descobrimos que o capitão Vestrit ia sair do navio e colocar um homem novo no comando?

— O quê?

— Ele foi até a cozinha, pegou a caneca de café do capitão e esfregou o pau na parte de dentro!

Os olhos cinzentos de Brando reluziram de prazer, e ele ficou esperando a reação de Wintrow.

— Você está caçoando de novo!

Não conseguiu evitar um sorriso horrorizado. Era nojento, degradante. Era ultrajante demais para ser verdade que um homem fizesse isso com outro, com alguém que ele ainda nem tinha conhecido, só porque aquele homem teria algum poder sobre seu destino. Era inacreditável. E ainda assim... era... era engraçado. Wintrow de repente compreendeu: fazer aquilo com um homem conhecido seria cruel e imoral, mas fazer aquilo com um capitão desconhecido, olhar para um homem que tinha o poder da vida e da morte sobre você e imaginá-lo sentindo o gosto de seu pau no café... Desviou os olhos de Brando, ainda sem acreditar no sorriso largo no próprio rosto. Confrei tinha feito aquilo com seu pai.

— A tripulação tem que fazer esse tipo de coisa com o capitão e o imediato. Não pode deixar que fiquem pensando que são deuses enquanto a gente é um monte de bosta.

— Então... você acha que eles sabem dessas coisas?

Brando deu um sorriso malicioso.

— Todo mundo que já leva essa vida há um tempo sabe como é. — Ele tocou mais algumas notas, então deu de ombros, num gesto exagerado. — Acho que só

pensam que isso nunca acontece com eles.

— Então ninguém conta — comentou Wintrow, compreendendo.

— Claro que não. Quem contaria? — Algumas notas depois, Brando parou de tocar de repente. — Você não faria isso, não é? Quer dizer, mesmo que ele seja seu pai e tudo o mais... — Ele se calou quando percebeu que podia ter sido muito imprudente.

— Não, não faria — Wintrow se ouviu dizer, e tinha um sorriso tolo no rosto quando acrescentou: — Mas principalmente porque ele é o meu pai.

— Garoto! Garoto, desça essa bunda daí! — Era a voz de Torg, berrando do convés.

Wintrow suspirou.

— Posso jurar que ele sabe quando não estou me sentindo um miserável e dá um jeito de corrigir isso.

Wintrow começou a descer. Brando se debruçou de leve para acompanhá-lo com os olhos e gritou às suas costas:

— Você usa palavras demais. É só dizer que ele pega no seu pé feito piche velho.

— Isso também — concordou Wintrow.

— Sem moleza! — berrou Torg, mais uma vez, e Wintrow concentrou toda a atenção na descida.

Muito mais tarde, naquela noite, enquanto meditava em perdão pelo dia, Wintrow ficou espantado consigo mesmo. Tinha rido daquela crueldade? Seu sorriso era cúmplice da degradação de outro ser humano? Onde estava Sá naquilo? Foi tomado por um sentimento de culpa e se forçou a afastá-lo. A culpa era de pouca serventia a um verdadeiro sacerdote de Sá. O sentimento só anuviou um pouco. Se notava alguma coisa que fazia um homem se sentir mal, precisava determinar o que era e eliminar o incômodo. Simplesmente sofrer os desconfortos da culpa não significava que havia melhorado quem era, apenas que desconfiava de que guardava um defeito dentro de si. Ficou imóvel na escuridão e ponderou sobre o que o fizera sorrir e por quê. E, pela primeira vez em muitos anos, ficou se perguntando se sua consciência não era sensível demais, se não tinha se tornado uma barreira entre ele e seus companheiros.

— Aquilo que separa não é de Sá — disse a si mesmo, em voz baixa.

Mas adormeceu antes que pudesse se lembrar da fonte da citação, ou mesmo se vinha das escrituras.

* * *

Avistaram as Ilhas Estéreis numa manhã clara e fria. A viagem para nordeste tinha levado o navio numa jornada do outono ao inverno — de um tempo azul e ameno para um clima de garoa e nevoeiro perpétuos. As Ilhas Estéreis se estendiam baixas no horizonte. Não pareciam ilhas propriamente ditas, só pontos onde as ondas viravam espuma branca de repente. Eram faixas de terra baixas e planas, pouco mais que praias rochosas e planícies arenosas que por acaso ficavam acima da linha da maré alta. Althea tinha ouvido dizer que mais para dentro delas havia pouco mais que areia e vegetação rasteira. Não fazia ideia de por que os ursos-marinhos escolhiam aquele lugar para lutar, se acasalar e criar os filhotes — ainda mais considerando que todos os anos, naquela mesma época, os barcos de abate apareciam para matar centenas deles. Estreitou os olhos para se proteger dos respingos salgados e ficou imaginando que tipo de instinto mortal levava aqueles bichos para lá todos os anos, apesar das memórias de sangue e morte.

O *Ceifeiro* chegou ao aglomerado de ilhas por volta do meio-dia, quando descobriu que um de seus rivais já tinha se apossado do melhor ancoradouro. O capitão Sichel praguejou com a notícia, como se fosse por culpa de seus homens e do navio que o *Karlay* tivesse chegado antes. As âncoras foram lançadas, e os caçadores despertaram do estupor de inatividade. Althea tinha ouvido um boato de que os caçadores tinham brigado por causa de algum jogo poucos dias antes e quase matado um de seus companheiros porque desconfiavam que o sujeito estava trapaceando. O que não significava nada para ela. Nas poucas vezes em que tivera que servi-los, como parte de suas obrigações de grumete, achou aqueles homens muito boca-sujas e mal-humorados. Não ficou nem um pouco surpresa por estarem se voltando uns contra os outros, confinados como estavam. E o que faziam entre si não era da sua conta.

Ou era o que pensava. Só quando estavam ancorados em segurança, na expectativa do primeiro dia de relativa calma em semanas, é que Althea descobriu como aquilo a afetaria. Oficialmente, estava de folga. A maioria dos companheiros de turno estava dormindo, mas ela decidira aproveitar a luz e o tempo relativamente bom para remendar algumas roupas. Os trabalhos minuciosos à luz do lampião tinham começado a incomodar os olhos, sem falar no ar viciado abaixo do convés. Tinha encontrado um canto sossegado ao abrigo do castelo de proa, fora do caminho do vento, e milagrosamente o sol dera as caras, apesar da sensação de inverno no ar. Tinha acabado de começar a cortar quadrados de lona da calça mais puída para remendar as outras quando ouviu o

imediato berrar seu nome.

— Athel! — urrou o sujeito, e Althea levantou-se de um pulo.

— Aqui, senhor! — gritou em resposta, sem reparar que as calças em que trabalhava escorregavam de seu colo.

— Se apronte para desembarcar. Você vai ajudar os peleiros, que estão com um homem a menos. Vamos, depressa.

— Sim, senhor — respondeu ela.

Era a única resposta possível, mas mesmo assim sentiu um aperto no coração. O que não deixou seus pés mais lentos, claro.

Agarrou as calças que ia remendar, desceu com elas pela escotilha e as deixou de lado para terminar o serviço em algum futuro indefinido. Enfiou os pés calejados nas meias de feltro e nas botas pesadas — as rochas cobertas de cracas não seriam gentis com as solas dos pés descalços —, puxou o gorro de lã por cima das orelhas e subiu correndo os degraus para o convés, chegando bem a tempo — os barcos já estavam sendo erguidos pelas serviolas. Pulou para dentro de um e assumiu o lugar junto a um dos remos.

Os marinheiros remavam enquanto os caçadores curvavam os ombros na direção do vento e da água que respingava e sorriam uns para os outros, ansiosos. Seguravam os arcos favoritos com firmeza, mantendo-os fora do alcance dos respingos, e os sacos de oleado cheios de flechas rolavam pela água rasa acumulada no fundo do barco. Althea remou com vontade, tentando manter o ritmo do companheiro. Os escaleres do *Ceifeiro* avançaram juntos para as praias rochosas das ilhas, cada um com um contingente de caçadores, peleiros e marinheiros. Ela notou, quase que de passagem, que Brashen remava num dos outros barcos. Então era ele quem estaria no comando dos marinheiros em terra firme. Resolveu não dar motivos para que ele reparasse em sua presença. Estaria trabalhando com os caçadores e peleiros, de todo o modo: não havia necessidade de cruzar o caminho de Brashen. Por um momento, ficou se perguntando qual tarefa teria que desempenhar, mas acabou deixando aquilo de lado como uma curiosidade inútil. Logo lhe diriam o que fazer.

O navio rival tinha ocupado o melhor ancoradouro, e seus caçadores também tinham desembarcado na melhor ilha. Por tradição, nenhum navio invadia o território de caça do outro — experiências passadas tinham ensinado a todos que aquilo só resultava em mortes e gerava menos lucro para todos os envolvidos —, de forma que não havia qualquer sinal de vida humana na ilha em que desembarcaram. As praias rochosas estavam desertas, exceto por algumas fêmeas velhas que descansavam nas águas mais rasas. Os machos adultos já

tinham partido, dando início à migração de volta para onde quer que aquelas criaturas passassem o inverno. Althea sabia que encontrariam as fêmeas mais jovens e as crias daquele ano nas planícies arenosas do interior. Os animais se demoravam por lá, comendo os cardumes tardios e acumulando gordura e forças antes de começarem a longa jornada de volta.

Os caçadores e os peleiros permaneceram nos barcos quando os remadores pularam para a água rasa e agarraram as amuradas para puxar os barcos para a terra firme. Usaram os movimentos das ondas, que ergueu o barco enquanto ele era puxado, de forma que o casco não batesse nas rochas afiadas. Althea vadeou até a praia com os outros, as pernas encharcadas e as botas molhadas parecendo atrair o frio.

Chegaram em terra firme, e não demorou para descobrir quais seriam seus deveres: ao que parecia, faria o que os caçadores e peleiros não estivessem com vontade de fazer. Althea teve que carregar todos os arcos, flechas, facas e pedras de amolar extras, seguindo os caçadores ilha adentro com tudo aquilo nos braços. Ficou surpresa por os caçadores e peleiros andarem tão depressa e falarem tão abertamente entre si: imaginava que aquela caça exigia algum tipo de rastreamento e furtividade.

No topo da primeira elevação, o interior levemente ondulado da ilha se descortinou diante dela. Os ursos-marinhos estavam estirados, dormindo em grupos na areia e entre os arbustos. As criaturas gordas mal se dignaram a notar os homens que chegaram ao topo da colina, e as que se deram ao trabalho de abrir os olhos encararam a aproximação humana com tão pouco interesse quanto o que eles dirigiam aos pássaros bicadores de esterco com quem dividiam o território.

Os caçadores escolheram suas posições. Althea logo foi aliviada dos sacos de flechas que carregara, e se posicionou atrás dos homens, a certa distância, enquanto eles preparavam os arcos e escolhiam os alvos. Começou uma chuva mortal de flechas. Os animais atingidos urravam, e alguns galoparam em círculos aos trancos, antes de morrer, mas as criaturas não pareciam associar a dor e as mortes aos homens na colina acima. Foi um abate quase descontraído, os caçadores escolhendo alvo após alvo e disparando as flechas. Miravam na garganta, onde as flechas de pontas largas rompiam as veias. O sangue escorria aos montes. Era o método preferido para a chacina: daquele jeito, os animais simplesmente sangravam até a morte, deixando as peles flexíveis intactas e a carne sem muito sangue. A morte não era rápida nem indolor. Althea não tinha presenciado muitos abates, muito menos uma matança em tamanha escala. Aquilo a deixou enojada, mas ela ficou ali, parada, assistindo, tentando se

comportar como um rapaz de verdade com certeza faria, se esforçando para não deixar o nojo evidente no rosto.

Os caçadores continuaram a matança com muita diligência. Assim que lançaram as últimas flechas, desceram para recuperar o que conseguissem de munição. Os peleiros iam atrás, como corvos num campo de batalha. Grande parte dos enormes animais ainda vivos tinha se afastado, incomodada, dos moribundos, que se contorciam e gritavam, agonizantes. Nenhum parecia com medo, só um pouco perturbados com a algazarra. O líder dos caçadores olhou para Althea, meio irritado.

— Vá ver por que estão demorando com o sal! — berrou, como se Althea já soubesse que teria de cuidar disso e estivesse negligenciando a tarefa. A garota saiu correndo para obedecer, feliz por deixar a cena de matança.

Os peleiros já estavam trabalhando, tirando peles, recolhendo línguas, corações e fígados antes de tirar as entranhas do caminho e deixar as criaturas peladas, resumidas a sacos de gordura e carne. As gaivotas, experientes, já chegavam para o banquete.

Althea tinha acabado de chegar ao topo da colina quando viu um marinheiro vindo em sua direção, rolando um tonel de sal. Atrás dele vinha uma fila de outros, e a menina de repente compreendeu a dimensão daquela tarefa. Os marinheiros iam subindo a encosta, levando tonel atrás de tonel, enquanto outro grupo em serviço ia trazendo uma balsa cheia de barris vazios até a areia. A ilha inteira estava tomada de atividade. O *Ceifeiro* estava ancorado, e a bordo havia apenas homens o suficiente para a manutenção do navio. Todos os outros tripulantes tinham sido designados para a imensa tarefa de descarregar e transportar tonéis de sal e barris vazios até a praia. E tudo aquilo teria que ser transportado de volta, barris cheios de carne salgada ou de peles. E a tripulação ficaria ali, trabalhando, enquanto ainda houvesse animais vivos e barris vazios.

— Eles querem o sal! — anunciou Althea ao marinheiro que empurrava o primeiro tonel.

O sujeito nem se deu ao trabalho de responder. Ela se virou e correu de volta para o grupo de caçadores, que já disparava uma nova chuva mortífera contra outra área cheia de bichos. Os peleiros pareciam já ter dado conta de metade do que os caçadores tinham abatido.

Foi o início de um dos muitos dias sangrentos e aparentemente intermináveis que se seguiram. Althea ficou responsável pelas tarefas que todos os outros deixavam de lado, alegando estarem ocupados demais para fazer: levava corações e línguas para um tonel central, salgando cada órgão antes de jogá-los

lá dentro. Suas roupas ficaram pegajosas e duras, cobertas de sangue, e o tecido ficou amarronzado de tantas manchas. Mas isso aconteceu com as roupas de todos ali.

Os homens que já tinham sido considerados marinheiros, mas que só estavam ali porque deviam dinheiro em Jamaillia, aprenderam depressa o ofício de açougueiro. Os pedaços de gordura amarelada eram separados da carne e armazenados em barris limpos, para serem levados de volta ao navio. As carcaças eram desossadas para conservar espaço nos barris, e os pedaços escuros de carne vermelha eram devidamente salgados antes de serem guardados. Então, depois de tudo, uma camada limpa de sal era depositada por cima do conteúdo de cada tonel, antes de ser lacrado.

As peles eram limpas de toda gordura ou lasca vermelha de carne que os peleiros pudessem ter deixado passar e estendidas para secar, uma grossa camada de sal cobrindo o lado interno. Depois de passarem o dia secando, eram sacudidas para tirar o sal, enroladas, amarradas e levadas para o navio em fardos. Os grupos de açougueiros avançavam pela montanha de trabalho, deixando um rastro de ossos manchados de vermelho e pilhas de entranhas. As aves marinhas desciam para o banquete, acrescentando suas vozes aos berros dos abatedores e aos gritos dos animais morrendo.

Althea achava que ficaria de fora do trabalho sangrento, mas o cenário parecia mais monstruoso e mais corriqueiro a cada dia. Tentava fazer a cabeça entender que aquela matança generalizada não era o apocalipse, que aquilo ocorria ano após ano, mas não conseguia: nem mesmo os amontoados de ossos velhos entre os animais recém-mortos serviam para convencê-la de que, no ano anterior, ocorrera um evento de mesma escala. Althea desistiu de pensar naquilo, fazendo um esforço para simplesmente realizar suas tarefas.

Um acampamento rudimentar foi erguido na ilha, no mesmo lugar do acampamento do ano anterior, ao abrigo de um pequena montanha conhecida como o Dragão. Armaram uma tenda que era pouco mais do que lonas esticadas para aparar o vento, com fogueiras para se aquecerem e cozinharem, mas pelo menos era um abrigo. Não servia para conter o cheiro forte e adocicado de sangue trazido pelo vento, mas pelo menos era uma mudança do espaço confinado do navio. Os homens acenderam fogueiras fumacentas com galhos que tiravam dos arbustos cheios de seiva da ilha e os poucos pedaços de madeira trazidos pela maré. Cozinharam os fígados dos ursos-marinhos, e Althea se juntou ao banquete, tão feliz quanto qualquer outro marinheiro pela mudança na dieta e a oportunidade de comer carne fresca.

De certa forma, estava feliz com a mudança de ofício: trabalhava para os caçadores e peleiros, separada do restante da tripulação. Não invejava o trabalho pesado de rolar tonéis cheios colina acima pela praia rochosa e depois levá-los de volta para o navio, subi-los a bordo e armazená-los. Era um trabalho árduo e tedioso, e aquele serviço maçante tinha pouco a ver com navegação, mas nenhum tripulante do *Ceifeiro* foi dispensado. As tarefas de Althea mudavam conforme a vontade dos caçadores e peleiros: afiava facas; recolhia flechas; salgava e armazenava corações e línguas; estendia, salgava, sacudia, enrolava e amarrava as peles, cobria pedaços de carne com sal e os colocava em camadas nos tonéis. A constante troca de sangue e sal em suas mãos teria rachado a pele, se também não estivesse quase sempre coberta de grossas camadas de gordura.

O tempo continuou bom para o serviço, frio e com bastante vento, sem sinal das chuvas torrenciais que podiam arruinar as peles e as carnes. Até que uma tarde em que as nuvens pareceram ferver no céu, despontando no horizonte e tomando o azul. O vento ficou ainda mais cortante. Ainda assim, os caçadores continuaram a matar, mal reparando nas nuvens que se acumulavam no horizonte, altas e negras como montanhas. Só quando os primeiros granizos começaram a cair é que eles desistiram de lançar a chuva mortal e passaram a gritar, irritados, para que os peleiros e os embaladores se apressassem, antes que as carnes, gorduras e peles fossem perdidas. Althea não sabia o que poderia ser feito contra a tempestade, mas aprendeu depressa. As peles descarnadas foram enroladas com uma camada de sal por dentro, e todos de repente passaram a trabalhar como peleiros, açougueiros e embaladores. Althea acabou com uma faca de esfolar nas mãos, curvada sobre uma carcaça ainda quente, passando a lâmina da garganta pelas ventas de um urso-marinho.

Tinha visto aquilo ser feito tantas vezes que já superara boa parte do nojo, mas mesmo assim teve ânsias de vômito ao separar a pele macia da grossa camada de gordura. O animal estava quente e flácido, e aquele primeiro corte liberou uma lufada de morte e entranhas. Althea se manteve firme. A lâmina larga e chata da faca de esfolar deslizou sem dificuldade por entre a gordura e a pele, soltando o couro do corpo, enquanto a mão livre ia atrás, puxando e tensionando o couro macio do animal. Acabou furando a pele duas vezes na primeira tentativa, a inexperiência fazendo-a ir depressa demais. Quando ela finalmente relaxou e parou de pensar no que estava fazendo, concentrando-se, em vez disso, em fazer bem o trabalho. A pele seguinte foi removida com a mesma facilidade de descascar uma laranja jamailliana. Althea compreendeu que era apenas uma questão de pensar de que o animal era feito, onde a pele seria grossa ou fina, onde haveria ou não gordura.

Na quarta carcaça, percebeu que, além de achar a tarefa fácil, era boa naquilo. Ia depressa de carcaça em carcaça, o sangue e o cheiro pareciam não importar mais. O longo corte para abrir o animal, a esfolação ligeira, a rápida estripação. Coração e fígado eram soltos com apenas dois cortes, e o que restava das entranhas era empurrado para fora do corpo e da pele. Descobriu que a língua era a mais complicada de remover: tinha que abrir a boca do bicho e enfiar a mão lá dentro para agarrar a língua ainda quente e cortá-la na base. Se não fosse uma iguaria tão valiosa, teria ficado tentada a deixá-la de lado.

Depois de um tempo, ergueu a cabeça para olhar ao redor, em meio ao granizo constante. A chuva gelada batia em suas costas e respingava em seus olhos, mas, até aquela pausa, quase não tinha percebido o ataque do clima. Reparou que deixara para trás pelo menos três grupos de açougueiros envolvidos no mesmo trabalho, junto com um longo rastro de carcaças limpas. Ao longe, um dos caçadores conversava com o imediato. O sujeito a indicou com um gesto, e Althea soube que era o assunto. Mais uma vez, baixou a cabeça para o trabalho, as mãos se movendo depressa enquanto ela piscava para afastar a chuva que lhe escorria pelo rosto e pingava do nariz. Sentiu uma pequena chama de orgulho queimando dentro de si: era um trabalho sujo, nojento e numa escala que ia além de qualquer ganância, mas ela era boa naquilo. E fazia tanto tempo desde que se sentira capaz de afirmar que era boa em alguma coisa que ficou chocada em notar como estava ávida em continuar a tarefa.

Chegou uma hora em que Althea olhou em volta e não viu mais nenhum bicho para esfolar. Levantou-se devagar, girando os ombros para aliviar a dor, limpou a faca na calça ensanguentada e ergueu as mãos para a chuva, deixando a água gelada lavar o sangue e os pedaços de gordura e carne. Limpou as mãos um pouco mais na camisa e afastou o cabelo molhado dos olhos. Às suas costas, homens se curvavam para trabalhar sobre as carcaças esfoladas que ela deixara para trás. Um deles rolou um tonel de sal em sua direção, enquanto outro seguia com um barril vazio. Quando o sujeito parou a seu lado e endireitou o tonel, ergueu a cabeça e a olhou nos olhos. Era Brashen. Althea sorriu para ele.

— Muito bom, hein?

O homem enxugou a água do rosto e comentou, baixinho:

— Se eu fosse você, faria o possível para não chamar atenção. Seu disfarce não vai resistir muito tempo, se ficarem olhando de perto.

A bronca a deixou irritada.

— Talvez, se eu for boa o bastante, não precise me disfarçar.

O rosto de Brashen foi tomado de horror e incredulidade. Ele abriu o tonel de

sal e gesticulou para Althea, como se a estivesse mandando salgar as peles, mas o que disse foi:

— Se esses animais de duas pernas com quem você divide o navio sequer desconfiarem de que você é mulher... cada um deles vai usar seu corpo com ainda menos pudor do que encaram essa matança. Por mais valiosa que você seja como peleira, os homens não veriam qualquer razão para não usá-la como uma puta. E, como você está aqui, ainda iam achar que está esperando por isso, que concorda.

Algo no tom grave e baixo da voz de Brashen a gelou mais do que o toque da chuva: ele soava tão convicto que Althea não conseguiu argumentar. Em vez disso, se afastou depressa até o homem que cuidava do barril central, levando a língua e o coração do último animal que descarnara. Continuou o trabalho, mantendo a cabeça baixa, como que para afastar a chuva dos olhos, tentando não pensar. Se tivesse parado para pensar em como aquilo se tornara fácil de fazer, ficaria apavorada.

Naquela noite, quando voltou para o acampamento, compreendeu por que tinham dado aquele nome ao aglomerado de rochas. Os últimos resquícios de luz que atravessavam as nuvens iluminavam o Dragão, criando detalhes terríveis. Não tinha reparado neles antes porque não esperava que a criatura estivesse deitada de costas, as patas dianteiras agarradas ao peito negro, as asas estendidas afundadas na terra. O corpo imenso estava todo contorcido, indicando uma morte agonizante. Althea parou numa pequena elevação que dava vista para o Dragão e ficou olhando, horrorizada. Quem esculpiria uma coisa daquelas, e por que diabos acampariam ao abrigo daquilo? A luz mudou um pouco de posição, e a enorme rocha erodida que brotava da areia do chão de repente não era mais do que um pedregulho com formato estranho, cujos contornos lembravam vagamente um animal estirado. Althea soltou um suspiro contido.

— Dá um arrepio da primeira vez que a gente vê, não dá? — perguntou Reller, a seu lado.

Levou um susto ao ouvir a voz do homem.

— Um pouco — admitiu. Então deu de ombros, numa marra de garoto. — Mas é só uma pedra.

Reller abaixou a voz.

— Tem certeza? Um dia desses você devia subir no peito dele e dar uma olhada. Aquela parte lá, que parece as patas dianteiras... é como se ele estivesse agarrando um pedaço de flecha, ou o que restou de uma. Não, garoto... aquela é a carcaça de um dragão de verdade, abatido quando o mundo era mais novo que

um ovo. E vem apodrecendo desde o começo dos tempos.

— Dragões não existem — retrucou Althea, zombando do que sabia ser uma pegadinha.

— Não? Não venha dizer isso para mim nem para nenhum marinheiro que navegou pela costa dos Seis Ducados, uns anos atrás. Eu vi dragões, e não foram só um ou dois. Um bando deles, voando feito gansos, de todas as cores brilhantes, de todas as formas que se pode imaginar. E não foi só uma vez, não: foram duas. Tem quem diga que eles é que criaram as serpentes, mas isso não é verdade. Eu já tinha visto serpentes muito tempo antes de os dragões aparecerem, bem ao sul. Claro que hoje em dia a gente vê muitas, então as pessoas acreditam nas histórias. Mas quando você tiver viajado por tanto tempo quanto eu e ido tão longe quanto fui, vai aprender que muitas lendas são verdade, só não foram vistas por muita gente.

Althea exibiu um sorriso cético.

— É, Reller, mas repete a história, que meu outro ouvido ainda não foi enganado hoje.

— Seu fedelho! — retorquiu o homem, parecendo mesmo ofendido. — Acha que porque sabe usar uma faca de esfolar pode sair respondendo aos superiores? — Ele desceu a encosta pisando duro.

Althea foi atrás, mais devagar, dizendo a si mesma que devia ter parecido mais ingênua. Afinal, estava fingindo ser um garoto de catorze anos em sua primeira viagem longa. Não podia estragar a diversão de Reller, se quisesse continuar nas graças dele. Bem, ouviria com vontade da próxima vez que o sujeito viesse com uma de suas histórias de marinheiro. O sujeito era o mais próximo que tinha de um amigo a bordo do *Ceifeiro*, afinal.

* * *

Era um crepúsculo de fim de outono quando Vivácia fez sua quarta parada, dessa vez no porto de Agrião, principal cidade da Ilha da Garra. A luz percorria o céu em direção ao horizonte, atravessando um aglomerado de nuvens e caindo sobre a cidade abaixo. Wintrow estava na coberta de proa, passando a hora obrigatória de todas as noites com Vivácia. O garoto estava debruçado sobre a amurada ao lado da figura de proa, olhando para a cidade de coruchéus brancos aninhada na curva de uma baía minúscula. Ficara calado até então, como de costume, mas o silêncio nos últimos tempos parecia mais sociável do que miserável. Vivácia abençoou Brando de todo o coração: desde que o marinheiro fizera amizade com Wintrow, o garoto tinha começado a desabrochar.

Wintrow podia não estar alegre, mas pelo menos começara a adquirir um pouco da petulância esperada de um grumete. Quando o posto era de Brando, o rapaz era ousado e animado, e sempre fazia travessuras quando não estava trabalhando, servindo de bobo do navio para qualquer um que quisesse lhe dar atenção. Quando foi elevado a marinheiro, Brando assumiu uma atitude mais moderada com relação ao trabalho, como era esperado. Mas Wintrow sofrera bastante, em comparação. Deixava mais do que claro que estava fazendo o trabalho de má vontade, ignorando ou interpretando mal as tentativas de piada dos marinheiros. Além disso, seu semblante sempre abatido não ajudava a tripulação a ter vontade de passar mais tempo com ele. Agora que estava começando a sorrir, mesmo que fosse raro, e de dar respostas bem-humoradas a algumas das zombarias, tinha começado a ser aceito. A tripulação estava mais disposta a oferecer algum conselho ou aviso que evitasse que Wintrow cometesse erros que fossem multiplicar sua carga de trabalho. Wintrow tirava proveito de cada pequeno sucesso, dominando as tarefas com a rapidez de uma mente treinada para aprender. Um elogio ou uma palavra de camaradagem ocasional estavam começando a despertar nele a sensação de pertencimento. Alguns tinham notado que sua natureza gentil e seu jeito pensativo não eram fraquezas, e Vivácia começava a nutrir esperanças em relação ao garoto.

Olhou de novo para Wintrow, o cabelo negro solto da trança, caindo sobre os olhos. Sentiu uma pontada de dor — via um fantasma, um eco de Ephron Vestrit naquela mesma idade. Ela se virou e estendeu a mão para o garoto.

— Segure a minha mão — pediu em voz baixa, e, surpreendentemente, Wintrow obedeceu.

Vivácia sabia que o rapaz ainda desconfiava um pouco dela, que não tinha certeza se ela era ou não uma criatura de Sá. Ainda assim, quando Wintrow colocou a mão cheia de calos novos na sua, fechou os imensos dedos em volta dos dele, e ambos se tornaram um.

Wintrow olhava através dos olhos do avô. Ephron adorava aquela baía e aqueles ilhéus. Os pináculos brilhantes e as abóbadas brancas da cidade eram ainda mais surpreendentes, considerando como o lugar era pequeno. A maioria dos locais vivia debaixo do teto verde da floresta, em casas pequenas, verdes e humildes — os caymaranos não aravam campos, não perfuravam o solo, eram caçadores-coletores. Não havia estradas pavimentadas saindo da cidade, apenas caminhos sinuosos adequados ao tráfego de pedestres e carrinhos de mão. Poderiam parecer um povo primitivo, não fosse a cidade diminuta na Ilha da Garra. Era ali que davam vazão e expressão a todos os seus instintos de engenharia. Não havia mais de trinta construções no local, sem contar a profusão

de barracas que ladeavam a rua do mercado e as estruturas rústicas de madeira de frente para a orla marítima, voltadas para o comércio com estrangeiros. No entanto, cada uma das construções que compunham o centro branco da cidade era uma maravilha arquitetônica e escultural. O avô de Wintrow sempre encontrava tempo para caminhar pelo coração de mármore da cidade e admirar os rostos entalhados de heróis, os frisos de lendas e os arcos, cheios de plantas vivas entalhadas e enroladas.

— E foi você que trouxe quase todo esse mármore para cá. Sem você e ele... Ah, entendo. É quase como os vitrais que eu faço: a luz atravessa os vidros, iluminando o trabalho das minhas mãos. Graças ao seu trabalho, a luz de Sá brilha sobre esta visão tão bela...

O menino sussurrava num tom quase inaudível. Só que o sentimento que Wintrow compartilhou era ainda mais confuso do que as palavras. Um movimento que visava a uma união que ele parecia valorizar acima de tudo — era o que o encantava naquele povoado. O rapaz não via as fachadas elaboradas como obras de arte a serem apreciadas, mas como a expressão de algo que Vivácia não conseguia compreender: um encontro de navio, mercador e povo comerciante que resultara em algo além de beleza física, em... *arforia de Sá*. Não conhecia a expressão, então só podia tentar compreender o conceito. Júbilo personificado... o melhor dos homens e da natureza reunidos numa expressão permanente... a justificativa de tudo o que Sá transmitira tão generosamente ao mundo. Vivácia sentiu uma euforia crescente no rapaz, algo que jamais experimentara em nenhum outro de seus parentes, e de súbito compreendeu que era daquilo que Wintrow tanto sentia falta. Tinha aprendido com os sacerdotes a ver o mundo com aqueles olhos, o monastério despertara nele uma ânsia delicada por beleza e bondade imaculadas. Wintrow acreditava que seu destino era buscar a beleza e a bondade, encontrá-las e louvá-las em todas as suas formas. Acreditava no poder daquelas coisas.

Vivácia tinha tentado compartilhar e ensinar, mas ela mesma acabou recebendo e aprendendo. Ficou surpresa ao se ver recuando, afastando-se dele, interrompendo a plenitude do contato que buscara. Era uma coisa sobre a qual ainda tinha que pensar a respeito, e talvez precisasse ficar sozinha para refletir. E, pensando nisso, reconheceu mais uma vez o tamanho do impacto que Wintrow causara sobre ela.

O garoto tinha recebido licença para passar algum tempo em terra firme. Sabia que a benevolência não fora concedida pelo pai nem por Torg. O capitão desembarcara horas antes para dar início às negociações comerciais e levara o segundo imediato junto. A decisão de conceder uma licença para sair do navio

com os outros parecia ter vindo de Esteio, o primeiro imediato. Aquilo deixou Wintrow intrigado. Sabia que o sujeito estava no comando de todos os homens a bordo e que apenas a palavra do capitão valia mais do que a dele, mas não achava que Esteio lembrasse que ele existia. O homem mal falara diretamente com ele durante todo o tempo que passara a bordo. Ainda assim, seu nome foi incluído no primeiro grupo que recebeu licença para desembarcar, e Wintrow ficou com o coração cheio de expectativa. Era sorte demais, não ia questionar a decisão. Ficara olhando desejoso para a costa cada vez que ancoraram ou atracaram em Calcede, sem jamais receber permissão de deixar o navio. A ideia de ter terra firme sob os pés outra vez e de poder olhar para alguma coisa que nunca tinha visto o deixava tonto de tanto êxtase. Assim como os outros afortunados o bastante para estarem no primeiro grupo, Wintrow desceu correndo do convés para vestir as roupas de terra firme, escovar o cabelo e refazer a trança. As roupas o deixaram indeciso por um momento.

Torg tinha ficado encarregado de comprar tudo o que Wintrow fosse precisar antes de partirem de Vilamonte, já que Kyle não confiara dinheiro e tempo ao filho para comprar as roupas e os suprimentos que precisaria na viagem. Wintrow acabara com dois conjuntos de camisas e calças de lona para o trabalho a bordo, tudo de baixa qualidade. Desconfiava que Torg conseguira um lucro considerável com o dinheiro do pai, considerando o que de fato gastara. O homem também comprara as roupas de terra firme típicas de um marinheiro: camisa listrada espalhafatosa e calça preta grossa, de qualidade tão baixa quanto as roupas de bordo. A roupa nem ao menos servia bem, já que Torg não prestara muita atenção no tamanho. A camisa era comprida e folgada demais. A alternativa era o manto castanho de sacerdote, agora manchado e puído, remendado em vários lugares e encurtado para consertar as bainhas desfiadas e fornecer material para remendos. Se o vestisse, estaria declarando a todos que era aquilo: um sacerdote, e não um marinheiro. Perderia o pouco que conquistara com os companheiros de bordo.

Enquanto vestia a camisa listrada e a calça preta, disse a si mesmo que não era uma negação de seu sacerdócio, e sim uma escolha prática. Se fosse para o meio da gente daquela cidade estranha vestido como um sacerdote de Sá, provavelmente seria alvo da generosidade destinada aos sacerdotes errantes, e seria desonesto buscar ou aceitar tal hospitalidade quando não estava de fato indo a eles como sacerdote, e sim como um marinheiro de visita. Determinado, deixou de lado a sensação irritante e desconfortável de que talvez estivesse fazendo concessões demais nos últimos tempos, de que talvez estivesse flexibilizando sua moral, e correu para se juntar ao grupo que desembarcaria.

Eram cinco marinheiros indo para terra firme, incluindo Wintrow e Brando. Um deles era Confrei, e Wintrow se viu incapaz de desviar o olhar do homem ou de encará-lo diretamente nos olhos. Ali estava o sujeito responsável pela obscenidade na xícara de café de seu pai, e Wintrow não conseguia decidir se estava horrorizado ou se achava graça. Confrei parecia ser um sujeito de bom humor, fazendo um gracejo atrás do outro para o restante da tripulação enquanto remavam. Usava um gorro vermelho esfarrapado adornado com amuletos baratos de latão e faltava um dente em seu sorriso. Quando surpreendeu o grumete olhando de relance para ele, piscou e perguntou em voz alta se o garoto queria conhecer um bordel.

— Acho que as garotas deitariam com você pela metade do preço. Ouvi dizer que elas têm uma queda por homenzinhos. — E, apesar de ficar constrangido, Wintrow sorriu enquanto os outros riam. De súbito compreendeu a camaradagem por trás de boa parte das provocações.

Puxaram o pequeno barco para a areia e o deixaram bem acima da linha da maré. A liberdade duraria apenas até o pôr do sol, e dois dos homens já estavam reclamando que não daria para encontrar os melhores vinhos e mulheres antes disso.

— Não acredite neles, Wintrow — disse Confrei, em tom consolador. — Aqui em Agrião tem mais do que o suficiente a qualquer hora. Esses dois só preferem desfrutar os prazeres no escuro. Com esses rostos, precisam da sombra para convencer até mesmo uma puta a aceitá-los na cama. Venha comigo, vou garantir que você se divirta antes da hora de voltar para o navio.

— Tenho que cuidar de uns assuntos antes do pôr do sol — desculpou-se Wintrow. — Quero ver os entalhes no Salão Idishi e os frisos na Muralha dos Heróis.

Os homens o olharam com curiosidade, mas só Brando perguntou:

— Como você sabe dessas coisas? Já esteve em Agrião?

Wintrow balançou a cabeça, ao mesmo tempo envergonhado e orgulhoso.

— Não, mas Vivácia já. Ela me contou sobre a cidade e disse que meu avô achava esses lugares bem bonitos. Achei melhor ir visitá-los.

O grupo mergulhou num silêncio absoluto, e um dos marinheiros fez um sinal minúsculo com o dedo mínimo da mão esquerda — poderia ter sido uma invocação da proteção de Sá contra magia maligna. Mais uma vez, Brando foi o único a falar.

— O navio sabe mesmo tudo o que o capitão Vestrit sabia?

Wintrow deu de ombros.

— Não sei. Só sei que o que ela decide compartilhar comigo é bem... vívido. Quase como se a coisa virasse uma lembrança minha. — Ele ficou quieto, de repente pouco à vontade, e percebeu que não queria falar sobre aquilo.

Compreendeu que aquele elo entre ele e a Vivácia era particular. Não, mais do que particular: era íntimo. O silêncio voltou a ficar desconfortável. Dessa vez, foi Confrei quem os salvou:

— Bem, meus camaradas, não sei quanto a vocês, mas não consigo licença para desembarcar com muita frequência. Vou para a cidade, quero visitar uma certa rua onde tanto as flores quanto as mulheres são doces. — Ele olhou para Brando. — Cuide para que você e Wintrow estejam de volta a tempo. Não quero ter que ir atrás dos dois.

— Eu não ia junto com Wintrow! — protestou Brando. — Tenho mais o que fazer do que ficar olhando para paredes.

— Não preciso de um guardião — acrescentou Wintrow. Então disse em voz alta o que achou que poderia estar incomodando os homens. — Não vou tentar fugir. Dou minha palavra de que estarei de volta ao barco bem antes do pôr do sol.

Pelos olhares surpresos em seus rostos, os homens não tinham nem considerado essa hipótese.

— Bem, é claro que você não vai fugir — observou Confrei, irritado. — Não tem para onde ir, aqui na Ilha da Garra, e os caymaranos não são muito amistosos com estrangeiros. A gente não está com medo de você fugir, Wintrow. Agrião pode ser perigosa para um marinheiro perambulando sozinho. Não só para os grumetes, mas para qualquer um. É melhor ir com ele, Brando. Quanto tempo ele vai levar para olhar para uma parede, afinal?

Brando pareceu extremamente infeliz. As palavras de Confrei não eram uma ordem, já que o homem não tinha o poder de lhe dar ordens. Mas se ignorasse a sugestão e o grumete acabasse se metendo em confusão...

— Vou ficar bem — insistiu Wintrow. — Não vai ser minha primeira vez numa cidade estranha. Sei me cuidar. E estamos perdendo tempo parados aqui, discutindo. Encontro vocês aqui, no barco, bem antes do pôr do sol. Prometo.

— É melhor mesmo — retrucou Confrei, num tom agourento, mas os ânimos se alegraram imediatamente. — Venha nos encontrar no Caminho dos Marinheiros assim que terminar de ver essa sua parede. E chegue logo. Agora que está começando a agir como um marinheiro a bordo, está na hora de

marcarmos você como um de nós. — Confrei bateu com os dedos na tatuagem elaborada em seu braço enquanto Wintrow sorria e balançava a cabeça, enfático. O marinheiro mais velho torceu o nariz. — Bem, não perca a hora.

Wintrow sabia que, se alguma coisa acontecesse com ele, todos poderiam concordar que o grumete tinha insistido em ir sozinho, que não poderiam ter feito nada a respeito. Foi um pouco desconcertante ver como o abandonaram tão depressa. Ainda era parte do grupo enquanto atravessaram a praia, mas, assim que chegaram às docas comerciais, os homens mudaram de curso como um bando de pássaros, rumo aos bares e bordéis da orla. Wintrow hesitou por um momento, observando-os se afastarem com um tipo estranho de saudade. Os homens gargalhavam: eram marinheiros na cidade, trocando empurrões amigáveis e gestos que indicavam os planos para a tarde. Brando os seguia de perto, quase como um cachorrinho, e Wintrow teve uma certeza súbita de que o jovem não tinha sido completamente aceito naquela irmandade, que só fora promovido porque Wintrow tomara seu lugar no degrau mais baixo da hierarquia do navio.

Bem, aquilo não o incomodava. Não de verdade. Sabia o suficiente dos homens para perceber que era natural que quisesse fazer parte de um grupo, fazer o que precisasse fazer para pertencer. E disse a si mesmo, com severidade, que conhecia o suficiente dos ensinamentos de Sá para saber que havia momentos em que um homem precisava se separar do grupo para o próprio bem. Já era ruim o bastante não ter dito uma palavra sequer contra os planos de libertinagem e bebedeira dos marinheiros para aquela tarde. Tentou encontrar razões para aquilo, mas sabia que eram apenas desculpas, então deixou toda a questão de lado. Estava feito, e aquela noite meditaria a respeito e tentaria encontrar uma perspectiva. Tinha uma cidade inteira para ver em poucas horas.

Wintrow tinha as memórias do avô sobre a disposição da cidade para guiá-lo. Por mais estranho que fosse, era quase como se o velho capitão caminhasse com ele. Via as mudanças desde a última vez que Ephron visitara aquele porto. Numa ocasião, quando um lojista saiu para ajustar o toldo sobre os cestos de frutas empilhados, Wintrow reconheceu o sujeito e quase o cumprimentou pelo nome. Conseguiu se conter, mas ainda assim percebeu que sorria para o homem, pensando que a barriga dele tinha ficado um pouco mais arredondada nos últimos anos. O sujeito lhe lançou um olhar irritado, examinando-o de cima a baixo como se estivesse ofendido. Wintrow concluiu que seu sorriso parecera familiar demais e passou depressa por ele, rumo ao centro da cidade.

Chegou à Praça do Poço e parou para olhar ao redor, maravilhado. A água de Agrião vinha de uma fonte artesiana. A nascente brotava do meio de uma grande

bacia de pedra, com força suficiente para erguer um pouco da água acumulada, como se uma bolha imensa estivesse tentando se erguer das profundezas. Da bacia principal, a água era canalizada para outras fontes, algumas destinadas à lavagem de roupas, outras para armazenamento de água potável, outras para dar de beber aos animais. Cada bacia tinha sido decorada com entalhes extravagantes representando seus propósitos, para que não pudesse haver dúvidas quanto à utilidade. A água em excesso também era recolhida e redirecionada para um sistema de drenagem fora de vista, que sem dúvida dava na baía. Havia flores e arbustos plantados entre as várias bacias.

Um grupo de moças, algumas com crianças pequenas brincando ao seu lado, aproveitavam a tarde límpida e quente para lavar roupas. Wintrow parou e ficou admirando a cena: algumas das mulheres mais jovens estavam dentro da bacia de lavagem, as saias erguidas e amarradas em volta das coxas enquanto batiam e esfregavam as roupas, para depois torcê-las contra as pernas. Elas riam e chamavam umas às outras enquanto trabalhavam. Mães jovens estavam sentadas na beira da bacia, lavando roupas enquanto ficavam de olho em bebês e crianças pequenas que brincavam na beira da fonte. Viu cestos espalhados por toda parte, com roupas secas e molhadas. Havia algo de tão simples e ao mesmo tempo tão profundo naquela cena que os olhos de Wintrow quase se encheram de lágrimas. Não via pessoas entregues tão harmoniosamente ao trabalho e à vida desde que saíra do monastério. O sol brilhava na água e nos cabelos sedosos das mulheres caymaranas, reluzia na pele molhada de seus braços e pernas. Wintrow assistia com avidez, absorvendo tudo como um bálsamo para o espírito embrutecido.

— Você se perdeu?

Virou-se de repente ao ouvir aquilo — as palavras poderiam ter sido ditas com gentileza, mas não foram. Bastou olhar uma vez para os dois guardas da cidade para que não tivesse dúvida da hostilidade naqueles rostos. A pergunta tinha vindo de um veterano barbado com uma antiga cicatriz branca que descia desde o cabelo escuro, cobrindo toda a lateral do rosto. O outro era mais jovem, corpulento e com um ar profissional. Antes que Wintrow pudesse responder, o segundo guarda se pronunciou:

— A orla fica para lá. É onde você vai encontrar o que está procurando. — Ele apontou com um porrete para o caminho por onde Wintrow viera.

— O que estou procurando...? — repetiu o rapaz, sem compreender. Ele olhou do homem alto para o outro, tentando decifrar as expressões fechadas e os olhos frios. O que tinha feito de ofensivo? — Eu quero ver o Friso dos Heróis e os entalhes no Salão Idishi.

— E, no caminho — comentou o primeiro guarda, com humor forçado —, pensou que podia parar para assistir às moças se molhando na fonte.

Parecia não haver nada que pudesse dizer.

— As fontes são objetos belos — tentou Wintrow.

— E todos sabemos como marinheiros se interessam por objetos belos. — O guarda enfatizou as duas últimas palavras com bastante sarcasmo. — Por que não vai comprar alguns "objetos belos" lá no Lenço Soprado? Diga que foi Kentel quem o mandou. Talvez eu ganhe uma comissão.

Wintrow baixou os olhos, constrangido.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu quero mesmo ver os frisos e os entalhes. — Quando nenhum dos homens respondeu, acrescentou, na defensiva: — Prometo que não causarei problemas. Eu tenho que voltar para o navio ao pôr do sol. Só queria dar uma olhada na cidade.

O mais velho chupou os dentes por um breve momento. Por um instante, Wintrow achou que ele estava reconsiderando.

— Bem, a gente acha *mesmo* que você deveria voltar lá para baixo, onde é o seu lugar. É lá nas docas que os marinheiros "dão uma olhada na cidade". É fácil encontrar a rua para o seu tipo: o nome dela é "Caminho dos Marinheiros". Tem um monte de coisas lá que você vai achar divertidas. E, se você não for para lá agora, rapaz, garanto que vai arranjar problemas. Com a gente.

Wintrow ouvia as batidas fortes do próprio coração, um estrondo abafado em seus ouvidos. Não sabia dizer que emoção era mais forte, mas, quando falou, foi a raiva que saiu, não o medo.

— Estou indo.

Porém, mesmo que a raiva fosse mais forte, foi difícil dar as costas aos homens ao passar por eles. Sentiu um frio na espinha, quase esperava o golpe de um porrete. Prestou atenção para ver se ouvia passos. O que escutou foi pior: uma risada sarcástica e um comentário de desprezo em voz baixa, vindo do guarda mais jovem. Wintrow não se virou nem andou mais depressa, mas sentiu os músculos do pescoço e dos ombros se contraírem com a fúria.

Minhas roupas, disse a si mesmo. *Eles não julgaram a mim, julgaram minhas roupas. Eu não deveria levar esses insultos a sério. Deixe para lá, deixe para lá, deixe para lá*, sussurrava para si mesmo, e, depois de um tempo, percebeu que conseguia deixar aquilo de lado. Virou na esquina seguinte e escolheu um caminho diferente colina acima. Deixaria de lado as palavras daqueles homens, mas não seria derrotado pela atitude deles. Queria ver o Salão Idishi.

Vagou a esmo por algum tempo, sem a orientação do avô, que nunca tomara aquele caminho. Foi parado duas vezes: uma por um menino que vendia ervas de fumar e, o que foi mais perturbador, por uma mulher que queria se vender a ele. Wintrow nunca tinha sido abordado daquela forma, e foi ainda pior pelas feridas reveladoras de uma doença de pele que a mulher tinha em volta da boca. Forçou-se a recusá-la educadamente duas vezes. Quando a mulher não desistiu, apenas abaixou o preço e se ofereceu "do jeito que quiser, qualquer coisa que gostar", Wintrow enfim falou, sem rodeios:

— Não quero partilhar do seu corpo ou da sua doença. — Sentiu uma pontada ao ouvir como sua honestidade soava cruel.

Teria se desculpado, mas a mulher não lhe deu tempo, apenas cuspiu nele antes de se virar e se afastar depressa. Wintrow continuou seu caminho, mas percebeu que a mulher o assustara mais do que os guardas.

Por fim, chegou ao centro da cidade propriamente dita. As ruas ali eram pavimentadas, e cada construção voltada para a rua possuía alguma decoração ou algum formato dignos de nota. Eram obviamente as estruturas públicas de Agrião, onde as leis eram criadas, onde havia julgamentos e onde eram travados os negócios mais importantes da cidade. Andou devagar, deixando os olhos se demorarem nos detalhes, parando com frequência para se afastar até o meio da rua e ver a estrutura. Os arcos de pedra eram algumas das obras mais espetaculares que já tinha visto.

Chegou a um pequeno templo de Odava, o deus-serpente, com as portas e janelas redondas tradicionais da seita. Nunca se importara muito com a aquela manifestação específica de Sá, e nunca encontrara um seguidor de Odava que admitisse que a divindade-serpente era apenas outra faceta do rosto precioso de Sá. Ainda assim, Wintrow via o divino naquela estrutura graciosa, via os muitos caminhos que as pessoas percorriam em busca do divino. A pedra daquela construção era trabalhada com tamanha maestria que, quando encostou a mão na parede, mal conseguiu sentir as junções dos blocos. Permaneceu assim durante algum tempo, projetando-se para fora, como tinha sido treinado, querendo sentir a estrutura e as tensões da construção. O que descobriu foi uma união poderosa, quase orgânica em sua harmonia. Balançou a cabeça, espantado, mal notando o grupo de homens em mantos brancos com faixas verdes e cinza que saiu por uma porta atrás dele e que agora passava às suas costas e à sua volta com olhares irritados.

Depois de algum tempo, voltou a si e notou que a tarde estava passando mais depressa do que esperava. Não tinha tempo a perder. Parou uma matrona para

perguntar educadamente o caminho até o Salão Idishi. A mulher recuou vários passos antes de responder, e o fez com um aceno de mão que indicava uma direção não muito específica. Mesmo assim, agradeceu e seguiu em frente, apressado.

As ruas naquela parte da cidade tinham mais tráfego de pedestres. Wintrow notou mais de uma vez que as pessoas olhavam estranho para ele. Achava que suas roupas deixavam claro que era um forasteiro. Sorria e cumprimentava a todos com um balançar de cabeça, mas apertou o passo — não tinha muito tempo para ser sociável.

O Salão Idishi era emoldurado pelo local onde fora erguido, uma concavidade na encosta de uma colina abrigava a construção. De onde estava, Wintrow via o edifício de cima. A floresta verdejante atrás da construção destacava o branco cintilante dos pilares e da abóbada. O contraste entre a vegetação exuberante e desordenada e as linhas precisas do salão o deixou sem fôlego. Ficou parado, fascinado. Era uma visão que carregaria para sempre na memória. Pessoas entravam e saíam do salão, a maioria usando mantos graciosamente drapejados de tons claros de azul e verde. O espetáculo não teria sido mais encantador se tivesse sido orquestrado. Wintrow deixou os olhos perderem um pouco do foco e respirou fundo várias vezes, preparando-se para absorver a cena à sua frente com toda a concentração.

Uma mão pesada se abateu sobre seu ombro.

— Parece que nosso marinheiro se perdeu de novo — comentou o guarda jovem.

Assim que virou a cabeça, ouvindo as palavras do homem, Wintrow levou um empurrão que o derrubou na rua pavimentada. O guarda mais velho olhou para ele e balançou a cabeça, quase como se lamentasse.

— Acho que dessa vez vamos ter que levá-lo de volta para o lugar de onde veio — comentou, quando o guarda corpulento avançou sobre Wintrow.

As palavras saíram carregadas de uma suavidade letal de gelar o coração. E o mais assustador eram as três pessoas que tinham parado para assistir à cena. Nenhuma delas se pronunciou ou fez qualquer esforço para intervir. Quando Wintrow olhou para as três, suplicante, em busca de ajuda, não viu culpa em seus olhos, apenas interesse em saber o que aconteceria.

Ele se levantou depressa e começou a recuar.

— Não causei mal algum a ninguém — protestou. — Só queria ver o Salão Idishi. Meu avô visitou este lugar e...

— Não gostamos muito de ver um marinheiro da orla subindo nossas ruas para ficar à toa por aí, encarando os outros. Aqui em Agrião, não deixamos os problemas nem sequer começarem.

O guarda mais velho continuou falando, mas Wintrow mal ouvia. Virou-se para fugir, mas o guarda corpulento o agarrou por trás, pela gola da camisa. O homem segurou-o com força, quase o estrangulando, então o sacudiu. Atordoado, o garoto sentiu que era erguido do chão e jogado para longe de repente. Encolheu o corpo enquanto caía e rolou com o impulso. Uma pedra desnivelada do calçamento o atingiu nas costelas, mas não quebrou nenhum osso. Levantou-se quase sem dificuldade, mas não rápido o suficiente para evitar o guarda mais jovem, que o agarrou outra vez, sacudiu seu corpo e o arremessou na direção da orla.

Dessa vez, bateu na quina de uma casa. O impacto esfolou seu ombro, mas Wintrow conseguiu se levantar e deu alguns passos cambaleantes, tentando correr, seguido pelo guarda sorridente implacável. Atrás dele vinha o guarda mais velho, num passo quase despreocupado, dando um sermão. Teve a impressão de que as palavras não eram para ele em particular, e sim para lembrar às pessoas que paravam para assistir que estavam apenas fazendo seu trabalho.

— Não temos nada contra marinheiros, desde que fiquem na orla, onde é o lugar deles. Tentamos ser gentis, garoto, porque você é só um filhote. Tenho certeza de que teria visto que o Caminho dos Marinheiros é o melhor para você, se tivesse ido para lá. Agora, vai para a orla de um jeito ou de outro. Mas poderia ter poupado a gente do esforço e evitado um monte de machucados se tivesse obedecido de primeira.

A calma na voz do mais velho era quase tão assustadora quanto o prazer que o mais novo sentia em cumprir seu dever. O sujeito era rápido feito uma cobra. Sabe-se lá como, agarrou outra vez a gola de Wintrow e o arremessou longe, como um cão dando uma patada num rato, jogando-o contra uma parede de pedra. Wintrow sentiu o impacto com a cabeça, e uma sombra escura tomou sua visão por um instante. Sentiu gosto de sangue.

— Não sou marinheiro — disse, de repente. — Sou um sacerdote. Um sacerdote de Sá.

O guarda mais jovem riu, e o mais velho balançou a cabeça, num pesar fingido.

— Ora, ora. Isso faz de você um herege, além de um verme da orla. Não sabe que os seguidores de Odava não querem conversa com quem considera o deus deles só uma parte de outro deus? Eu estava prestes a dizer a Flav que você já

tinha aprendido a lição, mas mais uma ou duas sacudidas devem apressar sua iluminação.

A mão do guarda estava se fechando na gola de sua camisa, colocando-o de pé. Em pânico, Wintrow deixou a cabeça passar pela gola larga demais e sacudiu os braços, escapando da camisa quando o guarda a puxou para cima. O medo o impeliu, e ele se arrastou para longe, correndo assim que conseguiu ficar de pé. As pessoas que assistiam caíram na gargalhada, e Wintrow teve um rápido vislumbre do rosto surpreso do guarda jovem e da barba do homem mais velho aberta num sorriso divertido. A risada do mais velho e o grito furioso do mais novo o seguiram, mas ele correu o mais rápido que podia. As obras de pedra tão encantadoras, que o fascinaram mais cedo, viraram meros obstáculos no caminho para a segurança do navio, e as ruas largas e retas, antes tão abertas e receptivas, pareciam planejadas com o único intuito de deixá-lo exposto. Wintrow desviava dos passantes, que recuavam quando o viam e o encaravam, intrigados. Correu sem camisa, dobrando esquinas, temendo olhar para trás e ver que ainda o perseguiam.

Diminuiu o passo, titubeante, quando as ruas se estreitaram e começaram a ficar sinuosas. Via fileiras de armazéns de madeira, estalagens e bordéis decrépitos. Um salão de tatuagens, uma mercearia barata, uma taverna, outra. Chegou a uma viela e entrou, sem se importar de espalhar o lixo do chão enquanto avançava pelo espaço estreito. No meio do caminho, encostou-se no batente de uma porta e recuperou o fôlego. As costas e o ombro ardiam onde a pedra esfolara a pele. Levou a mão aos lábios e notou que já estava começando a inchar. O calombo na cabeça era apenas um galo feio. Por um instante horrível, ficou se perguntando quanto o guarda tinha pretendido machucá-lo. Será que tivera a intenção de rachar seu crânio? Teria continuado a espancá-lo até a morte se ele não tivesse fugido? Tinha ouvido falar de marinheiros e forasteiros que “levavam uma dura” dos guardas da cidade, mesmo em Vilamonte. Seria como aquilo? Sempre achou que esse tipo de coisa só acontecia com os bêbados, os malcomportados ou os que ofendessem a moral.

Mas, agora, tinha acontecido com ele. Por quê?

— Porque eu estava vestido como marinheiro — disse a si mesmo, em voz baixa.

Por um instante aterrador, chegou a considerar que aquilo podia ser um castigo de Sá por não ter usado o manto de sacerdote. Negara Sá e, em resposta, Sá lhe negara Sua proteção. Wintrow afastou o pensamento indigno. Era assim que as crianças e os supersticiosos falavam de Sá, como se fosse apenas um

humano gigantesco e vingativo, em vez de o deus de todos. Não. Não era esse o ensinamento que tiraria daquela situação. Então, qual era a lição? Agora que o perigo tinha passado, a mente buscava refúgio no exercício familiar. Sempre havia alguma coisa a ser aprendida a partir de qualquer experiência, não importava quão horrenda. Bastava manter isso em mente para o espírito prevalecer em qualquer situação. O espírito só era subjugado quando o indivíduo desistia e passava a acreditar que o universo era apenas um aglomerado caótico de eventos cruéis e infelizes.

Respirar foi ficando mais fácil. A boca e a garganta estavam ressecadas, mas ele ainda não estava pronto para ir em busca de água. Empurrou a necessidade para o fundo da consciência e buscou seu centro de calma. Respirou fundo, tentando se tranquilizar, e se abriu para compreender a lição. Determinou que nem a mente nem as emoções iriam moldar sua reação. O que havia para ser aprendido com aquilo? O que levaria consigo daquela experiência?

O pensamento que veio à mente o chocou. Com grande clareza, percebeu a própria ingenuidade. Wintrow tinha visto a beleza da cidade e interpretado que pessoas de espíritos belos viviam ali. Chegara àquele lugar esperando ser cumprimentado e recebido na luz de Sá. Esse prejulgamento tinha sido tão intenso que não prestara atenção em nenhum dos sinais que agora pareciam tão evidentes. Os companheiros de bordo tinham avisado, a hostilidade da guarda da cidade fora um aviso, os olhares sinistros da população... Ele se comportara como uma criança amigável demais se aproximando de um cão rosnando. Era por culpa sua que tinha sido mordido.

Foi tomado por uma onda de tristeza mais profunda do que qualquer coisa que já sentira. Despreparado, afundou sob o peso daquela sensação, deixando-se desequilibrar. Inútil, era tudo inútil. Jamais recuperaria o monastério, jamais retornaria à vida de meditação da qual tanto sentia falta. Ele se tornaria como tantos outros que encontrara, convencido de que todos os homens nasciam inimigos e apenas ganhos grosseiros criavam amizade ou amor. Ouvira muitas zombarias do ideal de Sá de que todos teriam sido criados para se tornarem criaturas de bondade e beleza. Perguntou-se, amargamente, onde estava a beleza no jovem guarda que tivera tanto prazer em lhe agredir. Onde estava a beleza na mulher de lábios pustulentos que queria se deitar com ele por dinheiro? De repente, sentiu-se jovem e estúpido, da pior ingenuidade possível. Um tolo. Um tolo estúpido. A dor daquela mágoa era tão real quanto os machucados no corpo, e sentia o coração pesar de verdade no peito. Fechou os olhos com força, desejando poder estar em algum outro lugar, ser alguma outra pessoa que não se sentisse daquela forma.

Depois de um tempo, abriu os olhos e se levantou. O pior era ainda ter que voltar ao navio. Aquela experiência já teria sido difícil mesmo se pudesse voltar para a segurança e a paz do monastério. Retornar para as brigas estúpidas a bordo de Vivácia, para a brutalidade alegre de Torg e o desprezo que o pai nutria por ele era quase mais do que o coração podia suportar. Ainda assim, qual seria a alternativa? Esconder-se e permanecer em Agrião como um vagabundo desprezado e sem um tostão? Soltou um longo suspiro, mas seu coração simplesmente pareceu pesar ainda mais no peito. Atravessou o lixo até a entrada da viela e ergueu os olhos para o sol que rumava para oeste. O tempo que parecera tão curto para admirar a paisagem agora se arrastava até o pôr do sol. Decidiu encontrar o restante da tripulação. Não conseguia pensar em mais nada que quisesse ver ou fazer em Agrião.

Desceu a rua sem camisa, ignorando os sorrisos dos passantes, que comentavam sobre os seus hematomas e arranhões. Acabou se deparando com um grupo de homens, obviamente parte da tripulação de outro navio, que estava aproveitando o tempo livre. Todos usavam lenços que já tinham sido brancos com um pássaro negro marcado na frente amarrado à cabeça. Os homens riam e gritavam insultos uns aos outros conforme se deslocavam de um bordel a uma taverna. Seus olhares recaíram sobre Wintrow.

— Ah, coitadinho! — exclamou um, em falsa solidariedade. — Ela rejeitou você, foi? E ainda por cima ficou com a sua camisa? — O comentário provocou um coro de gargalhadas.

Wintrow seguiu em frente.

Dobrou uma esquina e teve a súbita certeza de que estava no Caminho dos Marinheiros: naquela rua não havia apenas o Lenço Soprado, com sua placa que exibia uma mulher vestida apenas com um lenço que o vento levava para longe; as placas de todos os estabelecimentos dali eram igualmente sugestivas. A crueza das ilustrações indicava as especialidades das trabalhadoras nos bordéis, e, obviamente, tinham sido feitas por gente que duvidava da capacidade de leitura de qualquer marinheiro.

Havia outras distrações mais baratas naquela rua, inclusive uma barraca que vendia amuletos de sorte, poções e talismãs — coifas secas para proteger de afogamentos, pedaços de chifre para garantir a virilidade, óleos mágicos que podiam fazer uma tempestade amainar. Wintrow passou diante da barraca sentindo pena dos ingênuos que acreditavam no poder daqueles artefatos. Mais à frente, num cercado quadrado, um domador de feras oferecia aos passantes a chance de lutar contra seu urso e tentar ganhar o prêmio de uma bolsa de ouro.

Mesmo com a focinheira e as garras aparadas, o animal era formidável. Uma corrente curta prendia as patas traseiras, e uma corrente mais pesada ia da coleira à mão do domador. O urso se mexia sem parar, uma montanha ansiosa e indócil. Seus olhos pequenos percorriam a multidão. Wintrow se perguntou que tipo de idiota aceitaria aquele desafio. Então, com um aperto no coração, reconheceu Confrei, sorrindo, se apoiando num companheiro enquanto falava com o domador. Uma pequena plateia animada, a maioria marinheiros, apostava no resultado.

Wintrow ficou tentado a ir atrás de Brando, até que o reconheceu entre os apostadores. Com um suspiro, foi se juntar a ele. Brando o recebeu com um sorriso de satisfação.

— Ei, vamos lá, Wintrow, você está com sorte. Confrei vai lutar contra o urso. Aposte seu dinheiro, pode ser que você consiga o dobro de volta. — Ele se inclinou para mais perto de Wintrow. — É garantido. Acabamos de ver um homem ganhar. Ele só precisou subir nas costas do bicho, que desistiu na hora. O domador não quis deixar mais ninguém lutar com o urso depois disso, mas Confrei insistiu. — Brando soltou uma risadinha. — Ei, o que aconteceu com a sua camisa?

— Perdi enquanto fugia dos guardas da cidade. — Wintrow quase conseguiu transformar aquilo numa piada.

Ficou um pouco magoado com a facilidade com que Brando aceitou suas palavras, até notar seu hálito. No momento seguinte, o viu remexendo alguma coisa com o lábio inferior — cindina. Seus olhos estavam meio desfocados por causa do estimulante, e Wintrow ficou apreensivo. A droga era proibida no navio. Se ainda estivesse sob os efeitos dela quando embarcasse, Brando estaria com problemas. O otimismo impulsivo proporcionado pela substância o deixaria muito imprudente. Achou que devia dizer alguma ciosa, sugerir cautela, mas não soube como organizar as palavras.

— Eu só queria que vocês soubessem que vou ficar esperando no barco. Terminei o passeio e estou indo para lá.

— Não, não vá! — O garoto agarrou seu braço. — Fique aqui e assista. Vai se arrepender se não ficar. Tem certeza de que não quer apostar uma ou duas moedas? Temos as melhores chances. E o urso está cansado, só pode estar. Já lutou umas seis vezes.

— E o último homem venceu? — Wintrow se viu vencido pela curiosidade.

— É. Isso mesmo. Assim que o cara subiu nas costas do urso, o bicho se encolheu feito um gato. O domador ficou de cara feia, se você quer saber, porque

teve que entregar a bolsa. — Brando passou o braço em volta do de Wintrow. — Apostei minhas últimas cinco moedas de cobre. Claro que Confrei tem mais. Ele se deu bem na mesa de jogo, mais cedo. — Brando olhou para ele outra vez. — Tem certeza de que não tem dinheiro para apostar? A tripulação inteira está apostando em Confrei.

— Não tenho nem uma moeda. Nem mesmo uma camisa — observou Wintrow.

— É verdade, é verdade. Deixe para lá, é só... lá vai ele!

Com um sorriso e um aceno aos companheiros reunidos, Confrei entrou no cercado quadrado. Assim que cruzou a linha, o urso se levantou nas patas traseiras. Como as pernas estavam acorrentadas, só podia avançar a passos curtos na direção do oponente. O marinheiro foi para um lado e se esquivou de repente, querendo desviar do urso e se colocar às costas dele.

Só que Confrei não teve nem chance. Como se fosse um movimento praticado uma centena de vezes, o urso se virou e derrubou o marinheiro com uma só patada. As poderosas patas dianteiras tinham um alcance muito maior do que Wintrow imaginara. O impacto do golpe jogou Confrei de rosto no chão.

— De pé, de pé! — gritavam seus companheiros, e Wintrow percebeu que gritava com os demais.

O urso continuou aquela dança inquieta, de quatro outra vez. Confrei ergueu o rosto da rua empoeirada. Escorria sangue de seu nariz, mas ele pareceu encorajado pelos gritos dos companheiros de bordo. Levantou-se de um salto e passou correndo pelo bicho.

O urso se levantou, alto e maciço feito uma parede, e uma pata estendida recebeu a cabeça de Confrei. Dessa vez, o marinheiro caiu de costas e bateu a cabeça na terra. Wintrow fez uma careta e desviou o olhar com um gemido.

— Ele está acabado — disse a Brando. — É melhor o levarmos de volta ao navio.

— Não, não. Ele vai se levantar, ele consegue. Vamos, Confrei, é só um urso velho e estúpido. De pé, homem, de pé!

Os outros marinheiros de Vivácia também estavam gritando e, pela primeira vez, Wintrow distinguiu a voz rouca de Torg em meio à multidão. O homem evidentemente tinha sido dispensado pelo capitão para se divertir um pouco. Wintrow teve certeza de que o segundo imediato teria algum comentário espirituoso preparado sobre sua camisa desaparecida. De repente, desejou não ter colocado o pé para fora do navio. O dia tinha sido uma longa sequência de

desastres.

— Vou voltar para o barco — disse outra vez a Brando, mas o garoto não lhe deu atenção, apenas apertou seu braço com mais força.

— Não, olha, ele está se levantando, eu disse que ele ia se levantar. É isso aí, Confrei, vamos, homem, você consegue.

Wintrow duvidava que Confrei tivesse ouvido os gritos de Brando. O sujeito ainda parecia aturdido, como se só o instinto o impelisse a se levantar e se afastar do urso. Porém, no instante em que se moveu, o animal partiu de novo para cima dele, prendendo-o num abraço. Parecia cômico, mas Confrei gritou — tinha quebrado as costelas.

— Desiste? — gritou o domador ao marinheiro.

Confrei assentiu, desesperado, incapaz de tomar fôlego suficiente para falar.

— Solta o homem, Luz do Sol. Solta! — ordenou o domador, e o urso largou Confrei e se afastou, bamboleando, e foi se sentar obedientemente no canto do cercado, balançando o focinho de um lado para o outro, como se estivesse aceitando os vivas da multidão.

Exceto que ninguém estava comemorando.

— Eu apostei todo o meu dinheiro! — gritou um marinheiro, acrescentando um comentário sobre a virilidade de Confrei, que parecia ter pouca relação com lutar com ursos.

— Não foi justo! — acrescentou outro.

Parecia ser o consenso dos apostadores, mas Wintrow notou que ninguém acrescentou uma razão para a injustiça daquilo. Ele mesmo tinha suas suspeitas, mas não viu motivos para mencioná-las. Em vez disso, adiantou-se para ajudar Confrei a se levantar. Brando e os outros estavam ocupados demais lamentando o que tinham perdido.

— Confrei, seu idiota! — gritou Torg, do outro lado do ringue. — Não consegue nem fugir de um urso acorrentado.

Mais comentários irritados confirmaram que aquela era a opinião geral. Os marinheiros de Vivácia não eram os únicos que tinham perdido as apostas.

Confrei se levantou, tossindo, então se curvou e cuspiu sangue no chão. Depois, reconheceu Wintrow.

— Ele estava quase no papo — comentou, ofegante. — Quase no papo, mesmo. Perdi tudo o que ganhei mais cedo. Bem, estou duro. Mas que desgraça. Se tivesse sido um pouco mais rápido... — Tossiu mais uma vez e arrotou

cerveja. — Quase ganhei.

— Acho que não — murmurou Wintrow, mais para si mesmo do que para Confrei.

Mas o homem o ouviu.

— Não, eu tinha ele quase no papo, rapaz. Se eu fosse um pouco menor, um pouco mais rápido, voltaríamos para o navio com os bolsos cheios. — Ele limpou o sangue do rosto com o dorso da mão.

— Acho que não — retorquiu Wintrow. Para consolar o homem, acrescentou: — Acho que a luta foi armada. Acho que o homem que venceu estava de conluio com o domador. Eles mostram uma coisa que parece fazer o urso desistir, só que o animal foi ensinado a fazer isso. E então, quando alguém tenta imitar... bem, o urso também foi ensinado a esperar que tentem subir nele. E consegue impedir. Não se sinta mal, Confrei, não foi culpa sua. Foi um truque. Vamos voltar para o navio.

Passou um braço em volta do homem, para ajudá-lo, mas Confrei se afastou de repente.

— Ei! Ei, você, homem do urso! Você trapaceou. Me enganou e enganou meus amigos. — No silêncio chocado que se seguiu, Confrei gritou: — Quero o meu dinheiro de volta!

O domador estava reunindo os ganhos e se preparando para partir. O homem não respondeu, simplesmente agarrou a corrente do animal. Apesar do grito de Confrei, teria simplesmente ido embora se vários marinheiros de outro navio não tivessem parado diante dele.

— É verdade? — perguntou um. — Você trapaceou? Isso aqui é armação?

O domador passou os olhos pelos espectadores furiosos.

— Claro que não! — zombou o domador. — Como poderia ser? Vocês viram o homem, viram o urso! Só tinha os dois no cercado. Ele pagou por uma chance de lutar e perdeu. Só isso!

De certa forma, o que o domador dizia era verdade, e Wintrow torcia para que os marinheiros concordassem, mesmo a contragosto. Não tinha considerado quanto aqueles homens estavam bêbados nem quanto dinheiro tinham perdido. Depois da acusação de trapaça, negar não iria acalmá-los. Um dos marinheiros, mais esperto do que os outros, perguntou de repente:

— E para onde foi aquele sujeito? O cara que ganhou mais cedo? Ele é seu amigo? O urso conhece ele?

— Como eu vou saber? — perguntou o domador. — Deve ter ido gastar o

dinheiro que ganhou. — Uma sombra de inquietação passou por seu rosto enquanto ele examinava a multidão como se procurasse por alguém.

— Bem, acho que o urso foi treinado para isso — declarou outra pessoa na multidão, irritada.

Wintrow achou aquela a afirmação mais óbvia e, naquele contexto, a coisa mais estúpida possível de se dizer.

— Não foi uma luta justa. Quero meu dinheiro de volta — declarou outro, e suas palavras foram repetidas pelo resto do público quase imediatamente.

O domador pareceu outra vez procurar alguém na multidão, mas não encontrou nenhum aliado.

— Ei, a gente disse que quer o dinheiro de volta! — Torg apontou para o homem e se aproximou, cambaleante, ficando cara a cara com o domador. — Confrei é meu companheiro de bordo. Acha que vou ficar parado e ver você espancar meu companheiro e roubar nosso dinheiro suado? Você humilhou o nosso homem. Pelas bolas de Sá, não vamos deixar isso barato!

Como muitos valentões, Torg sabia a melhor forma de incitar o egoísmo alheio. Olhou ao redor, para a multidão que os observava, e se voltou para o domador, assentindo com malícia.

— Acha que a gente não pode simplesmente pegar, se você não quiser entregar?

Os outros concordaram com um murmúrio.

O domador estava em desvantagem e sabia disso. Wintrow quase podia vê-lo olhando em volta, pensando em algum possível acordo.

— Vamos fazer o seguinte — sugeriu, de repente. — Eu não trapaceei, e meu urso também não. Acho que a maioria sabe disso. Mas posso ser justo. Mais do que justo. Vou deixar um de vocês enfrentar o urso de graça. Se o homem vencer, pago todas as apostas como se esse sujeito aqui tivesse ganhado. Se perder, eu fico com o dinheiro. Justo? Estou dando uma chance de recuperarem o dinheiro de graça.

Após uma breve pausa, um murmúrio de concordância percorreu a multidão. Wintrow se perguntou que tolo seria o próximo a sentir a força do urso.

— Aqui, Win, vai você — sugeriu Confrei. Ele empurrou o garoto para a frente. — Você é pequeno e rápido. Só precisa passar pelo bicho e subir nas costas dele.

— Não. Não, obrigado.

Wintrow recuou tão depressa quanto Confrei o empurrou, mas os outros tinham ouvido a sugestão. Um homem de outro navio concordou:

— É, deixem o grumete tentar. Ele é pequeno e rápido. Aposto que consegue passar pelo urso e recuperar nosso dinheiro.

— Não! — repetiu Wintrow, mais alto, mas sua voz foi abafada pelo coro geral de aprovação.

Não eram só os seus companheiros de bordo que estavam insistindo, era toda a multidão. Torg se aproximou, cambaleando, e o encarou de cima a baixo. Fedia a cerveja.

— Muito bem — escarneceu. — Então você acha que consegue recuperar nosso dinheiro? Duvido. Mas pode tentar, garoto. — Ele agarrou o braço de Wintrow e o arrastou na direção do cercado do urso. — O nosso grumete quer tentar.

— Não — sibilou Wintrow. — Não quero.

Torg franziu o cenho para ele.

— É só passar por ele e subir nas costas — explicou o imediato, com uma paciência exagerada na voz. — Deve ser fácil para uma doninha magricela feito você.

— Não. Não vou fazer isso! — declarou Wintrow em voz alta.

A resposta foi um coro de gargalhadas, e o rosto de Torg se fechou numa fúria envergonhada.

— Sim, você vai.

Wintrow ouviu um homem dizer:

— O garoto não quer. Não tem coragem.

O domador tinha levado o bicho de volta para o cercado.

— Então, esse seu garoto vai tentar ou não?

— Não! — exclamou Wintrow, ao mesmo tempo que Torg anunciava:

— Ele vai. Só precisa de um minuto. — Ele se virou para Wintrow. — Olhe aqui — sibilou. — Você está envergonhando a todos nós. Está envergonhando o seu navio! Entre lá e recupere o nosso dinheiro.

Wintrow balançou a cabeça.

— Se você quer, vá lá e faça você mesmo. Não sou idiota de enfrentar um urso. Mesmo que eu consiga passar e subir nas costas dele, nada garante que ele vá desistir. Só porque aconteceu antes...

— Eu enfrento o bicho! — exclamou Brando.

Seus olhos brilhavam com a perspectiva do desafio.

— Não — protestou Wintrow. — Não faça isso, Brando. É burrice. Se não estivesse entupido de cindina, concordaria comigo. Se Torg quiser, ele que desafie o urso.

— Eu estou bêbado demais — admitiu Torg, sem rodeios. — Enfrente você o urso, Wintrow. Mostre para nós que tem alguma coragem aí dentro. Prove que é homem.

Wintrow olhou para o urso. Era uma coisa idiota de se fazer. Sabia que era. Precisava provar alguma coisa justamente a Torg?

— Não. — Disse a palavra bem alto e com secura. — Não vou fazer isso.

— O garoto não quer tentar, e eu não vou ficar aqui o dia todo. O dinheiro é meu, rapazes. — O domador deu de ombros, num movimento exagerado, e sorriu para os espectadores.

Alguém na multidão fez um comentário pouco lisonjeiro sobre a tripulação de *Vivácia*.

— Ei. Ei, eu enfrento o bicho. — Era Brando de novo, sorrindo enquanto se oferecia como voluntário.

— Não faça isso, Brando! — implorou Wintrow.

— Ei, eu não tenho medo. E alguém precisa recuperar o nosso dinheiro. — Ele mexeu os pés, pouco à vontade. — Não posso deixar esta cidade acreditar que a tripulação da Vivácia não tem coragem.

— Não faça isso, Brando! Você vai se ferir.

Torg o sacudiu com violência.

— Cala a boca! — ele arrotou. — Cala a boca! — repetiu, com mais clareza. — Brando não está com medo! Ele pode fazer o que quiser. Ou você quer ir? Depressa, decida! Um de vocês precisa recuperar nosso dinheiro. O tempo está quase acabando.

Wintrow balançou a cabeça. Como a situação tinha acabado naquilo, com ele ou Brando entrando num cercado com um urso para recuperar dinheiro num jogo armado? Era absurdo. Olhou para a multidão, tentando encontrar um rosto racional que ficasse do seu lado. Um homem atraiu sua atenção.

— Bem, e quem vai ser? — perguntou o sujeito.

Wintrow balançou a cabeça, sem dizer nada.

— Eu! — declarou Brando, com um sorriso, dançando um ou dois passos. Ele

entrou no cercado, e o domador soltou a corrente do urso.

Mais tarde, Wintrow se perguntaria se o domador não tinha passado todo o tempo antes da luta irritando o animal. O urso não andou desajeitado até Brando nem avançou com passos curtos por causa das pernas presas. Quando foi solto, investiu com tudo, avançando sobre as quatro patas, atingindo Brando com a cabeça imensa, agarrando-o com as patas enormes. O urso empinou com o garoto gritando e se debatendo entre suas patas. Cortadas ou não, as garras retalharam a camisa do jovem marinheiro até um grito do domador o fazer jogar Brando de lado. O garoto aterrissou com força do lado de fora do cercado.

— De pé! — berrou alguém, mas Brando não obedeceu.

Até o domador parecia abalado pela violência do animal. Ele agarrou a corrente do urso e a puxou com força, tentando convencer o bicho de que estava no controle.

— Acabou! — declarou o domador. — Vocês viram, foi justo. O urso venceu. O garoto saiu do cercado. E o dinheiro é meu!

Houve alguns resmungos, mas ninguém se opôs quando ele se afastou, seguido de perto pelo urso. Um marinheiro olhou para Brando, ainda caído no chão, e cuspiu.

— Covardes, todos eles — resmungou, lançando um olhar furioso para Wintrow.

O garoto sustentou o olhar do outro, depois foi se ajoelhar na terra ao lado de Brando. O colega ainda estava respirando. Estava com a boca entreaberta, engolindo poeira a cada fôlego. Tinha caído de peito no chão, com tamanha força que seria um milagre se suas costelas não estivessem ao menos rachadas.

— Precisamos levá-lo de volta para o navio — anunciou Wintrow, erguendo os olhos para Confrei, que o encarou, enojado, e desviou o olhar, como se ele não estivesse ali.

— Vamos, rapazes, hora de voltar para o navio.

Sem se preocupar com os possíveis ferimentos de Brando, ele agarrou o garoto pelo braço e o colocou de pé. Quando Brando pareceu mole feito uma boneca de pano, Confrei o ergueu e colocou no ombro. Os outros dois marinheiros da tripulação da *Vivácia* seguiram atrás. Nenhum deles nem pareceu notar a existência de Wintrow.

— Não foi culpa minha! — anunciou, em voz alta. Mas se perguntou se poderia ser.

— Foi, sim — observou Torg. — Você sabia que ele estava cheio de cindina.

Brando não devia ter entrado lá, mas teve que ir porque você foi covarde demais. Bem... — Ele abriu um sorriso satisfeito. — Agora todo mundo sabe o que você é, garoto. Antes só eu sabia como você era covarde e frouxo.

Torg cuspiu na rua empoeirada e se afastou.

Wintrow ficou parado durante um tempo, olhando para o cercado caído. Sabia que tinha feito a coisa certa e tomado as decisões corretas. Ainda assim, uma sensação crescente e terrível de oportunidade perdida crescia dentro dele. Desconfiava que tinha perdido a chance de ser aceito como parte da tripulação. De ser considerado um homem entre eles. Wintrow ergueu a cabeça para o sol poente e se apressou para alcançar os marinheiros que agora o desprezavam.



17

A PUTA DE KENNIT

As chuvas de outono tinham deixado Partilha quase limpa. A lagoa estava mais cheia, e os canais, mais fundos. Quando o *Marietta* se aproximou do porto de origem, os corações da tripulação estavam mais leves do que nunca. A sensação não tinha nada a ver com o porão cheio de carga roubada — ainda que fosse um butim respeitável, já tinham se saído melhor outras vezes.

— É que, agora, quando a gente aporta, não é mais como um bando sem nome. Todo mundo conhece a gente, todo mundo aparece para ver a gente chegar. Cheguei a contar que, quando chegamos em Porto Pequeno, Madame Ladeira nos deu a casa inteira por um turno, e de graça? E não era só a Madame mandando as garotas atenderem a gente: elas queriam, juro por Sá. Não importava o que a gente pedia... — A voz de Sorcor foi minguando, perdida em pensamentos sobre a boa sorte que vinham tendo.

Kennit reprimiu um suspiro. Tinha ouvido aquela história apenas umas vinte vezes — ou mais.

— Todas aquelas doenças de graça — murmurou, mas Sorcor entendeu como se fosse uma piada e deu um sorriso afetuoso para o capitão. Kennit virou a cabeça e cuspiu por cima da amurada. Quando se voltou de novo para o imediato, conseguiu retribuir o sorriso. — Fale com os homens para se lembrarem de que poucos profetas são bem tratados nas cidades de onde saíram.

Sorcor franziu a testa, confuso.

Kennit não suspirou.

— O que quero dizer é que, mesmo que em outros lugares as pessoas considerem bondade nossa a libertação dos escravos, que viram piratas com participação no nosso território, alguns aqui vão dizer que estamos criando concorrência. E vão pensar que é dever deles nos impedir.

— Você quer dizer que vão ficar com inveja e esfregar nossas caras na lama, se tiverem a chance.

Kennit pensou por um momento.

— Exatamente.

Um sorriso surgiu no rosto coberto de cicatrizes de Sorcor.

— Mas, capitão, é justamente isso que os homens estão esperando. Que alguém tente nos colocar nos nossos devidos lugares.

— Ah.

— E, capitão?

— Sim, Sorcor.

— Os homens meio que fizeram uma votação, senhor. E os que não concordaram acabaram sendo convencidos a mudar de ideia. Todo mundo vai entregar a parcela e deixar o senhor vender a carga inteira. — Sorcor coçou a lateral do rosto com vontade. — Eu disse aos homens que seria uma boa ideia deixar Partilha saber que a tripulação acredita no capitão. Mas veja bem, nem todo mundo estava disposto a concordar sempre. Só dessa vez. E, bem... o senhor vai ter que convencer o pessoal para as próximas vezes.

— Sorcor! — exclamou Kennit, o sorriso aumentando um pouco. — Excelente trabalho.

— Obrigado. Achei que o senhor ia gostar.

Os dois permaneceram ali por mais alguns momentos, observando a costa cada vez mais próxima. A chuva forte do dia anterior tinha arrancado as últimas folhas castanhas das árvores peladas — não que restasse muitas. As árvores perenes de folhas grandes e escuras predominavam nas colinas acima e ao redor de Partilha. E, perto da água, raízes e vinhas trepadeiras tinham tomado as terras limítrofes, onde um cedro alto desafiava as próprias raízes encharcadas, florescendo aqui e ali. No frescor pós-chuva, Partilha parecia quase convidativa. Fumaça de lenha subia das chaminés, acrescentando seu odor ao do iodo das algas marinhas e ao da maresia. Lar. Kennit testou a palavra. Não. Não se encaixava. Porto. Sim.

Sorcor se afastou depressa, gritando com algum marinheiro que não parecia estar se mexendo rápido o suficiente. O imediato tinha a fama de ser difícil de agradar quando entravam com o navio no porto de origem. Nunca ficava satisfeito que o navio simplesmente atracasse bem — a embarcação precisava ser manobrada com destreza, como se encenasse um espetáculo para quem quer que pudesse estar assistindo da praia. E, desta vez, tinha bastante gente.

Kennit fez uma contagem mental do butim desde a última vez que pararam ali. Sete navios, quatro de escravos. Tinham tentado perseguir cinco navios-vivos, mas passado longe de qualquer chance de sucesso. Estava quase resignado a desistir dessa parte do plano. Talvez conseguisse os mesmos resultados só

capturando navios de escravos. Ele e Sorcor fizeram alguns cálculos na noite anterior, enquanto tomavam uma ou duas canecas de rum. Era só especulação, mas os resultados pareciam muito agradáveis. Não importava quão bem ou mal os quatro navios se saíssem como piratas: metade do butim voltaria para o *Marietta*. A cada captura, Kennit entregava a capitania da embarcação apreendida a um de seus homens mais experientes — também tinha sido uma ótima decisão: agora os que continuavam a bordo disputavam sua atenção, torcendo para se distinguirem o bastante e ganharem os próprios navios. A única desvantagem era que o processo um dia acabaria com todos os seus homens experientes. Kennit afastou a preocupação. Quando chegasse a esse ponto, teria uma flotilha... não, uma frota de navios piratas sob seu comando. Todos comprometidos com Kennit não só pelas dívidas, mas também por gratidão.

Ele e Sorcor tinham espalhado as embarcações pela Passagem Interior, depois de muita discussão sobre onde os novos cidadãos seriam recebidos com maior entusiasmo, sem falar de onde haveria maiores oportunidades de butim para um navio inexperiente. Kennit estava convencido de que tinham escolhido bem. Mesmo os escravos libertos que escolheram não seguir a vida de pirataria deviam ser gratos a ele e estimá-lo em suas conversas. Confiava que, quando chegasse o momento de decidirem a quem eram leais, se lembrariam de como ele os resgatara. Assentiu para si mesmo, muito sério. Rei das Ilhas Piratas. Era possível.

Os três navios normais que tinham capturado não eram muito dignos de nota — um nem sequer estava em condições de navegar, e, quando o fogo saiu de controle, deixaram que afundasse. A maior parte da carga de fácil negociação já tinha sido retirada. Os resgates pelos outros dois navios e tripulações foram adquiridos através dos negociadores de sempre. Kennit balançou a cabeça ao se lembrar disso. Estaria confiante demais? Precisava se deslocar mais, usar outras pessoas, ou seria só questão de tempo até que vários mercadores se juntassem para planejar vingança. O capitão do último navio era um desgraçado mal-humorado, tentando se debater e atingir os captores mesmo muito depois de ter sido amarrado. O sujeito amaldiçoou Kennit e o avisou de que havia recompensas por sua captura — e não só em Jamaillia, até mesmo em Vilamonte. Kennit agradecera o aviso e permitira que o homem passasse o resto da viagem até Calcede sentado na água acumulada do porão, acorrentado feito um escravo. O sujeito tinha sido cortês o suficiente quando Kennit o trouxe de volta para o convés, o que levou o pirata a concluir que tinha subestimado os efeitos do escuro, da umidade e dos grilhões no espírito de um homem. Bem, nunca seria velho demais para aprender.

Entraram em Partilha tranquilamente, e seus homens desembarcaram como membros da realeza fazendo uma visita, as bolsas já tilintando de moedas. Kennit e Sorcor os seguiram pouco depois, deixando a bordo alguns homens que seriam bem recompensados por adiarem os próprios prazeres. Enquanto andava com Sorcor pelas docas, ignorando as ofertas ruidosas dos cafetões, prostitutas e traficantes, Kennit refletiu que não importava quem os olhasse: pelo menos um deles seria visto como um homem de bom gosto.

Sorcor, como sempre, usava uma variedade de roupas finas de cores ofuscantes. O lenço de seda em volta da cintura tinha saído dos ombros gordos e pálidos de uma nobre pela qual pediram resgate, e a adaga cravejada de joias presa ao lenço viera de seu filho, um garoto corajoso que não soubera a hora de se render. Sorcor tinha mandado fazer a camisa de seda amarela sob medida, quando pararam em Calcede. Devido ao tamanho de seus ombros musculosos e peito largo, Kennit achava que a grande quantidade de tecido esvoaçante lembrava um navio a todo pano.

Ele, em contraste, tinha optado por usar cores discretas, confiando que os olhares seriam atraídos pelo tecido e pelo corte. Poucos em Partilha apreciariam a raridade da renda extravagante que saía dos punhos e da gola, mas, mesmo ignorantes, não deixariam de admirá-la. As botas pretas de cano alto reluziam, enquanto a calça, o colete e o casaco azuis acentuavam os músculos e seu corpo esbelto. E sua satisfação só aumentava ao lembrar que o homem que tinha costurado aquelas roupas era um escravo liberto que não lhe cobrara nada pelo privilégio de servi-lo.

Sincure Faldin já comprara as cargas dele antes, mas nunca o bajulara tanto. Como Kennit suspeitava, os rumores dos escravos libertos e dos navios com bandeiras do Corvo que agora navegavam para ele tinham chegado a Partilha semanas antes. O sujeito que os recebera na porta de Faldin não os levara ao escritório, e sim à sala de estar. Kennit deduziu, pela rigidez do tecido nas cadeiras acolchoadas, que o aposento pequeno e abafado não era muito usado. Sentaram-se e esperaram alguns momentos, Sorcor tamborilando os dedos nas coxas, até que uma mulher sorridente entrou com uma travessa de vinho e biscoitinhos doces. Se Kennit não estivesse enganado, era a esposa do próprio negociante. Ela fez uma mesura silenciosa para os dois e se retirou.

Quando Faldin apareceu, pouco depois, o perfume forte e o cabelo alisado eram prova de que tinha acabado de se arrumar. Como muitos nativos de Durja, o homem gostava de usar cores brilhantes e bordados extravagantes, e a cintura volumosa revestida lembrava uma tapeçaria de parede. Os brincos eram um entrelaçado elaborado de ouro e prata. Kennit acrescentou mentalmente cinco

por cento ao que esperava conseguir pela carga.

— Capitão Kennit, o senhor honra meu estabelecimento ao vir nos procurar primeiro — cumprimentou Faldin. — E este não é o seu primeiro imediato, sincure Sorcor, de quem ouvi tantas histórias?

— É ele — respondeu Kennit, antes que Sorcor pudesse gaguejar uma resposta. Sorriu com a cortesia. — Você falou sobre como o honramos com nossos negócios. De que forma, sincure Faldin? — perguntou Kennit, seco. — Já não o procuramos antes para fazer negócios?

O sincure sorriu e fez um gesto depreciativo.

— Ah, mas antes, se me permite dizer, o senhor era só mais um pirata. Agora, se tudo o que tenho ouvido for verdade, é também o capitão Kennit, o Libertador. Sem falar no capitão Kennit, o coproprietário de quatro navios a mais do que da última vez que nos encontramos.

Kennit inclinou a cabeça graciosamente, feliz em ver que Sorcor tinha tido o bom senso de permanecer calado e observar como a coisa era feita. Aguardou em silêncio a oferta que tinha quase certeza de que seria feita. E foi. Sincure Faldin se permitiu um momento para afundar numa poltrona diante deles, pegou a garrafa de vinho e se serviu de uma dose generosa, em seguida enchendo as outras duas taças. O homem respirou fundo antes de falar:

— E, antes de a gente negociar mais um carregamento, sugiro considerarmos os benefícios mútuos que viriam de eu ser sempre sua primeira escolha para os muitos próximos carregamentos.

— Vejo o benefício que você teria com a segurança da prioridade permanente de nossos saques. Mas confesso que não vejo muita vantagem para o nosso lado.

Sincure Faldin entrelaçou os dedos sobre o casaco extravagante e abriu um sorriso benevolente.

— Não vê vantagem em ter um parceiro sempre pronto e disposto a comprar seja lá o que o senhor trouxer? Não vê vantagem em conseguir sempre o melhor preço pela carga, grande ou pequena? Com um parceiro em terra firme, o senhor não teria que vender tudo o que tem em um ou dois dias. Um parceiro em terra firme armazenaria a carga, vendendo-a apenas quando o mercado estivesse mais forte. Veja bem, capitão Kennit: quando o senhor chega a uma cidade e vende centenas de barris de rum de qualidade, todos de uma vez... ora, a própria quantidade da carga torna a qualidade do rum ordinária. Com um parceiro em terra firme, um que tenha um armazém, esses mesmos barris poderiam ser guardados e vendidos aos poucos, aumentando a raridade e, assim, o preço. Além do mais, um parceiro em terra firme não venderia todos esses barris em

Partilha, nada disso. Ora, com um pequeno navio à sua disposição, ele também poderia atender às ilhas e aos povoamentos ao redor, cultivando um mercado para o senhor. E, uma ou duas vezes por ano, esse navio faria uma viagem a, digamos, Vilamonte ou Jamaillia, para vender a nata dos butins do ano para mercadores mais do que capazes de pagar os melhores preços.

Sorcor parecia um pouco impressionado demais. Kennit resistiu ao impulso de cutucá-lo com a bota — só o deixaria mais espantado e confuso. Em vez disso, Kennit se recostou na cadeira desconfortável, como se estivesse relaxando.

— Economia simples — concordou, num tom casual. — Suas sugestões estão longe de serem únicas, sincure Faldin.

Faldin assentiu, sem parecer nem um pouco desconcertado pela observação.

— Muitas grandes ideias não são únicas. Só se tornam únicas quando os homens que possuem os meios de implementá-las se unem. — Ele fez uma pausa, ponderando a sensatez das próximas palavras. — Ouvi comentários em Partilha de que o senhor tem ambições. Ambições, aliás, longe de serem únicas. Seu poder cresceria entre nós. Alguns dizem a palavra “rei” e sorriem por trás das barbas. Eu, não. Não mencionei a palavra “rei” uma vez sequer na minha proposta de negócios, mas, se nos empenhássemos, não seria impossível alcançar tamanho poder, riqueza e autoridade. Com ou sem a palavra “rei” ligada à pessoa. Palavras como essa tendem a deixar o povo inquieto. Mas acho que o que você quer não é o título, e sim o lado prático da soberania.

Sincure Faldin se recostou na cadeira, já com suas cartas na mesa. Os olhos de Sorcor iam de Faldin a Kennit, arregalados e cheios de assombro. Era uma coisa ouvir o próprio capitão falar sobre seu desejo por poder, mas era completamente diferente descobrir que um mercador respeitável pudesse levar aqueles delírios a sério.

Kennit umedeceu os lábios. Olhou para baixo e viu que o amuleto sorria. O pequeno rosto malicioso piscou para ele e estreitou os lábios, como se o mandasse ficar quieto. Kennit fez o possível para não encarar o rosto em seu pulso. Percebeu que estava empertigado. Com determinação, manteve o rosto firme e tirou os olhos do talismã de madeira-arcana. Virou-se para Faldin.

— O que você está propondo vai muito além de simplesmente fazermos negócios. Você disse “parceiro” mais de uma vez. “Parceiro”, sincure Faldin, é uma palavra pela qual meu primeiro imediato e eu temos muita estima. Até agora, só a usamos um com o outro. Nós conhecemos o verdadeiro significado dessa palavra. “Parceiro...” Isso não pode ser comprado só com dinheiro. — Esperou que Sorcor não deixasse de perceber aquele lembrete sobre a lealdade

mútua entre os dois. Faldin parecia um pouco alarmado. Kennit sorriu. — Mas ainda estamos ouvindo — observou.

Mais uma vez, recostou-se na cadeira.

O mercador respirou fundo e olhou de um homem para o outro, como se os estivesse avaliando.

— Sei bem o que estão fazendo, senhores. Não estão acumulando apenas riqueza, mas também influência. A lealdade de homens e o poder de navios por trás dessa lealdade. Porém, o que tenho a oferecer não é fácil de conquistar. Só o tempo pode estabelecer uma coisa dessas. — Ele fez uma pausa para dar ênfase. — Respeitabilidade.

Sorcor lançou um olhar confuso a Kennit, que fez um sinal discreto com a mão. *Espere*, indicava o sinal. *Não se meta.*

— Respeitabilidade? — repetiu Kennit, num tom zombeteiro.

Faldin engoliu em seco e prosseguiu.

— Para ganhar o que o senhor quer, é preciso oferecer garantias ao povo. Nada melhor para consolidar o caráter de um homem como a respeitabilidade. Se me permitem a ousadia, os senhores não têm laços aqui em Partilha. Nenhuma casa, terra, esposa ou família, nenhum laço sanguíneo com os habitantes desta cidade. Antigamente, isso não era importantes. O que éramos, o que qualquer um de nós era, senão párias e renegados, escravos fugidos, criminosos insignificantes foragidos, devedores, rebeldes e vagabundos? — Ele aguardou que os homens assentissem a contragosto. — Mas isso, capitão Kennit e sincure Sorcor, foi há uma ou duas gerações. — Sua voz estava cada vez mais animada. — Tenho certeza, senhores, de que sabem disso tão bem quanto eu. Os tempos estão nos mudando. Eu mesmo estou aqui há vinte anos. Minha esposa nasceu nesta cidade, assim como meus filhos. Para uma sociedade adequada surgir da lama e dos casebres daqui... bem, os habitantes de agora terão que ser os pilares. Eu, e outros como eu, além daqueles que se juntarem às nossas famílias.

Kennit não percebeu se o sujeito deu algum sinal, mas sincura Faldin e suas duas filhas entraram na sala de repente, num momento adequado demais para ter sido mera coincidência. Elas traziam travessas de frutas, pães, carnes defumadas e queijos. Os traços de Faldin eram distintamente visíveis nas duas garotas. Suas filhas. O homem tinha botado as fichas na mesa, os passes para a respeitabilidade. Aquelas não eram como as prostitutas de Partilha. Nenhuma delas ousou sequer olhar para o capitão, mas uma das meninas deu a Sorcor um sorriso encabulado e um olhar por baixo dos cílios semicerrados. Kennit deduziu

que ainda fossem virgens e que provavelmente não podiam nem andar pelas ruas de Partilha longe do olhar vigilante da mamãe. E também não eram feias. Havia muito do pai em suas peles pálidas e cabelos cor de mel, mas os olhos eram castanhos e amendoados. As duas meninas eram roliças como frutas maduras, e os braços descobertos eram redondos e brancos. Elas serviram comida e bebida para cada um dos homens e para a mãe.

Sorcor mantinha os olhos no prato, mas chupava o lábio inferior, pensativo. De repente, ergueu a cabeça e fitou diretamente uma das irmãs, que corou na mesma hora. A jovem não o encarou nos olhos, mas também não desviou o olhar. A mais nova não devia ter mais de quinze anos, e a mais velha tinha no máximo dezesseis. Eram criaturas de pele lisa e sem marcas, um passe para um mundo delicado em que mulheres eram macias, silenciosas e cuidavam das necessidades dos maridos de bom grado. Um mundo com o qual muitos provavelmente sonhavam, e era bem provável que Sorcor estivesse entre eles. Que outra recompensa poderia estar mais longe do alcance do pirata tatuado e marcado por cicatrizes do que ser envolto de bom grado pelos braços de uma virgem pálida? As coisas quase inalcançáveis eram sempre as mais desejáveis.

Faldin fingiu não notar os olhares do pirata à filha, preferindo dizer:

— Ah, comida. Vamos deixar os negócios de lado por um momento. Senhores, ofereço a hospitalidade da minha casa. Acredito que já conheceram sincura Faldin. Estas duas são minhas filhas, Alyssum e Lily. — Cada garota assentiu ao ouvir seu nome e foi se sentar entre a mãe e o pai.

E aquelas duas eram apenas a primeira oferta de Partilha. Não necessariamente a melhor. E aquela “respeitabilidade” também não precisava de vir daquela cidade em especial: havia outras vilas piratas em outras ilhas, havia mercadores mais ricos do que Faldin. Ele não precisava ter pressa para escolher. Pressa nenhuma.

O sol tinha cruzado boa parte do céu quando Kennit e Sorcor deixaram a casa de sincure Faldin. Kennit lucrara bastante com a carga e, o que era ainda melhor, sem se comprometer a uma aliança permanente com Faldin. Depois que as filhas e a esposa do homem deixaram a sala, Kennit ressaltara que, ainda que não desse para negar o valor de uma associação comercial com Faldin, ninguém podia ser insensível a ponto de aceitar quaisquer outros aspectos dessa tal “aliança” sem maiores considerações. Tinha deixado Faldin com a garantia dúbia de que ele teria permissão de mostrar sua boa vontade no primeiro lance sobre qualquer mercadoria que o *Marietta* levasse até Partilha. O homem era um mercador bom o bastante para saber que era uma oferta ruim, mas era sábio o suficiente para

entender que era o melhor que conseguiria no momento. De modo que forçou um sorriso e aceitou.

— Quase dava para ver o homem calculando os números com a língua. Quanto será que ele teria que pagar a mais pelas próximas três cargas para nos assegurar de sua boa vontade? — perguntou Kennit a Sorcor, fazendo graça.

— A mais nova... era Alyssum, ou Lily? — perguntou Sorcor, cauteloso.

— Não se preocupe com isso — sugeriu Kennit, sem muito tato. — Tenho certeza de que Faldin concordaria em trocar o nome, se você não gostar. Aqui. — Ele entregou ao imediato os bastões de contas negociadas com tanta facilidade. — Deixo aos seus cuidados. Não permita que paguem menos do que foi prometido antes de descarregarem. Pode ficar no navio esta noite?

— É claro — respondeu o pirata corpulento, distraído.

Kennit não sabia se franzia a testa ou se sorria, vendo como Sorcor reagia prontamente à oferta de carne imaculada. Coçando o queixo, ficou olhando seu imediato se virar na direção das docas e partir para o crepúsculo de outono que se aproximava. Meneou a cabeça de leve.

— Putas — murmurou. — É tudo mais simples com putas. — O vento começou a soprar. O inverno chegaria dali a uma lua nova, mas bastaria alguns dias de viagem para o norte. — Nunca gostei desse frio — disse a si mesmo, em voz baixa.

— Ninguém gosta — concordou uma vozinha solidária. — Nem as putas.

Kennit ergueu o pulso bem lentamente, como se o amuleto fosse um inseto que pudesse sair voando caso se assustasse. Olhou ao redor, na rua, e fingiu ajeitar uma abotoadura.

— E por que você está falando comigo agora? — sussurrou.

— Ah, me desculpe — o sorriso diminuto era tão zombeteiro quanto o dele —, achei que tivesse falado comigo. Eu só estava concordando.

— Então suas palavras não têm nenhum significado estranho e oculto?

O pequeno amuleto de madeira-arcana comprimiu os lábios, como se estivesse pensando no assunto.

— Não mais do que as suas — respondeu o rosto, encarando seu mestre com um pouco de pena. — Sei tanto quanto você. A única diferença entre nós é que para mim é mais fácil admitir o que já sei. Você deveria tentar. Diga em voz alta: “O problema é que, a longo prazo, uma puta pode custar bem mais do que uma esposa esbanjadora.”

— O quê?

— Hã? — Um velho que passava pela rua se virou para Kennit. — Falou comigo?

— Não. Nada.

O velho o encarou.

— Você é o capitão Kennit, não é? Do *Marietta*? Que anda por aí libertando escravos e mandando eles virarem piratas? — O velho estava usando um casaco meio esfiapado nos punhos, e a costura de uma das botas tinha aberto, mas se portava como alguém importante.

Kennit assentiu duas vezes. Então respondeu a última pergunta:

— Bem, é o que dizem.

O velho tossiu ruidosamente e cuspiu para o lado.

— Bem, e também dizem que não gostam da ideia. Dizem que você está ficando presunçoso. Piratas demais deixam os butins menores. E o sátrapa pode ficar irritado se piratas demais atacarem os navios de escravos, ele pode mandar as galeras para nos atacar. Uma coisa é roubar os navios mercantes bem carregados. Mas o sátrapa recebe uma parte da venda dos escravos, e não queremos enfiar as mãos nos bolsos do homem que financia nossas vítimas, se é que você me entende.

— Entendo — retrucou Kennit, seco, e considerou matar o velho.

O homem ofegou e cuspiu mais uma vez, então continuou, numa voz chiada.

— Mas o que eu digo é que isso devia continuar. Bata de frente com o sátrapa, meu rapaz. E dê umas pancadas por mim também. Já está na hora de alguém mostrar àquele fedelho no poder que os escravos não deixam de ser homens só por um pouco de tinta no rosto. Não que eu vá dizer isso para o pessoal daqui. Se me ouvissem falando assim, diriam que é melhor eu ficar de boca fechada. Mas achei que seria bom você entender uma coisa: nem todo mundo que está de boca fechada é contra o que está acontecendo. É isso. Só isso. — O velho foi interrompido por outro acesso de tosse. Soava dolorosa.

Kennit tateou o bolso com um sorriso. Pegou uma moeda de prata e a entregou ao homem.

— Tome um conhaque para essa tosse, senhor. E tenha uma boa noite.

O velho olhou espantado para a moeda, então a segurou diante do rosto e sacudiu a mão na direção de Kennit, que já se afastava.

— Vou beber à sua saúde, senhor, pode apostar!

— À minha saúde — murmurou Kennit. Parecia que não conseguia mais parar de falar sozinho. Talvez fosse um efeito colateral da filantropia. Não diziam que as loucuras vinham em par? Afastou o pensamento. Pensar demais só o deixaria infeliz e ansioso. Era melhor não pensar. Era melhor ser como Sorcor, que devia estar imaginando uma virgem corada em sua cama. Seria melhor se o imediato simplesmente comprasse uma mulher que soubesse corar e guinchar de um jeito convincente, se era disso que gostava.

Ainda estava distraído quando chegou ao bordel de Bettel. Viu mais gente à toa do lado de fora do que teria esperado numa noite fria como aquela. Ali estavam os dois valentões, convencidos e sorridentes como sempre. Jurou a si mesmo que um dia ainda daria um jeito naqueles sorrisos debochados.

— Boa noite, capitão Kennit — cumprimentou um deles, ousando lhe dirigir a palavra.

— Boa noite — respondeu, fazendo o cumprimento sair com um tom completamente diferente.

Um dos sujeitos à toa perto da porta riu alto, uma gargalhada alcoolizada que fez seus companheiros rirem com escárnio. Um bando de desmiolados. Kennit subiu os degraus irritado, pensando em como a música parecia mais alta, com as notas mais inconstantes. Lá dentro, teve que aturar os cuidados do criado, assentindo com indiferença para mostrar que já estava satisfeito com o estado de suas botas antes de passar para o salão interno.

Quando entrou, a quantidade de coisas fora do normal foi o suficiente para ele tocar de leve o punho da espada em seu cinto. Tinha gente demais naquela sala. Bettel nunca permitia que os clientes se demorassem muito no salão. Se um homem quisesse pagar por uma prostituta, ia desfrutar de sua aquisição como bem entendesse, mas num quarto particular. Aquele não era um prostíbulo barato de marinheiros, onde as mercadorias podiam ser apalpadas e experimentadas antes de serem selecionadas. Bettel administrava uma casa distinta, discreta e digna.

No entanto, o ar naquela noite estava carregado com o fedor de cindina, e havia homens largados nas poltronas onde as prostitutas se exibiam. As mulheres ainda na sala estavam de pé ou sentadas em colos. Seus sorrisos pareciam mais frágeis, e as risadas, mais forçadas. Kennit notou que as garotas não paravam de olhar para Bettel. As madeixas negras da dona do estabelecimento estavam distribuídas em cachos, pendendo rígidos e reluzentes sobre os ombros. Apesar das camadas de pó, havia traços de suor em sua testa e no lábio superior, e o cheiro de cindina era mais forte em seu hálito.

— Capitão Kennit, meu caro! — cumprimentou a mulher, com sua costumeira afeição fingida. Ela se aproximou de Kennit com os braços estendidos, como se fosse abraçá-lo, mas os abaixou no último instante e juntou as mãos à frente do corpo, animada. As unhas estavam pintadas de dourado. — Espere só para ver o que tenho para você!

— Prefiro não esperar — retorquiu Kennit, irritado. Passou os olhos pela sala.

— Pois eu sabia que você viria, meu bem! — balbuciou a mulher. — Ah, sempre nos avisam quando o *Marietta* atraca no porto. E ouvimos muitas histórias sobre suas aventuras, aqui em Partilha. Ainda assim, seria maravilhoso se você nos contasse tudo pessoalmente. — Ela piscou os olhos com cílios enormes para Kennit e empurrou os seios para a frente, contra os limites do vestido.

— Você conhece minhas preferências — retrucou ele, mas a mulher agarrou sua mão e ameaçou mergulhá-la entre os seios ao segurá-la calorosamente junto ao peito.

— Ah, suas preferências! — gritou, em júbilo. — Para o inferno com o que você faz sempre, meu capitão. Os homens não vêm até a casa de Bettel em busca do "de sempre". Venha comigo e veja. Veja o que separei para você.

Pelo menos três homens na sala acompanhavam a conversa com mais atenção do que a educação permitia. Kennit notou que nenhum deles pareceu particularmente feliz quando Bettel o puxou para uma alcova iluminada por luz de velas, ao lado do salão principal. Ele olhou para dentro, curioso e hesitante.

Lá dentro estava uma recém-chegada — ou pelo menos uma mulher que estivera trabalhando em suas visitas anteriores. Era atraente para quem gostava de mulheres pequenas e pálidas. Tinha grandes olhos azuis, o rosto com formato de coração e bochechas pintadas de rosa. A pequena boca carnuda estava pintada de vermelho, e o cabelo curto e louro disposto em cachos firmes por toda a cabeça. Bettel tinha vestido a garota de azul-claro e coberto seu corpo de joias douradas. A garota se levantou das almofadas franjadas e sorriu com doçura para Kennit. Era um sorriso ansioso, é verdade, mas também doce. Os mamilos tinham sido pintados de rosa, destacando-se sob o tecido fino do vestido.

— Para você, capitão Kennit — ronronou Bettel. — Doce feito mel e bonita como uma bonequinha. E o nosso maior quarto. Pois bem, vai querer a refeição servida primeiro, como sempre?

Ele sorriu para Bettel.

— Sim, vou. E no quarto de sempre, seguida pela mulher de sempre. Não gosto de brincar com bonecas. Elas não me divertem.

Kennit deu meia-volta e se afastou, seguindo para a escada.

— Mande Etta tomar um banho antes — lembrou à anfitriã, por cima do ombro. — E quero um vinho decente, Bettel.

— Mas capitão Kennit! — protestou a mulher. O nervosismo em sua voz de repente se transformou num guincho de medo. — Por favor, pelo menos experimente Avoretta. Se não gostar, não vamos cobrar nada.

Kennit já estava subindo a escada.

— Eu não gosto dela, então não há o que cobrar.

Sentia uma tensão intensa na região lombar — tinha visto um brilho ávido nos olhos dos homens no salão, quando começou a subir a escadaria principal. Chegou ao topo e abriu a porta para a escada estreita do outro lado, fechando-a logo depois de entrar. Atravessou o corredor até o acesso ao segundo patamar, onde ardia um único lampião. Ali, a escada fazia uma curva, e Kennit aproveitou a vantagem do esconderijo para esperar. Desembainhou a espada sem fazer barulho e puxou a faca do cinto. Ouviu alguém abrindo e fechando a porta por onde tinha acabado de passar. Pelos passos cautelosos que ouviu, eram pelo menos três homens atrás dele. Abriu um sorriso sombrio. Era melhor ali, num espaço apertado e numa posição vantajosa, do que no escuro das ruas. Com um pouco de sorte, pegaria pelo menos um de surpresa.

Não precisou esperar muito, os homens estavam ansiosos demais. Quando o primeiro fez a curva, sentiu a ponta de uma lâmina passar de um lado ao outro da garganta — simples assim. Kennit empurrou o sujeito com força, e ele caiu para trás, entre os companheiros, gorgolejando incoerências. Kennit desceu, indo atrás dos outros dois, que cambaleavam para trás escada abaixo. Quando passou, estilhaçou o lampião e arremessou o vidro e o óleo quente sobre os inimigos. Os dois homens praguejaram no escuro, o peso do moribundo os forçando a descer alguns degraus. Kennit desferiu vários golpes de espada para baixo, encorajando o recuo. Esperava que o moribundo tivesse caído contra as pernas dos companheiros. O sujeito morreria logo, não precisava se dar ao trabalho de terminar o serviço, então mirou as estocadas mais para cima e teve a satisfação de ouvir dois gritos de dor. Esperava que fossem abafados pela escada e a porta fechada. Com certeza encontraria mais surpresas lá em cima. Não queria estragar a expectativa dos outros.

Ouviu os três se baterem contra a porta abaixo e avançou, investindo a espada e a adaga contra qualquer carne que estivesse pela frente. Tinha a vantagem, pois se acertasse qualquer coisa que não fosse parte dele mesmo era o inimigo, mas os outros podiam acabar acertando um aliado na tentativa de golpeá-lo, naquele

espaço escuro e apertado. Pelo menos um deles estava procurando a maçaneta desesperado, praguejando. Acabou encontrando, mas abriu a porta simplesmente para desabar para trás ao lado de seus companheiros, no topo da escada de volta para o térreo. Bettel, ao pé da escada, olhava para cima horrorizada.

— Encontrei uns ratos — informou Kennit. Deu outro golpe preciso com a espada, tendo certeza de que eles permanecessem caídos e mortos. — Pragas na escadaria. Acho que você não devia permitir esse tipo de gente aqui, Bettel.

— Eles me forçaram! Eles me forçaram! Tentei impedir você de subir, você sabe que tentei!

Os gritos o acompanharam escada acima. Kennit fechou a porta com firmeza, torcendo para o grito não ter sido ouvido em seu quarto lá no alto. Ele subiu os degraus escuros silencioso como um gato, a ponta da espada guiando seu caminho. Parou diante da segunda porta. Se alguém tivesse avisado os inimigos lá dentro... se aquela trupe que tinha ido atrás dele fosse só um pouco ardilosa, encontraria um homem à espera do outro lado daquela porta. Kennit puxou o trinco com toda a delicadeza, segurou firme as duas armas e abriu a porta com o ombro, abaixando-se bem e fazendo o mínimo de barulho possível ao entrar. Não encontrou ninguém.

A porta para o quarto de sempre estava fechada. Ouvia vozes lá dentro, falando aos sussurros. Vozes de homens. Então eram pelo menos dois. Pareciam impacientes, com certeza tinham visto pela janela quando chegou. Por que não o emboscaram no alto da escada? Talvez achassem que seus companheiros fossem dominá-lo e arrastá-lo até aquele quarto?

Considerou a situação, então bateu com força na porta.

— Peguei ele! — gritou, numa voz rouca.

Foi recompensado por um idiota abrindo a porta.

Kennit cravou a faca na barriga do sujeito, puxando a lâmina para cima com força. Não causou tanto dano quanto esperava, e, ainda pior, a arma ficou enroscada na camisa frouxa daquele imbecil. Teve que largar a faca de lado. Empurrou o homem para trás e saltou adiante, de encontro à lâmina do próximo inimigo, que aparou seus golpes com habilidade, desviou da estocada e desferiu sua própria arma em resposta. Enquanto afastava a ponta da lâmina da própria garganta, Kennit percebeu que aquele último inimigo tinha um estilo de esgrima refinado. Um misto de cavalheirismo e exibicionismo que, apesar de funcional, não era tão eficiente.

Olhou de relance para o quarto: viu outro homem sentado com uma tranquilidade deliberada na sua poltrona de sempre, diante da lareira. Estava

segurando uma taça de vinho tinto numa das mãos, mas a outra estava prudentemente no cabo da espada desembainhada apoiada em seus joelhos. Etta estava caída na cama, nua. Seu corpo, assim como os lençóis, estavam sujos de sangue.

— Ah, então o rei Kennit veio visitar sua senhora — observou o homem na poltrona, muito calmo. Ele gesticulou com a taça para a prostituta. — Acho que ela não vai conseguir dar as boas-vindas. Nosso divertimento do dia a deixou meio... indisposta.

O homem estava fazendo aquilo para distraí-lo, e quase funcionou. Kennit ficou inquieto. Não. Ficou irado. Aquele quarto limpo e agradável, a relativa segurança da casa de Bettel... tudo tinha sido tirado dele. Nunca mais conseguiria relaxar naquele quarto. Aqueles desgraçados!

Uma parte de sua mente reparou nos gritos que vinham da rua. Mais homens estavam chegando. Teria que acabar logo com aquele esgrimista depressa e cuidar do sujeito na cadeira. Quando tentou tirar vantagem do alcance da própria lâmina, o sujeito debochado se levantou da poltrona e partiu para cima dele com golpes implacáveis. Pelo menos aquele ali não era estúpido o bastante para achar que era preciso jogar limpo, quando o objetivo era matar um homem. Kennit não era idiota de pensar que tinha muita chance contra duas lâminas. Desejou não ter deixado a faca na barriga do homem que abrira a porta.

Seria ridículo morrer agora, disse a si mesmo, amparando uma lâmina com a espada e desviando outra com o braço. Ficou grato pelo tecido grosso da manga, que absorveu boa parte do impacto. Notando suas táticas de defesa, os atacantes trocaram as estocadas por golpes cortantes. Kennit começou a recuar ao ataque duplo, só tinha tempo de se defender e esquivar. Os dois riam e gritavam um para o outro enquanto lutavam, soltando palavras de escárnio sobre reis, escravos e prostitutas. Kennit não deu atenção — não podia se dar ao luxo, bastava um momento de distração para estar acabado. Estava completamente concentrado nas duas lâminas e nos homens que as brandiam. *É hora de decidir*, reconheceu, taciturno. *Deixo me matarem agora, depressa, ou luto até não poder mais me defender direito, deixando eles brincarem de gato e rato?*

Kennit ficou tão surpreso quanto os inimigos quando um lençol foi jogado para a luta, cobrindo os braços de um deles. O que restava das roupas de cama foi arremessado contra seus inimigos enquanto o sujeito tentava se desvencilhar do primeiro lençol: travesseiros de penas e cobertas volumosas se enroscaram nas armas e nos pés de seus inimigos. Um lençol caiu sobre um deles, cobrindo-o como uma imitação infantil de fantasma. *Muito apropriado*, pensou, e sorriu

consigo mesmo. Sua lâmina atravessou o linho e, quando a recolheu, uma grande mancha escarlate se espalhou pelo tecido. Etta, gritando e praguejando, agarrou outro acolchoado de penas gigantesco e se lançou para cima do último atacante. Mais do que depressa, Kennit se certificou de que o homem do lençol tinha mesmo morrido. Quando se virou, viu que Etta tinha encontrado a cabeça do outro homem debaixo do cobertor e estava batendo com ela no chão. A coberta abafava os gritos do sujeito, que se debatia tentando se soltar. Kennit o trespassou com a espada, só para garantir, e então, sem fôlego, cravou a espada onde achou que devia estar o coração do inimigo. A massa frenética debaixo dos cobertores ficou inerte. Etta continuou batendo com a cabeça dele no chão.

— Acho que você já pode parar — disse Kennit.

Ela parou de repente, mas o som das batidas persistia.

Os dois se viraram, reparando que aquele na verdade era o som de passos pesados subindo a escada. Etta, agachada e nua sobre sua vítima, não percebia o quanto parecia feroz, arreganhando os dentes como uma gata selvagem. Kennit passou por entre os corpos e cobertas até a porta. Quando tentou fechá-la, o corpo do primeiro homem estava no caminho. Abaixou-se para afastar o cadáver, mas a porta foi escancarada com tanta força que bateu na parede. Kennit agarrou a madeira, antes que a força da batida a fizesse voltar, acertando o rosto de Sorcor. O imediato estava vermelho por conta da corrida, assim como os outros homens que entraram no quarto.

— Um velho foi até o navio — explicou, ofegante. — Ele disse que o senhor talvez tivesse problemas aqui.

— Ah, uma moeda de prata bem gasta — comentou uma voz baixinha.

Sorcor olhou para Etta, achando que era ela quem tinha falado, então desviou os olhos da mulher nua e machucada, constrangido.

Etta cambaleou ao se levantar. Notando que os homens a encaravam, agachou-se para puxar a ponta de um cobertor e se cobrir, revelando a mão e o braço de um homem morto no chão.

— Problemas — observou Kennit, seco. — Só um pouco. — Ele embainhou a espada e gesticulou para o corpo na porta. — Me dê minha faca, por favor.

Sorcor se agachou e arrancou a lâmina da barriga do homem.

— O senhor tinha razão — comentou, sem necessidade. — A gente tem muito inimigos aqui na cidade, tem muitas pessoas furiosas com o que estamos fazendo. Esse é o Rey? Do *Raposa do Mar*?

— Não sei — admitiu Kennit. — Ele não se apresentou. — Agachou-se e

puxou algumas cobertas de cima dos outros mortos, revelando-os.

— Era Rey — disse Etta, baixinho. Estava com os lábios machucados. — Eu o conhecia bem. — Ela respirou fundo. — Todos eles são do *Raposa do Mar*. — Apontou para o homem cuja cabeça tinha sigo golpeada várias vezes no chão. — Aquele era o capitão. Skelt. — Numa voz mais baixa, acrescentou: — Ficavam dizendo que iam mostrar a você que cada pirata é seu próprio rei. Que não precisavam de você, que não iam ser governados.

— Com esses são seis — observou um dos marinheiros de Kennit, espantado. — O capitão matou seis homens sozinho.

— Tinha quantos lá fora? — perguntou Kennit, curioso, guardando no cinto a faca que Sorcor lhe entregara.

— Quatro. Eram dez contra o senhor. Corajosos, não é? — Sorcor parecia irritado.

Kennit deu de ombros.

— Eu faria o mesmo, se quisesse ter certeza de que o sujeito ia acabar morto. — Então sorriu de leve para Sorcor. — Mas eles mesmo assim perderam. Dez homens. E tinham bastante medo de mim, para quererem me ver morto tanto assim. — O sorriso se alargou. — Poder, Sorcor. Outros homens estão vendo que o estamos acumulando. Esse ataque é só mais uma prova de que estamos seguindo para o nosso objetivo — ele percebeu que seus homens o encaravam — e levando a tripulação junto — acrescentou, tranquilizador, assentindo e sorrindo para todos. Os cincos piratas que acompanhavam Sorcor retribuíram o sorriso.

O imediato embainhou a própria espada.

— Bem, e agora? — perguntou.

Kennit pensou por um momento e apontou para os homens.

— Você e você. Juntos. Deem uma volta pelas tavernas e bordéis, encontrem nossos companheiros e os avisem do que aconteceu. Discretamente. Acho que é melhor todo mundo dormir a bordo hoje à noite, reforçando a vigia. Sorcor e eu vamos para o navio, mas só depois de sermos vistos pela cidade, vivos e inteiros. E já vou avisando: nada de se vangloriar pelo que aconteceu. Isso aqui não foi nada, compreendem? Não vale nem a pena contar a história. Deixem os outros homens falarem o que quiserem, assim a história vai ficar maior. — Os piratas assentiram, sorrindo satisfeitos. — Você e você. Quero que acompanhem eu e Sorcor enquanto andamos pela cidade, mas não junto com a gente. Entenderam? Fiquem de olho e escutem o que outros falam sobre a gente. Escutem e gravem

na memória, porque vou querer um relatório completo.

Os homens assentiram. Kennit olhou ao redor do quarto: precisava cuidar de mais uma coisa, algo que já vinha pretendendo fazer havia um tempo. Etta estava parada, quieta, olhando para ele. Um pequeno rubi cintilava em sua orelha.

— Ah, e você. — Ele apontou para o último homem. — Cuide da minha mulher.

O marinheiro ficou vermelho, depois branco.

— Sim, senhor. Hã, como, senhor?

Kennit balançou a cabeça, irritado. Tinha muito o que fazer, o sujeito o estava incomodando com detalhes.

— Ah, leve Etta para o navio. Deixe ela lá na minha cabine, para mais tarde.

Se a cidade considerava que Etta era sua mulher, então melhor deixá-la fora de alcance. Não podia parecer ter alguma fraqueza. Franziu o cenho. Era só isso? Sim.

Etta arrancou o lençol do último corpo e, empertigada como uma rainha, enrolou o pano ensanguentado nos ombros. Kennit deu uma última olhada no quarto, então notou os sorrisos orgulhosos e incrédulos de seus homens. Até Sorcor estava sorrindo. Por quê? Ah. A mulher. Esperavam que uma carnificina daquelas o deixasse sem apetite, e, só de pensarem — erroneamente — que não era o caso, Kennit só parecia mais homem a seus olhos. Ele não tinha tomado aquela decisão motivado pelo desejo, não se excitava em ver uma mulher com hematomas, mas era aquele suposto desejo que seus homens admiravam. Bem, que pensassem que fosse isso, então. Olhou de novo para o homem corado.

— Providencie água quente para ela tomar banho. E comida. E roupas apropriadas.

Kennit supôs que depois daquilo teria que manter Etta em sua cabine. Então que ela ao menos ficasse limpa.

Seus olhos encontraram os de Sorcor.

— Bem, vocês ouviram as ordens — ralhou o imediato, dirigindo-se aos homens sorridentes. — Mexam-se!

Os marinheiros assentiram, os dois mensageiros desceram a escada depressa. O sujeito designado para cuidar de Etta atravessou o quarto e parou, sem jeito, diante dela. Então a ergueu nos braços, como se aquela prostituta fosse uma criança enorme. Para surpresa do capitão, a mulher se largou agradecida nos braços dele. Kennit, Sorcor e seus guardas desceram a escada, seguidos pelo

homem que carregava Etta. Encontraram Bettel entre os lances de escada, sacudindo as mãos à frente do corpo, exclamando:

— Ah! Vocês estão vivos!

— Sim — concordou Kennit.

No fôlego seguinte, a mulher exclamou, com raiva:

— E você acha mesmo que vai levar Etta embora daqui?

— Sim — respondeu Kennit por cima do ombro.

— E quanto a todos aqueles mortos? — gritou Bettel às costas deles, enquanto saíam da casa.

— Eles podem ficar com você — retrucou Kennit.

Etta agarrou a porta da frente com a mão quando ela e seu carregador a atravessaram e a fechou com força.



18

MALTA

Tudo teria corrido perfeitamente bem se não fosse por aquele gordo tonto do Davad Recomeço.

Na manhã em que o pai partiu para o mar, Malta encontrou um pouco de dinheiro debaixo do travesseiro, junto de um bilhete com a mesma letra de garranchos que a mãe às vezes recebia enquanto o pai estava ausente em suas viagens de negócios. “Para a minha filha não-tão-pequena”, escrevera Kyle. “Acho que seda verde vai lhe cair bem.” Dentro do saquinho macio havia quatro moedas de ouro. Malta não sabia dizer muito bem quanto aquilo valia: eram moedas estrangeiras, de uma das terras que o pai visitara em suas viagens. Mas teve certeza de que seriam suficientes para o vestido mais suntuoso que Vilamonte já vira.

Nos dias seguintes, relia o bilhete sempre que tinha dúvidas, assegurando-se de que tinha a permissão do pai para aquilo. E não apenas permissão — o pai a ajudara, e o dinheiro era prova disso. A mãe diria depois, muito séria, que seu pai tinha sido conivente.

A mãe era tão previsível... Assim como a avó, que se recusara a ir ao Baile da Oferenda da Colheita por causa do luto pelo avô. E aquela tinha sido a desculpa de que a mãe precisara para dizer que ninguém da família Vestrit iria ao Baile. Assim, segundo ela, não haveria discussões sobre saias ou vestidos. Rache estava lhe ensinando a dançar e ministrando aulas de etiqueta enquanto a mãe não achava uma boa professora. A mãe achava que aquilo era mais do que suficiente para uma garota da idade de Malta.

A garota, aliás, ficara surpresa com a severidade do tom da mãe. Quando reuniu coragem suficiente para tentar um “Mas meu pai disse...”, a mãe a encarara com um brilho nos olhos que parecia raiva.

— Seu pai não está aqui — respondera Keffria, com frieza. — Eu estou. E *eu* sei o que é apropriado para uma garota de Vilamonte. Como você deveria saber. Malta, ainda tem muito tempo, tempo mais do que suficiente, para você se tornar mulher. É natural que você esteja curiosa sobre essas coisas, e também é natural você desejar vestidos lindos e noites maravilhosas dançando com belos rapazes.

Mas curiosidade demais... bem. Isso pode levar você para o caminho de sua tia Althea. Confie em mim. Eu vou saber dizer quando chegar a hora certa. Também sei que o Baile da Colheita é muito mais do que vestidos bonitos e jovens de olhos brilhantes. Sou uma mulher de Vilamonte, uma Mercadora de Vilamonte, sei dessas coisas. Seu pai não sabe. Então conforme-se, ou vai perder o pouco que ganhou.

Dito isso, a mãe saíra irritada da sala de jantar, sem nem dar tempo para Malta discutir. Não que ela fosse tentar. Já tinha concluído que não precisava discutir. A mãe só ficaria mais desconfiada. Não queria dificultar as coisas.

O pai tinha sugerido seda verde e, por sorte, havia uma boa quantidade de tecido no baú de bordo da tia Althea. Malta estava curiosa para ver o que tinha lá dentro desde que o baú fora entregue na casa, mas a mãe lhe dissera, cansada, que não era da sua conta. Só que o baú não estava trancado — a tia nunca se preocupava em trancar nada —, e, como Althea não ia mais usar o que quer que tivesse lá dentro, Malta achou que seria apenas desperdício deixar aquele tecido lindo guardado, desbotando. Além do mais, se usasse aquela seda, teria mais dinheiro para gastar com uma costureira boa. Estava apenas sendo econômica: o pai não tinha dito que essa era uma boa qualidade para uma mulher?

Malta pediu a Delo Trell o nome de uma boa costureira. Tivera um pouco de vergonha de ter de pedir ajuda à amiga, mas a mãe e a avó eram muito antiquadas, mesmo num assunto tão importante como aquele. Quase todos os seus vestidos ainda eram feitos em casa, e Nana encarregada das medidas, dos ajustes e da costura — às vezes até a mãe e a avó ajudavam — então elas nunca tinham roupas da última moda em Jamaillia. Não... Ah, elas sempre viam algum vestido que achassem bonito no Baile ou na Apresentação e copiavam para o evento seguinte, mas era só isso: uma cópia. Ninguém nunca ficava boquiaberto com o que uma Vestrit aparecia usando numa ocasião social. Ninguém nunca fofocava sobre elas ou sussurrava com inveja por trás dos leques. Elas eram respeitáveis demais. E tediosas demais.

Bem, Malta não tinha nenhuma intenção de ser tão séria quanto a mãe, nem tão masculina quanto sua tia indomável. Queria ser mágica e misteriosa, timidamente modesta e incompreensível, porém ousada e extravagante. Tinha sido difícil expressar tudo aquilo à costureira, uma mulher velha que estalara a língua ao ver a seda verde.

— Amarelenta — dissera a mulher, meneando a cabeça grisalha. — Vai deixar você com a pele toda amarela. Os rosas, vermelhos e laranjas é que são as suas cores.

O sotaque durjano carregado fizera aquilo parecer uma proclamação. Malta simplesmente mordera os lábios e segurara a língua. O pai era um mercador, já tinha visto o mundo todo, com certeza sabia que cores ficavam melhor numa mulher.

Então Fayla passara um tempo interminável tirando suas medidas, murmurando com a boca cheia de alfinetes. Cortara e pendurara moldes de papel sobre o corpo de Malta, sem prestar atenção quando a garota protestou que a gola parecia alta demais, e a saia, curta demais. Na terceira reclamação, Fayla Carreta cuspira os alfinetes na mão e olhara irritada para ela.

— Você quer parecer uma rameira? Uma rameira amarelenta? — Malta balançara a cabeça, sem responder, tentando se lembrar de que tipo de planta era uma rameira. — Então me escute. Vou costurar um belo vestido, um vestido pelo qual sua mãe e seu pai ficariam felizes em me pagar. Combinado?

— Mas... eu que trouxe o dinheiro. Meu próprio dinheiro. E eu quero um vestido de mulher, não de menina. — Malta se sentia mais corajosa a cada palavra.

Fayla Carreta se levantou devagar, esfregando as costas.

— Um vestido de mulher? Bem, e quem é que vai usar? Você ou alguma mulher?

— Eu. — Malta forçara a voz a permanecer firme.

Fayla então coçara o queixo. Um pelo saía de uma verruga ali. Ela finalmente respondera, balançando a cabeça:

— Não. Você é muito nova. Só vai ficar ridícula. Escute o que eu digo: vou fazer um vestidinho lindo. Não vai ter nenhuma garota usando nada parecido, e todas vão ficar admiradas e puxar as saias das mães para sussurrar, quando você passar.

Malta arrancara os moldes de papel do corpo e descera do banquinho sem nem titubear.

— Não quero que as *garotas* fiquem olhando para mim — retrucara, altiva. — Tenha um bom dia.

Saíra da loja com a seda debaixo do braço, em busca de uma costureira que lhe desse ouvidos. Tentou não pensar que Delo Trell tinha sugerido aquela velha horrível de propósito. Será que Delo achava que Malta devia usar as saias engomadas de uma garotinha? Nos últimos tempos, a amiga começara a agir de modo afetado, dando a entender que havia muitas coisas que Malta, a pequena e jovem Malta, simplesmente não tinha como compreender sobre a vida que Delo

estava levando. Como se não brincassem juntas desde que tinham aprendido a andar!

Malta então encontrou uma jovem costureira com uma saia que pareciam lenços de seda, ao mesmo tempo agarradas às pernas e revelando a pele. A mulher não discutira sobre a cor do tecido nem tentara cobri-la de papéis. Em vez disso, tirara suas medidas depressa, enquanto falava de coisas como mangas-morcego e como rendas podiam ressaltar os seios em desenvolvimento de uma jovem, passando uma ilusão de fartura. Foi então que Malta soube que tinha escolhido bem. Voltara para casa quase saltitando, bolando uma história sobre não ter conseguido encontrar um cabriolé livre para justificar sua demora.

E teve muita sorte com a decisão de encontrar a própria costureira. A mulher tinha um primo que fazia sapatos, e a enviara para falar com o sujeito na segunda prova do vestido. Ela também lembrou que Malta precisaria de joias, ressaltando que o fato de serem ou não verdadeiras não era nem de longe tão importante quanto o efeito que criavam com seu brilho e reluzir. Vidro lapidado serviria tão bem quanto pedras preciosas, e conseguiria peças falsas maiores e mais brilhantes, com aquele orçamento apertado. A costureira também tinha outra prima, que aparecera durante a terceira prova do vestido para mostrar suas mercadorias. Quando voltou para a última prova, Malta encontrou os sapatos e as joias prontos para serem levados. E Territel, a costureira, tivera a gentileza de lhe mostrar como pintar os lábios e os olhos de acordo com a moda mais recente. Até vendera alguns de seus próprios pós e tintas para a pele. A mulher tinha sido extremamente gentil.

— Valeu a pena cada moeda que paguei para ter as roupas exatamente como nos meus sonhos — dissera Malta, entregando o saco com o ouro que ganhara do pai.

Isso tinha sido apenas dois dias antes do Baile.

Entrar em casa com o vestido embrulhado e escondê-lo tinha sido uma prova de nervos e criatividade. Tinha que manter a roupa não apenas longe dos olhos da mãe, mas também dos de Nana. Aquela velha não tinha muito o que fazer. Agora que Selden já estava velho o bastante para ter tutores e não precisava ser vigiado a cada minuto, Nana passava o tempo todo espionando Malta. Toda a “arrumação” que ela fazia em seu quarto era só uma desculpa para bisbilhotar suas coisas. E Nana sempre fazia perguntas que não eram da sua conta, como “Onde você conseguiu esse perfume?”, “Sua mãe sabe que você usou esses brincos na cidade?”

No fim, a solução fora bem simples: mandara Rache guardar o vestido

embrulhado, as joias e os sapatos no próprio quarto. Fazia pouco tempo, a avó deixara Rache ocupar uma cabana inteira só para ela, uma que dava para o lago do jardim. Malta não sabia o que a escrava tinha feito para merecer aquele espaço particular, mas achou a mudança muito útil. Ninguém pensava nada de mais sobre ela passar seu tempo com Rache; afinal, não era com ela que estava aprendendo a dançar, a andar e todas as regras de etiqueta? Só era engraçado que uma escrava soubesse dessas coisas. Delo e Malta tinham rido bastante conversando sobre isso, nos breves momentos que passavam juntas. Claro que Delo se achava adulta e feminina demais para passar tempo com uma simples garota como Malta. Bem, aquilo mudaria assim que ela se apresentasse no Baile da Oferenda da Colheita.

Rache também a ajudara a se vestir para noite do Baile. Malta não tinha informado à escrava de antemão, isso só teria dado tempo demais para a mulher refletir sobre o que estava acontecendo e dar com a língua nos dentes para a avó ou a mãe. Simplesmente fora até a cabana de Rache e pedira o embrulho, depois mandara que a mulher a ajudasse, e Rache concordara, com um estranho sorriso no rosto. Foi quando Malta compreendeu a utilidade de uma escrava obediente.

Depois de vestida, sentara-se diante do pequeno espelho de Rache para colocar as joias e pintar os lábios e os olhos. Traçara os contornos das orelhas e os lóbulos da mesma cor das pálpebras, como aprendera com a costureira. O efeito era ao mesmo tempo exótico e atraente. A escrava tinha ficado completamente espantada com o que ela estava fazendo — devia estar surpresa que Malta possuísse habilidades femininas como aquelas.

Quando chegou o cabriolé que Malta tinha providenciado mais cedo, Rache pareceu apenas um pouco alarmada, mas apenas perguntou para onde a jovem senhorita estava indo. Malta logo respondeu que iria passar a noite na casa de Felina Shuyev. Os pais de Felina tinham contratado um mestre de marionetes para entreter a filha e o irmão mais novo enquanto iam ao Baile da Colheita. Todo mundo sabia que o tornozelo de Felina ainda doía muito desde que ela caíra do pônei, e Malta faria uma visita para animar a amiga. Já que as duas teriam que perder o Baile, podiam muito bem passar esse tempo juntas.

Malta mentira com toda a confiança, e Rache acreditara, assentindo, sorrindo e dizendo que não tinha dúvidas de que Felina ficaria muito feliz. A única coisa ruim era o manto escuro de inverno que teve que usar por cima do vestido a caminho para o Baile. Não combinava com aquelas roupas tão lindas, mas não podia deixar a poeira da rua sujar o tecido, nem queria que a vissem antes de sua entrada triunfal. Chegar ao baile de cabriolé não era o jeito mais tradicional, as pessoas iam de carruagem ou cavalgando suas montarias mais deslumbrantes,

mas... Bem, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Sua montaria mais deslumbrante era o pônei gordo que dividia com Selden. Malta tinha implorado para ter um cavalo só seu, mas a mãe, como sempre, negara, dizendo que, se Malta quisesse aprender a cavalgar direito, podia usar sua égua. A mãe tinha aquele bicho havia muito tempo, ele era mais velho do que a própria Malta. E mesmo se ela quisesse usar o pangaré, não tinha como tirar um cavalo dos estábulos àquela hora sem chamar a atenção da mãe. Além disso, sua saia era muito esvoaçante, e Malta achou que não seria apropriado cavalgar.

Porém, apesar de tudo, apesar de o pesado manto de inverno a deixar com o rosto todo suado mesmo naquela noite amena, apesar da canção rude que o condutor do cabriolé não parava de cantar, fazendo graça, apesar de saber que a mãe ficaria furiosa quando descobrisse, tudo era absolutamente emocionante. *Estou indo ao baile. Estou indo* mesmo *ao baile*, sussurrara para si mesma, várias e várias vezes. Estava tomada por uma sensação inebriante de poder, por ter finalmente tomado o controle da própria vida. Ainda não tinha percebido como estava cansada de ficar em casa e ser filha de sua mãe.

A mãe era séria, matronal e acomodada, nunca fazia nada que não fosse esperado dela. Durante o último ano, enquanto o avô estava morrendo, a casa se tornara o lugar mais entediante do mundo. Não que já tivesse sido emocionante. Não como as casas das outras pessoas. As outras famílias de Mercadores davam festas — e não só com gente de linhagem Mercadora. Algumas recebiam os recém-chegados e suas respectivas famílias. Os Beckert tiveram uma noite de diversão com uma trupe de malabaristas que uma das novas famílias contratara. Polia Beckert lhe contara tudo no dia seguinte: como os jovens da trupe usavam só uma tanga, mexiam com fogo, jogavam facas e bolas de vidro. Nunca acontecia nada parecido na casa Vestrit. A avó até recebia algumas senhoras Mercadoras, mas só ficavam sentadas na sala bordando juntas, bebendo vinho e falando sobre como tudo era melhor antes. Mas fazia um tempo que até mesmo essas mulheres não apareciam. Quando a doença do avô ficou mais grave, a avó parou de convidar as visitas. A casa passou quase um ano cheia apenas de silêncio, quietude e quartos escuros. A mãe até parara de tocar a harpa à noite — não que Malta sentisse falta disso. Sempre que a mãe tocava, também tentava lhe ensinar as notas, e ficar sentada dedilhando cordas não era sua ideia de uma noite interessante.

— Pare aqui! — sibilou ao condutor, para então falar mais alto: — Não. Aqui. Pare aqui! Vou andar até a porta. Eu disse que vou andar, seu idiota!

O homem quase chegou ao círculo de luz lançado pelas tochas antes de parar, tendo o descaramento de rir de sua raiva. Malta lhe deu exatamente o que devia

pela viagem e nem uma moeda a mais, ele que risse disso. O condutor se vingou não lhe oferecendo a mão para descer. Bem, ela não precisava: era jovem e vigorosa, não era uma velha encarquilhada. Pisou um pouco na barra do vestido quando desceu, mas não tropeçou nem rasgou o tecido.

— Venha me buscar à meia-noite — ordenou ao homem, num tom imperioso.

Era cedo para ir embora do baile, mas, por mais que relutasse em admitir, não queria provocar a mãe demais. Se exagerasse, também acabaria perturbando a autoridade da avó. Além do mais, a apresentação era sempre pouco depois da meia-noite, e Malta nunca achara muita graça nessa parte do Baile da Colheita. Era sinistra demais.

Num dos bailes, quando Malta tinha apenas sete anos, um representante dos Ermos Chuvosos removera a máscara para a apresentação. Malta ficara estarrecida com o corpo dele: era como se uma criança tivesse começado como humana, mas, enquanto crescia, ia ficando maior do que um humano normal, com ossos estranhos se projetando, uma altura incomum e um excesso de carne que poderia abrigar órgãos desconhecidos. Tinha ficado espantada ao ver o avô apertar a mão do sujeito e o chamar de “irmão”. O avô deixara a apresentação da família nas mãos do homem dos Ermos Chuvosos. Durante muitas noites depois daquilo, depois de acordar de pesadelos com aquele homem, Malta se consolava em saber como o avô era corajoso. Não precisava temer aqueles monstros.

— Meia-noite em ponto — repetiu, mesmo assim.

O condutor lançou um olhar significativo para as moedas na mão.

— Ah, senhorita, pode deixar — respondeu, sarcástico.

O condutor tocou o cavalo e, enquanto as batidas dos cascos do pangaré desapareciam noite adentro, Malta teve um momento de inquietação. E se ele não voltasse? Não conseguia nem imaginar ter que fazer todo o caminho para casa a pé no escuro, muito menos com um vestido longo e sapatos macios. Afastou o pensamento, determinada: não deixaria que nada, absolutamente nada, a impedisse de se divertir.

Viu carruagens parando diante do Salão dos Mercadores. Já tinha ido ali antes, em muitas ocasiões, mas o salão dessa vez parecia maior e mais imponente. A luz das tochas fazia o mármore brilhar num tom quase âmbar. Mercadores desciam das carruagens, aos pares ou em grupos familiares, todos com as melhores roupas que tinham. Os vestidos finos das mulheres deslizavam pelas pedras do pavimento, as garotas usavam as últimas flores do ano nos cabelos, e os garotinhos estavam limpos e arrumados com precisão implausível. E os homens... Por um tempo, Malta permaneceu nas sombras, observando com certa

avidez enquanto os homens desciam das carruagens ou desmontavam dos cavalos. Não deu atenção aos pais e avôs, mas acompanhou os jovens maridos e os homens extravagantes e obviamente solteiros.

Malta os observou chegando e se perguntou: Como escolheria um? Como saberia? Havia homens de tantos tipos e, ainda assim, uma mulher só podia ter um durante toda a vida. Ou talvez dois, se o marido morresse jovem e a deixasse viúva enquanto ainda pudesse ter filhos. Bem, talvez, se a mulher amasse mesmo o marido, não torceria para que ele morresse, por mais curiosidade que tivesse em experimentar. Ainda assim... Não parecia justo. Ali, montado num cavalo negro, puxando as rédeas de repente, fazendo os cascos do animal baterem forte contra o pavimento, estava Roed Caern: o cabelo caía pelas costas numa cascata negra, tão reluzente e solto quanto a crina do cavalo; os ombros esticavam as costuras do casaco feito sob medida, e ele tinha nariz afilado e lábios estreitos. Delo estremecera ao falar sobre ele. “Ah, mas ele é cruel”, dissera, num tom tão sabido, depois simplesmente revirou os olhos quando Malta perguntou o que ela quisera dizer com aquilo.

Malta se remoía de inveja por Delo saber de coisas que ela desconhecia. O irmão de Delo quase sempre convidava os amigos para jantar em casa, e Roed era um deles. Ah, por que ela não podia ter um irmão como Cerwin, que cavalgava, caçava e tinha amigos bonitos, em vez do palerma do Wintrow, com aquelas roupas marrons esquisitas e o queixo liso? Acompanhou os passos largos de Roed e notou como ele de repente se colocou de lado com uma longa mesura, para permitir que uma jovem esposa entrasse primeiro no salão. O marido da mulher não pareceu nem um pouco feliz com aquela cortesia.

Outra carruagem parou, a da família Trentor, como anunciava o brasão na porta. Os cavalos brancos que a puxavam tinham penas de avestruz em suas testeiras. Malta ficou olhando enquanto a família descia, os pais com roupas bem simples, cinza-claro, seguidos por três filhas solteiras vestidas em tons diferentes de dourado. As jovens estavam de mãos dadas, como se temessem que algum homem tentasse separar irmãs tão devotas. Malta bufou baixo diante daquela cena.

Krion vinha por último: estava vestido de cinza, como o pai, mas o lenço em seu pescoço era de um dourado ainda mais escuro do que o das irmãs. Usava luvas brancas. Krion sempre usava luvas para encobrir as terríveis cicatrizes da vez em que caíra dentro de uma lareira, quando criança. O rapaz tinha vergonha das mãos. Também era bem modesto a respeito dos poemas que compunha, nunca os lia em voz alta, preferia deixar a tarefa para as irmãs dedicadas. Seu cabelo era castanho-avermelhado, e, quando pequeno, tivera o rosto coberto de

sardas. Tinha olhos verdes. Delo contara a Malta que achava que estava apaixonada por ele. Algum dia, dissera a amiga, esperava ficar diante de amigos seletos e ler os versos dele em voz alta. Um espírito tão gentil, sussurrara Delo, suspirando em seguida.

Malta o viu subir os degraus e também suspirou. Queria se apaixonar. Queria saber mais sobre homens, conversar com esse ou aquele, corar à menção de um nome ou franzir o cenho com severidade a um vislumbre de olhos escuros. A mãe estava errada, muito errada, quando dizia que havia tempo de sobra, quando a mandava esperar para ser mulher. Eram pouquíssimos os anos para ser uma mulher com opções. Mulheres se casavam cedo demais e ficavam enormes, com bebês na barriga. Malta não sonhava com um marido estável e um berço cheio. Ansiava por aquilo: aquelas noites nas sombras, as ânsias da alma e as atenções de homens que ainda não podiam reivindicá-la.

Bem, isso não aconteceria se ficasse se escondendo nas sombras. Determinada, Malta tirou o manto dos ombros, enrolou-o e o jogou sob um arbusto, para pegar mais tarde. Quase queria que a mãe e a avó estivessem ali, que estivesse chegando numa carruagem, certa de que o cabelo não tinha desarrumado no trajeto, de que a tinta nos lábios não estava borrada e ainda parecia fresca. Por um momento, imaginou todos chegando juntos, e seu belo pai lhe oferecendo o braço para acompanhá-la até o Baile. Mas o pensamento trouxe uma imagem do pequeno e desajeitado Wintrow caminhando atrás deles, usando o manto marrom de sacerdote, e da mãe em um vestido terrivelmente modesto. Malta estremeceu. Não tinha vergonha da família. Teria gostado que estivessem ali, se ao menos soubessem como se comportar direito e se vestir bem. Tinha pedido tantas vezes à mãe para ir ao Baile... Bem, eles tinham recusado aquilo. Se fosse entrar na vida como mulher, teria que ser por conta própria. E seria corajosa, permitindo apenas que uma leve indicação de sua tragédia e solidão transparecesse no rosto. Ah, ficaria feliz naquela noite, risonha e encantadora, mas, num momento de descuido, talvez alguém a olhasse mais de perto e percebesse a negligência que ela sofria em casa, ignorada e deixada de lado pela própria família. Malta respirou fundo e caminhou na direção da luz das tochas e das grandes portas escancaradas.

Os cavalos que puxavam a carruagem da família Trentor partiram trotando, e outros tomaram seu lugar. Com um misto de prazer e medo, Malta reparou que eram os Trell. Delo estaria naquela carruagem, infelizmente com os pais e o irmão mais velho, Cerwin. Se Malta os cumprimentasse enquanto estivessem descendo, os pais de Delo perguntariam onde estavam sua mãe e a avó. Malta ainda não estava pronta para encarar perguntas embaraçosas. Por outro lado,

seria tão divertido entrar de braço dado com Delo... duas jovens deslumbrantes dos Mercadores de Vilamonte entrando juntas na sociedade... Arriscou mais um passo. Se os pais e o irmão de Delo saíssem primeiro, havia uma chance de que pudesse sussurrar à amiga, para que ela esperasse.

E, realmente, os pais desceram primeiro. A mãe da garota estava estonteante: usava um vestido liso azul-escuro, cujo decote deixava o pescoço e ombros despidos, exceto por uma corrente de prata com uma fileira de pendentes de joias perfumadas. Ah, como Malta queria que sua mãe se vestisse de um jeito tão elegante, pelo menos uma vez. Mesmo dali, sentia o odor inebriante das joias. A mãe de Delo tomou o braço do pai. Ele era alto e magro e usava um casaco e uma calça de linho também azuis, combinando com o vestido da esposa. Os dois subiram os degraus para o salão, pareciam heróis saídos de uma lenda. Atrás deles, Cerwin esperava impaciente que Delo descesse da carruagem. Como o pai, o casaco e a calça eram azuis, as botas de um negro reluzente. Ele usava um brinco de ouro numa orelha, e o cabelo negro estava arrumado em longos cachos. Malta, que o conhecia desde que se entendia por gente, de repente sentiu um friozinho estranho na barriga. Cerwin nunca lhe parecera tão bonito. Estava ansiosa para surpreendê-lo com sua presença.

Mas foi ela quem ficou surpresa, vendo Delo aparecer na porta da carruagem. A menina usava um vestido da cor do da mãe, mas a semelhança terminava ali. O cabelo estava trançado numa coroa ornada com flores frescas, e um babado rendado deixava a saia curta quase na metade da barriga da perna. Rendas similares ornavam a gola alta e os punhos das mangas. A garota não usava joia nenhuma.

Malta não conseguiu se conter, partiu para cima Delo como um espírito vingativo.

— Mas você disse que iria usar um vestido este ano! Disse que sua mãe tinha prometido — falou. — O que aconteceu?

Delo lançou um olhar tristonho para Malta. Então seus olhos se arregalaram de espanto, e ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

Cerwin ficou diante da irmã, como se quisesse protegê-la.

— Acho que você não conhece minha irmã — declarou, numa voz altiva.

— Cerwin! — exclamou Malta, irritada. Olhou para trás dele, para Delo. — O que aconteceu?

Delo arregalou um pouco mais os olhos.

— Malta? É você?

— Claro que sou eu. Sua mãe mudou de ideia? — Uma suspeita desagradável começou a se formar em sua cabeça. — Você deve ter tido provas da roupa que ia usar. Devia saber que não teria permissão para usar um vestido!

— Eu achei que você não ia vir! — gritou Delo, desconsolada, ao mesmo tempo que Cerwin perguntava, incrédulo:

— Malta? Malta Vestrit? — O jovem passou os olhos por ela de um modo que Malta sabia que era grosseiro. Grosseiro ou não, aquilo provocou outro arrepio.

— Trell? — Shukor Kev estava desmontando do cavalo. — Trell, é você? Que bom ver você. E quem é esta? — O jovem olhou incrédulo de Malta para Cerwin. — Você não pode entrar com essa aí no Baile da Colheita, meu amigo. Sabe que aqui é só para Mercadores. — Algo no tom do sujeito deixou Malta desconfortável.

Outra carruagem parou. O criado estava tendo dificuldade para abrir a porta, o trinco parecia preso. Malta tentou não ficar olhando, já que não era apropriado a uma dama. Mas o criado a avistou e pareceu tão perplexo com sua aparência que se esqueceu da tarefa. Dentro da carruagem, um homem corpulento bateu com o ombro na porta, escancarando-a, errando Malta por pouco. Então Davad Recomeço, em toda a sua glória desajeitada e volumosa, quase caiu na rua.

O criado a agarrou pelo braço para ampará-la quando Malta recuou depressa, tentando evitar a porta. Se o homem não tivesse segurado seu braço, ela teria saído do caminho e evitado o desastre, só que ela não conseguiu. Davad se equilibrou, agarrando a porta, e pisou em cheio na barra do vestido.

— Ah, perdoe-me, por favor — disse ele, nervoso, então as palavras morreram em seus lábios, conforme a olhava de cima a baixo.

Malta estava tão diferente que, por um momento, teve certeza de que o homem não a reconheceria. Não pôde resistir e abriu um sorriso.

— Boa noite, Mercador Recomeço — disse, cumprimentando-o. Fez uma mesura, o que foi mais complicado do que imaginava com a saia longa. — Como tem passado?

O homem ainda a encarava de olhos arregalados. Depois de um momento, abriu a boca e perguntou, numa voz esganiçada:

— Malta? Malta Vestrit?

Outra carruagem surgiu para tomar o lugar da dos Trell. O veículo resplandecia em verde e dourado, as cores dos Ermos Chuvosos. Deviam ser os representantes das famílias daquela região. O baile começaria assim que eles estivessem sentados.

— Malta Vestrit? — exclamou Shukor às suas costas, incrédulo. — Não acredito!

— É claro. — Sorriu de novo para Davad, desfrutando o espanto em seus olhos, que iam do colar em seu pescoço à renda que decorava o busto.

O Mercador de repente olhou para trás dela. Malta se virou, mas não havia ninguém ali. Droga. Delo tinha entrado no Baile sem ela! Virou-se de novo para Davad, que olhava ao redor, desesperado. Assim que a porta da carruagem dos Ermos Chuvosos se abriu, o homem a agarrou pelos ombros e a empurrou para trás, quase para dentro da carruagem, cuja porta ainda estava aberta.

— Não se mexa! — sussurrou. — Não diga nada!

Ele se virou e fez uma longa mesura quando os representantes dos Ermos Chuvosos desceram da carruagem. Malta espiava por trás do Mercador. Eram três representantes naquele ano. Notou que eram dois altos e um baixo, mas foi tudo o que viu, com os capuzes e mantos que eles usavam. Nunca tinha visto nada como o tecido escuro que cobria seus corpos: era negro quando estavam parados, mas qualquer movimento desencadeava uma dança de cores cintilantes. Ao mais leve movimento, verdes, azuis e vermelhos reluziam em meio à escuridão.

— Mercador Recomeço — cumprimentou um dos representantes. A voz aguda de uma mulher.

— Mercadora Vintagli — respondeu Davad, curvando-se ainda mais. — Dou-lhes as boas-vindas a Vilamonte e ao Baile da Colheita.

— Ora, obrigada, Davad. Vejo você lá dentro, então?

— Sem dúvida — respondeu ele. — Assim que eu encontrar minhas luvas. Acho que caíram no chão da carruagem.

— Mas que descuido seu! — repreendeu a mulher, com uma pronúncia suave e peculiar. Então seguiu seus companheiros.

O ar parado do outono começou a feder com o suor repentino do Mercador Recomeço. Assim que as portas do salão se fecharam atrás da família dos Ermos Chuvosos, ele se virou para confrontar Malta. Agarrou-a pelo braço e a sacudiu.

— Onde está a sua avó? — perguntou. Então, antes que ela pudesse responder, Davad inquiriu, com a mesma urgência: — Onde está a sua mãe?

Malta devia ter mentido. Podia ter dito que elas já tinham entrado ou que acabara de sair para tomar um pouco de ar fresco.

— Vim sozinha — disse, simplesmente. Então desviou os olhos e falou mais baixo, de adulta para adulto: — Receio que tenha ficado mais presa do que

nunca em casa, desde a morte de meu avô. É tão triste... Mas eu sabia que ia ficar doida se não viesse. Você não pode imaginar como tem sido triste para mim...

Malta soltou um grito abafado quando o homem apertou seu braço com mais força e a empurrou na direção da carruagem.

— Depressa! Antes que mais alguém veja você... você não falou com ninguém, falou?

— Eu... não. Bem, só com Delo e o irmão dela. Acabei de chegar, sabe, e... me solte! Você está amassando o meu vestido.

Malta ficou assustada e chocada com o jeito como Davad a empurrou para dentro da carruagem e subiu, determinado, logo atrás. O que ele estava pensando? Tinha ouvido histórias de homens que, movidos pela paixão e pelo desejo, faziam coisas impulsivas, mas Davad Recomeço? Ele era velho! A ideia era horrível demais! Davad bateu a porta, mas dessa vez o trinco se recusou a ficar no lugar. Ele segurou a porta fechada enquanto gritava:

— Condutor! Para a casa dos Vestrit. Depressa. — Para Malta, disse apenas: — Sente-se. Vou levar você de volta para casa.

— Não! Me deixe sair! Eu quero ir para o Baile da Colheita! Você não pode fazer isso comigo! Você não é o meu pai!

O Mercador Recomeço ofegava enquanto mantinha a porta fechada. A carruagem começou a se mover com um solavanco, e Malta caiu sentada.

— Não, não sou seu pai — concordou Recomeço, seco. — E, esta noite, agradeço a Sá por isso. Eu não teria ideia do que fazer com você. Pobre Ronica! Depois de tudo pelo que passou este ano. Já não era ruim o suficiente sua tia ter desaparecido, você ainda precisava se apresentar no Baile da Colheita vestida como uma puta jamailliana? O que seu pai vai dizer disso?

Puxou um lenço grande de dentro da manga e enxugou o rosto suado. Malta notou que o sujeito estava usando a mesma calça e o mesmo casaco azul que usara nos dois anos anteriores. As roupas estavam justas na cintura volumosa. Pelo cheiro de cedro na carruagem, duvidava que ele tivesse tirado aquelas roupas do baú antes daquela noite. E ainda ousava falar com ela sobre moda!

— Mandei fazer este vestido especialmente para esta noite. Com o dinheiro que meu pai me deu, devo acrescentar. Então não acho que ele ficaria bravo por eu usar o dinheiro de acordo com as sugestões dele. Mas acho que meu pai ia é querer saber é o que você acha que lhe dá o direito de arrancar a filha dele da rua e levá-la embora contra a vontade. Acho que ele não vai ficar nem um pouco

feliz.

Malta conhecia Davad havia anos, sabia como ele era fácil de intimidar — bastava a avó ser ríspida. Esperara que o homem pelo menos tivesse o mesmo tipo de respeito com a neta. Mas Davad a surpreendeu com sua resposta:

— Ele que venha me ver e perguntar pessoalmente quando atracar, e vou dizer que estava tentando salvar sua reputação. Malta Vestrit, você devia se envergonhar. Uma garotinha como você vestida como uma... e ousando aparecer assim no Baile da Colheita. Peço a Sá que mais ninguém a tenha reconhecido. E nada do que você disser vai me convencer de que sua mãe ou sua avó sabiam alguma coisa sobre esse vestido ou essa ida ao Baile. Ainda mais num momento da família em que qualquer garota decente estaria em casa de luto pelo avô.

Malta poderia ter dado dez respostas diferentes. Uma semana mais tarde, tinha pensado em todas as respostas possíveis e sabia exatamente como deveria enunciar cada uma. Porém, naquele momento, ficou sem palavras. Então permaneceu sentada em silêncio, furiosa, enquanto a carruagem balançante e inclemente a levava de volta para casa.

Quando chegaram, não esperou por Davad Recomeço para descer. Queria chegar à porta antes dele. Infelizmente, uma das barras rendadas da saia se prendeu na porta da carruagem. Malta ouviu o tecido rasgar e se virou, desesperada, mas era tarde demais: a barra rendada, junto com um palmo de seda verde-clara, estava pendurada na ponta da porta. Davad olhou para o tecido e fechou a porta assim mesmo, e com força. O Mercador passou depressa por ela e foi até a casa, batendo com força para chamar os criados.

Nana atendeu. Por que tinha que ser Nana? Ela olhou irritada para Davad e, em seguida, para Malta, que retribuiu com altivez o olhar penetrante da mulher. Por um instante, Nana apenas pareceu ofendida, mas então arquejou, horrorizada, e gritou:

— Malta! Não, não pode ser você! O que você fez? O que você fez?

Os gritos fizeram com que todos na casa fossem até a porta. A mãe apareceu primeiro, disparando perguntas raivosas a Davad Recomeço, que não conseguia responder a nenhuma. Depois a avó, de camisola e roupão, o cabelo enrolado num lenço de noite, apareceu para repreender Keffria por fazer um escândalo no meio da noite. Ao ver Malta, a velha empalideceu de repente. A avó dispensou todos os criados e pediu a Nana para preparar um chá, então agarrou o pulso de Malta com firmeza enquanto a levava pelo corredor até o que antes era o escritório de Ephron. Só quando Davad, Keffria e Malta entraram, com a porta fechada, Ronica se virou para a neta.

— Explique-se — ordenou.

Malta se empertigou.

— Eu queria ir ao Baile da Colheita. Papai disse que eu podia ir e usar um vestido, como convém a uma moça. Não fiz nada do que me envergonhar. — A voz saiu cheia de dignidade.

A avó comprimiu os lábios pálidos. Quando falou, havia gelo em sua voz:

— Então você é mesmo tão cabeça-oca quanto parece. — Ela deu as costas a Malta, ignorando-a completamente. — Ah, Davad, como posso agradecer? Espero que não tenha colocado sua reputação em risco enquanto salvava a nossa. Ela foi vista por muita gente?

O Mercador Recomeço parecia visivelmente pouco à vontade.

— Não. Espero. Cerwin Trell e a irmã. Algum amigo do rapaz. Rezo para que tenham sido só eles. — Fez uma pausa, como se considerasse se devia ou não mentir. — A família Vintagli chegou para representar os Ermos Chuvosos enquanto ela estava lá, mas acho que não a viram. Talvez meu tamanho tenha sido útil, para variar. — Davad esfregou a barriga, tristonho. — Eu a escondi atrás de mim e a enfiei na carruagem assim que eles passaram. Meu criado também estava lá, é claro. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — E outras famílias de Mercadores não paravam de ir e vir, mas acho que não fiz muita cena. — Davad pareceu preocupado quando perguntou, relutante: — Você não sabia de nada disso, certo?

— Fico aliviada e envergonhada de admitir que não sabia de nada — respondeu a avó, muito séria. Seus olhos estavam repletos de acusações quando se virou para a mãe de Malta. — Keffria? Você sabia o que a sua filha estava tramando? — Antes que a mãe pudesse responder, a avó continuou: — E se não sabia, como pôde não saber?

Malta achou que a mãe fosse cair no choro. Era sempre assim. Mas a mulher se voltou contra a filha.

— Como você pôde fazer isso comigo? — perguntou. — E por quê? Ah, Malta, por quê? — Havia uma tristeza terrível em suas palavras. — Eu não disse que você precisava esperar? Que, quando fosse a hora, seria devidamente apresentada? O que deu na sua cabeça para você fazer... isso? — A mãe parecia devastada.

Malta se sentiu insegura.

— Eu queria ir ao Baile da Colheita. Eu disse isso. Eu implorei para ir, várias vezes. Mas você não me dava ouvidos, nem mesmo depois de papai dizer que eu

podia ir, nem mesmo depois de ele prometer que eu podia usar um vestido de verdade.

Malta fez uma pausa, esperando que a mãe admitisse a promessa do pai. Mas a mãe apenas a encarou, aturdida, e ela gritou:

— Bem, você não sabia porque é tonta! Eu só fiz o que papai deixou.

Algo no rosto de sua mãe enrijeceu.

— Menina, você controlaria essa língua se soubesse o tamanho da minha vontade de estapear essa sua cara.

A mãe nunca tinha falado daquele jeito com ela. Nunca a chamara de "menina", como se ela fosse uma criada.

— Ora, então por que não me bate logo? — perguntou Malta, furiosa. — A noite já foi um desastre! Por que não me bate aqui, na frente de todo mundo, e acaba logo com isso? — A voz saía embargada, carregada com a tristeza da tragédia de seus planos arruinados.

Davad parecia horrorizado.

— Eu preciso mesmo ir — disse ele, mais do que depressa, se levantando.

— Ah, Davad, sente-se — respondeu Ronica, cansada. — O chá está chegando. Nós lhe devemos ao menos isso pelo resgate. Não fique constrangido pelo drama da minha neta. É verdade que bater em Malta deixaria a todos nós um pouco mais felizes, mas nunca recorremos a isso... até agora.

Ela deu um leve sorriso ao Mercador Recomeço e tomou sua mão. Ronica conduziu o homenzinho gordo de volta à cadeira, e ele se sentou. Aquilo deixou Malta enjoada. As duas não viam como aquele homem era nojento, com o rosto e a cabeça calva reluzindo de suor, as roupas apertadas e fora de moda? Por que estavam agradecendo àquele sujeito por humilhá-la?

Nana entrou na sala com uma bandeja cheia de coisas de chá. Também trazia uma garrafa de vinho fortificado debaixo do braço, com uma toalha pendurada no ombro. Colocou a garrafa e a bandeja na mesa e então se virou, oferecendo a toalha a Malta. Estava úmida.

— Limpe o rosto — mandou a velha criada, com rudeza.

Os adultos a encararam e desviaram o olhar, dando alguma privacidade para que ela obedecesse. Malta sentiu-se grata, até que compreendeu o que eles estavam fazendo, mandando-a lavar o rosto como uma criança suja.

— Não vou limpar! — gritou, jogando a toalha no chão.

Houve um longo momento de silêncio. Por fim, a avó perguntou, num tom

casual:

— Você sabe que está parecendo uma puta?

— Não estou! — exclamou Malta. Ficou um pouco na dúvida, mas afastou a incerteza. — Cerwin Trell pareceu me achar bem atraente. Esse vestido e esse jeito de pintar meus olhos são a última moda em Jamaillia.

— Entre as putas, talvez — continuou a avó, implacável. — Eu não disse que você não estava "atraente". Você simplesmente não está atraente de um jeito que faria uma mulher de respeito se sentir confortável.

— Na verdade... — começou Davad Recomeço, pouco à vontade, mas a avó o interrompeu:

— Não estamos em Jamaillia, e você não é uma puta. Você é a filha de uma família Mercadora. E nós não ostentamos nossos corpos ou rostos em público. Fico admirada por você não ter percebido isso sem ajuda.

— Então eu queria ser uma puta jamailliana! — gritou Malta, exaltada. — Porque qualquer coisa seria melhor do que ficar sufocada aqui dentro. Forçada a me vestir como criança, mesmo sendo quase uma mulher, forçada a sempre ficar em silêncio, a ser educada, a passar... despercebida. Não quero crescer assim, não quero ser como você e minha mãe. Eu quero ser bonita, notada, quero me divertir, quero que os homens queiram ficar perto de mim e me mandar flores e presentes. E não quero me vestir com o que estava na moda no ano passado e me comportar como se nada nunca me animasse ou irritasse. Eu quero...

— Na verdade — interrompeu Davad, um pouco constrangido —, realmente tem uma, hã... moda similar em Jamaillia. Desde o ano passado. Uma das... hã... companheiras do sátrapa, por assim dizer, apareceu vestida assim. É... como uma... hã... mulher da rua. Não era num evento púbico, só uma reunião particular bem grande. Ela apareceu assim para declarar sua... é... completa devoção ao sátrapa e às necessidades dele. Para mostrar que estava disposta a... a ser vista e tratada como sua... bem... — Davad respirou fundo. — Isso não é algo que eu normalmente discutiria com qualquer uma de vocês — observou, sem jeito. — Mas aconteceu, e... bem, alguns ecos do fato foram vistos na moda, nos meses seguintes. A pintura das orelhas, as barras mais... acessíveis da saia...

Ele de repente ficou muito corado e se calou.

A avó balançou a cabeça, irritada.

— A que ponto chegou o nosso sátrapa. Ele quebra as promessas do próprio avô e do próprio pai e reduz suas Companheiras de Coração a putas para seus prazeres carnais. Foi-se o tempo em que uma família se orgulhava de ter uma de

suas filhas chamada de Companheira, um posto que exigia sabedoria e diplomacia. O que elas são agora? O harém dele? Um nojo. Não quero minha neta vestida assim, não importa se for uma moda popular.

— Você quer que eu seja uma velha deselegante como você e minha mãe — retrucou Malta. — Quer que eu deixe de ser criança para virar idosa. Bem, isso não vai acontecer. Porque não é isso o que eu quero.

— Nunca falei assim com minha mãe — disse Keffria de repente. — E não vou tolerar que você fale desse jeito com sua avó. Se...

— Se você tivesse falado assim, talvez tivesse uma vida! — interrompeu Malta, de repente. — Mas, não! Aposto que sempre foi tímida, quieta e obediente. Como uma vaca. Apresentada num ano e casada no ano seguinte, como uma bela vaca gorda levada para um leilão! Teve uma estação para dançar e se divertir, depois teve que se casar para ter bebês com o homem que fez a melhor oferta. — Suas palavras chocaram a todos na sala. Malta olhou bem para cada um deles. — Não é isso o que eu quero, mãe. Quero uma vida. Quero usar roupas bonitas e ir a lugares maravilhosos. Não quero me casar com um Mercador simpático que você escolher. Quero visitar Jamaillia, quero ir à corte do sátrapa... e não como uma mulher casada, arrastando uma penca de bebês. Quero ser livre disso tudo. Quero...

— Você quer nos arruinar — interrompeu a avó, sem erguer a voz, servindo o chá. Xícara após xícara, com calma e eficiência, enquanto dizia suas palavras de condenação. — Parece que você só quer, mas não para nem um segundo para pensar no que todos queremos ou precisamos. — Ela ergueu os olhos das xícaras e perguntou: — Chá ou vinho, Davad?

— Chá — respondeu o homem, agradecido. — Não que eu possa ficar muito tempo. Preciso voltar depressa, a tempo para a Apresentação das Oferendas. Não tenho ninguém para fazer a apresentação no meu lugar, você sabe. E parecia que a Mercadora Vintagli queria falar comigo. Eles não esperam que você vá este ano, claro, por conta do luto... — Ele se calou, sem jeito.

— Chá? Pois bem. — Ronica encheu a xícara com precisão, os olhos indo de Davad a Nana. — Nana, minha cara. Odeio lhe pedir isso, mas poderia levar Malta para a cama? E faça com que se lave. Desculpe ter de deixá-la a cargo disso.

— Não tem problema nenhum, senhora. É o meu dever.

E Nana agiu. Grande e implacável como quando Malta era pequena, agarrou a menina pelo pulso e a arrastou para fora da sala. Malta a seguiu em silêncio, mais pelo bem da própria dignidade do que por submissão. Não resistiu quando

Nana a despiu, e entrou sozinha na banheira fumegante que a mulher preparara. Na verdade, não disse uma só palavra à babá grande e autoritária, nem mesmo para interromper o monólogo entediante sobre como ela devia estar envergonhada.

Porque não estava envergonhada. Nem intimidada. Quando o pai voltasse para casa, todos teriam que responder pelo modo como a trataram. Por ora, teria que se contentar com o futuro.

Com o futuro e com a sensação arrepiante que o olhar de Cerwin Trell despertara nela. Pensou nos olhos dele, e o arrepio voltou. Pelo menos Cerwin sabia que ela não era mais uma garotinha.



19

TESTEMUNHO

— Dói muito?

— Você é capaz de sentir dor?

— Não como os humanos, mas compreendo a aflição que você...

— Então por que perguntou? Nenhuma resposta vai fazer sentido para você.

Os dois ficaram um longo tempo em silêncio. Vivácia ergueu os braços lisos, cruzando-os por cima dos seios, e ficou olhando para a frente, tentando controlar a onda crescente de pesar e desespero que sentia. A situação entre ela e Wintrow não tinha melhorado nem um pouco. Desde a parada em Agrião, o rapaz parecia cada dia mais ressentido da vida a bordo, o que tornava o que poderiam ter sido dias agradáveis numa tortura sem fim.

O vento soprava do Norte, empurrando-os para o Sul, onde o clima era mais quente. A única coisa boa era que o tempo estava bom, tudo o mais parecia horrível. A tripulação não estava se dando muito bem com Wintrow e, consequentemente, com Vivácia. A figura de proa tinha entreouvido as conversas dos marinheiros, então tinha uma ideia geral do que acontecera na Ilha da Garra. E compreendia qual era o problema, apesar de suas limitações. Sabia que Wintrow acreditava que tomara a decisão certa, e também tinha certeza, pelo que conseguia compreender a partir das memórias que guardava, que Ephron Vestrit teria concordado com o neto. Ainda assim, bastou saber que a tripulação o considerava um covarde — e que, aparentemente, o pai concordava — para Wintrow mergulhar em tristeza. E não precisou de muito mais que isso para Vivácia começar a sentir uma tristeza igualmente profunda.

Mesmo infeliz, Wintrow não tinha desistido, e Vivácia considerava aquilo uma prova de sua força de espírito. Mesmo ignorado pelos companheiros de bordo e obrigado a levar uma vida que detestava, o garoto trabalhava com afinco e se esforçava para aprender. Wintrow corria para obedecer às ordens como qualquer outro marinheiro e se esforçava todos os dias para dar conta de sua parte no trabalho no navio. Tinha se tornado tão capaz quanto qualquer grumete — e continuava aprendendo depressa, aplicando a mente e o corpo às tarefas,

comparando as ordens de Esteio e do pai sobre o que fazer com as velas. Parte daquela gana de aprender o ofício vinha de seu treinamento, voltado para agarrar toda e qualquer oportunidade de aprendizado. Privado de livros e pergaminhos, Wintrow absorvia as lições dos ventos e das ondas. Ele aceitava o trabalho físico da vida no navio da mesma forma como aceitara o trabalho braçal no pomar do monastério: simplesmente eram tarefas necessárias para aquele estilo de vida, e realizá-las bem era uma obrigação de quem trilhasse aquele caminho. E também havia algo mais que motivava o menino a dominar as competências de um marinheiro: Wintrow estava se esforçando para mostrar à tripulação, através de seus atos, que não temia os riscos necessários nem desdenhava das obrigações da vida de manheiro. Seu sangue Vestrit o mantinha de cabeça erguida mesmo sendo alvo do desprezo de Torg e seus companheiros de bordo. Wintrow não pediria desculpas pelo que fizera em Agrião, pois não achava que tinha errado. Mas isso não amenizava o sofrimento pelo desprezo da tripulação.

Claro que isso tudo tinha sido antes do acidente.

Wintrow estava sentado no convés, com a mão machucada apoiada no colo. Mesmo sem vê-lo, Vivácia sabia que, assim como ela, o menino fitava o horizonte, sem muito interesse nas pequenas ilhas por que passavam. Num dia como aquele, Althea teria se debruçado sobre a amurada, os olhos absorvendo a paisagem. Tinha chovido bastante no dia anterior, e os muitos pequenos córregos das ilhas estavam cheios e com a correnteza forte. Alguns seguiam tranquilamente para a água salgada, outros despejavam suas águas em cascatas no topo dos penhascos rochosos, formando cortinas de prata que batiam com violência na água do mar. Todos jorravam água doce, que flutuava por um tempo acima do sal, mudando as cores da água por onde o navio passava, navegando tranquilamente. Naquelas ilhas viviam inúmeras espécies de pássaros, aves marinhas, aves praianas e aves que habitavam os rochedos mais altos, todas acrescentando as próprias notas à música do dia. O inverno naquelas ilhas trazia apenas chuvas e verde. A oeste estava o Litoral Amaldiçoado, encoberto pelos típicos nevoeiros da estação mais fria e chuvosa — a nuvem gigantesca era formada quando o excesso de água nos rios da costa evaporavam, deixando o clima mais ameno e envolvendo as Ilhas Piratas em névoa. Aquelas ilhas jamais veriam neve, já que as águas quentes da Passagem Interior mantinham o verdadeiro inverno afastado.

Só que, por mais verdejantes e convidativas que as ilhas parecessem, os pensamentos de Wintrow estavam fixados numa baía mais distante, mais ao sul, a um dia de viagem do monastério. Talvez a viagem fosse mais fácil para ele se houvesse a mais leve esperança de o navio fazer uma parada lá — mas não

havia. O pai não era tolo, queria deixar Wintrow sem a menor esperança de fuga. A rota comercial que estavam seguindo os levaria a muitos portos, mas Tutano não estava entre eles.

Wintrow de repente abaixou a cabeça sobre os joelhos dobrados, infeliz, como se tivesse sentido os pensamentos do navio do mesmo jeito que Althea fazia. Não chorou porque, além de não ter mais o que chorar, sabia que Torg escarneceria de qualquer demonstração de fraqueza. Ele e Vivácia não tinham nem o direito de expressar a infelicidade que remoía o garoto por dentro e ameaçava despedaçá-lo. Depois de algum tempo, Wintrow respirou fundo e abriu os olhos, examinando a mão parcialmente fechada sobre o colo.

O acidente acontecera três dias antes. Um erro bobo, como quase todos os erros a bordo de um navio. Alguém tinha soltado a corda antes que Wintrow estivesse pronto. Vivácia não achava que tivesse sido de propósito, a animosidade da tripulação não chegava a esse nível. Fora só um acidente. A corda de cânhamo subiu, levando junto a mão de Wintrow, que acabou com os dedos cravados num gancho de suporte. Vivácia sentiu uma raiva em brasa queimando no peito ao se lembrar do que Torg dissera ao ver o garoto encolhido no convés, com a mão ensanguentada junto ao peito: “É isso que acontece quando você não presta atenção direito, seu rato covarde. E é sorte sua ter sido só um dedo, podia ter esmagado a mão inteira. Pode levantar agora mesmo e volte para o trabalho. Não tem ninguém aqui para assoar o seu nariz e secar seus olhinhos.” Depois que o segundo imediato se afastou, Brando se aproximou sem dizer uma palavra, sentindo-se muito culpado e trazendo um lenço quase limpo para enfaixar o dedo de Wintrow. O mesmo Brando que tinha soltado sem querer a corda que Wintrow estava segurando. O mesmo Brando que ainda estava com as costelas enfaixadas, sarando.

— Ah, me desculpe — murmurou Wintrow para a figura de proa. O silêncio se estendeu por um tempo considerável. — Eu não devia falar assim com você. Você me trata melhor do que qualquer um neste navio e pelo menos tenta entender o que eu sinto. Não é culpa sua eu estar tão infeliz, não mesmo. É só que tenho que estar aqui, mas queria estar em outro lugar. É só que sei que se você não fosse um navio-vivo, meu pai não me obrigaria a ficar, e isso me faz jogar a culpa em você. Mas você não pode controlar o que é.

— Eu sei — respondeu Vivácia, desanimada.

Não sabia o que era pior: quando Wintrow falava com ela ou quando ficava mudo e emburrado. Era só por ordem do pai que o garoto passava uma hora ao lado dela, de manhã e de tarde, e Vivácia não sabia por que Kyle obrigava o

garoto a lhe fazer companhia. Talvez ele achasse que os dois fossem desenvolver alguma amizade milagrosamente? Ah, ele não podia ser tão tolo — ninguém podia ser tolo a ponto de supor que tinha como forçar o garoto a amá-la. Como ela era a embarcação da família Vestrit e Wintrow era um Vestrit, Vivácia não conseguia evitar a ligação que sentia com ele — ao contrário de Wintrow, claro.

Lembrou-se daquela primeira noite, no auge do verão. Aquilo parecia ter acontecido num passado tão distante... na primeira noite que Wintrow passou a bordo. Ah, tinham começado tão bem. Se tivessem permitido que a amizade entre os dois se formasse naturalmente... Bem, não tinha por que sentir falta daquela noite, era como quando deixava os pensamentos se voltarem para Althea. Ah, queria tanto que a garota estivesse ali... Já era bem difícil ficar sem ela, mas a sensação só piorava porque não sabia o que tinha acontecido com a jovem.

Vivácia soltou um suspiro.

— Não fique triste — pediu Wintrow. Então, percebendo como suas palavras eram inúteis, também suspirou. — Acho que isso deve ser tão ruim para você quanto para mim.

Vivácia não conseguiu pensar no que responder, então simplesmente não respondeu. A água ondulava, cortava pela proa, e a brisa constante os impelia para a frente. O timoneiro era bem competente — claro que era, tinha sido escolhido pelo capitão Vestrit, estava a bordo havia quase vinte anos. Aquela deveria ser uma noite tranquila e agradável por estarem navegando para o sul, para longe do frio do inverno e de volta para o calor, e era por isso que a tristeza a consumia ainda mais intensamente.

Durante os últimos dias, tinha ouvido de Wintrow palavras de raiva, de frustração e de tristeza. Parte dela sabia que aquelas palavras eram apenas Wintrow revoltado contra o próprio destino, e não contra ela, mas parecia incapaz de relevá-las. Sempre que se permitia pensar nelas, as palavras ainda cortavam como ganchos.

Na manhã do dia anterior, Wintrow a deixara bem chateada. Depois de uma noite de vigia particularmente ruim, o garoto dissera que não via a mão de Sá na criação de um navio-vivo, e que Vivácia, portanto, não partilhava da força divina. Wintrow tinha dito que o Navio era apenas um simulacro de vida e espírito criado pelos homens para satisfazer a própria ganância. Aquelas palavras deixaram Vivácia horrorizada, mas a situação piorara ainda mais quando Kyle se aproximara do garoto por trás e o derrubara no convés com um soco, furioso por ver o filho provocar o navio-vivo daquele jeito. Depois daquilo, até os

marinheiros mais gentis da tripulação passaram a falar mal de Wintrow, dizendo que o garoto acabaria atraindo azar com aquelas palavras cruéis. Além de Kyle provavelmente não saber que Vivácia sentiria o golpe com a mesma intensidade que Wintrow, ele também não tinha parado para pensar que aquela não devia ser a melhor maneira de ajudar o filho a desenvolver sentimentos de ternura pelo navio. Ignorando isso tudo, o capitão ordenara que o garoto descesse do convés e fizesse algumas tarefas extras, escolhendo justamente as coisas que Wintrow mais odiava fazer a bordo. Vivácia ficara sozinha, remoendo aquelas palavras venenosas e se perguntando se poderiam ser verdadeiras.

Wintrow a fazia pensar em coisas que nenhum outro Vestrit que passou por seus conveses tinha sequer cogitado. Wintrow parecia passar quase todo o tempo a considerar a própria vida em relação às outras. Como todos os Vestrit que subiram a bordo dela eram devotos de Sá, mesmo que sem muita consideração ou esforço, Vivácia conhecia o deus. Mas nenhum dos outros Vestrit ponderava sobre a existência do divino nem pensava em ver sinais da natureza divina na vida que levavam. Nenhum deles acreditava tão intensamente na bondade e honra inatas a cada homem, nem apreciava a ideia de que cada ser tinha um destino especial, de que havia alguma necessidade no mundo que apenas aquela vida, se vivida corretamente, poderia satisfazer. Portanto, nenhum dos outros Vestrit tinha ficado tão desapontado quanto Wintrow, ao lidar com marinheiros todos os dias.

— Acho que vou precisar amputar o dedo — comentou o garoto, numa voz baixa e hesitante, como se botar o medo em palavras pudesse torná-lo realidade.

Vivácia permaneceu calada. Era a primeira vez que Wintrow puxava conversa desde o acidente. De repente reconheceu o medo profundo que o garoto escondera por trás de todas aquelas palavras cruéis. Iria simplesmente ouvir, deixando Wintrow compartilhar o que pudesse.

— Acho que não apenas quebrou. Acho que a junta foi esmagada. — Eram palavras simples, mas ela sentiu o medo terrível que encobriam. Wintrow respirou fundo e encarou o fato que vinha negando. — Acho que eu já sabia desde o momento em que aconteceu. Mas mesmo assim mantive as esperanças... Só que minha mão não para de inchar desde hoje de manhã. E sinto que a bandagem está molhada por dentro. — A voz ficou ainda mais baixa. — É tão... bobo. Já cuidei dos ferimentos de outras pessoas. Não como curandeiro, claro, mas sei limpar uma ferida e trocar bandagens. Só que agora é na minha própria mão... E não tenho coragem de olhar o machucado desde a noite passada.

Ele fez uma pausa. Vivácia o ouviu engolir em seco.

— Não é estranho? — prosseguiu Wintrow, numa voz mais aguda e forçada. — Eu estava presente quando Sá'Garit amputou a perna de um homem. Não tinha jeito, precisava amputar. Era muito óbvio. Mas o homem não parava de dizer: "Não, não, vamos esperar mais um pouco, talvez melhore." E a perna piorava a cada hora. No fim das contas, a esposa o convenceu a nos deixar fazer o que tinha que ser feito. Na época, fiquei me perguntando por que o homem tinha prolongado tanto a situação, em vez de simplesmente acabar logo com aquilo. Não entendia como alguém podia se agarrar a um pedaço de carne e osso apodrecido só porque já tinha sido uma parte útil do corpo.

A voz falhou de repente. Wintrow se curvou para a frente outra vez, envolvendo a mão. Vivácia sentia o latejar da dor, o pulsar incessante ecoando cada batida do coração.

— Será que alguma vez olhei de verdade para minhas mãos? Será que realmente apreciei a existência delas? As mãos de um sacerdote... Sempre se fala nisso, nas mãos de um sacerdote. Eu passei a vida toda com mãos perfeitas. Dez dedos, todos ágeis e funcionando... Eu fazia vitrais. Sabia, Vivácia? Eu me sentava e mergulhava tão fundo no trabalho... minhas mãos pareciam se mover quase que por vontade própria. E agora...

Wintrow ficou quieto outra vez. Vivácia ousou se pronunciar:

— Muitos marinheiros perdem os dedos. Ou membros inteiros. Mas, mesmo assim...

— Eu não sou marinheiro. Sou um sacerdote. Eu estava destinado a ser um sacerdote até meu pai me condenar a essa vida. Ele está acabando comigo. Está tentando me destruir de propósito. Todos aqui zombam da minha fé. Quando tento me agarrar aos meus ideais, usam minhas crenças contra mim. Não aguento mais. Isso que ele está fazendo comigo, o que todos estão fazendo comigo... estão destruindo...

— Mas, mesmo assim, esses marinheiros continuam sendo o que são, com ou sem os membros — continuou Vivácia, implacável. — Você não é um dedo, Wintrow. Você é um homem. Se cortar o cabelo e as unhas, ainda vai ser Wintrow, um homem. E se você é um sacerdote, então não vai deixar de ser, não importa se tiver nove ou dez dedos. Se é para você perder um dedo, então vai perder um dedo. Mas não use isso como desculpa para deixar de ser quem é.

Ela fez uma pausa, quase saboreando o silêncio aturdido do garoto.

— Eu sei pouco sobre Sá, Wintrow — continuou o navio —, mas sei muito sobre os Vestrit. Você vai ser o que nasceu para ser, não importa se o seu destino for de sacerdote ou de marinheiro. Então siga em frente e seja. Não deixe que

nada impeça o seu destino. Seja a única força que molda o seu caráter. Seja quem você é. Aí, querendo ou não, todos vão ter que reconhecer o que você for. E se sua vontade é se moldar à imagem de Sá, então faça isso. Mas pare de choramingar.

— Vivácia — sussurrou o menino, quase como uma bênção.

Wintrow encostou a mão boa nas tábuas de madeira-arcana. Hesitou por um momento, então apoiou a mão machucada, com a palma para baixo, ao lado da mão boa. Pela primeira vez desde que Althea desembarcara, Vivácia sentiu que alguém da sua família a tocava em busca de forças. Duvidava que o garoto soubesse o que estava fazendo. Talvez achasse que estivesse rezando para Sá, com a cabeça abaixada daquele jeito, sussurrando. Mas não importava a quem o rapaz estivesse pedindo forças: foi Vivácia quem atendeu.

— Wintrow — começou a figura de proa, muito calma, depois que ele terminou de murmurar suas palavras. — Vá falar com seu pai, explique o que precisa ser feito. E exija que seja feito aqui, ao meu lado. Se não quiserem atender seu pedido, peça em meu nome.

Vivácia achou que o menino fosse hesitar, mas Wintrow se levantou com graça. Sem dizer uma palavra, ele seguiu até a cabine do capitão e bateu à porta com a mão boa.

— Entre — respondeu Kyle.

Vivácia não via tudo que acontecia a bordo, mas tinha consciência de tudo, de um jeito que os humanos não tinham sequer como botar em palavras. Sentia o coração palpitante de Wintrow e o pequeno salto de triunfo que ele sentiu quando o pai ergueu os olhos dos relatórios de carga e o viu ali, de pé, tão corajosamente diante dele.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Kyle, seco. — Você é só o grumete do navio, nada mais. Não venha choramingar para mim.

Wintrow ficou em silêncio até o pai terminar. Então falou, com a voz firme:

— Preciso que este dedo seja amputado. A junta foi esmagada, e o machucado está infeccionado. Sei que não vai melhorar. — Ele tomou fôlego, ansioso. — Queria que isso fosse feito enquanto o ferimento está só no dedo, e não na mão inteira.

Quando Kyle respondeu, foi com uma voz pastosa e incerta:

— Tem certeza? Foi o imediato quem disse isso? É ele quem cuida dos assuntos médicos, quando estamos a bordo.

— Não preciso de um médico para saber o que precisa ser feito. O senhor

mesmo pode ver. — Com uma casualidade que Vivácia sabia que Wintrow não sentia, o garoto começou a desenrolar a bandagem coberta de sangue seco. O pai soltou um gemido. — O cheiro também está ruim — observou Wintrow, ainda naquele tom despreocupado. — Quanto antes você amputar esse dedo para mim, melhor.

O pai se levantou, arrastando a cadeira para trás.

— Vou buscar o imediato para você. Sente-se, filho.

— Eu prefiro que o senhor faça isso, se não se importar. E lá no convés, ao lado da figura de proa. — Vivácia quase sentiu o olhar calculado de Wintrow, indicando o aposento. — Não tem por que deixar sua cabine cheia de sangue — acrescentou, quase como se só tivesse pensado naquilo depois de examinar as paredes.

— Não posso... Eu nunca...

— Eu posso mostrar onde cortar, senhor. Não é muito diferente de desossar uma galinha para pôr na panela. É só cortar a junta. Foi outra coisa que aprendi no monastério. Às vezes eu achava incrível quanto a culinária tem em comum com a medicina. As ervas, o conhecimento sobre... carne. As facas.

Vivácia percebeu que aquilo era uma espécie de desafio. Não compreendia muito bem todos os detalhes, e não tinha certeza se o próprio Wintrow compreendia. Tentou analisar a questão: Kyle perderia caso se recusasse a cortar o dedo infeccionado do filho. Mas perderia por quê? E o quê? Não tinha certeza, mas suspeitava que estava relacionado a quem de fato controlava a vida de Wintrow. Talvez o garoto estivesse desafiando o pai a encarar a vida que forçara o filho a levar, a confrontar a dureza de sua decisão. E também tinha algo a ver com o desafio tolo de arriscar o próprio corpo, que Wintrow se recusara a aceitar, em Agrião. O menino tinha sido tachado de covarde por querer preservar o corpo, como se tivesse medo da dor. Com aquilo, Wintrow provaria a todos que não recusara a luta por medo da dor. Vivácia sentiu um arrepio de orgulho. Aquele menino era mesmo diferente de todos os Vestrit que já transportara.

— Vou chamar o imediato — retorquiu Kyle Porto, com firmeza.

— O imediato não serve — afirmou Wintrow, muito calmo.

Kyle o ignorou. Foi até a porta, abriu-a, e se inclinou para fora, gritando pelo imediato.

— Eu sou o capitão deste navio — disse a Wintrow, durante o silêncio que se seguiu. — E, neste navio, eu é que decido o que serve ou não. E eu é que decido quem faz o quê. O imediato é quem cuida dos assuntos médicos, não eu.

— Achei que meu pai fosse preferir resolver isso ele mesmo — tentou Wintrow, baixinho. — Mas vejo que o senhor não tem estômago para uma coisa dessas. Bem, vou esperar pelo imediato na coberta de proa.

— Não é uma questão de estômago — retrucou Kyle, irritado.

Vivácia teve um vislumbre do que Wintrow provocara. O rapaz tinha transformado a questão entre o grumete e o capitão num problema entre pai e filho.

— Então venha e assista, pai. Para me dar coragem — pediu o menino. Não era um apelo, era um simples pedido.

Wintrow saiu da cabine sem esperar ser dispensado, sem nem mesmo esperar uma resposta. Enquanto o garoto se afastava, Esteio se aproximou da porta. O capitão, desconcertado, mandou que ele fosse buscar o estojo de cirurgião e ir até a coberta de proa. Wintrow não parou, continuou avançando calmamente de volta para a coberta de proa.

— Eles estão vindo — sussurrou para o navio. — Meu pai e o imediato estão vindo amputar meu dedo. Só peço a Sá que eu não grite.

— Você tem força de vontade o suficiente para segurar o grito — respondeu Vivácia. — Na hora do corte, apoie a mão no meu convés com a palma para baixo. Vou ficar ao seu lado.

O garoto não respondeu. Uma brisa suave inflou as velas e soprou o cheiro do suor e do medo dele. Wintrow se sentou e, com muita paciência, começou a remover o resto da bandagem da mão machucada.

— Não — declarou, num tom definitivo. — Não tem como salvar esse dedo. É melhor me separar dele antes que envenene todo o corpo.

Vivácia sentiu o menino se soltar do dedo, removê-lo da percepção que tinha de si próprio. Em sua mente, Wintrow já tinha amputado aquele pedaço de carne.

— Eles estão vindo — sussurrou Vivácia.

— Eu sei. — Ele soltou uma risadinha ansiosa e arrepiante. — Posso senti-los chegando através de você.

Era a primeira vez que o garoto reconhecia aquilo. Vivácia desejou que pudesse ter sido num momento diferente, com tempo para conversarem em particular ou simplesmente ficarem sozinhos para explorar a união. Mas os dois homens chegaram à coberta de proa, e Wintrow se levantou depressa, como que por reflexo, e se virou para encará-los. Segurava a mão ferida na palma da mão boa, como uma oferenda.

Kyle indicou o filho com o queixo.

— O garoto acha que precisa amputar o dedo. O que você diz?

O coração de Wintrow pareceu parar no peito e voltar a bater logo em seguida. Sem dizer nada, o menino mostrou a mão para o imediato. Esteio examinou o membro e arreganhou os dentes, em repulsa.

— O garoto está certo. — Falava com o capitão, não com Wintrow. Agarrou o pulso direito do rapaz com firmeza e virou a mão para ver o dedo por todos os ângulos. Soltou um gemido de nojo. — Vou ter uma palavrinha com Torg. Eu devia ter visto essa mão mais cedo. Mesmo cortando o dedo, o garoto vai precisar de um dia ou dois de descanso. Parece que o veneno já passou para a mão.

— Torg é bom no que faz — retorquiu Kyle. — Nenhum homem tem como prever tudo.

Esteio encarou o capitão nos olhos. Quando respondeu, sua voz não tinha nenhum tom de confronto:

— Mas Torg tem um gênio ruim. E isso só piora quando ele pode mandar numa pessoa que ele acha que deveria ser superior a ele. Brashen era um bom marinheiro, mas perdia a cabeça com Torg, e por isso acabou ficando com uma imagem ruim. Quando Torg começa a implicar, não sabe a hora de parar. — Esteio prosseguiu, com mais cautela: — Não é questão de favoritismo, não precisa se preocupar. Não me importa o nome desse garoto, senhor. Ele é um tripulante do navio, e um navio funciona melhor quando todos os tripulantes podem trabalhar. — Ele fez uma pausa. — Vou ter uma palavrinha com Torg — repetiu, e Kyle não retrucou.

Só então Esteio se dirigiu a Wintrow:

— Você está pronto para isso. — Não era bem uma pergunta, era mais uma afirmação de que o garoto sabia que aquilo era necessário.

— Estou — falou Wintrow, numa voz grave e profunda.

O garoto apoiou um joelho no chão, quase como se estivesse jurando lealdade a alguém, e estendeu a mão ferida sobre o convés de Vivácia. A figura de proa fechou os olhos e se concentrou naquele toque, nos dedos pressionados contra as tábuas de madeira-arcana da coberta de proa. Ficou feliz por a coberta ser de madeira-arcana. Era um uso pouco comum para uma madeira tão cara, mas Vivácia garantiria que aquele dia a coberta de proa valeria cada moeda. Agarrou-se à mão de Wintrow, acrescentando a própria determinação à do menino, para ajudá-lo a não mexer a mão.

O imediato se agachou ao lado de Wintrow e começou a desenrolar um estojo

de lona com algumas ferramentas — facas e sondas em bolsos, agulhas espetadas na lona, algumas já com uma linha fina de tripas de peixe. Ele terminou de desenrolar o estojo, revelando as serras de dentes pequenos e grandes, e Wintrow engoliu em seco. Esteio colocou bandagens de algodão e linho ao lado das ferramentas.

— Você vai precisar de conhaque — anunciou o imediato, seco. Seu coração pulsava intensamente, e Vivácia ficou feliz por ele não ser insensível àquela situação.

— Não. — A voz do garoto saiu baixa.

— Ele talvez precise. Depois — ousou acrescentar Vivácia.

Wintrow não a contradisse.

— Vou buscar — anunciou Kyle, seco.

— Não — disseram ela e Wintrow, juntos.

— Quero que você fique — declarou Vivácia, mais baixo. Era seu direito. — Quando cortam Wintrow, eu também sangro, por assim dizer — explicou, para o caso de Kyle não saber. Então acrescentou, tentando controlar o próprio nervosismo: — Tenho o direito de exigir que você esteja aqui, comigo, enquanto uma coisa tão perturbadora como essa estiver acontecendo no meu convés.

— Podemos levar o garoto para baixo — sugeriu Kyle, com grosseria.

— Não — proibiu ela. — Se essa mutilação precisa ser feita, quero que seja aqui, onde posso testemunhar. — Vivácia não viu necessidade de acrescentar que estaria consciente do ato, não importava em que parte do navio fosse realizado. Se Kyle preferia saber tão pouco sobre ela, deixaria que continuasse assim. — Mande um dos outros.

Kyle se virou para onde ela indicou e teve de conter o susto. O rumor se espalhara depressa, e cada tripulante desocupado encontrara uma desculpa para ir para perto da coberta de proa. Brando, lívido, quase deu um pulo quando Kyle apontou para ele.

— Você. Vá buscar conhaque e um copo. Depressa.

O garoto disparou para obedecer, os pés batendo no convés enquanto se afastava correndo. Ninguém mais se moveu. Kyle decidiu ignorar os marujos.

Wintrow respirou fundo, sem dar nenhum sinal de que notara os marinheiros reunidos para assistir. Quando falou, foi para Esteio. Ergueu a mão esquerda e apontou com cuidado para a direita, ferida.

— Tem um lugar, bem aqui... na junta. É onde você vai ter que cortar. Vai

precisar entrar... com a ponta da faca... e meio que sentir enquanto corta. Se apertar a junta da própria mão, vai encontrar o ponto de que estou falando. Assim não vai sobrar ponta de osso... E, depois, você precisa puxar a pele por cima do... corte. E costurar. — Ele pigarreou, então falou, numa voz mais clara: — É melhor ir com cuidado do que com pressa. Tem que ser um corte limpo, não um talho.

Wintrow respirava fundo entre cada frase, tentando manter o controle. Nem a voz nem a mão vacilaram quando ele indicou o que tinha sido o indicador da mão direita, o dedo que algum dia poderia ter usado o anel de juramento de um sacerdote, caso o pai tivesse permitido que ele seguisse aquela vida. *Sá, peço que tenha misericórdia e não me deixe gritar*. *Não me deixe desmaiar nem desviar o olhar. Se tenho que fazer isso, permita que eu faça direito.*

O fervor de seus pedidos era tão intenso que Vivácia acabou se juntando a ele. Wintrow tomou fôlego uma última vez, inspirando longamente, enquanto Esteio escolhia uma faca e a erguia. Era uma ferramenta boa, brilhante, limpa e afiada. Wintrow assentiu, ouvindo os pés de Brando às suas costas, seguido de um sussurro, “Trouxe o conhaque, senhor.” Aquilo parecia vir de muito longe, uma frase tão tênue e sem significado quanto os gritos das gaivotas. Vivácia reparou que Wintrow estava fazendo alguma coisa inusitada. Os músculos relaxavam a cada respiração. O garoto se encolheu dentro de si, cada vez menor e mais imóvel, quase como se estivesse morrendo. *Ele vai desmaiar*, pensou o navio-vivo, enchendo-se de pena.

No instante seguinte, Wintrow fez algo que ela não compreendeu. Ele saiu de si — não deixou o corpo, mas se separou da própria carne. Era quase como se o menino tivesse se unido a ela e passado a olhar através dos olhos da figura de proa para o garoto esguio, ajoelhado e imóvel na coberta de proa. Seu cabelo se soltara da trança de marinheiro, e alguns fios dançavam na testa, outros grudavam com o suor. Mas os olhos se mantinham calmos, a boca, relaxada enquanto a lâmina reluzente descia sobre sua mão.

Uma dor imensa cresceu em algum lugar dentro dele, mas Wintrow e Vivácia simplesmente assistiram o imediato colocar mais peso na lâmina para forçá-la para dentro da carne. Sangue vermelho e brilhante jorrou. *Sangue limpo*, observou Wintrow, de algum lugar. *A cor está boa, vermelho-escuro.* Mas o menino não disse uma só palavra, e o som do imediato engolindo em seco enquanto cortava foi quase tão alto quanto o de Kyle, que respirou fundo e estremeceu quando a lâmina afundou na junta.

Esteio era bom naquilo, e a ponta da lâmina entrou no espaço entre as juntas.

Wintrow sentia mais que ouvia o som da ferramenta cortando. Uma dor aguda subiu pelo osso do dedo, percorrendo o braço, ligeira e ardente, até a espinha. *Ignore*, ordenou a si mesmo. Numa demonstração de força de vontade que Vivácia nunca tinha testemunhado, o garoto manteve os músculos do braço relaxados. Não se permitiu contrair os músculos ou se afastar. Sua única concessão foi agarrar com força o pulso da mão direita com a esquerda, como se isso pudesse impedir a dor de subir pelo braço. O sangue jorrava, acumulando-se entre o polegar e o dedo médio. Vivácia sentiu o líquido quente nas tábuas do convés, encharcando a madeira-arcana. Absorveu o sangue, apreciando a intimidade, o sal e o cobre do líquido.

O imediato seguiu o desejo de Wintrow à risca. Depois de ouvir um som baixo de osso sendo triturado quando a última cartilagem cedeu à pressão da lâmina, Esteio puxou a faca com cuidado para cortar o último pedaço de pele. O dedo estava no convés, uma entidade separada, um pedaço de carne. Wintrow abaixou a mão esquerda com cuidado, pegou o dedo decepado e o deixou de lado. Com o polegar e o indicador da mão esquerda, apertou a pele sobre o ferimento, cobrindo a ponta que tinha sustentado o indicador direito.

— Costure — pediu ao imediato, muito calmo, enquanto o próprio sangue escorria e pingava no convés. — Não muito apertado, só o suficiente para segurar a pele sem arrebentar a linha. A menor agulha e a linha mais fina que tiver.

Kyle tossiu e deu as costas ao filho. Com passos rígidos, o capitão foi até a amurada e ficou olhando para as ilhas que passavam, como se de repente estivesse fascinado pela paisagem. Wintrow pareceu não notar, mas Esteio deu uma olhada rápida para o capitão, apertou os lábios, engoliu em seco e pegou a agulha. O garoto segurou a própria carne no lugar enquanto o imediato costurava e amarrava com linha de tripa de peixe. Enquanto o imediato enfaixava o lugar onde estivera o dedo, Wintrow apoiou a palma da mão esquerda ensanguentada no convés, aguentando firme. Durante todo esse tempo, não deu nenhum sinal de que estava sentindo dor, fosse por palavras ou movimentos. *Podia muito bem estar assistindo enquanto costuram uma lona*, pensou Vivácia. Não. Em algum lugar, o garoto tinha consciência da dor. O corpo estava consciente, e o suor escorria pelas costas, encharcando a camisa e grudando-a ao corpo. Wintrow sentia a dor em algum lugar, mas tinha separado a mente daquilo. Era só um sinal insistente do corpo, anunciando que algo estava errado; um sinal como a fome ou a sede — algo que podia ser ignorado.

Ah, entendo. Vivácia não entendia, não exatamente, mas ficou comovida com o que Wintrow partilhava. Quando o imediato terminou de enfaixar o coto, o

garoto ficou de cócoras, mas teve o bom senso de não tentar se levantar. Não tinha por que tentar a sorte. Tinha ido longe demais para estragar tudo com um desmaio. Em vez disso, aceitou o copo de conhaque que Brando serviu com as mãos trêmulas, bebendo tudo em três goles lentos. Não virou tudo de uma vez, mas entornou o líquido como quem bebe água quando está com muita sede. Quando devolveu o copo a Brando, viu as marcas de sangue de seus dedos.

Wintrow olhou em volta, trazendo a consciência aos poucos de volta para o corpo, e cerrou os dentes ao sentir a onda de dor lancinante. Pontos negros dançaram diante de seus olhos, e ele piscou para afastá-los, concentrando-se nas duas marcas de mãos ensanguentadas que deixara no convés. O sangue tinha sido absorvido pela madeira-arcana, e os dois sabiam que não importava o quanto esfregassem com areia, aquelas marcas jamais seriam apagadas. Aos poucos, ergueu a cabeça e olhou ao redor. Esteio, que estava limpando a faca com um trapo, retribuiu seu olhar de cenho franzido, mas também com um leve sorriso, e assentiu muito discretamente. Brando ainda estava lívido, de olhos arregalados. Kyle olhava a paisagem além da amurada.

— Eu não sou covarde. — Wintrow não tinha falado muito alto, mas sua voz foi ouvida. O pai se virou devagar diante das palavras desafiadoras. — Eu não sou covarde — repetiu o menino, mais alto. — Não sou grande. Não saio dizendo que sou forte. Mas também não sou fraco nem covarde. Sei aceitar a dor quando ela é necessária.

Kyle estava com um brilho estranho nos olhos. A sombra de um sorriso despontou no canto de seus lábios.

— Você é *mesmo* um Porto — declarou o pai, com um orgulho contido.

Wintrow o encarou. Não respondeu em tom de desafio nem com intenção de ferir, mas as palavras foram claras:

— Eu sou um Vestrit. — Olhou para as marcas vermelhas de sangue, suas mãos estampadas no convés da Vivácia, e para o dedo decepado que ainda jazia ali. — Você fez de mim um Vestrit. — Ele sorriu, sem alegria ou satisfação. — O que foi que minha avó disse? É o sangue falando? É mesmo. — Wintrow se agachou no convés e pegou o dedo decepado. Examinou o pedaço de carne atentamente, então o ergueu para o pai. — Esse dedo nunca usará o sinete de um sacerdote — declarou. Para alguns, o garoto poderia soar bêbado, mas Vivácia sabia que sua voz estava embargada pela tristeza. — Vai aceitá-lo, senhor? Como símbolo de sua vitória?

O belo rosto do capitão Kyle ficou corado com o sangue da fúria. Vivácia suspeitava que o homem estivesse quase sentindo ódio do sangue de seu sangue

e da carne de sua carne. Com um brilho muito estranho nos olhos, Wintrow avançou devagar na direção do pai. Vivácia tentou compreender o que estava acontecendo. Algo estava mudando dentro do garoto, uma força se desenrolava e o preenchia. Ele encarou o pai bem nos olhos, mas continuou sem qualquer traço de raiva ou de dor na voz, avançando corajosamente até um ponto perto o bastante para que o pai pudesse golpeá-lo. Ou abraçá-lo.

Mas Kyle Porto não moveu um músculo. Sua imobilidade era uma negação de tudo o que o garoto representava, de tudo o que fizera. Naquele instante, Wintrow soube que jamais agradaria o pai, que aquele homem nunca nem sentira o desejo de ser agradado por ele. Tudo o que Kyle queria era dominá-lo, e agora sabia que não conseguiria.

— Não, senhor? Ah, pois bem.

Com uma casualidade que não podia ser fingida, Wintrow foi até a proa do navio. Demorou-se um pouco examinando o dedo descartado: a unha quebrada e suja pelo trabalho, a carne mutilada, o osso esmagado. Então jogou o pequeno pedaço de carne por cima da amurada como se não fosse nada, como se jamais tivesse sido unido a seu corpo. Wintrow permaneceu ali, sem se apoiar na amurada, simplesmente empertigado ao lado de Vivácia. Olhava para o horizonte longínquo, para um futuro que lhe havia sido prometido e que agora parecia mais inalcançável do que dias ou distâncias poderiam expressar. Seu corpo oscilou de leve. Ninguém mais se moveu ou falou, até o capitão estava imóvel, os olhos fixos no filho, como se pudesse perfurá-lo apenas com o olhar, os tendões e músculos de seu pescoço muito retesados.

Esteio quebrou o momento:

— Brando, leve o grumete lá para baixo e o coloque no catre. Vá de hora em hora ver como ele está. Venha me chamar se o garoto tiver febre alta ou começar a delirar. — Enrolou as ferramentas e amarrou a lona em volta delas, então abriu um estojo de madeira e procurou alguma coisa entre garrafas e papelotes. Nem ergueu a cabeça ao acrescentar, com toda a calma: — É melhor o resto ir procurar o que fazer, antes que eu cuide disso.

A ameaça era boa o bastante, e os homens se dispersaram. As palavras tinham sido simples, dar aquelas ordens era sua responsabilidade como imediato, mas ninguém deixou de perceber que, quase sem alarde, Esteio se colocara entre o capitão e o filho. Tinha interferido tão discreta e eficientemente quanto teria feito para qualquer outro homem a bordo que acabasse sob a atenção do capitão. Não era incomum para um imediato, e Esteio tivera que agir assim muitas vezes antes, logo que Kyle assumiu o comando. Mas o homem nunca tinha se

intrometido entre o capitão e o filho. Fazer aquilo indicava que aceitava Wintrow como membro da tripulação, em vez de considerá-lo o filho mimado do capitão, levado a bordo para ser disciplinado.

Brando tentou parecer invisível enquanto aguardava. Passado algum tempo, o capitão Porto se virou sem dizer uma palavra e seguiu a passos largos rumo à popa. Brando ficou assistindo o homem se afastar, então desviou o olhar, como se fosse vergonhoso ver seu capitão voltar para a própria cabine.

— E, Brando — prosseguiu Esteio de repente, como se não tivesse feito pausa —, ajude Wintrow a levar o equipamento e a roupa de cama dele para o castelo de proa. Ele vai dormir com os outros homens. Assim que o garoto estiver instalado, faça com que beba isto. Só uma colher, mais nada, e traga o resto de volta na mesma hora. É láudano — acrescentou, erguendo a voz para que Wintrow ouvisse. — Quero que ele durma. Vai acelerar a recuperação. — Entregou a garrafa marrom bojuda ao antigo grumete, então se levantou e enfiou o estojo debaixo do braço.

Sem mais nenhuma palavra, Esteio deu as costas aos dois e partiu.

— Sim, senhor — concordou Brando, e se aproximou timidamente de Wintrow. Quando o garoto não se dignou a notá-lo, tomou coragem para puxar sua manga. — Você ouviu o imediato — lembrou, sem jeito.

— Prefiro ficar aqui. — A voz de Wintrow saía distraída e sonhadora. Vivácia entendeu que o preço da dor teria que ser pago mais cedo ou mais tarde. O menino evitara que o corpo reagisse no momento do ato, mas isso o deixara completamente exausto.

— Eu sei — concordou Brando, quase gentilmente. — Mas foi uma ordem.

Wintrow deu um longo suspiro e se virou.

— Eu sei.

Então com a docilidade do cansaço, seguiu o outro para baixo.

Pouco depois, Vivácia reparou que o próprio Esteio assumira o timão. Ele sempre fazia isso quando estava perturbado e queria tempo para pensar. O homem não era ruim como imediato, pensou consigo mesma. Brashen tinha sido melhor, mas Brashen passara mais tempo com ela. Esteio tinha um toque seguro e firme no timão; um pouco tranquilizador e nada desconfiado.

A figura de proa olhou furtivamente para baixo e abriu a mão, deixando à mostra o dedo decepado. Achava que ninguém tinha visto que o pegara. Não saberia explicar por que tinha feito aquilo, só sabia que o dedo tinha sido uma parte de Wintrow e que não estava disposta a perder nem mesmo um fragmento

tão pequeno dele. Era tão minúsculo se comparado aos próprios dedos, um pedaço fino e arredondado de osso articulado coberto de carne e pele e, na ponta, uma unha saliente. Mesmo esmagado e ensanguentado daquele jeito, a delicadeza e a riqueza de detalhes eram fascinantes. Comparou o dedo à própria mão. Seu entalhador fizera um trabalho excelente com suas juntas e unhas, até mesmo com os tendões no dorso da mão, mas não havia um padrão delicado de folículos na pele, nem nenhum pelo diminuto, nenhum conjunto de linhas espiraladas nas pontas. Concluiu, com pesar, que seu próprio corpo só era vagamente semelhante ao de uma criatura de carne e osso.

Examinou aquele tesouro durante mais algum tempo, então olhou furtivamente para a popa, antes de levá-lo aos lábios. Não podia jogar o dedo fora e só tinha um lugar onde guardá-lo, então colocou o pedaço de carne na boca e engoliu. Tinha gosto do cheiro do sangue de Wintrow: de sais, de cobre e, estranhamente, do próprio mar. Engoliu o dedo, fazendo com que se tornasse parte dela. E ficou imaginando o que aconteceria com aquele pedaço de carne no fundo da garganta de madeira-arcana, até que sentiu a matéria ser absorvida do mesmo jeito que as tábuas do convés sorveram o sangue.

Nunca tinha comido carne. Nunca tinha sentido fome ou sede. Mas, quando colocou a o pedaço decepado de Wintrow dentro de si, satisfez alguma ânsia que até então não tivera nome.

— Agora somos um — sussurrou para si mesma.

Wintrow se remexeu, inquieto, sobre um catre no castelo de proa. O láudano podia suavizar a dor, mas não cessava o latejar na mão. Ainda dava para sentir a carne quente e seca, retesada sobre os ossos do rosto e do braço.

— Ser um com Sá — murmurou o menino, numa voz estridente. O objetivo definitivo do sacerdote. — Serei um com Sá — repetiu, com mais firmeza. — É o meu destino.

Vivácia não teve coragem de contradizê-lo.

Estava chovendo — uma chuva incessante, a marca registrada do inverno de Vilamonte. A água escorria por suas madeixas entalhadas e pingava da barba para o peito nu. Estalão cruzou os braços diante do corpo e balançou a cabeça, espalhando as gotas pesadas. Frio. A sensação do frio era humana, uma das memórias armazenadas nele. *Madeira entalhada não sente frio*, disse a si mesmo. *Não estou com frio.* Não. Não era questão de temperatura, era só a sensação irritante da água pingando sobre seu corpo. Estalão passou a mão pela testa, afastando as gotas que escorriam sobre os olhos.

— Você tinha dito que ele estava morto — comentou uma voz feminina e rouca, perturbadoramente perto.

Era outro problema da chuva: o ruído da água caindo enchia seus ouvidos, abafando sons importantes como o de passos na areia molhada.

— Quem está aí? — perguntou. Sua voz soou irritada, mas era melhor mostrar raiva aos humanos do que medo. Medo só os deixava mais ousados.

Ninguém respondeu. Na verdade, ele não esperava resposta. Qualquer um podia ver que ele era cego. Quem quer que estivesse ali provavelmente ia chegar ainda mais perto, e ele jamais saberia onde estavam até sentir a pedrada. Estalão se concentrou em ouvir passos furtivos, mas, quando a segunda voz falou, não soou muito longe de onde ouvira a primeira. Reconheceu a voz na mesma hora, com seu sotaque jamailliano. Mingsley.

— Achei que estivesse, já que ele não se mexeu nem falou da última vez que vim aqui. Dav... Meu intermediário disse que ele ainda estava vivo, mas não acreditei. Bem, isso muda tudo. — O sujeito pigarreou. — Os Ludventura estão relutantes nas negociações, e agora entendo por quê. Achei que estivesse dando lances em madeira morta, então minha oferta foi baixa demais. Vou ter que falar com eles outra vez.

— Acho que mudei de ideia. — A mulher falava baixinho, e Estalão não sabia dizer que emoção ela estava suprimindo. Aversão? Medo? Não tinha certeza. — Acho que não quero ter nada a ver com essa história.

— Mas você parecia tão interessada — protestou Mingsley. — Não seja fresca. A figura de proa está viva, e o que tem? Isso só aumenta as possibilidades.

— Estou mesmo interessada na madeira-arcana — admitiu a mulher, relutante. — Uma vez me entregaram um pedaço minúsculo para entalhar, e o cliente queria que fosse na forma de um pássaro. E eu disse a ele, como digo a você, que o que determina meu trabalho é a madeira, não algum capricho meu ou do cliente. O homem mesmo assim insistiu, mas, quando peguei na madeira, senti como se ela fosse... maligna. Se desse para imbuir alguma emoção na madeira, eu diria que aquela tinha sido mergulhada em pura malícia. Não aguentei nem encostar nela, muito menos entalhar. Mandei o homem procurar outra pessoa.

Mingsley gargalhou, como se a mulher tivesse contado uma história engraçada.

— Olha, ao longo da vida, aprendi que basta tocar a deliciosa melodia de moedas tilintando para tranquilizar as sensibilidades refinadas de um artista — comentou, altivo, como se estivesse explicando a solução de um problema muito

simples. — Essas suas ressalvas com certeza podem ser... contornadas. E a compensação seria incrível, posso garantir. Pense só nos rendimentos que consegue com seu trabalho usando madeira comum. Se suas contas fossem de madeira-arcana, poderíamos cobrar... o preço que quiséssemos. Literalmente. O que estaríamos oferecendo nunca esteve disponível no mercado. Nós dois estamos no mesmo barco. Nós dois somos forasteiros que conseguiram notar um nicho de mercado que os locais deixaram passar.

— No mesmo barco? Não sei não, acho que nem falamos a mesma língua — retrucou a mulher, num tom que não deixava brechas para concessões, mas Mingsley não pareceu notar.

— Olhe só para ele! — exclamou o homem, exultante. — Uma madeira boa de textura reta. Prateado. Todas essas tábuas e não vi nenhum nó. Nenhum! Você conseguiria fazer qualquer coisa que quisesse com uma madeira dessas. E se removermos a figura de proa para você restaurar e vender inteira, o casco ainda tem madeira-arcana suficiente para fundar um novo modelo de negócio. Não precisamos ficar só nas contas e amuletos, podemos pensar grande. Cadeiras, estrados de cama, mesas... todos com entalhes elaborados. Ah! Berços. Imagine só o prestígio de poder embalar o primogênito num berço entalhado todo em madeira-arcana. Já sei — a voz dele ficou ainda mais animada —, você poderia entalhar a cabeceira do berço com rostos de mulheres. Aí é só questão de descobrir como faz para despertar a madeira e ensinar os rostos a cantar canções de ninar. Poderíamos vender um berço que canta para o bebê dormir!

— Fico arrepiada só de pensar — interveio a mulher.

— Ah, você tem medo dessa madeira, é? — Mingsley deu uma gargalhada. — Não se deixe enganar pelas superstições de Vilamonte.

— Não tenho medo de madeira — retrucou a mulher. — Tenho medo de pessoas como você, que se atiram às cegas sem nem considerar as consequências. Pare e pense, homem. Os Mercadores de Vilamonte são os comerciantes e empreendedores mais astutos que esta parte do mundo já viu. Com certeza existe algum motivo para não comercializarem essa madeira à toa. Você viu que a figura de proa está viva, mas não para nem para pensar em como ou por quê! Só pensa em vender mesas e cadeiras do mesmo material. E, além de tudo, tem a coragem de ficar parado diante de um ser vivo falando alegremente em como vai retalhar o corpo dele para fazer móveis.

Mingsley soltou um muxoxo.

— Ah, não sabemos se isso é mesmo um ser vivo — retrucou, indulgente. — E daí que a figura falou e se mexeu? Foi só uma vez. Marionetes amarradas com

barbante também se mexem. E os papagaios falam. Devemos considerar que são todos iguais aos humanos? — perguntou, num tom divertido.

— E vejo que você está disposto a dizer qualquer absurdo para me convencer a fazer sua vontade. Eu já estive lá na muralha norte, onde os navios-vivos ficam atracados, e imagino que você também já tenha passado por lá. Aqueles navios estão claramente vivos, Mingsley, são indivíduos. Você pode mentir para si mesmo e se convencer do que quiser, mas não pense que eu vou aceitar suas desculpas e meias verdades só para me convencer a trabalhar para você. Chega. Realmente fiquei interessada quando disse que podia me mostrar um navio-vivo morto, cuja madeira podia ser recuperada. Mas isso também era mentira. Não tenho mais por que continuar aqui na chuva com você. Já decidi que considero isso errado, e não vou participar.

Estalão ouviu a mulher se afastar, ouviu Mingsley gritar:

— Você é uma idiota! Está recusando uma oferta que vai lhe deixar mais rica do que poderia imaginar!

Os passos da mulher cessaram. Estalão ficou atento. Será que ela voltaria? Então ouviu a voz dela, falando num tom normal, mas fácil de compreender:

— Você confundiu a ideia de lucrativo e não lucrativo com a noção de certo e errado. — Sua voz soava fria. — Mas eu, não.

Então ela se afastou, caminhando como um humano irritado. A chuva começou a cair ainda mais forte, e as gotas talvez batessem na carne humana de um jeito meio incômodo. Ouviu Mingsley grunhir, irritado com o aguaceiro.

— Ah, esses artistas e seus temperamentos — escarneceu. — Ela vai voltar. — Uma pausa. — Navio. Ei, navio. Você está mesmo vivo?

Estalão decidiu não responder.

— Não é muito esperto da sua parte me ignorar. É só questão de tempo até eu virar seu dono. É melhor para você me contar o que preciso saber. Você existe separado do navio, ou é mesmo parte dele?

Estalão encarou a chuva torrencial e não respondeu.

— Você morreria se eu o separasse do navio? — perguntou Mingsley, baixinho. — Porque é isso que eu quero fazer.

Estalão não sabia como responder, então decidiu fazer um convite ao sujeito:

— Por que não chega mais perto e tenta?

Pouco depois, ouviu o homem ir embora.

Ficou ali, esperando, naquela chuva fustigante. Não se assustou quando ouviu

a mulher falar de novo. Simplesmente virou a cabeça para ouvi-la melhor.

— Navio? Navio, posso chegar mais perto?

— Meu nome é Estalão.

— Estalão, posso chegar mais perto?

Ele considerou a pergunta, então retrucou, com uma sugestão:

— Não vai me dizer seu nome?

Ela hesitou apenas por um instante.

— O pessoal aqui me chama de Âmbar.

— Mas esse não é o seu nome.

— Já tive muitos nomes — retrucou a mulher, depois de algum tempo. — E esse é o que me serve melhor, aqui e agora.

Estalão considerou que a mulher podia simplesmente ter mentido, dito que aquele era o seu nome de verdade, mas não o fez. Ele estendeu a mão aberta na direção do som daquela voz.

— Âmbar — disse, aceitando-a.

Também era um desafio. Estalão sabia como sua mão era imensa em comparação com a de um humano. Quando seus dedos se fechassem ao redor daquela mão, poderia arrancar o braço dela, se quisesse.

Escutou a respiração de Âmbar, o som da chuva perfurando a areia já batida da praia. A mulher de repente deu dois passos em sua direção e colocou a mão enluvada na sua. O navio fechou os dedos imensos em volta daqueles dedos minúsculos.

— Estalão — disse ela, ofegante.

— Por que voltou?

Ela deu uma risada nervosa.

— Como Mingsley disse, fiquei interessada. — O navio não respondeu, e Âmbar continuou: — Sempre fui mais curiosa do que sensata. Mas qualquer gota de sensatez que eu tenha nesse corpo é resultado da curiosidade, então nunca aprendi a ignorar o que captura meu interesse.

— Entendo. Pode me falar sobre você? Sou cego, como pode ver.

— Posso ver muito bem. — Havia pena e tristeza em sua voz. — Mingsley disse que você era feio, mas vejo que a pessoa que moldou seu rosto, o maxilar, os lábios e o nariz, era um mestre entalhador. Queria ter visto seus olhos. Que tipo de pessoa destruiria uma obra de arte como essa?

Aquelas palavras o comoveram, mas também empurraram sua memória na direção de alguma coisa da qual ele não podia e não iria se lembrar.

— Ah, que belos elogios! — retorquiu, irritado. — São para me fazer esquecer que você não respondeu à pergunta?

A figura de proa soltou a mão da mulher.

— Não, de jeito nenhum. Eu sou... Âmbar. Eu entalho madeira. Faço joias, contas, ornamentos, pentes, anéis. Às vezes faço peças maiores, como tigelas e taças... até cadeiras e berços. Mas não é muito comum. Acho que meu talento é mais voltado para obras menores. Posso tocar seu rosto?

A pergunta veio tão de repente que Estalão concordou sem nem pensar.

— Por quê? — perguntou, tarde demais.

Sentiu a mulher se aproximar, o calor de seu corpo se misturando ao frio da chuva. Sentiu os dedos dela tocarem a extremidade da barba. Foi um toque muito leve, mas ele estremeceu. A reação era humana demais. Se pudesse recuar, recuaria.

— Não consigo alcançar... Você poderia... me levantar?

Aquela imensa confiança que a mulher depositava nele o fez esquecer que ela ainda não tinha respondido à primeira pergunta.

— Eu poderia esmagar você só com as mãos — lembrou Estalão.

— Mas não vai — retrucou Âmbar, confiante. — Por favor.

A urgência no apelo o assustou.

— Por que acha que não? Já matei antes, sabia? Matei tripulações inteiras! Todos em Vilamonte sabem disso. Quem é você para não ter medo de mim?

Em resposta, a mulher tocou o braço dele com a mão sem luva. Âmbar fluiu pela textura das fibras, e Estalão sentiu o calor dela percorrer seu corpo — era como o calor da mão de uma mulher tocando a coxa de um homem e inundando seu corpo inteiro. O navio de repente se lembrou que aquilo era uma via de mão dupla: estava dentro da carne dela tanto quanto ela estava dentro de suas vigas. Seu interior ressoou com a humanidade daquela mulher, e Estalão mergulhou nos sentidos de Âmbar. A chuva molhara seu cabelo, grudara as roupas contra a pele. A pele estava fria, mas o corpo permanecia quente por dentro. Sentiu o sopro do ar em seus pulmões, como o vento que soprara em suas velas. Sentiu o sangue correndo pela carne quase como a água do mar passando pelo casco.

— Você é mais do que madeira! — gritou Âmbar. Sua voz tinha um quê de quem faz uma descoberta, e Estalão sentiu o súbito terror da traição.

A mulher estava dentro dele, vendo demais, descobrindo demais. Âmbar estava despertando tudo o que ele afastara de si. Não tinha intenção de empurrá-la com tanta força, mas a ouviu gritar quando caiu na areia molhada da praia rochosa. Ouviu enquanto ela tentava recuperar o fôlego, a chuva caindo ao redor dos dois.

— Você se machucou? — perguntou, depois de algum tempo. As coisas dentro dele estavam se acalmando.

— Não — respondeu a mulher, baixinho. E então, antes que ele pudesse se desculpar, completou: — Sinto muito. Apesar de tudo, eu esperava que você fosse... madeira. Eu tenho um dom com madeira. Quando toco um pedaço é como se passasse a conhecer a fibra, sei instintivamente onde a textura varia, onde fica mais fina ou mais espessa... Achei que pudesse tocar seu rosto e entender como eram os seus olhos. Toquei você achando que encontraria apenas madeira. Eu não devia ter sido tão... Me perdoe. Por favor.

— Está tudo bem — retorquiu Estalão, muito sério. — Eu não queria empurrar com tanta força. Não queria que você caísse.

— Não, a culpa foi minha. E você estava certo em me empurrar. Eu... — Âmbar hesitou de novo, e, durante um tempo, Estalão só ouviu os sons da chuva e o ruído das ondas, cada vez mais alto. A maré estava subindo, e a água se aproximava cada vez mais. — Por favor, podemos começar de novo? — perguntou ela, de repente.

— Se você quiser — respondeu Estalão, constrangido.

Aquela mulher... não entendia aquela mulher. Âmbar tinha achado tão fácil confiar nele. E queria ser sua amiga, simplesmente, sem nem parar para sentir medo. Não estava acostumado com aquele tipo de contato, ainda mais com as coisas acontecendo tão depressa. Ficou assustado. Só que o que o assustava mais era pensar que ela poderia ir embora e não voltar. Buscou alguma confiança dentro de si para oferecer o convite:

— Quer entrar, sair da chuva? Estou bem inclinado, e lá dentro não é mais quente do que aqui fora, mas pelo menos você ficaria fora da chuva.

— Obrigada — respondeu a mulher, baixinho. — Quero, sim. Quero muito.



INVERNO



20

ALISTADORES

Poucos portos da Passagem Exterior eram considerados seguros, mas Recanto era um deles. Até podia ser um pouco difícil de entrar na maré baixa, mas a cidade era um dos poucos lugares onde navios e marinheiros podiam descansar tranquilamente por uma ou duas noites. Quase todos os portos da Passagem Exterior sofriam com as tempestades de inverno do Mar Bravio, que às vezes passavam semanas açoitando as praias com ferocidade implacável. Qualquer capitão sensato tentava manter o navio bem afastado da terra no caminho para o sul, já que a chance de encalhar e bater nas rochas aumentava com a proximidade das margens, e o *Ceifeiro* provavelmente não teria se arriscado a entrar em Recanto se os suprimentos de água não estivessem intragáveis até para os marinheiros.

Mas o navio chegara ali sem grandes transtornos, e a tripulação estava aproveitando a noite abençoada em terra firme, com liberdade, mulheres, comida fresca e água sem aquela coloração esverdeada e pedaços de restos de alguma coisa. Os porões do *Ceifeiro* estavam cheios de tonéis e mais tonéis de carne salgada, pilhas de peles enroladas, barris de óleo e gordura. A carga era valiosa e fora conseguida a duras penas, e a tripulação estava orgulhosa de ter enchido o navio tão rápido. Fazia apenas quinze meses que o *Ceifeiro* partira de seu porto de origem, em Vilavelas, e a viagem de volta estava sendo mais rápida que a de ida. Os marinheiros profissionais sabiam que tinham merecido o bônus que os esperava no fim da viagem, e que os caçadores e peleiros já faziam as contas de quanto ganhariam com suas partes. Os que tinham sido forçados a navegar sabiam que bastava sobreviver até chegarem em casa para desembarcarem como homens livres.

Athel, o grumete, receberia um bônus de peleiro além dos pagamentos regulares, o que o tornara razoavelmente popular com os jogadores de dados no navio, mas o rapaz era bem tímido e recusara todos os convites e promessas de que aceitariam uma assinatura sua para entrar nas apostas até que tivesse recebido o dinheiro. Para a surpresa de todos, o garoto também recusara a oferta de se juntar aos peleiros e caçadores, preferindo permanecer como tripulante.

Quando lhe perguntavam por quê, o garoto apenas sorria e dizia: “Prefiro ser marinheiro. Um marinheiro pode navegar em qualquer tipo de embarcação, mas os caçadores e peleiros têm que vir para o norte pelo menos uma vez por ano. Essa é só a minha primeira vez aqui no norte e acho que não gostei muito.”

Era mesmo a melhor resposta que poderia ter dado. Os caçadores e peleiros ficaram satisfeitos por serem considerados tão vigorosos, enquanto os marinheiros assentiam em aprovação pela sensatez daquela escolha. Brashen ficou imaginando se Althea tinha pensado naquilo tudo ou se encontrar a resposta ideal tinha sido apenas um golpe de sorte. Ele observava a garota do outro lado da taverna. Ela estava sentada na ponta de um banco, bebericando a mesma caneca de cerveja escura que pedira ao chegar. A jovem balançava a cabeça enquanto ouvia a conversa da mesa, ria na hora certa e parecia convincentemente acanhada quando as prostitutas a abordavam. Tinha finalmente sido aceita como um membro da tripulação.

Tinha mudado muito desde aquela tarde na praia, quando provara a si mesma que podia se distinguir numa tarefa que não exigisse força bruta ou um corpo robusto. Durante o tempo em que permaneceram ancorados na ilha, a jovem ficou encarregada principalmente de ajudar a esfolar os animais, tarefa que passou a executar cada vez com mais destreza e velocidade. Althea trouxera aquela confiança consigo de volta para o navio, assumindo tarefas que exigiam mais agilidade e rapidez do que tamanho. Ainda penava quando tinha que trabalhar ao lado dos homens, mas isso era esperado de um garoto. Ter finalmente se destacado em uma área dera à jovem esperanças de que, com o tempo, também ficaria melhor nas outras tarefas.

Brashen tomou os dois últimos goles da cerveja e ergueu a caneca, pedindo mais. Pensou em como, além de tudo, Althea tinha o bom senso de não se embebedar com os companheiros de bordo. Tinha subestimado a garota. Althea sobreviveria à viagem se continuasse daquele jeito. Não poderia passar muitos anos navegando como garoto, claro, mas se sairia bem naquela viagem.

Uma garçonete veio encher sua caneca, e Brashen assentiu e empurrou uma moeda por cima da mesa. A garota pegou o dinheiro, muito séria, e fez uma mesura antes de ir para a mesa seguinte. A moça era uma belezinha, e Brashen ficou espantado que o pai permitisse que ela trabalhasse no salão. Seu comportamento deixava claro que não era uma das mulheres que trabalhavam ali como prostitutas, mas ele não sabia se todos os marinheiros respeitavam isso. Foi acompanhando-a com os olhos, assistindo enquanto ela seguia com suas tarefas, e notou que a maioria dos homens fazia o mesmo. Um tentou agarrar a manga de seu vestido depois de ser servido, mas a jovem se esquivou com

agilidade. A garçonete chegou perto de Athel e sorriu, fazendo uma pergunta ao grumete. Althea fez questão de manter os olhos fixos dentro da caneca antes de permitir que ela a enchesse mais uma vez. O sorriso da garçonete foi bem mais amigável do que os que dera aos outros clientes, e Brashen ficou sorrindo sozinho, pensando em como Althea era convincente como garoto e em como aquela timidez fingida provavelmente a tornava um homem mais atraente. Mas não conseguiu evitar se perguntar se o desconforto era totalmente fingido.

Brashen deixou a caneca no balcão à sua frente e abriu o casaco, estava quente demais ali dentro. Sentia um calor horrível. Abriu um sorriso, bastante satisfeito. A sala estava quente e seca, o piso era firme sob seus pés. A ansiedade, companheira constante dos marinheiros, diminuiu um pouco. Quando chegassem a Vilavelas com a carga, ele teria ganhado o suficiente para tirar uma folga. E não seria tolo o bastante para gastar tudo, ah, não. Finalmente seguiria o conselho do capitão Vestrit e guardaria um pouco para depois. E agora poderia escolher seu futuro, sabia que o *Ceifeiro* estava mais do que disposto a mantê-lo a bordo. Decerto poderia ficar com o navio pelo tempo que quisesse — ou, por outro lado, poderia pegar a confirmação de serviço em Vilavelas e dar uma olhada na cidade. Talvez encontrasse outro navio por lá, alguma embarcação um pouco melhor, mais limpa, mais rápida. Voltar para um navio mercante, onde dormiria em pilhas de lona, indo de porto em porto. Sim.

Sentiu aquela ardência que já tinha sido tão familiar no lábio inferior e trocou depressa o pedaço de cindina. Para começar a queimar a pele tão rápido, devia ser mesmo tão potente quanto prometera o vendedor. Tomou outro gole de cerveja, aliviando a ardência. Fazia anos desde a última vez que usara cindina, já que o capitão Vestrit era completamente intolerante em relação ao assunto: se apenas suspeitasse que um de seus homens estava usando a droga, fosse no navio ou em terra firme, não hesitava em examinar o lábio inferior do sujeito. E bastava um sinal de queimadura para ele mandar largar o marinheiro no porto seguinte, e sem pagamento. Brashen ganhara o naco de cindina mais cedo, numa mesa de jogo, outro divertimento de que passara longe nos últimos tempos. Mas tinha uma hora em que um homem precisava espairecer, e aquele parecia um momento tão bom quanto qualquer outro. Não tinha sido irresponsável, e nunca apostava o que não pudesse perder. Começara com um dente de urso-marinho que entalhara na forma de um peixe em seu tempo vago, passado no catre, e não parara de ganhar. Ah, chegara perto de perder a faca, e teria sido um golpe duro, mas a sorte virou e ele acabou ganhando o naco de cindina e moedas suficientes para pagar a cerveja da noite.

Brashen quase se sentia mal por aquilo. Tinha ganhado o dinheiro e a cindina

do imediato e do despenseiro do *Garota Alegre*, outro navio de abate no porto. Só que o *Garota Alegre* estava com o porão vazio e os tonéis cheios apenas de sal. A embarcação e a tripulação ainda estavam a caminho das áreas de abate, e teriam dificuldade para encher os tonéis, tão próximo do fim da estação. Brashen achava que provavelmente ficariam na área até acabar a temporada de caça e, sem encontrar ursos-marinhos, partiriam para o abate de baleias pequenas. Esse sim era um trabalho sujo e perigoso, e ele estava feliz por não ter que se meter nisso. Tinha certeza de que a noite de vitórias era um sinal, e sua sorte estava melhorando. Sua vida finalmente tomaria rumo. Ah, ainda sentia saudades da *Vivácia* e do velho capitão Vestrit, que Sá o guardasse, mas conseguira estabelecer uma nova vida.

Tomou o que restava da cerveja na caneca e esfregou os olhos. Estava tão sonolento, devia estar mais cansado do que pensava. Normalmente ficava animado com a cindina — o pico de energia era o principal efeito da droga, que trazia uma sensação agradável de bem-estar e a energia necessária para se divertir. Só que Brashen sentia o corpo tão cansado que a coisa mais maravilhosa que poderia acontecer seria encontrar uma cama quente e macia. Uma cama seca e que não fedesse a suor, mofo, óleo e estopa. E sem percevejos.

Estava tão ocupado imaginando esse paraíso que levou um susto quando viu a garçonete à sua frente. A garota abriu um sorriso malicioso quando Brashen pulou de susto, então apontou para a caneca. Brashen viu que estava vazia de novo e a cobriu com a mão, balançando a cabeça, pesaroso.

— Infelizmente meu dinheiro acabou. Mas é melhor assim. Quero estar bem lúcido quando zarparmos amanhã.

— Amanhã? Com esse tempo? — perguntou a garçonete, solidária.

Brashen assentiu, demonstrando a própria relutância.

— Vamos ter que zarpar com ou sem tempestade. O tempo e a maré não esperam, não é o que dizem? E quanto mais cedo o navio zarpar, mais cedo chegamos em casa.

— Casa — repetiu ela, com outro sorriso. — Então esta é por minha conta. Um brinde a uma viagem rápida de volta para casa, para você e toda a sua tripulação.

Brashen tirou a mão da boca da caneca e ficou olhando enquanto a garota servia a cerveja. A sorte estava mesmo mudando.

— Você é do navio daqueles homens, não é? Do *Ceifeiro*?

— Sim — confirmou, mexendo a cindina na boca.

— Ah, então você é o imediato do *Ceifeiro*.

— Olha, nem sei se dá para dizer isso. Sou o terceiro imediato.

— Ah, então você é Brashen?

Ele assentiu, sem conseguir conter um sorriso. Era bom encontrar uma mulher que sabia seu nome antes que ele soubesse o dela.

— Estão dizendo que o *Ceifeiro* já encheu o porão e está voltando para casa. A tripulação devia ser bem boa, não é? — Ela erguia uma sobrancelha sempre que perguntava alguma coisa.

— Era boa o suficiente.

Brashen estava começando a gostar daquela conversa, até que, no suspiro seguinte, a garota revelou a verdadeira razão de sua generosidade.

— Aquele é o seu grumete na ponta do balcão, não é? Ele não é muito de beber.

— Não, não é. E também não fala muito.

— Eu reparei — comentou ela, tristonha. A garçonete respirou fundo, então perguntou: — É verdade o que estão dizendo sobre ele? Que o garoto esfola os ursos-marinhos tão rápido quanto eles são mortos?

Então aquela menina achava Althea — ou Athel — atraente. Brashen sorriu.

— Não, não é verdade — retrucou, sério. — Athel é bem mais rápido do que os caçadores. Foi o problema que tivemos com o garoto: ele já estava esfolando os bichos antes mesmo de atirarmos nos coitados. Nossos caçadores passaram o tempo todo correndo atrás dos ursos já sem pele.

Brashen tomou um gole da cerveja. Por um instante, a garçonete simplesmente o encarou, os olhos arregalados.

— Ah, seu...! — exclamou, repreendendo-o com uma risadinha e um empurrão de brincadeira. Seu corpo estava tão mole e relaxado que Brashen teve que se segurar no balcão para não cair. — Ah, me desculpe! — gritou a moça, agarrando a manga de Brashen para ajudá-lo a se equilibrar.

— Está tudo bem. Só estou mais cansado do que imaginava.

— É mesmo? — perguntou a garçonete, baixinho, então esperou que ele a olhasse nos olhos para continuar. A jovem tinha olhos azuis, mais fundos que o mar. — Tem um quarto lá nos fundos, com uma cama. É meu. Pode descansar um pouco lá. Se quiser se deitar.

Antes que Brashen terminasse de processar o que a garota queria dizer, a garçonete olhou para o lado e para baixo, então deu meia-volta e se afastou. O

marinheiro ergueu a caneca de novo e, quando estava prestes a tomar um gole, a garota falou, por cima do ombro:

— Só me avise. Se quiser.

Ela parou onde estava, encarando-o com uma sobrancelha erguida, intrigada. Ou talvez convidativa? A mudança na sorte é como uma maré favorável: tem que ser aproveitada enquanto dura. Brashen esvaziou a caneca e se levantou.

— Eu quero — declarou, baixinho.

Era verdade. A oferta de uma cama parecia muito boa, incluindo a garota ou não. O que tinha a perder? Remexeu mais uma vez a cindina na boca. Era muito, muito boa.

— Só mais uma rodada — declarou Reller. — Depois é melhor a gente voltar para o navio.

— Ah, não precisa esperar a gente — retrucou um dos marinheiros, rindo. — Ah, volte aqui, Reller. A gente vai daqui a pouquinho...

O homem abaixou a cabeça sobre os braços, e Reller se inclinou para ele e o sacudiu.

— Nada disso, Jord. Nada de desmaiar aqui. Você pode desabar no chão mesmo, assim que a gente voltar para o navio, pode até ficar roncando feito um porco que não vou dar a mínima. Mas aqui, não.

Algo no tom de Reller chamou a atenção de Jord, que ergueu a cabeça, os olhos turvos.

— Por quê?

Reller se curvou sobre a mesa.

— Um marinheiro do *Andorinha* me avisou mais cedo... Sabe aquele *Garota Alegre* atracado a sota-vento? A tripulação pegou febre vermelha logo antes de chegar e eles perderam sete homens. O capitão já está na cidade há três dias, andando para cima e para baixo atrás de mais tripulantes, mas não teve sorte. E dizem que o sujeito já está desesperado, porque precisa chegar logo às áreas de abate. Cada dia aqui é mais uma semana que vão ter que passar caçando. Dedinhos, que trabalha lá no *Andorinha*, avisou que é melhor a tripulação ficar junta e dormir a bordo, essa noite. Ele contou que um dos caçadores do *Andorinha* desapareceu há dois dias, e você sabe muito bem o que deve ter acontecido. Então vamos embora juntos, quando for a hora de voltar para o navio. A não ser que você queira acordar a bordo do *Garota Alegre*, rumando

para o Norte.

— Alistadores? — perguntou Jord, horrorizado. — Aqui, em Recanto?

— E tem lugar melhor? — perguntou Reller, baixinho. — Ninguém fica aqui esperando um marinheiro que não volta para o navio a tempo. É moleza, é só ficar de tocaia num beco e pegar uns marujos de algum navio voltando para casa. Aí os coitados só acordam quando estão em alto-mar. Sério, marinheiro nenhum devia andar sozinho aqui nesta cidade.

Jord se levantou de repente.

— Já estou de saco cheio dessas águas do norte. Nem ferrando que vou correr esse risco. Vamos embora, pessoal. De volta para o navio.

Reller olhou em volta.

— Ei, cadê o Brash? Ele não estava bem ali?

— Acho que ele saiu com uma garota — comentou Althea, que quase não tinha falado até então. Notou a desaprovação na própria voz e viu a surpresa nos rostos que se virarem em sua direção. — Achei que ela estava de olho em mim — acrescentou, emburrada. Pegou a caneca, tomou um gole e largou a bebida de lado. — Vamos. A cerveja aqui tem gosto de mijo, mesmo.

— Ah, e você sabe o gosto que o mijo tem, é? — zombou Jord.

— Não preciso, Jord. Dá para saber porque essa coisa cheira como o seu catre.

— Ah, então você fica cheirando o catre dos outros, é? — Jord soltou uma gargalhada embriagada. Os outros riram junto, e Althea só balançou a cabeça. A bordo ou em terra firme, o humor e as tiradas eram os mesmos. A verdade é que estava ansiosa para voltar para o navio: quanto mais cedo zarpassem daquele sovaco do mundo, mais cedo chegariam a Vilavelas. Empurrou a cadeira para trás e se levantou, enquanto Jord se inclinava e olhava para dentro da caneca que ela tinha deixado de lado. — Vai beber isso aqui? — perguntou.

— É toda sua — retrucou Althea, virando-se para seguir os outros para fora da taverna, de volta à tempestade. De canto de olho, viu Jord jogar a cerveja fora e fazer uma careta.

— Eca. Acho que você pegou a bebida do fundo do barril. — Ele limpou a boca com a manga e seguiu o grupo.

A tempestade continuava à toda do lado de fora da taverna, e Althea se perguntou, cansada, se alguma hora parava de chover naquele buraco esquecido. Estreitou os olhos contra o vento e as gotas que fustigavam suas roupas e seu cabelo. Depois de dar dois passos para fora, esqueceu qualquer memória de algum dia já ter se sentido seca e aquecida. Estava de volta à vida de grumete.

Quase não ouviu o taverneiro gritando às suas costas. Reller é quem se virou para ouvir o que era, e Althea então virou para ver o que o sujeito estava olhando. Foi quando avistou o sujeito inclinado para fora da porta da taverna.

— Você é Athel? — gritou ele, em meio à tempestade.

Sem uma palavra, Reller apontou para ela.

— Brashen quer falar com você. Ele bebeu demais. Pode vir tirar esse infeliz daqui!

— Ah, maravilha — resmungou Althea, tentando entender por que tinha sido escolhida. Reller fez sinal para ela voltar para dentro.

— Encontre a gente no navio! — berrou o homem, contra o vento, e ela assentiu.

Althea voltou para a taverna, cansada. Não queria nem pensar em como seria ter que cambalear tempestade adentro com Brashen apoiado nos ombros. Bem, era o tipo de coisa que um grumete tinha que fazer. E também teria que limpar se Brashen vomitasse.

Resmungando sozinha, subiu os degraus e entrou de volta no salão. O taverneiro indicou uma porta nos fundos.

— Ele está lá — anunciou, num tom enojado. — Quase desmaiou em cima de uma das garotas.

— Pode deixar, vou tirar ele daqui — prometeu Althea.

Foi deixando um rastro de água da chuva por entre as mesas e bancos ocupados até chegar à porta, que dava para um quarto meio escuro. Lá dentro havia uma cama, onde estava a garçonete, com a blusa meio desamarrada. A garota estava curvada por cima de Brashen quando Althea entrou, e ela ergueu a cabeça e sorriu para o suposto grumete, impotente.

— Ah, eu não sei o que fazer — explicou a garota, sorrindo. — Pode me ajudar?

Se Althea fosse homem, teria se distraído com os seios nus da garota e simplesmente entrado no quarto. Provavelmente não teria olhado para Brashen daquele jeito, pensando em como ele não parecia simplesmente desmaiado na, e sim nocauteado e depois largado em cima do colchão. Naquela pausa momentânea, notou um lampejo de movimento à esquerda. Conseguiu se esquivar, e o golpe acertou a lateral da cabeça, em vez de o topo. O porrete também se chocou contra seu ombro, paralisando o braço até a ponta dos dedos. Ela cambaleou para a frente, gritando, quando o homem que a acertara bateu a porta às suas costas.

Na mesma hora, Althea percebeu que a garçonete estava envolvida naquilo. Então, impelida pela dor, acertou a garota com a mão esquerda, o mais forte que conseguiu. Não foi seu melhor soco, mas a garçonete pareceu tão chocada quanto machucada e levou a mão ao rosto, cambaleando para trás, e deu um berro enquanto Althea girava para encarar o homem ao lado da porta.

— Seu merdinha covarde! — gritou o homem, tentando atingi-la com o porrete. Althea se agachou e correu para a porta atrás dele, então conseguiu abrir uma fresta.

— Alistadores! — gritou, com todo o fôlego que tinha. Então desabou no chão com um clarão.

O primeiro sentido que voltou foi a audição. Duas vozes conversavam.

— Encontramos um caçador do *Andorinha-do-mar*, aquele que estavam procurando, amarrado na adega — comentou uma voz. — E também um homem do *Carlyle* e esses dois do *Ceifeiro*. E parece que tem mais dois lá nos fundos, cobertos com um pouco de terra. Devem ter levado um golpe forte demais. Que jeito ruim de um marinheiro morrer.

A segunda respondeu, com desdém:

— Bem, pode até ser um jeito ruim, mas esses marinheiros são uma praga.

Althea abriu os olhos e viu mesas e bancos virados. A bochecha estava mergulhada numa poça de alguma coisa que ela torcia para que fosse cerveja. Viu pernas e botas de homens diante do rosto, perto o bastante para pisar em sua cabeça. Virou e olhou para eles. Eram moradores locais, ambos com roupas pesadas de couro, para se protegerem do frio da tempestade. Althea se apoiou no chão, tentando se levantar, e conseguiu se sentar na segunda tentativa. O movimento fez a sala girar.

— Ei, o garoto está acordando — comentou uma das vozes. — Por que você bateu na filha do Pag, seu beberrão?

— Ela era a isca. Era parte disso — retrucou Althea, hesitante.

Homens. Nunca conseguiam ver o que estava bem diante de seus olhos.

— Pode ser, pode ser — retorquiu o sujeito, num tom razoável. — Consegue se levantar?

— Acho que sim. — Ela agarrou uma cadeira virada e se levantou, tonta e com vontade de vomitar. Tocou a parte de trás da cabeça com cuidado, e os dedos ficaram vermelhos. — Estou sangrando — comentou. Ninguém pareceu

muito interessado.

— Seu imediato ainda está lá dentro — anunciou o homem de botas. — É melhor tirá-lo daqui e voltar para o navio. Pag ficou bem irritado com você, por que socou a filha dele? Ninguém nunca lhe ensinou como tratar uma mulher?

— Pag também deve fazer parte disso, se acontece no quarto dos fundos e na adega dele — observou Althea, num tom monótono.

— Pag? Pag tem essa taverna há dez anos, meu filho. Eu não sairia por aí dizendo esses absurdos, se fosse você. E também é culpa de vocês todas as cadeiras e mesas da taverna estarem quebradas. Vocês não são mais bem-vindos aqui, se é que me entende.

Althea fechou os olhos com força, então os abriu de novo. O chão parecia ter parado de girar.

— Entendo. Vou tirar Brashen daqui.

Aquelas pessoas dominavam Recanto e podiam cuidar da cidade como achassem melhor. Sorte sua que a taverna estava cheia de marinheiros e homens que não gostavam de alistadores, já que aqueles dois não pareciam muito incomodados com as artimanhas de Pag para conseguir dinheiro extra. Althea analisou a situação. Será que ela e Brashen poderiam ir embora, se não tivesse um grupo de marinheiros irritados perto da lareira? Era melhor sair dali enquanto dava.

Cambaleou até a porta do quarto dos fundos e olhou para dentro. Brashen estava sentado na cama, com a cabeça entre as mãos.

— Brash — chamou, numa voz baixa e rouca.

— Althea? — perguntou ele, atordoado, virando-se na direção da voz.

— É Athel! — corrigiu a menina, irritada. — E já estou cansado dessas piadinhas com o meu nome. — Ela se aproximou da cama e puxou o braço dele, sem muito efeito. — Venha. Precisamos voltar para o navio.

— Estou enjoado. Tinha alguma coisa na cerveja — gemeu ele. Brashen tateou a parte de trás da cabeça. — E acho que levei uma pancada.

— Eu também. — Althea se inclinou para mais perto e abaixou a voz. — Mas temos que sair daqui enquanto dá. Os homens lá fora não parecem muito incomodados com o alistamento que Pag mantinha por aqui. Temos que ir embora o quanto antes.

Brashen compreendeu a situação bem depressa, para alguém que parecia tão debilitado.

— Me dê um ombro — ordenou, cambaleando enquanto se levantava.

Althea passou o braço dele por cima dos ombros. Não deu muito certo, mas não sabia se era porque ele era alto demais, ou ela que era baixa demais. Parecia que Brashen estava tentando empurrá-la para baixo quando saíram, trôpegos, do quarto dos fundos e atravessaram a taverna até a porta de entrada. Um dos homens junto à lareira assentiu para os dois, muito sério, mas os dois moradores locais ficaram simplesmente olhando enquanto eles iam embora. Brashen pisou em falso enquanto desciam os degraus, e eles quase caíram na lama gelada da rua.

Brashen ergueu a cabeça, examinando o vento e a chuva.

— Está ficando mais frio.

— A chuva deve virar granizo essa noite ainda — previu Althea, mal-humorada.

— Mas que inferno. E a noite tinha começado tão bem...

Althea avançou com dificuldade pela rua, com Brashen apoiando o peso em seu ombro. Parou numa esquina, diante de uma loja fechada, para se orientar. A cidade inteira estava escura como breu, e a chuva fria que caía em seu rosto não ajudava em nada.

— Espere um pouco, Althea. Preciso mijar.

— Athel — lembrou, já cansada.

Brashen, obviamente preocupado com a honra dela, deu dois passos para longe enquanto mexia na calça.

— Desculpe — pediu, sem jeito, pouco depois.

— Tudo bem — retorquiu ela, tolerante. — Você ainda está bêbado.

— Não estou bêbado — insistiu Brashen, apoiando a mão no ombro dela outra vez. — Acho que tinha alguma coisa na cerveja. Não tenho certeza. E eu teria sentido o gosto, se não fosse pela cindina.

— Você masca cindina? — perguntou Althea, incrédula. — Você!?

— Às vezes — respondeu Brashen, na defensiva. — Não é sempre. E fazia muito tempo que eu não mascava.

— Meu pai dizia que essa droga mata mais marinheiros do que qualquer tempo ruim — comentou Althea, mal-humorada. Sentia a cabeça latejando.

— E deve ter matado, mesmo — concordou Brashen. Quando deixaram as casas para trás e chegaram às docas, ele continuou: — Mas você devia experimentar. Nada como cindina para afastar os problemas.

— Certo. — Brashen parecia cambalear ainda mais. Althea passou o braço em volta da cintura dele. — Não falta muito.

— Eu sei. Ei, o que aconteceu lá na taverna?

Althea queria muito ficar brava, mas não tinha energia. Era quase cômico.

— Você quase foi alistado. Amanhã eu conto os detalhes.

— Ah. — Os dois ficaram em silêncio por um longo tempo. O vento diminuiu por um instante. — Ei. Eu estava pensando em você mais cedo. No que você devia fazer. Você devia ir para o norte.

Althea balançou a cabeça no escuro.

— Chega de barcos de abate. A não ser que eu precise muito.

— Não, não. Não foi o que eu quis dizer. Mais para o norte e para oeste. Depois de Calcede, para os Ducados. Os navios são menores, lá para cima. E ninguém se importa se você é homem ou mulher, desde que trabalhe duro. Pelo menos foi o que ouvi dizer. Lá tem mulheres capitãs de navios, e às vezes a tripulação inteira é de mulheres.

— Mulheres bárbaras — observou Althea. — O povo de lá tem mais a ver com o pessoal das Ilhas Exteriores do que com a gente e, pelo que ouvi, estão sempre tentando se matar. Brashen, a maioria lá não sabe nem ler. Eles se casam diante de pedras, pelo amor de Sá.

— Pedras de testemunho — corrigiu Brashen.

— Meu pai fazia negócios por lá, antes de começar essa guerra doida — prosseguiu Althea, obstinada. Estavam nas docas, e o vento de repente soprou com tanta força que a menina quase caiu. — E ele disse que o povo lá é mais bárbaro que os calcedianos — contou, gemendo enquanto tentava manter Brashen de pé. — Disse que metade das construções não tem nem janelas com vidros.

— Isso é no litoral — corrigiu Brashen, mais uma vez. — Ouvi dizer que, mais para o interior, tem cidades magníficas.

— Mas eu ficaria no litoral — lembrou Althea, irritada. — Chegamos no *Ceifeiro*. Cuidado onde pisa.

O *Ceifeiro* estava atracado na doca, balançando contra os flutuadores de cânhamo, sendo sacudido pelas ondas e pelo vento. Althea achou que fosse ter dificuldades para fazer Brashen subir a rampa, mas ele conseguiu subir surpreendentemente fácil. E se afastou assim que chegou a bordo.

— Bem, garoto, é melhor você dormir um pouco. Vamos zarpar amanhã cedo.

— Sim, senhor — respondeu, agradecida.

Althea ainda se sentia meio tonta e enjoada e, agora que estava de volta a bordo e tão perto da cama, sentia-se ainda mais cansada. Deu meia-volta e foi se arrastando até a escotilha. Lá embaixo, encontrou alguns tripulantes ainda acordados, sentados sob a luz fraca de um lampião.

— O que aconteceu com você? — perguntou Reller.

— Alistadores — respondeu, sucinta. — Tentaram pegar Brashen e eu, mas conseguimos nos livrar. Encontraram o caçador do *Andorinha* e acho que mais uns dois marinheiros.

— Pelas bolas de Sá! — praguejou um dos homens. — E o capitão do *Garota Alegre* estava nesse meio?

— Não sei — respondeu, cansada. — Mas Pag com certeza estava, e a filha dele também. Botaram alguma droga na cerveja. Nunca mais entro naquela taverna.

— Mas que inferno. Por isso que Jord está dormindo tão pesado, ele tomou a dose que era para você. Bem, vou lá no *Andorinha* ver se o caçador deles sabe alguma coisa — informou Reller.

— Eu também — concordou um homem.

Como mágica, os marinheiros que estavam quase dormindo se levantaram e saíram atrás da fofoca. Althea imaginou que fossem enfeitar bastante a história. Ela não precisava daquilo, só queria sua rede, queria voltar para o mar.

Brashen só conseguiu acender o lampião na quarta tentativa. Quando o pavio finalmente pegou, ele abaixou o vidro com cuidado e se sentou no catre. Depois de um momento, se levantou e foi até o pequeno espelho preso à parede, então puxou o lábio inferior e o examinou. Mas que inferno, precisaria de muita sorte para as queimaduras não acabarem infeccionadas. Tinha quase esquecido aquele problema que vinha com o uso da cindina. Atirou-se de novo no catre e começou a tirar o casaco, e só então percebeu que o punho da manga esquerda não estava encharcado apenas de água da chuva, mas também de sangue. Ficou um tempo encarando a mancha, então tateou a parte de trás da cabeça. Não. Até encontrou um galo, mas nada de sangue. Aquele sangue não era dele. Passou os dedos pela mancha. Ainda estava úmido, ainda vermelho. *Althea?*, ponderou, grogue. Fosse lá o que tivessem colocado na cerveja, ainda estava turvando sua mente. O sangue era, sim, de Althea. Ela não tinha dito que levara um golpe na cabeça? Maldita, por que não tinha avisado que estava sangrando? Soltando um suspiro

de um homem muito injustiçado, vestiu de novo o casaco e saiu para a tempestade.

O castelo de proa estava tão escuro e fedorento quanto ele se lembrava, e Brashen teve que acordar dois homens com sacudidas antes de encontrar alguém coerente o bastante para apontar o lugar onde a menina dormia. Ficava num canto onde nem um rato teria espaço para se mexer. Brashen foi até lá tateando, carregando um toco de vela na mão, e sacudiu Althea para acordá-la, mesmo com os xingamentos e reclamações.

— Quero ver você na minha cabine, garoto, você tem que costurar essa cabeça. E pare de choramingar — ordenou. — Não quero ter que lidar com você de cama, sem fazer nada a semana inteira, com febre. E venha logo. Não tenho a noite toda.

Tentou parecer irritado, e não ansioso, enquanto Althea o seguia para fora do porão até o convés, e de lá para a cabine. Mesmo na penumbra da vela, dava para ver como a menina estava pálida, com o cabelo empapado de sangue. Brashen gritou, assim que ela entrou na cabine minúscula:

— Feche a porta! Não quero a tempestade inteira entrando aqui. — Althea obedeceu, hesitante. Assim que a porta foi fechada, Brashen passou depressa por ela para virar o trinco, então deu meia-volta, agarrou Althea pelos ombros e resistiu ao impulso de sacudi-la. Em vez disso, sentou-a com firmeza no catre. — Qual é o seu problema? — sibilou, pendurando o casaco. — Por que não me disse que estava machucada?

Sabia que a garota tinha dito, e até esperava ouvir isso como resposta, mas Althea só levou a mão à cabeça e respondeu, vagamente:

— Eu estava cansada demais...

Brashen passou por cima dos pés dela, atrás do baú de remédios, praguejando contra o espaço apertado da cabine. Abriu o baú e o revirou, então jogou as coisas de que ia precisar em cima do catre, ao lado dela, e aproximou um pouco mais o lampião. Ali dentro continuava escuro demais para ver direito, e Althea fez careta enquanto ele passava os dedos por seu couro cabeludo, tentando afastar o cabelo espesso e escuro e encontrar a fonte de todo aquele sangue. Brashen sentiu os dedos molhados, o corte ainda estava sangrando. Bem, qualquer ferida no couro cabeludo sempre sangrava muito, e ele sabia disso, não devia se preocupar. Mas se preocupou mesmo assim, e também reparou no olhar desfocado dela.

— Vou ter que cortar um pouco do cabelo — avisou, esperando uma reclamação.

— Se precisar.

Ele encarou Althea com mais atenção.

— Foram quantas porradas?

— Acho que duas.

— Então me conte. Me conte tudo o que conseguir lembrar sobre o que aconteceu hoje à noite.

E Althea falou, contando em frases soltas, enquanto ele usava a tesoura para cortar o cabelo rente ao couro cabeludo, perto do ferimento. A história não o deixou muito orgulhoso de seu próprio raciocínio rápido. Somando ao que ele sabia sobre o que tinha acontecido, ficou claro que ele e Althea tinham sido visados para repor a tripulação do *Garota Alegre*. E era pura sorte não estar acorrentado no porão daquele navio.

O ferimento que encontrou no couro cabeludo da menina era do tamanho do seu dedo mindinho e estava sendo puxado pela trança, o que o mantinha aberto. Mesmo depois de cortar os fios em volta e limpar bem o sangue coagulado, ainda escorria um líquido vermelho. Brashen enxugou o sangue com um trapo.

— Vou precisar costurar isso aqui, para fechar — anunciou.

Tentou afastar a tontura causada por fosse lá o que tivessem botado na cerveja e a náusea provocada pela ideia de enfiar uma agulha no couro cabeludo da menina. Por sorte, Althea parecia ainda mais entorpecida do que ele — fosse lá o que os alistadores tivessem colocado na cerveja, o negócio funcionava bem.

À luz trêmula e amarelada do lampião, Brashen passou uma linha fina de tripa por uma agulha curva muito escorregadia, que parecia minúscula em seus dedos calejados. Bem, não devia ser muito diferente de remendar roupas e costurar lonas, e fizera aquilo durante anos.

— Não se mexa — mandou Brashen, sem necessidade. Encostou a ponta da agulha cuidadosamente no couro cabeludo de Althea. Teria que empurrá-la para dentro, rente à superfície, para fazê-la sair de novo. Pressionou um pouco a agulha, mas, em vez de a ponta furar a pele, o couro cabeludo simplesmente deslizou para a frente. Não estava conseguindo fazer a agulha atravessar.

Botou um pouco mais de pressão, e Althea gritou um “Ai!” e afastou sua mão com um tapa.

— O que você está fazendo? — perguntou a menina, irritada, olhando feio para ele.

— Eu já disse. Preciso costurar esse corte.

— Ah. — Ela hesitou. — Eu não estava ouvindo. — Althea esfregou os olhos, então tocou o couro cabeludo. — É, vai mesmo precisar costurar — comentou, tristonha. Fechou os olhos com força, então os abriu de novo. — Queria poder desmaiar ou acordar direito — explicou, aflita. — Só me sinto confusa. Odeio essa sensação.

— Deixa eu ver se encontro alguma coisa aqui — sugeriu Brashen, ajoelhando-se e revirou o estoque medicinal do navio. — Faz anos que isso aqui não é reabastecido — resmungou, enquanto Althea olhava por cima de seu ombro. — Metade dos frascos está vazia, e as ervas que deviam estar verdes ou marrons estão cinza. Além disso, tem umas coisas com muito cheiro de mofo.

— Talvez seja para terem esse cheiro? — sugeriu Althea.

— Não sei — murmurou ele.

— Deixa eu ver. Era eu quem abastecia o estoque de medicamentos da Vivácia, quando a gente parava no porto.

Althea se encostou nele para alcançar o baú no pequeno espaço entre o catre e a parede, então examinou algumas garrafas, erguendo-as contra a luz do lampião e deixando-as de lado. Abriu um pequeno pote, franziu o nariz de nojo, com o odor forte, e o tampou de novo.

— Não tem nada de útil aí — concluiu, sentando-se de novo no catre. — Vou segurar a pele no lugar e você costura. Vou tentar não me mexer.

— Só um minuto — pediu Brashen, relutante. Tinha guardado um pedaço do naco de cindina. Não era muito grande, só um pedacinho para ter algum consolo num dia ruim. Tirou o pedaço do bolso do casaco e espanou alguns fiapos de cima, então mostrou-o a Althea e o partiu com cuidado em dois pedaços ainda menores. — É cindina. Deve ajudar a acordar um pouco e fazer você se sentir melhor. É assim que se faz.

Brashen demonstrou colocando um pedaço no lábio inferior e pressionando com a língua. O amargor costumeiro se espalhou pela boca. Pensou, infeliz, que se não fosse o gosto da cindina teria sentido a droga na cerveja. Afastou o pensamento inútil e empurrou o pedaço para longe da queimadura anterior.

— É bem amargo no começo — avisou. — É o absinto. É o que dá mais energia.

Althea pareceu bem hesitante em colocar o pedaço no lábio. Quando encostou a língua, fez uma careta e se sentou, olhando-o nos olhos e esperando.

— É para arder? — perguntou, depois de um instante.

— É bem forte — admitiu Brashen. — Vá mexendo o pedaço pelo lábio. Não

deixe parado muito tempo no mesmo lugar. — Ele observou a expressão no rosto dela mudar aos poucos e sentiu um sorriso se alargar no próprio rosto, em resposta à dose. — Muito bom, não é?

Althea deu uma risadinha.

— E rápido.

— Começa rápido e termina rápido. Nunca vi nenhum problema no uso, desde que a pessoa termine antes de começar o turno.

Brashen ficou olhando enquanto ela movia a cindina pelo lábio, sem jeito.

— Meu pai dizia que os homens usavam a droga quando deviam estar dormindo, depois chegavam acabados nos turnos. E se ainda estivessem sob o efeito da droga enquanto trabalhavam, ficavam confiantes demais e se arriscavam sem necessidade. — Sua voz foi ficando mais baixa. — "Se arriscar põe todo mundo em perigo", era o que ele sempre dizia.

— Sim, eu me lembro — concordou Brashen, muito sério. — Nunca usei cindina a bordo da *Vivácia*, Althea. Eu respeitava o seu pai demais.

O silêncio durou apenas um momento, então ela suspirou.

— Vamos acabar logo com isso — sugeriu.

— Certo — concordou Brashen. Pegou de novo a agulha e a linha, e Althea acompanhou seu movimento com os olhos. Talvez ele a tivesse deixado alerta demais. — Nessa cabine não tem muito espaço para trabalhar — reclamou. — Deite aqui no catre e vire a cabeça. Ótimo.

O terceiro imediato se agachou no chão ao lado do catre. Era melhor assim: quase conseguia ver o que estava fazendo. Enxugou o sangue acumulado e afastou alguns fios de cabelo.

— Segure o corte bem fechado com as mãos — instruiu. — Não, assim você bota os dedos na frente. Aqui. Assim. — Ele posicionou as mãos de Althea, deixando os pulsos dela cobrindo quase toda a visão de propósito. — Vou tentar ser rápido.

— Prefiro que você tente ser bem delicado — advertiu Althea. — E não costure muito apertado. É só deixar os lados o mais emparelhados possível, mas sem formar um calombo.

— Vou tentar. Eu nunca fiz isso, sabia? Mas já vi fazerem, e mais de uma vez.

Althea moveu o naco de cindina pelo lábio, e Brashen se lembrou de fazer o mesmo. Ele se contraiu de dor quando o pedaço tocou a ferida que fizera mais cedo. Notou que Althea cerrava o maxilar e começou. Tentou não pensar na dor

que estava causando, tentou se concentrar em fazer um bom trabalho. Por fim, conseguiu que a agulha perfurasse o couro cabeludo. Tinha que segurar a pele com firmeza ao passar a ponta da agulha curva pelo outro lado do corte, mas a pior parte era puxar a linha entre os pedaços de pele. A linha fazia um som de rasgo quando deslizava, e ele ficava arrepiado. Althea cerrou os dentes, estremecendo a cada ponto, mas não gritou nem gemeu.

Quando acabou, ele deu o último nó e cortou a sobra de linha.

— Pronto — anunciou, jogando a linha de lado. — Pode soltar. Deixa eu ver meu trabalho.

Althea abaixou as mãos. Estava com o rosto coberto de suor. Brashen examinou o ferimento. Não eram pontos excepcionais, mas mantinham a carne fechada. Assentiu, satisfeito.

— Obrigada — agradeceu a menina, em voz baixa.

— Obrigado — agradeceu ele, por fim. — Fico devendo uma, porque, se não fosse por você, estaria no porão do *Garota Alegre*.

Brashen abaixou a cabeça e a beijou no rosto, mas Althea passou o braço ao redor de seu pescoço e virou a boca para o beijo. Ele perdeu o equilíbrio e teve que se apoiar, meio sem jeito, com uma mão na beira do catre, mas não interrompeu o beijo. A jovem tinha o gosto da cindina que estavam dividindo, e sua mão agarrou a nuca dele muito delicadamente. O toque era tão estimulante quanto o beijo — fazia muito tempo desde a última vez que fora beijado delicadamente.

Althea interrompeu o beijo, afastando a boca. Brashen se reclinou para trás.

— Bem — começou ele, sem jeito, e respirou fundo. — Vamos fazer um curativo na sua cabeça.

Althea assentiu, hesitante.

Brashen pegou um pedaço de pano e se inclinou outra vez para cima dela.

— É a cindina, sabe? — comentou, de repente.

Althea moveu o naco pelo lábio e respondeu:

— Deve ser. E não me importo se for.

O catre era estreito, mas ela conseguiu chegar para o lado. Convidativa. Encostou a mão na lateral do corpo de Brashen. Parecia irradiar calor. Ele sentiu um arrepio, ficou de cabelo em pé. A mão o puxava, insistindo para que se aproximasse.

Brashen soltou um murmúrio que vinha das profundezas da garganta e tentou

uma última vez.

— Não é uma boa ideia. Não é seguro.

— Nada é seguro — retrucou Althea, quase com tristeza.

Os dedos de Brashen pareciam se enrolar nos laços da camisa dela, e, depois que a roupa saiu, encontrou a resistência de uma faixa enrolada em volta do peito. Ele desenrolou a faixa, soltando os pequenos seios de Althea, e os beijou. Ela era tão magra. Tinha gosto de água salgada, estopa e até do óleo que levavam como carga. Mas ela era quente, estava disposta e era uma mulher, então Brashen se espremeu no catre estreito e curto demais para os dois. Tentou dizer a si mesmo que era a cindina que fazia os olhos escuros dela parecerem tão sem fundo. Era surpreendente como uma garota de língua tão afiada podia ter uma boca tão macia e dócil. Mesmo quando Althea cravou os dentes na carne de seu ombro para abafar os gritos sem palavras, a dor foi doce.

— Althea — murmurou, contra o cabelo dela, entre a segunda e a terceira vez. — Althea Vestrit.

Não estava apenas dando um nome à garota, mas também ao mundo inteiro de sensações que ela despertara.

Brash. Brashen Trell. Uma pequena parte de sua mente não conseguia acreditar que estava fazendo aquilo com Brashen Trell. Não *aquilo*. Uma parte muito pequena e sarcástica assistia, incrédula, enquanto ela se entregava a cada impulso do corpo dele. Brashen era a pior escolha possível. *Tarde demais para se preocupar com isso*, pensou, e o puxou ainda mais para dentro de si. Apertou o corpo contra o dele. Não fazia sentido, mas não conseguia encontrar aquela parte de si que se importava com essas coisas. Fora no caso de sua primeira vez, sempre tivera o bom senso de manter esse aspecto da sua vida num nível impessoal, mas, além de estar se entregando com uma vontade intensa que a chocava, ainda estava fazendo aquilo com alguém que já conhecia havia anos. E não foi só uma vez: Brashen mal caíra sobre ela depois da primeira vez e Althea começara a insistir para que o processo começasse de novo. Sentia-se como uma mulher faminta que de repente se depara com um banquete. Sentia um calor intenso dentro de si, e talvez fosse a cindina. Mas também estava finalmente admitindo para si mesma a necessidade intensa que sentia daquele contato humano próximo, do toque, do compartilhamento, do abraço. Em determinado momento, lágrimas arderam em seus olhos e um soluço sacudiu seu corpo. Althea se enrijeceu de encontro ao ombro de Brashen, quase com medo da força da solidão e dos temores que aquela união parecia estar dissipando. Tinha

fingido ser forte por tanto tempo... não suportava expor sua fraqueza assim, para qualquer um, muito menos para alguém que sabia quem ela era. Agarrou Brashen com sofreguidão e deixou que ele acreditasse que aquilo era parte de seu desejo.

Não queria pensar. Não naquele momento. Só queria agarrar o que pudesse para si. Passou as mãos pelos músculos rígidos dos braços e das costas de Brashen. No meio do peitoral havia pelos crespos e espessos, mas outras partes do peito e a barriga estavam cobertas apenas de uma penugem escura, depois de os pelos terem sido arrancados pelo tecido áspero das roupas e o movimento constante do navio. Brashen não parava de beijá-la, como se nunca fosse o bastante. Sua boca tinha gosto de cindina, e, quando ele beijou seus seios, Althea sentiu a ardência da droga nos mamilos. Deslizou uma das mãos entre seus corpos e tateou a firmeza escorregadia do corpo másculo que entrava e saía de dentro dela. Então tapou a boca de Brashen com a mão, abafando o grito quando ele a penetrou e segurou ambos à beira da eternidade.

Durante algum tempo, Althea não pensou em nada, perdida em algum lugar. Então voltou de repente ao catre estreito e suado, sentindo o peso esmagador de Brashen por cima dela, o cabelo preso na mão dele. Notou que estava com os pés gelados. E sentia cãibra nas costas, na altura da cintura. Arfava sob o peso daquele homem.

— Quero levantar — murmurou, e, quando ele não se moveu, acrescentou: — Brashen, você está me esmagando. Sai de cima de mim!

Brashen se moveu, e ela conseguiu se sentar. O marinheiro se afastou para o lado no catre, e Althea se sentou no espaço que ele deixara ao curvar e encolher o corpo. Brashen ergueu os olhos para ela, sem sorrir, então ergueu uma das mãos e traçou um círculo com o dedo em volta de um de seus seios. Althea estremeceu. Com uma ternura que a deixou horrorizada, ele puxou o único cobertor para cobrir seus ombros.

— Althea — começou.

— Não fale — implorou a jovem, de repente. — Não diga nada.

Não sabia como, mas falar sobre o que tinham acabado de fazer tornaria tudo mais real, tornaria aquilo uma parte de sua vida, algo que teria que admitir mais tarde. Agora que estava saciada, notou que a cautela tinha retornado.

— Isso não pode acontecer de novo — declarou, de repente.

— Eu sei. Eu sei — concordou ele, mas seus olhos acompanharam a mão enquanto passava os dedos do pescoço à barriga de Althea. Brashen deu um tapinha na argola e no amuleto no umbigo dela. — Isso é... incomum.

A caveira minúscula piscou para eles, à luz tênue e trêmula do lampião.

— Foi um presente da minha querida irmã — retrucou Althea, mordaz.

— Eu... — Ele hesitou. — Achei que só putas usassem essas coisas — concluiu, meio sem jeito.

— Minha mãe também acha — retrucou Althea, seca.

A velha ferida voltou a doer sem aviso.

Ela de repente se encolheu e conseguiu se deitar no catre ao lado de Brashen, que a aninhou na curva do corpo. O calor era bom, assim como as leves cócegas enquanto ele brincava com um de seus seios. Sabia que devia afastar a mão dele. Sabia que não devia deixar que aquilo fosse mais longe do que já tinha ido. Precisava se levantar, se vestir e voltar para o castelo de proa — era o mais sensato a fazer. Tinha que se levantar, sair para a cabine gelada e vestir as roupas molhadas e frias... Estremeceu e se encostou contra o calor de Brashen, que se remexeu para passar os braços em volta dela e a apertar mais junto ao corpo. Segura.

— Por que sua irmã lhe deu um amuleto de madeira-arcana? — A voz dele saiu com uma curiosidade relutante.

— Para que eu não engravide e envergonhe a família. Nem pegue uma doença que faça com que todos em Vilamonte saibam a vadia que eu sou. — Ela escolheu aquela palavra forte de propósito, cuspindo-a contra si mesma.

Brashen ficou paralisado por um momento, então deslizou a mão pelas costas de Althea, afagando, massageando seus ombros e pescoço até ela suspirar e relaxar outra vez em seus braços.

— A culpa foi minha, eu não devia ter contado a ela — explicou Althea. — Mas só tinha catorze anos e precisava contar para alguém. E não podia contar para o meu pai, não depois de ele dispensar Devon.

— Devon — Brashen repetiu o nome, sem realmente fazer uma pergunta.

Ela suspirou.

— Foi antes de você entrar para a tripulação. Devon era marinheiro. Era tão bonito, sempre com um gracejo ou um sorriso para qualquer coisa, até mesmo em tempo ruim. Nada o abalava. Ele ousaria fazer qualquer coisa.

Althea ficou quieta. Por um momento, pensou apenas na mão de Brash percorrendo suas costas com aquela delicadeza, relaxando os músculos como se estivesse desembaraçando uma corda.

— E meu pai e ele não concordavam nesse ponto, claro. Meu pai disse que

“ele seria o melhor marinheiro do navio, se tivesse bom senso. E daria um bom primeiro imediato, se soubesse quando ter medo.” Mas Devon não era assim. Sempre reclamava que dava para usar mais velas e, quando trabalhava no alto do cordame, era sempre o mais rápido. Eu entendia o que meu pai queria dizer. Quando os outros homens tentavam acompanhar o ritmo dele, por puro orgulho, o trabalho acabava mais rápido, mas não era tão bem-feito. Os homens cometiam vários erros, e alguns marinheiros se machucavam. Nada sério, mas você sabe como o meu pai era. Ele sempre dizia que era porque Vivácia é um navio-vivo. Que acidentes e mortes a bordo são ruins para esse tipo de navio, que as emoções são fortes demais.

— Acho que ele tinha razão — murmurou Brashen, beijando sua nuca.

— Eu sei que tinha — respondeu Althea, meio irritada, então soltou um suspiro. — Mas eu tinha catorze anos, e Devon era tão bonito. Tinha olhos cinzentos. Ficava sentado no convés quando terminava o turno e esculpindo coisas para mim, contando histórias de suas viagens. Parecia que tinha viajado o mundo todo e visto de tudo. Nunca falava nada de mau sobre o meu pai, nem para mim nem para o resto da tripulação, mas dava para saber quando ele achava que dava para arriscar mais na navegação. Ele sempre ficava com um sorriso de desdém no canto da boca. Às vezes só isso já era o suficiente para meu pai ficar irado, mas eu achava adorável. Ousado. Ele zombava do perigo. — Althea suspirou. — Eu acreditava que ele não podia fazer nada de errado. Ah, eu estava apaixonada.

— E ele se aproveitou disso, quando você tinha catorze anos? — A voz de Brashen parecia carregada de acusação. — No navio do seu pai? Isso não é ousadia, é estupidez.

— Não. Não foi assim — respondeu Althea, relutante. Não queria contar aquilo a Brashen, mas não conseguia se conter. — Acho que ele sabia da minha adoração e às vezes flertava comigo, mas só de brincadeira. E eu gostava, mas sabia que ele não estava falando sério. — Althea balançou a cabeça. — Mas, numa noite, eu tive minha chance. A Vivácia estava atracada numa doca de Borra. Era uma noite tranquila, a maioria da tripulação estava de folga e meu pai tinha desembarcado para cuidar de alguns negócios. Aí eu fiquei de vigia. Tinha tirado minha folga mais cedo, tinha ido para a cidade e comprado... ah, acho que brincos, algum perfume, uma blusa de seda e uma saia de seda longa. E era o que estava usando, esperando que ele me visse assim que voltasse das tavernas. E quando vi Devon voltando mais cedo para o navio, sozinho, meu coração bateu tão forte que eu quase não conseguia respirar. Sabia que era a minha chance.

Althea suspirou e continuou:

— Ele subiu a bordo com um pulo, como sempre, aterrissando feito um gato no convés, e parou bem na minha frente. — Ela riu. — Sabe, acho até que conversamos. Devo ter dito algumas coisas, ele deve ter dito outras... Mas não consigo me lembrar de nenhuma palavra, só de como estava feliz por finalmente poder revelar que estava apaixonada sem precisar tomar cuidado, já que não tinha ninguém para ouvir. E ele sorriu enquanto eu falava, como se não pudesse acreditar na própria sorte. E... pegou o meu braço e me levou pelo convés, então fez eu me curvar sobre a cobertura de uma escotilha, ergueu minha saia, abaixou minha calcinha... e me possuiu ali mesmo. Curvada sobre uma cobertura de escotilha, feito um garoto.

— Foi estupro? — Brashen parecia horrorizado.

Althea abafou uma risada estranha.

— Não, não foi estupro. Ele não me forçou. Eu não sabia nada do que estava acontecendo, mas tinha certeza de que estava apaixonada. Eu obedeci de boa vontade e fiquei parada enquanto ele se mexia. E ele não foi bruto, foi bem cuidadoso. Bem cuidadoso mesmo. E eu não sabia o que esperar, então acho que não fiquei desapontada. Quando acabou, ele olhou para mim com aquele sorriso adorável e disse: “Espero que você se lembre disso pelo resto da vida, Althea. Porque eu vou lembrar.” — A jovem respirou fundo. — Então ele desceu do convés e voltou com o saco de marinheiro no ombro e desembarcou. Nunca mais o vi.

O silêncio se estendeu.

— Fiquei de olho, esperando ele voltar. Quando zarpamos, dois dias depois, descobri que ele tinha sido demitido assim que atracamos.

Brashen soltou um gemido baixo.

— Ah, não. — Ele balançou a cabeça. — Ele só possuiu você por vingança.

Althea retrucou, hesitante:

— Nunca pensei desse jeito. Sempre achei que foi mais uma coisa que ele ousou fazer achando que não seria pego. — Ela se obrigou a perguntar: — Você acha mesmo que foi vingança?

— Acho — respondeu Brashen. — Acho que essa é a pior coisa que já ouvi — acrescentou, baixinho. — Devon. Se eu algum dia encontrar o sujeito, vou fazer questão de matá-lo por você. — A sinceridade em sua voz a deixou surpresa.

— Mas o pior veio depois — admitiu Althea. — Chegamos em Vilamonte

duas semanas mais tarde, e eu tinha certeza que estava grávida. Não tinha a menor dúvida. Bem, não tive coragem de falar com meu pai, e minha mãe não seria muito melhor, então fui visitar minha irmã casada, Keffria, achando que ela ia poder me dar algum conselho. Fiz Keffria jurar guardar segredo e contei.

Althea balançou a cabeça e moveu a cindina no lábio outra vez. O pedaço tinha deixado um machucado. O sabor já tinha quase desaparecido.

— E Keffria...? — insistiu Brashen. Parecia realmente querer saber o resto da história.

— Ficou horrorizada. Começou a chorar e disse que eu estava arruinada para sempre, que eu era uma vadia, uma puta e uma vergonha para o nome da família. Ela parou de falar comigo. Quatro ou cinco dias depois, meus sangramentos chegaram. E vieram na data certa. Eu encontrei com Keffria e contei que estava tudo bem, e disse que negaria tudo se ela contasse ao meu pai ou à minha mãe. Estava com muito medo, depois de tudo o que ela disse. Tinha certeza de que, se eles ficassem sabendo, me mandariam embora e nunca mais me amariam.

— Mas ela não tinha prometido que não ia contar?

— Mas eu não acreditei. Pelo menos Kyle sabia, pelo jeito como começou a me tratar. Mas Keffria não gritou comigo nem nada do tipo. Aliás, ela quase não falou quando me entregou a argola de umbigo. Só disse que, se eu usasse aquilo, não ficaria grávida nem doente, e que era o mínimo que eu devia à minha família. — Althea coçou a nuca e estremeceu. — As coisas nunca mais foram as mesmas depois disso. Aprendemos a ser civilizadas uma com a outra, principalmente para evitar as perguntas dos nossos pais, mas acho que foi o pior verão da minha vida. Foi só traição e mais traição.

— E, depois disso, você meio que passou a fazer como bem entende com os homens?

Devia ter adivinhado que Brashen ia querer saber, os homens sempre queriam. Althea deu de ombros, resignada a contar toda a verdade.

— De vez em quando. Não com muita frequência. Bem, só duas vezes. Eu achava que a primeira vez não tinha sido... feita direito. Pelo que a tripulação da Vivácia falava, achava que devia ter sido pelo menos divertido. Mas foi só... uma pressão, um pouco de dor e umidade. E só. Então acabei tomando coragem e tentei duas vezes, com homens diferentes. E não foi... nada mau.

Brashen ergueu a cabeça e a encarou.

— E você chama isso de “nada mau”?

Outra verdade que não queria dizer. Sentia como se estivesse entregando uma

arma.

— Não, isso foi o que sempre devia ter sido. Mas nunca tinha sido assim antes. — Então, como não conseguia suportar a ternura nos olhos dele, teve que acrescentar: — Talvez seja culpa da cindina. — Pegou o que restava do fragmento minúsculo. — Isso deixou uns machucadinhos na minha boca — reclamou, olhando para o outro lado para não ver a mágoa no rosto de Brashen.

— Deve ter sido, mesmo — admitiu ele. — Ouvi dizer que a cindina afeta as mulheres desse jeito. As mulheres não usam muito, sabe, porque pode fazer sangrar. Mesmo quando não está na época.

Ele pareceu subitamente constrangido.

— Ah, agora que você me diz — resmungou Althea.

Brashen a soltou. O efeito da cindina estava passando, e ela se sentiu subitamente sonolenta, a cabeça começava a latejar. Tinha que se levantar. O quarto estava frio. As roupas estavam molhadas. Dali a um minuto. Dali a um minuto, se levantaria e voltaria para sua rede, sozinha.

— Preciso ir — falou. — Se nos virem assim...

— Eu sei — concordou Brashen, mas não se moveu, só deslizou a mão numa longa carícia ao longo do corpo dela. Seu toque vinha seguido de um arrepio.

— Brashen. Você sabe que isso não pode acontecer de novo.

— Eu sei, eu sei. — Ele sussurrou as palavras contra sua pele, beijando sua nuca bem lentamente. — Não pode acontecer. Nunca mais. Nunca mais, depois desta última vez.



21

VISITANTES

Com um suspiro, Ronica ergueu os olhos dos livros de registro.

— Sim? O que foi?

Rache parecia apreensiva.

— Delo Trell está esperando na sala de estar.

Ronica ergueu as sobrancelhas.

— Por quê?

Delo sempre ia e vinha como bem entendia. Ela e Malta eram melhores amigas havia pelo menos dois anos, e as duas já tinham deixado as formalidades de lado.

Rache olhou para o chão. Parecia hesitante.

— O irmão mais velho veio com ela. Cerwin Trell.

Ronica franziu o cenho.

— Bem, acho melhor ir ver o que eles querem. Mas não aqui, leve o rapaz para a sala de visitas. Ele disse o que quer?

Rache mordiscou o lábio antes de responder:

— Sinto muito, senhora. Ele disse que está aqui para visitar Malta. Com a irmã.

— O quê? — Ronica se levantou de um pulo, como se tivesse sido espetada.

— Não conheço muito bem os costumes locais, mas não me pareceu... correto. Então pedi que esperassem na sala de estar. — Rache não parecia nem um pouco à vontade. — Espero não ter causado nenhum constrangimento.

— Não se preocupe — respondeu Ronica, incisiva. — Foi Malta quem causou esse constrangimento. Mas o jovem Trell também deveria ter modos. Você disse que eles estão na sala de estar?

— Sim. Devo providenciar... algo para comer e beber?

As duas se entreolharam. Diante daquele dilema social, os limites entre senhora e criada eram quase invisíveis.

— Eu... sim. Obrigada, Rache. Você está certa. Melhor lidar com isso com formalidade, em vez de repreender o garoto como se ele fosse mal-educado. Mesmo que ele tenha se comportado muito mal. — Ronica mordeu o lábio inferior. — Avise Keffria e peça a ela que se junte a nós. Traga bebidas e petiscos. E espere um pouco antes de avisar Malta das visitas. Ela causou essa situação e precisa ver como se lida com isso.

Rache respirou fundo, como um soldado se preparando para a batalha.

— Muito bem.

Depois que a mulher saiu, Ronica levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos. Deu uma última olhada para os livros de registro que deixara de lado e assentiu. Os olhos e a cabeça já estavam doendo de tanto examinar as linhas tão pequenas, mas ainda não encontrara um modo de diminuir as dívidas ou aumentar os créditos. Pelo menos tinha uma distração. Uma distração desagradável para um problema impossível. Ah, bem... Ajeitou o cabelo, empertigou-se e foi para a sala de visitas. Se hesitasse, perderia a coragem. Cerwin Trell podia ser jovem, mas também era o herdeiro de uma poderosa família Mercadora. Ronica precisava colocá-lo no devido lugar, mas sem insultos. Era uma situação muito delicada.

Parou diante da porta da sala de visitas para tomar fôlego e colocou a mão na maçaneta.

— Mãe.

Ronica se virou e deu de cara com Keffria, que vinha em sua direção como uma égua fugida. Seus olhos normalmente gentis exibiam pequenos lampejos de raiva, e os lábios estavam cerrados com firmeza. Ronica não se lembrava de já ter visto a filha daquele jeito, e ergueu a mão para adverti-la:

— Não podemos ofender a família Trell — lembrou, baixinho.

Keffria ouviu as palavras, avaliou a situação e decidiu ignorar o lembrete.

— Nem os Vestrit — sibilou. O tom era tão similar ao do pai que Ronica ficou paralisada.

Keffria abriu a porta e entrou antes dela na sala.

Cerwin ergueu a cabeça com um sobressalto de culpa. Estava sentado na beira de um divã. Até Delo parecia surpresa. A garota inclinou a cabeça para espiar atrás de Keffria e Ronica.

A matriarca decidiu falar antes que Keffria pudesse se pronunciar.

— Malta se juntará a nós num instante, Delo. Sua amiga com certeza ficará muito feliz em ver você. E que prazer receber sua visita, Cerwin. Já faz, ah,

vejamos... Ora, não consigo me lembrar da última vez que você nos visitou.

O rapaz se levantou e fez uma mesura, então se empertigou e sorriu, mas não parecia tranquilo.

— Acho que meus pais me trouxeram para o casamento de Keffria. Claro que isso já faz alguns anos.

— Quase quinze — observou Keffria. — Pelo que me lembro, você era um menininho bem curioso. Acho que surpreendi você tentando agarrar o peixe dourado na fonte do jardim, não foi?

O garoto ainda estava de pé. Ronica tentou se lembrar da idade dele. Dezoito? Dezenove?

— Acho que pegou... É, eu me lembro de algo parecido. Claro que na época eu era só uma criancinha.

— Era mesmo — retorquiu Keffria, antes que Ronica pudesse se pronunciar. — E eu não poderia culpar uma criança por ver alguma coisa brilhante e bonita e a querer para si. — Ela sorriu para Cerwin, acrescentando: — Ah, vejam só, Rache chegou com um lanche. Sentem-se, fiquem à vontade.

Rache trouxera café, bolinhos, creme e especiarias numa bandeja, que colocou numa mesinha antes de sair da sala. Keffria serviu a todos. Durante um tempo, a conversa girou em torno do clima e da preferência por creme ou especiarias no café. Quando todos estavam servidos, Keffria se sentou e sorriu para as visitas. Delo estava sentada na beira da cadeira, nervosa, e não parava de olhar para a porta. Ronica achou que a menina estava torcendo para Malta aparecer e resgatá-la daquele ambiente adulto. Pelo menos era o que esperava.

Keffria não demorou em retomar o ataque.

— Então, Cerwin, o que traz você aqui?

O rapaz a olhou nos olhos com ousadia, mas sua voz estava suave quando falou:

— Malta me convidou... nos convidou. Eu tinha levado Delo para o mercado, para uma tarde de compras, e acabamos encontrando Malta por acaso. Fizemos um lanche juntos. E Malta nos convidou para uma visita.

— Ah, convidou. — O tom de Keffria não questionava a história do rapaz. Ronica esperava que seu espanto não estivesse tão evidente quanto o da filha. — Bem, aquela tonta não avisou. Mas as garotas são assim mesmo, e Malta é pior do que a maioria. Infelizmente, ela tem a cabeça cheia de ideias tolas. Não sobra muito espaço para o bom senso e a cortesia.

Ronica ouvia a filha sem muita atenção. Já estava se perguntando com que

frequência Malta escapulira para o mercado sozinha e se o encontro tinha sido mesmo tão por acaso quanto Trell fazia parecer. Olhou para Delo, pensativa. Será que as duas tinham planejado aquele encontro “acidental”?

Malta entrou na sala, como se estivesse aproveitando uma deixa. A menina olhou irritada para todos, que faziam um lanche tão social. Seu rosto assumiu uma expressão receosa e astuta, e Ronica não gostou nem um pouco do que viu. Quando aquela garota tinha se tornado tão ardilosa? Estava claro que ela imaginava que ia receber Delo e Cerwin sozinha, mas pelo menos não parecia que esperava que viessem naquele dia. Estava com o cabelo recém-escovado e um toque de tinta nos lábios, mas o vestido pelo menos era apropriado para uma garota de sua idade — era simples e de lã, bordado na gola e na barra, mas havia algo no modo como ela o usava, com o cinto apertado para mostrar a cintura e empurrar o tecido contra os seios redondos, sugerindo as formas de uma mulher em roupas de criança. E Cerwin Trell tinha se levantado como se fosse cumprimentar uma jovem mulher, em vez de uma garotinha.

Aquilo era pior do que Ronica temia.

— Malta — cumprimentou Keffria, sorrindo para a filha. — Delo veio visitar você. Mas não quer comer alguns bolinhos e tomar café conosco antes?

Delo e Malta se entreolharam. A jovem Trell engoliu em seco e umedeceu os lábios.

— Depois você talvez possa nos mostrar o jasmim-trombeta que você falou que tinha dado flor. — A garota pigarreou e falou mais alto do que o necessário, acrescentando para Keffria: — Malta nos falou sobre a estufa, quando nos encontramos. Meu irmão gosta muito de flores.

Keffria sorriu, não mais que um esticar dos lábios.

— Ah, é? Então ele tem que conhecer as plantas. Malta passa tão pouco tempo nas estufas que estou surpresa por ela ter se lembrado de que temos um jasmim-trombeta. Ah, eu mesma vou mostrá-lo a Cerwin. Afinal — ela se virou com um sorriso para o rapaz —, não posso confiar nele sozinho com meu peixe dourado, depois da última vez!

Ronica quase sentiu pena do garoto, que forçou um sorriso e tentou não demonstrar que tinha entendido muito bem aquelas palavras.

— Ah, Keffria, eu com certeza vou adorar ver as flores — respondeu ele.

Ronica achava que teria que tomar o controle daquela situação, mas Keffria parecia ter finalmente assumido o papel que lhe cabia, pelo menos naquela área. Ronica falou pouco, limitando-se a algumas palavras gentis enquanto

terminavam o café e os bolinhos, preferindo manter-se como espectadora. Logo se convenceu de que Malta e Delo tinham conspirado para aquela visita, mas que a menina Trell estava muito mais desconfortável e culpada do que Malta.

Mesmo não estando muito à vontade, a neta parecia no mínimo determinada. Gesticulava com trejeitos muito bem pensados e não parava de falar com Cerwin, fazendo perguntas que o rapaz não podia evitar responder. O irmão de Delo estava bem ciente de como a situação era imprópria, mas, como um camundongo fascinado por uma cobra, parecia incapaz de escapar. Esforçava-se para se concentrar na conversa educada e constante de Keffria, enquanto Malta sorria por trás da xícara de café. Ronica balançou a cabeça mentalmente. Keffria tinha pensado que Malta era ingênua demais para ser introduzida na sociedade de Vilamonte como uma moça, temia que homens pudessem se aproveitar dela... Mas o mais provável era que o oposto fosse verdade. Malta observava Cerwin com a avidez de uma gata à espreita. No fundo do coração, Ronica se perguntou o que era mais importante para a neta: o homem ou a caça. Cerwin era jovem e, pelo pouco que Ronica vira, inexperiente em jogos como aquele. Se a menina o conquistasse com muita facilidade... e o rapaz não demonstrasse muitos sinais de resistir à atenção... poderia acabar descartado em favor de conquistas mais desafiadoras.

Ronica encarava a neta com novos olhos. Não considerava as qualidades que viu mais admiráveis numa mulher do que num homem: Malta era uma pequena predadora. Ronica ficou se perguntando se era tarde demais para fazer alguma coisa a respeito. Quando aquela garotinha bonita se transformara numa fêmea ávida e conquistadora, em vez de numa mulher? Pensou que talvez tivesse sido bom Kyle ter tirado Wintrow do sacerdócio: se fosse para um deles herdar o legado Mercador dos Vestrit, preferia que fosse o garoto, e não aquela Malta que via diante de si.

Começou a pensar em Wintrow. Torcia para que o garoto estivesse se saindo bem, embora o mais realista fosse torcer para que ele estivesse sobrevivendo. Uma mensagem tinha chegado do monastério. Um tal de Berandol escrevera perguntando sobre o garoto e quando poderiam esperar seu retorno. Tinha entregado a carta a Keffria; a filha que respondesse como achasse melhor.

Às vezes, Ronica queria castigar a filha por não ter coragem de bater de frente com o marido, forçá-la a confrontar toda a dor que aquele homem conseguira causar nos poucos meses desde a morte de Ephron. Wintrow tinha sido praticamente raptado e forçado à escravidão a bordo do navio da própria família, e só Sá sabia que fim levara Althea. E isso era o mais difícil: ficar acordada à noite, deitada na cama, pensando no que poderia ter acontecido com a filha

indócil. Será que o corpo dela estava apodrecendo numa cova anônima cavada às pressas? Será que estava vivendo em algum canto de Vilamonte sob circunstâncias terríveis, fazendo o que fosse necessário para se sustentar? Duvidava muito dessa última hipótese — perguntara muito na cidade, mas não recebera nem sinal de qualquer notícia sobre a filha. Se Althea estivesse viva, tinha ido embora de Vilamonte. Mas como?

Vilamonte não era mais o lugar civilizado de apenas cinco anos antes. Os recém-chegados tinham trazido toda sorte de vícios, e tinham atitudes extremamente contagiosas a respeito de criados e mulheres. A maioria dos que chegavam era homem. Ronica não sabia como eles tratavam as mulheres em sua terra natal, mas as que viviam nas casas alugadas na cidade só não eram escravas no nome, e os escravos eram tratados pior do que animais. Tinha ficado muito chocada na primeira vez que vira um recém-chegado bater no rosto de um de seus criados em pleno mercado. Não foi a atitude do homem, porque havia tiranos mal-humorados entre os Mercadores de Vilamonte, assim como em qualquer outro lugar — o tipo de gente que perdia a paciência com criados ou familiares e batia neles, mas que em geral tinham o que mereciam: criados que roubavam, mentiam e faziam o mínimo de trabalho possível. Só que aquele criado no mercado apenas se encolheu para longe de seu senhor e não disse nada, nem mesmo ameaçou se demitir ou sequer reclamar da injustiça. E, por ele não se defender, parecia impossível que mais alguém protestasse. Aquilo fez quem viu a cena hesitar e se perguntar se o sujeito não tinha merecido o golpe. O criado não teria reconhecido a própria culpa, ao aceitar a agressão? Assim, ninguém tomou o partido dele.

Agora havia duas classes de criados em Vilamonte: criados verdadeiros, como Nana, que recebiam salário e tinham dignidade e vida própria — servir os Vestrit era apenas o trabalho dela, não definia sua vida —; e os criados dos recém-chegados, praticamente escravos, cuja existência consistia em satisfazer cada capricho dos donos. Não era legal, mas como poderiam provar que a pessoa era escrava, e não apenas um criado? Quando questionadas, essas pessoas afirmavam, apavoradas, que eram mesmo criados, cujos salários eram enviados para suas famílias, que ainda moravam nos lugares de onde tinham vindo. Muitos insistiam que estavam contentes com a vida que tinham escolhido. Ronica sempre ficava um pouco enjoada imaginando o tipo de ameaças que os fazia ter um medo tão intenso. O que quer que fosse, as ameaças com certeza já tinham sido cumpridas mais de uma vez, pois os escravos as temiam muito.

— Até mais e tenha um bom dia, Ronica Vestrit.

Ela estava tão tranquila que nem se sobressaltou. Cerwin surgiu diante dela,

balançando a cabeça numa mesura de cavalheiro, e Ronica retribuiu o gesto, muito séria.

— Até mais, Cerwin Trell. Espero que goste da estufa. E, se gostar do nosso jasmim-trombeta, peça uma muda a Keffria. Sei que pode parecer severo, mas podamos bastante as plantas para estimular o florescimento, para que tenham uma forma graciosa.

— Compreendo — respondeu ele, e Ronica teve certeza de que de fato compreendia. O garoto agradeceu e seguiu Keffria para fora da sala.

Malta e Delo foram atrás, conspirando. A frustração contida de Malta estava evidente nas narinas dilatadas e nos lábios cerrados — a menina tinha esperado ficar a sós com Cerwin, ou pelo menos na companhia apenas de Delo. Mas para quê? Provavelmente nem a própria Malta soubesse.

E aquela devia ser a parte mais assustadora da situação: que Malta tivesse se atirado na empreitada com tanta agressividade e tão pouco conhecimento das consequências.

E Ronica foi forçada a se perguntar de quem era a culpa. As crianças tinham crescido em sua casa, e ela as via com frequência, fosse à mesa, no chão ou no jardim. Ainda assim, os três tinham sido sempre “as crianças”, e não os adultos de amanhã, não pessoas pequenas se tornando o que um dia deveriam ser — mas “as crianças”. Selden... onde estava o neto mais novo? O que estaria fazendo? Devia estar com Nana, ou com a tutora, supervisionado e seguro. Mas era só o que Ronica sabia sobre o menino. Foi tomada por uma onda de pânico. Restava tão pouco tempo... talvez já fosse tarde demais para moldá-los. Tinha que aprender com o exemplo das próprias filhas: Keffria só queria alguém para lhe dizer o que fazer, e Althea queria fazer o que bem entendesse.

Pensou nos números nos livros de registro, que não mudariam só com seus desejos. Pensou na dívida com os Festrew, dos Ermos Chuvosos. Sangue ou ouro, a dívida devia ser paga. De repente, vendo a questão por outra perspectiva, viu que aquilo não era bem problema seu — era de Selden e de Malta: não seriam eles o sangue a pagar a dívida? E ela não tinha lhes ensinado nada. Nada.

— Senhora? A senhora está bem?

Ergueu os olhos para Rache. A mulher tinha entrado na sala e recolhido as xícaras na bandeja. Estava parada ao seu lado enquanto Ronica olhava para longe, melancólica. Aquela mulher, uma escrava-criada em sua própria casa, incumbida da educação de sua neta. Uma mulher que ela mal conhecia. O que a simples presença de Rache na casa ensinava a Malta? Que a escravidão devia ser aceita, que era como as coisas seriam dali em diante? O que aquilo transmitia a

Malta sobre o significado de ser uma mulher na sociedade futura de Vilamonte?

— Sente-se. — Ronica se ouviu dizendo a Rache. — Precisamos conversar. Sobre a minha neta. E sobre você.

— Jamaillia — anunciou Vivácia em voz baixa.

A palavra o despertou, e Wintrow ergueu a cabeça do convés, onde estivera dormindo à luz do sol de inverno. O céu estava límpido, não estava nem frio nem quente, e o vento soprava de leve. Era a hora da tarde designada para Wintrow "dar atenção ao navio", como dizia seu pai, com tanta ignorância. Wintrow estava sentado na coberta de proa, remendando a calça e conversando com Vivácia em voz baixa. Não se lembrava de ter caído no sono.

— Me desculpe — disse, esfregando os olhos.

— Não precisa pedir desculpas — respondeu o navio-vivo, simplesmente. — Queria poder dormir de verdade, como os humanos fazem, e me afastar do dia e de todas as preocupações. Considero uma bênção que pelo menos um de nós possa fazer isso. Só lhe acordei porque achei que você ia querer ver isto. Seu avô sempre dizia que era a vista mais linda da cidade. Aqui de longe, onde não dá para ver nenhum de seus defeitos. Ah, lá estão: os pináculos brancos de Jamaillia.

Wintrow se levantou, se espreguiçou e olhou para além das águas azuis. As duas largas faixas de terra se estendiam em "u", cercando o navio como braços abertos em boas-vindas. A cidade ocupava a costa entre a foz enevoada do Rio Quente e o pico da Montanha do Sátrapa. Solares e jardins encantadores eram separados por cinturões de árvores. As torres e os pináculos da Corte do Sátrapa erguiam-se numa elevação atrás da cidade. Aquela área era chamada de "cidade alta", o coração de Jamaillia. A capital que dava nome a toda a Satrápia, centro da civilização e berço de todo o conhecimento e arte, reluzia à luz do sol da tarde, brilhando em tons de verde, dourado e branco, como uma joia engastada. Os pináculos eram mais altos do que qualquer árvore e de uma brancura tão intensa que Wintrow não conseguia evitar estreitar os olhos. Eram decorados com ouro, e as bases tinham sido feitas do magnífico mármore verde de Saden. Wintrow passou um tempo absorvendo a cidade, vendo pela primeira vez tudo de que tanto ouvira falar.

Cerca de quinhentos anos antes, a maior parte de Jamaillia tinha sido destruída num incêndio. Depois do ocorrido, o sátrapa da época determinou que a cidade real teria que ser reconstruída ainda mais magnífica do que antes, e que todas as construções seriam de pedra, para que nunca mais pudesse ser alvo de um

desastre como aquele. Ele reuniu seus maiores arquitetos, artistas e pedreiros e, depois de três décadas de trabalho, a corte foi reconstruída. O segundo pináculo mais alto, apontando para o céu, era a residência do sátrapa, e a única construção mais alta era o Templo de Sá, onde o sátrapa e suas companheiras rezavam. Wintrow ficou admirando a beleza dos pináculos, tomado de assombro e fascinação. Ser mandado para viver no monastério que servia àquele templo era a maior honra à qual um sacerdote poderia aspirar. A biblioteca sozinha ocupava dezessete câmaras, além de três salas de escrita, onde vinte sacerdotes ficavam ocupados em restaurar ou copiar os pergaminhos e livros. Wintrow pensou no conhecimento acumulado ali, tomado por uma enorme sensação de reverência.

Então veio a amargura, que o deixou de coração pesado. Agrião também lhe parecera bela e brilhante, mas era uma cidade de homens gananciosos. Deu as costas para Jamaillia e se sentou no convés.

— É tudo mentira — observou. — Uma mentira que os homens contam a si mesmos. Eles se reúnem e criam essas coisas belas, depois se afastam e dizem: "Vejam como temos almas, discernimento, santidade e júbilo. Demos tudo de nós na construção desse lugar, então não precisamos nos incomodar com ele no dia a dia. Podemos levar a vida mais estúpida e brutal que quisermos e eliminar qualquer inclinação à espiritualidade ou misticismo que encontrarmos em nossos vizinhos e em nós mesmos. Depois de gravar nossas crenças na pedra, não precisamos mais nos incomodar com elas." É uma mentira dos homens para si mesmos. Só mais uma das maneiras como nos deixamos enganar.

Vivácia respondeu bem baixinho e, se Wintrow estivesse de pé, talvez não tivesse ouvido. Mas, como estava sentado, com as palmas das mãos tocando o convés, as palavras ressoaram por sua alma.

— Talvez os homens sejam uma mentira que Sá criou para esse mundo. Talvez ele tenha dito que faria todas as outras coisas vastas, belas e sinceras. Mas que só o homem teria a capacidade de ser mesquinho, cruel e autodestrutivo. E, como a peça mais cruel de todas, ele decidiu colocar entre os humanos alguns homens capazes de ver essas coisas em si mesmos. Acha mesmo que a maldade não pode ter sido obra de Sá?

— Isso é blasfêmia — retrucou Wintrow.

— É? Então como você explica todas as coisas horrendas e a crueldade humana? De onde vieram?

— Não vieram de Sá. Essas coisas vêm da ignorância de Sá. Do afastamento de Sá. Vi muitas crianças serem levadas ao monastério, garotos e garotas sem a menor ideia de por que estavam lá, muitos com raiva e medo por terem sido

mandados embora de seus lares tão novos. Mas essas crianças desabrocham em questão de semanas, abrindo-se à luz e à glória de Sá. Em cada criança, há pelo menos uma centelha dessa luz, mas nem todas ficam no monastério. Algumas são mandadas para casa, já que nem todas são adequadas para levar uma vida de serviço. Só que todas são adequadas a se tornarem criações de luz, pensamento e amor. Todas.

— Hum — ponderou o navio-vivo. — Ah, Wintrow, é tão bom ouvir você falar como antes.

O garoto se permitiu um leve sorriso amargurado e esfregou o coto de carne branca onde antes estivera o dedo. Aquilo se tornara um hábito — um hábito discreto, mas que o irritava sempre que se dava conta do que estava fazendo. Como naquele momento.

— Sério que fico me lamuriando tanto assim? — perguntou, entrelaçando os dedos. — É assim tão óbvio?

— Eu devo ser mais sensível a isso do que qualquer outra pessoa. Ainda assim, é bom poder arrancar você desse estado, de vez em quando. — Vivácia fez uma pausa. — Acha que vai desembarcar?

— Duvido. — Wintrow tentou manter o mau humor longe da voz. — Não pisei em terra firme desde que "envergonhei" meu pai em Agrião.

— Eu sei — retrucou o navio-vivo. — Mas, Wintrow, se você desembarcar, é melhor tomar cuidado.

— Por quê?

— Não sei. Acho que é o que a sua trisavó teria chamado de "premonição".

Vivácia soou tão diferente do normal que o garoto se levantou e olhou para ela por cima da amurada de proa. A figura o encarou de volta. Sempre que achava que estava acostumado com ela, vinha um momento como aquele. A luz parecia mais clara do que de costume, proporcionando uma iluminação que sempre o fazia pensar na luz que um artista botaria num quadro ou numa tela — e talvez isso explicasse por que a figura lhe parecia tão luminosa. O verde dos olhos, o lustro vivo do cabelo de ébano, até a pele com a textura de fibras finas reluzia num misto do que havia de melhor na madeira polida e na carne saudável.

Vivácia corou sob aquele olhar, e Wintrow sentiu de novo o impacto súbito de seu amor pela embarcação contra a ignorância sobre o que ela era de fato. Aquilo o abalou, como sempre. Como podia sentir aquela... paixão, se é que ousava usar uma palavra dessas, por uma criação de madeira e magia? Aquele amor não tinha nenhuma origem lógica... não havia perspectiva de um

casamento e de filhos, nenhum desejo de se saciarem fisicamente, não havia uma longa história de experiências compartilhadas que explicasse o afeto e a intimidade que sentia. Aquilo não fazia sentido.

— É tão abominável assim para você? — perguntou Vivácia, num sussurro.

— Não é você — tentou explicar o garoto. — É que esse sentimento é tão pouco natural... É como se tivesse sido imposto, e não uma coisa que eu sinto de verdade. Como um feitiço — acrescentou, relutante.

Os seguidores de Sá não negavam a realidade da magia. Wintrow já tinha visto magia sendo praticada, em raras ocasiões — pequenos feitiços para limpar um ferimento ou acender um fogo —, mas eram atos de uma vontade treinada somada a um dom para que houvesse efeito físico. Aquela súbita onda de emoção — que, pelo que ele podia determinar, era desencadeada por uma associação prolongada — lhe parecia completamente diferente da magia que conhecia.

Gostava de Vivácia. Sabia disso, e aquilo fazia sentido para ele. Tinha muitos motivos para gostar da embarcação: era bela, gentil e compreensiva. Era dotada de inteligência, e era um prazer vê-la usar essa inteligência para criar uma lógica de raciocínio. Vivácia era como uma acólita destreinada, aberta e disposta a qualquer ensinamento. Quem não gostaria de um ser assim? A lógica lhe dizia que devia gostar do navio-vivo, e ele gostava. Mas era diferente da onda quase dolorosa de emoção que o acometia em momentos estranhos como aquele. Percebia o navio como algo mais importante do que o lar e a família, mais importante do que a vida no monastério. Naqueles momentos, não conseguia imaginar um fim melhor para a própria existência do que se atirar em seu convés e ser absorvido pela madeira.

Mas não. Uma vida bem vivida sempre levava ao objetivo de se tornar um com Sá.

— Você tem medo de que eu esteja subvertendo o lugar do seu deus no seu coração.

— Acho que é quase isso — concordou Wintrow, relutante. — Ao mesmo tempo, não acho que seja algo que você, como Vivácia, impõe a mim. Acho que tem a ver com a natureza dos navios-vivos. — Ele suspirou. — Se alguém me destinou a isso, foi minha própria família. Foi minha trisavó, quando decidiu encomendar sua construção. Eu e você somos como botões de flores enxertados numa árvore: podemos crescer sendo verdadeiros com nós mesmos, mas só até onde as raízes permitirem.

O vento soprou forte de repente, como se estivesse recebendo o navio no

porto. Wintrow se levantou e se espreguiçou. Estava mais consciente das diferenças no seu corpo, nos últimos dias. Não estava ficando mais alto, mas seus músculos definitivamente estavam mais rígidos. Uma olhada num espelho, outro dia, tinha mostrado que o rosto já não estava redondo. Estava passando por mudanças, exibindo um corpo mais esbelto e em forma. E agora tinha nove dedos nas mãos. Mas ainda não eram mudanças grandes o suficiente para satisfazer o pai. Quando a febre finalmente baixou e a mão começou a sarar, o pai o chamou na cabine. Mas não para dizer que ficara satisfeito com sua demonstração de coragem ou para perguntar como estava a mão. Nem mesmo para dizer que notara o aprimoramento de suas habilidades como marinheiro. Não. O pai o chamara apenas para dizer que Wintrow tinha sido estúpido, que em Agrião tivera a oportunidade de receber a aprovação da tripulação e ser visto como parte do grupo, mas que deixara a chance escapar.

— Era um engodo — explicara Wintrow. — Todo o esquema com o urso e o homem que venceu era apenas uma isca. Eu soube assim que vi.

— Eu sei disso! — retrucara o pai, impaciente. — Essa não é a questão. Você não precisava vencer, seu idiota. Só precisava mostrar a eles que tem coragem. Achou que estava se provando corajoso ficando calado enquanto Esteio cortava seu dedo. Sei que achou, não negue. Mas só revelou que é um... religioso excêntrico. Quando os homens esperavam ver coragem, você se mostrou um covarde, e, quando qualquer homem normal teria gritado e xingado, você se comportou como um fanático. Desse jeito, nunca vai conquistar a tripulação. Nunca vai ser parte dela, quanto mais um líder respeitado. Ah, eles podem até fingir que o aceitam, mas é mentira. Estão só esperando você baixar a guarda para poderem bater de frente. E sabe de uma coisa? É o que você merece. E pode apostar que espero que isso aconteça!

As palavras do pai ainda ecoavam dentro dele. Nos longos dias desde que perdera o dedo, Wintrow tinha achado que sentia uma aceitação relutante da parte da tripulação. Brando, tão rápido em perdoar quanto em se ofender, tinha sido o mais rápido em se mostrar tolerante com ele. Só que Wintrow não conseguia mais relaxar e aceitar aquela calmaria. Às vezes, à noite, quando tentava alcançar seus antigos estados de meditação, conseguia se convencer de que a situação era planejada, de que o pai envenenara sua atitude para os membros da tripulação. Não queria que aceitassem seu filho, então tentava garantir que Wintrow permanecesse um pária. E era por isso, dizia a si mesmo, esmiuçando meticulosamente a lógica complicada daquela insanidade, que jamais poderia confiar completamente na aceitação e na amizade da tripulação — se confiasse, o pai encontraria algum meio de colocar os homens todos contra

ele.

— A cada dia fica mais difícil saber quem sou — murmurou. — Meu pai me enche de dúvidas e desconfianças, e a dureza da vida a bordo me acostuma à crueldade casual entre companheiros. E até você, até as horas que passo com você estão me moldando, me levando para longe do sacerdócio. Me tornando algo diferente. Algo que acho que não quero ser.

Foi difícil para Wintrow dizer aquelas palavras, que o machucavam tanto quanto machucavam Vivácia. E foi só essa dificuldade que a fez ficar calada.

— Acho que não consigo aguentar por muito mais tempo — advertiu o menino. — Alguma parte vai ter que ceder, e receio que serei eu. — Ele encarou a figura de proa, inflexível. — Tenho simplesmente vivido um dia após o outro, esperando algo ou alguém que mude minha situação. — Seus olhos examinaram o rosto de Vivácia, esperando a reação às palavras seguintes. — Acho que preciso tomar uma decisão. Acho que tenho que tomar uma atitude.

Wintrow esperou que Vivácia dissesse alguma coisa, mas ela não conseguiu pensar numa resposta. O que o garoto estava insinuando? O que poderia fazer contra o domínio do pai?

— Ei, Wintrow! Dê uma mão aqui! — gritou alguém do convés.

O chamado de volta ao trabalho maçante.

— Preciso ir — disse a Vivácia, respirando fundo. — Certo ou errado, passei a amar você. Mas... — Ele balançou a cabeça, subitamente sem palavras.

— Wintrow! Agora!

O garoto correu para obedecer, como um cão bem treinado. Vivácia ficou olhando enquanto ele subia o cordame com a facilidade de sempre, um costume que revelava seu amor por ela tanto quanto aquelas palavras. Wintrow ainda reclamava, e com frequência, ainda sofria os tormentos de um coração dividido, mas, agora que dava voz à infelicidade, podiam discuti-la e aprender mais um sobre o outro. Ele achava que não podia aguentar, mas Vivácia sabia a verdade: havia muita força dentro do garoto, e ele se manteria firme, apesar dos pesares. Os dois acabariam unidos, só precisavam de tempo. Desde aquela primeira noite juntos, Vivácia sabia que ele estava destinado a permanecer a bordo. Não era fácil para Wintrow aceitar, e o garoto lutara contra a ideia por muito tempo, mas mesmo nas palavras desafiadoras daquele dia, ela sentia uma resolução iminente para aquele conflito. Sua paciência seria recompensada.

Vivácia olhou para o porto com novos olhos. Sob vários aspectos, Wintrow estava absolutamente certo em relação à corrupção por trás da cidade. Não que

quisesse reforçar o pensamento, o garoto não precisava de ajuda para ficar taciturno. Era melhor que Wintrow concentrasse os pensamentos naquilo que Jamaillia tinha de limpo e de bom. O porto era encantador sob a luz do sol de inverno.

Ela se lembrava de tudo, mas ao mesmo tempo não se lembrava. A memória de Ephron sobre a cidade era a visão de um homem, não de um navio-vivo. O antigo capitão tinha passado grande parte do tempo nas docas e nos estabelecimentos, esperando para comprar e receber suas mercadorias, além de algumas visitas no esplendor arquitetônico da cidade acima. Ephron não teria como notar os filetes ondulantes de água suja que desembocavam no porto, saindo dos esgotos da cidade, nem poderia ter sentido o fedor submerso de serpentes com cada poro de seu casco. Vivácia passou os olhos pelas águas plácidas, mas não havia sinal das criaturas astutas e malignas. Estavam em algum lugar lá embaixo, deslizando no fundo lodoso e macio da baía. Um pressentimento a fez olhar para a parte da baía onde ficavam os navios de escravos. Sentiu traços do fedor nauseabundo no vento, o cheiro de serpente se misturando ao fedor de morte e fezes. Era lá que as criaturas estavam em maior número, nas profundezas abaixo daqueles navios miseráveis. Assim que fosse descarregada e adaptada para o novo trabalho, também ficaria ancorada ao lado deles, recebendo a própria carga de miséria e desespero. Cruzou os braços e enrijeceu. Apesar do dia ensolarado, estremeceu. Serpentes.

Ronica estava sentada no antigo escritório de Ephron, que aos poucos se tornava seu. Era naquela sala onde ainda se sentia mais perto do marido, mas também onde mais sentia sua falta. Nos meses desde a morte de Ephron, ela aos poucos se desfizera das coisas que tinham ocupado o lugar, substituindo-as pela desordem de seus próprios documentos e objetos espalhados. Mesmo assim, Ephron ainda estava entranhado naquela sala. A mesa imensa era grande demais para ela, e sentar-se na cadeira dele a fazia se sentir como uma criança pequena. A sala era cheia de objetos peculiares e ornamentos de suas viagens a terras distantes; uma vértebra enorme de alguma criatura imensa servia como banco para os pés; e uma das prateleiras na parede era dedicada a estatuetas entalhadas, conchas e ornamentos corporais de povos distantes. Era estranhamente íntimo deixar seus livros de registro espalhados pelo tampo polido da mesa dele, a xícara de chá e o tricô largados no braço da poltrona dele, junto à lareira.

Como sempre que se sentia perplexa, Ronica tinha ido ao escritório para pensar e tentar desvendar qual teria sido o conselho de Ephron para lidar com

aquela situação. Estava encolhida no divã diante da lareira, os sapatos largados no chão, trajando um manto macio de lã bem gasto depois de dois anos de uso, tão confortável quanto a poltrona. Ela mesma acendera o fogo e o assistira queimar até o clímax — a madeira agora estava se assentando, ardendo em brasas, e Ronica estava relaxada e aquecida, mesmo sem estar perto de qualquer resposta.

Tinha acabado de chegar à conclusão que Ephron teria dado de ombros e delegado o problema a ela quando ouviu uma batida na pesada porta de lambris de madeira.

— Sim?

Achava que era Rache, mas foi Keffria quem entrou. A filha usava um roupão noturno, e o cabelo pesado estava trançado e enrolado como que para dormir, mas ela carregava uma bandeja com um bule fumegante e canecas pesadas. Ronica sentiu cheiro de café e canela.

— Achava que você não ia vir.

Keffria não deu uma resposta direta.

— Decidi que, já que não conseguia dormir, era melhor acordar de vez. Café?

— Para falar a verdade, até que cairia bem.

Era o tipo de paz que tinham encontrado, mãe e filha. Cada uma falava de uma coisa diferente, sem fazer perguntas que não tivessem a ver com comida ou outra trivialidade. Keffria e Ronica evitavam assuntos que pudessem levar a um confronto. Mais cedo, Ronica achou que tinha sido por isso que a filha não aparecera ali, mesmo convidada. Refletiu, com amargura, que Kyle lhe tirara as duas filhas, afastando uma e isolando a outra. Mas Keffria estava ali, e Ronica se viu subitamente determinada a recuperar pelo menos alguma coisa da filha.

— Fiquei impressionada hoje — comentou, aceitando a pesada caneca fumegante. — E muito orgulhosa.

O rosto de Keffria se contorceu num sorriso amargurado.

— Ah, eu também. Derrotei sozinha o plano de uma garota ardilosa de treze anos. — Ela se sentou na cadeira do pai, tirou os sapatos e colocou os pés para cima, sentando de pernas cruzadas. — Uma vitória vazia, mãe.

— Eu criei duas filhas — observou Ronica, com delicadeza. — Sei como uma vitória pode ser dolorosa.

— Não vinda de mim — retrucou Keffria, seca. Havia um tom de desprezo por si mesma em sua voz, quando acrescentou: — Não acho que jamais tenha feito algo que levou você e meu pai a passarem a noite em claro. Eu era uma

criança exemplar, nunca questionava nada que você dizia, obedecia a todas as regras e recebia as recompensas dessa virtude. Ou era o que eu pensava.

— Você foi a filha fácil — admitiu Ronica. — Por isso, talvez tenha sido um pouco subestimada. Negligenciada. — Ela meneou a cabeça. — Mas, naquela época, Althea me deixava tão preocupada que eu raramente tinha tempo para pensar no que estava dando certo...

Keffria bufou.

— E você não sabia nem da metade do que ela andava fazendo! Como irmã, eu... mas, durante todos esses anos, isso não mudou. Ela ainda causa preocupação, e a nós duas. Quando Althea era garotinha, teimosia e desobediência fizeram dela a favorita do papai. E, agora que ele morreu, Althea desapareceu, o que a fez conquistar seu coração simplesmente por estar ausente.

— Keffria! — Ronica a repreendeu pelas palavras insensíveis. A irmã estava desaparecida, e ela estava com ciúmes pela preocupação da mãe? Mas, depois de um tempo, perguntou, hesitante: — Você acha mesmo que não pensei em você simplesmente porque Althea sumiu?

— Você mal fala comigo — observou Keffria. — Quando me atrapalhei com os livros de registro, querendo ver o que eu tinha herdado, você simplesmente os pegou de volta e organizou tudo sozinha. Você cuida desta casa como se eu não estivesse aqui. Quando Cerwin apareceu na nossa porta, hoje, você partiu direto para a batalha. Por acaso se lembrou de mandar Rache me avisar. Mãe, se eu desaparecesse, como Althea, acho que a casa teria menos problemas. Você é mais do que capaz de cuidar de tudo sozinha. — Ela fez uma pausa, e a voz passou a sair quase embargada. — Você não deixa espaço para que eu tenha relevância. — Keffria ergueu a caneca e tomou um longo gole do café fumegante, encarando a lareira.

Ronica ficou sem palavras e bebeu da própria caneca. Quando falou, sabia que estava criando desculpas.

— Mas eu sempre esperei que você assumisse as coisas no meu lugar.

— E estava sempre tão ocupada segurando as rédeas que não tinha tempo para me ensinar como. “Aqui, me dê isso, é mais fácil eu mesma fazer.” Quantas vezes você não me disse isso? Sabe o quanto isso faz com que eu me sinta estúpida e inútil? — A raiva em sua voz era muito antiga.

— Não — respondeu Ronica, baixinho. — Não sabia. Mas deveria saber. De verdade. E sinto muito, Keffria. Muito mesmo.

A filha soltou um suspiro meio irritado.

— Isso não importa. Esqueça. — Ela balançou a cabeça, como se estivesse escolhendo as palavras entre as coisas que poderia dizer. — Vou assumir a educação de Malta — anunciou. Ergueu os olhos para a mãe, como se esperasse alguma resistência. Ronica simplesmente a encarou, e Keffria respirou mais fundo. — Talvez você duvide que eu seja capaz. Pelo menos eu duvido. Mas vou tentar. E queria pedir... Não. Olha, me desculpe, mas preciso dizer isto. Peço que não interfira. Por mais difícil ou confuso que fique. Não tente tirar isso de mim só porque seria mais fácil fazer sozinha.

Ronica ficou horrorizada.

— Keffria, eu jamais faria isso.

A filha olhou para o fogo.

— Mãe, você faria sim. E sem nem perceber, assim como fez hoje. Eu assumi a situação que você tinha preparado e continuei a partir dali, mas, se eu tivesse resolvido tudo, não teria chamado Malta. Teria dito a Cerwin e Delo que ela não estava, ou que estava ocupada, ou doente, e teria mandado os dois embora educadamente, sem dar a Malta a chance de ficar dando aqueles sorrisos afetados ou flertando.

— Talvez tivesse sido melhor — admitiu Ronica, baixinho.

O que a filha dizia machucava. Ela simplesmente tinha tentado pensar rápido e lidar depressa com as coisas, querendo evitar um desastre. Mas, apesar da dor nas palavras da filha, Ronica também ouvia verdade nelas. Então não retrucou, limitou-se a tomar um gole de café.

— Posso saber o que você planeja fazer? — perguntou, depois de um tempo.

— Nem eu mesma sei — admitiu Keffria. — Malta é quase um caso perdido e tem tão pouco respeito por mim... Talvez eu não consiga fazer nada, mas tenho algumas ideias sobre por onde começar. Vou afastar a menina de Rache. Chega de aulas de dança e de etiqueta, a não ser que Malta faça por merecer. Se e quando ela voltar a ter aulas, vai ter que tratar Rache com a mesma educação e respeito que Selden tem por sua tutora. As lições ocorrerão num horário específico todos os dias, não quando ela estiver entediada e quiser uma distração. Se Malta faltar, vai ter que recuperar o tempo perdido cumprindo tarefas domésticas.

Keffria fez uma pausa e respirou fundo.

— Quero que ela só tenha os privilégios de mulher se fizer o trabalho de uma mulher. Pois bem. — Ela respirou fundo e encarou a mãe. — Vou pegar os livros de registro de volta. Não vou permitir que Malta cresça tão ignorante quanto eu.

Ela vai ter que passar um tempo revisando os livros de registro toda semana. Sei que vai derramar tinta, estragar páginas, cometer erros e copiar a mesma página mais de uma vez, mas vamos ter que lidar com isso, assim como ela. Malta vai ter que registrar os números e fazer as contas. E ela... isto é, nós... vamos com você aos encontros com os agiotas, os comerciantes e os capatazes. Malta precisa aprender como as propriedades e as contas comerciais são administradas.

Keffria fez mais uma pausa, como se esperasse um protesto. Ronica nada disse.

— Claro que ela vai ter que se comportar nessas ocasiões, vestindo-se como convém a uma garota que está se tornando mulher. Nada de roupas vulgares e insinuantes, mas também chega de vestimentas infantis. Vai precisar de roupas novas. E quero que ela participe da confecção e que aprenda a cozinhar e supervisionar os criados.

Ronica assentia, muito séria, cada vez que Keffria acrescentava outra tarefa às que Malta devia aprender. Quando a filha enfim terminou, ela disse:

— Acho que você fez planos muito sensatos e que Malta poderá se beneficiar muito do que você propõe. Mas acho que ela não vai aceitar isso de boa vontade. Não está muito na moda uma mulher saber essas coisas, quanto mais cuidar dessas tarefas. Na verdade, Vilamonte considera esse comportamento típico de plebeus. Ter de fazer essas tarefas vai deixar a menina com o orgulho ferido. Duvido que ela se mostre disposta.

— Não, não vai mesmo — concordou Keffria. — E é por isso que temos mais uma tarefa. Mãe, sei que você não concorda, mas acho que a única maneira de submeter Malta à minha vontade é não dar dinheiro nenhum para ela gastar sozinha. Vou cuidar pessoalmente da mesada dela. Terei de informar os lojistas e comerciantes para que não estendam o crédito da família a ela. Vai ser humilhante, mas... — Fez uma pausa, como se estivesse considerando a questão. — Sim. Selden também vai ser incluído nisso. Não deve ser cedo demais para começar com ele. Talvez eu nunca devesse ter permitido que Malta tivesse tudo o que queria tão fácil assim.

Ronica assentiu ao ouvir aquilo, contendo um suspiro sincero de alívio. Sua mesa já tinha um punhado de recibos com a marca de Malta — a menina comprara doces, bugigangas e perfumes de preços exorbitantes. Não tinha sido fácil permitir os gastos liberais da neta, mas era mais uma coisa que não quisera comentar com Keffria. E começava a se perguntar por quê.

— Malta é sua filha — acrescentou Ronica. — Mas acho que não vai ser fácil nem para você, nem para ela. E — acrescentou a contragosto — ela precisa

aprender mais uma coisa. É sobre nosso contrato com a família Festrew.

Keffria ergueu a sobrancelha.

— Mas eu sou casada — observou.

Ronica sentiu uma súbita pontada de solidariedade pela filha. Lembrou-se de como se sentira na primeira vez que compreendeu que as filhas estavam vulneráveis a um acordo feito gerações antes.

— Sim, é — concordou Ronica. — E Althea está desaparecida. E nossas dívidas aumentam mais rápido do que os créditos. Keffria, você precisa se lembrar dos termos do acordo Vestrit. Sangue ou ouro. Se não tivermos ouro para fazer o pagamento, Malta deverá ser entregue aos Festrew assim que for apresentada como mulher à sociedade de Vilamonte. E eu não tinha a quantia certa no auge do verão — acrescentou, relutante. — Prometi que pagaria a parcela integral no meio do inverno e mais uma multa. — Não teve coragem de admitir o tamanho da multa. — Se eu não pagar — prosseguiu, com dificuldade —, Caolwn Festrew poderá invocar o direito de reivindicar nosso sangue. O que significa Althea, caso ela tenha sido encontrada até lá. Ou Malta, caso sua irmã continue desaparecida.

Ronica perdeu a linha de raciocínio. Viu a compreensão e o horror nos olhos de Keffria, seguidos, inevitavelmente, de raiva.

— Não é justo. Eu nunca concordei com esse acordo! Como Malta pode ser vítima de um contrato assinado gerações antes de ela ter nascido? Não faz sentido, não é justo!

Ronica permitiu um ou dois momentos à filha, então disse as palavras comuns à filha ou ao filho de qualquer Mercador.

— É coisa de Mercador. Nem sempre justo, nem sempre certo. Às vezes não é sequer compreensível. Mas é. O que tínhamos quando chegamos ao Litoral Amaldiçoado? Apenas nossos corpos e o valor da palavra de um homem, ou de uma mulher. Juramos lealdade uns aos outros, e não só durante um dia ou um ano, mas por todas as gerações. E é por isso que sobrevivemos aqui, onde mais ninguém conseguiu vingar. Também juramos lealdade à terra e ao que ela exige. E esse deve ser outro tópico que você ainda não discutiu com Malta. Você devia conversar com ela sobre isso, e logo. Ela já deve ter ouvido boatos.

— Mas... Mas ela é só uma criança — implorou Keffria, como se Ronica pudesse mudar os fatos que o tempo havia imposto.

— Ela é — concordou Ronica. — Mas por pouco tempo. E deve ser preparada.



22

TRAMAS E PERIGOS

— Então, as coisas não saíram exatamente de acordo com os planos de capitão Kennit, o rei dos piratas?

— Cale a boca — retrucou Kennit, com mais cansaço do que rancor. Tinha sido um dia difícil e exaustivo.

Tinham avistado um navio-vivo, um navio mercante de casco largo do estilo antigo — uma bela de uma banheira. A embarcação estava bastante à frente, avançando pelos baixios do Canal Erro Novo, com o casco bem baixo devido ao peso de alguma carga volumosa. Deviam ter conseguido no mínimo forçá-la a encalhar — o *Marietta* desfraldara mais vela e se aproximara o suficiente para ouvir a figura de proa gritando as sondagens de profundidade e direções ao timoneiro. Chegaram perto o suficiente para ver os rostos dos homens que a pilotavam, perto o suficiente para ouvir seus gritos ao reconhecerem a bandeira do Corvo e berrarem palavras de encorajamento uns aos outros.

Sorcor disparara as balas e correntes contra o cordame do navio-vivo, mas a embarcação tinha conseguido sair do caminho no último instante. Furioso, Kennit ordenara, aos gritos, que usassem as bolas de fogo, e Sorcor obedecera, relutante. Uma atingira o alvo em cheio, espatifando-se numa vela que pegou fogo na hora. Mas, quase tão depressa quanto as chamas subiram pela lona, a vela despencara sobre si mesma e caíra no convés, onde a tripulação frenética pisoteara o pano e o encharcara. A cada minuto, sabe-se lá como, o navio-vivo se afastava mais.

Kennit se esgoelara com a tripulação feito um louco, exigindo velas, remos, qualquer coisa que pudessem usar para botar um pouco mais de velocidade no navio. Mas era como se os deuses estivessem contra ele, e um vendaval de inverno começara a soprar — um dos terríveis vendavais das ilhas, que mandavam os ventos para todas as direções possíveis. Uma chuva cinzenta torrencial começara a cair, ofuscando a visão. Kennit praguejara e subira no mastro para tentar avistar o navio-vivo, concentrando todos os sentidos nele, e tivera vários vislumbres. Mas a embarcação aparecia cada vez mais longe. O navio-vivo fez uma curva no canal e, quando o *Marietta* seguiu, o navio já tinha

desaparecido. Simplesmente desaparecido.

Estava anoitecendo, o vento noturno insuflava as velas do *Marietta*, e as chuvas monótonas tinham passado. A tripulação andava pisando em ovos, sem saber que o descontentamento de Kennit já havia fervido até secar. O capitão estava de pé no convés de ré, observando o fogo-de-bruxa dançar no rastro deixado pela embarcação, buscando alguma paz interior.

— Isso significa que você deve outro navio de escravos a Sorcor, não é? — observou o amuleto, num tom afável.

— Será que você boiaria, se eu cortasse a tira do pulso e atirasse o bracelete pela amurada?

— Vamos descobrir — sugeriu o pequeno rosto, de boa vontade.

Kennit suspirou.

— Só tolero você porque paguei uma fortuna pela sua fabricação, para começo de conversa.

O semblante gêmeo do seu comprimiu os lábios.

— Fico imaginando se você ainda vai dizer o mesmo da puta, num futuro próximo.

Kennit fechou os olhos com força.

— Você não pode ficar quieto e me deixar sozinho nem um segundo?

Ouviu passos leves e o som suave de tecido sendo arrastado no convés às suas costas.

— Falou comigo? — perguntou Etta.

— Não.

— Achei que você tivesse dito alguma coi... Quer ficar sozinho? Posso voltar para a cabine, se quiser. — Ela fez uma pausa antes de acrescentar, com mais suavidade: — Mas preferiria me juntar a você, se isso agradar.

O perfume dela chegou até as narinas de Kennit. Lavanda. Ele ficou indeciso e virou a cabeça para encará-la. Etta fez uma longa mesura — uma senhora cumprimentando seu senhor.

— Ah, por favor — resmungou, incrédulo.

— Obrigada — respondeu ela, calorosa.

Os pés femininos calçados pisaram de leve no convés, e Etta surgiu a seu lado. Ela não o tocou, sabia que não podia demonstrar tanta intimidade. A mulher tampouco se encostou casualmente na amurada ao lado de Kennit. Em vez disso,

ficou empertigada, apoiando uma das mãos na amurada, e olhou para ele. Depois de um tempo, Kennit não conseguiu mais suportar e virou a cabeça para encontrar os olhos dela.

E Etta sorriu para ele. Radiante. Luminosa.

— Encantadora — sussurrou a vozinha em seu punho.

Kennit teve que concordar.

Etta abaixou os olhos e olhou para o outro lado, como se tivesse ficado encabulada ou confusa. Estava usando mais uma roupa nova. O marinheiro que a trouxera a bordo seguira a ordem original de Kennit, providenciando uma banheira de água quente para que a mulher se banhasse, mas não tinha ideia do que dar para ela vestir. Obviamente a roupa rústica de um manheiro não serviria para a mulher de seu capitão. Bastante nervoso, o homem separara o roupão noturno do capitão e, hesitante, lhe oferecera vários rolos de tecidos finos que tinham conquistado com o butim mais recente. A princípio, Kennit não tinha gostado da decisão tão generosa, mas acabou se resignando. Todo navio tinha uma abundância de linhas e agulhas, e Etta se mantivera ocupada com a costura. Kennit acabou concluindo que o homem na verdade era um gênio: enquanto ela estivesse ocupada costurando, não poderia incomodá-lo. As roupas que Etta fazia eram diferentes de qualquer coisa que Kennit já vira numa mulher, e realmente apropriadas para a vida a bordo.

Não que ele estivesse resignado com o fato de que ela teria que viver a bordo, mas ainda não encontrara um bom lugar para deixá-la. Achava bem conveniente que Etta se adaptasse com facilidade — a mulher não reclamara nem uma vez desde que ele a trouxera a bordo, a não ser que levasse em conta o segundo dia, quando ela entrara na cozinha pisando duro e repreendera o cozinheiro por salgar demais o cozido que mandara para a mesa de Kennit. Etta agora supervisionava o preparo das refeições servidas na cabine, e talvez fosse por isso que a comida estava bem melhor.

Mas ela ainda era uma prostituta. Apesar do cabelo curto lustroso que reluzia às luzes do navio, apesar da seda verde-esmeralda da blusa de mangas largas ou da calça brocada, apesar da faixa de tecido de fios de ouro que estreitava a cintura, Etta ainda era uma prostituta. Mesmo que um rubi minúsculo cintilasse em sua orelha e um suntuoso manto com barra de pele protegesse seu corpo do vento noturno.

— Andei pensando sobre o navio-vivo que escapou hoje — ousou dizer a mulher, erguendo os olhos para os dele. Eram olhos escuros e ousados demais para o gosto de Kennit, e Etta pareceu captar seus pensamentos, pois tornou a

abaixá-los antes que ele rosnasse:

— Não fale sobre isso comigo.

— Não vou falar — prometeu a mulher, com gentileza. Mas, depois de um momento, ela quebrou a própria palavra, como as mulheres sempre faziam. — A velocidade de um navio-vivo é lendária — comentou, falando para a noite. — Não sei quase nada sobre pirataria — admitiu, como se aquilo pudesse surpreendê-lo —, mas fico imaginando se a própria disposição do navio-vivo de fugir depressa não pode ser usada contra si próprio.

— Não vejo como — escarneceu Kennit.

Etta umedeceu os lábios antes de falar, e, apenas por um instante, toda a atenção de Kennit foi atraída por aquele movimento diminuto da ponta da língua rosada e úmida. O capitão foi invadido por um surto irracional de desejo. Maldita. Aquela exposição constante a uma mulher não fazia bem. Kennit exalou, soltando um silvo baixo.

Etta o olhou de soslaio. Se Kennit tivesse certeza de que o sorriso que curvava seus lábios era de divertimento, a mulher teria levado um tapa. Mas, quando Etta continuou, falou apenas de pirataria.

— Um coelho sempre morre quando corre direto para a armadilha — comentou. — Se alguém conhecesse o curso planejado de um navio-vivo e tivesse mais de uma embarcação à disposição... ora, então um navio poderia cuidar da perseguição e forçar o navio-vivo a rumar direto para uma emboscada. — Ela fez uma pausa e baixou os olhos para a água outra vez. — Ouvi dizer que pode ser difícil parar um navio, mesmo quando o perigo é avistado adiante. E parece que há muitos canais estreitos nessas águas, onde não existe alternativa senão encalhar para evitar uma colisão.

— Acho possível, mas parece ter muitos “ses” envolvidos nesse plano. Todas as circunstâncias precisariam estar corretas.

— Sim, imagino que sim — murmurou Etta, então sacudiu a cabeça de leve, afastando o cabelo dos olhos.

O cabelo curto e lustroso era perfeitamente negro, como o negror do céu noturno entre as estrelas. Kennit não precisava ter receio de beijá-la, Etta não tivera nenhum homem além dele nos últimos dias. A mulher reparou que ele a observava, então arregalou os olhos e ficou ofegante. Kennit encostara o corpo no dela de repente, prendendo-a contra a amurada, dominando-a. Forçou a boca de Etta a se abrir para a sua, sentiu os mamilos pequenos e rígidos dos seios delicados através da seda fina e aquecida pelo corpo. Kennit afastou a boca.

— Nunca se atreva a me dizer o que devo fazer — declarou, com aspereza. — Sei muito bem como conseguir o que quero. Não preciso dos conselhos de um mulher.

Os olhos dela estavam cheios da noite.

— Você sabe mesmo, e muito bem — concordou, numa voz rouca.

Estalão os ouviu muito antes de chegarem. Sabia que era de madrugada, pois os pássaros do crepúsculo tinham cessado os gritos algumas horas antes. Pela umidade que sentia no corpo, suspeitava que a noite estava coberta por uma neblina densa. Ficou esperando, ansioso, imaginando por que dois humanos atravessariam a praia até ele no escuro e em meio à neblina. Não tinha dúvida de que era ali que os dois queriam ir, já que não havia mais nada naquela praia. Quando os humanos se aproximaram, sentiu o cheiro do óleo quente de um lampião aceso — parecia não estar ajudando muito, pelos xingamentos sussurrados que ouvia enquanto os dois humanos avançavam aos tropeços em sua direção. Sabia que um deles era Mingsley, já estava ficando fácil reconhecer sua voz.

Talvez tivessem decidido atear fogo nele, depois da provocação que fizera a Mingsley, na última visita. Talvez o jamailliano jogasse o lampião contra a figura de proa, então o vidro se estilhaçaria e ele seria coberto pelo óleo flamejante. Morreria ali mesmo, indefeso, aos berros — uma morte lenta causada pelo fogo.

— Não falta muito — ouviu Mingsley prometer ao acompanhante.

— É a terceira vez que você diz isso — reclamou o outro, com um sotaque calcediano ainda mais forte do que o sotaque jamailliano de Mingsley. — Já caí duas vezes, acho que meu joelho está sangrando. É bom isso valer a pena, Mingsley.

— Vale, vale. Espere só para ver.

— Mas não vamos ver nada nessa neblina. Por que não podemos vir de dia?

— O pessoal da cidade não está muito amigável. — Era hesitação que ouvia na voz de Mingsley? — Os Velhos Mercadores não gostam da ideia de alguém de fora comprar um navio-vivo. Se soubessem que você está interessado... bem, digamos que recebi avisos não muito sutis para ficar longe daqui. Mas, quando pergunto por quê, só me respondem com mentiras e desculpas furadas. Dizem que só os Mercadores de Vilamonte podem ser donos de navios-vivos, mas, se eu perguntar por quê, só recebo mais mentiras. Querem me convencer de que

isso é contra as tradições, mas a verdade é que tem muito mais coisa por trás disso, mais do que eu poderia imaginar quando comecei as negociações. Ah! Aqui estamos! Está danificado, mas dá para ver como já foi magnífico.

As vozes tinham se aproximado mais enquanto Mingsley falava. Estalão sentia um pressentimento crescendo no peito, mas perguntou, com uma voz firme e bem alta:

— Magnífico? Achei que você tivesse dito que eu era “feio”, na última visita.

Teve a satisfação de ouvir que os dois levaram um susto.

A voz de Mingsley não saiu muito firme quando ele tentou se gabar:

— Bem, devíamos ter esperado por isso. Os navios-vivos são vivos, afinal. — Estalão ouviu o som de metal arrastando contra metal e deduziu que tinham removido a cobertura do lampião para deixar passar mais luz. O cheiro de óleo quente ficou mais intenso, e ele se remexeu, desconfortável, e cruzou os braços sobre o peito. — Aí está, Estuário. O que achou?

— Eu... estou pasmo — murmurou o outro, com assombro genuíno transparecendo na voz. Ele então tossiu e acrescentou: — Mas ainda não sei por que estamos aqui, nem por que tivemos que vir à noite. Ah, até sei que você quer meu apoio financeiro, mas por que eu deveria ajudá-lo a arrecadar três vezes o valor de um navio desse tamanho para pagar um destroço encalhado com uma figura de proa desfigurada? Mesmo que essa figura de proa saiba falar.

— Porque ele é feito de madeira-arcana — explicou Mingsley, falando como se estivesse revelando um segredo muito bem guardado.

— E daí? Todos os navios-vivos são feitos de madeira-arcana — retrucou Estuário.

— E você sabe por quê? — indagou Mingsley, numa voz cheia de mistério. — Por que construir um navio de madeira-arcana, uma matéria tão terrivelmente cara que leva gerações para ser paga? Por quê?

— Todo mundo sabe por quê — resmungou Estuário. — Porque eles despertam para a vida e ficam mais fáceis de serem navegados.

— E, sabendo isso sobre a madeira-arcana, você aplicaria o dinheiro de sua família, criando uma dívida de três ou quatro gerações, só para ter um navio como este?

— Não. Mas todo mundo sabe que os Mercadores de Vilamonte são loucos.

— Tão loucos que cada uma dessas famílias malditas é rica — observou Mingsley. — E sabe como ficaram tão ricas?

— Porque têm uma droga de um monopólio sobre as mercadorias mais fascinantes do mundo. Mingsley, poderíamos discutir economia numa taverna, tomando sidra temperada. Estou com frio, essa neblina me deixou todo molhado, e meu joelho está latejando como se o machucado estivesse envenenado. Vá direto ao assunto.

— É capaz de estar mesmo envenenado, se você tiver caído nas cracas — comentou Estalão, numa voz retumbante. — Deve inchar e infeccionar. Esse sujeitinho aí conseguiu lhe garantir pelo menos uma semana de dor.

— Cale a boca! — sibilou Mingsley.

— Por quê? — escarneceu Estalão. — Está nervoso com a possibilidade de ser encontrado aqui, bisbilhotando o que não lhe diz respeito? Falando sobre o que jamais poderá ter?

— Eu sei por que você não cala essa boca! — disse Mingsley, de repente. — Você não quer que ele saiba, não é? Não quer revelar o precioso segredo da madeira-arcana... não quer que espalhem a verdade por aí. Porque todo o esquema dos Mercadores de Vilamonte desmoronaria. Pense bem, Estuário. No que se baseia todo o comércio de Vilamonte? Não é numa concessão de terra do sátrapa, e sim nos bens que descem o Rio da Chuva, nas coisas realmente estranhas e maravilhosas que vêm dos Ermos Chuvosos.

— Ele está enfiando você num buraco maior do que dá para imaginar — advertiu Estalão a Estuário. — Alguns segredos não valem a pena ser revelados. Alguns segredos têm um preço mais alto do que você gostaria de pagar.

— O Rio da Chuva, com águas ora geladas, ora quentes; ora marrons, ora brancas. De onde realmente vem essa água? Nós dois ouvimos as mesmas lendas sobre um enorme lago fumegante de água quente, o lugar onde os pássaros-de-fogo fazem seus ninhos. Dizem que o chão de lá treme o tempo todo e que terra e água são cobertas de névoa. E dizem que é lá que fica a foz do Rio da Chuva... e que, quando o chão treme, as águas do rio correm quentes e brancas. Aquela água branca corrói os cascos dos navios tão depressa quanto rompe a pele e os ossos de um homem, então ninguém sobe o Rio da Chuva para fazer negócios. E também não dá para ir andando pelas margens, já que é tudo coberto de pântanos traiçoeiros, com ácido escaldante pingando das trepadeiras, plantas cuja seiva abre feridas ardentes que passam dias soltando pus.

— Vá direto ao assunto — insistiu Estuário, irritado, ao mesmo tempo que Estalão gritava:

— Cale a boca! Feche essa boca imunda! E fique longe da minha praia. Fique longe de mim. Ou melhor, venha mais para perto, perto o bastante para morrer.

Sim... Venha cá, homenzinho. Venha! — Estalão tentou alcançá-lo às cegas, estendendo e sacudindo os braços, as mãos abertas para agarrá-lo.

— A não ser que você tenha um navio-vivo — revelou Mingsley. — A não ser que você tenha um navio-vivo com casco de madeira-arcana, impermeável à agua branca e quente do rio. A não ser que você tenha um navio-vivo, que desde o despertar sabe seguir o único canal rio acima. Essa é a verdadeira fonte do monopólio de Vilamonte sobre o comércio dos bens dos Ermos. Tem que ter um navio-vivo para entrar no jogo. — Ele fez uma pausa dramática. — E estou lhe oferecendo a oportunidade de comprar um.

— Ele está mentindo! — gritou Estalão, desesperado. — É mentira! Tem mais do que isso na história, muito, muito mais. E, mesmo que você me comprasse, não ia me fazer navegar. Eu ia simplesmente virar e matar a todos! Já fiz isso antes, vocês conhecem as histórias. E, se não conhecem, é só perguntar em qualquer taverna. Perguntem sobre Estalão, o Execrado, o navio da morte! Vão em frente, perguntem! Eles vão contar. Vão contar que mato sem dó nem piedade!

— Ele pode ser forçado a navegar — retrucou Mingsley, com a voz calma e confiante. — Ou removido do casco, que é o que importa. Qualquer ribeirinho bom poderia sondar o canal. Pense só na fortuna que faríamos com um navio de madeira-arcana. Tem uma tribo lá em cima que faz negócios com os Mercadores de Vilamonte. Só precisamos de uma viagem, Estuário, porque poderíamos pagar o dobro do que os Velhos Mercadores pagam e ainda sairíamos no lucro. Essa é a nossa chance de entrar num comércio barrado a estrangeiros desde a fundação dessa cidade. Eu tenho os contatos, os proprietários estão esperando só a oferta certa. Só preciso de patrocínio. É aí que você entra.

— Ele está mentindo! — berrou Estalão para a noite. — Ele vai fazer você acabar morto. E pior! Muito pior. Existem coisas piores do que a morte, seu verme calcediano. Mas só um Mercador de Vilamonte saberia disso. Só um Mercador de Vilamonte saberia explicar.

— Acho que estou interessado — comentou Estuário, muito calmo. — Mas temos lugares melhores para discutir o assunto.

— Não! — urrou Estalão. — Você não sabe o que vai comprar, não sabe a dor que esse sujeito está vendendo. Você não faz ideia, não faz a menor ideia! — Sua voz falhou de repente. — Não vou com você, não vou, não vou. Não quero, e você não pode me obrigar, não pode. Eu vou matar você, vou matar todos vocês!

Estalão voltou a agitar os braços freneticamente. Se conseguisse alcançar a praia, teria atirado areia, pedras, algas, qualquer coisa, mas suas mãos não

encontraram nada. Parou de repente para escutar. Os passos estavam se afastando.

— ... contar a alguém?

— Não tem problema, sério. — Ouviu a resposta confiante de Mingsley. — Você viu como ele é. É um barco doido, é completamente insano. Ninguém ouve o que ele diz. Ninguém nem vem aqui. Mesmo que ele tivesse para quem contar, ninguém acreditaria. Essa é a melhor parte, meu amigo, e vai muito além da imaginação. Aquele navio está lá há anos, anos! E ninguém nunca pensou nisso antes...

A voz foi ficando mais baixa, abafada pela neblina e o marulho.

— Não! — gritou Estalão, para a noite. Estendeu os punhos para trás, para bater contra as próprias tábuas. — Não! — gritou de novo. Negação e desafio. E desesperança.

Não iam dar ouvidos a ele. Ninguém nunca dava, e esse sempre tinha sido o problema. Iam ignorar tudo o que ele dizia. Iam levá-lo para o mar, e teria de matar todos eles. De novo.

— Serpente!

Ressoou a voz de Althea, clara, gélida como a noite que os cercava. Ela se agarrou ao cordame com os dedos quase dormentes, os pés firmados na plataforma de vigia. Estreitou os olhos na escuridão para acompanhar a criatura, ouvindo o estrondo dos pés da tripulação no convés abaixo, ouvindo seu grito ser repetido. Escotilhas foram escancaradas à medida que os marinheiros corriam para o convés, para fazer o possível para resistir ao ataque daquele bicho.

— Onde?

— Três pontos a estibordo, senhor! É uma das grandes!

Eram todas grandes, refletiu, com amargura, tentando se segurar com mais força, apesar do cansaço. Estava com frio, molhada e exausta, e a ferida na cabeça ainda latejava o tempo todo. Numa noite gelada como aquela, o latejar virava uma agonia entorpecente à medida que o frio retesava a pele. A febre tinha passado alguns dias antes, e Reller cortara e retirara os pontos quando a coceira se tornara insuportável. A falta de jeito do marinheiro e as piadas grosseiras sobre a dor que sentia eram infinitamente melhores que a ternura discreta nos olhos de Brashen, sempre que o via. Maldito. E mil vezes maldito — lá estava ela, pensando nele, quando a própria vida dependia de concentrar a mente na tarefa em questão. Para onde a serpente tinha ido? Vira o bicho por um

momento, mas a criatura tinha desaparecido.

Em resposta à sua pergunta, o navio deu um solavanco súbito a estibordo. Althea sentiu os pés escorregando no poleiro congelado — sua vida agora dependia de quanto tempo conseguia se segurar com os dedos dormentes. Sem nem pensar, enrolou uma corda em volta do braço e se agarrou. Ouvia o capitão Sichel no convés abaixo, praguejando e exigindo que os caçadores fizessem alguma coisa, que matassem aquela criatura maldita antes que ela os arrastasse para o fundo! Mas, quando os caçadores finalmente chegaram com os arcos a postos e correram para um lado do navio, a serpente já tinha dado a volta e os empurrava pelo outro. Não foi um impacto brusco como o de ser abalroado, foi mais um empurrão forte para cima, como um tubarão ao encontrar uma carcaça boiando na água. O navio adernou, e os homens deslizaram pelos conveses.

— Onde ela está? — perguntou o capitão, furioso, enquanto Althea e os outros vigias esquadrinhavam a escuridão.

O vento soprava frio, as ondas se erguiam, e Althea via serpentes nos côncavos de cada onda. As criaturas se dissolviam em medo e imaginação quando ela tentava fixar o olhar.

— Foi embora! — gritou um dos vigias, e Althea rezou para que ele estivesse certo.

Aquilo já vinha acontecendo fazia um bom tempo, dias e noites de ataques repentinos e aleatórios, seguidos de horas de ansiedade e interrupções agourentas. Às vezes, as serpentes subiam e deslizavam ao longo do navio, sempre fora do alcance de uma flechada. Às vezes vinham em grupos de cinco, as escamas cintilando ao sol de inverno, refletindo tons azuis, escarlates, dourados e verdes. E às vezes, como naquela noite, era só uma criatura monstruosa, surgindo das profundezas para zombar deles e brincar com suas vidas. Avistar serpentes não era novidade para Althea — aquelas bestas já tinham sido raras a ponto de serem consideradas lendas, mas agora infestavam algumas áreas da Passagem Exterior e até se aventuravam pela Passagem Interior no rastro dos navios de escravos. Tinha visto algumas durante o tempo que passou a bordo de Vivácia, mas sempre de longe, e nunca ameaçavam o navio. Estar tão próximo e vivenciar de perto sua selvageria fazia com que parecessem outras criaturas.

Entre uma respiração e outra, o navio adernou ainda mais. Muito mais. O horizonte oscilou, e Althea ficou com os pés soltos no ar. Por um momento, balançou feito uma bandeira. No convés inclinado abaixo, os marinheiros berravam e se debateram, deslizando e rolando. Althea contraiu os músculos do

abdome e esticou a perna, querendo alcançar uma enxárcia. Não demorou a ficar segura outra vez, mas o navio ficou ainda mais inclinado. A serpente tinha subido por baixo do navio e erguido o casco, fazendo a embarcação subir a estibordo.

— Segurem-se! — berrou alguém, e Althea ouviu um grito agudo ser interrompido.

— Ela pegou! — gritou outra pessoa.

O grito foi seguido por uma confusão de vozes: “Você viu aquilo?”, “Quem ela pegou?”, “Arrancou do cordame feito uma ameixa madura!”, “É isso que essa coisa quer!”. O navio se endireitou, e, em meio ao caos de vozes, Althea ouviu Brashen praguejando. E então:

— Senhor! — A voz dele soou desesperada em meio ao ar noturno. — Podemos deixar alguns caçadores na popa, para manter o bicho longe do leme? Se o leme quebrar...

— Pode mandar! — berrou o capitão.

Ela ouviu o barulho de pés correndo no convés. Atordoada, mantinha-se agarrada à plataforma. Estava enjoada, mas não pelo solavanco súbito do navio, e sim pelo modo como a morte os visitara de repente. Tinha certeza de que a serpente voltaria. A criatura ia chacoalhar o navio como um garoto atrás dos frutos de uma cerejeira. Não achava que a serpente era poderosa o suficiente para virar a embarcação, mas não tinha muita certeza. A terra nunca tinha lhe parecido tão distante. Terra, terra firme, que não oscilava sobre seus pés, que não escondia monstros famintos que podiam vir à tona a qualquer momento.

Althea permaneceu em seu posto, odiando o fato de não conseguir ver o que estava acontecendo no convés logo abaixo. Mas não precisava saber. Precisava era ficar de vigília e gritar o aviso que poderia salvar a vida de algum homem. Estava com os olhos cansados de tanto perscrutar a escuridão, as mãos pareciam garras gélidas. O vento arrancava o calor de seu corpo, mas ela lembrou a si mesma que o mesmo vento estufava as velas e empurrava o navio adiante. Logo estariam fora daquelas águas infestadas. Não ia demorar.

A noite se adensou ao redor da embarcação. Nuvens obscureceram a lua e as estrelas. A única luz no mundo era a do próprio navio. Lá embaixo, no convés, homens se esforçavam na fabricação de alguma coisa. Althea se mexia depressa e com frequência, uma aranha minúscula numa teia de cordame úmido, tentando manter algum calor no corpo enquanto continuava a vigília inútil. Só podia tentar ver alguma agitação na tênue luminescência da superfície do oceano.

Até que o sino do navio soou, e seu substituto apareceu para rendê-la. A

jovem desceu pelo cordame já familiar, movendo-se depressa e com agilidade, apesar do frio e do cansaço. Pisou no convés com a delicadeza de uma gata e parou um momento para massagear as mãos rígidas.

Recebeu uma dose de rum diluído com água quente, que segurou num copo entre as mãos quase dormentes, tentando aquecê-las. O turno tinha acabado. Em qualquer outra ocasião, teria ido para sua rede, mas não naquela noite. A carga do navio estava sendo presa com mais firmeza, para evitar que deslizasse de um lado para o outro caso a serpente atacasse outra vez. No convés, os caçadores estavam construindo alguma coisa que envolvia muita carne salgada e cerca de cinquenta braças de corda, e riam e praguejavam enquanto a preparavam, jurando que a serpente se arrependeria de ter atacado aquele navio. O homem que tinha sido devorado era um dos caçadores. Althea o conhecia, até trabalhara ao seu lado nas Ilhas Estéreis, mas era difícil assimilar sua morte, daquele jeito tão definitivo. Tinha sido tão depressa.

Para Althea, os xingamentos e ameaças dos caçadores soavam vazios e impotentes, como o chilique de uma criança diante da inevitabilidade do próprio destino. A raiva deles parecia patética, ali naquele frio, naquele escuro. Duvidava que conseguiriam fazer o que queriam. Ficou se perguntando o que seria pior: morrer afogada ou devorada, até que afastou esses pensamentos e se atirou ao trabalho. Uma variedade de objetos estavam espalhados pelo convés, depois do ataque, e todos precisavam ser rearmazenados com cuidado. Homens manuseavam as bombas no porão. O navio não tinha rachado, mas começara a entrar água. Havia trabalho de sobra.

A noite passou lenta como o escorrer de piche. A tripulação inteira foi de um estado de alerta a uma ansiedade exausta. Quando tudo tinha sido preso da melhor forma possível, quando a isca já estava preparada, e a armadilha, armada, ficaram esperando. Mas Althea duvidava que alguém além dos caçadores achasse que a serpente voltaria para receber sua vingança.

Os caçadores eram homens cujas vidas giravam em torno de abates bem-sucedidos, e não podiam aceitar a súbita troca de papéis de ver uma criatura espreitar e conseguir devorar um dos seus. Para eles, era evidente que a serpente deveria retornar para ser morta — era a parte da natureza justa do mundo. Já os marinheiros eram homens que viviam com a consciência de que o oceano mais cedo ou mais tarde os receberia. O mais próximo da vitória que podiam chegar era dizer à morte que viesse um pouco mais tarde, de forma que os marujos que pilotavam o navio estavam apenas concentrados em deixar o máximo de distância possível. Os que não tinham tarefas cochilavam onde podiam no convés, aninhados em qualquer canto em que um homem poderia se agarrar.

Quem não conseguia dormir estava nas amuradas, sem conseguir confiar nos vigias que espreitavam a escuridão dos mastros acima.

Althea estava debruçada com eles, estreitando os olhos para tentar penetrar na noite, quando sentiu Brashen ao seu lado. Soube que era ele sem nem se virar, de tão familiarizada que estava com o modo como ele andava — ou talvez, sem perceber, sentira algum traço do cheiro dele no ar.

— Vamos ficar bem — comentou Brashen, num tom tranquilizador.

— Claro que vamos — retrucou ela, sem convicção.

Apesar do perigo maior que todos enfrentavam, ela ainda estava bastante ciente do desconforto que sentia perto de Brashen. Adoraria poder não se alterar ao se lembrar de tudo o que disseram e fizeram naquela noite.

Althea não sabia no que botar a culpa — na cerveja adulterada, no golpe na cabeça ou na cindina —, mas não tinha certeza de que se lembrava das coisas exatamente como tinham acontecido. Não conseguia se lembrar o que tinha na cabeça quando decidiu beijá-lo. Talvez, refletiu, desanimada, fosse porque não queria se lembrar de que aquelas coisas tinham acontecido.

— Você está bem? — perguntou Brashen, numa voz baixa, carregando as palavras com um significado maior.

— Bem o bastante, obrigada. E você? — perguntou ela, numa polidez impecável.

O homem sorriu. Althea não podia ver o sorriso, mas o ouvia em sua voz.

— Estou bem. Quando chegarmos a Vilavelas, tudo isso vai parecer um pesadelo distante. Vamos ter que beber e rir um pouco.

— Talvez — respondeu ela, com a voz neutra.

— Althea — começou ele, mas foi interrompido no momento seguinte quando o navio deu um solavanco abaixo deles e começou a se erguer da água. A garota se agarrou à amurada, em desespero, e segurou com força. Quando o navio se inclinou ainda mais, o mar pareceu se erguer na sua direção. — Vá para longe da amurada — ordenou Brashen, correndo em direção à popa e gritando: — Joguem para a serpente! Atirem pela amurada!

O convés sob os pés de Althea continuou inclinando cada vez mais. Por todos os lados, marinheiros gritavam de raiva e terror. O navio também gritou, um rangido terrível de madeira acostumada a ser suportada pela água, mas que agora era empurrada para fora. A flexibilidade que permitia que o *Ceifeiro* resistisse ao açoite do mar estava sendo usada contra ele. Althea quase podia sentir as tábuas cedendo sob a pressão quando a estrutura inteira se contorceu e se dobrou de

proa à popa. O cordame rangeu, as velas balançaram. Althea ficou agachada em cima da lateral da amurada, se segurando com as duas mãos. Ergueu os olhos para o convés inclinado, limpo e liso pelas esfregadas com areia, não via onde se segurar para se afastar da beira do navio. Abaixo, o mar negro ferveu de repente, borbulhando quando a cauda da serpente se agitou na água para o bicho tomar mais impulso.

Um homem acima dela urrou com uma fúria súbita e impotente. Suas mãos tinham se soltado, e o marinheiro deslizava pelo convés na direção de Althea. Não ia passar por ela. Bastava se manter onde estava que ficaria a salvo. O homem bateria na amurada e cairia do navio, mas ela estaria a salvo. Bastava ficar parada onde estava.

Mas acabou soltando uma das mãos e estendendo-a na direção do marinheiro. O homem se chocou contra a amurada, e ela agarrou seu casaco. De repente, os dois estavam balançando, presos ao navio apenas por uma das mãos de Althea e uma das pernas do marinheiro.

— Não — ela se ouviu arquejar, sentindo os músculos cedendo pelo esforço. Os dois se agarravam um ao outro e ao navio, as mãos do homem segurando-a com tanta força que Althea achou que ele fosse quebrar seus ossos enquanto tentava escalar seu corpo até o navio. Abaixo, a água borbulhava.

Ouviram um grito concentrado de esforço na direção da popa, e um rolo imenso de pedaços de carne oleosa de urso-marinho, enrolado por uma rede, foi jogado por sobre a amurada. Althea viu de relance um pedaço de corrente presa ao rolo antes de a corda começar a se desenrolar. Assim que a carne tocou a superfície da água, uma bocarra imensa se ergueu das ondas para engoli-la. Ela podia ter tocado na curvatura escamosa do pescoço daquela criatura que mergulhou atrás da isca. Althea teve um vislumbre de fileiras de dentes e de olhos imensos, então a cabeçorra desapareceu, e o corpo da serpente se arqueou sob seus pés.

Ouviu um grito de triunfo, então Brashen gritou para que frenassem o barco. E, tão de repente quanto se inclinara, o convés começou a descer, a corda atravessando todo o convés de madeira como se tivessem lançado uma âncora. Althea e seu companheiro de repente estavam em cima da amurada, em vez de pendurados ao lado. Mais do que depressa, os dois se jogaram de volta no convés. A corda da isca se retesou, e o navio inteiro estremeceu com o puxão do gancho. Então ouviram um estrondo de madeira sendo despedaçada, e o imenso cunho que sustentava a corda foi arrancado do convés e desapareceu na água. A corda com barris amarrados levou uma parte da amurada no caminho para o mar,

e os barris vazios mergulharam como se fossem de pedra, em vez de madeira. Quando o navio se endireitou, todos dispararam para a amurada, querendo olhar, examinando o mar escuro em busca de algum sinal da serpente desaparecida. Os homens estavam posicionados, quietos e imóveis, observando e escutando. Um caçador de voz mansa quebrou o silêncio:

— Ela não pode ficar lá embaixo para sempre. Não com todos aqueles barris presos ao gancho e à corrente.

Althea ficou se perguntando o que eles poderiam saber sobre as serpentes. Será que aqueles dentes afiados não conseguiriam cortar a corrente que prendia a carne aos barris? Talvez a serpente fosse tão poderosa que pudesse arrastar os barris para o fundo.

Como que em resposta a esse pensamento, um grito súbito soou do outro lado do navio.

— Ali! Estou vendo os barris, acabaram de subir! Olhem só! E ela desceu de novo!

Althea saiu correndo, querendo atravessar o convés, mas foi detida pelo grito do imediato.

— Parem de ficar olhando feito idiotas! Vamos dar o fora daqui enquanto essa maldita está ocupada.

— Não quer chegar perto e matá-la? — perguntou um dos caçadores, atônito. — Não quer ser o primeiro navio a levar a cabeça e o couro de uma serpente para o porto? Daria para um homem beber o ano inteiro, só contando uma história dessas!

— Eu quero é viver para chegar no porto — retrucou o imediato, mal-humorado. — Vamos içar as velas!

— Capitão? — protestou o caçador.

O capitão Sichel olhou para onde tinham avistado a serpente pela última vez. Seu corpo inteiro estava tenso de ódio, Althea percebeu que ele estava ansioso para perseguir a criatura com a mesma tenacidade irracional de um cão de caça que fareja um rastro. Ela ficou imóvel, quieta, quase sem respirar, só pensando: *não, não, não, não, não*.

Quando os caçadores começaram a falar animados sobre arpões, barcos e companheiros, o capitão se sacudiu, como se estivesse despertando de um sonho.

— Não — declarou, muito calmo e pesaroso. E repetiu, com mais firmeza e mais alto: — Não. É um risco idiota. Temos um porão cheio de carga para entregar. Não vamos correr esse risco. Além disso, ouvi dizer que os músculos

ficam dormentes só de tocar a pele de uma serpente, e o veneno causa uma morte lenta. Deixem essa besta do inferno partir. A carne de urso-marinho enganchada na goela provavelmente vai matar esse demônio. Se ela voltar, aí vamos atacar com tudo o que temos. Mas agora vamos sair daqui. Por mim, essa maldita pode arrastar aqueles barris para o fundo.

Althea achava que os homens fossem correr para obedecer, mas todos pareciam relutantes, muitos encarando o ponto negro onde a serpente tinha desaparecido. Os caçadores declararam sua raiva e frustração abertamente, alguns jogando os arcos no convés, outros mantendo as flechas preparadas enquanto esquadrinhavam o mar noturno, estreitando os olhos. Se a serpente aparecesse de novo, ia acabar coberta de flechas. Enquanto subia no cordame, Althea rezou para que a criatura permanecesse oculta. O sol despontava das profundezas do oceano, na beira mais distante do mundo. Via um brilho cinzento onde a bola incandescente logo surgiria. Por mais que não fizesse sentido, quase acreditava que, caso o sol nascesse antes que a serpente voltasse, sobreviveriam. Algum instinto ansiava para que a luz e o dia acabassem logo com aquele longo pesadelo.

A serpente surgiu de repente ao lado do navio, erguendo-se como uma tora colocada de pé por um rodamoinho. A criatura subiu da água sacudindo a cabeça, a mandíbula escancarada enquanto tentava soltar o gancho. Quando sacudiu a cabeça, pequenas gotas de muco ensanguentado escaparam da boca e voaram por todos os lados. Pedaços minúsculos de gosma ardente atingiram a vela. Um acertou a bochecha de Althea. Ardia e queimava. Ela soltou um grito e limpou o rosto com a manga da camisa. Uma dormência assustadora se espalhou por seu corpo a partir da queimadura. Gritos de outros marinheiros anunciavam que ela não tinha sido a única atingida. Segurou-se onde estava e tentou se acalmar. Será que aquela coisa a mataria?

No convés abaixo, os caçadores vibraram de triunfo e correram para o lado do navio, onde a serpente se mantinha erguida sobre a própria cauda, tentando se livrar da isca farpada que engolira. A corrente chacoalhava contra os dentes da criatura, os barris boiando na água ali perto. Flechas zuniram e arpões foram disparados. Alguns não alcançaram ou passaram longe do alvo, mas outros o atingiram em cheio. A serpente barriu sua agonia ao tombar de volta na água. Era um som agudo, lembrava mais um grito de mulher do que o urro de um touro. A criatura mergulhou outra vez, e os barris desapareceram como bolhas estouradas.

Acima de Althea, um homem gritou mais alto, num som indistinto. Ele caiu, e seu corpo se fincou num botaló ali perto. O marinheiro se balançou por um

momento. Althea agarrou a manga de sua camisa, mas o corpo pendeu para o lado, e a manga esfarrapada foi arrancada de sua mão. Althea ouviu o homem se chocar com o convés lá embaixo, e ficou encarando o tecido podre em sua mão. O muco da serpente atravessara as grossas tramas de algodão como uma horda de traças consumindo lã.

Ela se perguntou o que a substância estaria fazendo com seu rosto. Então reparou numa coisa mais grave e gritou:

— A gosma da serpente está derretendo a vela!

Outros gritos confirmaram o dela. Outro homem, com as mãos queimadas e dormentes, foi segurado pelos companheiros que o desciam sem jeito até o convés. Sua cabeça balançava sobre os ombros, e um fluido escorria de sua boca e de seu nariz. Althea achava que ele não estava mais totalmente consciente. Era uma cena terrível, mas ainda pior eram os pequenos rasgos que apareciam na vela. Quando o ventou soprou com mais força, o tecido começou a esburacar, então foi se rasgando. O capitão assistia com um olhar atento, calculando a velocidade que o navio conseguia manter contra quanto tempo levaria para preparar as velas extras e içá-las. O plano parecia ser conseguir se afastar o máximo possível da zona da serpente antes de parar para trocar de vela. Althea estava de acordo.

Um grito vindo da popa a fez virar a cabeça. Não dava para ver muito bem, mas os gritos abaixo informaram que a serpente tinha sido avistada outra vez.

— A desgraçada está vindo atrás da gente! — gritou alguém, e o capitão berrou para os caçadores irem para a popa e se prepararem para afastá-la com flechas e arpões. Althea, agarrada ao cordame, teve um vislumbre da criatura que vinha em seu encalço, a boca ainda arreganhada, a corrente pendendo de um dos cantos. A criatura tinha conseguido cortar a pesada corda de cânhamo que a prendera aos barris, e havia flechas e arpões cravados em sua garganta. A primeira luz tênue da alvorada atingiu os olhos imensos da criatura, que reluziam como uma fúria vermelha. Althea nunca tinha visto um animal transmitir uma emoção tão intensamente. A serpente se ergueu ainda mais para fora da água, impossivelmente alta, longa demais para qualquer ser vivo.

A criatura atingiu o navio com todas as forças que conseguiu reunir. A cabeça imensa aterrissou no convés de ré com um baque sólido, como uma mão gigante batendo no tampo de uma mesa. A proa do navio saltou para o alto em resposta, e Althea quase foi jogada para longe do cordame. Ficou ali, agarrada, dando voz ao horror que sentia com um grito, que foi ecoado por mais de um marinheiro. Ouviu o zumbido frenético de flechas sendo disparadas. Mais tarde, ouviria

histórias sobre como os caçadores correram sem medo para a amurada e arremessaram as lanças contra a criatura, mas saberia que aquilo tinha sido desnecessário: a serpente já estava morrendo quando investiu contra eles. A criatura tombou no convés, inerte, os olhos arregalados, a bocarra pingando um fluido leitoso que fumegava onde caía no convés de madeira. Aos poucos, o peso do corpo imenso puxou a cabeça para trás e para baixo, até desaparecer de novo nas águas negras de onde saíra, levando metade da amurada da popa. A serpente deixou um rastro afundado de madeira danificada e fumegante por onde passou. O capitão ordenou, com a voz rouca, que os conveses fossem encharcados com água do mar.

— Aquilo não era um bicho comum — disse uma voz que ela reconheceu como de Brashen, transmitindo tanto reverência quanto medo. — Ela queria se vingar antes de morrer. E quase conseguiu.

— Vamos dar o fora daqui — sugeriu o imediato.

Por todo o navio, homens corriam para cumprir as suas tarefas enquanto o sol, relutante, chegava até eles por cima do mar.

Wintrow foi para a coberta de proa na calada da noite do quarto dia da estadia no porto de Jamaillia. Vivácia estava consciente de sua presença, mas estaria não importasse onde ele estivesse, a bordo dela.

— O que foi? — sussurrou a figura de proa.

O resto do navio estava em silêncio. O único marinheiro no turno da âncora estava na popa, cantarolando uma antiga canção de amor enquanto admirava as luzes dispersas da cidade. A uma pedrada de distância, estava ancorado um navio de escravos, oscilando. A tranquilidade da cena só era interrompida pelo fedor do navio e pelos murmúrios desolados da carga acorrentada em seus porões.

— Estou indo — anunciou Wintrow, em voz baixa. — Queria me despedir.

Vivácia ouviu e sentiu as palavras, mas não fizeram sentido. Ele não poderia querer dizer o que aquelas palavras pareciam significar. Desesperada, a figura de proa tentou senti-lo, procurar a compreensão dentro dele, mas o rapaz se manteve afastado. Separado.

— Você sabe que eu te amo — disse Wintrow. — E, talvez mais importante, também sabe que gosto de você. Acho que teríamos sido amigos mesmo se não fôssemos quem somos, mesmo se você fosse uma pessoa de verdade, ou se eu fosse algum outro marinheiro...

— Você está errado! — exclamou ela, aos sussurros.

Mesmo ao sentir a decisão do garoto de abandoná-la pairando no ar, não podia traí-lo. Não, não podia ser. Não havia sentido em soar um alarme e envolver Kyle naquilo. Manteria o assunto em particular, apenas entre os dois. Continuou falando baixinho.

— Wintrow. Sim, teríamos sido amigos de qualquer jeito, mas me dói muito quando você insinua que não sou real. O que existe entre nós, navio e homem... ah, isso jamais poderia existir com qualquer outro! Não se iluda. Não tente aliviar a consciência achando que, se me deixar, posso simplesmente começar a conversar com Brando ou dividir minhas opiniões com Esteio. Eles são homens bons, mas não são você. Eu preciso de você, Wintrow. Wintrow? Wintrow?

Ela se contorceu para observá-lo, mas o menino se mantinha fora do alcance de seus olhos. Quando se aproximou, Wintrow usava apenas a roupa de baixo. Carregava um fardo muito pequeno com alguma coisa enrolada num oleado, amarrada firme. Com certa irritação, Vivácia achou que devia ser o manto de sacerdote.

— Você está certa — murmurou ele. — Estou levando apenas o manto, mais nada. A única coisa que trouxe a bordo. Vivácia, não sei o que mais posso dizer. Preciso ir, tenho que ir, antes que não consiga mais deixá-la para trás. Antes que meu pai me mude tanto que já não serei mais quem sou.

Ela se esforçou para ser racional, para tentar convencê-lo com argumentos lógicos.

— Mas para onde você vai? O que vai fazer? O monastério fica tão longe... Você não tem dinheiro nem amigos. Wintrow, isso é loucura. Se precisa mesmo fazer isso, planeje antes. Espere até estarmos mais perto de Tutano, deixe todos pensarem que desistiu, e então...

— Acho que, se eu não fizer isso agora, não vou fazer nunca. — Havia determinação em sua voz.

— Eu posso impedir — advertiu Vivácia, num sussurro rouco. — É só soar o alarme. Posso colocar todos os homens a bordo atrás de você com um só grito. Não sabe disso?

— Sei. — Wintrow fechou os olhos por um momento, então estendeu a mão para tocá-la. Seus dedos alisaram uma das madeixas entalhadas. — Mas acho que você não vai fazer isso. Acho que não faria isso comigo.

Foi um toque breve, então ele se empertigou. Wintrow amarrou o fardo na cintura com um cordão longo, passou desajeitado por cima da amurada e começou a descer a corrente da âncora.

— Wintrow, você não pode fazer isso. Tem serpentes na baía, elas podem...

— Você nunca mentiu para mim — repreendeu o rapaz em voz baixa. — Não faça isso agora só para me manter ao seu lado.

Chocada, Vivácia abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. O garoto chegou à água gélida e enfiou um pé, depois a perna.

— Sá me proteja — disse, inspirando fundo, então se abaixou para a água. Vivácia o ouviu prender a respiração diante do abraço gelado e líquido. Wintrow soltou a corrente e nadou para longe, o fardo amarrado boiando em seu encalço. Ele nadava como um cachorrinho.

Wintrow!, gritou. *Wintrow! Wintrow! Wintrow!* Gritos silenciosos, lágrimas secas. Mas ela se manteve em silêncio, e não só porque temia que seus gritos despertassem as serpentes. O que a silenciava era a terrível lealdade que sentia por ele e por si mesma. O garoto não podia estar falando sério. Não podia fazer aquilo. Ele era um Vestrit, e ela era o navio-vivo da família. Ele não podia deixá-la, não por muito tempo. Logo chegaria em terra firme e entraria na cidade escura. Ficaria lá por uma hora, um dia, uma semana — os homens faziam essas coisas: gostavam de desembarcar, mas sempre voltavam. Wintrow voltaria por vontade própria e reconheceria que Vivácia era o seu destino. Ela se abraçou com força e cerrou os dentes. Não ia gritar. Podia aguentar até que ele finalmente caísse em si e voltasse por conta própria. Acreditava que sabia o que se passava no coração dele.

— Já é quase de manhã.

A voz de Kennit estava tão baixa que Etta não tinha certeza se tinha ouvido.

— Sim — confirmou ela, aos sussurros.

Estava deitada junto às costas dele, sem que seus corpos se tocassem de fato. Se ele estivesse falando dormindo, não queria acordá-lo. Era raro Kennit dormir enquanto ela ainda estava na cama, era raro que Etta tivesse permissão para dividir a cama, os travesseiros e o calor de seu corpo esbelto por mais de uma ou duas horas.

Ele falou de novo, mais baixo que um sussurro.

— Já ouviu isto? “Quando estou longe de você e a luz da aurora toca meu rosto, são suas mãos”.

— Não conheço — sussurrou Etta, hesitante. — Parece um verso de algum poema... Nunca tive muito tempo para aprender poesia.

— Você não precisa aprender o que já é — retrucou ele, sem tentar esconder a ternura em sua voz. O coração de Etta quase parou. Não ousou respirar. — É um poema chamado *De Kytris para sua amada*. É mais antigo do que Jamaillia, é dos tempos do Antigo Império. — Outra pausa. — Desde que nos conhecemos, esse poema sempre me lembra você. Ainda mais aquela parte, “Não tenho palavras profundas o bastante para transmitir meu afeto. Mordo a língua e encarranco meu amor para não me tornar escravo da paixão”. — Mais uma pausa. — Palavras de outro homem, dos lábios de outro homem. Gostaria que fossem minhas.

Etta deixou o silêncio reinar depois daquilo, saboreando aquelas palavras enquanto as gravava na memória. Na ausência do sussurro emocionado de Kennit, ouviu o ritmo profundo de sua respiração em harmonia com as ondas que se chocavam contra o casco do navio. Uma música que percorria o corpo de Etta com o pulsar de seu sangue. Respirou fundo e reuniu toda a coragem que tinha.

— Por mais doces que sejam suas palavras, não preciso delas. Nunca precisei.

— Então vamos ficar em silêncio. Fique deitada ao meu lado até que a manhã nos desperte.

— Vou ficar — sussurrou ela.

Colocou a mão no quadril dele, suave como o pousar de uma pluma. Kennit não se mexeu nem se virou, mas ela não se importou, não precisava que ele se virasse. Depois de viver tanto tempo com tão pouco, aquelas palavras seriam suficientes para a vida toda. Quando fechou os olhos, uma única lágrima escorreu por baixo dos cílios.

Na penumbra da cabine do capitão, um sorriso diminuto curvou as feições de madeira.



23

OS TRAFICANTES DE ESCRAVOS DE JAMAILLIA

Quando Wintrow era criança, aprendeu uma canção sobre as ruas brancas de Jamaillia reluzindo ao sol. E percebeu que cantarolava a melodia enquanto atravessava uma viela coberta de escombros. Altas construções de madeira bloqueavam o sol dos dois lados da via, canalizando o vento marítimo. Apesar de todo o cuidado que tomou, o manto de sacerdote ficou molhado, e a lã úmida batia e raspava em sua pele enquanto ele andava. O dia de inverno estava estranhamente ameno, mesmo para Jamaillia, e ele não sentia muito frio — ficaria bem assim que a pele e o manto terminassem de secar. Seus pés estavam tão calejados pelos dias de trabalho a bordo que nem sentiam a cobertura de louças quebradas e lascas de madeira no chão da viela. Precisava se concentrar naquelas poucas bênçãos, esquecer o ronco da barriga vazia e agradecer por não estar muito frio.

E por estar livre.

Não tinha percebido o quanto se sentia oprimido pelo confinamento no navio até nadar para a terra firme. Mesmo antes de tirar o excesso de água do corpo e vestir o manto, sentira o coração mais leve. Livre. Estava a muitos dias de viagem do monastério e não fazia ideia de como chegaria lá, mas tinha certeza de que chegaria. Sua vida era sua outra vez. Seu coração cantava só por ele ter aceitado o desafio. Até podia fracassar, ser capturado de novo ou cair vítima de algum mal ao longo do caminho, mas aceitara a influência da força de Sá e agira. Não importava o que aconteceria dali para a frente, sempre teria isso para se agarrar. Não era um covarde.

Finalmente provara a si mesmo.

Jamaillia era muito maior do que qualquer cidade que já visitara, e o tamanho o intimidava. Quando estava no navio, prestara mais atenção às torres, às abóbadas e aos coruchéus brancos e cintilantes da Corte do Sátrapa, nas áreas mais altas da cidade. O vapor do Rio Quente era uma eterna cortina de seda ondulante por trás daquelas maravilhas. Mas Wintrow estava na parte baixa da cidade, e aquela orla era tão esquálida e miserável quanto Agrião, só que maior. Era mais suja e mais pobre do que qualquer lugar que já vira em Vilamonte. Viu

estabelecimentos comerciais, armazéns e armadores, mas logo adiante a cidade parecia ter apenas bordéis, tavernas, drogarias e pensões precárias. Os únicos moradores permanentes eram os mendigos que dormiam encolhidos nos degraus das portas e dentro de casebres erguidos entre outras construções. As ruas eram quase tão imundas quanto as vielas — as sarjetas e os bueiros talvez já tivessem funcionado, levando a água suja embora, mas o que via era o esgoto acumulado em poças estagnadas, verdes e marrons, lugares perigosos onde era melhor não pôr o pé. Era mais do que evidente que as pessoas também esvaziavam os penicos na rua. Se o dia estivesse mais quente, o cheiro provavelmente estaria ainda mais forte, e a rua estaria coberta de moscas — *mais uma coisa para agradecer*, pensou, contornando uma poça grande demais.

O sol estava acabando de nascer, e aquela parte da cidade ainda dormia. Talvez os moradores daquela área não tivessem muitos motivos para achar que valia a pena despertar. A noite provavelmente contaria uma história diferente sobre aquelas ruas, mas, naquela manhã, estavam desertas e mortas, com as janelas fechadas, e as portas, trancadas. Wintrow ergueu os olhos para o céu, cada vez mais claro, e apertou o passo. Não ia demorar muito para notarem sua ausência, e queria estar bem longe da orla quando isso acontecesse. Ficava imaginando se o pai faria muito esforço para encontrá-lo — provavelmente não se mexeria muito por iniciativa própria, já que só dava valor a Wintrow porque ele podia manter o navio-vivo satisfeito.

Vivácia.

Até pensar em seu nome era um soco no coração. Como pudera abandoná-la? Não tivera opção, não tinha como continuar vivendo daquele jeito. Mas como pudera? Wintrow se sentia dividido: mesmo desfrutando da liberdade, sentia o gosto da solidão — de uma solidão extrema. Não sabia dizer se a sensação era dele ou dela. Se tivesse como fugir com o navio, era isso que teria feito. Por mais tolo que soasse, teria feito isso. Precisava ser livre. Vivácia sabia disso. Ela precisava compreender.

Mas Wintrow a largara para trás, numa armadilha.

Seguiu em frente, dividido. Vivácia não era sua esposa, sua filha ou sua amada. Não era nem humana. O elo que compartilhavam tinha sido imposto pelas circunstâncias e pela vontade de seu pai, só isso. Vivácia compreenderia e o perdoaria.

Junto com aquele pensamento, veio a certeza de que pretendia voltar para ela. Não naquele dia, nem no seguinte, mas algum dia voltaria. Em algum momento, num futuro ainda não definido, talvez quando o pai tivesse desistido e restituído

Althea ao navio. Em algum momento em que seria seguro voltar. Wintrow seria um sacerdote, e Vivácia ficaria satisfeita com outro Vestrit — Althea, talvez até Selden ou Malta. Ele e o navio teriam uma vida plena e separada, e, quando se encontrassem de livre e espontânea vontade, seria uma doce reunião. Vivácia então admitiria que ele estava certo em partir. E os dois estariam mais sábios.

Wintrow sentiu um peso na consciência. Será que só queria voltar para apaziguar a mente? Então isso significava que talvez achasse que o que estava fazendo era errado. Mas como poderia achar aquilo errado? Estava retornando para o sacerdócio, para manter as promessas que fizera anos antes. Como isso podia ser errado? Balançou a cabeça, perplexo, e seguiu em frente.

Decidiu que não ia se aventurar nas partes mais altas da cidade. O pai com certeza esperava que ele fosse para lá, em busca de refúgio e ajuda dos sacerdotes de Sá do templo do sátrapa, e seria o primeiro lugar onde o procuraria. Wintrow realmente queria ir para lá, tinha certeza de que os sacerdotes não o mandariam embora, e que até poderiam ajudá-lo a voltar para o próprio monastério, embora isso fosse pedir demais. Mas não queria pedir ajuda a eles, porque não podia permitir que o pai batesse às portas do templo exigindo seu retorno. Antigamente, o templo de Sá seria um refúgio até mesmo para um assassino, mas, com os círculos externos de Jamaillia degradados àquele ponto, Wintrow duvidava que a santidade daquele templo de Sá continuasse sendo respeitada. Era melhor evitar qualquer problema. O melhor era nem parar para olhar a cidade — tinha que começar logo a longa jornada cruzando a Satrápia até o monastério que chamava de lar.

Wintrow deveria se sentir intimidado pela jornada tão longa, mas estava em júbilo por ela ter finalmente começado.

Nunca tinha nem cogitado a possibilidade de Jamaillia ter bairros miseráveis, muito menos que a pobreza ocupasse grande parte da capital. Passou por uma área devastada por um incêndio, onde cerca de quinze construções tinham queimado até não restar mais nada e muitas outras mostravam sinais de fumaça e chamuscamento. Nenhum dos escombros tinha sido removido, e as cinzas úmidas soltavam um cheiro horrível. A rua era um caminho de chão batido entre escombros e cinzas, uma imagem desalentadora. Relutante, Wintrow começou a pensar nas histórias que ouvira sobre o sátrapa atual — se o homem de fato estivesse entregue à luxúria e à indolência sibarita, como diziam os boatos, então os bueiros entupidos e as ruas repletas de lixo estavam explicados. Dinheiro era o tipo de coisa que só se gasta uma vez, e, se os impostos pagos para manter os bueiros e contratar vigias para ruas tivessem sido gastos com os prazeres do sátrapa, não restaria nada para remediar a desolação das construções decrépitas e

a negligência generalizada que Wintrow vira no porto. As galeras e galeões da frota de patrulha de Jamaillia estavam atracados, com os cascos cobertos de algas e mexilhões, e a tinta branca que as identificava como protetoras dos interesses do sátrapa já estava descascando. Não era de espantar que os piratas infestassem a Passagem Interna.

Jamaillia era a maior cidade do mundo, o centro e a luz de toda a civilização, mas estava apodrecendo pelas beiradas. Durante toda a sua vida, Wintrow ouvira lendas sobre aquela cidade, sobre a arquitetura e os jardins maravilhosos, as esplanadas, o templo e os banhos grandiosos. Muitos edifícios públicos tinham encanamentos para água e esgoto, não só o palácio do sátrapa. Ele balançou a cabeça quando pulou, relutante, por cima de mais uma sarjeta exposta e transbordando. Se a água estava acumulando e entupindo os bueiros ali embaixo, como estaria a situação nas partes mais altas da cidade? Bem, talvez tudo nas principais vias públicas fosse mais bem cuidado, mas Wintrow não tinha como saber. Não se quisesse escapar do pai e dos perseguidores que ele mandaria em seu encalço.

A cidade foi melhorando aos poucos. Vendedores que se levantavam mais cedo ofereciam pães, peixe defumado e queijos cujo cheiro deixaram o garoto com água na boca. Portas começaram a ser abertas, e pessoas saíam para tirar as proteções das janelas e colocar as mercadorias à mostra para os pedestres. Wintrow sentiu o coração mais leve ao ver carroças e pedestres começando a encher as ruas. Tinha certeza de que, numa cidade daquele tamanho, com todas aquelas pessoas indo de um lado para o outro, o pai jamais o encontraria.

Vivácia olhou para além da superfície brilhante da água, para as muralhas e torres brancas de Jamaillia. Não fazia muito tempo que Wintrow tinha ido embora, mas era como se vidas inteiras tivessem se passado desde que ele descera pela corrente da âncora e nadara para longe. Os outros navios bloquearam sua visão, e ela não sabia nem se ele tinha chegado em segurança à terra firme. Apenas um dia antes, Vivácia teria insistido que conseguiria sentir se alguma coisa tivesse acontecido com o garoto. Apenas um dia antes, teria jurado que o conhecia melhor do que o próprio Wintrow se conhecia, que o garoto jamais a deixaria. Ah, como fora tola.

— Mas você deve ter sentido quando ele saiu! Por que não soou um alarme? Para onde ele foi?

Madeira, disse a si mesma. *Sou só madeira. Madeira não precisa ouvir, não precisa responder.*

Madeira não deveria sentir. Ergueu os olhos para a cidade. Wintrow estava lá, em algum lugar. Livre do pai, livre dela. Como podia ter sido tão fácil para ele romper aquele elo? Sentiu um sorriso amargo curvar seus lábios. Talvez fosse coisa dos Vestrit. Afinal, Althea não tinha se afastado com a mesma facilidade?

— Responda! — exigiu Kyle.

Torg chamou a atenção do capitão, num tom calmo.

— Sinto muito, senhor. Eu devia ter vigiado melhor o garoto. Mas quem ia prever uma coisa dessas? Por que o garoto iria fugir, depois de tudo o que o senhor fez por ele, depois de tudo que quis dar a ele? Não vejo o menor sentido nisso. É uma ingratidão sem tamanho, seu coração de pai deve estar partido. — O segundo imediato tinha escolhido as palavras certas para oferecer algum consolo, mas Vivácia sabia que cada frase que saía de Torg só aumentava a fúria que Kyle sentia de Wintrow. E dela.

— Para onde ele foi? E quando isso aconteceu? Sua maldita, me responda! — gritou Kyle.

Ele se debruçou sobre a amurada e ousou agarrar e puxar uma madeixa do cabelo da figura de proa.

Vivácia girou, rápida como uma cobra e, com a mão aberta, esbofeteou Kyle para longe, como se espantasse um gatinho irritante. O capitão tombou no convés, e seus olhos se arregalaram de medo e choque. Torg saiu correndo, desesperado, então tropeçou e nem se deu ao trabalho de se levantar — continuou se afastando de gatinhas.

— Esteio! — gritou, desesperado. — Esteio, venha aqui! — E saiu em disparada atrás do primeiro imediato.

— Kyle Porto, seu desgraçado — disse Vivácia, numa voz baixa e feroz. Não sabia de onde vinham aquele tom nem aquelas palavras. — Seu desgraçado, queria que você fosse engolido pelas profundezas salgadas do mar. Você afastou eles todos, um por um. Você tomou o lugar do meu capitão. Afastou a filha dele, que me fez companhia em meus dias de sono, nos meus conveses. E agora seu próprio filho fugiu da sua tirania e me deixou sem amigos. Seu desgraçado.

Kyle se levantou devagar, cada músculo do seu corpo estava tenso.

— Você vai se arrepender... — começou, numa voz trêmula tanto de medo quanto de fúria, mas o navio o interrompeu com uma risada animalesca.

— Me arrepender? E como você vai me deixar pior do que já estou? Que desgraça maior você pode causar do que me afastar do meu próprio sangue? Você é um usurpador, Kyle Porto, um falso capitão. E eu não lhe devo nada,

nada. E é exatamente nada que você vai ter de mim.

— Senhor — chamou Esteio, num tom baixo e respeitoso. Estava parado no convés principal, a uma distância segura do homem e da figura de proa. Torg estava atrás dele, assistindo ao conflito com um misto de temor e deleite. O primeiro imediato estava empertigado, mas seu rosto bronzeado parecia pálido. — Acho, com todo o respeito, que o senhor devia se afastar daí. Não vai sair nada de bom disso, mas infelizmente muita coisa pode dar errado. Temos que ir atrás do garoto antes que ele acabe indo muito longe e se esconda bem demais. Pelo que sabemos, Wintrow não tem dinheiro nem amigos por aqui. Devíamos estar lá na cidade, espalhando a notícia que estamos atrás dele e oferecendo uma recompensa. A situação anda bem difícil para a maioria do povo de Jamaillia, e algumas moedas devem ser o bastante para fazer o menino aparecer de volta a bordo antes do pôr do sol.

Kyle pensou um tempo nas palavras de Esteio. Vivácia sabia que ele permanecia ali, parado, quase ao alcance dela, como uma demonstração de coragem. E também sabia que Torg os observava com um olhar quase ávido. Tinha nojo só de pensar em como aquele homem apreciava aquela briga. Mas, de repente, parou de se importar. Kyle não era Wintrow, não era família. Não era nada.

O capitão assentiu para Esteio, mas não tirou os olhos de Vivácia.

— Você tem certa razão. Mande os tripulantes que estiverem de folga em terra firme espalharem a mensagem de que daremos uma moeda de ouro para que o garoto seja devolvido são e salvo. E meia moeda em qualquer outra condição. Além de uma de prata por informações sobre o paradeiro dele, se a informação nos ajudar a encontrar o menino. — Ele fez uma pausa. — Vou visitar os mercados de escravos com Torg. Esse menino desgraçado já me atrasou demais, por hoje. As melhores mercadorias com certeza já foram vendidas. Eu teria conseguido uma companhia inteira de músicos e cantores se tivesse ido bem cedo, logo no primeiro dia. Sabe quanto pagariam por cantores e músicos jamaillianos, lá em Calcede? — perguntou o capitão, com amargura, como se os tivesse perdido por culpa de Esteio. Então balançou a cabeça, indignado. — Fique aqui supervisionando as modificações no porão. A obra tem que acabar o mais rápido possível, e pretendo zarpar assim que tivermos o garoto e a carga a bordo.

Esteio assentia, ouvindo as ordens do capitão, mas Vivácia sentiu os olhos do imediato a examinando. Ela se virou o máximo que pôde e encarou os três homens friamente. Kyle não se virou para ela, mas o olhar apreensivo de Esteio

encontrou outra vez o seu. Vivácia teve certeza de que viu o imediato fazer um movimento discreto com a mão, mesmo sem saber o que queria dizer. Os três deixaram a coberta de proa e desceram para o porão. Algum tempo depois, ela percebeu que Torg e Kyle estavam desembarcando. E já iam tarde. Voltou os olhos outra vez para a cidade branca envolta pelo vapor tênue do Rio Quente. Uma cidade encoberta por nuvens. Não sabia se queria que encontrassem Wintrow e o arrastassem de volta para ela, ou se preferia que o menino escapasse do pai e fosse ser feliz. Não sabia o que queria. Lembrou que já tivera esperanças de que o garoto voltaria por vontade própria. Analisando a sensação, achou a esperança infantil e ridícula.

— Navio? Vivácia? — Esteio não se arriscara a pisar na coberta de proa, estava parado na pequena escada, chamando-a em voz baixa.

— Você não precisa ter medo de chegar perto de mim — comentou ela, mal-humorada.

Esteio era um bom marinheiro, apesar de ser um dos homens de Kyle. Sentiu-se estranhamente envergonhada ao ver que ele a temia.

— Eu só queria perguntar... posso fazer alguma coisa para ajudar? Para... você ficar mais confortável?

Ele queria que ela ficasse mais calma.

— Não — respondeu a figura de proa, com secura. — Não, nada. A não ser que você queira liderar um motim. — Ela esticou os lábios num arremedo de sorriso, mostrando que o pedido não tinha sido para valer. Pelo menos não ainda.

— Não posso fazer isso — retrucou o imediato, muito sério. — Mas, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, é só me avisar.

— Precisar. Madeira não precisa de nada.

Esteio partiu tão depressa quanto chegou, mas Findow apareceu pouco depois, sentou-se na beira da coberta de proa e começou a tocar seu violino. O marinheiro não tocou nenhuma das melodias animadas que usava para ditar o ritmo quando a tripulação manuseava o cabrestante; tocou apenas as músicas tranquilizadoras, todas com mais do que um toque de tristeza. As melodias eram bem adequadas ao humor de Vivácia. Sabe-se lá como, o simples som das cordas do violino ecoando sua melancolia melhorou seu ânimo e diminuiu sua dor. Lágrimas salgadas escorreram por seu rosto enquanto ela olhava Jamaillia. Nunca tinha chorado. Achava que as lágrimas escorrendo causavam dor, mas elas na verdade pareciam amenizar o terrível aperto que sentia em seu interior.

Sentiu os homens trabalhando em suas profundezas, com brocas perfurando a

madeira, instalando cavilhas pesadas. Correntes eram medidas e presas a espeques ou grampos. Os suprimentos trazidos a bordo eram quase só água, biscoitos duros e correntes. Para os escravos. Escravos. Experimentou a palavra na língua. Wintrow acreditava que a escravidão era um dos maiores males no mundo, mas, quando ele tentou explicar por quê, Vivácia não viu muita diferença entre a vida de um escravo e a de um marinheiro. Pelo que entendia, todos pertenciam a um mestre e eram forçados a trabalhar pelo tanto de tempo e com o tanto de empenho que esse mestre achasse que deveriam. Marinheiros não tinham muito domínio sobre as próprias vidas, e Vivácia não conseguia entender como aquele trabalho a bordo poderia ser pior do que ser escravo. Talvez fosse por isso que Wintrow a abandonara sem a menor dificuldade: porque ela era burra. Porque ela, afinal, não era um ser humano. Seus olhos se encheram de lágrimas outra vez, e o navio de escravos *Vivácia* chorou.

Mesmo antes de avistarem o navio, Sorcor declarou que sabia que a embarcação levava escravos pela altura dos mastros, visíveis em meio às árvores enquanto a embarcação contornava a ilha.

— Eles botam mais vela para navegar mais rápido, para entregar a carga ainda "fresca" — observou, com sarcasmo. Então sorriu satisfeito para Kennit. — Ou talvez esses traficantes de escravos estejam aprendendo a ter medo. Bem, mas esse aí pode tentar fugir o quanto quiser, não vai conseguir escapar. Se içarmos umas velas, conseguimos chegar quando ele estiver dobrando a ponta da ilha.

Kennit balançou a cabeça.

— Lá tem baixios cheios de pedra. — Ele pensou um pouco. — Hasteie uma bandeira de Mercador e arraste algumas cordas, para parecer que estamos bem carregados. Vamos fingir que somos só uma embarcação mercante pequena e polpuda, que tal? Mas se mantenha longe, só quero que chegue perto depois que o outro navio entrar no Canal de Rickert. Tem um banco de areia logo depois da entrada, e não quero ter que esburacar o casco, se tivermos que encalhar o navio para conseguir a captura.

— Sim, senhor. — Sorcor pigarreou. Quando voltou a falar, não parecia estar se dirigindo a ninguém em particular. — As coisas costumam ficar meio sangrentas quando capturamos um navio de escravos. Acho que serpentes-marinhas devorando corpos não é uma cena apropriada para uma mulher, e esses navios sempre têm uma ou duas serpentes por perto. Talvez seja melhor a senhora ficar na cabine até tudo acabar.

Kennit olhou para Etta por cima do ombro. Parecia que, sempre que ia para o

convés, ela ficava parada logo atrás de seu ombro esquerdo. Era meio desconcertante, mas concluiu que o melhor a fazer era ignorá-la. Achava um tanto divertido ver Sorcor se dirigindo com tanto respeito a uma prostituta, fingindo que a mulher precisava ser protegida contra as realidades mais duras da vida. Só que Etta não parecia ter achado graça, nem estava lisonjeada. Havia um brilho intenso em seus olhos escuros e um pouco de cor em suas bochechas.

Ela estava um pouco mais vestida naquele dia, com uma camisa azul-celeste de algodão, calça de lã e um casaco curto do mesmo tecido. As botas pretas que iam até os joelhos brilhavam de tão engraxadas. Kennit não fazia ideia de onde tinham vindo aquelas botas, mas lembrou que Etta tinha mencionado um jogo com a tripulação, algumas noites antes. O cabelo negro estava preso por um lenço extravagante, só com as pontas lustrosas soltas, caindo sobre as bochechas coradas pelo vento. Se Kennit não a conhecesse, poderia ter confundido a mulher com um jovem valentão de rua — o olhar furioso que ela lançou a Sorcor com certeza era digno de um valentão.

— Acho que essa senhora pode julgar sozinha o que é sangrento ou cruel demais para o gosto dela e decidir se recolher quando achar que é hora — observou Kennit, secamente.

Um leve sorriso felino curvou os lábios de Etta, que completou:

— Eu desfruto do capitão Kennit à noite, com certeza não existe muita coisa que eu precise temer durante o dia.

Sorcor corou, as cicatrizes brancas despontando sob o rubor do rosto, mas Etta apenas olhou para Kennit de soslaio, para ver se ele tinha gostado do elogio. Kennit tentou se conter, mas gostava de ver Sorcor constrangido pelo modo como sua mulher se gabava dele, então se permitiu uma leve torcida no lábio em resposta. Foi o suficiente para ela. As narinas de Etta se dilataram, e ela virou a cabeça — uma tigresa controlada.

Sorcor deu as costas aos dois.

— Muito bem, vamos preparar o disfarce! — gritou para a tripulação, e os homens correram para obedecer. Recolheram o Corvo de Kennit, hastearam a bandeira Mercadora, capturada havia muito tempo, penduraram as cordas na amurada. Só alguns marinheiros permaneceram no convés: o *Marietta* agora se deslocava como um navio mercante carregado, e os homens que estavam à vista não portavam armas. Quando o navio de escravos dobrou a ponta da ilha e ficou completamente visível, Kennit soube que o alcançariam sem a menor dificuldade.

Olhou para o navio, indiferente. Como Sorcor observara, os três mastros eram

mais altos do que o normal, para que pudessem usar mais velas. No convés, uma tenda de lona destinada ao abrigo temporário da tripulação era agitada pelo vento — aqueles marinheiros não deviam mais suportar o fedor da carga amontoada, então tinham decidido trocar o castelo de proa por alojamentos mais arejados. O *Sicerna*, de acordo com o nome pintado na popa, já era navio de escravos havia alguns anos. A tinta dourada dos entalhes tinha descascado, e as manchas nos costados eram evidência do despejo descuidado de dejetos humanos por cima da amurada.

Uma gorda serpente verde-amarelada seguia no encalço do navio, como um mascote satisfeito. Pela circunferência da criatura, boa parte da carga já tinha ido para o mar. Kennit estreitou os olhos para o convés da embarcação, onde havia muito mais gente do que ele esperava. Será que os traficantes de escravos tinham passado a transportar uma força de combate para proteção? Franziu o cenho. Quando o *Marietta* alcançou o *Sicerna*, percebeu que as pessoas amontoadas no convés eram escravos — os farrapos que vestiam se balançavam ao vento gelado do inverno, e embora alguns dos indivíduos se mexessem, ninguém se movia livremente. O capitão devia ter levado aquele grupo para o convés para que respirassem um pouco de ar puro. Kennit achou que poderia ser um sinal de que havia doenças no porão. Nunca tinha ouvido falar de um traficante de escravos que se preocupava com o conforto da própria mercadoria.

Sorcor estava diminuindo a distância entre os navios, e o fedor da outra embarcação era trazido pelo vento. Kennit tirou um lenço com perfume de lavanda do bolso e o levou ao rosto, tentando aliviar o cheiro.

— Sorcor! Venha aqui! — gritou para o homem.

O imediato apareceu ao seu lado sem perda de tempo.

— Sim, capitão!

— Acho que vou liderar os homens desta vez. Passe a ordem. Quero que pelo menos três membros da tripulação sejam poupados. E oficiais, de preferência. Tenho uma ou duas perguntas para fazer antes de alimentar as serpentes.

— Vou passar a ordem, senhor. Mas não vai ser fácil conter os ânimos.

— Tenho certeza de que eles vão conseguir se segurar — observou Kennit, numa voz que não deixava dúvidas sobre os perigos da desobediência.

— Sim, senhor — concordou Sorcor, e saiu para dar a ordem aos homens que estavam no convés e aos abordadores armados que aguardavam abaixo.

Etta esperou até o imediato estar longe para perguntar, baixinho:

— Por que decidiu se arriscar?

— Arriscar? — Ele pensou um pouco. — Por que a pergunta? Está com medo do que poderia lhe acontecer se eu morresse?

A boca de Etta virou uma linha reta, e ela lhe deu as costas.

— Sim — respondeu, muito calma. — Mas não pelos motivos que você pensa.

Já tinham se esgueirado até o alcance da voz quando o capitão do *Sicerna* gritou:

— Não se aproximem! A gente sabe quem vocês são, não importa a bandeira.

Kennit e Sorcor trocaram olhares. O capitão deu de ombros.

— Parece que o disfarce acabou antes do previsto.

— Marinheiros, ao convés! — berrou Sorcor, animado. — E subam as cordas.

Os conveses do *Marietta* ressoaram com as batidas de pés ansiosos. Piratas se amontoaram na amurada, com arpéus e arcos a postos. Kennit levou as mãos em concha à boca.

— Vocês podem se render! — ofereceu, enquanto o *Marietta,* agora mais leve, chegava mais perto da presa.

Em resposta, o homem berrou uma ordem. Seis marinheiros musculosos ergueram uma âncora no convés e a atiraram pela amurada. Kennit ouviu gritos. No rastro da âncora, tão depressa como se tivessem saltado por vontade própria, foram alguns dos escravos — estavam acorrentados a ela. Seus corpos desapareceram num instante, os gritos engolidos pelas bolhas, deixando apenas silêncio. Sorcor ficou olhando, aturdido. Até Kennit teve de admitir um leve assombro diante da impetuosidade do outro capitão.

— Lá se foram cinco escravos! — gritou o capitão do *Sicerna*. — Fiquem longe! O próximo pedaço de corrente tem vinte.

— Devem ser os escravos doentes, que não sobreviveriam à viagem — opinou Kennit. Ouvia vozes do convés da outra embarcação, gritos de súplica, de terror e de fúria.

— Em nome de Sá, o que vamos fazer? — sussurrou Sorcor. — Aqueles pobres-diabos!

— Nós não vamos nos afastar — declarou Kennit, muito calmo. Então gritou para o navio: — *Sicerna*! Se jogarem mais escravos no mar, vão pagar com as próprias vidas!

O capitão do outro navio jogou a cabeça para trás e gargalhou tão alto que o som atravessou a água e chegou bem nítido.

— Como se vocês fossem deixar alguém da tripulação vivo! Pode ir para longe, pirata, ou estes vinte aqui vão morrer.

Kennit notou a agonia no rosto de Sorcor, mas deu de ombros.

— Cheguem mais perto! Lancem os arpéus! — gritou.

Seus homens obedeceram. Não viam a indecisão nos olhos do imediato, mas todos ouviram os gritos dos vinte homens quando uma segunda âncora os arrastou para baixo, levando uma parte da amurada do navio.

— Kennit — gemeu Sorcor, incrédulo, com o rosto pálido de horror e choque.

— Quantas âncoras extras ele tem? — perguntou Kennit, disparando para liderar o grupo de abordagem. — Foi você quem disse que preferia a morte à escravidão! — gritou, por cima do ombro. — Então vamos torcer para que esses homens pensassem o mesmo!

Os piratas do *Marietta* já estavam manejando os arpéus, puxando os navios para mais perto um do outro, enquanto os arqueiros mantinham uma chuva constante de flechas sobre a tripulação atacada, que tentava soltar os arpéus e jogá-los no mar. O *Marietta* estava em vantagem sobre o *Sicerna* de pelo menos três para um. Os defensores estavam bem armados, mas não eram muito familiarizados com as armas. Kennit desembainhou a espada e saltou o pequeno vão entre os navios, chutando a barriga de um marinheiro ao aterrissar — o sujeito tinha uma flecha cravada no ombro e tentava manusear o próprio arco, mas tombou para trás, e um dos piratas o apunhalou ao passar. Kennit se virou para sua tripulação.

— Deixem três vivos! — gritou, com raiva. Ninguém mais se colocou em seu caminho e, de espada em punho, ele foi atrás do capitão do navio.

Kennit encontrou o sujeito do outro lado da embarcação — ele, o imediato e dois marinheiros estavam tentando lançar o escaler às pressas. O pequeno barco a remo se balançava sobre a água, preso pelas serviolas, mas uma das cordas estava emperrada. Kennit balançou a cabeça. O navio estava imundo: um moitão emperrado não era muito surpreendente, para uma tripulação que não conseguia nem manter o convés limpo.

— Parem! — gritou, abrindo um sorriso.

— Fique longe — advertiu o capitão do *Sicerna*, apontando uma besta para o peito do pirata.

Kennit perdeu o respeito pelo homem, que tinha parecido muito mais impressionante quando agira em vez de ameaçar. Então, arqueando para fora da água, surgiu o pescoço sinuoso da serpente. Talvez o homem não quisesse gastar

o virote da besta até definir bem o alvo. Quando a cabeça da serpente saiu da água, Kennit viu o corpo de um escravo preso à sua boca, com duas correntes pendendo do corpo — de um lado, um grilhão ainda estava preso a uma mão e um braço, mas a outra corrente pendia vazia e solta. A serpente sacudiu o corpo de repente e jogou o escravo para cima, então fechou a grande mandíbula com mais firmeza sobre a presa, decepando os braços ainda agrilhoados na altura dos cotovelos. A corrente caiu na água. A serpente jogou a cabeça para trás e engoliu o resto do escravo. Quando os pés descalços desapareceram goela abaixo, a criatura sacudiu a cabeça outra vez e olhou interessada para os homens no escaler. Um dos marinheiros gritou, horrorizado. O capitão mirou a arma nos grandes olhos do monstro.

Kennit avançou no instante em que a mira da besta deixou seu peito. Ele posicionou a espada para cortar uma das serviolas que sustentavam o escaler.

— Largue a arma e volte para o navio — ordenou. — Ou vai ser jogado para a serpente!

O capitão cuspiu na direção de Kennit e disparou no olho verde da criatura. O virote desapareceu de vista no cérebro da serpente — não devia ser a primeira em que o homem atirava. Quando a criatura começou a gritar e se debater, o capitão sacou uma faca e começou a cortar a corda logo acima do gancho que prendia o escaler.

— Vamos nos arriscar com as serpentes, seu desgraçado! — gritou para Kennit, enquanto a criatura sinuosa afundava sob as ondas. — Rodel, corte a sua corda!

Mas Rodel não se sentia tão otimista quanto seu capitão, no que dizia respeito à serpente. O marinheiro aterrorizado soltou um grito e se jogou do escaler pendurado de volta para o convés. Kennit o incapacitou com um corte na perna e voltou a atenção para o escaler, ignorando os gritos do marinheiro que se contorcia e tentava estancar o sangramento.

Com um só passo, Kennit pulou para dentro do escaler e encostou a ponta da lâmina na garganta do capitão.

— Volte — sugeriu, com um sorriso. — Ou morra aqui mesmo.

O moitão emperrado cedeu, e uma das extremidade do escaler pendurado baixou aos trancos, derrubando os homens no mar bem no momento em que a serpente voltava à superfície. Kennit, cheio de sorte e ágil como um gato, saltou para fora do barquinho e se agarrou à amurada do *Sicerna* com uma só mão, depois apoiou a outra. Estava tentando passar as pernas para dentro do convés quando a serpente ergueu a cabeça da água e o encarou. Linfa e sangue

escorriam do olho arruinado, e a criatura arreganhou a bocarra e gritou — um som de fúria e desespero. O olho cego estava voltado para os homens que se debatiam na água, e Kennit estava pendurado diante do olho bom, feito uma isca num anzol. Desesperado, ele passou a perna por sobre a amurada e se prendeu ali. Tão delicadamente quanto um animal bem treinado que pega um petisco da mão do dono, a serpente fechou a mandíbula em volta de sua outra perna.

Doeu e queimou como um grilhão incandescente, e Kennit gritou. Então, de repente, a dor deixou seu corpo. Um frio agradavelmente entorpecente a afastou, assim como a água quente acaba com o frio da pele. Kennit sentiu aquele alívio da dor subindo pelo corpo. Sentiu a perna relaxar, o entorpecimento aumentou. O grito desapareceu em meio a um gemido.

— Não! — gritou a prostituta, atravessando correndo o convés.

Etta devia estar assistindo do *Marietta*, mas ninguém tinha bloqueado seu caminho. O convés estava praticamente livre de homens vivos, que deviam ter recuado ao avistarem a serpente se erguer outra vez. Alguma arma improvisada, uma machadinha ou um cutelo de cozinha, reluziu à luz do sol nas mãos da prostituta. Etta gritava uma torrente obscena de xingamentos e ameaças à serpente, que erguia Kennit no ar.

Algum reflexo o fez se agarrar à amurada com todas as forças que tinha, e já não lhe restavam muitas. A vitalidade o deixara. O veneno que a serpente injetara em seu corpo, fosse o que fosse, estava deixando Kennit incapacitado. Ele mal sentiu o toque de Etta, que o agarrou num abraço desvairado que também incluiu a amurada do navio.

— Solte! — ordenou a mulher à serpente. — Solte, sua desgraçada, seu verme do mar asqueroso, sua vadia! Solte!

A serpente, enfraquecida, puxou a perna pela bota, estendendo o corpo de Kennit por cima da água. Etta puxou com determinação na direção oposta. A mulher era mais forte do que ele imaginava. Kennit viu mais do que sentiu a serpente cravar os dentes com mais firmeza em sua perna, atravessando carne e músculos como uma faca quente na manteiga. Teve um vislumbre de osso exposto, que parecia estranhamente esburacado onde a saliva do animal o corroera. A criatura girou a grande cabeça como um peixe fisgado, preparando-se para sacudi-lo e arrancá-lo da amurada — ou pelo menos arrancar sua perna do corpo. Soluçando, Etta ergueu a arma.

— Sua desgraçada! — gritou. — Desgraçada! Desgraçada!

A lâmina diminuta desceu, mas não como Kennit esperava. Etta não desperdiçou o golpe no focinho escamoso e bem-protegido da serpente. Em vez

disso, a lâmina se chocou com estrépito contra o osso enfraquecido da perna dele, cortando logo acima dos dentes da serpente, decepando um belo naco. Kennit viu o sangue jorrar do coto destroçado da perna enquanto a prostituta o puxava depressa para trás, arrastando-se pelo convés ainda agarrada a ele. Ouviu ao longe os gritos assombrados de seus homens, quando a serpente ergueu a cabeça ainda mais alto e desabou de volta para o mar, mole como um pedaço de barbante. A criatura não se ergueria outra vez. Estava morta. E Etta a alimentara com a perna dele.

— Por que você fez isso? — perguntou Kennit, numa voz fraca. — O que eu fiz para você decepar a minha perna?

— Ah, meu querido, ah, meu amor! — guinchava a mulher, enquanto a escuridão girava em torno de Kennit e o engolia.

O mercado de escravos fedia. Era o pior cheiro que Wintrow já tinha sentido na vida. Ele se perguntou se o cheiro de um membro da própria espécie morto e doente era naturalmente mais desagradável do que qualquer outro odor. Quis ir para longe, sentia uma repulsa que chegava aos ossos. Apesar do sofrimento diante de seus olhos, a solidariedade e a indignação foram sobrepujadas pela repugnância. Por mais que se apressasse, parecia que não conseguia encontrar uma saída daquela parte da cidade.

Já tinha visto um grande número de animais confinados, uma vez até reunidos para o abate, mas a angústia deles era embotada e incompreensível: ruminavam e agitavam as caudas para espantar as moscas enquanto aguardavam os próprios destinos. Animais podiam ser mantidos em chiqueiros ou currais, não precisavam ser presos com grilhões e correntes, e não gritavam ou choravam a angústia e frustração que sentiam.

— Não posso ajudar, não posso ajudar — murmurava Wintrow, sem nem reparar.

Ele segurou a língua.

Era verdade, não podia ajudar aquelas pessoas. Estava tão impotente quanto eles diante dos elos das correntes. E, mesmo que pudesse abrir os grilhões, o que aconteceria? Wintrow não podia apagar as tatuagens nos rostos dos escravos, não podia ajudá-los a fugir. Por mais terríveis que fossem os destinos que aguardavam aquelas pessoas, era melhor deixar que cada um enfrentasse o futuro como pudesse. Alguns sem dúvida encontrariam a liberdade e a felicidade mais tarde, em suas vidas. Aquela desolação não podia durar para sempre.

Como se concordasse com aquele pensamento, um homem passou por ele com um carrinho de mão. Havia três corpos lá dentro, e, apesar de serem bem magros e raquíticos, o homem tinha dificuldade de empurrar o carrinho. Uma mulher seguia atrás, chorando desconsolada.

— Por favor, por favor — pedia, em meio às lágrimas, ao passarem por Wintrow. — Pelo menos me deixe ficar com o corpo dele. De que serve o corpo para você? Me deixe levar meu filho para casa, preciso enterrar meu filho. Por favor, por favor.

Ninguém que passava pela rua movimentada lhe deu atenção, nem mesmo o homem que empurrava o carrinho. Wintrow fitou os dois, perguntando-se se aquela mulher estava louca e o filho não era dela — e o homem sabia disso. Ou talvez todas as outras pessoas na rua eram loucas e tinham acabado de ver uma mãe desconsolada implorando pelo corpo do filho morto e simplesmente não reagiram. E ele também não reagiu. Já tinha se acostumado à dor humana assim, tão depressa? Wintrow ergueu os olhos e tentou ver de novo a cena.

Era demais. Na parte principal da rua, pessoas andavam de braços dados, parando para olhar barracas como fariam em qualquer mercado. Falavam de cores e tamanhos, de idades e sexos, mas os animais e mercadorias eram humanos. Havia grupos de pé na praça, uma fileira de pessoas acorrentadas juntas, oferecidas em lotes ou individualmente, para trabalhos gerais em fazendas ou na cidade. No canto da praça, um tatuador anunciava seu ofício. Estava recostado numa cadeira ao lado de um torno de cabeça forrado com couro, com um imenso bloco de pedra com uma cavilha cravada. Anunciava que, por um preço razoável, marcaria qualquer escravo recém-adquirido com o emblema do comprador. O garoto que anunciava estava preso à pedra, usando apenas uma tanga, apesar do dia de inverno, exibindo o corpo todo coberto por tatuagens — uma propaganda das habilidades de seu senhor. Por um preço razoável. Um preço razoável.

Algumas casas vendiam escravos, anunciando as especialidades em placas penduradas acima da entrada. Wintrow viu um emblema de carpinteiros e pedreiros, outro de costureiras e um especializado em músicos e dançarinos. Assim como qualquer tipo de pessoa podia se endividar, também dava para adquirir qualquer tipo de escravo: funileiros, alfaiates, soldados, marinheiros, tutores, amas, escribas e escriturários. Por que contratar, não era melhor comprar? Aquela parecia ser a filosofia vigente, mas Wintrow se perguntava como as pessoas que compravam escravos não podiam se ver naqueles rostos, reconhecer os vizinhos. Ninguém mais parecia incomodado. Alguns até cobriam o nariz com um lenço, incomodados com o cheiro, mas não hesitavam em exigir

que um escravo ficasse de pé, andasse ou trotasse em círculos, para inspecioná-lo melhor. Áreas protegidas por treliças serviam para a inspeção mais particular das mulheres à venda. Parecia que, aos olhos dos compradores, um mero fracasso financeiro transformava um homem de amigo ou vizinho em mercadoria.

Parecia que alguns não eram abrigados e mantidos em condições tão ruins. Deviam ser os escravos mais valiosos, os bem-educados, talentosos e capacitados. Alguns até pareciam ter certo orgulho de seu valor, mantendo uma pose de altivez e confiança, apesar de estarem marcados com uma tatuagem no rosto. E havia escravos que Wintrow ouvira serem chamados de “caras-marcadas”, ou “caras de mapa”, porque a história de seus senhores podia ser traçada pela progressão de tatuagens em seu rosto. Esses pareciam carrancudos e mal-humorados, já que escravos dóceis sempre encontravam lares permanentes. Um escravo com mais de cinco tatuagens em geral era marcado como pouco desejável, então era vendido a um preço mais barato e tratado com uma brutalidade mais recorrente.

A tatuagem dos rostos de escravos, que já tinha sido considerada um costume calcediano bárbaro, era a norma em Jamaillia. Doía ver como a cidade não se contentara em adotar o costume, mas também o adaptara. Os escravos vendidos como dançarinos e artistas tinham tatuagens pequenas e claras, fáceis de disfarçar com maquiagem, para que sua posição social não atrapalhasse o prazer do público. Embora ainda fosse ilegal comprar escravos unicamente para a prostituição, as tatuagens mais exóticas que marcavam alguns ali não deixavam dúvidas a respeito da profissão para que tinham sido treinados. E era mais fácil ver as tatuagens do que olhar aquelas pessoas nos olhos.

Quando estava passando por um grupo acorrentado numa esquina, um escravo o chamou:

—Ei, sacerdote, por favor! Dê o consolo de Sá para os moribundos.

Wintrow parou, sem saber se era com ele que estavam falando. O escravo se aproximou o máximo que os seus grilhões permitiam. Tinha tatuagens espalhadas pelo rosto e pescoço e não parecia o tipo de homem que buscaria o consolo de Sá. Nem parecia estar morrendo. O homem não usava camisa, tinha costelas bem visíveis e o grilhão deixara seu tornozelo em carne viva, mas, fora isso, parecia saudável e vigoroso. Era bem mais alto do que Wintrow, um homem de meia-idade com o corpo marcado pelo trabalho pesado. A postura era a de um sobrevivente. Wintrow olhou para além do homem, onde estava seu dono, não muito longe dali, negociando com um possível comprador. O dono,

um homem baixo que girava um pequeno porrete enquanto falava, notou o olhar de Wintrow e franziu o cenho em desagrado, mas não interrompeu a negociação.

— Você. Você não é um sacerdote? — perguntou o escravo, insistente.

— Eu estava treinando para ser um — admitiu Wintrow —, mas ainda não posso reivindicar esse título. — Então acrescentou, determinado: — Mas estou disposto a fornecer todo o consolo que puder. — Ele olhou para os escravos acorrentados e tentou manter a desconfiança longe da voz, ao perguntar: — Quem precisa de ajuda?

— Ela. — O homem se afastou um pouco para o lado.

Havia uma mulher agachada atrás dele, sofrendo. Wintrow notou que os outros estavam aglomerados ao redor da mulher, oferecendo o calor e a pouca proteção que conseguiam com seus corpos reunidos. Ela era jovem, devia ter menos de vinte anos, e não exibia nenhum ferimento aparente. Era a única mulher no grupo. Mantinha os braços cruzados sobre a barriga, a cabeça abaixada sobre o peito. Quando ela ergueu o rosto para encará-lo, seus olhos azuis estavam baços como pedras de rio. A pele era muito pálida, e o cabelo louro tinha sido cortado rente. O vestido estava remendado e manchado, e a camisa em volta dos ombros devia ser do homem que chamara Wintrow. A jovem tinha o rosto coberto de tatuagens, assim como os outros do grupo. Ela não exibia qualquer sinal de feridas, nem parecia fragilizada. Pelo contrário: era uma mulher musculosa de ombros largos. Apenas as linhas de dor em seu rosto indicavam que estava mal.

— O que ela tem? — perguntou Wintrow, chegando mais perto.

Em algum canto da alma, suspeitava que o grupo estava tentando atraí-lo para então agarrá-lo. Talvez como refém? Mas ninguém fez qualquer movimento ameaçador. Na verdade, os escravos mais próximos da mulher lhe viraram as costas o máximo que puderam, como que para dar alguma privacidade.

— Estou sangrando — murmurou ela. — Estou sangrando sem parar desde que perdi o bebê.

Wintrow se agachou diante da mulher, estendeu a mão e tocou a parte de trás de seu braço. Não havia febre, e a pele estava gelada sob o sol de inverno. Ele deu um leve beliscão e notou como a carne se recuperava lentamente. A jovem precisava de água ou de um caldo. Fluidos. Sentiu nela apenas desolação e resignação. Parecia a aceitação da morte.

— É normal sangrar depois de um nascimento, sabia? E também depois da perda de um bebê. Isso logo para.

A mulher balançou a cabeça.

— Não. Ele me deu uma dose forte demais para soltar o bebê. Uma mulher grávida não trabalha tão bem, entende? A barriga fica no caminho. Então me forçaram a tomar a dose, e perdi o bebê. Já faz uma semana. Mas ainda estou sangrando, e o sangue é vermelho-vivo.

— Mas mesmo um fluxo de sangue vermelho-vivo não significa a morte. Você pode se recuperar. Com o devido cuidado, uma mulher pode...

Uma risada mordaz interrompeu as suas palavras. Wintrow nunca tinha ouvido uma risada tão parecida com um grito.

— Você fala de mulheres... eu sou uma escrava. Não, nenhuma mulher precisa morrer por causa disso, mas eu vou. — Ela respirou fundo. — O consolo de Sá. É tudo o que eu peço. Por favor. — Ela abaixou a cabeça para recebê-lo.

Talvez, naquele momento, Wintrow por fim compreendeu o que era a escravidão. Ele sabia que era um mal, tinha sido ensinado sobre a perversidade do ato desde os primeiros dias no monastério, mas agora via e ouvia a resignação e o desespero na voz daquela jovem. Ela não maldizia o senhor que roubara a vida de seu filho, simplesmente falava daquilo como se fosse obra de alguma força primordial da natureza, como um vendaval ou uma inundação. A crueldade e a maldade do homem pareciam não lhe preocupar, só estava interessada naquele resultado: o sangramento que não cessava, que a levaria à morte.

Wintrow a encarou. A mulher não precisava morrer, e devia saber disso tão bem quanto ele. Se tomasse um caldo quente, tivesse cama e abrigo, comida e descanso, ervas que fortalecem as partes de uma mulher, sem dúvida se recuperaria para viver muitos anos e ter muitos filhos. Mas não sobreviveria. A jovem sabia, os outros escravos do grupo sabiam, e Wintrow quase sabia. Quase saber foi como colocar a mão no convés e esperar a faca. Depois do golpe da realidade, jamais poderia ser o mesmo. Aceitar aquilo seria perder uma parte de si mesmo.

Ele se levantou de repente, determinado, mas, quando falou, suas palavras foram gentis.

— Espere aqui e não perca a esperança. Vou buscar ajuda no templo de Sá. Seu senhor vai entender que você vai acabar morta se não tiver os devidos cuidados. — Ele ofereceu um sorriso amargurado. — Se nada mais der certo, talvez a gente possa convencê-lo de que uma escrava viva vale mais do que morta.

O homem que o chamara até ali parecia incrédulo.

— O templo? Não vamos conseguir ajuda lá. Um cão é um cão, e um escravo é um escravo, e nenhum deles merece o consolo de Sá, aos olhos daqueles homens. Os sacerdotes de lá cantam canções de Sá, mas dançam ao som das flautas do sátrapa. O homem que está vendendo nossos serviços não é o nosso dono. Só se interessa pela porcentagem de qualquer venda do dia que recebe como pagamento, e com ela custeia nossa alimentação, abrigo e as drogas. O resto vai para o nosso dono. O intermediário não vai diminuir parte dele para salvar a vida de Cala. Por que faria isso? Não vai perder nada se ela morrer. — O homem viu a incompreensão e a descrença no rosto de Wintrow e falou, amargamente: — Foi tolice minha chamar você aqui. A juventude em seus olhos me enganou. Eu devia saber pelo manto de sacerdote que não teria ajuda de bom grado. — Ele agarrou Wintrow pelo ombro de repente, apertando-o com selvageria. — Dê o consolo de Sá a ela, ou eu juro que quebro a sua clavícula.

A força do aperto convenceu Wintrow de que o homem podia fazer aquilo.

— Você não precisa me ameaçar — retrucou, ofegante. Sabia que as palavras soavam covardes. — Sou um servo de Sá.

O homem o jogou com desprezo no chão, diante da escrava.

— Então faça isso logo. E rápido.

O escravo olhou com dureza para trás. O intermediário e o cliente ainda negociavam. O cliente estava de costas para o grupo, mas o intermediário estava virado na direção deles, e sorriu ao ouvir algum gracejo do cliente, rindo um ha, ha, ha mecânico. Mas o punho cerrado e o olhar duro que lançava ao grupo prometiam um castigo severo caso a negociação fosse interrompida. A outra mão batia um pequeno porrete contra a perna.

— Eu... isso não pode ser apressado — protestou Wintrow, enquanto se ajoelhava diante da mulher e tentava concentrar a mente.

Em resposta, a escrava se levantou, cambaleante, e Wintrow viu que suas pernas estavam cobertas de sangue, que o chão debaixo estava encharcado. O sangue tinha coagulado e ficado grosso nos grilhões nos tornozelos.

— Lem — chamou ela, numa voz triste.

O outro escravo se aproximou depressa. A jovem se apoiou nele, e sua respiração saiu num gemido.

— Vai ter que ser depressa — retrucou o homem, com grosseria.

Wintrow pulou as preces. Pulou as preparações, pulou as palavras de alento que serviam para preparar a mente e o espírito do moribundo. Simplesmente se levantou e colocou as mãos nela. Posicionou os dedos nos lados do pescoço,

estendendo-os até que cada um tivesse encontrado o ponto apropriado.

— Isso não é morte — assegurou à jovem. — Eu só estou libertando você das distrações desde mundo, para que sua alma possa se preparar para o que vem a seguir. Você consente que eu faça isso?

Ela assentiu, com um leve movimento de cabeça.

Wintrow aceitou o consentimento. Respirou fundo lentamente, alinhando-se com a jovem, e buscou dentro de si o broto negligenciado do sacerdócio. Nunca tinha feito aquilo sozinho, não tinha sido iniciado completamente nos mistérios do ritual. Mas conhecia a mecânica do processo, podia fazer pelo menos isso. Percebeu que o homem estava bloqueando a visão do intermediário com o corpo, mantendo uma vigia constante por cima do ombro. Os outros escravos se aglomeraram ao redor deles, querendo ocultar a cena dos que passavam.

— Depressa — insistiu Lem.

Wintrow apertou de leve os pontos que seus dedos tinham escolhido com tanta precisão. A pressão afastaria o medo e bloquearia a dor enquanto ele falava com a jovem. Enquanto pressionasse, ela ia ouvir e acreditar em suas palavras. Wintrow primeiro deu o corpo da jovem a ela.

— A você, agora, as batidas do seu coração, a passagem de ar nos seus pulmões. A você a visão dos seus olhos, a audição dos seus ouvidos, o paladar da sua boca, a sensação de toda a sua carne. Confio tudo isso ao seu próprio controle, para que você possa ordená-los a serem ou não serem. Devolvo tudo isso a você, para que possa se preparar para a morte com a mente limpa. Ofereço a você o consolo de Sá, para que possa oferecê-lo a outros. — Wintrow ainda via uma sombra de dúvida nos olhos da jovem, e a ajudou a compreender o próprio poder. — Diga para mim: “Eu não sinto frio.”

— Eu não sinto frio — repetiu ela, numa voz fraca.

— Diga para mim: “A dor passou.”

— A dor passou. — As palavras saíram baixas como um sussurro, mas seu rosto relaxou ao dizê-las. Ela era mais jovem do que Wintrow tinha imaginado. A mulher ergueu a cabeça para Lem e sorriu. — A dor passou — disse, por vontade própria.

Wintrow afastou as mãos, mas se manteve por perto. A mulher apoiou a cabeça no peito de Lem.

— Eu amo você — disse, simplesmente. — Você tornou essa vida suportável. Obrigada. — Ela respirou fundo, e sua respiração saiu como um suspiro. — Agradeça aos outros por mim. Pelo calor de seus corpos, por fazerem mais, para

que ninguém notasse o que eu fazia de menos. Agradeça...

As palavras foram sumindo, e Wintrow viu Sá surgir em seu rosto. As penúrias daquele mundo já estavam desaparecendo de sua mente. A escrava sorriu, um sorriso tão simples quanto o de um bebê.

— Veja como as nuvens estão bonitas hoje, meu amor. Branco contra cinza. Está vendo?

Simples assim. Liberto da dor, o espírito da jovem se voltou para a contemplação da beleza. Wintrow já tinha testemunhado aquilo, mas nunca deixava de se espantar. Depois que a pessoa tomava conhecimento da morte, se conseguisse se afastar da dor, imediatamente se voltava para a maravilha e para Sá. Wintrow sabia que os dois passos eram necessários. Se a pessoa não tivesse aceitado a morte como uma realidade, o toque podia ser recusado. Alguns aceitavam a morte e o toque, mas não conseguiam afastar a dor. Agarravam-se a ela como um último vestígio de vida. Mas Cala a afastara com facilidade, tanto que Wintrow soube que ela ansiava para fazer aquilo havia muito tempo.

Ficou parado e não falou, mas tampouco ouviu as palavras que a mulher disse a Lem. Lágrimas escorriam pelo rosto dele, deslizando sobre as marcas de uma vida dura e as tintas de suas tatuagens de escravo. Pingavam do queixo toscamente barbeado. Ele não falou, e Wintrow fez questão de não ouvir o conteúdo das palavras de Cala. Em vez disso, ouviu o tom delas, soube que ela falava de amor, de vida e de luz. O sangue ainda escorria lentamente por suas pernas. Wintrow viu a cabeça dela oscilar nos ombros, à medida que ia enfraquecendo, mas seu sorriso não desapareceu. A jovem estava mais próxima da morte do que ele imaginava, tinha sido enganado por seu estoicismo. Ela logo morreria. Wintrow ficou feliz por ter sido capaz de oferecer essa despedida serena a ela e a Lem.

— Ei! — Um porrete o cutucou nas costas, na altura da cintura. — O que você está fazendo?

O intermediário não deu tempo para Wintrow responder e o empurrou para o lado, desferindo um golpe que deixaria marcas em suas costelas. Wintrow ficou sem ar por um momento, dobrando o corpo, ofegante. O intermediário entrou no meio do grupo de escravos e rosnou para Lem e Cala.

— Afaste-se dela — disse para Lem, ríspido. — O que está tentando fazer? Engravidar a mulher de novo, bem aqui no meio da rua? Acabei de me livrar do último filho.

Estupidamente, o homem apoiou a mão no ombro flácido de Cala e a puxou, mas Lem a segurou firme e soltou um urro de indignação. Wintrow teria recuado

apenas diante do olhar daquele escravo, mas o intermediário o atingiu no rosto com o pequeno porrete, num movimento experiente e sem esforço, abrindo um corte no alto do rosto, que começou a sangrar.

— Solte! — ordenou, enquanto golpeava.

Por maior que Lem fosse, o golpe súbito e a dor o deixaram meio atordoado. O intermediário arrancou Cala dos braços do homem e a deixou cair na terra ensanguentada. A jovem tombou, flácida, sem dizer uma palavra, e ficou caída onde sangrara, olhando em júbilo para o céu. O olhar experiente de Wintrow informou que a mulher já não estava vendo mais nada. Tinha escolhido parar. Enquanto ele olhava, sua respiração foi ficando cada vez mais irregular.

— Que a paz de Sá esteja com você — conseguiu sussurrar, com dificuldade.

O intermediário se virou para ele.

— Você matou minha escrava, seu idiota! Ela podia trabalhar pelo menos mais um dia!

O homem desferiu um golpe duro no ombro de Wintrow, cortando a pele e machucando a carne, mas sem quebrar ossos. A dor, seguida pela dormência, desceu daquele ponto do ombro e percorreu o braço todo. Aquele era mesmo um gesto com o qual o homem estava acostumado, concluiu alguma parte de Wintrow, gritando e saltando para trás. Tropeçou num dos escravos presos, que o empurrou casualmente para o lado. Estavam todos se aproximando do intermediário, e de repente o pequeno porrete do homem parecia uma arma insignificante e tola. Wintrow sentiu ânsia de vômito. Aqueles escravos espancariam o homem até a morte, moeriam os ossos dele.

Mas o intermediário adorava seu trabalho e era bom nele. Empolgado feito um cãozinho arisco, girou e começou a desferir golpes rápidos com o porrete. A cada golpe, o porrete encontrava a carne de um escravo, e um homem recuava. Ele tinha prática em causar dor que incapacitava sem causar maiores danos, mas não foi tão cauteloso com Lem. No momento em que o homenzarrão se moveu, o intermediário golpeou, uma pancada brusca na barriga. Lem se encolheu, e seus olhos se esbugalharam nas órbitas.

Enquanto isso, as pessoas continuavam andando de um lado para o outro no mercado de escravos. Uma ou duas sobrancelhas foram erguidas para o grupo indisciplinado, mas o que se poderia esperar dos caras-marcadas e daqueles que os vendiam? As pessoas passavam longe e seguiam caminho. Era inútil pedir ajuda, reclamar que não era um escravo. Wintrow duvidava que alguém se importasse.

Quando Lem cuspiu bile, o intermediário abriu os grilhões incrustrados de

sangue dos tornozelos de Cala, então os sacudiu e tirou dos pés mortos da jovem e lançou um olhar furioso para Wintrow.

— Por direito, eu devia colocar esses grilhões em você! — rosnou. — Você me custou uma escrava e o lucro de um dia, se não estou enganado. E não estou. Veja só, lá se vai o meu cliente. Ele não vai querer nada com esse grupo, depois de terem se comportado tão mal. — O homem apontou o porrete para o cliente, que se afastava correndo. — Bem, sem trabalho, sem comida, meus queridos.

Os modos daquele sujeito vil exalavam um sarcasmo tão desprezível que Wintrow mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Uma mulher está morta, e a culpa é sua! — declarou Wintrow. — Você a envenenou para que ela perdesse o bebê, mas a droga também a matou. Você é duas vezes assassino!

Tentou se levantar, mas o braço inteiro ainda estava dormente, assim como a barriga. Ficou de joelhos para tentar se erguer, mas o intermediário o derrubou mais uma vez com um chute.

— Fico chocado em ouvir essas palavras vindas de um garoto de rosto tão liso! Ora essa! E agora vou ficar com cada moeda que você tiver, rapazinho, para pagar meus prejuízos. Cada moeda, vamos lá. Você não quer ser sacudido até o dinheiro sair, não é mesmo.

— Eu não tenho moeda nenhuma — retrucou Wintrow, irritado. — E, mesmo que tivesse, não daria!

O homem assomou sobre ele e o cutucou com o porrete.

— E quem é o seu pai? Alguém vai ter que pagar.

— Não tenho ninguém — retrucou Wintrow, seco. — Ninguém vai pagar a você nem ao seu senhor. Eu fiz o trabalho de Sá. Fiz o que era certo.

Ele olhou por trás do homem, para o grupo de escravos. Os que podiam ficar de pé estavam se levantando. Lem se arrastara até o corpo de Cala. Ele olhava para cima, junto com ela, como se também pudesse ver o que a mulher contemplava.

— Bem, bem. O certo para ela pode ser o errado para você — retrucou o homenzinho com malícia, falando depressa. — Veja bem, aqui em Jamaillia, os escravos não têm direito ao consolo de Sá. Isso foi determinado pelo sátrapa. Se um escravo tivesse a alma de um homem, bem... esse homem não teria acabado como um escravo. Sá, em sua sabedoria, não permitiria isso. Pelo menos é como me explicaram. Pois bem. Aqui estou eu, com uma escrava morta e um dia de trabalho perdido. O sátrapa não vai gostar nada disso. Além de matar um dos

escravos dele, você também é um vagabundo. Se parecesse capaz de trabalhar por um dia que fosse, eu colocaria essas correntes e uma tatuagem no seu rosto agora mesmo. Isso nos pouparia tempo. Mas temos que agir dentro da lei, não é mesmo? Ei, guarda! — O homenzinho ergueu o porrete e acenou animadamente para um guarda da cidade que passava. — Este aqui é para você. Um garoto sem família e sem dinheiro e em dívida comigo por causar danos aos escravos do sátrapa. Leve ele daqui, está bem? Ei, você! Pare, volte!

O último grito foi quando Wintrow se levantou depressa e saiu correndo para longe. Foi o grito de Lem que o fez olhar para trás. Devia ter se abaixado. O porrete veio rodopiando, arremessado com destreza, e o atingiu na lateral da cabeça. Wintrow caiu na rua imunda do mercado de escravos.



24

OS MERCADORES DOS ERMOS CHUVOSOS

— É que fico nervosa com qualquer coisa muito diferente do normal — explicou Ronica, seca.

— Desculpe — retrucou Keffria, numa voz neutra. — Eu só estava perguntando.

Malta olhou para a mãe, prendendo o cabelo da avó, que estava sentada diante da penteadeira. Ela não parecia muito arrependida, e sim cansada da eterna rabugice de Ronica. E Malta não podia culpá-la — também não aguentava mais o mau humor das duas, parecia que só se concentravam no lado triste da vida, nas partes preocupantes. Naquela noite, haveria uma grande reunião dos Velhos Mercadores de Vilamonte, e Malta ia junto. A menina tinha passado a tarde quase toda arrumando o cabelo e provando o manto novo, mas ali estavam a mãe e a avó, se arrumando de última hora e agindo como se aquilo tudo fosse só mais um incômodo, em vez de uma chance de sair, ver pessoas e conversar. Simplesmente não conseguia entender aquelas duas.

— Vocês já estão prontas? — insistiu.

Não queria ser a última a chegar. A mãe tinha dito que a noite seria cheia de conversas importantes, que seria uma espécie de reunião de negócios entre os Mercadores dos Ermos Chuvosos e os de Vilamonte. Malta não conseguia entender por que a mãe e a avó estavam tão nervosas com o evento — com certeza seria apenas mais uma daquelas ocasiões em que ela teria que ficar sentada, tentando não parecer entediada. Queria chegar enquanto ainda pudesse bater papo, cumprimentar os vizinhos e provar os petiscos. Então talvez conseguisse encontrar Delo e se sentar junto da amiga.

Não entendia por que estavam demorando tanto para se arrumar. O certo era que contassem com a ajuda de criados particulares, que separariam suas roupas e arrumariam o cabelo — todas as outras famílias Mercadoras tinham criadas assim, mas a avó insistia que não podiam mais pagar por aquele luxo, e a mãe tinha concordado. E, quando Malta tentou discutir, as duas a abrigaram a se sentar com uma grande pilha de bastões de contas e recibos e tentar colocá-los em ordem num dos livros de registro. Malta tinha bagunçado a página, e a avó a

fizera copiá-la de novo. E depois quiseram se sentar e falar sobre o que os números significavam e como revelavam que não podiam mais ter criados além de Nana e Rache.

Malta ficaria muito feliz quando o pai voltasse. As duas deviam estar esquecendo algum detalhe. Nada daquilo fazia sentido: como podiam estar pobres de repente? Tudo continuava igual. Mas, mesmo assim, ali estavam as duas, vestindo mantos com pelo menos dois anos de uso e arrumando uma o cabelo da outra, irritadas.

— Podemos ir logo? — repetiu Malta. Por que elas ainda não tinham respondido?

— Está parecendo que vamos terminar isso rápido? — perguntou a mãe. — Malta, vá procurar alguma coisa útil para fazer, em vez de nos perturbar. Vá ver se a carruagem do Mercador Recomeço já chegou.

— Ah, ele não! — protestou Malta. — Por favor, por favor, diga que não vamos com ele naquela carruagem velha e fedida. Mãe, as portas nem fecham direito. Vou me sentir tão humilhada se tivermos de ir com...

— Malta, vá ver se a carruagem já chegou — mandou a avó, com a voz firme.

Como se sua mãe já não tivesse dito aquilo.

Malta suspirou e saiu do quarto. Quando finalmente chegassem, a comida e as bebidas já teriam acabado, e todo mundo estaria sentado nos bancos do Conselho. Já que tinha de assistir a uma reunião inteira, queria pelo menos chegar para a parte divertida. Enquanto atravessava o corredor, se perguntou se encontraria Delo lá. Sabia que Cerwin iria, a família já o tratava como adulto havia anos. Talvez encontrasse Delo, então poderia dar um jeito de fazer a mãe deixar as duas se sentarem juntas. E seria fácil fazer Delo se sentar perto do irmão. Não via Cerwin desde o dia em que a mãe insistira em mostrar a estufa ela mesma, mas isso não queria dizer que Cerwin tinha perdido o interesse.

Pensando nisso, deu uma passada rápida no lavabo, onde havia um pequeno espelho. A luz ali não era boa, mas dava para ver, e ela sorriu para o reflexo. Tinha afastado o cabelo do rosto, puxando-o para cima, trançando as mechas e prendendo-as no topo da cabeça. Alguns fios caíam na testa e roçavam as maçãs do rosto. Ainda não podia usar mais que flores como ornamentos, mas escolhera as últimas rosas minúsculas que tinham florescido na estufa. As flores eram de um vermelho-escuro, com uma fragrância adocicada e inebriante. O manto que ia usar era muito simples, mas pelo menos não era um vestido de garotinha — era um manto de Mercador, como o que todos os Mercadores usavam naquelas reuniões. O dela era de um tom escuro de magenta, quase igual às rosas no

cabelo, a cor dos Vestrit de acordo com a tradição. Malta teria preferido um azul, mas o magenta lhe caía bem. E pelo menos era novo.

Nunca tinha usado um manto de Mercador — eram grandes e amarrados na cintura, como os mantos dos monges, um pouco quentes, com golas redondas e chegavam aos tornozelos. Malta ficou admirando o couro negro lustroso do cinto largo, a fivela no formato da inicial estilizada da família. Tinha apertado bem o cinto para ressaltar o quadril e deixar o tecido esticado sobre os seios. O pai tinha razão: ela já tinha corpo de mulher, por que não podia ter as roupas e os privilégios de adulta? Bem, era só questão de tempo até ele voltar, aí as coisas mudariam. Os negócios iam melhorar. O pai voltaria para casa com os bolsos cheios e Malta contaria tudo sobre os maus-tratos que sofrera, sobre como tinha sido enganada a respeito do vestido...

— Malta! — A mãe escancarou a porta. — O que você está fazendo? Está todo mundo esperando. Pegue a capa e venha logo!

— A carruagem já chegou? — perguntou, para as costas da mãe, correndo atrás dela.

— Sim — respondeu Keffria, áspera. — E o Mercador Recomeço está parado ao lado dela nos esperando.

— Bem, e por que ele não bateu na porta ou tocou o sino ou...

— Ele fez tudo isso — retrucou a mãe, seca. — Mas, como sempre, você estava sonhando acordada.

— Eu preciso mesmo usar a capa? Vamos ficar na carruagem e depois vamos direto para o salão, e a capa velha não combina com o manto novo.

— Está frio lá fora, vista a capa. E, por favor, tente se lembrar dos modos. Preste atenção no que for dito. As famílias dos Ermos Chuvosos só pedem audiência com todos os Velhos Mercadores por uma boa causa. Tenho toda a certeza de que o que for dito esta noite afetará os destinos de todos nós. E não esqueça que as pessoas dos Ermos Chuvosos são nossos parentes. Não fique encarando, comporte-se e...

— Sim, mãe.

O mesmo sermão que já ouvira pelo menos seis vezes naquele dia. Será que ela achava que Malta era surda — ou talvez burra? Sabia desde que nascera que a família era parente das famílias dos Ermos Chuvosos! O que a fez se lembrar — quando saíram pela porta da frente e passaram por Nana, toda séria, Malta começou:

— Ouvi dizer que o pessoal dos Ermos Chuvosos começou a vender uma

nova mercadoria, as joias flamejantes. Parece que são contas cristalinas, como gotas de chuva, mas pequenas labaredas dançam dentro de cada uma.

A mãe nem se dignou a responder.

— Muito obrigada por esperar, Davad. Ainda mais por ser tão fora do seu caminho — foi dizendo ao homenzinho atarracado.

Davad respondeu com um sorriso radiante, o rosto reluzindo de prazer e oleosidade ao ajudá-la a subir na carruagem. Malta não lhe dirigiu uma só palavra e conseguiu subir antes que ele pudesse tocar seu braço. Não tinha esquecido nem perdoara o homem por aquele último passeio de carruagem. A mãe se sentou ao lado da avó... Ah, elas não podiam esperar que Malta fosse ficar sentada ao lado do Mercador Recomeço! Ele era nojento.

— Posso me sentar no meio? — perguntou Malta, conseguindo se espremer entre as duas. — Mãe, sobre as joias flamejantes... — insistiu, esperançosa, mas o Mercador Recomeço começou a falar, como se ela nem estivesse ali.

— Todas acomodadas? Bem, então lá vamos nós. Bem, infelizmente preciso me sentar perto da porta para segurar ela bem fechada. Mandei meu criado resolver o problema do trinco, mas, quando ordenei que trouxessem a carruagem, descobri que o reparo ainda não tinha sido feito. É um absurdo. De que adianta ter criados se eles não prestam atenção quando recebem uma ordem? Dá para pensar que seria melhor a escravidão chegar logo aqui em Vilamonte... Os escravos sabem que a boa vontade de seu senhor é sua única esperança de conforto e bem-estar, então prestam bastante atenção às ordens.

E foi uma ladainha sem fim durante todo o trajeto até o Salão dos Mercadores. Davad Recomeço falava, e a mãe e a avó escutavam. No máximo discordavam educadamente, mesmo Malta já tendo ouvido a avó dizer centenas de vezes que a escravidão seria a ruína de Vilamonte. Não que Malta concordasse, já que o pai com certeza não teria se envolvido se o comércio não fosse lucrativo, mas achou a atitude covarde. A avó sempre dizia uma coisa em casa, mas não defendia seus ideais diante do Mercador Recomeço. O máximo que chegou a dizer foi: “Davad, é só me imaginar como escrava para saber que é errado.” Como se fosse algum argumento definitivo. Aquela conversa ia matá-la de tédio muito antes de a carruagem parar. E ainda não conseguira terminar de contar à mãe sobre as joias flamejantes.

Mas, pelo menos, não foram os últimos a chegar. Não exatamente. Malta precisou de todo o seu autocontrole para ficar sentada enquanto Recomeço remexia o trinco defeituoso e saía com dificuldade. Seguiu logo atrás, descendo depressa, antes que ele pudesse segurar sua mão naquela palma gorda e úmida.

Só de olhar para ele tinha vontade de ir se lavar.

— Malta! — chamou a mãe, irritada, quando ela começara a subir os degraus. E nem sequer abaixou a voz ao continuar: — Espere aqui. Vamos entrar juntos.

Malta mordeu o lábio inferior e soltou um suspiro. A mãe tinha feito aquilo de propósito, gostava de falar em público como se ela ainda fosse uma criança. Malta esperou, mas, quando a alcançaram, ficou se demorando de propósito. Não manteve uma distância grande a ponto de a mãe ter que chamá-la, mas estava longe o suficiente para não parecer estar junto com elas e o Mercador Recomeço.

O Salão dos Mercadores estava escuro. Bem, não completamente, mas não estava tão iluminado como no Baile da Colheita. Apenas duas tochas ardiam para iluminar o caminho, e as janelas despontavam por entre as fendas das persianas. A pouca luminosidade devia ser porque a reunião tinha sido convocada pelas famílias dos Ermos Chuvosos — eles não gostavam de luz, ou pelo menos era o que diziam. Delo falava que era alguma coisa em seus olhos, mas Malta desconfiava que, se todos fossem tão feios quanto o que ela vira, simplesmente não queriam ninguém olhando para eles. Tinham a pele cheia de verrugas. Era o que sempre ouvia. Eram deformados e cheios de verrugas. Sentiu um frio na espinha e se perguntou quantos deles estariam ali, naquela reunião.

Outra carruagem parou bem no instante em que o condutor de Davad tocou os cavalos adiante. Era de estilo antigo, com pesados painéis de rendas cobrindo as janelas. Malta se demorou para ver quem ia descer. Na penumbra, teve que estreitar os olhos para identificar o brasão na porta. Não o conhecia — com certeza não era de algum Velho Mercador, então só podia ser de alguma família dos Ermos Chuvosos, ninguém mais ousaria estar ali aquela noite. Malta seguiu em frente, mas não conseguiu resistir a vontade de olhar por cima do ombro para ver quem sairia da carruagem.

Uma família desceu: seis figuras, todas de mantos e capuzes de cores escuras. Mas, conforme iam saindo da carruagem, cada toque das mãos enluvadas numa gola ou num punho de manga fazia pontinhos de luzes âmbar, vermelhas e laranja cintilarem. Malta sentiu um arrepio na nuca e compreendeu o que via: eram as joias flamejantes. Parou onde estava. Ah, os rumores não lhes faziam justiça. Prendeu a respiração e ficou olhando. Quanto mais perto chegavam, mais magníficas pareciam as joias.

— Malta? — Ela ouviu a advertência na voz da mãe.

— Boa noite — cumprimentou uma voz rouca de mulher, saindo das profundezas escuras do capuz, que também era coberto por um véu rendado.

O que podia ser tão hediondo que precisava ser escondido até mesmo na escuridão? As joias flamejantes penduradas nas pontas do véu eram escarlates. Ouviu um leve barulho de passos apressados às suas costas, o suave farfalhar de tecido. Levou um susto quando a mãe falou, do seu lado:

— Boa noite. Sou Keffria, da família Mercadora Vestrit.

— Jani, dos Khuprus dos Ermos Chuvosos, lhe saúda — respondeu a mulher encapuzada.

— Permita que eu apresente a minha filha, Malta Porto, da Família Vestrit.

— Permito, é claro. — A voz da mulher era um ronronar refinado. Malta lembrou, com certo atraso, de fazer uma mesura. A mulher riu em aprovação. Quando falou, foi para as duas Vestrit. — Acho que nunca a vi numa Reunião. Ela acabou de entrar para a sociedade?

— Na verdade, essa é a primeira Reunião dela. Ainda não foi apresentada. Sua avó e eu acreditamos que ela precisa aprender os deveres e as responsabilidades de uma Mercadora antes de ser apresentada como uma. — Diferente de Jani, a voz da mãe era cortês e apressada, como se estivesse corrigindo uma má impressão.

— Ah. Isso realmente soa digno de Ronica Vestrit. Aprovo a filosofia. Infelizmente é coisa rara em Vilamonte, hoje em dia. — Ela falava num tom suave e melodioso.

— Suas joias flamejantes são lindas — soltou Malta, de repente. — São muito caras? — Assim que as palavras saíram de sua boa, reparou em como soavam infantis.

— Malta! — exclamou a mãe.

Mas a mulher dos Ermos Chuvosos soltou uma risada gutural.

— Na verdade, as escarlates são as mais comuns e fáceis de despertar, mas são as que eu mais amo. O vermelho é uma cor tão viva... As verdes e azuis são muito mais raras e difíceis de estimular, então cobramos mais caro por elas. As joias flamejantes são exclusivas dos Khuprus, é claro.

— É claro — concordou a mãe. — É uma novidade muito interessante para as mercadorias dos Khuprus. Os rumores não lhes fazem justiça. — A mãe olhou por cima do ombro. — Ah, minha nossa! Acho que atrasamos sua chegada. É melhor irmos logo, antes que comecem sem a gente.

— Ah, com certeza vão esperar por mim — respondeu Jani Khuprus, muito séria. — Essa reunião foi pedido meu. Mas você tem razão: não é educado deixar os outros esperando. Keffria, jovem Malta, foi um prazer falar com vocês.

— O prazer foi nosso — disse a mãe, séria, respeitosamente dando passagem para que a mulher encapuzada fosse à frente. Quando tomou o braço da filha, apertou um pouco mais forte do que era confortável. — Ah, Malta...

A mãe soltou um suspiro antes de escoltá-la com firmeza para dentro. A avó as esperava logo depois das portas internas do Salão dos Mercadores. Ronica comprimiu bem os lábios e fez uma longa mesura quando Jani Khuprus passou, então se virou de olhos arregalados para Malta e Keffria.

A mãe esperou alguns momentos para ter certeza de que Jani Khuprus não ouviria, então sussurrou:

— Sua neta se apresentou a ela!

— Ah, Malta... — gemeu a avó.

Às vezes, Malta sentia que seu nome era uma espécie de porrete. As duas quase sempre o diziam com raiva, desgosto ou impaciência. Pendurou a capa num cabide e se virou, dando de ombros.

— Eu só queria ver as joias flamejantes — tentou explicar, mas, como de costume, nenhuma das duas lhe deu ouvidos. Em vez disso, foram depressa para dentro do salão.

O lugar estava iluminado por altos pedestais cheios de ramos de velas. Um terço do espaço era ocupado por um palco elevado, e o assoalho que Malta sempre vira desocupado para as danças estava tomado por fileiras de cadeiras. Era como ela temia: estavam atrasadas. As mesas de comida já tinham sido esvaziadas, e as pessoas já estavam sentadas ou procurando seus lugares.

— Posso me sentar com Delo? — perguntou, mais do que depressa.

— Delo Trell não está aqui — observou a avó, com frieza. — Os pais tiveram o bom senso de deixar a garota em casa. Que é onde eu gostaria que você estivesse.

— Não pedi para vir — retrucou Malta, ao mesmo tempo que Keffria soltava um “Mãe!” de repreensão.

Pouco depois, a jovem se viu sentada entre a mãe e a avó na ponta de uma longa fileira de cadeiras acolchoadas. Davad Recomeço estava bem na extremidade. Havia um casal idoso na frente delas, um homem com marcas de varíola e a esposa grávida atrás, e, do outro lado de sua mãe, dois irmãos com papadas enormes. Eles não eram nem interessantes de se olhar. Malta se sentou bem reta e esticou o pescoço, e finalmente encontrou Cerwin Trell. Ele estava seis fileiras à frente, quase na ponta oposta. Viu cadeiras vazias atrás dos Trell e teve certeza de que a mãe decidira sentá-la afastada de Cerwin de propósito.

— Fique quieta e preste atenção — sibilou a avó.

Malta suspirou e afundou no assento. No palco, o Mercador Trentor estava no meio de uma longa invocação a Sá. Parecia simplesmente enunciar uma longa lista de tudo o que já dera de errado com as famílias de Mercadores e, em vez de ficar furioso por Sá ter deixado que aquelas coisas acontecessem, Trentor se desmanchou em lisonjas sobre como Sá sempre viera em auxílio deles. Se Krion estivesse falando, no lugar do tio, talvez tivesse sido mais interessante. Havia várias cabeças abaixadas nos assentos reservados aos Mercadores dos Ermos Chuvosos, e Malta se perguntou se já estariam cochilando.

Depois da invocação, houve o discurso de boas-vindas feito pelo Mercador Drur, que repetiu a mesma ladainha. Eram todos parentes, eram todos Mercadores, com juramentos e elos antigos, lealdade e união, sangue e família. Malta encontrou uma falha na costura do manto novo, bem na ponta do joelho. Quando tentou mostrar à mãe, Keffria pareceu irritada e fez um movimento com a mão para que se calasse. Quando Drur finalmente voltou para o lugar e Jani Khuprus foi até o palco, Malta se empertigou e se inclinou para a frente.

A Mercadora dos Ermos Chuvosos removera a pesada capa e o capuz, mas suas feições ainda estavam obscurecidas. Ela usava um manto mais leve, cor de marfim, também com capuz, e o véu rendado que cobria seu rosto era parte daquele traje. As joias flamejantes ainda reluziam, sem perder o efeito na sala meio escura. Enquanto ela falava, o rosto velado se virava para os vários cantos da sala. Sempre que ela virava a cabeça, o véu se movia, e as joias flamejantes brilhavam mais intensamente. Eram quinze, todas cintilando, vermelhas como caroços de romã, mas com cerca do tamanho de amêndoas com casca. Malta mal podia esperar para contar a Delo que as vira tão de perto e que até chegara a conversar sobre elas com Jani Khuprus.

A matriarca de repente ergueu as mãos e a voz, e Malta se concentrou no que ela estava dizendo.

— Não podemos mais esperar. Nenhum de nós pode se dar a esse luxo. Se ficarmos aguardando, nossos segredos deixarão de ser segredos. Se o rio não tivesse nos protegido, devorando o navio e o fazendo em pedaços enquanto fugiam, teríamos sido forçados a matá-los com nossas próprias mãos. Mercadores de Vilamonte, como isso pôde nos ter acontecido?! O que houve com seus juramentos? Esta noite vocês escutam Jani Khuprus, mas tenham a certeza de que falo por todos os Mercadores dos Ermos Chuvosos. O que enfrentamos é mais do que uma simples ameaça.

Jani fez uma pausa. O Salão ficou mergulhado em silêncio, até que começou

um burburinho. Malta achou que a reunião tinha acabado, então se inclinou para a mãe e sussurrou:

— Vou pegar alguma coisa para beber.

— Fiquem sentadas e quietas! — sibilou a avó para as duas.

Malta viu rugas fundas de tensão em sua testa e em volta da boca. A mãe não tinha dito uma só palavra. Malta soltou um suspiro e se recostou.

Um dos irmãos papudos à esquerda delas se levantou.

— Mercadora Khuprus! — chamou. Quando todas as cabeças se voltaram em sua direção, ele simplesmente perguntou: — O que você espera de nós?

— Espero que cumpram suas promessas! — exclamou Jani Khuprus, ríspida. Então, num tom levemente mais brando, como se tivesse ficado surpresa com a própria resposta, acrescentou: — Temos que permanecer unidos. Temos que enviar representantes ao sátrapa. Esses representantes obviamente não podem vir de famílias dos Ermos Chuvosos, mas estaríamos unidos com vocês na mensagem.

— E qual seria essa mensagem? — perguntou alguém, em outro canto do salão.

— Eu estou mesmo com sede — sussurrou Malta. A mãe franziu o cenho para ela.

— Temos que exigir que o sátrapa cumpra o pacto original. Exigir que ele mande esses Novos Mercadores de volta para o lugar de onde vieram e nos devolva as terras que concedeu a eles.

— E se ele se recusar? — perguntou uma Mercadora no fundo do salão.

Jani Khuprus se remexeu, pouco à vontade. Não queria responder à pergunta.

— Primeiro vamos pedir que ele cumpra a palavra de seus antepassados. Nunca sequer pedimos. Temos reclamado e resmungado, contestado reivindicações individuais, mas em nenhum momento nos unimos como um povo e dissemos: “Cumpra a sua palavra, então cumpriremos a nossa.”

— E se ele se recusar? — repetiu a mulher, com firmeza.

Jani Khuprus ergueu as mãos enluvadas e as abaixou dos lados do corpo.

— Então ele não tem honra — disse, numa voz baixa, mas que ainda assim foi ouvida em todo o salão. — O que os Mercadores têm com quem não têm honra? Se ele não cumprir a palavra, então vamos revogar nossa parte do trato. Vamos parar de enviar tributos. Comercializar nossos bens onde bem entendermos, em vez de passar os melhores artigos primeiro por Jamaillia. — Numa voz ainda

mais baixa, ela completou: — Vamos expulsar os Novos Mercadores, e vamos governar a nós mesmos.

Uma cacofonia de vozes irrompeu, algumas erguidas em ultraje, outras estridentes de medo, e outras vociferando sua aprovação. Na ponta da fileira, Davad Recomeço se levantou de repente.

— Escutem! — gritou. Quando ninguém prestou atenção, ele subiu na cadeira, equilibrando-se com dificuldade. — ESCUTEM! — urrou, um som surpreendente vindo de um homem tão inútil.

Todos se viraram para ele, e a balbúrdia cessou.

— Isso é loucura. Pensem no que vai acontecer depois. O sátrapa não vai abrir mão de Vilamonte sem briga, e vai enviar navios carregados de soldados. Ele vai confiscar nossas propriedades e concedê-las aos Novos Mercadores, então vai escravizar nossas famílias. Não. Temos que trabalhar com os Novos Mercadores. Não precisamos dar tudo, só o suficiente para contentá-los. Deixar que se tornem parte de nosso povo, assim como fizemos com os Imigrantes dos Três Navios. Não estou dizendo que temos que ensinar tudo o que sabemos ou que eles devem ter permissão de negociar com os Mercadores dos Ermos Chuvosos, mas...

— Então o que você está dizendo, Recomeço? — perguntou alguém do fundo do salão, com a voz irritada. — Aliás, aproveitando que você está falando pelos seus amigos Novos Mercadores, quanto eles querem de nós?

Mais alguém entrou na discussão:

— Se o sátrapa estivesse interessado em enviar navios para a Passagem Interior, já teria liquidado os piratas há muito tempo. Dizem que as antigas galeras de patrulha estão apodrecendo nos cais por falta de impostos para contratar marinheiros e pagar os consertos. Todo o dinheiro vai para o divertimento do sátrapa, e ele não se importa com as serpentes e os piratas que devoram nossas cargas. Só quer se divertir. O sátrapa não é uma ameaça, por que deveríamos nos incomodar em ir lá pedir e fazer exigências? Vamos simplesmente expulsar esses Novos Mercadores. Não precisamos de Jamaillia!

— E onde vamos vender as mercadorias? O comércio mais lucrativo é no sul, a não ser que você queira negociar com os bárbaros do norte.

— Isso é outra coisa. Os piratas. O antigo pacto dizia que o sátrapa nos protegeria de saqueadores do mar. Se fizermos exigências, temos que dizer que...

— Precisamos de Jamaillia! O que somos sem Jamaillia? Jamaillia é poesia, arte e música, Jamaillia é a nossa cultura mãe. Não podemos interromper o comércio com ela e...

— E as serpentes! Os malditos traficantes de escravos atraem as serpentes. Temos que exigir que os traficantes sejam banidos da Passagem Interior...

— Somos um povo honrado. Mesmo que o sátrapa não consiga se lembrar de como manter a própria palavra, ainda somos obrigados a...

— ... vão tomar nossas casas e terras e escravizar nossas famílias. Vamos voltar a ser como nossos antepassados, exilados e criminosos, sem esperança de perdão.

— Acho melhor começarmos construindo nossos próprios navios de patrulha. E não só para manter os Novos Mercadores longe da foz do Rio da Chuva, mas também para caçar serpentes e piratas. Sim... e deixar bem claro a Calcede, de uma vez por todas, que o Rio da Chuva não é a fronteira, que o domínio deles termina na Enseada Flutuante. Eles não param de forçar...

— Aí teríamos duas guerras, contra Calcede e Jamaillia! Isso é estupidez. Lembrem-se: se não fosse por Jamaillia e o sátrapa, Calcede teria tentado nos dominar anos atrás. É isso que arriscamos, se nos separarmos de Jamaillia. Vamos acabar em guerra com Calcede!

— Guerra? Quem está falando em guerra? Só precisamos pedir que o sátrapa Cosgo mantenha as promessas do sátrapa Esclepius!

O salão explodiu outra vez num coro de vozes raivosas. Mercadores subiam em suas cadeiras ou gritavam de onde estavam. Malta não conseguia entender nada. Duvidava que alguém conseguisse.

— Mãe — sussurrou, implorando. — Estou morrendo de sede! E está tão abafado aqui. Posso sair um pouco para tomar um ar?

— Agora não! — retrucou a mãe, seca.

— Malta, fique quieta — acrescentou a avó, sem nem olhar para ela. Parecia tentar acompanhar uma conversa entre dois homens três fileiras à frente.

— Por favor — Jani Khuprus estava chamando do palco. — Ouçam, por favor! Por favor! — A balbúrdia cessou, e ela passou a falar mais baixo, forçando as pessoas a se calarem de vez para ouvir. — Esse é o maior perigo: discutirmos uns com os outros. Se falarmos com muitas vozes, o sátrapa não vai ouvir nenhuma. Precisamos de um grupo forte que leve nossas palavras ao sátrapa, e precisamos estar unidos e sermos sinceros no que dissermos. Ele não vai ter como não ouvir uma voz forte, mas se ficarmos nos engalfinhando como...

— Preciso usar a latrina — sussurrou Malta.

Pronto. Não tinham como discutir com aquilo. A avó balançou a cabeça,

desapontada, mas a deixaram ir. Davad Recomeço estava tão concentrado no que Jani Khuprus dizia que quase não notou quando Malta passou por ele.

Ela parou à mesa e se serviu de uma taça de vinho. Não era a única que tinha saído do lugar: grupos se formavam em várias partes do salão conversando, praticamente ignorando a Mercadora dos Ermos Chuvosos. Algumas pessoas discutiam, outras balançavam as cabeças, concordando com Jani. Quase todos lá eram consideravelmente mais velhos do que ela. Malta procurou Cerwin Trell, mas ele ainda estava sentado com sua família, parecendo muito interessado naquilo. Política. Malta acreditava que, se todos simplesmente ignorassem a política, a vida seguiria como sempre. As discussões provavelmente durariam até o fim da noite e estragariam a festa. Suspirou e levou o vinho junto ao sair para a noite límpida de inverno.

Estava completamente escuro. As tochas que iluminavam o caminho tinham se apagado. As estrelas cintilavam naquele céu gelado de inverno. Malta olhou para elas e pensou nas joias flamejantes — as azuis e as verdes eram as mais raras, mal podia esperar para contar a Delo. Sabia como diria, como se fosse algo que todos já deviam saber. Delo era a melhor pessoa com a qual dividir essas coisas, pois era uma fofoqueira incorrigível e repetiria o que ela dissesse para todo mundo. Não tinha contado a todas as garotas sobre o vestido verde de Malta? E também, claro, sobre como Davad Recomeço a fizera voltar para casa. Fora idiotice contar toda a verdade à amiga, mas estava tão brava que precisava de alguém para desabafar. E aquela noite compensaria o constrangimento passado. Não contaria a Delo que ficara entediada, só diria que passeou um pouco do lado de fora. E falaria da conversa com a própria Jani Khuprus sobre joias flamejantes. Foi para perto das carruagens, bebericando o vinho. Alguns condutores estavam dentro dos veículos, protegidos do frio, enquanto outros se curvavam nos bancos. Uns poucos tinham se reunido na esquina para conversar e provavelmente dividir um ou dois goles de alguma garrafa.

Caminhou até quase o fim da rua, passando pela carruagem de Davad e pela dos Ermos Chuvosos. Tinha deixado a velha capa dentro do salão e estava começando a sentir o frio da noite. Manteve os braços junto ao peito, determinada a não derramar vinho sobre o manto, e seguiu em frente. Parou para examinar o brasão na porta de uma das carruagens: um brasão ridículo, um galo usando uma coroa.

— Khuprus — disse a si mesma, antes de passar o dedo de leve sobre a figura, gravando-a na memória.

O metal reluziu brevemente por onde o dedo passava — era feito de jidzina.

Não era mais um material tão popular, mas alguns dos artistas de rua mais velhos ainda faziam pratos e sinos de dedo de jidzina. O metal reluzia sempre que tocado. Era maravilhoso de se ver, mas latão soava melhor. Ainda assim, era mais uma coisa a contar a Delo. Continuou caminhando despreocupadamente e imaginou como diria.

— Estranho como o toque humano aviva tanto a jidzina quanto as joias flamejantes — experimentou, em voz alta. Não, não soava muito bem. Precisava de uma declaração mais dramática.

Um olho azul surgiu do nada, quase ao seu lado. Malta recuou depressa e olhou de novo: viu alguém parado ali, encostado à carruagem dos Khuprus. O brilho azul era uma joia que levava presa ao pescoço. Era uma figura esguia, coberta por um manto do estilo dos Ermos Chuvosos. O pescoço estava envolto num cachecol, e o rosto, coberto por um véu como o de uma mulher. Devia ser o condutor.

— Boa noite — cumprimentou Malta, com ousadia, tentando encobrir a surpresa, e voltou a caminhar.

— Na verdade — comentou a pessoa, numa voz masculina e baixa —, não precisa ser um toque humano. Qualquer movimento faz as joias tremeluzirem, depois de serem despertadas. Veja.

Ele estendeu uma mão enluvada na direção de Malta e sacudiu o pulso. Duas pequenas joias azuis ficaram visíveis no punho da manga. Malta teve que parar e olhar. Não era um azul-claro, e sim um azul-safira intenso que dançava sozinho no escuro.

— Achei que as azuis e as verdes fossem as mais raras e mais valiosas — comentou. Ela bebericou o vinho que ainda tinha na mão. Pareceu mais educado do que perguntar como um condutor de carruagem possuía joias como aquelas.

— E são — admitiu o homem. — Mas estas são bem pequenas, e tem algumas falhas. Foram lascadas no processo de extração. — O condutor deu de ombros. Malta reparou no movimento pelo modo como a joia em seu pescoço subiu e desceu. — Não devem arder por muito tempo, não mais do que um ou dois anos. Mas não pude permitir que fossem jogadas fora.

— Claro que não! — exclamou Malta, quase escandalizada. Joias flamejantes jogadas fora? Chocante. — Você disse que elas ardem? Então elas são quentes?

O homem deu uma risada baixa.

— Ah, não do jeito tradicional. Aqui. Toque em uma. — Ele estendeu o braço outra vez.

Malta descruzou os braços, estendeu um dedo tímido e bateu de leve, receosa, numa das joias. Não, não queimava. Encorajada, tocou a conta outra vez. Era lisa e fria como vidro, mas dava para sentir a falha diminuta num ponto. Tocou na outra joia, então envolveu o próprio corpo um abraço.

— São lindas — disse, então estremeceu. — Está congelando aqui. É melhor eu voltar para dentro.

— Não, não vá... Quer dizer... Você está com frio?

— Um pouco. Deixei minha capa lá dentro. — Ela se virou para ir embora.

— Aqui, use a minha. — O homem se empertigou, soltando a própria capa.

— Ah, obrigada, mas estou bem. Eu não posso tirar sua capa. Só preciso voltar lá para dentro. — Só de pensar na capa saída das costas verrugosas do condutor, sentiu sua pele se arrepiar ainda mais. Ela apertou o passo, mas o homem a seguiu.

— Aqui, experimente o cachecol, então. Não parece muito, mas é incrível como aquece. Aqui. Experimente.

O homem tinha tirado o cachecol, com joia flamejante e tudo, e, quando Malta se virou, ele enrolou o tecido em seu braço. Era incrivelmente quente, mas o que a impediu de jogá-lo de volta foi a reluzente joia flamejante azul.

— Ah — murmurou. Usar uma, mesmo que apenas por alguns momentos... era uma oportunidade grande demais para deixar passar. Sempre poderia tomar um banho quando chegasse em casa. — Pode segurar isto aqui, por favor? — perguntou ao condutor, estendendo a taça de vinho. O homem a aceitou, e ela se apressou em enrolar o cachecol em volta do pescoço e dos ombros. O homem o usara para cobrir a boca, mas o tecido leve podia ser desdobrado até virar quase um xale. E era quente, muito quente. Malta o arrumou de modo que a joia azul repousasse entre os seios. Olhou para baixo. — É tão linda. É como... eu não sei com o que ela se parece.

— Algumas coisas são mesmo sem igual. Existem belezas incomparáveis — murmurou o homem.

— Sim — concordou Malta, olhando no fundo da joia.

Após um momento, o condutor a lembrou:

— O vinho?

— Ah. — Malta franziu o cenho. — Não preciso mais dele. Pode tomar, se quiser.

— Posso? — Havia um tom tanto de divertimento quanto de surpresa em sua

voz, como se alguma balança delicada entre os dois tivesse acabado de pender a seu favor.

Malta ruborizou.

— Digo, se você quiser...

— Ah, eu quero — assegurou-lhe o condutor. Ele abriu o véu que cobria seu rosto e passou a taça com destreza pelo tecido. Então a esvaziou de uma vez só, com experiência. O condutor ergueu a taça vazia contra o céu estrelado e a admirou por um momento. Malta sentiu que o homem olhava em sua direção antes de enfiar a taça na manga. — Uma lembrança — sugeriu.

Malta percebeu, pela primeira vez, que ele era bem mais velho do que ela e que aquela conversa talvez não fosse muito apropriada. Alguém podia pensar que tudo o que tinham dito casualmente possuía algum significado mais profundo. Boas garotas não ficavam à toa no escuro, conversando com condutores estranhos.

— É melhor eu entrar. Minha mãe deve estar me procurando — comentou, à guisa de despedida.

— É verdade — murmurou o homem, com divertimento na voz.

Ela começou a sentir um pouquinho de medo. Não, não medo. Receio. O homem pareceu sentir, pois, quando Malta tentou se afastar, ele a seguiu. Na verdade, andou ao seu lado, como se a acompanhasse. Malta ficou com um pouco de medo de ele segui-la para dentro do salão, mas o condutor parou na porta.

— Antes de você ir, quero pedir uma coisa — começou ele, de repente.

— É claro. — Ela levou as mãos ao cachecol.

— Seu nome.

Malta não se mexeu. Será que ele tinha esquecido o cachecol que estava com ela, com a joia flamejante? Caso tivesse, ela é que não ia lembrar. Ah, claro que não ficaria com o cachecol. Não para sempre, só por tempo suficiente para mostrar a Delo.

— Malta — respondeu.

Era o suficiente para que ele pudesse descobrir quem estava com o cachecol, quando se lembrasse, mas não o bastante para que o recuperasse muito depressa.

— Malta... — começou ele, mas deixou a fala sem terminar, instigando-a a revelar o sobrenome. Ela fingiu não entender. — Compreendo — murmurou, depois de um instante. — Malta. Boa noite, então, Malta.

— Boa noite.

Ela se virou e entrou depressa pelas portas do salão. Lá dentro, removeu o cachecol e a joia. O tecido, fosse o que fosse, era fino como uma teia de aranha. Quando ela o apertou nas mãos, ficou pequeno o bastante para caber inteiro no bolso costurado dentro do manto, e ela o guardou ali. Então, com um leve sorriso de satisfação, voltou para o salão. As pessoas lá dentro ainda estavam se revezando nos discursos. Pactos, acordos, rebeliões, escravidão, guerra, embargos... Estava cansada de tudo aquilo. Só queria que desistissem e se calassem, para que a mãe pudesse levá-la para casa, onde admiraria a joia flamejante na privacidade de seu próprio quarto.

O restante da maranha não pareceu perceber que tinha alguma coisa errada. Sessurea até parecia um pouco inquieto, mas os outros estavam satisfeitos. Havia fartura de comida, aquela Abundância era quente e agradável, e os novos sais despertavam cores mais fortes na pele nova que era revelada com a muda de cada serpente. Agora trocavam de pele com frequência, já que tinham comida fácil e em grande quantidade, o que as fazia crescer mais depressa. Shreever pensou, descontente, que talvez aquilo fosse tudo o que os outros sempre buscaram. Talvez os outros achassem que aquela vida de comida farta e muitas mudas de pele fosse o renascimento. Mas ela não concordava com aquilo.

Sabia que Maulkin buscava muito mais. O restante da maranha devia estar cego para não notar a ansiedade e a angústia do líder. Maulkin os conduzira para o norte, seguindo a massa escura que era o provedor. Tinham parado várias vezes em fluxos de água quente e sem sal, saboreando as estranhas atmosferas sem a menor pressa. Os outros sempre queriam sair correndo atrás do provedor. Numa das vezes, Sessurea chocou a todos, abrindo o rufo para bloquear a passagem, impedindo que continuassem com aquela perseguição insensata. Mas, apenas alguns momentos depois, Maulkin fechara a boca, perplexo, e saíra do fluxo quente para assumir outra vez o lugar atrás da sombra do provedor.

Shreever não se sentira muito aflita quando o provedor decidiu parar e Maulkin simplesmente permaneceu perto da grande massa escura. Quem era ela para questionar um líder com as memórias dos antigos? No entanto, quando o provedor deu meia-volta e partiu para o sul e Maulkin lhes disse para o seguirem outra vez, ela ficou ansiosa. Sentia que havia alguma coisa errada. Sessurea parecia compartilhar dessa inquietação.

Avistaram outras maranhas de serpentes, todas seguindo outros provedores. Todas pareciam satisfeitas e bem-alimentadas. Sempre que encontravam outro

grupo, Shreever se perguntava se o problema era com ela. Talvez tivesse sonhado com muito, talvez tivesse compreendido os ensinamentos sagrados de um jeito literal demais. Mas então ela notava como Maulkin estava distraído, mesmo enquanto comia. Os outros abocanhavam as presas e comiam até se fartar, mas ele parava de comer de repente e ficava imóvel, a boca escancarada, as guelras se remexendo em busca de algum cheiro indefinível na água. E, quando o provedor parava por algum tempo e os outros da maranha aproveitavam para descansar, Maulkin subia quase até a Carência e entrava numa dança sinuosa, os grandes olhos fechados.

Nesses momentos, Shreever via que Sessurea observava o líder com a mesma atenção. Maulkin dava laços e mais laços no próprio corpo, depois passava por entre os nós, deixando a pele sensível a qualquer informação que pudesse extrair da atmosfera de onde estavam. Ele de vez em quando soltava barridos baixos, como se falando sozinho, pequenos trechos e palavras sem sentido intercaladas com seus conhecimentos sagrados. Às vezes, o líder erguia a cabeça acima da Abundância e saía para a Carência, então mergulhava de volta, murmurando alguma coisa sobre luzes e mais luzes.

Shreever não aguentava mais. Deixou a dança prosseguir até a exaustão começar a turvar os olhos falsos do corpo de Maulkin. Em ondulações lentas e cansadas, o líder da maranha começou a deslizar para o fundo. Tomando o cuidado de manter o rufo abaixado, sem qualquer sinal de desafio, Shreever se aproximou e acompanhou a serpente na descida e barriu, baixinho:

— Maulkin, sua visão estava errada? Estamos perdidos?

O líder abriu os olhos e a encarou. Em movimentos meio preguiçosos, envolveu o corpo dela num laço e a puxou para perto, para se enrolar a seu lado na lama macia.

— Não estamos indo apenas para um lugar — explicou o líder, numa voz meio sonhadora. — Também é uma época. E não é só uma época e um lugar: é uma maranha. Uma maranha diferente das que a gente vê desde os tempos antigos. Quase sinto o rastro de Um Que Se Lembra.

O corpo todo dobrado de Shreever estremeceu enquanto ela tentava ler as lembranças do líder.

— Maulkin. Você não é Um Que Se Lembra?

— Eu? — Os olhos da serpente líder estavam se fechando de novo. — Não. Não completamente. Quase posso me lembrar. Sei que estamos em busca de um lugar, de uma época e de uma maranha. Quando provar as partículas deles, terei plena certeza do que são. Estamos perto, Shreever, muito perto. Precisamos

perseverar, sem dúvida. A hora já chegou e passou tantas vezes, e nós perdemos a chance em todas essas vezes. Tenho medo de que, se deixarmos a oportunidade passar mais uma vez, todas as memórias dos tempos antigos vão desaparecer, e jamais seremos o que fomos.

— E o que fomos? — perguntou Shreever, querendo ouvir a resposta que já sabia só para ter certeza.

— Éramos os Senhores e nos movíamos livremente tanto pela Carência quanto pela Abundância. Tudo o que um sabia, todos sabiam, e todos compartilhavam as memórias de todos os tempos, desde o início. Éramos poderosos e sábios, respeitados e venerados por todas as criaturas de mente inferior.

— E o que aconteceu? — Era a mesma pergunta de sempre.

— O tempo foi remodelado. Aceitamos isso para misturar as essências de nossos próprios corpos e criar novos seres, que receberam nova vitalidade e novas forças. Para realizar o ciclo ancestral de união e separação e crescer mais uma vez. Para renovar nossos corpos.

— E o que acontece depois? — perguntou, na terceira pergunta de sempre.

— Tudo se unirá no momento e no local da reunião. Todas as memórias serão compartilhadas de novo, tudo o que foi mantido a salvo por um será devolvido a todos. A jornada até o renascimento chegará ao fim, e nos reergueremos triunfantes.

— Assim será — confirmou Sessurea, ali perto, entre as serpentes da maranha. — Assim será.



25

VILAVELAS

Vilavelas era um pequeno porto comercial muito agitado na Península do Tutano. Althea já tinha ido lá com o pai. De pé no convés do *Ceifeiro,* olhando para o porto movimentado, de repente pareceu que, se saltasse do navio e atravessasse as docas, encontraria *Vivácia* atracada com o pai a bordo, como antigamente. Ele estaria na cabine do capitão, recebendo os mercadores da cidade. Haveria conhaque fino, peixe defumado e queijo envelhecido, e a atmosfera seria de negociações amigáveis, com ele oferecendo a carga em troca de mercadorias ou de dinheiro. A sala estaria limpa e confortável, e ela teria uma cabine só para si, como antes, que seria seu refúgio pessoal.

A súbita pontada de saudade era uma dor física em seu peito. Ficou imaginando onde estaria o navio-vivo, como andariam as coisas sob o comando de Kyle. Torcia para que Wintrow tivesse se tornado um bom companheiro, apesar do ciúme que lhe assegurava que ninguém jamais conheceria Vivácia tão bem quanto ela. *Não vai demorar*, prometeu a si mesma e ao seu navio-vivo distante. *Não vai demorar*.

— Garoto!

A palavra ríspida foi dita próximo às suas costas, e Althea deu um pulo antes de reconhecer a voz de Brashen, o tom provocador.

— Senhor? — perguntou mesmo assim, virando-se depressa.

— O capitão quer ver você.

— Sim, senhor — respondeu, levantando-se de um pulo para atender ao chamado.

— Espere. Um momento.

Althea odiou o modo como ele olhou para os lados para ver se havia alguém por perto, para ver se alguém estava olhando. Será que ele não entendia que para qualquer outra pessoa aquele seria um sinal óbvio de algo secreto entre os dois? E, pior ainda, Brashen se aproximou para poder falar mais baixo:

— Jantar em terra firme esta noite? — Ele deu um tapinha na algibeira, fazendo as moedas tilintarem lá dentro. Uma confirmação de serviço recém-

carimbada estava pendurada ao lado da bolsa.

Althea deu de ombros.

— Se eu receber uma folga, talvez jante. — Decidiu ignorar o convite implícito.

Os olhos de Brashen percorreram seu rosto demoradamente.

— A queimadura da serpente quase sumiu. Achei que você fosse ficar com uma cicatriz.

Althea deu de ombros, recusando-se a olhar diretamente para a ternura nos olhos dele.

— O que é mais uma cicatriz num marinheiro? Duvido que mais alguém a bordo tenha notado.

— Então você decidiu ficar com o navio?

— Vou trabalhar aqui enquanto estivermos atracados, mas acho que aqui tenho mais chance de conseguir um navio de volta para Vilamonte do que dos outros portos pequenos que o *Ceifeiro* vai visitar. — Sabia que era melhor deixar o assunto morrer, mas uma curiosidade súbita a fez perguntar: — E você?

— Ainda não sei. — Ele sorriu de repente e lhe confidenciou: — Me ofereceram o posto de segundo imediato. Paga quase duas vezes mais do que o soldo com que comecei e cai muito melhor numa confirmação de serviço do que a posição de terceiro. Posso acabar ficando a bordo só por isso. Eu disse que sim, mas ainda não assinei o contrato. — Brashen estava prestando atenção em seu rosto quando acrescentou: — Mas, se encontrarmos um navio decente que esteja voltando para Vilamonte, talvez seja bom ver meu lar outra vez.

Althea sentiu o coração descer para a barriga. Não. Aquilo não podia continuar. Forçou um sorriso casual e uma risada.

— Ora, e quais são as chances de nós dois acabarmos no mesmo navio de novo? Não devem ser muito grandes.

Ele continuou a encará-la atentamente.

— Depende de quanto tentarmos — sugeriu Brashen. Ele respirou fundo. — Eu falei bem de você para o pessoal daqui. Disse que achava que você fazia mais o trabalho de um marinheiro de verdade do que o de um grumete. O primeiro imediato concordou. Pode ser que o capitão queira falar sobre isso com você, fazer uma oferta melhor.

— Obrigada — respondeu, sem jeito. Não porque se sentia grata, mas porque começava a sentir as primeiras centelhas de raiva.

Então Brashen achava que Althea precisava que ele “falasse bem” dela para que fosse vista como um marujo capaz? Ela valia muito bem o soldo que pagavam a um tripulante regular, ainda mais porque também sabia esfolar. Teve a sensação de que ele a privara de sua dignidade e de seu próprio valor. Devia ter parado por ali, mas se ouviu acrescentar:

— Mas acho que eles já tinham reparado nisso.

Brashen a conhecia bem demais.

— Não quis que soasse desse jeito — desculpou-se o marinheiro, mais do que depressa. — Qualquer um pode ver que você vale o que pagam. Você sempre foi uma boa marinheira, Althea. E o tempo que passou no *Ceifeiro* a tornou ainda melhor. Se eu tivesse que trabalhar num cordame durante uma tempestade, escolheria você para ficar lá em cima comigo. Dá para contar com você, seja no alto ou no convés.

— Obrigada — repetiu Althea, ainda mais sem jeito, pois tinha saído com sinceridade. Brashen não distribuía elogios à toa. — É melhor eu me apresentar ao capitão, se quiser que ele continue pensando bem de mim — acrescentou, como uma desculpa para se afastar.

Deu as costas a Brashen, que gritou:

— Estou de folga. Vou para o Beiral Vermelho. Tem uma comida boa e cerveja ainda melhor, além de barata. Vejo você em terra firme.

Althea se afastou depressa e se esforçou para ignorar o olhar estranho que Reller lhe lançou. Aquele desgraçado do Brashen. Ela queria ficar a bordo e trabalhar no descarregamento e reabastecimento até conseguir passagem em outro navio, mas, se Brashen deixasse as coisas estranhas demais, teria de desembarcar e pagar por um quarto. Manteve os lábios bem apertados ao bater na porta do capitão Sichel, tentando assumir uma expressão mais apresentável quando ouviu a resposta brusca:

— Entre.

Althea só tivera um ou dois vislumbres do refeitório dos oficiais durante a viagem, e, agora que entrava nele, o achava ainda menos impressionante. Era verdade que aquele era um navio de trabalho pesado e que óleo e carne eram cargas que faziam sujeira, mas o pai jamais teria tolerado aquela desordem. O capitão Sichel estava sentado à mesa, com o primeiro imediato parado junto a seu ombro. Havia um cofre na mesa e um livro de registro, assim como uma pilha de confirmações de serviço de couro e o sinete do navio. Althea sabia que alguns dos homens já tinham sido pagos, mais cedo. Os que haviam embarcado como devedores ou prisioneiros tinham desembarcado como homens livres, sem

receber pagamento como prova do longo ano a bordo do navio — levavam apenas a etiqueta de couro com a confirmação de serviço, como prova de que tinham cumprido aquele tempo, e um recibo de que a dívida fora quitada. Althea se pegou imaginando para que tipo de lares aqueles homens estavam voltando, ou se seus lares ainda existiam. Então sentiu o olhar do capitão e parou de divagar.

— Me apresentando, senhor — disse, firme.

Sichel baixou os olhos para o livro de registro aberto diante de si.

— Athel. Grumete. Tenho uma nota dizendo que você também ganhou um bônus esfolando para nós. É isso mesmo, garoto?

— Sim, senhor.

Sabia que ele já sabia disso, então simplesmente ficou esperando para descobrir o que mais o homem queria dizer.

O capitão folheou outro livro na mesa e passou o dedo pelas anotações.

— Tenho uma nota aqui no diário de bordo dizendo que foi graças à sua ação rápida que não ficamos sem você e o nosso terceiro imediato. Isso sem falar no resgate de vários outros homens de outros navios. E — ele folheou até outra anotação no diário de bordo — o imediato observou que, no dia em que fisgamos a serpente, um homem não caiu no mar por você ter agido rápido. Confere, garoto?

Althea se esforçou para manter o sorriso longe do rosto, mas não conseguiu evitar o rubor de satisfação.

— Sim, senhor — conseguiu dizer, para em seguida acrescentar: — Eu não sabia que alguém tinha tomado nota dessas coisas.

A cadeira do capitão rangeu quando ele se recostou no espaldar.

— Nós percebemos mais coisas do que a maioria dos homens a bordo imagina. Com uma tripulação grande assim e metade composta de raspas de cadeia, dependo dos meus oficiais para prestarem atenção, para ver quem vale o que come e quem não. — Sichel inclinou a cabeça para ela. — Você subiu a bordo em Vilamonte como grumete. Queremos que continue com a gente, Athel.

— Obrigado, senhor. — E nenhuma oferta de aumento ou de promoção? Grande ajuda de Brashen, falando bem dela.

— Então a proposta é do seu agrado?

Ela respirou fundo. O pai sempre preferira ser honesto, e Althea tentaria o mesmo.

— Não tenho certeza, senhor. O *Ceifeiro* é um bom navio, e não tenho do que reclamar, mas acho que gostaria de voltar a Vilamonte e mais cedo do que o *Ceifeiro* me levaria. O que eu realmente queria, senhor, é receber meu pagamento e a minha confirmação de serviço, mas ficar a bordo e trabalhar enquanto o navio estiver atracado. E, se eu não conseguir outro trabalho antes de o *Ceifeiro* zarpar, talvez eu possa ir junto, no fim das contas.

De nada valeu sua honestidade: o capitão fechou a cara. Era evidente que acreditava que tinha feito uma oferta justa com a oportunidade de mantê-la a bordo e não gostou nada de saber que ela estava considerando procurar por uma oferta melhor.

— Bem, você tem direito ao seu pagamento e à sua confirmação, é claro, mas quanto à sua... bem, atitude... olha, damos muito valor à lealdade ao navio. E ficou bem claro que você acha que poderia se dar melhor em outro lugar.

— Não melhor, senhor, não. O *Ceifeiro* é uma bela embarcação, senhor, uma bela embarcação. Eu só esperava encontrar um navio que me levasse para casa um pouco mais cedo.

— A casa de um marinheiro é o navio — observou o capitão Sichel, muito sério.

— Eu quis dizer porto natal, senhor — corrigiu Althea, sem soar muito convincente. Não estava lidando bem com a situação.

— Bem, vamos ver quanto lhe devemos. E também vou lhe dar a confirmação de serviço, pois não tenho do que reclamar do seu trabalho. Mas não quero você à toa no meu convés, esperando uma posição melhor. O *Ceifeiro* vai zarpar ainda este mês. Se você voltar antes de levantarmos âncora e quiser a posição de volta... bem, aí veremos. Como você sabe, é fácil preencher a vaga.

— Sim, senhor. — Ela mordeu o lábio inferior para não dizer mais nada.

Enquanto o capitão calculava seu pagamento e o bônus e contava em voz alta, Althea teve que admitir como o sujeito era honesto. Por mais brusco e impiedoso que tivesse sido, ele calculou o pagamento correto até a última moeda de cobre. Sichel entregou o dinheiro a Althea e, enquanto ela o guardava na bolsa, ele pegou uma confirmação de serviço e, com uma marreta e o sinete, gravou a marca do *Ceifeiro*. Passou tinta por cima, para que a marca ficasse mais evidente, então pegou uma ferramenta de escrita de couro.

— Nome completo? — perguntou, casualmente.

Era estranho pensar nos momentos em que as lembranças ressurgiam. Por alguma razão, Althea nunca tinha previsto aquele momento. Respirou fundo.

Tinha que ser seu nome, ou não valeria de nada.

— Althea Vestrit — murmurou.

— É nome de garota — reclamou o capitão, começando a gravar as letras na etiqueta.

— Sim, senhor — concordou, muito calma.

— O que, em nome de Sá, fez seus pais lhe darem um nome de garota? — perguntou ele, ao acaso, enquanto começava a gravar "Vestrit".

— Acho que eles gostavam, senhor — respondeu Althea.

Não tirava os olhos das mãos do capitão, enquanto ele marcava com cuidado as letras no couro. Uma confirmação de serviço, toda a prova de que precisava para fazer Kyle cumprir seu juramento e lhe devolver o navio. A mão que estava escrevendo foi ficando mais lenta, então parou. O capitão ergueu a cabeça e a olhou nos olhos. Começou a franzir o cenho.

— Vestrit. É nome de Mercador, não?

Althea sentiu a boca subitamente seca.

— Sim... — começou, mas Sichel a interrompeu com um aceno de mão e voltou a atenção para o primeiro imediato.

— Os Vestrit tinham aquele navio... qual era o nome? Um navio-vivo.

O imediato deu de ombros, e o capitão se virou de novo para ela.

— Qual era o nome do navio?

— Vivácia — respondeu Althea, em voz baixa. Sua voz saía cheia de orgulho, querendo ela ou não.

— E a filha do capitão trabalhava no convés junto com a tripulação — comentou o capitão Sichel, hesitante. — Ele olhou fixamente para Althea. — Você é aquela garota, não é? — A voz saía seca, as palavras eram uma acusação.

Althea se empertigou.

— Sim, senhor.

O capitão largou o entalhador com repugnância.

— Tire essa desgraçada do meu navio! — gritou para o primeiro imediato.

— Eu vou embora, senhor. Mas preciso da confirmação — disse Althea, enquanto o imediato avançava em sua direção.

Não esmoreceu. Não seria humilhada fugindo depois daquilo tudo.

O capitão bufou de desdém.

— Você não vai receber confirmação nenhuma de mim, não com a marca do

meu navio estampada. Acha que vou deixar você me fazer de piada da frota de abate? Vão dizer que tive uma mulher a bordo durante uma estação inteira e nem sabia? Iam rir de mim! Eu devia sacudir o dinheiro dos seus bolsos por uma mentira dessas. Não me espanta termos tido tantos problemas com serpentes, foi pior do que em qualquer outro ano. Todos sabem que as mulheres atraem as serpentes. Foi uma sorte termos chegado vivos, e não foi graças a você. Tire-a daqui!

A última ordem foi gritada para o imediato, que pela cara parecia compartilhar sua opinião.

— A minha confirmação — pediu Althea, desesperada. Tentou agarrá-la, mas o capitão a recolheu. Teria de brigar por ela. — Por favor — implorou, quando o imediato agarrou seu braço.

— Saia daqui e do meu navio! — rosnou o homem, em resposta. — E fique feliz por eu estar lhe dando tempo para fazer as malas. Se não sair agora mesmo, vou jogar você nas docas sem nada. Sua vadia mentirosa. Com quantos da tripulação você dormiu para manter o segredo? — perguntou, enquanto o imediato a forçava a ir para a porta.

Nenhum, quis dizer, com raiva. Nenhum. Mas dormira com Brashen, e, embora não fosse da conta de ninguém além da dela, teria transformado a negação em mentira. Então só conseguiu dizer um “Isso não é justo!” com a voz embargada.

— É mais justo do que ter mentido para mim! — berrou o capitão Sichel.

O imediato a empurrou para fora da sala.

— Vá buscar suas coisas! — rosnou, num sussurro selvagem. — E se eu ouvir sequer um boato sobre isso em Vilavelas, vou atrás de você para mostrar como lidamos com vadias mentirosas.

O empurrão a fez sair tropeçando convés afora. Ela conseguiu retomar o equilíbrio quando o imediato bateu a porta às suas costas, e ficou tremendo de raiva e de decepção enquanto olhava para o pedaço de madeira que se fechara entre ela e sua confirmação de serviço. Nada daquilo parecia real. Os meses de trabalho duro... e para quê? O punhado de moedas que era tudo o que um grumete valia. Teria devolvido todo o dinheiro de bom grado e dado tudo mais que tinha pelo pedaço de couro que o capitão estava picotando naquele momento. Ao se virar lentamente, notou que Reller a encarava. O marinheiro ergueu uma sobrancelha, intrigado.

— Me expulsaram do navio — explicou, sucinta. Era verdade, e era a explicação mais simples.

— Por quê? — perguntou o marinheiro, indo atrás dela até o castelo de proa, para recolher seus poucos pertences.

Althea simplesmente deu de ombros e balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso — disse, brusca, e esperou ter soado como um adolescente irritado em vez de uma mulher à beira de cair num choro histérico.

Mantenha o controle, mantenha o controle, mantenha o controle, murmurava para si mesma, descendo pela última vez até o lugar apertado e abafado que chamara de lar durante todo o inverno. Só precisou de alguns momentos para recolher suas coisas e enfiá-las no saco de marinheiro. Althea colocou o saco no ombro e desembarcou. Quando seu pé tocou a doca, olhou ao redor com novos olhos. Vilavelas. Um lugar nada bom de estar com apenas um punhado de moedas e um saco de marinheiro.

Um homem virou a cabeça e o encarou de um jeito estranho. Brashen devolveu o olhar, então desviou o rosto. Percebeu que estava atravessando a rua com um sorriso estúpido. Deu de ombros. Tinha o direito de sorrir, estava orgulhoso dela. Althea parecera qualquer outro grumete calejado, parada lá no convés do *Ceifeiro*. O modo casual com que aceitara o convite, o ângulo inclinado do gorro... tudo perfeito.

Em retrospecto, a viagem que ele achava que a mataria acabara sendo boa para Althea. Ela recuperara alguma coisa que Kyle parecia ter arrancado à força ao assumir como capitão da Vivácia, e era a falta daquilo que a deixara insuportável nas duas últimas viagens, transformando insolência num gênio ruim, o senso de honestidade em espírito vingativo. No dia da morte de Ephron, Brashen achou que aquela fagulha da antiga Althea tinha se extinguido. Não vira mais nenhum sinal daquele fogo até aquele dia nas Ilhas Estéreis, quando a garota estava esfolando os ursos-marinhos. Alguma coisa tinha mudado naquele dia. A mudança começara lá e ficara mais evidente, assim como ela mesma ficara mais forte e mais calejada. Na noite em que ela o procurara, em Recanto, Brashen percebeu que ela tinha voltado a ser a antiga Althea. E também percebeu o quanto sentira sua falta.

Respirou fundo, sentindo o ar da terra firme e da liberdade. Estava com o pagamento nos bolsos, livre como um pássaro e com a perspectiva de uma bela companhia para a noite. O que poderia ser melhor? Começou a prestar atenção para avistar a placa do Beiral Vermelho. O primeiro imediato sorrira ao recomendar a estalagem como um lugar limpo para um marinheiro econômico quando Brashen mencionara que talvez passasse a noite em terra firme. O sorriso

deixara claro que ele não esperava que Brashen fosse passar a noite sozinho. Aliás, nem Brashen. Ele avistou o beiral vermelho da estalagem muito antes de ver a placa modesta.

Quando chegou, viu que o lugar era limpo, mas quase austero, com apenas duas mesas e quatro bancos, todos bem areados como o convés de um bom navio. O chão estava coberto de areia branca, e o fogo na lareira tinha sido aceso com pedaços de madeira trazida pelo mar, de forma que as chamas dançavam em muitas cores. Não havia clientes. Brashen permaneceu algum tempo parado diante da porta aberta até um homem aparecer, mancando, para recebê-lo, limpando as mãos no avental enquanto se aproximava. O sujeito o fitou de cima a baixo, quase desconfiado, antes de lhe cumprimentar.

— Me recomendaram esse estabelecimento. Quanto por um quarto e um banho?

Mais uma vez aquele escrutínio, como se o homem estivesse decidindo quanto Brashen podia pagar. Era um homem de meia-idade, um sujeito marcado pelo mar, que agora caminhava com uma perna deformada. Devia ter sido isso que colocara um fim à sua vida de marinheiro.

— Três — disse o homem, depois de um tempo. Então acrescentou: — Você não é do tipo que chega bêbado e quebra coisas, né? Porque, se for, não tem lugar para você no Beiral Vermelho.

— Vou chegar bêbado, sim, mas não quebro as coisas. Eu durmo.

— Hunf. Bem, você é honesto, o que conta a seu favor. — O estalajadeiro estendeu a mão à espera das moedas. Assim que as recebeu, enfiou-as no bolso. — Fique com o quarto à esquerda no alto da escada. Se quiser um banho, tem uma bomba, uma lareira e uma banheira no barraco nos fundos. O fogo foi abafado, mas não demora para avivar. Cuide disso você mesmo e leve o tempo que quiser, mas deixe tudo arrumado como encontrar. Gosto de manter esse lugar bem organizado. Tem gente que não gosta disso, que só quer entrar, beber, comer, gritar e brigar a noite toda. Se é isso o que você quer, melhor ir para outro lugar. Aqui um homem honesto pode pagar por uma cama limpa, e é o que vai receber. E uma refeição bem-feita. Nada refinado, mas é comida boa e saudável, com uma caneca honesta de cerveja boa para acompanhar. Mas aqui não é uma taverna nem um bordel, nem um lugar para fazer apostas e jogar dinheiro. Não, senhor. É um lugar limpo. Um lugar limpo.

Brashen assentiu estupidamente para o que o velho tagarela dizia, começando a suspeitar que o imediato que o mandara até ali estivera tirando sarro com a cara dele. Mas já estava lá, e o lugar era silencioso e limpo, muito

provavelmente um estabelecimento melhor para entreter Althea do que uma taverna cheia e barulhenta.

— Então vou tomar banho — anunciou, quando o estalajadeiro parou para tomar fôlego. — Ah, e um companheiro de bordo meu pode vir aqui me encontrar. Ele vai perguntar por Brashen. Sou eu. O rapaz se chama Athel. Poderia dizer para ele me esperar?

— Sim, vou avisar que você está aqui. — O estalajadeiro fez uma pausa. — Ele não é irresponsável, né? Do tipo que entraria aqui bêbado, cuspiria no meu chão e derrubaria os meus bancos.

— Athel? Não mesmo, não ele. Não mesmo.

Brashen saiu depressa pela porta dos fundos. Encontrou a bomba d'água num pequeno barraco montado num pátio de paralelepípedos, junto com uma banheira e uma lareira, como o estalajadeiro prometera. Tal como a casa principal, o barraco era quase excessivamente arrumado: as várias toalhas grossas penduradas em cabides pareciam limpas, ainda que puídas, e não havia na banheira marcas da graxa de algum outro homem. Achava até melhor ficar num lugar limpo. Bombeou vários baldes d'água e os colocou para esquentar. As roupas de terra firme estavam no fundo do saco, limpas, apesar de cheirarem um pouco a mofo. Pendurou a camisa listrada, as meias e a calça boa de lã para arejar perto da lareira. Havia um pote com sabão macio, que ele usou à vontade. Tirou várias camadas de graxa e sal e possivelmente também uma de pele antes de terminar. Pela primeira vez em semanas, desfez a trança do cabelo, lavou-o bem e tornou a prendê-lo. Teria gostado de se deitar e ficar de molho na banheira, mas não queria deixar Althea esperando. Brashen se levantou, secou o corpo, aparou a barba até deixá-la no antigo formato e vestiu as roupas limpas de terra firme. Era uma sensação muito agradável colocar roupas limpas, quentes e secas sobre a pele limpa, quente e seca. O banho o deixara quase letárgico, mas nada que uma boa refeição e uma caneca de cerveja gelada não resolvessem. Enfiou as roupas sujas no saco de marinheiro e deu uma arrumada no lugar. No dia seguinte, encontraria uma lavanderia para cuidar das roupas, exceto as que estavam tão cobertas de piche que já não havia como salvá-las. Sentindo-se um novo homem, voltou para a casa principal para comer e esperar por Althea.

Ela nunca estivera sozinha num porto estrangeiro. Nas outras ocasiões, sempre contara com companheiros de bordo e um navio para o qual retornar ao cair da noite. Ainda não estava no fim da tarde, mas o dia de repente parecia mais frio e mais cinzento. Althea olhou mais uma vez ao redor. O mundo de uma hora para

outra se tornara um lugar sem bordas e sem forma. Nada de navio, nada de deveres, nada de laços familiares — sua única preocupação era o dinheiro no bolso e o saco nas costas. Foi tomada por uma estranha mistura de sensações, sentindo-se ao mesmo tempo abandonada e sozinha, devastada pela recusa de lhe darem uma confirmação de serviço, mas, ainda assim, estranhamente poderosa e independente. Ousada. Era essa a palavra. Parecia não haver nada que pudesse fazer para piorar a situação. Naquele momento, podia fazer o que quisesse e não tinha de dar satisfações a ninguém, pois ninguém mais se importaria. Podia se embebedar ou gastar até a última moeda numa noite hedonista repleta de comida, vinho, música e locais exóticos. Claro que havia o dia seguinte com que se preocupar, mas todos tinham de lidar com o dia seguinte. E, se decidisse embarcar nessa de cabeça, não haveria ninguém para proibi-la ou para dizer, na manhã seguinte, que devia se envergonhar.

Não era como se traçar planos tivesse dado muito resultado.

Deu uma última erguida no saco de marinheiro e inclinou o gorro num ângulo ainda mais informal. Seguiu rua afora, absorvendo cada detalhe da cidade. Perto assim da orla, havia agentes marítimos, mercearias e pensões baratas para marinheiros, intercalados com tavernas, bordéis, salões de jogos e drogarias. Era uma parte grosseira da cidade para um bando de gente grosseira. Do qual ela agora fazia parte.

Escolheu uma taverna ao acaso e entrou. Não parecia diferente das de Vilamonte: o chão estava coberto de juncos não muito frescos, as mesas em cavaletes exibiam marcas antigas deixadas pela passagem de muitas canecas, e os bancos pareciam ter sido consertados e remendados diversas vezes. O teto e as paredes estavam escurecidos pela fumaça oleosa das panelas de comida e dos lampiões, e Althea viu homens reunidos diante de uma grande lareira numa das extremidades do salão, querendo ficar perto do calor e do cheiro de cozido. O taverneiro era um homem esguio de olhar pesaroso, e havia um bando de garçonetes, algumas taciturnas, outras risonhas. Uma escada ao fundo levava aos quartos no andar de cima, e o barulho das conversas a atingiu com a força de um vento forte.

Encontrou um lugar a uma mesa não tão perto do fogo como gostaria, mas ainda assim muito mais quente do que lá fora ou no castelo de proa. Ficou de costas para a parede ao se sentar à mesa quase vazia e pediu uma caneca de cerveja surpreendentemente boa e um tigela de cozido mal temperado, mas ainda assim muito melhor do que a comida do navio. O pedaço de pão que o acompanhava compensava em muito o estado do cozido, pois devia ter saído do forno havia poucas horas. Era escuro, cheio de grãos e mastigável, e Althea

comeu devagar, saboreando o calor, a comida e a cerveja, recusando-se a pensar em qualquer outra coisa. Considerou pagar por um quarto no andar de cima, mas as batidas, baques, gritos e risadas que desciam pela escada deixavam claro que os quartos não eram para dormir. Uma garçonete se aproximou meio sem vontade, mas Althea simplesmente fingiu não compreender. A garota não pareceu se incomodar em deixá-la sozinha.

Althea se perguntou por quanto tempo a pessoa era prostituta antes de se cansar daquela vida. Ou de se acostumar. Percebeu que levara a mão à barriga e estava tocando a argola por baixo da camisa. O capitão a chamara de vadia, dizendo que havia atraído as serpentes até o navio. Ridículo. Mas era como a tinham visto. Althea mordeu o pão e passou os olhos pela sala, tentando imaginar como seria se oferecer aleatoriamente aos homens que se encontravam ali na esperança de ganhar algum dinheiro.

Eram um bando desagradável, concluiu. O mar calejava os homens, mas também os deixava feios, com dentes e membros faltando e mãos e rostos escurecidos e endurecidos tanto pelo piche e pelo óleo quando pelo vento e pelo sol. Viu poucos homens que poderiam lhe interessar. Os que eram jovens, atraentes e musculosos também eram sujos e mal-educados. Talvez fosse o ramo do óleo, refletiu Althea. Caçada, matança e destrinchamento... sangue, sal e óleo... os dias deles eram só isso. Os marinheiros dos navios mercantes eram mais limpos — ou talvez isso só fosse verdade para a tripulação da Vivácia. O pai obrigava os homens a se manterem limpos para manter a embarcação livre de ratos e outras pragas.

Pensar em Vivácia e no pai já não doía tanto, a dor tinha sido substituída pela falta de esperança. Trouxe a mente de volta para o presente e abordou o pensamento que vinha evitando: seria quase impossível conseguir uma confirmação de serviço em seu nome, e só porque era mulher. Quase ficou enjoada com a sensação de derrota que se apossou dela de repente. A comida em seu estômago de repente pareceu virar um peso amargo. Althea notou que estava tremendo como se estivesse com frio. Pressionou os pés contra o chão e colocou as mãos na beira da mesa, para fazê-las parar de tremer. *Quero ir para casa*, pensou, desconsolada. *Para algum lugar em que eu fique segura e aquecida e as pessoas me conheçam.* Mas, não, sua casa não era nenhuma dessas coisas, não mais. O único lugar em que aquelas coisas existiam era no passado, quando o pai estava vivo e a Vivácia fora o seu lar. Buscou aquelas lembranças, mas achou difícil trazê-las à tona. Estavam distantes demais, e ela se via já muito separada daquilo tudo. Ansiar por aquelas lembranças só a deixava mais sozinha e desanimada. *Brashen*, pensou de repente. Ele era o mais próximo de casa que

conseguiria naquela cidade suja. Não que pretendesse ir atrás dele, mas lhe ocorreu que podia fazê-lo. Aquilo era algo que podia fazer, caso quisesse, caso quisesse ser ousada e realmente não se importar nem um pouco com o dia seguinte. Podia encontrar Brashen e, por algumas horas, se sentir segura e aquecida. A ideia era como o cheiro de uma mesa farta para um homem faminto.

Mas não faria aquilo. Não. Brashen não era uma boa ideia. Se fosse encontrá-lo, ele acharia que era um sinal de que dormiriam juntos de novo. Considerou a ideia e sentiu um leve interesse, então bufou de desdém e se forçou a ponderar seriamente sobre aquela opção. Os sons que vinham do andar de cima subitamente pareciam degradantes e ridículos. Não. Não estava realmente interessada em fazer aquilo com ninguém, muito menos com Brashen. Porque, se fizessem, seria a pior ideia de todas — é que mais cedo ou mais tarde um deles, ou os dois, voltaria a Vilamonte. Deitar-se com Brashen no navio não fora boa ideia. Os dois estavam cansados e meio bêbados, para não falar na cindina. Tinha sido o único motivo para aquilo acontecer. Mas, se Althea fosse encontrá-lo aquela noite e acontecesse de novo, então ele poderia pensar que significava alguma coisa. E se eles se encontrassem em Vilamonte... bem, o que acontecera no navio era uma coisa, mas em Vilamonte seria outra completamente diferente. Vilamonte era seu lar. Pois bem. Althea não iria se encontrar com Brashen e não se deitaria com ele. Já estava bem decidida quanto a isso.

Assim, só restava a questão de o que faria com o resto do fim de tarde e com a noite que viria a seguir. Ergueu a caneca para chamar a atenção da garçonete. Quando a garota a encheu mais uma vez, colocou um leve sorriso no rosto.

— Estou mais cansado do que pensei — disse, com naturalidade. — Pode me recomendar uma pensão ou uma estalagem sossegada, onde eu também possa tomar um banho?

A garota coçou a nuca.

— Você pode pedir um quarto aqui, mas não é sossegado. Tem uma casa de banho no fim da rua.

Vendo a garota se coçar, Althea decidiu que, mesmo se a taverna fosse sossegada, não gostaria de dormir numa daquelas camas dali. Esperava se ver livre de quaisquer piolhos e carrapatos que pegara no navio, não arranjar mais.

— Um lugar sossegado? — perguntou de novo.

A garçonete deu de ombros.

— Tem o Cavalo Dourado, se você não se importar com o dinheiro. Eles também têm músicos lá, e uma mulher que canta. E os melhores quartos têm lareiras pequenas, pelo que ouvi falar. Alguns até têm janelas.

Ah. O Cavalo Dourado. Já tinha jantado lá com o pai, porco assado e ervilhas. Presenteara o pai com um macaquinho de cera engraçado que comprara numa loja, e ele contara sobre a compra de vinte tonéis de óleo de qualidade. Outra época. A vida de Althea, não de Athel.

— Não. Parece caro demais. Um lugar barato e sossegado.

A garota franziu o cenho.

— Não conheço. Não tem muitos lugares sossegados nessa parte da cidade. A maioria dos clientes é marinheiro, e marinheiros não querem sossego, entende? — Ela olhou para Althea como se ela fosse um pouco estranha. — Tem o Beiral Vermelho. Não sei se têm banho lá, mas é sossegado. Pelo que ouvi dizer, é silencioso feito um túmulo.

— Já me falaram desse lugar mais cedo — retrucou, mais do que depressa. — Algum outro?

— Só esses. Como eu disse, a maioria dos marinheiros não vem para a cidade atrás de sossego. — A garota a encarou com um olhar estranho. — De quantos lugares você precisa ouvir? — perguntou, pegando a moeda de pagamento da cerveja e voltando ao trabalho.

— Boa pergunta — admitiu Althea.

Tomou um gole lento. Um homem fedendo a vômito se atirou no banco ao seu lado. A noite estava caindo, e a taverna começava a encher. O homem arrotou alto, e o cheiro que chegou às suas narinas a fez se contrair. Ele sorriu para Althea ao notar o incômodo e se inclinou na direção dela.

— Está vendo aquela mulher ali? — perguntou, apontando para uma mulher pálida que passava um pano numa mesa. — Trepei com ela três vezes. Três vezes, e ela só me cobrou uma. — Ele se encostou na parede e sorriu para Althea. Dois de seus dentes superiores da frente estavam quebrados e tortos. — Você devia dar uma com ela, garoto. Aposto que aprenderia algumas coisas. — O homem piscou, sugestivo.

— Você com certeza ganharia essa aposta — concordou Althea, num tom amigável.

Bebeu o resto da cerveja, levantou-se e pegou o saco de marinheiro. Tinha começado a chover, e o vento soprava forte, prometendo temporal. Decidiu fazer o mais simples: encontrar um quarto, pagar por ele e ter uma boa noite de sono. Pensaria no que fazer no dia seguinte. Como, por exemplo, encontrar algum trabalho a bordo de um navio que a levasse de volta a Vilamonte o mais rápido possível.

Vilamonte. Seu lar. E a viagem marcaria o fim de seu sonho de recuperar Vivácia. Afastou o pensamento.

Quando a noite se assentou, já tinha tentado seis pensões diferentes, mas quase todos os quartos ficavam sobre tavernas ou bares. Os lugares eram todos barulhentos e fumacentos, alguns com prostitutas para a conveniência dos hóspedes. O que escolheu não era diferente dos outros, exceto pelo fato de que acabara de ocorrer uma briga ali no salão, e a guarda da cidade expulsara temporariamente os clientes mais agitados. Os que permaneceram pareciam cansados ou bêbados. Havia três músicos num canto, tocando mais para si mesmos depois de a maioria dos clientes pagantes ter se dispersado. Os três conversavam e riam baixinho e de vez em quando paravam no meio de uma música para recomeçar e tentar algo diferente. Althea sentou-se perto o bastante para ouvir o que diziam e longe o suficiente para não parecer intrometida. Invejava aqueles homens. Alguma dia teria amigos assim? Tinha desfrutado dos anos a bordo do navio com o pai, mas pagara um preço: seu pai fora seu único amigo de verdade. A filha do capitão e proprietário do navio jamais podia desfrutar completamente das amizades íntimas da tripulação do castelo de proa. Quando estava em casa, era basicamente a mesma coisa: perdera o contato com as garotinhas com quem brincava quando era criança. A maioria devia estar casada. E provavelmente com os garotinhos que costumavam espiar e sobre os quais trocavam risinhos. E ali estava ela, numa roupa esfarrapada de grumete, num porto estrangeiro, numa taverna precária. E sozinha. Sem nenhuma perspectiva a não ser a de voltar se arrastando para casa, com o rabo entre as pernas.

E com a bebida a deixando mais sentimental a cada minuto. Hora de ir para a cama. Assim que terminasse aquela última caneca, seria hora de se levantar e ir para o quarto que conseguira para passar a noite.

Brashen entrou na taverna, examinou o salão e a encontrou na mesma hora. Por um instante, só ficou ali, parado. Althea sabia, pela postura dele, que Brashen estava com raiva. E que tinha se metido numa briga. A vermelhidão debaixo de seu olho esquerdo se transformaria num hematoma antes do amanhecer. Mas duvidava que era por isso que ele estava irritado. Seus ombros largos pareciam rígidos debaixo da camisa listrada limpa, e havia pequenas faíscas no fundo dos olhos escuros. Ela não tinha por que se sentir culpada ou envergonhada, não prometera encontrá-lo, só dissera que talvez apareceria. Assim, ficou surpresa por se sentir acanhada. Brashen atravessou a taverna e olhou em volta à procura de uma cadeira que não estivesse quebrada. Não encontrou, de modo que se sentou na ponta do banco dela. Brashen se inclinou

para a frente, e suas palavras foram secas:

— Você podia simplesmente ter dito não. Não precisava ter me deixado esperando sentado, preocupado.

Althea tamborilou de leve os dedos na mesa. Observou a própria mão por alguns segundos, então o olhou nos olhos.

— Me desculpe, senhor. Não achei que o senhor se preocuparia com alguém como eu.

Ela o viu lançar um olhar rápido para os músicos, que não estavam prestando a menor atenção.

— Entendo — disse ele, no mesmo tom.

Seus olhos diziam muito mais: Althea o magoara. Não fora sua intenção, nem chegara a pensar a respeito. Brashen se levantou e se afastou. Althea achou que ele ia embora, mas Brashen abordou o taverneiro, que estava varrendo cacos de louça, então levou a própria caneca de cerveja de volta à mesa e retomou seu lugar. Não lhe deu nem chance de falar.

— Fiquei preocupado. Então voltei para o navio. Perguntei ao imediato se ele sabia aonde você tinha ido.

— Ah.

— Sim. Ah. O que ele disse não foi... — Ele se calou e tocou o machucado escuro no rosto. — Não vou navegar no *Ceifeiro* de novo — comentou Brashen, de repente, olhando irritado, como se fosse culpa dela. — Por que você foi burra a ponto de revelar seu verdadeiro nome?

— O imediato falou sobre isso? — perguntou Althea, em resposta.

Por mais incrível que parecesse, seu humor só piorou. Se o capitão andava falando sobre o acontecido, suas chances de conseguir embarcar como um garoto diminuiriam. O desespero a atingiu como um balde de água gelada.

— Não. O capitão. Depois que o imediato me levou até a cabine e eles perguntaram se eu sabia que você era mulher.

— E o que você disse?

Estava tudo cada vez pior. Eles deviam estar convencidos de que Althea se prostituíra para comprar o silêncio de Brashen.

— Não tinha motivos para mentir.

Não queria saber do resto da história, quem tinha batido primeiro em quem e quando. Nada daquilo parecia importar. Ela simplesmente balançou a cabeça.

Mas Brashen não pretendia deixar o assunto de lado. Ele tomou um gole da

cerveja e perguntou:

— Por que você falou seu verdadeiro nome? Onde achou que poderia navegar com uma confirmação de serviço com o seu verdadeiro nome? — Ele estava perplexo com a estupidez dela.

— Na Vivácia — respondeu Althea, baixinho. — Ia usar a confirmação para navegar na Vivácia. Como capitã e proprietária.

— Como? — perguntou ele, desconfiado.

E ela contou a história inteira. Enquanto falava sobre o juramento de Kyle e de suas esperanças de usá-lo contra ele, enquanto Brashen sacudia a cabeça diante daquele plano tolo, Althea não sabia dizer por que estava contando aquilo tudo. O que havia em Brashen que a fazia se abrir sobre coisas que não eram da conta dele?

Ele deixou o silêncio se estender um pouco quando Althea terminou de falar, então balançou a cabeça mais uma vez.

— Kyle não manteria a palavra sobre um juramento da boca para fora como esse. Você teria de levar a questão ao Conselho dos Mercadores. E, mesmo com sua mãe e seu sobrinho testemunhando em seu favor, duvido que a levariam a sério. As pessoas dizem coisas no calor da emoção... Se o Conselho dos Mercadores começasse a forçar cada homem que fez um juramento irritado a cumpri-los, metade de Vilamonte seria assassinada. — Brashen deu de ombros. — Por outro lado, não fico surpreso de ver você tentar. Sempre achei que você tentaria retomar a Vivácia de Kyle, mais cedo ou mais tarde. Mas não assim.

— Então como? — perguntou Althea, impaciente. — Me esgueirando para dentro do navio e cortando a garganta dele no meio do sono?

— Ah. Então você também pensou nisso — observou ele, num tom seco.

Althea não conseguiu conter um sorriso.

— Acho que foi minha primeira ideia — admitiu. Então o sorriso desapareceu. — Preciso recuperar Vivácia, mesmo sabendo que não estou pronta para ser capitã. Não, não ria. Posso ser burra, mas aprendo. Ela é minha, de um modo como nenhum outro navio jamais será. Mas a lei e a minha família estão contra mim. Posso enfrentar uma das duas, mas as duas juntas... — Sua voz vacilou, e ela permaneceu imóvel e em silêncio durante algum tempo. — Eu passo muito tempo evitando pensar nela, Brashen.

— Eu também — respondeu ele, chateado.

Brashen devia ter falado aquilo em solidariedade, mas Althea ficou irritada. Como ele podia dizer uma coisa daquelas? Vivácia não era o navio da família

dele. Como ele podia sentir o mesmo que Althea? O silêncio se estendeu entre eles. Um grupo de marinheiros entrou na taverna e se acomodou numa mesa adjacente. Ela olhou para Brashen, sem conseguir pensar em nada para dizer. A porta se abriu de novo, e três estivadores entraram, pedindo cerveja antes mesmo de se sentarem. Os músicos olharam em volta como se estivessem despertando e deram início a uma apresentação da canção zinha indecente com que tinham se ocupado mais cedo. Logo o lugar ficaria barulhento e cheio de gente de novo.

Brashen traçou círculos na mesa com a umidade da caneca.

— E o que você vai fazer agora?

Pronto. Justamente a pergunta que a vinha incomodando o dia inteiro.

— Acho que vou para casa — murmurou. — Como você me disse para fazer, meses atrás.

— Por quê?

— Porque talvez você estivesse certo. Talvez seja melhor eu ir consertar as coisas da maneira que der e seguir em frente com a minha vida.

— Sua vida não precisa ser lá — retrucou ele. — Tem muitos outros navios no porto indo para muitos outros lugares. — Ele foi casual demais ao sugerir: — Podíamos ir para o norte. Para os Seis Ducados. Lá eles não se importam se a pessoa é homem ou mulher, desde que possa fazer o trabalho. É verdade que não são tão civilizados, mas não deve ser muito pior do que a vida a bordo do *Ceifeiro*.

Althea balançou a cabeça sem dizer nada. Falar sobre aquilo a fazia se sentir pior, não melhor. Mesmo assim, enunciou as palavras:

— Vivácia fica atracada em Vilamonte. Pelo menos eu ia conseguir visitar o navio de vez em quando. — Ela abriu um sorriso funesto. — E Kyle é mais velho do que eu, provavelmente vou viver mais tempo. Se eu me der bem com meu sobrinho, talvez ele deixe a tia velha e louca navegar de vez em quando.

Brashen pareceu horrorizado.

— Você não pode estar falando sério! Vai passar a vida esperando alguém morrer?!

— Claro que não. Foi uma piada. — Mas não tinha sido. — Meu dia foi horrível — anunciou, de repente. — Quero que acabe logo. Boa noite. Vou para a cama.

— Por quê? — perguntou ele, baixinho.

— Porque estou cansada, seu idiota.

Aquilo nunca tinha sido tão verdadeiro. Estava cansada até os ossos, ainda mais profundamente, até. Cansada de tudo.

A paciência na voz dele estava chegando ao fim.

— Não. Não isso. Por que você não foi me encontrar?

— Porque eu não queria me deitar com você — respondeu Althea, seca. Estava cansada demais para ser educada.

Brashen conseguiu parecer ofendido.

— Eu só a convidei para uma refeição.

— Mas era na cama que estava pensando.

Ele hesitou na beira de uma mentira, mas a honestidade acabou falando mais alto.

— Pensei nisso, sim. Você não pareceu achar ruim, da última vez...

Não precisava ser lembrada daquilo. Era embaraçoso que tivesse gostado do que tinham feito, ainda mais porque ele soubera.

— E, na última vez, eu também disse que aquilo não podia acontecer de novo.

— Achei que você estava falando de acontecer a bordo.

— Eu estava falando de qualquer lugar. Brashen... a gente estava cansado e com frio... e meio bêbados... e ainda tinha a cindina. — Ela fez uma pausa, mas não conseguiu encontrar palavras gentis. — Foi só isso.

Brashen moveu a mão em cima da mesa. Althea notou o quanto ele queria tocá-la, segurar sua mão. Colocou as mãos debaixo da mesa e as entrelaçou com força.

— Tem certeza? — As palavras eram uma medida da dor que ele sentia.

— Você não tem? — Althea o encarou nos olhos, desafiando a ternura que via ali.

Brashen desviou o olhar primeiro.

— Bem. — O marinheiro respirou fundo e tomou um longo gole da caneca. Inclinou-se na direção dela, apoiado sobre um cotovelo, e esboçou um sorriso convincente ao sugerir: — Eu poderia comprar cindina, se você estivesse disposta a providenciar a cerveja.

Althea sorriu.

— Acho que não — respondeu, tranquila.

Ele deu de ombros.

— E se eu também pagar a cerveja? — O sorriso começava a desaparecer do

rosto.

— Brashen. — Ela balançou a cabeça. — Sejamos francos: nós mal nos conhecemos — observou, tentando ser razoável. — Não temos nada em comum, não somos...

— Está bem — interrompeu Brashen, brusco. — Está bem, você me convenceu. Foi uma péssima ideia. Mas você não pode me culpar por tentar. — Ele bebeu o que restava da cerveja e se levantou. — Vou embora, então. Posso lhe dar um último conselho?

— Claro. — Althea se preparou para alguma advertência gentil para que se cuidasse, ou para que ficasse atenta.

Em vez disso, ele disse:

— Tome um banho. Você está fedendo.

E foi embora, atravessando o salão sem nem olhar para trás ao chegar à porta. Se tivesse parado para sorrir e acenar, o insulto teria sido retirado, mas Althea foi deixada se sentindo ofendida. Brashen a insultara só porque ela o recusara, como que para fingir que nunca a quisera porque Althea não estava perfumada e arrumada. Isso certamente não o incomodara da última vez. E, pelo que ela se lembrava, o cheiro de Brashen também não era dos melhores. Que audácia! Althea ergueu a caneca.

— Cerveja! — gritou, para o taverneiro carrancudo.

Brashen curvou os ombros para se proteger da chuva suja que caía com força. Teve o cuidado de não pensar em nada enquanto caminhava de volta para o Beiral Vermelho. Parou uma vez para comprar um talo de cindina de um vendedor ambulante infeliz e fustigado pela chuva, então seguiu em frente. Quando chegou ao Beiral Vermelho, encontrou a porta trancada. Bateu, sentindo uma raiva exagerada por ter sido deixado na chuva.

Uma janela se abriu no alto da fachada, e o estalajadeiro enfiou a cabeça para fora.

— Quem está aí? — perguntou o homem.

— Eu. Brashen. Me deixe entrar.

— Você fez uma bagunça no banheiro. Não esfregou a banheira. E deixou as toalhas largadas numa pilha no chão.

Brashen ergueu a cabeça para a janela, consternado.

— Me deixe entrar! — repetiu. — Está chovendo!

— Você não é nem um pouco asseado! — gritou o estalajadeiro.

— Mas eu paguei por um quarto!

Em resposta, o saco de marinheiro saiu voando pela janela e caiu na rua lamacenta, borrifando água suja em cima dele.

— Ei! — gritou, mas a janela tinha sido fechada com firmeza. Brashen bateu na porta trancada durante algum tempo, depois a chutou. Então berrou xingamentos na direção da janela fechada. Estava jogando punhados grandes de lama gordurosa na janela quando os guardas da cidade se aproximaram e disseram, rindo, que ele precisava ir embora. Evidentemente era uma situação que já tinham visto antes, e mais de uma vez.

Brashen pendurou o saco de marinheiro no ombro e partiu noite adentro para encontrar uma taverna.



26

PRESENTES

— O luar de inverno é bem claro, deixa as sombras mais distintas e negras. As rochas da praia estão mergulhadas em poças de tinta preta, e seu casco repousa num negrume absoluto. Então, por causa da minha fogueira, tem uma camada de outro tipo de sombras, que saltam e mudam. E quando olho você, algumas ficam rígidas e nítidas ao luar, enquanto as outras parecem suavizadas e alteradas pela luz do fogo.

A voz de Âmbar era quase hipnótica. O calor da fogueira de madeira trazida pelo mar, e acesa a duras penas, mais cedo, o afetava de um jeito muito peculiar. Quente e frio eram coisas que tinha aprendido com os homens — uma sensação era agradável, a outra não. Mas, mesmo como algo aprendido, o conceito de calor era melhor do que o do frio. Para madeira, era tudo a mesma coisa, mas, numa noite como aquela, o calor parecia realmente muito agradável.

Ela estava sentada — de pernas cruzadas, pelo que lhe dissera — sobre um cobertor dobrado na areia molhada. Estava recostada em seu casco. A textura do cabelo solto era mais fina do que a mais macia das algas marinhas, e os fios se agarravam aos vincos do casco de madeira-arcana. Quando Âmbar se mexia, o cabelo deslizava pelas tábuas antes de se soltar.

— Você quase me faz lembrar como era ver. Não só cores e formas, mas as vezes em que a visão era um prazer.

Âmbar não respondeu, mas ergueu a mão e encostou a palma aberta em suas tábuas. Era um gesto comum a ela, e lembrava um pouco um contato visual. Um olhar significativo trocado sem olhos. Estalão sorriu.

— Eu lhe trouxe uma coisa — anunciou ela, em meio ao silêncio confortável.

— Trouxe...? — indagou ele, em voz alta. — Mesmo? — Tentou manter a animação longe da voz. — Acho que ninguém nunca trouxe nada para mim.

Ela se empertigou, ainda sentada.

— O que, nunca? Você nunca ganhou presentes?

Ele deu de ombros.

— Onde eu guardaria um presente?

— Bem... eu já tinha pensado nesse detalhe. É uma coisa que você pode usar. Como isto. Aqui, dê-me a sua mão. Bem, tenho muito orgulho disso, então quero mostrar uma peça de cada vez. Levei um tempo para terminar. É que tive que esculpir num tamanho muito maior que o normal, para ficarem na proporção correta. Pegue essa aqui primeiro. Sabe o que é?

As mãos de Âmbar eram minúsculas contra as suas quando ela abriu seus dedos e colocou algo em sua palma. Um pedaço de madeira com um buraco, por onde passava uma pesada corda trançada. A madeira tinha sido lixada, polida e moldada. Estalão girou a peça com cuidado entre os dedos. Era curva, mas havia uma protuberância e, numa das extremidades, algo que se abria e bifurcava.

— É um golfinho — disse ele, passando os dedos mais uma vez ao longo da curva da espinha, do contorno da cauda. — Isso é incrível. — Ele gargalhou.

E ouviu o deleite na voz da mulher, que respondeu:

— E tem mais. Siga a corda até a próxima peça.

— Tem mais de uma?

— Claro. É um colar. Sabe dizer o que é a próxima?

— Quero colocar no pescoço — anunciou.

Suas mãos tremiam. Um colar, um presente. Para ele.

Sem esperar resposta, Estalão sacudiu a corda para desenrolá-la e passou-a com cuidado pela cabeça. O cordão se prendeu nos pedaços mutilados de seus olhos, mas ele o soltou e o ajeitou sobre o peito. Passou os dedos pelas contas. Eram cinco. Cinco! Sentiu-as de novo, com mais calma.

— Golfinho — anunciou. — Gaivota. Estrela-do-mar. Isto é... ah, um caranguejo. E um peixe. Um linguado. Dá para sentir as escamas e a órbita onde o olho desliza. Os olhos do caranguejo estão nas pontas das hastes. E a estrela-do-mar é áspera, com as linhas das ventosas por baixo. Ah, Âmbar, é maravilhoso. É bonito? Fica bem em mim?

— Ah, então você é vaidoso! Eu não fazia ideia, Estalão. — Ele nunca a ouvira tão satisfeita. — Sim, fica muito bem. É como se fizesse parte de você. Foi uma das minhas preocupações quando esculpi... Você é tão obviamente a obra de um mestre entalhador que achei que minhas próprias criações iam parecer infantis perto da sua beleza. Mas... bem, não gosto de elogiar meu próprio trabalho, mas não vou me segurar. As contas são feitas de madeiras diferentes. Dá para perceber? A estrela-do-mar é de carvalho, e o caranguejo eu encontrei num nó de pinho enorme. O golfinho estava na curvatura de um

pedaço de salgueiro. Toque as contas e siga as fibras com os dedos. São todas de texturas e de cores de madeira diferentes. Não gosto de usar tintas, a madeira tem uma cor própria. E acho que ficam melhores em você. A madeira natural realçada pela sua pele gasta.

Âmbar falava depressa, num tom ansioso, enquanto compartilhava esses detalhes íntimos com ele, como se mais ninguém no mundo pudesse compreender aquelas coisas. Não havia lisonja mais gentil do que o toque rápido da mão dela em seu peito.

— Posso fazer uma pergunta? — pediu.

— É claro — respondeu Estalão, passando os dedos lentamente de uma conta a outra, encontrando novos detalhes de textura e forma.

— Pelo que ouvi dizer, a figura de proa de um navio-vivo é pintada. Mas, quando a embarcação desperta, assume uma cor própria, como aconteceu com você. Mas... como? Por quê? E por que só a figura de proa? Por que não todas as partes do navio que são feitas de madeira-arcana?

— Eu não sei — respondeu, pouco à vontade.

Às vezes ela fazia aquelas perguntas. Estalão não gostava delas, porque o faziam lembrar como era diferente de Âmbar. E a mulher sempre parecia fazer as perguntas quando ele estava se sentindo mais próximo dela.

— Por que você possui essas cores? — perguntou o navio, tentando fazê-la entender. — Como você fez sua pele e seus olhos crescerem?

— Ah. Compreendo. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Pensei que pudesse ser alguma coisa que você decide por conta própria. Para mim, você é maravilhoso. Você fala, pensa, se move... consegue mover todas as partes do corpo? Não só as partes entalhadas, como as mãos e os lábios, mas também as tábuas e vigas?

Às vezes. Um navio flexível podia suportar o açoite do vento e das ondas melhor do que um muito compacto. Tábuas podiam se deslocar minimamente, ceder à pressão da água. E às vezes podiam se deslocar um pouco mais do que isso, afastando-se umas das outras para permitir a entrada silenciosa da água que se espalhava e afundava, tão fria e negra quanto a própria noite. Mas isso seria imperdoável — uma traição cruel. Imperdoável, irreparável. Ele afastou a lembrança ardente e não disse a palavra em voz alta.

— Por que a pergunta? — questionou, desconfiado.

O que a mulher queria dele? Por que lhe trazia presentes? Ninguém podia gostar dele de verdade, sabia disso. Sempre soubera. Talvez fosse apenas um

truque, talvez ela estivesse de conluio com Mingsley e Recomeço. Estava ali para espionar todos os seus segredos, para descobrir tudo sobre madeira-arcana e contar aos outros.

— Não queria chatear você — disse Âmbar, em voz baixa.

— Não? Então queria o quê? — escarneceu ele.

— Compreender você. — Ela não respondeu no mesmo tom. Não havia raiva em sua voz, apenas gentileza. — À minha maneira, sou tão diferente das pessoas de Vilamonte quanto de você. Sou uma forasteira aqui. E não importa quanto tempo eu passe nesse lugar nem quão honestamente conduza meu negócio, sempre serei considerada uma recém-chegada. Vilamonte não recebe bem as pessoas. Eu me sinto solitária. — A voz dela era tranquilizadora. — E por isso tento me aproximar de você, acho que você é tão solitário quanto eu.

Solitário. Digno de pena. Ela achava que ele era digno de pena. E estúpido. Estúpido o bastante para acreditar que ela gostava dele, quando na verdade só estava tentando descobrir seus segredos.

— E porque você quer descobrir os segredos da madeira-arcana — completou Estalão, como num teste.

O tom gentil da voz dele a fez baixar a guarda, e Âmbar deu uma leve risada.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não tenho curiosidade. De onde vem a madeira que pode criar vida? Que tipo de árvore a produz, e onde essas árvores crescem? São raras? Não, devem ser raras. Famílias se endividam por gerações para possuir uma. Por quê?

As palavras de Âmbar lembravam muito as de Mingsley. Estalão gargalhou, um ribombar rouco que despertou as aves nos rochedos e as fez alçarem voo, grasnando na escuridão.

— Como se você não soubesse! — escarneceu. — Por que Mingsley mandou você aqui? Acha que você vai me conquistar? Que vou navegar de bom grado se você pedir? Eu já fiquei sabendo dos planos dele. O homem acha que, comigo, pode subir o Rio da Chuva sem medo, que posso roubar o comércio que pertence por direito apenas aos Mercadores de Vilamonte e aos Mercadores dos Ermos Chuvosos. — Estalão baixou a voz, pensativo. — Ele acha que, como sou louco, vou trair minha família. Acha que, por me odiarem, me amaldiçoarem e terem me abandonado, vou me voltar contra eles. — Estalão arrancou o colar de contas e o atirou na areia. — Mas eu sou leal! Sempre fui leal e fiel, não importa o que pensem ou acreditem. Eu fui leal, ainda sou. — Ele ergueu a voz, numa proclamação rouca. — Escutem o que eu digo, família Ludventura! Eu sou leal a vocês! Navego apenas para a minha família. Apenas para vocês!

Sentiu o casco inteiro reverberar com o grito. Seu peito subia e descia, ofegante, na noite de inverno. Ele prestou atenção, mas não ouviu nada vindo de Âmbar. Só captava os estalos da madeira no fogo, as notas queixosas das aves dos rochedos, que pousavam de volta no escuro, sem jeito, e o quebrar incessante das ondas. Nenhum som dela. Talvez a mulher tivesse fugido enquanto ele gritava. Talvez tivesse ido embora, covarde e sorrateiramente, avançando noite adentro, envergonhada. Ele engoliu em seco e esfregou a testa. Não tinha importância. Ela não importava. Nada importava. Nada. Esfregou o pescoço onde a corda do colar se partira. Ouviu as ondas se aproximarem à medida que a maré ficava mais alta. Ouviu a madeira cair no fogo, sentiu o cheiro da fumaça que subia. Teve um sobressalto quando ela enfim respondeu.

— Mingsley não me enviou. — Estalão a ouviu se levantar de repente. Âmbar foi até a fogueira, e ele ouviu a lenha sendo revirada. Quando ela falou, a voz saiu baixa e controlada: — Você tem razão: foi Mingsley que me trouxe aqui da primeira vez. Ele queria fazer você em pedaços para usar a madeira-arcana. Mas meu coração era contra isso desde a primeira vez que o vi. Estalão, eu quero conquistar você. Você é uma maravilha e um mistério. Minha curiosidade sempre foi maior do que a sensatez. Mas ainda maior é a minha solidão. Estou muito longe de casa e da minha família. E não só em distância, mas também em anos.

As palavras saíam rápidas e duras, como pedras em queda livre. Âmbar andava enquanto falava, e Estalão ouvia o arrastar de sua saia. Com os ouvidos aguçados, captou o som baixo de dois pedaços de madeira se chocando. *As contas*, pensou, desolado. Ela estava recolhendo as contas. Levaria o presente embora.

— Âmbar — chamou, suplicante. Sua voz saiu aguda e vacilante ao dizer o nome dela, como às vezes acontecia quando ele ficava com medo. — Você vai levar minhas contas embora?

Ela ficou um longo tempo em silêncio. Então, numa voz quase irritada, disse:

— Achei que não as quisesse mais.

— Eu quero. Muito. — Quando ela não respondeu, Estalão tomou coragem. — Você me odeia, não? — Sua voz estava muito calma, apesar de aguda demais.

— Estalão, eu... — A voz dela foi vacilando. — Eu não odeio você — disse, de repente, com gentileza. — Mas também não entendo suas ações — acrescentou, triste. — Às vezes você fala e eu escuto a sabedoria de gerações em suas palavras. Outras vezes, sem aviso, você é um garoto mimado de dez anos.

Doze anos. Quase um homem, droga. E se não aprender a agir feito homem

nesta viagem, não vai ser nunca, seu chorão imprestável. Estalão levou as mãos ao rosto, cobrindo o lugar onde estiveram os olhos, o lugar de onde as lágrimas traiçoeiras teriam vindo. Moveu uma mão e a colocou com firmeza sobre a boca, para que o soluço não escapasse. *Ela não pode me ver assim*, suplicou. *Não pode.*

Âmbar ainda estava falando sozinha.

— Às vezes não sei como falar com você. Ah. Ali está o caranguejo. Achei todas. Que vergonha, jogar essas contas como um bebê joga brinquedos longe. Agora tenha paciência enquanto ajeito essa corda.

Estalão tirou a mão da boca e respirou fundo para se acalmar. Então conseguiu dar voz a seu maior medo:

— Eu quebrei... elas quebraram?

— Não, sou uma artesã mais competente do que isso. — Âmbar estava sentada de volta no cobertor junto à fogueira. Estalão ouvia os sons discretos de seu trabalho, as batidas quase indistintas das contas umas nas outras. — Quando as fiz, tinha em mente que seriam expostas ao vento e à chuva. Coloquei bastante óleo e cera. E elas caíram na areia. Mas não vão ficar inteiras se você as jogar contra rochas, então acho melhor não arrancar mais o colar.

— Não vou arrancar — prometeu o navio. — Você está brava comigo? — perguntou, hesitante.

— Estava — admitiu Âmbar. — Mas passou.

— Você não gritou comigo. Ficou tão quieta que pensei que tinha ido embora.

— E quase fui. Detesto gritaria. Odeio que gritem comigo, nunca gritei com ninguém. Mas isso não significa que nunca fico irritada. — Após uma breve pausa, ela acrescentou: — Ou que nunca fico magoada. “Só minha dor é mais silenciosa do que minha raiva.” É uma citação do poeta Tinni. Ou uma paráfrase, na verdade, uma tradução.

— Quero saber o poema todo — implorou Estalão, mudando depressa para aquele assunto seguro.

Não queria falar de raiva, de ódio e de crianças mimadas. Talvez se Âmbar lhe contasse o poema, esqueceria que ele não tinha pedido desculpas. Estalão não queria que ela soubesse que ele não sabia se desculpar.

— Nana disse que preferiria ficar recebendo metade, se ainda pudermos pagar — anunciou Ronica, para a sala silenciosa.

Keffria estava sentada na cadeira diante da lareira, onde o pai se sentava quando estava em casa. Tinha uma pequena armação de bordado nas mãos e meadas de linhas coloridas dispostas no braço da cadeira, mas não estava mais fingindo trabalhar. As mãos de Ronica estavam igualmente ociosas.

— E podemos pagar? — perguntou a filha.

— Com dificuldade. Se aceitarmos comer e viver com mais simplicidade. Quase tenho vergonha de dizer o quanto estou grata e aliviada que ela tenha proposto isso. Eu me senti tão culpada por ter que demiti-la. A maioria das famílias quer uma jovem para cuidar de seus filhos. Ela teria dificuldade para encontrar outro lugar.

— Eu sei. E Selden ficaria arrasado. — Ela pigarreou. — Então, e Rache?

— A mesma coisa — disse Ronica, seca.

Keffria começou com cautela:

— Se as nossas finanças estão tão apertadas, talvez pagar um salário a Rache não seja tão essencial...

— Não vejo dessa forma — interrompeu Ronica.

Keffria se calou e simplesmente olhou para a mãe.

Passado algum tempo, foi Ronica quem desviou o olhar.

— Perdão. Sei que tenho sido ríspida demais. — Ela forçou a voz a permanecer num tom de conversa. — Sinto que é importante que Rache seja paga. Importante para todos nós. Não tão importante que eu colocaria Malta em risco por causa disso, mas muito mais importante do que vestidos novos e fitas para o cabelo.

— Eu concordo, para falar a verdade — disse Keffria, calma. — Mas queria discutir isso com você. Pois bem. Com essas despesas com as quais concordamos... ainda teremos o suficiente para pagar os Festrew?

A mãe assentiu.

— Temos o ouro, Keffria. Eu separei tudo o que devemos dessa parcela e mais a multa. Podemos pagar os Festrew. O que não podemos é pagar todos os outros. E alguns deles vão aparecer, exigindo o pagamento.

— E o que você vai fazer? — perguntou Keffria. Então, lembrando-se, mudou a pergunta: — O que acha que devemos fazer?

Ronica respirou fundo.

— Acho que a gente precisa esperar e ver quem vai aparecer e se vai insistir muito. Vivácia não deve demorar a voltar, e alguns dos credores podem estar

dispostos a esperar até ela chegar, mas outros podem exigir juros extras. Se não tivermos sorte, alguns exigirão pagamento imediato. Então teremos que vender uma das propriedades.

— Mas você acha que esse devia ser um último recurso?

— Acho. — A mãe falou com firmeza. — Carruagens, cavalos e joias vêm e vão. Acho que temos realmente sentido falta do que vendemos. Ah, sei que Malta ficou irritada por não ter roupas novas nesse inverno, mas acho que o sofrimento dela não é tão intenso quanto o temperamento. É bom que ela aprenda um pouco de frugalidade, já que não precisou praticar muito isso durante a vida.

Keffria segurou a língua. A filha se tornara um assunto doloroso, que ela gostaria de discutir o mínimo possível.

— Mas e a terra? — perguntou, olhando para a mãe.

Já tinham discutido isso antes. Não sabia por que mencionava o assunto de novo.

— As propriedades são outra história. À medida que as pessoas chegam a Vilamonte, as melhores terras se tornam cada vez mais preciosas. Se vendermos o que temos agora, as melhores ofertas viriam de gente nova. Isso é óbvio. Se vendermos para eles, perdemos grande parte da boa vontade dos colegas Velhos Mercadores. Estaríamos colocando mais poder nas mãos dessa gente nova. E, o que para mim é o ponto principal, estaríamos vendendo algo que jamais poderá ser substituído. Sempre dá para comprar uma carruagem nova ou alguns brincos, mas não existem mais terras aluviais disponíveis perto de Vilamonte. Se vendermos as nossas, estaremos abrindo mão delas para sempre.

— Você tem razão. E acha que podemos aguentar até Vivácia voltar?

— Acho. Tivemos notícias de que ela cruzou com o *Vestroy* nos Estreitos de Markham, o que significa que está dentro do cronograma para chegar a Jamaillia. A viagem para o sul é sempre mais complicada nessa época do ano.

Ronica só estava falando do que as duas já sabiam. O que havia de tão reconfortante em dividir mais uma vez esses pensamentos? A crença de que, caso falasse neles com bastante frequência, o destino daria ouvidos e colocaria seus planos em prática?

— Se Kyle se sair bem com a venda de escravos, como acreditava que sairia, então, quando ele voltar, devemos ter o suficiente para ficar em dia com os credores. — Ronica manteve a voz cuidadosamente neutra ao mencionar os escravos. Ainda não aprovava. Bem, Keffria também não, mas o que podiam

fazer?

— Se ele se sair bem com os escravos, teremos o suficiente — concordou Keffria. — Mas por pouco. Mãe, por quanto tempo podemos continuar apenas quitando nossas dívidas? Se os preços dos grãos caírem ainda mais, não vamos dar conta. O que faremos?

— Então não estaremos sozinhos — disse a mãe, lúgubre.

Keffria respirou fundo. Falavam com frequência das coisas que esperavam que acontecessem, mas daquela vez ela ousou mencionar o medo inaudito que alimentavam.

— Acha mesmo que vão se revoltar contra o sátrapa? Vai ter guerra?

Era difícil até mencionar a ideia de guerra contra Jamaillia. Apesar de terem nascido em Vilamonte, as duas consideravam Jamaillia um lar. Era a pátria, a fonte, o orgulho da gente de Vilamonte, o centro de toda a civilização e conhecimento. Jamaillia, a cintilante cidade branca do sul.

A mãe permaneceu em silêncio durante um longo tempo, antes de responder:

— Muita coisa vai depender de como o sátrapa responder aos emissários. Tem circulado outro rumor, dizem que o sátrapa vai contratar mercenários calcedianos como escoltas para navios mercantes jamaillianos, além de corsários para se livrarem dos piratas na Passagem Interior. As pessoas já estão discutindo o assunto, dizendo que não podemos permitir navios calcedianos armados no nosso porto e nas nossas águas. Mas não acho que haverá guerra declarada. Não somos um povo guerreiro, somos mercadores. O sátrapa deve saber que só estamos pedindo que ele cumpra sua palavra. Nossos emissários estão levando a escritura original para a companhia, e ela será lida em voz alta para o sátrapa e as companheiras. Ninguém pode negar o que nos foi prometido. Ele terá que mandar esses Novos Mercadores voltarem para os locais de onde vieram.

Keffria achou que a mãe estava fazendo aquilo de novo: falando em voz alta o que esperava que acontecesse, tentando forjar uma realidade a partir das próprias palavras.

— Alguns acham que ele vai oferecer dinheiro como compensação.

— Mas não vamos aceitar — retorquiu a mãe, mais que depressa. — Fiquei chocada com Davad Recomeço quando ele sugeriu que devíamos estabelecer uma quantia e tentar recebê-la. Não se pode comprar a palavra de volta. — Sua voz ficou amargurada quando acrescentou: — Às vezes acho que Davad esqueceu quem é. Ele passa tempo demais com os Novos Mercadores, volta e meia toma o partido deles. Estamos entre o mundo e os nossos parentes dos

Ermos Chuvosos. Devemos aceitar o dinheiro por nossa família?

— Tenho achado difícil me importar com isso. Sempre que penso neles, vejo-os como uma ameaça a Malta.

— Uma ameaça? — Ronica parecia quase ofendida. — Keffria, temos que lembrar que eles só estão fazendo com que a gente cumpra o acordo original. Exatamente a mesma coisa que estamos exigindo do sátrapa.

— Então você não fica com a impressão de que estaríamos vendendo a menina como escrava, caso chegasse a hora em que não tivéssemos como pagar e eles exigissem sangue no lugar do ouro?

Ronica ficou um momento em silêncio.

— Não, não me parece — disse, por fim, com um suspiro. — E eu não ficaria feliz em ver a menina partir. Mas, sabe, Keffria, nunca ouvi falar de nenhum homem ou mulher de Vilamonte que foi mantido contra a vontade pelos Mercadores dos Ermos Chuvosos. Eles procuram esposas e maridos, não criados. Quem gostaria de se casar com alguém que não quer ficar perto do cônjuge? Algumas pessoas vão para lá porque querem. E algumas que vão para lá como parte de um contrato retornam quando lhes convém. Você se lembra de Scilla Macieira? Ela foi levada para os Ermos Chuvosos quando sua família não cumpriu um contrato. Oito meses depois, eles a trouxeram de volta para Vilamonte, pois ela estava infeliz. E, dois meses depois, ela enviou uma mensagem dizendo que tinha cometido um erro, então vieram buscá-la de novo. Não deve ser tão ruim assim.

— Ouvi dizer que a família a coagiu a voltar para evitar a vergonha. Que o avô e a mãe sentiam que ela tinha feito os Macieira caírem em desgraça e quebrado o juramento ao voltar para Vilamonte.

— Pode ser — admitiu a mãe, na dúvida.

— Não quero que Malta vá para lá contra a vontade — disse Keffria, sem rodeios. — Não por dever, nem por orgulho. Nem mesmo pelo nosso nome. Se chegasse a esse ponto, acho que eu mesma a ajudaria a fugir.

— Que Sá me ajude, mas acho que eu também. — As palavras da mãe vieram minutos depois, ditas numa voz que parecia ter sido arrancada.

Keffria ficou chocada. Não só pelo que a mãe estava admitindo, mas pela intensidade da emoção revelada pela voz. Ronica prosseguiu:

— Já odiei aquele navio, em alguns momentos. Como madeira pode valer tanto? Eles não prometeram apenas ouro, mas também os próprios descendentes!

— Se papai tivesse continuado no comércio dos Ermos Chuvosos, a Vivácia

há muito já teria sido paga — observou Keffria.

— É bem provável. Mas a que custo?

— Era o que ele sempre dizia — concordou Keffria, hesitante. — Mas nunca compreendi. Papai nunca explicou isso para mim nem para Althea. Na única vez que perguntei a respeito, ele só me disse que achava que era um caminho desafortunado. Mas todas as outras famílias com navios-vivos negociam com as famílias dos Ermos Chuvosos. Como os Vestrit possuem um navio-vivo, também temos o direito de fazer isso. Mas papai se recusou. — Ela falou com bastante cuidado quando continuou. — Talvez seja uma decisão que devêssemos reconsiderar. Kyle estaria disposto. Deixou isso bem claro quando perguntou sobre os mapas do Rio da Chuva. Antes daquele dia, nunca tínhamos discutido a questão. Achei que papai talvez já tivesse explicado a ele. Antes daquele dia, ele nunca me perguntou por que tínhamos parado de fazer negócios no Rio. O assunto simplesmente nunca foi mencionado.

— E, se você conseguir cuidar bem das coisas, não será mencionado de novo — retrucou Ronica, seca. — Kyle no Rio da Chuva seria um desastre.

E ali estava outro tópico desconfortável: Kyle. Keffria suspirou.

— Eu lembro que, quando meu avô estava vivo, ele subia o rio com a Vivácia. Ainda me lembro dos presentes que ele trazia. Ganhei uma caixinha de música que cintilava ao tocar. — Ela meneou a cabeça. — Nem mesmo sei onde ela foi parar. — E acrescentou, mais comedida: — E nunca entendi por que papai se recusava a fazer negócios no Rio.

Ronica olhou para o fogo como se estivesse contando uma história antiga.

— O seu pai... se ressentia do contrato com os Festrew. Ah, ele amava o navio e não o teria trocado por nada no mundo. Mas, por mais que amasse a Vivácia, amava mais vocês duas. E, como você, ele via o contrato como uma ameaça às filhas. Ele não gostava de estar preso a um acordo sobre o qual não tinha direito de palavra. — Ronica abaixou a voz. — Dá para dizer que ele não estimava muito os Festrew, já que estava preso a um acordo tão cruel. Talvez as pessoas de antes vissem as coisas de outro jeito. Talvez... — Ela buscou as palavras. — Olha, acho que acabei mentindo, agora há pouco — disse, por fim. — Eu falo do modo como sei que eu deveria pensar: que um acordo é um acordo, e um contrato é um contrato. Só que esse foi feito numa época mais antiga e mais difícil. Mas ainda estamos presos a ele.

— Mas papai se ressentia disso — disse Keffria, voltando a conversa para aquele ponto.

— Ele desprezava os termos. Sempre dizia que ninguém quitava

completamente uma dívida com os Ermos Chuvosos. Novas dívidas eram sempre empilhadas em cima das antigas, de modo que as correntes que prendiam as famílias contratantes ficavam cada vez mais firmes com o passar dos anos. Ele odiava a ideia. Queria que chegasse logo o dia em que o navio seria nosso, sem nenhum impedimento. Aí, se decidíssemos fazer as malas e ir embora de Vilamonte, nada nos impediria.

Só de pensar naquilo Keffria se sentia abalada até o âmago de sua vida. Ir embora de Vilamonte? O pai realmente tinha cogitado levar a família para longe dali?

A mãe continuou:

— E, embora o pai e o avô dele tivessem comercializado mercadorias dos Ermos Chuvosos, Ephron sempre achou que eram maculadas. Era como ele dizia: maculadas. Magia demais. Ele sempre achou que, mais cedo ou mais tarde, essa magia cobraria um preço. E ele não achava que era... honesto, de certa forma, trazer a magia de outro lugar e outro tempo para esse nosso mundo. Uma magia que, talvez, tenha sido a ruína de outro povo. Talvez a ruína de todo o Litoral Amaldiçoado. Às vezes ele falava sobre isso, tarde da noite, e dizia que temia que o pessoal de Vilamonte acabasse se destruindo e destruindo o mundo todo, assim como os Antigos fizeram.

Ronica se calou. As duas ficaram em silêncio, pensativas. Era muito raro dizer aquelas coisas em voz alta. Assim como os mapas de canais difíceis representavam uma grande vantagem comercial, o mesmo valia para o conhecimento adquirido a duras penas e compartilhado entre os Mercadores de Vilamonte e os dos Ermos Chuvosos. Os segredos de que partilhavam eram tão fundamentais para sua riqueza quanto as mercadorias que comercializavam.

Ronica pigarreou.

— Então seu pai tomou uma decisão ao mesmo tempo corajosa e difícil: parou de fazer negócios rio acima. Isso significava que tinha que trabalhar o dobro e ficar ausente o triplo do tempo para obter o mesmo lucro. Em vez dos Ermos Chuvosos, ele procurou os pequenos lugares estranhos nos canais interiores, ao sul de Jamaillia. Fez negócios com o povo nativo desses lugares, atrás de mercadorias exóticas e raras, mas não mágicas. Seu pai jurou que isso faria a nossa fortuna. E, se tivesse vivido, provavelmente teria feito.

— Papai achava que a Praga de Sangue foi causada pela magia? — perguntou Keffria, hesitante.

— Onde você ouviu isso? — indagou Ronica.

— Eu era muito pequena. Foi logo depois que os meninos morreram. Eu me

lembro de ver Davad aqui. Papai estava chorando, e eu estava escondida do lado de fora da porta. Vocês estavam nesta mesma sala. Eu queria entrar, mas estava com medo, porque papai nunca chorava. E ouvi Davad Recomeço amaldiçoar os Mercadores dos Ermos Chuvosos e dizer que eles tinham desencavado a doença nas escavações da cidade. A mulher e os filhos dele também tinham morrido. E Davad disse...

— Eu me lembro — disse Ronica, de repente. — Eu me lembro do que Davad disse. Mas você era pequena demais para entender que ele estava sofrendo uma dor terrível. Uma dor terrível. — Ronica balançou a cabeça, e a tristeza transpareceu em seus olhos. — Em momentos como aquele, a gente diz coisas que não pretende que sejam levadas a sério. Ou mesmo que alguém acredite nelas. Davad precisava muito de alguém ou algo para culpar por sua perda. Durante um tempo, culpou os Mercadores dos Ermos Chuvosos. Mas já deixou isso para trás há muito tempo.

Keffria respirou fundo.

— É verdade que o filho de Davad...?

— O que foi isso? — O alerta na voz da mãe interrompeu as palavras de Keffria.

As duas se empertigaram tentando ouvir melhor. Ronica estava com os olhos tão arregalados que pareciam que iam saltar das órbitas.

— Parecia um gongo — sussurrou Keffria, quebrando o silêncio.

Era perturbador ouvir um gongo dos Ermos Chuvosos enquanto estavam discutindo sobre eles. Achou ter ouvido o arrastar de passos no corredor. Com um olhar alarmado, Keffria se levantou de um pulo. Quando chegou à porta e a abriu, a mãe estava logo atrás. Mas viu apenas um breve relance de Malta no final do corredor.

— Malta! — chamou, ríspida.

— Sim, mãe? — A garota deu meia-volta. Usava o roupão noturno e tinha uma xícara e um pires na mão.

— O que você está fazendo acordada a essa hora? — perguntou.

Como resposta, Malta ergueu a xícara.

— Eu não estava conseguindo dormir. Fiz um chá de camomila.

— Você ouviu um som estranho?

Malta deu de ombros.

— Acho que não. Talvez o gato tenha derrubado alguma coisa.

— Talvez não — murmurou Ronica, preocupada. Passou por Keffria e seguiu em direção à cozinha. Keffria a seguiu, e Malta, de xícara na mão, foi atrás das duas, curiosa.

A cozinha estava escura, exceto pelo luzir das brasas no fogão. Os cheiros familiares e um tanto seguros ainda estavam no ar: a lenha queimada no fogo, o fermento da massa de pão deixada crescendo para ser assada pela manhã, o aroma da refeição noturna que ainda pairava ali. Com uma vela nas mãos, Ronica atravessou o recinto familiar até a porta da rua e a abriu. O frio do inverno entrou, criando fantasmas de névoa na cozinha.

— Tem alguém aí? — perguntou Keffria, enquanto a vela tremeluzia à brisa.

— Não tem mais — respondeu a mãe num tom lúgubre.

Ronica atravessou a porta e saiu para a varanda gélida, olhou ao redor e se abaixou para recolher alguma coisa. Ela voltou para dentro da cozinha e fechou a porta com firmeza.

— O que é? — perguntaram Keffria e Malta.

Ronica pôs a vela na mesa, acrescentando uma pequena caixa de madeira ao lado. Ela olhou para o objeto por um momento e em seguida fitou Malta com os olhos apertados.

— Está endereçada a Malta.

— É? — gritou a menina, empolgada. — O que é? Quem mandou?

Ela correu até a mesa, o rosto iluminado pela expectativa. Adorava surpresas.

A avó colocou uma mão firme em cima da caixa quando Malta tentou pegá-la. Era evidente que a estava negando à neta.

— Acho que é uma caixa de sonho — prosseguiu Ronica, num tom glacial. — É um presente tradicional de cortejo dos Ermos Chuvosos.

Keffria sentiu o coração parar no peito. Ficou sem fôlego, mas a filha só tentou puxar a caixa de baixo da mão da avó, que lhe negava o presente.

— O que tem dentro? — perguntou. — Me dê a caixa.

— Não. — A voz de Ronica estava repleta de autoridade. — Você vai voltar com a gente para o escritório do seu avô. Você nos deve algumas explicações, mocinha.

A matriarca recolheu a caixa e saiu da cozinha pisando duro.

— Mãe, não é justo, a caixa foi mandada para mim! Mande a vovó me entregar a caixa. Mãe? Mãe!

Keffria percebeu que estava apoiada na mesa e se endireitou, hesitante.

— Malta. Você não ouviu o que sua avó disse? É um presente de cortejo! Como isso é possível?

Malta deu de ombros exageradamente.

— Eu não sei! Não sei quem mandou, nem o que tem dentro. Como posso dizer algo sobre isso se vovó não me deixa nem mesmo olhar a caixa?

— Venha para o escritório — ordenou Keffria, soltando um suspiro. Malta saiu correndo na frente dela. Quando Keffria entrou no aposento, a garota já estava discutindo com a avó.

— Não posso nem olhar? É para mim, não é?

— Não. Não pode. Malta, isso é sério, muito mais sério do que você parece compreender. Esta é uma caixa de sonho, e está marcada com o brasão da família Khuprus, que deve ser a mais prestigiosa das famílias de Mercadores dos Ermos Chuvosos. Não foi à toa que eles apareceram para representar a região toda, na última reunião. Não é uma família para ofender ou tratar levianamente. Sabendo disso, você ainda quer essa caixa? — Ronica a ofereceu à garota.

— Sim! — respondeu Malta, indignada, antes de tentar pegar a caixa outra vez.

Mas Ronica a recolheu de novo.

— Malta! — gritou Keffria. — Não seja tola. É um presente de cortejo. Deve ser devolvido, mas com muita educação. Temos que deixar claro que você é jovem demais para considerar o pedido de qualquer homem. Mas de um jeito muito cortês.

— Não, não sou — protestou Malta. — Ainda sou jovem demais para ser prometida, mas por que não posso considerar o pedido? Por favor, vovó, pelo menos me deixe ver o que tem dentro!

— É uma caixa de sonho — disse Ronica, brusca. — Dentro dela tem um sonho. Você não a abre para ver o que tem, e sim para sonhar.

— Como pode ter um sonho dentro de uma caixa? — perguntou Keffria.

— Magia — respondeu Ronica, irritada. — Magia dos Ermos Chuvosos.

O modo como Malta respirou fundo de repente revelou a sua empolgação.

— Posso ficar com ela esta noite?

— Não! — explodiu Ronica. — Malta, você não está ouvindo. Você não pode ficar com ela de jeito nenhum. Essa caixa precisa ser devolvida assim, sem ser aberta, com uma explicação extremamente educada de que deve ter havido um mal-entendido. Se você abrir essa caixa e ficar com o sonho, vai ter aceitado o

pedido e dado permissão para que ele a corteje.

— E qual é o problema disso? Não é como se eu estivesse prometendo me casar com ele!

— Se permitirmos que você abra a caixa, também estaremos aceitando o pedido. Que é a mesma coisa que dizer que a consideramos uma mulher e que pode ter pretendentes. E não a consideramos — concluiu Ronica, com firmeza.

Malta cruzou os braços sobre o peito e se atirou numa poltrona. Ela ergueu o queixo.

— Vou ficar muito feliz quando meu pai voltar para casa — resmungou, emburrada.

— Vai? — perguntou Ronica com frieza.

Observando as duas, Keffria se sentiu invisível. E inútil. Ver aqueles dois gênios fortes baterem de frente um com o outro era como assistir a touros jovens na primavera, quando se empurravam, bufavam e se desafiavam. Uma batalha estava acontecendo ali, uma batalha por domínio, para determinar qual daquelas mulheres ditaria as regras da casa enquanto Kyle estivesse ausente. Não, compreendeu de súbito. Kyle era apenas uma peça que Malta usava no jogo. A menina já tinha descoberto que podia manipular o pai, que não era páreo para sua malícia juvenil. À medida que a garota crescesse, o pai seria um problema ainda maior. Era evidente que ela acreditava que só restava a avó em seu caminho. A própria mãe tinha sido considerada um obstáculo insignificante.

Bem, e não era? Passara anos simplesmente seguindo o fluxo dos acontecimentos da casa. O pai navegava, a mãe administrava as propriedades em terra firme. Ainda morava na casa do pai, como sempre. Quando o marido voltava para casa, gastavam quase tudo o que ele ganhava se divertindo. Agora o pai estava morto, e a mãe lutava com Kyle pelo leme, enquanto brigava com Malta para ver quem determinaria as regras da casa. Não importava como as questões fossem decididas: Keffria continuaria invisível e ignorada. Malta não dava atenção às suas tentativas desajeitadas de exercer autoridade. Ninguém dava.

Keffria atravessou a sala.

— Mãe, me dê o presente — exigiu, categórica. — Como minha filha causou esse mal-entendido infeliz, creio que caiba a mim resolver a questão.

Por um momento, achou que a mãe lhe negaria isso. Então, com uma olhada para Malta, Ronica lhe entregou o presente. Keffria pegou a caixinha de madeira, muito leve em suas mãos. Percebeu que a caixa tinha um odor adocicado, mais

forte do que sândalo. Malta olhava para o presente com uma avidez similar à de um cão faminto que não tira os olhos de um pedaço de carne.

— Vou escrever uma resposta logo de manhã. Posso pedir ao *Kendry* para levar o recado rio acima.

A mãe assentiu.

— Mas embrulhe bem a caixa. Não podemos deixar que mais ninguém saiba o que está sendo devolvido. A recusa de um pedido de cortejo é uma questão muito delicada, seja lá por que motivo. Seria melhor manter em segredo entre as duas partes interessadas. — Quando Keffria balançou a cabeça em concordância, a mãe se virou para Malta. — Entendeu bem, Malta? Você não pode falar disso com mais ninguém, nem mesmo para as suas amiguinhas. Nem mesmo os criados. Esse mal-entendido deve ser desfeito depressa e definitivamente.

A garota emburrada a fitou em silêncio.

— Malta! — gritou Keffria, e a filha deu um salto. — Você entendeu? Responda.

— Entendi — resmungou a menina.

Malta lançou um olhar de desafio à mãe e se afundou ainda mais na poltrona.

— Ótimo. Então está decidido. — Keffria resolvera encerrar a batalha enquanto ainda estava ganhando. — E estou pronta para ir para a cama.

— Espere. — A voz de Ronica estava séria. — Tem mais uma coisa que você precisa saber sobre uma caixa de sonho, Keffria. Não são itens comuns. Cada uma é feita individualmente, ligada a uma pessoa especial.

— Como? — perguntou Keffria pouco à vontade.

— Bem, é claro que eu não sei. Mas sei que, para criar uma, o artesão precisa começar com um objeto pessoal do destinatário pretendido. — A mãe suspirou ao se recostar na cadeira. — Uma coisa dessas não veio parar na nossa porta ao acaso. E endereçada especificamente a Malta. — Ronica balançou a cabeça, parecendo angustiada. — Malta deve ter dado alguma coisa para um homem dos Ermos Chuvosos. Algo pessoal que ele considerou como um presente.

— Ah, Malta, não! — gritou Keffria, consternada.

— Eu não dei nada — retrucou Malta, desafiadora. — Eu não dei nada! — gritou.

Keffria se levantou e foi até a porta. Assim que se certificou de que estava bem fechada, voltou para confrontar a filha.

— Eu quero a verdade — disse, com calma e sem rodeios. — O que

aconteceu e quando? Como você encontrou esse jovem? Por que ele pensou que você aceitaria um presente de cortejo?

Malta olhou para as duas mulheres mais velhas.

— Na reunião dos Mercadores — admitiu, indignada. — Eu saí para tomar ar puro. Disse boa noite a um condutor por quem passei. Acho que ele estava encostado na carruagem dos Khuprus. Só isso.

— Como ele era? — perguntou Ronica.

— Não sei — respondeu Malta, dizendo as palavras devagar, com sarcasmo. — Ele era dos Ermos Chuvosos. Eles usam véus e capuzes, sabia?

— Sim, eu sei — retorquiu a avó. — Mas o condutor, não. Sua garota tonta, acha que eles desceram o rio numa carruagem? As famílias dos Ermos Chuvosos deixam as carruagens aqui, para usar só quando vêm a Vilamonte, e contratam condutores da região. Se você falou com um homem de véu, falou com um Mercador dos Ermos Chuvosos. O que você disse? E o que deu a ele?

— Nada — retrucou Malta, irritada. — Eu disse “boa noite” quando passei, e ele disse a mesma coisa. Só isso.

— Então como ele sabe o seu nome? Como fez um sonho para você? — insistiu Ronica.

— Eu não sei — retorquiu Malta. — Talvez ele tenha adivinhado qual era minha família pela cor do manto e perguntou a alguém. — De repente, para o completo espanto de Keffria, a menina caiu no choro. — Por que vocês sempre me tratam assim? Nunca me dizem nada de bom, são só acusações e repreensões. Vocês acham que sou alguma vadia ou uma mentirosa ou coisa parecida. Alguém me manda um presente, e vocês não me deixam nem ver o que é e já saem dizendo que é tudo culpa minha. Eu não sei mais o que vocês querem de mim. Vocês querem que eu seja uma garotinha, mas então esperam que eu saiba de tudo e seja responsável por tudo. Não é justo!

Ela enfiou o rosto nas mãos e soluçou.

— Ah, Malta — Keffria se ouviu dizer, cansada. Foi depressa até a filha e colocou as mãos nos ombros que ela sacudia. — Não achamos que você é uma vadia mentirosa. Só estamos muito preocupadas. Você está tentando crescer tão depressa, e há tantos perigos que ainda não compreende.

— Me desculpe — soluçou Malta. — Eu não devia ter saído naquela noite. Mas estava tão abafado lá dentro, e tão assustador, com todos gritando uns com os outros.

— Eu sei. Eu sei, foi mesmo assustador.

Keffria afagou a filha. Odiava ver Malta chorar daquele jeito, odiava que ela e a mãe tivessem pressionado a menina até ela ter um ataque de nervos. Mas, ao mesmo tempo, aquilo era quase um alívio. A Malta desafiadora e mordaz era alguém que Keffria não conhecia, mas a menina que chorava diante dela era uma garotinha querendo ser consolada. Talvez tivessem conseguido romper as barreiras. Talvez essa Malta fosse alguém com quem ela pudesse dialogar. Keffria se curvou para abraçar a filha, que retribuiu o abraço depressa e pouco à vontade.

— Malta — disse, baixinho. — Aqui, veja. Aqui está caixa. Você não pode ficar com ela e não pode abrir. Ela precisa ser devolvida amanhã, intacta. Mas você pode dar uma olhada.

Malta fungou e se endireitou. Olhou para a caixa que a mãe oferecia, mas não tentou pegá-la.

— Ah — disse, depois de um momento. — É só uma caixa entalhada. Achei que pudesse ter joias ou algo assim. — Então tirou os olhos da caixa. — Posso ir me deitar? — perguntou, cansada.

— É claro. Vá para a cama. Amanhã conversaremos mais, depois que todas tivermos descansado.

Uma Malta bastante calma fungou uma vez e em seguida balançou a cabeça. Keffria a observou sair lentamente do escritório e então se virou de novo para a própria mãe com um suspiro.

— Às vezes é tão difícil vê-la crescer.

Ronica assentiu em solidariedade, mas logo acrescentou:

— Tranque essa caixa em algum lugar seguro. Vou chamar um mensageiro de manhã cedo para levar a carta e a caixa até as docas e entregá-las ao *Kendry*.

Faltavam apenas algumas horas para o amanhecer quando Malta levou a caixinha para o seu quarto. Estava exatamente onde ela sabia que estaria: no lugar “secreto” da mãe, no fundo do guarda-roupa no toucador. Era onde ela sempre escondia os presentes de aniversário e os óleos corporais mais caros. Dera tudo certo, apesar do medo de que a mãe tivesse colocado a caixa debaixo do travesseiro ou que tivesse tentado abrir a caixa e ficar com o sonho.

Malta fechou a porta às suas costas e sentou-se na cama com a caixa no colo. Um presente tão pequeno tinha gerado todo aquele estardalhaço. Levou a caixa ao nariz e cheirou. Sim, bem que tinha sentido um aroma adocicado. Ela se levantou da cama e foi em silêncio até o próprio guarda-roupa. Numa caixa a um

canto, debaixo de várias bonecas antigas, estavam o cachecol e a joia flamejante. No quarto escuro, as contas pareciam arder com mais intensidade do que nunca. Malta ficou só admirando o brilho até se lembrar de por que a pegara. Cheirou o cachecol, então o levou de volta para a cama para compará-lo com a caixa. Odores diferentes, ambos exóticos. Ambos adocicados, mas diferentes.

Aquela caixa então podia nem ter vindo do homem de véu. A marca nela era como a que havia na carruagem, sim, mas talvez só tivesse sido comprada da família Khuprus. Talvez fosse de Cerwin. No decorrer dos anos, deixara diversos objetos pessoais na casa de Delo. Teria sido muito fácil e, na verdade, parecia muito mais provável. Por que um estranho encontrado por acaso lhe enviaria um presente caro? O mais provável era que fosse um presente de cortejo de Cerwin. A peça-chave de sua lógica logo se encaixou: se o homem de véu dos Ermos Chuvosos tivesse descoberto quem ela era e enviado um presente, teria pedido para ela devolver o cachecol e a joia flamejante, não teria? Claro que sim. Logo, o presente não era dele. Era de Cerwin.

Enfiou o cachecol e a joia debaixo do travesseiro e aninhou a caixa na curva de seu corpo, passando um dedo indicador em volta dos lábios, seguindo o contorno. Cerwin. Desceu o dedo pelo queixo e traçou uma linha entre os seios. Que tipo de sonho ele teria escolhido? Seus lábios se curvaram num sorriso. Tinha algumas suspeitas. Sentiu o coração palpitar.

Fechou os olhos e abriu a caixa. Ou tentou. Abriu os olhos e olhou para o objeto. O que pensou ser o trinco, não era. Quando descobriu como abrir a caixa, já estava irritada. E, quando abriu, a caixa estava vazia. Simplesmente vazia. Tinha imaginado que encontraria alguma poeira de sonhos cintilante, um clarão de luz, uma música, ou um perfume. Malta olhou nos cantos vazios da caixa e tateou o interior, para ter certeza de que não tinha deixado passar alguma coisa. Não. Estava vazia. Então qual era o significado daquilo? Uma piada. Ou talvez o presente fosse a caixa belamente entalhada e perfumada? Quem sabe nem era uma caixa de sonho, aquilo poderia ser só uma ideia antiquada da avó. Caixas de sonho. Malta nunca tinha ouvido falar daquilo. Numa onda de irritação, tudo ficou claro: a avó só dissera aquilo para que a mãe não a deixasse ficar com o presente. A não ser, talvez, que uma delas tivesse aberto a caixa e pegado o que tinha lá dentro.

— Odeio as duas — sibilou, num sussurro selvagem. Jogou o presente no tapete ao lado da cama e se atirou nos travesseiros. Sabia que devia se levantar e colocar a caixa de volta no armário da mãe, mas uma parte de si não se importava. Que descobrissem que tinha pegado a caixa. Queria que soubessem que ela sabia que as duas tinham roubado seu presente. Cruzou os braços sobre o

peito sem nenhum arrependimento e fechou os olhos.

Quietude. Vazio. Apenas uma voz. Um sussurro. *Então, Malta Vestrit, você recebeu meu presente. Aqui nos juntamos, você e eu. Vamos fazer um doce sonho juntos? Vejamos...* A minúscula centelha de consciência de que aquilo era um sonho se apagou.

Estava dentro de um saco de juta. O pano cobria sua cabeça e descia quase até os joelhos. Cheirava a pó e batatas. Tinha certeza de que aquilo já fora usado como saco de colheita. Estava sendo carregada no ombro de alguém, depressa e com triunfo, capturada e levada contra a vontade. O sujeito que a carregava tinha companheiros, que vibravam e riam em celebração à vitória, mas o homem estava satisfeito demais para dar vazão a sons tão infantis. Sentia a noite gelada e úmida pela neblina em contato com suas pernas. Estava amordaçada, com as mãos amarradas às costas. Queria se debater, mas tinha medo de que ele a derrubasse. E não fazia ideia de onde estava ou o que mais poderia lhe acontecer se conseguisse escapar. Mesmo assustada, aquele ainda era o lugar mais seguro em que podia estar no momento. Não sabia nada sobre o homem que a carregava, exceto que ele lutaria até a morte para ficar com ela.

Chegaram a algum lugar. Todos pararam, e o homem que a carregava a colocou de pé no chão, mas continuou a segurá-la. Malta ouviu uma conversa abafada, palavras rápidas ditas em voz baixa numa língua que ela não compreendia. Os outros pareciam insistir, rindo, em alguma coisa que o homem que a carregara recusava de forma amigável, porém firme. Passado algum tempo, ouviu o som de passos se afastando e sentiu que os outros tinham ido embora. Estava sozinha com o homem, que ainda a segurava pelos pulsos amarrados. Tremia.

Sentiu o beijo gelado do metal nos pulsos e de repente suas mãos estavam livres. Saiu de dentro do saco sem demora e arrancou a mordaça úmida da boca. Ainda estava meio cega pelo pó e as fibras da juta rústica. Esfregou o rosto e o cabelo com força e se virou para confrontar seu captor.

Estavam sozinhos numa noite escura e enevoada. Uma cidade e uma encruzilhada, não conseguia distinguir mais do que isso. O homem a observava, à espera. Malta não conseguia ver nada do rosto dele. O capuz escuro, de cujas profundezas ele a observava, estava muito puxado para a frente. Havia um pesado odor pantanoso na noite, e as únicas luzes vinham de tochas abafadas

pela neblina ao longe, na rua. Se saísse correndo, o homem partiria para cima dela? Será que estava num jogo de gato e rato? E se escapasse, estaria correndo em direção a um perigo ainda maior? Passados alguns momentos, sentiu que o homem a observava, deixando que se decidisse sobre o que faria.

Depois de algum tempo, ele balançou a cabeça, pedindo que ela o seguisse. O homem se afastou depressa por uma das ruas, e Malta foi atrás. Ele se movia depressa, com passos confiantes, pela cidade labiríntica. Momentos depois, tomou a sua mão. Malta não resistiu. A neblina estava densa e úmida, ofuscante, quase sufocante, e estava tão escuro que ela não conseguia ver nada a mais do que alguns passos de distância. Brechas na neblina mostravam construções altas de ambos os lados da viela por onde caminhavam, mas a escuridão e o silêncio pareciam absolutos. Seu companheiro parecia ter certeza do caminho a seguir. A mão grande dele era quente e seca ao toque contra a sua, que estava gelada.

Por fim, ele se virou e a conduziu pela descida de alguns degraus, antes de abrir uma porta, de onde saiu um som alto. Música, risadas e conversas, mas todas num estilo e numa língua que ela não conhecia, de modo que tudo era apenas barulho. Um barulho ensurdecedor — mesmo que tivesse sido capaz de compreender seu companheiro, não teria escutado o que ele dizia. Era algum tipo de estalagem ou taverna, concluiu. Havia muitas mesas pequenas e redondas, cada uma com uma única vela curta ardendo no centro. Ele a levou até uma vazia e fez sinal para que se sentasse, então se acomodou diante dela, do outro lado da mesa, e puxou o capuz para trás.

Durante muito tempo no sonho, os dois simplesmente ficaram ali, sentados. Talvez ele estivesse escutando a música, mas para Malta, tudo soava tão alto que chegava a ser ensurdecedor. Finalmente pôde ver o rosto de seu companheiro à luz da vela. Era belo de um jeito pálido, sem barba no rosto e cabelo louro, os olhos de um castanho caloroso. Tinha um pequeno bigode fino, e os ombros eram largos, os braços, musculosos. A princípio, o homem apenas a encarou. Passado algum tempo, ele estendeu o braço sobre a mesa e tomou sua mão. Então sorriu. Malta de repente sentiu que tinham chegado a um entendimento tão perfeito que ficou feliz por não haver palavras que pudessem interferir.

Pareceu que um longo tempo se passava. Ele então enfiou a mão numa algibeira e pegou um anel com uma pedra simples. Malta olhou para a joia e balançou a cabeça — não estava recusando o anel, só dizendo que não precisava de um símbolo material. O entendimento ao qual haviam chegado era perfeito demais para que fosse complicado com coisas como aquela. O homem guardou o anel e se curvou sobre a mesa na direção dela. Com o coração palpitando, ela também se inclinou para a frente. Ele a beijou. Apenas as bocas se tocaram.

Nunca tinha beijado homem nenhum, e seu corpo inteiro se arrepiou ao sentir a suavidade do bigode, o toque ligeiro da língua, que pedia que seus lábios se abrissem aos dele. O próprio tempo parou, pairando como um beija-flor naquele doce momento de decisão, de se abrirem ou permanecerem fechados.

Em algum lugar ao longe, ouviu uma voz masculina divertida, mas num tom de aprovação. *Você possui uma natureza calorosa, Malta. Muito calorosa. Mesmo que suas ideias de cortejo remontem àquele costume antiquíssimo do rapto...* Tudo estava desaparecendo, rodopiando para longe, deixando apenas aquela sensação titilante em sua boca. *Acho que vamos dançar bem juntos, você e eu.*



27

PRISIONEIROS

Wintrow estava num barraco enorme, com uma abertura numa das paredes e nada que impedisse a entrada do frio do inverno. O teto era resistente, mas as paredes eram pouco mais do que chapas de madeira áspera pregadas sobre uma armação de vigas. A baia em que estava se abria para uma passagem, de frente para uma longa fileira de baias idênticas. Os sarrafos de ambos os lados da baia forneciam uma privacidade mínima, e havia um pouco de palha de chão para ele se deitar e um balde num canto, onde fazer as suas necessidades. A única coisa que o impedia de simplesmente sair andando eram os grilhões em seus tornozelos, acorrentados a um pesado grampo de metal, cravado numa viga grossa e resistente como ferro. Wintrow tinha esfolado quase toda a pele dos tornozelos tentando determinar se conseguia deslocar o grampo com sua força — não conseguiu. Era seu quarto dia ali.

Dali a mais um dia, se ninguém aparecesse para buscá-lo, poderia ser vendido como escravo.

O carcereiro, muito jovial, explicara isso detalhadamente duas vezes, no primeiro e no segundo dia de confinamento. O homem aparecia uma vez por dia com uma cesta de pães, seguido pelo filho mentalmente incapacitado, que puxava um carrinho com um tonel de água e dava apenas uma concha a cada prisioneiro. Na primeira vez que o homem explicou aquilo, Wintrow implorou para que ele avisasse os sacerdotes no templo de Sá. Eles sem dúvida apareceriam para buscá-lo. Mas o carcereiro se recusou, dizendo que era perda de tempo. Explicou que os sacerdotes não se intrometiam mais em assuntos civis. E os prisioneiros do sátrapa eram um assunto civil, que nada tinha a ver com Sá ou o seu culto. Se não fossem buscados, os prisioneiros do sátrapa se tornavam os escravos do sátrapa e eram vendidos para o benefício do Tesouro Real. Não seria um triste fim para uma vida tão curta? O garoto não tinha família com a qual o carcereiro pudesse entrar em contato? O tom adulador do homem deixava claro que ele ficaria feliz em transmitir qualquer mensagem, desde que houvesse uma boa chance de suborno ou recompensa. A mãe não devia estar preocupada? Ele não tinha irmãos que pudessem pagar a fiança e soltá-lo?

Wintrow segurava a língua a cada pergunta. Dizia a si mesmo que tinha tempo para encontrar uma solução para aquele problema. Fazer o homem levar uma mensagem para o seu pai só o colocaria de volta no cativeiro original. Aquela não era uma solução. Com certeza pensaria em alguma coisa — bastava se dedicar.

E sua situação incentivava o pensamento, porque realmente não havia muito mais o que fazer. Podia se sentar, levantar, deitar ou agachar na palha. O sono não trazia descanso. Os barulhos das baias invadiam seus sonhos, povoando-os com dragões e serpentes que discutiam e imploravam em línguas humanas. Acordado, não havia ninguém com quem conversar. De um lado do cercado ficava a parede externa do barracão, e nas baias de ambos os lados via uma sucessão de prisioneiros indo e vindo: um bêbado desordeiro resgatado pela esposa chorosa, uma prostituta que apunhalara o cliente e fora marcada a ferro como castigo, um ladrão de cavalos que fora levado para ser enforcado. A justiça — pelo menos no que dizia respeito às punições — era ligeira nas celas do sátrapa.

Diante da jaula havia um corredor coberto de palha e uma fileira de baias similares no lado oposto, onde eram mantidos os escravos. Escravos indisciplinados e indesejados, caras-marcadas com costas e pernas cobertas por cicatrizes, iam e vinham. Eram vendidos por pouco e usados com rigidez, pelo que Wintrow podia ver. Não falavam muito, nem mesmo entre si. Wintrow imaginava que lhes restava pouco sobre o que conversar. Quando um homem perdia a autonomia sobre a própria vida, só lhe restava reclamar — e era o que faziam, mas com um desânimo que indicava que não esperavam mudança. Lembravam cães amarrados latindo. Os caras-marcadas do outro lado do corredor seriam bons para trabalhos pesados e brutos nos campos e pomares, mas não mais do que isso — pelo menos, foi o que Wintrow deduziu escutando as conversas: a maioria dos homens e das mulheres presos do outro lado do corredor eram escravos havia anos, e esperavam morrer escravos. Apesar da aversão que sentia ao conceito de escravidão, era difícil sentir pena de alguns deles — alguns tinham se tornado pouco mais do que animais de trabalho, reclamando de sua sina, mas sem força de vontade para lutar contra ela. Após observar os homens por alguns dias, Wintrow compreendeu por que alguns dos adoradores de Sá conseguiam olhar para aqueles escravos e acreditar que se encontravam naquela posição por vontade Dele. Era mesmo difícil imaginá-los como homens e mulheres livres e com parceiros, filhos, lares e um trabalho que os sustentasse. Não achava que aqueles seres tinham nascido sem almas, predestinados a serem escravos, mas nunca tinha visto pessoas tão desprovidas

da centelha espiritual da humanidade. Sempre que os observava, sentia um medo gélido espalhar-se lentamente por suas entranhas. Quanto tempo levaria para se tornar um deles?

Só tinha mais um dia para pensar em alguma solução. Na manhã seguinte, alguém viria para levá-lo até o tatuador, onde prenderiam seus pulsos e tornozelos aos grampos pesados e o forçariam a prender a cabeça no torno forrado com couro. Então colocariam a pequena marca que o designava como escravo do sátrapa. Caso o aristocrata decidisse ficar com ele, aquela seria sua única tatuagem, mas claro que o sátrapa não ia querer nada com ele —Wintrow não possuía nenhuma habilidade especial para oferecer, então seria logo colocado à venda. E, quando fosse vendido, uma nova marca seria tatuada em seu rosto: o emblema do novo dono.

Tinha passado várias horas considerando a situação. Se chamasse o carcereiro e o homem mandasse um mensageiro até o porto, o pai apareceria para tirá-lo dali, ou pelo menos mandaria alguém para isso. Wintrow teria de voltar ao navio e se tornar prisioneiro outra vez, mas pelo menos não teria o rosto marcado. Se não pedisse ajuda ao pai, seria tatuado, vendido e tatuado de novo — a não ser que escapasse ou que se dispusesse a trabalhar livre da escravidão, seria para sempre propriedade de alguém, pelo menos no que dizia respeito às leis. De qualquer forma, jamais se tornaria um sacerdote de Sá. Como estava determinado a cumprir sua vocação, determinado a voltar para o monastério, a questão se resumia a que situação oferecia a melhor chance de fuga.

E seus pensamentos sempre travavam aí, nessa bela conclusão. Simplesmente não sabia o que fazer.

Então se sentou no canto do cercado e ficou olhando, sem muito interesse, para os compradores que vinham examinar os escravos baratos e indesejáveis do outro lado do corredor. Wintrow estava com fome, com frio e desconfortável, mas a pior sensação era a da indecisão — apenas ela o impedia de se encolher numa bola melancólica e dormir.

Levou vários minutos para reconhecer Torg, que caminhava lentamente diante das baias de caras-marcadas. Quando o reconheceu, ficou chocado com o pulo de quase alegria de seu coração. Compreendeu que o nome daquela sensação era alívio. Sabia que Torg o veria e contaria ao pai, então não teria que tomar o que sempre suspeitara que era uma decisão covarde: Torg faria aquilo por ele. E, quando o pai viesse buscá-lo, não poderia zombar por Wintrow ter implorado por ajuda.

Wintrow poderia ter passado a se conhecer melhor, a compreender mais o que

o movia, se tivesse contemplado melhor essa questão, mas manteve a mente afastada. Talvez não quisesse se conhecer tão bem assim. Em vez disso, se levantou e foi para o canto do cercado, encostando-se desafiadoramente contra a parede. Cruzou os braços e esperou que Torg o notasse.

Foi surpreendentemente difícil permanecer imóvel e em silêncio, esperando o olhar de Torg. O segundo imediato avançava lentamente pela fileira oposta, examinando cada escravo, pechinchando com o carcereiro e assentindo ou balançando a cabeça. O carcereiro ia fazendo marcas num bloco de contas conforme avançavam de baia em baia, e Wintrow ficou intrigado com aquilo. Torg parecia estar comprando uma quantidade considerável de escravos, mas não eram os artesãos e escravos educados de que o pai lhe falara.

Observou o segundo imediato andar de modo afetado, obviamente impressionado com a própria importância, com o título de comprador de carne humana. Torg se pavoneava para o carcereiro, como se o outro fosse um homem que valia a pena impressionar, inspecionando os escravos sem a menor consideração por sua dignidade ou conforto. Quanto mais Wintrow o observava, mais desprezava o homem. Ali estava o contraponto à perda da disposição e da centelha dos escravos: um homem cuja presunção era alimentada pela humilhação e degradação de outros.

Mas também havia uma horrível pontada de medo naquela espera. E se Torg não se virasse? E se não o visse? O que aconteceria? Wintrow se rebaixaria e o chamaria? Ou o deixaria passar e enfrentaria um futuro repleto de outros Torgs com os quais lidar? Bem no momento em que pensou que fosse gritar, assim que mordeu a própria língua para não se entregar, Torg olhou na sua direção. O homem se virou para outro lado, depois voltou e olhou de novo para ele, como se não pudesse acreditar no que via. Arregalou os olhos, e um sorriso surgiu em seu rosto. Ele deixou a tarefa de lado e se aproximou da baia de Wintrow.

— Ora, ora — comentou, satisfeito. — Acho que isso aqui vai me dar um belo de um bônus. Um belo de um bônus. — Ele examinou Wintrow de cima a baixo, notando as palhas grudadas no manto puído, os grilhões em volta dos tornozelos esfolados e o rosto lívido de frio. — Ora, ora... Parece que sua liberdade não durou muito, não é, santinho?

— Você conhece este prisioneiro? — perguntou o carcereiro, parando ao lado de Torg.

— Conheço, ah, se conheço. O pai dele é... meu parceiro de negócios. E está desesperado para saber onde o filho foi parar.

— Ah. Então é sorte sua ter visto o menino hoje. Amanhã mesmo ele perderia

a liberdade como pagamento pela multa. Seria sido tatuado como escravo do sátrapa e vendido.

— Escravo do sátrapa! — O sorriso reapareceu no rosto de Torg. As sobrancelhas claras dançavam sobre os olhos cinzentos. — Ora, que ideia engraçada... — Wintrow quase podia ver a atividade lenta e cruel no cérebro de Torg. — E de quanto é a multa?

O carcereiro consultou uma corda de contas pendurada na cintura.

— Doze moedas de prata. Ele matou um dos escravos do sátrapa, sabia?

— Ele o quê?! — Torg pareceu incrédulo, mas então soltou uma gargalhada. — Bem, duvido que ele tenha feito isso, mas com certeza tem uma bela história por trás disso tudo. Pois bem. Se eu voltar com doze moedas de prata hoje à noite, compro a liberdade dele. E se eu não voltar? — Ele estreitou os olhos e sorriu, mais para Wintrow do que para o carcereiro: — Por quanto ele seria vendido amanhã?

O homem deu de ombros.

— Pelo valor que pagassem. É comum leiloar os escravos novos. Às vezes alguns amigos ou familiares aceitam comprar a liberdade deles, mas pode ter alguns inimigos ansiosos para virarem seus donos. O leilão pode ser bem disputado, e às vezes é bem divertido. — O carcereiro vira quem tinha o poder e começou a manipulá-lo. — Você poderia esperar e comprar o garoto de volta. Talvez economize uma ou duas moedas, mas talvez tenha que pagar mais. Claro que o garoto ficaria exposto marcado com o emblema do sátrapa. Você ou o pai poderiam libertá-lo logo depois, mas aí ele precisaria de uma tatuagem sua e de algum documento ou anel indicando que ele é um garoto livre.

— Não podemos simplesmente queimar a tatuagem? — perguntou Torg, sem nenhum tato.

Seus olhos devoraram o rosto de Wintrow em busca de algum sinal de medo, mas o rapaz se recusou a demonstrar qualquer sentimento. Torg não ousaria deixar que as coisas chegassem tão longe, só estava zombando e provocando daquele jeito de sempre, que achava divertido. Se Wintrow demonstrasse que estava afetado, Torg só teria mais prazer com a situação. Encarou o segundo imediato como se não estivesse muito interessado nele ou em suas palavras.

— É ilegal queimar a tatuagem de um escravo — anunciou o carcereiro, muito sério. — Qualquer pessoa com uma cicatriz de queimadura à esquerda do nariz é dada como um escravo foragido e perigoso. Se fosse pego, ele seria trazido de volta para cá e tatuado de novo com o símbolo do sátrapa.

Torg balançou a cabeça, numa tristeza fingida, mas o sorriso era maldoso.

— Que lástima marcar um rostinho bonito desses, não é? Bem... — Ele deu as costas a Wintrow de repente e indicou os escravos que ainda não havia inspecionado. — Vamos continuar?

O carcereiro franziu o cenho.

— Quer que eu mande chamar um mensageiro? Para avisar o pai do garoto?

— Não, não, não se incomode. Pode deixar que vou falar tudo para o pai dele, que não vai ficar nem um pouco feliz. Bem, e esta mulher, tem alguma habilidade ou treinamento especial? — Ele pronunciou as últimas palavras numa voz rouca, numa piada cruel com a velha agachada diante deles.

Wintrow estava tremendo. A raiva dentro de si ameaçava explodi-lo em pedaços. Torg o deixaria o quanto pudesse ali, no frio e na sujeira, mas contaria a seu pai e voltaria ali para testemunhar o confronto dos dois. Com um aperto gélido no coração, Wintrow imaginou o tamanho da fúria do pai. Além de tudo o homem estaria se sentindo humilhado, e Kyle Porto não gostava de humilhação. Ele daria um jeito de expressar isso ao filho. Wintrow se encostou à parede da baia, muito infeliz e miserável. Devia ter esperado e suportado. Faltava menos de um ano para seu aniversário de quinze anos. Quando a data chegasse, se declararia um homem independente da vontade do pai e simplesmente deixaria o navio, onde quer que estivessem. Aquela tentativa estúpida de fuga só faria os meses se estenderem ainda mais. Por que não tinha esperado? Wintrow se agachou lentamente e se sentou sobre a palha no canto da baia. Fechou os olhos para dormir. Dormir era muito melhor do que pensar na fúria paterna que teria de enfrentar.

— Saia — repetiu Kennit, num rosnado baixo.

Etta ficou onde estava, o rosto pálido, a boca firme. Segurava uma bacia de água com uma das mãos, enquanto a outra estava envolta em bandagens.

— Achei que seria mais confortável botar uma bandagem. Essa aí já está dura de sangue seco e...

— Saia! — berrou ele.

A mulher deu meia-volta, derramando água pela borda da bacia, e saiu correndo. A porta da cabine bateu com força às suas costas.

Kennit estava acordado e lúcido desde o início da manhã, mas tinham sido suas primeiras palavras a outro humano. Passara a maior parte do tempo encarando a parede, incapaz de compreender por que a sorte o abandonara.

Como aquilo podia ter acontecido? Como uma coisa daquelas podia ter acontecido a ele, o lendário capitão Kennit? Bem. Já era hora. Hora de ver o que aquela vadia tinha feito a ele, de retomar o comando. Era hora. Afundou os punhos nos lençóis e se levantou, sentando-se. Quando a perna ferida roçou contra os lençóis, a dor foi tanta que ele ficou enjoado. Voltou a suar, fazendo a camisola fedida grudar nas costas. Era hora. Agarrou os lençóis e os jogou para o lado. Olhou para a perna que a mulher arruinara.

Não estava mais lá.

A camisola tinha sido cuidadosamente enrolada e presa com um alfinete logo acima do ferimento. Ali estavam suas pernas, bronzeadas e peludas como sempre, mas uma acabava na metade, enfiada num bolo de bandagens sujas e marrons logo abaixo do joelho. Não era possível. Estendeu a mão para a perna, mas não havia onde encostar. Em vez disso, colocou a mão no espaço vazio onde o resto da perna deveria estar, como se a culpa pudesse ser de seus olhos.

Sentiu um soluço vindo, mas respirou fundo e segurou o choro. Não faria nenhum outro som. Nenhum. Tentou se lembrar de como as coisas tinham chegado àquele ponto. Por que trouxera aquela vadia louca a bordo? Por que estavam atacando navios de escravos, para começo de conversa? Era nos navios mercantes que estava o lucro. E navios mercantes não tinham uma manada de serpentes em seu encalço, prontas para agarrar suas pernas. Aquilo era culpa deles, de Sorcor e de Etta. Se não fosse pelos dois, ainda seria um homem inteiro.

Calma. Calma. Precisava ficar calmo, tinha que pensar bem na situação. Estava preso ali, naquela cabine, incapaz de caminhar ou de lutar. E Etta e Sorcor estavam contra ele. Só precisava descobrir se os dois estavam mancomunados. E por que tinham feito aquilo com ele? Por quê? Queriam tomar o navio? Kennit respirou fundo, tentando organizar os pensamentos.

— Por que ela fez isso comigo? — Então completou: — Por que ela simplesmente não me matou, então? Estava com medo de que a tripulação se rebelasse?

Talvez a mulher não estivesse mancomunada com Sorcor.

— Ela fez o que fez para salvar sua vida. — A vozinha em seu pulso soava incrédula. — Como pode pensar uma coisa dessas? Não se lembra de nada? Uma serpente tinha agarrado a sua perna e estava tentando arrancar você do navio, para jogar seu corpo para o alto e o engolir inteiro. Etta teve que cortar a sua perna. Era o único jeito de evitar que a criatura o devorasse.

— Acho muito difícil de acreditar — retrucou Kennit.

— Por quê?

— Porque eu conheço Etta. É por isso.

— E eu também conheço. Por isso sua resposta não faz o menor sentido.

— Cale a boca.

Kennit se forçou a olhar para o coto enfaixado.

— Está muito ruim? — perguntou ao amuleto, baixinho.

— Bem, para começar, não está mais aí — declarou o amuleto, insensível. — O golpe que Etta deu com a machadinha foi a única parte limpa do decepamento. A parte que a serpente arrancou estava meio mastigada e meio derretida. A carne parecia tutano derretido. E quase toda essa gosma marrom não é sangue, é pus.

— Cale a boca — pediu Kennit, numa voz fraca.

Olhou para as bandagens sujas cobertas de coágulos e imaginou o que havia por baixo. Tinham colocado um pano dobrado debaixo do coto, mas ainda restava uma mancha ocre no lençol fino e limpo. Era repulsivo.

O pequeno demônio sorriu para ele.

— Bem, você perguntou.

Kennit respirou fundo e berrou:

— Sorcor!

A porta foi escancarada quase que na mesma hora, mas era Etta quem estava parada ali, perturbada, com os olhos marejados. Ela entrou depressa na cabine.

— Ah, Kennit, você está com dor?

— Eu quero Sorcor! — gritou ele, e até para si mesmo soou como a ordem de uma criança petulante.

Então o primeiro imediato corpulento surgiu na entrada da cabine. Para espanto de Kennit, ele pareceu tão solícito quanto Etta, ao perguntar:

— Tem alguma coisa que eu possa fazer, capitão?

O cabelo desgrenhado de Sorcor estava arrepiado como se ele o tivesse puxado, e seu rosto estava pálido sob as cicatrizes.

Tentou se lembrar por que chamara Sorcor. Olhou para a sujeira repulsiva na cama.

— Quero isto aqui limpo. — Conseguiu fazer com que a ordem soasse firme, como se estivesse falando de um convés sujo. — Mande um marinheiro aquecer água para eu tomar banho. E separe uma camisa limpa. — Kennit notou o olhar incrédulo no rosto do imediato e percebeu que o estava tratando mais como um

pajem do que como o seu segundo em comando. — Minha aparência na hora de interrogar os prisioneiros é muito importante. Eles não podem me ver como um miserável aleijado em meio a lençóis sujos.

— Prisioneiros? — perguntou Sorcor, sem entender.

— Prisioneiros — respondeu Kennit, firme. — Eu mandei que poupassem três homens, não mandei?

— Sim, senhor. Mas isso foi...

— E três não foram poupados, para que eu pudesse interrogá-los?

— Tem um — admitiu Sorcor, pouco à vontade. — Ou o que restou dele. Sua mulher atacou o sujeito.

— O quê?

— Foi culpa dele — retrucou Etta, num rosnado baixo como o de uma gata ameaçadora. — A culpa foi toda dele por você ter se machucado. — Seus olhos eram fendas perigosas.

— Bem. Então vamos ver esse prisioneiro — disse Kennit, tentando recobrar a compostura. Que tipo de criatura trouxera a bordo? *Não pense nisso agora. Assuma o comando.* — Cuide para que as minhas ordens sejam cumpridas. Quando eu estiver apresentável, quero que ele seja trazido aqui. Mas ainda não quero ver a tripulação. Como foi o resto da captura?

— Sem problemas, senhor. E dessa vez conseguimos um pequeno bônus. — Apesar da ansiedade estampada no rosto de Sorcor, ele sorriu. — Parece que o navio era um pouco especial: estava levando um monte de escravos, mas o pessoal na proa era um presente do próprio sátrapa de Jamaillia para algum figurão em Calcede: uma trupe de músicos e dançarinos, com todos os instrumentos e roupas extravagantes e potes de tinta para o rosto. E joias, em vários bauzinhos de brilhantes... Guardei tudo de valor debaixo da sua cama, senhor. E muitos tecidos finos, rendas, algumas estátuas de prata e garrafas de conhaque. Uma bela carga. Não é pesada, mas é tudo da melhor qualidade. — Ele olhou de relance para o coto de Kennit. — Talvez o senhor queira experimentar um pouco do conhaque.

— Daqui a pouco. Esses dançarinos e músicos... são tratáveis? Como eles se sentem por a viagem ter sido interrompida?

Por que aqueles homens não tinham sido jogados ao mar com o resto da tripulação?

— São ótimos, senhor. Todos eram escravos. A trupe estava em dívida, então, quando os proprietários faliram, o sátrapa ordenou que os dançarinos e músicos

também fossem levados. O que não estava exatamente dentro da lei, mas, como ele é sátrapa, não precisa se preocupar com essas coisas. Não, os artistas estão felizes feito pintos no lixo por terem sido capturados por piratas. O capitão já os colocou para trabalhar, criando canções e danças para contar toda a história. O senhor vai ser o herói principal, é claro.

— É claro. — Canções e danças. Kennit de repente se sentiu inexplicavelmente cansado. — Estamos... ancorados. Onde? Por quê?

— Acho que essa angra não tem nome, mas é raso aqui. Estava entrando água no *Sicerna*, e isso já fazia algum tempo. Os escravos no porão sempre ficavam molhados. Achei melhor ancorar o navio aqui, onde não poderia afundar muito, enquanto colocamos mais umas bombas. Depois pensei em ir até a Enseada do Touro. Temos mão de obra suficiente para manter as bombas funcionando durante o caminho.

— Por que a Enseada do Touro? — perguntou Kennit.

Sorcor deu de ombros.

— Tem uma praia decente lá, aberta para a maré. — Ele balançou a cabeça. — O navio vai precisar de alguns reparos antes de estar em condições de navegar de novo, e a Enseada do Touro foi atacada duas vezes no último ano pelos traficantes de escravos, então acho que seremos bem recebidos.

— Veja bem — começou Kennit, com a voz fraca. Sorriu sozinho: Sorcor tinha razão. O homem tinha aprendido muito com ele. Coloque um navio ali, dê um discurso convincente acolá, e talvez conquistasse mais uma cidadezinha. O que poderia dizer? — Se as Ilhas Piratas tivessem um governante... que os saqueadores temessem... as pessoas poderiam viver... — Um tremor percorreu seu corpo.

Etta correu até ele.

— Ah, Kennit, deite-se. Você ficou branco feito um lençol. Sorcor, vá cuidar daquelas coisas, do banho e de tudo mais. E traga a bacia e as bandagens que deixei lá fora, no convés. Preciso delas.

Kennit ficou ouvindo, consternado, enquanto a mulher dava ordens ao seu imediato sem nem considerar o protocolo.

— Sorcor pode trocar a bandagem — declarou, desconfiado.

— Sou melhor nisso — retrucou ela, muito calma.

— Sorcor... — começou Kennit, mas o primeiro imediato ousou interrompê-lo, dizendo:

— Na verdade, senhor, ela tem a mão boa para essas coisas. Cuidou de todos

os nossos rapazes depois da última batalha, fez um belo trabalho. Vou tratar da água do banho. — Então saiu, deixando Kennit desamparado e sozinho com aquela víbora sanguinária.

— Agora, sente-se e fique parado — mandou Etta, como se ele pudesse se levantar e sair correndo. — Vou erguer sua perna e colocar alguma coisa embaixo, para não encharcar toda a roupa de cama. Então, quando tivermos terminado, vamos trocar esses lençóis. — Kennit cerrou os dentes e estreitou os olhos, conseguindo não soltar nenhum som quando ela ergueu o coto e colocou mais trapos dobrados debaixo do que restava da perna. — Agora vou umedecer as bandagens velhas antes de tentar puxar elas da pele. Assim elas ficam menos grudadas.

— Você parece saber bastante sobre isso — comentou Kennit, entre dentes.

— Putas apanham bastante — observou ela, pragmática. — Se não cuidarem umas das outras, quem vai cuidar delas?

— E tenho que confiar os cuidados do meu ferimento à mulher que cortou fora a minha perna? — perguntou Kennit, com frieza.

Etta parou o que estava fazendo. Como uma flor murchando, afundou no chão ao lado da cama. Seu rosto estava muito pálido. Ela se inclinou para a frente até apoiar a testa na beira da cama.

— Era o único jeito de salvar sua vida. Eu teria decepado minha própria mão em vez da sua perna, se fosse adiantar.

Kennit achou aquela declaração tão profundamente absurda que ficou sem saber o que dizer por um momento. Mas o amuleto sabia.

— O capitão Kennit pode ser um porco desalmado, mas eu compreendo que você fez o que tinha que fazer para me preservar. Obrigado.

O choque se mesclou com a fúria em ver que o amuleto tinha se relevado a outra pessoa. Kennit colocou a mão por cima do rostinho e sentiu os dentes diminutos se cravarem na carne da palma. Afastou a mão, sufocando um grito de dor, e Etta ergueu o rosto, encarando-o com olhos marejados.

— Eu entendo — disse, numa voz rouca. — Existem muitos papéis que um homem precisa desempenhar. Deve ser necessário que o capitão Kennit seja um porco desalmado. — Ela deu de ombros e tentou sorrir. — Não vou descontar isso no Kennit que é meu.

Ela estava com o nariz vermelho, e os olhos cheios de lágrimas eram bastante desconcertantes. Pior: a mulher ousava acreditar que ele era capaz de agradecer a ela por ter cortado sua perna. Kennit amaldiçoou o amuleto ardiloso e malicioso

por colocá-lo naquela situação, ao mesmo tempo que se agarrou à esperança mais ínfima de que ela acreditasse que aquelas palavras pudessem ter saído de seus lábios.

— Não vamos falar mais disso — sugeriu, mais do que depressa. — Faça o melhor que puder com essa bagunça na minha perna.

A água que ela usou para encharcar e soltar as bandagens estava quente como sangue, e Kennit mal sentiu até ela começar a descolar as camadas de linho e os fiapos do ferimento. Quando a dor chegou, ele virou a cabeça para o lado e se concentrou na parede até os cantos da visão começarem a oscilar. O corpo estava banhado de suor. Nem tinha percebido que Sorcor estava de volta até o imediato lhe oferecer uma garrafa de conhaque aberta.

— Um copo? — perguntou Kennit, com desdém.

Sorcor engoliu em seco.

— Pelo estado da sua perna, achei que seria perda de tempo.

Se Sorcor não tivesse dito isso, Kennit talvez tivesse conseguido não olhar para o coto. Enquanto o marinheiro revirava um armário em busca de um copo apropriado, Kennit se virou, hesitante, e olhou para onde antes ficava a perna saudável, forte e musculosa.

As bandagens sujas na verdade tinham suavizado o choque: ver a extremidade de sua perna num amontoado de tecido manchado não era o mesmo que ver a perna acabar numa ponta dilacerada de carne mastigada e esturricada. A extremidade parecia parcialmente cozida, e ele sentiu uma ânsia de vômito e um borbulhar amargo de bile na garganta. Engoliu, recusando-se a passar por aquela humilhação na frente dos outros. A mão do imediato estava tremendo quando ele ofereceu o copo. Ridículo. Sorcor já tinha causado ferimentos piores do que aquele que estava vendo agora. Kennit pegou o copo e tomou o conhaque de um gole só, inspirando, trêmulo. Bem, talvez sua sorte tivesse permanecido, ainda que de um modo peculiar — pelo menos a prostituta sabia como tratar dele.

Como se quisesse privá-lo até mesmo daquele simples consolo, Etta sussurrou para Sorcor:

— Isto aqui está horrível. Precisamos levá-lo para um curandeiro. E depressa.

Kennit contou três respirações. Agitou o copo para Sorcor, mas, quando o homem tentou servir o conhaque, pegou a garrafa. Um gole. Três respiradas. Outro gole. Três respiradas. Não. Estava na hora, era a hora.

Fez força e se sentou de novo. Olhou para a coisa na cama que um dia fora sua perna e desamarrou o cordão da gola da camisola.

— Onde está a água para o meu banho? — perguntou, brusco. — Não quero ficar sentado aqui inundado no meu próprio fedor. Etta. Deixe isso para lá até eu terminar de me lavar. Separe roupas limpas e encontre lençóis limpos. Quero estar limpo e vestido antes de interrogar meu prisioneiro.

Sorcor olhou de relance para Etta antes de dizer:

— Sem querer ofender, senhor, mas um cego não vai notar como o senhor está vestido.

Kennit olhou para o imediato.

— Quem é o prisioneiro?

— O capitão Reft, do *Sicerna*. Etta nos mandou tirar o homem da água.

— Mas ele não foi cegado na batalha. Estava intacto quando caiu no mar.

— Sim, senhor.

Sorcor olhou para Etta e engoliu em seco. Pois bem: era por isso que ele se dirigia à sua puta com aquela cautela respeitosa. Era quase engraçado. Evidentemente era uma coisa Sorcor desmembrar um homem durante uma batalha e outra bem diferente a prostituta torturar um prisioneiro. Não sabia que Sorcor se perturbava com essas minúcias.

— Talvez um cego possa não saber como estou vestido, mas eu saberia — observou Kennit. — Cumpra as ordens. Agora.

Porém, assim que falou, ouviram uma batida na porta. Sorcor deixou Opala entrar, trazendo dois baldes de madeira com água fumegante. O marinheiro deixou os baldes no chão e nem ousou olhar para Kennit, muito menos lhe dirigir a palavra.

— Senhor Sorcor, senhor, aquela gente da música quer tocar no convés para o capitão. Disseram que eu devia, hã... “pedir sua graça”. E... — o garoto franziu o cenho, tentando lembrar as palavras estranhas. — Hã... eles querem... “expressar sua extrema gratidão”... algo assim.

Kennit sentiu um leve tremor de movimento contra o pulso. Olhou para o amuleto escondido atrás dos seus braços cruzados: o pequeno rosto estava fazendo caretas de concordância e entusiasmo. Aquele desgraçadinho traiçoeiro parecia achar que ele devia dar ouvidos ao seu conselho. O amuleto estava murmurando algumas palavras, querendo que ele repetisse.

— Senhor? — perguntou Sorcor, com todo o respeito.

Kennit fingiu esfregar a cabeça para levar o amuleto para perto do ouvido.

— Um rei deve ser benevolente com seus súditos gratos. Um presente

desdenhado pode endurecer o coração de qualquer homem.

Kennit concluiu que era um bom conselho, apesar da fonte.

— Pois diga a eles que isso me daria muito prazer — declarou, falando diretamente com Opala. — Minha vida tem sido muito dura, mas não sou homem de desdenhar dos belos prazeres das artes.

— Sar! — blasfemou o garoto, em admiração. Ele assentiu, o rosto corado de orgulho de seu capitão. Uma serpente até podia abocanhar sua perna, mas ele ainda tinha tempo para a cultura. — Vou dizer a eles, senhor. Vida dura, belos prazeres — lembrou a si mesmo, saindo correndo da cabine.

Assim que o garoto saiu pela porta, Kennit se virou para Sorcor.

— Vá ver o prisioneiro. Dê água e comida suficientes para reviver o sujeito. Etta, meu banho, por favor.

Depois que o imediato saiu, Etta o ajudou a tirar o roupão noturno e o banhou com uma esponja, à moda calcediana. Kennit achava que era um jeito nojento de se banhar, simplesmente esfregando o suor e a sujeira pela pele, em vez de limpá-los com água, mas Etta cumpriu a tarefa bem o suficiente para que ele de fato se sentisse limpo. Enquanto a prostituta se ocupava com a limpeza das partes mais íntimas, Kennit ponderou que talvez houvesse mais de uma maneira para uma mulher ser útil a um homem. O banho e o enfaixe do ferimento ainda foram suficientemente desagradáveis para que Etta tivesse de lavar mais uma vez o suor de suas costas, peito e testa. Uma música suave começou a ser tocada, uma composição delicada de cordas, sinos e vozes femininas. Era até agradável.

Etta pegou uma das calças de Kennit e arrancou a costura lateral com muita naturalidade para que pudesse vesti-lo sem causar muita dor, costurando-a de novo logo em seguida. Abotoou a camisa para Kennit e penteou o cabelo e a barba com tanta habilidade quanto faria um pajem. Etta suportou mais da metade do peso do homem para ajudá-lo a se sentar na cadeira enquanto tirava os lençóis e refazia a cama. Nunca tinha suspeitado que aquela prostituta pudesse possuir tais talentos — claramente não percebera quão útil a mulher poderia ser.

Quando ele estava devidamente banhado e vestido, Etta desapareceu por um momento e retornou com uma bandeja de comida. Kennit não estava ciente da própria fome até sentir o cheiro da sopa quente e do pão branco. Depois que as pontadas intensas de seu apetite foram saciadas, largou a colher e perguntou, muito calmo:

— O que deu em você para se aproveitar do meu prisioneiro?

Etta deu um leve suspiro.

— Eu fiquei tão furiosa... — ela balançou a cabeça. — Fiquei irada quando aqueles homens feriram você. Quando me fizeram ferir sua perna. Jurei que conseguiria um navio-vivo para você, nem que fosse a última coisa que eu fizesse. Sabia que era sobre isso que você queria questionar os prisioneiros. Pois bem. De vez em quando, quando eu não aguentava mais ficar aqui, sentada, mas mesmo assim não conseguia dormir... eu ia falar com eles.

— Eles?

— No começo eram três. — Ela deu de ombros, sem pudores. — Acho que tenho a informação que você quer. Conferi mais de uma vez, com todo o cuidado. Ainda assim, mantive um deles vivo, pois tinha certeza de que você ia querer confirmar por conta própria.

Uma mulher de muitos talentos. E inteligente. Provavelmente teria que matá-la em breve.

— E o que você descobriu?

— Eles só tinham informações sobre dois navios-vivos. O primeiro se chama *Ofélia*, e partiu de Jamaillia antes deles, mas ainda tinha mercadorias de Vilamonte para negociar, então faria outras paradas no caminho para o norte. — Etta deu de ombros. — Poderia ainda estar atrás deles, ou talvez à frente. Não temos como saber. O único outro navio-vivo que viram recentemente ainda estava em Jamaillia quando saíram. Ele entrou no porto um dia antes de partirem e não planejava demorar muito. Estavam descarregando a carga e adaptando os porões para transportar escravos para o norte até Calcede.

— Não faz sentido usar um navio-vivo para isso — reclamou Kennit, irritado. — Eles mentiram para você.

Etta deu de ombros.

— É sempre uma possibilidade. Mas eles mentiram muito bem, separados, e em momentos diferentes. — Ela enrolou a camisa suada e suja junto com o lençol manchado da cama. — Eles me convenceram.

— É bem fácil convencer uma mulher. E foi só isso que contaram?

Etta lhe lançou um olhar que ousava ser gélido.

— O resto também devia ser mentira.

— Mas quero ouvir mesmo assim.

Ela suspirou.

— Eles não sabiam de muita coisa. A maioria eram rumores. Os dois navios ficaram juntos no porto por menos de um dia. A *Vivácia* pertence a uma família

Mercadora de Vilamonte chamada Porto. O navio seguirá para Calcede pela Passagem Interior o mais depressa que puder. Esperavam comprar principalmente artesãos e trabalhadores experientes, mas podem pegar mais alguns homens para fazer lastro. Um sujeito chamado Torg estava encarregado de tudo, mas não parecia ser o capitão. Não faz muito tempo que o navio-vivo despertou. Essa é sua primeira viagem.

Kennit meneou a cabeça.

— Porto não é nome de Mercador.

Etta estendeu as mãos.

— Você tem razão. Eles mentiram para mim. — Ela virou o rosto para o outro lado e ficou olhando para o anteparo, muito séria. — Desculpe por ter estragado o interrogatório.

A mulher estava ficando intratável. Se Kennit tivesse duas pernas boas, teria ido até ela e a empurrado de costas na cama e feito com que se lembrasse do que era. Em vez disso, teria que lisonjeá-la. Tentou pensar em algo gentil para dizer, para deixá-la agradável de novo, mas o latejar incessante da perna mutilada de repente se tornara uma dor forte e insistente. Kennit só queria se deitar, voltar a dormir e evitar tudo aquilo. E teria de pedir que ela o ajudasse.

— Estou imprestável. Não posso nem voltar para a cama sozinho — disse, amargurado. — Odeio que você me veja assim — acrescentou, num raro momento de honestidade. Lá fora, a música mudou. A voz de um homem forte começou um cântico, ao mesmo tempo terno e vigoroso. Ele inclinou a cabeça para compreender as palavras estranhamente familiares. — Ah — disse a si mesmo, em voz baixa. — Agora sei qual é a música. Se chama “De Kytris para sua amada.” Uma obra encantadora. — Tentou encontrar algum elogio para fazer a Etta, mas não conseguiu pensar em nada. — Você pode ir para o convés e escutar a música, se quiser — sugeriu. — É um poema bem antigo, sabia? — Os cantos da sua visão começaram a oscilar. Seus olhos se encheram de lágrimas com a dor. — Já o ouviu antes? — perguntou, tentando manter a voz firme.

— Ah, Kennit. — Etta balançou a cabeça, súbita e inexplicavelmente arrependida. Tinha lágrimas nos olhos quando se aproximou dele. — Não conheço nada mais belo do que esse poema. Desculpe. Às vezes sou tão insensível. Olhe para você, branco feito um lençol. Me deixe ajudá-lo a se deitar.

E ela ajudou, da forma mais gentil que conseguiu. Em seguida, passou uma esponja com água fria em seu rosto.

— Não — protestou Kennit, sem forças. — Estou com frio. Estou com muito frio.

Ela o cobriu com cuidado e se deitou junto ao lado bom dele. O calor de seu corpo era agradável, mas as rendas na frente da camisa arranhavam o rosto dele.

— Tire a roupa — instruiu. — Você é mais quente quando está nua.

Etta deu uma risadinha, ao mesmo tempo contente e surpresa.

— Que homem — comentou, repreendendo-o, mas se levantou para obedecer.

Ouviram uma batida na porta.

— O quê? — perguntou Kennit.

A voz de Sorcor soou surpresa.

— Eu trouxe o prisioneiro, senhor.

Era um incômodo grande demais.

— Deixe para lá — disse ele, com a voz fraca. — Etta já interrogou o homem. Não preciso mais dele.

A roupa caiu no chão em volta de Etta, que subiu na cama com cuidado, ajeitando o corpo quente contra o dele. Kennit de repente se sentiu muito cansado. A pele era macia e quente, um bálsamo.

— Capitão Kennit? — A voz de Sorcor soou insistente, preocupada.

— Sim — respondeu.

Sorcor abriu a porta. Logo atrás do imediato, dois marinheiros sustentavam o que restava do capitão do *Sicerna*. Eles encararam o seu capitão e ficaram boquiabertos. Kennit virou a cabeça para acompanhar o olhar dos marujos: ao seu lado, na cama, Etta segurava o lençol logo abaixo dos ombros nus, logo acima da curva delicada dos seios. A música do convés ficou mais alta. Ele virou a cabeça para o prisioneiro. A prostituta fizera mais do que cegá-lo: desfizera o homem pedaço por pedaço. Era uma visão repugnante. Não queria olhar para aquilo agora, mas tinha que manter as aparências. Pigarreou. Melhor acabar logo com o assunto.

— Prisioneiro. Você contou a verdade à minha mulher?

O destroço entre os dois marinheiros ergueu o rosto arruinado na direção da voz.

— Juro que contei. Várias vezes. Por que eu mentiria? — O homem começou a chorar alto. Ele fungou de um jeito estranho. Estava com as narinas cortadas. — Por favor, senhor, não deixe ela chegar perto de mim outra vez. Eu disse a verdade. Eu disse tudo o que sabia.

Aquilo de repente pareceu incômodo demais para valer a pena. O homem obviamente mentira para Etta e agora mentia também para Kennit. Era inútil. A

dor na perna estava martelando no interior de seu crânio.

— Eu estou... ocupado. — Ele não queria admitir o quanto estava exausto simplesmente por tomar banho e se vestir. — Cuide dele, Sorcor. Como achar melhor. — O significado das palavras estava claro, e a voz do prisioneiro se ergueu num uivo de negação. — Ah, e feche a porta ao sair — completou.

— Sar! — ouviu um marinheiro suspirar, quando a porta se fechou atrás deles e do prisioneiro lamuriento. — Ele já está mandando ver. Parece que nada pode abalar o capitão Kennit.

Kennit se virou muito de leve na direção do calor do corpo de Etta. Seus olhos se fecharam, e ele mergulhou num sono profundo.



28

VICISSITUDES

Nada daquilo parecia de fato real até colocarem as mãos nele. Provavelmente poderia ter afastado o velho carcereiro, mas aqueles homens de agora eram robustos e de meia-idade, imperturbáveis, musculosos e experientes.

— Me soltem! — gritou Wintrow, furioso. — Meu pai está vindo me buscar. Me soltem!

Mais tarde, refletiu como tinha sido idiota, acreditando que simplesmente lhes dizer para soltá-lo fosse fazer com que os homens obedecessem. Era uma das coisas que aprenderia. Palavras saídas da boca de um escravo não significavam nada: seus gritos furiosos eram tão incompreensíveis quanto o zurro de um asno.

Os homens torceram suas articulações para que ele seguisse, aos tropeços, na direção que queriam que fosse. Wintrow ainda nem tinha se recuperado da surpresa de ter sido agarrado quando se viu pressionado contra o bloco do tatuador.

— Fique quieto — mandou um dos homens, brusco, enquanto puxava os grilhões de seus pulsos contra um grampo. Wintrow puxou para o outro lado, querendo se soltar antes que o pino pudesse ser encaixado, mas só conseguiu esfolar a pele dos próprios pulsos, e o pino foi encaixado no lugar. Eles o haviam curvado depressa, acorrentando seus pulsos às proximidades dos calcanhares. Um dos homens o empurrou de leve, e ele enfiou a própria cabeça numa coleira de couro posicionada verticalmente no bloco. O outro deu um rápido puxão na tira de couro, firmando seu pescoço quase a ponto de estrangular. Se ficasse imóvel, Wintrow conseguiria respirar sem grandes dificuldade. Agrilhoado como estava, teria sido difícil respirar fundo. A coleira em volta do pescoço transformava até as arfadas curtas num esforço consciente. Reparou, atordoado, que os homens tinham feito aquilo com tanta eficiência quanto fazendeiros castrando bezerros. Com a mesma insensibilidade experiente, o mesmo uso preciso de força. Duvidava que sequer estivessem suando.

— O emblema do sátrapa — disse um deles, e o tatuador assentiu e deslocou um naco de cindina para a outra bochecha.

— Minha carne não foi feita por mim. Não vou perfurá-la para ostentar joias, manchar minha pele nem tampouco marcar meu rosto com adornos. Sou uma criação de Sá, feito como deveria ser. Não posso escrever sobre a minha carne. — Mal tinha fôlego para citar a escritura sagrada num sussurro, mas disse as palavras e rezou para que o homem as escutasse.

O tatuador cuspiu para o lado, e sua saliva estava manchada de sangue. Era um viciado, se entregava à droga mesmo com a boca em carne viva.

— A carne também não é a minha — retrucou o homem, bem-humorado. — É do sátrapa. Ah, até vendado eu consigo gravar o emblema. Se você ficar parado, vai ser mais rápido e doer menos.

— Meu pai... está vindo... pagar por mim. — Teve que se esforçar para tomar fôlego para aquelas palavras.

— Seu pai demorou demais. Fique parado.

Wintrow não teve tempo de pensar se ficar parado seria um consentimento àquela blasfêmia. A primeira agulha errou o alvo, atingindo o lado do nariz, perfurando a narina. Ele gritou e se debateu. O tatuador o esbofeteou com força atrás da cabeça.

— Fique parado! — ordenou o homem, irritado.

Wintrow fechou os olhos com força e cerrou o maxilar.

— Ah, odeio quando eles se contraem assim — resmungou o tatuador, irritado.

O homem trabalhou depressa. Uma dúzia de picadas da agulha, uma passada rápida de pano para limpar o sangue, e então a ardência de uma tinta. Verde. Outra dúzia de picadas, pano, ardência. Wintrow tinha a impressão de que, cada vez que respirava fundo, inspirava menos ar. Estava tonto, com medo de desmaiar, furioso consigo mesmo pela humilhação. Como desmaiar poderia humilhá-lo? Eram aquelas pessoas que estavam fazendo aquilo com ele. E onde estava o pai? Como podia estar atrasado? Ele não sabia o que aconteceria, caso se atrasasse?

— Não mexa no desenho. Não toque e não coce, ou a dor vai ficar pior — ia dizendo uma voz distante, acima do estrondo em seus ouvidos. — Ele está pronto. Levem o garoto e tragam outro.

Mãos puxaram os grilhões e a coleira, e Wintrow se viu levado à força mais uma vez para algum outro lugar. Tropeçou, meio atordoado, respirando fundo várias vezes. Seu destino acabou sendo outra baia, em outra fileira diferente, dentro de outro barracão. Aquilo não podia ter acontecido, disse a si mesmo.

Não podia ter acontecido com ele. O pai não o deixaria ser tatuado e vendido. Seus captores o deixaram numa baia separada para escravos novos. Cada um dos cinco escravos com os quais dividia o lugar tinha uma tatuagem verde ainda escorrendo tinta.

Os grilhões foram presos a um pino no chão, e os homens o deixaram ali. Assim que lhe soltaram seus braços, Wintrow levou a mão ao rosto. Tocou a bochecha, hesitante, sentindo o inchaço e a umidade da carne violada. Um líquido rosado escorria lentamente pelo rosto, pingando do queixo. Wintrow não tinha nada para estancá-lo.

Olhou para os outros escravos e percebeu que não dissera uma palavra desde que falara com o tatuador.

— O que vai acontecer? — perguntou a eles, aturdido.

Um jovem alto e magro estava cutucando o nariz com um dedo sujo.

— Vamos ser vendidos — respondeu, sarcástico. — E vamos ser escravos pelo resto da vida. A não ser que você mate alguém e fuja. — Ele tinha uma atitude obstinada de desafio, mas Wintrow sabia que eram apenas palavras. Palavras eram tudo o que restava de sua resistência.

Os outros pareciam não ter nem isso. Estavam de pé, sentados ou encostados, aguardando o que viesse. Wintrow reconheceu aquele estado: era típico de pessoas feridas gravemente. Não se perturbaram, simplesmente ficaram ali, sentados, olhando o nada e de vez quando estremecendo.

— Não consigo acreditar. — Wintrow ouviu a própria voz, aos sussurros. — Não consigo acreditar que Torg não contou ao meu pai.

Então se perguntou por que tinha achado que Torg fosse contar. Qual era o seu problema? Por que tinha sido tão estúpido? Confiaria o próprio destino a um idiota brutal e sádico. Por que não mandara uma mensagem ao pai? Por que não contara ao carcereiro, logo no primeiro dia? Pensando bem, por que tinha fugido do navio? A situação lá era realmente tão ruim? Pelo menos havia um fim à vista, uma espera de dois anos para se ver livre do pai. A situação em que tinha se enfiado não teria fim. E não teria Vivácia para confortá-lo. Pensar no navio fez uma solidão terrível tomar forma dentro de si. Tinha traído sua embarcação e acabara como escravo. Aquilo era real. Agora era um escravo. Para sempre. Wintrow se encolheu de lado na palha suja, agarrando os joelhos junto ao peito. Teve a impressão de ouvir o sopro ruidoso do vento ao longe.

Vivácia balançava desconsolada no porto plácido. Era um dia agradável, e a luz

do sol cintilava na ilustre e branca Jamaillia. Os ventos naquele dia sopravam do Sul, amenizando o dia de inverno e o fedor dos navios de escravos ancorados a seu lado. Não faltava muito para a primavera. Mais ao sul, onde Ephron sempre a levava, árvores frutíferas fariam cascatas de flores brancas e rosas. No sul, em algum lugar, estava quente e belo. Mas ela iria para o norte, para Calcede.

O trabalho dos martelos e serras dentro dela tinha finalmente cessado, e todas as modificações para ser um navio de escravos estavam terminadas. O dia seria passado carregando o que restava dos suprimentos, e no dia seguinte a carga humana seria levada para dentro. Navegaria para longe de Jamaillia, sozinha. Wintrow tinha ido embora. Assim que levantasse âncora, uma ou mais das serpentes preguiçosas na lama do porto se desenrolariam e a seguiriam. Serpentes seriam suas companheiras dali em diante. Na noite anterior, quando o porto estava imerso em silêncio, uma pequena serpente viera à tona, esgueirando-se por entre os navios de escravos ancorados. Quando a criatura se aproximou de Vivácia, ergueu a cabeça acima da água e a encarou, hesitante. Algo no olhar da criatura fez Vivácia sentir um aperto de terror na garganta. Não tinha nem conseguido chamar o vigia. Se Wintrow estivesse a bordo, pelo menos alguém teria sentido seu medo e ido ajudar. Obrigou-se a parar de pensar no garoto. Teria que se cuidar sozinha. A dor da perda apertava o coração, mas Vivácia a negou. Recusou-a por completo. Era um dia agradável. Ouviu as ondas baterem em seu casco enquanto oscilava, ancorada. Tão tranquilo.

— Navio? Vivácia?

Virou a cabeça para trás, bem devagar, e olhou para cima. Era Esteio, parado na coberta de proa, debruçado por sobre a amurada para falar com ela.

— Vivácia? Poderia parar com isso, por favor? Está deixando a tripulação nervosa. Estamos com dois marinheiros a menos, eles não voltaram da folga. Acho que ficaram meio assustados.

Assustados. O que havia de tão assustador no isolamento, na solidão e nas serpentes que ninguém mais via?

— Vivácia? Vou pedir que Findow venha tocar o violino. E tenho algumas horas de folga hoje, prometo que vou passar cada segundo do meu tempo livre procurando Wintrow. Eu prometo.

Eles realmente achavam que isso a deixaria feliz? Que, se encontrassem Wintrow e o arrastassem de volta para ela, se o forçassem a servi-la, ela ficaria contente e dócil? Kyle acreditava nisso, já que tinha obrigado Wintrow a navegar, quando saíram de Vilamonte. Kyle não entendia nada sobre a disposição dos corações.

— Vivácia — pediu Esteio, com um leve tom de desespero. — Por favor. Por favor, pode parar de balançar? A água está plana como vidro. Todos os outros navios estão parados. Por favor.

Sentia pena de Esteio. Ele era um bom imediato, e um marinheiro muito competente. Nada daquilo era culpa dele. Ele não precisava sofrer por isso.

Mas ela também não.

Tentou encontrar forças. Esteio era um bom marinheiro, e ela lhe devia alguma explicação.

— Eu estou me perdendo — começou, então percebeu como aquilo soava estranho. Tentou de novo. — Não é tão difícil quando sei que alguém vai voltar. Mas, quando não sei, de repente fica mais difícil me agarrar a quem sou. Começo a pensar... Não. Não a pensar. É quase como um sonho, apesar de os navios-vivos não conseguirem dormir. Mas é como um sonho, e no sonho sou outra pessoa. Outra coisa. E as serpentes me tocam, e isso deixa tudo pior.

O homem apenas pareceu mais preocupado.

— Serpentes — repetiu, incerto.

— Esteio — disse Vivácia num sussurro. — Esteio, tem serpentes aqui no porto. Ficam escondidas no fundo, na lama.

Ele respirou fundo e soltou um longo suspiro.

— Você já me disse isso. Mas, Vivácia, ninguém mais viu qualquer sinal delas. Acho que você pode estar enganada. — Ele fez uma pausa, esperando resposta.

Vivácia desviou o olhar.

— Se Wintrow estivesse aqui, ele as sentiria. Ele ia saber que eu não estou sendo tola.

— Bem — retrucou Esteio, relutante —, mas ele infelizmente não está. E sei que isso deixa você chateada. E talvez com medo, mesmo que só um pouco. — Ele parou por um momento. Sua voz assumiu um tom adulador, como se ela fosse uma criança nervosa. — Talvez realmente tenha serpentes lá embaixo. Mas, se elas estiverem lá, o que podemos fazer? Não estão nos atacando. Não acha que é melhor simplesmente ignorar a presença delas?

Vivácia virou a cabeça para encará-lo, mas o homem não devolveu seu olhar. O que ele pensava dela? Que estava imaginando serpentes? Que a tristeza por Wintrow abandoná-la a estava deixando louca? Então falou, muito calma:

— Não estou louca, Esteio. É... difícil... para mim... ficar sozinha desse jeito.

Mas não estou ficando louca. Talvez até esteja vendo as coisas com mais clareza do que antes. Vendo as coisas do meu jeito, não de um jeito... Vestrit.

Seus esforços para explicar só o deixaram confuso.

— Bem. É claro. Hã. — Ele desviou o olhar.

— Esteio, você é um homem bom. Eu gosto de você. — Ela quase não disse as palavras. Mas então acabou dizendo. — Você devia ir para outro navio.

Sentiu o medo repentino no suor do homem, quando ele lhe perguntou, mais do que depressa:

— Ah, mas que outro navio poderia se comparar a você? Depois de navegar a bordo de você, por que eu iria querer navegar em outra embarcação? — Havia uma falsa animação em sua voz.

— Talvez porque você queira viver — respondeu ela, numa voz bem baixa. — Tenho um péssimo pressentimento a respeito dessa viagem. Um péssimo pressentimento. Ainda mais se eu tiver que ir sozinha.

— Não fale assim! — disse o homem, irritado, como se ela fosse um marinheiro indisciplinado. Então, numa voz mais calma, completou: — Você não vai estar sozinha. Eu vou estar aqui com você. Vou mandar Findow vir tocar, está bem?

Vivácia deu de ombros. Tinha tentado. Fixou os olhos no pináculo distante do palácio do sátrapa.

Depois de algum tempo, o imediato foi embora.

Teve medo de que o capitão Tenira a reconhecesse, já tinha dançado com o filho dele na reunião de inverno, três anos antes. Porém, se o Mercador de Vilamonte viu alguma semelhança entre Athel, o marinheiro, e Althea, a filha de Ephron Vestrit, não demonstrou qualquer sinal. Ele a examinou criticamente de cima a baixo, então balançou a cabeça.

— Você parece um bom marinheiro, garoto, mas eu já disse: não preciso de mais ninguém. Minha tripulação está completa. — Ele falou como se aquilo encerrasse a questão.

Althea manteve os olhos abaixados. Avistara a Ofélia no porto dois dias antes. Ver o casco prateado e a figura de proa sorridente do velho navio-vivo a tocara profundamente, e uma ou duas perguntas nas tavernas da orla lhe forneceram todas as informações de que precisava: o navio-vivo estava rumando para casa, voltaria para Vilamonte dali a poucos dias. No instante em que ouviu aquilo,

Althea decidiu que, de um jeito ou de outro, iria a bordo. Ficara andando pelas docas, observando e esperando pela chance de falar com o capitão sozinho. O plano era simples: tentaria primeiro ser contratada como grumete. Se não desse certo, revelaria quem era e imploraria para ser levada para casa. Achava que ele não fosse recusar. Ainda assim, precisou de toda a coragem que tinha para seguir Tenira até aquela taverna da orla e esperar enquanto ele jantava. Tinha ficado num canto, esperando até ele terminar de comer. Quando o homem largou o garfo e se recostou na cadeira, Althea surgiu na sua frente. Agora, reunia toda a coragem que tinha.

— Senhor, com sua licença, senhor. Eu trabalharia de graça, apenas pela passagem de volta a Vilamonte.

O capitão se virou na cadeira para encará-la e cruzou os braços sobre o peito.

— Por quê? — perguntou, desconfiado.

Althea olhou para o chão da taverna entre seus pés descalços e mordeu o lábio inferior. Então ergueu os olhos para o capitão do navio-vivo Ofélia.

— Recebi meu pagamento do *Ceifeiro*... ainda tenho parte dele, pelo menos. Quero voltar para casa, senhor, e dar o dinheiro para a minha mãe. — Althea engoliu em seco, constrangida. — Antes que acabe. Prometi que voltaria para casa com dinheiro, senhor, já que meu pai não anda bem. E tenho tentado, mas quanto mais tempo levo procurando um navio de volta para Vilamonte, mais eu gasto. — Ela olhou de novo para o chão. — Mesmo que o senhor não me pague nada, eu provavelmente chegaria em casa com mais dinheiro se embarcasse agora do que se esperasse mais e tentasse encontrar um trabalho.

— Entendo. — O capitão Tenira olhou para o prato à sua frente e o afastou num movimento casual. Cutucou algo nos dentes de trás com a língua. — Bem. Isso é admirável. Mas mesmo assim eu teria os custos da sua alimentação. E trabalhar a bordo de um navio-vivo não é o mesmo que num navio qualquer. Eles se movem por uma força que não tem nada tem a ver com o vento ou o tempo. E Ofélia pode ser bastante obstinada.

Althea mordeu os lábios para conter um sorriso. Ofélia era um dos navios-vivos mais antigos — da primeira geração, por assim dizer. Era uma velhaca corada, indecente e lasciva quando queria, mas altiva e autoritária em outros momentos. “Bastante obstinada” era a descrição mais gentil que já ouvira para a embarcação.

— Os tripulantes precisam ser mais do que ligeiros e espertos — explicava o capitão Tenira. — Eles precisam ser firmes. Você não pode ter medo ou ser supersticioso. E também não pode deixar que ela o intimide. Já esteve a bordo de

um navio-vivo, garoto?

— Mais ou menos — admitiu Althea. — Antes de começar a navegar, eu sempre ia até a muralha norte de Vilamonte e conversava com eles. Gosto deles, senhor. Não tenho medo.

O capitão pigarreou.

— E um navio mercante é bem diferente de um navio de abate — observou, num tom de voz diferente. — Nós nos movemos bem mais depressa e nos mantemos bem mais limpos. Quando o imediato lhe disser para pular, você pula na hora. Acha que pode fazer isso?

— Sim, senhor, posso fazer. E sou limpo, mantenho minha área limpa. — Althea estava balançando a cabeça feito um fantoche.

— Bem. — O capitão ainda ponderava. — Mas mesmo assim não preciso de você, veja bem. Servir a bordo de um navio-vivo é uma coisa que muitos homens fariam de tudo para conseguir. Você está assumindo um posto que eu não teria problema algum em preencher com um homem mais velho e mais experiente.

— Eu sei, senhor. Aprecio isso, senhor.

— É melhor apreciar, mesmo. Sou um capitão bem rígido, Athel. Você pode se arrepender antes de chegarmos a Vilamonte.

— Sem querer ofender, mas ouvi muitas coisas sobre o senhor. Que o senhor era rígido, mas justo. — Ela deixou os seus olhos encontrarem os dele mais uma vez. — Não tenho medo de trabalhar para um homem justo.

Era um comentário com a dose ideal de lisonja. O capitão quase sorriu.

— Vá se apresentar ao imediato. O nome dele é Grag Tenira. Diga a ele que eu o contratei e que você quer raspar a ferrugem da corrente da âncora.

— Sim, senhor — respondeu Althea, fazendo uma careta bem discreta. Raspar a ferrugem da corrente da âncora era uma tarefa interminável. Então lembrou a si mesma que mesmo raspar ferrugem da corrente da âncora de um navio-vivo era melhor do que qualquer outra tarefa que já fizera a bordo do *Ceifeiro*. — Obrigado, senhor.

— Então vá trabalhar — mandou o capitão Tenira, com um sorriso. Sentou-se um pouco mais para a frente na cadeira, ergueu a caneca de cerveja e a agitou para um garçom que passava.

Althea soltou um imenso suspiro de alívio assim que pisou na calçada. Mal sentia o vento gelado que soprava. Tenira não a reconhecera — achava improvável que ele fosse reconhecê-la. Como um reles grumete, era improvável

que ficasse muitas vezes cara a cara com o capitão. Agora que o homem a vira como Athel, provavelmente continuaria a vê-la como garoto. Estava confiante de que também conseguiria passar por Grag Tenira. Athel, o grumete, não se parecia em nada com Althea, a parceira de dança. De repente sentiu o coração leve ao compreender que conseguira: tinha uma passagem de volta para Vilamonte. E, se tudo o que ouvira sobre o capitão Tenira fosse verdade, acabaria ganhando algumas moedas na viagem. O homem era justo e iria recompensá-la se a visse trabalhando duro. Surpreendeu-se com um sorriso no rosto. Ofélia partiria no dia seguinte. Só precisava pegar o saco de marinheiro, rumar para o navio e encontrar um lugar onde pendurar a rede. No dia seguinte, estaria a caminho de casa.

E mais uma vez a bordo de um navio-vivo. Seu coração encarou aquela questão com sentimentos conflitantes. Ofélia não era Vivácia. Não teria um elo com o navio. Por outro lado, Ofélia não seria algum pedaço morto de madeira empurrado apenas pelo vento e pelas ondas. Seria bom estar de novo a bordo de uma embarcação responsiva. E ficaria feliz em deixar aquela cidadezinha suja para trás.

Rumou para a estalagem decrépita em que estava hospedada. Embarcaria em Ofélia naquela mesma noite e zarparia no dia seguinte. Não havia tempo para encontrar Brashen e se despedir. Não fazia ideia de onde ele estava. Até onde sabia, Brashen podia já ter zarpado de novo. Além do mais, de que adiantava? Seguiria seu próprio caminho, e Brashen seguiria o dele. As coisas eram assim. Não tinha nenhuma ligação com aquele homem. Nenhuma. Nem sabia por que estava pensando nele. E com certeza não tinha mais nada a lhe dizer. E vê-lo de novo só faria com que palavras e assuntos difíceis fossem mencionados.

* * *

O escritório do agente marítimo era pequeno e abafado. Na lareira ardia um fogo alto para uma sala tão diminuta, que parecia fumacenta depois do dia de vento fresco do lado de fora. Brashen puxou a gola da camisa e forçou as mãos a ficaram paradas sobre o colo.

— Eu faço contratações para o *Véspera da Primavera*, é esse o nível de confiança que o capitão tem em mim. E é uma confiança que levo muito a sério. Se eu deixá-lo zarpar com um homem desleixado ou um bêbado, posso custar tempo, dinheiro e vidas ao navio. Então tomo muito cuidado com quem contrato.

O agente, um homenzinho calvo, parou para dar uma baforada num cachimbo. Parecia esperar uma resposta, de modo que Brashen tentou pensar em uma.

— É uma grande responsabilidade — arriscou.

O agente exalou uma fumaça amarelada que fez os olhos e a garganta de Brashen arderem, mas ele tentou não demonstrar desconforto. Só queria a posição de imediato anunciada no aviso do lado de fora da porta. O *Véspera da Primavera* era uma pequena embarcação mercante de calado baixo que subia e descia a costa entre Vilavelas e Vilamonte. A carga que pegava ou deixava em cada cidade determinava qual seria o próximo porto em que atracaria — pelo menos fora o que o agente explicara, com toda a delicadeza. Para Brashen, a impressão era de que o *Véspera da Primavera* trabalhava com os piratas, comprando e vendendo cargas roubadas de outros navios. Brashen não tinha certeza se queria se envolver com esse tipo de trabalho. Na verdade, tinha bastante certeza de que não queria se envolver com nenhum trabalho, de qualquer tipo, mas estava sem dinheiro e quase sem cindina, então precisava trabalhar. E aquele era um emprego tão bom quanto qualquer outro. O homem estava falando de novo, e Brashen tentou fingir que prestava atenção.

— ... então o perdemos. Foi uma pena, ele já estava conosco há anos. Mas, como tenho certeza de que você sabe... — O agente deu outra longa baforada no cachimbo e expeliu a fumaça pelo nariz. — O tempo e a maré não esperam ninguém. Nem as cargas perecíveis. O *Véspera da Primavera* precisa voltar a navegar, e, para isso, precisamos de um novo imediato. Você parece estar familiarizado com as águas de que lhe falei. Talvez não dê para lhe pagar o que você acha que vale.

— O que vocês poderiam me pagar? — perguntou Brashen, sem rodeios. Então sorriu, tentando suavizar a brusquidão das palavras. A dor de cabeça voltara de repente, e achava que ia vomitar se o sujeito soprasse a fumaça mais uma vez no seu rosto.

— Bem. — O agente pareceu um pouco irritado com a pergunta. — Isso depende, é claro. Você tem a confirmação de serviço do *Ceifeiro*, mas nada para provar essa outra experiência que diz ter. Preciso pensar a respeito.

O que ele queria dizer era que esperava que alguém com mais confirmações de serviço fosse se candidatar ao cargo.

— Entendo. Quando você vai saber se me quer?

Outra pergunta grosseira demais. Percebeu isso assim que ouviu o que dizia, mas parecia incapaz de controlar as palavras que saíam de sua boca. Sorriu mais uma vez para o homem e torceu para que o sorriso não saísse tão enjoado quanto se sentia.

— Possivelmente no início da manhã.

Quando o agente deu uma tragada no cachimbo, Brashen se curvou para a frente e fingiu ajeitar a barra da calça. Esperou até que ele tivesse exalado antes de se levantar. Ainda havia uma nuvem de fumaça amarelada à espera. Ele tossiu e pigarreou.

— Então venho lhe ver depois, está bem?

Brashen começou a sentir um nó de ansiedade no estômago. Teria de aguentar outro dia sem comida, outra noite dormindo ao relento. A cada dia que passava assim, tinha menos chance de conseguir um emprego decente. Um homem faminto, sujo e de barba desgrenhada não era o que um agente procurava num imediato.

— Sim. Faça isso — concordou o agente, distraído. Já estava remexendo em papéis na mesa, esquecido de Brashen. — E venha pronto para zarpar. Se quisermos você, vai ser para a mesma hora. Bom dia.

Brashen se levantou devagar.

— Isso é ridículo. Você não diz se vão me querer ou quanto vão me pagar, mas tenho que ficar de prontidão para partir se você piscar para mim. Acho que não. — *Seu idiota!*, gritava alguma parte racional dentro dele. *Cale a boca, cale a boca, cale a boca!* Mas tinha mesmo dito aquilo, e sabia que só pareceria estúpido, para não dizer grosseiro, se tentasse retirá-las. Tentou imprimir um pouco de civilidade à voz, ao acrescentar: — Um bom dia para o senhor. É uma pena não termos conseguido fazer negócios.

O agente marítimo pareceu ao mesmo tempo ofendido e preocupado.

— Espere! — exclamou, quase com raiva. — Espere.

Brashen parou e se virou para o homem, erguendo a sobrancelha.

— Não vamos nos precipitar. — Os olhos do homem iam de um lado a outro, indecisos. — Vou lhe dizer o que podemos fazer. Vou falar com o homem do *Ceifeiro* hoje mesmo, só não sei em que momento. Se ele disser não tem nada de errado com você, pagaremos o mesmo salário de lá. Isso é justo.

— Não, não é. — Após adotar uma postura obstinada, Brashen não teve escolha a não ser continuar com ela. Não queria que o agente conversasse com ninguém daquele navio. — No *Ceifeiro* eu era terceiro imediato. Se eu for trabalhar no *Véspera da Primavera*, serei o primeiro imediato. Não o capitão, nem um simples marinheiro. O primeiro imediato é responsável por qualquer coisa que dê errado a bordo. O *Véspera da Primavera* pode ser uma embarcação menor, mas é mais trabalho. A tripulação de um navio mercante precisa trabalhar com mais afinco e mais depressa do que a de um navio de abate. E aposto que o

Véspera da Primavera lucra mais do que o *Ceifeiro*, se faz jus ao nome. Se eu navegar como primeiro imediato, quero receber o mesmo salário do último imediato.

— Mas ele tinha anos de experiência a bordo! — guinchou o agente.

— Eu tenho anos de experiência como primeiro imediato na *Vivácia*, uma embarcação consideravelmente maior. Vamos lá, só quero que me paguem o que pagaram ao último homem. Se lucraram com ele, posso garantir que terão o mesmo lucro comigo.

O agente afundou na cadeira.

— Você tem a arrogância de um bom imediato — admitiu, a contragosto. — Está bem. Venha preparado para zarpar. E com um salário de primeiro imediato. Mas estou avisando: se deixar a desejar, o capitão vai largar você no próximo porto, não importa quão pequeno seja.

— Eu vou lhe fazer um favor, já que sou honesto e trabalhador — retrucou Brashen. — Vou me apresentar no navio agora. Se ele vai zarpar amanhã, quero pelo menos esse tempo para me certificar de que tudo está armazenado do jeito certo e garantir que a tripulação entenda que sou o primeiro imediato. Isso vai dar ao capitão um dia inteiro para testar meu valor. Se ele não gostar do meu jeito de fazer as coisas, pode me mandar embora. Justo?

Foi o momento certo de oferecer aquela concessão. Com isso, o agente pôde manter um pouco do orgulho ao estreitar os olhos, pensativo, para em seguida assentir.

— É justo. Você sabe onde o *Véspera da Primavera* está atracado?

Brashen sorriu para o homem.

— E eu lá pareço o tipo de homem que pediria um cargo a bordo de um navio que nunca viu? Sei onde ele está. Eu e meu saco de marinheiro estaremos a bordo, caso você mude de ideia. Mas acho que não vai mudar.

— Bem. Está certo, então. Um bom dia para você.

— Bom dia.

Brashen saiu do escritório, fechando a porta com firmeza às suas costas. Uma vez lá fora, desceu a rua pisando firme — era um homem com um propósito. Ficou aliviado em descobrir que o saco de marinheiro ainda estava no monte de feno atrás do estábulo de aluguel onde passara a noite anterior. Se o saco tivesse sido roubado, estaria em apuros. Brashen abriu o saco e passou os olhos pelo conteúdo, querendo se certificar de que nada estava faltando. Não que tivesse muita coisa de valor, mas o que era seu, era seu. Revirou o saco. O suprimento

de cindina ainda estava ali — estava acabando, mas seria o suficiente. Não usaria a droga enquanto estivesse de serviço, nunca usava cindina em serviço. O mais provável é que a deixasse de lado e nem a usasse durante o tempo a bordo. Afinal, durante os anos em que esteve a bordo da Vivácia, não usara a droga nem uma só vez, nem mesmo quando recebia folga para desembarcar.

Pensar na Vivácia causou uma pontada de dor. Tinha perdido muito junto com seu lugar a bordo. Tentou imaginar como as coisas poderiam ter sido se Ephron Vestrit não tivesse adoecido. Sabia que ainda estaria navegando a bordo do navio-vivo. Althea também. Pensar nela era ainda pior. Não sabia nem ao menos onde ela estava, naquela cidade suja. Ele era burro e teimoso, isso sim. Não tinha por que ter ido embora daquele jeito, naquela noite. Certo, Althea tinha mesmo dito que os dois sequer se conheciam. Mas eram apenas palavras — ele sabia que não eram verdade, e ela também.

Althea o conhecia tão bem que não quisera mais nada com ele.

Brashen parou na rua, abaixou o saco de marinheiro e pegou o que restava de cindina. Quebrou um pedacinho do talo e o enfiou na bochecha. Não era muito, só o suficiente para ajudar a parecer disposto até fazer uma refeição decente a bordo. Estranho como duas noites de barriga quase vazia podiam fazer até o biscoito duro e a carne salgada parecerem apetitosos. A cindina ardeu por um momento, e ele a empurrou para uma posição melhor com a língua. Brashen respirou fundo, sentindo o amargor na boca, e o mundo inteiro entrou em foco. Jogou o saco no ombro e seguiu para as docas.

Seria bom ter um lugar no mundo outra vez. E o *Véspera da Primavera* prometia ser um navio interessante. Tinham subido e descido muitas vezes a Passagem Interior, com Vivácia, mas nunca paravam muito. O capitão Vestrit fazia a maior parte das compras ao sul de Jamaillia, e Brashen já passara por centenas de pequenos portos exóticos naquele canto do mundo. Seria interessante se familiarizar mais uma vez com as Ilhas Piratas. Ficou se perguntando se alguém se lembraria dele por lá.

Wintrow viu o meio-dia chegar e passar. Pelo menos era o que seu estômago lhe dizia. Tocou o rosto de novo e olhou para as pontas dos dedos. O líquido da nova tatuagem era pegajoso. Ficou se perguntando qual seria a imagem. Podia ver o mesmo emblema verde nos rostos dos outros na baia, mas por algum motivo não conseguia imaginá-lo em si mesmo. Eles eram escravos, não era chocante vê-los tatuados. Mas *ele* não era escravo. Aquilo era um engano. O pai deveria ter aparecido para resgatá-lo. Como uma bolha estourando, percebeu a total falta de

lógica dos pensamentos. No dia anterior, aqueles rostos estiveram tão limpos quanto o dele. Tal como ele, os outros também tinham acabado de assumir a posição. Mas, por alguma razão, Wintrow ainda não conseguia pensar em si mesmo como escravo. Era tudo um grande engano.

Ouvira muitos sons — o murmúrio de uma multidão, vozes erguidas para serem ouvidas acima do alarido —, mas ninguém aparecera para vê-los, a não ser por um guarda solitário que fazia a ronda preguiçosamente.

Wintrow pigarreou. Ninguém se virou para olhar, mas ele falou mesmo assim:

— Por que não tem nenhum comprador aqui? Nas outras baias tinha compradores para todo lado, escolhendo escravos.

Um garoto sujo respondeu, num tom cansado:

— Então você devia estar perto das baias de caras-marcadas. Aceitam praticamente qualquer oferta que conseguem por eles. Os escravos habilidosos são comprados por companhias, que os alugam para fora, por isso são leiloados. E as companhias disputam lance a lance. Escravos novos... — Ele fez uma pausa e pigarreou. Estava um pouco rouco quando continuou. — Escravos novos, como a gente, também são leiloados. É a lei da misericórdia. Às vezes, sua família ou seus amigos compram você e devolvem sua liberdade. Eu achava isso muito engraçado. Eu e os meus amigos sempre íamos para os leilões e dávamos lances nos escravos novos, só para aumentar o valor e ver os irmãos ou os pais ficarem nervosos. — Ele pigarreou de novo e se virou para o canto da baia. — Nunca pensei que acabaria aqui.

— Talvez seus amigos comprem você — sugeriu Wintrow.

— Por que você não cala a boca antes que eu arrebente esses seus dentes? — rosnou o garoto, e Wintrow supôs que não haveria família ou amigo para dar lances por ele.

Ou por qualquer um dos outros, a julgar pelos olhares. Um dos escravos era uma mulher já de certa idade. Seu rosto parecia do tipo que sorria com frequência, mas naquele dia se fechara. Ela se balançava de leve para a frente e para trás, sentada na palha. Dois jovens tímidos, que deviam ter vinte e poucos anos, usavam roupas toscas de fazendeiros. Estavam sentados lado a lado, em silêncio, com olhos vazios. Wintrow se perguntou se seriam irmãos, talvez amigos. A outra mulher na baia era de uma idade indeterminada e parecia em algum ponto entre desiludida e calejada. Estava encolhida a um canto, envolvendo os joelhos com os braços. Seus lábios eram uma linha reta, e os olhos estavam permanentemente estreitados. Havia lesões de doença em sua boca.

O dia curto de inverno estava quase no fim quando apareceram para buscar os escravos. Eram homens que Wintrow nunca vira, e carregavam porretes curtos e uma corrente pesada. Cada escravo desagrilhoado era preso à corrente, formando um lote de escravos novos.

— Por aqui — disse um dos homens.

O outro não se incomodou em falar, apenas cutucou Wintrow com força com o porrete, para fazê-lo ir mais rápido.

Sua relutância em relação a ser vendido num palanque feito uma vaca lutava contra o cansaço da incerteza dos últimos dias. Pelo menos estava acontecendo alguma coisa mais concreta, ainda que estivesse fora de seu controle. Wintrow segurou seu pedaço de corrente e seguiu os outros, arrastando os pés meio sem jeito. Olhou em volta enquanto andava, mas não havia muito para ver. A maioria das baias por que passaram já estava vazia. O barulho da multidão foi ficando mais alto, e de repente saíram para uma praça aberta cercada por barracões de escravos. Havia uma plataforma elevada no centro, com degraus que levavam para o alto, não muito diferente de um cadafalso. Uma multidão de pessoas estava diante da plataforma, avaliando as mercadorias, rindo, bebendo e trocando gracejos e comentários. E comprando outros seres humanos. Wintrow de repente sentiu o cheiro de cerveja e o aroma tentador de carne gorda e defumada. Vendedores de comida transitavam entre a multidão. Do outro lado da plataforma, Wintrow teve um vislumbre de uma fileira de barracas de tatuadores, todos bastante ocupados.

Um dia agitado de mercado, pensou. Algumas pessoas tinham acordado bem cedo, ansiosas por aquilo. Um dia na cidade, encontrando amigos, pechinchando por preços bons. Um passeio pelo leilão para ver os escravos disponíveis no dia.

Durante algum tempo, foram mantidos amontoados na base da escada enquanto o leiloeiro terminava com o grupo ainda na plataforma. Alguns compradores mais sérios abriram caminho em meio à multidão para vê-los mais de perto. Alguns gritavam perguntas aos capatazes sobre idade, estado dos dentes, experiências prévias. Os capatazes repetiam essas perguntas para o escravo em questão, como se ele não pudesse ouvir e compreender os compradores. Um perguntou a idade de Wintrow.

— Catorze — respondeu ele.

O comprador fez um som de desdém.

— Eu lhe daria doze anos. Arregace a manga dele, vamos ver o braço. — E quando o capataz obedeceu, o homem comentou: — Bem, até tem um pouco de músculo aí. Com o que você sabe trabalhar, garoto? Na cozinha? Com galinhas?

Wintrow pigarreou. O que ele era? Um escravo com boas habilidades era tratado melhor, ou pelo menos era o que lhe disseram. Podia muito bem tirar o maior proveito das cartas à disposição.

— Eu estava treinando para ser sacerdote. Trabalhei em pomares. Sei fazer vitrais. Sei ler, escrever e fazer contas. E já fui grumete — acrescentou, relutante.

— Presunçoso demais — zombou o comprador. Ele deu as costas para a plataforma, balançando a cabeça para um companheiro. — Esse aí vai ser difícil de treinar. Acha que já sabe muito.

Enquanto estava tentando pensar numa resposta apropriada, um puxão na corrente o fez prestar atenção. Os outros já estavam subindo os degraus, e Wintrow cambaleou atrás deles. Por alguns momentos, conseguiu se concentrar apenas nos degraus íngremes e na corrente curta que ligava seus tornozelos. Então assumiu seu lugar na fileira de escravos no palanque de madeira iluminado por tochas.

— Escravos novos, recém-capturados, ainda sem hábitos ruins. Vocês mesmos vão ter que ensiná-los! — começou o leiloeiro. A multidão respondeu com risadas indiferentes. — Agora vamos ver o que temos aqui. Vejam por si mesmos e decidam qual receberá os primeiros lances. Tenho alguns rapazes robustos, bons para a fazenda, o campo ou o estábulo. Tenho uma avó amável, perfeita para ficar de olho nas crianças pequenas. Tenho uma mulher um pouco usada, mas com bons anos pela frente. E dois garotos, os dois dispostos e saudáveis, jovens o bastante para aprender qualquer ofício. Agora, quem quer começar com os lances? Não se acanhem, é só gritar e me avisar em qual estão interessados. — O leiloeiro gesticulou de forma convidativa para o mar de rostos que olhavam, ávidos, para as mercadorias na plataforma.

— Mayvern! A velha! Três moedas de prata!

A oferta vinha de uma moça desesperada na multidão. Talvez uma filha, quem sabe uma amiga mais jovem. A velha na plataforma ao lado dele levou as mãos ao rosto, cobrindo-o como se estivesse envergonhada ou com medo de alimentar esperanças. Wintrow achou que o próprio coração fosse se despedaçar. Então teve um vislumbre de algo que fez seu coração saltar no peito. A altura e o cabelo louro de seu pai se destacavam na multidão, como uma bandeira lhe assinalando lar e segurança. Estava discutindo alguma coisa com um homem às suas costas.

— Pai! — gritou Wintrow, e viu a cabeça de Kyle Porto se virar para a plataforma, incrédulo. Viu Torg ao lado dele, levando a mão à boca como se

estivesse espantado, imitando muito bem o assombro do capitão. Um dos capatazes bateu nas costelas de Wintrow com o porrete.

— Fique parado. Espere a sua vez — ordenou.

Wintrow mal sentiu o golpe ou ouviu as palavras. Só tinha olhos para o rosto do pai, que o encarava. Parecia tão pequeno e distante naquele mar de rostos. Na escuridão que se adensava, Wintrow não tinha certeza da expressão em seu semblante. Olhou para o pai e rezou para Sá. Nem a mente nem os lábios formaram quaisquer palavras, era uma simples súplica por misericórdia. Viu o pai virar-se para Torg, para uma rápida troca de palavras, e se perguntou se ele ainda teria dinheiro para gastar, àquela hora do dia. Devia ter, ou já teria as compras de volta para o navio. Wintrow tentou abrir um sorriso esperançoso, mas não conseguiu se lembrar exatamente de como sorrir. O que o pai estaria sentindo? Raiva? Alívio? Vergonha? Pena? Não importava, concluiu. O pai não podia vê-lo e não comprá-lo. Podia? Afinal, o que sua mãe diria?

De repente compreendeu que a mãe não diria nada, se ninguém lhe contasse. Absolutamente nada, se só lhe dissessem que o filho tinha fugido quando chegaram a Jamaillia.

A chibata do leiloeiro bateu na mesa à frente.

— Vendida! — gritou o sujeito. — Por dez moedas de prata, e ela é toda sua, minha bela senhora. Pois bem, quem quer começar com o próximo lance? Vamos, vamos, alguns escravos promissores aqui. Olhem os músculos desses trabalhadores do campo. Faltam apenas alguns meses para o plantio de primavera, fazendeiros. Quanto mais cedo estiverem preparados, melhor!

— Pai! Por favor! — gritou Wintrow, encolhendo-se em seguida, quando o capaz o atingiu de novo.

Kyle Porto ergueu a mão, hesitante.

— Cinco lascas. Pelo garoto.

A multidão riu daquele lance ofensivo. Uma tigela de sopa valia cinco lascas de bronze, não um escravo. O leiloeiro recuou, levando a mão ao peito.

— Cinco lascas? — perguntou, fingindo estar ofendido. — Ah, rapaz, o que você fez para desagradar o papai desse jeito? Ofereceram cinco lascas, e é com cinco lascas que vamos começar. Mais alguém interessado nesse escravo de cinco lascas?

Uma voz se ergueu do meio da multidão.

— Quem é o garoto que sabe ler, escrever e fazer contas?

Wintrow ficou calado, mas um guarda respondeu, prestativo.

— É este aqui. Estava treinando para ser sacerdote. Ele diz que também sabe fazer vitrais.

Essa última informação sobre um garoto aparentemente jovem deixou os outros em dúvida.

— Uma moeda de cobre! — gritou alguém, rindo.

— Duas!

— Endireite as costas — ordenou o guarda, cujo conselho foi acompanhado por uma cutucada do porrete.

— Três! — disse o pai, mal-humorado.

— Quatro!

O último lance tinha sido feito por um jovem que ria num canto da multidão. Ele e os companheiros se cutucavam e remexiam, olhando de Wintrow para o pai. Sentiu um aperto no coração. Não sabia dizer o que o pai faria se percebesse o jogo daqueles meninos.

— Duas moedas de prata! — gritou alguém, achando que poderia acabar depressa com o leilão com uma quantia alta. Duas moedas de prata, descobriria mais tarde, ainda era um lance baixo para um escravo novo, mas já era aceitável.

— Duas moedas de prata! — gritou o leiloeiro, entusiasmado. — Agora, meus amigos e vizinhos, estamos levando este jovem a sério. Ele lê, escreve e faz contas! Diz que sabe fazer vitrais, mas isso não serve de muita coisa, não é? Um rapaz útil. E deve crescer mais, já que não tem como ficar menor. Um garoto tratável e que pode ser treinado. Ouvi três moedas?

Ele ouviu, e o lance não tinha sido feito por seu pai ou pelos brincalhões. Os lances chegaram a cinco moedas antes que os verdadeiros compradores começassem a balançar a cabeça e irem examinar as outras mercadorias. Os garotos nos limites da multidão continuaram a apostar, até Torg ser enviado para ficar ao lado deles. O homem franziu o cenho para os garotos, mas Wintrow o viu oferecer um punhado de moedas para que parassem com o jogo. Ah. Então era assim que se fazia, era esse o propósito de tudo aquilo.

Alguns momentos depois, o pai o comprou por sete moedas de prata e cinco de cobre. Wintrow foi solto da corrente do grupo e puxado pelos grilhões, exatamente como se faria com uma vaca. Então foi entregue a Torg, no pé da escada, e o pai nem se aproximou para recebê-lo. Foi inundado por uma onda de inquietação. Ergueu os pulsos para Torg, para que as correntes fossem removidas, mas o marinheiro fingiu não notar. Em vez disso, inspecionou Wintrow como se ele fosse mesmo só mais um escravo que seu senhor acabara

de comprar.

— Vitrais, é? — escarneceu, arrancando risadas dos capatazes e das pessoas à toa perto da plataforma.

Ele agarrou a corrente entre os pulsos de Wintrow e o arrastou adiante. O garoto foi forçado a cambalear atrás do homem, os tornozelos ainda presos.

— Tire as correntes — pediu o rapaz, assim que deixaram a multidão para trás.

— E lhe dar outra chance de fugir? Acho que não — retorquiu Torg. Estava sorrindo.

— Você não disse ao meu pai que eu estava aqui, não é? Você esperou que eu fosse marcado feito escravo e ele tivesse que me comprar de volta.

— Não sei do que você está falando — retorquiu Torg, sarcástico. Estava de muito bom humor. — Eu, no seu lugar, ficaria grato por seu pai ter ficado até agora no leilão e ter visto e comprado você. Vamos zarpar amanhã, sabia? Já temos a carga completa, ele só estava querendo umas barganhas de última hora. Em vez disso, acabou com você.

Wintrow se calou. Questionou a sensatez de contar ao pai o que Torg fizera. Soaria como lamúria? O pai sequer acreditaria? Olhou para os rostos pelos quais passavam, procurando o pai no crepúsculo que se adensava. Qual seria a expressão em seu semblante? Raiva? Alívio? Wintrow sentia algo entre medo e gratidão.

Então avistou o rosto do pai. Estava longe e nem ao menos olhava na direção de Wintrow e Torg. Parecia dar lances nos dois fazendeiros que estavam sendo vendidos juntos. Sequer olhou para o filho preso a ferros.

— Meu pai está lá — apontou Wintrow a Torg. Parou, teimoso. — Eu quero falar com ele antes de voltarmos para o navio.

— Vamos logo — grunhiu Torg, animado. — Acho que ele não quer falar com você. — O homem sorriu consigo mesmo. — Na verdade, duvido que ele ainda ache que você vai dar um bom primeiro imediato, depois que entregar a capitania a Esteio. Acho que está pensando em me indicar para o serviço. — Torg disse isso com grande satisfação, como se esperasse que Wintrow ficasse perplexo.

O rapaz parou de andar.

— Eu quero falar com o meu pai.

— Não — retorquiu o marujo, simplesmente. O corpo e os músculos maiores superavam a resistência de Wintrow sem muita dificuldade. — Ande ou seja

arrastado, para mim dá no mesmo. — Torg estava olhando ao redor, por cima das cabeças de um amontoado de pessoas paradas ali perto. — Ah! — exclamou de repente, e saiu a passos firmes, arrastando Wintrow às suas costas.

Pararam diante do bloco de um tatuador. O homem estava acabando de soltar uma mulher atordoada da coleira enquanto o comprador impaciente a puxava pelos grilhões para que se apressasse e o seguisse. O tatuador olhou para Torg e assentiu.

— A marca de Kyle Porto? — perguntou, gesticulando para Wintrow. Era evidente que os dois já tinham feito negócios diversas vezes.

— Não esse — respondeu Torg, para o alívio imediato e intenso de Wintrow.

Devia ter alguma bugiganga ou símbolo de liberdade para comprar ali. O pai não ficaria feliz com mais essa despesa. Wintrow já estava imaginando se não havia algum modo de raspar ou clarear a nova tatuagem do rosto sem agredir demais a pele. Por mais doloroso que pudesse ser, seria melhor do que ostentar aquela marca no rosto pelo resto da vida. Quanto mais cedo deixasse a desventura para trás, melhor. Já decidira que, quando o pai resolvesse falar com ele, faria uma promessa honesta de permanecer a bordo e servi-lo bem até o fim de seu décimo quinto ano. Talvez fosse hora de aceitar o papel no qual a vontade de Sá lhe colocara. Talvez aquela fosse a oportunidade de se reconciliar com o pai. Afinal, o sacerdócio não era um lugar, mas uma atitude. Podia dar um jeito de continuar seus estudos a bordo da Vivácia. E reparou que também estava ansioso para estar a bordo do navio-vivo. Um leve sorriso começou a surgir em seu rosto, ao pensar nela. Queria compensar Vivácia por ter ido embora, teria que convencê-la de que...

Torg o agarrou por trás pelos cabelos e forçou a cabeça dele para dentro da coleira. O tatuador apertou com força. Em pânico, Wintrow se debateu, mas só conseguiu se estrangular. Estava apertado demais, tinham apertado demais. Ia desmaiar. Mesmo se tentasse ficar parado e respirar, não estava conseguindo puxar ar suficiente. Mas não tinha como dizer isso a eles. Ouviu Torg falar, de um jeito indistinto:

— Tatue uma marca igual a esse brinco. Ele vai ser propriedade do navio. Aposto que é a primeira vez na história de Jamaillia que um navio-vivo compra um escravo.



29

SONHOS E REALIDADE

— A caixa de sonho desapareceu.

A mãe e a avó a observavam atentamente, e Malta olhou de um rosto sério para o outro, então arregalou os olhos, surpresa.

— Como assim?! Tem certeza?!

Muito calma, a mãe respondeu:

— Tenho muita certeza.

A menina entrou de vez na sala de refeições, sentou-se em seu lugar à mesa do café da manhã e ergueu a cobertura do prato à sua frente.

— Ai, mingau de novo? A gente não pode estar assim, tão pobre! E como foi que a caixa desapareceu?

Ela ergueu a cabeça, encontrando outra vez os olhares das duas.

— Achei que você talvez soubesse — disse a avó, estreitando os olhos.

— A última que pegou a caixa foi a minha mãe. Ela não me entregou nada, não me deixou nem encostar naquele negócio — observou Malta. — Tem alguma fruta ou compota?

— Não, não tem. Se queremos pagar as dívidas dentro dos prazos, vamos ter que levar uma vida bem simples por um tempo. Você já sabe disso.

Malta soltou um longo suspiro.

— Me desculpem. Eu às vezes esqueço. Espero que papai volte logo para casa, vou ficar muito feliz quando as coisas voltarem a ser como deveriam. — Olhou de novo para a mãe e para a avó e ensaiou um sorriso. — Até lá, acho que é melhor agradecer pelo que temos. — Ela se endireitou na cadeira, com uma expressão agradável no rosto, e comeu algumas colheradas de mingau.

— Então quer dizer que você não tem a menor ideia de onde foi parar a caixa? — insistiu a avó.

Malta balançou a cabeça e engoliu.

— Não. A não ser... já perguntaram se os criados sabem? Vai ver mudaram a

caixa de lugar durante a faxina? Talvez Nana ou Rache saibam de alguma coisa.

— Eu guardei a caixa, ela não ficou à vista, num lugar onde poderiam mexer sem querer. Quem a pegou teve que entrar no meu quarto e procurar.

— Tem mais alguma coisa faltando? — perguntou Malta, mais do que depressa.

— Nada.

Comeu outra colher de mingau, pensativa.

— Ela não pode ter simplesmente... desaparecido? — perguntou, com um sorriso enviesado. — Eu sei, talvez seja tolice minha... mas ouvimos cada história extravagante sobre as mercadorias dos Ermos Chuvosos... A essa altura, acho que posso acreditar em qualquer coisa.

— Não. Ela não desapareceria — retrucou a avó. — Mesmo se tivesse sido aberta, não desapareceria.

— Como você sabe tanto sobre caixas de sonho? — perguntou Malta, curiosa.

Ela serviu mais chá numa xícara e adoçou bem com mel, enquanto esperava a resposta.

— Porque uma amiga minha recebeu uma, abriu a caixa e sonhou o sonho. E aceitou o pedido, mas o jovem morreu antes de se casarem. Acho que ela acabou casando com o irmão do pretendente, alguns anos mais tarde.

— Eca — comentou Malta. Então comeu outra colherada de mingau e comentou: — Não consigo imaginar como seria casar com alguém dos Ermos Chuvosos. Mesmo que sejam nossos parentes, e tudo mais. Como beijar alguém com a pele cheia de verrugas? Ou tomar café da manhã ao lado da pessoa, todos os dias?

— Os homens são mais que a aparência — observou a avó, com frieza. — Quando você compreender isso, aí vai passar a ser tratada como mulher. — Ela voltou o olhar de desaprovação para a própria filha. — E então, Keffria, o que vamos fazer?

A mãe de Malta balançou a cabeça.

— O que mais podemos fazer? Vamos tentar explicar, da maneira mais educada possível, que perdemos o presente antes de conseguir devolvê-lo, mas que mesmo assim não podemos levar o pedido em consideração. Malta é nova demais.

— Não podemos dizer que perdemos o presente! — exclamou a avó.

— Então o que vamos fazer? Mentir? Dizer que vamos ficar com a caixa, mas

que recusamos o pedido mesmo assim? Fingir que não recebemos nada e ignorar a situação? — A voz de Keffria soava cada vez mais sarcástica. — Acabaríamos fazendo papel de tolas. Como a culpa foi minha, eu vou escrever a carta, assumindo a responsabilidade. Vou explicar que coloquei a caixa num lugar que achava seguro, mas que de manhã, quando fui olhar, o presente tinha desaparecido. Então vou pedir minhas mais sinceras desculpas e oferecer alguma compensação, mas recusando o pedido e comentando, com o máximo de delicadeza possível, que um presente desses tão no início de um cortejo está longe de ser apropriado...

— Mas é apropriado pelo padrão dos Ermos Chuvosos — discordou a avó. — Ainda mais para a família Khuprus, que tem uma riqueza lendária. Para esse garoto, a caixa é pouco mais que uma bugiganga.

— Hmm. Talvez seja *boa ideia* casar Malta com ele, então — sugeriu a mãe, em tom de brincadeira. — Um parente rico viria a calhar.

— Mãe! — exclamou Malta, irritada.

Odiava quando a mãe dizia aquelas coisas.

— Foi uma piada, Malta. Não precisa dar um chilique. — Keffria se levantou. — Bem, não vai ser fácil escrever essa carta em tão pouco tempo. É melhor eu ir botar a mão na massa.

— E não esqueça de dizer que, se encontrarmos a caixa, ela será devolvida imediatamente — sugeriu a avó.

— É claro. E vou vasculhar meu quarto de novo, mas é melhor escrever logo essa carta, se eu quiser enviar alguma coisa pelo *Kendry*. — A mãe saiu depressa da sala.

Malta comeu a última colherada de mingau, mas não foi rápida o bastante.

— Malta — chamou a avó, numa voz baixa, mas firme. — Quero lhe perguntar uma última vez se você roubou a caixa do quarto da sua mãe. E quero que você pense antes de responder. Pense no que isso significa para a honra da família, para a sua reputação. E responda sinceramente, aí prometo que não vou ficar brava pela primeira mentira.

A avó ficou esperando, prendendo a respiração, observando Malta como uma cobra.

A menina largou a colher.

— Eu não roubei nada — disse, numa voz trêmula. — Como você pode pensar isso de mim? O que eu fiz para merecer essas acusações o tempo todo? Ah, queria que meu pai estivesse aqui, para ver como sou tratada quando ele está

longe! Essa com certeza não é a vida que ele imaginou para a própria filha!

— Não. Seu pai teria leiloado a própria filha como uma bezerra gorda — retrucou a avó, seca. — Não venha jogar suas emoções na minha cara. Você pode enganar a sua mãe, mas não me engana. Vou ser bem franca. Se você pegou a caixa de sonho e a abriu... bem, já é um buraco bem fundo. Mas se você insistir em mentir e guardar aquela coisa... ah, Malta. Você não pode desdenhar do cortejo de uma das principais famílias Mercadoras dos Ermos Chuvosos. Essa não é a hora para um de seus joguinhos infantis. Financeiramente, estamos numa balança, e o que nos salvou até agora foi o fato de sermos conhecidos por cumprir com nossa palavra. Não mentimos, não trapaceamos, não roubamos. Pagamos nossas dívidas honestamente. Mas, se as pessoas perderem a fé nisso, se começarem a acreditar que não mantemos a palavra, estaremos perdidos, Malta. Perdidos. E, por mais jovem que seja, você vai ter que ajudar a pagar esse preço.

A jovem se levantou, hesitante. Largou a colher com tanta força que retiniu no prato.

— Meu pai volta daqui a pouco com os bolsos cheios pelo trabalho duro. Ele vai pagar suas dívidas e nos proteger da ruína que sua teimosia nos causou. Não teríamos problemas se o vovô tivesse feito negócios no Rio da Chuva, como qualquer outro homem com um navio-vivo. Se você tivesse dado ouvidos a Davad e vendido as terras aluviais, ou se pelo menos tivesse usado os escravos dele por uma porcentagem, não estaríamos nesse buraco. Não é a *minha* teimosia que ameaça esta família, é a sua.

O rosto da avó passara da seriedade ao choque. A boca estava contraída de fúria.

— Então quer dizer que você tem o hábito de escutar por trás das portas, minha cara neta? Fica ouvindo as palavras de um moribundo à esposa? Já pensei muita coisa de você, Malta, tanto boas quanto ruins, mas nunca desconfiei de que fosse uma bisbilhoteira enxerida.

A menina balançou a cabeça com frieza, mas falou com doçura.

— Aprendi que uma garota tinha que ser assim para ser aceita como mulher nessa família. Conhecendo as propriedades e a situação financeira, estando ciente dos perigos e das oportunidades. Mas parece que você prefere arriscar qualquer oportunidade para manter meu pai na ignorância. Você não o vê como um membro dessa família, não é? Ah, ele é bom para fazer filhos e manter minha mãe satisfeita, mas você não quer mais nada dele. Porque meu pai poderia ameaçar esse seu plano de manter o poder e o controle, mesmo que ele só traga a

ruína para essa família. — Malta não sabia da intensidade da própria fúria até a ouvir destilada como veneno.

A voz da avó estava trêmula quando respondeu:

— Se o seu pai ignora o modo como fazemos as coisas, é porque nunca se deu ao trabalho de aprender. Se tivesse tentado, eu não teria tanto receio do pouco de poder que ele já detém, Malta. — Ela respirou fundo. — Você está me mostrando, aqui e agora, que possui uma compreensão que eu não desconfiava que possuísse. Se tivesse nos mostrado mais cedo o tamanho da compreensão, talvez sua mãe e eu a tivéssemos encarado mais como adulta do que como criança. Por ora, quero que entenda uma coisa: quando Ephron... quando seu avô morreu, eu podia ter mantido mais controle dos bens da família. Ele queria que Althea ficasse com o navio, não Keffria e o seu pai. Fui eu quem o persuadiu de que o seu pai seria uma escolha melhor para capitão. Eu teria feito isso se esperasse manter o controle de tudo? Se me opusesse a ver seu pai como um membro pleno desta família? Acredito em estabilidade e sabedoria, Malta, mas seu pai não ficou satisfeito em apenas herdar. Ele trouxe mudanças demais, rápido demais, sem nenhuma compreensão do que estava mudando ou de por que a mudança seria ruim. E nunca consultou ninguém desta família. De repente, tínhamos que fazer só a vontade dele, o que ele achava ser melhor. Eu não mantenho seu pai na ignorância, Malta. A ignorância é uma fortaleza que ele construiu sozinho e que defende com fervor.

A menina escutou, mas quase a contragosto. A avó era esperta demais. Sabia que havia mentiras ocultas ali, sabia que a velha estava distorcendo a verdade sobre seu belo e ousado pai, mas não era esperta o bastante para encontrar a falsidade ali. Simplesmente forçou um sorriso.

— Então você não vai se importar se eu contar a ele o que sei, para acabar com essa ignorância que tanto a ofende. Não vai se importar se eu contar que nunca houve nenhum mapa do Rio da Chuva, que o navio-vivo desperto é o próprio guia. Acho mesmo melhor eu acabar com essa ignorância dele.

Ficou observando atentamente o rosto da avó, para ver como ela reagiria ao ver que Malta conhecia aquele segredo, mas o rosto da velha não se alterou. A avó simplesmente balançou a cabeça.

— Você faz uma ameaça, criança, sem nem saber como isso afeta a você mesma. Há custos e riscos em lidar com os Mercadores dos Ermos Chuvosos. Aquelas pessoas são nossos parentes, e não vou falar mal delas. Os acordos serão mantidos. Mas Ephron e eu decidimos, há muito tempo, que não faríamos novos acordos, não assumiríamos nenhum compromisso novo com eles. Porque

queríamos que nossos filhos e nossos netos... sim, Malta, até você. Queríamos que vocês pudessem tomar as próprias decisões. Por isso levamos uma vida mais dura do que precisávamos, e nossas dívidas não foram pagas tão depressa quanto poderiam ter sido. Não nos importamos com o sacrifício. — A voz da avó começou a ficar muito trêmula. — Nós nos sacrificamos por você, sua fedelha ingrata. E agora olho para você e me pergunto por quê. O que corre nas suas veias é água salgada de Calcede, não o sangue de Vilamonte.

A velha se virou e saiu da sala. Não houve dignidade e força em sua saída, e Malta sabia que aquilo significava que tinha vencido. Tinha encarado a avó, de uma vez por todas, e agora iam ter de tratá-la direito. Vencera, provara que sua vontade era tão forte quanto a da avó. E não se importava — não de verdade — sobre a última coisa que fora dita. Essa história de sacrifícios era mentira. Era tudo mentira.

Mentira. Outro ponto importante. Não tivera intenção de mentir sobre a caixa e não teria feito isso se a velha não estivesse tão certa de que Malta a roubara. Se Ronica Vestrit tivesse olhado para ela e ao menos perguntado se era inocente, Malta teria contado a verdade. Mas de que adiantava contar a verdade quando as pessoas já acreditavam que você era perversa, e a verdade apenas provaria isso? Podia muito bem mentir duas vezes e ser a mentirosa e ladra que a avó acreditava que ela era — ou melhor, que esperava que fosse. Sim, era verdade: sua avó queria que ela fosse má e perversa, assim se sentiria justificada pela forma horrível como tratava seu pai. Era tudo culpa da avó. Quem trata mal as pessoas acaba recebendo o troco.

— Malta? — A voz soou muito baixa, bastante gentil. Uma mão tocou seu ombro com ternura. — Você está bem, minha querida?

Malta deu meia-volta, agarrou a tigela de mingau e a jogou no chão aos pés de Rache.

— Eu odeio mingau! Não me sirva isso de novo! Não me importo o que mais tenha que cozinhar, não me sirva mingau. E não me toque! Você não tem o direito. Agora limpe isso e me deixe em paz!

Empurrou a escrava chocada para fora do caminho e saiu da sala pisando duro. Escravos. Eram tão estúpidos.

— Estalão, preciso conversar com você.

Âmbar passara a tarde com ele, trouxera um lampião e explorara seu interior. Andara lentamente pelo porão, pela cabine do capitão, pela sala de mapas, por

cada compartimento de dentro do casco. No caminho, fez muitas perguntas — algumas ele podia responder, outras não iria ou não sabia como. Tinha encontrado as coisas que Brashen deixara e tivera o atrevimento de arrumá-las de modo que a servissem. Então pedira, ajeitando a rede, para ir dormir uma noite com ele. Dissera que ficariam acordados até tarde, contando histórias um para o outro até o amanhecer.

Âmbar tinha ficado bastante interessada por cada pedaço de quinquilharia que encontrara. Um saco de dados ainda enfiado numa fenda, onde algum marinheiro o escondera para que pudesse jogar durante o turno sem ser pego. Uma mensagem arranhada num anteparo — *Três dias, que Sá nos ajude* —, que ela perguntou quem a entalhara e por quê. Também tinha ficado muito curiosa com as manchas de sangue, e acabou indo de uma em uma, contando até dezessete, enquanto analisava os borrões irregulares nos conveses e nos vários porões. Âmbar deixara passar seis manchas, mas Estalão não lhe avisara — ela ia perguntar, e ele não queria lembrar do dia em que aquele sangue tinha sido derramado ou dos nomes dos mortos. E, na cabine do capitão, a mulher tinha encontrado o compartimento trancado no qual deveriam estar os diários de bordo. Fazia muito tempo que o cadeado fora arrombado, até a porta de madeira fora despedaçada e arrancada. Os diários que deviam ser sua memória tinham desaparecido, todos roubados. Âmbar não parava de perguntar sobre aquilo, insistente como uma gaivota cutucando um corpo. Era por isso que ele não sabia as respostas? Ele precisava dos diários para se lembrar? Bem, então como ele se lembrava das visitas dela e de Mingsley? Não tinha diário desses acontecimentos.

Estalão dera de ombros.

— Daqui a uma década, quando você tiver perdido o interesse em mim e não vier mais me visitar, eu provavelmente também já terei esquecido da sua existência. Você tem que entender que essas coisas que está me perguntando aconteceram há muito tempo, provavelmente muito antes de você nascer. Por que não me conta sobre a sua infância? Você se lembra bem dessa época?

— Não muito. — Ela mudou de assunto de repente. — Sabe o que fiz ontem? Fui falar com Davad Recomeço, fiz uma oferta para comprar você.

Aquelas palavras o deixaram mudo.

— Davad Recomeço não pode me vender — retrucou Estalão, com frieza, depois de algum tempo. — Ele não é o meu dono. E nenhum navio-vivo pode ser comprado e vendido, a não ser de parente para parente. E, mesmo assim, só em circunstâncias extremas.

Foi a vez de Âmbar ficar em silêncio.

— Achei que você soubesse. Bem, se não sabe, deveria, porque é algo que lhe diz respeito. Estalão, já faz alguns meses que circula um rumor entre os Novos Mercadores de que você está à venda. E Davad está agindo como intermediário. No começo, sua família estava exigindo que você não fosse mais usado como navio, porque eles... não queriam ser considerados responsáveis por quaisquer mortes... — A voz foi vacilando. — Estalão. Posso mesmo falar francamente com você? Às vezes você é tão atencioso e sábio. Mas em outras...

— Então você se ofereceu para me comprar? Por quê? O que vai fazer com o meu corpo? Contas? Móveis? — Ele mal conseguia se controlar, suas palavras estavam carregadas de sarcasmo. Como ela ousava?

— Não — respondeu Âmbar, dando um longo suspiro. — Era isso que eu temia... — sussurrou, quase para si mesma, então respirou fundo. — Eu manteria você exatamente como está e onde está. Esses foram os termos da minha oferta.

— Preso aqui? Encalhado para sempre? Com gaivotas cagando na minha cabeça e caranguejos correndo por baixo do meu casco? Encalhado até que todas as minhas partes que não são de madeira-arcana apodreçam e eu me desfaça em pedaços, aos berros?

— Estalão! — gritou Âmbar, com uma voz entre a dor e a raiva. — Pare com isso! Pare agora mesmo! Você sabe que eu jamais deixaria isso acontecer. Você precisa me ouvir, precisa me deixar terminar de falar. Acho que vou precisar da sua ajuda para isso, mas se você já vai começar com acusações e desconfianças infundadas... Estou fazendo isso por você. O que mais quero é ajudá-lo. — A voz ficou mais baixa e suave. Ela respirou fundo de novo. — Então, pode ouvir o que tenho a dizer? Vai me dar pelo menos uma chance de explicar?

— Explique — respondeu, com frieza.

Ela ia mentir e inventar desculpas. Ia enganar e trair. Ele escutaria. Escutaria e reuniria as armas que encontrasse para se defender.

— Ah, Estalão — começou ela, rouca. Âmbar encostou a palma da mão no casco. O navio tentou ignorar aquele toque, ignorar o sentimento profundo que vibrava através dela. — A família Ludventura, a sua família, está passando por dificuldades. Dificuldades seríssimas. Muitas das famílias de Velhos Mercadores estão passando por isso. E isso está relacionado a muita coisa: trabalho escravo, as guerras no norte... mas isso não importa. O que importa é que a sua família precisa de dinheiro. Os Novos Mercadores sabem disso, então estão tentando comprar você. Não pense mal dos Ludventura, eles resistiram a muitas ofertas. Mas, quando as somas ficaram muito altas... Bem, eles decidiram que não

podiam vender a ninguém que quisesse usá-lo como navio. — Estalão quase a sentia balançar a cabeça. — Para os Novos Mercadores, isso só significava que os Ludventura queriam ainda mais dinheiro, muito mais, para aceitarem vendê-lo como navio.

Ela respirou fundo e tentou continuar, mais calma.

— Na época, comecei a ouvir rumores de que só os navios-vivos conseguem subir o Rio da Chuva e voltar intactos. Tem algo a ver com a madeira-arcana ser imune às torrentes brancas e cáusticas que às vezes descem o rio. O que faz sentido, considerando há quanto tempo você está aqui sem apodrecer... Bem, considerando isso, entendo por que muitas famílias se endividariam por gerações para possuir um navio como você: é a única forma de ter acesso ao comércio no Rio da Chuva. Agora que o rumor se espalhou, as ofertas aumentaram. Os Novos Mercadores que estão dando lances prometeram que não vão culpar ninguém pelas mortes, se você virar. Estão numa disputa de lances cada vez mais altos... — Ela fez uma pausa. — Estalão, está me ouvindo? — perguntou, com toda delicadeza.

— Estou — respondeu o navio, olhando para o oceano, mesmo sem ver. Manteve a voz sem qualquer expressão ao acrescentar: — Continue.

— Vou continuar. Mas só porque você precisa saber disso, não porque sinto prazer em contar. Os Ludventura recusaram todas as ofertas até agora. Acho que têm medo do que os outros Velhos Mercadores vão pensar, se venderem você e abrirem o comércio do Rio da Chuva aos recém-chegados. As mercadorias de lá são o último bastião dos Mercadores de Vilamonte. Também pode ser que ainda tenham algum sentimento por você, apesar da negligência que você sofre. Pois bem, eu fiz uma oferta. Não tão grande quanto os lances dos outros, já que não sou rica como eles, mas fiz junto com a oferta a promessa de que você permaneceria intacto e não navegaria. Acho que os Ludventura ainda se importam com você. Acho que, por mais estranho que pareça, eles mantêm você aqui para que fique a salvo.

— Ah, sim. É comum acorrentar os familiares mais estranhos, deixá-los presos num sótão, num porão ou qualquer lugar fora do caminho... Já faz muito tempo que esse é o modo que Vilamonte encontrou de lidar com a loucura e as deformidades. — Ele deu uma risada amarga. — Veja os Mercadores dos Ermos Chuvosos, por exemplo.

— Quem?

— Exatamente. Quem? Ninguém ouve falar deles, ninguém sabe deles... Ninguém nem pensa nos nossos antigos pactos com eles. Muito menos eu ou

você. Mas, por favor, continue falando. Depois de me comprar e me deixar intacto, sem me colocar para navegar, o que você tinha em mente?

— Ah, Estalão. — Ela parecia tomada de tristeza. — Se dependesse de mim, se eu tivesse a capacidade de sonhar feito uma criança, de acreditar que esses sonhos podem se tornar realidade... Ah, eu ia querer trazer artesãos aqui para endireitar você e construir um suporte para manter o casco nivelado. Então viveria a bordo. Plantaria um jardim perfumado e colorido nos penhascos logo ali acima, um jardim de pássaros e borboletas, com trepadeiras que pendessem até a praia e dessem flores lindas. E esculpiria a pedra em volta e criaria poças de maré, que ficariam cheias de estrelas-do-mar, anêmonas e daqueles caranguejos escarlates pequenininhos. — A voz de Âmbar ia ficando mais intensa e fervorosa conforme ela explorava aquela estranha visão. — E eu viveria dentro de você e trabalharia dentro de você, e à noite eu jantaria no convés e conversaríamos sobre o dia. Ah, e se eu ousasse sonhar com algo ainda maior... ah, então eu sonharia que um dia conseguiria um pouco de madeira-arcana e que seria capaz de trabalhar em seu rosto e restaurar seus olhos e sua visão. De manhã, assistiríamos ao sol nascer sobre o mar, e, ao entardecer, veríamos os últimos raios do sol se pondo sobre o nosso jardim no penhasco. E eu diria ao mundo: “faça o que bem entender. Já cansei de viver aí. Pode se destruir, pode prosperar... não me importo, só quero que nos deixe em paz.” E seríamos felizes, nós dois.

Estalão não soube o que dizer. Foi capturado e envolvido por aquela fantasia infantil, e de repente já não era o navio: era um garoto que teria entrado e saído correndo de um lugar como aquele, com os bolsos cheios de pedras brilhantes e conchas estranhas, penas de gaivotas e...

— Você não é a minha família, jamais poderá ser. — Ele largou as palavras sobre o sonho como um sapato pesado sobre uma borboleta.

— Eu sei — respondeu Âmbar, contida. — Eu disse que era só um sonho. É o que tenho vontade de fazer, mas, na verdade, não sei por quanto tempo posso ficar aqui em Vilamonte, ficar aqui com você. Mas, Estalão, essa é minha única esperança de salvá-lo. Se eu for ter pessoalmente com os Ludventura, dizendo que você concordou que ficaria satisfeito com meus planos... Bem, talvez eles aceitem minha oferta menor, considerando a ligação que têm... — A voz dela foi sumindo quando Estalão cruzou os braços sobre a cicatriz em forma de estrela no peito largo.

— Me salvar do quê? — perguntou, com desdém. — Você criou um lindo conto de fadas, Âmbar. É mesmo uma imagem encantadora. Mas eu sou um

navio. Fui criado para navegar. Acha que escolhi ficar encalhado aqui nesta praia, à toa, quase louco de tédio? Não. Se minha família decidir me vender como escravo, espero que pelo menos seja para um ofício ao qual já estou acostumado. Não quero ser sua casa de bonecas.

Ainda mais porque a mulher tinha acabado de admitir que mais cedo ou mais tarde o deixaria, que só era amiga dele porque alguma outra coisa a mantinha em Vilamonte. Âmbar ia abandoná-lo, assim como todos os outros. Cedo ou tarde, todos os humanos o abandonavam.

— É melhor você ir falar com Davad Recomeço para retirar a oferta — aconselhou Estalão, depois de um longo silêncio.

— Não.

— Se você me comprar e me mantiver preso aqui, terá meu ódio eterno. Vou atrair um azar tão intenso que você não consegue nem imaginar.

A voz soou calma, quando ela respondeu:

— Não acredito em sorte ou azar, Estalão. Acredito no destino, e acredito que o meu destino tem facetas mais horríveis e deprimentes do que você pode imaginar. E sei que você é uma delas. Então, pelo bem da criança que reclama e ameaça de dentro dos seus ossos de madeira, vou comprar você, e vou mantê-lo seguro. Ou tão seguro quanto o destino me permitir. — Não havia raiva em sua voz, só uma estranha ternura quando ela ergueu a mão e encostou a palma em suas tábuas.

— É só enfaixar — reclamou, com grosseria. — Daqui a pouco melhora.

Etta balançou a cabeça.

— Kennit, não está melhorando — respondeu, numa voz suave. Encostou a mão na carne acima do ferimento, com toda a delicadeza. — A pele está quente e sensível, e você se contrai todo a cada toque. Esses fluidos escorrendo não parecem líquidos de cura, mas de...

— Cala a boca — mandou ele. — Sou um homem forte, não uma puta chorona qualquer. Vou me recuperar, tudo vai ficar bem. Enfaixe ou não, não me importo. Eu mesmo posso enfaixar, posso pedir a Sorcor. Não tenho tempo para ficar aqui, sentado, escutando você desejar meu azar.

Sentiu uma dor súbita, tão aguda quanto qualquer dor de dente, subir pela perna. Arquejou antes que pudesse se conter, então agarrou com força os lados da cama, para não gritar.

— Kennit. Você sabe o que precisamos fazer. — Ela estava implorando.

O capitão teve de esperar até ter fôlego para falar.

— O que precisamos fazer é jogar você para uma serpente, para eu ter um pouco de paz na minha vida de novo. Saia daqui, mande Sorcor entrar. Tenho planos a fazer, não tenho tempo para essa sua ladainha.

Etta juntou as bandagens encharcadas num cesto e saiu da cabine sem mais uma palavra. Ótimo. Kennit pegou a muleta que mandara Sorcor fazer, estava encostada ao catre. Odiava aquela coisa. Quando o convés inclinava, era praticamente inútil. Mas, com a ajuda da muleta, num dia calmo como aquele, com o navio atracado, podia ir da cama até a mesa de mapa. E foi o que fez, em pulos curtos e dolorosos, torturando o coto da perna a cada solavanco. Quando chegou à mesa, estava suando. Curvou-se sobre os mapas, apoiando o peso na beira da mesa.

Uma batida na porta.

— Sorcor? Entre.

O imediato enfiou a cabeça para dentro pelo canto da porta. Havia um brilho de ansiedade em seus olhos, mas, ao ver seu capitão de pé junto à mesa de mapas, ele abriu um sorriso feito uma criança que ganha um doce e entrou na cabine. Kennit notou que o homem estava usando mais um colete novo, com ainda mais bordados.

— Parece que aquele curandeiro ajudou — comentou Sorcor, entrando. — Achei mesmo que fosse ajudar. Aqueles outros dois não pareciam grande coisa. Se é para deixar alguém mexer no senhor, tem que ser um velho, com mais experiência e...

— Fique quieto, Sorcor — pediu Kennit, numa voz animada. — Aquele homem foi tão inútil quanto os outros dois. Aqui na Enseada do Touro, parece que o costume é disfarçar a incompetência inventando um machucado novo para distrair o paciente, se não souber como curar o que já existe. Perguntei ao homem por que ele achava que conseguiria curar uma nova ferida aberta na minha perna se não conseguia nem resolver o que já está aqui, e ele não soube responder. — Kennit deu de ombros, num gesto exagerado. — Estou cansado desses curandeiros de fim de mundo. Acho até que vou melhorar mais rápido sem as sanguessugas e as poções.

O sorriso desapareceu do rosto de Sorcor enquanto ele entrava na cabine.

— Pode ser — concordou, num tom monótono.

— Esse último disse praticamente a mesma coisa — assegurou Kennit.

— Só porque você ameaçou o sujeito até ele concordar — observou Etta, da porta, com amargura. — Sorcor, não ceda. Diga a Kennit que ele precisa deixar a gente cortar um pouco mais a perna, logo acima da parte infeccionada. Ele vai lhe dar ouvidos, ele respeita você.

— Etta. Saia.

— Não tenho para onde ir.

— Vá comprar alguma coisa na cidade. Sorcor, dê dinheiro a ela.

— Não preciso de dinheiro. Todos na Enseada do Touro sabem que eu sou a sua mulher. Basta olhar para alguma coisa que eles enfiam o que quer que seja nos meus braços e me imploram para ficar com ela. Mas não tem nada que eu queira, em qualquer lugar. Só quero que você melhore.

Kennit soltou um longo suspiro.

— Sorcor. Feche a porta, por favor. Com a mulher do outro lado.

— Não. Eu prometo, Kennit, por favor. Vou ficar quieta. Me deixe ficar. Fale com ele, Sorcor, convença esse cabeça-dura, ele vai lhe dar ouvidos...

Ela continuou com a ladainha feito uma cadela chorosa enquanto o imediato a empurrava gentilmente para fora da cabine, até que ele enfim fechou e trancou a porta. Kennit não teria sido tão gentil se pudesse lidar com ela pessoalmente. Aquele era o problema, claro. Etta agora o via como fraco e tentaria impor sua vontade sobre tudo. Desde que a mulher torturara os prisioneiros, Kennit desconfiava que Etta tinha passado a gostar de cortar homens indefesos. Ele se perguntou se teria como largá-la ali, na Enseada do Touro.

— E como estão as coisas na cidade? — perguntou Kennit, num tom agradável, como se Sorcor tivesse acabado de entrar.

O imediato simplesmente o encarou por um momento, então pareceu decidir que agiria como Kennit queria.

— Não podiam estar melhores. A não ser que o senhor mesmo desembarque para falar com os mercadores. Estão todos implorando para o senhor aparecer por lá como convidado, mas eu já disse isso, não disse? Eles viram a bandeira do Corvo entrando no porto e entregaram a cidade inteira nas nossas mãos. Ficam uns meninos gritando o seu nome nas docas: “Capitão Kennit, capitão Kennit.” Ouvi um dizendo para o outro que, em matéria de piratas, o senhor era melhor do que Igrot, o Terrível.

Kennit ficou espantado, então fez uma careta.

— Eu conheci Igrot quando era mais novo. A reputação dele é muito exagerada — comentou.

— Bem, mas mesmo assim já é alguma coisa ter as pessoas comparando o senhor ao homem que incendiou vinte cidades e...

— Chega de falar da minha fama — interrompeu Kennit. — E os negócios?

— Eles nos reabasteceram, senhor, e com fartura. E o *Sicerna* já está virado de querena para os reparos. — O pirata corpulento balançou a cabeça. — Tem bastante madeira podre no casco, não acredito que o sátrapa confiou numa banheira como aquela para entregar seu presente.

— Duvido que ele tenha inspecionado o casco — sugeriu Kennit, seco. — E a nova população, foi bem recebida?

— De braços abertos. O último ataque dos traficantes de escravos levou o melhor ferreiro da cidade, e trouxemos dois novos. E os músicos e outros artistas são o grande assunto do momento. Eles já encenaram três vezes *A Libertação do* Sicerna. Botaram um rapaz bonito para interpretar o senhor, e tem uma serpente de papel, seda e aros de barril que sobe e... — Sorcor parou de falar de repente. — É um espetáculo e tanto, senhor, bem extravagante. Acho que todo mundo na cidade já assistiu.

— Bem, fico feliz que a perda da minha perna tenha servido para entreter as massas.

— Ah, senhor, não é isso — começou Sorcor, mais do que depressa, mas Kennit fez sinal para que ele se calasse.

— Meu navio-vivo — anunciou.

— Ah, Sar — gemeu Sorcor.

— A gente não tem um acordo? — perguntou Kennit. — Acabamos de capturar e libertar um navio de escravos. Pelo que me lembro, agora é a minha vez de ir atrás de um navio-vivo.

Sorcor coçou a barba.

— O acordo não era bem esse, senhor. Era de que, se a gente visse um navio de escravos, iríamos atrás dele. E depois iríamos atrás do próximo navio-vivo que encontrássemos. Mas o senhor está falando em tentar encontrar um, ou talvez em ficar de tocaia, à espera de um.

— Acaba dando no mesmo — retrucou Kennit, sem dar atenção à objeção.

— Não, senhor, sem querer ofender, mas não dá. Estive pensando... Talvez a gente devesse deixar essas coisas de lado por um tempo. Voltar à pirataria de antes... Ir atrás de alguns navios mercantes, como nos velhos tempos. Conseguir algum dinheiro, ter um pouco de diversão, ficar um tempo longe de navios de escravos e de serpentes. — Os dedos grossos de Sorcor mexiam nos botões

dourados do colete, enquanto ele sugeria isso. — O senhor me mostrou que a vida pode ser diferente do que eu pensava. Para nós dois. O senhor tem uma bela mulher, ela faz muita diferença aqui no navio. Agora entendo o que o senhor estava tentando me mostrar. Se a gente voltasse para Partilha com um bom butim... bem, tem aquelas coisas que o sincure Faldin falou sobre ser respeitável e se assentar...

— Você pode escolher suas virgens assim que estivermos a bordo de um navio-vivo, Sorcor — prometeu Kennit. — Uma nova por semana, se é o que quer. Mas, primeiro, temos que conquistar meu navio-vivo. Pois bem. Supondo que tudo o que descobrimos com a tripulação do *Sicerna* seja verdade, então ainda deve ter pelo menos um navio-vivo ao sul de onde estamos. Venha ver o mapa comigo. Acho que a sorte nos colocou numa bela posição. Aqui ao sul temos o Canal da Espia. Um trecho desagradável de água em qualquer ocasião, mas principalmente durante a mudança das marés. Qualquer navio que estiver indo para o norte precisa passar por ele. Compreende?

— Compreendo — admitiu Sorcor, a contragosto.

Kennit ignorou a relutância do imediato.

— Agora, no Canal da Espia tem a Ilha Torta, e a passagem fica logo a leste da ilha. Tem alguns trechos meio rasos, mas os baixios não mudam muito com a maré. Só que na parte oeste da ilha é diferente: a correnteza ali é bem forte, ainda mais quando muda a maré. Os baixios ali perto da ilha mudam o tempo todo. E, também a oeste, ficam as Rochas Malditas, com um nome bem apropriado. — Ele fez uma pausa. — Você se lembra delas?

Sorcor franziu o cenho.

— Nunca vou conseguir esquecer. O senhor levou a gente lá quando fomos seguidos pela galera do sátrapa. E a correnteza pegou o navio de jeito, disparamos pelo meio das pedras como uma flecha. Precisei de três dias para acreditar que tinha saído vivo de lá.

— Exatamente — prosseguiu Kennit. — Uma passagem muito mais rápida do que se tivéssemos ido pelo leste da Ilha Torta.

— E daí? — perguntou Sorcor, cauteloso.

— E daí? E daí que ancoramos aqui, com uma bela vista dos navios que vão entrar no Canal da Espia. Assim que virmos o navio-vivo entrar lá, seguimos pela passagem oeste. Quando o navio aparecer, estaremos esperando, ancorados bem no meio do canal. A passagem leste tem uma correnteza bem respeitável, e o navio-vivo não vai ter escolha a não ser encalhar nos baixios bem aqui. — Ele ergueu os olhos do mapa e encarou o olhar sério de Sorcor, abrindo um sorriso.

— Aí ele será nosso. Com o mínimo de danos, se é que terá algum.

— A não ser que a embarcação simplesmente se jogue para cima da gente — observou Sorcor, mal-humorado.

— Ah, ela não vai fazer isso — retrucou Kennit. — E mesmo que fizesse ia dar para abordar a tripulação e capturar o navio.

— E perder o *Marietta*? — Sorcor parecia horrorizado.

— E ganhar um navio-vivo!

— Não é uma boa ideia. Centenas de coisas podem dar errado — protestou Sorcor. — O navio pode quebrar em pedacinhos nas Rochas Malditas, aquele trecho de água não é um lugar para se entrar por vontade própria. Ou, se o calado da outra embarcação for mais baixo do que o nosso, podemos correr todos esses riscos e ela ainda vai passar ligeira enquanto estivermos ancorados. Ou...

Ele estava falando sério. Estava mesmo falando sério. Não ia seguir o plano. Como ele ousava? Sorcor não seria nada sem Kennit. Absolutamente nada. Poucos instantes antes, o sujeito estava jurando que devia tudo o que era ao capitão. Agora queria lhe negar a chance de ter um navio-vivo?

Kennit teve uma ideia: uma mudança súbita de tática. Ergueu uma mão para interromper as palavras do imediato.

— Sorcor. Você se importa comigo? — perguntou, com uma franqueza desconcertante.

Aquilo fez o imediato se calar, como Kennit sabia que faria. O homem quase corou. Ele abriu a boca, então gaguejou:

— B-Bem, capitão, já faz um tempo que navegamos juntos. E não me lembro ser tratado de modo mais justo, nem de homem nenhum que tenha sido mais...

Kennit balançou a cabeça e lhe deu as costas, como se estivesse comovido.

— Ninguém mais vai me ajudar com isso, Sorcor. Não confio em mais ninguém como confio em você. Eu sonho com um navio-vivo desde pequeno. Sempre acreditei que um dia andaria no convés de um, que ele seria meu. E... — Ele balançou a cabeça e deixou a voz ficar carregada. — Às vezes a gente passa por coisas que... nos fazem temer que o fim virá mais cedo do que o esperado. Essa perna... se o que dizem for verdade... — Kennit se virou de novo para Sorcor e arregalou os olhos azuis, fixando-os nos olhos escuros do imediato. — Essa pode ser a minha última chance — disse, simplesmente.

— Ah, senhor, não fale assim!

Os olhos do imediato, coberto de cicatrizes, ficaram cheios de lágrimas.

Kennit mordeu o lábio para conter o sorriso. Inclinou-se para mais perto da mesa de mapa para esconder o rosto. Foi um erro: a muleta escorregou, e Kennit teve que agarrar a beira da mesa, mas a ponta do coto, com a ferida podre, tocou o chão. Ele soltou um grito de agonia. Teria caído se Sorcor não o tivesse segurado.

— Calma. Eu peguei o senhor. Vamos com calma.

— Sorcor — disse, com a voz fraca. Conseguiu se segurar de novo na mesa de mapa e se apoiou bem nos braços, para não cair. — Pode fazer isso por mim?

Ele ergueu a cabeça. Estava tremendo, podia sentir. Era o esforço de ficar de pé sobre uma perna só. Não estava acostumado com aquilo, era isso. Kennit não acreditava que morreria. Ia ficar bem, sempre ficava, não importava quão grave fosse o ferimento. Não conseguiu evitar a careta de dor que contorceu seu rosto ou o suor que começou a escorrer pela testa. Mas ia usar tudo aquilo para conseguir o que queria. — Pode me dar essa última chance?

— Posso sim, senhor. — A fé embotada disputava espaço com o sofrimento nos olhos de Sorcor. — Vou conseguir seu navio-vivo. O senhor vai andar no convés dele. Confie em mim — implorou a Kennit.

Apesar da dor, o capitão soltou uma risada gutural. E a disfarçou como um acesso de tosse. Confiar nele...

— Que escolha eu tenho? — perguntou-se, amargamente. As palavras saíram em voz alta. Olhou para Sorcor, que o encarava, preocupado. Kennit forçou um sorriso enfermo nos lábios, um calor na voz. Balançou a cabeça consigo mesmo. — Durante todos esses anos, Sorcor, em quem mais eu confiei? Não tenho escolha: mais uma vez, tenho que apelar para a nossa amizade.

Kennit estendeu a mão para a muleta e a pegou, mas percebeu que não tinha forças para segurá-la com firmeza. A cura do coto estava drenando todas as suas energias. Piscou os olhos, já pesados.

— Também vou ter que pedir sua ajuda para chegar até a cama. Minhas forças estão me abandonando.

— Capitão — disse Sorcor, com a afeição bajuladora de um cão.

Kennit guardou aquele pensamento para examiná-lo quando se sentisse melhor. Por algum motivo, pedir a ajuda de Sorcor tornara o homem mais dependente de sua aprovação do que nunca. Concluiu que tinha escolhido bem o primeiro imediato. Se estivesse na posição de Sorcor, saberia instintivamente que aquela era a melhor oportunidade para tomar o controle. Felizmente para Kennit, Sorcor não era tão inteligente quanto ele.

O imediato se abaixou, sem jeito, e o ergueu, carregando-o de volta para a cama. O movimento abrupto elevou a dor a uma nova intensidade, e Kennit se agarrou aos ombros de Sorcor, sentindo a cabeça girar. Por um instante, veio à sua mente uma lembrança antiga do pai: bigode negro, hálito de álcool e fedor de marinheiro, girando e rindo numa dança bêbada com o menino Kennit nos braços. Uma época ao mesmo tempo feliz e aterrorizante. Sorcor o colocou na cama com muita delicadeza.

— Vou dizer para Etta entrar, está bem?

Kennit assentiu, sem forças. Buscou a lembrança do pai, mas a quimera dançou e escarneceu dele das profundezas de sua infância obscura. Um outro rosto sorriu, sardônico e elegante: “Um moleque promissor. Talvez possa ser útil.” Kennit virou a cabeça no travesseiro, afastando a memória. A porta se fechou atrás do primeiro imediato.

— Você não merece essas pessoas — disse uma vozinha. — Não entendo como eles podem amar você. Eu diria que ficaria feliz no dia em que elas finalmente descobrirem quem você realmente é, só que esse também seria o dia em que elas teriam os corações partidos. Que sorte fez você merecer a lealdade dessa gente?

Kennit ergueu o pulso, cansado. O pequeno rosto o encarava, amarrado com firmeza no pulso. Deu uma leve risada diante da expressão indignada do amuleto.

— A *minha* sorte. A sorte do meu nome e a sorte no meu sangue, é por isso que os mereço. — Então riu de novo, dessa vez consigo mesmo. — A lealdade de uma puta e de um bandoleiro. Que riqueza.

— Sua perna está apodrecendo — disse o rostinho, com súbita malícia. — Apodrecendo até o osso. Vai feder, pingar e queimar a vida para fora da sua carne. Porque você não tem coragem de arrancar a podridão do próprio corpo. — O rostinho lhe lançou um sorriso de escárnio. — Entende a minha parábola, Kennit?

— Cale a boca — retrucou o capitão, muito sério. Tinha começado a suar de novo. Suar na bela camisa limpa, nos lençóis recém-trocados. Suar como um velho bêbado fedido. — Se sou mau, o que você é? Você é parte de mim.

— Este pedaço de madeira já teve um grande coração — declarou o amuleto. — Você colocou seu rosto em mim, e é a sua voz que sai da minha boca. Estou preso a você. Mas madeira é memória. Não sou você, Kennit. E juro que não me tornarei igual a você.

— Ninguém... lhe pediu... que se tornasse. — Kennit estava respirando com

mais dificuldade. Fechou os olhos e se deixou levar pelas trevas.



30

DESAFIO E ALIANÇA

A primeira morte de um escravo a bordo dela foi no início da tarde. O carregamento tinha sido lento e cheio de complicações, com um vento leste agitando bastante as águas, e as nuvens que se formavam no horizonte prometiam mais uma tempestade de inverno pela manhã. Os escravos eram transportados em lotes até onde Vivácia estava ancorada, então eram empurrados para subir por uma escada de corda que tinha sido jogada por cima de seu costado. Alguns estavam em péssimas condições, outros tinham medo da escada ou simplesmente não tinham muita destreza para subir do barquinho balançante até a escada no costado do navio também balançante. Mas o homem que morreu, morreu porque queria. Estava no meio da escada, subindo sem jeito por causa das pernas agrilhoadas. Ele de repente soltou uma gargalhada.

— Acho que vou escolher a estrada mais curta — anunciou, em voz alta, então pisou fora da escada e se soltou. Caiu feito uma flecha no mar, o peso da corrente em seus tornozelos puxando-o direto para o fundo. Não teria salvação, nem mesmo se tivesse mudado de ideia.

Nas águas escuras muito abaixo de seu casco, um aglomerado de serpentes desenrolou os corpos. Vivácia sentiu a disputa feroz por um pedaço da carne. O sal do sangue de um homem temperou a água do mar por um breve momento, ao se chocar contra seu casco. O horror de Vivácia foi ainda maior por saber que os homens nos conveses não desconfiavam de nada.

— Tem serpentes lá embaixo! — gritou, mas eles a ignoraram, assim como ignoravam as súplicas dos escravos.

Depois disso, um Torg irritado amarrara os escravos juntos, o que tornou ainda mais difícil a subida deles a bordo. Mesmo assim, o homem parecia sentir um prazer vingativo ao lembrá-los de que qualquer homem que pulasse teria que prestar contas ao restante do grupo. Ninguém mais tentou, e Torg ficou orgulhoso da própria astúcia.

Era pior dentro dos porões. Os escravos exalavam tanto desespero que um miasma de infelicidade tomou seu interior. Foram amontados feito peixes num barril, presos uns aos outros para que não pudessem nem mesmo se mexer sem a

cooperação de seus companheiros de corrente. Os porões ficaram sombrios com o medo deles, secretado na urina e chorado nas lágrimas, até que Vivácia se sentiu saturada de miséria humana.

No paiol de amarras, vibrando em harmonia com ela, acrescentando sua própria nota especial ao tormento, estava Wintrow. Wintrow, que a abandonara, estava de volta a bordo. O menino ficava estirado no convés, os tornozelos e pulsos ainda pesados pelas correntes, o rosto marcado e manchado com a imagem da figura de proa. Ele não chorava ou gemia, tampouco dormia. Simplesmente olhava para a escuridão e sentia. Compartilhava da consciência que Vivácia tinha dos escravos e do sofrimento deles.

Como as batidas de um coração que ela não tinha, Wintrow pulsava com o desespero dos escravos. O garoto ficou ciente de todo aquele desalento, do sofrimento que emanava desde um tolo que não conseguia compreender a mudança de vida a um escultor idoso cujas primeiras obras ainda decoravam os aposentos particulares do sátrapa. No porão mais fundo e escuro, pouco acima da linha da água acumulada, havia uma camada dos menos valiosos: caras-marcadas que eram pouco mais do que lastro, cujos sobreviventes seriam vendidos por qualquer preço que conseguissem em Calcede.

Os artesãos ficavam encolhidos num porão seguro e seco, que outrora transportava fardos de seda ou barris de vinho. Tinham recebido o conforto de uma camada de palha e corrente suficiente para ficarem de pé, caso se revezassem. Kyle não conseguira tantos desses quanto esperava, e o grosso da carga no porão principal era de trabalhadores simples e comerciantes, oficiais falidos, ferreiros, vinicultores e rendeiros mergulhados em dívidas devido a doenças, vícios ou más decisões. Todos que agora pagavam o preço de suas dívidas com a própria carne.

E, no castelo de proa, havia homens com um tipo diferente de dor. Alguns dos tripulantes já estavam na dúvida sobre o plano do capitão desde o princípio, enquanto outros não tinham nem pensado no assunto enquanto ajudavam a instalar as correntes e cavilhas como se fossem só mais um tipo de anteparo para segurar a carga. Porém, nos últimos dois dias, tudo se tornara real. Escravos vinham a bordo, homens, mulheres e algumas crianças já entrando na adolescência. Todos tatuados. Alguns usavam os grilhões com experiência, outros ainda encaravam as algemas, lutando contra as correntes. Nenhum nunca viajara no porão de carga de um navio. Os escravos de Jamaillia iam para Calcede, e nenhum jamais voltava. E cada homem da tripulação estava aprendendo, alguns a duras penas, a não os encarar nos olhos, não olhar seus rostos, a não dar ouvido às vozes que imploravam, praguejavam ou reclamavam.

Carga. Gado. Ovelhas que baliam ao serem enfiadas em redis até que não coubesse mais nenhuma. Cada homem estava aceitando a situação à sua própria maneira, inventando outros modos de ver humanos tatuados, outras palavras para associar a eles. Confrei perdera o jeito alegre e brincalhão logo no primeiro dia de carregamento. Brando, num esforço de encontrar o alívio da leviandade, fazia piadas sem graça, jogando areia nas feridas de uma consciência esfolada. Esteio ficou quieto e fez seu trabalho, mas sabia que, assim que aquela viagem terminasse, nunca mais entraria num navio de escravos. Só Torg parecia contente e satisfeito. Nas profundezas de sua alma pequena e suja, estava vivendo a fantasia de sua juventude: andava pelas fileiras da carga amarrada, saboreando o confinamento que enfim o fazia se sentir livre. O homem já marcara para si aqueles que precisavam de mais atenção, os que se beneficiariam de sua "disciplina" extra. Torg era um pedaço de carne podre que, virada, revelava os vermes que a infestavam.

Ela e Wintrow ecoavam o desalento um do outro. E, dentro de seu desespero, havia a convicção profunda de que aquilo jamais teria acontecido se sua família tivesse sido leal. Se alguém de seu sangue fosse o capitão. Porque aí o capitão compartilharia o que ela estava sentindo. Sabia que Ephron Vestrit jamais a teria exposto àquilo. Althea teria sido incapaz. Mas Kyle Porto não lhe dava ouvidos. Se o homem tinha algum receio, não comentava com ninguém. A única emoção que Wintrow reconhecia vindo do pai era uma fúria ardente que beirava o ódio pelo próprio sangue. Vivácia desconfiava que Kyle os via como um problema duplo: o navio que não atendia às suas vontades por causa de um garoto que não queria ser o que o pai ordenara que fosse. Kyle estava determinado a subjugar um deles. Ambos, se pudesse.

Vivácia não tinha dito nada. Kyle não levara Wintrow até ela na noite anterior, quando o trouxera a bordo, simplesmente jogara o rapaz em seu antigo lugar de confinamento e aparecera pessoalmente para se vangloriar da captura. Numa voz que pôde ser ouvida por cada homem trabalhando no convés, ele recontou como tinha encontrado o filho transformado em escravo e o comprado para o navio. Depois que zarpassem, levaria o garoto até ela, então Vivácia poderia dar a ele as ordens que quisesse. Porque Kyle, pelos malditos olhos de Sá, já estava farto daquele traste.

O monólogo se estendeu, contrastando com o olhar silencioso do navio-vivo. A voz de Kyle se ergueu até a fúria o deixar praticamente cuspindo. Uma mudança na brisa acabou levando o álcool de seu hálito até ela. Era um novo vício de Kyle Porto: subir a bordo bêbado. Vivácia não responderia. Para Kyle, ela e Wintrow eram apenas parte de um mecanismo, um moitão que, depois de

montado de determinado jeito, devia funcionar de determinada maneira. Se fossem um violino e um arco, Kyle os teria batido um contra o outro inúmeras vezes, exigindo que fizessem música.

— Eu comprei o garoto imprestável para você! — gritou ele, ao fim do sermão. — Era o que você queria, foi o que conseguiu. Ele está marcado como seu, ele agora é seu por todos os dias que restam daquela vida miserável e inútil. — Kyle deu meia-volta e começou a se afastar a passos largos, mas se virou de repente para rosnar, às costas dela: — E acho bom você ficar satisfeita. É a última vez que tento lhe agradar.

Só naquele instante é que Vivácia ouviu o ciúme na voz dele. Kyle antes a cobiçava: um navio belo e caro, o tipo mais raro de embarcação. Um homem com um navio como ela se tornava membro daquela irmandade de elite dos que capitaneavam navios-vivos e comercializavam as mercadorias exóticas do Rio da Chuva, que se tornavam a inveja de qualquer homem que pilotasse qualquer outra embarcação. Kyle sabia do valor daquele navio: ele a desejara e a cortejara. Ao eliminar Althea, pensou que tinha se livrado de todos os rivais. Mas, no fim, suas atenções não foram suficientes para o navio-vivo. Vivácia lhe dera as costas em favor de um garotinho imprestável que não compreendia seu valor. Como um amante rejeitado, Kyle via seu sonho de possuí-la desmoronar. O que sobrara eram apenas resquícios de ódio e amargura.

Bem: o sentimento era mútuo.

O mais difícil era explicar o que sentia por Wintrow. Talvez não fosse tão diferente do que Kyle sentia por ela.

Na manhã seguinte, Brando se debruçou na amurada enquanto enfiava sorrateiramente um pequeno pedaço de cindina no lábio. Vivácia franziu o cenho. Não gostava que o garoto usasse a droga, não gostava de como a cindina turvava a percepção que tinha dele. Por outro lado, entendia por que ele sentia que precisava da droga. Esperou até o garoto esconder bem o resto do naco no punho enrolado da manga e então falou, muito calma:

— Brando, diga ao capitão que quero que Wintrow seja trazido até mim. Agora.

— Ah, Sar! — praguejou o garoto. — Vivácia, por que quer me colocar nessa posição? Não posso só dizer que você quer conversar com ele?

— Não. Porque eu não gostaria. Prefiro não conversar nada com ele. Só quero que Wintrow seja trazido até mim. Agora.

— Ah, por favor! — implorou o jovem marinheiro. — Ele já está nervoso porque alguns caras-marcadas parecem doentes. Torg disse que estão fingindo,

mas eles disseram que, se não forem colocados num lugar melhor, vão todos morrer.

— Brando. — Estava tudo no tom de voz.

— Sim, senhora.

Vivácia aguardou, mas não por muito tempo. Kyle atravessou o convés pisando duro e saltou para a coberta de proa.

— O que você quer agora? — perguntou.

Vivácia considerou ignorá-lo, mas abandonou a ideia.

— Wintrow. Como acredito que lhe foi dito.

— Mais tarde. Quando estivermos a caminho, e o vira-lata não puder pular para fora de novo.

— Agora.

Ele foi embora sem mais uma palavra.

Vivácia ainda não tinha certeza do que sentia por Wintrow. Estava feliz de ter o menino de volta a bordo, mas também tinha que encarar o egoísmo inerente a essa felicidade. E a humilhação de que, não importava quanto ele a tivesse menosprezado e abandonado, ainda o receberia de volta de braços abertos. *E o seu orgulho?*, perguntou a si mesma. No momento em que o garoto subiu a bordo, imundo, cansado e tomado pelo desespero, Vivácia renovara seu elo com ele. Vivácia se agarrara a Wintrow e a tudo que fazia dele um Vestrit como uma maneira de assegurar a própria identidade. Vivácia se sentiu melhor quase que instantaneamente, muito mais como ela mesma. Era uma certeza que obtinha dele, uma afirmação de si mesma. Nunca tinha percebido aquilo. Sabia que estava ligada ao garoto, mas pensava nisso como o “amor” que os humanos tanto estimavam. Agora já não tinha tanta certeza. Cogitou, pouco à vontade, que devia haver algo de nocivo no modo como se agarrava a ele para tirar dele a sua percepção de si mesma. Talvez fosse o que Wintrow sempre sentira naquele elo que compartilhavam, o que o fizera tentar escapar.

Era terrível sentir-se dividida assim, sentir tamanha necessidade de alguém ao mesmo tempo que odiava que a necessidade existisse. Vivácia não queria existir como um ser que dependia de outro para a própria validação. Iria confrontá-lo, exigiria saber se o garoto a via como um parasita e se fora por isso que fugira. Temia que Wintrow dissesse que aquela era a verdade, que ela não lhe dava nada, que apenas tirava. No entanto, por mais que temesse isso, Vivácia perguntaria. Porque tinha que saber. Teria mesmo uma vida e um espírito próprios, ou era apenas uma sombra Vestrit?

Deu mais alguns minutos a Porto. Mesmo assim, ninguém foi enviado até a porta de Wintrow.

Aquilo era intolerável.

Mais cedo Vivácia tinha notado que a carga não fora armazenada de modo uniforme. A tripulação não estava acostumada a acondicionar humanos. Não era muito significativo, não a ponto de fazer diferença, mas poderia ser. Vivácia suspirou, então se mexeu de leve. Começou a se inclinar a estibordo, só um pouco. Mas Kyle era um bom capitão, apesar de tudo, e Esteio era um imediato ainda melhor: notariam a inclinação. Reorganizariam a carga antes de zarpar. Então ela se inclinaria a bombordo. E talvez arrastasse um pouco a âncora. Vivácia olhou fixamente para a costa. As torres brancas de Jamaillia estavam baças, sob o céu cada vez mais nublado, exibindo o branco sem brilho de conchas vazias. Moveu-se com o mar, deixando o balançar mais evidente. E aguardou.

Estavam sentadas, juntas, na grande cozinha escura. Keffria adorava ficar ali quando era mais nova. Quando era muito pequena, adorava ir ali com a mãe. Naquela época, Ronica Vestrit dava festas particulares e sentia um prazer especial em preparar as comidas que serviria aos convidados. Na época, a cozinha era um lugar animado — os meninos brincavam com os seus blocos debaixo da grande mesa de madeira enquanto ela ficava de pé num banco, assistindo à mãe moer as ervas aromáticas que temperariam os rolinhos de carne. Keffria a ajudava a descascar ovos cozidos ou a fazer as amêndoas cozidas saltarem das casquinhas castanhas.

A Praga de Sangue pusera um fim àqueles tempos. Às vezes, Keffria pensava que tudo o que era alegre, despreocupado e simples na casa tinha morrido junto com os irmãos. Nunca mais deram festinhas animadas. Não conseguia se lembrar de ver a mãe preparar iguarias como antes, Ronica até parou de passar muito tempo na cozinha. Agora que tinham reduzido o número de criados, Keffria aparecia para ajudar a cozinhar nos dias mais atarefados. Mas Ronica, não.

Até aquela noite. Entraram na cozinha quando as sombras do dia começaram a se alongar. Numa terrível paródia daqueles dias de antigamente, as duas cozinharam juntas, cortando e descascando, cozinhando e mexendo, enquanto discutiam que vinhos e chás serviriam, quão forte devia ser o café e que toalha colocar na mesa. Falaram muito pouco sobre o motivo de os Festrew terem entrado em contato para anunciar uma visita. Embora o pagamento fosse só dali

a alguns dias, a quantia já estava pronta num baú junto à porta. Só não falavam sobre o fato inquietante de não ter havido qualquer resposta à carta de Keffria. Os Khuprus não eram os Festrew, talvez não houvesse conexão. Talvez.

Keffria sabia, desde que se tornara uma mulher adulta, que os Mercadores dos Ermos Chuvosos apareciam duas vezes por ano para receber o pagamento pelo navio-vivo. Sabia também que, quando o navio despertasse, o tamanho dos pagamentos aumentaria. Era o costume: o tamanho dos pagamentos refletia a crença de que navios-vivos seriam usados para fazer negócios no Rio da Chuva com as mercadorias muito lucrativas e exóticas dos Ermos Chuvosos. A maioria dos proprietários ficava muito rica muito depressa, depois que as embarcações despertavam. Os Vestrit, é claro, não tinham enriquecido. Às vezes, Keffria pensava se a decisão do pai a respeito dos itens mágicos havia sido sensata. Às vezes, como naquela noite.

Quando a comida ficou pronta, e a mesa terminou de ser arrumada, as duas mulheres se sentaram em silêncio junto à lareira. Keffria preparou um chá e serviu uma xícara para si e outra para a mãe.

— Ainda acho que devíamos convidar Malta para se juntar a nós — sugeriu. — Ela tem que aprender...

— Aquela lá já aprendeu muito mais do que suspeitamos — retrucou a mãe, cansada. — Não, Keffria. Vamos levar esse assunto como estou pedindo. Nós duas vamos escutar os Festrew juntas e decidir, juntas, o que fazer. Acho que as decisões tomadas esta noite podem determinar o curso da família Vestrit. — Ela encarou a filha nos olhos. — Não digo para magoar, mas não sei como colocar isso com delicadeza: receio que nós duas sejamos as últimas Vestrit. Malta é Porto até os ossos. Não estou dizendo que Kyle Porto é um homem ruim, só que o que for tratado aqui esta noite é para ser decidido por Mercadores de Vilamonte. E os Porto não são Mercadores de Vilamonte.

— Faça como quiser — respondeu Keffria, cansada.

Algum dia, pensou consigo mesma, sem rancor, *você vai morrer, e eu não vou mais ter que me envolver nessas situações. Talvez eu simplesmente entregue tudo a Kyle e passe o tempo cuidando dos jardins. Sem pensar em mais nada, a não ser se as rosas precisam de poda ou se* é *hora de dividir as moitas de íris. Vou finalmente poder descansar.*

Tinha certeza de que Kyle a deixaria em paz. Ultimamente, quando pensava no marido, era como o toque de um sino rachado: conseguia se lembrar do som maravilhoso que o nome já produzira em seu coração, mas não podia mais ouvi-lo ou reproduzi-lo. Afinal, pensou, desanimada, o amor era baseado em coisas. O

amor da família, o amor do casamento, até mesmo o amor de sua filha por ela: tudo baseado em coisas e no poder de controlá-las. Bastava dar poder às pessoas que elas amavam de volta. Que engraçado. Desde que descobrira isso, não se importava mais se alguém a amava ou não.

Keffria bebericou o chá e ficou olhando o fogo. De vez em quando, botava mais um pedaço de lenha. Ainda podia ter prazer nas coisas simples: o calor do fogo, uma boa xícara de chá. Ia saborear o que lhe restava.

Um gongo distante ressoou em algum lugar do outro lado do campo. A mãe se levantou depressa para fazer uma última inspeção em tudo. As luzes da cozinha já tinham sido abafadas, mas ela acrescentou as coberturas em forma de folha às velas, para dispersar ainda mais a luminosidade.

— Faça mais chá — pediu, em voz baixa. — Caolwn gosta de chá. — Então fez algo um tanto peculiar: foi até a porta interna da cozinha e a abriu de repente. Saiu depressa e olhou para os dois lados do corredor, como se esperasse surpreender alguém.

Quando entrou de novo na cozinha, Keffria perguntou:

— Selden está fora da cama de novo? Ele é uma criaturinha da noite.

— Não, não tinha ninguém ali — disse a mãe, distraída. Em seguida, fechou a porta com firmeza e voltou para a mesa. — Você se lembra do ritual de saudação? — perguntou, de repente.

— É claro. Não se preocupe, não vou envergonhá-la.

— Você nunca me envergonhou — retrucou a mãe, ainda distraída.

Keffria não soube dizer por que aquelas palavras fizeram seu coração pular no peito daquele jeito estranho.

Ouviram a batida na porta, e Ronica foi abrir. Keffria ficou atrás da mãe. Havia duas figuras do lado de fora, cobertas por mantos e capuzes. Uma usava joias flamejantes vermelhas no véu do rosto, criando um efeito ao mesmo tempo misterioso e belo. Jani Khuprus. Uma sensação de pavor invadiu seu estômago. A caixa de sonho. Ficou tonta de preocupação e surpresa. Ficou esperando a mãe falar, dar um jeito de salvar todas elas. Ronica permaneceu imóvel e calada, chocada. Não ofereceu quaisquer cumprimentos. Keffria respirou fundo e rezou para dizer tudo do jeito correto.

— Dou-lhes as boas-vindas à nossa casa. Entrem e fiquem à vontade.

As duas saíram do caminho para deixar entrar as Mercadoras dos Ermos Chuvosos. Keffria se preparou enquanto as duas removiam as luvas, capuzes e véus. Os olhos violeta de Caolwn estavam quase ocultos pelos tumores

balançantes em suas pálpebras. Foi difícil olhá-la nos olhos e abrir um sorriso receptivo, mas foi o que fez. Mas Jani Khuprus, a das joias flamejantes, tinha um rosto surpreendentemente liso para uma Mercadora dos Ermos Chuvosos. Quase poderia ter andado pelas ruas de Vilamonte durante o dia sem que ninguém a encarasse. As marcas eram sutis, só um traçado granulado contornava os cantos dos lábios e das pálpebras. O branco dos olhos brilhava numa tonalidade azulada na penumbra da cozinha, assim como o cabelo, os dentes e as unhas. Não era sem atrativos, a seu próprio modo arrepiante. Ronica ainda estava calada. Então, sentindo-se num sonho, Keffria falou:

— Preparamos uma refeição ligeira para vocês após a longa viagem. Gostariam de se sentar à nossa mesa?

— Com todo o prazer — responderam as duas Mercadoras, quase ao mesmo tempo.

As mulheres da sala fizeram mesuras umas para as outras. Keffria mais uma vez teve que falar para romper o silêncio da mãe.

— Eu, Keffria Vestrit, da Família Vestrit, dos Mercadores de Vilamonte, recebo-as em nossa mesa e em nossa casa. Evoco nossos juramentos mais antigos, de Vilamonte para os Ermos Chuvosos, e também nosso acordo particular no que concerne ao navio-vivo Vivácia, produto de nossas duas famílias.

— Eu, Caolwn Festrew, da Família Festrew, dos Mercadores dos Ermos Chuvosos, aceito a hospitalidade da sua casa e da sua mesa. Evoco nossos juramentos mais antigos, dos Ermos Chuvosos para Vilamonte, e também nosso acordo particular no que concerne ao navio-vivo Vivácia, produto de nossas duas famílias. — A mulher fez uma pausa e indicou a mulher a seu lado. — Trago à sua mesa e à sua casa minha convidada, que depois disso será sua convidada. Podem estender as boas-vindas a Jani Khuprus, nossa parente?

Olhou fixamente para o rosto de Keffria. Cabia a ela responder.

— Não conheço a resposta formal para esse pedido — admitiu, sincera. — Então direi simplesmente que qualquer convidada de Caolwn, nossa amiga de longa data, é mais do que bem-vinda em nossa casa. Permitam-me um momento para colocar mais um prato e talheres na mesa. — Torceu, desesperada, que uma pessoa tão ilustre quanto a chefe do clã Khuprus não se ofendesse com a informalidade.

Jani sorriu e olhou de relance para Caolwn, como se pedisse permissão para falar. Caolwn respondeu com um leve sorriso.

— De minha parte, fico mais do que feliz em deixar de lado as formalidades.

Permitam-me dizer que essa visita inesperada se deve mais a mim do que a Caolwn. Eu implorei para que ela marcasse o encontro e permitisse que eu a acompanhasse, para que pudesse me apresentar à sua casa. Se isso lhes causou alguma dificuldade, gostaria de me desculpar.

— De modo algum — disse Keffria. — Por favor, vamos ficar à vontade umas com as outras, como vizinhas, amigas e familiares. — Suas palavras incluíam a mãe, assim como as outras duas. Como que por acidente, deixou a mão roçar na da mãe, numa súplica silenciosa para que a mulher se recobrasse do choque.

Caolwn tinha se virado para Ronica, encarando-a de um jeito estranho.

— Minha velha amiga, você está calada esta noite. Está à vontade com a convidada?

— Como não estaria? — perguntou Ronica, numa voz fraca. Então, numa voz mais forte, acrescentou: — Porém, esta noite dou lugar à minha filha. Ela recebeu sua herança. É mais do que apropriado que as receba, em meu lugar, e que fale pelos Vestrit.

— E ela nos recebeu com muita eloquência — elogiou Jani Khuprus, com cordialidade genuína. Sorriu para todas. — Ah, temo não ter seguido as formalidades. Pensei que vir pessoalmente seria o jeito mais confortável de começar nossa conversa, mas talvez uma carta tivesse sido melhor.

— Está tudo bem, pode ficar tranquila — retrucou Keffria, colocando um copo extra na mesa e puxando outra cadeira. — Vamos nos sentar e desfrutar da comida, do chá e do vinho juntas. Ou café, caso seja de sua preferência.

Keffria sentiu um desejo estranho e repentino de conhecer melhor Jani Khuprus, antes que a razão para a visita fosse mencionada. Devagar. Aos poucos. Se aquela charada precisava ser esclarecida, queria que o fosse aos pouquinhos, para ter certeza de que a compreenderia nos mínimos detalhes.

— Vocês prepararam uma mesa encantadora — comentou Jani Khuprus, sentando-se.

Keffria não deixou de notar que ela se sentou primeiro e que Caolwn lhe mostrava uma certa deferência. Ficou feliz por as azeitonas serem da melhor qualidade, por a mãe ter insistido para que a pasta de amêndoas fosse preparada naquela mesma noite, por apenas o melhor do que cozinharam ter sido posto à mesa. Era uma mesa encantadora, com comidas suculentas e refinadas como Keffria não via havia meses. Apesar dos limites financeiros, Ronica não permitira que aquilo afetasse o banquete, e Keffria se sentiu grata por isso.

Durante algum tempo, a conversa foi apenas informal. Ronica aos poucos

recobrou a postura e o charme, conduzindo a conversa para rumos seguros. Elogios à comida, ao vinho, ao café e outras generalidades acompanharam a refeição. Contudo, Keffria notou que, sempre que Jani assumia a conversa — o que era frequente — contava histórias que ilustravam a riqueza e o poder da própria família. Não as contava com arrogância, não havia qualquer intenção de humilhar os Vestrit ou sua mesa. Em cada caso, comparava a comida ou a companhia de forma favorável a alguma ocasião ou pessoa mais ilustre.

Keffria chegou à conclusão de que a mulher estava se esforçando para compartilhar informações sobre a própria família. O marido ainda estava vivo, assim como três dos filhos e duas das filhas: uma família imensa para os padrões dos Ermos Chuvosos. A nova riqueza advinda da descoberta das joias flamejantes permitia que tivessem mais tempo para viajar e se entreterem, levando para casa objetos belos e o conhecimento da erudição. Não era aquele o maior benefício da riqueza? Permitir que a família e os amigos tivessem tudo o que mereciam? Se as duas quisessem subir o rio, seriam muito bem-vindas em sua casa.

Era como a dança de cortejo de um pássaro, refletiu Keffria. Sentiu o coração pular no peito mais uma vez. Jani Khuprus se virou de repente para olhá-la, como se Keffria tivesse feito algum som baixo que atraíra seus olhos. A mulher abriu um sorriso inesperado, um sorriso encantador, e disse:

— Recebi sua mensagem outro dia, minha cara. Mas confesso que não a compreendi. Foi um dos motivos por que implorei que Caolwn arranjasse essa visita, sabia?

— Foi o que imaginei — disse Keffria, numa voz fraca. Olhou para a mãe: Ronica a encarou e assentiu discretamente. Keffria tirou forças da calma restaurada da mãe. — Na verdade, estou numa posição extremamente constrangedora. Achei que seria melhor simplesmente escrever e ser honesta sobre o que aconteceu. E prometo que, se a caixa de sonho for encontrada, será devolvida o mais rápido possível.

Aquilo não foi formulado da maneira mais graciosa que poderia ter sido, e Keffria mordeu o lábio inferior. Jani inclinou a cabeça.

— Isso, é claro, foi o que me deixou confusa. Chamei meu filho e o questionei, porque um ato tão impulsivo e arrebatado só podia ser coisa dos jovens. Reyn gaguejou um pouco e corou bastante. Ele nunca tinha demonstrado interesse em cortejos, mas admitiu ser o responsável pela caixa de sonho, assim como pelo cachecol e pela joia flamejante. — Ela balançou a cabeça com afeto maternal. — Eu o repreendi, mas receio que ele não esteja arrependido. Está

muito encantado com a sua Malta. Claro que não discutiu o sonho que compartilharam, isso seria... hã, indelicado da parte de um cavalheiro. Mas ele me disse que tinha certeza de que a menina via seu pedido com bons olhos. — A mulher sorriu para todas. — Presumo que a caixa tenha sido encontrada e desfrutada pela moça.

— Com certeza é o que todas nós presumimos — disse Ronica, de repente, antes que Keffria pudesse falar.

As duas Vestrit trocaram um olhar cujo significado não podia ter sido escondido de ninguém.

— Ah, céus — suspirou Jani, como que pedindo desculpas. — Imagino que vocês não estão tão animadas quanto a jovem, com o cortejo do meu filho.

A boca de Keffria ficou seca de repente. Ela bebeu um pouco do vinho, mas não ajudou. Acabou tendo um acesso de tosse, então se engasgou. Estava recuperando o fôlego quando a mãe falou em seu lugar.

— Malta é uma criaturinha travessa. Nossa menina é cheia de truques e adora pregar peças. — O tom de Ronica era brando, mas a expressão em seu rosto era de solidariedade. — Não, Jani, não é o cortejo de seu filho que não vemos com bons olhos. É a idade de Malta e seu comportamento infantil. Quando a menina tiver idade para pretendentes, nós o receberemos de bom grado. E, se Reyn cair nas graças dela, só poderemos ficar honradas com a união. Mas, mesmo tendo a aparência de uma jovem mulher, Malta tem a idade de uma criança. E receio que também tenha o amor de uma criança pelo fingimento e pelas travessuras. Ela acabou de fazer treze anos. Ainda não foi formalmente apresentada. Seu filho deve ter visto Malta com o manto de Mercadora na reunião que você convocou. Mas tenho certeza de que se ele tivesse visto a menina com as roupas costumeiras, roupas de menina, teria percebido o... erro.

Um silêncio pairou sobre a cozinha. Jani olhou de uma mulher para a outra.

— Entendo — disse, por fim. Parecia pouco à vontade. — Então é por isso que a jovem não está presente hoje.

Ronica sorriu para ela.

— Ela está dormindo faz tempo, como a maioria das crianças de sua idade — respondeu, então tomou um gole de vinho.

— Estou numa posição muito constrangedora — disse Jani, hesitante.

— Bem, receio que a nossa seja ainda mais constrangedora — interrompeu Keffria, educadamente. — Quero ser muito sincera. Ficamos chocadas com a menção de um cachecol e da joia flamejante. Não tínhamos conhecimento desse

presente. E se a caixa de sonho foi aberta... não, tenho certeza de que foi, pois seu filho partilhou do sonho... bem, Malta também tem culpa nisso. — Ela deu um longo suspiro. — Tenho que lhe pedir desculpas, humildemente, pelos maus modos da minha filha. — Apesar do esforço para se controlar, Keffria sentiu um aperto na garganta. — Estou consternada. — Ouviu a própria voz começar a ficar trêmula. — Eu não acreditava que ela fosse capaz de uma coisa dessas.

— Meu filho com certeza ficará frustrado — disse Jani Khuprus. — Ele é ingênuo demais, infelizmente. Tem quase vinte anos, mas nunca demonstrou interesse em cortejar uma noiva, e agora acabou sendo precipitado... Ah, céus. — Ela balançou a cabeça. — Isso muda muitas coisas. — Trocou um olhar com Caolwn, que respondeu com um sorriso pouco à vontade.

Caolwn explicou em voz baixa.

— A família Festrew cedeu à família Khuprus o contrato do navio-vivo Vivácia. Todos os direitos e dívidas foram transferidos para eles.

Keffria sentiu como se tivesse tropeçado e caído em meio ao silêncio sepulcral. Mal conseguiu ouvir as palavras de Jani.

— Meu filho negociou isso com os Festrew. Vim esta noite falar por ele. Mas agora é evidente que o que eu tinha para dizer é inapropriado.

Ninguém precisou explicar. A dívida teria sido oferecida de volta como um presente de casamento. Um presente de casamento extravagantemente caro, um gesto típico dos Ermos Chuvosos, mas numa escala que Keffria jamais teria imaginado. A dívida de um navio-vivo cancelada pelo consentimento de uma mulher em se casar? Era absurdo.

— Que sonho deve ter sido — murmurou a mãe, seca.

Foi inapropriado, de uma implicação quase grosseira. Keffria passaria o resto da vida se perguntando se a mãe sabia o que aconteceria a seguir. As mulheres caíram numa gargalhada diante da suscetibilidade dos homens, e o mal-estar desapareceu. De repente, todas eram mães envolvidas no cortejo desajeitado dos filhos.

Jani Khuprus respirou fundo.

— Bem, me parece — começou, com a voz meio triste — que o problema não é tão grande que o tempo não possa resolver. Então meu filho precisa esperar. Isso não vai lhe fazer nenhum mal. — Ela sorriu com tolerância maternal para Ronica e Keffria. — Vou falar com ele com a devida seriedade. Explicar que o cortejo não pode começar até Malta se apresentar como mulher. — Ela fez uma pausa, envolvida em cálculos mentais. — Se isso acontecer ainda nesta

primavera, o casamento pode ocorrer no verão.

— Casamento? Mas ela vai ter acabado de fazer catorze anos! — exclamou Keffria, incrédula.

— Seria uma noiva nova — concordou Caolwn. — E adaptável. Muito vantajoso para uma mulher de Vilamonte que quer entrar para uma família dos Ermos Chuvosos. — Ela sorriu, e as protuberâncias carnudas de seu rosto balançaram, hediondas, para Keffria. — Eu tinha quinze anos.

Keffria respirou fundo. Não tinha certeza se devia gritar com aquelas mulheres ou simplesmente mandá-las embora dali. A mãe colocou a mão em seu braço e o apertou. Conseguiu fechar a boca.

— É cedo demais para falarmos em casamento — disse Ronica, sem rodeios. — Eu já comentei que Malta gosta de travessuras infantis, e receio que essa possa ser uma delas, que ela não tenha considerado o cortejo de seu filho com a seriedade que merece. — Ronica olhou lentamente de Caolwn para Jani. — Não há motivo para pressa.

— Você fala como uma Mercadora de Vilamonte — retorquiu Jani. — Vocês vivem vidas longas e têm muitos filhos. Não temos o luxo do tempo. Meu filho já tem quase vinte anos. Ele finalmente encontrou uma mulher que deseja, e vocês nos dizem que ele deve esperar? Por mais de um ano? — Ela se recostou na cadeira. — Isso não será possível.

— Eu não vou forçar minha filha — declarou Keffria.

Jani sorriu.

— Meu filho não acredita que seja questão de forçar ninguém. E eu acredito nele. — A mulher encarou as duas Vestrit. — Vamos, somos todas mulheres. Se ela fosse tão infantil quanto vocês dizem, a caixa de sonho teria revelado isso a ele. — Como não houve resposta, ela prosseguiu, numa voz perigosamente suave: — É uma proposta excelente. Não podem esperar receber mais, de quem quer que seja.

— A proposta é mais do que excelente, é surpreendente — retorquiu Ronica, mais do que depressa. — Mas somos todas mulheres. Portanto, sabemos que o coração de uma mulher não pode ser comprado. Só pedimos que esperem Malta ficar um pouco mais velha, para ela ter certeza do que quer.

— Mas com certeza podemos dizer que ela sabe bem o que quer, se abriu a caixa de sonho e teve um sonho partilhado. Ainda mais se teve que desafiar a mãe e a avó para isso, como parece ser o caso. — A voz de Jani Khuprus estava perdendo a cortesia aveludada.

— O ato de uma criança teimosa não deve ser visto como a decisão de uma mulher. Estou lhes dizendo que precisam esperar. — A voz de Ronica era firme.

Jani Khuprus se levantou.

— Sangue ou ouro, há uma dívida — invocou. — O pagamento deve ser feito em breve, Ronica Vestrit, e você já o atrasou uma vez. Pelo nosso contrato, podemos determinar como será pago.

Ronica se levantou, ficando em pé de igualdade com Jani.

— Ali, no baú perto da porta. Ali está o ouro. Eu lhe entrego, de livre vontade, o pagamento justo pela dívida que temos. — Ela balançou a cabeça lentamente. — Jamais lhes entregarei uma filha ou uma neta, a não ser que ela queira ir por vontade própria. É tudo o que estou lhe dizendo, Jani Khuprus. E é uma vergonha para nós duas que isso precise ser dito em voz alta.

— Está dizendo que não vão honrar o contrato? — perguntou Jani.

— Por favor! — A voz de Caolwn soou de repente, muito estridente. — Por favor — prosseguiu, num tom mais suave, quando todas se viraram em sua direção. — Vamos lembrar quem somos. E que temos tempo. Não é tão curto quanto alguns pensam nem tão generoso quanto outros gostariam que fosse, mas temos. E também temos que levar em consideração os corações de dois jovens. — Os olhos violeta semicerrados foram de um semblante a outro, em busca de cooperação. — Proponho um meio-termo — disse, por fim. — O que pode nos poupar de muita aflição. Jani Khuprus deve aceitar seu ouro. Desta vez. Está obrigada pelo que eu e Ronica concordamos, aqui nesta mesma cozinha. Assim como Ronica, no fim das contas, está obrigada pelo próprio contrato. Sobre isso estamos todas de acordo, não?

Keffria prendeu a respiração e não se moveu, mas ninguém parecia estar olhando para ela. Jani Khuprus foi a primeira a assentir, rigidamente. Quando Ronica assentiu, foi mais como se estivesse abaixando a cabeça em derrota.

Caolwn soltou um suspiro de alívio.

— E agora o meu meio-termo: Ronica, falo como uma mulher que conhece o Reyn de Jani desde que ele nasceu. É um rapaz extremamente honrado e confiável. Você não precisa temer que ele se aproveite de Malta, não importa se ela é uma garota ou uma mulher. E é por isso que acredito que vocês poderiam deixá-lo começar o cortejo agora. Acompanhado, é claro. E com a condição de que não haverá mais presentes que possam fazer a cabeça de uma garota com mais cobiça do que com amor no coração. Simplesmente permitam que Reyn a visite regularmente. Se ela for mesmo uma criança, ele vai perceber e vai acabar mais envergonhado do que qualquer uma de nós pode imaginar. Porém, se ela for

de fato uma mulher... deem uma chance ao rapaz, a primeira de quaisquer outras, de conquistar o coração de Malta. É pedir demais? Que ele tenha permissão de ser o primeiro pretendente da jovem Vestrit?

Ronica olhou para Keffria à espera de uma decisão, o que foi um passo significativo para a reparação de muitos danos. A Vestrit mais jovem umedeceu os lábios.

— Acho que posso permitir isso. Se eles estiverem bem acompanhados. E sem presentes caros para induzir minha filha. — Ela soltou um suspiro. — Na verdade, foi Malta quem começou isso tudo. Talvez essa deva ser sua primeira lição como mulher: não se deve fazer pouco da afeição de homem nenhum.

Todas as presentes assentiram em concordância.



31

NAVIOS E SERPENTES

Era uma tatuagem tosca, feita às pressas e só com tinta verde. Ainda assim, era a imagem dela marcada no rosto do garoto. Vivácia o encarou, horrorizada.

— Isso é culpa minha. Se não fosse por mim, nada disso teria acontecido com você.

— É verdade — concordou o jovem, cansado. — Mas isso não significa que a culpa seja sua.

Ele lhe deu as costas e se sentou no convés. Será que tinha ideia do quanto suas palavras a magoavam? Vivácia tentou partilhar de seus sentimentos, mas o garoto, que vibrara de dor na noite anterior, agora era uma grande calmaria. Wintrow jogou a cabeça para trás e encheu os pulmões com o vento puro que soprava pelos conveses, então soltou o ar num suspiro.

O homem no leme tentou forçá-la de volta ao canal principal. Vivácia se inclinou para o outro lado com uma quase malícia indolente, rolando enquanto o sujeito a forçava na direção oposta. Isso era para Kyle Porto, que pensava que podia fazê-la se curvar à sua vontade.

— Eu não sei o que dizer — confessou Wintrow. — Quando penso em você, eu me sinto envergonhado, como se tivesse traído sua confiança ao fugir. Mas, quando penso em mim mesmo, fico desapontado: quase consegui recuperar minha vida. Não quero abandonar você, mas também não quero ficar preso aqui. — Ele balançou a cabeça, então se recostou na amurada. Estava sujo e esfarrapado, e Torg não removera os grilhões de seus pulsos e tornozelos quando o deixara ali. Wintrow falava por cima do ombro enquanto olhava para as velas. — Às vezes sinto que sou duas pessoas, buscando duas vidas diferentes. Ou melhor: sinto que, unido a você, sou uma pessoa diferente da que sou quando estamos separados. Quando estamos juntos, eu perco... alguma coisa. Não sei do que chamar. Minha capacidade de ser apenas eu mesmo.

Vivácia sentiu uma pontada de medo. Aquelas palavras eram parecidas demais com o que ela planejara dizer. Tinham zarpado de Jamaillia na manhã anterior, mas só agora Torg lhe trouxera Wintrow. Foi a primeira vez que viu o que

tinham feito com o garoto. O mais chocante era sua imagem grosseira em tinta colorida do rosto dele. Mais nada o distinguia como marinheiro agora, muito menos como o filho do capitão. Ele parecia um escravo qualquer. Ainda assim, apesar de tudo o que lhe acontecera, Wintrow parecia calmo.

— Não me resta mais nada de sentimentos — observou, respondendo ao pensamento de Vivácia. — Através de você, sou todos os escravos ao mesmo tempo. Quando me permito sentir isso, parece que vou enlouquecer. Então me mantenho afastado e tento não sentir nada.

— Essas emoções são muito fortes — concordou Vivácia, em voz baixa. — O sofrimento deles é grande demais. Toma conta de mim, até eu não poder me separar dessas sensações. — Ela fez uma pausa, então prosseguiu, hesitante: — Era pior quando estavam a bordo e você não. O simples fato de você não estar aqui fazia eu me sentir à deriva. Acho que você é a âncora que me mantém sendo quem sou. Acho que é por isso que um navio-vivo precisa de alguém da família a bordo.

Wintrow não respondeu, mas Vivácia esperou que, pelo silêncio, ele estivesse ouvindo.

— Eu tomo de você — admitiu. — Tomo e não lhe dou nada em troca.

Wintrow se remexeu de leve, e sua voz soou estranhamente seca.

— Você me deu forças, e mais de uma vez.

— Mas só para poder manter você junto a mim — retrucou Vivácia, hesitante. — Eu o fortaleço para poder ficar com você. Para continuar tendo certeza de quem sou. — Ela tomou coragem. — Wintrow. O que eu era antes de ser um navio-vivo?

O rapaz se remexeu em seus grilhões e esfregou os tornozelos esfolados, distraidamente. Não pareceu ter compreendido a importância da pergunta.

— Uma árvore, provavelmente. Na verdade, algumas árvores. Isso se a madeira-arcana cresce como as outras madeiras. Por que a pergunta?

— Enquanto você estava ausente, eu quase pude me lembrar de... algo. Como o vento no meu rosto, só que mais forte. Me movia tão depressa, de livre e espontânea vontade. Quase pude me lembrar de ser... alguém... que não era um Vestrit. Alguém separado de tudo o que conheço nesta vida. Foi muito assustador. Mas...

Ela parou, à beira de um pensamento que não queria reconhecer.

— Acho que gostei — admitiu, depois de um longo silêncio. — Antes. Agora... acho que tive o que os homens chamam de pesadelos... isso se navios-

vivos pudessem dormir. Mas eu não durmo, então não pude despertar completamente. As serpentes no porto, Wintrow. — Vivácia falava depressa em voz baixa, tentando fazê-lo compreender tudo de uma vez só. — Ninguém mais as viu. Mas agora todos admitem que existe uma serpente branca me seguindo. Mas havia outras, muitas delas, na lama do fundo do porto. Tentei avisar Esteio, mas ele me falou para ignorar a presença delas. Mas não consegui, porque elas é que criaram os sonhos... Wintrow?

O rapaz cochilava com o sol quente na pele. Ninguém podia culpá-lo, depois das privações pelas quais passara.

Ainda assim, aquilo a magoou. Precisava falar com alguém sobre aquelas coisas, ou ia acabar enlouquecendo. Mas ninguém estava disposto a lhe dar ouvidos. Ainda se sentia isolada, mesmo com Wintrow de volta a bordo. Desconfiava que ele de algum modo estava se mantendo afastado. E, mais uma vez, não podia culpá-lo — nem deixar de se sentir magoada com a atitude. Também sentia uma raiva sem foco definido. A família Vestrit fizera dela o que era, criara essas necessidades nela. Porém, desde que despertara, não tivera sequer um só dia de companhia de bom grado. Kyle esperava que ela navegasse animada e bem com uma barriga repleta de desolação e sem nenhum companheiro. Não era justo.

O barulho de passos apressados no convés a tirou de seu devaneio.

— Wintrow — chamou, imprimindo urgência na voz. — Seu pai está vindo para cá.

— Você está passando longe do canal. Não consegue manter o navio no curso? — berrou Kyle a Confrei, que olhou de esguelha para o capitão.

— Não, senhor — respondeu ele, no mesmo tom, como se não estivesse sendo insubordinado. — Parece que não consigo. Cada vez que corrijo o curso, o navio sai do lugar.

— Não ponha a culpa no navio. Estou cansado de ouvir cada tripulante a bordo dessa embarcação botar a culpa de sua incompetência no navio.

— Não, senhor — concordou Confrei.

O marinheiro olhou bem para a frente e girou o timão mais uma vez, numa tentativa de corrigir o curso. Vivácia respondeu tão lentamente como se estivesse arrastando uma âncora. Como que em resposta a esse pensamento, Kyle viu uma serpente se debater na superfície, no encalço da embarcação. A criatura horrenda parecia estar olhando diretamente para ele.

Sentiu a raiva aumentar. Aquilo era demais. Era simplesmente demais. Não era um homem fraco, podia encarar o que quer que o destino jogasse em seu caminho: tempo ruim, cargas complicadas... nem mesmo o azar acabava com a sua calma. Mas aquilo era diferente. Aquilo era a oposição direta daqueles que ele se esforçava para beneficiar. E não sabia quanto mais poderia suportar.

Sá era testemunha de como tentara com o garoto. O que mais o filho poderia ter pedido? Tinha oferecido todo o maldito navio, se ele ao menos fosse homem e se prontificasse a assumir o comando. Mas não: o garoto tinha de fugir e acabar tatuado como um escravo em Jamaillia.

Desistira do filho. Comprara o moleque de volta para a embarcação e o deixara completamente à disposição dela: não era isso que Vivácia insistira que precisava? Mandara o garoto ser levado para a coberta de proa naquela manhã, assim que deixaram o porto para trás. A embarcação devia ter ficado satisfeita, mas não: ela se arrastava pela água, inclinando-se primeiro para um lado, depois para o outro, saindo constantemente do melhor canal. Vivácia o humilhava com o ritmo relaxado, assim como seu próprio filho.

Era para ser tão simples: ir para Jamaillia, pegar um carregamento de escravos, levá-los até Calcede, vendê-los por um bom preço. Trazer prosperidade para a família e orgulho para o nome. Comandava bem a tripulação e mantinha o navio em bom estado. Pela lógica, Vivácia deveria navegar maravilhosamente bem, esplendorosa. E Wintrow deveria ter sido um filho forte para seguir seu exemplo, um filho orgulhoso de sonhar em algum dia assumir o leme do próprio navio-vivo. Em vez disso, aos catorze anos, Wintrow já tinha duas tatuagens de escravo no rosto. E a maior era resultado da reação furiosa e impulsiva de Kyle a uma sugestão jocosa de Torg. Por Sá, queria que Esteio é que estivesse com ele naquele dia, em vez de Torg. Esteio o teria convencido a não fazer aquilo. Em comparação, Torg obedeceu imediatamente, e Kyle acabou se arrependendo. Se tivesse que fazer aquilo de novo...

Um movimento a estibordo atraiu seu olhar: era a maldita serpente outra vez, deslizando pela água, observando-o. Era uma serpente branca, mais horrorosa do que a barriga de um sapo, e seguia no rastro deles. Não parecia muito ameaçadora. Pelos poucos vislumbres que tivera, a criatura parecera velha e gorda. Mas nem a tripulação e nem o navio gostavam dela. Olhando para a serpente, Kyle percebeu o quanto *ele próprio* não gostava dela. A criatura olhou de volta, encarando-o como se não fosse um animal. Parecia um homem tentando ler sua mente.

Kyle deixou o timão para se afastar da serpente e rumou para a proa a passos

largos, agitado. Os pensamentos inquietantes o seguiram.

O maldito navio fedia muito mais do que Torg dissera. Fedia mais do que uma latrina, mais do que um ossuário. Já tinham jogado três mortos por cima da amurada — inclusive, parecia que um deles tinha se matado. Uma mulher: encontraram-na estirada entre as correntes. Ela rasgara tiras da barra do traje e as enfiara na boca até sufocar. Como alguém podia fazer algo tão estúpido? Aquilo deixara vários marinheiros abalados, mas nenhum deles falou diretamente com Kyle sobre o assunto.

Olhou mais uma vez a estibordo. A maldita serpente o acompanhava, sem tirar os olhos dele. Kyle desviou o olhar.

De alguma forma, a criatura o lembrava a tatuagem no rosto do garoto. Era simplesmente inescapável. Não devia ter feito aquilo. Kyle se arrependia, mas não havia como mudar o que acontecera. E sabia que jamais seria perdoado pelo que fizera, então não havia sentido em se desculpar ao garoto ou à mãe dele. Os dois o odiariam até o fim de seus dias. Não importava que não tivesse machucado o filho de verdade — não era como se tivesse cegado seus olhos ou decepado uma mão, era só uma marca. Vários marinheiros usavam uma tatuagem do navio em que serviam ou da figura de proa do navio. Não nos rostos, é claro, mas era a mesma coisa. Ainda assim, Keffria teria um chilique quando visse. Sempre que olhava para Wintrow imaginava o horror no rosto da esposa. Não podia mais nem ficar ansioso com a volta para casa. Não importava quanto dinheiro levasse: só veriam a tatuagem no rosto do filho.

Ao lado do navio, a serpente ergueu a cabeça para fora da água e o encarou, como se soubesse de alguma coisa.

Kyle notou que seus passos irritados o haviam levado até o outro lado do navio, para o alto da coberta de proa. O filho estava encolhido ali. *Aquilo é o meu herdeiro*, pensou, com vergonha. Aquele era o garoto que ele visualizara assumindo o leme, um dia. Era uma pena Malta ser mulher. A menina teria dado uma herdeira muito melhor.

Kyle sentiu um súbito lampejo de raiva percorrer seu corpo, deixando a mente desanuviada. Era tudo culpa de Wintrow. Agora compreendia. Trouxera o garoto a bordo para manter o navio-vivo feliz e fazê-lo navegar direito, e aquele sacerdotezinho só a deixara maliciosa e mal-humorada. Bem, se Vivácia não ia navegar direito com o garoto a bordo, então não havia por que aguentar aquelas lamúrias. Kyle deu dois passos largos, agarrou Wintrow pela gola da camisa e o colocou de pé.

— Eu devia jogar você para aquela serpente maldita! — gritou para o garoto

assustado e pendurado em sua mão.

Wintrow ergueu o olhar chocado para o pai e o fitou, sem dizer nada. Ele simplesmente cerrou o maxilar e permaneceu em silêncio.

Kyle ergueu a mão e, quando Wintrow recusou-se a se encolher, esbofeteou o filho com toda a força. Sentiu uma pontada aguda nos próprios dedos ao acertar o rosto tatuado do garoto. Wintrow foi arremessado para trás, enroscou os pés nos grilhões e tombou com força no convés. Ficou onde caiu, desafiando o pai com a falta de resistência.

— Seu desgraçado, seu maldito! — urrou Kyle, avançando sobre o garoto.

Ia jogar o menino por cima da amurada e deixá-lo afundar. Não era apenas a solução perfeita: era a única coisa viril que restava a fazer. Ninguém o culparia. O garoto era uma vergonha e só dava azar. Era melhor se livrar do sacerdotezinho lamuriento antes que ele pudesse humilhá-lo ainda mais.

Ao lado do navio, a cabeça cadavérica ergueu-se de súbito da água, abrindo a mandíbula em expectativa. A bocarra escarlate era chocante, assim como os olhos vermelhos que cintilavam de esperança. A criatura era grande, maior do que Kyle julgara pelos vislumbres que tivera do corpo. Acompanhava Vivácia com facilidade, mesmo ao se erguer tanto para fora da água. Aguardava a refeição.

A maranha seguia a enorme massa escura do provedor até o que Shreever reconhecia como um de seus lugares de descanso. Foi quando Maulkin de repente se arqueou num laço e mudou de direção. Ele avançava pela Abundância como se perseguisse uma presa, mas Shreever não viu nada que valesse a pena ser perseguido.

— Sigam — barriu para os outros, partindo no encalço de seu líder.

Sessurea não estava muito atrás. Depois de alguns momentos, percebeu que o restante do trançado não tinha obedecido — tinham ficado com o provedor, pensando apenas em suas barrigas e nos prazeres de crescer, trocar de pele e crescer ainda mais. Afastou a traição da mente e redobrou seus esforços para alcançar Maulkin, mas só conseguiu porque ele parou de repente. Tudo em sua postura sugeria um enorme fascínio. A mandíbula estava escancarada, as guelras se dilatando enquanto observava.

— O que é? — perguntou, então sentiu o sabor quase indistinto na água.

Shreever não sabia dizer o gosto que sentia, só sabia que a sensação era de boas-vindas e do cumprimento de uma promessa. Viu Sessurea juntar-se a eles,

notou como a outra serpente arregalou os olhos quando também sentiu.

— O que é? — perguntou, num eco da pergunta dela.

— É Aquela Que Se Lembra — respondeu Maulkin, num tom respeitoso de assombro. — Venham. Temos de ir atrás dela.

Maulkin não pareceu notar que, de toda a maranha, apenas eles dois o acompanhavam. O ancião só pensava no odor que pairava nas águas e ameaçava se dissipar antes que pudesse rastreá-lo até sua origem. Disparou adiante com uma força e uma velocidade que Shreever e Sessurea não podiam igualar — as duas serpentes o seguiram em desespero, tentando manter os falsos olhos dourados à vista. Maulkin nadava depressa em meio à escuridão. A fragrância foi ficando mais forte, quase dominando os sentidos.

Quando alcançaram Maulkin mais uma vez, ele estava parado a uma distância respeitosa de uma provedora que brilhava com uma luz prateada em meio à escuridão da Abundância. A água estava carregada com o odor dela, saciando-os com sua doçura. Esperança era parte daquele cheiro. Assim como alegria. Mas o mais forte de tudo era a promessa de memórias, memórias para que todos compartilhassem, conhecimento e sabedoria para os que pedissem. Mas Maulkin não se aproximou nem perguntou.

— Tem algo errado — barriu. Seus olhos pareciam concentrados e pensativos. Um lampejo de cor percorreu seu corpo, então desapareceu. — Isso não está certo. Aquela Que Se Lembra é como nós. É o que dizem todos os ensinamentos sagrados. Mas vejo apenas a provedora de barriga prateada. E, ainda assim, todos os meus sentidos dizem que Ela está por perto. Não compreendo.

Num assombro perplexo, ficaram olhando enquanto a provedora prateada se movia languidamente diante deles. Tinha uma única auxiliar, uma grande serpente branca que a acompanhava de perto, nadando bem próximo à Abundância, erguendo a cabeça para fora, para a Carência.

— Ela está falando com a provedora — sussurrou Maulkin, soprando o pensamento. — Suplicando.

— Por memórias — completou Sessurea.

Estava com o rufo erguido, tremendo de antecipação.

— Não! — Maulkin ficou incrédulo de repente, quase furioso. — Por comida! Está suplicando apenas por comida, qualquer resto que a provedora considere indesejável.

Sacudiu a cauda tão de repente e com tamanha selvageria que a água ficou turva com as partículas do fundo lodoso.

— Isso não está certo! — barriu. — É um chamariz e uma impostora. A fragrância é a d’Aquela Que Se Lembra, mas ela não é uma de nós. E aquela outra fala com ela, mas a impostora não fala de volta. Não ouço resposta. Foi prometido, prometido pela eternidade, que Aquela Que Se Lembra sempre responderia a alguém que lhe suplicasse. Isso não está certo!

Havia uma grande dor na intensidade de sua fúria. A juba estava arrepiada, liberando toxinas numa nuvem sufocante. Shreever desviou a cabeça para longe.

— Maulkin — chamou, calma. — Maulkin, o que devemos fazer?

— Eu não sei — respondeu ele, com amargura. — Não há nada sobre isso nos ensinamentos sagrados, nada sobre isso nas minhas lembranças fragmentadas. Eu não sei. Vou simplesmente seguir a provedora, tentando compreender. — Ele barriu mais baixo. — Não vou culpá-los se decidirem voltar para o resto da maranha. Talvez eu tenha guiado a todos pelo caminho errado. Talvez minhas lembranças tenham sido um engano, uma ilusão causada pelos meus próprios venenos.

O desapontamento fez sua juba abaixar. Ele nem ao menos olhou para ver se o seguiam quando partiu no encalço da provedora prateada e da aproveitadora branca.

— Kyle! Solte Wintrow! — gritava Vivácia, mas não havia autoridade em sua voz, apenas medo. Ela se inclinou, desesperada, tentando acertar a serpente branca. — Vá embora, sua coisa medonha! Afaste-se de mim! Você não o terá, jamais o terá!

Os movimentos fizeram o navio inteiro balançar. Vivácia desequilibrou o casco, fazendo o navio inteiro se inclinar bastante. Agitava os braços contra a serpente, e os movimentos ineficazes dos imensos braços de madeira sacudiam o navio com força.

— Vá embora, vá embora! — gritou para a criatura. Em seguida: — Wintrow! Kyle!

Quando Kyle arrastou Wintrow na direção da amurada e da serpente ansiosa, Vivácia jogou a cabeça para trás e gritou:

— Esteio! Em nome de Sá, venha aqui! ESTEIO!

Por todo o navio, outras vozes se erguiam numa balbúrdia. Tripulantes berravam uns com os outros, exigindo saber o que estava acontecendo, enquanto nos porões os escravos gritavam sem palavras, aterrorizados com a perspectiva de que alguma coisa — fogo, naufrágio ou tempestade — estivesse se abatendo

sobre eles enquanto estavam acorrentados no escuro, abaixo da linha-d’água. O medo e o desespero do navio subitamente ficaram palpáveis, um miasma denso que fedia a dejetos humanos e suor. Aquilo deixou um ranço na boca de Kyle, um brilho gorduroso de desesperança em sua pele.

— Pare! Pare! — Kyle se ouviu gritando roucamente, sem ter certeza de para quem era a ordem. Agarrava Wintrow pela frente do manto esfarrapado e sacudia o garoto apático, mas seu oponente não era o garoto.

Esteio apareceu no convés, descalço e sem camisa, a confusão pálida do sono interrompido estampada em seu rosto.

— O que é isso? — perguntou.

Então, ao ver a cabeça da serpente quase na altura do convés, o imediato soltou um grito — Kyle nunca vira Esteio tão perto de entrar em pânico. O imediato agarrou uma pedra de polir do convés e a segurou com as duas mãos, ergueu-a para trás e a arremessou contra a serpente com tamanha força que Kyle ouviu seus músculos estalarem. A criatura se esquivou devagar, com um leve maneio do pescoço, e mergulhou de volta sob a água, desaparecendo de vista. Seu rastro só era visível como um padrão irregular nas ondas.

Como que despertando de um pesadelo, Kyle perdeu todo o propósito e a compreensão do que estava fazendo. Olhou para o garoto em suas mãos sem a menor ideia do que pretendera fazer. As forças lhe faltaram, e deixou Wintrow desabar no convés a seus pés.

Esteio se virou para Kyle, ofegante.

— O que houve? — perguntou. — O que causou isso?

Vivácia soltava gritos curtos e arfantes, respondidos por gritos incoerentes dos escravos no porão. Wintrow ainda estava estirado onde Kyle o largara. Esteio deu dois passos e olhou para o garoto, depois para Kyle, incrédulo.

— O senhor fez isso? — perguntou. — Por quê? O garoto está inconsciente.

Kyle apenas o encarou, atônito. Esteio balançou a cabeça e olhou para o céu, como se implorasse por ajuda.

— Fique calma! — gritou o imediato, com a voz firme, para a figura de proa. — Vou cuidar dele. Mas se acalme, você está deixando todos nervosos. Brando! Brando, quero o meu baú de remédios. E diga a Torg que quero as chaves desses grilhões estúpidos. Calma. Calma, minha senhora, vamos resolver tudo da melhor maneira possível. Por favor. Fique calma. A serpente já foi embora, e eu vou cuidar do garoto. Evans! — gritou para um marinheiro boquiaberto. — Desça e acorde os homens do meu turno. Mande eles irem acalmar os escravos,

dizer que o problema já passou.

— Eu toquei a serpente — Kyle ouviu Vivácia dizer a Esteio, aflita. — Eu a acertei. E ela soube quem eu era. Só que eu não era eu!

— Vai ficar tudo bem — repetiu Esteio, insistente.

O navio deu um solavanco quando Vivácia se inclinou o máximo possível para lavar as mãos no mar. Ainda estava emitindo sons baixos e assustados.

Kyle se forçou a olhar para o filho. Wintrow estava desmaiado. Ele massageou as juntas inchadas da mão direita e percebeu como os golpes tinham sido fortes. Fortes o bastante para afrouxar dentes, possivelmente o bastante para quebrar o rosto. Maldição. Quase tinha jogado o garoto à serpente. O próprio filho. Sabia que tinha batido em Wintrow, tinha a memória do acontecimento. Só não conseguia lembrar por quê. O que o incitara?

— Ele está bem — disse a Esteio, com grosseria. — Deve estar fingindo.

— Deve mesmo — concordou Esteio, sarcástico. Então respirou fundo, como se fosse falar, mas pareceu mudar de ideia de repente. — Senhor, temos que criar algum tipo de arma — disse, em voz baixa. — Um pique ou uma lança. Alguma coisa. Para afastar aquele monstro.

— Acho que só a deixaríamos irritada — retrucou Kyle, pouco à vontade. — Serpentes seguem navios de escravos o tempo todo. Nunca ouvi falar de uma que tenha atacado a embarcação. Ela vai ficar satisfeita com os escravos mortos.

Esteio olhou para Kyle como se não o tivesse ouvido bem.

— E se não tivermos nenhum morto? — perguntou, com a voz alta e clara. — E se formos tão espertos e bons como o senhor disse que seríamos? Aí nem metade deles vai morrer no caminho, não é? E se a serpente ficar com fome? E se o navio simplesmente não gostar dela? Não devíamos tentar nos livrar da criatura, pelo menos por Vivácia?

Esteio só então reparou nos marinheiros à toa que se aproximavam para ouvir a discussão.

— Voltem para as suas tarefas! — berrou, ríspido. — Se algum homem não tiver o que fazer, que venha me avisar. Vou encontrar alguma coisa. — Os marinheiros foram se dispersando, e ele voltou a atenção para Wintrow. — Acho que ele só está atordoado — murmurou. — Brando! — berrou de novo.

O jovem marinheiro veio correndo com chaves numa mão e a caixa de remédios debaixo do braço.

Wintrow estava acordando, e Esteio o ajudou a se sentar. Ele se sentou, apoiando as mãos no convés às suas costas, e assistiu, ainda tonto, enquanto o

imediato abria os grilhões de seus pés.

— Isso é uma estupidez — sibilou, irritado. Olhou as pústulas nos tornozelos do garoto e berrou uma ordem por cima do ombro. — Brando, puxe um balde de água salgada para ele! — Voltou a atenção para o garoto à sua frente. — Wintrow, lave essas feridas com água salgada e enfaixe bem. Nada como água do mar para cicatrizar um corte. Deixa uma bela cicatriz, bem grossa. Disso eu sei, já tenho muitas. — Ele franziu o nariz, com nojo. — E aproveite para se lavar. As pessoas acorrentadas lá embaixo têm uma desculpa para feder. Você, não.

Esteio ergueu os olhos para Kyle, que ainda estava parado ali perto. O imediato olhou o capitão nos olhos e ousou balançar a cabeça em desaprovação. Kyle cerrou o maxilar, mas nada disse. Então Esteio se levantou e se afastou, dirigindo-se para onde conseguiria encarar Vivácia. A figura de proa esticara a cabeça por cima do ombro para ver o que estava acontecendo. Seus olhos estavam muito arregalados, as mãos, entrelaçadas sobre o peito.

— Muito bem — disse o imediato, muito sério. — Já estou cansado disso. O que você quer para começar a se comportar?

Confrontada de modo tão direto, Vivácia quase se encolheu. Ficou calada.

— E aí? — perguntou Esteio, a indignação começando a tomar sua voz. — Você testou a paciência de cada homem a bordo. O que, em nome de Sá, você quer para ficar feliz? Música? Companhia? O quê?

— Eu quero... — Vivácia fez uma pausa e pareceu perder o fio da meada. — Eu toquei nela, Esteio. Toquei. E ela soube quem eu era e disse que eu não era Vivácia, que eu não era uma Vestrit. Disse que eu era um deles.

O navio agora estava falando sandices, e Kyle ficou irritado. A figura de proa estava balbuciando feito uma idiota.

— Vivácia — disse Esteio, com severidade. — Serpentes não falam. Ela não disse nada, só assustou você. Todos nós ficamos abalados, mas já passou. Não teve nenhum ferimento sério. Mas você poderia ter nos machucado com seu descontrole e...

Ela não parecia estar escutando. Vivácia franziu o cenho de madeira, então pareceu se lembrar da primeira pergunta.

— O que eu quero é voltar a como era antes. — Era uma súplica desesperada.

— Antes do quê? — perguntou Esteio, desesperado.

Kyle sabia que o homem já estava derrotado. Não adiantava perguntar o que a embarcação queria: ela sempre quisera o que ninguém podia lhe dar. Ela era

mimada, nada mais. Uma mulher mimada com ideias exageradas sobre a própria importância. Tentar agradá-la era o caminho errado. Quanto mais Esteio fizesse por ela, mais Vivácia intimidaria a todos. Era a natureza das mulheres. Por que não entalharam um homem como figura de proa? Um homem seria mais racional.

— Antes de Kyle — respondeu o navio, hesitante. Ela se virou e lançou um olhar furioso ao capitão. — Quero Ephron Vestrit de volta no leme. E Althea a bordo. E Brashen. — Ela levou as mãos ao rosto e deu as costas a eles. — Eu quero voltar a ter certeza de quem sou. — Sua voz estava trêmula feito a de uma criança.

— Não posso lhe dar isso. Ninguém pode lhe dar isso. — Esteio balançou a cabeça. — Vamos, navio. Estamos fazendo o melhor que podemos. Wintrow está sem os grilhões. Não posso forçá-lo a ser feliz. Não posso forçar os escravos a serem felizes. Estou fazendo o melhor que posso. — Ele estava quase implorando.

Vivácia balançou a cabeça, hesitante.

— Eu simplesmente não posso continuar assim — declarou, e havia lágrimas em sua voz embargada. — Eu sinto tudo, sabia? Eu sinto tudo.

— Besteira — rosnou Kyle.

Já bastava. Controlou a repugnância que sentia pela própria raiva incontida.

Então tinha perdido a calma. Bem, Sá era testemunha de como vinha sendo testado nos últimos tempos. Estava na hora de deixar que soubessem que não toleraria mais absurdos. Parou ao lado do imediato na amurada.

— Esteio, não encoraje o navio a choramingar. Não a encoraje a ser infantil. — Ele olhou para Vivácia, que o encarou de volta. — Navio. Você vai navegar. Isso é tudo. Você pode navegar de boa vontade ou navegar como uma balsa de couro de vaca, mas vamos fazer você navegar. Não dou a mínima se você está feliz ou não. Temos um trabalho a fazer, e é isso que faremos. Se você não gosta de ter um porão cheio de escravos, então navegue mais depressa. Quanto antes chegarmos a Calcede, mais cedo nos livraremos deles. Quanto a Wintrow, não há como obrigar o menino a ser feliz. Ele não quis se comportar como meu filho, não quis ser grumete. Ele mesmo se entregou como escravo. Então é isso o que ele é agora. Aquela é a sua imagem gravada no rosto dele. Ele é seu para fazer o que quiser, fique à vontade. Se o garoto não lhe agradar, pode jogá-lo pela amurada.

Kyle parou. Estava sem fôlego. Todos o encaravam. Não gostou da expressão no rosto de Esteio: o imediato o fitava como se ele fosse louco. Havia uma

grande inquietação no fundo de seus olhos. Kyle não gostou nada daquilo.

— Esteio, assuma o turno — disse, com firmeza. Kyle olhou para cima. — Ice as velas, cada pedaço de lona, e faça os homens se mexerem depressa. Ponha essa banheira em movimento. Se uma gaivota peidar perto da gente, quero que usem o vento do peido. — Ele partiu para a cabine do capitão, pisando duro. Comprara incenso em Jamaillia depois de ouvir os conselhos de um dos capitães experientes de navios de escravos e agora iria queimá-lo para se livrar do fedor por um tempo. E se livraria de todos eles por algum tempo.

O navio-vivo recobrou quase toda a calma, mas um navio de escravos nunca ficava completamente tranquilo. Sempre havia gritos em algum lugar do porão. Pessoas gritavam por água, por ar, vozes suplicantes se erguiam, implorando pela simples luz do dia. Os escravos brigavam entre si. Era impressionante o quanto dois homens acorrentados juntos podiam machucar um ao outro. O espaço apertado, o fedor e as parcas rações de pão duro e água faziam com que se engalfinhassem como ratos num barril cheio d'água.

Não muito diferente de Vivácia e de mim, pensou Wintrow. A seu próprio modo, eles eram como escravos acorrentados lado a lado sob o convés. Não tinham espaço para ficar separados um do outro, nem mesmo em seus pensamentos e sonhos. Nenhuma amizade podia sobreviver a tal confinamento forçado, ainda mais quando a culpa era um terceiro membro espremido entre os dois. Ele a abandonara, deixando-a à própria sorte. E ela fizera um único comentário sussurrado quando vira seu rosto marcado pela primeira vez. "Isso é culpa minha", dissera. "Se não fosse por mim, nada disso teria acontecido com você".

"É verdade", Wintrow tivera que concordar. "Mas não significa que a culpa seja sua".

Pelo olhar chocado do navio-vivo, sabia que as palavras tinham machucado. Mas estava cansado e desesperado demais para tentar suavizá-las com mais palavras inúteis.

Isso tinha acontecido horas mais cedo, antes de o pai atacá-lo. Vivácia não emitira nenhum som desde que Esteio os deixara. Wintrow se aninhara num ângulo da proa, perguntando-se o que dera em seu pai. Ficou imaginando se seria atacado de novo de repente. Estava desanimado demais para falar. Não fazia ideia do que fizera Vivácia conter a língua, mas o silêncio do navio-vivo era quase um alívio.

Quando ela finalmente falou, as palavras foram banais.

— O que vamos fazer?

A futilidade da pergunta o incomodou. Ele redobrou o trapo úmido para encontrar um pedaço mais frio e o levou ao rosto inchado. As palavras mordazes surgiram espontaneamente em seus lábios.

— Fazer? Por que está perguntando a mim? Eu não tenho mais escolha sobre o que farei. Aliás, você devia dizer ao seu escravo quais são suas ordens.

— Eu não tenho escravo nenhum — retorquiu Vivácia, com uma dignidade gélida. Sua voz foi tomada gradualmente pela indignação. — Se quer agradar seu pai chamando a si mesmo de escravo, diga que pertence a ele, não a mim.

A longa frustração de Wintrow encontrou um alvo.

— Melhor dizer que meu pai está fazendo isso parar agradar a você, e sem a menor consideração com o que isso me causa. Se não fosse pela sua natureza estranha, ele nunca teria me forçado a servir a bordo.

— Minha natureza estranha? E de onde ela veio? Não foi da minha vontade. Sou o que a sua família me fez. Você acabou de falar de escolhas e disse que não tem mais nenhuma. Eu nunca tive. Sou uma escrava mais marcada do que qualquer tatuagem no seu rosto poderia indicar.

Wintrow bufou, incrédulo. A raiva estava aumentando para se igualar à dela.

— Você, uma escrava? Quero ver a tatuagem no seu rosto, os grilhões nos seus pulsos. É fácil para você dizer isso. Vivácia, isso não é algo que estou fingindo. Essa marca no meu rosto é para o resto da vida. — Ele forçou as palavras mordazes para longe dos lábios. — Eu sou um escravo.

— É? — A voz dela soou seca. — Achei que você tivesse dito que era um sacerdote e que homem algum podia tirar isso de você. Mas isso, claro, foi antes de você fugir. Desde que foi arrastado de volta, tenho visto que a verdade é bem o oposto. Eu achava que você tinha mais coragem, Wintrow Vestrit. Mais determinação para moldar a si mesmo.

Aquelas palavras o deixaram completamente indignado. Ele se sentou para olhar por sobre o ombro e para Vivácia.

— O que você sabe sobre coragem, navio? O que você sabe sobre qualquer coisa verdadeiramente humana? O que pode ser mais degradante do que alguém arrancar sua capacidade de tomar decisões, dizer que você é uma “coisa” que “pertence” a ele? Não poder mais decidir aonde ir ou o que fazer? Como manter qualquer dignidade, qualquer fé, qualquer crença no amanhã? Você me fala de coragem...

— O que posso saber sobre coragem? O que posso saber sobre essas coisas?

— Vivácia lhe lançou um olhar era terrível. — Quando foi que eu tive qualquer experiência diferente de ser uma “coisa”, uma posse? — Seus olhos faiscavam. — Como ousa me dizer uma coisa dessas?

Wintrow olhou para ela, boquiaberto. Ficou chocado, então tentou se recompor.

— Não é igual! É mais difícil para mim. Eu nasci homem e...

— Fique quieto! — vociferou Vivácia. — Eu não coloquei minha marca no seu rosto, mas a sua família passou três gerações colocando a marca na minha alma. Sim, na alma! Esta “coisa” ousa afirmar que possui uma alma!

Ela o olhou de cima a baixo e fez menção de que ia continuar. Então prendeu a respiração. Uma expressão estranha surgiu em seu rosto, de modo que, por um instante, pareceu que uma desconhecida o encarava.

— Estamos brigando — observou, numa espécie de espanto. — Estamos em desacordo. — Ela balançou a cabeça para si mesma, parecendo quase satisfeita. — Se posso discordar de você, então eu não sou você.

— É claro que não é. — Por um momento, Wintrow ficou confuso por ela mencionar o óbvio. Então a irritação retornou. — Não sou você e você não é eu. Somos seres separados, com desejos e necessidades separados. Se você ainda não tinha entendido isso, então precisa compreender agora. Precisa começar a ser você mesma, Vivácia, e descobrir suas próprias ambições, desejos e pensamentos. Alguma vez já parou para pensar o que poderia querer para si mesma, além de me possuir?

Com uma brusquidão que o chocou, Vivácia se separou dele de repente. A figura de proa desviou o olhar, mas era muito mais do que isso. Wintrow arfou como se tivesse afundado em água gelada, e um calafrio percorreu seu corpo, seguido por uma vertigem. Teria caído se já não estivesse sentado. Abraçou-se para se proteger do vento que de repente parecia mais frio contra sua pele.

— Eu não tinha percebido o quanto estava me esforçando para me manter separado de você — admitiu, assombrado.

— Estava? — perguntou ela, quase com gentileza.

A raiva que sentira vir dela no momento anterior tinha desaparecido. Ou será que não? Wintrow não podia mais sentir o que ela sentia. Levantou-se, olhou por cima da amurada e tentou decifrar as emoções do navio-vivo pela postura de seus ombros. Vivácia não olhou para ele.

— Ficamos melhor separados — declarou ela, num tom definitivo.

— Mas... — Ele vacilou com as palavras que queria dizer. — Achei que um

navio-vivo precisava ter um parceiro, alguém da própria família.

— Você não pareceu muito preocupado com isso quando fugiu. Não precisa se preocupar agora. — A voz dela soou brusca.

— Eu não queria magoar você — arriscou Wintrow. Sua própria raiva tinha desaparecido de repente. Talvez estivesse apenas sentindo a dela? — Vivácia, eu estou aqui, querendo ou não. Enquanto eu estiver aqui, não há razão para...

— A razão é que você sempre se manteve afastado de mim. Você acabou de admitir isso. E talvez seja hora de eu descobrir quem sou sem você.

— Eu não compreendo.

— Isso é porque, quando eu estava tentando lhe contar algo importante mais cedo, você não estava escutando. — A voz dela não soou magoada. Vivácia emanava uma calma controlada que de repente o lembrou Berandol, quando o tutor tentava explicar uma lição óbvia.

— Acho que não estava mesmo — admitiu, humildemente. — Mas vou escutar agora, se você quiser.

— Agora é tarde demais — disse Vivácia, ríspida. Em seguida, se corrigiu: — Não quero mais contar. Talvez eu queira resolver isso sozinha. Talvez esteja na hora de eu fazer isso sozinha, em vez de sempre ter um Vestrit fazendo as coisas por mim.

Foi a vez de ele se sentir abandonado e isolado.

— Mas... o que eu vou fazer?

Vivácia se virou e olhou para ele, e quase havia gentileza em seus olhos verdes.

— Um escravo faria essa pergunta e esperaria que lhe mandassem fazer alguma coisa. Um sacerdote saberia a resposta por conta própria. — Ela quase sorriu. — Ou você esqueceu quem é sem mim?

Ela fez a pergunta, mas não queria reposta. Vivácia lhe deu as costas. Erguendo a cabeça, a figura de proa fitou o horizonte. E o manteve afastado.

Depois de algum tempo, Wintrow se levantou. Encontrou o balde que Brando trouxera mais cedo e o baixou por sobre a amurada. A corda se retesou em sua mão quando o balde ficou cheio, e estava pesado quando o puxou de volta para cima. Wintrow pegou o trapo que usara mais cedo. Vivácia não o viu partir, levando o balde e o trapo de volta para o porão dos escravos.

Não sei se consigo fazer isso, pensou, desesperada. *Não sei como ser eu mesma*

sem ajuda. E se eu enlouquecer? Olhou para além das ilhas e das rochas espalhadas pelo largo canal, para o horizonte adiante. Estendeu os sentidos, sentindo o gosto tanto do vento quanto da água. Teve consciência imediata das serpentes. Não só da branca e enorme que seguia em seu encalço como um cão gordo numa correia, mas de outras que a seguiam mais de longe. Determinada, manteve todas fora dos pensamentos. Vivácia gostaria de poder fazer o mesmo com o desalento dos escravos dentro de si e com a confusão da tripulação. Só que os humanos estavam perto demais, tocando a madeira-arcana em vários lugares. Não conseguiu evitar sentir Wintrow, que ele ia de escravo em escravo, limpando rostos e mãos com o trapo molhado e frio, oferecendo o pouco de alento que podia. *Tanto sacerdote quanto Vestrit*, pensou consigo mesma. Sentia-se estranhamente orgulhosa do garoto, como se ele fosse seu. Mas não era. A cada momento que passavam separados, compreendia ainda mais o quanto aquilo era verdade. Humanos e suas emoções a preenchiam, mas não *eram* ela. Vivácia tentou aceitá-los, condensá-los e descobrir-se como alguém separada. Ou não podia, ou não havia muito de si mesma.

Passado algum tempo, ergueu a cabeça e cerrou o maxilar. *Se não sou mais do que um navio, então serei um navio orgulhoso.* Localizou o fluxo da correnteza do canal e entrou nele. Em movimentos diminutos, que ela própria quase não conseguia notar, Vivácia alinhou as tábuas, desempenando. Esteio estava no timão, e ela sentiu o súbito prazer dele ao senti-la se deslocar tão bem ao vento. Podia confiar em Esteio. Vivácia fechou os olhos para as lufadas de ar que passavam por seu rosto e tentou deixar os sonhos surgirem.

— Você mentiu para o meu capitão. — Ofélia tinha uma voz rouca de cortesã, doce como mel escuro. — Garoto — acrescentou, tardiamente.

Olhou de soslaio para Althea. Ofélia, como muitas figuras de proa do seu tempo, fora colocada sobre o bico do navio, em vez de posicionada abaixo do gurupés. O olhar que ela lançou a Althea por cima do ombro largo e nu foi um aviso velhaco para que não mentisse.

A jovem não ousou responder. Estava sentada de pernas cruzadas numa passarela que fora construída, pelo que lhe disseram, exclusivamente para que Ofélia pudesse socializar. Althea sacudiu a grande caixa de dados que tinha nas mãos. Era enorme, assim como os dados lá dentro. Eram propriedade do navio-vivo. Ao descobrir que havia um tripulante “extra” a bordo, a figura de proa imediatamente exigira que Althea passasse parte de seus turnos se ocupando de entretê-la. Ofélia gostava muito de jogos de azar — Althea suspeitava que era

principalmente porque eles lhe davam tempo de sobra para fofocar. Também desconfiava que o navio-vivo trapaceava, mas tinha decidido fingir não perceber. A própria Ofélia mantinha bastões de contas com o que cada tripulante lhe devia. Alguns dos bastões tinham marcas de anos. O bastão de Althea já possuía uma quantidade generosa de marcas. Abriu a caixa, olhou para dentro e franziu o cenho.

— Três gaivotas, dois peixes — anunciou, inclinando a caixa para que a figura de proa a inspecionasse. — Você ganhou de novo.

— Ganhei — concordou Ofélia. E deu um sorriso enviesado para Althea. — Vamos aumentar as apostas?

— Eu já devo mais do que tenho.

— Exatamente. Então, se a gente não mudar essas apostas, nunca vou receber meu pagamento. Tenho uma ideia: vamos jogar pelo seu segredinho.

— Nem precisamos nos dar ao trabalho, não é mesmo? Acho que você já sabe qual é.

Althea rezava para que Ofélia não soubesse mais do que seu sexo. Se fosse só isso, seria só isso que ela poderia revelar, e Althea ainda estaria relativamente segura. Era raro haver violência a bordo de um navio-vivo, mas não era impossível. As emoções que irradiavam da violência perturbavam demais o espírito da figura de proa, e a maioria dos navios-vivos desprezavam qualquer violência, mas havia rumores de que Shaw tivesse um gênio ruim e que uma vez exigira que um tripulante incompetente fosse chicoteado por ter derramado tinta em seu convés. Mas Ofélia, apesar do ar descontraído, era uma dama, e de bom coração. Althea duvidava que fosse ser estuprada a bordo de um navio-vivo, embora o cortejo grosseiro de um marinheiro que tentasse ser galante pudesse ser quase tão intenso e perigoso. *Veja Brashen, por exemplo*, pensou, então desejou não ter pensado. Nos últimos tempos, ele acabava surgindo em sua mente sempre que ela se distraía. Althea devia ter ido atrás dele em Vilavelas para se despedir — aquela angústia era só porque estava faltando colocar um ponto final nas coisas. Não devia ter deixado ele ir embora com a última palavra.

— Bem, é verdade, eu sei pelo menos parte desse segredo. — Ofélia soltou uma risada rouca. Tinha mandado pintar os próprios lábios de escarlate. Os dentes eram muito brancos. Ela abaixou os cílios e a voz ao acrescentar, mais discretamente: — E, nesse momento, sou a única que sabe. E tenho certeza de que você gostaria que continuasse assim.

— E tenho certeza de que vai continuar — retorquiu Althea, com doçura, fazendo barulho ao sacudir a caixa de dados. — Uma dama tão distinta quanto

você jamais seria mesquinha a ponto de revelar o segredo de outra pessoa.

— Jamais? — Ofélia sorriu de canto da boca. — Acha que eu não tenho o dever de revelar ao meu capitão que um de seus tripulantes não é o que ele pensa?

— Hum. — Poderia ser uma viagem muito desconfortável para casa se Tenira resolvesse confiná-la. — Então o que você propõe?

— Três jogadas. Cada vez que eu ganhar, vou fazer uma pergunta. E você vai responder a verdade.

— E se eu ganhar?

— Eu guardo o seu segredo.

Althea balançou a cabeça.

— Os seus riscos não são tão grandes quanto os meus.

— Você pode me fazer uma pergunta.

— Não. Ainda não é o suficiente.

— Bem, e o que você quer?

Althea sacudiu a caixa grande de dados, pensativa.

Apesar da época do ano, o dia estava quase quente demais — efeito dos pântanos quentes que a oeste. Aquele litoral era cheio de pântanos, ilhas cobertas de arbustos e bancos de areia inconstantes que mudavam a cada estação. A água quente que se misturava à água salgada era terrível para navios comuns, além de permitir que serpentes-marinhas e outras criaturas nocivas infestassem o lugar. Mas aquilo não seria problema para o casco de madeira-arcana de Ofélia, e o ocasional cheiro de enxofre era o único preço que tinham que pagar. O vento agitou os fios de cabelo que tinham se soltado da trança de Althea e aqueceu a dor de suas juntas, causada pelo trabalho pesado. Apesar do título de tripulante “extra”, Tenira encontrara coisas de sobra para mantê-la ocupada. Mas o capitão era um homem justo, e Ofélia era uma embarcação bonita e benevolente, e Althea reparou como estivera feliz durante a última semana.

— Eu sei o que quero — disse, por fim. — Mas não tenho certeza se você pode me dar.

— Você pensa muito alto. Alguém já lhe disse isso? Acho gosto de você quase tanto quanto você gosta de mim. — A voz de Ofélia emanava uma afeição calorosa. — Você quer que eu peça a Tenira para você continuar a bordo.

— É mais do que isso. Quero que ele saiba quem sou e ainda assim esteja disposto a me deixar trabalhar aqui.

— Ai — reclamou a embarcação, mas era fingimento. — É uma grande aposta. E claro que eu não poderia prometer cumprir, mas posso tentar. — Ela piscou para Althea. — Sacuda a caixa, garota.

Ofélia venceu a primeira rodada.

— Pois bem, faça a sua pergunta — disse Althea.

— Ainda não. Quero saber quantas perguntas tenho antes de começar.

Ela ganhou as duas rodadas seguintes tão depressa quanto a primeira. Althea ainda não conseguia entender como o navio trapaceava. As mãos imensas da figura de proa cobriam quase toda a caixa de dados.

— Bem — murmurou Ofélia, devolvendo a caixa a Althea, para que ela conferisse sua jogada vencedora. — Três perguntas. Deixe-me ver... — Ela ponderou por um momento. — Qual é o seu nome completo, de verdade?

Althea suspirou.

— Althea Vestrit — falou, muito baixo, ciente que de que o navio-vivo ouviria mesmo assim.

— Nãããão! — sussurrou Ofélia, com um deleite escandalizado. — Você é uma Vestrit! Uma garota de uma família de Velhos Mercadores foge para o mar e deixa o próprio navio-vivo para trás. Ah, como pôde, sua criaturinha malvada, sua garota sem coração! Tem ideia do que fez Vivácia passar? E ela é só uma coisinha recém-despertada! E você a deixou praticamente sozinha no mundo! Sua desalmada, cruel... rápido, me conte por que, rápido, rápido, ou o suspense vai me matar!

— Não foi por escolha própria. — Althea respirou fundo. — Fui forçada a deixar o navio da minha família — explicou, e de repente tudo voltou: a dor pela morte do pai, a indignação por ter sido deserdada, o ódio por Kyle.

Sem pensar, estendeu o braço e tocou a mão grande que Ofélia abaixara em solidariedade. Como uma comporta se abrindo, sentiu o jorro repentino de sentimentos e pensamentos. Althea respirou fundo e estremeceu. Não tinha percebido o quanto sentira falta de simplesmente se abrir com alguém. As palavras brotaram. As feições de Ofélia ficaram primeiro agitadas, depois solidárias, conforme escutava a história das injustiças que ela sofrera.

— Ah, minha querida, minha querida! Que tragédia! Mas por que você não foi falar com a gente? Por que deixou que separassem vocês duas?

— Falar com quem? — perguntou Althea, confusa.

— Com os navios-vivos, ora. Não se falava de mais nada no porto de Vilamonte quando você desapareceu e Porto assumiu o comando de Vivácia.

Muitas de nós ficaram preocupadas. Sempre imaginamos que você assumiria o comando quando chegasse a hora de seu pai... E ela estava tão perturbada, pobrezinha. Mal conseguimos fazer a coitada falar. Então aquele garoto, Wintrow, subiu a bordo, e ficamos muito aliviados... Mas mesmo assim ela não parecia realmente contente. E, se Wintrow foi levado a bordo contra a vontade... ora, então isso explica muita coisa! Mas ainda não entendi por que você não nos procurou.

— Não pensei nisso — admitiu Althea. — Parecia ser um assunto de família. E não entendo como os outros navios-vivos podiam ter ajudado.

— Você não nos dá muito crédito, querida. Podíamos ter feito muita coisa, mas a ameaça final seria a de que teríamos nos recusado a navegar. Todos nós. Até que Vivácia recebesse um membro disposto da família.

Althea ficou chocada.

— Vocês teriam feito isso por nós? — conseguiu perguntar, depois de um tempo.

— Althea, querida, teria sido por todos. Talvez você seja jovem demais para se lembrar, mas antigamente havia um navio-vivo chamado Estalão. Ele sofreu abusos muito parecidos e acabou enlouquecendo. — Ofélia fechou os olhos e balançou a cabeça. — Na época, não fizemos nada. E, como fracassamos em ajudar um dos nossos, Estalão sofreu danos irreparáveis. Nenhum navio-vivo entra ou sai do porto de Vilamonte sem vê-lo, puxado para fora da água, acorrentando, abandonado à própria loucura... Navios-vivos falam, Althea. Ah, fofocamos tanto quanto marinheiros, e ninguém fofoca como os marinheiros. O pacto foi feito há muito tempo. Se tivéssemos ficado sabendo, teríamos falado em seu favor. E se falar não funcionasse, então teríamos nos recusado a navegar. Não existem navios-vivos o bastante para podermos nos dar ao luxo de ignorar um dos nossos.

— Eu não fazia ideia.

— Sim, bem, e talvez eu tenha falado demais. Se esse pacto fosse de conhecimento geral, ele poderia ser... mal interpretado. Não somos rebeldes por natureza, não começaríamos uma rebelião se não fosse necessário. Mas também não ficamos de lado assistindo a um dos nossos ser abusado mais uma vez. — O tom arrastado de alcoviteira desaparecera de sua voz. O que Althea ouvia era uma voz com a mesma clareza de uma matriarca de Vilamonte.

— É tarde demais para pedir ajuda?

— Bem, estamos longe de casa, então vai levar algum tempo. Vou informando os outros navios-vivos quando os encontrar pelo caminho. Não tente falar por si

mesma. Não podemos fazer muito até que a própria Vivácia chegue outra vez a Vilamonte. Ah, espero estar lá. Eu não perderia isso por nada deste mundo. Quando acontecer, eu... ou um de nós, mas espero que seja eu... vou perguntar a Vivácia o lado dela da história. Se ela parecer tão aflita quanto você, e tenho certeza de que parecerá, porque consigo saber o que você está pensando quase tão claramente quanto se você fosse da minha família, então vamos agir. Sempre tem um ou dois navios-vivos no porto de Vilamonte, e vamos falar com as nossas famílias. E os outros navios-vivos vão se juntar a nós, à medida que chegarem, pedindo às famílias que também falem com os Vestrit. Veja bem, a ideia é pressionarmos nossas próprias famílias para que elas pressionem a sua. A pressão derradeira, é claro, seria se todos nós nos recusássemos a navegar. Sinceramente, é algo que espero que a gente jamais tenha que fazer. Mas não se engane: vamos fazer, se for preciso.

Althea permaneceu em silêncio por um longo tempo.

— No que está pensando? — perguntou Ofélia por fim.

— Que desperdicei boa parte de um ano longe do meu próprio navio-vivo. Aprendi muitas coisas, e acredito que sou uma marinheira melhor do que antes, mas nunca vou poder recuperar a maravilha e o assombro daqueles primeiros meses da vida dela. Você tem razão, Ofélia. Sou desalmada e cruel. Ou talvez seja só burra e covarde. Não sei como pude deixar Vivácia sozinha para lidar com Kyle.

— Todos nós cometemos erros, minha cara — assegurou-lhe Ofélia, com delicadeza. — Gostaria que todos os erros pudessem ser resolvidos com a mesma facilidade que esse seu problema. Claro que vamos fazer com que você volte para o seu navio-vivo. Claro que vamos.

— Não sei como agradecer.

Era como poder respirar fundo de novo ou se empertigar depois de carregar um fardo pesado por muito tempo. Althea nunca tinha imaginado que os navios-vivos pudessem ter sentimentos uns pelos outros. Seu elo individual com Vivácia era a única coisa de que tinha consciência. Nunca tinha parado para pensar que, com o tempo, seu navio-vivo poderia fazer amizade com outros. Que ela e Vivácia podiam encontrar aliados além de si mesmas.

Ofélia deu uma gargalhada rouca.

— Bem, você ainda tem que responder a uma pergunta.

Althea balançou a cabeça e sorriu.

— Você já me fez bem mais do que três perguntas.

— Acho que não! — declarou Ofélia, altiva. — Só me lembro de ter perguntado o seu nome. O resto saiu naturalmente. Você que se abriu, garota.

— Bem, talvez eu tenha feito isso, mesmo. Não, espere. Eu me lembro claramente de você perguntar por que não fui pedir ajuda aos navios-vivos.

— Não foi uma pergunta, foi um artifício de conversa. Mas, mesmo que eu aceite isso como pergunta, você ainda me deve uma.

Althea estava inclinada a responder generosamente.

— Pergunte, então.

Ofélia sorriu, e uma centelha brilhante de malícia surgiu em seus olhos. Por um momento, mordeu a ponta da língua entre os dentes brancos. Então perguntou, curiosa:

— Quem é aquele homem moreno que faz você ter sonhos tão... estimulantes?



32

TEMPESTADE

— Vamos tentar assim — sugeriu Wintrow. Ele empurrou o grilhão o mais alto que pôde na canela magricela da garota, pegou uma tira de trapo e a enrolou com cuidado no tornozelo esfolado, então abaixou o grilhão sobre o pano. — Está melhor?

A menina não falou. No momento em que Wintrow retirou a mão, começou a esfregar mais uma vez o tornozelo contra o grilhão.

— Não, não — disse ele, com calma.

Wintrow tocou o tornozelo da garota, que parou de esfregar. Mas não falou e não olhou para ele. Nunca falava nem olhava. Em mais um ou dois dias, ela teria ficado permanentemente aleijada. Wintrow não tinha ervas ou óleos, nenhum remédio de verdade ou bandagens. Só tinha água do mar e trapos. E a menina estava aos poucos cortando os próprios tendões. Parecia incapaz de parar de se esfregar contra o grilhão.

— Desista — sugeriu uma voz mal-humorada da escuridão. — Ela é louca. Não sabe o que está fazendo. E vai morrer antes de chegarmos a Calcede, de qualquer modo. Lavar e enfaixar os ferimentos só vai fazer isso levar mais tempo. Deixe a menina morrer, é o único modo de ela sair daqui.

Wintrow ergueu a vela e olhou para a penumbra. Não sabia dizer quem tinha falado. Naquela parte do porão, não conseguia nem ficar de pé sem se curvar. Os escravos acorrentados ali estavam ainda mais espremidos. Mas o balanço da Vivácia ao atravessar o mar violento os mantinha em constante movimento, carne contra madeira. Os escravos desviaram os olhos da luz fraca de sua vela, piscando como se estivessem de frente para o sol. Wintrow seguiu ao longo da fileira, tentando evitar o pior da imundície. A maioria dos escravos ficou em silêncio e impassível quando ele passou, todas as suas forças já dedicadas a simplesmente resistir. Viu um homem sentar-se sobre as correntes, piscando enquanto tentava encará-lo nos olhos.

— Posso ajudar? — perguntou o garoto.

— Você tem a chave para essas coisas? — retorquiu um homem ao lado,

sarcástico, enquanto outro perguntou:

— Como é que você pode andar livremente?

— Ando para poder manter vocês vivos — respondeu Wintrow, evasivo. Era um covarde. Seu medo era que, se soubessem que ele era o filho do capitão, tentariam matá-lo. — Tenho um balde de água do mar e trapos, se quiserem se lavar.

— Me dê o trapo — ordenou o primeiro homem, irritado.

Wintrow encharcou o pedaço de tecido e o entregou. Esperava que o sujeito fosse limpar o rosto e as mãos, já que muitos dos escravos pareciam ficar aliviados com aquele ritual mínimo de limpeza. No entanto, ele se esticou o máximo que pode e colocou o trapo sobre o ombro descoberto de um outro homem, deitado ali ao lado. Então disse, num tom jocoso:

— Aí está, Isca de Rato.

Com todo o cuidado, ele molhou um inchaço em carne-viva no ombro do homem, que não esboçou nenhuma reação.

— O Isca de Rato aqui levou uma mordida feia há algumas noites. Eu peguei o bicho e o dividimos, mas ele não se sente muito bem desde então. — Seus olhos encontraram os de Wintrow por um breve momento. — Acha que pode tirá-lo daqui? — perguntou, num tom mais gentil. — Se ele vai morrer acorrentado, podia pelo menos morrer na luz e ao ar livre, no convés.

— É noite — Wintrow se ouviu dizer. Palavras tolas.

— É? — perguntou o homem, espantado. — Mesmo assim. Ar puro.

— Vou perguntar — disse Wintrow, pouco à vontade, mas não tinha certeza se realmente perguntaria.

A tripulação não se misturava com ele. Wintrow comia e dormia separado. Alguns dos homens que conhecera antes, na viagem, de vez em quando o observavam, e em seus rostos havia uma mistura de pena e repugnância pelo que ele havia se tornado. Os tripulantes mais novos que subiram a bordo em Jamaillia o tratavam como tratariam qualquer escravo. Caso se aproximasse, reclamavam de seu fedor e o chutavam ou empurravam para longe. Não. Quanto menos chamasse a atenção da tripulação, mais simples seria sua vida. Tinha passado a pensar no convés e no cordame como “lá fora”. Seu novo mundo era “aqui dentro”, um lugar de cheiros fortes, correntes cobertas de imundície e humanos. Quando ia para o convés para encher o balde, era como uma viagem a um mundo exótico. Lá, os homens se moviam livremente, gritavam e às vezes riam, e o vento, a chuva e o sol tocavam seus rostos e braços nus. Essas coisas

nunca tinham lhe parecido tão maravilhosas. Poderia ficar no convés, poderia ter se insinuado discretamente à rotina, assumindo outra vez o posto de grumete, mas não o fez. Depois de ter estado sob o convés, não podia esquecer ou ignorar o que havia lá. Assim, se levantava todos os dias quando o sol se punha, enchia o balde, pegava os trapos lavados e descia para os porões de escravos. Wintrow lhes oferecia o pequeno conforto de se lavarem com água do mar. Água doce teria sido muito melhor, mas havia muito pouco dela para que fosse usada daquela forma. Água do mar era melhor do que nada. Ele limpava feridas que os escravos não conseguiam alcançar. E não ia até cada escravo todos os dias, havia gente demais para isso, mas fazia o que podia e, quando se encolhia para dormir durante o dia, seu sono era profundo.

Tocou a perna do homem inerte. A pele estava quente. Não demoraria muito.

— Pode molhar o trapo de novo, por favor?

Algo no tom e no sotaque do homem era estranhamente familiar. Wintrow ficou pensando no sotaque enquanto encharcava o trapo na pequena quantidade de água que restava no fundo do balde. Não havia mais como fingir que o trapo e a água estavam limpos, sabia que estavam apenas molhados. O homem pegou o trapo e limpou a testa e o rosto do vizinho. Ele dobrou mais uma vez o pano e limpou o próprio rosto e as mãos.

— Muito obrigado — disse, devolvendo o trapo.

Com um arrepio, Wintrow percebeu o que havia de familiar.

— Você é de Tutano, não é? De perto do Monastério Kelpiton?

O homem abriu um sorriso estranho, como se as palavras fossem ao mesmo tempo agradáveis e dolorosas.

— Sim — respondeu o homem. — Sim, sou de lá. — Numa voz mais baixa, ele se corrigiu: — Era. Antes de ser enviado a Jamaillia.

— Eu morava em Kelpiton! — sussurrou Wintrow, mas sentiu as palavras como um grito. — Eu vivia no monastério, estava estudando para ser sacerdote. Eu trabalhava nos pomares de vez em quando... — Ele umedeceu o trapo e o entregou de volta ao homem.

— Ah, os pomares... — Havia um tom de nostalgia na voz dele, enquanto limpava gentilmente as mãos de seu companheiro. — Na primavera, quando as árvores floresciam, eram como fontes de flores. Brancas e rosas. A fragrância era como uma bênção.

— Dava para ouvir as abelhas. Era como se as próprias árvores estivessem zumbindo. Então, uma semana mais tarde, quando as flores caíam, o chão inteiro

ficava rosa e branco...

— E as árvores ficavam cobertas de verde, com o nascimento das primeiras folhas — sussurrou o outro homem. — Sá me salve — gemeu, de repente. — Você deve ser um demônio que veio me atormentar, ou um espírito mensageiro...

— Não sou nenhum dos dois — respondeu Wintrow. E de repente se sentiu envergonhado. — Sou apenas um garoto com um balde d'água e um trapo.

— Não é um sacerdote de Sá?

— Não mais.

— A estrada para o sacerdócio pode ser sinuosa, mas não há como se desviar. — O escravo começou a falar numa cadência de quem repete ensinamentos, e Wintrow soube que ele estava recitando escrituras antigas.

— Mas fui retirado do sacerdócio.

— Nenhum homem pode ser retirado, nenhum homem pode se desviar. Todas as vidas levam a Sá. Todas são chamadas a algum sacerdócio.

Alguns momentos depois, Wintrow percebeu que estava sentado muito imóvel no escuro, respirando. A vela se apagara, mas ele nem tinha notado. Sua mente seguia as palavras do homem, questionando, ponderando. Todos os homens são chamados a algum sacerdócio. Mesmo Torg, mesmo Kyle Porto? Nem todos os chamados eram atendidos, nem todas as portas estavam abertas.

Não precisou dizer ao outro homem que tinha voltado a si: ele estava consciente de sua presença.

— Vá, sacerdote de Sá — disse o homem no escuro. — Conceda as pequenas misericórdias que puder, suplique por nós, implore conforto para nós. E, quando tiver a chance de fazer mais, Sá lhe dará a coragem. Eu sei que dará. — Wintrow sentiu o trapo ser pressionado de novo em sua mão.

— Você também era um sacerdote — sussurrou, compreendendo.

— Eu sou um sacerdote. Um que se recusou a ser influenciado por uma falsa doutrina. Nenhum homem nasce para ser escravo. Creio que Sá jamais permitiria uma coisa dessas. — Ele pigarreou. — Você também crê nisso?

— É claro.

— Só nos trazem comida e água uma vez por dia — observou o homem, numa voz cúmplice. — Fora isso e você, ninguém nem chega perto da gente. Se eu tivesse alguma coisa de metal, poderia trabalhar nessas correntes. Não precisa ser uma ferramenta muito importante, nada que faria falta. Qualquer coisa de metal que você pudesse encontrar em algum momento em que não estivesse

sendo observado.

— Mas... mesmo que se livrasse das correntes, o que você poderia fazer? Um só homem contra tantos?

— Se eu pudesse romper a corrente longa, muitos poderiam se mover.

— Mas o que vocês fariam? — perguntou Wintrow numa espécie de horror.

— Não sei. Eu deixaria isso nas mãos de Sá. Ele trouxe você para mim, não trouxe? — O homem pareceu notar sua hesitação. — Não pense nisso. Não planeje. Não tema. Sá colocará a oportunidade no seu caminho, então você a identificará e agirá. — Ele fez uma pausa. — Só peço que implore para que o Kelo aqui tenha permissão de morrer no convés. Se ousar.

— Eu ouso — Wintrow se ouviu responder.

Apesar da escuridão e do fedor à sua volta, sentiu como se uma luz minúscula tivesse sido acesa dentro de si. Ousaria. Perguntaria. O que poderiam lhe fazer por perguntar? Nada pior do que já tinham feito. *Minha coragem*, pensou admirado. *Reencontrei minha coragem*.

Wintrow tateou no escuro, à procura do balde e do trapo.

— Preciso ir. Mas vou voltar.

— Eu sei que vai — respondeu o outro homem, muito calmo.

— Você queria me ver?

— Tem alguma coisa errada. Muito errada.

— O quê? — perguntou Esteio, cansado. — São as serpentes de novo? Eu tentei, Vivácia. Só sabe que tentei. Mas passar a manhã jogando pedras nelas não me ajuda em nada se tenho que jogar corpos por cima da amurada quando chega a tarde. Não posso fazer esses bichos irem embora. Você vai ter que ignorar a presença delas.

— Elas sussurram para mim — confidenciou Vivácia, pouco à vontade.

— As serpentes falam com você?

— Não. Não todas. Só a branca. — Ela se virou para encará-lo, e seus olhos estavam atormentados. — Sem palavras, sem som. Ela sussurra para mim, insistindo para que eu faça... coisas indizíveis.

Esteio sentiu uma vontade terrível de rir. Coisas indizíveis sussurradas sem palavras. Afastou o pensamento. Na verdade, não era engraçado. Às vezes, tinha a impressão de que nunca nada tinha sido realmente engraçado.

— Não posso fazer nada quanto a elas. E tentei várias vezes.

— Eu sei. Eu sei. Eu mesma tenho que lidar com isso. Eu posso. Eu vou. Mas esta noite não são as serpentes. É outra coisa.

— O quê? — perguntou Esteio, paciente.

Tinha quase certeza de que Vivácia estava louca. Louca. E ele ajudara a deixá-la assim.

Às vezes achava que devia simplesmente ignorá-la, como se Vivácia fosse um dos escravos implorando por misericórdia. Outras vezes, pensava que tinha o dever de escutar suas divagações e seus medos infundados. Porque o que Esteio passara a chamar de loucura era a incapacidade de Vivácia de ignorar o desespero confinado em seus porões. E ele tinha ajudado a confinar aquele desespero lá. Instalara as correntes, trouxera os escravos... usara as próprias mãos para colocar grilhões em homens e mulheres no escuro, abaixo do convés por onde caminhava. Sentia o fedor do aprisionamento dos escravos e ouvia seus gritos. Talvez ele é que estivesse louco — tinha uma chave pendurada em seu cinto e, ainda assim, ele nada fazia.

— Eu não sei o que é. Mas é alguma coisa, alguma coisa perigosa. — Ela soava como uma criança com febre alta, povoando a escuridão com criaturas assustadoras. Suas palavras traziam uma súplica muda: *acabe com isso.*

— É só a tempestade chegando. Todo mundo aqui está sentindo. O mar está mais agitado. Mas você vai ficar bem, Vivácia. Você é um navio excelente, e um pouco de tempo ruim não vai fazer mal nenhum — disse, tentando encorajá-la.

— Não. Uma tempestade seria bem-vinda, para lavar um pouco do fedor. Não é a tempestade.

— Eu não sei como ajudar. — Esteio hesitou, então fez a pergunta de sempre: — Quer que eu traga Wintrow aqui?

— Não. Não, deixa ele lá.

Vivácia soou distraída quando falou do garoto, como se o assunto fosse doloroso, e ela não quisesse pensar naquilo.

— Bem, se você conseguir pensar em alguma coisa que eu possa fazer, é só avisar. — Ele se virou para ir embora.

— Esteio! — chamou ela, com urgência. — Esteio, espere!

— Oi? O que é?

— Eu disse que era melhor para você ir para outro navio. Você se lembra disso, não? Que eu disse para você ir para outro navio?

— Eu me lembro — assegurou-lhe o imediato, a contragosto. — Eu me lembro.

Ele se virou mais uma vez para ir embora, e uma forma esguia apareceu diante dele de repente. Esteio recuou e conteve um grito e, um segundo depois, reconheceu Wintrow. A noite dava uma aparência meio insubstancial ao menino, coberto de farrapos manchados, parecendo um fantasma. Wintrow estava muito magro, com o rosto tão pálido quanto o de qualquer escravo, a não ser pela tatuagem em sua bochecha. Ele estava impregnado com o cheiro do porão de escravos, e Esteio se afastou por reflexo. Ver Wintrow nunca era agradável, muito menos no escuro, sozinho. A simples presença do garoto era como uma acusação, uma lembrança viva de tudo o que ele decidira ignorar.

— O que você quer? — perguntou, mal-humorado, mas ouviu uma espécie de grito contido na própria voz.

— Um dos escravos está morrendo — disse o garoto, simplesmente. — Queria poder trazê-lo para o convés.

— E por quê? Ele não está morrendo? — perguntou Esteio, fazendo a voz sair irritada para não soar desesperada.

— Por que não? — perguntou Wintrow. — Ele terá que ser trazido para o convés de qualquer jeito, para você se livrar do corpo. Por que não fazer isso agora e ao menos deixar que ele morra onde o ar é fresco e limpo?

— Limpo? Você não tem mais nariz? Não tem nenhum canto nesse navio que cheire a limpeza.

— Talvez não para você. Mas ele ia conseguir respirar melhor aqui em cima.

— Não posso simplesmente arrastar um escravo aqui para o convés e largar o sujeito sozinho. Não tenho ninguém para ficar de olho nele.

— Eu fico — sugeriu Wintrow, no mesmo tom. — Ele não é nenhuma ameaça. A febre está tão alta que ele só vai ficar deitado até morrer.

— Febre? — perguntou Esteio, com mais rispidez. — Então é um dos caras-marcadas?

— Não. Ele está no porão de proa.

— E como ficou com febre? Só os caras-marcadas tiveram febre. — Esteio falava com raiva, como se fosse culpa de Wintrow.

— Foi mordido por um rato. O homem acorrentado a ele acha que foi isso que causou a febre. — O menino hesitou. — Talvez seja melhor separá-lo dos outros, só por garantia.

Esteio bufou.

— Você está se aproveitando dos meus medos para conseguir o que quer.

Wintrow encarou o imediato.

— Você consegue dizer um bom motivo para não trazermos o pobre desgraçado para morrer no convés?

— Não tenho homens para arrastá-lo aqui para cima. O mar está muito agitado, vem chegando uma tempestade. Quero todos os marinheiros do turno no convés, só por precaução. Vamos passar por um trecho traiçoeiro do canal, e, quando tem tempestade nessa região, é preciso estar preparado.

— Se você me der a chave, eu mesmo trago o homem para o convés.

— Você não vai conseguir carregar um homem adulto do porão de proa até aqui.

— Eu peço a outro escravo para me ajudar.

— Wintrow... — começou Esteio, impaciente.

— Por favor — intercedeu Vivácia, em voz baixa. — Por favor, Esteio. Traga o homem aqui para cima.

O imediato não sabia dizer por que não queria ceder. Podia oferecer aquele pouco de misericórdia, mas ainda assim queria negá-la. Por quê? Era que se esse pequeno ato de piedade para com um moribundo fosse a coisa certa a se fazer, então... Ele afastou o pensamento. Era o imediato daquela embarcação e tinha um trabalho: fazer o navio funcionar como o capitão achasse melhor. Não cabia a ele decidir se tudo aquilo era errado. Mesmo se decidisse aceitar o pensamento, mesmo se dissesse em voz alta: “Isso é errado!”, o que um só homem poderia fazer a respeito?

— Você disse para eu avisar se soubesse de alguma coisa que você pudesse fazer por mim — lembrou o navio-vivo.

Esteio olhou para o céu noturno, encoberto pelas nuvens que se adensavam. Se Vivácia decidisse se comportar com teimosia, poderia redobrar o trabalho durante aquela tempestade. Não queria deixá-la irritada.

— Se o mar ficar mais agitado, vai começar a entrar água no convés — advertiu.

— Acho que não vai fazer diferença para ele — retrucou Wintrow.

— Sar! — praguejou Esteio. — Não posso lhe entregar minhas chaves, garoto, nem posso dar permissão para trazer um escravo saudável para o convés. Vamos lá. Se é isso que eu tenho que fazer para manter o navio feliz, então vou

eu mesmo cuidar do assunto. Mas vamos logo, quero acabar com isso o quanto antes. — O imediato olhou para um dos cantos do navio e deu um grito: — Confrei! Fique de olho nas coisas por aqui, eu vou descer. Grite se precisar de mim!

— Sim, senhor!

— Vá na frente — disse a Wintrow, mal-humorado. — Se estão com febre no porão de proa, é melhor eu verificar.

Wintrow manteve o silêncio enquanto seguia na frente. Depois de ter feito o pedido, não conseguia pensar em mais nada para dizer ao imediato. Estava dolorosamente consciente das diferenças entre os dois: Esteio era o braço direito e conselheiro de confiança de seu pai, e não podia estar mais distante de Wintrow, o escravo e filho desonrado. Ao entrar no porão de proa lotado, o garoto sentiu como se conduzisse um estranho para dentro de seu próprio pesadelo particular.

Esteio tinha lhe entregado o lampião, e a luz mais brilhante iluminava mais do que as velas às quais ele estava acostumado, aumentando o círculo de desalento, tornando mais nítido a amplitude da imundície e da degradação. Wintrow respirou mais devagar, uma habilidade que aprendera a duras penas. Esteio, atrás dele, volta e meia tossia. Até achou que o imediato fosse vomitar, em alguns momentos, mas não se virou para olhar para trás. Como primeiro imediato, Esteio provavelmente não precisava se aventurar muito nos porões, podia mandar outros homens fazerem isso. Wintrow duvidava de que seu pai tivesse descido do convés pelo menos uma vez desde que tinham zarpado de Jamaillia.

Tiveram que curvar o corpo conforme se aproximavam do moribundo. Os escravos estavam tão amontoados que era difícil evitar pisar neles. Homens, mulheres e crianças se mexiam, irrequietos, à luz do lampião, murmurando entre si ao avistarem Esteio.

— Aqui está ele — anunciou Wintrow, sem necessidade. — Este é Esteio, o imediato — informou, ao sacerdote ao lado do homem. — Ele vai me deixar levar seu amigo para o convés.

O escravo sacerdote se sentou, piscando diante da luz do lampião de Esteio.

— A misericórdia de Sá para você — disse. — Sou Sá’Adar.

Esteio não respondeu à apresentação ou à alegação de sacerdócio. Wintrow achou que o imediato parecia pouco à vontade com a ideia de ser apresentado a um escravo. Ele se agachou e tocou a carne quente do moribundo.

— Febre — anunciou, como se alguém tivesse duvidado. — Vamos tirá-lo daqui antes que espalhe.

Esteio se agachou para alcançar um dos pesados grampos embutidos nas vigas de Vivácia. Era ali que ficava presa a corrente principal. O sal da maresia e a umidade do suor dos escravos amontoados não ajudavam o péssimo estado do cadeado que segurava a corrente ao grampo. Esteio fez força por algum tempo, até a chave enfim girar com dificuldade. O imediato puxou o cadeado até ele se abrir. A corrente principal tombou, solta, no chão sujo.

— Solte ele dos outros — ordenou a Wintrow, com certa grosseria. — Depois tranque todos de novo e vamos levar esse homem para o convés. Depressa, vamos. Não estou gostando nada do modo como Vivácia está balançando.

Wintrow concluiu que Esteio não queria tocar na corrente que passava por entre os anéis dos grilhões nos tornozelos de cada escravo, os elos cobertos de uma crosta de sujeira. Mas excrementos humanos e sangue seco já não lhe incomodavam muito. Rastejou ao longo da fileira de escravos com o lampião na mão, passando a corrente principal por cada anel até chegar ao moribundo. Wintrow o soltou.

— Só um momento, antes de você levá-lo — implorou o sacerdote. Ele se curvou para tocar a testa do amigo. — Que Sá o abençoe, por ter sido seu instrumento. Fique em paz.

Então, veloz como uma cobra, Sá'Adar agarrou o lampião e o arremessou longe. Sua força era selvagem; sua mira, precisa. Wintrow viu os olhos de Esteio se dilatarem de horror no momento em que o pesado lampião de metal o atingiu em cheio na testa. O anteparo de vidro se estilhaçou com o impacto, e Esteio tombou com um gemido. O lampião caiu ao seu lado, rolando com o balanço do navio. O óleo escorreu para fora num caminho sinuoso. A chama não tinha apagado.

— Pegue o lampião! — berrou o escravo para Wintrow, arrancando a corrente de sua mão aberta. — Rápido, antes que comece um incêndio.

Evitar o incêndio era a coisa mais urgente a se fazer, Wintrow não tinha a menor dúvida. Mas, ao correr atrás do lampião, ficou ciente dos escravos que se mexiam ao seu redor. Ouviu o retinir de metal contra metal à medida que a corrente principal era puxada através de cada um dos anéis às suas costas. Wintrow agarrou o lampião e o ergueu para longe do óleo derramado. Gritou ao cortar o pé nos cacos de vidro, mas o grito de dor se transformou num berro horrorizado ao ver um dos escravos libertados levar as mãos ao pescoço de Esteio, inconsciente.

— Não! — gritou Wintrow, mas outro escravo bateu com força o crânio do imediato contra o grampo que prendera a corrente principal.

Algo no modo como a cabeça de Esteio se chocou com o grampo fez com que Wintrow soubesse que era tarde demais. O imediato estava morto, e os escravos estavam se soltando da corrente principal tão rápido quanto possível, passando-a por cada um dos grilhões.

— Bom trabalho, garoto — parabenizou um escravo, enquanto Wintrow olhava para o corpo do imediato.

Viu o mesmo escravo tirar a chave do cinto de Esteio. Tudo estava acontecendo rápido demais, e ele era parte daquilo. Só não sabia dizer como se encaixava naquela situação. Não queria ter parte da culpa na morte de Esteio.

— Ele não era um homem mau! — gritou, de repente. — Você não devia ter matado ele!

— Silêncio! — exclamou Sá'Adar, ríspido. — Você vai alertar os outros antes de estarmos prontos. — Ele olhou para Esteio. — E não se pode dizer que ele era um homem bom, se tolerava o que acontecia a bordo deste navio. Coisas cruéis precisam ser feitas para pôr um fim a crueldades piores. — Wintrow não reconhecia aquelas palavras como palavras de Sá. O homem o encarou. — Pense a respeito — pediu. — Você teria nos prendido de novo às correntes? Você, que também tem uma tatuagem no rosto?

Ele não esperou resposta. Wintrow sentiu um alívio meio culpado, pois não tinha resposta para a pergunta. Se, ao prender de novo a corrente, pudesse ter salvado a vida de Esteio, será que teria feito isso? Se, ao prender de novo a corrente, condenasse todas aquelas pessoas a uma vida de escravidão, será que teria feito isso? Não tinha respostas para aquelas perguntas. Wintrow examinou o rosto imóvel de Esteio. Desconfiava que o imediato também não saberia as respostas.

O sacerdote estava avançando depressa pelo porão, soltando outras correntes. O murmúrio dos escravos libertados parecia acompanhar os sons cada vez mais altos da tempestade lá fora.

— Olhe os bolsos do desgraçado, veja se tem alguma chave para esses grilhões — sugeriu alguém, num sussurro rouco, mas Wintrow não se mexeu. Não podia se mexer. Ficou observando a cena, com um distanciamento aturdido, enquanto dois escravos reviravam a roupa do imediato. Esteio não tinha nenhuma chave para os grilhões, mas a faca e outros pequenos objetos que levava consigo logo mudaram de mãos. Um escravo cuspiu no corpo ao passar. Ainda assim, Wintrow permaneceu parado, de lampião na mão, olhando.

O sacerdote falava em voz baixa com aqueles à sua volta.

— Ainda estamos longe de ficar livres, mas podemos conseguir a liberdade. Precisamos pensar antes de agir. Não façam barulho. Fiquem quietos. Precisamos libertar quantos homens e mulheres pudermos antes que alguém desconfie. Somos mais numerosos do que eles, mas nossas correntes e nossos corpos vão pesar contra nós. Por outro lado, a tempestade pode estar a nosso favor. Ela pode manter todos ocupados até que seja tarde demais.

O sacerdote olhou de relance para Wintrow. O homem tinha um sorriso enviesado nos lábios.

— Venha, garoto, e traga o lampião. Temos que fazer o trabalho de Sá. — Aos outros, acrescentou: — Terei que deixar vocês aqui no escuro enquanto liberto os outros. Sejam pacientes. Sejam corajosos. Rezem. E lembrem que, se agirem cedo demais, estarão condenando a todos nós. Aí, o trabalho desse garoto corajoso terá sido em vão. — Para Wintrow, ele disse: — Vá na frente. Precisamos ir de porão em porão, libertando todos. Depois vamos pegar a tripulação de surpresa. É nossa única chance.

Wintrow seguiu na frente, entorpecido. Ouviu os primeiros sons de uma chuva forte caindo nos conveses da Vivácia. Lá dentro e lá fora, a tempestade que vinha se formando havia muito tempo finalmente se abateu sobre o navio.

— Não me importo com o tempo. Quero o navio-vivo.

— Sim, senhor. — Sorcor respirou fundo, como se fosse falar mais, mas então mudou de ideia.

— Vamos atrás dela — continuou Kennit. Estava de pé no poço, olhando para longe, por sobre a água, agarrado à amurada com as duas mãos como um marinheiro de água doce. À frente deles, o casco prateado do navio-vivo reluzia enquanto atravessava ondas cada vez maiores. Parecia chamá-lo na noite. Então continuou, sem tirar os olhos da embarcação: — Tenho um pressentimento sobre essa. Acho que está pronta para ser capturada.

A proa do *Marietta* afundou um pouco mais numa onda que se quebrou. A água subiu de repente, encharcando todos no convés. O impacto da água gelada causou uma sensação quase agradável no corpo quente demais, mas aquela agitação mínima foi quase suficiente para desequilibrá-lo. Kennit conseguiu se manter agarrado e de pé. O navio desceu depois de atingir o ápice da onda, e o capitão teve de fazer um esforço para não cair. A muleta tombou no convés e foi levada para longe quando a onda seguinte atravessou os embornais. Mal

conseguiu manter o pé firme ao se agarrar com mais força à amurada.

— Mas que inferno, Sorcor, ajuste as velas! — berrou, para disfarçar a vergonha.

Duvidou que o homem tivesse ouvido. O imediato já tinha se afastado e estava gritando ordens para marinheiros enquanto voltava para o timão.

— Vou levar você de volta para a cabine — disse a sempre presente prostituta, por trás de seu ombro.

Kennit estava prestes a pedir para ela fazer isso, mas agora não podia mais. Teria que esperar um pouco, até parecer plausível que a ideia tivesse vindo dele ou pelo menos até conseguir pensar numa boa razão para ir. Desgraçada! A perna boa estava começando a cansar, e a ruim estava só pendurada, um peso quente e dolorido.

— Pegue a muleta — ordenou.

Ficou satisfeito em vê-la correr atrás da muleta pelo convés encharcado, mas também reparou que Etta definitivamente já tinha pernas de marinheiro. Não havia nada de desajeitado no modo como se movia. Se ela fosse homem, Kennit teria dito que daria um bom marinheiro.

Naquela mudança abrupta tão característica das águas dali, a tempestade se abateu sobre eles. Torrentes desabavam sobre o navio enquanto a direção do vento parecia mudar quase sem parar. Ele ouvia Sorcor berrar ordens para a tripulação no convés. O que antes parecera que seria só uma leve ventania estava se tornando algo completamente diferente. Sempre havia correnteza no Canal da Espia, e, durante algumas marés, ela podia ser difícil de lidar, mas o vento da tempestade conspirava com aquela correnteza para fazê-los navegar a toda. O navio-vivo disparava adiante. Kennit a observava, esperando que as velas fossem recolhidas. Sorcor fez os marinheiros rizarem os panos. A tempestade e a correnteza os impeliam bem rápido, não precisavam da ajuda dos ventos traiçoeiros. A Ilha Torta não ficava muito distante à frente. A leste ficava a melhor passagem. O navio-vivo certamente iria por ali, e eles teriam que ir para oeste. Usariam a tempestade e a correnteza para ultrapassar o navio-vivo e cortar seu caminho. Seria complicado, claro. E Kennit não tinha certeza se sairiam vivos. Bem, não achava que tivesse muito tempo de vida, de qualquer forma. Podia muito bem morrer no convés do próprio navio, se não tivesse como morrer no convés de um navio-vivo.

Sorcor estava no timão. Dava para saber pelo modo como o *Marietta* de repente pareceu desfrutar de cada onda desafiadora. Ele estreitou os olhos contra o aguaceiro e tentou encontrar a presa outra vez. Não conseguiu vê-la no tempo

que levaram para atravessar três ondas, até que avistou o navio-vivo ao mesmo tempo que ouvia um grito distante.

A embarcação estava lidando mal com a tempestade, as velas abandonadas a empurravam de encontro a cada onda. Kennit assistiu, horrorizado, o navio afundar na depressão entre duas ondas e desapareceu, só para ressurgir no momento seguinte. Estreitou bem os olhos e conseguiu distinguir homens correndo de um lado para o outro nos conveses pouco iluminados do navio-vivo, mas nenhum parecia estar fazendo qualquer coisa para salvá-lo. Soltou um gemido de desespero. Tinha chegado tão perto de capturar um navio-vivo só para vê-lo afundar diante de seus olhos, e por culpa da incompetência da própria tripulação... era duro demais.

— Sorcor! — gritou, em meio à fúria da tempestade. Kennit não podia esperar até que conseguissem interpelar a embarcação no meio do caminho. Aquele navio acabaria nas rochas, pelo jeito como estava se deslocando. — Sorcor! Alcance o navio inimigo e prepare um grupo de abordagem com bons marinheiros! — A chuva e o vento arrancaram as palavras de sua boca. Tentou ir até a popa segurando-se na amurada e pulando sobre a perna boa. A cada solavanco, a sensação era de que mergulhara o coto em óleo fervente. De repente, também estava tremendo de frio. As ondas estavam ficando maiores. A cada onda que quebrava, Kennit via a água salgada avançar mais em sua direção, mas não podia fazer nada além de se agarrar com força na amurada. Uma das ondas acabou erguendo a perna cansada. Por um momento interminável, ele se agarrou desesperadamente enquanto a água passava por cima de seu corpo e saía de novo pelos embornais. Então Etta o segurou, agarrando-o de qualquer jeito, sem se preocupar com a perna ferida. Ela passou um dos braços de Kennit em volta dos ombros e o levantou, segurando-o pelo peito com o outro braço.

— Preciso levar você lá para dentro! — implorou ela.

— Não! Me ajude a voltar para o timão! Vou assumir o leme. Quero que Sorcor lidere o grupo de abordagem.

— Você não pode abordar outro navio num tempo desses!

— Só me leve para a popa, mulher!

— Kennit, você não devia nem estar no convés. Estou sentindo a febre ardendo no seu corpo. Por favor!

Sua fúria foi instantânea.

— Você não me considera homem, é isso? Meu navio-vivo está lá, a captura é iminente, e você quer que eu me deite na cabine como um inválido? Sua desgraçada! Ou você me ajuda a chegar ao leme, ou sai da minha frente.

Etta o ajudou, foi uma viagem apavorante através de um convés que subia e descia com a fúria da tempestade. Ela o carregou escada curta acima como se Kennit fosse um saco de batatas. Havia raiva em sua força, e ela não pediu desculpas quando o coto bateu num degrau, deixando-o quase atordoado com a dor. Lá no alto, Etta puxou seu braço como se fosse um lençol para passá-lo em volta dos ombros, então se ergueu sob o peso de Kennit e o arrastou para o timão. Sorcor, incrédulo, sacudiu a água dos olhos e encarou o capitão.

— Vou assumir o leme. O navio-vivo está com problemas. Prepare um grupo de abordagem com marinheiros e salteadores. Precisamos alcançá-la depressa, antes que ela entre demais no Canal da Espia.

Tiveram outro vislumbre do navio-vivo muito adiante, quando o mar o ergueu bem no alto. Parecia um navio abandonado, empurrado ao bel-prazer do vento e das ondas. Um truque do vento trouxe um grito até o convés, quando o navio-vivo afundou numa depressão entre as ondas.

Estava rumando para oeste da Ilha Torta.

Sorcor balançou a cabeça. Teve que gritar para ser ouvido na tempestade.

— Não tem como alcançar aquele navio desse jeito! E, mesmo se tivéssemos tripulação de sobra para ajudar, não temos como abordar navio nenhum nessa tempestade! Desista, senhor! Daqui a pouco encontramos outro! Deixe aquela ali seguir seu destino!

— Eu sou o destino dela! — urrou Kennit, para o imediato. Foi tomado por uma fúria imensa. O mundo inteiro e todos que o habitavam se opunham à sua busca. — Vou assumir o leme. Conheço aquele canal, já passei o navio por lá. Trabalhe com a tripulação para içar um pouco de vela, aí vamos conseguir. Só me ajude a alcançar o navio e tentar empurrá-la para os baixios. E se não pudermos fazer mais nada depois disso, vou desistir!

Ouviram o grito outra vez — um lamento de desespero longo e arrastado, num tom sinistro e assustador que ressoou durante muito tempo.

— Ah! — exclamou Etta de repente, estremecendo, quando o som finalmente cessou. — Alguém precisa salvar a coitadinha. — As palavras eram quase uma prece. Ela olhou de um homem para o outro. A chuva deixara seu cabelo grudado à cabeça, e a água escorria como córregos de lágrimas em seu rosto. — Sou forte o bastante para segurar o timão. Se Kennit ficar atrás de mim e guiar minhas mãos, podemos manter o *Marietta* no curso.

— Feito — respondeu Sorcor, tão prontamente que Kennit compreendeu que aquela era sua verdadeira objeção desde o princípio. Ele achava que Kennit não conseguiria ficar de pé numa perna só e controlar o timão.

Contrariado, admitiu que o imediato provavelmente estava certo.

— Exatamente — concordou, como se aquela sempre tivesse sido a intenção.

Sorcor deu lugar a eles. Foi uma troca desajeitada, mas Etta acabou com as mãos no timão. Kennit se posicionou atrás dela, com uma das mãos no timão, para ajudá-la, segurando-a com o outro braço para se equilibrar. Sentia que ela estava tensa, mas também com uma empolgação contida. Por um momento, abraçar Etta era como abraçar o próprio navio.

— Me diga o que fazer! — gritou ela, por cima do ombro.

— É só manter o curso — disse Kennit. — Eu aviso quando precisar fazer mais alguma coisa.

Seus olhos acompanhavam o navio-vivo prateado enquanto ela fugia ao vento.

Kennit a apertava junto a si, e o peso dele em suas costas não era um fardo, mas uma proteção do vento e da chuva. O braço direito a envolvia, a mão apertava seu ombro esquerdo. Mas Etta estava assustada. Por que tinha se oferecido para fazer aquilo? Agarrou as malaguetas do timão com tanta força que os nós dos dedos começaram a doer. Enrijeceu os braços para se contrapor a qualquer movimento súbito. Ao redor via apenas a escuridão e a chuva constante, o vento soprando e a água. Mais adiante, avistou lampejos de água branco-azulada — eram as ondas se chocando contra rochas cobertas de cracas. Não sabia dizer o que estava fazendo. Podia acabar levando o navio diretamente de encontro a uma rocha e só saber quando a atingissem, podia matar todos eles, cada homem a bordo.

Então ouviu a voz de Kennit, bem baixinha, em seu ouvido esquerdo. Apesar da tempestade, ele não gritava. Sua voz baixa era pouco mais que um sussurro.

— Na verdade é bem fácil. Erga os olhos, olhe para a frente. Sinta o navio através do timão. Pronto. Afrouxe as mãos. Você não vai conseguir reagir se apertar a madeira desse jeito. Pronto. Agora você já consegue sentir, não consegue? O navio falando com você? Está se perguntando quem é essa mulher com esse toque novo e suave? Mantenha o timão firme e tranquilize o navio. Isso, isso, vire um pouco, só um pouco, não muito. Mantenha o alinhamento firme nessa direção.

Kennit falava com sua voz de amante, baixa e excitada, calorosa em seu encorajamento. Etta nunca se sentira tão próxima dele quanto naquele momento, partilhando de seu amor pelo navio — o navio que ele guiava através da tempestade. Nunca se sentira tão forte como enquanto segurava as malaguetas de

madeira do timão e cortava as ondas com a proa do *Marietta*. No alto, ouvia Sorcor gritando para os marinheiros. Estavam rizando algumas velas num padrão que ela achou incompreensível, mas que de repente se sentiu determinada a compreender. Porque era capaz de compreender. E de fazer aquilo. Era isso que o braço de Kennit em volta dela, o peso em suas costas e a voz baixa em seu ouvido estavam lhe dizendo. Etta estreitou os olhos contra a chuva incessante. De repente, o frio e a umidade eram simplesmente parte daquela nova vida: não eram aspectos agradáveis, mas também não precisava temê-los ou evitá-los. Eles, assim como o vento, eram parte de sua nova vida. Uma vida que a impulsionava para a frente tão depressa quanto a correnteza que arrastava o navio, transformando-a numa nova pessoa. Uma pessoa que ela podia respeitar.

— Por que não pode ser sempre assim? — perguntou, depois de um tempo.

Kennit fingiu surpresa e perguntou, numa voz mais alta:

— O quê? Você prefere essa tempestade nos empurrando na direção das Rochas Malditas do que navegar em águas tranquilas?

Etta gargalhou, abraçada por ele, pela tempestade e por aquela nova vida em que o homem a mergulhara.

— Kennit, você é a tempestade. — Numa voz mais baixa, acrescentou para si mesma: — E prefiro como sou quando corro pelos seus ventos.



33

O DIA DO JUÍZO

Wintrow sabia que algumas religiões pregavam sobre lugares onde reinavam demônios com o poder de torturar as pessoas. O navio, pego entre o vento e a chuva, povoado com criaturas de duas pernas que gritavam e lutavam entre si, parecia um desses mundos do além. As escrituras de Sá não pregavam a existência desses lugares. Wintrow acreditava que os homens criavam seus próprios tormentos, e o benevolente Pai de Todos apenas via aquelas coisas com tristeza. Naquela noite, naquele navio, compreendeu a verdade do ensinamento de Sá. Pois ali estavam eles, todos humanos, cada um deles uma criatura de Sá. No entanto, não era o vento uivante ou a chuva forte que atravessavam o navio derramando sangue e arrancando a vida de corpos. Não. Apenas os humanos a bordo faziam aquilo, e só um ao outro. Aquilo não era obra de Sá. Não havia nada de Sá naquela perdição.

Do momento em que Sá'Adar jogara o lampião no rosto de Esteio em diante, Wintrow sabia que a situação saíra de suas mãos. Não tinha sido ele quem começara aquela carnificina, aquela matança não era obra sua. Não conseguia nem se lembrar de ter tomado uma decisão, só de seguir Sá'Adar e o ajudar a libertar os escravos. Era o certo a se fazer. Mas seria mais certo do que tentar avisar o pai e os companheiros de bordo? *Não faça essa pergunta, não deixe essa pergunta existir*. *Essas mortes não são culpa sua*, repetia para si mesmo, sem parar. Não era culpa sua. O que um único garoto poderia fazer para deter aquela torrente de ódio? Ele era apenas uma folha apanhada pelo vento de uma tempestade.

Wintrow se perguntou se Esteio se sentira da mesma forma.

Ele e Sá'Adar estavam soltando os caras-marcadas no porão mais fundo da Vivácia quando ouviram os gritos do alto. Na pressa de se juntarem à refrega, os caras-marcadas literalmente o atropelaram. Sá'Adar os liderara com o lampião, e Wintrow fora deixado para trás no breu, assustado e desorientado. Tateava os porões imundos, passando por cima dos corpos de escravos enfraquecidos ou assustados demais para se juntarem à rebelião. Outros andavam por todos os lados, confusos, chamando uns aos outros, exigindo saber o que estava

acontecendo. Wintrow abriu caminho entre eles, tateando, mas sem conseguir encontrar a escada que levava à escotilha. Disse a si mesmo que conhecia cada centímetro daquele navio. Só que a Vivácia de repente se tornara um labirinto escuro de morte, fedor e pessoas apavoradas. Ouviu pés correndo no convés acima e gritos de raiva e de medo. E também de morte.

Então ouviu outro grito, um que ressoou dentro do porão e fez os escravos responderem com seus próprios gritos aterrorizados.

— Vivácia — disse a si mesmo, sem fôlego, chamando-a e rezando para que o navio-vivo pudesse ouvi-lo e soubesse que Wintrow estava a caminho. — Vivácia!

Suas mãos encontraram a escada, e ele a subiu correndo.

Ao sair para o convés, foi recebido pela chuva torrencial e tropeçou no primeiro corpo de um tripulante. Brando estava preso a uma escotilha entreaberta. Na penumbra, não sabia dizer como o garoto tinha morrido, só sabia que estava morto. Wintrow se ajoelhou ao lado dele, ouvindo os sons de combate em outro lugar do navio, mas só conseguia se fixar naquela morte. O peito de Brando ainda estava quente. A água da chuva e das ondas já tinha esfriado as mãos e o rosto, mas o restante do corpo estava perdendo o calor mais devagar.

Havia outras pessoas morrendo, escravos e tripulantes. E de repente lembrou que Vivácia sentia tudo. Ela sentia tudo e estava sozinha.

Sem nem perceber o que estava fazendo, Wintrow se levantou e saiu tropeçando na direção da figura de proa. Alguns dos tripulantes tinham armado abrigos grosseiros de lona no poço, preferindo dormir ao sabor do vento e da chuva do que no fedor intenso dos conveses inferiores. Mas a tenda tinha desabado, e o vento e a chuva a açoitavam enquanto os homens se engalfinhavam. Correntes com grilhões tinham virado armas. Wintrow se esquivava entre os combatentes com sede de sangue, gritando:

— Não! Não! Vocês precisam parar com isso, o navio-vivo não vai aguentar! Vocês precisam parar!

Ninguém lhe deu ouvidos.

Havia homens caídos no convés — alguns se contorcendo, outros imóveis. Wintrow saltou sobre seus corpos. Não podia fazer nada por eles. O único que poderia ajudar era o navio-vivo, que agora gritava seu nome para a noite. Wintrow tropeçou no que poderia ter sido um corpo, mas se levantou, esquivou-se de um homem que tentou agarrá-lo e seguiu tateando em meio à chuva e à escuridão da noite, até suas mãos encontrarem a escada para a coberta de proa.

— Vivácia! — chamou, sua voz aguda e fraca em meio à fúria da tempestade.

Mas ela ouviu.

— Wintrow! Wintrow! — chamou a figura de proa, descontrolada, gritando seu nome como uma criança atormentada por pesadelos chama pela mãe.

Ele subiu para a coberta de proa, mas foi jogado para trás quando Vivácia mergulhou de repente numa onda. Por um momento, só conseguiu se agarrar ao degrau da escada e tentar respirar. No intervalo entre as ondas, se levantou depressa e correu para a frente sem nem pensar. As mãos agarraram a amurada. Wintrow não sentia a figura de proa, só conseguia ver uma sombra diante de si.

— Vivácia! — gritou.

A princípio, a embarcação não respondeu. Ele agarrou a amurada com firmeza e tentou senti-la com todas as forças. Como mãos quentes se entrelaçando numa noite fria, a consciência dela se uniu à dele. Então o horror e o choque que o navio-vivo sentia inundaram sua mente.

— Eles mataram Confrei! Não tem ninguém no timão!

A figura de proa e o garoto mergulharam na água salgada e gelada. O convés de madeira-arcana escorregou sob seus dedos. No escuro, Wintrow partilhava do conhecimento e do desespero do navio ao mesmo tempo que lutava pela própria sobrevivência. Sentiu a extensão da morte ao redor dela e soube da falta de controle que Vivácia sentia, conforme os ventos da tempestade a impeliam adiante para dentro das ondas imensas. A tripulação fora afastada de suas tarefas. Alguns estavam barricados no castelo de popa, lutando por suas vidas, outros morriam lentamente nos conveses em que tinham trabalhado. Conforme as vidas se extinguiam, era como se Vivácia perdesse partes de si mesma. Wintrow nunca tinha sentido tão intensamente a imensidão da água e a pequenez do navio que preservava sua vida. Quando as ondas da tempestade lavaram os conveses, ele conseguiu se levantar.

— O que eu faço? — perguntou.

— Vá para o timão! — gritou a figura de proa, em meio ao vento. — Assuma o controle do leme! — Então a voz se ergueu num brado repentino. — Mande eles pararem de se matar, ou todos vão morrer! Todos eles, eu juro!

Wintrow se virou para o poço do navio e, respirando o mais fundo que pôde, gritou para os homens que lutavam.

— Vocês ouviram! Ela vai matar todos nós se vocês não pararem agora! Parem de lutar! Quem souber fazer alguma coisa, vá cuidar das velas! Senão ninguém aqui sobreviverá a essa noite! E me deixem chegar ao timão!

Mergulharam de novo em uma onda. A muralha de água o atingiu pelas costas, e de repente Wintrow estava voando com ela, sem convés, sem cordame, apenas a água oferecendo alguma resistência às suas mãos que buscavam alguma coisa em que se agarrar. Já poderia ter passado por cima da amurada sem nem perceber. Wintrow abriu a boca para gritar, mas só engoliu água salgada. No momento seguinte, a água o arremessou contra a amurada a bombordo. Agarrou-a e se manteve firme, apesar dos esforços da água para arrastá-lo para fora do navio. Um escravo ao seu lado não teve tanta sorte: o homem bateu na amurada, se desequilibrou e passou por cima.

A água escoou pelos embornais. No convés, homens se debatiam como peixes fora d'água, engasgando e cuspindo o líquido salgado. Wintrow ficou de pé assim que conseguiu e foi tentando avançar em direção à popa. *Como um inseto numa poça d'água*, pensou, *se debatendo, desesperado, porque os seres vivos sempre tentam permanecer vivos*. A maioria das pessoas ainda no convés claramente não era de marinheiros, a julgar pelo modo como se jogavam para as cordas e amuradas e se agarravam com força. Pareceram igualmente chocados quando a onda seguinte atingiu o navio, sufocante. Alguém devia ter encontrado a chave para os grilhões, pois alguns estavam sem correntes, mas outros ainda usavam seus ferros com a mesma familiaridade com que vestiam as camisas. Mais rostos espiavam assustados pelas escotilhas abertas, gritando conselhos e perguntas para os grupos no convés. A cada onda gigantesca que passava, eles se abaixavam para evitar se encharcarem, mas pareciam não se importar com o quanto de água entrava no navio. Corpos de escravos e de tripulantes eram jogados de um lado para o outro no poço, com o balanço do navio-vivo. Wintrow olhou para os cadáveres, incrédulo. Tinham lutado pela liberdade apenas para morrerem afogados? Tinham matado toda a tripulação por nada?

E de repente ouviu Sá'Adar gritando.

— Lá está ele. Lá está o nosso rapaz! Garoto, Wintrow, venha aqui! Esses homens se trancaram lá dentro! Tem como forçar os ratos a saírem? — O sacerdote liderava um bando triunfante de caras-marcadas do lado de fora dos alojamentos dos oficiais, no castelo de popa. Apesar da tempestade e dos solavancos do navio, eles ainda estavam determinados a continuar com a matança.

— Essa tempestade vai nos afundar se eu não chegar ao timão! — gritou Wintrow. Ele puxou a voz de dentro de si e tentou soar autoritário, como um homem. — Parem de matar, ou o mar vai acabar com todos nós! Deixem a tripulação sair e pilotar o navio, eu imploro! Entra mais água a cada onda! — Ele agarrou a lateral da escada do tombadilho quando outra onda quebrou sobre o

navio. Wintrow assistiu, horrorizado, à água entrar pelas escotilhas abertas como cerveja enchendo uma caneca. — Fechem bem as escotilhas! E coloquem alguns homens nas bombas, ou todos os doentes escondidos lá embaixo vão se afogar! — Ele olhou para o alto. — Precisamos recolher aquelas velas, dar menos coisas para o vento soprar!

— Eu não vou subir lá em cima! — declarou um escravo, em voz alta. — Não saí dos grilhões só para me matar!

— Então você vai morrer quando afundarmos! — gritou Wintrow, em resposta.

Sua voz vacilou, adquirindo o timbre estridente de um garoto. Alguns escravos estavam tentando fechar as escotilhas, mas ninguém estava disposto a se soltar para isso.

— Rochas! — gritou Vivácia. — Rochas! Wintrow, o timão, o timão!

— Deixem a tripulação sair! Prometam que vão poupar suas vidas se eles salvarem as de vocês! — berrou a Sá'Adar, e subiu a escada depressa.

Confrei tinha sido morto ao timão, atingido pelas costas. Quem quer que o tivesse matado o deixara onde ele tombara, meio enroscado nas malaguetas. Apenas o peso de seu corpo caído impedira o leme de se virar de um lado para o outro a cada onda.

— Sinto muito, sinto muito — balbuciou Wintrow, tirando o corpo magricela de seu último posto. Ele se aproximou e agarrou o timão, detendo o giro aleatório com um puxão, e encheu o máximo que pôde os pulmões antes de gritar: — Me diga o que fazer! — berrou, rezando para que a voz atravessasse o navio em meio à tempestade.

— Tudo a bombordo! — veio o grito de Vivácia em resposta. O grito não veio só carregado pelo vento, também parecia vibrar para dentro de Wintrow através de suas mãos.

Ele percebeu que as malaguetas do timão eram feitas de madeira-arcana, e as apertou com mais força. Sem saber se estava ou não pecando, Wintrow buscou sim unir-se ao navio-vivo, em vez de pedir ajuda a Sá. Deixou de lado o medo de se perder dentro dela.

— Firme — sussurrou para Vivácia, sentindo um salto quase frenético de ligação. Junto veio o medo dela, mas também a coragem. Compartilhava da consciência que Vivácia tinha da tempestade e da correnteza. O corpo de madeira-arcana tornou-se uma extensão de seu ser.

O timão tinha sido construído para ser manuseado por um homem adulto e

musculoso. Wintrow já tinha visto o navio-vivo ser pilotado e assumira o timão uma ou duas vezes quando o tempo estava mais ameno, mas nunca durante uma ventania daquela, e nunca sem um homem ao seu ombro, instruindo-o e agarrando o timão, caso parecesse que o garoto não daria conta. Wintrow aplicou todo o peso de seu corpo esguio para girá-lo. Sentia cada ponto que ganhava como uma pequena vitória, mas se perguntava se o navio poderia responder ao leme a tempo. A impressão que teve foi de que atingiram a onda seguinte em cheio, atravessando-a, em vez de serem empurrados de lado. Wintrow estreitava os olhos contra a chuva incessante, mas não conseguia ver nada além de escuridão. Podiam muito bem estar no meio do Mar Bravio, cercados de vazio por todos os lados. De repente lhe ocorreu como aquilo era ridículo. Ele e o navio-vivo estavam lutando sozinhos para salvar a todos a bordo. Todos os outros estavam ocupados demais em se matar.

— Você precisa me ajudar — disse Wintrow, enunciando em voz alta as palavras que sabia que ela sentiria. — Você precisa ser sua própria vigia, tanto para as ondas quanto para as rochas. Me diga o que sabe.

Ouvia homens gritando uns com os outros no poço. Algumas das vozes soavam abafadas, e supôs que os escravos estivessem negociando com a tripulação cativa. Pela fúria das vozes, Wintrow duvidava que chegariam a um acordo a tempo de salvar o navio. *Esqueça-os*, aconselhou a si mesmo.

— Somos só você e eu, minha senhora — murmurou para Vivácia. — Só nós dois. Vamos tentar continuar vivos. — Ele agarrou o timão com mais firmeza.

Wintrow não sabia se a sentiu respondendo a ele ou se a sua própria determinação lhe conferira novas forças. Permaneceu de pé, cegado pela água e pela escuridão, e desafiou a ambas. Não ouviu Vivácia chamá-lo de novo, mas tinha uma ideia do que o navio-vivo queria. As velas no alto trabalhavam contra ele, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Um tipo diferente de chuva começou a cair. Era igualmente insistente, mas com um pouco menos de força. Mas mesmo assim, com a tempestade amainando e os primeiros tons cinzentos da aurora tingindo o céu, o timão pareceu ficar mais rígido e pesado em suas mãos.

— Fomos pegos pela correnteza! — O grito de Vivácia chegou até ele. — Há rochas mais à frente! Conheço esse canal! Não devíamos ter vindo por aqui! Não posso desviar sozinha dessas pedras!

Ouviu o tinido de correntes e a queda de um corpo pesado no convés. Wintrow olhou de relance para um grupo de homens que avançava em sua direção, enquanto vários outros agrilhoados eram empurrados entre eles. Quando

alcançaram Wintrow, alguém empurrou o homem que vinha à frente com mais força, e ele caiu de joelhos no convés molhado. A voz de Sá'Adar ressoou:

— Ele disse que vai pilotar o melhor que puder se o deixarmos viver! — Numa voz mais baixa, acrescentou: — Disse que não podemos passar pelas rochas sem ele. Que só ele conhece esse canal.

Enquanto o homem se esforçava para ficar de pé, Wintrow o reconheceu. Era Torg. Não conseguia distinguir muito de suas feições no escuro, e a camisa estava rasgada, deixando as costas expostas. Os trapos pálidos esvoaçavam ao vento.

— Você — disse Torg. Soltou uma risada baixa e incrédula. — Você fez isso? Você? — Ele balançou a cabeça. — Não acredito. Você não era leal ao navio, é verdade, mas não tinha a coragem. Você fica aí, segurando o timão como se o navio fosse seu, mas não acredito que tenha liderado isso. — Apesar das correntes em seus pulsos e dos caras-marcadas rosnando à sua volta, ele cuspiu para o lado. — Você não teve colhões para tomar o navio quando ele foi oferecido numa bandeja de prata. — As palavras furiosas brotavam como uma torrente represada. — Ah, sim, eu sabia tudo sobre o acordo entre você e seu pai. Ouvi o que ele disse aquele dia. Seu pai ia colocar você como imediato depois que fizesse quinze anos. Meu trabalho de cão nos últimos sete anos não importava. O velho Torg não tinha importância. Ele ia entregar a capitania a Esteio e a posição de imediato a um fedelho de rosto rosado. E você ia ficar mandando em mim.

Ele riu, então tomou fôlego e continuou:

— Bem, me disseram que Esteio está morto. E seu pai não está muito melhor. — Torg cruzou os braços sobre o peito. — Está vendo aquela ilha a estibordo? É a Ilha Torta. Você devia ter levado o navio para o outro lado. Mais adiante tem um canal com rochas e uma correnteza. Então, se quiser um homem no timão dessa banheira, é melhor falar direito com Torg. É melhor você oferecer um pouco mais do que a vida dele para tirar suas peles desgraçadas dessa enrascada.

Torg deu um sorriso debochado, subitamente seguro de que precisavam dele, de que poderia mudar toda a situação a seu favor.

— E é melhor você falar direito e depressa, porque as rochas estão logo à frente. — Os homens atrás dele, tripulantes novos que tinham subido a bordo em Jamaillia, lançavam olhares assustados para a escuridão adiante.

— O que vamos fazer? — perguntou Sá'Adar. — Podemos confiar nele?

A situação era tão horrenda que era risível. Estavam perguntando a ele. Estavam colocando a sobrevivência de todo o navio em suas mãos. Wintrow

ergueu os olhos para o céu que clareava. Havia dois escravos lá no alto, tentando inutilmente recolher uma das velas. Que Sá tivesse misericórdia de todos. Apertou mais o timão e olhou para o rosto presunçoso de Torg. Será que ele jogaria o navio contra as rochas pelo simples prazer da vingança? Será que algum homem seria capaz de levar a vingança tão longe a ponto de acabar com a própria vida? Sentiu a tatuagem em seu rosto coçar.

— Não — disse Wintrow, por fim. — Não confio nele. E eu o mataria antes de entregar o timão do meu navio-vivo.

Um cara-marcada deu de ombros, indiferente.

— Os inúteis morrem.

— Espere! — gritou Wintrow, mas era tarde demais.

Num movimento tão ligeiro quanto o de um estivador recolhendo fardos, o cara-marcada ergueu o marinheiro corpulento por cima da cabeça e o jogou para fora com tanta força que acabou caindo de joelhos. Torg tinha sumido, simples assim. Não tivera nem tempo de gritar. A uma única palavra sua para não confiar no homem, Torg morrera. Os outros marinheiros tinham caído de joelhos, gritando e implorando para que ele os poupasse.

Wintrow se sentiu invadido por uma repugnância terrível. E não era pelos homens que suplicavam.

— Tire essas correntes deles e mande todos para cima — berrou para Sá'Adar. — Rizem as velas e gritem para mim se virem rochas. — Era uma ordem estúpida, uma ordem inútil. Três homens não podiam navegar um navio daquele tamanho. Enquanto Sá'Adar removia os grilhões dos marinheiros, ele ouviu a própria voz perguntando: — Cadê o meu pai? Ele está vivo?

Todos o encararam sem entender. Wintrow compreendeu que nenhum deles sabia. O pai devia ter proibido a tripulação de falar sobre o filho.

— Onde está o capitão Porto? — perguntou.

— Está lá embaixo, com a cabeça e as costelas arrebentadas — respondeu um dos tripulantes.

Wintrow ponderou a respeito e decidiu em favor do navio-vivo. Apontou para Sá'Adar.

— Preciso do capitão do navio aqui em cima. E traga ele com cuidado, porque não vai adiantar de nada se ele estiver inconsciente. — *E os inúteis morrem*, pensou consigo mesmo, quando o sacerdote despachou homens para buscar o capitão. A ameaça, tão comum aos escravos, tinha se tornado uma espécie de crença, um estilo de vida. Para salvar a tripulação, teria que mostrar que os

marinheiros eram úteis. — Soltem estes dois — ordenou. — Mandem para cima todos os marinheiros que ainda puderem se mover.

Um cara-marcada deu de ombros.

— Só tem esses dois.

Só dois homens vivos. E seu pai. Que Sá o perdoasse. Olhou para o homem que jogara Torg no mar.

— Você. Você jogou um marinheiro no mar, um que poderíamos ter usado. Agora vai assumir o lugar dele. Suba até o posto do vigia e grite para mim tudo o que puder ver de lá de cima. — Wintrow olhou para os outros em volta, subitamente furioso por vê-los parados à toa. — E o resto de vocês vá verificar se as escotilhas estão bem fechadas. E vão para as bombas. Estou sentindo o navio-vivo pesado demais. Sá é testemunha de quanta água entrou. — Sua voz estava mais calma, mas igualmente seca ao acrescentar: — Removam os corpos do convés. E recolham aquelas tendas.

Os olhos do primeiro homem foram de Wintrow até a plataforma diminuta no alto do mastro principal.

— Lá em cima? Não posso subir lá.

A correnteza era como um ser vivo, e a maré avançava depressa pelo canal, como se uma comporta tivesse sido aberta. Wintrow lutou contra o timão.

— Vai ter que se mexer se quiser ficar vivo! — berrou. — Não temos tempo para o seu medo! Só o que importa é o navio-vivo! Salvem o navio se quiserem se salvar!

— É a única vez que a sua voz soa como a voz de um filho para mim.

O sangue na lateral do rosto de Kyle Porto já estava escuro e seco. Ele se movia com o corpo retorcido, tentando não deslocar as costelas que o espetavam e raspavam umas nas outras. Estava mais pálido do que o céu cinzento acima. Kyle olhou para o filho, que segurava o timão, e para os caras-marcadas cheios de cicatrizes, que se apressavam para obedecer às ordens de Wintrow. Então para os destroços da insurreição. Ele balançou a cabeça.

— Era disso que precisava para você encontrar sua virilidade?

— Eu nunca perdi minha virilidade — retorquiu Wintrow, seco. — Você simplesmente não a reconheceu, porque eu não era você. Eu não era grande, forte e bruto. Eu era eu.

— Você nunca demonstrou interesse. Nunca se importou com o que eu tinha para oferecer. — Kyle balançou a cabeça. — Você e esse navio... Duas crianças mimadas.

Wintrow agarrou o timão com mais firmeza.

— Não temos tempo para isso. A Vivácia não pode se pilotar sozinha. Ela está me ajudando, mas também preciso dos seus olhos. Do seu conhecimento. — Não conseguiu evitar que a amargura aparecesse em sua voz. — Preciso dos seus conselhos, pai.

— Ele é mesmo seu pai? — perguntou Sá'Adar, consternado. — E escravizou o próprio filho?

Nenhum dos dois respondeu. Pai e filho olharam para a frente, para a tempestade. Depois de um tempo, o sacerdote foi para a popa do navio, deixando os dois quase sozinhos.

— O que você vai fazer com ela? — perguntou o pai, de repente. — Mesmo que consiga tirar o navio em segurança desse canal, não vai ter homens bons o bastante para navegar. Essas são águas traiçoeiras, mesmo para uma tripulação experiente. — Ele bufou. — Você vai perder esse navio antes mesmo de assumir o comando.

— Só posso fazer o melhor que puder — retrucou Wintrow. — Não escolhi isso. Mas acredito que Sá proverá.

— Sá! — Kyle balançou a cabeça, indignado. — Mantenha o navio no meio do canal — disse, em seguida. — Não, mais dois pontos a bombordo. Isso. Mantenha o curso firme. Onde está Torg? Você devia mandá-lo lá para cima, para gritar o que estiver vendo.

Wintrow ponderou por um instante, combinando a opinião do pai com o que sentia através de Vivácia, então fez a correção de curso.

— Torg está morto — disse, após um breve silêncio. — Foi jogado por cima da amurada porque um escravo o considerou inútil. — Com o queixo, apontou para um homem agarrado, paralisado, no meio do mastro. — Ele devia ter assumido o posto de vigia.

Suas palavras foram seguidas por um silêncio horrorizado. Quando o pai falou, a voz soou cansada:

— Tudo isso... — murmurou, apenas para os ouvidos de Wintrow. — Tudo isso só para você poder assumir o navio agora, em vez de daqui a alguns anos?

Para Wintrow, aquela pergunta era uma medida da distância entre os dois. O abismo entre ele e o pai era vasto e intransponível.

— Nada disso foi por qualquer uma dessas coisas. — Uma declaração estúpida, mas nem se usasse todas as palavras que conhecia conseguiria fazer com que o pai entendesse. A única coisa que dividiriam seria o navio-vivo. —

Vamos deixar essas rochas para trás — sugeriu. — Vamos falar só disso. É a única coisa em que podemos concordar.

Depois de um tempo muito longo, o pai se aproximou e ficou ao seu lado. Então, bem delicadamente, colocou a mão no timão ao lado da do filho. Kyle ergueu os olhos para o cordame e avistou um de seus próprios homens.

— Calt! Deixe isso para lá e vá para o posto do vigia!

Os olhos do pai se voltaram para o mar à frente.

— Aí vamos nós — avisou, em voz baixa, quando o navio-vivo ganhou velocidade.

— Vocês me venderam — acusou Malta, seca. — Vocês me venderam para um monstro, e tudo isso para pagar um navio. Vou ser arrastada para algum acampamento no meio do pântano e ficar cheia de verrugas e de bebês enquanto vocês enriquecem com novos contratos comerciais com a família Khuprus. Não vão achando que não sei da verdade. Quando uma mulher é dada como esposa para um homem dos Ermos Chuvosos, a família em Vilamonte lucra muito.

Tinham chamado a menina bem cedo para uma conversa na cozinha. O café da manhã nem estava pronto ainda.

— Malta, não é bem assim — disse a mãe, na sua voz de “temos que ser razoáveis”.

Pelo menos a avó era honesta sobre como se sentia. Terminou de encher a chaleira e a colocou no fogo, então curvou-se e atiçou as brasas.

— Na verdade, você mesma se vendeu — retrucou, numa voz enganosamente agradável. — Por um cachecol, uma joia flamejante e uma caixa de sonho. E não venha me dizer que não era esperta o bastante para saber o que estava fazendo. Você sabe muito mais do que dá a entender.

Malta permaneceu em silêncio durante um tempo.

— As coisas estão no meu quarto — disse, por fim. — Posso devolver tudo — sugeriu, emburrada.

Ah, a joia flamejante. Odiaria se separar dela, mas era melhor do que ser prometida a um homem repulsivo dos Ermos Chuvosos. Pensou no beijo do sonho e estremeceu. Na verdade, por trás do véu, os lábios dele estariam cobertos de verrugas. Só de pensar naquele beijo ficava com vontade de cuspir. Não era justo enviar uma caixa com um sonho onde ele era tão belo quando na verdade era um sapo.

— É um pouco tarde demais para isso — retrucou a mãe, irritada. — Se você tivesse dito a verdade sobre a caixa de sonho, talvez ainda tivesse jeito. Não. Retiro o que eu disse. Você já tinha aceitado o cachecol e a joia. E ainda por cima deu a ele uma taça da qual bebeu. — Ela parou por um momento e, quando prosseguiu, sua voz estava mais gentil: — Malta. Ninguém vai forçar você a se casar. Só concordamos que o jovem terá permissão para visitar. Você não vai ficar sozinha com ele. Sua avó, eu, Rache ou Nana sempre estaremos lá. Você não precisa ter medo. — Ela pigarreou e prosseguiu, num tom inconfundivelmente mais frio. — Por outro lado, não vou permitir que você seja deselegante. Você não vai se atrasar, nem vai ser rude com o garoto. Vai tratá-lo como trataria qualquer convidado de respeito em nossa casa. E isso significa que não vai sair dizendo coisas inconsequentes sobre verrugas, pântanos ou bebês.

Malta se levantou e foi cortar uma fatia de pão dormido.

— Está bem. Não vou nem abrir a boca — sugeriu.

O que poderiam fazer a respeito disso, afinal? Como poderiam forçá-la a falar ou a ser gentil com ele? Não ia fingir que gostava do sujeito, então ele descobriria que Malta o achava repugnante e iria embora. Ficou imaginando se poderia ficar com o cachecol e a joia flamejante caso ele dissesse que não queria se casar com ela... Provavelmente não era uma boa hora para perguntar. Mas ele podia levar a caixa de sonho — depois que a caixa fora aberta, a madeira ficara com uma cor cinzenta feia e opaca, como cinzas numa lareira. Ainda tinha um cheiro bom, mas não era bom o bastante para valer o preço de ficar com ela.

— Malta, essas são pessoas que não podemos ofender — observou a mãe.

Ela ultimamente parecia muito cansada e macilenta, e havia mais rugas em seu rosto. Além disso, ela parecia cuidar ainda menos do cabelo do que de costume. Em breve estaria com o rosto tão azedo quanto o da avó.

E a avó estava franzindo o cenho.

— Não é uma questão de quem podemos ou não ofender. Há muitas maneiras de lidar com um pretendente indesejado, e grosseria não é uma delas. Não nessa família.

— Quando o meu pai chega? — perguntou Malta, de repente. — Ainda tem compota de pêssego?

— Ele não deve chegar até o fim da primavera — respondeu a mãe, cansada. — Por quê?

— Porque acho que ele não me obrigaria a fazer isso. A fingir gostar de um homem que nem conheço... E não tem nada de bom para se comer nessa casa?

— Passe manteiga no pão. E ninguém pediu para você fingir gostar dele! — retrucou a avó, num rompante. — Você não é uma puta, e ele não pagou para que você sorria enquanto o encara com malícia. O que estou dizendo é que esperamos que você o trate com cortesia. Ele com certeza vai se comportar como um perfeito cavalheiro. Tenho a palavra de Caolwn quanto a isso, e a conheço há muito tempo. Você só precisa tratá-lo com respeito. — E acrescentou, numa voz mais baixa: — Tenho certeza de que ele não vai demorar para perceber que você não é uma mulher adequada, então vai perder o interesse.

Aquela última parte tinha sido dita como um insulto. Como se Malta não fosse digna dele.

— Vou tentar — cedeu a menina, a contragosto.

Jogou o pão seco na mesa à sua frente. Pelo menos tinha o que contar a Delo, que sempre estava se vangloriando sobre os rapazes que iam até a sua casa. Malta sabia que eram todos amigos de Cerwin, mas Delo sabia os nomes deles, e eles faziam piadinhas insinuantes com a garota, às vezes levando doces ou lembrancinhas. Certa vez, quando Malta teve permissão de ir ao mercado de especiarias com Delo, na companhia de Rache, um dos amigos de Cerwin reconheceu a amiga e a cumprimentou com uma longa mesura, fazendo a capa esvoaçar ao vento. Ele se oferecera para pagar um chá temperado às duas, mas Rache respondeu que precisavam voltar logo para casa. Aquilo fizera Malta parecer uma criança. Seria bom ao menos uma vez dizer a Delo que um rapaz tinha ido visitá-la. Não precisava contar que ele provavelmente era coberto de verrugas. Talvez pudesse fazer com que ele parecesse misterioso e perigoso... Sorriu e olhou para longe, sonhadora — praticando a expressão que teria no rosto quando contasse a Delo. A mãe bateu um pote de mel na mesa diante dela.

— Obrigada — agradeceu, distraída, enquanto se servia.

Talvez Cerwin ficasse com ciúmes.

— Você vai me deixar viver? — perguntou Kyle Porto, em voz baixa, quando a aurora começou a tingir o céu. Tentou falar com secura, mas as palavras estavam cheias de uma dureza misturada com medo. E também cansaço. A longa noite tinha quase acabado, mas só se salvaram com os dois no timão, Calt anunciando tudo o que via e Vivácia gritando o que sentia. Precisava admirar o pai pela tenacidade: ele resistira à provação. Ainda estava torto, protegendo as costelas do lado esquerdo do corpo, mas ajudara a tirar o navio-vivo do canal. E agora pedia a vida ao filho. Devia ser bem amargo.

— Farei tudo o que puder para que você viva. Prometo. — Olhou de relance

de seu pai para Sá'Adar, ainda encostado na popa. Wintrow se perguntou quanta influência teria em qualquer decisão a ser tomada dali em diante. — Você não acredita em mim, mas eu ficaria triste com a sua morte. Todas as mortes neste navio me entristeceram.

Kyle Porto olhou diretamente à frente.

— Outro ponto a bombordo. — Foi tudo o que disse.

A água se estendeu e se acalmou subitamente ao redor. A Ilha Torta estava ficando para trás, e o Canal da Espia se abria.

O filho corrigiu o curso. No alto, homens gritavam uns aos outros no cordame, discutindo sobre o que deviam fazer e como. O pai tinha razão: não havia como pilotar o navio-vivo com apenas dois tripulantes experientes e capazes. Wintrow agarrou o timão. Devia haver uma maneira.

— Me ajude, navio — sussurrou. — Me ajude a saber o que fazer.

Sentiu a resposta cansada de Vivácia. Não tinha muita convicção, apenas uma leve confiança.

— Tem outro navio atrás de nós — observou Sá'Adar, em voz alta. — Está se aproximando depressa. — O sacerdote olhou para a embarcação em meio à chuva incessante. — É a bandeira do Corvo! — A alegria em sua voz era evidente. — Sá realmente proveu! — O homem arrancou a camisa esfarrapada e começou a agitá-la para o outro navio.

— Tem um garoto no timão! — gritou Sorcor, do alto. A tempestade amainara, até a chuva estava cessando, mas o homem ainda teve que gritar para ser ouvido. — E o convés está uma desgraça! Acho que tiveram um motim!

— Melhor... para a gente! — gritou Kennit, em resposta. Precisou de muito esforço. Estava tão cansado. Respirou fundo. — Prepare um grupo de abordagem. Vamos capturar o navio assim que chegarmos ao canal principal.

— O garoto parece ter um toque bom no timão, mesmo com as velas todas erradas. Espere! — Sorcor parecia não acreditar no que via. — Capitão, estão saudando! Parece que o homem está chamando a gente!

— Então vamos atender ao pedido! Abordadores, a postos! Não. Espere! — Ele respirou fundo e tentou se empertigar. — Eu mesmo vou liderar o grupo. Gankis! Venha assumir o leme! Etta, onde está a minha muleta?

Era verdade. O navio-vivo estava pronto para ser capturado. A sorte não o abandonara. Kennit acreditara nela, perseverara, e lá estava seu belo navio-vivo.

Quando se aproximaram do lado dela, pensou que nunca tinha visto nada tão encantador. Do castelo de popa do *Marietta*, podia admirá-la de cima. Havia corpos amontoados numa pilha de lonas caídas, e as velas estavam içadas como a saia de uma prostituta, mas o casco prateado reluzia, e as curvas perfeitas eram como música.

Ele se desequilibrou um pouco, e Etta o segurou. Gankis estava no timão. O velho marinheiro olhou estranho para ele, numa mistura de medo e piedade.

— Não sei onde está a sua muleta. Venha, vou levar você até a amurada. — Etta gemeu com o esforço enquanto o puxava, e Kennit a acompanhou com saltos bruscos, até poder se apoiar na amurada com as duas mãos. — Ah, meu amado — murmurou. — Acho que você precisa descer e descansar um pouco. Sorcor vai capturar o navio-vivo para você.

— Não — respondeu Kennit, feroz. Já era difícil demais ficar de pé numa perna só, ela ainda tinha de desperdiçar suas forças com discussões estúpidas? — Não. Ela é minha, e eu serei um dos primeiros a pisar no convés. Ela veio até mim por causa da minha sorte.

— Por favor — pediu Etta, a voz vacilando com as palavras. — Meu querido. Meu amado. Se você pudesse se ver agora...

— Sar! — praguejou Sorcor, se juntando a eles. — Ah, Kennit, ah, senhor...

— Eu vou liderar o grupo de abordagem — anunciou. O imediato não discutiria com ele. E também faria aquela mulher desgraçada parar de discutir.

— Sim, senhor — confirmou o homem, muito calmo.

— Você não pode estar falando sério! — gritou Etta ao imediato. — Olhe só para ele. Ele está exausto. Eu não devia ter deixado ele ficar no convés. Se eu soubesse como isso ia terminar...

— Deixe-o ir — disse Sorcor, simplesmente. Estava com a muleta de Kennit, mas a deixou encostada no convés. — Vou preparar uma cadeira de contramestre para o senhor. E vou garantir que o senhor pise com segurança no convés do seu navio-vivo.

Etta começou a protestar, mas Sorcor a interrompeu.

— Eu prometi — disse, com rispidez. — Olhe para ele, mulher. Me deixe manter a promessa que fiz ao meu capitão. — Numa voz mais baixa, acrescentou: — Acho que não tem muito mais que possamos fazer.

— Mas... — repetiu ela.

Etta olhou para Kennit e, quando ele a encarou, algo entre os dois pareceu ficar imóvel. A mulher parecia nem respirar, só o encarava. Ela então se virou

para Sorcor, atrás dele.

— Então eu vou junto — anunciou, tranquila.

— Nós dois vamos — confirmou o imediato.



34

RESTITUIÇÕES

Althea dormia um sono profundo quando o imediato a acordou com um puxão cauteloso na manga.

— Ei — chamou Grag Tenira, em voz baixa. — O capitão quer ver você. É o turno dele, então vá para o convés. Agora. — Grag deu meia-volta e partiu sem esperar para ver se ela obedeceria.

No instante seguinte, Althea já estava com os pés descalços no convés. O castelo de proa estava escuro e silencioso, e o restante da tripulação estava de folga. Todos, sem exceção, tinham desembarcado para farrear. Althea, que no momento preferia a solidão à cerveja, alegou não ter dinheiro e permaneceu a bordo para ficar à toa e dormir.

Ofélia estava atracada numa pequena cidade insular chamada Rinstin. Era um dos poucos povoados não habitados por piratas nas ilhas da Passagem Interior — como tinha sido fundada próximo a um depósito de estanho e com um bom suprimento de água doce, a cidade de mineiros estava começando a virar um centro comercial. Os habitantes compravam algumas das mercadorias dos Ermos Chuvosos que Tenira tinha a oferecer, e ele lucraria bastante vendendo os tonéis de carne salgada que também trouxera de Jamaillia. Partiriam com utensílios de estanho para vender em Vilamonte. O homem era um mercador astuto, e, mesmo fazendo pouco tempo que o conhecia, Althea já o admirava.

Ao sair para o convés e olhar em volta em busca do capitão Tenira, de repente notou a estranheza da situação: o capitão estava no turno do timão com o navio atracado? E tinha mandado o imediato atrás dela? Althea se sentiu invadida por uma suspeita terrível: Ofélia revelara seu segredo. Quando ela avistou o capitão fumando seu cachimbo junto à figura de proa, a suspeita virou certeza. O jovem marinheiro empoleirado na amurada ali perto devia ser Grag, esperando para testemunhar sua exposição. Sentiu o coração descer para a barriga.

Parou um momento nas sombras para arrumar o cabelo na trança e esfregar o sono para fora do rosto. Ajeitou o máximo que pôde as roupas puídas — por mais que tivesse sido horrível ser expulsa do *Ceifeiro*, aquilo seria ainda pior. Aqueles homens conheciam sua família e levariam a história para casa com eles.

Pois bem. Cabeça erguida. *Nada de lágrimas, nem de raiva*, prometeu a si mesma. *Orgulho e dignidade*. Desejou que seu estômago parasse de se revirar. Desejou ter tido mais tempo para se preparar.

Enquanto avançava, a voz melodiosa de Ofélia ressoou no ar noturno, quase como se ela quisesse que Althea escutasse suas palavras.

— E você, Tomie Tenira, está virando um velho rabugento, sem mais nenhum senso de aventura.

— Ofélia — advertiu o capitão.

— E nenhum senso de humor — confidenciou Ofélia a Grag.

O lampião do convés deixara o rosto do imediato nas sombras, e ele não respondeu. Althea sentiu a boca se torcer num sorriso irônico e se perguntou o que Grag Tenira achava de sua antiga parceira de dança.

Tirou o sorriso do rosto e manteve as feições impassíveis ao se dirigir a Tenira.

— Me apresentando, senhor.

— Está mesmo — retrucou o capitão, muito sério. Ele tirou o cachimbo curto da boca. — Você sabe do que se trata, não sabe?

Ela tentou não estremecer.

— Receio que sim, senhor.

Tenira se recostou na amurada com um longo suspiro.

— Eu e Grag discutimos isso. E Ofélia deu a opinião dela. E mais do que a opinião, como de costume. Faço isso pensando no seu bem, minha jovem. Recolha suas coisas. Grag vai lhe dar algum dinheiro e vai levar você para terra firme. Tem uma pensão na Rua da Concha. É bem limpa. Ele vai levar você até lá em segurança.

— Sim, senhor — respondeu Althea, admitindo a derrota, desconsolada. Pelo menos o capitão não estava furioso, gritando com ela. Por manter a dignidade, ele permitiu que Althea mantivesse a dela, e ficou grata por isso. Mesmo assim, a traição de Ofélia doeu. Olhou para a figura de proa, que a encarava, acanhada, por cima do ombro roliço. — Eu pedi para você não me entregar — disse, num leve tom de repreensão. Então olhou atentamente para o rosto da figura de proa. — Não acredito que você fez isso comigo.

— Ah, não é justo, minha cara! Não é justo mesmo! — protestou Ofélia, muito séria. — Eu avisei que você não podia esperar que eu escondesse um segredo desses do meu capitão. E também disse que tentaria encontrar um jeito

de ajudar você a continuar a bordo, caso quisesse, usando seu próprio nome. Como eu poderia fazer isso sem contar o seu nome? — Ofélia se voltou para o capitão. — Tomie, você está se divertindo com isso! Que vergonha! Pode contar o resto, e agora mesmo. A pobre coitada acha que você vai largar ela aqui.

— Foi ideia da Ofélia, não é culpa minha — observou o capitão, a contragosto. — Ela se encantou com você. — Tenira deu uma baforada no cachimbo enquanto Althea aguardava, cheia de expectativa. — Grag vai dar dinheiro o suficiente para você se arrumar. Tome um banho, arranje roupas apropriadas, essas coisas. Amanhã à tarde, você embarcará como Althea Vestrit. Então a levaremos de volta para casa.

— E... — interrompeu Ofélia, animada. — Ah, essa é a melhor parte, minha cara! E você não tem ideia de como foi difícil persuadir Tomie. Grag foi fácil, claro. Grag sempre é fácil, não é, meu cordeirinho? — Ela não esperou o murmúrio de concordância do imediato. — Você vai trabalhar como imediato pelo resto da viagem para casa — anunciou a Althea, alegremente. — Porque, mais ou menos um dia depois de deixarmos Rinstin, o pobre Grag vai ter uma dor de dente tão terrível que vai ter de ficar um tempo deitado. E Tomie, então, vai pedir para você assumir o posto, porque sabe que você navegou com o seu pai.

Grag se inclinou para a frente para ver a expressão dela, depois de ter ouvido isso. Ao notar o rosto chocado de Althea, ele soltou uma gargalhada. Seus olhos azuis se viraram para Ofélia, compartilhando o deleite.

— Está falando sério? — perguntou a jovem, incrédula. — Ah, como posso agradecer?

O capitão Tenira tirou o cachimbo da boca.

— Você pode me agradecer fazendo um excelente trabalho, para que ninguém diga que sou idiota por ter aceitado você a bordo. E pode guardar para si mesma, para sempre, o segredo de que já navegou a bordo como um garoto e que eu não sabia. — Ele se virou de repente para a figura de proa. — E espero que você também mantenha sua palavra, sua velha enxerida. Nem uma palavra a ninguém, homem ou navio-vivo.

— Ah, Tomie, como você pode duvidar de mim? — perguntou Ofélia.

Ela revirou os olhos e colocou uma mão sobre o coração, como se tivesse sido ferida. Então piscou descaradamente para Althea.

Grag engasgou, e o capitão se virou para ele.

— Pare de rir, seu fedelho. Você também vai ser motivo de piada se isso se

espalhar.

— Não estou rindo, senhor — mentiu Grag, num tom jovial. — Só estou ansioso para passar o caminho inteiro até Vilamonte lendo e relaxando.

Ele olhou para Althea, compartilhando a piada. Seu olhar se demorou no dela, e a jovem teve certeza de que Grag estava tentando enxergar a garota que conhecera por trás daquele disfarce sujo de garoto. Althea abaixou os olhos, pouco à vontade, quando o capitão falou com o filho.

— É, tenho certeza disso. Bem, esteja preparado para se recuperar rápido, se eu decidir que preciso de você no convés, no fim das contas. — O capitão Tenira se voltou para Althea e quase se desculpou ao acrescentar: — Não que eu ache que vai ser preciso. Ouvi dizer que você faz as coisas muito bem e muito prontamente. Pois bem. Acha que vai ter algum problema para, hã... mudar de garoto para garota?

Althea balançou a cabeça, pensativa.

— Posso ir para a pensão como marinheiro e me lavar lá. Amanhã de manhã, vou comprar uns “presentes” para a minha irmã. Então volto para o quarto, troco de roupa, arrumo o cabelo e saio escondida pelos fundos. Sem ser notada, espero.

— Bem, vamos torcer para que tudo ocorra sem problemas.

— Eu realmente não sei como agradecer, senhor. Todos vocês. — O olhar caloroso de Althea incluiu Ofélia.

— Tem mais uma coisa que eu quero pedir — disse o capitão Tenira, muito sério.

Algo no tom dele fez Althea se preparar para problemas.

— E o que é? — perguntou.

— Ofélia nos contou sobre a situação com o seu navio-vivo. Estou tomando a liberdade de aconselhar que você mantenha isso dentro da família, minha jovem. Ah, posso falar bem de você, se você me mostrar seu valor. Posso dar uma confirmação de serviço com o carimbo de imediato, se fizer bem o seu trabalho. Vou até ficar do seu lado no Conselho dos Mercadores, caso seja necessário. Mas espero que não seja. Os assuntos da família Vestrit devem ser resolvidos por trás das portas dos Vestrit. Eu conhecia o seu pai. Não muito bem, mas o suficiente para saber que é assim que ele ia preferir que as coisas se desenrolassem.

— Farei isso se puder, senhor — respondeu Althea, muito séria. — Eu também preferiria que as coisas se resolvessem dentro da família. Mas, se for necessário, farei o que for preciso para recuperar o meu navio-vivo.

— Eu sabia que ela ia dizer isso — exultou Grag.

Ele e Ofélia trocaram olhares de triunfo.

— Eu conheci sua bisavó — acrescentou a figura de proa. — Você se parece muito com ela, tanto em aparência quanto em espírito. Ela ia querer que você ficasse com o navio-vivo. Aquela mulher sabia navegar... Ainda me lembro do dia em que ela entrou com Vivácia pela primeira vez no porto de Vilamonte. Tem até uma anotação sobre isso no meu diário de bordo, caso um dia você queira ver. Enfim, a brisa estava fresca e...

— Agora não — disse o capitão Tenira, repreendendo Ofélia. Ele olhou fixamente para Althea. — Tenho minhas razões para pedir que você mantenha os assuntos da família Vestrit dentro da sua família. São razões egoístas. Não quero ser visto tomando partido de um Mercador contra outro. — Quando Althea pareceu confusa, Tenira balançou a cabeça. — Já faz algum tempo que você está longe de Vilamonte. As coisas estão esquentando por lá. Não é hora para problemas de Mercadores contra Mercadores.

— Eu sei. Já temos problemas suficientes com os Novos Mercadores — concordou Althea.

— Quem dera isso fosse tudo — retrucou Tenira, veemente. — Mas acho que o pior ainda está por vir. Ouvi pessoalmente em Jamaillia... sabe o que aquele tonto do sátrapa fez agora? Contratou mercenários calcedianos como corsários para patrulhar a Passagem Interior. E ouvi dizer que deu a eles o direito de parar em Vilamonte para se reabastecerem com água e suprimentos. E de graça. Disse que é o mínimo que Vilamonte deveria estar disposta a fazer para ajudar a se livrar dos piratas. Quando saímos de Jamaillia, o navio-mensageiro já estava dois dias à nossa frente, com os presentes: documentos autorizando o fiscal do sátrapa a garantir que os mercenários calcedianos sejam bem tratados. “Para coletar contribuições para seu abastecimento”, como ele colocou.

— Nunca permitimos que navios calcedianos armados entrassem no porto de Vilamonte, só os navios mercantes — observou Althea.

— Você aprende rápido, garota. Acho que vamos continuar sem permitir. Vai ser interessante ver a quem esses Novos Mercadores vão se aliar. Infelizmente acho que mais deles vão apoiar o sátrapa e os cães calcedianos do que...

— Tomie — interrompeu Ofélia. — Deixe a política para mais tarde. Você pode fazer a menina chorar de tédio com essa conversa durante cada refeição daqui até Vilamonte. Mas primeiro Athel precisa voltar a ser Althea. — Ela encarou a Vestrit. — Vamos lá, garota, vá buscar suas coisas. Grag vai levar você para terra firme e deixá-la em segurança na porta da pensão. — Seus lábios se

abriram num sorriso malicioso, e ela piscou de repente para o imediato. — E trate de se comportar, Grag, senão Althea vai me contar tudo. Vá logo, mas não se esqueça de parar do lado de fora da porta.

Althea ficou mais constrangida com o humor do navio-vivo do que Grag. Ele parecia acostumado.

— Obrigada, senhor — conseguiu dizer ao capitão Tenira. — Sou muita grata por isso. — Então se afastou depressa, para onde as sombras poderiam esconder seu rosto.

Quando retornou ao convés, Grag estava esperando na escotilha. Althea colocou o saco de marinheiro no ombro e ficou aliviada quando ele teve o bom senso de não se oferecer para carregá-lo. Desceu a rampa atrás dele e o seguiu até a cidade. Grag andava depressa. Althea não sabia o que dizer, e ele parecia igualmente tímido. A noite estava amena, e as ruas estavam bem iluminadas pelas luzes das tavernas cheias de marinheiros. Quando chegaram à porta da pensão, Grag parou.

— Bem, aqui estamos — disse, sem jeito.

Ele hesitou, como se fosse dizer mais alguma coisa.

Althea decidiu tranquilizá-lo.

— Posso lhe pagar uma cerveja? — ofereceu, apontando para a taverna do outro lado da rua.

Ele olhou para lá, e os seus olhos azuis estavam arregalados quando se voltaram de novo para os dela.

— Acho que eu não ficaria muito à vontade — disse, com sinceridade. — Além do mais, o meu pai vai me esfolar se eu levar uma dama para um lugar daqueles. — Depois de um momento, ele acrescentou: — Mas obrigado.

E não se mexeu.

Althea abaixou a cabeça para esconder o sorriso.

— Bem, boa noite, então.

— Sim. — Ele remexeu os pés e puxou a calça para cima. — Hã, venho encontrar você amanhã para voltarmos ao navio. Como se fosse “por acaso”, como disse Ofélia. — Ele olhou para os próprios pés. — Não quero ficar procurando você pela cidade inteira. Vamos combinar algum lugar? — Ele a encarou de novo.

— Seria uma boa ideia. Onde você sugere?

Grag desviou o olhar.

— Tem um lugar logo ali, descendo a rua. — Ele apontou para a escuridão. — Eldoy. Serve sopa de mariscos e pão fresco. É muito bom. Podíamos nos encontrar lá. Eu pago o jantar, e você pode me contar as suas aventuras desde que deixou Vilamonte. — Ele a encarou de novo e conseguiu sorrir. — Ou desde que dançamos pela última vez.

Então ele se lembrava. Althea retribuiu o sorriso.

Grag tinha um rosto bonito, franco e honesto. Pensou no que vira dele, sobretudo quando estava junto do pai e de Ofélia. A afeição e a descontração que entre eles a deixou com saudades de coisas como simples piadas e momentos de camaradagem. Quando retribuiu o sorriso, o de Grag se alargou ainda mais antes que ele desviasse o olhar.

— Encontro você amanhã de tarde — concordou Althea. Não foi difícil aceitar.

— Ótimo. Ótimo, então, está combinado. Boa noite.

Grag lhe deu as costas quase com pressa. Então deu outro puxão na calça e empurrou o gorro para trás da cabeça. Althea sorriu enquanto o observava se afastar. Seus passos tinham um ritmo descontraído de marinheiro. Lembrou-se de como ele dançava bem.

— Sabe de uma coisa? — perguntou Tarlock, numa voz embriagada. — Eu conheço você. Tenho certeza de que conheço.

— Não me surpreende. Sou só o imediato do seu navio — retrucou Brashen, enojado.

Ele se virou para não ter que olhar para o marujo. Tarlock não entendeu a indireta.

— Não. Não, quer dizer, sim, é verdade. É verdade, você é imediato no *Véspera da Primavera*. Mas conheço você de antes. De muito antes. — Ele se sentou ao lado de Brashen, tomando muito cuidado, mas mesmo assim derramou um pouco de cerveja.

Brashen não se virou para encará-lo, preferiu erguer a própria caneca e beber dela como se não tivesse notado que o homem se juntara a ele. Estava sozinho na mesa da taverna antes de o beberrão grisalho ir procurá-lo. Queria ficar sozinho. Aquele era o primeiro porto em que o *Véspera* atracava desde que tinham zarpado de Vilavelas, e Brashen queria um tempo para pensar.

O trabalho era basicamente o que ele esperava que seria: manter a embarcação de calado baixo funcionando diariamente não botava suas habilidades à prova. A

maioria da tripulação estava a bordo havia algum tempo e conhecia bem as próprias tarefas. Ele tivera que reforçar os berros com os punhos algumas vezes, principalmente logo que subiu a bordo, mas já esperava por isso. Os homens sempre desafiavam o novo imediato, não importava se tivesse subido a bordo pela primeira vez ou se já fosse um deles. Marinheiros eram assim. Não era esse o problema.

O que o incomodava eram as tarefas fora do navio. A princípio, a embarcação seguira para o norte pelo litoral de Jamaillia, passando pela costa cada vez mais acidentada. Agora, ia de ilha em ilha, beirando e às vezes se aventurando para dentro do que era reconhecido como território pirata. Aquela cidadezinha era típica: pouco mais que um cais e alguns armazéns num pântano espumoso, algumas prostitutas acabadas nas duas tavernas do lugar, casebres espalhados manchando a encosta atrás das tavernas. Pelo que ele via, a cidade não tinha nenhuma razão para existir.

Ainda assim, passara a tarde inteira com uma espada pendurada no cinto e um porrete na mão. Guardara as costas do capitão, ficando de pé atrás dele enquanto o homem permanecia sentado a uma mesa, num daqueles armazéns, com um baú de moedas entre os pés. Três dos lobos do mar mais suspeitos que Brashen já encontrara trouxeram amostras de mercadorias, um pouco de cada vez, e os preços foram negociados. A variedade e a condição revelava a fonte dos produtos. Brashen sentira nojo de si mesmo quando o capitão se virou para pedir sua opinião sobre alguns manuscritos manchados de sague, mas cobertos de ilustrações. “Quanto eles valem?”, perguntara o capitão Finny.

Brashen afastara a lembrança desagradável. “Não valem que se morra por eles”, dissera, secamente. Finny tinha respondido com uma risada e dissera um preço. Quando Brashen assentiu, os piratas vendendo o saque conversaram entre si e aceitaram. Sentiu-se sujo com a transação. Desconfiara desde o começo que o *Véspera da Primavera* negociaria esse tipo de mercadoria, só não se imaginara inspecionando objetos sujos com o sangue de um morto.

— Vou fazer o seguinte — disse Tarlock, ardiloso. — Vou só dizer um nome. Se você conhecer, só precisa piscar. Aí eu não digo mais nada. Mais nada, mesmo.

Brashen sussurrou por cima do ombro.

— Que tal você calar a boca agora mesmo e parar de me incomodar, para eu não precisar deixar seus dois olhos roxos?

— Ora, isso é jeito de se falar com um velho companheiro de bordo? — choramingou Tarlock.

O homem estava bêbado além da conta. Bêbado demais para se sentir ameaçado, mas não o suficiente para desmaiar. Bem, talvez Brashen pudesse remediar isso. Mudou de estratégia e se virou para encarar o marujo, forçando-se a sorrir na cara dele.

— Sabe de uma coisa? Você tem razão. Bem, eu não me lembro de já ter navegado com você, mas que diferença isso faz? Como somos companheiro de bordo agora, vamos beber juntos. Garoto! Traga um pouco de rum. E do bom, não esse mijo de cerveja que você está servindo.

O ânimo de Tarlock melhorou consideravelmente.

— Bem, assim é melhor — observou, com aprovação. O homem ergueu a caneca e bebeu depressa a cerveja, querendo estar pronto quando o rum chegasse. Limpou a boca com o dorso da mão e sorriu para Brashen, mostrando o que restava de seus dentes. — Achei que tinha reconhecido você quando subiu a bordo, achei mesmo. Mas já faz bastante tempo. Quanto? Vamos ver... Dez anos? Dez anos atrás, a bordo do *Esperança*?

A bordo do *Desespero*. Brashen tomou um gole e pareceu pensar.

— Eu? Dez anos atrás? Você está enganado, homem. Há dez anos eu era só um rapaz. Só um rapaz.

— Certo. Era mesmo. Por isso que não tinha muita certeza. Na época, você não tinha um só pelo no queixo.

— Não, não tinha — concordou Brashen num tom afável. O garçom apareceu com a garrafa e dois copos. Brashen cerrou os dentes e pagou pela bebida, então sorriu para Tarlock e afastou o copo pequeno com o cotovelo. O rum gorgolejou alegremente quando Brashen o serviu na caneca vazia do marinheiro. Tarlock deu um sorriso radiante. Brashen colocou um pouco no próprio copo e então o ergueu, num brinde. — A companheiros de bordo, velhos e novos.

Eles beberam juntos. Tarlock tomou um longo trago do rum, arquejou e se recostou com um suspiro. Coçou o nariz e o queixo barbado com vontade, então apontou um dedo grosso para Brashen.

— *Filho do Vento* — disse, dando seu sorrido banguela. — Acertei, não?

— O quê? — perguntou Brashen, muito calmo. Observou o homem, estreitando os olhos enquanto bebericava o rum. Tarlock seguiu seu exemplo e tomou outro gole da caneca.

— Ah, vamos — chiou o marujo, um pouco depois. — Você estava no *Filho do Vento* quando abordamos o navio. Você era um fiapo de garoto, cuspindo e arranhando feito um gato quando o arrancamos do cordame. Não tinha nem uma

faca para se defender, mas lutou até ser nocauteado.

— *Filho do Vento*. Não me lembro, não, Tarlock. — Brashen imprimiu um tom de advertência na voz. — Não vai me dizer que era pirata, vai?

Ou o homem era muito burro, ou estava bêbado demais para negar. Ele soltou uma risada embriagada dentro da própria caneca, se recostou e limpou o queixo com o punho.

— Ei! E não éramos todos? Olhe em volta, homem. Acha que tem alguém aqui que nunca se envolveu numa leve pirataria? Ah, não mesmo! — O marinheiro se inclinou sobre a mesa, assumindo um tom subitamente reservado. — Você não demorou para entrar nessa vida, assim que sentiu uma lâmina nas costelas. — Tarlock se recostou de novo. — Mas, pelo que me lembro, seu nome não era Brashen Trell de Vilamonte. — Ele esfregou o nariz avermelhado, pensativo. — Queria lembrar... — disse, arrastando as palavras. Tarlock apoiou o peso na mesa e deitou a cabeça sobre um dos braços. — Não consigo... qual era o nome que você deu. Mas lembro do que a gente usava... — Ele ergueu o dedo grosso, mal levantando a mão do tampo da mesa, e o sacudiu para Brashen. — Doninha. Porque você era magricela e bem ligeiro. — Seus olhos se fecharam. Ele respirou fundo e começou a roncar.

Brashen se levantou, hesitante. As mercadorias já deviam ter sido quase todas levadas para o navio. Não seria difícil apressar a partida. Talvez, quando Tarlock acordasse, descobrisse que o *Véspera da Primavera* partira sem ele. Não seria o primeiro marinheiro a bêbado e ser deixado para trás. Olhou para Tarlock, que roncava. Os anos não tinham sido gentis com o homem, desde o *Filho do Vento*. Brashen não o teria reconhecido se ele não tivesse se revelado. Ergueu a garrafa de rum e, num arroubo de generosidade, colocou novo a rolha de volta no gargalo e a enfiou entre a cabeça e o braço do velho pirata. Se Tarlock despertasse logo, provavelmente levaria um tempo tomando mais uma ou duas doses. E, se despertasse tarde demais, talvez o rum o consolasse. Não tinha nada contra o homem: ele simplesmente o lembrava uma época que preferia esquecer.

Doninha, pensou, saindo da taverna para a neblina gelada do início da noite. *Não sou mais o Doninha.* Como que para se convencer, tirou um naco de cindina do bolso e arrancou a ponta com a boca. Quando ajeitou o pedaço na bochecha, o amargor ardido da droga quase fez seus olhos lacrimejarem. Devia ser a cindina de melhor qualidade que já provara — tinha sido um presente de despedida dos piratas com quem negociara mais cedo. De graça.

Não, não era mais Doninha, refletiu, irônico, caminhando em direção à doca e ao *Véspera da Primavera*. O pobre Doninha nunca teria provado uma cindina

como aquela.



35

PIRATAS E PRISIONEIROS

— Eles são piratas, seu idiota! — gritou Kyle, para Sá'Adar. — Reúna seus homens para fazer a defesa! Ainda temos chance de escapar! Com Wintrow no timão, Vivácia vai...

— Sim, eles são piratas — concordou Sá'Adar, triunfante. — E estão com a bandeira do Corvo. São os piratas que todo escravo em Jamaillia reza para encontrar. Eles capturam os navios de escravos e os libertam. E jogam as tripulações para as serpentes fedorentas. — A última frase saiu num rosnado baixo, contrastando com o sorriso de júbilo em seu rosto. — Sá proveu, sem dúvida — acrescentou, já se afastando a passos largos em direção ao poço do navio, onde os escravos reunidos apontavam para a bandeira do Corvo e gritavam de alegria.

A notícia se espalhou pelo navio-vivo como rastilho de pólvora. Quando o *Marietta* emparelhou com Vivácia, arpéus foram lançados. Wintrow sentiu a apreensão da embarcação quando os ganchos afiados rasparam os conveses e se cravaram na amurada.

— Aguente firme, minha senhora — sussurrou para ela.

A ansiedade do navio-vivo se misturava à dele. Não tinham uma tripulação para resistir à captura, mesmo que Wintrow tivesse estômago para mais luta e sangue. Sentiu a exaustão sobre o corpo como uma roupa pesada e fria, e manteve-se no timão mesmo quando o outro navio grudou no costado. Como formigas saindo de um formigueiro remexido, marinheiros com roupas extravagantes pularam por cima da amurada do navio-vivo. Alguém no poço gritava ordens para escravos, assim como para marinheiros. Com uma rapidez e uma ordem quase mágicas, homens começaram a subir nos mastros. As velas foram rizadas depressa e com precisão. Wintrow ouviu a corrente da âncora retinir ao ser abaixada. Alguém berrava ordens numa voz autoritária e era atendido pelos escravos, que saíam do caminho.

Wintrow permaneceu parado, esperando, imperceptível entre os outros escravos. Ele se sentiu invadido por uma sensação quase que de alívio. Aqueles piratas estavam tomando seu navio-vivo, mas pelo menos se moviam com

competência. A embarcação estava nas mãos de verdadeiros marujos.

O alívio durou pouco — no momento seguinte, corpos começaram a ser jogados no mar. A serpente branca que Wintrow imaginava ter sido deixada para trás na tempestade veio à tona e escancarou a bocarra, ansiosa pelos cadáveres. Várias outras, de cores mais berrantes, ergueram as cabeças a certa distância, olhando para o navio com cautela e curiosidade. Uma delas eriçou a grande crista em volta do pescoço e balançou a cabeça com um urro desafiador.

Vivácia soltou um grito incoerente.

— Não! Afaste esses bichos! — gritou.

Ele olhou para o pai, cujos olhos pareciam mortos.

— Preciso ir até ela — desculpou-se Wintrow. — Fique aqui.

O pai bufou.

— Não tem por que se incomodar. Você já perdeu o navio. Você deu ouvidos àquele sacerdote e deixou os piratas abordarem a embarcação. Você simplesmente ficou parado e deixou os piratas capturarem o navio da família. Assim como na noite passada, quando não fez nada para avisar que os escravos tinham se rebelado. — Ele balançou a cabeça. — Por um momento, na noite passada, achei que tinha julgado você mal. Mas estava certo o tempo todo.

— Assim como eu não fiz nada quando você transformou meu navio-vivo num navio de escravos — observou Wintrow, com amargura. Ele olhou para o pai de cima a baixo. — Acho que eu também estava certo.

Wintrow largou o timão e partiu para a proa sem olhar para trás. *O navio-vivo,* disse a si mesmo. *Faça pelo navio-vivo.* Não deixou o homem lá sozinho e machucado porque odiava o pai. Não o deixou lá com alguma esperança de que alguém o matasse. Só fez isso porque o navio-vivo precisava dele. Rumou para a coberta de proa e, quando chegou ao poço, tentou seguir sem ser notado em meio aos escravos.

À luz do dia, os escravos libertos eram uma visão ainda mais atroz do que na penumbra dos porões. As peles envoltas em trapos, esfoladas pelos grilhões e pelo movimento dos conveses, pareciam pálidas e cobertas de cascas. A privação emagrecera muitos, que eram só pele e ossos. Alguns usavam roupas melhores, retiradas dos mortos ou encontradas entre os pertences da tripulação. Os caras-marcadas pareciam ter se apropriado do guarda-roupa de seu pai e estar mais à vontade do que alguns dos outros. Muitos tinham os olhares piscantes e confusos de animais enjaulados no escuro havia muito e que tinham sido libertados de repente. Os escravos tinham arrombado as despensas do navio, e barris de

biscoitos foram sendo levados para o convés e abertos. Alguns agarravam punhados de biscoitos, como que para estocar um pouco da comida prontamente disponível. Livres das correntes, pareciam que ainda não conseguiam se lembrar de como andar sem restrição ou agir como quisessem. A maioria ainda arrastava os pés e se encarava com o reconhecimento embotado de animais num cercado. A humanidade tinha sido roubada deles, e levariam algum tempo para recuperá-la.

Wintrow tentou se mover como um dos escravos, passando sorrateiro de um grupo amontoado para outro. Sá'Adar e seus caras-marcadas estavam no centro do poço, dando as boas-vindas aos piratas. O sacerdote falava com três deles. As poucas palavras que Wintrow ouviu pareciam ser de um discurso rebuscado de boas-vindas e agradecimento. Nenhum dos três parecia particularmente impressionado. O homem alto parecia enojado com o que ouvia, e Wintrow partilhava daquele sentimento.

Aquilo não era da sua conta, Vivácia é que era importante. Suas súplicas inúteis tinham se tornado sons inarticulados. Wintrow avistou dois caras-marcadas a sota-vento, jogando para o mar os corpos empilhados de tripulantes e escravos mortos. Tinham os rostos impassíveis, e seus únicos comentários eram sobre a gula da serpente branca, que abocanhava os cadáveres. Wintrow teve um vislumbre de Brando, quando o corpo do rapaz foi arremessado. Ele se lembraria para sempre da imagem dos pés descalços balançando na calça esfarrapada quando a serpente branca envolveu o corpo do amigo com a bocarra.

— Que Sá nos perdoe — orou, num sussurro. Deu as costas à cena e colocou as mãos na escada da coberta de proa. Tinha começado a subir quando ouviu Sá'Adar ordenar a um cara-marcada:

— Traga o capitão Porto.

Wintrow parou por um instante, então subiu depressa a escada correu para a proa.

— Vivácia. Estou aqui, estou aqui. — Manteve a voz baixa.

— Wintrow! — exclamou o navio-vivo.

Ela se virou para ele e estendeu a mão. Ele se inclinou por sobre a amurada para tocá-la. O rosto de Vivácia estava devastado pelo choque e o medo.

— Tantos morreram... — sussurrou ela. — Tantos morreram na noite passada. E o que será de nós?

— Não sei — respondeu Wintrow, honestamente. — Mas prometo que nunca mais vou abandonar você, se depender de mim. E farei tudo o que puder para

impedir que haja mais mortes. Mas você precisa me ajudar. Precisa.

— Como? Ninguém me dá ouvidos. Não sou nada para eles.

— Você é tudo para mim. Seja forte, seja corajosa.

Houve uma comoção repentina do poço, um murmúrio que se ergueu num brado animalesco. Wintrow não precisou olhar.

— Eles estão com meu pai lá embaixo. Precisamos mantê-lo vivo.

— Por quê? — A súbita aspereza na voz dela era arrepiante.

— Porque eu prometi que tentaria. Ele me ajudou essa noite, ficou ao meu lado. E ao seu. Apesar de tudo o que há entre nós, ele me ajudou a manter seu casco longe das rochas. — Wintrow respirou fundo. — E por causa do que aconteceria comigo se eu simplesmente ficasse parado e permitisse que matassem meu pai. Pelo que isso me tornaria.

— Não há nada que possamos fazer — retrucou Vivácia, com amargura. — Não pude salvar Confrei, não pude salvar Brando. Nem mesmo Findow, pelo violino. Depois de tudo o que sofreram, esses escravos aprenderam a desprezar o sofrimento. A dor é a moeda que usam em todas as transações. Nada mais os atinge, nada mais os satisfaz. — Sua voz estava assumindo um tom histérico. — É com isso que estão me enchendo. Com a própria dor, a sede de dor, e...

— Vivácia — chamou Wintrow, gentilmente. — Navio. Me escute — falou, com mais firmeza. — Você me mandou lá para baixo para eu me lembrar de quem sou. Sei que fez isso. E você tinha razão. Tinha razão em fazer isso. Pois bem. Lembre-se de quem você é e de quem navegou com você. Lembre-se de tudo o que sabe sobre coragem. Vamos precisar disso.

Como que em resposta às suas palavras, ouviu a voz de Sá'Adar gritar uma ordem.

— Wintrow! Apareça! Seu pai está dizendo que você vai falar por ele!

Respirar fundo uma vez. Duas. Três. Precisava estar no centro de todas as coisas, estar com Sá no centro de si mesmo. Lembrar-se de que Sá era tudo e tudo era Sá.

— Não pense que pode se esconder! — ressoou a voz de Sá'Adar. — Apareça! O capitão Kennit está mandando!

Wintrow afastou o cabelo dos olhos e se empertigou o máximo que pôde. Caminhou até a beira da coberta de proa e olhou para todos lá embaixo.

— Ninguém me dá ordens no convés do meu próprio navio-vivo! — berrou na direção deles, esperando para ver o que aconteceria.

— Seu navio-vivo? Você, que foi feito escravo pela mão do próprio pai, reivindica esse navio-vivo como seu? — Foi Sá'Adar quem falou, não um dos piratas.

Wintrow tomou coragem. Não olhou para o sacerdote ao falar, mas para os piratas que tinham se virado para encará-lo.

— Eu reivindico este navio-vivo, e esse navio-vivo me reivindica. Por direito de sangue. E, se acham que essa verdade pode ser contestada, perguntem ao meu pai como ele se saiu bem tentando. — Ele respirou fundo, puxando a voz do fundo dos pulmões. — O navio-vivo Vivácia é meu.

— Peguem esse garoto e tragam ele aqui — ordenou Sá'Adar aos caras-marcadas, enojado.

— Se tocarem nele vocês morrem! — O tom de Vivácia não era mais o de uma criança assustada, e sim o de uma matriarca indignada. Mesmo ancorada e arpada, conseguiu balançar os conveses. — Não duvidem de mim! — bradou. — Vocês me encharcaram com a sua imundície, e eu não reclamei. Derramaram sangue nos meus conveses, sangue e mortes que terei de carregar comigo para sempre, e não tomei nenhuma atitude. Mas se ousarem ferir Wintrow, minha vingança não vai ter fim. Nenhum fim além de suas mortes!

O oscilar aumentou, um movimento intenso que não era acompanhado pelo *Marietta*. A corda da âncora rangeu, como se estivesse se queixando. Para Wintrow, o mais inquietante foi ver as serpentes ao longe se agitarem, barrindo como que em dúvida. As cabeças horrendas balançavam de um lado para o outro, as bocas escancaradas como se aguardassem comida. Uma serpente menor disparou para a frente de repente e ousou atacar a branca, que gritou e avançou sobre ela com uma miríade de dentes. Gritos de medo se ergueram do convés de Vivácia quando os escravos recuaram das amuradas e da coberta de proa, aglomerando-se no meio do navio. Pelos tons questionadores dos gritos, Wintrow deduziu que poucos faziam alguma ideia do que era um navio-vivo.

De repente, uma mulher saiu do grupo de piratas, atravessou correndo o convés e subiu para a coberta de proa. Wintrow nunca tinha visto ninguém como ela: era alta e esguia, seu cabelo cortado bem curto. Os tecidos finos da saia e da camisa folgada estavam grudados ao corpo, como se tivesse ficado em vigília a noite toda, mas ela não parecia mais desalinhada do que uma tigresa molhada. A mulher aterrissou com um baque surdo diante de Wintrow.

— Desça — mandou, e era por seus olhos que aquilo parecia uma ordem, não pela voz. — Desça e vá falar com ele. Agora. Não o faça esperar.

Wintrow não respondeu. Em vez disso, falou com o navio-vivo.

— Não tenha medo — disse.

— Não somos nós que precisamos ter medo — retrucou Vivácia.

Wintrow teve a satisfação de ver o rosto da mulher lívido de espanto. Uma coisa era ouvir o navio-vivo falar, mas outra completamente diferente era chegar perto o bastante para ver o brilho de raiva em seus olhos. Vivácia lançou a ela um olhar de desprezo e sacudiu a cabeça, afastando do rosto as madeixas entalhadas. Era uma exibição feminina, o desafio da mulher de um homem para outra. A mulher pirata afastou os fios negros e curtos caídos sobre a testa e retribuiu o olhar da figura de proa. Por um momento, Wintrow ficou chocado em ver duas mulheres tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão assustadoramente parecidas.

Não esperou mais: saltou com destreza da coberta de proa para o poço e, de cabeça erguida, atravessou o convés para confrontar os piratas. Sequer olhou para Sá'Adar. Quanto mais via do homem, menos Wintrow pensava nele como um sacerdote.

O chefe dos piratas era um homem grande e musculoso, e olhos escuros brilhavam sobre a cicatriz de queimadura em seu rosto. Um ex-escravo como ele. O cabelo rebelde estava preso para trás numa trança, confinado num brilhante lenço dourado. Tal como sua esposa, as roupas estavam grudadas no corpo. Então era um homem que trabalhava no próprio convés, pensou Wintrow, e sentiu um respeito involuntário por aquilo.

Ele o olhou nos olhos.

— Sou Wintrow Vestrit, dos Mercadores de Vilamonte. Você está no convés do navio-vivo Vivácia, também da família Vestrit.

Mas foi o homenzinho alto e pálido ao lado dele que respondeu.

— Sou o capitão Kennit. Você está se dirigindo ao meu estimado primeiro imediato, Sorcor. E o navio que era seu agora é meu.

Wintrow o olhou de cima a baixo, chocado demais para falar. Mesmo com o nariz imune ao fedor humano, soube que aquele homem cheirava a doença. Olhou para baixo, para onde a perna de Kennit terminava, e notou a muleta em que ele se apoiava, a perna inchada tendo alargado o tecido da calça como uma salsicha estufa a própria pele. Quando olhou nos olhos claros de Kennit, notou como estavam grandes e brilhantes de febre, notou que sua carne estava grudada ao crânio. Quando respondeu ao moribundo, a voz saiu branda:

— Esse navio jamais poderá ser seu. Ela é um navio-vivo. Só pode pertencer a um membro da família Vestrit.

Kennit fez um rápido gesto com a mão, indicando Kyle.

— E, no entanto, este homem afirma ser o dono dela.

O pai de Wintrow ainda conseguia ficar de pé e quase ereto. Não se permitia demonstrar medo ou dor física. Era um homem à espera, e não disse uma palavra ao filho.

Wintrow formulou as suas palavras com cuidado.

— Ele é o "dono" dela como alguém pode ser dono de alguma coisa. Mas ela é minha. Não afirmo que sou o dono dela, assim como um pai não pode dizer que é dono do próprio filho.

O capitão Kennit o encarou de cima a baixo com desdém.

— Você parece um fedelho jovem demais para dizer que tem filho. E, pela marca no seu rosto, eu diria que o navio é que é o seu dono. Seu pai deve ter casado com alguém de uma família Mercadora, mas é você que tem o sangue da linhagem.

— Sou um Vestrit de sangue, sim. — Wintrow manteve a voz firme.

— Ah. — Mais uma vez o pequeno gesto com a mão na direção de Kyle. — Então não precisamos de seu pai. Só de você. — Kennit se virou para Sá'Adar. — Pode ficar com esse aí, como pediu. E com aqueles outros dois.

Ouviu-se uma batida na água e o barrido de uma das serpentes. Wintrow olhou para estibordo a tempo de ver dois caras-marcadas jogarem o outro marinheiro jamailliano por cima da amurada. O homem caiu na água gritando, até a serpente branca interromper o grito com uma abocanhada. O berro de "Esperem!" de Wintrow foi ignorado. Vivácia soltou um grito horrorizado e agitou os braços contra as serpentes, incapaz de alcançá-las. Caras-marcadas estavam agarrando seu pai. Ele correu — não na direção deles, mas de Sá'Adar. Agarrou o homem pela frente da camisa.

— Você prometeu a eles que iriam viver! Prometeu que iriam viver se trabalhassem no navio durante a tempestade!

Sá'Adar deu de ombros e sorriu para ele.

— Não é a minha vontade, garoto, e sim a do capitão Kennit. Ele não tem que manter a minha palavra por mim.

— Você distorce tanto a própria palavra que duvido que alguém pudesse mantê-la! — gritou Wintrow, furioso. Ele se virou para os homens que tinham agarrado seu pai. — Soltem-no.

Os homens não lhe deram atenção, simplesmente arrastavam seu pai, que

lutava, para a amurada. Fisicamente, Wintrow não tinha chance contra eles. Ele se virou de novo para o capitão Kennit e falou depressa:

— Solte o meu pai! Você viu o que as serpentes fazem com o navio-vivo! Se jogar um membro da família dela às criaturas, ela vai ficar furiosa.

— Sem dúvida — respondeu o capitão pirata, com displicência. — Mas ele não é um membro da família. E ela vai superar.

— Mas eu não vou — retrucou Wintrow, irado. — E você logo descobrirá que, se cortar um de nós, os dois sangram.

O pai estava se debatendo, mas sem dizer nada e sem muita força. Ao lado do navio, a serpente branca barria, ansiosa. Wintrow sabia que o pai não tinha forças para prevalecer contra aqueles dois homens, sem falar em quantos outros se juntariam a uma ordem de Kennit.

Contudo, o próprio Kennit era outra história. Rápido como uma cobra dando o bote, Wintrow agarrou o capitão pirata pela frente da camisa e o puxou para a frente, de modo que a muleta caiu no convés, e o pirata precisou se apoiar em Wintrow para não cair junto. O movimento súbito arrancou um grito baixo de dor. O imediato se atirou para a frente com um rosnado.

— Para trás! — avisou Wintrow. — E detenha aqueles homens. Ou eu vou chutar essa perna e espalhar carne podre por todo o convés.

— Espere! Solte ele! — A ordem não veio de Sorcor, mas da mulher.

Os homens pararam, indecisos, olhando dela para Sá'Adar. Wintrow não perdeu tempo com eles. Kennit estava quase desmaiando em suas mãos. Sacudiu o capitão de novo e rosnou no rosto do homem.

— Você está queimando de febre e fedendo a podridão. De pé aqui, na única perna boa que lhe resta, você pode me matar e ao meu pai. Mas, se fizer isso, só terá meu navio-vivo por poucos dias antes que você nos siga para o fundo do mar. E quem ficar para trás nos conveses de Vivácia vai junto. O navio-vivo vai cuidar disso. Então sugiro que a gente chegue a algum acordo.

O capitão Kennit ergueu as mãos lentamente e agarrou os pulsos de Wintrow. O garoto não se importou. Naquele momento, tinha o poder de causar uma dor incrível ao homem — talvez dor suficiente para matá-lo com o choque. As rugas fundas no rosto do pirata revelavam que Kennit também sabia disso. Gotas de suor doloroso brilhavam na testa dele, e os olhos de Wintrow foram atraídos por um breve momento para o estranho bracelete em seu pulso: um rosto minúsculo, igual ao do próprio pirata, sorria alegremente. Aquilo o inquietou. Olhou de novo para o rosto do homem, encontrou seus olhos e fitou a profundidade da

frieza deles. Seu olhar foi retribuído, e Wintrow se sentiu olhando no fundo de seu próprio ser. Ele se recusou a ser intimidado.

— Bem? O que me diz? — inquiriu, dando uma leve sacudida. — Vamos chegar a um acordo?

A boca do pirata mal se moveu quando, no sussurro mais baixo imaginável, Wintrow o ouviu dizer:

— Um moleque promissor. Talvez possa fazer algo de útil.

— O quê? — perguntou Wintrow, furioso.

Uma fúria descontrolada o invadiu, diante daquela zombaria. Notou que uma expressão extremamente estranha apareceu no rosto do pirata. Kennit o encarava com uma espécie de fascínio. Por um momento, pareceu reconhecê-lo, e Wintrow também teve uma sensação extraordinária de já ter estado ali, feito aquilo e dito aquelas palavras. Havia algo de instigante no olhar de Kennit, algo que exigia ser reconhecido. O silêncio entre eles pareceu uni-los.

Wintrow sentiu uma pontada súbita nas costelas.

— Pegue Kennit com cuidado, Sorcor — disse a mulher com a faca. — Garoto, você perdeu a chance de morrer rápido. Só conseguiu uma morte junto com seu pai, cada um rezando para ser o primeiro.

— Não. Não, Etta, afaste-se. — O pirata lidava bem com a dor, sem perder o tom refinado quando falava. Mesmo assim, teve que respirar fundo antes de continuar: — Qual é o acordo, garoto? O que lhe resta para oferecer? Seu navio-vivo entregue de boa vontade? — Kennit sacudiu lentamente a cabeça. — Eu já o tenho, de um jeito ou de outro. Estou intrigado: o que acha que tem para negociar?

— Uma vida por uma vida — ofereceu Wintrow lentamente. Falou ciente de que o que propunha provavelmente estava além de sua capacidade de realizar. — Fui treinado nas artes curativas, pois fui prometido ao sacerdócio de Sá. — Ele abaixou os olhos para a perna do pirata. — Você precisa das minhas habilidades. E sabe disso. Eu o manterei vivo. Mas só se você permitir que meu pai viva.

— E com certeza vai querer cortar mais um pedaço da minha perna. — Havia desdém em sua voz.

Wintrow ergueu a cabeça e procurou a aceitação nos olhos do homem mais velho.

— Você já sabe que isso precisa ser feito. Estava só esperando que a dor da gangrena fizesse a dor da remoção parecer um alívio. — Wintrow abaixou os olhos de novo para o coto. — Você quase esperou demais. Mas estou pronto para

honrar o acordo. Sua vida pela de meu pai.

Kennit oscilou nas mãos dele, e Wintrow o amparou. Os homens ao redor estavam imóveis, observando e aguardando. Os caras-marcadas mantinham o pai pressionado contra a amurada, para que ele pudesse olhar para a serpente que esperava, impaciente.

— Não me parece um acordo muito bom — observou Kennit, com a voz fraca. — Aumente a aposta. A sua vida também. — Ele deu um sorriso doentio. — Para que, caso eu morra, todo mundo perca alguma coisa.

— Você tem um conceito estranho de vitória — comentou Wintrow.

— Então inclua sua tripulação na aposta — disse Vivácia de repente. — Se você tirar Wintrow de mim, mando todos para um túmulo de água. — Ela fez uma pausa. — E esse é o único acordo que tenho a oferecer.

— É uma aposta arriscada — observou Wintrow. — Ainda assim, eu a aceito, se você aceitar.

— Bem, não estou em posição de selar o acordo com um aperto de mão — disse o pirata. O tom continuava frio e encantador, mas Wintrow podia ver que suas forças estavam se esvaindo durante a conversa. Um leve sorriso curvou seus lábios. — Não vai tentar fazer com que eu concorde em devolver o navio, caso eu viva?

Foi a vez de Wintrow sacudir lentamente a cabeça. O sorriso que exibiu foi tão leve quanto o de Kennit.

— Você não pode tirá-lo de mim. E eu também não poderia dar Vivácia a você. Acho que é algo que você precisa descobrir por si mesmo. Mas sua palavra basta para eu me comprometer com o resto do acordo. E as palavras do imediato e da mulher — acrescentou, olhando para a mulher atrás de Kennit. — E, se meu pai sofrer algum mal nas mãos dos escravos a bordo deste navio-vivo, declaro tudo cancelado.

— Não há escravos a bordo deste navio! — declarou Sá'Adar, pomposo.

Wintrow o ignorou. Aguardou até que a mulher assentisse.

— Se você tem a palavra do meu capitão, tem a minha — acrescentou Sorcor, rude.

— Está bem. — Wintrow virou a cabeça e olhou diretamente para Sá'Adar ao falar. — Abra caminho até a cabine do meu pai. Quero o capitão pirata na cama. E deixe meu pai ir para a cabine de Esteio descansar um pouco. Vou cuidar das costelas dele mais tarde.

Sá'Adar estreitou os olhos para o garoto, mas apenas por um instante.

Wintrow não tinha certeza do que se passava pela cabeça do homem. Sabia que não podia confiar no sacerdote para seguir a palavra de qualquer pessoa, nem mesmo a própria. Teria que vigiar o sujeito.

Os escravos abriram caminho até o tombadilho. Alguns se moviam a contragosto, outros de forma impassível. Alguns o encaravam e pareciam se lembrar do garoto com um balde d'água e um trapo molhado e frio. Wintrow assistiu enquanto o pai era levado para a cabine de Esteio. Kyle Porto não se virou para olhar para o filho nem disse uma palavra sequer.

Wintrow decidiu que devia impor seu poder para ver até onde se estendia. Olhou para os caras-marcadas que flanqueavam Sá'Adar.

— Este convés ainda está uma bagunça. Quero que tirem essas lonas e cordas daqui e limpem toda a sujeira. Depois comecem a limpar lá embaixo. Homens livres não têm desculpa para viver na imundície.

Os caras-marcadas alternaram olhares entre ele e Sá'Adar.

Sorcor acabou com o impasse.

— Vocês podem obedecer ao garoto ou podem me obedecer. Mas, de qualquer jeito, o serviço é feito na hora que é mandado. — Ele olhou para a própria tripulação. Os caras-marcadas se afastaram lentamente de Sá'Adar para realizar as tarefas designadas. O sacerdote permaneceu onde estava. Sorcor dava ordens. — ... e Cory no timão, Brig assume o convés. Quero a âncora levantada e as velas içadas assim que virem o *Marietta* começar a navegar. Vamos voltar para a Enseada do Touro. Depressa, vamos. Mostrem a eles como um marinheiro trabalha. — Ele olhou de novo para os caras-marcadas que se dispersavam devagar e incluiu o sacerdote, com os braços cruzados sobre o peito. — Mexa-se. Tem trabalho para todos. Você não quer esperar Brig encontrar alguma tarefa.

Em dois passos ele já estava do lado de Wintrow, onde o garoto mais amparava do que segurava Kennit. Com tanta gentileza como se estivesse erguendo um bebê adormecido, o imediato corpulento passou os braços em volta do capitão. O sorriso que deu a Wintrow tinha mais dentes do que o rosnado de um cão.

— Você colocou as mãos no capitão e sobreviveu. Isso não vai acontecer de novo.

— Não. Creio que não será necessário — retorquiu Wintrow, mas foram os olhos negros e glaciais da mulher atrás dele que o fizeram sentir um frio na barriga.

— Vou levá-lo para o seu quarto, senhor — sugeriu Sorcor.

— Só depois que eu me apresentar ao navio-vivo — retorquiu Kennit. Até chegou a tentar alisar a frente da camisa.

Wintrow sorriu.

— Será um prazer lhe apresentar a Vivácia.

O rapaz sentiu um aperto no coração ao ver Kennit atravessar o convés a passos lentos e metódicos. O homem se mantinha vivo por pura força de vontade e consciência do próprio corpo — morreria se uma das duas coisas vacilasse. Enquanto Kennit estivesse determinado a viver, Wintrow teria muita ajuda no processo de cura. Mas, se o homem desistisse, nem toda a perícia do mundo evitaria a infecção de se espalhar.

A escada para a coberta de proa era um grande obstáculo, e Sorcor fez o possível para manter a dignidade de Kennit enquanto o ajudava a subir. Etta, que tinha ido na frente, virava-se para olhar irritada para os escravos que assistiam a tudo, boquiabertos.

— Vocês não têm nada melhor para olhar? — perguntou, então sugeriu a Brig: — Com certeza tem alguns escravos doentes lá embaixo. Esses aqui podem se ocupar trazendo todos para cima para tomar ar puro.

Então Kennit pisou na coberta de proa, e Etta se adiantou, tentando tomar seu braço. O capitão a afastou com um aceno. Quando Wintrow subiu para junto deles, Kennit, com ajuda da muleta, já tinha feito o trajeto doloroso até a proa.

Vivácia se virou para olhar por cima o ombro. Ela examinou o homem de cima a baixo antes de dizer, numa voz cautelosa:

— Capitão Kennit.

— Minha senhora Vivácia.

Kennit fez uma mesura para a figura de proa — não tão longa quanto um homem saudável conseguiria, mas mais do que um aceno de cabeça. Quando se endireitou, retribuiu o olhar. Wintrow assistia, ansioso, notando que as narinas do homem se dilataram e que o sorriso que curvava seus lábios era tanto de aprovação quanto de cobiça. Ele encarava Vivácia tão diretamente, com uma apreciação tão intensa, que a figura de proa ficou um pouco constrangida. Numa resposta quase de menina, ela recuou e ergueu os braços, cruzando os pulsos sobre os seios. O sorriso de Kennit só ficou mais largo. Vivácia arregalou muito os olhos, mas parecia não conseguir evitar o sorriso que surgiu em seu rosto.

Ela rompeu o silêncio primeiro:

— Não sei o que você quer de mim. Por que tentou me reivindicar desse jeito?

Kennit se aproximou mais um passo.

— Ah, minha senhora de madeira e vento, minha veloz, minha beldade. O que eu quero não poderia ser mais óbvio: desejo torná-la minha. E é por isso que minha primeira pergunta precisa ser: o que você deseja de mim? O que posso fazer para conquistar seu coração?

— Eu não... Ninguém nunca... — Vivácia se virou para Wintrow, obviamente constrangida. — Wintrow é meu, e eu sou dele. E já descobrimos que nada pode mudar isso. Você não pode ficar entre nós.

— Não? É assim que qualquer garota fala com afeto do irmão. Mas só até ter o coração roubado por um amante.

Wintrow estava atônito. Talvez a única pessoa igualmente perplexa com aquela interação fosse a mulher que subira a bordo com Kennit. Ela estreitou os olhos como uma gata encarando um cão hostil. *Ciúmes*, pensou Wintrow. *Ela está com ciúmes das palavras doces do capitão para o navio-vivo*. E teve que admitir para si mesmo que também estava com ciúmes da confusão e do prazer de Vivácia.

A textura delicada das bochechas da figura de proa tinham assumido um tom rosado. A respiração que fazia seus seios nus se erguerem por trás dos braços estava mais rápida.

— Sou um navio-vivo, não uma mulher — retrucou ela. — Você não pode ser meu amante.

— Não posso? Não posso levar você para conhecer mares que nenhum outro homem ousaria navegar? Não podemos, juntos, visitar terras quase lendárias? Não podemos nos aventurar sob céus onde as estrelas ainda não têm nome? Não podemos, você e eu, escrever uma história tão fabulosa de nossas aventuras que o mundo inteiro vai ficar assombrado com nossos feitos? Ah, Vivácia... Posso dizer, com toda sinceridade, que ainda vou conquistar seu coração. E digo isso sem medo.

A figura de proa olhou de Kennit para Wintrow. A confusão era graciosa, assim como a doçura de seu prazer com as palavras do pirata.

— Apesar do que diz, você nunca vai tomar o lugar de Wintrow — conseguiu dizer, por fim. — Ele é minha família.

— É claro que não! — retrucou Kennit, caloroso. — E nem quero fazer isso. Se o garoto faz você se sentir segura, então vou mantê-lo a bordo para sempre. — Kennit sorriu de novo para ela, um sorriso ao mesmo tempo malicioso e sensato. — Eu não fazer com que você se sinta *segura*, minha senhora. — Ele cruzou os braços sobre o peito e, apesar da muleta e da perna encurtada, conseguiu parecer belo e jovial. — Não quero ser seu irmãozinho.

No meio daquele cortejo, a perna de Kennit deve ter doído: ele vacilou de repente, e o sorriso deu lugar a uma careta de dor. O capitão pirata abaixou a cabeça com um arquejo, e Sorcor apareceu ao seu lado num instante.

— Você está ferido! Precisa ir descansar! — exclamou Vivácia, antes que mais alguém pudesse falar.

— Receio que sim — concordou Kennit, com tamanha humildade que Wintrow soube que ele tinha ficado mais do que satisfeito com a reação do navio-vivo. Chegou a se perguntar se aquilo tinha sido de propósito. — Preciso deixar você por enquanto. Mas posso visitá-la de novo? Assim que estiver descansado?

— Sim. Faça isso, por favor.

Vivácia afastou as mãos do peito e estendeu uma na direção de Kennit, como que o convidando a um cumprimento.

O pirata conseguiu fazer outra mesura longa, mas não fez menção de tocá-la.

— Até mais tarde — disse, a voz já tomada de afeição. Então virou-se para o lado e falou, numa voz mais rouca: — Sorcor, acho que vou precisar da sua ajuda mais uma vez.

Quando o pirata corpulento sustentou o peso do capitão e começou a ajudá-lo a caminhar na direção da popa, Wintrow teve um vislumbre do olhar que a mulher lançou ao navio-vivo. Não era nada agradável.

— Sorcor! — Todos se viraram ao ouvir o chamado imperioso de Vivácia. — Cuide bem dele. E, quando tiver terminado, quero que me empreste alguns de seus arqueiros. Quero que essas serpentes se sintam ao menos desencorajadas.

— Capitão? — perguntou Sorcor, incerto.

Kennit se apoiou bastante nele. Seu rosto estava molhado de suor, mas ele ainda sorria.

— Faça o que a senhora está pedindo. Um navio-vivo sob o meu comando... Corteje a embarcação por mim, homem, até que eu mesmo possa cativá-la.

Com um suspiro que parecia ser o último, Kennit se curvou de repente nos braços do imediato. Quando Sorcor o ergueu e o carregou para a antiga cabine de seu pai, Wintrow ficou intrigado com o sorriso estranho no rosto do capitão. A mulher ia atrás deles, sem tirar os olhos do rosto de Kennit.

Wintrow se virou e foi andando devagar para a proa, até onde Kennit tinha ficado parado, conversando com Vivácia. Notou que ninguém tinha tentado impedi-lo. Estava mais livre do que nunca a bordo do navio-vivo.

— Vivácia.

A figura de proa estava observando Kennit se afastar. Ela saiu de seu devaneio e encarou Wintrow, os olhos arregalados de espanto. Eles cintilavam.

Vivácia ergueu uma das mãos para ele, e Wintrow se inclinou para que as palmas se tocassem. Palavras não eram necessárias, mas ele as falou mesmo assim.

— Tome cuidado.

— Ele é um homem perigoso — concordou Vivácia. — Kennit. — A voz soava como uma carícia.

Kennit abriu os olhos e se viu dentro de uma cabine muito bem equipada. A textura das paredes cobertas de painéis de madeira tinha sido escolhida com muito cuidado, para que tudo combinasse. Os lampiões eram feitos de um latão que brilharia bastante depois de polido. Mapas enrolados ornavam o suporte onde estavam alinhados, como galinhas gordas num poleiro. Eram uma mina de informações, a riqueza acumulada dos mapas de uma família Mercadora de Vilamonte. Os detalhes eram todos bem trabalhados: um lavatório com uma cuia e um jarro de porcelana combinando, quadros emoldurados pregados às paredes, persianas meticulosamente entalhadas nas janelas de vidros grossos. Era uma cabine de bom gosto e elegância. Tinha sido revirada, é verdade, e os pertences do capitão estavam espalhados, mas Etta já andava silenciosamente de um lado a outro, devolvendo as coisas aos devidos lugares. O cheiro forte de incenso não disfarçava o fedor entranhado de um navio de escravos, mas parecia que Vivácia não tinha sido usada para aquele tipo de comércio por muito tempo. Ainda devia ser possível eliminar aquele fedor, então ela poderia voltar a ser uma embarcação reluzente e arrumada. E aquela era uma cabine para um capitão de verdade.

Kennit olhou para seu corpo, deitado. Tinha sido despido, e um lençol cobria suas pernas.

— E onde está o capitão-menino? — perguntou a Etta.

A mulher se virou ao ouvir sua voz e correu para mais perto.

— Ele foi cuidar das costelas e da cabeça do pai. Disse que não demoraria muito e que a cabine precisava ser livrada de todo esse entulho antes de vir tentar curar você. — Etta olhou para ele e balançou a cabeça. — Não entendo como você consegue confiar no menino. Ele com certeza sabe que, se você ficar vivo, esse navio jamais poderá ser dele. E também não entendo por que você vai deixar um garoto fazer o que proibiu três curandeiros experientes da Enseada do

Touro de sequer pensar em tentar.

— Porque ele é parte da minha sorte — explicou Kennit. — A mesma sorte que me entregou este navio-vivo. Você precisa entender que esse é o navio que eu estava destinado a possuir, e o garoto faz parte disso.

Kennit quase queria se esforçar mais para fazer Etta compreender, mas ninguém poderia saber das palavras que o amuleto dissera quando o garoto o encarara tão profundamente. Ninguém poderia saber do elo que os dois tinham forjado naquele instante, um elo que tanto assustava quanto intrigava Kennit. Continuou falando, querendo evitar que Etta fizesse mais perguntas:

— E então, já levantamos âncora?

— Sorcor está nos levando de volta para a Enseada do Touro. Ele colocou Cory no timão e Brig no comando do convés. Estamos seguindo o *Marietta*.

— Entendo. — Kennit sorriu. — E o que acha do meu navio-vivo?

Etta deu um sorriso amargurado.

— Ela é encantadora. E já estou com ciúmes. — A mulher cruzou os braços e olhou para ele de soslaio. — Acho que não vamos nos dar muito bem. É um ser estranho demais: nem mulher, nem madeira, nem navio. E não gosto de ver você cobrindo ela de elogios. E nem do garoto, Wintrow.

— E, como sempre, pouco me importa do que você gosta ou desgosta — retrucou Kennit, impaciente. — Quero conquistar a embarcação, que presente posso oferecer, além de elogios? Ela não é uma mulher como você. — A prostituta ainda pareceu emburrada, e Kennit acrescentou, irritado: — E se minha perna não estivesse doendo tanto, eu faria você se deitar e lhe lembraria do que você é para mim.

Os olhos dela brilharam de repente, indo de gelo negro para um fogo escuro.

— Quem dera você pudesse — respondeu, com gentileza.

Kennit ficou enojado com a ternura do sorriso que recebeu em resposta.

Kyle Porto estava deitado no catre sem lençóis de Esteio, olhando para o anteparo. Tudo o que restava dos pertences do imediato, tudo que não tinha sido saqueado, estava espalhado no chão. Não havia muita coisa. Wintrow passou por cima de uma corrente de madeira entalhada e de um pé de meia abandonado. Todas as outras antigas posses de Esteio — seus livros, roupas, ferramentas de entalhe — tinha sido levado ou feito em pedacinhos pelos escravos, na primeira onda de saque, ou pelos piratas, que eram mais organizados em identificar o

butim.

— Sou eu, pai, Wintrow — anunciou, fechando a porta às suas costas.

A porta não trancava mais — durante a rebelião, alguém a abrira com um chute, em vez de simplesmente tentar usar a maçaneta. Mas permaneceu fechada, e os dois caras-marcadas que Sá'Adar tinha mandado fazer as vezes de sentinela não tentaram abri-la.

O homem na cama não se mexeu.

Wintrow colocou a bacia d'água e os trapos que encontrara em cima dos restos quebrados da mesa de Esteio e se virou para o homem no catre. Mais do que depressa, apertou os dedos no pescoço do pai, querendo sentir seu pulso. Kyle deu um pulo, recobrando a consciência ao seu toque. O homem se afastou dele com um tremor e um som incoerente, sentando-se depressa.

— Está tudo bem — disse Wintrow, num tom tranquilizador. — Sou só eu.

O pai mostrou os dentes, num arremedo de sorriso.

— É só você — admitiu. — Mas duvido muito que esteja tudo bem.

O pai parecia horrível, pior do que quando os escravos tinham tentado jogá-lo à serpente. *Velho*, pensou Wintrow. *Ele de repente parece velho.* A barba curta estava arrepiada, e o sangue dos ferimentos da testa tinha escorrido por cima dos pelos. Wintrow tinha ido ali com a intenção de limpar e enfaixar os ferimentos, mas agora sentia-se estranhamente relutante em tocar o homem. Não era aversão ao sangue, nem se sentia orgulhoso demais para fazer aquilo. O tempo que passara cuidando dos escravos no porão já tinha eliminado todos esses receios. Sentia uma relutância de tocá-lo porque o homem era seu pai. O toque poderia afirmar aquela ligação.

Enfrentou o que sentia diretamente. Desejou de todo o coração não ter qualquer laço com aquele homem.

— Trouxe um pouco de água para você se limpar. Não muita, porque o suprimento de água doce está baixo. Está com fome? Quer que eu tente conseguir alguns biscoitos? É praticamente tudo o que sobrou.

— Estou bem — retrucou o pai, seco, sem responder à pergunta. — Não se incomode comigo. Você tem amigos mais importantes para agradar.

Wintrow ignorou a escolha de palavras do pai.

— Kennit está dormindo. Se quero ter alguma chance de ajudar o homem a se curar, ele tem que descansar o máximo possível para se fortalecer.

— Então você vai mesmo fazer isso. Vai curar o homem que roubou o seu

navio.

— Para manter você vivo, sim.

O pai bufou.

— Besteira. Você faria isso de qualquer forma, mesmo se tivessem me jogado para aquela cobra. É o que você faz. Sempre fica com medo de quem está no comando.

Wintrow tentou considerar aquilo com imparcialidade.

— Você provavelmente tem razão. Mas não é porque ele tem poder, e não teria nada a ver com quem ele é. É a vida, pai. Só é vida. Enquanto a vida existir, há sempre a possibilidade de melhora. Assim, como sacerdote, tenho o dever de preservar as vidas. Inclusive a dele.

O pai soltou uma risada amarga.

— Inclusive a minha, você quer dizer.

Wintrow assentiu.

Kyle virou o lado cortado da cabeça para o filho.

— Então é melhor começar, sacerdote. Já que é só para isso que você serve.

Wintrow não ia morder a isca.

— Primeiro vamos ver as suas costelas.

— Como quiser.

Movendo-se com dificuldade, o pai tirou o que restava da camisa. O lado esquerdo do peito estava negro e azulado, e Wintrow fez uma careta ao ver a marca visível de uma bota na carne — o chute obviamente atingira o pai depois que ele estava caído. Os trapos e a água eram seus únicos suprimentos, o baú de remédios do navio tinha desaparecido. Determinado, Wintrow resolveu ao menos enfaixar as costelas o suficiente para que tivessem algum apoio. O pai abafou um grito quando ele tocou o ferimento, mas não recuou. Quando Wintrow deu o último nó, Kyle Porto perguntou:

— Você me odeia, não odeia?

— Não sei.

Ele umedeceu um trapo e começou a limpar o sangue do rosto do pai.

— Eu sei — retrucou o pai, depois de um tempo. — Está estampado na sua cara. Você tem que fazer um esforço para ficar nessa cabine comigo, que dirá me tocar.

— Você tentou me matar — respondeu Wintrow, e ouviu calma em sua voz.

— Sim. Tentei. Tentei mesmo. — O pai soltou uma risada de espanto, o que o fez arquejar de dor. — Não sei por quê. Mas na hora pareceu uma ótima ideia.

Wintrow sentiu que não teria uma explicação mais detalhada do que aquela. E talvez nem quisesse: estava cansado de tentar entender o pai. Não queria odiá-lo. Não queria sentir qualquer coisa pelo homem. Percebeu que desejava que o pai nunca tivesse existido em sua vida.

— Por que teve que ser assim? — ponderou, em voz alta.

— Você escolheu isso — retrucou Kyle Porto. — Não precisava ser assim. Se tivesse pelo menos tentado do meu jeito... se tivesse cumprido as ordens que recebia, sem questionar, estaríamos bem. Mas você não conseguia acreditar ao menos uma vez que alguém soubesse o que era melhor para você, não é mesmo?

Wintrow olhou em volta da cabine como se estivesse olhando para todo o navio-vivo.

— Não acho que nada disso tenha sido bom para ninguém — observou.

— Só porque você estragou tudo! Você e esse navio. Se os dois tivessem cooperado, já estaríamos quase em Calcede. E Esteio e Brando e... todos eles ainda estariam vivos. A culpa disso é sua, não minha! Você escolheu isso.

Wintrow tentou pensar numa resposta, mas não lhe ocorreu nenhuma. Começou a enfaixar o melhor que podia o ferimento na cabeça do pai.

Aqueles piratas de roupas espalhafatosas trabalhavam bem em seus conveses. Vivácia não desfrutava de uma tripulação que reagisse tão prontamente desde que Ephron abandonara o comando. Percebeu que aceitava a experiência competente deles com as velas e o cordame com uma espécie de alívio. Sob o comando de Brig, os ex-escravos se moviam de forma mais ordenada, puxando baldes d’água do mar e os levando para baixo, para limpar seus porões. Outros bombeavam a água acumulada e imunda para fora, enquanto outros trabalhavam esfregando seu convés com pedras. Não importava o quanto esfregassem as manchas de sangue: sua madeira jamais se veria livre delas. Vivácia sabia disso, mas não comentou com ninguém. No devido tempo, os humanos veriam que o esforço era inútil e desistiriam. A comida espalhada fora reunida e rearmazenada. Alguns estavam removendo as correntes e grilhões que adornavam seus porões. Aos poucos, restauravam Vivácia a si mesma. Ela não se lembrava de se sentir tão satisfeita desde o dia de seu despertar.

Satisfeita. Também havia outra coisa, uma espécie de inquietação. Algo muito mais fascinante do que satisfação.

Vivácia estendeu sua consciência. Na cabine do imediato, Kyle Porto estava sentado na beira do catre estreito enquanto o filho, em silêncio, limpava o sangue do corte em sua cabeça. As costelas já estavam enfaixadas. A cabine estava imersa numa quietude que ia além do silêncio, como se os dois sequer falassem a mesma língua. O silêncio doía. Vivácia se afastou dele.

Na cabine do capitão, o pirata cochilava, inquieto. Não tinha tanta consciência dele quanto de Wintrow, mas sentia o calor de sua febre, o ritmo irregular de sua respiração. Como uma mariposa atraída pela chama de uma vela, aproximou-se de Kennit. Experimentou o nome na língua. Um homem malicioso. E perigoso. Um homem malicioso e perigoso e encantador. Achava que não gostava da mulher dele, mas o próprio Kennit era outra história... Ele tinha dito que a conquistaria. Não podia, é claro. Não era da família. Mas Vivácia descobriu que sentia um grande prazer em antecipar as tentativas. Kennit a chamara de “minha senhora de madeira e vento”. De “minha beldade”. De “minha veloz”. Palavras tão tolas para um homem dizer a um navio. Ela afastou o cabelo do rosto e respirou fundo.

Talvez Wintrow tivesse razão. Talvez fosse hora de descobrir o que queria para si mesma.



36

AQUELA QUE SE LEMBRA

— Eu me enganei. Ela não é Aquela Que Se Lembra. Venham.

— Mas... eu não entendo — disse Shreever.

Tinha um grande talho em seu ombro, onde a serpente branca a atacara com os dentes. Com os dentes! Como se fosse um tubarão, e não uma serpente. Uma linfa espessa e verde já estava fechando a ferida, mas sentia uma dor aguda enquanto se apressava para acompanhar Maulkin. Sessurea vinha logo atrás, igualmente confuso.

— Eu também não entendo. — A juba de Maulkin balançava para trás com a velocidade do nado. Atrás dele, a serpente branca ainda barria estupidamente, fartando-se até não poder mais. Tênue como lembranças antigas, o cheiro de sangue se espalhou pela água. — Eu me lembro do cheiro dela. Não tenho dúvida sobre essa fragrância. Mas aquela... coisa... não é Aquela Que Se Lembra.

Sessurea agitou a cauda de repente, querendo alcançá-los.

— O que tinha de errado com a serpente branca? — perguntou, com medo na voz.

— Nada — respondeu Maulkin, numa voz terrivelmente baixa. — Não havia nada de errado com ela, infelizmente, a não ser o fato de que está mais adiante na passagem que todos nós. Acho que em breve seremos todos como ela.

— Eu não entendo — disse Shreever, mais uma vez.

Mas estava começando a sentir um medo glacial, uma sensação de que poderia entender, se quisesse.

— Ela se esqueceu. Isso é tudo. — Não havia qualquer emoção na voz de Maulkin.

— Esqueceu... de quê? — perguntou Sessurea.

— De tudo — respondeu Maulkin. Sua juba se abaixou de repente, as cores se tornaram opacas. — De tudo, a não ser de se alimentar, de trocar de pele e de crescer. Ela já se esqueceu de tudo o mais, tudo o que é real e significativo.

Como temo que nós todos esqueceremos, se Aquela Que Se Lembra não aparecer logo. — Ele se virou de repente e envolveu os dois em seu abraço sinuoso. As serpentes não se opuseram, sentindo-se confortadas pelo gesto. O toque dele acentuou suas memórias e percepções. Juntos, assentaram-se lentamente na lama macia, afundando ainda entrelaçados. — Minha maranha — disse ele, com afeto.

E, com uma pontada de dor, Shreever soube que era verdade. Os três eram tudo o que restava da maranha de Maulkin.

Relaxaram no abraço do líder. Em pouco tempo, estavam só com as cabeças para fora da lama. Eles relaxaram, as guelras movendo-se em uníssono. Numa voz lenta e consoladora, Maulkin recitou os ensinamentos sagrados:

— Viramos Mestres após o primeiro nascimento. Então crescemos, aprendemos, experimentamos. E compartilhávamos tudo o que aprendíamos uns com os outros, de modo que a sabedoria sempre se tornava maior. Mas nenhum corpo foi criado para durar para sempre. E a hora do acasalamento chegou, e essências foram trocadas, misturadas e depositadas. Abandonamos nossos velhos corpos para sempre, mas com a certeza de que assumiríamos corpos novos, como novos seres. E foi o que o fizemos. Surgimos pequenos e novos. Nós nos alimentamos, trocamos de pele e crescemos. Mas nem todos se lembravam, apenas alguns. Alguns guardavam para nós as memórias de todos. E, quando chegou a hora, Aqueles Que se Lembravam nos chamaram com suas fragrâncias. Eles nos levaram de volta para o nosso lugar e nos devolveram nossas memórias. E ressurgimos mais uma vez como Mestres, para vagar tanto pela Abundância quanto pela Carência, acumulando ainda mais sabedoria e experiência. Então vamos misturá-las mais uma vez, quando chegar a hora do acasalamento.

Ele fez uma pausa na história familiar.

— Mas não lembro quantas vezes isso ocorreu — confessou. — Nós sobrevivemos, ciclo após ciclo. Mas essa última troca de pele e crescimento... parece que tem sido a mais longa de todas. Cada vez mais de nós estão se esquecendo de que estamos destinados a ser Mestres, não acham? Infelizmente estamos definhando, minha maranha. Eu não me lembrava, há muito tempo, de muito mais do que me lembro hoje? Vocês não se lembravam?

Suas perguntas atingiram um lugar incômodo no coração de Shreever. Ela esfregou o rufo no dele, aceitando as toxinas para sentir a ardência das lembranças e existências de Maulkin. Seus pensamentos vieram com mais nitidez.

— Eu já me lembrei de muito mais — admitiu. — Às vezes, acho que só me

lembro que você é quem deve ser seguido. Que você tem lembranças verdadeiras.

O barrido dele foi grave e baixo, em resposta:

— Se Aquela Que Se Lembra não vier logo, pode ser que até eu me esqueça.

— Então, se esquecer, tente se lembrar disso, acima de tudo: precisamos continuar nossa busca por Aquela Que Se Lembra.

AGRADECIMENTOS

A autora gostaria de agradecer a Gale Zimmerman, da Software Alternatives, em Tacoma, Washington, pelo ágil e compadecido auxílio na retirada do vírus de computador que quase devorou este livro.







papel de miolo	Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa	Cartão supremo 250g/m^2
tipografia	Minion Pro
gráfica	Grafilar

-arcana, ele tem planos bem específicos para sua futura embarcação... E não medirá esforços para conquistá-la.

Num reino de culturas e magia peculiares, *O navio arcano* exibe um deslumbrante elenco de personagens, numa aventura fantástica de piratas, navios falantes, serpentes-marinhas, escravos em rebelião, heróis espirituosos e sangrentas batalhas.



ROBIN HOBB

é escritora de fantasia e vive em Tacoma, Washington. Seus primeiros textos foram escritos aos 18 anos para jornais locais e revistas infantis e foram assinados com seu verdadeiro nome (Megan Lindholm). Em 1980 começou a escrever fantasia e criou o Reino dos Antigos. Em 1995, *O aprendiz de assassino*, primeiro volume da trilogia "Saga do Assassino", composta também pelos livros *O assassino do rei* e *A fúria do assassino*, foi sua primeira obra sob o pseudônimo Robin Hobb, publicado pela LeYa em 2013. Desde então ela já lançou as trilogias "Os Mercadores de Navios-Vivos", composta pelos livros *O navio arcano*, *O navio insano* e *O navio do destino* (estes dois últimos a serem publicados em breve), "The Tawny Man", "The Fitz and the Fool" e a tetralogia "The Rain Wilds Chronicles". Sua obra já foi traduzida para mais de vinte idiomas.

www.robinhobb.com

ROBIN HOBB, autora best-seller da "Saga do Assassino", retorna ao universo ficcional conhecido como Reino dos Antigos numa nova série: "Os Mercadores de Navios-Vivos". *O navio arcano*, primeiro livro desta trilogia, conta a história de um orgulhoso grupo de famílias que navega por mares bravios, repletos de piratas e serpentes, com seus respectivos navios-vivos — embarcações raríssimas e mágicas feitas de madeira-arcana, capazes de adquirir vida própria

Ao sul dos Seis Ducados fica a cidade de Vilamonte, um grande centro de comércio exótico e lar das famílias proprietárias dos prestigiados navios-vivos. E é em Vilamonte que acompanharemos as aventuras de *Vivácia*, um navio prestes a ganhar vida; de Althea Vestrit, a herdeira natural desta embarcação; e de Kennit, um pirata astuto e ambicioso que fará de tudo para colocar as mãos numa dessas preciosidades.

Com personagens muito bem caracterizados, tanto física quanto psicologicamente, Robin Hobb tece uma trama envolvente e complexa, com fortes relações pessoais, que seduz o leitor a cada página.

"Hobb é uma extraordinária contadora de histórias."
— *The Guardian*

"Uma obra-prima da alta fantasia, um misto de Tolkien com Patrick O'Brian... Uma das melhores sagas para pavimentar esse milênio."
— *Publishers Weekly*

"Uma saga excepcional... As caracterizações são magníficas, e Hobb dá vida aos personagens e à história com amor e conhecimento do mar."
— *Booklist*

LeYa
leya.com.br
9 788854 105474
ISBN 978-85-441-0547-4
omelete.com.br

Índice

CAPA PÁGINA
PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PLENO VERÃO
- 1. DE SACERDOTES E PIRATAS
- 2. NAVIOS-VIVOS
- 3. EPHRON VESTRIT
- 4. PARTILHA
- 5. VILAMONTE
- 6. O DESPERTAR DA VIVÁCIA
- 7. LEALDADES
- 8. CONVERSAS NOTURNAS
- 9. MUDANÇA DE SORTE
- 10. CONFRONTOS
- 11. CONSEQUÊNCIAS E REFLEXÕES
- 12. DE ABANDONO E NAVIOS DE ESCRAVOS
- 13. TRANSIÇÕES
- 14. QUESTÕES FAMILIARES
- 15. NEGOCIAÇÕES

OUTONO
- 16. NOVOS PAPÉIS
- 17. A PUTA DE KENNIT

18. MALTA
19. TESTEMUNHO
INVERNO
20. ALISTADORES
21. VISITANTES
22. TRAMAS E PERIGOS
23. OS TRAFICANTES DE ESCRAVOS DE JAMAILLIA
24. OS MERCADORES DOS ERMOS CHUVOSOS
25. VILAVELAS
26. PRESENTES
27. PRISIONEIROS
28. VICISSITUDES
29. SONHOS E REALIDADE
30. DESAFIO E ALIANÇA
31. NAVIOS E SERPENTES
32. TEMPESTADE
33. O DIA DO JUÍZO
34. RESTITUIÇÕES
35. PIRATAS E PRISIONEIROS
36. AQUELA QUE SE LEMBRA
AGRADECIMENTOS

Table of Contents

PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PLENO VERÃO
- 1. DE SACERDOTES E PIRATAS
- 2. NAVIOS-VIVOS
- 3. EPHRON VESTRIT
- 4. PARTILHA
- 5. VILAMONTE
- 6. O DESPERTAR DA VIVÁCIA
- 7. LEALDADES
- 8. CONVERSAS NOTURNAS
- 9. MUDANÇA DE SORTE
- 10. CONFRONTOS
- 11. CONSEQUÊNCIAS E REFLEXÕES
- 12. DE ABANDONO E NAVIOS DE ESCRAVOS
- 13. TRANSIÇÕES
- 14. QUESTÕES FAMILIARES
- 15. NEGOCIAÇÕES

OUTONO
- 16. NOVOS PAPÉIS
- 17. A PUTA DE KENNIT
- 18. MALTA
- 19. TESTEMUNHO

INVERNO
- 20. ALISTADORES
- 21. VISITANTES
- 22. TRAMAS E PERIGOS
- 23. OS TRAFICANTES DE ESCRAVOS DE JAMAILLIA
- 24. OS MERCADORES DOS ERMOS CHUVOSOS
- 25. VILAVELAS
- 26. PRESENTES
- 27. PRISIONEIROS
- 28. VICISSITUDES

29. SONHOS E REALIDADE
30. DESAFIO E ALIANÇA
31. NAVIOS E SERPENTES
32. TEMPESTADE
33. O DIA DO JUÍZO
34. RESTITUIÇÕES
35. PIRATAS E PRISIONEIROS
36. AQUELA QUE SE LEMBRA
AGRADECIMENTOS